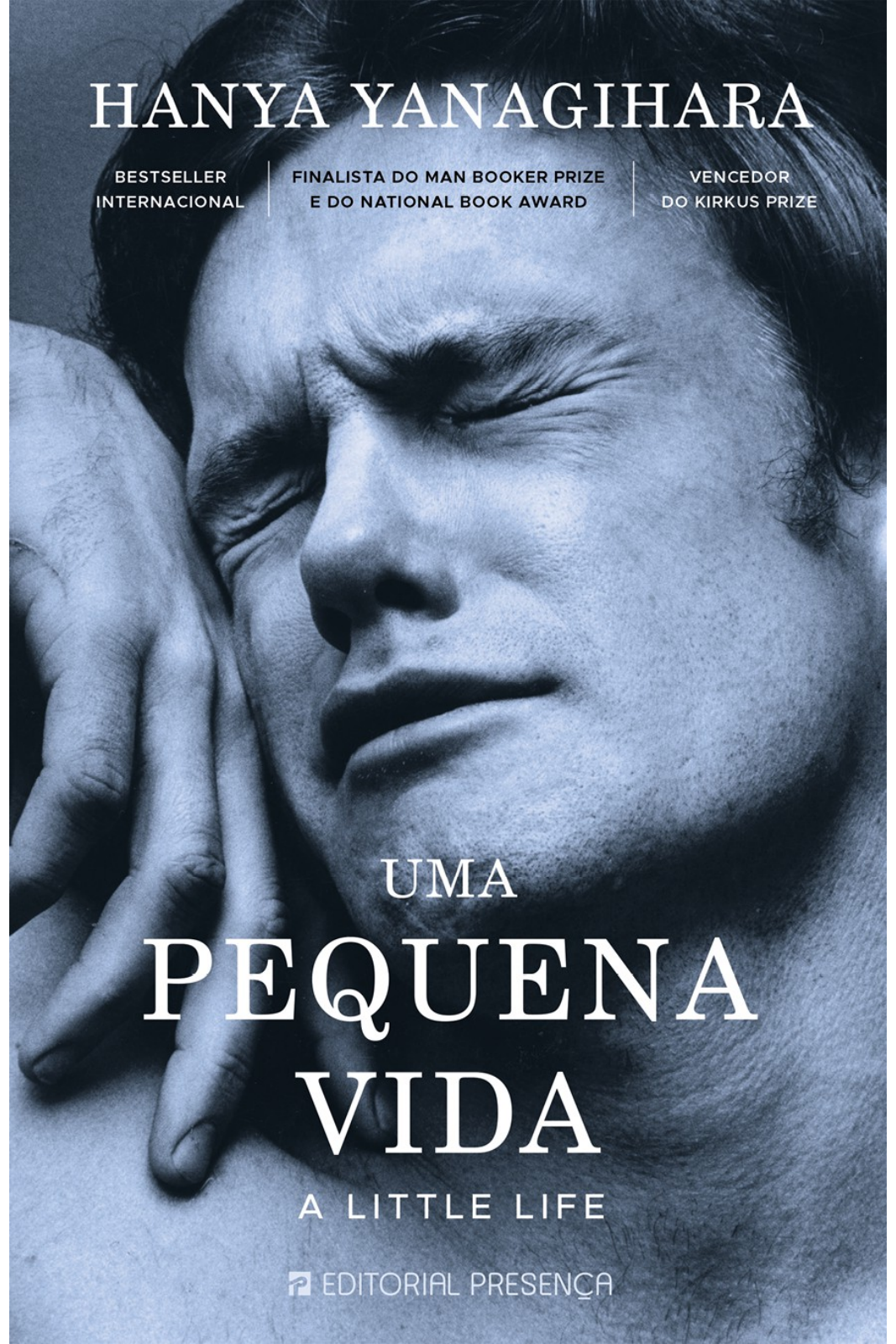




HANYA YANAGIHARA

BESTSELLER
INTERNACIONAL

FINALISTA DO MAN BOOKER PRIZE
E DO NATIONAL BOOK AWARD

VENCEDOR
DO KIRKUS PRIZE

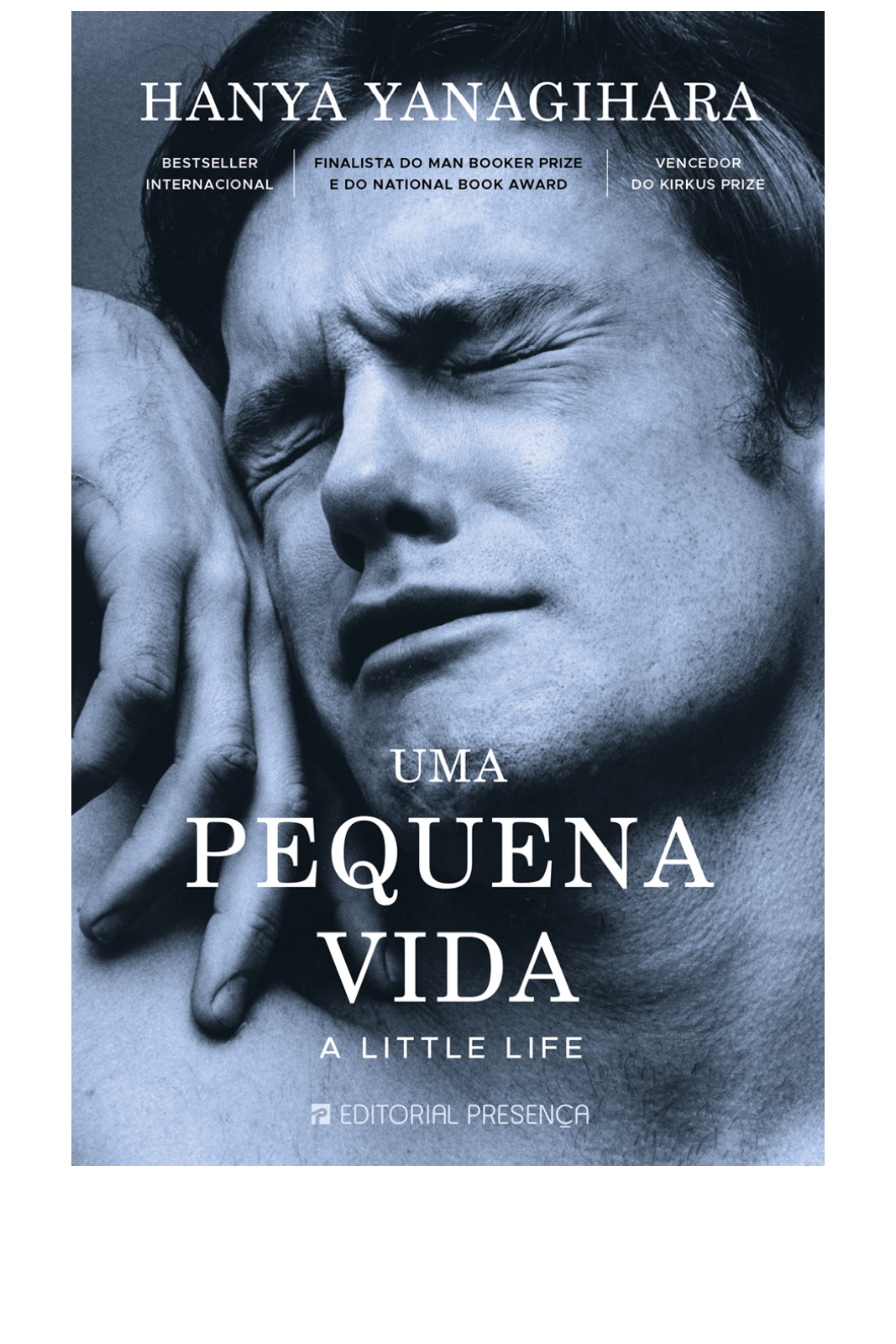
UMA
PEQUENA
VIDA

A LITTLE LIFE

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



HANYA YANAGIHARA

BESTSELLER
INTERNACIONAL

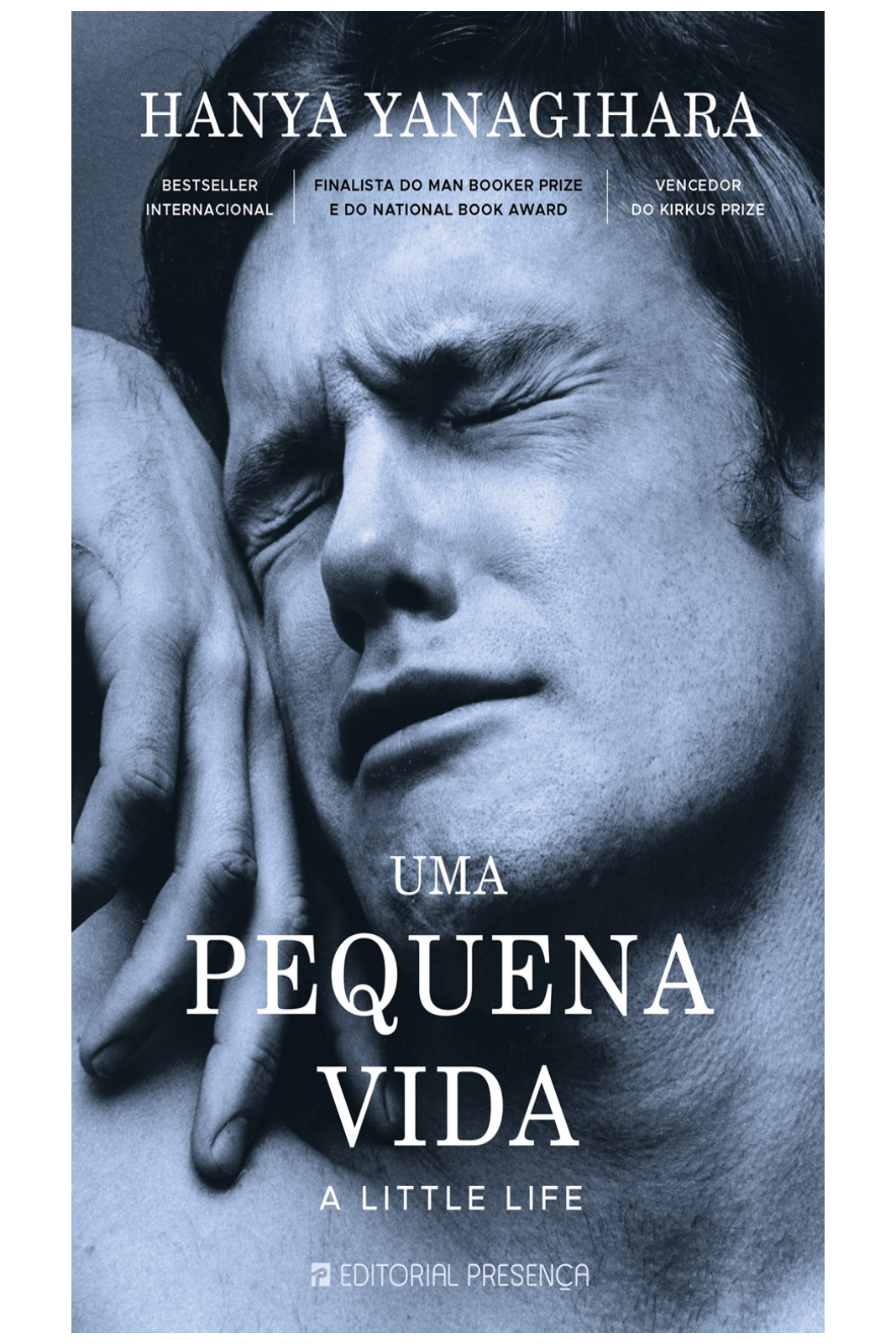
FINALISTA DO MAN BOOKER PRIZE
E DO NATIONAL BOOK AWARD

VENCEDOR
DO KIRKUS PRIZE

UMA
PEQUENA
VIDA

A LITTLE LIFE

 EDITORIAL PRESENÇA



HANYA YANAGIHARA

BESTSELLER
INTERNACIONAL

FINALISTA DO MAN BOOKER PRIZE
E DO NATIONAL BOOK AWARD

VENCEDOR
DO KIRKUS PRIZE

UMA
PEQUENA
VIDA

A LITTLE LIFE

 EDITORIAL PRESENÇA

UMA
PEQUENA
VIDA

HANYA YANAGIHARA

UMA
PEQUENA
VIDA

TRADUÇÃO DE
MIGUEL ROMEIRA

 PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *Uma Pequena Vida*

Título original: *A Little Life*

Autora: *Hanya Yanagihara*

Copyright © 2015 Hanya Yanagihara

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2022

Tradução: *Miguel Romeira*

Revisão: *Helder Guégués/Editorial Presença*

Fotografia da capa: *Orgasmic Man* by Peter Hujar © 1987 The Peter Hujar Archive LLC. Cortesia de Pace/MacGill Gallery, New York and Fraenkel Gallery, San Francisco

Arranjo da capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 504 969/22

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2022

Reimpressão, Lisboa, dezembro, 2023

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*A Jared Hoblt
em amizade; com amor.*

Índice

i lispenard street

ii o pós-homem

iii retoques

iv o axioma da igualdade

v os anos felizes

vi querido camarada

vii lispenard street

[I] Lispenard Street

O apartamento 11 tinha um único roupeiro, mas, por outro lado, tinha uma porta de correr que dava para uma pequena varanda, de onde ele viu um homem sentado do outro lado da rua. Em pleno mês de outubro, estava de *T-shirt* e calções. Viera cá fora fumar. Willem ergueu a mão em saudação, mas o desconhecido não devolveu o cumprimento.

Voltou para dentro. No quarto, Jude experimentou a porta do roupeiro, que abria e fechava como um acordeão.

— Só há um — disse.

— Não há problema — respondeu Willem. — Não tenho nada para pôr aí.

— Nem eu. — Trocaram um sorriso. A agente entrou. — Ficamos com o apartamento — disse-lhe Jude.

Mas, de regresso à imobiliária, ficaram a saber que, afinal, não o poderiam arrendar.

— Porquê? — perguntou ele.

— Os vossos rendimentos não asseguram seis meses de renda e não têm poupanças — explicou ela, consideravelmente mais seca. Estivera a ver os extratos bancários e dos cartões de crédito de um e outro e a situação não lhe inspirava confiança: dois homens na casa dos vinte, que não eram um casal, mas queriam arrendar um apartamento com um único quarto num quarteirão pouco movimentado (mas, ainda assim, caro) da Rua 25. — Têm fiador? Um empregador, por exemplo, ou os vossos pais?

— Os nossos pais já morreram — respondeu Willem sem rodeios.

A agente suspirou.

— Nesse caso, sugiro-vos baixarem as expectativas. Nenhuma imobiliária com apartamentos para arrendar vai aceitar inquilinos com o vosso perfil financeiro. — Ergueu-se, dando ostensivamente a conversa por terminada, e olhou na direção da porta.

Mais tarde, os dois contaram o sucedido a JB e Malcolm, que reduziram o episódio a um enredo cómico: o apartamento tinha excrementos de rato por todos os cantos, o homem do outro lado da rua era um exibicionista que por pouco não baixara os calções e a agente ficara irritada porque se insinuara a Willem e ele não mostrara interesse.

— Além disso, viver na vinte e cinco com a segunda não interessa a ninguém — decretou JB.

Estavam em Chinatown, no Pho Viet Huong, onde jantavam duas vezes por mês. A comida não era grande coisa — a sopa vietnamita era inexplicavelmente açucarada, o sumo de lima deixava um travo a sabonete e pelo menos um deles ficava sempre mal do estômago —, mas continuavam a ir ali, tanto por hábito como por necessidade. No Pho Viet Huong, uma sopa ou uma sandes ficavam por cinco dólares, ou podiam optar por uma entrada, que custava entre oito e dez

dólares, mas era maior, o que permitia guardar metade para o dia seguinte ou para a ceia. Malcolm era o único que não limpava o prato, mas também não levava a metade que lhe sobrava; quando ficava satisfeito, punha o prato no meio da mesa, para que Willem e JB, que eram vorazes, comessem o resto.

— Claro que não *queremos* viver na vinte e cinco com a segunda, JB — respondeu Willem, sempre paciente. — Achas que foi uma escolha? Não temos dinheiro para mais, ou não sabes?

— Não percebo porque não ficam onde estão — disse Malcolm, que, sob o olhar ávido de Willem e JB, ia remexendo os cogumelos e os pedaços de *tofu* que ainda tinha no prato. Pedia sempre o mesmo: cogumelos-ostrea e *tofu* estufado com molho de soja, invariavelmente espesso e demasiado doce.

— Já te expliquei que não pode ser, não te lembras? — respondeu Willem, que, nos últimos três meses, tivera a mesma conversa com Malcolm uma dúzia de vezes. — O namorado do Merritt vai viver com ele, portanto, tenho de sair.

— Mas sais *tu* porquê?

— Porque o contrato está em nome do Merritt, Malcolm! — impacientou-se JB.

— Ah — murmurou ele. Ficou silencioso. Era habitual esquecer-se de pormenores que lhe pareciam inconsequentes e parecia não lhe fazer diferença que isso irritasse os outros. — Certo. — Empurrou o prato para o meio da mesa. — Mas tu, Jude...

— Não posso ficar eternamente em tua casa, Malcolm. Um dia destes, os teus pais matam-me.

— Os meus pais adoram-te.

— Agradeço dizeres isso. Mas acho que o sentimento não vai durar a menos que eu saia de vossa casa e depressa.

Dos quatro, só Malcolm continuava a viver com os pais, e JB comentava muitas vezes que, com uma casa assim, ele próprio não teria deixado o ninho. Não se podia dizer que fosse esplêndida; rangia por todos os cantos e precisava de reparações, de tal maneira que Willem já ficara com uma farpa cravada ao segurar-se no corrimão. Por outro lado, era espaçosa, como se espera de uma casa de cidade no Upper East Side. Flora, que tinha mais três anos do que Malcolm, deixara recentemente o apartamento na cave e Jude mudara-se para lá. Fora apenas uma solução temporária; os Irvines planeavam converter a cave em escritórios, onde funcionaria a agência literária da mãe de Malcolm, portanto, em breve, Jude teria de arranjar o seu espaço (o que não era grande inconveniente, porque tinha dificuldade em usar a escada).

Tendo sido colegas de quarto durante todo o curso, dividir apartamento com Willem acabava por ser uma continuação lógica. No primeiro ano, os quatro tinham partilhado um espaço cujas paredes eram feitas de blocos pré-fabricados de cimento; tinham ali as secretárias e as cadeiras, e um sofá trazido pelas tias de JB numa carrinha alugada. Numa segunda divisão, consideravelmente mais pequena, tinham dois beliches de duas camas. Era tão estreita que, estendendo os braços, Malcolm e Jude, que dormiam nas camas de baixo, conseguiam dar as mãos.

Malcolm e JB ocupavam um beliche. Jude e Willem, o outro.

«Pretos contra brancos», dizia JB.

«O Jude não é branco», respondia Willem.

«E eu não sou preto», acrescentava Malcolm, mais para irritar JB do que por acreditar realmente nisso.

— Eu até vos convidava para viverem comigo — disse JB, usando um garfo para puxar para si o prato com as sobras de Malcolm —, mas acho que iam detestar. — Vivia numas águas-furtadas em Little Italy tão espaçosas quanto imundas, cheias de corredores que levavam a divisões inacabadas e jamais usadas que eram pouco mais do que becos sem saída. A construção fora interrompida e o pladur não levava o acabamento. O dono do espaço era Ezra, um colega da faculdade. Era artista e não tinha talento absolutamente nenhum, que tão-pouco lhe fazia falta, porque, como JB gostava de lhe recordar, jamais teria de trabalhar para comer. E não só ele não teria de trabalhar como os filhos dos filhos dos seus filhos também não. Poderiam dedicar as suas vidas a criar arte medíocre, irredimível e invendível durante sucessivas gerações, mas, ainda assim, nunca lhes faltaria dinheiro para comprar materiais da melhor qualidade, tal como sempre teriam águas-furtadas quase demasiado espaçosas na Baixa de Manhattan, que poderiam arruinar com as suas péssimas decisões de arquitetura de interiores, e, quando se fartassem da vida de artista (como JB estava convencido de que, mais cedo ou mais tarde, aconteceria com Ezra), bastar-lhes-ia ligar para os administradores fiduciários, e, ato contínuo, teriam à disposição uma montanha de dinheiro vivo como eles quatro (bem, talvez Malcolm devesse ficar de fora) nunca veriam na vida. Até lá, Ezra era alguém que valia a pena conhecer, não só porque deixava JB e um punhado de outros antigos colegas ficarem naquelas águas-furtadas (regra geral, havia quatro ou cinco ocupantes, e, sendo um lugar enorme e cheio de recantos, cada um conseguia ficar metido na sua toca) mas também pela sua boa-disposição e índole generosa, já que era amigo de organizar festas de arromba em que a comida, o álcool e as drogas nunca se acabavam e eram gratuitos.

— Espera — deteve-se JB, pousando os pauzinhos. — Lembrei-me de uma pessoa lá na revista que tem o apartamento da tia para arrendar. Fica quase em Chinatown.

— Pede quanto? — perguntou Willem.

— Deve ser quase dado. A tipa nem sabe que rendas se praticam ali. E não quer pôr lá desconhecidos.

— Podes falar com ela?

— Faço melhor: apresento-vos. Conseguem passar lá na revista amanhã?

Jude suspirou.

— Não consigo sair do trabalho. — Olhou para Willem.

— Tudo bem, eu consigo. Seria a que horas?

— Na pausa para almoço, talvez. Que tal à uma?

— Lá estarei.

Willem ainda tinha fome, mas deixou que JB terminasse os cogumelos.

Continuaram sentados. Por vezes, Malcolm pedia gelado de jaca, a única coisa fiável no *menu*, comia duas colheres e dava-se por satisfeito, e ele e JB ficavam com o resto. Daquela vez, porém, não lhe apeteceu gelado, por isso pediram a conta, que seria analisada até ao último tostão, para cada um pagar apenas a sua parte.

No dia seguinte, Willem foi ter com JB aos escritórios no SoHo da publicação onde ele trabalhava como rececionista. Dedicada à cena artística da Baixa de Manhattan, era uma revista de escala modesta, mas que gozava de considerável influência. JB trabalhava ali por estratégia e, certa noite, explicara o seu plano a Willem: far-se-ia amigo de um dos editores e tentaria convencê-lo a dedicar-lhe um artigo. Pelos seus cálculos, levaria seis meses a alcançar o seu objetivo, portanto, restavam-lhe três.

Enquanto ali estava, JB mantinha uma contínua expressão de ligeira incredulidade, tanto por estar realmente a trabalhar como por ainda ninguém ter tido a capacidade de o reconhecer como um génio. Como rececionista, era desastroso. Os telefones tocavam mais ou menos em permanência, mas era raro ele atender. Se algum deles o queria contactar (naquele edifício, ora se apanhava sinal de telemóvel, ora deixava de haver), tinha de seguir um código: deixava tocar duas vezes, desligava, depois tornava a ligar. Ainda assim, por vezes, ele não atendia — debaixo da secretária, as suas mãos estavam ocupadas a pentear e entrançar emaranhados de cabelo que ele ia tirando de um saco do lixo preto aos seus pés.

Nas suas palavras, entrara na Fase Capilar. Recentemente, decidira fazer uma pausa na pintura para se dedicar a esculturas de cabelo preto. Cada um dos outros fora sujeito a um fim de semana extenuante em que o acompanhara num périplo por barbearias e salões de beleza em Queens, Brooklyn, no Bronx e em Manhattan, esperando na rua enquanto JB entrava e pedia restos de cabelos já varridos ou ainda não, que ia pondo num grande saco cada vez mais cheio e difícil de arrastar pela rua. As obras iniciais desta sua nova fase artística incluíam *A Maça d'Armas*, uma bola de ténis a que ele arrancara o revestimento de feltro, cortara ao meio, enchera de areia, aplicara uma camada de cola e fizera rolar para lá e para cá num tapete de cabelo, obtendo um resultado visual semelhante a algas debaixo de água, e *O Kwotidiano*, em que vários objetos de uso diário — por exemplo, um agraphador, uma espátula ou uma chávena — passavam a estar revestidos de cabelo. De momento, estava a trabalhar numa escultura de grandes dimensões de que se recusava a falar, embora deixasse escapar ocasionais pormenores, e que requeria desempençar e entrançar incontáveis tufos para obter uma corda aparentemente interminável feita de cabelo preto encaracolado. Na última sexta-feira, aliciara-os com piza e cerveja para os obrigar a entrançar cabelo, até que, ao fim de longas horas de trabalho fastidioso, se tornara óbvio que não haveria piza ou cerveja. Nessa altura, foram-se embora os três, algo irritados, mas não especialmente surpreendidos.

Já estavam fartos da Fase Capilar, embora Jude — e apenas ele — achasse as esculturas bonitas e estivesse convencido de que futuramente lhes seria reconhecido valor artístico. JB agradecera o elogio oferecendo-lhe uma escova de cabelo escondida debaixo de uma camada do dito, mas pedira-lha de volta quando

lhe parecera que um amigo do pai de Ezra poderia estar interessado em comprá-la (o que não aconteceu, mas ele já não devolveu a escova a Jude). O projeto do cabelo revelou-se penoso em várias frentes. Numa noite em que, sem perceberem exatamente como acontecera, os três se deixaram ludibriar e foram a Little Italy para mais um serão passado a desempeçar cabelo, Malcolm comentou que cheirava muito mal. Não era propriamente repulsivo, apenas um penetrante odor metálico a couro cabeludo não lavado. O certo foi que JB fez uma das suas birras galopantes e insultou Malcolm, chamando-lhe escarumba sem amor-próprio, capacho do Homem Branco e traidor à raça, até que Malcolm, que raramente se enfurecia, mas ficava furioso com acusações daquelas, despejou o copo de vinho no saco de cabelo mais próximo, se ergueu e saiu. Jude saiu atrás dele, não a correr, mas tão depressa quanto lhe era possível, enquanto Willem ficou a acalmar JB. Os dois acabaram por se reconciliar no dia seguinte e, no rescaldo, embora soubessem que não estavam a ser justos, Willem e Jude ficaram furiosos sobretudo com Malcolm, quando, no fim de semana, deram por si de regresso a Queens, a ir de barbearia em barbearia, porque ele inutilizara um saco de cabelo que teria de ser substituído.

— Que tal vai a vida no planeta *black*? — saudou Willem.

— Vai preta, como de costume — respondeu JB, devolvendo ao saco uma trança ainda não completamente desempeçada. — Vamos. Disse à Annika que estávamos lá à uma e meia. — O telefone começou a tocar.

— Não atendes?

— Eles tornam a ligar.

A caminho da Baixa, JB não parou de se queixar. Até ao momento, concentrara a maior fatia de sedução num editor sénior de seu nome Dean, a quem os quatro chamavam Diâne por causa de uma festa a que tinham ido no Edifício Dakota, num apartamento (dos pais de um dos editores juniores) que era uma sucessão de divisões peçadas de obras de arte. Nessa noite, enquanto JB conversava com os colegas na cozinha, Malcolm e Willem (Onde estava Jude? A trabalhar, provavelmente) circularam pelo apartamento e apreciaram as fotos originais de Edward Burtynsky no quarto das visitas; ou, da autoria do casal Becher, uma série fotográfica dedicada a reservatórios elevados, disposta em quatro fiadas de cinco por cima da secretária no escritório; ou uma ampliação de grande formato assinada por Gursky como que a pairar sobre as estantes baixas na biblioteca; e, no quarto de casal, uma parede tão densamente revestida de originais de Diane Arbus que sobravam duas faixas de escassos centímetros não ocupadas em baixo e em cima. Dean abordou-os quando estavam a admirar uma foto de duas encantadoras meninas com síndrome de Down que posavam vestidas com fatos de banho demasiado acriançados e que lhes ficavam pequenos. Sendo alto, tinha umas feições miudinhas, de esquilo, e um rosto marcado por bexigas, o que lhe dava um certo ar de animal selvagem e traiçoeiro.

Willem e Malcolm apresentaram-se e explicaram que estavam ali por serem amigos de JB. Dean esclareceu que era um dos editores seniores da revista, cabendo-lhe escolher os artistas e obras de que falavam em cada número.

— Ah — murmurou Willem, tendo o cuidado de não olhar para Malcolm, por não ter a certeza de que ele conseguiria que a sua expressão nada traísse. JB já lhes dissera que um dos seus alvos era o editor do dossiê das artes, de quem tudo indicava estarem agora na presença.

— Foi, de facto, uma artista única, não concordam? — perguntou Dean, indicando a parede revestida de fotos emolduradas.

— Sem dúvida — concordou Willem. — Adoro a *Daiéne* Arbus.

Dean ficou petrificado. As suas feições de esquilo franziram-se de tal maneira que quase deram um nó.

— É *Diii-âne*.

— Hã?

— *Diâne*. Pronuncia-se *Diâne*.

Só por uma unha negra conseguiram aguentar o riso até saírem do quarto de casal.

— *Diâne!* — exclamou JB mais tarde, quando eles lhe contaram o sucedido.

— Deus nos valha! Que cagãozinho peneirento.

— Certo, mas o *teu* cagãozinho peneirento — sublinhou Jude. Depois disso, Dean não mais deixou de ser o *Diâne*.

Infelizmente, por mais que JB bajulasse o *Diâne*, não estava mais perto de figurar no índice de um dos números da revista do que estivera três meses antes, quando lá começara a trabalhar. Até já deixara o *Diâne* fazer-lhe sexo oral no banho turco do ginásio. E, mesmo assim, nada. Dia após dia, JB inventava motivos para entrar na sala dos editores, onde estava o quadro de cortiça com as ideias para os próximos três meses, escrevinhadas em cartões de arquivo brancos. Procurava o seu nome na secção dos artistas emergentes e cada dia trazia uma nova desilusão. Por outro lado, lia os nomes de outros que eram medíocres ou sobrevalorizados, a quem alguém devia favores ou que eram amigos de alguém a quem eram devidos favores.

«Se algum dia leio o nome do Ezra naquele quadro, mato-me», não se cansava ele de repetir, e os outros respondiam «Isso não vai acontecer, descansa», «Tem calma, que o teu nome há de acabar por aparecer lá», ou «Tu não precisas deles, de certeza que vais acabar por aparecer numa revista muito melhor», ao que ele respondia, respetivamente, «Achas?», «Duvido» e «Foda-se, já investi muito tempo nisto, três meses da puta da minha vida, portanto, espero bem aparecer naquele quadro, caralho, senão esta merda foi toda uma puta duma perda de tempo, tal como tudo o resto», podendo esse «tudo o resto» traduzir-se por «curso de Artes Plásticas», «regresso a Nova Iorque», «Fase Capilar» ou a vida em geral, conforme o seu grau de niilismo nesse dia.

Ainda não parara com as queixas quando chegaram à Lispenard Street. Tendo-se mudado para Nova Iorque havia um ano, Willem era praticamente um recém-chegado, não sendo de estranhar que nunca tivesse ouvido falar naquela rua — pouco mais do que um beco com dois quarteirões logo abaixo da Canal Street —, mas o certo era que JB, que crescera em Brooklyn, tão-pouco a conhecia.

Encontraram o número pretendido e tocaram para o 5C. O intercomunicador

devolveu-lhes uma voz feminina distorcida e impessoal e a porta abriu-se. O átrio era estreito, com um pé-direito alto e de um reverberante castanho-merda que parecia coagulado nas paredes e que os fez sentir-se como se no fundo de um poço.

A rapariga esperava-os à porta do apartamento.

— Tudo bem, JB? — saudou, depois olhou para Willem e corou.

— Annika, este é o meu amigo Willem — apresentou-os JB. — Willem, a Annika trabalha no departamento de arte e é fixe.

Ela baixou os olhos e estendeu-lhe a mão.

— Muito gosto — disse, para o chão. JB deu um toque no pé de Willem e sorriu-lhe. Willem ignorou-o.

— Igualmente — retribuiu.

— Portanto, o apartamento é este, OK? É da minha tia, OK? Ela viveu aqui durante cinquenta anos, mas agora foi para um lar, OK? — Annika ia dando todas estas informações muito depressa e, tudo indicava, decidira que a melhor estratégia era lidar com Willem como se faz com um eclipse: simplesmente não olhar para ele. Falando cada vez mais depressa, disse que a tia comentara muitas vezes que a vizinhança estava a mudar; que ela própria não ouvira falar na Lispenard Street senão quando se mudara para a Baixa; e que lamentava que o apartamento ainda não tivesse levado uma pintura, mas a tia acabava literalmente de o deixar, aliás, só no fim de semana anterior fora possível fazer a limpeza. Para não encarar Willem, olhava para o teto (estanho estampado), para o chão (em mau estado, mas de tacos) ou para as paredes (onde molduras passadas tinham deixado sombras fantasmas), até que ele não teve alternativa senão interrompê-la delicadamente para perguntar se podiam ver o resto do apartamento.

— Claro — disse Annika —, vou deixar-vos à vontade. — Mas seguiu-os e começou a falar em alta velocidade com JB a respeito de alguém chamado Jasper, que agora usava a fonte Archer em *tudo*, e não concordava ele que era uma letra talvez demasiado arredondada e insólita para mancha de texto? Agora que Willem ficara de costas para si, olhava-o sem embaraços. Enquanto isso, a sua tagarelice tornava-se cada vez mais inane.

JB deteve-se na maneira como ela observava Willem. Nunca a vira tão nervosa e com aqueles modos de liceal atrapalhada (na revista, era calada e carrancuda, além de ligeiramente temida pelos colegas depois que decorara a parede por cima da secretária com um coração feito de lâminas de x-ato), mas já testemunhara o mesmo comportamento em muitas mulheres quando na presença de Willem. Ele e o resto do grupo. Tinham um amigo, o Lionel, que dizia que Willem fora pescador numa vida passada, porque todas lhe vinham cair na rede. Ainda assim, na maioria das vezes (não sempre, mas quase), Willem parecia não se inteirar das atenções de que era alvo. JB até já perguntara a Malcolm porque achava ele que Willem tinha esse efeito nas mulheres e Malcolm dissera que o segredo estava no facto de ele não se dar conta. JB respondera com um resmungo, mas, para consigo, dissera não conhecer ninguém mais obtuso do que Malcolm, portanto, se até *ele* já notara como as mulheres se comportavam na presença de Willem, era impossível o próprio Willem não dar por nada. Mais tarde, Jude propôs uma explicação

diferente: a reação de Willem às atenções das mulheres era precisamente *não* reagir, para que os homens à sua volta não o olhassem como uma ameaça. Fazia sentido; Willem colhia a simpatia das pessoas em geral e a última coisa que desejava era fazer alguém sentir-se desconfortável, daí ser possível que, mesmo não o fazendo de maneira consciente, fingisse ingenuidade. Ainda assim, era um espetáculo fascinante, de que os três nunca se cansavam, tal como não perdiam uma oportunidade de mais tarde se meterem com Willem, que quase sempre sorria e não comentava.

— O elevador funciona bem ou costuma dar problemas? — perguntou ele, voltando-se de repente.

— Hã? — sobressaltou-se Annika. — Sim, costuma ser fiável. — Os seus lábios quase inexistentes abriram um pequeno sorriso, que, com um aperto de embaraço no estômago, JB compreendeu ser atiradiço. *Pobre Annika*, pensou. — Porquê? O que planeias tu exatamente trazer para o apartamento da minha tia?

— É por causa do nosso amigo — respondeu JB, antecipando-se a Willem. — Tem dificuldade em subir escadas, por isso, convém que o elevador trabalhe.

— Ah — murmurou ela, tornando a corar. Já estava outra vez a olhar para o chão. — Peço desculpa. Sim, o elevador trabalha.

O apartamento não era fantástico. No *hall*, cabia um capacho e pouco mais. Logo à direita, ficava a cozinha (um cubículo abafado e a escorrer gordura), e, do lado esquerdo, uma sala de jantar, onde, com sorte, conseguiriam arrumar uma mesa de jogo. Uma meia parede pela cintura separava essa área da sala de estar voltada a sul, onde quatro janelas com grades de segurança ofereciam uma vista da rua imunda. Com meia dúzia de passos, estava-se no fundo do corredor. Do lado direito, ficava a casa de banho, com os seus apliques de vidro leitoso e uma banheira com o esmalte gasto. Do lado esquerdo, ficava o quarto, uma divisão alongada, mas estreita, com uma janela. Havia duas camas de madeira individuais arrumadas lado a lado, cada qual encostada à sua parede. Numa, fora deixado um *futon* volumoso, desengraçado e pesadão como um cavalo morto.

— Nunca foi usado — esclareceu Annika, lançando-se numa longa história sobre ter ponderado vir ela viver ali, sendo um dos preparativos comprar o *futon*, que não chegara a estrear porque optara por dividir apartamento com o amigo Clement, que não era o namorado, mas apenas um amigo, e deus do céu, que parvoíce estar a esclarecer semelhante coisa. Resumindo: se Willem ficasse com o apartamento, ela oferecia-lhe o *futon*.

Willem agradeceu.

— O que achas? — perguntou a JB.

O que achava? Que o apartamento era um ninho de ratos, o que mais havia de achar? Não muito diferente do ninho de ratos onde ele vivia, não podia negar, mas, no seu caso, estava lá por opção e porque não pagava renda, podendo usar esse dinheiro para comprar as tintas e todo o material de pintura, mais as drogas, e ainda lhe sobrava para um táxi de vez em quando. Evidentemente, no dia em que Ezra se lembrasse de começar a cobrar renda, estava fora de questão continuar lá. A sua família não era rica, ao contrário do que acontecia com Ezra ou Malcolm,

mas, de qualquer maneira, a mãe e as tias jamais permitiriam que ele deitasse dinheiro ao lixo ao pagar para viver num ninho de ratos. Encontrar-lhe-iam um sítio melhor ou dar-lhe-iam uma pequena ajuda mensal para ele se aguentar. O mesmo não acontecia com Willem ou Jude, que não tinham dinheiro nem alguém que lhes valesse, daí estarem condenados a viver num ninho de ratos. Ora, sendo esse o caso, talvez não arranjassem melhor do que o presente ninho de ratos — ficava na Baixa, a renda era uma ninharia e a potencial senhoria já tinha uma paixoneta por 50 por cento da dupla.

Tudo isto explicou que respondesse «Acho que é perfeito» a Willem, que concordou. Annika deixou escapar um guinchinho efusivo. Seguiu-se uma conversa apressada e ficou assente: Annika já tinha o seu inquilino e Willem e Jude tinham sítio para viver. Resolvida a questão, JB viu-se obrigado a recordar a Willem que de bom grado aceitava que ele lhe pagasse uns noodles, porque tinha de voltar para a revista e ainda não almoçara.

JB não era dado a introspeções, porém, no domingo, no metro, a caminho da casa da mãe, não conseguiu evitar sentir-se vaidoso por ter sido tão bom amigo, juntamente com algo semelhante a gratidão por ter a vida e a família que tinha.

O pai, que trocara o Haiti por Nova Iorque, morrera quando ele tinha três anos, e JB dizia para consigo uma vez e outra que se recordava perfeitamente das suas feições amáveis e bondosas, com um bigode fininho e umas bochechas que arredondavam e arrebitavam quando ele sorria, mas jamais saberia se, tendo crescido a examinar a foto que a mãe conservava na mesa de cabeceira, apenas queria acreditar que se lembrava do pai ou se a recordação era factual. Em todo o caso, não houvera mais tristezas na sua infância, e mesmo essa tivera um certo carácter de obrigação, por saber que as crianças deviam sentir a falta do pai quando já não o tinham. Na verdade, isso não acontecera consigo. Depois de o pai morrer, a mãe, américo-haitiana de segunda geração, fizera o doutoramento em Educação, ao mesmo tempo que era professora numa escola pública perto de casa que considerou não estar à altura do filho. Quando ele foi fazer o secundário num externato caro longe de Brooklyn, que podia frequentar graças a uma bolsa de estudo e que o obrigava a duas viagens diárias de quase uma hora nos transportes públicos, já a mãe era diretora de uma escola de ensino especializado em Manhattan e professora adjunta no Brooklyn College. Na altura, o *New York Times* dedicou-lhe um artigo por inovar nos métodos de ensino, e, embora tenha fingido o contrário junto dos amigos, JB ficou orgulhoso.

Embora ela estivesse sempre muito ocupada, JB nunca sentiu que tivesse crescido com uma mãe ausente ou que ela gostava mais dos alunos do que dele. Tinha a avó, que cozinhava sempre o que ele pedia, lhe cantava canções francesas e lhe dizia literalmente todos os dias que era um génio, uma joia de rapazinho e o homem da sua vida. E, não tendo filhos, as tias — a irmã da mãe, inspetora da polícia em Manhattan, e a namorada farmacêutica, também americana de segunda geração, mas, no seu caso, filha de pais porto-riquenhos e não haitianos — tratavam-no como se ele o fosse. A irmã da mãe era adepta de praticar desporto e ensinou-lhe como se lançava e apanhava a bola no basebol (coisa que, na altura, lhe

interessava pouco ou nada, embora tenha vindo a revelar-se conhecimento útil enquanto ferramenta social). Já a namorada gostava de arte e uma das recordações mais antigas de JB era uma ida dos dois ao Museu de Arte Moderna e o momento em que parara embasbacado diante de *One: Number 31, 1950*. O assombro foi tal que mal ouviu uma palavra da explicação da tia sobre a técnica usada por Pollock para pintar o famoso quadro.

No liceu, achou necessário usar de um módico de revisionismo para se evidenciar, e, sobretudo, para causar desconforto aos colegas brancos filhos de pais ricos. Assim, esbateu a verdade sobre as suas circunstâncias, pintando-se como mais um preto filho de pai desconhecido, sem esquecer a mãe que concluíra os estudos depois de ele nascer (omitindo que se tratara de um doutoramento, levava os outros a pensar que se referia à escolaridade obrigatória) e a tia que trabalhava na rua (de novo, ninguém adivinhava que o fazia na qualidade de inspetora, antes depreendendo que se prostituía). A sua foto de família preferida fora tirada por Daniel, o seu melhor amigo do liceu, a quem apenas contara a verdade imediatamente antes de deixar que ele o fotografasse com a família. Daniel estava a trabalhar num projeto sobre famílias marginalizadas, explicara, e JB teve de o desenganar rapidamente antes de lhe abrir a porta da sua casa, porque, na imaginação de Daniel, a tia dele estava a um passo de se vender na beira da estrada, enquanto a mãe era pouco mais do que uma analfabeta. Daniel abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não lhe saiu um som, até que a mãe de JB veio à porta dizer-lhes que entrassem de uma vez para não estarem ao frio e Daniel não teve mais remédio do que obedecer.

Na sala de estar, ainda atordoadado com a revelação, Daniel explicou-lhes o que pretendia. Yvette, a avó de JB, instalou-se na sua poltrona favorita, com a tia Christine e a sua namorada Silvia de um lado, e, do outro, JB e a mãe. Então, quando Daniel estava prestes a fotografá-los, Yvette quis trocar de lugar com JB. «É ele o homem da casa», explicou a Daniel, ignorando os protestos das filhas. «Jean-Baptiste, senta-te aqui!» Ele assim fez. O retrato mostra-o de mãos gorduchas nos braços da poltrona (já na altura era roliço), ladeado por mulheres que o olham embevecidas, enquanto, instalado na poltrona onde deveria estar a avó, ele encara o observador com um sorriso rasgado.

Aquelas quatro mulheres acreditavam piamente nele e no seu inevitável triunfo. Ao contrário do próprio JB, cuja fé em si mesmo já fora testada tantas vezes que lhe começava a ser difícil renová-la, elas estavam convencidas, a um grau quase desconcertante, de que ele se tornaria num artista importante e veria as suas obras nos principais museus. Quanto aos que ainda não lhe tinham dado as merecidas oportunidades, faltava-lhes a capacidade de apreciar condignamente o seu talento. Uma vez por outra, JB permitia-se acreditar nelas e deixar-se contagiar pelas suas certezas. Noutras alturas, desconfiava; a opinião daquelas quatro parecia-lhe tão inteiramente oposta ao que o resto do mundo achava do seu trabalho que lhe era impossível não se perguntar se elas estariam a ser indulgentes consigo. Ou talvez fossem loucas. Também podia simplesmente dar-se o caso de terem mau gosto. Como podia a opinião de quatro mulheres divergir tão

cabalmente do que achava o resto do mundo? Era forçoso concluir que as probabilidades de a razão estar do lado delas não eram altas.

Ainda assim, os domingos traziam-lhe alívio. Regressava ao lar materno, onde a comida era abundante e gratuita, a avó lavava-lhe a roupa e cada palavra que dizia ou esboço que mostrava eram acolhidos com interesse e colhiam murmúrios de aprovação. Aquela casa era território conhecido, um lugar onde sempre seria venerado, onde cada hábito e tradição pareciam ter sido criados para o satisfazer. Durante o serão, havia sempre um momento — depois do jantar, mas antes da sobremesa, quando estavam na sala a ver televisão, e, enroscado no seu colo, o gato da mãe irradiava calor — em que, detendo-se naquelas quatro mulheres, JB se sentia tomado por uma espécie de arrebatamento. Pensava em Malcolm, com um pai tão inteligente quanto implacável, e uma mãe tão afetuosa quanto distraída; em Willem, que já não tinha pai nem mãe (JB conhecera-os no final do primeiro ano do curso, no fim de semana em que tinham deixado a residência, e nunca mais os vira, e surpreendera-o que fossem tão reservados e cerimoniosos, *todo o oposto* do filho); e, por fim, em Jude, claro, filho de pais inexistentes (era um mistério; conheciam-no havia quase uma década e ainda não sabiam se nalgum momento ele vivera com os pais ou se não os conhecera de todo, restando-lhes a certeza de que a situação fora lastimosa e não devia jamais ser tema de conversa); e era inundado por uma vaga de felicidade e gratidão, como se um cálido oceano acabasse de lhe alagar o peito. *Sou um sortudo*, dizia para consigo, e depois, porque era competitivo e se comparava com os seus pares em todos os aspetos, reformulava, sendo a nova frase: *Dos quatro, sou o mais sortudo*. E jamais lhe ocorria que não merecesse essa sorte, ou que devesse esforçar-se mais por demonstrar gratidão. Na sua visão do mundo, vê-lo feliz faria a sua família feliz, portanto, a sua única obrigação para com aquelas quatro mulheres era ser feliz, levando precisamente a vida que desejava ter e vivendo-a tal qual entendesse.

«Ninguém tem a família que merece», dissera Willem numa ocasião em que estavam pedrados, obviamente a pensar em Jude.

«Concordo», respondera JB. E concordava, de facto. Nenhum dos outros — Willem, Jude ou o próprio Malcolm — tinha a família que merecia. Secretamente, porém, via-se como uma exceção. Ele, *sim*, tinha a família que merecia. A mãe, a avó e as tias eram maravilhosas, não havia outra palavra, e ele sabia-o. Mas, mais importante do que isso, sabia que as *merecia*.

— Olhem só se não é o meu menino, que é uma inteligência! — dizia a avó, de cada vez que o via entrar.

Jamais lhe ocorrera duvidar que ela estivesse inteiramente correta.

No dia da mudança, o elevador avariou.

— Raios — resmungou Willem. — Eu perguntei *especificamente* isto à Annika. Tens o número dela? — JB fez que não. — Bem, siga — resignou-se Willem. De que serviria mandar agora uma mensagem à senhoria? — Pessoal, lamento, mas temos de ir pela escada — disse aos outros.

Ninguém pareceu importar-se. Era o final do outono e estava um dia perfeito, seco, ventoso e fresco, mas não frio, eles eram oito e as caixas eram poucas, sendo

os móveis ainda menos. Além de Willem, JB, Jude e Malcolm, estavam ali Richard, um amigo de JB, Carolina, amiga de Willem, e dois amigos dos quatro, ambos chamados Henry Young, mas a quem toda a gente chamava o Henry Young asiático e o Henry Young preto, porque era a maneira de os distinguir.

Malcolm, que sabia tomar as rédeas de uma situação quando menos se esperava, distribuiu tarefas. Jude subiria ao apartamento para orientar a arrumação dos móveis e o lugar provisório das caixas. Nos tempos mortos, aproveitaria para desempacotar os objetos maiores e separaria o conteúdo das caixas. Carolina e o Henry Young preto, ambos fortes, mas baixotes, levariam as caixas com livros, que eram mais manejáveis. Willem, JB e Richard subiriam com os móveis, e Malcolm e o Henry Young asiático encarregar-se-iam do resto. De cada vez que descessem, trariam as caixas que Jude entretanto tivesse espalmado e amontoá-las-iam no passeio, ao lado dos contentores do lixo.

— Queres ajuda? — perguntou Willem discretamente a Jude enquanto os outros se organizavam para começar o serviço.

— Não — respondeu ele, sem mais conversa, e, sob o olhar de Willem, começou a subir a escada com passos lentos e pouco desembaraçados. O lanço era alto e os degraus, íngremes, mas, por fim, Willem deixou de o ver.

Fez-se tudo depressa, sem dificuldades nem incidentes, e ficaram todos no apartamento durante mais algum tempo, a desempacotar os livros e a comer piza. Depois, os ajudantes foram-se embora, porque havia bares e festas à sua espera, e Willem e Jude ficaram enfim sós no novo apartamento. Reinava a confusão, mas a ideia de arrumar tudo de seguida afigurava-se esgotante. Por isso, ficaram a preguiçar, surpreendidos com a rapidez com que escurecera e com o facto de terem sítio para viver, em Manhattan, mas à medida das suas bolsas. Ambos se tinham dado conta das expressões educadamente neutras dos amigos ao ver pela primeira vez o apartamento (o quarto com as duas camas individuais foi o que mereceu mais comentários; o próprio Willem, ao descrevê-lo a Jude, dissera «Parece saído de um manicómio vitoriano»), mas nem um nem outro se importavam; aquele era o seu apartamento, tinham um contrato de dois anos e ninguém os podia pôr na rua. A renda era tão baixa que iam conseguir pôr de lado algum dinheiro, mesmo que não fosse muito, e não precisavam de mais espaço. Claro que ambos tinham fome de beleza, mas isso podia esperar. Ou, melhor dizendo, teriam de esperar até ser altura de a saciarem.

Ficaram à conversa, mas Jude fechara os olhos e Willem soube — pela tremura ininterrupta das pálpebras, ainda que ligeira como o bater de asas de um beija-flor, e pelo punho tão firmemente cerrado que as veias verde-mar estavam inchadas como se fossem saltar das costas da mão — que ele estava com dores. Mais: olhando à rigidez com que ele mantinha as pernas apoiadas numa caixa de livros, Willem soube que se tratava de um episódio prolongado e que nada poderia fazer para o ajudar. Se dissesse «Eu trago-te uma aspirina», Jude responderia: «Eu estou bem, Willem, não preciso de nada.» Se insistisse, sugerindo «Porque não te vais estender um bocado?», Jude diria: «Willem, eu estou bem, *a sério*. Para de te preocupar.» Assim, acabou por fazer aquilo que os

anos tinham ensinado qualquer deles a fazer sempre que as pernas de Jude o torturavam: inventou uma desculpa, levantou-se e saiu dali, dando-lhe privacidade para se manter absolutamente imóvel até que a dor passasse, sem ter de fazer conversa ou gastar as suas forças a fazer de conta que não havia nenhum problema, que apenas estava cansado ou tinha uma cãibra — ou qualquer outra desculpa mal-amanhada que lhe ocorresse.

No quarto, Willem localizou o saco para lixo em que tinham trazido os lençóis e fez primeiro a sua cama, depois a de Jude (na semana anterior, tinham arranjado um segundo *futon*, uma pechincha, vendera-lho a namorada de Carolina, que, muito em breve, deixaria de o ser). Separou a sua roupa por categorias — camisas, calças, roupa interior e meias —, pôs cada qual em sua caixa de cartão, aproveitando as que tinham servido para trazer os livros, e arrumou as quatro debaixo da sua cama. Sem tocar na roupa de Jude, passou à casa de banho, que limpou e desinfetou antes de arrumar pasta de dentes, sabonetes, giletes e frascos de champô. Parou uma ou duas vezes o que estava a fazer para ir espreitar sorrateiramente a sala. Jude não se movera da mesma posição, tal como continuava de olhos fechados e punho cerrado. Voltara o rosto de lado, pelo que Willem não lhe pôde ver a expressão.

Jude inspirava-lhe sentimentos complexos. Adorava-o — até aí, era simples —, mas também temia por ele, e, por vezes, sentia-se, a um tempo, amigo, irmão mais velho e protetor. Sabia que Jude conseguira chegar ali e continuaria com ou sem a sua ajuda, mas, por vezes, intuía nele coisas que o perturbavam e o faziam sentir-se de mãos atadas, mas, de forma paradoxal, ainda mais determinado em ajudá-lo (ainda que Jude raramente pedisse qualquer espécie de ajuda). Qualquer deles o adorava e admirava, mas, com frequência, Willem sentia que Jude lhe mostrara mais um pouco de si — apenas um nadinha — do que aos outros e não sabia o que fazer com essa informação.

A dor nas pernas, por exemplo: desde que o conheciam que sabiam do seu problema nas pernas. De resto, era algo que dificilmente se poderia ignorar, porque ele usara uma bengala durante o curso, e, antes disso — tinham-no conhecido ainda na fase de crescimento, porque ele era dois anos mais novo do que qualquer dos três —, andara com uma canadiana e usara duas assustadoras ortóteses aparafusadas aos ossos das pernas, impossibilitando-lhe dobrar eficazmente os joelhos. Mesmo assim, nunca lhe tinham ouvido uma queixa, tal como nunca levara a mal as queixas dos outros, como no segundo ano, por exemplo, quando JB escorregou no gelo e partiu o pulso. Como esquecer o berreiro que se seguiu? JB chorou e gemeu num sofrimento digno de um melodrama e, durante a primeira semana engessado, recusou deixar a enfermaria da faculdade, onde recebeu tantas visitas que o jornal académico lhe dedicou um artigo. Na residência de estudantes, tinham um colega que fizera uma rotura do menisco a jogar futebol e que dizia uma vez e outra que JB não fazia ideia do que era dor a sério, mas Jude foi visitá-lo todos os dias, tal como Willem e Malcolm, e nenhum lhe regateou a compaixão de que ele tanto parecia precisar.

Quando JB finalmente se dignou aceitar alta da clínica da faculdade e

regressou à residência para desfrutar nova leva de atenção, certa noite, Willem acordou e o quarto estava vazio, o que tão-pouco era inusual: JB fora dormir com o namorado e Malcolm, que nesse semestre se inscrevera numa cadeira de Astronomia em Harvard, estava no observatório, onde agora dormia às terças e quintas. Não era ocorrência rara o próprio Willem não se encontrar no quarto. Normalmente, ia dormir com a namorada, mas ela adoecera com gripe e ele não saía. Quanto a Jude, estava sempre ali. Nunca lhe tinham conhecido namorada ou namorado e nunca passara a noite noutro sítio que não o seu quarto. Para Willem, a sua presença na cama de baixo do beliche era reconhecível e constante como o mar.

Sem saber porquê, desceu do beliche, e, tão ensonado que mal se aguentava de pé, parou momentaneamente no centro do quarto mergulhado em silêncio, olhando em volta como se Jude se pudesse ter pendurado do teto como uma aranha. Só então viu que a canadiana não estava ali e saiu à procura dele. Foi à sala comum da suíte e chamou-o baixinho, mas não obteve resposta. Saiu para o corredor e foi à casa de banho daquele piso. Vindo da escuridão do quarto, a luz fluorescente pareceu-lhe ainda mais enjoativa. O zunido ininterrupto das lâmpadas tão-pouco ajudava. A sua desorientação era tal que retirou impacto à surpresa de ver o pé de Jude espreitar de baixo da porta do último compartimento, com a ponta da canadiana ao lado.

— Jude? — sussurrou. Bateu à porta, mas, de novo, não houve resposta. — Vou entrar. — Abriu a porta e viu-o no chão, de joelho contra o peito, depois a poça de vomitado à sua frente e os restos amarelados que lhe tinham secado nos lábios e no queixo. Fechara os olhos, estava transpirado e apertava o apoio axilar da canadiana com uma intensidade que Willem aprendeu a identificar como sinal de uma dor quase insuportável.

Na altura, assustou-se, e, não sabendo o que fazer, começou a metralhar perguntas a que Jude não estava capaz de responder. Por fim, tentou ajudá-lo a pôr-se de pé e só ao fazê-lo gritar compreendeu finalmente a que ponto a dor era intensa.

Conseguiu levar Jude para o quarto, em parte, arrastado, em parte, ao colo, deitou-o e limpou-o desajeitadamente. Entretanto, a dor parecia ter diminuído um pouco. Quando lhe perguntou se queria que ele chamasse um médico, Jude fez que não.

— Mas tu estás aflito — insistiu Willem. — Não é melhor chamar alguém que te possa ajudar?

— Isto não tem ajuda — respondeu Jude, depois calou-se um momento. — Tenho de esperar que passe. — A voz saía-lhe num sussurro quase inaudível que Willem não reconheceu.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntou.

— Não — disse ele. Ficaram em silêncio. — Mas... ficas aqui comigo? Só durante uns minutos?

— Claro — disse Willem. Jude começara a tremer quase incontrolavelmente, como se enregelado, e ele embrulhou-o no seu edredão, que puxara da cama de

cima. A dada altura, enfiou a mão debaixo das mantas, encontrou a de Jude, forçou-o a descerrá-la e segurou-a, sentindo a palma calejada e molhada de transpiração. Anos antes, quando o irmão fora operado, fizera o mesmo, mas, depois disso, não tornara a segurar a mão de um homem. Surpreendeu-o a firmeza com que Jude agarrou a sua e a força dos seus dedos. Seguiram-se horas em que ele chegou a bater os dentes de tanto que tremia, até que, finalmente, Willem se deitou ao seu lado e adormeceu.

De manhã, quando acordou na cama de Jude, sentiu a mão latejar, e, ao examiná-la, viu marcas deixadas pelos dedos dele. Ainda entorpecido, levantou-se. Foi até à área comum e encontrou Jude sentado a ler à secretária. Ofuscado pela luz do final da manhã, não lhe conseguiu ver a expressão.

Jude ergueu o olhar quando ele entrou, depois pôs-se de pé. Ficaram em silêncio durante alguns instantes, apenas a observar-se.

— Desculpa ter-te dado tanto trabalho — disse Jude, finalmente.

— Jude, não há motivo nenhum para pedires desculpa — respondeu Willem. Estava a ser sincero. Não havia, de facto.

Mas Jude não parava de repetir «desculpa, Willem, a sério», e, por mais que ele reiterasse o que já afirmara, Jude parecia não se querer deixar tranquilizar.

— Não contes ao Malcolm e ao JB, está bem? — pediu.

— Não conto, prometo — respondeu Willem. E não contou, mas acabou por não fazer diferença: inevitavelmente, também Malcolm e JB presenciaram crises semelhantes, ainda que poucas tenham sido tão implacáveis como a que Willem testemunhou naquela noite.

Nunca falou disso com Jude, mas, em anos vindouros, vê-lo-ia afligido por muitos tipos de dor, umas, mais fortes, outras, nem tanto; vê-lo-ia estremecer quando era uma dor apenas ligeira, mas, noutras ocasiões, quando o mal-estar era demasiado, vê-lo-ia vomitar, encolher-se no chão ou simplesmente perder os sentidos, como acabava de acontecer na sala do novo apartamento. Sendo fiel às suas promessas, Willem perguntava-se porque não teria jamais abordado aquele tema com Jude, porque não o fizera ainda explicar o que sentia, porque nunca se atrevera a fazer o que o instinto já o mandara fazer uma centena de vezes: sentar-se ao seu lado e massajar-lhe as pernas, porque, nunca se sabia, talvez as terminações nervosas se deixassem amansar e parassem de disparar daquela maneira. Em vez disso, ali estava agora, escondido na casa de banho, mantendo-se propositadamente atarefado enquanto, a poucos metros, abandonado num sofá nojento, um dos seus amigos mais queridos iniciava uma vagarosa, triste e solitária viagem de regresso à consciência, ao mundo dos vivos, sem ninguém ao lado.

— Cobarde — disse Willem, falando para o seu reflexo no espelho da casa de banho. O seu rosto fitou-o de volta, exausto de repulsa por si mesmo. Da sala, não vinha senão silêncio, mas Willem foi pôr-se de vigia junto da porta, onde não seria visto, e aguardou que Jude voltasse a si.

«Aquilo é um ninho de ratos», dissera-lhe JB, e embora não pudesse deixar de lhe dar razão — bastara o átrio do prédio para o arrepiar —, Malcolm foi para casa

melancólico e a perguntar-se pela enésima vez se continuar a viver com os pais era mesmo preferível a mudar-se, também ele, para um ninho de ratos, mas que, pelo menos, seria o seu espaço.

Claro que, pensando racionalmente, era inconcebível mudar-se de onde estava. Trabalhava muito, ganhava um ordenado miserável e a casa dos pais era tão grande que, em teoria, ele podia nem os ver se assim quisesse. Não só tinha o uso exclusivo do terceiro andar (que talvez não fosse muito diferente de um ninho de ratos, porque a mãe dele deixara de mandar a empregada ir lá limpar e arrumar depois que Malcolm desatara aos gritos com ela, queixando-se de que Inez estragara uma das suas maquetas) como podia usar a cozinha e a lavandaria e ler todos os jornais e revistas de que os pais eram assinantes, além de que, uma vez por semana, punha toda a roupa suja num grande saco de pano, que, quando saía para o trabalho, a mãe deixava na lavandaria, e Inez ia buscar no dia seguinte. Não se orgulhava da situação, claro, muito menos de, tendo 27 anos, a mãe continuar a chamá-lo ao escritório quando estava a fazer a encomenda semanal no supermercado para lhe perguntar se devia encomendar mais morangos a contar com ele ou se preferia sargo ou truta do País de Gales para o jantar.

Tudo seria mais fácil se os pais fizessem um esforço sincero para respeitar a distribuição dos espaços e do tempo por que ele próprio se regia. Não só esperavam que ele lhes fizesse companhia ao pequeno-almoço de segunda a sábado e ao *brunch* de domingo como era frequente aparecerem no terceiro andar para uma visita anunciada com pancadas na porta ao mesmo tempo que rodavam a maçaneta, explicando-lhes Malcolm reiteradamente que mais valia não baterem à porta. Por vezes, chegava a sentir-se relutante em voltar para casa, por saber que não conseguiria evitar dois dedos de conversa inane antes de o deixarem ir refugiar-se no seu canto como um adolescente, e, embora tivesse perfeita noção de que só um mimado ingrato pensaria assim, era mais forte do que ele. E, agora que deixara de ter Jude, temia que continuar naquela casa se tornasse insuportável. Embora o apartamento da cave oferecesse mais privacidade do que o terceiro andar, os pais não tinham hesitado em começar também a aparecer por lá com todo o à-vontade para uma visitinha a Jude, de tal maneira que, ao descer para ir ter com ele, Malcolm chegara a dar com o pai confortavelmente instalado a massacrá-lo com uma das suas palestras sobre algum assunto aborrecidíssimo. O pai, sobretudo, simpatizava com Jude — em conversa com Malcolm, repetia amiúde que o seu amigo era alguém dotado de profundidade e verdadeira capacidade intelectual, ao contrário dos outros, que, basicamente, eram dois tontos, dizia ele —, e, agora que ele se mudara, passaria a ser Malcolm o feliz contemplado com os elaborados enredos do pai a respeito do mercado, do sistema financeiro mundial e suas realidades em transmutação ou outro de uma série de assuntos em que Malcolm tinha pouco ou nenhum interesse. Até já suspeitara que o pai preferia que tivesse sido Jude o seu filho. Não só ambos tinham tirado Direito, como o haviam feito na mesma faculdade, e o juiz de quem Jude fora assessor fora também o patrono do pai de Malcolm no primeiro escritório onde exercera. Presentemente, Jude era procurador assistente na divisão criminal do

gabinete do procurador-geral dos Estados Unidos — precisamente onde o pai de Malcolm trabalhara na juventude.

Depois de mais uma das suas visitas a Jude, não era invulgar o pai pronunciar-se junto dele e da mãe dizendo «Acreditem: aquele rapaz vai longe» ou «Raramente temos oportunidade de conhecer alguém que, ainda em início de carreira, se anuncia como um triunfador que se fez por conta própria», e fazia tais afirmações com um ar autocomprazido, como se a genialidade de Jude tivesse dedo seu. Em momentos assim, Malcolm era obrigado a evitar o olhar da mãe, sabendo que lhe veria uma expressão condoída dele.

Também Flora lhe teria facilitado a vida tendo continuado ali em casa. Quando ela estava a preparar a mudança, Malcolm tentara sugerir-se como candidato a dividir o seu novo apartamento de três assoalhadas na Bethune Street, mas, das duas uma, ou a irmã de facto não apanhara uma única das suas inúmeras indiretas ou escolhera fazer-se de parva. Flora nunca dera mostras de se importar com a disponibilidade excessiva que os pais lhes exigiam, o que libertava Malcolm, permitindo-lhe passar mais tempo no quarto e dedicar-se às suas maquetas, em vez de ser obrigado a descer à saleta para aguentar um filme chato e interminável porque o pai se lembrara de os massacrar com mais um ciclo Ozu. Na adolescência, Malcolm chegara a sentir-se magoado e ressentido por Flora ser a preferida do pai, facto tão óbvio que até os amigos da família comentavam. Flora Fabulosa, chamava-lhe (ou, em etapas várias da adolescência, Furação Flora, Flora Furiosa ou Flora, a Fera, sempre com conotação elogiosa), e, mesmo hoje, estando a filha a um passo de se tornar trintona, continuava encantado com ela. «Nem imaginam o dito de génio com que a Fabulosa se saiu hoje», calhava comentar ao jantar, como se Malcolm e a mãe não falassem regularmente com Flora, ou, ao voltar da Baixa depois de um *brunch* no apartamento da filha, «Para que raio foi a Fabulosa viver tão longe?», embora estivesse a quinze minutos de carro. (Para Malcolm, a última variante era particularmente vexatória, atendendo a que o pai o brindava repetidamente com narrações romanceadas da mudança das ilhas Granadinas para Queens durante a infância, explicando que, desde então, não mais deixara de se sentir um homem dividido entre dois países, e aconselhando-o a experimentar também ser um expatriado algures, explicando que isso o enriqueceria sobejamente enquanto indivíduo, além de lhe dar uma compreensão mais abrangente da vida, coisa de que ele muito precisava, e por aí fora. Contudo, se Flora algum dia ousasse deixar Manhattan, quanto mais viver noutro país, Malcolm não duvidava nem por um segundo que o pai ficaria arrasado.)

Ao contrário da irmã, não tivera direito a epítetos carinhosos. Uma vez por outra, ao falar com ele, o pai agraciava-o com o apelido de algum Malcolm famoso (X, McLaren, McDowell ou Muggeridge, sendo este último que, supostamente, inspirara o seu nome), mas Malcolm jamais sentira que isso fosse feito em atitude carinhosa. Pelo contrário, parecia-lhe uma censura, como se o pai lhe estivesse a lembrar o que deveria ser, mas, claramente, não era.

Por vezes — muitas vezes —, parecia-lhe disparatado ainda se incomodar, quanto mais amuar, com o facto de o pai parecer não gostar particularmente dele.

Até a mãe lhe dizia isso. «Tu sabes que o papá diz estas coisas por dizer» era o seu comentário ocasional depois de o marido concluir mais um solilóquio sobre a superioridade de Flora em todos os campos, e, desejando acreditar na mãe, porém não podendo deixar de registar com irritação que ela ainda dizia «papá» quando falava com ele, Malcolm respondia com um resmungo seco ou resmoneava qualquer coisa dando a entender que os sentimentos do pai lhe eram indiferentes. Também ocasionalmente — mas, de novo, cada vez com mais frequência —, irritava-o perder tanto tempo a pensar nos pais. Seria normal? Ou, pelo contrário, um tanto patético? Tinha 27 anos! Seria por continuar em casa deles? Ou era um problema seu? Decerto não conseguiria encontrar melhor razão para se mudar: deixar de ser criancinha. À noite, no piso de baixo, os pais preparavam-se para dormir e ele ouvia os queixumes da canalização antiga quando eles lavavam a cara, depois o estremeção retumbante, seguido de silêncio, quando eles desligavam os radiadores da sala. Relógio algum no mundo era tão pontual a anunciar as onze da noite, as onze e meia ou a meia-noite. Enquanto isso, Malcolm enumerava para consigo os problemas a resolver — quanto antes — no próximo ano: a situação profissional (num impasse), a vida amorosa (inexistente), a sexualidade (não resolvida) e o futuro (indefinido). De umas vezes para as outras, mantinham-se as quatro incógnitas, podendo mudar a sua prioridade. Outra constante era a sua capacidade de fazer o ponto da situação de cada uma, a par com uma absoluta incapacidade de avançar com soluções.

Vinha a manhã e ele acordava decidido: nesse dia, deixaria finalmente o ninho e diria aos pais que os proibia de interferir na sua vida. Mas descia e lá estava a mãe a fazer-lhe o pequeno-almoço (tendo o pai havia muito saído para o trabalho) e então ela anunciava que, nesse dia, ia comprar as passagens para as férias anuais em São Bartolomeu e ele que resolvesse quantos dias pretendia passar lá com eles. (Sim, os pais continuavam a pagar-lhe as férias. Não, claro que jamais comentaria semelhante coisa com os amigos.)

— OK, mãe — dizia ele. Tomava o pequeno-almoço e saía para mais um dia no mundo, onde ninguém o conhecia e podia ser qualquer outro.

Às cinco da tarde, nos dias de semana, e, ao fim de semana, às onze da manhã, JB apanhava o metro e rumava para o seu estúdio em Long Island City. A viagem agradava-lhe sobretudo durante a semana: começava em Canal Street e, estação após estação, a carruagem esvaziava-se e reenchia-se com um sortido renovado de pessoas e etnias. A intervalos de cerca de dez quarteirões, a população da carruagem reconfigurava-se em improváveis e desafiadoras constelações de polacos, chineses, coreanos e senegaleses; senegaleses, dominicanos, indianos e paquistaneses; paquistaneses, irlandeses, salvadorenhos e mexicanos; ou mexicanos, cingaleses, nigerianos e tibetanos. Em comum, tinham o carácter de recém-chegados à América, e, no rosto, o cansaço visível e aquela mistura de determinação e resignação que é atributo exclusivo dos imigrantes.

Em momentos assim, JB enchia-se de gratidão pela sua sorte e comovia-se com a sua cidade, dois sentimentos que não o visitavam amiúde. Não se inclinava a celebrar o glorioso mosaico que era a sua cidade natal e ria-se dos que o faziam. Mas admirava — como não admirar? — o esforço produtivo, o trabalho *sério*, certamente levado a cabo pelo coletivo dos seus companheiros de viagem nesse dia. Contudo, em vez de se envergonhar da sua indolência quando comparado com eles, sentia alívio.

Só numa ocasião se atrevera a falar destes sentimentos e, mesmo assim, fizera-o de forma elíptica. O seu confidente fora o Henry Young asiático. Iam a caminho de Long Island City — aliás, fora Henry a arranjar-lhe lugar no estúdio — quando um chinês franzino, tão magro que era pouco mais do que tendões, com um saco cor de dióspiro a pender-lhe da falangeta do indicador direito como se lhe faltassem forças ou vontade para o segurar de maneira mais afirmativa, entrou, afundou-se no assento diante deles, cruzou a perna, cruzou os braços e adormeceu. Henry, filho de uma costureira de Chinatown e seu amigo desde o secundário, aliás, tal como JB, pudera estudar naquela escola graças a uma bolsa de estudo, olhou para ele e, movendo os lábios sem voz, disse: «Não fora a graça de deus...» E JB entendeu perfeitamente a mescla de culpa e regozijo que o amigo lhe comunicara.

Outra particularidade que ele adorava naquelas viagens de metro durante a semana depois do trabalho era a luz do final da tarde, que inundava a carruagem qual entidade enquanto o metro ribombava na ponte, levando a exaustão dos rostos dos desconhecidos que viajavam consigo e mostrando-os como decerto teriam sido à chegada ao país, quando eram jovens e lhes parecia possível conquistar a América. Detinha-se naquela luz compassiva que, aos poucos, como mel, tudo recobria, alisando testas sulcadas, dourando cabelos grisalhos e suavizando o brilho agressivo dos tecidos baratos, tornando-os acetinados e de inexcedível qualidade. Depois, o sol guinava, a carruagem desviava-se e, indiferente e pesada, seguia a sua rota, o mundo reavia os desanimados contornos e

cores do costume e os passageiros regressavam ao desalento habitual. A mudança era tão abrupta e cruel como se causada pela vara mágica de uma feiticeira.

JB gostava de fingir que era um deles, mas sabia que não era. Vindo haitianos na carruagem — de repente, era como se tivesse ouvidos de lobo, detetava-lhes o crioulo chuchurreado, quase trauteado, conseguia destacá-lo do burburinho —, dava por si a observá-los, dois homens de caras redondas, como o pai, ou duas mulheres de narizes arrebitados e lustrosos, como a mãe. Ficava sempre na esperança de lhe ser apresentado um pretexto inteiramente accidental para falar com eles — estarem a discutir as direções para algum sítio, por exemplo, o que lhe permitiria entrar no diálogo para lhes facultar a resposta —, mas nunca acontecia. Por vezes, sem interromper a conversa, deixavam os seus olhares viajar pelos assentos, e, alerta, JB ficava a postos para lhes sorrir, mas eles acabavam por nunca o reconhecer como um dos seus.

Porque, de facto, não era. O próprio JB sabia que tinha mais em comum com o Henry Young asiático, ou com Malcolm, Willem ou mesmo Jude, do que com os haitianos no metro. Senão, era vê-lo naquele momento, a descer na Court Square e a percorrer os três quarteirões entre a estação e a antiga fábrica de garrafas de vidro reconvertida num estúdio que ele agora dividia com outros três ocupantes. Algum *verdadeiro* haitiano se lembraria de trocar um espaçoso apartamento onde vivia sem pagar renda, podendo teoricamente reservar para si um canto exclusivo onde pintar e rabiscar, por uma viagem de metro de meia hora (as coisas que ele podia fazer nesses trinta minutos duas vezes por dia!) para ir e vir de um lugar ensolarado, mas imundo? Evidentemente que não. Só uma mente americana seria capaz de conceber tais luxos.

O espaço ficava num segundo andar e subia-se por uma escada de metal que, a cada passo, badalava como um sino; as paredes e o chão eram brancos, mas o pavimento de madeira estava tão maltratado que, nalguns sítios, mais parecia haver ali um tapete de pelo comprido. A toda a volta, tinham janelas altas de caixilho antigo, que os quatro mantinham limpas, ocupando-se cada um de uma frente, porque, ainda que o mesmo cuidado não se estendesse ao resto, estava fora de questão deixar a sujidade nos vidros engolir aquela luz preciosa, que era a razão por que ali viviam. De resto, a casa de banho era inenarrável e a cozinha, tão-só ligeiramente menos horripilante. O centro do espaço era ocupado por uma grande placa retangular de mármore, cortada de uma laje de qualidade inferior, que, assente em três cavaletes de serrador, fazia as vezes de mesa. Essa era a área comum, que qualquer deles podia usar estando a trabalhar num projeto que exigisse mais espaço, e, com o correr dos meses, o mármore enchera-se de riscos lilases e alaranjados e salpicos de precioso vermelho de cádmio. Naquele dia, JB encontrou a mesa coberta de compridas faixas de organza tingidas à mão, com livros a fazer as vezes de pisa-papéis para que não as varresse uma corrente de ar. As extremidades sacudiam sob o rodopiar da ventoinha no teto. Ao centro da mesa, uma mensagem num cartão dobrado: «a secar. não mexer. tiro tudo amanhã à tarde. desculpem o estorvo, H.Y.»

Na ausência de paredes, o espaço fora dividido em quatro áreas de cinquenta

metros quadrados, demarcadas com fita isoladora azul no chão, nas paredes e no teto. A regra de não invadir território alheio era rigorosamente observada: fingiam não ouvir o que se passava nas outras áreas, ainda que um deles estivesse ao telemóvel a discutir com a namorada, e, por mais que sussurrasse, se ouvisse cada palavra; e, se alguém tinha de atravessar espaço alheio, parava antes da fita azul e dizia baixinho o nome do ocupante dessa área, apenas uma vez e se ele não estivesse demasiado afastado, e pedia autorização para pisar o seu espaço.

A luminosidade amanteigada das cinco e meia da tarde era perfeita. Densa e quase pastosa, alagava o espaço, tal como sucedia no metro, emprestando-lhe vastidão e um sentimento de esperança. Só ali estava ele. Richard, o seu vizinho do lado, trabalhava num bar, sendo habitual estar no estúdio durante a manhã, tal como Ali, cuja área ficava em frente da sua. Sobrava Henry, na área diagonalmente oposta, que chegava da galeria às sete. JB tirou o casaco e largou-o no seu canto, levantou o pano com que cobrira a tela, sentou-se e suspirou.

Mudara-se para ali havia cinco meses e estava a adorar. Nunca imaginara que fosse gostar tanto da experiência. Agradava-lhe que cada um dos seus companheiros de estúdio fosse um artista sério e de talento. Jamais teria conseguido progredir continuando nas águas-furtadas de Ezra, não só porque concordava em absoluto com a regra que o seu professor favorito lhe ensinara — onde se fode, não se pinta — mas também porque aquele lugar estava infestado de diletantes que o interrompiam a toda a hora. Lá, o trabalho artístico era apenas outro acessório de um estilo de vida. Pintava-se, esculpia-se e faziam-se instalações abaixo de cão porque isso justificava um guarda-roupa de *T-shirts* desbotadas e calças de ganga imundas, bem como uma dieta de cerveja e cigarros enrolados, o que era tão americano e tão irónico, por a primeira ser tão barata e o tabaco, tão caro. Inversamente, ali no estúdio, cada um deles fazia arte porque jamais soubera fazer outra coisa, porque vivia e respirava arte, exceto nas curtas pausas em que pensava nas mesmas coisas em que toda a gente pensa: foder, comer, dormir, os amigos, o dinheiro e a fama. Mas, ainda que se estivesse no melanco com alguém num bar, ou num jantar de amigos, jamais se deixava de pensar na tela em que se estava a trabalhar, nas suas mil possibilidades embrionárias e composição por definir. De cada vez que JB começava um novo quadro ou projeto, havia uma fase — ou, pelo menos, assim queria todo o verdadeiro artista acreditar — em que a vida do quadro se lhe afigurava mais real do que a vida vivida, em que, onde quer que estivesse, não pensava senão em regressar ao espaço de trabalho, e em que, quando dava por si, despejara o saleiro na mesa e começara a desenhar, traçar e esquematizar com a ponta do dedo na camada de grãos brancos, cujo toque era como sedimento debaixo dos pés.

Também lhe agradava a inesperada camaradagem que se respirava no estúdio, diferente de qualquer outra atmosfera que conheceria. Quando, ao fim de semana, estavam lá todos a trabalhar, por vezes, ele deixava o mundo do seu quadro durante breves instantes e saboreava a sincronicidade das respirações quase ofegantes do esforço de criar. Nesses momentos, sentia a sua energia coletiva inundar a atmosfera como um gás adocicado e inflamável e lamentava não a poder

engarrar para quando não estivesse inspirado, porque havia dias em que passava literalmente horas parado diante da tela, como se, não desistindo e olhando-a fixamente, fosse acabar por fazê-la explodir num resultado luminoso e vibrante de vida. Agradava-lhe o cerimonial de parar na linha azul, sem a cruzar, aclarar a garganta direcionando o som de maneira que Richard ouvisse e entrar nos seus domínios para observar de longe o próprio trabalho, ficando os dois silenciosos lado a lado, porque não precisavam de trocar mais do que uma ou outra palavra para compreender exatamente o que o outro queria dizer. Era tão usual terem de se *explicar*, terem de se alongar sobre o que o seu trabalho significava, o que pretendiam alcançar, porquê esse objetivo e porque tinham escolhido aquela paleta, aquele tema, aqueles materiais, aquela solução, aquela técnica, que era um alívio poder simplesmente estar ao lado de alguém a quem não era necessário explicar coisa alguma, sendo-se livre de olhar, apenas, pelo tempo que se desejasse, de tal maneira que, surgindo alguma pergunta, normalmente era direta, literal e prendia-se com algum pormenor técnico. Ali, ser artista aparentava-se com ser mecânico ou canalizador: os obstáculos eram concretos, tudo era uma simples questão de mecânica, e as soluções, não mais do que duas.

Não havia áreas de expressão artística coincidentes, daí a inexistência de competição. Não havia o medo de o hipotético videoartista do grupo ser o primeiro a arranjar agente, menos ainda de um curador visitar o estúdio para ver o trabalho de algum e apaixonar-se pelo trabalho do vizinho. Contudo — e era uma ressalva importante —, JB respeitava o trabalho de cada um deles. Henry criava intrincados arranjos de flores e ramos feitos com vários tipos de seda. A esse inusitado *ikebana*, ele chamava escultura desconstruída, talvez porque, concluído o arranjo, retirava a malha metálica de apoio e a escultura desmoronava-se, tornando-se uma composição plana, uma abstração, qual charco multicolor que só o artista conhecera na anterior configuração tridimensional.

Ali era fotógrafo e, presentemente, estava a trabalhar numa série intitulada «A História dos Asiáticos na América». Começando em 1890, cada década da presença asiática nos Estados Unidos seria traduzida numa foto feita a partir de um diorama a retratar um acontecimento incontornável ou um tema dessa época. Richard fizera-lhe várias caixas de pinho — cubos abertos com 90 centímetros de aresta —, que Ali povoava com figurinhas de plástico compradas em casas de artesanato e que ele mesmo pintava. As árvores e as estradas, moldava-as em barro e envernizava-as. O fundo, pintava com pincéis de pelos finos como pestanas. Terminado o diorama, fotografava-o e fazia uma impressão cromogénica da imagem. Dos quatro, só Ali tinha agente, que lhe conseguira uma exposição para daí a sete meses, assunto em que os outros sabiam que não deviam tocar, porque ele se enchia de ansiedade e punha-se com lamúrias. Não estava a criar as imagens por ordem cronológica. Já tinha as décadas de 2000 (uma zona da Broadway na Baixa de Manhattan povoada de casais formados por homens brancos e asiáticas que seguiam dois ou três passos atrás deles) e 1980 (um minúsculo homem chinês a ser espancado por dois minúsculos rufiões brancos que empunhavam chaves de porcas, tendo o fundo da caixa sido envernizado para evocar um parque de

estacionamento depois de chover), estando agora a preparar o diorama de 1940, que lhe exigiria pintar cinquenta figurinhas masculinas, femininas e infantis, que seriam os prisioneiros do campo de concentração nipo-americano de Tule Lake. Dos quatro, Ali era aquele cujo trabalho artístico exigia mais dedicação, e, se lhes dava para procrastinar, visitavam-no na sua área do estúdio, sentavam-se ao seu lado, e, mal desviando os olhos do espelho de aumento pelo qual via a figurinha com menos de oito centímetros na qual estava a pintar uma saia de *tweed* e uns sapatos de colegial, Ali estendia-lhes um esfregão de palha de aço com que faria bolas do deserto e pedia-lhes que o desfiassem, ou um pedaço de arame muito fino no qual deviam fazer minúsculos nós para sugerir arame farpado.

Por fim, havia Richard, aquele cujo trabalho JB mais admirava. Tal como Henry, era escultor, porém, trabalhava exclusivamente com materiais efêmeros. Em papel milimétrico, desenhava formas mirabolantes, depois criava-as usando gelo, manteiga, chocolate ou banha e filmava o seu desaparecimento progressivo. JB adorava testemunhar a desintegração das esculturas de Richard, mas, havia um mês, ao ver uma monumental peça de dois metros e meio feita de sumo de uva congelado — um misto de asa de morcego e vela de navio esculpido em sangue coagulado — derreter até restar apenas uma poça, JB dera por si inesperadamente à beira das lágrimas, mas sem saber o que o comovera, se a destruição de algo tão belo, se o significado mais profundo do seu desaparecimento, que, por outro lado, era da ordem do quotidiano. Entretanto, Richard abandonara os materiais que derretiam e passara aos que atraíam os dizimadores. Interessavam-lhe particularmente as traças, que pareciam adorar mel. Até já partilhara com JB a sua visão de uma escultura tão atacada pelas traças que seria impossível ver os contornos do que elas estavam a devorar. Nos parapeitos das suas janelas alinhavam-se frascos de mel, os favos a flutuar como fetos em formol.

Dos quatro, só JB era classicista. Pintava quadros. E, pior ainda, era figurativista. Durante o curso de Artes Plásticas, não tivera um único colega que também se dedicasse ao figurativismo. Da videoarte à *performance*, passando pela fotografia, tudo colhia mais entusiasmo do que a pintura e *nada* era olhado com maior desinteresse do que a arte figurativa.

— Desde os anos cinquenta que assim é — lamentou um professor quando JB se queixou disso. — Sabes aquela publicidade dos fuzileiros, «Os poucos, os destemidos...»? Assim somos nós. Somos uns pobres coitados.

Claro que já tentara outras coisas ao longo dos anos. Esforçara-se por estender a sua expressão artística a outras áreas (Que dizer daquele seu estúpido projeto do cabelo, quando lhe dera para ser um sucedâneo da Méret Oppenheim! Seria possível ser-se mais vendido? Teve talvez a mais violenta discussão de sempre com Malcolm quando ele classificou tudo aquilo como «Lorna Simpson de fancaria», e o pior, evidentemente, foi que tinha inteira razão), mas, embora nem morto fosse jamais admitir perante outrem que ser pintor figurativo lhe parecia ter um quê de feminino ou mesmo amaricado — enfim, não se imaginava um gângster a pintar quadros assim —, tivera recentemente de aceitar que a sua identidade artística era essa e não outra. Adorava pintar e adorava ser retratista, portanto, era esse o seu

caminho.

Chegado aí, perguntou a si mesmo: Agora, o quê? Conhecera — *conhecia* — muitos outros que, quanto a técnica, eram incomparavelmente melhores artistas. Desenhavam melhor, trabalhavam melhor a composição e a cor e eram mais disciplinados. Porém, eram vazios de ideias. Um artista plástico é como um escritor ou um compositor: precisa de temas, de ideias. E, durante muito tempo, JB pura e simplesmente não as tivera. Tentara retratar apenas a população negra, mas já havia muitos a fazer isso e não sentiu que fosse acrescentar algo de novo. Durante algum tempo, dedicou-se a pintar prostitutas, mas também isso se tornou entediante. Começou a retratar as mulheres da sua família, mas isso trazia-o de regresso ao problemático tema da etnia negra. Começou uma série em que refazia cenas dos livros do Tintim retratando as personagens com traços realistas, mas depressa lhe pareceu demasiado irónico e superficial, e abandonou a ideia. Seguiu-se uma fase em que mandriava de tela em tela: pintava pessoas na rua e no metro e cenas das inúmeras festas de Ezra (talvez os seus piores quadros, porque a fauna que povoava essas ocasiões era do tipo que se veste e comporta como se ciente de que é permanentemente observada, daí resultando incontáveis estudos de raparigas em pose e tipos a pavonear-se, sendo a sua única preocupação fingir que não o estavam a ver desenhá-los). Até que, certa noite, estando no deprimente apartamento de Jude e Willem, instalado no seu deprimente sofá, os viu na sua miniatura de cozinha, onde mal se conseguiam mexer enquanto preparavam o jantar. Pareciam um casal de lésbicas sem tempo para nada. Embora fosse domingo, não estava em casa da mãe, porque ela, a avó e as tias se tinham lembrado de fazer um cruzeiro no Mediterrâneo e ele recusara ir por não lhe parecer haver coisa mais pirosa. Mas habituara-se a essas visitas de domingo com jantar incluído — um jantar a sério —, daí ter-se feito convidado para a casa de Jude e Willem, sabendo que estariam os dois, visto nem um nem outro terem dinheiro para sair.

Levara o bloco de esboços, como sempre fazia, e, quando Jude se sentou à mesa de jogo para picar cebolas (tinham de preparar tudo na sala, porque não tinham espaço de bancada na cozinha), quase sem pensar, começou a esquisá-lo. Ouviram-se marteladas na cozinha e a sala inundou-se do cheiro do azeite a queimar. Indo ver o que se passava, JB deu com Willem a espalmar um frango aberto a golpes de frigideira, de braço erguido qual dominador com o dominado à mercê, a sua expressão, estranhamente serena. Desenhou-o também.

Na altura, não percebeu se aquilo era o começo de um projeto, mas, no fim de semana seguinte, quando os quatro foram jantar ao Pho Viet Huong, levou uma das máquinas fotográficas antigas de Ali e fotografou os outros três a comer, e, mais tarde, a caminhar pela rua debaixo de neve. O passeio estava escorregadio e iam andando especialmente devagar por consideração para com Jude. JB observou-os pelo visor: Malcolm, Jude e Willem, Malcolm e Willem a flanquear Jude, suficientemente próximos para o amparar se ele escorregasse (algo que JB percebeu porque já estivera na mesma situação), mas não tão próximos que o levassem a suspeitar que estavam a prever que ele ia cair. Ocorreu a JB que jamais

tinham discutido ter esse cuidado; simplesmente tinham começado a tê-lo.

Tirou a foto.

— Qual é a tua, JB? — perguntou Jude.

— Para, JB — protestou Malcolm.

Nessa noite, a festa era na Centre Street, nas águas-furtadas de Mirasol, que eles tinham conhecido através da irmã gémea Phaedra, uma antiga colega de faculdade. Distribuíram-se por vários grupos e, depois de acenar a Richard, que estava do outro lado do espaço, e de constatar com irritação que Mirasol servira um bufete, ou seja, acabava de deitar catorze dólares ao lixo no Pho Viet Huong quando podia ter jantado ali sem gastar dinheiro, JB deu por si a acercar-se de Jude, entretido na conversa com Phaedra. Com eles, estavam um badocha que talvez fosse namorado dela e um barbudo magricela que JB reconheceu como um colega de Jude — que estava sentado nas costas de um sofá, com Phaedra a seu lado, os dois de olhar erguido para o badocha e o magricela, os quatro a rir. JB fotografou-os.

Nas festas, normalmente era logo requisitado por algum grupo ou escolhia-o ele, e era como se lhe desse vida. E assim continuava até ao final da festa: saltitando entre trios e quartetos, ouvia os mexericos, lançava rumores inofensivos, fingia partilhar confidências e fazia os outros confessar-lhe quem odiavam revelando-lhes ele os seus ódios de estimação. Mas, nessa noite, circulou. Motivado, alerta e relativamente sóbrio, fotografou as movimentações dos três amigos, que seguiam os respetivos padrões sem consciência de que ele os estava a observar. Ao fim de um par de horas, viu os três junto da janela. Inclinação, Willem e Malcolm ouviam Jude, até que, de repente, recuaram os três a rir às gargalhadas, e, ainda que, por um instante, a cena o tenha deixado melancólico e um tanto ciumento, houve também uma sensação de triunfo, porque registara os dois momentos. *Esta noite, «eu sou uma câmara com o obturador aberto»*, disse para consigo. *Torno a ser o JB amanhã.*

Num certo sentido, talvez nunca tivesse gostado tanto de uma festa, e ninguém pareceu reparar na perseguição que ia movendo aos outros três, exceto Richard, que, uma hora mais tarde, estando os quatro de saída a caminho da Alta de Manhattan (os pais de Malcolm estavam no campo e ele julgava saber onde a mãe escondia a marijuana), o chamou com uma inesperada palmadinha afetuosa no ombro, qual pai ternurento.

— Projeto novo?

— Espero que sim.

— Boa.

No dia seguinte, sentou-se ao computador e examinou as fotos dessa noite. A máquina fotográfica não era das melhores e as imagens surgiam, sem exceção, envoltas numa névoa amarelada. Por outro lado, ele não era propriamente exímio a focar, o que resultara em tonalidades mornas, expressões suavizadas e contornos esbatidos, como se a objetiva fosse um copo de uísque. Deteve-se num plano aproximado de Willem, que sorria para alguém fora de campo (uma rapariga, certamente), depois, numa foto de Jude e Phaedra no sofá — ele, com uma

camisola azul-marinho que JB ainda não percebera se era sua, se de Willem, porque ambos a usavam muitas vezes, e Phaedra, com um vestido de malha cor de vinho do Porto, inclinada para ele, o seu cabelo escuro tornando o de Jude mais claro, enquanto o áspero forro verde-azulado do sofá lhes emprestava um brilho de pedras preciosas. Num e noutro, não havia uma imperfeição visível. A sua tez dava vontade de lambar. E aquelas cores, quem não as queteria pintar? Pois bem, JB assim fez. Começou por esquisar a imagem, depois fez estudos a aguarela, e, por fim, passou ao acrílico sobre tela.

Quatro meses depois, tinha onze telas quase terminadas — no seu caso, era um feito —, onze cenas das vidas dos três amigos: Willem numa audição, dando uma última vista de olhos ao texto enquanto aguardava a sua vez, com a bota contra uma imunda parede vermelha; Jude a assistir a uma peça de teatro, de rosto parcialmente na sombra, no preciso instante em que sorrisa (ao fazer a foto, JB por pouco não fora expulso do teatro, mas valera a pena); Malcolm, muito hirtito no sofá, ligeiramente afastado do pai, de costas direitas e mãos a segurar os joelhos, os dois a ver um filme de Buñuel na televisão, que não surgia na imagem. Depois de experimentar algumas soluções, decidiu-se por telas de 50 cm por 60 cm na horizontal. Dessa forma, se algum dia as expusesse, desenhariam uma faixa ininterrupta pelas paredes de uma galeria, cada imagem sucedendo-se à anterior com uma fluidez de fotogramas numa tira de película. O estilo era não só realista como fiel à realidade da foto: continuara a usar a mesma máquina fotográfica antiga e tentara que cada quadro apresentasse aquele toque esfumado de que se apercebera ao ver as primeiras fotos. Dir-se-ia que alguém removera delicadamente a primeira camada de realidade, a mais nítida e definida, podendo então observar-se uma segunda realidade, mais suave, que, em condições normais, o olho humano não teria visto.

Em momentos de insegurança, JB temia que o projeto fosse demasiado excêntrico e pessoal — daí a importância de se ter um agente, que, quando mais não fosse, recordava ao artista que *alguém* gostava do seu trabalho, considerando-o importante, ou, pelo menos, belo —, mas não podia negar o prazer que a sua concretização lhe estava a proporcionar. Sentia-se realizado. Sentia-se um autor. Ocasionalmente, lamentava não ter participado naqueles momentos — naquela narrativa das vidas dos amigos, a sua ausência era uma considerável parte em falta —, mas, por outro lado, tocara-lhe o papel de criador, o que o colocava no lugar de deus. Pudera olhar os amigos de outra perspetiva, não como apêndices da sua vida, mas como personagens de corpo inteiro que protagonizavam as suas histórias. Chegou a sentir que, conhecendo-se havia tantos anos, os estava a ver pela primeira vez.

Depois de um mês a trabalhar no projeto, compreendeu que o iria levar até ao fim. O passo seguinte seria forçosamente explicar-lhes porque passara a andar atrás deles de máquina fotográfica em riste, registando os instantes mais banais das suas vidas, e porque era crucial que lhe permitissem continuar a fazer isso, dando-lhe o máximo possível de acesso ao seu dia a dia. Com um nervosismo que não lhe era habitual, fez o seu discurso numa noite em que, na esperança de terem encontrado

uma alternativa ao Pho Viet Huong, foram jantar *noodles* num vietnamita na Orchard Street. No fim, Malcolm e Willem olharam para Jude. Se alguém iria levantar obstáculos, era ele. Os outros dois não lhe criariam dificuldades, calculara JB, mas isso não lhe resolvia o problema. Apenas resultaria se os três aceitassem. Jude era, de longe, o mais inibido. Durante o curso, se o tentavam fotografar, voltava a cabeça ou escondia a cara com a mão, e, sempre que ria ou sorria, cobria a boca, um automatismo que incomodava os três e de que ele apenas se libertara em anos recentes.

Tal como temera, Jude mostrou-se desconfiado.

— Isso envolveria o quê? — não parava de perguntar, e, enchendo-se de paciência, JB assegurou-lhe uma vez e outra que, obviamente, o objetivo não era humilhá-lo nem explorar a sua imagem, mas tão-só fazer a crónica visual da *espuma dos seus dias*. Silenciosos, Malcolm e Willem deixaram-no travar aquele combate, até que Jude finalmente consentiu, embora não se mostrasse agradado com a ideia.

— É para durar quanto tempo? — perguntou.

— Espero que para sempre. — Disse isto com inteira sinceridade. Apenas se arrependia de não ter começado mais cedo, quando eram jovens.

Ao saírem do restaurante, acompanhou Jude.

— Ouve — disse-lhe baixinho, de maneira que os outros não ouvissem —, sempre que surgires na foto, eu mostro-te antes de avançar. As que vetares, não uso.

Jude fitou-o.

— Prometes?

— Juro.

Arrependeu-se mal assumiu o compromisso. Agradava-lhe particularmente pintar Jude: não só era o mais bonito dos três como tinha o rosto mais interessante, a sua tez permitia o cromatismo mais invulgar e era o mais tímido, o que o tornava um retratado mais precioso do que os outros.

No domingo, durante a costumeira visita à mãe, foi ao seu quarto de criança e pôs-se a revolver as caixas com papelada do curso, em busca de uma foto que sabia que tinha. Por fim, encontrou-a: Jude, durante o primeiro ano. Não se lembrava de quem a tirara ou sequer de lhe ser dada. Mostrava Jude de pé, na sala comum da suíte na residência, voltado a três quartos. Rodeara o peito com o braço esquerdo, daí ver-se a cicatriz qual irradiação lustrosa nas costas da mão. Na outra, segurava desajeitadamente um cigarro por acender. Vestia uma *T-shirt* de manga comprida, branca com listras azuis, decerto emprestada, porque lhe estava enorme (pensando melhor, talvez fosse sua; naquele tempo, toda a sua roupa lhe ficava grande, porque, souberam mais tarde, ele comprava tudo um ou dois tamanhos acima do seu, para lhe servir nos anos seguintes, visto que ainda estava a crescer), e o cabelo mal cortado, que, nessa altura, ele usava mais comprido, para se esconder, dava-lhe pela linha do maxilar. Mas, se algo havia de inesquecível na imagem, era a expressão de Jude, tomada de uma circunspeção que, naquela altura, jamais o abandonava. Depois de anos sem ver aquela foto, ao examiná-la, JB sentiu um

vazio que não sabia explicar.

Era esse o quadro em que agora estava a trabalhar e, por uma vez, quebrara a regra das dimensões: estava a usar uma tela de 100 cm por 100 cm. Durante vários dias, experimentara combinações de cores, até finalmente obter o esquivo verde-serpentino das íris de Jude, e refizera várias vezes o colorido do cabelo até finalmente ficar satisfeito. Como por vezes sucede com os artistas, JB tinha plena consciência de que pintara um quadro extraordinário, e Jude apenas o veria mais tarde, em exposição numa galeria, quando já nada pudesse fazer quanto a isso. JB sabia que ele ia odiar ver-se tão frágil e feminino, tão vulnerável e tão *jovem*, além dos inúmeros defeitos imaginários que iria encontrar no retrato e que JB não tinha como prever, porque não era como Jude, que não regulava bem da cabeça e parecia ter aversão a si mesmo. Aos olhos de JB, aquele quadro era a expressão do que ele ambicionava para todo o projeto, que seria uma carta de amor, um documento, uma saga e algo de unicamente *seu*. Por vezes, ao trabalhar naquela tela, sentia-se voar. Imaginava o mundo das galerias de arte, das festas e dos outros artistas e suas ambições reduzido a uma cabeça de alfinete aos seus pés, tão insignificante que, com um chuto, a podia desterrar para uma órbita afastada que nada tivesse que ver consigo.

Eram quase seis da tarde. Em breve a luz mudaria. De momento, o estúdio continuava silencioso, embora se ouvisse o metro à distância. Ali estava o quadro diante dele, à espera. Agarrou no pincel e começou a trabalhar.

Andava poesia à solta no metro. Por cima do alinhamento de assentos de plástico, por entre anúncios de dermatologistas e promessas de graus académicos tirados por correspondência, liam-se poemas impressos em grande formato e que alguém se dera ao trabalho de laminar: Stevens, Roethkes e Lowells de segunda, terceira e quinta categoria, versos que não pretendiam inquietar ninguém, a raiva e a beleza reduzidos a aforismos vazios.

Pelo menos, assim dizia JB sempre que reparava nisso. Era contra os poemas no metro. Tinham surgido quando ele estava nos primeiros anos do secundário e, desde então, não mais deixara de se queixar, já lá iam quinze anos.

— Em vez de subsidiarem a *verdadeira* arte e os *verdadeiros* artistas, dão dinheiro a um bando de bibliotecárias solteironas e bichas de casaco de malha para escolher estas merdas! — disse a Willem, gritando para se fazer ouvir acima da chiadeira do metro da linha F. — Ainda por cima, é sempre esta merda tipo Edna St. Vincent Millay. Ou, se é algum dos bons, escolhem sempre qualquer coisa inofensiva. E todos brancos, já reparaste? A que propósito?

Uma semana depois, Willem reparou num poema de Langston Hughes e ligou a JB para lhe dizer.

«Langston *Hughes*?!», repetiu ele, num queixume. «Deixa-me adivinhar: *Um Sonho Adiado*. Acertei? Eu sabia! Essa merda não conta. E digo-te mais: se alguma coisa *explodisse*, como ele escreve, tiravam esse poema do metro em dois segundos.»

Nessa tarde, no metro, Willem repara num poema de Thom Gunn: «O seu relacionamento consistia / Em discutirem se existia.» Por baixo, alguém escreveu

a marcador preto: «Não te chateies, meu, eu também não consigo dar uma queca.» Fecha os olhos.

Não é prometededor sentir-se tão cansado às quatro da tarde. Ainda nem começou o turno. Não devia ter ido ao concerto em Brooklyn na noite anterior, mas JB não arranjava companhia, por isso atirou-lhe à cara que ele lhe devia um favor, ou não o acompanhara àquele horroroso monólogo do seu amigo havia um mês?

Cedeu à chantagem, claro.

— Que banda é? — perguntou, enquanto aguardavam na plataforma do metro. O casaco não o agasalhava e perdera uma luva, o que explicava a sua postura: braços cruzados, mãos enfiadas nas axilas e o peso do corpo a oscilar nos calcanhares. Estava a tentar não arrefecer. Começara a usá-la sempre que tinha de esperar ao frio.

— A do Joseph — respondeu JB.

— Ah — murmurou Willem. Não fazia a mais pequena ideia de quem era Joseph. Admirava o talento felliniano de JB para gerir um vasto círculo social onde todos eram figurantes de guarda-roupa extravagante, sendo ele, Malcolm e Jude cruciais, mas, ainda assim, meros acessórios no mundo de JB, que era o protagonista, sendo eles modestos assistentes do operador de câmara e do diretor de arte no filme da sua vida, tacitamente responsáveis por assegurar que as coisas lhe corriam a gosto.

— Tocam *punk hardcore* — teve JB a simpatia de acrescentar, como se isso pudesse ajudar Willem a identificar Joseph.

— Como se chama a banda?

— OK, falta essa parte — disse JB, com um sorriso de quem fora apanhado em flagrante. — São os Smegma Cake 2.

— Hã? — exclamou Willem, agora a rir. — Smegma Cake 2? Então porquê? Por onde andam os Smegma Cake 1?

— Apanharam uma infeção estafilocócica! — respondeu JB, erguendo a voz para se fazer ouvir acima do ruído do metro a entrar na estação. A poucos passos, uma idosa lançou-lhes um olhar desagradado.

Previsivelmente, os Smegma Cake 2 não eram grande coisa. Na verdade, nem sequer eram uma banda *hardcore*. A sua sonoridade indefinida, mas que convidava a gíngar, era aparentada sobretudo com o *ska*. («O som deles está diferente!», gritou-lhe JB ao ouvido durante uma das músicas mais longas: «Phantom Snatch 3000.» «Pois!», gritou-lhe Willem de volta. «Está uma merda!») Não havia canção que não durasse vinte minutos, ou assim lhe parecia, e então, a meio do concerto, tomando consciência de que estava a ver uma banda absurda numa sala de espetáculos do tamanho de uma caixa de sapatos, deu-lhe para a patetice e ele e JB puseram-se com moches desajeitados, como se os demais fossem trampolins, até que, por fim, todos na assistência estavam a colidir e a rir como crianças a ensaiar os primeiros passos, e JB segurou-lhe os ombros e riram um para o outro. Em momentos assim, Willem amava JB sem reservas. Só ele tinha aquela capacidade e disposição para ser completamente fútil e palerma, algo que nunca

aconteciam com Malcolm ou Jude, porque, não obstante toda a conversa em contrário, Malcolm se preocupava muito com o tato e as boas maneiras, enquanto Jude era sério e pronto.

Claro que, de manhã, sofrera as consequências. Acordara no canto que JB ocupava nas águas-furtadas de Ezra, no seu colchão sem lençóis (no chão, com um amontoado de roupa suja de cheiro turfoso a servir-lhe de almofada, JB ressonava sonora e regaladamente), sem saber como tinham atravessado a ponte. Willem não era muito de beber ou fumar erva, mas, na companhia de JB, dava por si a alinhar nesse tipo de diversão. Foi um alívio regressar à Lispernard Street e ao seu apartamento tranquilo e asseado. Entre as onze da manhã e a uma da tarde, o sol incidia no seu lado do quarto, entrando na diagonal e inundando-o de um calor indolente. Havia muito que Jude fora trabalhar. Willem programou o alarme e adormeceu de seguida. Quando acordou, apenas teve tempo para um duche e para engolir uma aspirina, depois saiu a correr para apanhar o metro.

O restaurante onde trabalhava ganhara reputação pela comida invulgar, mas não bizarra, e pelos empregados infalivelmente solícitos e competentes. No Ortolan, a regra era ser simpático, mas sem familiaridades, acessível, porém nunca informal. Findlay, o gerente, tinha um lema:

— Somos o Ortolan e não o Friendly's. — E acrescentava: — Sorriam, mas ninguém tem de vos tratar pelo nome.

Não faltavam regras desse género. As empregadas podiam usar as alianças, mas, de resto, nada de joias. No caso dos homens, o comprimento do cabelo não podia ultrapassar os lóbulos das orelhas, o verniz de unhas estava interdito e a barba não podia ter mais de dois dias. Bigodes e tatuagens eram analisados caso a caso.

Willem servia às mesas no Ortolan havia quase dois anos. Antes disso, fizera o turno do *brunch* aos fins de semana e os almoços de segunda a sexta no Digits, um barulhento e muito procurado restaurante em Chelsea, frequentado sobretudo por homens de quarenta anos ou mais velhos, que lhe perguntavam se vinha no *menu*, depois riam, orgulhosos da sua piada malandra, como se fossem os primeiros a sair-se com aquela, quando Willem já ouvira o mesmo uma dúzia de vezes apenas naquele turno. Ainda assim, nunca deixava de sorrir e responder:

— Venho nas entradas.

— E posso comer-te de faca e garfo? — replicavam eles. Willem sorria uma vez mais e, no fim, era presenteado com uma boa gorjeta.

Fora Roman, também ator e seu amigo desde o curso de Teatro, a recomendá-lo a Findlay ao despedir-se do restaurante depois de conseguir um papel no elenco de apoio de uma telenovela. (Em conversa com Willem, confessou-lhe ter sentimentos mistos quanto a entrar numa telenovela, mas fazer o quê? Não podia recusar tanto dinheiro.) Willem agradeceu-lhe tê-lo recomendado, porque, além da comida e do serviço, o Ortolan era conhecido — por um grupo bem mais restrito — pelo horário flexível, sobretudo quando o gerente simpatizava com o empregado em questão. Findlay gostava de morenas franzinas com peito de rapazinho e de qualquer homem que fosse alto e magro — e, segundo os rumores,

não asiático. Por vezes, Willem detinha-se momentaneamente junto da cozinha e observava os dissonantes pares de morenas baixinhas e magricelas altos que circulavam pela sala como bizarras duplas de patinagem artística num concurso de minuetes.

Nem todos no Ortolan eram atores. Ou, melhor dizendo, vários no Ortolan *já não* eram atores. Havia restaurantes em Nova Iorque onde um ator servia às mesas para pagar a renda e, quando dava por isso, era um empregado de mesa que fora ator. Sendo um restaurante conceituado, respeitado, tal mudança de carreira, mais do que perfeitamente aceitável, era o melhor que lhes podia acontecer. Um empregado num restaurante de categoria conseguia mesa para os amigos ainda que a lista de espera fosse longa e, caindo nas boas graças do pessoal da cozinha, até conseguia que eles não pagassem algumas coisas (embora Willem tivesse entretanto descoberto que cair nas boas graças do pessoal da cozinha não era tão fácil como julgara). O que mais podia um ator que trabalhava a servir às mesas oferecer aos amigos? Bilhetes para mais uma peça off-off-Broadway sem orçamento para guarda-roupa, tendo o ator que interpretava um corretor da Bolsa que talvez fosse um morto-vivo de usar um dos seus fatos? (Acontecera-lhe isso no ano anterior e, não tendo um único fato, tivera de o pedir emprestado a Jude, que usava calças com mais três centímetros de perna do que ele, o que o obrigara a fazer a bainha com fita de pintura.)

No Ortolan, facilmente se percebia quem fora ator e entretanto se tornara empregado de mesa a tempo inteiro. Para começar, os carreiristas eram mais velhos. Depois, eram miudinhos e picuinhas com as regras de Findlay. Nos jantares do pessoal, o assistente de escanção servia-lhes o vinho, eles davam-se ares ao rodá-lo no copo antes de provar, e depois diziam coisas como «Tem qualquer coisa daquele *Linne Calodo Petite Sirah* que serviste na semana passada, não dirias, José?», ou «Tem um toque mineral, não concordas? É da Nova Zelândia?» Subentendia-se que não os deviam convidar para ir ver as peças — atores que servissem às mesas apenas convidavam outros como eles e, quando se era um dos contemplados, considerava-se de bom-tom fazer pelo menos um esforço para ir —, muito menos falar-lhes de audições, agentes ou outros temas nessa linha. Ser ator era como ir para a guerra e eles eram os veteranos: não queriam lembrar-se da guerra, muito menos estavam dispostos a falar do assunto com os imberbes ingênuos que corriam ávidos para as trincheiras, entusiasmados por estar no terreno.

O próprio Findlay já fora ator, mas, ao contrário de outros como ele, gostava de falar desses tempos ou, pelo menos, de uma versão do que vivera. (Da mesma maneira, dizer que ele gostava de falar do tema talvez fosse abusivo, devendo apenas dizer-se que falava.) Segundo o próprio, só por uma unha negra não conseguira o principal papel secundário masculino de *A Bright Room Called Day* numa encenação apresentada no Public Theater (mais tarde, uma das empregadas explicou-lhes que todos os papéis de algum destaque nessa peça eram femininos). Além disso, chegara a integrar um elenco da Broadway como ator substituto (não revelou qual a peça). Findlay era um testemunho vivo de que as carreiras de ator se

podiam esfumar, era uma história ambulante que encerrava um aviso e que andava pelo Ortolan vestida de fato de lã cinzento, e os atores no ativo passavam-lhe ao largo como se a maldição que o assolara fosse contagiosa, ou estudavam-no, como se o contacto com o infetado os inoculasse contra o mal que o atingira.

Em que momento desistira Findlay da carreira de ator? Como acontecera? Teria sido simplesmente por causa da idade? Afinal de contas, se ainda não tinha cinquenta, tinha 45, de certeza. Já era velho. Qual seria o momento de desistir? Seria quando, com 38 anos, ainda não se tinha conseguido um agente (como suspeitavam ser o caso de Joel)? Ou seria quando, aos quarenta, ainda se dividia apartamento e se ganhava mais no *part-time* a servir às mesas do que no ano em que se fora ator a tempo inteiro (como sabiam ter acontecido com Kevin)? Seria quando se engordava, se perdia o cabelo ou se fazia uma desastrosa operação plástica que não disfarçava a gordura e a calvície? Em que ponto deixava a luta pelo sonho de ser um ato de coragem para se tornar insensatez? Como saber quando parar? Em décadas anteriores, mais rígidas e menos complacentes (o que, em última análise, talvez ajudasse), decerto tudo fora mais claro: parava-se ao chegar aos quarenta, ou quando se casava ou tinha filhos, ou depois de cinco, dez ou quinze anos de tentativas. Nessa altura, arranjava-se um emprego a sério e os sonhos de ser ator e ter uma carreira desapareciam tal como o sol se põe, diluindo-se no passado como gelo em água quente.

Porém, estava-se na era da realização pessoal e alguém que desistisse do sonho para se resignar à segunda opção era considerado um fraco desprezível. Nalgum momento não especificado, a aceitação de um destino que se tornava óbvio deixara de ser olhada como uma atitude digna para se tornar um sinal de cobardia. Por vezes, a pressão de alcançar a felicidade tornava-se quase opressiva, como se a felicidade estivesse ao alcance de todos e fosse uma obrigação, e qualquer cedência na sua busca, culpa exclusiva do próprio. Willem perguntava-se se continuaria a trabalhar no Ortolan ano após ano enquanto apanhava repetidamente o metro para ir às audições e fazia uma e outra e outra. Nesse ritmo de trator de lagarta, talvez chegasse um ano em que avançaria qualquer coisa, embora tão pouco que talvez nem se pudesse considerar um verdadeiro avanço. Na altura certa, teria a coragem de desistir? Saberia quando esse momento chegasse? Ou, algures no futuro, acordaria, e, olhando-se ao espelho, veria um velho que insistia em dizer-se ator por medo de admitir que não era e talvez jamais viesse a ser?

Na opinião de JB, o culpado de Willem ainda não ser um ator conhecido era o próprio Willem. Dava-lhe sermões sobre o assunto e um dos seus favoritos começava com «Se eu tivesse a tua figura, Willem» e terminava com: «Conseguiste tanta coisa sem esforço que ficaste mal habituado e agora achas que te vai cair *tudo* no colo sem teres de mexer um dedo. E vou dizer-te a verdade, Willem: tens boa figura, sim, mas *todos* nesta cidade têm boa figura, portanto, deixa de ser mimado e esforça-te mais.»

Por um lado, achava irónico ouvir tais coisas de JB (Quem era ele para lhe chamar mimado, com aquela família de galinhas a cacarejar de volta dele, a apaparicá-lo com os seus pratos preferidos e as camisas acabadas de passar a ferro,

somando a isso um exagero de elogios e afeto que não o deixava ver as coisas como eram? Chegara a ouvi-lo ao telefone com a mãe, a pedir-lhe que lhe comprasse mais roupa interior, que ele traria consigo quando lá fosse jantar no domingo, e, já agora, que lhe fizesse costeletas), mas, por outro, compreendia o que ele queria dizer. Não sendo preguiçoso, faltava-lhe a ambição de JB ou Jude, um e outro animados dessa espécie de ideia fixa que os fazia seguir implacavelmente em frente contra todos os obstáculos, continuando no estúdio ou no escritório quando já não restava mais ninguém, e que lhes dava aquele olhar um pouco ausente que sempre fazia Willem suspeitar que uma pequena parte de cada um deles já estava a viver um futuro imaginário cujos contornos eram visíveis apenas para si. No caso de JB, a ambição era carburada por uma ânsia lasciva de viver quanto antes esse futuro. Jude, por sua vez, parecia-lhe motivado pelo temor de que, não avançando, acabaria arrastado de volta ao passado, à vida que deixara para trás e de que se recusava a falar com qualquer deles. De resto, essa ambição não era exclusiva de Jude e JB. Nova Iorque era a cidade dos ambiciosos. Muitas vezes, era tudo o que unia todos os que a habitavam.

Da ambição e do ateísmo.

— Só tenho uma religião: a ambição — dissera-lhe JB certa noite, depois de várias cervejas. Aos ouvidos de Willem, a frase pareceu cerebral, como se ele a estivesse a ensaiar, em busca de um tom despreocupado de quem a diz sem lhe dar grande importância, decerto a preparar-se para o momento em que, no futuro, a diria a um jornalista. Mesmo assim, viu que JB estava a ser sincero. Só os nova-iorquinos sentiam a obrigação de se justificar caso perseguissem a carreira com menos do que uma fúria cega. Só os nova-iorquinos sentiam necessidade de se desculpar por ter fé em algo mais que apenas a sua pessoa.

Com frequência, a cidade fazia-o sentir que lhe faltava algum traço de personalidade fundamental, mas que desconhecia, e que essa ignorância o condenaria a uma vida inteira no Ortolan. (Já durante o curso acreditara piamente não haver ali ninguém mais burro do que ele e que o tinham deixado entrar por o verem como uma espécie de representante não oficial dos brancos pobres vindos da parvónia, entendendo que aceitar semelhante criatura seria um sinal de que a universidade queria uma sociedade mais igual e mais justa.) E tinha a sensação de que os outros três se apercebiam dessa sua lacuna, embora JB fosse o único a mostrar-se verdadeiramente incomodado.

— Às vezes, não sei o que pensar de ti, Willem — disse-lhe certa vez, num tom que sugeria que isso que ele pensava ou deixava de pensar sobre Willem não lhe era favorável. A conversa acontecera uns anos antes, pouco tempo depois de Merritt, o antigo companheiro de apartamento de Willem, ter conseguido um dos dois papéis principais numa nova produção off-Broadway de *O Verdadeiro Oeste*. O outro protagonista ficaria a cargo de um ator que fora recentemente cabeça de cartaz num filme independente aclamado pela crítica, encontrando-se naquela curta fase em que a sua credibilidade artística não fora beliscada, ao mesmo tempo que se adivinhava para breve o êxito junto do grande público. O encenador (com quem Willem há muito sonhava trabalhar) prometera dar o segundo protagonista

a um desconhecido e assim fizera. Simplesmente, restando dois candidatos ao papel, o desconhecido e feliz contemplado fora Merritt e não Willem.

A indignação dos amigos não se fez esperar.

— O Merritt nem sequer sabe representar! — exclamou JB num tom lamentoso. — Fica especado no palco, convencido de que lhe basta o magnetismo! — Tinham começado a falar da última peça em que o tinham visto: uma encenação de *La Traviata* com um elenco inteiramente masculino, levada à cena numa sala off-off-Broadway. A ação fora transposta para Fire Island na década de oitenta e, a Merritt, coubera o papel de Violetta, desta feita, Victor, que morria de sida e não de tuberculose. Os três estavam de acordo em que a experiência fora quase intragável.

— Bem, é inegável que ele *tem* presença — disse Willem, numa pouco convincente tentativa de sair em defesa do ex-companheiro de apartamento, que não estava ali para se defender.

— Vá lá, ele não é essa beldade *toda* — replicou Malcolm, com uma veemência que surpreendeu os outros.

— A tua vez vai chegar, Willem — consolou-o Jude ao regressarem a casa depois do jantar. — Se há justiça no mundo, vai acontecer. Esse encenador é imbecil. — Jude nunca o culpava pelos falhanços, ao contrário de JB, que nunca deixava de o fazer. Willem não sabia qual das duas era pior.

Ficou-lhes grato por se indignarem daquela maneira, claro, mas, contrariamente a eles, não tinha uma opinião tão negativa de Merritt. Não se achava mais talentoso do que ele. Pelo contrário, talvez fosse menos. Mais tarde, confessou isto mesmo a JB, que reagiu com um longo silêncio transbordante de desagrado, após o que se lançou noutro dos seus sermões. «Às vezes, não sei o que pensar de ti, Willem» foi a frase de abertura. Depois:

«Chego a ter a sensação de que nem queres verdadeiramente ser ator.»

— Não é verdade — protestou ele. — Apenas não acredito que tantas rejeições não signifiquem alguma coisa ou que todos os que me passam à frente o consigam por pura sorte.

Novo silêncio.

«És demasiado bonzinho, Willem», declarou JB, sombrio. «Assim, nunca vais chegar a lado nenhum.»

— Obrigado, JB — replicou ele. Raramente ficava ofendido com as opiniões do amigo (que, o mais das vezes, tinha razão), mas, dessa vez, teve pouca vontade de ouvir JB discorrer sobre as suas insuficiências e prever-lhe um futuro desolador a menos que mudasse de personalidade. Terminada a chamada, deitou-se, mas o sono não veio, e ali ficou a lamentar-se pelo impasse em que se encontrava.

Mudar de personalidade parecia-lhe uma hipótese mais ou menos excluída. Até porque era tarde para isso, não? Afinal, antes de ser um homem de bom coração, fora um rapaz de bom coração, algo em que todos reparavam: professores, colegas e pais de colegas. «O Willem é uma criança muito compassiva», escreviam os professores nas fichas de avaliação que a mãe ou o pai liam na diagonal uma única vez e sem dizer palavra, para, de seguida, as juntarem à pilha de jornais e

envelopes vazios para reciclar. Ao crescer, começou a dar-se conta de que, de maneira geral, os seus pais surpreendiam as pessoas, quando não as perturbavam. No secundário, uma professora chegou a deixar escapar que, perante o seu temperamento, imaginara uns pais diferentes.

— Como assim? — perguntou Willem.

— Mais calorosos — explicou a professora.

Willem não se considerava particularmente generoso ou mais feliz do que a maioria. Não sentia grandes dificuldades nos desportos nem no estudo, nem para fazer amigos ou conquistar as atenções das raparigas. Não era necessariamente *boa* pessoa. Não tinha a meta de ser amigo de toda a gente e não tolerava abrutalhados, mesquinhez ou golpes baixos. Era humilde e trabalhador, mais aplicado do que brilhante, sabia. «Devemos ter consciência do nosso lugar», dizia-lhe muitas vezes o pai.

Que sempre observara esse princípio. Willem recordava uma ocasião, no final de uma geadada tardia em plena primavera que matara um grande número de cordeiros na região, em que o pai foi entrevistado por uma jornalista que estava a escrever um artigo sobre o impacto daquela geadada negra nas quintas da zona.

— Enquanto rancheiro... — começou ela.

— Não sou rancheiro — interrompeu o seu pai sem hesitar. O sotaque tornava tudo quanto ele dissesse brusco e desagradável e o mesmo aconteceu nessa ocasião. — Trabalho num rancho — esclareceu. Tinha inteira razão, claro. Ser rancheiro era outra coisa, significava ser dono de terras, portanto, em rigor, ele não cabia nessa definição. Por outro lado, não faltavam outros no condado que tão-pouco tinham o direito de se intitular rancheiros, mas não era por isso que deixavam de o fazer, um comportamento que Willem jamais ouviu o pai criticar, porque o pai não ligava ao que os outros faziam ou deixavam de fazer. Simplesmente, não era dado a exagerar o estatuto, seu ou da mulher, a mãe de Willem.

Talvez por isso, Willem sempre tivera a clara noção de quem era e do que era, daí que, ao seguir o seu caminho e deixar para trás o rancho e a infância, jamais lhe tivesse parecido necessário mudar alguma coisa em si ou reinventar-se. Ao entrar para o curso, sentira-se uma espécie de convidado, impressão que se mantinha quando o terminara, e, presentemente, sentia-se um convidado em Nova Iorque e nas vidas dos belos e ricos. Jamais tentaria convencer alguém de que nascera num ambiente semelhante. Não era o caso e ele tinha consciência disso. Era filho de um encarregado de um rancho no lado oeste do Wyoming e, lá porque viera para Nova Iorque, isso não significava que queria reescrever as suas origens socorrendo-se da passagem do tempo, das novas experiências e da proximidade de gente com dinheiro.

Era o mais novo de quatro irmãos e o único que sobrevivera. Britte, a mais velha, morrera de leucemia com dois anos, ainda Willem não era nascido. Acontecera na Suécia, para onde o pai emigrara da Islândia natal para trabalhar num viveiro de peixes, onde viria a conhecer a mulher dinamarquesa, mãe de Willem. Seguiu-se a ida para a América e o primeiro filho varão, Hemming, que nascera com paralisia cerebral. Três anos depois, nascera outro rapaz, Aksel, que,

sem causa aparente, morrera durante o sono.

Quando ele nasceu, Hemming tinha oito anos. Não andava nem falava, mas Willem adorava o irmão mais velho e, na sua cabeça, Hemming jamais foi outra coisa senão isso. Não obstante o resto, conseguia sorrir, e, nessas ocasiões, levava a mão ao rosto e os seus dedos desenhavam um pato de bico aberto, enquanto os lábios se esticavam para revelar umas gengivas rosadas como azáleas. Willem aprendeu a gatinhar, depois a andar e a correr, enquanto os anos se sucediam sem que Hemming deixasse a sua cadeira de rodas — que, quando ficou mais crescido e forte, o próprio Willem empurrava. Era uma cadeira de rodas grossas e pouco cooperantes, feita para ficar parada e não para cortar a direito pelas ervas ou para avançar por estradas de terra, mas Willem levava na mesma Hemming a passear pelo rancho onde viviam com os pais numa modesta casa de madeira. No cimo da colina ficava a casa principal, de planta alongada e piso único e com uma varanda coberta a toda a volta. No fundo da colina ficavam os estábulos, onde os pais passavam os dias. Na prática, Willem fora o cuidador do irmão e o seu companheiro enquanto andara no secundário. Sendo o primeiro a acordar, fazia café para os pais e aquecia água para as papas de aveia de Hemming. Ao final da tarde, ficava na beira da estrada a aguardar que a carrinha trouxesse o irmão do centro de dia a uma hora dali. Willem sempre achara que saltava à vista que ele e Hemming eram irmãos — ambos tinham herdado o cabelo claro e brilhante dos progenitores e os olhos cinzentos do pai, além de um pequeno sulco, quase um parêntese, do lado esquerdo da boca, que lhes dava um ar de alguém com sentido de humor e sempre disposto a um sorriso —, mas as pessoas em geral pareciam não ver a semelhança. Viam unicamente que Hemming estava numa cadeira de rodas, que a sua boca permanecia aberta, formando uma elipse avermelhada e húmida, e que os seus olhos tinham tendência para se desviar para o céu, para se fixarem numa nuvem que só ele via.

— Estás a ver o quê, Hemming? — perguntava-lhe Willem de vez em quando, ao saírem para outro dos seus passeios noturnos, mas o irmão jamais lhe respondeu, claro.

Embora aptos e eficientes com Hemming, os pais não demonstravam particular afeto, algo que não escapava a Willem. Se ficava na escola até tarde por ter um jogo de futebol ou uma competição de atletismo, ou lhe pediam que fizesse um turno extra na mercearia, era a mãe a esperar Hemming na beira da estrada, a dar-lhe banho e o jantar, sempre canja de galinha, e a mudar-lhe a fralda antes de o deitar. Porém, nunca lia ao filho, não falava com ele e não o levava a dar passeios, como fazia Willem. A maneira como os pais lidavam com Hemming incomodava-o, em parte porque, ainda que jamais tenham tido algum comportamento objetável, era nítido que se consideravam responsáveis pelo filho mais velho, mas que não se sentiam obrigados a mais do que isso. Mais tarde, Willem chegou a argumentar de si para consigo que não se lhes podia exigir mais e que outros sentimentos eram uma questão de sorte. Ainda assim, lamentava que os pais não amassem o filho, por pouco que fosse.

(E, pensando bem, talvez não fosse justo esperar amor dos seus pais. Tinham

perdido tantos filhos que talvez já não se atrevessem ou fossem capazes de se entregar de alma e coração aos que lhes restavam. Até porque chegaria o momento em que também ele e Hemming os deixariam, fosse ou não uma escolha, e, nessa altura, não lhes restaria ninguém. Mas tudo isto foram conclusões a que Willem chegou décadas depois.)

Quando ele estava no segundo ano do curso, Hemming teve de ser submetido a uma apendicectomia de urgência.

«No hospital disseram que foi mesmo a tempo», explicou-lhe a mãe pelo telefone, num tom puramente factual, vazio de emoção. Willem não lhe escutou alívio ou angústia, mas tão-pouco se apercebeu de decepção — uma possibilidade que se obrigou a encarar, embora lhe resistisse, porque o assustava. A cuidadora do seu irmão (uma mulher da vizinhança a quem os pais pagavam para ficar com Hemming durante a noite, agora que Willem não estava lá) vira-o levar desajeitadamente a mão ao estômago e gemer, e soubera diagnosticar aquele inchaço semelhante a uma trufa logo abaixo do abdómen. Durante a operação, os médicos tinham encontrado uma massa de alguns centímetros no intestino grosso, e, depois de a extraírem, fora feita uma biópsia. Exames de raios X tinham revelado mais tumores, que iriam também ser removidos.

— Vou para aí — disse Willem.

«Não», objetou a mãe. «Não há nada que possas fazer. Se for sério, avisamos.» Tanto ela como o pai tinham ficado mais perplexos do que outra coisa ao saber que ele entrara no curso — não lhes dissera que se ia candidatar à universidade —, mas, agora que o começara, queriam que o terminasse e esquecesse o rancho o mais depressa possível.

Ficou acordado a imaginar o irmão sozinho numa cama de hospital, assustado, a chamar por ele e à espera de lhe ouvir a voz. Com 21 anos, Hemming fora operado a uma hérnia e só parara de chorar quando Willem lhe segurara a mão. Sabia que tinha de regressar.

Os voos estavam muito mais caros do que imaginara. Ponderou fazer a viagem de autocarro, mas levaria três dias a chegar ao rancho e outros três a regressar à faculdade, e não podia faltar aos exames intercalares, nos quais tinha de tirar boas notas para não perder a bolsa, já para não falar nos vários trabalhos em *part-time*. Chegou sexta à noite, embebedou-se e explicou o seu dilema a Malcolm, que puxou do livro de cheques e lhe passou um.

— Nem penses — disse ele de imediato.

— Porquê? — respondeu Malcolm. Esgrimiram argumentos e Willem acabou por aceitar o cheque.

— Eu vou devolver-te este dinheiro. Sabes isso, não sabes?

Malcolm encolheu os ombros.

— Não sei como dizer isto sem parecer um cretino, mas esse dinheiro não me faz falta, Willem — confessou.

Em todo o caso, tornou-se importante para Willem conseguir pagar o empréstimo, embora soubesse que Malcolm não aceitaria o seu dinheiro. Foi Jude quem teve a ideia de pôr o dinheiro diretamente na carteira de Malcolm, e então,

de cada vez que ia levantar o cheque quinzenal do restaurante onde trabalhava aos fins de semana, aproveitava quando Malcolm estava a dormir e punha-lhe duas ou três notas de vinte na carteira. Jamais soube se Malcolm — que gastava sem pensar duas vezes, amiúde com eles três — dera por alguma coisa, mas saldar a dívida trouxe-lhe satisfação e orgulhou-se de o fazer.

Entretanto, havia Hemming. Foi um alívio regressar a casa (quando avisou a mãe, ela apenas suspirou) e ver o irmão mais velho, embora tenha ficado alarmado com a sua magreza e com os seus gritos e gemidos quando as enfermeiras palpavam em volta da sutura, de tal maneira que teve de se agarrar aos braços da cadeira para não desatar aos berros com elas. À noite, o jantar com os pais era silencioso. Willem sentia, de uma maneira quase palpável, que eles se estavam a afastar. Como uma maçã a ser descascada, iam-se despegando da identidade de pais de dois rapazes, em preparação para uma nova identidade que os esperava algures.

Na terceira noite, agarrou nas chaves do camião para ir ao hospital. Na Costa Leste, estava-se no começo da primavera, mas, ali, a escuridão parecia reluzente da geadas, e, de manhã, as ervas estavam revestidas de uma fina camada de cristais de gelo.

O pai saiu para o alpendre quando ele ia nos degraus.

— Vais encontrá-lo a dormir — avisou.

— Queria ir lá — justificou-se Willem.

O pai olhou-o.

— Willem — disse então —, ele não vai saber que estás no quarto.

Sentiu as faces escaldarem de fúria.

— Já sei que vocês dois querem que ele se foda — disparou, raivoso —, mas não sinto o mesmo.

Nunca falara assim ao pai. Por um momento, ficou incapaz de se mover, receoso, mas também na expectativa de uma reação, de palavras acesas. Mas o pai limitou-se a beber um gole de café, depois virou costas e voltou para dentro, e a porta de rede bateu suavemente nas suas costas.

Nada mudou entre os dois até ao fim da sua visita. Revezavam-se a ficar com Hemming e, quando não estava no hospital, Willem ajudava a mãe com a escrita e o pai a mudar as ferraduras dos cavalos. À noite, voltava para o hospital e aproveitava para estudar. Lia alto passagens do *Decâmeron* enquanto, de olhar fixo no teto, Hemming apenas pestanejava, e debatia-se com os problemas de Cálculo, que, por fim, conseguiu resolver, embora na infeliz certeza de que estava tudo mal. Tinham-se acostumado os três a deixar os trabalhos de Matemática para Jude, que resolvia um problema como quem toca arpejos. No primeiro ano, Willem sentira genuína vontade de compreender como funcionava toda aquela lógica e Jude dedicara alguns serões de enfiada a explicar-lhe uma vez e outra, mas sem sucesso.

— Sou burro de mais para perceber isto — rendeu-se Willem, depois de uma sessão de estudo que lhe pareceu durar horas. No fim, já só queria sair porta fora e correr quilómetros sem parar, cheio de formigueiros que estava, tal a impaciência

e a frustração.

Jude baixou os olhos.

— Não és burro coisa nenhuma — murmurou. — Eu é que não sou bom explicador. — Jude frequentava seminários de Matemática Pura nos quais não se entrava senão por convite. O que lá faria ao certo estava para lá da capacidade de compreensão dos outros três.

Em retrospectiva, a única surpresa de Willem foi a sua surpresa quando a mãe lhe ligou três meses depois para o avisar de que Hemming estava ligado às máquinas. Era o final de maio e a época dos exames finais ia a meio. «Não venhas», disse-lhe a mãe, quase como quem dá uma ordem. «Não te quero cá, Willem.» Ele e os pais falavam em sueco e, anos mais tarde, quando um realizador dessa nacionalidade com quem estava a trabalhar comentou o tom distanciado que ele adotava ao usar essa língua, Willem deu-se conta de que, inconscientemente, se treinara para falar daquela maneira com os pais. A ausência de emoção quando, falando em sueco, dizia as coisas sem papas na língua ecoava a atitude dos pais.

Seguiram-se dias de ansiedade e a sua prestação nos exames ressentiu-se. Francês, Literatura Comparada, Dramaturgia Jacobina, Sagas Islandesas e o detestado Cálculo: tudo isso se confundiu e tornou indistinto como um borrão. Discutiu com a namorada finalista, que chorou, o que o fez sentir culpado, mas também incapaz de remediar a situação. Tinha a cabeça no Wyoming e na máquina cuja tosse artificial não deixava os pulmões de Hemming pararem. Não seria melhor regressar? *Tinha* de regressar. Não poderia ficar muito tempo. Ele e Jude tinham a mudança a 15 de junho. Iam passar o verão num apartamento subarrendado perto do centro, onde tinham arranjado trabalho: de segunda a sexta, Jude seria o amanuense de um professor de Estudos Clássicos, continuando, ao fim de semana, na padaria onde já trabalhara durante o ano letivo; já Willem seria monitor num programa para crianças com necessidades especiais. Antes disso, os quatro iam passar uns dias na casa dos pais de Malcolm em Aquinnah, na ponta oeste de Martha's Vineyard, após o que Malcolm e JB seguiriam de carro para Nova Iorque. À noite, Willem ligava para o hospital, pedia aos pais ou a uma das enfermeiras que encostassem o auscultador do telefone ao ouvido do irmão e falava-lhe, ciente de que o mais provável era Hemming não se dar conta. Mas que outra coisa podia fazer senão tentar?

Uma semana depois, a mãe ligou-lhe de manhã. Hemming morrera. Nada havia que Willem pudesse dizer. Não podia culpar a mãe de lhe ter escondido a gravidade da situação porque parte de si soubera desde o início que ela faria isso. Tal como era escusado dizer-lhe que queria ter estado ao lado do irmão, porque a mãe não teria resposta para isso. E não lhe podia perguntar como se sentia, porque nada que ela lhe pudesse dizer seria suficiente. Queria gritar com os pais, bater-lhes, arrancar-lhes alguma coisa de *dentro*. Queria-os arrasados de desgosto, desvairados, porque, de alguma maneira, aquele acontecimento mudava tudo, portanto, devia ser assinalado. Queria sentir que, com a morte de Hemming, os pais tinham perdido um pouco de si, algo de insubstituível nas suas vidas. Pouco lhe importava que fossem sinceros ou que mentissem: precisava de os ouvir dizer

algo nesses moldes, algo que o fizesse saber que, por baixo daquela calma imperturbável, batiam corações; que, no íntimo de um e de outro, corria um riacho, pequeno que fosse, de água limpa e imparável, transbordante de vida delicada, de vairões e vegetação e minúsculas flores brancas, frágeis e à mercê da vida, tão vulneráveis que seria impossível olhar e não sentir um aperto no coração.

Não contou aos amigos a respeito de Hemming. Foram de férias para a casa de Malcolm — um lugar magnífico, belo como Willem nunca vira, quanto mais ficar acomodado nalgum que sequer se parecesse — e, quando a noite ia alta e os amigos dormiam, em camas individuais, cada um no seu quarto com casa de banho (a casa parecia um palácio), ele saía pé ante pé e passava horas a percorrer o emaranhado de estradas em volta, na companhia de uma Lua grande e brilhante qual glaciador no céu. Nessas caminhadas, tentava não pensar. Concentrava-se no que lhe surgia diante dos olhos e registava todos os pormenores que lhe escapavam durante o dia: que a terra era fina como areia e que cada passo seu levantava uma nuvenzinha de poeira; ou que, à sua passagem, castanhas como a casca das árvores e movendo-se à maneira da serra braçal que as corta, as cobras fugiam silenciosamente pela vegetação rasteira. Quando chegava ao areal, olhava para o alto e a Lua desaparecera por trás dos farrapos de nuvens, e, parado debaixo de um céu morno e denso de humidade, como se ali o ar pesasse mais, por estar mais carregado de significado, ouvia o mar que não conseguia ver.

Talvez estar morto seja assim, ocorreu-lhe, portanto, não seria uma má sensação, concluiu, e isso fê-lo sentir-se melhor.

Temia que o verão fosse horrível, visto que ia ser monitor de crianças que talvez lhe recordassem Hemming, mas, pelo contrário, soube-lhe bem e até o ajudou. A sua turma tinha sete alunos que rondavam os oito anos, todos com elevado grau de incapacidade e com dificuldades de locomoção. Diariamente, dedicava algum tempo a tentar ensinar-lhes as cores e as formas geométricas, mas, sobretudo, entretinha-os com atividades mais estimulantes: lia-lhes, levava-os a passear de cadeira de rodas no exterior da escola e testava-lhes as reações usando penas de ave. À hora do intervalo, abriam-se as portas que ligavam as salas de aula ao pátio central e o recreio inundava-se de crianças instaladas numa tal variedade de engenhocas, suportes e veículos com rodas, que algum incauto que as ouvisse julgaria ter-se cruzado com um enxame de insetos mecânicos, que chiavam, zuniam e cantavam como um só. Havia crianças em cadeiras de rodas; outras, em motorizadas em ponto pequeno, que matraqueavam e emitiam estalidos vários ao avançar pelas lajes à velocidade de tartarugas; havia aquelas que estavam presas de brucos a bases de madeira que pareciam pranchas de *surf* encurtadas e equipadas com rodas; e outras que se deslocavam sozinhas usando os cotovelos, porque os seus braços terminavam em cotos; e algumas que não tinham meio de locomoção algum, por isso permaneciam sentadas nos colos dos monitores, que lhes seguravam as nuças. Essas, sobretudo, faziam-no pensar em Hemming.

Algumas crianças que usavam motocicletas ou as tais pranchas com rodas conseguiam falar, e Willem entretinha-as com bolas de espuma, lançando-lhas muito cuidadosamente para as mãos, ou organizava corridas no pátio. Partia

sempre na frente e dava grandes passadas com uma lentidão exagerada (mas não a ponto de se tornar galhofa; a ideia era convencê-los de que queria ganhar a corrida), até que, geralmente no derradeiro terço do percurso em volta do pátio, fingia tropeçar, encenava uma queda aparatosa e a pequenada ultrapassava-o a rir às gargalhadas.

— Levanta-te, Willem, levanta-te! — gritavam, e ele assim fazia, mas, nessa altura, já os seus pequenos adversários tinham cruzado a meta, o que o fazia ficar em último lugar. A dada altura, começou a perguntar-se se aquelas crianças lhe invejariam a destreza que lhe permitia cair e reerguer-se, porque, sendo esse o caso, talvez devesse parar com aquela brincadeira, mas, quando expôs a questão ao supervisor, lançando-lhe um olhar demorado, este respondeu que os miúdos o achavam cómico e que devia continuar a cair. Assim, continuou a cair dia após dia, e, à tarde, quando esperava com os seus alunos que os pais os viessem buscar, os que conseguiam falar perguntavam-lhe se no dia seguinte ia tornar a cair.

— Nem pensar! — respondia Willem, num tom gabarolas que os fazia rir. — Estás a gozar ou quê? Achas-me com ar de trapalhão?

Em vários aspetos, foi um bom verão. O apartamento, que não ficava longe do Instituto de Tecnologia do Massachusetts, pertencia ao professor de Matemática de Jude, que ficaria em Leipzig até meados de setembro, e a renda era tão irrisória que os dois deram por si a fazer pequenas reparações e melhorias para demonstrar a sua gratidão: Jude arrumou as periclitantes torres de livros que o professor erguera em cada superfície disponível e aplicou massa numa zona da parede a que as infiltrações tinham dado uma consistência de pudim; Willem apertou puxadores, substituiu uma anilha de uma torneira e trocou a boia do autoclismo. Começou a sair com uma monitora estudante em Harvard que, por vezes, vinha jantar com eles no apartamento. Faziam uma panela de *spaghetti alle vongole* e Jude contava-lhes episódios do seu trabalho com o professor, que agora decidira comunicar com ele exclusivamente em latim ou grego antigo, ainda que as suas instruções fossem tão prosaicas como «Preciso de mais molas de orelha» ou «Amanhã de manhã, pede um segundo *shot* de leite de soja no meu *cappuccino*». Em agosto, os seus amigos e conhecidos da faculdade (e, também, de Harvard, do MIT, do Wellesley College e da Tufts University) começaram a regressar de férias, e Willem e Jude acolhiam-nos no apartamento durante um par de dias, até que eles pudessem tornar a ocupar os seus apartamentos ou os quartos nas residências de estudantes. Quando a sua estada no apartamento se aproximava do fim, convidaram cinquenta amigos para uma festa no terraço e ajudaram Malcolm a improvisar um tradicional churrasco de amêijoas, atapetando a grelha com maçarocas, mexilhões e amêijoas, que depois cobriam com folhas de bananeira humedecidas. De manhã, os quatro apanharam as cascas vazias e divertiram-se ouvindo-lhes o castanholar nos sacos do lixo.

Foi nesse verão que Willem compreendeu que não voltaria ao rancho — que, agora que Hemming partira, não havia motivo para ele e os pais continuarem a fingir que tinham vontade de se ver. O assunto não foi falado, mas desconfiava que eles sentiam o mesmo, e, pela sua parte, jamais sentiu especial necessidade de os

visitar, tal como eles nunca lhe pediram que o fizesse. Falavam ocasionalmente por telefone e as conversas eram invariavelmente educadas, deferentes e cingidas a factos. Willem perguntava a respeito do rancho, os pais perguntavam-lhe sobre o curso. No último ano, conseguiu um papel na produção de *O Jardim Zoológico de Cristal* que a faculdade ia levar à cena (seria, evidentemente, o «jovem empreendedor» que é convidado para jantar), mas nem lhes falou nisso, e, quando lhes disse que não valia a pena fazerem a viagem para estar presentes na cerimónia de graduação, eles tão-pouco disseram uma palavra em contrário. De qualquer maneira, coincidia com a reta final da época de parição das éguas e Willem não estava seguro de que os pais teriam vindo caso ele não os tivesse dispensado da obrigação. Nesse fim de semana, ele e Jude foram adotados pelas famílias de Malcolm e JB, e, não os tendo por perto, não faltava quem os convidasse para os seus almoços, jantares e saídas para celebrar.

— Mas são os teus pais — recordava-lhe Malcolm uma vez por ano, mais coisa, menos coisa. — Não se pode simplesmente deixar de falar com os pais. — O caso era que se podia, sim, e ele era a prova. Para Willem, tratava-se de um relacionamento como qualquer outro: exigia cuidados, dedicação e vigilância continuada, e, não querendo qualquer das partes dar-se ao trabalho, o que o impedia de murchar? Além de Hemming, apenas tinha saudades do Wyoming, da sua planura desmesurada, das árvores de um verde tão carregado que quase parecia azul e do cheiro dos cavalos depois de escovados ao cair da noite, um adocicado misto de estrume, maças e turfa.

Estava a fazer o mestrado quando os pais morreram — o pai, em janeiro, de ataque cardíaco, depois a mãe, em outubro, de um AVC. Então, *sim*, regressou ao Wyoming. Os pais estavam velhos, mas, ao vê-los tão fisicamente diminuídos, Willem não pôde deixar de recordar para consigo como um e outro sempre tinham sido tão incansáveis e cheios de vitalidade. Deixaram-lhe tudo, mas, saldadas as dívidas (entretanto, sempre achara que as despesas médicas e de assistência a Hemming ficavam por conta do seguro, mas verificou que, quatro anos depois de o irmão ter morrido, os pais continuavam a pagar avultadas prestações mensais ao hospital, o que foi deveras perturbador), pouco sobrou: algum dinheiro; um punhado de títulos de investimento; uma antiga caneca de prata que pertencera ao seu avô paterno falecido havia décadas; a aliança do pai, amolgada, desgastada e com um brilho baço; e um retrato a preto-e-branco de Hemming e Aksel que ele nunca vira. Ficou com tudo isso e com mais algumas coisas. O rancheiro que contratara os seus pais morrera anos antes, mas o filho, herdeiro do rancho, sempre os tratara bem, além de que os mantivera como empregados quando isso talvez já não se justificasse e pagara os dois funerais.

Agora que os pais tinham morrido, Willem conseguiu lembrar-se de que os amara, sim, e que lhe tinham transmitido ensinamentos que ele prezava, além de nunca lhe terem pedido nada que ele não pudesse fazer ou dar. Em momentos de menor generosidade (que datavam de apenas alguns anos antes), atribuíra a lassidão dos pais para com ele e aquela aceitação passiva do que faria ou não da sua vida a falta de interesse. O próprio Malcolm chegara a comentar, dividido entre o

ciúme e a pena: «Qual o pai que não tem uma palavra a dizer quando o único filho (mais tarde, pediu desculpa pela categorização) lhe anuncia que quer ser ator?» Porém, agora que era mais velho, Willem conseguia ver que os pais jamais tinham insinuado que ele lhes devia alguma coisa — êxito, cuidados, afeto ou sequer lealdade — e ficou-lhes grato por isso. Sabia que o pai tivera problemas em Estocolmo — embora nunca tenha sabido concretamente o que acontecera por lá — e que isso pesara a favor da mudança para os Estados Unidos. Claro que jamais lhe teriam exigido que fosse como eles; afinal, nem sequer tinham tido grande vontade de ser quem eram.

E foi assim que Willem entrou na vida adulta, depois de três anos a lutar para se manter na margem de um lago lamacento no qual corria o risco de se atolar, cercado de árvores que toldavam a luz do Sol, escurecendo tudo em redor, de tal maneira que ele não conseguia ver se o lago onde se encontrava estava ligado a um rio ou se era um pequeno universo fechado onde ele poderia andar perdido durante anos ou décadas — ou a vida inteira —, buscando às cegas uma saída que não existia ou jamais existira.

Um agente trar-lhe-ia alguma orientação. Com sorte, dar-lhe-ia a sua hipótese de fuga ao mostrar-lhe como encontrar o caminho para a foz. Porém, ainda não o arranjara (tinha de ser otimista e não esquecer o «ainda», tinha de acreditar que continuava a ser apenas uma questão de tempo), restando-lhe a companhia de outros que, como ele, procuravam esse esquivo rio por onde muito poucos conseguiam escapar do lago e por onde nunca ninguém regressava.

Estava disposto a esperar. E *esperar*. Ultimamente, a sua paciência começava a lascar, a rasgar-se, a estalar, era como um objeto que pode ferir quem o agarre.

No entanto, Willem não era ansioso nem dado a autocomiseração. Alturas havia em que, de regresso do Ortolan ou de um ensaio de uma peça que ficaria em cena durante uma semana sem lhe render sequer o suficiente para pagar o *prix-fixe* no restaurante, se sentia realizado ao entrar no apartamento. Ninguém senão ele e Jude se lembraria de olhar a Lispenard Street como alguma espécie de feito — por mais melhorias e pequenos consertos que tivesse feito, ou por mais que Jude limpasse, continuava a ser um lugar triste e furtivo, como se tivesse vergonha de se dizer um apartamento a sério —, mas, em momentos assim, por vezes, Willem dava por si a pensar: *Isto chega-me. É mais do que tive esperança de conseguir*. Estava em Nova Iorque, era um adulto e subia a um estrado para dizer palavras de outros! Era uma vida absurda, uma não vida com que os pais ou o irmão jamais teriam sonhado, mas que ele sonhava a cada dia.

Depois, o sentimento dissipava-se e eis que estava a sós com o caderno de artes do jornal, a ler sobre outros que estavam a fazer o tipo de projetos que ele não tinha sequer a expansividade ou arrogância de imaginação para sonhar, e, nessas horas, o mundo parecia-lhe um lugar muito vasto, o lago, muito solitário, a noite, muito escura, e desejava estar de novo no Wyoming, parado à beira da estrada a aguardar a chegada de Hemming, para depois seguir pelo único caminho que havia para tomar: de regresso à casa dos pais, onde, na luz do alpendre, a noite parecia banhada em mel.

À primeira vista, a vida no ateliê era o que os olhos observavam: quarenta colaboradores num *open-space*, cada qual à sua mesa, e, nos extremos, com divisórias de vidro a toda a volta, as salas de Rausch (a mais próxima da secretária de Malcolm) e de Thomasson. De um lado e do outro, duas paredes de vidro, uma, voltada para a Quinta Avenida e o Madison Square Park, a outra, com vista para um tristonho passeio da Broadway, sujo e minado de pastilhas elásticas. De segunda a sexta, das dez da manhã às sete da tarde, decorria a vida oficial da Ratstar Architects e competia-lhes obedecer. Alteravam maquetas, desenhavam anteprojetos e projetos e interpretavam os rabiscos esotéricos de Rausch e as inequívocas instruções em maiúsculas de Thomasson. Ninguém falava, não se convivia, e, quando algum cliente vinha falar com Rausch e Thomasson e ocupavam a comprida mesa de vidro no meio do *open-space*, nenhum dos colaboradores se atrevia a olhar para lá. Sendo o cliente famoso, como acontecia com cada vez mais frequência, debruçavam-se tanto para as mesas e ficavam tão calados que o próprio Rausch começava a sussurrar, sendo essas as únicas ocasiões em que o volume da sua voz se harmonizava com o que o rodeava.

Depois, havia a segunda vida do ateliê, ou a sua verdadeira vida. Cada vez mais, Thomasson pouco parava por ali, portanto, apenas tinham de esperar que Rausch saísse, mas, por vezes, a espera arrastava-se interminavelmente. A verdade era que, embora não perdesse uma ocasião social e adorasse as atenções dos jornalistas, opinar e viajar, Rausch era muito trabalhador, e, embora se ausentasse constantemente para comparecer em eventos (uma inauguração, uma palestra), podia sempre voltar, o que obrigava a repor apressadamente a normalidade, para que o escritório a que ele regressava se parecesse com o que deixara. O mais seguro era esperar que ele saísse para já não voltar senão no dia seguinte, embora isso pudesse ditar que esperavam até às nove ou dez da noite. Para se manterem informados sobre as idas e vindas de Rausch, contavam com a sua assistente, em cujas boas graças tinham caído à conta dos inúmeros cafés e *croissants* que lhe traziam.

Logo que Rausch saía para não mais voltar até ao dia seguinte, num piscar de olhos, o ateliê tornava-se outro lugar, qual abóbora transformada em carruagem. De repente, havia música a tocar alto (os quinze que restavam revezavam-se na escolha), os *menus* de *take-out* saíam das gavetas, e, nos computadores, os projetos da Ratstar Architects eram fechados e esquecidos nas pastas digitais, onde hibernariam sem deixar saudades até que começasse outro dia de trabalho. A primeira hora era malbaratada com imitações do vozeirão bizarramente teutónico de Rausch (havia os que acreditavam que ele escondia ser oriundo de Paramus, na Nova Jérсия, mas que mudara de identidade — haveria nome mais falso do que Joop Rausch? — e inventara aquele sotaque extravagante para esconder que era sensaborão e suburbano e se chamava Jesse Rosenberg ou coisa parecida) e dos olhares de sobrolho carregado de Thomasson, sem esquecer a sua maneira particular de atravessar o ateliê de uma ponta à outra quando se queria exhibir diante de um cliente, pondo-se a vociferar, para ninguém em particular (seria para o coletivo, depreendiam): «*It's ze vurk, cavalheiros! It's ze vurk!*» Também faziam

pouco de Dominick Cheung, que, hierarquicamente, estava acima de todos eles, mas que, sendo talentoso, se começava a tornar um amargurado (sendo óbvio para todos, exceto o próprio, que jamais chegaria a sócio, por mais vezes que Rausch e Thomasson lho prometessem). Por fim, nem os projetos em que andavam a trabalhar escapavam à troça: a igreja neocóptica em travertino que ficara por erguer na Capadócia; a casa invisível em Karuizawa, por cujas fachadas de vidro, que se pretendiam impercetíveis, tinham entretanto começado a correr lágrimas de ferrugem; o Museu da Comida em Sevilha, que se julgara que ganharia um prémio, mas não ganhara; ou o Museu da Boneca em Santa Catarina, indigno de prémios, mas que acabara por ganhar um. Gozavam com as suas universidades e faculdades — o MIT, Yale, a Rhode Island School of Design, Columbia, Harvard —, e até consigo, porque, obviamente, tinham sido avisados de que os esperavam anos a fio de infelicidade, mas cada um deles acreditara que seria a exceção (continuando, sem exceção, a acreditar que tal ainda aconteceria). Riam-se da miséria que ganhavam e de, com 27, trinta ou 32 anos, continuarem em casa dos pais ou terem de dividir apartamento, a menos que vivessem com a namorada bancária ou o namorado que trabalhava numa editora (não havendo coisa mais triste do que viver à custa de um namorado empregado numa editora que ganhava mais do que eles, que eram arquitetos). Gabavam-se de tudo o que poderiam estar a fazer se não tivessem escolhido aquela maldita profissão: teriam sido curadores (possivelmente, o único outro trabalho no qual ganhariam menos do que ali), escanções (pensando bem, nesse, também ganhariam pior), donos de galerias (já iam três) ou escritores (passava a quatro — obviamente, nenhum deles nascera com talento para ganhar dinheiro, nem mesmo em cenários imaginários). Envolviam-se em discussões acesas sobre edifícios que adoravam ou detestavam. Debatiam uma exposição de fotografia ou uma instalação de videoarte nesta e naquela galeria. Gritando para a outra ponta do *open-space*, trocavam gracejos e farpas sobre críticos, restaurantes, filosofias ou materiais usados neste e naquele projeto. Juntavam-se a lamentar porque outros como eles tinham alcançado o êxito ou regozijavam-se à custa daqueles que tinham desistido da vida de artista para fazer criação de lamas em Mendoza, na Argentina, ou para ser assistentes sociais em Ann Arbor ou professores de Matemática em Chengdu.

Durante o dia, vestiam a pele de arquitetos. De vez em quando, aparecia por ali um cliente e o seu olhar passeava-se qual helicóptero pelo *open-space* até pousar nalgum deles, regra geral, a Margaret ou o Eduard, que eram os mais atraentes, e Rausch, dotado de uma invulgar capacidade de detetar desvios de atenção da sua pessoa, chamava o subalterno por quem fora preterido, à maneira de pais que resolveram dar um jantar sofisticado e a dada altura chamam o filho pequeno à sala.

— Ah, sim, esta é a Margaret — dizia, enquanto o cliente a olhava com o mesmo interesse com que há minutos se detivera num projeto que Rausch lhe ia explicando (e que, coincidência, desenhara a própria Margaret). — Não duvido de que, um dia destes, me vai ficar com o lugar. — E rematava com aquela sua deplorável gargalhada forçada que o fazia parecer uma morsa a ladrar: — Ah! Ah!

Ah! Ah!

Margaret sorria e cumprimentava o cliente, e revirava os olhos mal lhes voltava costas para regressar ao seu posto de trabalho. E os demais sabiam que ela estava a pensar o mesmo que eles: *Vai-te foder, Rausch. E: Quando vai ser isso? Quando vou ficar com o teu lugar? Quando chegará a minha vez?*

Entretanto, restava-lhes criar, por isso, findas as conversas, os gracejos a viajar pelo ateliê e o jantar, instalava-se o silêncio, interrompido apenas pelo clicar nos ratos, pelos projetos em nome próprio a ser tirados das pastas e pelo sussurrar granuloso do lápis no papel. Acompanhavam-se enquanto trabalhavam e aproveitavam os recursos da empresa, mas nenhum pedia ao do lado que lhe mostrasse o que andava a fazer. Dir-se-ia que tinham decidido coletivamente fazer de conta que estavam ali sozinhos. Entregue a si, cada um projetava sonhos feitos de estruturas impossíveis e vertiginosas parábolas, até que, chegando a meia-noite, começavam a sair, despedindo-se sempre com a mesma piada imbecil: «Até daqui a dez horas.» A menos que estivessem com sorte e o serão se revelasse produtivo, porque, nesse caso, ainda ficavam a trabalhar mais uma hora ou duas.

Aquela foi outra das noites em que Malcolm depressa deu por si sozinho na Ratstar. Mesmo que se quisesse juntar a algum colega de saída, despediam-se mal descessem ao metro, porque qualquer deles morava na Baixa ou em Brooklyn, enquanto ele morava na zona abastada. A vantagem de ser o último a deixar o ateliê era que não sobrava ninguém para o ver apanhar um táxi. Não era o único com pais ricos: Katharine também os tinha e ele quase podia jurar que o mesmo valia para Margaret e Frederick. A diferença era que ele vivia com os pais ricos e os outros, não.

Fez sinal a um táxi, que parou.

— Setenta e um com a Lex — disse ao taxista, que era branco, senão, teria dito «Lexington». Era sempre mais honesto com os taxistas brancos. Dizia: «Na Lex com a Park, mais perto da Park.» JB achava isto ridículo, no mínimo, ou, na pior das hipóteses, ofensivo. «Achas que te vão achar um gajo mais à maneira se pensarem que vives na Lex e não na Park Avenue?», picava-o. «És tão estúpido, Malcolm.»

Esta polémica a propósito de táxis contava-se entre várias que havia anos o faziam viver em pé de guerra com JB a propósito da questão racial, mais concretamente, o facto de ele se comportar como se não fosse preto. Ainda a respeito de táxis, houvera outra, quando Malcolm (estupidamente; dessa vez, percebeu o erro assim que ouviu o que acabava de dizer) comentou que nunca tinha dificuldade em apanhar um táxi em Nova Iorque e que talvez aqueles que se queixavam estivessem a exagerar. Estavam no terceiro ano e ele e JB preparavam-se para assistir à sua primeira (que veio a ser a última) reunião semanal da Associação de Estudantes para Alunos de Cor. Os olhos de JB quase saltaram das órbitas, tanto do choque como de satisfação pela oportunidade que se lhe apresentava de o descompor, mas, numa ocasião em que outro, desta feita, um pedante imbecil de Atlanta, informou Malcolm de que, em primeiro lugar, mal se podia dizer que ele fosse preto, em segundo, era um *oreo*, ou seja, um preto com

ambições de pertencer à classe média branca, e, em terceiro, sendo filho de mãe branca, jamais conseguiria entender realmente as dificuldades sentidas por alguém *mesmo* preto, foi JB quem se ergueu em sua defesa. JB, que o atormentava sem descanso por conta da sua negritude relativizada, não gostava que outros o fizessem, para mais, se o contexto era delicado, e só não era delicado estando os dois apenas com Jude e Willem, e era sobretudo delicado havendo mais pretos com eles.

Já em casa dos pais, na Rua 71 (mais perto da Park), não conseguiu escapar ao mesmo interrogatório parental de todas as noites, gritado do primeiro andar («És tu, Malcolm?», «Sim!», «Jantaste?», «Sim!», «Tens fome?», «Não!»), só depois podendo subir pesadamente ao seu covil para lá ficar uma vez mais a ruminar os dilemas fulcrais da sua vida.

Ainda que JB não tivesse presenciado o que ele há pouco dissera ao taxista, o sentimento de culpa e o desprezo por si mesmo pela maneira como indicara a morada fizeram com que, desta vez, Malcolm colocasse a questão racial no topo da lista. Para ele, toda essa problemática nunca fora pacífica, mas, no segundo ano do curso, julgara ter encontrado a maneira perfeita de se lhe esquivar: não era preto, era pós-preto. (Durante muito tempo, numa espécie de rebelião passiva contra a mãe, recusara-se a ter qualquer cadeira de literatura, daí ter tido contacto com o pós-modernismo consideravelmente mais tarde do que os outros.) Infelizmente, esta sua explicação não convenceu ninguém, muito menos JB, que Malcolm começava a ver não como preto, mas como *pré*-preto, como se, à semelhança do nirvana, também a negritude fosse um estado último de transcendência que ele ainda não alcançara, mas que, quando acontecesse, o faria renascer em grande.

Entretanto, JB já tinha outra na manga para sair vencedor naquela guerra, porque, se Malcolm acabava de descobrir a identidade pós-moderna, JB descobrira a arte performativa (graças à cadeira que entretanto começara a fazer, Identidade como Arte: Transmutações Performativas e o Corpo Contemporâneo, muito do agrado de um certo tipo de lésbicas masculinas que aterrorizavam Malcolm, mas que, por alguma razão, queriam sempre ser amigas de JB). O trabalho de Lee Lozano teve um tal impacto nele que a decidiu homenagear com o seu projeto intercalar, uma *performance* a que chamou *Decide to Boycott White People (After Lee Lozano)* e que consistia em deixar de falar com todos os de etnia branca. Algo na defensiva, mas, sobretudo, orgulhoso, explicou-lhes a sua ideia num sábado em que, chegando a meia-noite, suspenderia o diálogo com Willem e reduziria para metade o fluxo conversacional com Malcolm. Sendo Jude de raça indeterminada, continuaria a falar-lhe, mas por enigmas ou na forma de *koans*, como os que eram dados aos estudantes do Zen, em atenção à impossibilidade de se lhe conhecer as origens étnicas.

Jude e Willem trocaram um breve olhar muito sério que não escapou a Malcolm, chegando a irritá-lo por ser tão denso de sentido (há muito que suspeitava que aqueles dois mantinham uma amizade extracurricular que não o incluía), e que o fez perceber que aquele exercício de JB os divertia e estavam dispostos a aparar-lhe o capricho. Pela sua parte, pareceu-lhe que talvez devesse

ficar grato pelo que se traduziria num período em que JB o deixaria em paz, mas o caso foi que não sentiu gratidão alguma nem achou a mínima graça à situação. Irritava-o a descontração com que JB ensaiava jogos em torno da questão racial, mas também a artimanha de, com aquele seu projeto idiota (que, possivelmente, lhe valeria a nota máxima), estar a fazer um comentário à identidade de Malcolm, que, vendo bem as coisas, não era assunto que lhe dissesse respeito.

O convívio com JB em observância das regras do seu projeto performativo (e impunha-se perguntar: havia alguma altura em que *não* estivessem sujeitos a algum capricho ou extravagância de JB?) acabou por não se revelar muito diferente do convívio com ele em circunstâncias normais, porque, se JB reduziu ao mínimo as palavras trocadas com Malcolm, não reduziu o número de vezes que pedia a Malcolm que lhe comprasse isto ou aquilo já que ia descer, ou se lhe carregava o cartão da lavandaria já que ia lá, ou se lhe emprestava o seu exemplar de *Dom Quixote de la Mancha*, porque deixara o seu na cave da biblioteca quando fora à casa de banho. Da mesma maneira, embora não dirigisse a palavra a Willem, isso não foi obstáculo a que houvesse fartura de comunicação não verbal, incluindo inúmeras mensagens de telemóvel e bilhetinhos que garatujava («O *Padrinho* passa hoje no Rex — bora?») e lhe estendia, tendo Malcolm a certeza absoluta de que semelhante comportamento não teria colhido a aprovação de Lee Lozano. Quanto às frases dignas de um Ionesco de quinta categoria que JB dirigia a Jude, suspendia-as para lhe pedir que lhe resolvesse os problemas de Cálculo, e, nessas alturas, Ionesco dava lugar a Mussolini, sobretudo quando Ionesco descobria que havia um segundo conjunto de problemas para que ainda nem olhara por se ter distraído com outros assuntos na casa de banho dos homens na biblioteca, estando a 43 minutos de ter de se apresentar na aula de Cálculo com os problemas resolvidos («Mas isso é mais do que tempo suficiente para ti, não é, Judy?»).

Naturalmente, não sendo JB senão ele próprio, e os seus pares, presas a jeito para tudo quanto fossem ideias idiotas, mas que ele achava brilhantes, a sua experienciázinha mereceu destaque no jornal académico, e, de seguida, numa nova revista literária dedicada à cultura negra (*Contrição*, assim se chamava), resultando isso numa curta e enfadonha fase em que ele se tornou uma sensação um pouco por todo o *campus*. A atenção que recebeu renovou-lhe o entusiasmo pelo projeto — esmorecido ao fim de apenas oito dias em que, por diversas vezes, Malcolm o vira à beira de explodir em tagarelice com Willem —, que conseguiu prolongar por mais dois dias antes de dar por terminada a experiência, que, pomposo, declarou ter sido um êxito e ter provado a sua teoria.

— E qual era ela? — perguntou Malcolm. — Que consegues ser igualmente *insuportável* com os brancos falando-lhes ou não lhes dirigindo a palavra?

— Vai à merda, Mal — replicou JB, mas sem especial convicção, como se, depois de semelhante triunfo, não fosse sequer capaz de o levar a sério. — Tu não ias entender. — E foi ter com o namorado, um branco com cara de louva-a-deus que amiúde fitava JB com uma expressão reverente e apaixonada que deixava Malcolm agoniado.

Na altura, acreditar que o seu desconforto com a própria raça era temporário, apenas uma sensação puramente contextual, comum a todos os estudantes universitários, mas que desaparecia progressivamente à medida que os anos do curso ficavam para trás. Jamais sentira particular angústia ou orgulho em ser preto senão das maneiras mais vagas: sabia que os outros contavam que ele sentisse de certa maneira a respeito de certas coisas (taxistas, por exemplo), mas, de alguma maneira, para ele, a questão era apenas teórica, nada que alguma vez tivesse sentido na primeira pes-soa. Contudo, a identidade negra era parte essencial da história da sua família, que ele ouvira contar e recontar até ficar puída: o pai fora o terceiro diretor-geral negro na sua empresa de investimento, o terceiro negro no conselho de administração da muitíssimo segregativa escola secundária que Malcolm frequentara e o segundo diretor financeiro negro de um dos maiores bancos comerciais. (O pai não nascera a tempo de ser o *primeiro* negro em coisa nenhuma, mas, no corredor em que se movimentava — abaixo da Rua 96 e acima da 57, entre a Quinta Avenida e a Lexington Avenue —, continuava a ser uma ave tão rara como o bútio-de-rabo-vermelho que de vez em quando fazia o ninho no cimo de um dos edifícios do outro lado da Park Avenue.) Na adolescência, o facto de o pai ser preto (e, supunha, de também ele ser) fora minorizado por outros fatores que, no segmento nova-iorquino que frequentavam, pesavam mais do que a raça do pai: a posição de destaque que a mãe ocupava na cena literária de Manhattan, por exemplo, ou, mais importante ainda do que isso, a fortuna do pai. A Nova Iorque onde Malcolm e a família se tinham fixado não era delimitada por fronteiras raciais, mas por escalões fiscais, e Malcolm crescera resguardado de tudo de que o dinheiro o podia proteger, incluindo a discriminação — ou assim lhe parecia em retrospectiva. O facto foi que só na faculdade se viu confrontado com vivências da identidade negra muito diferentes da sua e talvez o mais chocante tenha sido compreender que o dinheiro da sua família o isolara do resto do país (embora isso pressupusesse que o conjunto dos seus colegas de faculdade era representativo do país e claro que não se podia partir desse princípio). Ainda hoje, quase uma década depois de o ter conhecido, Malcolm continuava sem uma clara noção do tipo de pobreza em que Jude crescera. A sua incredulidade quando por fim compreendeu que, na mochila com que chegara à faculdade, Jude trazia literalmente tudo o que tinha, foi tão intensa que lhe provocou uma reação quase física, tão profunda que a comentou com o pai, embora não costumasse partilhar com ele nada que constituísse prova da sua ingenuidade, para que o pai não se lançasse numa palestra. O facto foi que mesmo o pai, que tivera uma infância pobre em Queens — embora tanto o pai como a mãe trabalhassem e todos os anos lhe comprassem roupa nova —, ficou chocado, percebeu Malcolm, sentimento que disfarçou falando-lhe das privações da sua infância (uma historieta qualquer sobre uma árvore de Natal comprada no dia a seguir ao dia de Natal), como se estivessem numa competição para eleger o mais desfavorecido e, perante o claro e incontestável triunfo do adversário, ainda assim o seu pai estivesse decidido a sair vencedor.

O certo era que, seis anos após a conclusão do curso, a questão da raça se

afigurava cada vez menos determinante e aqueles que ainda a invocavam como principal atributo identitário davam de si uma imagem infantil e algo patética, como alguém que continua agarrado ao fascínio de juventude pela Amnistia Internacional ou pela tuba — que continua refém de algum interesse que cumpriu o potencial aquando da candidatura à universidade, não podendo, depois disso, resultar senão ultrapassado e embaraçoso. Malcolm sentia estar numa idade em que os únicos aspetos definidores da identidade eram o que se fazia na cama, as conquistas profissionais e o dinheiro. E também nesses três campos ele estava a ficar para trás.

Por ora, podia excluir a questão financeira. Mais cedo ou mais tarde, herdaria parte de uma fortuna. Não sabia concretamente que valores estavam em jogo, nunca sentira necessidade de perguntar e ninguém jamais sentira necessidade de lho revelar, dando-lhe isso sim a saber que se tratava, de facto, de muito dinheiro. Não seria uma fortuna como a da família de Ezra, claro, mas... bem, *talvez* fosse. Os seus pais viviam modestamente, mas apenas porque queriam, tudo porque a mãe dele tinha aversão a ostentações, daí Malcolm ainda hoje não saber se viviam entre a Lexington e a Park por não terem posses para viver entre a Madison e a Quinta, se por a mãe achar que viverem entre a Madison e a Quinta seria alardear a fortuna. Claro que ele queria ganhar o seu dinheiro, apenas não era desses que se torturavam por ser ricos graças à fortuna dos pais. Queria ser capaz de se sustentar e faria por isso, mas não dependia inteiramente de si.

Quanto à questão do sexo e da satisfação das necessidades, aí, sim, *tinha* de assumir a sua responsabilidade. Não podia atribuir a sua vida sexual inexistente ao facto de ter escolhido uma área profissional onde se ganhava pouco, ou a não ter sido devidamente orientado pelos pais. (Ou podia? Em pequeno, tivera de aguentar as intermináveis sessões de marmelada dos pais, que, muitas vezes, não se coíbiavam de se apalpar estando ele e Flora presentes. Hoje, perguntava-se se a apetência exibicionista dos pais teria embotado parcialmente o seu impulso conquistador.) O seu último relacionamento digno desse nome fora havia mais de três anos, com uma mulher chamada Imogene, que, depois de lhe dar com os pés, se tornara lésbica. Ainda hoje Malcolm não sabia dizer se de facto se sentira atraído por ela, se apenas ficara aliviado por ter alguém que tomava as decisões, bastando-lhe ir atrás, o que ele fazia de bom grado. Vira-a recentemente (tal como ele, também Imogene era arquiteta, mas trabalhava para uma associação que se dedicava a construir habitação experimental em áreas com baixos rendimentos — precisamente o tipo de trabalho que Malcolm sentia que *deveria* querer, mas, sendo honesto consigo, não queria de todo) e, querendo picá-la, dissera — na brincadeira! — ter a sensação de que a empurrara para o lesbianismo. Imogene levou a mal e respondeu que *sempre* fora lésbica, mas que o aturara por ele lhe parecer tão confuso a respeito da sua sexualidade que ela achara que talvez o conseguisse ajudar proporcionando-lhe alguma experiência.

Certo era que, depois de Imogene, não houvera mais ninguém. Raios, qual seria o seu problema? O sexo e a sexualidade: duas questões que deveria ter resolvido logo na faculdade — o derradeiro sítio onde tais inseguranças não só

eram toleradas como encorajadas. No começo dos vinte, tentara apaixonar-se e desapaixonara-se por várias pessoas — amigas e amigos da irmã, colegas e um dos agenciados da mãe, um romancista estreante que escrevera um *roman à clé* sobre um bombeiro confuso quanto à sua sexualidade —, porém, ainda assim, continuava sem saber o que o atraía. Já por várias vezes refletira sobre ser *gay* (por mais que, por outro lado, não suportasse a ideia; de alguma maneira, tal como a questão racial, também a homossexualidade lhe parecia algo que se devia circunscrever aos anos da faculdade, uma identidade a adotar durante uma fase, antes de a maturidade conduzir a terreno mais conveniente e pragmático) e concluía que a ideia o atraía sobretudo pelas vantagens acessórias, por exemplo, arrastar um catálogo de opiniões e causas políticas ou permitir-lhe abraçar sem reservas as preocupações estéticas. Se achava que lhe faltavam o sentimento de vitimização, os traumas e a raiva imemorial necessários à identidade negra, estava seguro de ter todas as inclinações que eram requisito essencial para se ser *gay*.

Julgava-se inclusivamente a caminho de se apaixonar por Willem, tal como houvera várias alturas em que estivera apaixonado por Jude. No trabalho, surpreendia-se a fazer olhinhos a Eduard. Por vezes, dava-se conta de que Dominick Cheung se lembrara do mesmo e então obrigava-se a parar, porque não queria de maneira nenhuma tornar-se naquele pobre coitado de 45 anos que lançava olhares libidinosos a um colaborador num escritório de arquitetos que ele jamais herdaria. Recentemente, num fim de semana, visitara Willem e Jude a pretexto de tirar medidas para lhes fazer uma estante, e, a dada altura, Willem inclinara-se pela sua frente para agarrar na fita métrica, que estava no sofá. De repente, a sua proximidade física tornara-se insuportável para Malcolm, que se desculpava dizendo que tinha de dar um salto ao ateliê e saía sem mais conversa, ficando Willem a chamá-lo.

Fora de facto à Ratstar e, ignorando as repetidas mensagens escritas de Willem, sentara-se ao computador, e, olhando para o ecrã sem realmente ver o ficheiro que abria, perguntara-se pela enésima vez porque viera trabalhar para ali. O pior era o facto de a resposta ser tão óbvia que a pergunta se tornava desnecessária: entrara para a Ratstar para impressionar os pais. No último ano do mestrado, apresentara-se-lhe uma escolha: podia juntar-se a dois colegas, o Jason Kim e a Sonal Mars, que iam abrir um ateliê de arquitetura com dinheiro dos avós dela, ou podia entrar para a Ratstar.

— Estás a gozar? — Foi a reação de Jason quando Malcolm lhe comunicou a sua decisão. — Tens noção da vida de um colaborador num lugar desses, não tens?

— A Ratstar é um lugar de categoria — replicou ele, não se deixando dissuadir. Parecia a mãe. Jason revirou os olhos. — Vai ser ótimo para o meu currículo. — Porém, ainda a dizer estas palavras, soube (e, pior do que isso, temia que também Jason soubesse) o que de facto estava a dizer: os pais iam adorar passear-se pelos *cocktails* comentando com este e aquele que o filho trabalhava lá. E assim era. Os pais adoravam mencionar isso. «Temos dois», ouvira Malcolm o pai dizer a alguém num jantar de homenagem a um dos clientes da mãe. «A minha filha é editora na Farrar, Straus and Giroux e o meu rapaz entrou para a Ratstar

Architects.» A mulher a quem ele ia dizendo estas coisas mostrou-se impressionada e Malcolm, que andava a tentar arranjar maneira de dizer ao pai que queria deixar o ateliê, sentiu a coragem abandoná-lo. Em alturas assim, invejava os amigos precisamente pelas circunstâncias que outrora lhe tinham inspirado pena: ninguém esperava que eles chegassem longe, vinham de famílias medíocres (ou não as tinham) e eram livres de viver as suas vidas apenas ao sabor das suas ambições.

Desde então, o que acontecera? Dois projetos de Jason e Sonal tinham merecido destaque na *New York* e um terceiro aparecera no *New York Times*, enquanto ele continuava a fazer o que já fazia no primeiro ano do mestrado, mas, agora, ao serviço de dois tipos pretensiosos donos de um ateliê cujo pretensioso nome tinham ido buscar a um pretensioso poema de Anne Sexton e que lhe pagavam miseravelmente.

Hoje, parecia-lhe que seguira Arquitetura pela pior razão: adorava edifícios. Essa paixão merecera o respeito dos pais, que, sendo ele criança, se dispunham a levá-lo a visitar casas e monumentos de cada vez que iam ao estrangeiro. Desde menino, sempre gostara de desenhar edifícios imaginários e criar maquetas mirabolantes: não só o reconfortavam como eram repositórios de tudo o que não conseguia expressar ou decidir. Resolvia arquitetonicamente os seus dilemas.

No fundo, era isso o que mais o envergonhava — e não a falta de jeito para o sexo, as traiçoeiras inclinações raciais ou a incapacidade de sair de baixo da asa dos pais, de se sustentar, de se emancipar. Envergonhava-o que, ao ficar com os colegas até tarde na Ratstar, os visse envolvidos a fundo nas suas ambiciosas estruturas sonhadas, embrenhados no planeamento e no traçado dos seus edifícios improváveis, enquanto ele nada fazia. Perdera a capacidade de imaginar. Por isso, dia após dia, enquanto os outros criavam, ele copiava: desenhava edifícios que vira em viagens, que outros tinham sonhado e erguido e que ele visitara ou em que vivera. De cada vez que lá ficava depois do trabalho, fazia o que já fora feito, não se dando sequer ao trabalho de introduzir melhorias. Ficava-se pela imitação pura e simples. Tinha 28 anos; a imaginação abandonara-o; tornara-se um copista.

O que o assustava. JB escolhia temas e pintava. Jude tinha o seu trabalho e Willem também. E ele? Como seria se jamais tornasse a criar? Podendo, regressaria aos anos em que não queria mais do que estar no seu quarto e gastar sucessivas folhas de papel milimétrico, quando isso era suficiente e não tinha ainda de se preocupar com escolhas e identidades, porque, nesse tempo, os pais decidiam tudo por si, podendo ele concentrar-se apenas na pureza do traço, qual golpe de uma lâmina, e na régua, tão parecida com o fio de uma navalha.

Foi JB quem decidiu que Willem e Jude organizariam uma festa de fim de ano no seu apartamento. Ficou resolvido no Natal, celebrado em três fases: a véspera, em casa da mãe de JB, em Fort Greene, e o jantar do dia de Natal (uma ocasião formal, que exigiu fatiotas a rigor), em casa de Malcolm, depois de um descontraído almoço em casa das tias de JB. Há muito que seguiam este ritual. Quatro anos antes, tinham-lhe juntado o jantar do Dia de Ação de Graças em Cambridge, na casa de Harold e Julia, um casal amigo de Jude. Porém, nunca tinham definido como devia ser a passagem de ano. No ano anterior, o primeiro depois da faculdade em que iriam festejar a entrada no novo ano na mesma cidade e exatamente ao mesmo tempo, acabara cada um para seu lado e muitíssimo infeliz — JB, numa festa sem piada nenhuma nas águas-furtadas de Ezra, Malcolm, num jantar de uns amigos dos pais na Alta da cidade, Willem, a trabalhar no Ortolan, porque Findlay o obrigara, e Jude, de cama com gripe na Lispernard Street —, o que motivara a decisão de planearem como fariam no ano seguinte. Porém, o tempo passara e nada fora decidido, até que chegaram a dezembro e continuavam sem saber como fariam.

Por isso, por uma vez, nenhum dos outros se importou quando JB decidiu pelos quatro. Calculavam que o apartamento tinha espaço para vinte e cinco pessoas, à vontade, ou quarenta, se ensardinhas.

— Ficam as quarenta — resolveu JB sem mais delongas, como os outros já contavam que ele fizesse, mas, de regresso ao apartamento, Willem e Jude fizeram uma lista de apenas vinte convidados, escolhidos de entre os seus amigos e os de Malcolm, porque sabiam que JB traria mais pessoas do que a quota-parte que lhe cabia, convidando não apenas amigos mas também amigos de amigos e outros que não eram amigos de ninguém, além de colegas, empregados de bar e assistentes de loja, ficando o apartamento tão cheio de gente que, mesmo quando abrissem todas as janelas e deixassem entrar o frio noturno, ainda assim a inevitável névoa do calor dos corpos acrescida da fumaça dos cigarros não se dissiparia.

— Não compliquem — fora a indicação de JB, mas Willem e Malcolm sabiam que a advertência se destinava apenas a Jude, que tinha tendência para esmeros desnecessários, por exemplo, passar noites em claro a fazer fornadas de *gougères* quando piza servia perfeitamente, ou limpar o apartamento de alto a baixo, como se alguém fosse notar que estava a pisar camadas de sujidade ou que o lava-louça tinha restos de detergente e dos pequenos-almoços dos últimos dias.

A noite antes do *réveillon* foi amena como não se esperava naquela época do ano: a temperatura subiu a ponto de Willem regressar a pé do Ortolan, que ficava a pouco mais de três quilómetros do apartamento. Ao chegar, encontrou-o tão denso de aromas amanteigados a queijo, massa e funcho que quase teve a sensação de que continuava no restaurante. Na cozinha, assegurou-se de que os pequenos tumores de massa não acabavam colados à grelha de arrefecimento. Ao examinar

as caixas de plástico com os biscoitos de ervas aromáticas e as bolachas de milho e gengibre, sentiu uma vaga tristeza — a mesma que o visitou ao perceber que Jude acabara mesmo por fazer uma limpeza geral —, sabendo que ninguém apreciaria o seu requinte, que seriam engolidos quase sem mastigar e empurrados com cerveja, e que ele e Jude passariam o primeiro dia do ano a encontrar migalhas daqueles magníficos biscoitos por todo o apartamento, alojadas e calcadas entre os ladrilhos. No quarto, Jude dormia com a janela entreaberta e a atmosfera densa fez Willem sonhar com a chegada da primavera, com árvores carregadas de flores amarelas e um bando de melros de asas lacadas, dir-se-ia, a deslizar silenciosamente num céu cor de mar.

Quando acordou, a temperatura descera, mas só após um momento se deu conta de que estava a tiritar, e então compreendeu que os sons do seu sonho afinal eram o vento; que não acordara, antes fora acordado; e que não estava a ser chamado pelos pássaros, mas por alguém:

— Willem, Willem.

Voltou-se e, soerguido nos cotovelos, viu Jude, mas por partes: primeiro, o rosto, depois, o braço esquerdo, que ele segurava com a mão direita e que fechara numa espécie de casulo — uma toalha, percebeu, cuja brancura quase parecia irradiar luz na escuridão e que ele fitou como se hipnotizado.

— Desculpa, Willem — disse Jude, tão calmo que, durante alguns segundos, ele acreditou estar ainda a sonhar e não fez caso, obrigando-o a insistir. — Desculpa, Willem, tive um acidente. Ajudas-me a ir ao consultório do Andy?

Isto fê-lo despertar.

— Um acidente? O que aconteceu?

— Cortei-me. Foi um acidente. — Uma pausa. — Levas-me?

— Sim, claro — disse Willem, que continuava estremunhado e incapaz de pensar. Vestiu-se com gestos atabalhoados e, ainda sem perceber o que acontecera, foi ter com Jude, que o esperava no corredor. Na Canal Street, quando ia atravessar para entrar no metro, Jude segurou-o.

— Acho que temos de apanhar um táxi.

Já instalados no banco traseiro, Jude indicou a morada ao taxista no mesmo tom esmorecido, quase em surdina, e só então Willem pareceu finalmente vir a si. De repente, tomou consciência de que Jude mantinha o braço envolto na toalha.

— Para quê a toalha? — perguntou-lhe.

— Cortei-me, já disse.

— Mas... é assim tão grave?

Jude encolheu os ombros e Willem reparou na estranha cor dos seus lábios, uma espécie de não cor, mas que talvez se devesse às luzes na rua, que o fustigavam e lhe deslizavam pelo rosto, tingindo-o de amarelo e ocre, e depois, quando o táxi rumou para norte, de um branco que era quase uma palidez larvar. Jude encostou a cabeça ao vidro e fechou os olhos e, nessa altura, Willem sentiu-se vagamente nauseado e tomado de um medo incipiente que não teria sabido explicar, porque apenas sabia que estava num táxi a caminho da Alta de Manhattan e que algo acontecera, não sabia o quê, mas sentia que era grave, que

lhe estava a escapar algum dado importante, vital. Entretanto, o calor húmido que se fizera sentir no começo da noite desaparecera e o mundo recuperara a normal aspereza gelada do final do ano, que, cruel, quase esfolava.

O consultório de Andy ficava na Rua 78 com a Park Avenue, perto da casa dos pais de Malcolm. Entraram e, agora que havia, de facto, luz, Willem viu que a mancha escura na camisa de Jude era sangue, que também embebera a toalha, deixando-a praticamente envernizada. O algodão ensopado lembrava um animal que andara à chuva.

— Desculpa — disse Jude a Andy, quando este abriu a porta para os deixar entrar, e, vendo Andy desenrolar a toalha, Willem teve a impressão de que o sangue asfixiara o braço de Jude, onde parecia ter nascido uma boca que começara a vomitar sangue tão sofregamente que se formavam bolhinhas, que logo rebentavam e lançavam salpicos, como se esfuziantes.

— Foda-se, Jude! — exclamou Andy, encaminhando-o para o gabinete. Willem sentou-se e esperou. *Por favor, deus*, pensou, *por favor, deus*. O seu cérebro parecia um mecanismo emperrado. Não conseguia pensar para lá daquelas três palavras. Havia demasiada luz na sala de espera. Tentou acalmar-se, mas não conseguia, porque a frase não parava de se repetir no seu pensamento, tornara-se um batimento cardíaco que lhe ressoava pelo corpo como uma segunda pulsação. *Por favor, deus. Por favor, deus. Por favor, deus.*

Só ao fim de uma longa hora ouviu Andy chamá-lo. Andy era oito anos mais velho do que ele e conheciam-no desde o segundo ano, quando Jude tivera uma crise de dor tão prolongada que, por fim, os três tinham decidido levá-lo ao hospital vinculado à universidade, onde Andy estava de serviço. Foi o único médico que Jude acedeu a ver novamente e, embora fosse cirurgião ortopédico, ainda hoje era quem Jude procurava independentemente de o problema ser nas costas, nas pernas, uma constipação ou uma gripe. Aliás, os quatro gostavam de Andy e tinham confiança nele.

— Podes levá-lo para casa — disse Andy. Estava zangado. Brusco, arrancou as luvas sujas de sangue e fez o tamborete recuar. No chão, uma faixa de sangue, malfeita, como se alguém tivesse começado a limpar um líquido derramado, acabando por se exasperar e desistir. Também as paredes estavam salpicadas de vermelho e a camisola de lã de Andy estava empapada de sangue seco. Sentado na marquesa, prostrado e infeliz, Jude segurava uma garrafa de sumo de laranja. Tinha o cabelo empastado de transpiração e, agora que o sangue secara, a camisa solidificara como se envernizada com goma-laca. Parecia feita de metal e não de tecido. — Jude, vai para a sala de espera — ordenou Andy, e, manso como um cordeiro, ele obedeceu.

Andy fechou a porta do gabinete e voltou-se para Willem.

— Reparaste em algum comportamento que sugerisse ideias suicidas?

— Hã? Não. — Deu por si sem se atrever a fazer o mais pequeno movimento.

— Isto foi uma tentativa de suicídio?

Andy suspirou.

— Ele diz que não. Mas... não sei. Ou melhor: não o posso afirmar. —

Avançou até à bancada, abriu a torneira e começou a esfregar as mãos quase com fúria. — Por outro lado, se tivessem ido às urgências... Aliás, era o que deviam ter feito, foda-se, tens consciência disso, não tens? O mais certo era internarem-no. O que provavelmente explica que ele não tenha querido fazer isso. — Nesta altura, Andy estava a falar para com os seus botões, apenas em voz alta. Pressionou repetidamente o dispensador até se formar um pequeno lago de sabonete líquido nas suas mãos, que ele recomeçou a esfregar. — Tu sabes que ele se corta, certo?

Willem precisou de um momento até conseguir responder.

— Não sabia — disse.

Andy voltou-se e fitou-o enquanto, sem pressas, limpava os dedos um por um.

— Ele pareceu-te deprimido nos últimos tempos? — perguntou. — Faz as refeições normais? Dorme sem dificuldade? Tem-lo visto apático ou transtornado?

— Tem-me parecido perfeitamente — respondeu Willem, mas, na verdade, não sabia. Jude *fazia* as refeições normais? *Dormia*? Passava-se alguma coisa de que ele se deveria ter dado conta? Deveria ter andado mais atento? — Ou melhor, não o achei diferente do costume.

— Bem... — murmurou Andy. De repente, foi como se perdesse o ânimo. Ficaram em silêncio, frente a frente, mas não se encarando. — Desta vez, vou aceitar a explicação dele — declarou. — Vi-o há uma semana e concordo contigo: não detetei nada fora do normal. Mas, se deres por algum comportamento estranho, seja o que for, Willem, liga-me de seguida.

— Prometo que sim — disse ele. Ao longo dos anos, vira Andy apenas espaçadamente, mas sempre se dera conta daquela sua frustração, que, muitas vezes, parecia prender-se com várias pessoas de uma assentada: ele mesmo, Jude, mas, sobretudo, os amigos de Jude, nenhum dos quais (acabava Andy por insinuar sempre que se viam, sem jamais o dizer com todas as letras) andava a olhar por ele como deveria. Era algo que Willem apreciava em Andy: revoltava-se com o que acontecia ou podia acontecer a Jude, a ponto de Willem temer as suas críticas, o que não deixava de ser injusto.

Seguiu-se o que, o mais das vezes, acontecia quando Andy dava o ralhete por terminado: o seu tom mudou, tornando-se quase afetuoso.

— Eu sei que sim — tranquilizou-o. — É tarde. Vá, vão para casa. Quando ele acordar, fá-lo comer alguma coisa. Feliz Ano Novo.

O regresso foi silencioso. O taxista lançou um olhar demorado a Jude.

— São mais vinte dólares além da corrida — disse.

— Tudo bem — respondeu Willem.

No céu, já se adivinhava a luz que em breve surgiria, mas ele soube que não conseguiria dormir. Jude passou todo o trajeto de rosto voltado para a janela e, na Lispenard Street, tropeçou ao entrar no apartamento, e, vagaroso, encaminhou-se para a casa de banho, que, intuiu Willem, ia agora tentar limpar.

— Deixa isso — disse-lhe. — Vai dormir. — E Jude, por uma vez obediente, deu meia-volta e arrastou-se para o quarto, onde adormeceu quase instantaneamente.

Willem sentou-se na sua cama e observou-o. Deu por si consciente de cada

articulação, cada músculo, cada osso do seu corpo, o que o fez sentir-se muito, muito velho. Durante longos minutos, ali sentado, observou, simplesmente.

— Jude — chamou, depois insistiu, e, vendo que ele não respondia, ergueu-se, aproximou-se da cama, fê-lo voltar-se, e, após uma breve hesitação, subiu-lhe a manga direita, que não deslizou, antes arqueou até se dobrar como cartão, mas, embora tenha conseguido fazer o tecido subir apenas até ao cotovelo, foi suficiente para ver três faixas de cicatrizes brancas perfeitamente alinhadas, cada uma com pouco mais de dois centímetros. Pareciam três escadas de corda em miniatura. Enfiou o dedo sob a manga e percebeu que as cicatrizes subiam pelo braço. Parou quando sentiu o bíceps. Não queria saber mais. Retirou a mão. Sabendo que encontraria o mesmo, não teve coragem para lhe examinar o braço esquerdo. Andy cortara a manga e o antebraço e a mão estavam ligados com gaze, que se mantinha branca.

Mentira ao dizer a Andy que não sabia que Jude se cortava. Ou, melhor dizendo, não o teria podido afirmar, mas, na prática, isso era uma desculpa. Sabia havia anos. No verão depois de Hemming morrer, quando estavam a passar férias na casa de Malcolm, houve uma tarde em que ele e Malcolm se embebedaram. Estavam sentados lá fora e, a dada altura, viram JB e Jude de regresso do passeio nas dunas, a tentar alvejar-se com mãos-cheias de areia.

— Já reparaste que o Jude nunca anda de manga curta? — comentou Malcolm.

Ele respondeu com um resmungo vago. Já dera por isso, claro. Seria difícil não notar, sobretudo em dias de calor. Porém, nunca se permitira questionar-se sobre o assunto. Não poucas vezes, tinha a sensação de que a sua amizade com Jude dependia largamente de ele não se permitir fazer as perguntas que sabia que devia fazer. E não as fazia por temer as respostas.

Silenciosos, viram JB, também embriagado, cair de costas na areia. Jude aproximou-se a coxear e começou a enterrá-lo.

— A Flora tinha uma amiga que usava sempre mangas compridas — comentou Malcolm. — Chamava-se Maryam. Cortava-se.

Willem deixou o silêncio alongar-se até se tornar uma criatura viva na sua imaginação. Lembrava-se de uma rapariga na residência que também se cortava. Costumava vê-la durante o primeiro ano, mas, agora que pensava no assunto, não a vira uma única vez durante todo o ano letivo que acabava de terminar.

— Porquê? — perguntou a Malcolm. No areal, JB cantarolava uma melodia descosida e desafinada. Jude já o enterrara pela cintura.

— Não sei — respondeu Malcolm. — Tinha mil problemas.

Willem esperou pelo resto, mas, ao que parecia, Malcolm nada tinha a acrescentar.

— Que é feito dela?

— Não sei. Perderam o contacto quando a minha irmã foi para a faculdade. A Flora nunca mais tornou a falar nela.

De novo, fez-se silêncio. Willem sabia que, nalgum momento que não conseguia precisar, ficara tacitamente decidido entre os três que seria ele o

cuidador de Jude, e aquela conversa, compreendeu, fora a maneira encontrada por Malcolm para lhe apresentar uma dificuldade que teria de ser resolvida, ainda que ele desconhecesse o problema propriamente dito — ou a resposta que lhe devia ser dada —, e podia apostar que o mesmo se passava com Malcolm.

Durante dois ou três dias, evitou Jude. Sabia que, se ficassem sozinhos, não se conseguiria impedir de ter uma conversa com ele, e não estava seguro de querer fazer isso ou de que espécie de conversa seria. Não lhe foi difícil: durante o dia, os quatro estavam sempre juntos, e, à noite, cada um tinha o seu quarto. Até àquele anoitecer em que Malcolm e JB foram comprar as lagostas e ele e Jude ficaram na cozinha a cortar o tomate e a lavar as alfaces. O dia fora longo, soalheiro e indolente, e Jude estava bem-disposto. Em alturas assim, ficava quase descontraído, e, ao começar a pergunta, Willem encheu-se de uma espécie de melancolia premonitória. Sabia que ia arruinar um momento perfeito, em que tudo — do céu ferido de rasgos rosados à exatidão com que a faca cortava os legumes — conspirara para se harmonizar, apenas para que ele viesse criar dissonância.

— Não queres vestir uma das minhas *T-shirts*? — perguntou.

Jude estava a remover o pedúnculo de um tomate. Terminou e só depois se fixou em Willem.

— Não — respondeu, inexpressivo e sem vacilar.

— Não tens calor?

Jude sorriu-lhe tão-só ligeiramente. Um aviso.

— Daqui a nada vai arrefecer. — Era verdade. Logo que a derradeira demão imperfeita de Sol desaparecesse do céu, a temperatura desceria a ponto de os fazer tiritar e o próprio Willem teria de ir buscar uma camisola ao quarto.

— Mas... — Ouviu-se antes de falar e deu-se conta do absurdo. Logo que dera início à acareação, ela fugira-lhe, esquivava como um gato. — Vais ficar com as mangas sujas de lagosta.

Jude respondeu com uma exclamação entre o grasnido e a fífia, demasiado sonora e áspera para ser uma gargalhada sincera, e tornou a concentrar-se na tarefa que tinha entre mãos.

— Acho que dou conta do recado, Willem — replicou, e, embora o tom continuasse brando, Willem viu que ele estava a apertar o cabo da faca como se o quisesse espremer, de tal maneira que tinha os nós dos dedos amarelados.

Felizmente, Malcolm e JB regressaram antes que a conversa pudesse continuar, embora Willem tenha ouvido o começo da pergunta que Jude lhe quis fazer. «Porquê tanta...?» Não a concluiu (aliás, não lhe dirigiu a palavra uma vez que fosse durante o jantar, que terminou sem um único salpico de lagosta nas mangas), mas Willem sabia que a pergunta não teria sido «Porquê essa preocupação?», mas sim «Porquê *tanta* preocupação?». Desde que se conheciam, Willem sempre tivera o cuidado de não se demonstrar demasiado interessado em vasculhar o armário cheio de portas e fundos falsos em que Jude se escondera.

Sendo outra pessoa qualquer, disse para consigo, não teria hesitado. Teria exigido respostas, teria ligado a amigos comuns, teria feito o interrogado sentar-se

e teria gritado, suplicado e ameaçado até lhe arrancar uma confissão. Mas, tratando-se de Jude, o acordo era aquele, sabia Willem, sabia Andy, sabiam todos. Deixavam passar coisas que o instinto lhes dizia que não deviam deixar passar e eram lesto a contornar suspeitas. Vigorava o entendimento de que a maior prova de amizade que lhe podiam dar era não invadir o seu espaço e aceitar as suas explicações, e, quando ele lhes batia com a porta na cara, não tinham mais que rodar nos calcanhares e retirar-se, em vez de a quererem abrir à força. Qual comissão reunida à porta fechada, os quatro já tinham discutido os problemas de outros — do Henry Young preto, por exemplo, quando desconfiaram que a rapariga com quem ele andava o traía e quiseram resolver como lhe contar, ou de Ezra, quando *já sabiam* que a rapariga com quem ele andava o traía e quiseram resolver como lhe contar —, mas jamais os três se juntariam para falar de Jude, antes de mais, porque ele veria isso como uma traição, depois, porque não resolveria nada.

Evitaram-se durante o resto do serão, mas, a caminho do quarto, Willem deu por si parado diante da porta de Jude, de mão erguida para bater, até que caiu em si. Diria o quê? Queria ouvir o quê? Acabou por continuar pelo corredor até ao seu quarto e, no dia seguinte, Jude não mencionou a quase-conversa da véspera, ele tão-pouco, o dia trouxe a noite, e, vindo o anoitecer seguinte e o outro depois desse, afastaram-se irremediavelmente daquela sua primeira tentativa falhada de fazer Jude responder a uma pergunta que não fora capaz de lhe fazer.

Desde então, não mais essa pergunta deixara de estar presente, e, nos momentos mais inesperados, abria caminho até à sua consciência e instalava-se teimosamente à vista, ficando a atormentá-lo sem arredar pé. Quatro anos antes, quando ele e JB estavam a fazer o mestrado e dividiam apartamento, Jude, que ficara em Boston a terminar Direito, visitou-os. E, dessa vez, houve a noite da porta da casa de banho trancada, e ele, do nada, a bater como se a fosse deitar abaixo, inexplicavelmente aterrorizado, até que Jude a abriu e tinha um ar irritado, mas, também (ou terá sido da sua imaginação?), estranhamente culpado, e perguntou «O que foi, Willem?», e ele, de novo, incapaz de responder, mas seguro de que alguma coisa não estava bem. Lá dentro, um penetrante cheiro tânico, o nítido odor ferrugento do sangue, e ele a revolver o balde do lixo e a encontrar uma compressa usada, mas seria aquela de quando estavam a preparar o jantar e JB se ferira ao tentar cortar uma cenoura em palitos (Willem estava convencido de que ele exagerava a incompetência na cozinha para se safar de ajudar), ou seria um rasto das autopunições noturnas de Jude? Também nessa ocasião (mais uma!), nada fez, apenas voltou à sala, passou por Jude adormecido (ou a fingir que dormia?) no sofá e nada disse, depois veio o dia seguinte e ele tornou a nada dizer, e mais se seguiram, como folhas em branco, e ele, nada, nada, nada.

Agora, isto. Tendo feito alguma coisa (o quê?) três anos antes, oito anos antes, teria acontecido o que acabava de acontecer? E acontecera *o quê*, exatamente?

Desta vez, não ficaria calado. Desta vez, tinha provas. Desta vez, deixar Jude esquivar-se, permitir que ele nada explicasse, fá-lo-ia ser culpado do que pudesse

vir a acontecer.

Tomada a decisão, desceu sobre ele um cansaço esmagador, que arrastou toda a preocupação, ansiedade e frustração daquela noite. Era o último dia do ano. Já deitado, Willem fechou os olhos, e a sua última sensação antes de adormecer foi de surpresa por o sono chegar tão depressa.

Eram quase duas da tarde quando finalmente acordou e o primeiro pensamento que lhe ocorreu foi a decisão que tomara de madrugada. Porém, era inegável que as circunstâncias se tinham reconfigurado para o desencorajar. Não havia indícios na cama de Jude. Nem o próprio Jude ali estava. Foi à casa de banho. Pairava o vago cheiro a clara de ovo da lixívia. E ali estava Jude, sentado à mesa de jogo, a recortar rodelas de massa com um estoicismo que deixou Willem simultaneamente irritado e aliviado. Ao que parecia, se de facto ia confrontar Jude, teria de o fazer sem a vantagem da normalidade perturbada. Do sucedido na véspera, não havia um eco.

Deixou-se cair pesadamente na cadeira diante dele.

— O que é isso?

Jude não ergueu o olhar.

— Tenho de fazer mais *gougères* — respondeu, muito calmo. — Uma das fornadas de ontem não saiu bem.

— Foda-se, achas que alguém vai notar a diferença? — replicou, com maldade, e já não se conseguiu travar: — Podíamos dar-lhes palitos de queijo de pacote, que, para eles, era a mesma coisa.

Vendo-o encolher os ombros, Willem sentiu a irritação tornar-se fúria. Depois de uma noite assustadora (agora, sim, era capaz de o admitir), ali estava Jude a comportar-se como se nada tivesse acontecido, apesar da mão ligada pousada na mesa, por estar temporariamente inutilizada. Quando se preparava para falar, Jude pousou o copo com que ia recortando a massa e encarou-o.

— Desculpa, Willem, mesmo — disse, tão baixinho que ele mal o ouviu. Ao vê-lo observar-lhe a mão, baixou-a para o colo. — Não devia ter... — Calou-se. — De verdade que lamento. Não estejas zangado comigo.

A fúria dissipou-se.

— Aquilo foi o quê, Jude? — perguntou.

— Não foi o que estás a pensar. Juro, Willem.

Anos mais tarde, Willem contaria esta conversa — em linhas gerais, mais do que palavra por palavra — a Malcolm, ao explicar-lhe porque sentia que fora incompetente e falhara. Uma frase sua e talvez tudo tivesse sido diferente. Podia ter dito «Jude, tu queres matar-te?», «Jude, vais ter de me contar o que se passa» ou «Jude, porquê magoares-te assim?». Qualquer delas teria sido aceitável e teria sido o começo de uma conversa reparadora, ou, pelo menos, preventiva.

Não era assim?

Mas, em vez disso, ali sentado, limitou-se a balbuciar:

— Tudo bem.

Seguiu-se um silêncio que durou uma eternidade, ou assim lhe pareceu. Ouviu a televisão de um vizinho. Anos mais tarde, perguntar-se-ia o que teria Jude

sentido ao vê-lo tão disposto a acreditar nas suas escassas palavras, se tristeza, se alívio.

— Mas *estás* zangado comigo?

— Não. — Aclarou a garganta. Era verdade. Não estava. Pelo menos, não teria escolhido essa palavra. O problema era que não lhe ocorria a palavra certa para o que estava a sentir. — Mas vamos ter de cancelar a festa, como é óbvio.

Só então Jude se mostrou alarmado.

— Porquê?

— *Porquê?* Estás a gozar?

— Willem — começou Jude, passando àquele seu tom que, na cabeça de Willem, era o «modo de advogado» —, não podemos cancelar. Dentro de sete horas, se não for menos do que isso, as pessoas vão começar a chegar. E não fazemos ideia de quem o JB convidou. Esses têm de aparecer mesmo que a gente telefone aos outros todos a cancelar. Além disso — inspirou vincadamente, como se o seu problema tivesse sido uma infeção pulmonar e lhe estivesse a mostrar que já passara —, estou perfeitamente. Custa-me mais cancelar do que fazermos o que está planeado e pronto.

Raios, como acontecia aquilo? Porque acabava ele por fazer sempre o que Jude queria? O certo foi que tornou a acontecer e, em breve, já eram oito da noite, as janelas tinham sido abertas, a cozinha estava abafada por causa do forno ligado — tudo como se a noite de véspera não tivesse acontecido, como se essas horas não tivessem passado de uma ilusão — e Malcolm e JB acabavam de entrar. Ao abotoar a camisa antes de deixar o quarto, Willem ouviu Jude explicar-lhes que queimara o braço ao tirar as *gougères* do forno e que Andy o tratara com uma pomada.

— Eu disse-te para não fazeres as putas das *gougères* — ouviu JB responder, embora com indisfarçado entusiasmo, ou não adorasse as delícias que Jude fazia no forno.

Nesse momento, Willem teve uma ideia quase irresistível: podia fechar a porta do quarto, deitar-se e dormir, e, quando acordasse, seria o novo ano, um novo começo, e o profundo desconforto que agora se contorcia dentro dele teria desaparecido. Encarar Malcolm e JB, passar as próximas horas na sua companhia e ter de interagir, sorrir e dizer piadas parecia-lhe subitamente uma tortura.

Mas claro que se juntou a eles e, quando JB fez finca-pé em subir ao terraço para apanhar ar fresco e fumar um cigarro, Willem ouviu calado enquanto, pouco convicto e sabendo-se derrotado à partida, Malcolm se opunha invocando o frio, depois seguiu-os, resignado, quando os três subiram a escada estreita que levava ao terraço impermeabilizado.

Sabia que estava de mau humor, por isso, afastou-se e deixou-os entretidos na conversa. Ergueu o olhar. O céu estava escuro como breu. Do lado norte, avistava-se a loja de materiais de arte onde JB trabalhava em *part-time* depois que, um mês antes, se despedira da revista. Lá adiante, erguia-se o Empire State Building, grandalhão e desengraçado, puro mau gosto em bruto, a sua torre, iluminada de um azul demasiado intenso, que o fazia pensar em bombas de gasolina e no longo

trajeto de carro tantos anos antes, de cada vez que deixava Hemming sozinho no hospital e regressava a casa dos pais.

— Pessoal — disse aos outros —, 'tá um *ganda* griso. — Não tinha o casaco. Nenhum deles se agasalhara. — Bora descer. — Quando quis abrir a porta que dava para a escada, o puxador não rodou. Fez a segunda tentativa. Nada. Acabavam de se fechar ali fora. — Foda-se! — explodiu. — Foda-se, foda-se, *foda-se!*

— Credo, Willem — murmurou Malcolm, sobressaltado, por ser tão raro vê-lo zangado daquela maneira. — Trouxeste a chave, Jude?

Jude fez que não.

— Foda-se! — Era mais forte do que ele. Tudo lhe parecia ao contrário do que deveria ser. Não conseguiu encarar Jude, a quem culpava por lhes ter acontecido aquilo, embora soubesse que não estava a ser justo. Também se culpou, o que, sendo mais justo, apenas o fez sentir pior. — Alguém trouxe telemóvel? — Estupidamente, nenhum tinha o seu consigo. Estavam no apartamento, onde também eles deveriam estar, não fosse a besta do JB, mais a besta do Malcolm, que parecia um pau-mandado, JB dizia e ele fazia, por mais estúpida e desconchavada que fosse a proposta, e até Jude ele odiou naquele momento, odiou-o pela noite anterior, por aqueles nove anos, por fazer mal a si mesmo, por não lhes permitir que o ajudassem e porque o assustara, o deixara desnorreado e o fizera sentir-se um inútil: odiou-o por tudo.

Gritaram durante alguns minutos. Bateram com os pés, na esperança de ser ouvidos por algum dos três vizinhos que ainda não conheciam. Malcolm sugeriu alvejarem uma janela de um edifício vizinho, mas não havia nada que pudesse servir de projétil — nem tinham consigo as carteiras, que continuavam no apartamento, aconchegadas nos bolsos dos respetivos casacos. De resto, não se via luz em nenhuma das janelas em volta.

— Ouçam — acabou Jude por dizer, e a última coisa que Willem queria fazer era ouvi-lo —, tenho uma ideia. Desçam-me à escada de incêndio e entro pela janela do quarto.

Era uma ideia tão imbecil que o deixou momentaneamente sem reação. Não o admiraria que JB se tivesse saído com uma assim, mas era uma surpresa ouvir semelhante sugestão dos lábios de Jude.

— Não — disse, categórico. — É a coisa mais idiota que já ouvi.

— Porquê? — insurgiu-se JB. — Parece-me um plano perfeito. — A escada de incêndio era uma coisa desengonçada e quase impraticável que não inspirava confiança, um esqueleto de metal enferrujado aparafusado à fachada do edifício. Começava no quarto andar, descia até ao segundo e mais parecia um pormenor decorativo particularmente horripilante. De onde estavam, era uma queda de quase três metros até ao patamar superior da escada, que acompanhava apenas parcialmente a largura da sala. Ainda que conseguissem descer Jude em segurança, sem ele partir uma perna ou ter uma crise de dor, teria de se esticar bastante para alcançar a janela do quarto.

— Está fora de questão — disse Willem a JB. Os dois discutiram acesamente

durante alguns minutos, e, um tanto alarmado, Willem percebeu que não havia alternativa. — Não vai o Jude — declarou então. — Vou eu.

— Não podes ser tu.

— Porquê? Nem tem de ser pela janela do quarto. Entro por uma janela da sala. — Embora tivessem barras, faltava uma, e Willem estava convencido de que se conseguiria enfiar por esse espaço. Seria à justa, mas não era impossível. Até porque não havia outra solução.

— Fechei as janelas antes de subirmos — confessou Jude, num fio de voz, e, pelo seu tom, Willem percebeu que ele estava a dizer que as trancara, porque Jude trancava tudo: portas, janelas e armários. Era um automatismo. A janela do quarto tinha o fecho estragado, mas ele magicara uma solução: um mecanismo complicado que envolvia parafusos e arame, mais um empecilho do que outra coisa, mas que ele assegurava ser à prova de arrombamento.

Willem ficava repetidamente perplexo com a superpreparação de Jude. Desde que o conhecia que ele se dedicava a adivinhar desastres em todo o lado. Há muito que reparara naquele seu hábito de, ao entrar num espaço desconhecido, procurar a saída mais próxima, de onde já não se afastava. Inicialmente, Willem achara isso cómico, mas depois, de alguma maneira, deixara de o ser, idem para a sua dedicação a aplicar medidas preventivas sempre que possível. Certa noite, já deitados, tinham ficado à conversa até tarde e Jude dissera-lhe (baixinho, como se estivesse a revelar um segredo precioso) que o mecanismo de fecho da janela do quarto podia ser aberto pelo lado de fora, mas que só ele sabia como fazer.

— Estás a dizer-me isso porquê? — perguntou Willem.

— Porque acho que devíamos mandar arranjar o fecho — respondeu Jude.

— Mas, se és o único que sabe abrir o teu mecanismo, que diferença faz? — Não lhes sobrava dinheiro para chamar um serralheiro que resolveria um problema que não era um problema. Avisar o zelador tão-pouco era opção: depois da mudança, Annika confessara que não podia subarrendar o apartamento, mas dissera acreditar que o senhorio não os incomodaria a menos que eles arranjassem problemas. Por isso, procuravam não dar chatices: o que houvesse para consertar, eles consertavam, fosse uma parede que precisava de levar massa ou algum problema nos canos.

— Mais vale prevenir — justificou-se Jude. — Prefiro saber que estamos seguros.

— Jude, estamos em segurança — garantiu Willem. — Não vai acontecer nada. Ninguém vai entrar aqui. — Passados instantes, ouvindo apenas silêncio, suspirou e cedeu. — Tudo bem, amanhã chamo o serralheiro.

— Obrigado, Willem — agradeceu Jude.

No fim, acabou por não chamar ninguém.

Essa conversa fora dois meses antes. Agora, passados esses dois meses, ali estavam eles ao frio no seu terraço e aquela janela era a sua única esperança.

— Foda-se, foda-se — repetiu, quase num queixume. Doía-lhe a cabeça. — Explica-me como se faz e eu faço.

— É complicado — argumentou Jude. Pareciam já nem se lembrar de que

Malcolm e JB também ali estavam. Porém, limitavam-se a assistir à cena, e, por uma vez, JB nada tinha a dizer. — Não te vou conseguir explicar.

— Sim, já sei que me achas um burro do caralho — disparou Willem —, mas usa palavras básicas e pode ser que eu atinja.

— Willem... — Surpreendido, Jude hesitou. Um silêncio. — Não foi o que eu quis dizer.

— Eu sei — reconheceu ele. — Desculpa. Eu sei. — Respirou fundo. — Mas, ainda que a gente avance com o plano, e acho sinceramente que não devíamos, como fazemos para te descer à escada?

Jude acercou-se da beira do terraço, resguardado de um lado e do outro por um murete que lhes dava pelas canelas, e espreitou.

— Sento-me aqui, virado para diante, diretamente sobre a escada de incêndio — explicou. — Tu e o JB sentam-se, cada um segura-me uma mão, e descem-me. Quando já não der para me descerem mais, soltam-me e caio ao patamar.

Era um plano tão arriscado e imbecil que Willem não conseguiu evitar rir.

— Supondo que fazemos isso, como chegas à janela do quarto?

Jude encarou-o.

— Aí, vais ter de confiar em mim.

— Isto é uma estupidez.

JB deteve-o com um gesto.

— Não há outra solução, Willem. Senão, morremos gelados, foda-se.

Era verdade e Willem sabia disso. Se não estava a tiritar, devia-o unicamente à fúria que o invadira.

— Não tens olhos, JB? Ainda não viste que ele tem a merda do braço ligado de alto a baixo?

— Estou perfeitamente, Willem — assegurou Jude, antes que JB pudesse responder.

Depois de mais dez minutos de discussão, por fim, Jude avançou até à beira do terraço.

— Não me ajudas, Willem? Não há problema: ajuda o Malcolm — declarou, embora Malcolm parecesse aterrorizado.

— Não — travou-o Willem. — Eu faço. — Ele e JB ajoelharam-se apoiados contra o murete e cada um segurou uma mão de Jude usando as duas. Willem estava de tal forma enregelado que mal sentiu os dedos fecharem-se em volta da mão esquerda de Jude. De qualquer maneira, não podia sentir senão a textura da gaze que a almofadava. Ao segurar-lhe firmemente a mão, veio-lhe à cabeça a expressão de Andy e o sentimento de culpa deixou-o agoniado.

Jude deslizou da beira do parapeito e Malcolm deixou escapar um ligeiro queixume, que terminou num guinchinho aflito. Willem e JB inclinaram-se até ficarem eles próprios em risco. Pendurado, Jude gritou-lhes que o largassem e eles assim fizeram. Viram-no cair à grelha metálica do patamar e a escada ressoou.

Quando ouviu a exclamação triunfal de JB, Willem teve vontade de lhe dar um murro.

— Estou bem! — gritou-lhes Jude, erguendo a mão ligada e acenando como se

segurasse uma bandeira. Avançou até à beira do patamar e cavalgou a guarda para desembaraçar o arame que fechava a janela. Enganchara uma perna numa das barras da guarda metálica, mas a sua posição não era de todo estável. Willem viu-o oscilar ligeiramente ao tentar manter o equilíbrio. Entorpecidos pelo frio, os seus dedos trabalhavam com dificuldade.

— Desçam-me — pediu aos outros dois, ignorando os protestos esbaforidos de Malcolm. Sentou-se no murete, já em posição, e avisou Jude, para que a sua aterragem não o fizesse perder o equilíbrio.

A queda foi mais assustadora e o impacto, mais forte do que ele antecipara, mas, obrigando-se a recompor-se prontamente, avançou para Jude, enlaçou-lhe a cintura, e, como precaução adicional, enganchou também a perna numa barra da guarda metálica.

— Estás seguro — tranquilizou-o, e, quando Jude se inclinou para diante, mais do que poderia ter feito não estando alguém a segurá-lo, Willem apertou-o tão firmemente contra si que lhe sentiu as vértebras sob a camisola de lã, o subir e descer do estômago ao ritmo da respiração, e, inclusivamente, o eco dos movimentos dos seus dedos a repercutir-se nos músculos à medida que ele desfazia as voltas de arame que mantinham a janela fechada. Quando já se conseguia abrir, Willem escarranchou-se na guarda metálica e entrou primeiro no quarto, depois esticou-se, segurou Jude pelos braços, tendo o cuidado de evitar os pensos, e puxou-o.

No quarto, recuaram da janela, e, ainda arquejantes depois das acrobacias, encararam-se. Apesar do frio que entrava, o quarto estava aquecido, e, naquela atmosfera aconchegada, Willem permitiu-se finalmente sentir alívio e quase perdeu a força nos joelhos. Estavam a salvo, tinham escapado ilesos daquela loucura. Jude sorriu-lhe de orelha a orelha e ele fez o mesmo. Fosse JB à sua frente, tê-lo-ia abraçado para se entregarem os dois a uma euforia pateta, mas Jude não era dado a abraços, por isso, refreou-se. Mas Jude ergueu a mão para sacudir as minúsculas lascas de ferrugem que se lhe tinham alojado no cabelo e, vendo a gaze manchada de vermelho-escuro na zona do pulso, Willem percebeu tardiamente que a respiração acelerada de Jude não se devia ao esforço físico de há instantes, mas à dor. Sob o seu olhar, Jude sentou-se pesadamente na cama, Tateando atrás das costas com a mão ligada para se certificar de que tinha um apoio sólido.

Willem agachou-se ao seu lado. O júbilo esfumara-se, dando lugar a um sentimento mais impreciso. Estranhamente, deu por si à beira das lágrimas e não sabia porquê.

— Jude... — murmurou, mas o resto não veio.

— Vai abrir-lhes a porta — disse ele, e, ainda que cada palavra lhe saísse arquejada, tornou a sorrir.

— Eles que se fodam — disse Willem. — Fico aqui contigo. — Encolhido de dor, Jude riu sem forças, depois tombou lentamente até ficar deitado de lado, e Willem levantou-lhe as pernas e ajudou-o a estender na cama. Vendo lascas de ferrugem na camisola de lã, quis retirá-las uma por uma, mas acabou por desistir e sentou-se na cama ao lado dele. Nem sabia por onde começar. Tentou novamente:

— Jude...

— Vai lá — insistiu ele. Ainda a sorrir, fechou os olhos, e, relutante, Willem ergueu-se e foi fechar a janela. Apagou a luz e fechou a porta do quarto, e, ao subir para socorrer Malcolm e JB, ouviu o zunido do intercomunicador ecoar na caixa da escada, anunciando a chegada dos primeiros convidados.

[II] O Pós-Homem

Aos sábados, trabalhava, mas aproveitava os domingos para caminhar. O hábito já contava cinco anos e começara por ser uma necessidade: tendo-se mudado para Nova Iorque, praticamente não conhecia a cidade. Assim, a cada semana, escolhia um sítio e fazia o trajeto a pé da Lispenard Street até lá. Chegando ao quarteirão programado, contornava-o, estudando-lhe o perímetro, depois regressava ao apartamento. Não falhara um único domingo, exceto das vezes em que o estado do tempo fora um obstáculo intransponível ou perto disso. Presentemente, já fizera o reconhecimento a pé de quase todas as zonas de Manhattan, bem como de várias outras de Brooklyn e Queens, mas, chegando domingo, continuava a sair às dez da manhã e só regressava ao apartamento depois de concluído o percurso do dia. Há muito que deixara de fazer aquelas caminhadas por prazer, embora não pudesse afirmar que *não* lhe davam prazer. Fazia-as e era tudo. Tivera uma fase particularmente otimista em que as encarava como mais do que simples exercício físico, atrevendo-se a pôr a hipótese de que seriam terapêuticas, uma espécie de fisioterapia improvisada. Mas Andy não partilhava dessa opinião e, mais do que isso, desaconselhava-as. «Não acho mal que queiras exercitar as pernas», dizia-lhe. «Mas, sendo esse o objetivo, o ideal era nadares, em vez de te andares a arrastar para cima e para baixo pela cidade.» Não lhe teria desagradado fazer natação, mas não sabia de nenhuma piscina que lhe oferecesse a necessária privacidade, por isso esqueceu a ideia.

Willem chegara a acompanhá-lo uma vez por outra naqueles passeios e, presentemente, sempre que o percurso o levava pelo teatro onde Willem estava a fazer a peça, calculava o tempo de maneira a poderem encontrar-se a seguir à matiné. Iam à barraca dos sumos naturais na esquina, cada um bebia o seu, Willem contava que tal correria o espetáculo, depois comprava uma salada para jantar antes do espetáculo da noite, despediam-se e ele continuava a descer, de regresso ao apartamento.

Ainda viviam na Lispenard Street, embora já se pudessem ter mudado cada um para o seu apartamento: ele, sem dúvida; Willem, provavelmente. Mas nenhum dos dois alguma vez mencionara fazê-lo e não acontecera. Entretanto, um fim de semana, os quatro tinham unido esforços e fechado toscamente o lado esquerdo da sala com pladur, fazendo um segundo quarto, por isso, quando agora entravam no apartamento, deparavam-se com a luz pardacenta que entrava por duas janelas, em vez das anteriores quatro. Willem mudara-se para o novo quarto e ele continuara no que os dois tinham dividido.

Tirando as ocasiões em que esperava Willem na porta dos artistas do teatro, tinha a impressão de que ultimamente mal lhe punha a vista em cima, porque, embora Willem passasse a vida a dizer-se um calaceirão, a verdade era que, não estando a trabalhar, estava a tentar conseguir algum trabalho. Três anos antes, no vigésimo nono aniversário, jurara que se despediria do Ortolan antes dos trinta. A

duas semanas do fim do prazo que impusera a si mesmo, estavam os dois no apartamento, ensardinados na sua nova meia-sala, um Willem apreensivo perguntava-se alto se não seria uma loucura deixar o trabalho que lhe garantia o sustento, e, eis senão quando, o seu telemóvel tocara e era a chamada que ele esperara durante anos. A peça em que entrara no seguimento dessa chamada fora razoavelmente bem-sucedida e gerara suficiente interesse nele para lhe permitir despedir-se de vez do Ortolan treze meses depois — apenas um ano depois da autoimposta data-limite. Vira a peça de Willem — *O Teorema de Malamud*, um drama familiar sobre um professor de Literatura com princípio de demência e o filho, físico de profissão, com quem estava praticamente de relações cortadas — cinco vezes, duas delas, com Malcolm e JB, outra, com Harold e Julia, numa ocasião em que eles tinham vindo passar o fim de semana a Manhattan, e, em cada ocasião, esquecera-se de que o ator no palco era o seu companheiro de apartamento e amigo de longa data, e, no fim, aplaudira tão orgulhoso quanto melancólico, como se a altura do palco prenunciasse a subida iminente de Willem ao patamar seguinte da sua vida, ao qual ele não ia ter acesso direto.

No seu caso, a aproximação dos trinta não acordara um pânico latente nem o lançara num frenesim de atividade. Não fora acometido da necessidade de reconfigurar os contornos da sua vida para lhe dar uma aparência mais consonante com a sua ideia do que devia ser o dia a dia de um trintão. O mesmo não acontecera com os amigos, obrigando-o isso a passar os seus três derradeiros anos de «jovem na casa dos vinte» a ouvi-los lançados em eulogias a essa década, discriminando tudo quanto tinham feito e deixado por fazer e listando as razões por que estavam desiludidos consigo e as alíneas do seu potencial por cumprir. Essa fase marcara um ponto de viragem. O segundo quarto, por exemplo: em parte, tinham-no feito porque Willem tinha pavor de chegar aos 28 e continuar a dividir um quarto com aquele que já fora o seu companheiro de quarto durante o curso. Tomado de uma ansiedade semelhante — o medo de, como se num conto de fadas, a chegada aos quarenta os poder transformar em outros, sem que tivessem sobre isso algum controlo, sendo algum tipo de anúncio radical a única maneira de impedir que acontecesse —, Malcolm assumira-se *gay* perante os pais, no que se precipitara, visto ter sido obrigado a dar o dito por não dito no ano seguinte, ao envolver-se com uma mulher.

Já ele, não obstante as ansiedades dos amigos, jamais teve dúvidas de que ia adorar fazer trinta anos, de resto, pela razão por que qualquer deles odiara: aos trinta era-se inequivocamente adulto. (Aliás, estava desejoso de fazer 35, porque, nessa altura, poderia dizer que era adulto havia mais do dobro do tempo que fora criança.) Em pequeno, os trinta sempre lhe tinham parecido uma idade longínqua e inconcebível. Lembrava-se de, em menino — nessa altura, ainda vivia no mosteiro —, ter perguntado ao irmão Michael, que gostava de lhe contar a respeito das viagens que fizera na sua outra vida, quando poderia, também ele, viajar.

— Quando fores mais velho — respondeu-lhe o irmão Michael.

— E isso vai ser quando? — insistiu ele. — No ano que vem? — Naquela

altura, um mês parecia-lhe uma eternidade.

— Só daqui por muitos anos — disse o irmão Michael. — Quando fores mais crescido. Quando fizeres trinta anos. — Pois bem, dentro de poucas semanas, assim aconteceria.

Aos domingos, enquanto se preparava para mais uma das suas caminhadas, por vezes parava descalço na cozinha, e, no silêncio, o apartamento, tão pequeno e tão feio, parecia-lhe um milagre. Ali, o seu tempo pertencia-lhe, tal como tinha um espaço a que podia chamar seu, e cada porta podia ser trancada e cada janela podia ser fechada. Parava diante da minúscula despensa no corredor — um nicho, na verdade, que eles tinham fechado com serapilheira — e não podia deixar de admirar as suas provisões. Estavam abastecidos. No apartamento da Lispenard Street, não havia necessidade de dar um salto a desoras ao minimercado na West Broadway porque se acabara o papel higiénico, ou porque, de nariz franzido, tinham puxado uma garrafa de leite azedo do fundo do frigorífico. Ali, havia sempre tudo isso. Quando alguma coisa se acabava, havia mais. Porque ele se assegurava de que assim fosse. Durante o primeiro ano na Lispenard Street, sentira algum constrangimento em dar a conhecer aqueles seus hábitos, que sabia serem de pessoa mais velha, e, provavelmente, próprios de uma mulher. Escondia as reservas de rolos de cozinha debaixo da cama e os folhetos com os cupões de desconto na pasta de documentos, para os ver quando Willem não estivesse em casa, como se estivesse a manusear pornografia exótica. Até que, um dia, Willem lhe descobriu o esconderijo ao procurar uma meia que chutara sem querer para debaixo da cama.

Quase morreu de vergonha.

— Porquê? — admirou-se Willem. — Acho ótimo. Felizmente, estás cá tu para prestar atenção a estas coisas. — Mas ele sentiu-se exposto: sentiu que aquela era mais uma prova a juntar ao dossiê já a deitar por fora com tudo o mais que atestava a sua tacanhez remediada de velha solteirona, a sua inapelável incapacidade inata de ser o tipo de pessoa que tentava convencer os outros de que era.

Contudo — nisso como em tantas coisas —, era mais forte do que ele. Quem o entenderia se ele tentasse explicar que o apartamento na Lispenard Street, jamais elogiado por alguém e aprovisionado à maneira de um abrigo antiaéreo, o fazia sentir-se tão seguro e satisfeito como o grau académico ou o emprego? Ou que aqueles momentos sozinho na cozinha eram a sua meditação, os únicos em que se sentia descontraír verdadeiramente, aqueles em que o seu cérebro parava de se adiantar qual batedor, apalpando terreno e antecipando os milhares de minúsculas deflexões e desfocagens da verdade e dos factos que lhe exigiam cada uma das suas interações com o mundo e seus habitantes? Ninguém, ele sabia. Nem mesmo Willem. Mas não havia problema, porque tivera anos para se ensinar a guardar os pensamentos para si. Ao contrário dos amigos, aprendera a esconder os indícios das suas bizarras, deixando que fosse o mistério a diferenciá-lo, mas ficava feliz e orgulhoso por eles partilharem consigo as suas.

Desta vez, a caminhada seria até ao Upper East Side. Subiria pela West

Broadway até ao Washington Square Park, depois, University Place, atravessaria a Union Square e continuaria pela Broadway até à Quinta Avenida, por onde subiria até à Rua 86. No regresso, desceria a Madison Avenue até à Rua 24, onde seguiria para a esquerda até à Lexington Avenue. Continuando a descer, tornaria a desviar-se para a esquerda, entrando em Irving Place, e iria uma vez mais encontrar-se com Willem à porta do teatro. Tinham-se passado meses, quase um ano, desde que fizera este mesmo percurso, primeiro, por ser tão extenso, depois, porque passava os sábados no Upper East Side, numa casa não muito longe da morada dos pais de Malcolm, onde dava explicações a Felix, um menino de doze anos. Mas eram meados de março, decorriam as férias da Páscoa e Felix e a família estavam no Utah, pelo que não havia o perigo de os ver.

O pai de Felix era amigo de amigos dos pais de Malcolm, daí que Mr. Irvine lhe tivesse arranjado aquele biscate.

— Não ganhas que chegue no gabinete do procurador-geral, pois não? — perguntou-lhe um dia. — Não sei porque não me deixas apresentar-te ao Gavin de uma vez. — Gavin era um dos amigos de Mr. Irvine recuando ao curso de Direito e presidia atualmente a uma das mais poderosas firmas de advocacia da cidade.

— Pai, ele *não quer* defender os grandes grupos económicos — recusou Malcolm em seu nome, mas Mr. Irvine continuou a falar como se o filho não tivesse aberto a boca, o que o fez afundar-se na poltrona. Sentiu-se mal por Malcolm, mas também irritado. Certo, pedira-lhe que tentasse saber se os pais conheciam alguém com um filho que precisasse de um explicador, mas pedira-lhe que descobrisse isso *discretamente* e não com uma pergunta *direta*.

— Pensa bem, Jude — disse Mr. Irvine. — Acho louvável queres fazer o teu caminho sem pedir favores a ninguém. — Malcolm encolheu-se mais ainda na poltrona. — Mas precisas assim tanto de um rendimento extra? Não imaginei que o governo federal pagasse *tão* miseravelmente, mas é bem verdade que passaram muitos anos desde os meus tempos ao serviço da causa pública. — Sorriu com ironia.

E ele sorriu de volta.

— Nada disso — respondeu. — Pagam-me que chegue. (E assim era. Para Mr. Irvine, seria um ordenado miserável, claro, tal como para Malcolm, mas, no seu caso, era mais dinheiro do que jamais sonhara que teria. Recebia quinzenalmente e parecia-lhe que a sua conta ia engrossando a olhos vistos.) — Estou a tentar juntar dinheiro para dar a entrada para um apartamento, só isso. — Viu o rosto de Malcolm voltar-se para si e disse para consigo que não se podia esquecer de pôr Willem a par da mentira que acabava de contar ao pai de Malcolm, antes que o próprio Malcolm se lembrasse de lhe dizer.

— Sim senhor, grandes novidades — pronunciou-se Mr. Irvine. Ali estava um objetivo que conseguia entender. — Pois bem, dá-se o caso de eu conhecer alguém para quem os teus préstimos virão a calhar.

Essa pessoa era Howard Baker, que, após uma desatenta entrevista de quinze minutos, o contratou para dar explicações de Latim, Matemática e Alemão ao

filho, além de lições de piano. (Estranhou que Mr. Baker não contratasse explicadores com formação específica em cada uma dessas disciplinas — não lhe faltava dinheiro para isso —, mas não fez a pergunta.) Condoía-se de Felix, um miúdo enfezado e feinho que tinha o tique de enfiar o indicador numa das narinas estreitas e esgaravatar como se quisesse abrir um túnel, até que se dava conta do que estava a fazer, desalojava rapidamente o dedo da narina e limpava-o nas calças de ganga. Ao fim de oito meses, ainda não tinha uma noção das capacidades de Felix. Burro, não era, mas sofria de uma absoluta falta de entusiasmo, como se, com doze anos, já se tivesse resignado ao facto de que a vida seria uma decepção, e ele, uma decepção para os que faziam parte da sua. A cada sábado, encontrava-o infalivelmente à sua espera à uma em ponto, com os deveres feitos e preparado para as suas perguntas, rematando cada resposta com uma interrogação esganiçada e ansiosa, como se mesmo a pergunta mais simples («*Salve, Felix, quid agis?*» «*Hum... bene?*»), o obrigasse a um desesperado tiro ao alvo. Por outro lado, nunca tinha uma pergunta para lhe fazer, e, quando ele experimentava perguntar-lhe se havia algum tema que tivesse vontade de debater numa das duas línguas de que lhe dava explicações, Felix encolhia os ombros e resmungava algo de ininteligível, já com o dedo a fugir-lhe para a narina. De cada vez que, ao final de mais uma tarde de sábado, se despedia de Felix fazendo-lhe adeus — e, apático, ele erguia a mão em resposta, para depois, de ombros caídos, se sumir na escuridão do *hall* —, tinha a sensação de que o pequeno vivia enclausurado naquela casa, jamais saindo à rua ou convidando amigos. Pobre Felix. Mesmo o seu nome convidava à implicância.

Fazia agora um mês, Mr. Baker pedira para lhe dar uma palavrinha no final desse sábado, e, despedindo-se do seu tutorando, ele seguira a criada até ao gabinete de trabalho do seu empregador. Nesse dia, estava a coxear mais pronunciadamente, o que o deixava constrangido e o fazia sentir-se — como tantas vezes lhe acontecia — a precetora pobre num drama dickensiano.

Contara deparar-se com um Mr. Baker impaciente, ou, talvez, furioso, embora as notas de Felix tivessem subido, e entrou preparado para se defender, se necessário — Mr. Baker pagava-lhe bem mais do que ele pensara que receberia e já tinha planos para o dinheiro que estava a conseguir juntar —, mas, para sua surpresa, foi-lhe serenamente indicada a cadeira vazia diante da secretária.

— Na tua opinião, qual pode ser o problema do Felix? — perguntou-lhe Mr. Baker.

A pergunta apanhou-o de surpresa e precisou de um momento para pensar numa resposta.

— Não creio que haja algum problema, Mister Baker — respondeu, medindo as palavras. — Apenas acho que ele não é... — Quase disse: *feliz*. Mas o que era a felicidade senão uma extravagância, um estado que é impossível manter, em parte, por ser tão difícil traduzir por palavras? Não se lembrava de, em criança, saber definir a felicidade. Havia apenas a tristeza ou o medo e a ausência de um e outro, bastando-lhe a segunda. Não queria nem precisava de mais do que isso. — Acho que ele é tímido — atalhou.

Mr. Baker deixou escapar um resmungo (não fora, obviamente, a resposta que ele procurava).

— Mas gostas dele, não? — perguntou, com uma aflição bizarra e tão vulnerável que o fez sentir uma súbita e profunda tristeza por Felix e por Mr. Baker. Seria aquilo ser pai? Seria aquilo ser *filho*, seria assim ter-se pais? Quanta infelicidade, quanta desilusão, quantas expectativas defraudadas e por cumprir!

— Claro — respondeu, e, com um suspiro, Mr. Baker estendeu-lhe o cheque, que, normalmente, era a criada a entregar-lhe antes de ele sair.

Na semana seguinte, Felix não quis tocar a peça que ele o mandara estudar. Estava ainda mais apático do que de costume.

— Queres tocar outra coisa? — propôs ele. Felix encolheu os ombros. Tentou pensar nalguma maneira de resolver o impasse. — Queres que eu toque para ti? — O pequeno voltou a encolher os ombros. Então, ele tocou, porque o piano era magnífico, e, por vezes, quando via Felix dedilhar com hesitação aquelas teclas imaculadas, ansiava estar ali sozinho e deixar que as suas mãos viajassem pelas escalas quão velozmente ele conseguisse.

Tocou a *Sonata N.º 50 em Ré maior*, de Haydn, uma das suas peças para piano favoritas, tão viva e aprazível que acreditou que animaria ambos. Porém, quando terminou, ao seu lado estava o mesmo rapazinho calado de sempre, o que o fez envergonhar-se tanto do otimismo vaidoso e demasiado insistente de Haydn como do seu acesso de autocomplacência.

— Felix... — começou, mas calou-se. Ao seu lado, Felix aguardava. — Há algum problema? — Então, para seu espanto, Felix começou a chorar, não lhe restando senão tentar consolá-lo. — Felix... — murmurou, passando-lhe desajeitadamente um braço pelos ombros. Imaginou que era Willem, que teria sabido exatamente o que fazer e dizer sem sequer pensar no assunto. — Vai ficar tudo bem. Prometo. — Mas Felix apenas chorou mais ainda.

— Não tenho amigos — balbuciou, por entre soluços.

— Oh, Felix... — repetiu, e a sua compaixão pelo pequeno, que, até ali, fora distanciada e factual, tornou-se límpida. — Sinto muito. — Naquele instante, sentiu intimamente a solidão da vida de Felix, obrigado a passar mais um sábado com um advogado aleijado de quase trinta anos, que só ali estava porque lhe pagavam, e que mais logo sairia com pessoas de que gostava muito, e, imagine-se, essas pessoas sentiam o mesmo por ele, enquanto Felix ficaria sozinho, porque a mãe, a terceira mulher de Mr. Baker, estava sempre algures longe dali, restando-lhe o pai, que se convencera de que ele tinha algum problema, de que o seu comportamento era anormal. Mais tarde, ao regressar ao apartamento (quando estava bom tempo, declinava ser levado pelo motorista de Mr. Baker, optando por andar), ponderaria a improvável injustiça de tudo aquilo: qualquer que fosse o critério, Felix era um rapazinho exemplar como ele não fora, e, no entanto, não tinha amigos, enquanto ele, um pobre desgraçado, os tinha. — Hás de ter, garanto-te.

— *Quando?* — exclamou o pequeno, num queixume tão aflito que o fez estremecer.

— Em breve, em breve — assegurou, afagando-lhe as costas raquíticas. — Prometo. — Felix anuiu. O choro tornara-lhe a pequena cara de osga ainda mais reptiliana. No final da tarde, quando Felix o levou à porta, ele teve a nítida sensação de que o pequeno sabia que a sua promessa fora uma mentira. Quem podia afirmar que ele um dia teria amigos? Tantas vezes a amizade e o companheirismo desafiavam a lógica, tantas vezes fugiam aos que eram merecedores, tantas vezes se ficavam pelos maus, pelos esquisitos, pelos que não passavam de bizarras defeituosas. Fez adeus a Felix, mas só lhe viu as costas diminutas, porque ele já estava a rodar nos calcanhares para voltar para dentro, e claro que nunca abordaria o assunto com ele, mas pareceu-lhe que acabava de compreender o seu eterno desânimo: há muito que Felix percebera isso. Já sabia como a vida funcionava.

Falava francês e alemão. Sabia de cor a tabela periódica. Lembrava-se — ainda que não quisesse — de longos trechos da Bíblia praticamente palavra por palavra. Sabia como ajudar uma vaca a parir, substituir o fio de um candeeiro, desentupir um cano, qual a maneira mais eficaz de apanhar nozes, quais os cogumelos venenosos e quais os comestíveis, como usar uma enfardadeira manual e qual o sítio exato onde pressionar uma melancia, uma maçã, uma abóbora ou um melão para saber se estavam maduros. (Somando a tudo isto, havia todas as coisas que desejava jamais ter aprendido, conhecimentos a que esperava nunca mais ter de recorrer, coisas que, se pensava nelas ou se o visitavam em sonhos, o faziam encolher-se de vergonha e ódio.)

E, contudo, tantas vezes tinha a sensação de que nada sabia de realmente útil ou meritório. Saber línguas e matemática não era mau, de acordo. Mas, diariamente, era-lhe recordado quanto desconhecia. Não vira nenhuma das *sitcoms* de que todos citavam constantemente este e aquele episódio. Nunca fora ao cinema. Nunca viajara, tal como jamais fora para uma colónia de férias. Nunca comera pizza, ou um gelado comprado num carro de rua, ou massa com queijo (muito menos *foie-gras*, *sushi* ou tutano, ao contrário de Malcolm ou JB). Nunca tivera um computador ou um telemóvel e raramente pudera navegar na internet. Nada tinha que fosse seu, dava-se agora conta. Ou, pelo menos, nada que de facto contasse. Os livros de que tanto se orgulhava, as camisas que cerzia uma vez e outra: tudo isso era nada, era lixo, e o orgulho que tinha nesses míseros pertences era mais vergonhoso do que nada ter. A sala de aula era o lugar mais seguro que conhecia e o único onde se sentia confiante: tudo o mais era uma incessante avalanche de portentos que o deixavam mudo de assombro, um desfilar de lembretes da sua insondável ignorância. Deu por si a listar mentalmente as coisas inéditas que ouvia e via. Não podia pedir respostas a ninguém, porque fazê-lo seria admitir a sua abissal diferença, o que motivaria mais perguntas e pô-lo-ia cada vez mais a nu, além de que levaria inevitavelmente a conversas que, em absoluto, não estava preparado para ter. Com frequência, sentia-se não tanto um estrangeiro — porque mesmo os estudantes estrangeiros (o próprio Odval, que vinha de uma aldeia próxima de Ulan Bator) pareciam partilhar todas aquelas referências —, mas alguém transplantado de outro tempo. Passara-lhe tanta coisa

ao largo, ao que parecia, que a sua infância poderia perfeitamente ter decorrido no século xix, em vez de no século xxi — mais ainda porque *tudo* quanto sabia afinal era obscuro e sem real aplicação prática. Como se explicava que todos os outros, viessem de Lagos, na Nigéria, ou de Los Angeles, tivessem aparentemente vivido mais ou menos as mesmas coisas e partilhassem as principais referências culturais? Tinha de haver mais quem desconhecesse tudo o que ele desconhecia, não? E, não havendo, como faria para ficar a par da generalidade das pessoas?

Ao serão, quando iam estirar-se no quarto de alguém (havia sempre uma vela acesa e um charro a circular), acontecia muitas vezes a conversa encaminhar-se para as infâncias dos colegas, que eles ainda mal tinham deixado, mas de que falavam com curiosa nostalgia, além de estarem visivelmente obcecados com essa fase das suas vidas. Contavam tudo o que lhes acontecera nessa altura e pareciam não deixar de fora um único detalhe, sem que ele chegasse a compreender se estavam a comparar experiências porque queriam descobrir o que os aproximava, se, pelo contrário, se queriam vangloriar do que os tornava diferentes, uma vez que pareciam ficar deliciados acontecendo tanto uma como outra. Recordavam ocasiões em que tinham sido proibidos de sair, mas tinham saído na mesma e qual fora o castigo (os pais de alguns tinham-lhes batido e eles falavam disso com uma espécie de orgulho, e também isso lhe parecia curioso). Contavam episódios envolvendo os animais de estimação, os irmãos, roupas que tinham usado e que tinham deixado os pais de cabeça perdida, grupetas a que tinham pertencido durante o secundário, com quem, onde e como tinham perdido a virgindade, acidentes de carro que tinham tido, fraturas que tinham feito, desportos que tinham praticado e bandas que tinham fundado. Recordavam férias em família que se tinham revelado desastrosas, familiares excêntricos ou tão-só esquisitos, vizinhos *sui generis* e professores amados e odiados. Agradou-lhe conhecer todas essas histórias bem mais do que esperara — eram testemunhos de adolescentes *normais*, com as vidas normais e iguais às de toda a gente que sempre o tinham deixado curioso — e ficar acordado até tarde a ouvi-las não só era relaxante como educativo. O seu silêncio era simultaneamente uma necessidade e uma proteção, tendo a inesperada vantagem de o tornar mais misterioso e interessante do que realmente era. «E tu, Jude?», já lhe tinham perguntado uns quantos, ainda no começo do semestre, mas, logo nessa altura — rápido que era a aprender as coisas —, ele já sabia que se devia limitar a encolher os ombros, sorrir e dizer: «Adormecias, acredita.» Espantosamente e para seu alívio, eles aceitavam essa resposta sem insistir. Qualquer deles queria sobretudo falar de si e nenhum estava realmente interessado em ouvir mais ninguém. O seu egocentrismo era uma dádiva.

Porém, o seu silêncio não passou inteiramente despercebido e viria a estar na origem da sua alcinha. Foi nesse ano que Malcolm descobriu o pós-modernismo e JB fez tanto banzé de volta disso, mostrando-se tão escandalizado por alguém chegar àquela idade sem conhecer aquela ideologia, que ele escondeu que tão-pouco ouvira falar no pós-modernismo.

— Não podes simplesmente *decidir* que és pós-preto, Malcolm — indignou-se

JB. — E mais: para te afirmares *para lá* da negritude, terias de ter *começado* por te afirmar negro.

— És tão estúpido, JB — impacientou-se Malcolm.

— A menos que — continuou JB — fosses tão genuinamente impossível de classificar que nenhuma das categorias identitárias aceites te fosse aplicável. — Com estas palavras, JB voltou-se para ele, e, durante segundos, o terror foi tal que o petrificou. — Como aqui o Judy, por exemplo: nunca o vemos acompanhado, não tem uma etnia definida e praticamente nada sabemos a seu respeito. O nosso Jude é pós-sexualidade, pós-raça, pós-identidade e pós-passado. — E sorriu-lhe, supôs ele que para deixar claro que estava a brincar, pelo menos em parte. — Aqui o nosso Jude é o Pós-Homem.

— Tal e qual, és o Pós-Homem! — repetiu Malcolm, sempre disposto a explorar o desconforto de outrem para fugir ao seu. No fim, a alcunha não pegou: ao entrar, Willem ouviu-a e a sua reação foi revirar os olhos, o que pareceu desentusiasmar JB, que se mostrara tão vaidoso da sua perspicácia. Porém, o episódio serviu para lhe mostrar que, ainda que se tivesse convencido de que se estava a integrar, por mais que se esforçasse por ocultar as partes espinhosas da sua pessoa, não enganava ninguém. Os outros sabiam que ele era uma bizzarria, além de ridículo, por ter acreditado que os tinha feito acreditar que não era. Ainda assim, continuou a participar daquelas ocasiões pela noite dentro, continuou a juntar-se aos colegas no quarto deste e do outro. Tinha vontade de estar com eles, mesmo se agora sabia que conviver era pôr-se em perigo.

Por vezes, durante a sessão (para consigo, passara a chamar-lhes assim; encarava aquelas conversas como sessões de estudo intensivo que lhe permitiam corrigir as lacunas culturais), surpreendia Willem a observá-lo com uma expressão indecifrável e perguntava-se quanto já teria ele adivinhado a seu respeito. Na verdade, já tivera de se refrear para não lhe confessar o que sentia. O que talvez fosse asneira, também já pensara para consigo. Talvez ficasse mais tranquilo partilhando com alguém que, na maior parte do tempo, mal compreendia o que estava a ser discutido, que desconhecia aquela língua em que todos eles eram fluentes, feita de aselhices e frustrações de infância. Mas acabava por nunca dar esse passo, porque admitir que ignorava essa linguagem obrigá-lo-ia a explicar *qual* falava.

Ainda assim, tendo de contar a alguém, sabia que escolheria Willem. Se admirava os três companheiros de quarto, Willem era quem merecia a sua confiança. Na instituição, depressa aprendera que há três tipos de rapazes: os que começam a luta (JB); os que não lutam, mas também não vão chamar um adulto para lhe pôr fim (Malcolm); e os que tentam ajudar a vítima (sendo esse o tipo mais raro e aquele a que Willem obviamente pertencia). Talvez acontecesse o mesmo com as raparigas, mas não sabia, porque o seu convívio com raparigas fora escasso.

Cada vez mais teve a certeza de que Willem já percebera alguma coisa. (*O quê?*, argumentava consigo em momentos de lucidez. *Estás a tentar arranjar um pretexto para lhe contar, mas e depois, o que vai ele pensar de ti? Não faças essa burrada. Fica*

calado. Controla-te.) Evidentemente, era uma ideia absurda. Não tivera de entrar para a faculdade para saber que a sua infância fora atípica — bastara-lhe ler alguns livros para chegar a essa conclusão —, mas só recentemente compreendera o grau de atipicidade que estava em causa. Ora, precisamente o seu caráter estranho funcionava como insonorização, embora, pela inversa, o isolasse. Era quase inconcebível que alguém adivinhasse os contornos e os particulares da sua infância, portanto, se acontecesse, seria porque ele deixara pistas tão impossíveis de ignorar como amontoados de estrume pela estrada fora. Apenas aconteceria se ele cedesse à vontade de chamar a atenção da maneira mais grotesca.

Certo. Mas a dúvida persistia, por vezes, com uma intensidade que se tornava incômoda, como se fosse inevitável ele acabar por revelar alguma coisa, daí estar desde já a receber mensagens que eram mais difíceis de ignorar do que teria sido obedecer-lhes.

Certa noite, no começo do terceiro ano, juntaram-se apenas os quatro. Foi uma ocasião especial: sentiram-se perfeitamente à vontade e, numa disposição um tanto sentimental, descobriram-se melhores amigos. Sim, *eram* melhores amigos, e para sua surpresa, a categoria incluía-o. A sua residência era a Casa dos Capelos e tornaram-se conhecidos no *campus* como o Quarteto dos Capelos. Tinham outros amigos (sobretudo JB e Willem), mas sabiam (ou subentendiam, o que dava no mesmo) que, antes de mais, deviam lealdade aos outros três. Não era um compromisso que tivessem afirmado, mas qualquer dos quatro percebeu que partia desse pressuposto e que de bom grado seguiria o código de honra que aquela sua amizade lhes impunha.

Nessa noite, jantaram piza, que JB pediu e Malcolm pagou. Também havia marijuana, providenciada por JB. Choveu e caiu granizo e, se já se sentiam felizes, ouvir os vidros fustigados e o vento sacudir as velhas janelas de madeira como se as fosse arrancar dos caixilhos lascados foi a cereja em cima do bolo. O charro ia passando de mão em mão e, embora tenha recusado — recusava sempre, temia perder a noção das coisas e fazer ou dizer algo que não devia —, sentia o fumo arder-lhe nos olhos, qual criatura quente e peluda a roçar-se-lhe nas pálpebras. Teve o cuidado de comer o mínimo possível, como sempre fazia quando um deles oferecia a refeição, e, embora tenha ficado com fome (sobravam duas fatias e, a dada altura, deu-se conta de que as olhava fixamente e obrigou-se a dirigir a atenção para outra coisa), a sua satisfação era plena. *Era capaz de dormir aqui*, pensou, e, estendendo-se no sofá, tapou-se com o cobertor de Malcolm. Sentia-se deliciosamente exausto, mas também era verdade que, nos últimos tempos, a exaustão era uma constante — como se o esforço diário para parecer normal fosse tão grande que mal lhe sobrava energia para o resto. (Por vezes, tinha noção de que se mostrava pouco comunicativo ou talvez frio, e sem dúvida que muitos o achavam um chato, o que, num *campus* universitário, talvez fosse maior desgraça do que ser o que ele era, independentemente do que isso seria.) A dada altura, ouviu, em fundo, Malcolm e JB debaterem a natureza do mal.

— Estou só a dizer que não estaríamos a ter esta discussão se tivesses lido Platão.

- Sim, mas *qual*?
- Já leste Platão?
- Não vejo o que isso...
- *Leste* ou não?
- Não, mas...

— Vês? Estás a ver? Estás a ver?! — O acusador era Malcolm, que se pôs aos saltos, eufórico, de dedo apontado a JB, o que fez Willem rir às gargalhadas. Sempre que fumava erva, Malcolm ficava mais pateta e mais pedante, e os três adoravam os debates filosóficos patetas e pedantes que então tinham com ele, porque, de manhã, Malcolm não se lembrava de nada.

Seguiu-se um interlúdio em que Willem e JB falaram de qualquer coisa — de tão ensonado que estava, não prestou atenção, apenas se apercebeu das suas vozes —, até que, de repente, a voz de JB irrompeu pela sua semiconsciência:

- Jude!
- Diz — respondeu ele sem abrir os olhos.
- Quero fazer-te uma pergunta.

No mesmo instante, sentiu-se entrar em estado de alerta. Sempre que JB estava pedrado, vinha acima aquele seu misterioso talento para fazer as perguntas mais impensáveis e constrangedoras. *Parecia-lhe* que JB não agia assim por maldade, mas sem dúvida que fazia pensar no que lhe iria no subconsciente. Seria *esse* o verdadeiro JB? Aquele que perguntara a Trícia Park, uma colega ali na residência, como era ser a gémea feia? (A pobre Trícia levantara-se e saíra a correr.) Aquele que, depois de o ver ter uma crise de dor particularmente intensa (em que, por várias vezes, se sentiu resvalar para a inconsciência, tão agoniado como quando, na montanha-russa, parece que o comboio vai tombar), ainda assim fora capaz de se escapular com o namorado, também entusiasta da marijuana, e regressara antes do amanhecer, carregado de ramos de magnólia cheios de botões peludos, que, em clara violação do regulamento da universidade, andara a cortar pelo pátio principal?

- Diz — repetiu ele, preparado para o pior.
- É o seguinte — preambulou JB, fazendo uma pausa para dar mais uma passa no charro. — Nós quatro já nos conhecemos razoavelmente...
- Ah sim? — interrompeu Willem, fazendo-se admirado.
- Caluda, Willem — impôs-se JB. — E todos queremos saber porque nunca nos contaste o que te aconteceu às pernas.

— JB, isso é... — apressou-se Willem a intervir, mas foi interrompido por Malcolm, que, quando pedrado, tomava o partido de JB sempre com grande espalhafato.

- Isso magoa-nos, Jude — disse ele. — Não confias em nós?
- Por amor de deus, Malcolm — impacientou-se Willem. — *Isso magoa-nos* — imitou-o, fazendo uma vozinha esganiçada. — Pareces uma menina. Isso é assunto do Jude e ninguém tem de se meter.

De alguma maneira, foi pior que Willem, sempre Willem, o defendesse. De Malcolm e JB! Naquele instante, odiou os três, mas claro que não estava em

posição de odiar nenhum. Eram seus amigos, os primeiros que tinha, e já compreendera que a amizade consiste numa sucessão de transações envolvendo afeto, tempo, dinheiro, ocasionalmente, informação, sempre. Ora, dinheiro, ele não tinha. Nada tinha para lhes dar, nada lhes podia oferecer. Não podia emprestar uma camisola a Willem, que o deixava vestir as suas, tal como não podia pagar a Malcolm os cem dólares que ele certa vez o obrigara a aceitar, ou ajudar JB com a mudança, como JB o ajudara.

— Bem — hesitou, ciente do silêncio expectante dos três. Mesmo Willem queria saber. — Não é muito interessante. — Continuou de olhos fechados. Era-lhe mais fácil falar não tendo de os encarar, mas, por outro lado, duvidava que naquele momento os conseguisse encarar se assim quisesse. — Sofri um traumatismo durante uma viagem de carro quando tinha quinze anos. Foi no ano antes de vir para a faculdade.

— Ah — murmurou JB. Por um momento, ninguém falou, e ele sentiu como que um esvaziamento da atmosfera. A sua revelação deixara-os de novo sóbrios. E sérios. — Lamento, meu caro. É lixado.

— Antes disso, conseguias andar? — indagou Malcolm, como se ele fosse paraplégico. Sentiu-se triste e constrangido. *Consequias andar*. Pelos vistos, os outros não achavam que o que ele fazia merecesse essa designação.

— Sim — respondeu, e, porque era verdade, ainda que não da maneira como eles decerto iriam interpretar, acrescentou: — Fiz corta-mato.

— Uau — admirou-se Malcolm, ficando-se JB por um resmungo apiedado.

Apenas Willem não se manifestara, deu-se conta, mas não se atreveu a abrir os olhos para lhe ver a expressão.

A história correu, como ele sabia que aconteceria. (Talvez as pessoas afinal se *perguntassem* o que lhe acontecera às pernas. Trícia Park, por exemplo, disse-lhe, tempos depois, que julgara que ele tivesse nascido com paralisia cerebral. O que responder a uma coisa *assim*?) Por fim, com o passa-palavra, já ia ele ao volante, e, por fim, ia ao volante e bebera.

— Normalmente, a explicação mais simples é a que está certa — costumava dizer o seu professor de Matemática, o Dr. Li, e talvez esse princípio se aplicasse também neste caso. Mas não. Ele sabia que não era assim. A matemática é a matemática. A vida é bem menos simplista.

Curiosamente, quando a sua explicação se transformou num suposto acidente de carro, isso trouxe-lhe a oportunidade de se reinventar. Apenas tinha de legitimar essa nova versão da história. Mas não foi capaz. Jamais conseguiu passar a dizer «acidente», porque não fora. Tinha ali uma saída e não a aproveitou. Por orgulho ou estupidez? Não sabia dizer.

Seguidamente, deu-se conta de outra coisa. Durante outra crise — particularmente humilhante, porque aconteceu quando estava prestes a terminar o turno na biblioteca, tendo Willem, que entrava a seguir, chegado alguns minutos mais cedo —, ouviu Mrs. Eakeley, com quem simpatizava, perguntar porque tinha ele aqueles episódios de dor. A bibliotecária, que era culta e amável, estava a ajudar Willem a levá-lo para a sala de descanso, onde lhe cheirou a borra de café,

um cheiro que detestava, e que, de tão intenso, quase o fez vomitar.

— Sofreu um traumatismo durante uma viagem de carro — ouviu Willem responder, como se na outra margem de um grande lago negro.

Só à noite tomou consciência das palavras de Willem: dissera «sofreu um traumatismo» e não «foi um acidente». Teria sido deliberado? O que saberia Willem? Ficou tão perturbado que, estando ele ali, lhe teria perguntado. Mas não; Willem fora dormir com a namorada.

Estava sozinho, reparou. Tinha o quarto para si. Sentiu a criatura no seu íntimo — que sempre imaginara diminuta e peluda como um lémure, sempre alerta e preparada para fugir, os seus olhos escuros e húmidos continuamente a sondar em volta, à cata de perigos ainda não anunciados — descontrair-se e estender-se no chão. Sobretudo nesses momentos, adorava ser estudante universitário: estava num quarto aquecido e, no dia seguinte, faria três refeições e poderia comer quanto lhe apetecesse; nas horas de permissão, iria às aulas, e, sobretudo, não apareceria ninguém para lhe bater ou para o obrigar a fazer coisas que não queria. Tinha por perto os companheiros de quarto — os amigos — e sobrevivera a mais um dia sem revelar os seus segredos, além de que, tendo passado mais um dia, se distanciara mais um pouco daquele que fora. De todas as vezes, isso parecia-lhe um feito e o seu prémio era poder dormir, por isso, fechou os olhos, para recuperar as forças e enfrentar mais um dia no mundo.

Fora Ana, a primeira e única assistente social que o acompanhara e a primeira pessoa que não traía a sua confiança, quem o fizera considerar seriamente a possibilidade de se candidatar à universidade — àquela que acabou por frequentar —, assegurando-lhe que entraria. Não fora a primeira pessoa a fazer a sugestão, mas foi a que mais insistiu com ele.

— Não vejo porque não — argumentou. A frase era quase um lema seu. Estavam em casa dela, sentados no alpendre traseiro, a comer pão de banana que fizera a namorada. Ana não era grande fã da Natureza («tem demasiados insetos e coisas que se *contorcem*», dizia), mas, quando ele sugerira ir ali para fora (a medo, porque, nessa altura, ainda não tinha certezas quanto aos limites da tolerância de Ana para consigo), ela assentara resolutamente as mãos nos braços do cadeirão e erguera-se. «Não vejo porque não. Leslie!», chamara de seguida, olhando na direção da cozinha, onde Leslie estava a fazer limonada. «Levas-nos o lanche lá fora?»

O rosto dela foi o primeiro que viu quando finalmente abriu os olhos no hospital. Durante um longo momento, não teve ideia de onde se encontrava, de quem era ou do que acontecera, até que, de repente, viu o rosto de Ana pairar sobre si, a fitá-lo.

— Olha, olha — disse ela. — Vejam só quem acordou.

Parecia estar sempre ali: independentemente da hora, acordava e via-a. Sendo dia, nos primeiros momentos vagos, como que inacabados, antes da consciência, começava por ouvir os sons normais da atividade no hospital: a chiadeira dos sapatos das enfermeiras; a trepidação de um carrinho de medicamentos; as vozes monocórdicas nos altifalantes. Se acordava durante a noite, sentindo tudo

silencioso à sua volta, precisava de mais tempo até perceber onde estava e porque estava ali, mas, invariavelmente, acabava por acontecer, sem que, ao contrário de outras percepções, se tornasse mais fácil, tal como os detalhes não perdiam nitidez. Por fim, acontecia-lhe acordar quando não era dia ou noite, mas uma hora intermédia cuja estranha luminosidade suja o fazia pensar momentaneamente que talvez afinal houvesse um céu, sendo lá que acabava de chegar. Depois, ouvia Ana, e, uma vez mais, lembrava-se da razão por que ali estava, e só queria fechar os olhos outra vez.

Nesses momentos, falavam de pequenos nada. Ela perguntava-lhe se tinha fome, e, independentemente da resposta, tinha uma sanduíche para ele comer. Perguntava-lhe se tinha dores e, em caso afirmativo, qual a intensidade. Teve a primeira crise na presença de Ana e a dor foi tão atroz — quase insuportável, como se alguém tivesse enfiado as mãos dentro dele, agarrado a coluna vertebral como se fosse uma cobra e a estivesse a sacudir para a desembaraçar do enrodilhado de nervos — que, mais tarde, quando o cirurgião lhe disse que um traumatismo como o seu era um insulto ao corpo, do qual este jamais poderia recuperar inteiramente, ele compreendeu em pleno o significado da palavra e achou que não podia ser mais certa.

— Está a dizer que ele vai sofrer estes episódios pelo resto da vida? — replicou Ana, e ele agradeceu-lhe a indignação, porque estava tão assustado e sem forças que lhe faltava alento para reagir.

— Quem me dera poder responder que acabarão por passar — respondeu o cirurgião. Depois, para ele: — Mas é possível que diminuam de intensidade. Ainda és muito jovem. A nossa coluna vertebral tem uma extraordinária capacidade de se regenerar.

— Jude — disse Ana, quando ele sofreu a crise seguinte, dois dias depois da primeira. Ouvia a voz dela como se de muito longe, mas, de um momento para o outro, tornou-se tão próxima que era como se as palavras que Ana ia dizendo lhe explodissem no cérebro. — Segura a minha mão — pediu ela, e, de novo, a sua voz dilatou, depois tornou-se distante. Segurou-lhe a mão e ele apertou-lhe os dedos com tanta força que, estranhamente, julgou que lhe fosse esmagar o anelar com o indicador, e pareceu-lhe sentir cada minúsculo osso da palma da mão dela reconfigurar-se sob a força dos seus dedos, e então, aos seus olhos, Ana tornou-se tão delicada quanto complexa, embora Ana nada tivesse de delicado, fosse na aparência ou nos modos. — Conta alto — disse ela, durante o terceiro episódio, e ele assim fez, contou até cem, depois recomeçou, e novamente, dividindo a dor em porções manejáveis. Nesses tempos, quando ainda não sabia que o melhor era manter-se imóvel, parecia um peixe no convés de um barco: naquela cama de hospital indiferente, intransigente, a sua mão buscava um cabo a que se agarrar para ficar a salvo enquanto todo ele procurava uma posição em que o desconforto fosse menor. Tentava manter-se silencioso, mas percebia que ia deixando escapar estranhos sons de animal, e, embora estivesse de olhos fechados, chegava a ver uma floresta povoada de corujas, veados e ursos, e imaginava-se uma daquelas criaturas, e aqueles seus sons tornavam-se normais, porque passavam a ser parte da

incessante banda sonora da floresta.

Quando passasse, ela dar-lhe-ia água a beber por uma palhinha, para ele não ter de levantar a cabeça. O chão inclinava-se. O chão abaulava. Vomitou várias vezes. Nunca estivera em alto-mar, mas imaginou que seria assim, imaginou que, sob o chão de linóleo do hospital, havia ondas que o transformavam em montículos trémulos.

— Isso, muito bem — dizia Ana, enquanto ele ia sorvendo. — Vá, mais um bocadinho.

» Vão deixar de ser tão dolorosas — assegurou-lhe, e ele assentiu. Não conseguia imaginar como seria a sua vida se aquelas crises *não* deixassem de ser tão dolorosas. Os seus dias reduziram-se a horas, horas sem dor e horas com dor, e a imprevisibilidade desse horário e do seu corpo (que era seu apenas em teoria, porque já não o controlava) esgotavam-no, por isso, dormia e dormia, e os dias fugiam-lhe sem que os chegasse a habitar.

Posteriormente, tornar-se-ia mais simples dizer aos outros que a dor era nas pernas, mas não, era nas costas. Por vezes, conseguia adivinhar que ia ter espasmos — que estava iminente a dor que, começando na coluna vertebral, desceria a uma perna, depois, à outra, como uma estaca de madeira em chamas que lhe tivesse sido cravada. Fazia determinado movimento, erguia alguma coisa demasiado pesada ou esticava-se demasiado para a arrumar, ou estava simplesmente cansado: qualquer delas podia desencadear uma crise. Mas, noutras alturas, os espasmos apanhavam-no de surpresa. Também havia vezes em que a dor era precedida de um interlúdio entorpecido, ou de picadas, que, de tão ligeiras e rápidas, eram quase agradáveis, como se tivesse eletricidade na coluna. Nessas alturas, não tinha mais que deitar-se e aguardar que o ciclo de dor se completasse. Era uma penitência inevitável e não tinha como lhe fugir. Doutras vezes, a dor chegava de rompante, e essas eram as crises piores. Mais tarde, veio a temer que acontecessem em momentos inoportunos e, se tinha uma reunião ou entrevista importante, ou sessão de tribunal, suplicava às costas que se agentassem e que lhe permitissem atravessar sem incidente as horas seguintes. Mas tudo isto estava ainda por vir e a aprendizagem de cada uma destas lições fez-se com horas e horas de episódios de dor, durante dias, que se tornaram meses, que se tornaram anos.

Ao longo das semanas, Ana foi-lhe trazendo livros, e pediu-lhe que fizesse uma lista com outros que lhe interessavam, para ela lhes trazer da biblioteca — mas, por puro acanhamento, ele jamais lhe pediu um único. Sabia que ela era assistente social e que o ia acompanhar, mas passou mais de um mês, os médicos começaram a mencionar tirar-lhe o gesso dentro de algumas semanas, e só então Ana lhe perguntou pela primeira vez o que acontecera.

— Não me lembro — respondeu ele. Nesse tempo, qualquer que fosse a pergunta, era essa a sua resposta. Que, além disso, era mentira. As imagens assaltavam-no contra a sua vontade: as luzes dianteiras do carro, dois clarões ofuscantes, a agigantar-se ao seu encontro, e ele a fechar os olhos e a desviar o rosto, como se isso fosse impedir o inevitável.

Ela aguardou um momento.

— Não há pressa, Jude — disse-lhe. — Em linhas gerais, nós sabemos o que aconteceu. Mas, nalguma altura, preciso que me expliques por palavras tuas, para podermos falar sobre isso. — Já tinham falado, revelou de seguida, ou ele não se lembrava? Pelo que percebeu, ao sair da primeira intervenção cirúrgica, acordara, e, durante alguns momentos de lucidez, respondera às perguntas de Ana, não apenas sobre o que acontecera naquela noite, mas também sobre os anos que a tinham precedido. Mas ele não tinha nenhuma recordação dessa conversa e inquietou-o imaginar o que lhe teria contado exatamente e qual a expressão dela ao ouvi-lo.

Chegou a perguntar-lho diretamente: quanto lhe contara?

— O suficiente para eu me convencer de que o inferno existe e de que esses homens merecem ir para lá — respondeu ela. Não parecia zangada, mas as palavras eram de pessoa zangada, e ele fechou os olhos, impressionado e um pouco assustado ao ver alguém tão revoltado e vingativo por causa de coisas que lhe tinham acontecido a ele. (A ele, que era insignificante!)

Ana encarregou-se da sua colocação à guarda de uma família de acolhimento. Seria a última vez que ficava nas mãos de outros — desta feita, a família Douglass. Já tinham consigo duas crianças confiadas pela segurança social: a Rosie, de oito anos e com síndrome de Down, e a Agnes, de nove, que tinha espinha bífida. A casa era um labirinto de rampas, feias, mas seguras, pelas quais se deslizava sem dificuldade, e, ao contrário de Agnes, ele conseguia usar a cadeira de rodas sem precisar de ajuda.

Os Douglasses eram evangélicos luteranos, mas não o obrigavam a acompanhá-los à missa.

— São boas pessoas — assegurou-lhe Ana. — Vão deixar-te à vontade e, naquela casa, ninguém te fará mal. Achas que consegues tolerar uma oração antes das refeições? Em troca, terás alguma privacidade e a certeza de que, com eles, estás em segurança. — Fitando-o, abriu um sorriso. Ele assentiu. — Além disso — acrescentou Ana —, para falar de pecados, tens-me a mim. Podes ligar-me sempre que quiseres.

E assim foi. Dormia e comia em casa dos Douglasses, e, quando começou a usar canadianas, era Mr. Douglass quem se sentava numa cadeira à porta da casa de banho, a postos para entrar caso ele escorregasse e caísse ao entrar ou sair da banheira (ainda não se equilibrava para tomar duche, nem mesmo com um andador). Mas acabou por estar mais à guarda de Ana do que deles, porque foi Ana a levá-lo à maioria das consultas, tal como foi ela que, de cigarro na boca, se foi pôr do outro lado do pátio das traseiras e ficou a aguardar que, com passos muito lentos, ele fosse ter consigo, e foi Ana quem finalmente conseguiu que ele contasse por escrito o que acontecera com o Dr. Traylor, o que o poupou a ter de testemunhar em tribunal. Ele assegurou-lhe que era capaz disso, mas ela respondeu-lhe que ainda não estava preparado para tanto e que havia provas de sobra para fecharem o Dr. Traylor atrás das grades durante anos a fio mesmo sem o seu testemunho, e, ao ouvir isto, ele foi forçado a reconhecer para consigo que era um tremendo alívio não ter de dizer alto palavras que não sabia como dizer, mas,

sobretudo, não ter de tornar a ver o Dr. Traylor. Esforçou-se por escrever o testemunho nos termos mais simples e diretos, imaginando, ao redigi-lo, que estava a falar de outra pessoa, alguém que conhecesse, com quem falara uma vez e com quem não tornaria a falar. Quando finalmente o entregou a Ana, ela leu-o impassível do começo ao fim, depois assentiu.

— Boa — disse, entre enérgica e animada, depois dobrou-o e guardou-o no envelope. — Bom trabalho — elogiou, e então, do nada, desatou a chorar, quase com ferocidade, incapaz de se dominar. Ia-lhe dizendo qualquer coisa, mas soluçava tão descontroladamente que ele não conseguiu entender uma palavra, e ela acabou por se ir embora, mas ligou-lhe à noite para pedir desculpa.

«Perdoa-me, Jude», disse. «Não fui nada profissional. Mas li o que tinhas escrito e sinceramente não consigo...» Calou-se por instantes, depois respirou fundo. «Não torna a acontecer.»

Foi também Ana quem lhe arranjou um professor particular para ele concluir o secundário, depois de os médicos o declararem fisicamente inapto a ir à escola, tal como foi ela a fazê-lo considerar a possibilidade de tirar um curso superior.

— És muito inteligente, sabes? — insistia. — Podias ir para onde quisesse, acredita. Falei com alguns dos teus professores no Montana e eles concordam. Pensaste no assunto? Sim? E para onde achas que quererias ir? — Quando ele lhe revelou a sua escolha, já a contar vê-la começar a rir, Ana assentiu. — Não vejo porque não.

— Mas — hesitou ele —, acha que eles aceitavam alguém como eu?

De novo, ela não riu.

— De acordo, não tiveste uma educação... tradicional — sorriu-lhe —, mas os teus resultados nos exames finais são fora de série, e, ainda que possas não acreditar, asseguro-te que sabes mais do que a maioria, senão todos, da tua idade. — E, com um suspiro: — Quem diria: talvez tenhas uma coisa a agradecer ao irmão Luke. A única. — Examinou-lhe a expressão. — Resumindo: não vejo porque não.

Ajudou-o em todo o processo de candidatura: escreveu uma das cartas de recomendação, emprestou-lhe o seu portátil para ele redigir a carta de motivação (na qual, em vez de se debruçar sobre o último ano, ele preferiu falar do Montana e de como aprendera a procurar rebentos de mostarda e cogumelos comestíveis), e, inclusivamente, pagou ela a taxa de candidatura.

Quando soube que entrara — com bolsa completa, como Ana previra —, confessou-lhe que não teria conseguido sem ela.

— Não digas parvoíces — respondeu Ana. Nessa altura, estava tão doente que as palavras lhe saíam praticamente sem voz. — O mérito é teu. — Mais tarde, ao recordar aqueles meses, conseguiu ver, como se iluminados num palco, os sinais da doença dela, que, estúpido e egocêntrico que era, não vira passarem-lhe debaixo do nariz: a perda de peso, os olhos amarelados e a fadiga constante, que ele atribuía a... quê?

— Não devia fumar — dissera-lhe dois meses antes, numa altura em que já confiava tanto em Ana que não tinha medo de lhe fazer um reparo, quando jamais

se teria atrevido a chamar um adulto à atenção.

— Tens razão — respondeu ela, fitando-o de olhos semicerrados enquanto puxava o fumo até encher os pulmões. Ele suspirou e ela sorriu-lhe com malandrice.

Mesmo doente, Ana não desistiu.

— Jude, devíamos falar do que te aconteceu — insistia, poucos dias depois da última tentativa, e, quando ele fazia que não, calava-se durante instantes. — Amanhã, então — voltava ao ataque. — Prometes? Falamos amanhã, sem falta.

— Mas tenho de falar naquilo tudo porquê? — resmungou ele numa ocasião. Sabia que Ana lera o seu processo de quando estivera no Montana. Sabia que ela já sabia o que ele era.

Ana calou-se um momento.

— A experiência mostrou-me que temos de falar destas coisas ainda a quente, senão, já não falamos — explicou. — Vou ensinar-te como falar do que te aconteceu, porque, quanto mais adiares, mais difícil se vai tornar, e, se guardas para ti, torna-se uma ferida purulenta aí dentro e nunca mais te consegues livrar da ideia de que a culpa foi tua. Estarás errado, claro, mas não fará diferença: acreditarás nisso durante toda a vida. — Não soube o que responder, mas, no dia seguinte, quando ela tornou a mencionar o assunto, ele abanou a cabeça e desviou a cara. Mas Ana não deixou a coisa ficar assim. — Jude — chamou-o, apenas uma vez. — Já te deixei fugir a esta conversa por demasiado tempo. A culpa é minha.

» Fá-lo por mim, Jude — pediu, noutra ocasião. Mas ele não conseguia; não encontrava a linguagem para falar de tudo aquilo, mesmo com ela. Além de que não queria reviver esses anos. Queria esquecê-los, queria fingir que fora outro a vivê-los.

Em junho, Ana já estava tão fraca que não se conseguia sentar. Catorze meses depois de se terem conhecido, era ela a acamada e ele, quem se sentava à sua cabeceira. Durante o dia, Leslie trabalhava no hospital, daí que os dois estivessem sozinhos muitas vezes.

— Escuta — disse Ana. Fez uma careta dorida: um dos medicamentos secava-lhe a garganta. Ele estendeu a mão para o jarro de água, mas ela travou-o com um gesto impaciente. — A Leslie vai levar-te às compras antes de ires. Fiz-lhe uma lista das coisas de que vais precisar. — Ele já ia dizer-lhe que não queria, mas ela deteve-o com um gesto. — Não discutas comigo, Jude, que não tenho energia para isso. — Engoliu em seco. Ele aguardou. — Vais sair-te estupendamente na faculdade — vaticinou. Fechou os olhos. — Os outros miúdos vão perguntar-te sobre quando eras pequeno. Já pensaste nisso?

— Mais ou menos — disse ele. Não pensava noutra coisa.

— Hum — resmungou Ana. Não se deixara enganar. — O que lhes vais dizer? — Abriu os olhos e encarou-o.

— Não sei — confessou ele.

— Já imaginava — murmurou Ana. Ficaram silenciosos. — Jude — disse ela então. Nova pausa. — Hás de encontrar a tua maneira de falar do que te aconteceu. Vais ter mesmo de encontrar, se alguma vez quiseses construir uma

relação mais próxima com alguém. A tua vida... Independentemente do que penses, não tens nada de que te envergonhar, e nada do que aconteceu foi culpa tua. Prometes não esquecer isto?

Foi o mais perto que jamais estiveram de falar não só do ano anterior mas também dos que o tinham precedido.

— Sim — respondeu ele.

Ela olhou-o com cara de quem não estava para brincadeiras.

— Promete-me.

— Prometo.

Mas não acreditava no que ela acabava de lhe assegurar.

Ana suspirou.

— Devia ter-te obrigado a falar mais — lamentou-se. Foram as últimas palavras que lhe disse. Morreu duas semanas depois, no dia 3 de julho. O funeral foi na semana seguinte. Nessa altura, já ele trabalhava numa padaria da zona, onde ficaria até ao final do verão. Numa sala dos fundos, aplicava pasta de açúcar nos bolos, e, nos dias após o funeral, ficou a trabalhar até muito tarde, betumando bolo atrás de bolo com aquela cobertura rosa-pálida, tentando não pensar em Ana.

No fim de julho, os Douglasses mudaram-se: Mr. Douglass arranjava trabalho em San Jose. Iam levar Agnes, mas Rosie seria colocada à guarda de outra família. Gostara de viver com eles, mas, quando os Douglasses lhe pediram que desse notícias, soube que não o faria. Queria desesperadamente distanciar-se daquela sua vida, da vida que tivera até então. Queria ser alguém que ninguém conhecesse e que não conhecesse ninguém.

Colocaram-no num abrigo de emergência, assim lhe chamavam os serviços de ação social. Ele argumentou que já tinha idade suficiente para cuidar de si (imaginava-se a dormir na sala dos fundos da padaria, uma ideia não muito racional), além de que, em menos de dois meses, começaria o curso superior, com isso deixando definitivamente de estar debaixo da alçada do sistema, mas os seus argumentos não colheram. O abrigo era um dormitório, uma colmeia cinzenta que já vira melhores dias, povoada por outros rapazes que — por causa do que tinham feito ou do que lhes fora feito, ou, simplesmente, por serem demasiado crescidos — o Estado não conseguia colocar à guarda de famílias de acolhimento.

Na hora da despedida, deram-lhe algum dinheiro para ele comprar as coisas de que ia precisar no curso. Apercebeu-se de que inspirava neles um vago orgulho. Não estivera muito tempo à guarda do sistema, mas ia tirar um curso — um curso superior. Citá-lo-iam para sempre como um caso de sucesso dos serviços de ação social. Leslie foi buscá-lo e levou-o à loja de excedente militar. Enquanto escolhia as coisas de que achava que ia precisar — duas camisolas de lã, três camisas de manga comprida, alguns pares de calças e um cobertor cinzento que lhe lembrou o enchimento grumoso vomitado pelo sofá no átrio do abrigo —, perguntou-se se estaria a escolher bem, se cada uma daquelas coisas teria constado da lista de Ana. Não conseguia evitar a sensação de que faltava alguma coisa, algum artigo — jamais saberia qual — que Ana teria achado essencial e teria incluído na lista. À noite, ansiava ter consigo essa lista, mais do que ansiava ter Ana de volta.

Imaginava-a e conseguia vê-la com nitidez: escrita a lapiseira numa folha amarela pautada (tinha uma reserva considerável desses blocos, tinham-lhe sobrado dos anos em que exercera como advogada, e usava-os para tirar notas), com cada palavra salpicada de maiúsculas, um hábito curioso que ela tinha. Distinguia letras avulsas, ocasionalmente, uma palavra, e, na dimensão sonhada que nesse momento habitava, exclamava, triunfal: *Exato! Claro que é disso que preciso! Só mesmo a Ana para se lembrar!* Mas, de manhã, já esquecera que coisa preciosa era essa. Nesses momentos, perversamente, lamentava tê-la conhecido, parecendo-lhe que, se Ana surgira na sua vida apenas para partir tão pouco tempo depois, mais valia que não tivesse surgido.

Compraram-lhe o bilhete de autocarro. Leslie apareceu no terminal para se despedir. Ele pusera as suas coisas num saco do lixo reforçado, que depois guardou na mochila comprada na loja de excedente militar. Onde quer que fosse, podia levar consigo tudo quanto tinha de seu no mundo. Enquanto o autocarro rumava para norte, olhou pela janela e tratou de não pensar. Pediu por tudo que as costas não o atraíssem durante a viagem e tal não aconteceu.

Foi o primeiro a instalar-se no quarto que dividiriam os quatro e, quando chegou o segundo ocupante — Malcolm —, acompanhado dos pais e carregado de malas, mais os livros, os auscultadores, uma televisão, telemóveis, computadores, frigorífico e toda uma flotilha de tecnologia digital, sentiu um medo incipiente que o deixou agoniado, e, de seguida, uma raiva irracional cujo alvo era Ana, que o fizera acreditar que conseguiria enfrentar o desafio. Como se apresentaria aos outros? Porque não lhe dissera Ana a verdade? Porque lhe escondera que a sua vida era miserável e feia, apenas um trapo ensanguentado e enlameado e nada mais? Porque o fizera convencer-se de que depressa se integraria?

Com o correr dos meses, este sentimento diminuiu, mas não desapareceu. Sobreviveu dentro dele como uma película de bolor. Porém, se, aos poucos, conseguiu aceitar a verdade da sua condição, uma outra questão afigurava-se bem mais espinhosa: começou a perceber que Ana fora a primeira e última pessoa a quem não tivera de dar qualquer explicação. Ana sabia que a vida dele lhe estava inscrita na pele, que lhe podia ser lida na carne e nos ossos. Jamais lhe perguntara porque não usava manga curta, ainda que fizesse um calor sufocante, porque lhe desagradava o contacto físico, mas, sobretudo, porquê as dores nas pernas e nas costas. Não lhe fizera nenhuma dessas perguntas porque sabia as respostas. Na companhia de Ana, não houvera a ansiedade constante, o contínuo estado de alerta a que parecia condenado quando na companhia do resto do mundo. Manter-se permanentemente vigilante esgotava-o, mas acabou por se tornar simplesmente algo que fazia parte da sua vida, apenas outro hábito, tal como o de manter uma postura correta. Certa vez, Ana estendera os braços para o abraçar (compreendeu ele depois), o que o fizera proteger automaticamente a cabeça com as mãos. Ficou envergonhado, mas ela não o fez sentir-se idiota ou medícras. Antes disse:

— Sou uma imbecil, Jude. Desculpa. Não vai haver mais movimentos bruscos, prometo.

Agora, Ana partira e não restava ninguém que o conhecesse. A história da sua

vida era informação de acesso reservado. No primeiro Natal, Leslie enviou-lhe um cartão, que endereçou ao gabinete de apoio ao estudante, e ele guardou-o durante alguns dias, ciente de ter ali a derradeira ligação a Ana. Depois, deitou-o fora. Não respondeu e jamais voltou a ter notícias de Leslie. Começara uma nova vida. Aquela era a sua segunda oportunidade e não a desperdiçaria.

Ainda assim, pensava ocasionalmente nas últimas conversas que os dois tinham tido. Chegava a murmurá-las. Fazia-o à noite, enquanto os outros — quem mais estivesse no quarto — dormiam por cima e em volta de si, conforme se tivessem arrumado.

— Não deixes o teu silêncio tornar-se um hábito — avisara-o Ana, pouco antes de morrer. Também dissera: — É normal sentires-te revoltado, Jude, e não tens de esconder isso. — Mas ele achava que Ana se equivocara a seu respeito, que o tomara por alguém que ele não era. — Estás destinado a grandes feitos, rapaz — chegara ela a dizer, e ele queria muito acreditar nisso, mas não conseguia. Numa coisa, porém, Ana acertara em cheio: tornava-se cada vez *mais* difícil e sentia que a culpa fora *sua*. E, embora tentasse repetir diariamente para consigo a promessa que lhe fizera, dia após dia, essas palavras ficavam cada vez mais distantes. Por fim, tornaram-se uma recordação, e o mesmo sucedeu com Ana: tornou-se uma personagem adorada num livro que ele lera havia muito tempo.

— Neste mundo, há dois tipos de pessoas — dizia o juiz Sullivan. — As que acreditam e as que não se dispõem a isso. No meu tribunal, valorizamos a crença e a regra aplica-se a *tudo*.

Fazia amiúde esta declaração de intenção, depois erguia-se com um queixume — era muito gordo — e deixava a sala no seu caminhar titubeante. Regra geral, esse momento tinha lugar ao final do dia — do seu dia, pelo menos. Vindo dos aposentos para dar uma palavrinha aos assessores, sentava-se na beira da secretária de algum deles e lançava-se em preleções frequentemente obscuras, fazendo pausas frequentes, como se os assessores não fossem advogados, mas escreventes que devessem estar a anotar cada palavra que ele dizia. Mas nenhum fazia isso, nem mesmo Kerrigan, um crente absoluto e o mais conservador dos três.

Quando o juiz Sullivan se retirava, ele lançava um sorriso arreganhado a Thomas, que, do outro lado da sala, erguia os olhos para o céu, como quem desespera de nada poder fazer, restando-lhe pedir desculpa. Thomas também era conservador, mas um conservador *com discernimento*, ressaltava, acrescentando: «E ter de fazer essa distinção é deprimente, foda-se.»

Ele e Thomas tinham entrado ao serviço do juiz Sullivan no mesmo ano. No seu caso, fora sondado pelo seu professor de Direito Societário, uma espécie de olheiro informal do juiz, de quem era amigo de longa data. Aconteceu durante o segundo semestre do segundo ano de Direito e Harold aconselhou-o a concorrer ao lugar. Sullivan era conhecido entre os seus pares pelo hábito de, na sua equipa de assessores, incluir invariavelmente algum com convicções políticas divergentes das suas — e quanto maior o abismo, melhor. (O seu último assessor liberal deixara o lugar para ir trabalhar para uma organização de apoio ao movimento pela soberania havaiana, sendo o seu objetivo conseguir que as ilhas fossem declaradas

independentes dos Estados Unidos, decisão que lançara o juiz Sullivan num paroxismo autocongratulatório que raiara a apoplexia.)

— O Sullivan odeia-me — disse-lhe Harold na altura, com visível agrado. — É capaz de te contratar só para me enfurecer. — A ideia fê-lo sorrir. — E porque és o aluno mais brilhante que já tive — acrescentou.

O elogio fê-lo baixar os olhos. Normalmente, os louvores de Harold ao seu talento eram-lhe transmitidos por terceiros, em vez de comunicados na primeira pessoa.

— Não sei se sou suficientemente liberal para ele — respondeu. Uma coisa era certa: não era, de todo, suficientemente liberal para o próprio Harold, que discordava inúmeras vezes das suas opiniões, da sua leitura da lei e do seu entendimento de como a mesma se devia aplicar à vida.

Harold deixou escapar uma risada seca.

— Acredita que és — assegurou.

Mas, quando foi a Washington para a entrevista no ano seguinte, Sullivan falou-lhe da lei — e da sua filosofia política — num tom bem menos assertivo e idiossincrásico do que ele antecipara.

— Ouvi dizer que também canta — atalhou, depois de uma hora a discutirem o que ele estudara (o juiz Sullivan tirara o curso na mesma faculdade), as suas inclinações enquanto editor-coordenador da revista jurídica da faculdade (um cargo que o juiz Sullivan também ocupara) e as suas opiniões sobre casos recentes.

— Canto, de facto — confirmou, perguntando-se como teria essa informação chegado aos ouvidos do juiz Sullivan. Cantar reconfortava-o e trazia-lhe bem-estar, porém, era algo que raramente fazia diante de outros. Tê-lo-ia feito inadvertidamente no gabinete de Harold, sendo ouvido sem se dar conta? Também lhe acontecia cantarolar na biblioteca da faculdade quando ficava a arrumar livros até tarde, rodeado de quietude e silêncio dignos de uma igreja. Tê-lo-ia alguém ouvido numa dessas ocasiões?

— Cante qualquer coisa — desafiou-o Sullivan.

— Gostaria de ouvir o quê, meritíssimo? — indagou ele. Tipicamente, nesta altura, estaria bastante nervoso, mas fora avisado de que o juiz lhe pediria que mostrasse alguma espécie de habilidade (rezava a lenda que já pusera um candidato a fazer malabarismo), sendo do conhecimento geral que Sullivan era um amante de ópera.

O juiz levou os dedos gordos aos lábios grossos e refletiu.

— Hum — considerou. — Cante-me alguma coisa que me revele algo sobre si.

Ponderou o pedido, depois começou. Surpreendeu-o escolher «Ich bin der Welt abhanden gekommen», de Mahler, não só porque não gostava particularmente de Mahler, mas também porque era um *Lied* difícil de interpretar, lento, funéreo, subtil e que não se adequava à voz de tenor. Por outro lado, gostava do poema, que o professor de voz na faculdade apoucara, classificando-o como «romantismo de segunda», mas que ele sempre achara ter sido injustiçado com uma má tradução. A leitura mais comum do primeiro verso era «Estou perdido

para o mundo», mas ele preferia «*Perdi-me para o mundo*», porque, se a primeira soava a autocomiseração e melodrama, a segunda era mais resignada e confusa. *Perdi-me para o mundo / Com que desperdicei tanto tempo.* O *Lied* contava a vida de um artista, algo que ele não era, certamente. Ainda assim, conseguia entender, de uma maneira quase medular, essa ideia de perda de si, de alguém cortar as amarras que o prendem ao mundo para ir em busca de um lugar onde se possa recolher em segurança. Compreendia esse anseio dual de fuga e descoberta. *Nada me importa / Que o mundo me creia morto / E nada posso dizer em contrário / Pois é verdade: morri para o mundo.*

Quando terminou, abriu os olhos e deparou-se com o juiz a aplaudir de sorriso rasgado.

— Bravo! — elogiou Sullivan. — Bravo! Aviso-o de que se poderá ter enganado na vocação profissional. — Riu, satisfeito. — Onde aprendeu a cantar assim?

— Foram os irmãos no mosteiro, meritíssimo — respondeu.

— Ah, temos um rapaz católico? — indagou o juiz, endireitando o corpo bojudado na cadeira e mostrando-se cada vez mais agradado.

— Fui educado como católico — confirmou.

— E já não é? — sondou o juiz, de sobrolho franzido.

— Não — declarou. Levava anos a treinar-se para fazer esta afirmação sem que o tom fosse apologetico.

Sullivan respondeu com um resmungo evasivo.

— Bem, seja o que for que lá aprendeu, conto que, pelo menos, o tenha inoculado contra o lixo com que o Harold Stein lhe andou a encher a cabeça nos últimos anos — declarou. Passou os olhos pelo currículo. — É assistente de pesquisa do Harold?

— Sim — respondeu ele. — Há mais de dois anos.

— Enfim, um intelecto que se perdeu — lastimou Sullivan (não sendo claro a quem se referia, se a ele, se a Harold). — Obrigado por vir falar connosco. Daremos notícias. E obrigado pelo *Lied*. Tem um dos mais belos tenores que ouvi em muito tempo. De *certeza* que não se enganou na carreira? — Com estas palavras, sorriu, sendo a última vez que ele jamais lhe veria um sorriso tão agradável e franco.

De regresso a Cambridge, fez o relato completo da entrevista a Harold («Tu *cantas?*», perguntou-lhe o professor, tão admirado como se ele acabasse de lhe dizer que conseguia voar), acrescentando ter a certeza de que não ficaria com o lugar. Sullivan ligou-lhe uma semana depois. O lugar era seu. Ficou surpreendido, ao contrário de Harold.

— Eu disse-te que ia acontecer — recordou-lhe o professor.

No dia seguinte, quando chegou ao gabinete de Harold, o professor estava de casaco vestido.

— Hoje, terás um dia de trabalho diferente — anunciou. — Preciso que dês umas voltas comigo. — Não lhe pareceu uma situação muito convencional, mas Harold tão-pouco o era. Ao aproximarem-se do carro, o professor estendeu-lhe as

chaves. — Queres guiar?

— Pode ser — aceitou ele, e encaminhou-se para o lado do condutor. Aprendera a conduzir havia um ano, ao volante daquele carro. Sentado ao seu lado, Harold revelara-se bem mais paciente do que a versão que conhecia das aulas. «Boa, isso mesmo», fora o que mais o ouvira dizer naquele novo contexto. «Alivia o pé na embraiagem... mais um nadinha... boa. Isso, Jude, perfeito.»

O professor queria ir buscar umas camisas que mandara ajustar numa pequena e seleta loja de roupa de homem ao fundo da praça onde Willem trabalhara durante o quarto ano.

— Entra comigo — pediu Harold. — Preciso de ajuda para trazer tudo.

— Meu deus, Harold, quantas camisas comprou? — perguntou ele. A indumentária do professor era invariável: no inverno, camisa azul ou branca e calças de bombazina castanhas; na primavera e no verão, calças de linho; de resto, camisolas de malha em tons de verde e azul.

— Chiu — foi a resposta.

Na loja, Harold foi em busca de um vendedor, e, ali sozinho à espera, ele passou os dedos pelas gravatas lustrosas, impecavelmente enroladas nas caixas, tão apetecíveis como bolos na pastelaria. Malcolm dera-lhe dois fatos de algodão que já não usava e ele mandara ajustá-los e usara-os nos dois estágios de verão que entretanto fizera. Para a entrevista com Sullivan, tivera de lhe pedir um novo fato emprestado, e cada movimento que fizera enquanto o trazia no corpo fora extremamente cuidadoso, porque o fato lhe ficava grande e porque a lã era delicadíssima.

— É ele — ouviu Harold dizer, e, voltando-se, viu o professor acompanhado de um homem baixinho com uma fita métrica qual cobra em volta do seu pescoço. — Vai precisar de dois fatos, um, cinza-escuro, o outro, azul-marinho. Depois, vamos precisar aí de uma dúzia de camisas mais algumas camisolas de lã, gravatas, meias e sapatos. O rapaz não tem nada. — Só então se dignou dizer-lhe: — Apresento-te o Marco. Volto dentro de um par de horas.

— Espere lá — protestou ele. — Harold, que lembrança é esta?

— Jude — replicou o professor —, tens de ter roupa em condições para o trabalho. Não sou um especialista no vestir, mas não podes aparecer à frente do Sullivan vestido como andas.

Ficou atrapalhado. Envergonhou-se da roupa, sentiu-se maljeitoso e a generosidade de Harold deixou-o constrangido.

— Eu sei — reconheceu. — Mas não posso aceitar isto, Harold.

Teria prosseguido, mas o professor veio pôr-se entre ele e Marco e fê-lo voltar-se.

— Jude, aceita — pediu. — Tu mereces. Sobretudo, precisas. Não vou permitir que me humilhes perante o Sullivan. Além disso, está tudo pago e eles não devolvem o dinheiro. Não é assim, Marco? — perguntou, por cima do ombro.

— Isso mesmo — confirmou prontamente o vendedor.

— Jude, não me canses — antecipou-se Harold, vendo que ele ia recommençar com os protestos. — Tenho de ir. — E saiu num passo firme e sem olhar para trás.

Parado diante de um espelho de três faces, viu o duplo de Marco fazer-lhe as bainhas. Quando a mão do empregado subiu para marcar o entrepernas, encolheu-se involuntariamente.

— Calma, calma — tranquilizou-o Marco, como se ele fosse um cavalo nervoso, e deu-lhe duas ou três palmadinhas na coxa, de novo, como se lidasse com um cavalo. Quando passou à outra perna, ele quase escoiceou. — Eh! Tenho alfinetes na boca!

— Desculpe — murmurou ele, obrigando-se a ficar imóvel.

Quando Marco terminou, ele admirou-se no seu novo fato. Tornara-se anônimo, estava protegido. Ainda que alguém lhe pousasse momentaneamente a mão nas costas, as várias camadas que vestia disfarçariam as cumeadas de cicatrizes. Tudo ficara escondido. Tudo estava encoberto. Se não se mexesse, podia ser qualquer um. Ficara indistinguível. Passara a ser invisível.

— Talvez mais um centímetro — ponderou Marco, estreitando ligeiramente o casaco na cintura. Varreu-lhe alguns fios soltos da manga. — Já só lhe falta um bom corte de cabelo.

Harold esperava-o junto do balcão das gravatas, entretido com uma revista.

— Já estás despachado ou não? — perguntou, como se a vinda à loja não tivesse sido ideia sua, tendo antes sido obrigado a satisfazer-lhe um capricho.

Embora fosse cedo, foram jantar. Quis agradecer novamente, mas, de cada vez que tentava, Harold cortava-lhe a palavra, um nadinha mais impaciente do que da vez anterior.

— Jude, nunca te disseram que há coisas que devemos simplesmente aceitar? — perguntou, já saturado.

— Lembro-me de nos ensinar a nunca aceitar e calar — recordou-lhe ele.

— Isso é na sala de aula e em tribunal — replicou Harold. — Não se aplica à vida. Na vida, Jude, podem acontecer coisas boas a boas pessoas. Calma, não te assustes: não é ocorrência frequente como deveria ser. Mas, quando acontece, toca às boas pessoas limitar-se a dizer obrigado e seguir com a sua vida. Não faz mal nenhum às boas pessoas considerarem que a pessoa que lhes está a proporcionar a coisa boa faz isso porque lhe dá prazer e não está com pachorra para ouvir a pessoa a quem proporcionou a coisa boa enumerar as razões por que acha que não a merece ou não é digna de a receber.

Isto calou-o de vez e, depois do jantar, aceitou que Harold o fosse deixar ao seu apartamento na Hereford Street.

— Além do mais — concluiu Harold, quando ele ia sair do carro —, ficas um senhor com um daqueles fatos. És um rapaz bonito. Espero que já to tenham dito. — E, antecipando-se a novo protesto: — Aceitar, Jude.

Ele engoliu o que quisera dizer.

— Obrigado, Harold, por tudo.

— O prazer é meu, Jude — respondeu o professor. — Até segunda-feira.

Parado no passeio, viu o carro afastar-se, depois subiu ao primeiro andar de uma casa de cidade convertida em apartamentos. Era ali que morava, paredes-meias com uma república de estudantes do MIT. O proprietário, um professor de

Sociologia jubilado, vivia no rés do chão e arrendava os restantes três pisos a alunos de graus académicos avançados. No último andar, moravam o Santosh e o Federico, ambos a fazer o doutoramento em Engenharia Eletrotécnica no MIT; no segundo, estavam o Janusz e o Isidore, ambos a concorrer ao doutoramento em Harvard, Janusz, em Bioquímica, Isidore, em Religiões do Próximo Oriente; por baixo, moravam ele e o companheiro de apartamento, Charlie Ma, que, na verdade, se chamava Chien-Ming Ma, e a quem todos tratavam por CM. Estava a fazer o internato no Tufts Medical Center e os dois tinham horários quase diametralmente opostos: quando ele acordava, a porta do quarto do seu companheiro de apartamento estava fechada, ouvindo-se um ressonar congestionado e fânoso; quando chegava, às oito da noite, depois do trabalho com Harold, CM já saíra. A convivência era escassa, mas simpatizava com aquele natural de Taipé que estudara num colégio interno no Connecticut e tinha um sorriso ensonado e malandro que convidava a sorrir de volta. Tinham-se conhecido através de um amigo de um amigo de Andy. Apesar da perpétua languidez de ganzado, CM era arrumado e gostava de cozinhar. Por vezes, ao entrar no apartamento, encontrava à sua espera, em lugar de destaque na mesa, um prato de bolinhos fritos acompanhado de um bilhete a dizer «COME-ME», ou recebia uma mensagem a pedir-lhe que, antes de dormir, voltasse o frango que ficara a marinar, ou que comprasse coentros à vinda para casa. Ele assim fazia e, da vez seguinte que entrava em casa, já o frango estava a guisar ou os coentros tinham sido picados para fazer panquecas de marisco. A intervalos de poucos meses, quando os vários horários se articulavam, juntavam-se os seis no apartamento de Santosh e Federico — o mais espaçoso — para jantar e jogar póquer. Janusz e Isidore davam voz ao receio de que as raparigas os julgassem um casal *gay*, visto passarem a vida juntos (CM lançou-lhe um olhar disfarçado; apostara vinte dólares em como aqueles dois dormiam juntos, mas estavam a querer passar por hétéros, o que, sendo verdade ou não, era impossível provar). Já Santosh e Federico queixavam-se da burrice dos seus alunos e de a qualidade dos candidatos admitidos aos cursos do MIT ter decaído a olhos vistos nos últimos cinco anos, desde que eles dois se tinham licenciado.

O apartamento que ele e CM dividiam era o mais pequeno, porque o senhorio convertera metade da área do primeiro andar numa arrecadação. A troco de pagar uma parte significativamente maior da renda, CM ficara com o quarto, enquanto ele se instalara no canto da sala que tinha a janela saliente. Improvisara uma cama com caixas de ovos feitas de esferovite e alinhara os livros debaixo do peitoril da janela. Tinha um candeeiro e um biombo de papel japonês para quando queria privacidade. Ele e CM tinham comprado uma grande mesa de madeira, que puseram no nicho da sala, e tinham duas cadeiras dobráveis de metal, refugos respetivamente de Janusz e Federico. Metade da mesa era sua e a outra, de CM, e um e outro tinham ocupado o seu lado com livros empilhados, papelada e os portáteis, que passavam noite e dia na sua grazinada em surdina.

Quem ali entrava ficava invariavelmente boquiaberto com a aridez do apartamento, mas ele já mal se dava conta — apercebia-se, mas como que em

segundo plano. Naquele momento, por exemplo, estava sentado no chão, rodeado pelas três caixas de cartão onde tinha a roupa, e pelas camisolas de lã, camisas, meias e sapatos acabados de chegar da loja e ainda acondicionados em papel de seda branco. Uma por uma, pousava cada peça no colo e examinava-a. Jamais tivera roupa de tão boa qualidade e parecia-lhe injurioso arrumar tudo aquilo em caixas feitas para transportar pastas de arquivo. Por fim, reacondicionou os artigos no papel de seda, e, com muito cuidado, devolveu-os aos sacos.

A generosidade de Harold perturbara-o. Para começar, havia o presente propriamente dito: nunca lhe fora oferecido algo de tão luxuoso. Seguia-se a consciência de que jamais poderia retribuir adequadamente. Por fim, havia o significado por trás do gesto: percebera havia algum tempo que Harold o respeitava e inclusivamente gostava da sua companhia. Mas, para lá disso, seria ele importante para o professor? Vê-lo-ia Harold como mais do que um estudante? Considerá-lo-ia um amigo, um verdadeiro amigo? E, sendo esse o caso, porque o fazia isso sentir-se tão inibido?

Precisara de vários meses para se sentir verdadeiramente à vontade com Harold, não na sala de aula, ou no gabinete de trabalho, mas fora desse ambiente. Na vida, como Harold dizia. Quando o professor lhe oferecia jantar em sua casa, ao regressar ao apartamento, ele sentia alívio. E sabia porquê, embora não o quisesse admitir: os homens — os homens adultos, grupo de que ele considerava não fazer ainda parte — sempre se tinham aproximado dele com um único fim, o que o ensinara a temê-los. O caso era que Harold não parecia ser um desses homens. (Também era verdade que o irmão Luke não lhe parecera um deles.) Por vezes, parecia-lhe que tinha medo de tudo e esse era um traço seu que detestava. O medo e o ódio. Ocasionalmente, perguntava-se se seria capaz de outro sentimento que não esses dois: o medo e o ódio. Medo dos outros; ódio a si.

Harold era uma figura conhecida na faculdade, daí que tivesse ouvido falar do professor antes de o conhecer. Soubera antecipadamente tratar-se de alguém que gostava de pôr tudo em causa: qualquer comentário feito na sua aula era prontamente caçado e dissecado com uma saraivada de porquês. Era alto e magro e tinha o hábito de, quando embrenhado ou entusiasmado, em vez de andar de cá para lá pela sala, descrever pequenos círculos mal saindo do lugar e com o tronco inclinado para diante.

Com muita pena sua, pouco guardara da cadeira de Direito Contratual que tivera com Harold logo no primeiro ano. Não se lembrava, por exemplo, do que escrevera naquele seu trabalho que despertara o interesse do professor, levando às primeiras conversas fora da sala de aula, e, finalmente, ao convite para ser um dos seus assistentes de pesquisa. Não se recordava de nada de particularmente interessante que tivesse dito nas aulas. Lembrava-se, *sim*, do professor às voltas sem sair do lugar logo na primeira aula do semestre, e da sua voz grave ao lançar-se numa das suas preleções naquele seu tom quase impaciente.

— Começa aqui a vossa aprendizagem do Direito — anunciara. — Parabéns a todos. Enquanto alunos do primeiro ano, espera-vos a típica carga curricular: contratos, responsabilidade civil, propriedade e direito processual civil. Para o

ano, espera-vos o direito penal e a Constituição, como imagino que já saibam.

» Mas talvez não vos ocorra ainda que estas matérias curriculares refletem, com belíssima simplicidade, nada mais nada menos do que a estrutura da nossa sociedade. Falo do mecanismo de que toda a sociedade, neste caso, a nossa, precisa para funcionar. Para haver sociedade, tem de se começar por criar o seu esqueleto institucional, e, disso, trata o direito constitucional. Seguidamente, é necessário acordar uma tabela de castigos; aí, temos o direito penal. Depois, temos de nos assegurar de que há um sistema que assegura o funcionamento dos outros sistemas: o direito civil. Precisamos de uma estrutura que reja tudo quanto se reporte a domínios e pertenças: o direito de propriedade. Temos de nos certificar de que alguém será responsabilizado financeiramente sempre que nos sejam infligidos danos: a responsabilidade civil. Por fim, temos de nos certificar de que as pessoas respeitam o acordado, que honram o prometido: *cá está* o direito contratual.

Calou-se um instante.

— Não querendo ser redutor, aposto que metade de vocês escolheu este curso com ideias de mais tarde se dedicar a ir aos bolsos alheios, e não há motivo nenhum para se envergonharem disso, meus caros! O vosso futuro chama-se Direito Civil. Quanto à outra metade, está aqui convencida de que vai mudar o mundo. Já se imagina a falar no Supremo Tribunal e é sua convicção que o verdadeiro desafio do direito está nos vazios e nas entrelinhas da Constituição. Pois bem, estou aqui para vos dizer: não é verdade. A mais pura, intelectualmente estimulante e *recompensadora* área do Direito é o direito contratual. Um contrato é mais do que uma mão-cheia de páginas agrafadas a prometer-vos um emprego, uma casa ou uma herança. No mais puro, certo e amplo sentido, um contrato rege todas as outras áreas do Direito. Ao escolhermos viver em sociedade, aceitamos aderir a um contrato e observar as regras que um contrato impõe. A própria Constituição é um contrato, porém maleável, sendo na interseção da lei com a política que se determina o seu grau de maleabilidade. Por imposição das regras explícitas ou tácitas desse contrato chamado Constituição, prometemos não matar, pagar impostos e não roubar. Neste caso, somos simultaneamente quem apresenta o contrato e quem ao mesmo fica sujeito. Enquanto cidadãos deste país, comprometemo-nos, desde o dia em que nascemos, a respeitar e seguir os seus artigos e alíneas, e fazemo-lo diariamente.

» Nesta aula, aprenderão evidentemente a mecânica dos contratos: como se redigem, o que constitui violação dos seus termos, quão vinculativos são e como fazer para deles nos libertarmos. Mas ser-vos-á também pedido que encarem a própria lei como uma série de contratos, alguns mais justos do que outros. Sim, por uma vez, permitirei que usem esse termo. Porém, a justiça não é a única ou sequer a mais importante consideração a levar em conta no Direito. Nem sempre a lei é justa. Da mesma maneira, um contrato não é justo, ou, pelo menos, não o é sempre. Acontece que, por vezes, as injustiças são necessárias: assim o exige o bom funcionamento da sociedade. Nesta aula, aprenderão a distinguir entre justiça e legitimidade, e, mais importante ainda, entre o justo e o necessário. Aprenderão

quais as nossas obrigações para com os outros enquanto membros da mesma sociedade e quão longe deve ir essa sociedade na imposição dessas obrigações. Aprenderão a encarar a vossa vida e as vidas dos demais cidadãos como coleções de acordos e isso far-vos-á repensar não só a lei, mas também este país e o vosso lugar no mesmo.

Ficou arrebatado com esta tirada introdutória de Harold e, nas semanas seguintes, empolgou-se repetidamente com os singulares pontos de vista do professor, que, qual maestro perante uma sala cheia, partindo de um raciocínio de algum deles, alcançava os mais imprevistos e mirabolantes resultados. Certa vez, uma discussão razoavelmente previsível sobre o direito à privacidade — a um tempo, o mais prezado e o mais turvo dos direitos assegurados pela Constituição, dizia Harold, cuja definição da natureza de um contrato amiúde ignorava as delimitações convencionais para invadir feliz e contente outras áreas da lei — tornou-se um confronto entre os dois a respeito do aborto, que ele entendia como moralmente indefensável, porém socialmente necessário.

— Ah! — exclamou Harold, um dos poucos professores que se dispunha a considerar não só os argumentos legais como também a questão moral. — Digame então, caro e estimado St. Francis: o que aconteceria se renunciássemos à componente moral da lei em benefício do funcionamento da sociedade? Em que momento deve um país, devem os seus cidadãos, dar primazia ao controlo social em detrimento dos princípios morais? Tal circunstância *existe*, sequer? Não estou seguro de que exista. — O certo era que ele não se deixara intimidar e o anfiteatro em peso ficara suspenso do esgrimir de argumentos entre os dois.

Harold já publicara três livros. O último, *Um Acordo entre Americanos: As Promessas e os Fracassos da Declaração da Independência*, que ele lera ainda antes de conhecer o professor, tornara-o famoso. Consistia numa leitura da Declaração da Independência dos Estados Unidos à luz do direito, questionando quais das suas promessas tinham sido cumpridas e quais continuavam por cumprir, e se, redigida na atualidade, resistiria às várias correntes da jurisprudência contemporânea. (No *New York Times*, a resposta estava no título da crítica: «Resumindo: Não Resistia.») Presentemente, o professor estava em trabalho de pesquisa para o quarto livro, uma continuação informal de *Um Acordo entre Americanos*, onde o mesmo ponto de vista seria aplicado à Constituição.

— Cingindo-me, porém, à Carta dos Direitos e às emendas mais *sexy* — gracejou o professor ao entrevistá-lo para o lugar de assistente de pesquisa.

— Não imaginava que pudesse haver emendas mais *sexy* do que outras — replicou ele.

— É *evidente* que algumas emendas são mais *sexy* do que outras — afirmou Harold. — E digo mais: a décima primeira, a décima segunda, a décima quarta e a décima sexta são *sexy*. O resto são, basicamente, borras de políticas passadas.

— Está a dizer que a décima terceira emenda é lixo? — alinhou ele, divertido.

— Ninguém falou em lixo — ressaltou Harold. — Apenas digo que não é *sexy*.

— Parece-me que chamar-lhe borra vai dar ao mesmo.

Com um suspiro teatral, o professor agarrou no dicionário que tinha na secretária, folheou-o até encontrar a palavra pretendida e leu a entrada.

— De acordo — cedeu, largando-o sobre uma pilha de papelada, que por pouco não resvalou. — Mas apenas se nos guiarmos pela terceira definição e eu referia-me à primeira: partículas sólidas em suspensão num líquido, que assentam quando este está em repouso. O *sedimento* de políticas passadas, portanto. Satisfeito?

— Aceito a explicação — respondeu ele, esforçando-se por não sorrir.

Inicialmente, o seu horário de trabalho incluía tardes e noites de segunda, quarta e sexta-feira, os dias em que a carga horária do curso era menor. Nas tardes de terça e quinta-feira, tinha os seminários no MIT, onde estava a fazer o mestrado, e, à noite, trabalhava na biblioteca da faculdade. Aos sábados, fazia o turno da manhã na biblioteca, e, à tarde, ia para a Batter, uma padaria perto da faculdade de Medicina onde começara a trabalhar durante a licenciatura. Ocupava-se de tudo o que exigisse perícia: decorar biscoitos, por exemplo, ou moldar centenas de pétalas em pasta de açúcar para embelezar bolos. Além disso, experimentava novas receitas. Uma delas fora o bolo de dez nozes, que se tornara o mais vendido da padaria. Também trabalhava na Batter aos domingos e, um dia, Allison, a dona do estabelecimento, que lhe confiava tudo o que fossem empreitadas, estendeu-lhe um pedido de encomenda de três dúzias de clássicos biscoitos de açúcar que tinham de ser decorados de maneira a parecer bactérias.

— Achei que, se alguém consegue dar conta de semelhante pedido, és tu — disse-lhe. — A mulher do cliente é microbióloga e trata-se de uma surpresa para ela e para os colegas de laboratório.

— Vou investigar — declarou ele, aceitando o papel. Leu o nome do cliente: Harold Stein. Aconselhando-se com CM e Janusz, moldou folhas estilizadas, bolas com picos e pepinos, e depois, com cobertura *glacé* de várias cores, desenhou citoplasmas, membranas plasmáticas e ribossomas. Os flagelos, fez com tiras de alçaçuz. Passou a lista identificativa a computador, imprimiu-a, dobrou a folha e pô-la na caixa, que fechou com cordel. Na altura, pouco contacto tinha com Harold, mas agradou-lhe a ideia de lhe poder ser de algum serviço, de o impressionar, ainda que o feito fosse anónimo. Entreteve-se a magicar que ocasiões comemorariam os biscoitos. O lançamento de um livro? Um aniversário? Ou seria um mimo para a esposa, que ele amava desmedidamente? Seria Harold Stein o tipo de indivíduo que não precisava de um motivo para aparecer no laboratório onde a mulher trabalhava com uma caixa de biscoitos para lhe oferecer? Suspeitou que seria esta última.

Na semana seguinte, Harold comentou que os biscoitos da Batter eram fora de série. O entusiasmo com que, horas antes, na aula, discutira o código comercial uniforme era o mesmo com que agora elogiava os biscoitos. Ali sentado, ele teve de morder a bochecha para não sorrir enquanto Harold se desfazia em elogios à obra de arte que a Batter lhe enviara, comentando que os colegas de laboratório de Julia, a sua mulher, tinham ficado pasmados com o grau de pormenor dos biscoitos, que quase passavam por verdadeiras bactérias, de tal maneira que ele,

Harold, fora o rei da ocasião.

— E, tratando-se daquela gente, não é proeza fácil, acredita. Não o dizem abertamente, mas acham que os das humanidades e seus associados são todos uns imbecis.

— Pela descrição, esses biscoitos devem ter sido feitos por um obsessivo-compulsivo — disse ele. Não comentara com o professor que trabalhava na Batter nem tinha ideias de o fazer.

— Pois aí está um obsessivo-compulsivo de quem não me importava de ser amigo — replicou Harold. — Ainda por cima, os biscoitos eram deliciosos.

— Hum — resmungou ele, já a pensar nalguma pergunta que fizesse o professor parar de falar dos biscoitos.

Harold tinha mais assistentes de pesquisa: dois alunos do segundo ano e outro do terceiro, conhecendo-os ele apenas de vista, porque os seus horários nunca se sobrepunham. Comunicavam ocasionalmente por bilhetes ou *e-mail*, referindo em que ponto tinham deixado determinada pesquisa, para que o seguinte a pudesse retomar. Porém, no segundo semestre do primeiro ano de Direito, Harold confiou-lhe em exclusividade a pesquisa referente à Quinta Emenda.

— Essa é das boas — comentou. — É mesmo muito *sexy*. — Os assistentes do segundo ano ficaram com a Nona Emenda e o do terceiro ano, com a Décima, e, embora ciente do ridículo, ele não conseguiu evitar a sensação de triunfo. Sentia-se o favorito.

O primeiro convite para jantar em casa de Harold aconteceu espontaneamente, no final de uma escura e gelada tarde de março.

— De certeza que quer que eu vá? — hesitou ele.

Harold fitou-o, quase desconcertado.

— Evidentemente — manteve. — É um jantar, ora. Tens de comer, não?

Vivia em Cambridge, numa casa com segundo andar no fim do *campus* das licenciaturas.

— Não sabia que vivia aqui — comentou ele, quando o professor entrou no acesso particular. — Esta é uma das minhas ruas favoritas. Dantes, cortava caminho por aqui todos os dias quando ia para o outro lado do *campus*.

— Tu e todos — resmungou Harold. — Comprei esta casa pouco tempo antes de me divorciar e, nessa altura, esta rua parecia uma colónia de pós-graduados. Não se via uma única persiana em bom estado. O cheiro a marijuana era tão intenso que passávamos de carro e apanhávamos uma pedrada.

Nevava apenas ligeiramente, mas ele ficou aliviado ao ver que a entrada tinha apenas dois degraus, portanto, não havia o perigo de cair, logo, não precisaria da ajuda de Harold. Quando entraram, pairava um aroma que combinava manteiga, pimenta e goma. *Massa*, pensou ele. Pousando a pasta de documentos no *hall*, Harold fez a visita guiada em tempo recorde:

— Ali é a sala de estar. O meu gabinete fica por trás. À tua esquerda, tens a cozinha e a sala de jantar. — Sem mais delongas, apresentou-lhe Julia, de quem ele gostou logo. Era alta como o professor e tinha cabelo castanho, que usava curto.

— Jude! — exclamou. — Até que enfim! Ouvi falar muito de ti. Fico feliz por finalmente te conhecer. — Pelo tom de voz, assim parecia, achou ele.

Ao jantar, não faltou conversa. Julia vinha de uma família académica de Oxford, tendo ficado a viver na América quando viera fazer o doutoramento em Stanford. Ela e Harold tinham-se conhecido havia cinco anos. Apresentara-os um amigo comum. O laboratório onde trabalhava estava a estudar um novo vírus que, tudo indicava, era uma variante do H5N1. Para já, queriam sequenciar o genoma.

— Uma das áreas da microbiologia é estudar o potencial desses vírus como armas biológicas, não é? — indagou ele, sentindo, sem olhar, que a atenção de Harold se voltara para si.

— Exato — confirmou Julia, e, enquanto o punha a par da enorme controvérsia que rodeava o que ela e os colegas estavam a fazer, ele olhou de fugida para Harold, que o observava, e que, ao fazerem contacto visual, arrebitou o sobrolho, sem que ele chegasse a decifrar o significado da expressão.

A dada altura, desviaram-se daquele assunto, e, conforme a conversa se afastava de Julia e do laboratório, encaminhando-se inexoravelmente para a sua pessoa, ele percebeu que, assim querendo, Harold teria dado um excelente advogado de acusação. Redirecionando e reposicionando a conversa como se manejasse matéria líquida, levava-a pelo caminho pretendido sem permitir fugas ou desvios, até desembocarem no inevitável desfecho.

— Fala-nos de ti, Jude — pediu Julia. — De onde vens?

— Cresci no Dakota do Sul e no Montana, basicamente — respondeu ele. A criatura dentro de si já se retesara, ciente do perigo, mas incapaz de lhe fugir.

— Os teus pais eram rancheiros? — sondou Harold.

Com os anos, ele aprendera a esperar aquele encadeamento de perguntas, e, também, como o defletir.

— Não — respondeu —, mas muita gente era, claro. A paisagem é magnífica. Já visitaram aquela região?

Normalmente, bastava isto, mas não foi o caso com Harold.

— Ah! — exclamou o professor. — Há muito que não ouvia uma esquivia tão bem oleada. — Olhou-o nos olhos, acabando por fazê-lo baixar os seus para o prato. — Suponho que é a tua maneira de nos dizeres que não vamos ficar a saber o que os teus pais faziam, é isso?

— Harold, por amor de deus, deixa o rapaz — interveio Julia, mas ele não mais deixou de sentir o olhar insistente de Harold. Foi um alívio quando o jantar terminou.

Depois dessa primeira noite em casa do professor, o seu relacionamento aprofundou-se, tornando-se, também, mais complicado. Sentia que despertara a curiosidade de Harold, que passou a imaginar como um cão de olhos a brilhar, desejoso de brincadeira — um *terrier*, por exemplo, que é entusiástico e incansável —, e não tinha a certeza de isso ser bom. Tinha vontade de conhecer melhor o professor, mas aquele jantar viera recordar-lhe que o processo de se conhecer alguém era sempre bem mais espinhoso do que ele recordava. De todas as vezes, varria isso da memória, mas a vida tratava de lho recordar. Desejou, como amiúde

lhe acontecia, que toda essa fase — a troca de confidências, as revelações sobre o passado — se pudesse saltar, passando as partes, como se teletransportadas, à fase seguinte, em que a amizade já era fácil, confortável e manejável, conhecendo e respeitando cada parte os limites da outra.

Outros talvez tivessem feito mais duas ou três tentativas de conhecer a sua história, acabando por desistir — *acontecera*, aliás, com amigos, colegas e professores —, mas Harold não era de se deixar dissuadir facilmente. Com o professor, nenhuma das estratégias do costume resultou, entre elas, dizer diretamente ao interlocutor que preferia ouvi-lo falar da *sua* vida em vez de ser ele a falar da sua, uma tática que, além de eficaz, tinha a vantagem adicional de ser sincera. Harold era imprevisível e tornava a entrar ao ataque quando ele menos esperava, apanhando-o sempre desprevenido. Por causa disso, com o estreitar do convívio, sentiu-se ficar cada vez mais inibido, quando deveria acontecer o contrário.

Estavam no gabinete do professor a discutir algo relacionado com a pesquisa — a luta da Universidade da Virgínia pelo fim da discriminação dos alunos negros, por exemplo, um caso que chegara ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos — e Harold perguntava:

— Já agora, Jude, qual é a *tua* etnia?

— Uma mistura de várias — respondia ele, tentando prontamente mudar de assunto, não excluindo a possibilidade de derrubar uma pilha de livros para desviar a atenção.

Mas também calhava as perguntas surgirem do nada, inteiramente aleatórias, e, sem um contexto que as tornasse expectáveis, tornava-se impossível prevê-las. Certa noite, ele e Harold tinham ficado a trabalhar até tarde no gabinete e o professor encomendara *takeaway*. Para a sobremesa, pedira biscoitos e *brownies*, e empurrou os dois sacos de papel na sua direção.

— Não, obrigado — agradeceu ele.

— De certeza? — admirou-se Harold, franzindo o sobrolho. — O meu filho adorava as duas coisas. Chegámos a tentar fazer em casa, mas nunca acertámos com a receita. — Serviu-se de um *brownie* e partiu-o ao meio. — Os teus pais faziam-te guloseimas quando eras pequeno? — A falsa indiferença com que lhe fazia estas perguntas era quase insuportável.

— Não — respondeu ele, fingindo reler os apontamentos.

Ouviu Harold mastigar. Sabia que o professor estava a debater para consigo se devia deixar o assunto ou insistir no interrogatório.

— Costumas vê-los? — perguntou-lhe, do nada, de outra vez em que fizeram serão.

— Já morreram — respondeu ele, sem levantar a cabeça.

— Sinto muito, Jude — disse Harold, após um silêncio, e a sinceridade na voz do professor acabou por o fazer erguer os olhos. — Os meus também já morreram. Há relativamente pouco tempo. Mas eu sou muito mais velho do que tu.

— Sinto muito, Harold — disse ele. E, num palpite: — Imagino que era muito ligado a eles.

— Sim — confirmou o professor. — Muito. E tu, eras chegado aos teus?

Ele abanou a cabeça.

— Nem por isso. Não.

Harold calou-se momentaneamente.

— Mas aposto que tinham orgulho em ti — acabou por dizer.

Sempre que o professor lhe fazia perguntas pessoais, ele sentia um frio súbito crescer-lhe por dentro, como se o seu corpo fosse proteger os órgãos e os nervos com uma camada de gelo. Porém, dessa vez, julgou que não ia aguentar. Não se atreveu a dizer uma palavra, temendo que o gelo estalasse e todo ele se estilhaçasse. Aguardou até ter a certeza de que conseguiria falar com normalidade e, nessa altura, perguntou se Harold precisava do resto dos artigos nessa noite ou se os podia procurar de manhã. Não o encarou: fez a pergunta sem tirar os olhos do caderno de apontamentos.

Harold respondeu-lhe depois de um silêncio demorado.

— Pode ser amanhã — quase murmurou. Ele assentiu e arrumou as coisas. Ao sair, sentiu os olhos do professor estudar-lhe o andar manco.

Harold também lhe perguntou a respeito da adolescência, se tinha irmãos, quem eram os seus amigos e o que faziam quando se juntavam: estava sedento de saber tudo quanto conseguisse. Foi um alívio poder responder a duas daquelas perguntas. Falou-lhe dos amigos, contando como se tinham conhecido e onde se encontrava presentemente cada um: Malcolm, a fazer o mestrado na Universidade de Columbia; JB e Willem, em Yale. Não se incomodou com as perguntas de Harold sobre os três; gostou de falar deles e de ouvir Harold rir com alguns dos episódios que lhe contou. Também lhe falou de CM e de como Santosh e Federico pareciam estar numa espécie de contenda com os alunos das licenciaturas em Engenharia, que residiam na república de estudantes sua vizinha, tendo ele sido acordado certa manhã por uma ruidosa formação aérea de pequenos dirigíveis motorizados feitos com preservativos que passou rente à sua janela ao subir ao terceiro andar, levando, cada um, uma faixazinha pendurada que rezava: «SANTOSH JAIN E FEDERICO DE LUCA TÊM MICROPÉNIS.»

Já no caso das outras perguntas de Harold, eram tão invasivas, frequentes e inevitáveis que o sufocavam. Noutras alturas, a atmosfera ficava tão carregada com as perguntas que Harold *não* estava a fazer que não resultava menos opressiva do que se o professor as tivesse feito. As pessoas queriam saber demasiado, queriam demasiadas respostas, o que ele entendia, claro, porque também queria respostas, também queria saber tudo. Isso fê-lo valorizar mais do que nunca os amigos, que comparativamente lhe tinham perguntado tão pouco, permitindo-lhe ser uma página em branco, uma vasta pradaria sob cuja superfície amarelada larvas e escaravelhos escavavam túneis no solo escuro e ossos despedaçados calcificavam lentamente, tornando-se pedras.

— Livra, tanto interesse nessa conversa! — exclamou, não sabendo mais o que fazer de uma vez em que Harold lhe perguntou se namorava. Dando-se conta do tom que usara, calou-se, depois pediu desculpa. Conheciam-se havia quase um ano.

— Nessa *conversa*? — repetiu Harold, ignorando o pedido de desculpa. — O meu interesse é em *ti* e não vejo o que isso possa ter de estranho. Os amigos falam destas coisas.

O certo era que, apesar do constrangimento, regressava sempre, tal como aceitava cada convite de Harold para jantar, ainda que, em cada ocasião, houvesse invariavelmente um momento em que ele desejava poder desaparecer ou temia ter dececionado o professor.

Certa vez, foi jantar a casa de Harold e este apresentou-lhe Laurence, o seu melhor amigo. Tinham-se conhecido no curso de Direito e Laurence era juiz de recursos em Boston. Viera com a mulher, Gillian, que lecionava Inglês na Simmons University.

— Jude — interpelou-o Laurence, cuja voz era ainda mais grave do que a do professor —, diz-me o Harold que o meu caro também está a tirar o mestrado no MIT. Posso perguntar em quê?

— Matemática Pura — respondeu ele.

— Em que difere isso da matemática... normal? — perguntou Gillian, dando uma risadinha.

— Bem, suponho que à matemática normal, ou aplicada, poderíamos chamar matemática prática — explicou ele. — Resolve problemas e avança com soluções. Usamo-la na economia, na engenharia, na contabilidade e por aí fora. Já a matemática pura não existe para oferecer aplicações práticas imediatas ou necessariamente óbvias. Trata-se de expressão formal em estado puro, se quiser. Unicamente demonstra a elasticidade quase infinita da matemática, dentro dos parâmetros aceites que usamos para definir o seu campo, claro.

— Referes-te à geometria imaginária e coisas desse tipo? — indagou Laurence.

— Por exemplo. Mas não se fica por aí. Muitas vezes, a matemática pura apenas prova... a lógica interna impossível, mas, ainda assim, inteiramente coerente, da matemática em si. Dentro da matemática pura, há todo o tipo de subcampos: a geometria, como disse, mas também álgebra, algoritmos, criptografia, teoria da informação ou lógica, que é o que eu estudo.

— E isso é o quê? — perguntou Laurence.

Ele ponderou a questão.

— A lógica matemática, ou lógica pura, é, basicamente, um diálogo entre verdades e falsidades. Suponhamos, por exemplo, que eu lhe digo: «Todos os números positivos são reais. O dois é um número positivo. Logo, o dois é real.» Mas isto não é *mesmo* verdade, pois não? É uma derivação, uma suposição. Eu não *provei* que o dois é um número real, mas a lógica indica que é. Daí, poderíamos formular uma prova matemática que demonstrasse que a lógica dessas duas proposições é real e infinitamente aplicável. — Calou-se um instante. — Faz sentido?

— *Video, ergo est* — declarou Laurence. *Vejo, logo, é verdade.*

Ele sorriu.

— A matemática aplicada é precisamente isso. A matemática pura vai mais além. — Deteve-se uma vez mais, em busca da melhor explicação. — *Imagino,*

ergo est.

Laurence sorriu-lhe e assentiu.

— Certíssimo — elogiou.

— Bem, agora, tenho *eu* uma pergunta — anunciou Harold, que, até ali, apenas os ouvira sem se manifestar. — Como e porquê, santo nome de deus, foste tu acabar em Direito?

Todos se riram e ele também. A questão já lhe fora posta inúmeras vezes (pelo Dr. Li, em desespero; pelo orientador de mestrado, um perplexo Dr. Kashen) e ele respondia conforme o público e a situação, porque a resposta verdadeira — queria sentir que dispunha de ferramentas para se proteger, queria certificar-se de que jamais estaria nas mãos de alguém — lhe parecia demasiado egoísta e inconsequente, demasiado mesquinha de se proferir (além de que convidaria a uma enxurrada de outras perguntas). Além de que, entretanto, já descobrira que a lei não é proteção particularmente fiável; querendo *mesmo* garantir a sua segurança, seria mais indicado treinar a pontaria para ser um atirador infalível, ou especializar-se em química laboratorial e ser um mestre das pipetas e dos venenos.

Dessa vez, respondeu:

— Se pensarmos bem, o direito não é assim tão diferente da matemática pura. Em teoria, também tem respostas para todos os problemas, não é assim? Qualquer disciplina tem as suas leis, que existem para ser testadas e esticadas ao limite, e, não conseguindo encontrar soluções para todas as questões que afirmam abarcar, deixam de poder ser consideradas leis, certo? — Refletiu sobre o que acabava de dizer. — Suponho que a diferença está em que, no direito, há vários caminhos possíveis, que vão dar a outras tantas respostas, enquanto, na matemática, há vários caminhos, mas todos vão dar a uma única resposta. Além disso, suponho que o objeto do direito não é a verdade, mas a regulamentação. Inversamente, a matemática não tem de ser conveniente, pragmática ou ter vocação administrativa. Apenas tem de ser verdade.

» E creio que ainda há *outro* ponto em que as duas se tocam: tanto na matemática como no direito, mais importante, ou, em rigor, mais memorável do que formular a prova matemática ou ganhar o caso é a maneira como se alcança o resultado. Quanto mais elegante e económica, melhor.

— Como assim? — sondou Harold.

— Bem — disse ele —, no direito, ouvimos elogiar a eficácia das alegações finais ou a justeza da sentença, por exemplo. Ao fazer isso, estamos a referir-nos, claro, não só à beleza da sua lógica, mas também à sua expressão. Da mesma maneira, quando elogiamos uma prova matemática, estamos a reconhecer a sua simplicidade, a sua... elementaridade, creio. A sua inevitabilidade.

— E se for, por exemplo, o último Teorema de Fermat? — desafiou-o Julia.

— Nesse caso, temos o perfeito exemplo de uma prova que não é bela. A resolução do problema foi importante, mas, para muitas pessoas, entre elas, o meu orientador, a prova foi uma desilusão. Alonga-se por centenas de páginas, socorre-se de vários campos da matemática e a sua execução é demasiado... torturada, chega a parecer um *quebra-cabeças*, de tal maneira que ainda há muitos

matemáticos a tentar formular uma prova mais elegante, ainda que a conclusão já esteja tirada. Para ser bela, uma prova matemática tem de ser sucinta, um pouco como acontece com um veredito. Deve combinar não mais do que um punhado de conceitos, mesmo que colhidos um pouco por todo o espectro do universo matemático, para depois, com uma série relativamente breve de passos, chegar a uma nova e esplêndida verdade matemática generalizada, ou seja, uma proposição absolutamente demonstrável e indestrutível, que existirá num mundo que é uma construção mental com muito poucos absolutos que afinal não se possam demolir. — Parou para recuperar o fôlego. Acabava de se dar conta de que estivera a falar ininterruptamente, tendo os demais ficado a observá-lo, silenciosos. Sentiu-se ficar muito vermelho e inundou-o o velho ódio seu conhecido, que, como água suja, o viera conspurcar uma vez mais. — Desculpem — balbuciou. — Peço muita desculpa. Não era minha intenção ser tão maçador.

— Estás a brincar? — exclamou Laurence. — Jude, acho que esta foi a primeira conversa com conteúdo que tive aqui em casa do Harold em uma década ou mais. Obrigado.

De novo, o riso foi geral. Harold recostou-se, visivelmente agradado. «Vês?», apercebeu-se ele de o professor dizer, movendo os lábios sem som, a Laurence, que assentiu. Percebeu que se referiam a si e sentiu-se lisonjeado, ainda que não quisesse, e, também, sem saber o que dizer ou fazer. Teria Harold falado dele ao amigo? Teria sido aquela conversa um teste a que o tinham submetido sem o seu conhecimento? Aliviou-o ter passado e não ter embaraçado Harold, e, somando a isso, sentiu uma espécie de tranquilidade: talvez acabasse de conquistar em pleno o seu lugar em casa de Harold, onde, não obstante os momentos de desconforto, queria regressar.

Dia após dia, confiava mais um pouco no professor e houve alturas em que se perguntou se estaria a repetir o erro. O que era melhor, confiar ou resguardar-se? Seria possível uma verdadeira amizade estando parte de si permanentemente à espera do momento da traição? Acontecia-lhe sentir que se estava a aproveitar da generosidade de Harold, que o encorajava com a fé que mostrava ter nas suas capacidades — e, por vezes, que a circunspeção era o único caminho sensato, porque toda aquela história podia acabar mal, e, nesse caso, não haveria outro culpado senão ele. Simplesmente, era difícil não confiar em Harold, porque o professor lhe dificultava a tarefa, mas, sobretudo, porque ele não se estava a permitir ser cauteloso. *Queria* confiar em Harold, *queria* aproximar-se, *queria* que a criatura no seu íntimo se enroscasse e adormecesse para jamais acordar.

No segundo ano de Direito, de uma vez em que ficou a trabalhar em casa de Harold até tarde, ao terminarem, o professor acompanhou-o à porta, e, ao abri-la, depararam-se com os degraus da entrada, a rua e as árvores cobertos de neve. Um remoinho de flocos avançou tão veloz que ambos recuaram.

— Eu chamo um táxi — disse ele, para que Harold não tivesse de o levar.

— Nada disso — declarou o professor. — Dormes cá.

Ficou no quarto de hóspedes no primeiro andar, onde Harold e Julia tinham também o seu. De permeio entre um e outro, havia uma ampla divisão com

janelas, onde o casal fizera a biblioteca, e um pequeno corredor.

— Podes vestir isto para dormir — disse Harold, lançando-lhe para as mãos uma *T-shirt* cinzenta muito macia. — E tens aqui uma escova de dentes. — Pousa-a na estante. — Há toalhas lavadas na casa de banho. Precisas de mais alguma coisa? Queres água?

— Não — respondeu ele. — Obrigado, Harold.

— Não tens de quê, Jude. Boa noite.

— Boa noite.

Ficou acordado durante algum tempo. O edredão de penas avolumava-se ao seu redor, mas quase não lhe sentia o peso, e o colchão parecia-lhe digno de um palácio. Ficou a ver a neve acumular-se na janela e ouviu os barulhos da canalização e a conversa murmurada — não percebeu uma palavra — de Harold e Julia enquanto um deles andava descalço — pareceu-lhe — pelo quarto. Depois, silêncio. Nesse intervalo de poucos minutos, fez de conta que eles eram os seus pais, que viera passar o fim de semana a casa, que aquele era o seu quarto e que, de manhã, faria o que os filhos universitários fazem com os pais.

Terminou o segundo ano, o verão começou e Harold convidou-o para passar uns dias com eles na sua casa em Truro.

— Vais adorar — assegurou-lhe. — Convida os teus amigos. Também vão adorar. — Assim, na quinta-feira antes do feriado da primeira segunda-feira de setembro, depois de ele e Malcolm concluírem os estágios, arrancaram os quatro de carro e fizeram a viagem de Nova Iorque até Cape Cod, e, durante esse fim de semana prolongado, a atenção de Harold desviou-se para JB, Malcolm e Willem. E também ele lhes estudou o comportamento e admirou a leveza com que reagiam às perguntas mais indiscretas de Harold, a generosidade com que expunham as suas vidas e a sua abertura para contar episódios pessoais de que se riam, fazendo o professor e a mulher rir também. Estavam à vontade com Harold e era recíproco. Ver pessoas de quem gostava tanto apaixonarem-se por outras a quem igualmente adorava trouxe-lhe um prazer inesperado. A casa tinha um caminho particular que descia a uma pequena faixa de areal a que apenas se podia aceder por ali, e, de manhã, os quatro seguiam em pelotão para ir nadar — incluindo ele, de calças, camisola interior e uma velha camisa, mas ninguém fazia perguntas —, depois estendiam-se na areia e ficavam ao sol, e ele sentia a roupa molhada descolar-se-lhe do corpo à medida que secava. Por vezes, Harold aparecia e ficava a observá-los ou nadava também. À tarde, Malcolm e JB agarravam em bicicletas e saíam a pedalar pelas dunas e ele e Willem seguiam-nos a pé, tendo Willem o cuidado de abrandar para que ele não ficasse para trás. Pelo caminho, apanhavam pequenas conchas de textura áspera como xisto e as desoladas carapaças vazias de caranguejos-eremitas que há muito tinham servido de repasto a outras criaturas. Ao final da tarde, quando o dia ficava um pouco mais fresco, JB e Malcolm desenhavam e ele e Willem liam. Tudo aquilo — o sol, a comida, a maresia, a plena satisfação — era como a mais potente das drogas e, à noite, deitava-se cedo e adormecia prontamente. Era sempre o primeiro a acordar e, na quietude, saía para o apêndice traseiro e ficava a contemplar o mar.

O que me vai acontecer?, perguntava às águas. *O que me está a acontecer?*

As férias terminaram e começou o primeiro semestre do novo ano, e depressa percebeu que algum dos amigos comentara alguma coisa com Harold durante aquele fim de semana. De uma coisa tinha a certeza: não fora Willem, o único a quem acabara por finalmente contar alguma coisa do seu passado — que, ainda assim, não fora muito: ficara-se por três factos que raiavam o insubstancial, apenas curiosidades inconsequentes, que, somadas, não davam sequer o começo de uma história. As primeiras frases de qualquer conto de fadas encerravam mais informação do que ele dera a Willem: *Era uma vez um menino e uma menina que viviam com o pai lenhador e a madrastra no coração de uma floresta muito fria. O lenhador amava os filhos, mas era muito pobre, até que, um dia...* Portanto, o que Harold ficara a saber partira de especulações suas, que fundamentara com as observações, teorias, suposições e ficções dos seus amigos. Não imaginava concretamente o que o professor teria descoberto, mas chegara para pôr fim às perguntas sobre quem ele fora e de onde viera.

Os meses tornaram-se anos e, entre os dois, cresceu uma amizade em que a primeira década e meia da sua vida não era discutida ou sequer mencionada, mais parecendo que não acontecera — que ele chegara à faculdade na embalagem original, diretamente da fábrica, alguém premira um interruptor nas suas costas e ele ganhara vida. Sabia que Harold preenchia essa lacuna imaginando o que lhe acontecera nesse hiato de quinze anos, e que uma parte do que ele imaginava era pior do que a realidade, e a outra, melhor. O professor nunca lhe revelou tais suposições e ele tão-pouco se queria inteirar das mesmas.

Embora em nenhum momento tivesse encarado aquela amizade como circunstancial, parecia-lhe muito provável que o professor e a mulher o fizessem e estava preparado para o fim. Por isso, quando o assessorado ditou a mudança para Washington, partiu do princípio de que os dois rapidamente o esqueceriam e procurou mentalizar-se para os perder. Mas a sua previsão não se cumpriu. Pelo contrário: Harold e Julia mandavam-lhe *e-mails* e telefonavam, e, de cada vez que visitava Cambridge ou eles iam a Washington, jantavam. No verão, ele, Willem, Malcolm e JB passavam férias em Truro. O fim de semana do Dia de Ação de Graças, passavam em Cambridge. Ao fim de dois anos, conseguiu o lugar no gabinete do procurador-geral e veio a mudança para Nova Iorque. A novidade deixou Harold perigosamente à beira da euforia e o casal disponibilizou-lhe o seu apartamento no Upper West Side, mas, além de saber que eles o usavam com regularidade, não sabia quão sincera era a oferta, por isso, recusou.

Aos sábados, Harold ligava-lhe para saber que tal o trabalho e ele falava-lhe de Marshall, vice-procurador-geral e seu chefe, que tinha a inquietante capacidade de recitar acórdãos do Supremo Tribunal dos Estados Unidos palavra por palavra: fechava os olhos para visualizar a página em questão e, num tom robótico, monocórdico, lançava-se naquela lengalenga sem subtrair ou adicionar uma palavra ao texto original. Sempre achara ter boa memória, mas a de Marshall era espantosa.

Em mais do que um aspeto, o gabinete do procurador-geral lembrava-lhe a

instituição: um ambiente quase exclusivamente masculino, dominado por uma hostilidade muito particular e sem tréguas, como que uma efervescência ressentida que surge naturalmente sempre que um grupo de indivíduos altamente competitivos e em pé de igualdade são alojados num espaço relativamente exíguo, sabendo antecipadamente que apenas alguns deles terão oportunidade de passar à etapa seguinte. (A diferença era que, no gabinete do procurador-geral, eram os percursos académicos e profissionais a pô-los em pé de igualdade, enquanto na instituição se equiparavam em fome e indigência.) O gabinete contava com duzentos procuradores assistentes e tudo indicava não haver um único que não tivesse tirado o curso numa das cinco ou seis faculdades de Direito mais prestigiadas, tal como parecia não haver um único que não tivesse estado envolvido na revista jurídica e no tribunal fictício da sua faculdade. Puseram-no numa equipa de quatro assistentes que se ocupava sobretudo de casos de fraude no investimento em valores mobiliários, sendo que cada um deles tinha alguma particularidade — algo no currículo ou uma idiossincrasia — que, esperava, o destacaria. No seu caso, contava com o mestrado tirado no MIT (que parecia não impressionar ninguém por ali, mas pelo menos era peculiar) e com a experiência no círculo judicial enquanto assessor de Sullivan, com quem Marshall mantinha boas relações. Citizen, o seu melhor amigo no gabinete do procurador-geral, tirara o curso de Direito em Cambridge e exercera em Londres durante dois anos antes de se mudar para Nova Iorque. O terceiro do trio era Rhodes, que, depois do curso, estivera na Argentina com uma bolsa Fulbright. (A equipa de trabalho propriamente dita era um quarteto, mas Scott era um calaceiro, correndo à boca pequena que só ali estava porque o pai jogava ténis com o presidente.)

Pouco se ausentava do gabinete e, quando ficavam os três a trabalhar até tarde e pediam *takeaway*, lembrava-se de ocasiões semelhantes com Willem, Malcolm e JB na Casa dos Capelos, e, embora gostasse da companhia de Citizen e Rhodes e desfrutasse a especificidade da sua profunda inteligência, enchia-se de saudades dos amigos, que pensavam de maneiras muito distintas da sua, obrigando-o por sua vez a pensar de maneira diferente. Numa ocasião em que ele, Citizen e Rhodes estavam a falar de lógica, lembrou-se de uma pergunta que o Dr. Li lhe fizera durante a entrevista de candidatura ao seminário de Matemática Pura, logo no ano de caloiro: *Porque são redondas as tampas de esgoto?* Era uma pergunta fácil. De regresso à residência, pôs à prova os três companheiros de quarto, que ficaram mudos. Por fim, falou JB, no tom fantasioso de um contador de histórias saltimbanco: «Porque há muito, muito tempo, os mamutes viviam em liberdade no nosso planeta e as suas pegadas deixaram o solo cheio de mossas circulares.» No gabinete do procurador-geral, acompanhado de Citizen e Rhodes, recordou como aquela resposta de JB fizera os quatro desatarem a rir e sorriu. Por vezes, desejava ser capaz de pensar como JB, que se saía com histórias que deixavam qualquer um rendido. Mas não, pensava de outra maneira, procurava sempre uma explicação, que, ainda que correta, era invariavelmente isenta de romance, fantasia ou leveza.

— Toca a puxar das cartas de recomendação — murmurava Citizen somente

para os seus ouvidos de cada vez que o procurador-geral dos Estados Unidos em pessoa se mostrava por ali, porque, nessas ocasiões, os procuradores assistentes, qual enxame de fatos cinzentos, corriam a cercá-lo como traças atraídas pela luz. Eles dois e Rhodes juntavam-se também àquela massa humana, mas, mesmo nessas ocasiões, ele jamais mencionou a alínea do seu currículo que, sabia, tê-lo-ia feito destacar-se aos olhos não só de Marshall mas também do procurador-geral. Depois que ele conseguira o lugar de procurador assistente, Harold pedira-lhe que o mencionasse a Adam, o procurador-geral, revelando que eram conhecidos de longa data. Ele respondeu que precisava de saber se conseguia vingar por mérito próprio, o que era verdade. Mas havia uma razão de maior peso: sentia-se relutante em usar Harold como trunfo porque não queria que o professor mais tarde lamentasse que o seu nome lhe estivesse associado. Por isso, não o mencionou.

Mesmo assim, parecia-lhe que a presença de Harold se fazia sentir muitas vezes. Um dos passatempos favoritos dos procuradores assistentes era recordar episódios do curso de Direito (sendo complemento inevitável a gabarolice sobre os feitos académicos). Ora, tendo muitos dos colegas tirado o curso na mesma faculdade que ele, vários tinham conhecido Harold (tendo os outros ouvido falar a seu respeito), e então, quando dava por si, estava a ouvi-los falar das aulas que tinham tido com ele e de como não se atreviam a aparecer nalguma sem estar convenientemente preparados, o que o fazia ter orgulho em Harold e — embora sabendo que era ridículo — orgulhar-se também de si porque o conhecia. Dentro de um ano, sairia o livro de Harold sobre a Constituição, e, nessa altura, todos no gabinete do procurador-geral leriam o seu nome nos agradecimentos. Revelada a sua ligação ao professor, muitos ficariam desconfiados, e ver-lhes-ia apreensão no rosto ao tentarem lembrar-se de algum comentário sobre Harold que talvez não devessem ter feito na sua presença, porém, nessa altura, já se teria afirmado por mérito próprio, já se sentiria plenamente ao nível de Citizen e Rhodes e o relacionamento profissional com Marshall estaria firmado.

Mas, mesmo quando isso aconteceu, por mais que gostasse, por mais que ansiasse fazê-lo, continuou a ter reservas em mencionar Harold como amigo. Por vezes, temia estar a imaginar essa proximidade, tê-la exagerado disparatadamente de si para consigo, e então (de novo, sentindo-se pateta) puxava da estante o seu exemplar de *A Promessa Perfeita*, procurava a página dos agradecimentos e relia as palavras de Harold, como se estivesse ali um contrato — a declaração expressa de que, muito ou pouco, os seus sentimentos por Harold eram reciprocados. Apesar disso, mantinha-se preparado: *Vai acabar este mês*, dizia para consigo. Depois, no final do mês: *Vai ser no próximo. Para o mês que vem, ele não vai querer mais conversa comigo*. Não queria que a desilusão o apanhasse desprevenido, por isso, obrigava-se a estar a postos para quando o momento chegasse, mesmo se desejava com todas as forças que o desenrolar dos acontecimentos lhe mostrasse que se enganara.

Enquanto isso, a amizade continuava, alongava-se como um rio que o apanhara na corrente e o ia levando para um lugar desconhecido. De cada vez que achava ter atingido a derradeira etapa da relação, Harold ou Julia abriam de par em par as portas de mais uma divisão e convidavam-no a entrar. Conheceu o pai e o irmão de

Julia — o primeiro, pneumologista reformado, o segundo, professor de História da Arte — num ano em que os dois viajaram de Inglaterra para passar o fim de semana do Dia de Ação de Graças com ela, e, sempre que vinham a Nova Iorque, Harold e Julia faziam questão de os levar — ele e Willem — a jantar fora, sempre nalgum restaurante de que os dois tinham ouvido falar, mas que não tinham dinheiro para experimentar. Já tinham visitado o apartamento na Lispenard Street — Julia fora delicada, Harold mostrara-se horrorizado — e, na semana em que o aquecimento parou misteriosamente de funcionar, entregaram-lhes as chaves do seu apartamento no Upper West Side, tão quente e aconchegado que, ao entrar, ele e Willem se sentaram no sofá e ali ficaram durante uma hora, imóveis como manequins, como se o regresso do aquecimento às suas vidas os tivesse deixado em estado de choque. No primeiro fim de semana do Dia de Ação de Graças depois da mudança para Nova Iorque, Harold surpreendera-o a meio de uma crise — desesperado (sabia que não conseguiria subir ao quarto), apagara o fogão (estava a saltar espinafres) e arrastara-se até à despensa, onde se fechara com ideias de esperar sentado no chão até que a dor passasse. Da vez seguinte que os visitou em Cambridge, verificou que o casal fizera mudanças: o quarto de hóspedes passara a ser no rés do chão, na suíte atrás da sala, onde fora o gabinete de trabalho de Harold, tendo a secretária e os livros do professor sido transferidos para o primeiro andar.

Mas, mesmo depois de tudo isto, parte de si continuava a aguardar o dia em que pararia diante de uma porta, rodaria o puxador e a descobriria trancada. E, quando isso acontecesse, talvez ele respirasse de alívio, porque aquela amizade também o assustava e angustiava — sentia que nada lhe estava vedado e que tudo lhe era estendido sem que nada lhe fosse exigido em troca. Tentava retribuir, embora ciente de que os seus gestos eram insignificâncias. Tinha perfeita noção de que jamais poderia pagar as respostas, o afeto e tudo o mais que Harold lhe dava como se nada fosse.

Quando a sua amizade caminhava para o sétimo ano, visitou-os na primavera, por ocasião do quinquagésimo primeiro aniversário de Julia, que, impedida de celebrar os cinquenta por estar numa conferência em Oslo, decidira que festejaria condignamente no ano seguinte. Ele e Harold estavam a limpar a sala — ou, melhor dizendo, ele estava a limpar, porque o professor se distraía a puxar livros ao acaso das prateleiras; contava-lhe onde e porquê os comprara ou abria-os na primeira página para lhe mostrar a assinatura do legítimo proprietário, incluindo-se, nesta segunda categoria, *O Leopardo*, tendo sido rabiscado na guarda: «Pertence a Laurence V. Raleigh e tem *v* de volta. Ouviste, Harold Stein?»

Ele ameaçou contar a Laurence e Harold ameaçou-o de volta.

— Não ouses, Jude, senão arrependes-te.

— Faz o quê? — picou ele.

— Faça... isto! — exclamou Harold, avançando de repente, e, antes que pudesse dizer para consigo que o professor estava na brincadeira e nada mais, já recuara tão bruscamente, torcendo-se para fugir ao contacto físico, que embateu na estante e fez cair uma tosca caneca de barro feita por Jacob, o filho do professor.

Harold recuou e, naquele horrível silêncio, vendo a caneca partida em três pedaços, ele quase desatou a chorar.

— Harold — balbuciou, ajoelhando-se para apanhar os cacos —, desculpe. Peço mil desculpas. Por favor, não fique zangado. — Queria bater com a cabeça no chão. Sabia que aquele fora o último presente de Jacob para o pai antes de adoecer. Ouviu a respiração do professor, que continuava de pé. — Perdoe-me, Harold, por favor — repetiu, quase embalando os pedaços da caneca. — Acho que se pode colar. Não vai ficar sem ela. — Não teve coragem de erguer os olhos dos cacos envernizados.

Sentiu Harold agachar-se à sua frente.

— Jude — disse o professor —, não faz mal. Foi um acidente. — Mal levantou a voz. — Dá cá — pediu, num tom brando. Não parecia zangado.

Ele assim fez.

— Posso ir-me já embora — disse.

— É claro que não te vais embora — respondeu Harold. — Está tudo bem, Jude.

— Mas era a caneca do Jacob — ouviu-se dizer.

— Sim — confirmou Harold. — E continua a ser. — Ergueu-se. — Jude, olha para mim — pediu, e, por fim, ele atreveu-se a tanto. — Está tudo bem. Levantate, anda. — Estendeu-lhe a mão e, aceitando-a, ele deixou que o professor o fizesse ficar de pé. Quis gritar de desgosto. Depois de tanto que Harold lhe dera, eis como ele pagava: destruindo algo de precioso feito por alguém que fora precioso para o professor.

Harold subiu para deixar os cacos no gabinete e, silencioso, ele terminou a limpeza da sala. Aos seus olhos, um deslumbrante dia de primavera tornara-se cinzento. Quando Julia chegou, ele ficou na expectativa de ouvir o professor contar-lhe como ele fora idiota e desastrado, mas tal não aconteceu, e, ao jantar, Harold foi o mesmo de sempre. Ainda assim, de regresso à Lispenard Street, escreveu-lhe uma carta em que pedia desculpa como sentia que devia fazer, e meteu-a no correio no dia seguinte.

A resposta chegou no correio alguns dias depois: uma carta que ele guardou pelo resto da vida.

«Meu querido Jude», escrevera Harold, «agradeço muito a tua carta tão bonita (mas que não precisavas de escrever). Tudo o que escreveste me tocou. E tens toda a razão: aquela caneca é muito importante para mim. Mas tu és mais. Por isso, para de te torturar, peço-te.»

«Sendo eu outro tipo de pessoa, talvez dissesse que este incidente é uma metáfora da vida: por vezes, partem-se coisas, que, por vezes, têm conserto, e, na maioria das vezes, percebemos que, seja o que for que se danificou, a vida arranja maneira de compensar essa perda, e, por vezes, o que recebemos em troca é uma dádiva.»

«Pensando bem, talvez afinal eu seja o tipo de pessoa que diz estas coisas.»

«Com todo o carinho, Harold.»

Até há poucos anos — mesmo se, lá no fundo, sabia que não, juntando-se a

isso tudo o que Andy lhe vinha dizendo desde os seus dezassete anos —, mantivera-se agarrado a uma pequena esperança que não vacilava: talvez melhorasse. Nos dias muito maus, repetia para consigo, como se de um mantra se tratasse, as palavras do cirurgião de Filadélfia: «A nossa coluna vertebral tem uma extraordinária capacidade de se regenerar.» Quando estava a tirar Direito, conhecendo-se ele e Andy há alguns anos, arranjou coragem para abordar o assunto, dando finalmente voz à previsão otimista que guardara como um tesouro e à qual se agarrara com todas as forças. Tinha esperança de ver Andy assentir e de o ouvir dizer: *Sem dívida. É só uma questão de tempo.*

Mas não. Andy resfolegou, incrédulo.

— Ele disse-te *isso*? — replicou. — Não vai acontecer, Jude. Pelo contrário, vai piorar conforme fores ficando mais velho. — Com uma pinça, ia extraíndo tecido morto de uma ferida no seu tornozelo. Logo que estas palavras lhe saíram, ficou hirto, e, mesmo sem lhe ver a expressão, ele percebeu que Andy estava envergonhado por ter falado daquela maneira. — Desculpa, Jude — disse, contrito, erguendo o olhar, ainda a segurar-lhe o pé. — Tenho muita pena de não te poder dizer o contrário. — Vendo-o emudecido, suspirou. — Ficaste em baixo.

Ficara, claro.

— Não, tudo bem — conseguiu dizer, embora incapaz de o encarar.

— Sinto mesmo muito, Jude — repetiu Andy, quase num murmúrio. Já nessa altura, o seu trato alternava brusquidão com brandura e já usara as duas com ele, por vezes, na mesma consulta. — Mas uma coisa posso assegurar — acrescentou, tornando a concentrar-se no seu tornozelo. — Vou estar sempre aqui para te ajudar quando precisares.

E assim era. De todas as pessoas que faziam parte da sua vida, nalguns aspetos, ninguém o conhecia melhor do que Andy. Em adulto, apenas se desnudara perante ele. Mais ninguém senão Andy estava familiarizado com a realidade do seu corpo. Tinham-se conhecido quando Andy estava a fazer o internato complementar. Ele concluiu Direito em Boston, continuou lá para a pós-graduação e viriam a mudar-se para Nova Iorque com um intervalo de poucos meses. Embora fosse cirurgião ortopédico, Andy tratava-o independentemente da queixa, fosse uma bronquite aguda ou os seus problemas nas costas e nas pernas.

— Sim senhor — disse Andy, muito fleumático, de uma vez em que ele o foi ver ao consultório aflito com expetoração (fora na última primavera, pouco tempo antes de completar 29 anos, quando um surto de bronquite varrera o escritório). — Não há dúvida de que foi uma ótima decisão escolher ortopedia. Não podia pedir melhor treino do que curar-te a tosse. É exatamente o tipo de coisa que a minha especialização me preparou para fazer.

Ele riu, o que lhe provocou novo arranco de tosse, que Andy lhe aliviou com palmadas nas costas.

— Não há meio de me recomendarem um internista legítimo, daí que tenha de vir ver um quiroprático de cada vez que tenho uma queixa — replicou.

— Hum — resmungou Andy. — Sabes, talvez devesse *mesmo* começar a ser seguido por um internista — aproveitou. — Deus sabe que me poupavas muito

tempo e uma carrada de dores de cabeça. — Mas ele não tinha ideias de procurar outro médico, tal como lhe parecia (embora nunca tivessem discutido o assunto) que Andy não queria realmente que ele fizesse isso.

Se ninguém o conhecia como Andy, já o contrário não era verdade. Sabia que tinham estudado na mesma faculdade, que Andy tinha mais dez anos do que ele, que o pai era guzerate e a mãe, galesa, e que crescera no Ohio. Casara havia três anos, a cerimônia e a boda tinham sido na casa dos sogros no Upper West Side, e, para sua surpresa, ele fora um dos escassos convidados. Obrigou Willem a acompanhá-lo e teve a segunda surpresa, maior do que a primeira, quando Jane, a noiva, o abraçou efusivamente ao serem apresentados.

— Cá está o famoso Jude St. Francis! — exclamou. — Ouvi falar muito de ti!

— Ah sim? — replicou ele, ciente do medo a invadir-lhe o pensamento como um bando de morcegos furiosos.

— Não é o que imaginas — tranquilizou-o ela, abrindo um sorriso (também era médica, mas ginecologista). — Resumindo: ele adora-te, Jude. Ainda bem que vieste.

Também conheceu os pais do noivo e, no fim da noite, Andy enlaçou-lhe o pescoço e pregou-lhe desajeitadamente um beijo na cara, passando a fazer isso de cada vez que se viam. Saltava à vista que não lhe era particularmente confortável cumprimentá-lo dessa maneira, mas parecia sentir que tinha a obrigação de manter o costume, o que ele achava tão cómico quanto tocante.

Gostava de Andy por várias razões, mas, sobretudo, pela sua capacidade de se mostrar imperturbável. Depois de o conhecer nas urgências do hospital vinculado à universidade, faltara a duas consultas de acompanhamento (não se esquecera, apenas decidira não ir) e ignorara três telefonemas e quatro *e-mails*. Nessa altura, Andy aparecera na Casa dos Capelos e batera insistentemente até ele vir abrir, deixando bem claro que tencionava continuar a tratá-lo. Confrontado com aquela visita ao domicílio, ele resignou-se à ideia de que talvez não fosse mau ter um médico — até porque não lhe parecia que tivesse opção — e Andy era alguém em quem sentia poder confiar. Na terceira consulta, ao fazer-lhe a história clínica possível, com base nas escassas informações que ele lhe deu, Andy anotou os factos sem reações nem comentários.

Passariam anos — fora há pouco menos de quatro — até Andy mencionar diretamente a sua infância. Aconteceu da primeira vez que tiveram uma discussão séria. Já houvera arrelias e desentendimentos, claro, e, um par de vezes por ano, ouvia um sermão (ia ver Andy de seis em seis semanas — embora a frequência das consultas tivesse aumentado em tempos recentes — e já conseguia adivinhar, pela secura com que Andy o recebia e fazia o exame, que aquela era a Consulta do Sermão), que versava sobre a sua desconcertante e enfurecedora falta de interesse em cuidar de si mesmo, a sua recusa exasperante em falar com um psicólogo e a sua inexplicável relutância em fazer uma medicação para a dor, que, muito provavelmente, melhoraria a sua qualidade de vida.

A discussão aconteceu na sequência de Andy concluir retrospectivamente que, na noite antes da véspera de Ano Novo, quando ele se cortara demasiado perto de

uma veia, acabando encharcado de sangue e vendo-se obrigado a envolver Willem, na verdade cometera uma tentativa de suicídio. Nessa noite, ao examiná-lo, Andy estava tão furioso que não lhe dirigira a palavra, antes resmungando para consigo enquanto o suturava com uma precisão de bordador.

Na consulta seguinte, percebeu que Andy estava furioso antes de ele abrir a boca. Chegara a ponderar faltar ao *check-up*, mas sabia que, se não aparecesse, Andy não hesitaria em ligar-lhe repetidamente até ele ir ao consultório — ou, pior, ligaria a Willem, ou, pior ainda, a Harold.

— Devia ter-te mandado direitinho para o hospital — foram as primeiras palavras de Andy, seguindo-se: — Sou mesmo estúpido, foda-se.

— Acho que estás a exagerar. — Tomou fôlego para se justificar, mas Andy não lhe deu oportunidade para isso.

— Caí na conversa de que não te querias matar, foi o que foi, senão, quando desses por ti, já estavas internado — continuou. — Só não aconteceu porque, estatisticamente, alguém que se corta com tanta frequência e há tantos anos está em menor risco de cometer suicídio do que alguém com um impulso de automutilação menos previsível. — (Andy adorava estatísticas e ele chegava a suspeitar que muitas eram inventadas.) — Escuta, Jude: este teu comportamento é uma loucura e, desta vez, foi por uma unha negra. Vais começar a ver um psicólogo e é já, senão, interno-te.

— Não podes fazer isso! — explodiu ele, igualmente furioso, embora soubesse que Andy podia, sim. Estivera a ler a legislação nova-iorquina sobre o internamento compulsivo e não lhe era favorável.

— Sabes muito bem que posso — manteve Andy, nesta altura, quase aos gritos. Vinha vê-lo sempre depois do horário normal porque, quando Andy tinha tempo e estava de bom humor, a consulta terminava e ficavam na conversa.

— E eu ponho-te um processo em cima — ameaçou ele, embora fosse absurdo, e Andy gritou:

— Faz isso! Tens noção da loucura desta situação, Jude? Fazes ideia da posição em que me deixas?

— Não te preocupes — respondeu ele, sarcástico. — Não tenho família. Ninguém te vai processar por negligência.

Nesta altura, Andy recuou como se ele o tivesse tentado agredir fisicamente.

— Como te atreves — quase balbuciou. — Sabes perfeitamente que o meu medo não é esse.

Sabia, claro. Mas disse:

— Pouco importa. Vou-me embora. — Ergueu-se da marquesa (felizmente, continuava vestido; Andy lançara-se na descompostura antes que ele pudesse desapertar o primeiro botão), mas, à velocidade a que andava, era-lhe impossível fazer uma saída dramática, e, entretanto, Andy foi pôr-se diante da porta.

— Jude — murmurou, noutra das suas mudanças de humor repentinas —, eu sei que não queres ir, mas isto começa a tornar-se assustador. — Respirou fundo. — Alguma vez falaste com alguém sobre o que te aconteceu em pequeno?

— Isso não é para aqui chamado — respondeu ele, sentindo-se enregelar. Andy

nunca mencionara o que ele lhe contara e estar a fazê-lo naquele momento pareceu-lhe uma traição.

— Raios me partam se não é — replicou Andy, e, ao ouvir-lhe aquele tom de personagem num filme, ele não conseguiu evitar um sorriso, ao que Andy, tomando aquela reação por troça, tornou a mudar de estratégia. — A tua obstinação é de uma arrogância espantosa, Jude — acusou. — Essa recusa terminante em ouvir seja quem for no que diga respeito à tua saúde ou bem-estar só pode ser por tendência patológica para a autodestruição ou por profundo desprezo pelo próximo.

A acusação magoou-o.

— E eu acho incredivelmente manipulador ameaçares-me com o *internamento* de cada vez que discordo de ti, sobretudo desta vez, quando já te disse e *repeti* que foi um acidente estúpido! — atacou. — Andy, eu agradeço tudo o que fazes por mim, de verdade que sim. Não sei mesmo o que seria de mim sem ti. Mas sou um adulto, portanto, não mandas nas minhas decisões.

— Sabes o que te digo, Jude? — respondeu Andy (outra vez a gritar). — Tens toda a razão. Não mando nas tuas decisões. Mas também não tenho de as aceitar. Arranja outro idiota para ser teu médico. Para mim, chega.

— Ótimo! — berrou ele de volta, e saiu.

Não se lembrava de alguma vez ter sentido tamanha fúria por algo que lhe fora dito ou feito. Enfureciam-no a injustiça em geral, a incompetência e os encenadores que não davam a Willem os papéis que ele queria, mas raramente se enfurecia por algo que lhe acontecesse ou tivesse acontecido. Evitava cismar nos seus sofrimentos antigos ou atuais. Não passava os dias em busca de um sentido para tudo isso porque já sabia a resposta: todas essas coisas lhe tinham acontecido porque ele as merecera.

Da mesma maneira, sabia que aquela sua fúria não se justificava. Por mais que detestasse estar tão dependente de Andy, era uma sorte poder contar com ele, ainda que Andy achasse o seu comportamento irracional. Sendo o seu trabalho curar pessoas, Andy olhava-o da mesma maneira que ele encarava uma deturpação de uma lei do direito tributário: como algo a destrinçar e corrigir. Para Andy, era irrelevante *ele* achar que tinha cura ou não. Quanto ao que *queria* corrigir — as cicatrizes que davam uma topografia pavorosa e aberrante às suas costas, toda aquela pele retesada e luzidia como pato assado, sendo para isso que estava a tentar juntar dinheiro —, não era, sabia, um plano que fosse colher a aprovação de Andy. Jude, diria ele, se algum dia ficasse a par da sua intenção, *garanto-te que não vai resultar. Vais deitar todo esse dinheiro pela janela fora. Por favor, não faças isso.*

Mas são horríveis, balbuciaria ele.

Não são, Jude, assegurar-lhe-ia Andy. *Juro-te que não são.*

(Mas jamais lhe diria, portanto, não seria obrigado a ter essa conversa.)

Os dias foram passando e não ligou a Andy, que também não lhe ligou. Como se fosse castigo de deus, na primeira noite, o pulso começou a latejar e não o deixou dormir. No dia seguinte, no trabalho, distraiu-se e pôs-se a batucar com o braço na quina da secretária enquanto lia, um mau hábito de longa data de que

ainda não se conseguira livrar. A sutura ficou ensanguentada e ele teve de a limpar como pôde na casa de banho.

— O que foi? — perguntou Willem nessa noite.

— Nada — respondeu ele. Podia contar-lhe, claro, mas já sabia que Willem apenas diria «hum» daquela sua maneira muito típica, enquanto, para consigo, concordava com Andy.

Que, uma semana depois de terem discutido, apareceu na Lispenard Street. Era domingo, ele fora caminhar pelo lado oeste de Chelsea, e, quando voltou, encontrou-o à sua espera à porta do apartamento, sentado na escada.

Surpreendeu-o vê-lo ali.

— Olá — disse.

— Viva — respondeu Andy. Ficaram em silêncio. — Quis ligar, mas não sabia se ias atender.

— Claro que atendia.

— Ouve, eu... — hesitou Andy. — Desculpa.

— Não, eu é que peço desculpa, Andy.

— Ainda assim, acho sinceramente que devias procurar ajuda.

— Eu sei que achas isso.

De alguma maneira, conseguiram ficar-se por esse precário cessar-fogo que não satisfiz nem um nem outro, sendo a questão do psicólogo a vasta zona cinzenta desmilitarizada entre os dois. Chegaram a um acordo (não se lembrando ele de como assim ficara definido): no fim de cada consulta, teria de mostrar os braços a Andy, que averiguaria a existência de novos cortes. De cada vez que descobrisse algum, registá-lo-ia na sua tabela. Era-lhe impossível prever os acessos de fúria de Andy: por vezes, vendo-lhe os braços cheios de novos cortes, limitava-se a resmungar enquanto os registava, ao passo que, de outras vezes, eram muito menos e ele lançava-se noutra das suas aflições:

— Deste cabo dos braços! — explodia. — Sabes isso, não sabes?

Ele não respondia, apenas esperava que a tempestade passasse. Em parte, entendia que não deixar Andy fazer o seu trabalho (curá-lo, no fim de contas) era desrespeitá-lo. De certa maneira, ia ao seu consultório e ridicularizava-o. A tabela que ele passara a manter — quase se sentia tentado a perguntar se, alcançando determinado número de cortes, teria direito a um prémio, mas sabia que isso apenas deixaria Andy furioso — era uma maneira de pelo menos fingir que tinha a situação controlada, o que não era verdade. Simplesmente, não o podendo tratar, como gostaria de fazer, tinha essa magra compensação: compilava uma base de dados.

Dois anos depois, houve a ferida na perna esquerda, aquela que sempre dera mais problemas, e os cortes passaram temporariamente para segundo plano, tornando-se a ferida a preocupação mais urgente. A primeira daquele género aparecera-lhe menos de um ano depois do traumatismo e depressa sarara.

— Não vai ser a última — avisara o cirurgião de Filadélfia. — No caso de um traumatismo como o teu, tudo, desde o sistema vascular até ao sistema dérmico, foi tão gravemente afetado que é de prever que te apareçam feridas assim com

alguma regularidade.

Aquela era a décima primeira, portanto, já estava mentalizado para o desconforto que ia sentir, embora, uma vez mais, não fosse saber o que a provocara (Uma picada de inseto? Roçara inadvertidamente a perna na quina de um arquivo metálico? Todas se deviam a alguma ninharia exasperante desse tipo, mas era indiferente: a sua pele rasgava-se como papel). Repetir-se-ia o repulsivo ciclo: a supuração; o vago cheiro a peixe que lhe dava volta ao estômago; e o pequeno rasgão que, qual boca de um feto, se abria para expelir viscosos humores não identificados. Cada uma daquelas feridas era uma abominação saída dos filmes de monstros e das lendas mais assustadoras: de repente, aparecia-lhe uma pequena abertura no corpo, incapaz de sarar, recusando sarar. Passou a ir ao consultório de Andy todas as sextas à noite, para ele limpar a ferida, remover o tecido necrosado e verificar a evolução da cicatrização, e, retendo o ar nos pulmões, ele agarrava-se à marquesa e tentava não gritar.

— Jude, tens de me avisar se estiver a doer — pedia Andy, e, transpirado, ele atrevia-se a respirar, enquanto, em pensamento, contava os segundos. — Se sentes isto que te estou a fazer, é bom sinal. Significa que os nervos estão vivos e a fazer o seu trabalho.

— Está a doer — lá conseguia ele responder, com a voz estrangulada.

— De um a dez?

— Sete. Oito.

— Desculpa — dizia Andy. — Estou quase a acabar, juro. Mais cinco minutos. Ele fechava os olhos e, obrigando-se a não acelerar, contava até trezentos.

No fim, sentava-se, Andy fazia o mesmo e dava-lhe para as mãos algo com que matar a sede — um refrigerante ou outra bebida açucarada —, e, pouco a pouco, a sala tornava a ganhar nitidez.

— Bebe devagar — recomendava ele —, senão, ficas maldisposto. — De seguida, via-o fazer o penso (suturar, ligar, enfaixar: nada parecia serenar Andy mais do que esse tipo de tarefas repetitivas), e, nesses momentos, sentia-se tão vulnerável e sem forças que teria feito tudo o que ele lhe tivesse sugerido.

— Não te vais cortar nas pernas — dizia-lhe Andy, e era uma afirmação, não uma pergunta.

— Não. Eu sei.

— Seria uma loucura inconcebível, mesmo para ti.

— Eu sei.

— Tens esta zona tão debilitada que a infeção seria assustadora.

— Andy: *eu sei*.

Várias vezes suspeitou que Andy falava com os seus amigos nas suas costas, porque, de vez em quando, eles se saíam com palavreado que poderia perfeitamente ter sido Andy a dizer. Além disso, quatro anos depois do Incidente, como Andy se passou a referir ao que acontecera naquela noite antes da véspera de Ano Novo, Willem continuava a inspecionar o balde do lixo da casa de banho todas as manhãs, o que o obrigava a cautelas adicionais para deitar fora as lâminas: embrulhava-as em lenços de papel, seguindo-se várias voltas de adesivo, e largava-

as num caixote do lixo a caminho do trabalho. «A tua tropa», chamava-lhes Andy. «O que andas tu mais a tua tropa a tramar por estes dias?», perguntava, se estivesse de bom humor, porque, estando irritado, a conversa era:

— Estou farto desta merda, vou pôr a tua tropa de olho em ti.

— Andy, não te atrevas — avisava ele. — A responsabilidade não é da *minha tropa*.

— Claro que é — teimava Andy. Mais uma questão em que não se entendiam.

Entretanto, decorridos vinte meses, aquela última ferida ainda não sarara. Em rigor, sarara, reabriria, tornara a sarar, e então veio aquela sexta-feira em que ele acordou com uma sensação húmida e peganhenta na zona inferior da barriga da perna, logo acima do tornozelo, e soube que tornara a abrir. Ainda não ligara a Andy: faria isso na segunda-feira. Sentira que devia fazer aquela caminhada, intuindo que a próxima teria de ser adiada durante muito tempo — talvez meses.

Estava na esquina da Madison Avenue com a Rua 75, muito perto do consultório de Andy, e a dor na perna era tão grande que atravessou e continuou até à Quinta Avenida, onde se sentou num dos bancos junto do muro do Central Park. Logo que pôde descansar, vieram as habituais tonturas e a náusea, como se o estômago lhe quisesse subir à garganta, e teve de se inclinar e aguardar que o cimento tornasse a ser cimento, para então ser capaz de tornar a ficar de pé. Naquele intervalo de alguns minutos, capacitou-se em pleno da traição do seu corpo. Talvez o principal e mais fastidioso combate da sua vida fosse a recusa em aceitar que seria assim traído uma vez e outra, que escusava de contar com o seu corpo, mesmo se tinha de assegurar a sua manutenção. Passava grande parte do seu tempo — e fazia Andy desperdiçar outro tanto — a tentar consertar algo que não tinha remédio, algo que havia muitos anos devia ter acabado reduzido a carvão de osso num monte de escórias. E todo esse esforço em nome de quê? Do seu intelecto, supunha. A ideia tinha qualquer coisa de espantosamente arrogante (usando a palavra escolhida por Andy): seria como insistir em consertar um carro a cair de podre porque gostava do rádio.

Mais dois ou três quartos e estou no consultório, disse para consigo. Claro que não faria isso. Era domingo. Andy tinha direito a desenhos de o ver por lá e, além disso, não estava a sentir nada que não tivesse já sentido.

Esperou mais alguns minutos, depois ergueu-se a custo; aguentou-se de pé durante trinta segundos e deixou-se cair novamente ao banco. À segunda tentativa, conseguiu. Ainda não estava capaz disso, mas imaginou-se a avançar até à beira do passeio, a erguer a mão para chamar um táxi e a descansar a cabeça no forro preto do banco traseiro. Contaria os passos até à beira do passeio, tal como, no fim da corrida, contaria os passos do táxi até à porta do prédio, depois, do elevador até ao apartamento, e, por fim, do *hall* até ao seu quarto. Da terceira vez que aprendera a andar — ao serem-lhe tiradas as ortóteses —, Andy encarregara-se de dar algumas instruções à fisioterapeuta (que, ainda que de má vontade, as acatou), e, tal como Ana fizera apenas quatro anos antes, vira-o percorrer pela primeira vez uma distância de três metros sem ajuda, depois, seis, depois, quinze, e, por fim, trinta. Mesmo a sua maneira de andar — a perna esquerda subia, quase

fazendo um ângulo de 90 graus com o chão, e desenhava um retângulo de espaço negativo, e, inclinada, a perna direita arrastava-se atrás — fora uma invenção de Andy, que o obrigara a treiná-la durante horas e horas, até ser capaz de a pôr em prática sem ajuda. Foi Andy quem lhe disse estar convencido de que ele conseguiria andar sem a ajuda de uma bengala, e, se finalmente conseguiu fazer isso, foi graças a Andy e mais ninguém.

Dentro de poucas horas seria segunda-feira, disse para consigo enquanto lutava para se manter de pé, e Andy vê-lo-ia, como sempre fazia, por mais ocupado que estivesse. *Quando sentiste que isto estava outra vez assim?*, perguntaria, enquanto limpava suavemente a ferida com uma compressa. *Na sexta-feira*, responderia ele. *E não me ligaste logo porquê, Jude?*, perguntaria Andy, irritado. *Pelo menos, espero que não tenhas saído para outro dos teus passeios imbecis. Claro que não*, responderia ele, e Andy não acreditaria. Por vezes, perguntava-se o que veria Andy ao olhar para ele. Uma coleção de vírus e avarias? Sem isso, quem era? Não tendo Andy de o tratar, encontrar-lhe-ia algum interesse? Imaginando que, um belo dia, se curava por artes mágicas e passava a andar com a descontracção de Willem ou ganhava a total desinibição de JB, podendo, como ele, recostar-se na cadeira e deixar-se desfraldar sem constrangimentos, ou, como Malcolm, mostrar os braços compridos e lisos como a cobertura de um bolo, o que passaria a ser para Andy? Ou para os amigos? Ficariam a gostar menos dele? Ou mais? Ou descobriria — como tantas vezes temia — que aquilo que julgara ser amizade afinal não passava de compaixão? Quanto da sua identidade era indissociável de tudo o que não conseguia fazer? Quem teria sido, quem seria agora, sem as cicatrizes, os cortes, as dores, as chagas, os ossos partidos, as infeções, as talas e as supurações?

Jamais saberia, claro. Seis meses antes, tinham conseguido que a ferida fechasse. Depois disso, Andy examinara-a uma vez e outra, alerta para quaisquer alterações, e finalmente desfiara uma lista de recomendações a seguir no caso de a ferida tornar a abrir.

Que ele ouvira sem grande atenção. Nesse dia, por algum motivo, sentia-se leve. Já Andy estava rezingão, por isso, além da lição de cuidados a ter com a perna, ainda teve de ouvir mais um sermão por causa dos cortes (Andy achava que estavam a ser muitos) e outro respeitante à sua aparência (Andy achava-o demasiado magro).

Deixando-o falar até se cansar, aproveitou para admirar a perna, voltando o pé ora para cá ora para lá e examinando a zona da ferida por fim cicatrizada.

— Estás a ouvir, Jude? — acabou Andy por lhe perguntar.

— Está com bom aspeto, não achas? — respondeu ele, ignorando a pergunta, antes desejando poder ficar descansado.

Andy suspirou.

— Acho que... — Calou-se e ficou silencioso, o que o fez erguer o olhar, e viu que Andy fechara os olhos, como se a tentar arrumar as ideias. Por fim, tornou a abri-los. — Está com bom aspeto, sim — confirmou, quase murmurando as palavras. — Mesmo, Jude.

Nesse momento, a sua gratidão foi quase avassaladora. Sabia que Andy não

achava, de todo, que a sua perna estivesse com bom aspeto. Jamais acharia semelhante coisa. Para Andy, o corpo dele era um cortejo de horrores a que os dois tinham de estar atentos sem nunca vacilar. Sabia que Andy o achava autodestrutivo, perdido em delírios ou em negação.

Andy simplesmente não compreendia o fundamental: ele era um otimista. Mês após mês, semana após semana, escolhia abrir os olhos e viver mais um dia no mundo. E tomava essa decisão mesmo nos momentos mais atrozes, quando a dor o levava a um estado que era como outra dimensão, em que tudo, mesmo o passado que ele tanto se esforçara por esquecer, se tornava uma mancha cinzenta e indistinta. Tomava essa decisão mesmo quando as recordações engoliam tudo o resto, obrigando-o a socorrer-se de todas as forças e a concentrar-se a fundo em continuar ancorado na sua vida atual, em vez de se entregar à vergonha, ao desespero e ao ódio a si mesmo. Tomava essa decisão mesmo quando se sentia exausto de tanto tentar, quando acordar e viver lhe exigia um esforço tão grande que, deitado, tinha de pensar em todas as razões possíveis para se levantar e tentar outra vez, quando seria tão mais fácil ir à casa de banho, puxar o saco de plástico do esconderijo (o saco de plástico com fecho onde tinha as compressas, as lâminas de barbear, os toalhetes desinfetantes e as ligaduras; colava-o com fita adesiva debaixo do lavatório) e render-se, simplesmente. Esses eram os dias mesmo muito maus.

Cometera um erro tremendo naquela noite antes da véspera de Ano Novo, quando, fechado na casa de banho, levava a lâmina ao braço e fizera o golpe. Não estava completamente acordado. Por norma, não cometia esses descuidos. Ao dar-se conta do que fizera, durante um minuto, que passara a dois — contara-os —, não soubera genuinamente o que fazer: continuar ali sentado e deixar que o acidente se tornasse a sua conclusão parecia-lhe mais fácil do que tomar a iniciativa de decidir, porque a decisão que tinha de tomar extravasá-lo-ia, passando a incluir Willem e Andy e acarretando dias, que se tornariam meses, carregados de consequências.

Não sabia o que, por fim, o fizera puxar a toalha do toalheiro e enrolá-la no braço, depois erguer-se e ir acordar Willem. Apenas sentia que, a cada minuto que passava, aumentava a distância que o separava da outra opção, e que o desenrolar dos acontecimentos acelerara tanto que lhe fugira das mãos, e desejava poder regressar ao primeiro ano depois de sofrer o traumatismo, quando ainda não conhecia Andy e lhe parecia que tudo ia melhorar e que o seu futuro eu seria um novo eu que não estaria estragado. Sabia tão pouco e tinha tanta esperança, e acreditava que chegaria o dia em que a sua esperança seria recompensada.

Antes de Nova Iorque, houvera o mestrado em Direito, antes disso, a licenciatura, e, antes disso, Filadélfia e a longa e vagarosa jornada por campo aberto, e, antes disso, o Montana e a instituição, e antes do Montana, a Região Sudoeste, os quartos de motel, a solidão da estrada e tantas horas de carro. E, antes disso, houvera o Dakota do Sul e o mosteiro. E antes disso? Um pai e uma mãe, supunha. Ou, sendo mais realista, apenas um homem e uma mulher. O mais provável era que fosse apenas uma mulher. Depois, ele.

O irmão Peter, que lhe ensinou a tabuada e as contas e lhe recordava constantemente como fora afortunado, revelou-lhe que fora encontrado num contentor do lixo.

— Num saco, por entre cascas de ovos, alface estragada e restos de esparguete — descreveu. — No beco nas traseiras daquela drogaria que tu conheces. — Mas ele não conhecia, porque raramente saía do mosteiro.

Mais tarde, o irmão Michael disse-lhe que não fora assim.

— Não estavas *no* contentor — esclareceu. — Tinham-te deixado *junto* do contentor. — Sim, confirmou, havia um saco cheio de lixo, mas tinham-no deitado em cima do saco, não o meteram lá dentro, aliás, talvez nem houvesse lixo no saco, e, de uma maneira ou de outra, que importância tinha? Havendo lixo, era muito provavelmente o lixo habitual de uma drogaria: caixas dobradas, papel, os flocos de esferovite em que os artigos chegavam acondicionados e atilhos. — Não acredites em tudo o que o irmão Peter diz — avisou-o, como tantas vezes fazia, acrescentando: — Não caias na tentação de te mitificar. — Dizia isto sempre que ele lhe pedia que revelasse mais sobre a sua vinda para o mosteiro. — Vieste, estás aqui e deves preocupar-te com o teu futuro e não com o passado.

O seu passado era uma criação deles. Fora encontrado nu, descrevera o irmão Peter, tinha uma fralda, retificara o irmão Michael, mas, independentemente de qual fosse verdadeira, supunha-se que fora ali deixado para que acontecesse o inevitável, nisso, estavam os dois de acordo: eram meados de abril, continuava a fazer um frio de gelar os ossos e um recém-nascido não sobreviveria naquelas condições. Decerto fora deixado ali poucos minutos antes, porque, quando eles o encontraram, mal arrefecera, tal como a neve ainda não tapara as marcas dos pneus nem as pegadas (sapatilhas, talvez um 39) até ao contentor e de regresso ao carro. Fora uma sorte terem-no encontrado (o destino quisera que o encontrassem). Tudo o que tinha — o nome, a data de nascimento (calculada), um teto, a vida —, a eles devia, e era sua obrigação estar grato (mas não queriam que lhes agradecesse, o importante era agradecer a Deus).

Nunca sabia a que perguntas responderiam ou não. As mais simples (Tinham-no encontrado a chorar? Havia um bilhete? Tinham procurado a pessoa que o deixara ali?) eram ignoradas, ou não sabiam, ou não explicavam. Já para as mais complicadas havia sempre respostas assertivas.

— O Estado não arranjou ninguém que te acolhesse. — (De novo, o irmão Peter.) — Por isso, aceitámos acolher-te temporariamente, mas os meses tornaram-se anos e cá estás. Fim da história. Agora acaba de resolver essas equações. Passaste o dia inteiro nisso.

Mas o Estado não arranjava quem o acolhesse *porquê?* Teoria número um (a preferida do irmão Peter): demasiadas incógnitas. Desconheciam-se-lhe a etnia, as origens, se tinha alguma anomalia congénita e por aí fora. De onde viera? Ninguém sabia. Nenhum hospital da zona tinha registo de um parto nessa data em que o bebé tivesse nascido vivo e correspondesse à sua descrição. O que tendia a preocupar potenciais famílias de acolhimento. Teoria número dois (a do irmão Michael): estavam numa vila pobre, numa região pobre, num Estado pobre. Ainda

que as pessoas se compadecessem e quisessem ajudar — o que acontecera, ele que não esquecesse —, acolher uma criança fazia diferença quando o dinheiro era tão pouco. Teoria número três (a do padre Gabriel): o destino quisera que ele ficasse ali. Fora a vontade de Deus. Era ali a sua casa. E pronto, já chegava de perguntas.

Havia uma quarta teoria, a que quase todos eles recorriam quando ele se portava mal: era mau e fora-o desde que chegara ao mundo.

— Deves ter feito alguma coisa terrível para te largarem ali daquela maneira — dizia-lhe o irmão Peter, depois de lhe bater com a tábua. As desculpas saíam-lhe entrecortadas pelos soluços enquanto era repreendido. — Talvez tenhas chorado tanto que eles não aguentaram mais. — E ele soluçava mais ainda, cheio de medo de que o irmão Peter tivesse razão.

Qualquer dos irmãos era apaixonado por História, mas todos se irritavam por ele ter interesse na sua história, como se estivesse a teimar numa brincadeira especialmente maçadora, que, com a sua idade, já devia ter deixado para trás. Aprendeu a não perguntar sobre o assunto, ou, pelo menos, não o fazer diretamente, embora se mantivesse alerta para qualquer informação avulsa que pudesse ouvir quando menos esperava, de quem menos esperava. O irmão Michael mandou-o ler *Grandes Esperanças*, e, fintando-o, ele fê-lo alongar-se sobre a vida de um órfão na Londres do século xix, lugar que lhe era tão estranho como Pierre, a cidade a cerca de duzentos quilómetros dali. A lição tornou-se um sermão, como ele previra, permitindo-lhe apurar que, tal como Pip, também ele teria sido confiado a um familiar, localizando-se algum, havendo algum. Conclusão: não havia. Estava sozinho.

Depois, havia a sua natureza possessiva, mais um mau hábito a corrigir. Não sabia quando lhe surgira aquela ânsia por alguma coisa que fosse sua, que lhe pertencesse e a mais ninguém.

— Aqui, ninguém é dono de nada — diziam-lhe, mas seria mesmo verdade? Sabia que o irmão Peter, por exemplo, tinha um pente de tartaruga, do qual muito se orgulhava e com que todas as manhãs penteava o bigode. Era da cor da seiva e parecia ter luz por dentro. Um dia, desapareceu, e o irmão Peter interrompeu bruscamente a lição de História com o irmão Matthew, segurou-o pelos ombros e sacudiu-o, acusando-o aos gritos de lhe roubar o pente e exigindo-o de volta, senão, arrepende-se-ia amargamente. (O padre Gabriel veio a encontrá-lo caído entre a secretária do irmão Peter e o radiador.) O irmão Matthew tinha uma edição antiga de *The Bostonians*, com a lombada verde ligeiramente puída, em que ele agarrara uma única vez apenas para ver a capa («Não mexas! Eu disse para não mexeres!»). E o irmão Luke, o seu preferido, que raramente falava e nunca o repreendera, tinha um pássaro de que os outros consideravam ser ele o dono. Segundo o irmão David, em rigor, o pássaro não era de ninguém, mas o irmão Luke encontrara-o ferido e tratara-o, e dava-lhe comida e o pássaro vinha quando ele chamava, portanto, se Luke queria dizer que o pássaro era seu, dissesse.

O irmão Luke encarregava-se do jardim e da estufa e, nos meses de calor, ele ajudava-o nas tarefas simples. À socapa, ouvira os outros comentarem que o irmão

Luke fora um homem rico antes de vir para ali. Porém, alguma coisa acontecera ou ele fizera (não chegou a perceber qual das duas), e o resultado foi que perdeu ou deu todo o dinheiro que tinha, daí estar ali e ser tão pobre como os outros irmãos. Ainda assim, o seu dinheiro pagara a estufa e ainda hoje permitia custear parte das despesas do mosteiro. Os outros evitavam-no, o que o fez pensar que o irmão Luke talvez fosse mau, embora jamais tivesse sido consigo.

Cometeu o primeiro roubo não muito depois de o irmão Peter o acusar de lhe roubar o pente: levou um pacote de bolachas de água e sal da cozinha. Aconteceu de manhã, quando ia a caminho da primeira lição. Não estava ali ninguém e viu o pacote na bancada. Num impulso, agarrou-o e fugiu, levando-o escondido na áspera túnica de lã que era uma versão em ponto pequeno das que os irmãos usavam. Voltou à cela para o esconder debaixo da almofada e chegou atrasado à lição com o irmão Matthew, que o castigou com uma vergasta de forssítia, mas o importante era que agora tinha aquele segredo que o fazia sentir-se jubilante. Nessa noite, sozinho, comeu a primeira deitado na cama (nem gostava daquelas bolachas), trincando-a cuidadosamente até a partir em oito pedacinhos, que, um por um, foi deixando amolecer na língua, engolindo-o apenas quando o sentia quase desfeito.

Seguiram-se outros furtos, cada vez mais frequentes. Não havia nada no mosteiro que de facto quisesse, nada que valesse a pena guardar, por isso levava o que estivesse a jeito, sem obedecer a um plano ou seguir algum anseio concreto. Se encontrava comida, era comida que roubava, mas também furto um botão preto que viu no chão da cela do irmão Michael, numa das suas expedições pós-pequeno-almoço, ao notar que fazia um barulhinho engraçado; e levou uma caneta que estava na secretária do padre Gabriel, aproveitando um momento em que, a meio da lição, o padre se voltou para procurar um livro; e o pente do irmão Peter (o seu único furto planeado, mas que não lhe trouxe mais regozijo do que os outros). Roubou fósforos, lápis e papéis — tudo lixarada, mas lixarada alheia: enfiava-os nas cuecas e corria de volta à cela para os esconder debaixo do colchão tão fino que, à noite, as molas se lhe cravavam nas costas.

— Para de correr, senão, castigo-te! — ralhava o irmão Matthew ao vê-lo acelerado a caminho do quarto.

— Sim, irmão — respondia ele, obrigando-se a abrandar e caminhar normalmente.

Foi apanhado no dia em que intentou o seu roubo mais ambicioso: o isqueiro de prata do padre Gabriel, que surripiou da secretária quando o padre interrompeu a lição para atender um telefonema. Aproveitando a distração, agarrou no isqueiro, sentindo-lhe o peso e frieza na palma da mão até a lição terminar. Quando deixou o gabinete do padre, apressou-se a escondê-lo nas cuecas, mas, a caminho da cela tão rapidamente quanto a prudência aconselhava, não olhou ao virar no fundo do corredor e colidiu com o irmão Pavel, que nem teve tempo de se exasperar, porque ele já estava caído de rabo no chão, tendo-se o isqueiro escapado das suas cuecas e saltitado nas lajes.

Bateram-lhe, claro, e gritaram com ele, mas haveria um último castigo,

percebeu, quando o padre Gabriel o chamou ao gabinete e anunciou que lhe ia ensinar que nunca se ficava com o que era dos outros. Não percebeu porque estava o padre a limpar o gargalo da garrafa de azeite com o lenço dobrado, mas ficou tão assustado que nem lhe vieram as lágrimas. O padre besuntou-lhe a mão esquerda com o lenço húmido, depois fez chama com o isqueiro — o mesmo que ele roubara — e segurou-lhe a mão sob o calor, até que a zona engordurada se ateou e foi engolfada por um fantasmagórico brilho branco. Aflito, ele começou a gritar sem parar, e o padre silenciou-o com uma bofetada.

— Nem um pio! — vociferou. — Aí tens o teu castigo. Nunca mais vais esquecer que é feio roubar.

Quando recuperou a consciência, estava na sua cama e tinha a mão ligada. Desaparecera tudo, não apenas as coisas que roubara, como era de esperar, mas também as que encontrara e eram suas — pedras, penas, pontas de flechas —, juntamente com o primeiro presente: o fóssil que o irmão Luke lhe oferecera quando fizera cinco anos.

Uma vez que fora apanhado, passou a ter de se apresentar no gabinete do padre Gabriel todos os dias ao cair da noite: despia-se e o padre verificara se ele escondera dentro de si alguma coisa que não fosse sua. Mais tarde, quando se tornou pior, pensava no pacote de bolachas e lamentava tê-lo roubado. Ele tinha a culpa do que lhe estava a acontecer.

Começou a ter ataques de fúria depois dessas inspeções tardias no gabinete do padre Gabriel e depressa começou a tê-los também a meio do dia, quando estava com o irmão Peter. Dominado pela raiva, atirava-se contra as paredes de pedra e berrava a plenos pulmões. Batia com as costas da mão aleijada e horrível (seis meses depois, ainda sentia de vez em quando o doloroso latejar insistente que parecia ressoar) nos impiedosos cantos das mesas de madeira. Batia com a nuca, os cotovelos e as faces — sempre as zonas mais sensíveis, as que mais doíam — na quina da secretária. Tinha estas fúrias fosse dia ou noite, eram incontrolláveis, sentia-as chegar como um nevoeiro que o cercava e não valia a pena resistir, por isso desfrutava aqueles comportamentos do seu corpo e da sua voz, que o entusiasmavam tanto quanto lhe causavam repulsa, porque, por mais que lhe ficasse a doer, sabia que assustava os irmãos, que lhe temiam a raiva, o clamor e a força e lhe batiam com o que houvesse a jeito. Passaram a ter um cinto pendurado num prego na parede da sala de aula. Descalçavam as sandálias e davam-lhe sovas tão violentas que, no dia seguinte, ele não se conseguia sentar. Chamavam-lhe monstro e diziam-lhe que devia morrer e que o deviam ter deixado no saco do lixo. E, para ele, tudo isso era bem-vindo: ao deixarem-no exausto, estavam a ajudá-lo. Sozinho, não conseguia vencer o monstro que trazia dentro: precisava da ajuda deles para o fazer recuar e voltar para a caverna, até à próxima vez.

Começou a fazer chichi na cama e isso valeu-lhe mais idas ao gabinete do padre para mais inspeções, e, quanto mais inspeções o padre fazia, mais ele fazia chichi na cama. O padre começou a aparecer na sua cela à noite, tal como o irmão Peter, e, mais tarde, o irmão Matthew, e teve início a espiral descendente: primeiro, obrigavam-no a dormir com a camisa de noite molhada de urina, depois, passaram

a obrigá-lo a trazê-la vestida durante o dia. Tinha consciência de feder a urina e sangue, por isso interrompia as lições, berrava, irava-se, urrava e varria os livros da mesa, porque quanto mais cedo os irmãos lhe comessem a bater, mais depressa acabava a lição. Por vezes, batiam-lhe com tanta violência que ele perdia os sentidos, e começou a ansiar o momento em que tudo se apagava, em que o tempo corria sem que ele o vivesse, em que deixava de saber o que lhe estava a ser feito.

Por vezes, as suas fúrias tinham motivo, mas só ele sabia qual era. Sentia-se imundo e conspurcado, como uma casa apodrecida por dentro, como a igreja condenada a ruir (o vigamento, cheio de bolor, lascado e esburcado; ninhos de térmitas por toda a parte; triângulos de céu indecorosamente visíveis pelos buracos no telhado) que o tinham levado a ver numa das raras ocasiões em que saía do mosteiro. Numa lição de História, descobrira as sanguessugas e inteirara-se da antiga crença de que extraíam o sangue estragado das pessoas, daí deixarem-nas chupar os doentes à vontade até se saciarem, até não haver espaço para mais uma gota de sangue nos seus corpos gordos e viscosos. Começou a aproveitar a sua hora livre entre o fim das lições e o começo do serviço para descer ao riacho no fundo do perímetro do mosteiro. Queria encontrar as sanguessugas, mas não as via, até que lhe revelaram que não as havia naquelas águas, e ele gritou sem parar, até que a voz o abandonou, mas nem nessa altura conseguiu parar, nem mesmo quando teve a impressão de que a sua garganta se estava a inundar de sangue tão quente que queimava.

Numa ocasião em que o padre Gabriel e o irmão Peter tinham vindo à sua cela, e ele tentava não gritar porque já aprendera que quanto menos se manifestasse, mais depressa eles acabavam, pareceu-lhe ver o irmão Luke passar no corredor, esquivo como uma mariposa, e sentiu-se humilhado, mesmo se, na altura, a palavra lhe era desconhecida. No dia seguinte, na sua hora livre, foi ao jardim do irmão Luke, decapitou os narcisos sem poupar um único e amontoou-os à porta do barracão onde o irmão Luke guardava as coisas da jardinagem, ficando as coroas amarelas voltadas para o céu como aves de bicos abertos.

Mais tarde, sozinho, ocupado com o serviço, arrependeu-se, e, sentindo os braços pesar-lhe como chumbo, largou o balde de água com que andava de um lado para o outro e deixou-se cair nas lajes a gritar de frustração e remorsos.

Ao jantar, não conseguiu comer. Olhando em volta, à procura de Luke, perguntava-se quando e como seria castigado, quando seria altura de lhe pedir perdão. Mas o irmão Luke não estava ali. Na sua ansiedade, deixou cair a leiteira de metal e o leite frio alagou o chão com a sua brancura. Sentado ao seu lado, o irmão Pavel arrancou-o violentamente do banco e fê-lo cair por terra.

— Limpa — vociferou, atirando-lhe um pano de cozinha para as mãos. — Até sexta, não comes. — Era quarta-feira. — Vai para a tua cela. — Saiu a correr, não fosse o irmão Pavel mudar de ideias.

A sua cela ficava no fundo do primeiro andar, por cima da sala de jantar. Originalmente, fora uma arrecadação, daí não ter janelas e o espaço não dar para mais do que uma cama dobrável. A porta ficava sempre aberta, a menos que algum dos irmãos ou o padre lá estivessem consigo. Desta vez, vindo do patamar,

viu que estava fechada, o que o fez deter-se no corredor vazio e silencioso, perguntando-se o que o esperava — um dos irmãos, provavelmente. A menos que fosse um monstro. Depois que descera ao riacho, por vezes imaginava que as sombras que se avultavam pelos cantos do mosteiro eram sanguessugas gigantes a sacudir-se eretas, escuras e viscosas, vestidas de alto a baixo de caneluras oleosas, de emboscada para o sufocar com o seu peso surdo e adiposo. Por fim, enchendo-se de coragem, correu para a porta e abriu-a de rompante, mas só ali estava a sua cama, com o cobertor de lã que parecia lamacento, a caixa dos lenços de papel, e, na parede, a prateleira com os manuais escolares. Depois, viu-o: no canto, junto da cabeceira da cama, um frasco de vidro de boca larga com narcisos de cores vivas rematados por pequenos funis franzidos.

Sentou-se no chão, passou os dedos pelas pétalas aveludadas, e, nesse momento, a sua tristeza foi tão grande, tão esmagadora, que se quis rasgar, arrancar a cicatriz das costas da mão e reduzir-se a nada, como fizera com os narcisos.

Porque cometera aquela maldade? O irmão Luke não era o único que se mostrava bondoso com ele: quando não era incumbido de o castigar, o irmão David elogiava-o, dizia-lhe que era um rapazinho muito inteligente; e o irmão Peter trazia-lhe livros da biblioteca da vila, para ele ler e os dois debaterem, e ouvia sempre as suas opiniões como se ele fosse uma pessoa a sério. Porém, Luke distinguia-se, não só porque nunca lhe batera, mas também porque o procurava tranquilizar e mostrar que estava do seu lado. No domingo, tinham-no mandado dizer a oração do jantar, e, de pé diante da mesa do padre Gabriel, viera-lhe uma súbita vontade de se portar mal: quis estender a mão para a taça de cubos de batata, agarrar num punhado e arremessá-lo. Imaginou a garganta em carne viva de tanto que gritaria depois, as cinturadas a queimar-lhe as costas, o apagão e a estonteante luz do dia quando voltasse a si. O seu braço ergueu-se e os seus dedos abriram-se como pétalas e flutuaram na direção da taça. Nesse momento, levantou a cabeça e ali estava o irmão Luke, que, muito sério, lhe piscou o olho, um movimento tão fugaz como um disparo de obturador, a ponto de, num primeiro instante, ele não saber se de facto acontecera. Mas Luke repetiu o sinal e, embora não imaginasse porquê, ele ficou mais calmo e caiu em si. Disse a oração, sentou-se e o jantar decorreu sem incidentes.

Agora, aquelas flores. Mas, antes que pudesse ponderar o seu significado, a porta abriu-se e ali estava o irmão Peter. Ergueu-se e aguardou, seguindo-se o terrível momento para que nunca estava preparado, o momento em que tudo podia acontecer e algo de terrível decerto aconteceria.

No dia seguinte, terminada a última lição, subiu à estufa, resolvido de alguma maneira a justificar-se perante o irmão Luke. Porém, ao aproximar-se, perdeu a coragem, abrandou e pôs-se a chutar as pedras mais pequenas, depois ajoelhou-se e começou à procura de pauzinhos, que lançava e via desaparecer no arvoredo. O que podia dizer ao irmão Luke? Decidiu ir antes ao seu refúgio: uma árvore na orla norte do perímetro do mosteiro. Fizera um buraco entre as raízes e era ali que escondia a sua nova coleção de coisas, que encontrava em volta da propriedade e seguramente não tinham dono: pedras, por exemplo, ou um ramo seco que lhe

lembrava um cão magricela a saltar. Era lá que agora passava quase todo o tempo livre: tirava o tesouro do esconderijo e segurava cada preciosidade. Quando ia rodar nos calcanhares, alguém o chamou, ele voltou-se e ali estava o irmão Luke, de mão erguida em saudação enquanto avançava ao seu encontro.

— Bem me pareceu que eras tu — disse, aproximando-se. (Obviamente, estava a dissimular, compreenderia ele passado muito tempo. Se era a única criança no mosteiro, quem mais poderia ser?) Esforçou-se, mas não lhe ocorreram palavras para se desculpar, na verdade, não lhe ocorreram palavras, e começou a chorar. Nunca se envergonhava de chorar, mas aconteceu daquela vez. Voltando-se para se esconder, limpou os olhos nas costas da mão que tinha a cicatriz da queimadura. Acabava de se dar conta de que estava faminto e ainda era a tarde de quinta-feira; teria de esperar pelo dia seguinte para finalmente comer.

— Então, então — disse Luke, e ele sentiu-o ajoelhar-se muito perto, quase lhe tocando. — Não chores, não chores. — O tom brando ainda o fez chorar mais.

O irmão Luke ergueu-se e, quando tornou a falar, fê-lo com boa-disposição.

— Vou mostrar-te uma coisa — anunciou. — Vem comigo. — Começou a afastar-se na direção da estufa, depois olhou por cima do ombro para se certificar de que ele o seguia. — Anda, Jude — insistiu, e ele, incapaz de resistir à curiosidade, seguiu-o, encaminhando-se também para a estufa que já conhecia, porém tomado de uma estranha avidez crescente, como se fosse lá entrar pela primeira vez.

Já adulto, teria breves fases obsessivas em que tentava precisar o exato momento em que começara a derrocada, como se o pudesse preservar em ágar-ágar para o mostrar na aula. Explicaria aos alunos: *Foi aqui que aconteceu. Foi aqui que começou.* Perguntar-se-ia: *Terá sido quando roubei as bolachas? Quando estraguei os narcisos do irmão Luke? Quando tive a primeira fúria? Ou, se isso for sequer possível, terá sido quando fiz não imagino o quê que a levou a abandonar-me nas traseiras da drogaria?* Que coisa impossível podia essa ter sido?

Mas não, ele sabia qual fora o momento. Fora naquela tarde, quando entrara na estufa. Deixara-se ser chamado, esquecera tudo e seguira o irmão Luke. Fora esse o momento. Depois disso, a sua vida foi uma sucessão de erros.

Mais cinco passos e está na porta do apartamento, e as mãos tremem-lhe tanto que não consegue enfiar a chave no buraco da fechadura, até que pragueja e quase a deixa cair. Por fim, consegue entrar, mais quinze passos e estará na sua cama, mas, a meio do trajeto, é obrigado a parar, e baixa-se lentamente para se deitar e fazer a distância que falta apoiado nos cotovelos. No quarto, deixa-se ficar estendido no chão porque tudo se move de volta dele, e espera que lhe venham forças para puxar o cobertor da cama e tapar-se. Ficar ali deitado até que o Sol desapareça do céu e o apartamento escureça, e, nessa altura, içar-se-á finalmente para a cama e adormecerá sem comer, lavar a cara ou tirar aquela roupa. Rangerá os dentes de dor e nada mais. Estará sozinho, porque Willem vai sair com a namorada depois do espetáculo e chegará muito tarde.

Acordará muito cedo e sentir-se-á melhor, mas a ferida terá chorado durante a noite e o pus terá ensopado o penso que ele fez no domingo de manhã antes de sair

para a caminhada, a sua desastrosa caminhada, e a supuração ter-lhe-á colado as calças à pele. Enviará uma mensagem escrita a Andy, deixar-lhe-á outra no atendedor automático do consultório, e então tomará um duche e, com extremo cuidado, tirará o penso, que trará agarrados restos da sua carne apodrecida e coágulos de sangue tornado muco negro. Por entre arquejos e sons estrangulados, tentará não gritar. Lembrar-se-á da conversa com Andy da última vez que aconteceu o mesmo, quando Andy lhe sugeriu passar a ter uma cadeira de rodas à mão, apenas para quando for necessário, e, embora a ideia de voltar a andar numa cadeira de rodas lhe seja odiosa, desejará tê-la ali naquele momento. E terá de reconhecer que Andy tem razão, que aquelas suas caminhadas revelam uma soberba imperdoável, que o seu fingimento de que tudo está bem, de que não é realmente um aleijado, não passa de egoísmo, porque traz consequências a outros, pessoas que, sem que nada o explique, vêm sendo desmedidamente boas e generosas consigo há anos, caminhando para décadas.

Fechará a torneira do duche, sentar-se-á na banheira, descansará o rosto contra os azulejos e aguardará até se sentir melhor. Nesse ínterim, ocorrer-lhe-á uma vez mais que não tem saída, que é refém de um corpo que odeia e de um passado que odeia e jamais poderá mudar um ou outro. Quererá chorar de frustração, ódio e dor, mas não tornou a chorar depois do que aconteceu com o irmão Luke, porque, nessa altura, disse a si mesmo que nunca mais choraria. Ocorrer-lhe-á que é uma negação, um fruto reduzido à casca, porque há muito que a polpa mirrou até mumificar, e agora chocalha inutilmente quando o fruto é sacudido. Sentirá o velho formigueiro, o frémito de repulsa que o assola tanto nos momentos felizes como nos desesperados para lhe perguntar quem julga que é para estorvar a vida de tantos, para se achar no direito de continuar, quando o próprio corpo lhe diz que é altura de parar.

Ali sentado, aguardará, tratando apenas de respirar, aliviado por ser ainda tão cedo, o que elimina a possibilidade de Willem vir dar com ele ali e ter de o salvar uma vez mais. De alguma maneira, conseguirá (não se lembrando posteriormente de como fez isso) ficar de pé, sair da banheira, engolir uma aspirina e ir trabalhar. No escritório, as palavras turvar-se-ão e remoinharão na página, e, quando Andy ligar, serão apenas sete da manhã, e, nessa altura, dirá a Marshall que está adoentado, e recusará o carro com motorista que o vice-procurador-geral disponibilizará, mas permitirá — porque está mal a esse ponto — que ele o ajude a entrar para um táxi. Seguir-se-á o trajeto até à Alta da cidade, o mesmo que, estupidamente, ele fez a pé na véspera. E, no momento em que Andy abrir a porta do consultório, ele procurará mostrar dignidade.

— Judy — dirá Andy, e, desta vez, não haverá zanga nem sermão, e ele deixará que Andy o leve pela sala de espera sem vivalma, porque o consultório ainda não abriu, e o ajude a deitar-se na marquesa onde já passou tantas horas, que, somadas, dariam dias, e até permitirá que Andy o ajude a despir-se, depois fechará os olhos e aguardará a breve dor aguda quando Andy puxar o adesivo que ele pôs na perna para depois remover cuidadosamente a compressa já húmida do contacto com a ferida.

A minha vida, pensará, a minha vida. Mas o seu pensamento não lhe permitirá formular mais além, e continuará a repetir as mesmas palavras para consigo — em parte, um mantra, em parte, uma maldição, em parte, um lenitivo — enquanto desliza para esse outro mundo que visita sempre que a dor é tão grande, um mundo que, ele sabe, nunca está muito longe do seu, mas que torna a esquecer de cada vez que o deixa: A minha vida.

Certa vez perguntaste-me quando soube que era ele e respondi que desde o primeiro instante. Não era verdade e sabia disso no momento em que disse as palavras. Escolhi essa resposta porque me pareceu bonita — é o tipo de coisa que alguém diz num livro ou num filme — e porque nos sentíamos os dois desamparados e destroçados e achei que nos fosse fazer sentir melhor. Enfrentávamos uma situação que talvez pudéssemos ter evitado ou talvez não, mas o facto era que não evitámos. Foi quando estávamos no hospital. Da primeira vez. De certeza que te lembras: tinhas chegado de Colombo nessa manhã. De tanto que saltitaste entre cidades, países e fusos horários, quando aterraste, era a véspera de quando tinhas partido.

Pois bem, vou contar como aconteceu. Vou ser rigoroso, porque não há motivo para não ser, porque sinto que devo e porque sempre tentei ser e ainda hoje me esforço por isso.

Não sei bem por onde começar.

Talvez com algumas palavras simpáticas, que não deixam de ser verdadeiras: gostei logo de ti. Quando nos conhecemos, tinhas 24 anos, portanto, eu tinha 47. (Meu deus.) Achei-te invulgar; mais tarde, ele comentaria as tuas qualidades, mas escusava de me ter esclarecido, porque eu tinha tido oportunidade de as ver logo no primeiro verão em que vocês estiveram lá em casa. Esse fim de semana foi muito estranho para mim, mas também para ele: para mim, porque, vendo os quatro, percebi quem o Jacob podia ter sido; para ele, porque, até então, conhecia-me unicamente como professor, e, de repente, estava a ver-me de calções e avental, a grelhar amêijoas e em grandes conversas convosco sobre os mais variados assuntos. Quando finalmente consegui olhar para vocês e não ver o Jacob, fui capaz de desfrutar o fim de semana, para o que muito contribuiu sentir que vocês três estavam a adorar estar ali. Não estranharam a situação: eram rapazes e partiam do princípio de que as pessoas gostariam de vocês, não por arrogância, mas por ser o habitual; não tinham motivo para achar que, sendo cortesies e simpáticos, a cortesia e a simpatia pudessem não vos ser estendidas de volta.

Ele, claro, tinha todos os motivos para não achar isso, como mais tarde vim a descobrir. Naquele primeiro fim de semana, ao observá-lo à mesa, notei que, sempre que o debate se tornava agressivo, ele se recostava, como se deixasse a arena, e assistia ao vosso desempenho, atento à descontração com que me enfrentavam sem medo de me desafiar, enquanto, quase sem dar por isso, se serviam de mais batatas, curgete e bife. Queriam, pediam, era-vos dado.

A minha recordação mais vívida desse fim de semana é quase uma insignificância. Eu, tu, ele e a Julia íamos no caminho pelo meio das bétulas, aquele que leva ao miradouro. (Na altura, aquilo era uma estrada estreita, lembras-te? Só mais tarde se tornou quase uma floresta.) Eu ia ao lado dele e tu e a Julia vinham mais atrás, entretidos a falar de... Já nem sei. Insetos? Flores

silvestres? Tu e a Julia tinham sempre tema de conversa, os dois adoravam o ar livre e os animais e isso foi algo que me apaixonou num e noutro, ainda que não tenha percebido logo. A dada altura, tocaste-lhe no ombro, ele parou, tu ajoelhaste-te e apertaste-lhe um atacador, depois reocupaste o teu lugar ao lado da Julia. Uma pequena atenção, apenas isso: um passo em diante, um joelho no chão, o regresso à posição anterior. Nem te inteiraste do que estavas a fazer, foi um automatismo, aliás, nem interrompeste a conversa. Estavas sempre atento, não fosse ele precisar de alguma coisa (os três faziam isso, na verdade). Bastou esse fim de semana para eu ver que cuidavas dele, que não te escapava nada — mas duvido que te conseguisses lembrar deste instante que descrevi.

E, enquanto lhe apertavas o atacador, ele olhou para mim com uma expressão que mesmo hoje não consigo descrever. Apenas me ocorre dizer que, naquele momento, foi como se algo se desmoronasse cá dentro, talvez um castelo de areia demasiado alto para ele, para ti e mesmo para mim. Na expressão dele, estava a ver o eco da minha, tive a certeza. Encontrar alguém capaz de tais gestos por outrem de uma maneira tão instintiva, tão perfeita! Ao vê-lo, percebi, pela primeira vez desde a morte do Jacob, a que se referem as pessoas quando falam de alguém que nos comove até às lágrimas ou de algo que nos faz o coração doer de emoção. Sempre tinha achado tudo isso pieguice, mas naquele momento percebi que também era verdade.

Diria que foi nesse momento que soube.

Nunca achei que fosse ser pai, não que tivesse razão de queixa dos meus. Na verdade, tive uns pais maravilhosos. A minha mãe morreu de cancro da mama quando eu era ainda muito jovem e, durante cinco anos, eu e o meu pai apenas nos tivemos um ao outro. Ele era médico de clínica geral e agradava-lhe acreditar que talvez vivesse para ver os seus pacientes já velhinhos.

Vivíamos no West End, na Rua 82, o consultório ficava no rés do chão do nosso prédio e eu ia para lá todos os dias depois da escola. Todos os pacientes do meu pai me conheciam e envaidecia-me ser o filho do senhor doutor, cumprimentar todas aquelas pessoas e ver os bebés que o meu pai tinha ajudado a nascer ficarem mais crescidos e começarem a olhar-me com admiração porque os pais lhes tinham dito que eu era filho do Dr. Stein e andava numa das melhores escolas secundárias da cidade, e, sendo aplicados nos estudos, talvez conseguissem o mesmo. «Querido»: era assim que o meu pai me tratava. Quando eu aparecia no consultório depois das aulas, ele segurava-me a nuca (assim continuou a fazer mesmo quando fiquei mais alto do que ele), dava-me um beijo na fonte e perguntava:

— Que tal foi hoje a escola, querido?

Quando eu tinha oito anos, o meu pai casou com Adele, a secretária. Não houve um momento da minha infância em que a presença da Adele não se fizesse sentir: se precisava de roupa nova, ia ela comprá-la comigo; no Dia de Ação de Graças, jantava connosco; os meus presentes de aniversário, embrulhava-os ela. Não posso sequer dizer que a Adele fosse uma mãe para mim. Diria antes que, para mim, uma mãe era a Adele.

Era uma mulher mais velha — mais velha do que o meu pai —, do tipo que os homens gostam e com quem se sentem à vontade, embora não lhes ocorra desposá-las, o que é uma maneira simpática de dizer que a Adele não era bonita. Mas quem inclui a beleza entre as qualidades desejáveis numa mãe? Lembro-me de lhe perguntar se queria ter filhos e ela respondeu que o seu filho era eu e não imaginava outro melhor. Quanto ao que eu pensava de o meu pai e a Adele terem casado ou da maneira como me tratavam, bastará dizer que só estranhei esta resposta dela quando, já trintão, eu e a minha primeira mulher nos debatemos com a questão de ter outro filho, que viria substituir o Jacob.

A Adele era filha única, tal como eu era e também o meu pai: uma família de singulares, portanto. Mas, ao contrário dos meus avós paternos, os pais da Adele ainda eram vivos, e, aos fins de semana, visitávamo-los em Brooklyn. Moravam na zona que entretanto se tornou Park Slope. Embora tivessem vindo para a América havia quase cinco décadas, continuavam a falar pouquíssimo inglês — o pai, tímido, a mãe, expressiva. A Adele herdara-lhes a robustez e a afabilidade. Entendiam-se em russo e o pai, a quem eu chamava avô, para simplificar, tinha sempre uma surpresa para mim. Abria a mão de dedos grossos e ali estava: um apito de madeira ou uma pastilha de morango das grandes e retangulares. Já adulto e a tirar Direito, ele continuou a dar-me sempre alguma coisa de cada vez que eu lá ia, mas já não tinha a mercearia, portanto, comprava essas surpresas. Mas onde? Sempre imaginei uma loja a transbordar de brinquedos, entretanto caída no esquecimento, mas que uma geração de imigrantes idosos não deixava morrer, continuando a comprar-lhes os piões, soldadinhos de chumbo, jogos da bugalha e bolas de borracha, que, ao serem tiradas da embalagem, pareciam já trazer sujidade agarrada.

Sempre tive a teoria — espontânea — de que os homens que, numa idade em que já pensam pela sua cabeça, vejam o pai casar pela segunda vez vêm mais tarde a casar com a madrasta e não com a mãe. Porém, no meu caso, não procurei uma esposa igual à Adele. A minha primeira mulher era fria e reservada. Ao contrário de outras raparigas que conheci, que se apoucavam incessantemente (não apenas a inteligência, como seria de esperar, mas tudo o mais: vontades, irritações, medos, a própria postura), a Liesl nunca o fez. No nosso terceiro encontro, ao sairmos de um café na MacDougal Street, um homem avançou aos tropeções de uma entrada sombria e vomitou-lhe em cima. Ela trazia vestida uma camisola de lã, que ficou conspurcada daquela papa amarelada cheia de restos sólidos, e lembro-me nitidamente de qualquer coisa agarrada ao anel que ela usava na mão direita, como se aquele pequeno diamante tivesse desenvolvido um tumor. À nossa volta, houve exclamações incrédulas e gritinhos enojados, mas a Liesl apenas fechou os olhos. Outra mulher teria guinchado aflita (*eu* teria guinchado aflito), mas lembro-me de ela apenas estremecer da cabeça aos pés, enojada, sem dúvida, mas como se o próprio corpo se estivesse a distanciar do acontecimento. Quando abriu os olhos, já se recompusera. Tirou a camisola e largou-a no caixote do lixo mais próximo.

— Vamos — disse-me. O incidente deixara-me mudo de choque, mas, naquele momento, desejei-a, por isso segui-a e ela levou-me para onde quis,

concretamente, para o seu apartamento, que ficava na Sullivan Street e metia medo. Manteve a mão direita afastada do corpo. O anel continuava sujo de vomitado.

Nem o meu pai nem a Adele gostavam especialmente dela, mas nunca mo disseram. Mostraram-se corteses e respeitadores da minha escolha e eu retribuí não lhes pedindo a opinião, para que não fossem obrigados a mentir. Não creio que o problema fosse não se tratar de uma rapariga judia — eles não ligavam à religião —, antes desconfio que não gostaram de me ver tão deslumbrado. Claro que é possível que me tenha convencido desta explicação em retrospectiva. Onde eu via uma admirável eficácia, talvez eles vissem frieza ou frigeidez. Deus sabe que havia mais quem concordasse. Trataram-na sempre com educação e ela fez o mesmo, embora mais seca. Suponho que os meus pais teriam preferido uma hipotética nora mais amiga de fazer charme com os sogros, alguém que os encorajasse a partilhar episódios embaraçosos da minha infância, que convidasse a Adele para almoços a duas e jogasse xadrez com o meu pai. Alguém assim como tu. Mas a Liesl não era essa pessoa e jamais seria, e, quando se capacitaram disso, também os meus pais se tornaram mais reservados, não para mostrar desagrado, mas por uma espécie de autodisciplina, como se quisessem recordar a si mesmos que havia limites — aqueles que a Liesl impusera e que os dois teriam de se esforçar por respeitar. Pela minha parte, sentia-me curiosamente descontraído quando estava com ela, como se sentisse que a própria tragédia temeria desafiar alguém tão temivelmente racional e eficaz.

Tínhamo-nos conhecido em Nova Iorque, quando eu estava a tirar Direito e ela, Medicina. No fim do curso, consegui um assessorado em Boston e ela (que era um ano mais velha do que eu) começou o internato. Decidira especializar-se em oncologia, escolha que eu apoiava em pleno e admirava: não há nada mais tranquilizador do que uma mulher que deseja curar; imaginamo-la de bata branca como as nuvens, inclinada para o paciente em atitude maternal. Mas a Liesl não queria ser admirada; a oncologia interessava-lhe por ser uma das especialidades mais difíceis, tida por se contar entre as mais cerebrais. Ela e os colegas de especialidade desprezavam radiologistas (uns mercenários), cardiologistas (uns vaidosos inchados) e pediatras (demasiado sensíveis), mas, sobretudo, cirurgiões (intragavelmente arrogantes) e dermatologistas («sem comentários», diziam, embora, claro está, frequentemente trabalhassem diretamente com eles). Gostavam de anestesistas (uma gente esquisita, chata, miudinha e com propensão para as dependências), patologistas (ainda mais cerebrais do que eles) e... Creio que eram mesmo só esses. Por vezes, recebíamos colegas da Liesl, e, no fim do jantar, os médicos ficavam a discutir casos e estudos, esquecendo as caras-metades (advogados, historiadores e escritores; e cientistas, mas que eles não consideravam ao seu nível), e nós, os ignorados, passávamos discretamente à sala, onde nos entretínhamos a discutir todos os assuntos menos interessantes e mais mundanos de que os nossos dias se faziam.

Éramos um casal adulto e tínhamos uma vida razoavelmente feliz. Nem um nem outro nos queixávamos de passar pouco tempo juntos. Ficámos em Boston

até ela concluir o internato complementar, após o que regressou a Nova Iorque, para o estágio na especialidade, enquanto eu fiquei em Boston, onde não só fora aceite num escritório, como era monitor na faculdade. Víamos-nos aos fins de semana, revezando Boston e Nova Iorque. Quando ela concluiu o estágio e regressou a Boston, casámos e comprámos casa à saída de Cambridge (consideravelmente mais pequena do que a minha casa atual).

O meu pai e a Adele (e, devo dizer, também os pais da Liesl, que, misteriosamente, eram bastante mais emotivos do que ela, de tal maneira que, nas nossas idas cada vez menos frequentes a Santa Barbara, o pai começava na brincadeira comigo, a mãe servia-me pepino às rodelas e fatias de tomate com pimenta, tudo da sua horta, e a Liesl observava tudo isto com uma expressão fechada, como se envergonhada, ou, no mínimo, perplexa com tais familiaridades) nunca perguntaram se tencionávamos ter filhos. Imagino que terão pensado que, não sendo pressionados, talvez engrajassemos com a ideia. Na verdade, não era algo de que eu sentisse falta. Nunca me imaginara pai e as crianças deixavam-me indiferente, motivos que achava suficientes para não dar esse passo. Parecia-me que os filhos deviam ser de facto desejados. Que ser pai devia ser um anseio. Não era empreitada para os ambivalentes ou pouco entusiastas da ideia. A Liesl achava o mesmo, ou, pelo menos, assim pensámos.

Até que, um dia — nessa altura, tinha 31 anos e ela, 32, ainda éramos novos —, cheguei a casa ao final da tarde e encontrei-a à minha espera na cozinha. Estranhei. Normalmente, a Liesl trabalhava até mais tarde e chegava a casa por volta das oito ou nove da noite.

— Temos de falar — disse, séria, o que me deixou assustado. Ela deu-se conta e sorriu. Não era cruel e não quero fazê-la parecer desprovida de bondade ou doçura, porque a Liesl tinha uma e outra, era capaz de uma e outra. — Não é nada grave, Harold. — Riu ligeiramente. — Acho eu.

Sentei-me. Ela respirou fundo.

— Estou grávida. Não sei como aconteceu. Devo ter-me esquecido de tomar a pílula um par de vezes e não pensei mais no assunto. Estou quase com oito semanas. Hoje a Sally confirmou. — (A Sally, com que ela dividira apartamento durante o curso, era a melhor amiga, e, também, sua ginecologista.) Comunicou-me tudo isto de maneira despachada, numa sucessão de frases curtas em *staccato*, como se para otimizar a compreensão. Quando terminou, ficou em silêncio. — Como sabes, tomo uma pílula que suspende a menstruação, daí não ter percebido. — E, vendo que eu continuava mudo: — Diz alguma coisa.

Num primeiro momento, não me ocorreu nada.

— Como te sentes? — acabei por perguntar.

Ela encolheu os ombros.

— Bem.

— Que bom — respondi, um tanto imbecilmente.

— Harold — disse ela então, sentando-se à minha frente —, o que queres fazer?

— *Tu* queres fazer o quê?

Ela tornou a encolher os ombros.

— O que eu quero fazer, já sei. Falta-me saber o que tu queres.

— Não queres ter o bebé.

Ela não negou.

— Quero saber o que tu queres.

— E se eu disser que o quero ter?

Ela estava preparada.

— Ponderarei seriamente essa possibilidade.

De novo, fui apanhado de surpresa.

— Leez — disse-lhe —, devemos fazer o que tu preferires fazer. — Não posso dizer que estivesse a ser magnânimo. Mais do que outra coisa, estava a ser cobarde. Preferia que fosse ela a decidir, como fazia tantas vezes.

Ela suspirou.

— Não tem de ficar resolvido esta noite. Ainda temos algum tempo. — Tínhamos quatro semanas, algo que ela não teve de esclarecer.

Já deitado, não consegui dormir. Imagino que pensei as mesmas coisas que passam pela cabeça de qualquer homem quando a mulher lhe diz que está grávida: *Como será o bebé? Vou gostar dele? Vou amá-lo?* Por fim, a ideia mais esmagadora: *Vou ser pai.* Com todas as responsabilidades, alegrias, tédio e falhanços expectáveis que isso acarreta.

De manhã, não tocámos no assunto, nem no dia seguinte. Na sexta-feira, antes de dormirmos, ela disse, ensonada:

— Amanhã temos mesmo de falar disto.

E eu:

— Sim, mesmo.

Mas não falámos, no dia seguinte ou no outro depois desse. Entretanto, ela chegou às nove semanas, depois, dez, onze, doze, e, nessa altura, já era tarde para resolver o assunto com simplicidade ou ética, e acho que ambos ficámos aliviados. A decisão tomara-se por si. Ou melhor: a nossa indecisão impusera uma decisão. Íamos ser pais. Foi a primeira vez em que a indecisão foi comum aos dois.

Convencemo-nos de que seria uma menina e a nossa ideia era chamar-lhe Adele, em homenagem à minha mãe, e a Sally escolheu Sarah. Mas, afinal, tivemos um menino, por isso deixámos a Adele (que chorou de felicidade, uma das poucas ocasiões em que lhe vi lágrimas) escolher o primeiro nome, e a Sally, o segundo, e ficou Jacob More. (Porquê More, perguntámos à Sally, e ela disse que era uma homenagem a Thomas More.)

Nunca fui daquelas pessoas — sei que também não és — que acham que o amor a uma criança ultrapassa qualquer outro, que é mais profundo, que tem mais significado, que é o amor supremo. Não achava isso antes de o Jacob nascer e a minha opinião não mudou com a chegada dele. Mas *é* um amor como nenhum outro, porque a pedra angular não é a atração física, o prazer ou o intelecto, mas o medo. Ninguém sabe o que é ter medo até ser pai e talvez seja isso o que nos engana e faz pensar que é um amor desmedido, porque o medo, sim, é desmedido. Dia após dia, o nosso primeiro pensamento não é «Amo o meu filho», mas «O

meu filho está bem?». Durante a noite, o mundo reconfigura-se e torna-se uma pista de obstáculos aterradores. Se levava o meu filho nos braços e ia atravessar a rua, dava por mim a pensar que era absurdo esperar que o meu filho, que qualquer bebé, sobrevivesse. A ideia parecia-me tão improvável como a sobrevivência das borboletas brancas e mais pequenas que nascem no fim da primavera, sabes quais são? Via-as voar hesitantes e pareciam-me sempre a um passo de se esborrachar contra um para-brisas.

Deixa-me dizer-te duas outras coisas que aprendi. A primeira é que a idade de um filho, ou quando e como se tornou nosso, é irrelevante: quando decidimos pensar em alguém como nosso filho, dá-se uma mudança, e tudo o que até aí apreciávamos nessa pessoa e tudo o que antes sentíamos por ela passa a ser precedido desse medo. Não é um fenómeno biológico, é qualquer coisa que transcende a biologia. Não estamos a assegurar a sobrevivência do nosso código genético, antes queremos mostrar que podemos mais do que as fintas e desafios do Universo e que somos capazes de triunfar sobre as forças que querem destruir aquilo que é nosso.

A segunda é: quando nos morre um filho, sentimos todas essas coisas que são de esperar, sentimentos tão bastamente documentados por tantos que não vale a pena enumerá-los aqui. Apenas direi que tudo o que já foi escrito sobre o luto se resume ao mesmo e é assim por um motivo: é um processo que não conhece grande variação. Podemos sentir um pouco mais isto ou aquilo e mudar a ordem ou a duração de cada fase, mas as sensações são sempre as mesmas.

Porém, há uma coisa que nunca ninguém diz: tratando-se da morte de um filho, uma parte de nós, ínfima, mas impossível de ignorar, sente alívio, porque, finalmente, o momento por que esperávamos, que mais temíamos, aquele para que nos vínhamos preparando desde o dia em que nos tornámos pais, aconteceu.

Ah, dizemos para dentro. Aconteceu. Cá está.

Depois disso, acaba-se o medo.

Há anos, depois da publicação do meu terceiro livro, um jornalista perguntou-me se percebemos logo que determinado aluno nasceu para exercer Direito, ou o inverso, e a resposta é: por vezes, sim. Mas, o mais das vezes, enganamo-nos: o aluno que nos pareceu brilhante no começo do semestre começa a perder o brilho conforme o ano letivo avança, enquanto outro de quem não formámos sequer opinião se destaca e nos deslumbra e passamos a adorar ouvir os seus raciocínios.

Com muita frequência, os alunos dotados de uma inteligência intuitiva sentem mais dificuldade no primeiro ano. O curso de Direito, sobretudo o primeiro ano, não encoraja a criatividade, o pensamento abstrato ou a imaginação. Nesse aspeto, baseado no que ouvi e não em experiência direta, vejo um paralelo com o ensino artístico.

A Julia tinha um amigo, o Dennys, que, em criança, se revelou um artista de talento extraordinário. Conheciam-se desde pequenos e ela chegou a mostrar-me alguns desenhos feitos por ele com dez, doze anos: esboços de pássaros a debicar pelo chão, autorretratos mostrando um rosto gorducho e ausente, ou retratos do pai, o veterinário da zona, a afagar um *terrier* amedrontado. Ora, o pai não achou

que lições de desenho servissem para alguma coisa, por isso, o Dennys não as teve. Mais tarde, quando a Julia foi para a universidade, o Dennys matriculou-se numa escola de Belas-Artes para aprender desenho. Durante a primeira semana, contou-lhe, deixaram-nos desenhar o que lhes apetecesse, e, invariavelmente, o professor destacava os esboços dele, elogiando-lhes as qualidades perante a turma.

Então, chegou a fase em que iam aprender *como* desenhar. Ou, melhor dizendo, iam reaprender. A segunda semana foi dedicada às elipses: fizeram-nas largas, bojudas e achatadas. Na terceira semana, foram os círculos e as esferas. Depois, uma flor. Uma jarra. A mão. A cabeça. O corpo. E, a cada semana de aprendizagem formal, o Dennys desenhava pior. No fim do período, os seus desenhos já não iam para a parede. Perdera toda a confiança. Quando agora via um cão de pelo comprido a roçar o chão, já não via um cão, mas um círculo inscrito num retângulo, e, se o tentava desenhar, pensava em proporções e não em retratar a essência canina do animal.

Resolveu falar com o professor. «O nosso trabalho é mostrar-vos que não sabem desenhar, Dennys», explicou ele. «Os verdadeiros talentos são os que de seguida nos provam o contrário.»

— Suponho que não era um verdadeiro talento — concluía o Dennys, que se tornara advogado e vivia em Londres com o companheiro.

— Que pena — lamentava a Julia.

— Ora, qual é o drama? Fui fazer outra coisa e pronto — respondia o Dennys, com um suspiro e sem nos convencer.

Da mesma maneira, o curso de Direito mostra aos alunos que nada sabem sobre coisa nenhuma. Romancistas, poetas e artistas plásticos tendem a não se dar bem no curso de Direito (a menos que sejam *maus* romancistas, poetas e artistas plásticos), mas o mesmo pode suceder com matemáticos, lógicos e cientistas. Os primeiros fracassam porque têm a sua lógica, os segundos, porque têm *unicamente* a lógica.

Já ele revelou-se bom aluno — um ótimo aluno, na verdade — desde o começo, embora camuflasse a excelência contrariando ferozmente um instinto à partida correto. Bastou-me ouvi-lo nas minhas aulas para perceber que tinha todos os ingredientes para ser um advogado fora de série. Não é por acaso que um advogado chama cliente àquele que representa: a advocacia é um negócio e, como qualquer negócio, exige sobretudo boa cabeça, que ele tinha. Seguidamente, e, de novo, como a generalidade dos negócios, exige a capacidade de identificar o problema que se nos apresenta, e, com igual facilidade, toda uma espiral de problemas que lhe poderá vir agarrada. Para um construtor, uma casa não é apenas a estrutura, mas um quebra-cabeças de canos que o gelo entupirá no inverno, madeira que, no verão, inchará com a humidade, caleiras que, chegando a primavera, parecerão fontes, e cimento que rachará quando chegar o outono e a temperatura descer. Ora, para um advogado, uma casa é outra coisa: um cofre-forte que guarda contratos, hipotecas, futuros processos em tribunal e potenciais incumprimentos de todo o tipo. Para um advogado, uma casa é o risco de ataque à propriedade, ao património, à nossa pessoa e à nossa privacidade.

Claro que não podemos pensar continuamente nestes termos, senão, dávamos em doidos. Por isso, para a maioria dos advogados, uma casa acaba por se tornar apenas uma casa, um espaço a ocupar, ir consertando, talvez pintar, e, por fim, esvaziar. No entanto, há uma fase em que todo o estudante de Direito — se de facto tiver nascido para essa área — vê o seu enfoque mudar e se dá conta de que, para si, a lei estará sempre presente, de que nenhuma interação ou aspeto do quotidiano escapa ao seu alcance, de que a lei está em todo o lado. Uma rua torna-se uma catástrofe, um turbilhão de violações e possíveis contenciosos e litigâncias, tal como todo o casamento passa a ter cara de divórcio. Durante uma fase, o mundo torna-se inabitável.

Ele tinha esta capacidade. Analisava um caso e via o seu desfecho, o que é muito difícil fazer, porque exige que tenhamos presentes todas as possibilidades e prováveis consequências, para então escolher quais merecem atenção e quais podem ser ignoradas. Porém, ele fazia uma outra coisa, porque não se conseguia impedir de a fazer: ponderava as implicações morais do caso. Algo que, no curso de Direito, se pode tornar um obstáculo. Tive colegas que *proíbiam* os alunos de usar as palavras «certo» e «errado».

— O *certo* não é para aqui chamado! — vociferava um dos meus professores. — Qual é a *lei*? O que diz a *lei*? (Os professores de Direito adoram ser dramáticos. Todos nós, sem exceção.) Tive outro que, ouvindo uma ou outra, nada dizia, apenas se aproximava do infrator para lhe entregar uma tira de papel (de que guardava uma provisão no bolso do casaco) onde escrevera «Drayman 241»: estava a indicar-lhe o diretor do departamento de Filosofia.

Vejamos um exemplo: uma equipa de futebol vai jogar fora de casa e uma das carrinhas avaria. A equipa pede à mãe de um dos jogadores que lhes empreste a sua para os levar. «De acordo», acede ela, «mas não vou ser vossa motorista.» Ela mesma toma a iniciativa de pedir ao treinador adjunto que conduza a sua carrinha. No caminho, acontece o pior: a carrinha despista-se e capota, e morrem todos os ocupantes.

Não há processo-crime. A estrada estava escorregadia e o condutor não tinha bebido. Tratou-se de um acidente. Ainda assim, os pais dos outros jogadores, aqueles que morreram, processam a mãe proprietária da carrinha, argumentando que a viatura era sua, e, sobretudo, que ela escolheu o condutor: se ele cumpriu instruções dela, é ela a responsável. A minha pergunta é: e agora? Deve ser dada razão à parte queixosa?

Regra geral, os alunos não gostam deste caso e não o proponho com frequência — é o tipo de situação extrema que se torna mais sensacionalista do que instrutiva, parece-me —, mas, de todas as vezes que o fiz, alguém no anfiteatro exclamava: «Mas isso não é justo!» A palavra pode ser muito irritante, mas convém os alunos não esquecerem o conceito. «A resposta nunca está no que é justo», dizia sempre eu. «Mas o justo deve sempre ser levado em consideração.»

O certo é que nunca o ouvi falar em justiça ou injustiça. O conceito parecia não lhe interessar, o que sempre me fascinou, porque as pessoas, sobretudo os jovens, costumam ter muito interesse no que é justo ou não. A justiça é um

conceito que ensinamos às crianças boazinhas. Serve para infantários, colônias de férias, recreios e campos de futebol. O Jacob chegou a ir à escola; aprendeu, pensou pela sua cabeça e expressou-se, e entendia o conceito de justiça, percebia a sua importância, compreendia que era algo de valioso. O justo, o correto e o razoável são para as pessoas felizes, para os sortudos cujas vidas se pautaram por mais certezas do que ambiguidades.

Para os outros, há o certo e o errado. Esses de que falo não serão necessariamente pessoas infelizes, mas são pessoas traumatizadas. Assustadas.

Talvez esta conclusão acabe de me ocorrer, não sei.

— E então? Foi dada razão à parte queixosa? — perguntei. Nesse ano, que foi o seu primeiro, propus esse caso aos meus alunos.

— Sim — respondeu ele, e explicou porquê. Soubra intuitivamente porque lhes seria dada razão. Logo que ele concluiu o raciocínio, como se à deixa, ouviu-se o inevitável «Mas isso não é justo!» vindo do fundo do anfiteatro, e então, antes que eu me pudesse lançar no primeiro sermão do ano, que a resposta nunca está no que é justo, etc., etc., ele disse, muito calmo: — Mas é o que está certo.

Acabei por nunca lhe perguntar o que quisera dizer com aquilo. Mal a aula terminou, quem visse a debandada dizia que o anfiteatro estava a arder. Lembro-me de dizer para comigo que tinha de lhe perguntar na próxima aula, que seria no final da semana, mas esqueci-me. Tal como me esqueci da vez seguinte e da outra depois dessa. Pelos anos fora, lembrava-me daquela aula de tempos a tempos, e pensava: *Tenho de lhe perguntar o que quis dizer com aquilo*. Mas acabava sempre por não perguntar, não sei porquê.

Depois desta intervenção que descrevi, ele adotou um padrão: entendia intuitivamente o funcionamento da lei, mas então, no momento em que eu queria passar à frente, ele puxava de algum argumento moral, trazia a questão ética para a conversa. *Por favor*, dizia eu para comigo, *não continues, peço-te*. As leis são simples. Há muito menos áreas cinzentas do que as pessoas supõem. Sim, a ética e a moral têm o seu lugar no direito, mas não fazem jurisprudência. A moral ajuda-nos a redigir as leis, mas não a aplicá-las.

Preocupava-me que ele estivesse a dificultar as coisas a si mesmo. Tinha um dom e corria o risco de o arruinar fazendo a pior coisa que alguém pode fazer na minha profissão (e odeio ter de dizer isto): pensar. A minha vontade era gritar-lhe: *Para!* Mas nunca o fiz, porque, entretanto, me dei conta de que era um prazer ouvi-lo pensar alto.

O tempo provou que escusava de me preocupar. Ele aprendeu a dominar esse impulso, aprendeu a parar de invocar o certo e o errado. E, como sabemos, essa sua inclinação natural não o impediu de se tornar um grande advogado. Mas, posteriormente, lamentei várias vezes por ele — e por mim. Lamentei não o ter aconselhado a desistir de Direito. Devia ter-lhe indicado o departamento de Filosofia ou coisa parecida. Como professor, dei-lhe ferramentas de que ele não precisava. Quem me dera ter-lhe indicado antes um caminho onde pudesse dar largas à inteligência, porque, para alguém como ele, seguir Direito era mantê-la à rédea curta, era resignar-se a um pensamento apagado. Senti que fizera alguém

que já soubera desenhar um cão passar a desenhar apenas formas geométricas.

No que a ele se refere, sou culpado de muitas coisas. Mas, illogicamente, por vezes parece-me ser essa a minha culpa mais grave. Abri a porta da carrinha, convidei-o a entrar, não me despistei, mas fiz pior: levei-o de um lugar vibrante de cor e com um céu inundado de fogo de artifício e abandonei-o, boquiaberto de assombro, num lugar frio, inóspito e desolado.

Três semanas antes de viajar para Boston, para o fim de semana do Dia de Ação de Graças, recebeu uma encomenda no escritório — uma embalagem larga, achatada e pesada, com o seu nome e morada escritos a marcador preto de um lado e do outro —, que permaneceu intocada junto da secretária. Só nessa noite teve finalmente tempo de a abrir.

Lendo o remetente, soube o que ali estava, mas, ainda assim, deixou-se tomar daquela curiosidade quase automática que nos invade de cada vez que desembulhamos algo, ainda que se trate de um presente indesejado. Sob várias camadas de papel *kraft* e de plástico com bolhas, embrulhado em papel branco: o quadro.

Voltou-o. «Para o Jude, com todo o carinho e sinceras desculpas, JB», garatujara JB na tela, por cima da assinatura: «Jean-Baptiste Marion.» Um envelope preso com fita adesiva no bastidor trazia uma carta datada e assinada pela gestora de catálogo da galeria, certificando a autenticidade da obra e indicando-o como proprietário.

Ligou a Willem, sabendo que, àquela hora, já ele saíra do teatro, estando, provavelmente, a caminho de casa.

— Adivinha o que recebi hoje.

Willem mal hesitou antes de responder:

«O quadro.»

— Isso mesmo — confirmou ele, e suspirou. — Imagino que estejas por trás disto.

Willem tossicou.

«Só lhe disse que não tinha escolha se queria que algum dia lhe tornasses a falar.» Calou-se um momento, e ele ouviu o vento assobiar-lhe de volta. «Precisas de ajuda para o levar para casa?»

— Agradeço, mas, para já, fica aqui — respondeu. — Logo vai noutra altura.

— Reacondicionou o quadro e arrumou a caixa debaixo da secretária. Antes de desligar o computador, quis enviar uma mensagem a JB, mas acabou por parar e apagar o que escrevera, e deu o dia por terminado.

Surpreendia-o e não o surpreendia que JB tivesse acabado por lhe enviar o quadro, mas não o surpreendia de todo que tivesse sido Willem a convencê-lo. Dezoito meses antes, quando Willem estava em vésperas de estrear *O Teorema de Malamud*, JB recebera uma proposta de agenciamento de uma galeria no Lower East Side, e, nessa primavera, inaugurara a primeira exposição individual, «Os Rapazes», uma série de 24 quadros a partir de outras tantas fotografias que tirara deles três. Tal como prometera havia anos, JB mostrara-lhe as suas fotos que tencionava usar e ele aprovara várias (embora relutante; chegou a sentir mal-estar físico ao dar o seu aval a cada uma, algo que fez apenas por saber como o projeto era importante para o amigo), mas, afinal, JB estava menos interessado nas fotos

aprovadas do que nas proibidas, algumas das quais — incluindo aquela que o mostrava encolhido na cama, de olhos abertos, mas assustadoramente cego para o que o rodeava, com a mão esquerda estendida e de dedos abertos e tensos qual garra de uma criatura maligna — ele não se recordava de JB ter tirado, o que era alarmante e motivou a primeira zanga: JB começou por recorrer à lisonja, depois amuou, seguiram-se ameaças, por fim, gritaria, mas, ainda assim, não o conseguiu fazer mudar de ideias, e, nessa altura, tentou convencer Willem a interceder por si.

— Não sei se tens noção de que não tenho de fazer o que tu mandares — declarou JB quando se capacitou de que as negociações com Willem não estavam a correr bem. — Em rigor, *não preciso* da tua autorização. *Em rigor*, posso pintar o que me apetece, foda-se. Quis ser atencioso contigo, mais nada.

Podia tê-lo esmagado com argumentos, mas estava demasiado furioso.

— Tu prometeste, JB — venceu. — Devia ser suficiente. — Podia ter acrescentado «E, como amigo, deves respeitar a minha vontade», mas, havia alguns anos, concluía que a definição de amizade, com os encargos decorrentes, não era, para JB, a mesma que para si, portanto era escusado discutir o assunto: nessa matéria, com JB, era pegar ou largar, e ele decidira-se pela primeira, embora ultimamente aceitar JB e as suas limitações comesse a envolver níveis de irritação, desgaste e esforço que ele sentia não lhe deverem ser exigidos.

No fim, JB teve de admitir a derrota, embora, nos meses que antecederam a inauguração da exposição, aludisse esporadicamente aos seus «quadros perdidos», obras-primas que teria pintado não fosse ele, Jude, tão intransigente, tímido, inibido e (o mais impagável dos argumentos invocados por JB) filisteu. Viria a envergonhar-se de ser crédulo a ponto de confiar que a sua vontade seria respeitada.

A inauguração foi numa quinta-feira no final de abril, não muito depois de ele fazer trinta anos, numa noite tão anormalmente fria para aquela altura que as primeiras folhas dos plátanos gelaram e se partiram. Ao dobrar a esquina e entrar na Norfolk Street, deteve-se e admirou a galeria de longe: uma luminosa caixa dourada cujo brilho tremeluzente parecia irradiar calor na noite irremissivelmente escura e gelada. Logo que entrou, cruzou-se com o Henry Young preto e um amigo comum do curso de Direito, seguindo-se tantos outros convidados seus conhecidos — da faculdade e das festas na Lispernard Street, além das tias de JB, dos pais de Malcolm e de velhos amigos de JB que ele não via há anos — que só ao fim de algum tempo se conseguiu livrar de toda aquela gente e pôde finalmente ver os quadros.

Sempre soubera que JB tinha talento. Sabiam eles e toda a gente. Sendo ocasionalmente difícil ignorar o seu egoísmo, o seu trabalho tinha algo que quase convencia do contrário: que quaisquer traços de caráter desfavoráveis que lhe tivessem sido atribuídos eram, isso sim, sintoma da mesquinhez e do mau génio daquele que tirara semelhante conclusão, porque, à luz dos seus quadros, JB só podia ser alguém profundamente dedicado aos demais, compreensivo e solidário para lá do exigível. Nessa noite, ao ver aqueles quadros, reconheceu-lhes

prontamente a força e a beleza e o amigo inspirou-lhe apenas orgulho declarado, porque os quadros eram um feito, e gratidão, pela capacidade que JB tinha de criar cores e imagens que tornavam apagadas e desinteressantes todas as outras cores e imagens: JB fazia o observador ver o mundo com novos olhos. Os quadros formavam uma faixa que se estendia pelas paredes da galeria como uma pauta musical de cinco linhas, sendo os tons criados por JB — densos azuis violáceos e amarelos voláteis e inebriantes — tão únicos que se diria que ele inventara uma nova linguagem da cor.

Deteve-se a admirar *Willem e Rapariga*, um dos quadros que já vira — aliás, comprara-o. JB pintara Willem de costas, mas voltado como se olhasse o observador, estando supostamente a observar uma rapariga parada na sua linha de visão. Adorava a expressão captada por JB, vira-a inúmeras vezes: aquele momento em que Willem estava à beira de sorrir, mas os seus lábios continuavam descontraídos, como se indecisos, enquanto os músculos em volta dos olhos já esboçavam a subida. Não estando os quadros organizados por ordem cronológica, seguia-se um retrato seu a partir de uma foto que JB lhe tirara poucos meses antes (sempre que era ele o figurado, apenas relanceava o quadro), depois Malcolm e a irmã no primeiro apartamento de Flora, o de West Village, percebeu ele pela mobília (*Malcolm e Flora, Bethune Street*).

Olhou em volta, à procura de JB, e localizou-o: estava à conversa com o diretor da galeria. Nesse instante, JB endireitou-se, e, vendo-o olhá-lo, acenou. «Genial», disse-lhe ele por cima do mar de cabeças, movendo os lábios sem som. JB arreganhou um sorriso e, também apenas com o movimento dos lábios, respondeu: «Obrigado.»

Foi então que passou à terceira e última parede e os viu: dois quadros, duas imagens suas, não lhe tendo JB mostrado as fotos em questão. O primeiro mostrava-o muito jovem, de cigarro na mão, e, no segundo, a partir de uma foto tirada havia talvez dois anos, pareceu-lhe, estava sentado na beira da cama, ligeiramente inclinado para diante, com a testa apoiada na parede, de braços e pernas cruzados e de olhos fechados — a sua posição habitual quando uma crise de dor terminava e estava a chamar a si forças para tentar ficar novamente de pé. Não se lembrava de JB tirar a foto e, olhando ao ângulo — como se o observador espreitasse do corredor —, concluiu que não se podia lembrar: JB não quisera que ele percebesse que a foto estava a ser tirada. Por instantes, deixou de ouvir o barulho à sua volta: havia apenas os dois quadros, de que ele não conseguia desviar os olhos. Apesar da angústia, teve presença de espírito para compreender que não estava a reagir às imagens, mas às recordações e sensações que evocavam, e que o sentimento de ter sido violado — por dois momentos da sua vida que não queria recordar terem sido documentados e estarem à vista de quem quisesse ver — era uma reação exclusivamente sua, que ninguém partilharia. Para qualquer outra pessoa, estavam ali dois quadros descontextualizados, que apenas ganhariam um significado factual se ele o divulgasse. De qualquer maneira, era-lhe penoso confrontar-se com aquelas duas imagens, e assaltou-o um desejo agudo de estar sozinho.

Consegui manter a compostura durante o interminável jantar depois da inauguração, embora sentisse quase dolorosamente a falta de Willem, que tivera espetáculo, daí não estar presente. Por sorte, não foi obrigado a falar com JB, que estava ocupado a ser o centro das atenções, e, das vezes em que alguém (incluindo o galerista) se aproximou para lhe dizer que os dois últimos quadros, que o retratavam, eram os melhores da exposição (como se lhe tocasse algum mérito), conseguiu sorrir e concordar em que JB era um talento extraordinário.

Mais tarde, de regresso ao apartamento e digeridas as emoções, conseguiu finalmente articular, em conversa com Willem, a sensação de ter sido traído. Vê-lo dar-lhe razão sem hesitar e enfurecer-se com o que lhe fora feito trouxe-lhe algum consolo, além de que percebeu que a dissimulação de JB também surpreendera Willem.

Daí a segunda zanga, que começou com uma discussão num café perto do apartamento de JB, que revelou uma exasperante incapacidade de pedir desculpa, preferindo tentar dar-lhe a volta alongando-se sobre a genialidade dos seus quadros e assegurando-lhe que mais tarde, ultrapassado o seu problema de falta de amor-próprio, conseguiria apreciar aquelas duas obras-primas, aliás, tudo aquilo era uma tempestade num copo de água e o melhor que ele fazia era resolver as suas inseguranças — infundadas, já agora —, no que talvez aquela situação se revelasse uma ajuda, até porque, era preciso dizer, toda a gente o achava um homem lindíssimo, só ele é que não, e devia tirar as devidas ilações, ou seja, que talvez — não, *sem dúvida* — fosse ele a estar enganado acerca de si mesmo, de resto, os quadros estavam feitos, assunto arrumado, o que queria ele agora? Ficaria mais feliz se fossem destruídos? Estava a pedir-lhe que os arrancasse da parede e os queimasse? Tinham sido vistos e não havia volta atrás, não seria melhor aceitar e passar à frente?

— Não te estou a pedir que os destruas, JB — esclareceu ele, tão furioso e desorientado com a lógica enviesada de JB e com aquela sua intransigência a raiar o insulto que só lhe apetecia gritar. — Estou a pedir-te que peças desculpa.

Mas JB não conseguia, ou não queria, e ele acabou por se levantar e sair sem que JB o tentasse impedir.

Deixou de lhe falar. Willem dispôs-se a tentar resolver ele o assunto e acabou (contou-lhe) aos berros com JB no meio da rua, após o que também deixou de lhe falar, passando os dois a saber das andanças de JB por Malcolm, que, igual a si mesmo, não escolhera declaradamente um lado, embora lhes tivesse confessado achar que JB agira muitíssimo mal, porém dando a entender que achava que os dois estavam a sonhar se pensavam que JB ia dar o braço a torcer. «Tu *sabes* que ele não vai pedir desculpa, Judy», fê-lo ver. «Ou esqueceste que é do JB que estamos a falar? Estás a perder o teu tempo.»

— Serei *eu* quem não está a ser razoável? — perguntou ele a Willem depois dessa conversa.

— De maneira nenhuma — respondeu Willem sem hesitar. — O que ele te fez é indecente, Jude. O JB fez merda a sério e pedir desculpa é o mínimo.

Quando a exposição terminou, não ficara um quadro por vender. Vieram

entregar-lhe *Willem e Rapariga* ao escritório, bem como *Willem e Jude, Lispenard Street, II*, que Willem comprara. *Jude, Depois da Dor* (quando soube o título, a raiva e a humilhação reavivaram-se a ponto de ficar literalmente cego de fúria) fora vendido a um colecionador que fazia as suas aquisições exclusivamente em primeiras exposições individuais, sendo que quase todos os artistas de quem ele adquirira obras tinham acabado por ganhar nome e granjear reconhecimento, pelo que o seu interesse era tido por uma bênção e vaticínio de êxito. Apenas *Jude com Cigarro*, a obra central da exposição, continuava na galeria, por culpa de um erro tão amador que se tornava chocante: o diretor da galeria vendera-o a um importante colecionador britânico e o dono da galeria vendera-o ao Museu de Arte Moderna.

— Perfeito — declarou Willem em conversa com Malcolm, seguro de que ele transmitiria as suas palavras a JB. — O melhor que o JB agora fazia era comunicar à galeria que decidiu ficar ele com o quadro e depois dá-lo ao Jude.

— Ele não pode fazer isso — protestou Malcolm, tão horrorizado como se Willem tivesse sugerido pôr o quadro no lixo. — Estamos a falar do MoMA.

— E então? — replicou Willem. — Se ele for mesmo esse génio todo, o MoMA há de lhe tornar a bater à porta. Acredita, Malcolm, é a única solução, a menos que ele queira perder a amizade do Jude. — Uma pausa. — E a minha.

Como esperado, Malcolm levou a mensagem a JB, que, confrontado com a possibilidade de perder a amizade de Willem, lhe ligou a exigir um encontro, em que chorou e o acusou de ser um traidor que tomava sempre o partido de Jude, sendo evidente que se estava a borrfifar para ele e para a sua carreira, quando ele, JB, sempre apoiara a sua.

A negociação levava meses. A primavera deu lugar ao verão e ele e Willem foram para Truro sem JB (e sem Malcolm, que lhes disse ter medo de o deixar sem ninguém). JB passou o Memorial Day com os Irvines, em Aquinnah, depois estiveram lá eles dois para o 4 de julho. Quanto à tão ansiada viagem à Croácia e à Turquia, foram ele e Willem.

Chegou o outono e, por ocasião da segunda conversa com JB, Willem acabava de conseguir, súbita e inesperadamente, o primeiro papel num filme — seria o Rei numa adaptação de *A Menina Sem Mãos* —, estando de viagem marcada para Sófia em janeiro, enquanto ele fora promovido, e, também, sondado por um associado da Cromwell Thurman Grayson and Ross, uma das mais conceituadas firmas de advocacia da cidade, depois, durante o mês de maio, tivera de usar quase diariamente a cadeira de rodas que Andy lhe arranjava, e Willem, por seu turno, acabara com a namorada ao fim de um ano e entretanto começara a sair com Philippa, uma figurinista, enquanto ele recebera um *e-mail* de Kerrigan, o seu antigo colega assessor do juiz Sullivan, endereçado a todos os colegas e ex-colegas, em que não só saía do armário como denunciava o conservadorismo dominante, e Harold andava a perguntar-lhe com quais deles devia contar para o fim de semana do Dia de Ação de Graças, além de que lhe pedira que ficasse lá mais uma noite depois de os amigos regressarem, porque ele e Julia lhe queriam falar de um assunto importante, e fora ao teatro com Malcolm, vira exposições com Willem e

lera romances que normalmente teria debatido com JB, porque os dois eram os leitores do grupo. Tudo o que anteriormente teriam discutido a quatro era agora falado a dois ou três, o que, num primeiro momento, depois de anos a fio em regime de quarteto, fora desorientador, mas habituara-se, e, embora tivesse saudades de JB — tão egomaniaco e pronto a ler o mundo e o que este tinha para oferecer nos termos que mais lhe conviessem que se tornava cómico —, não lhe conseguia perdoar, ao mesmo tempo que não imaginava a vida sem ele.

Pois bem, tudo indicava que a zanga chegara ao fim e o quadro era seu. No sábado, Willem acompanhou-o ao escritório, ele tirou o quadro da embalagem e pôs-o encostado à parede, e ficaram os dois a observá-lo silenciosos, como se estivessem no jardim zoológico, perante um animal raro, que, de repente, se imobilizara. Ali estava o quadro cuja fotografia acompanhara a crítica do *New York Times*, e, mais tarde, o artigo na *Artforum*, e só naquele momento, na segurança do escritório, foi capaz de o apreciar verdadeiramente. Abstraindo-se de que era o retratado, quase conseguia apreciar a beleza daquela imagem, tal como conseguia ver o que atraía JB: uma personagem estranha, a um tempo assustada e vigilante, não discernivelmente homem ou mulher, cuja roupa parecia ter sido emprestada e que imitava os gestos e o modo de estar de um adulto, mas, saltava à vista, não fazia ideia do que isso era. Se aquele no quadro hoje o deixava indiferente, isso exigira-lhe esforço, da mesma maneira que começamos a evitar alguém com quem nos cruzamos constantemente, fingindo não ver essa pessoa dia após dia, até ao dia em que de facto não a vemos — ou, pelo menos, disso nos conseguimos convencer.

— Não sei que vou fazer com isto — confessou a Willem, cheio de remorsos. Solidarizando-se consigo, Willem cortara relações com JB por causa daquele quadro, que ele não queria e para o qual sabia que não tornaria a olhar. O seu sentimento de culpa era atroz.

— Bem... — hesitou Willem, seguindo-se um momento de silêncio. — Podes sempre dá-lo ao Harold. Aposto que ele ia adorar. — Nesse momento, compreendeu que talvez Willem tivesse sabido desde o início que ele não queria o quadro, mas que isso não influía na sua posição: não se arrependia de o ter escolhido em detrimento de JB, muito menos o culpava de o ter forçado a essa decisão.

— Posso, de facto — ponderou, sabendo que não o faria. Sim, Harold adoraria o quadro (já na galeria o adorara), mas pendurá-lo-ia nalgum lugar de destaque, e então, sempre que o fosse visitar, seria obrigado a vê-lo. — Desculpa, Willem — acabou por dizer. — Desculpa arrastar-te até aqui. Acho que o vou deixar cá ficar até decidir o que quero fazer.

— Tudo bem — respondeu Willem, e, juntos, reacondicionaram-no na embalagem, que devolveram ao seu lugar debaixo da secretária.

Depois de Willem sair, puxou do telemóvel, e, desta vez, enviou a mensagem a JB. «JB», começou, «muito obrigado pelo quadro e pelo pedido de desculpa. Valorizo muito as duas coisas.» Deteve-se, pensando no que mais lhe podia dizer. «Tenho saudades tuas e quero saber como andas», acrescentou. «Quando tiveres tempo, liga-me e combinamos alguma coisa.» Cada palavra que escrevera era

sincera.

De repente, soube o que faria com o quadro. Procurou o contacto da gestora de catálogo da galeria e escreveu-lhe a agradecer o envio de *Jude com Cigarro*, informando que o ia doar ao MoMA e pedindo-lhe que assegurasse os trâmites.

Em retrospectiva, veria aquele episódio como um ponto de viragem em que a amizade com JB deixara de ser uma coisa para se tornar outra, e o mesmo com Willem. Entre os vinte e os trinta, houvera fases em que os amigos lhe inspiravam um contentamento tão puro, tão profundo, que desejava que o mundo parasse ali, para viver para sempre nesse instante em que tudo era perfeito e a afeição por eles não podia ser mais completa. Mas claro que isso era impossível: um piscar de olhos e já o momento perfeito passara, e a realidade seguia o seu caminho.

Talvez fosse excessivamente melodramático e categórico afirmar que, no rescaldo daquela história, JB ficara diminuído aos seus olhos. Mas era verdade que acabava de ter o *primeiro* sinal de que aqueles em quem se dispusera a confiar nos últimos anos poderiam vir igualmente a traí-lo, o que era dececionante, mas, também, inevitável, e, compreendera que a vida se encarregaria de o fazer continuar o seu caminho, porque, ainda que a maioria pudesse acabar por o desiludir de uma maneira ou de outra, sabia agora que havia pelo menos uma pessoa que jamais o faria.

Na sua opinião (partilhada por Julia), Harold tinha tendência para complicar desnecessariamente o Dia de Ação de Graças. Depois da primeira vez que passara esse fim de semana com o casal, Harold prometia-lhe, ano após ano — geralmente, no começo de novembro, quando o projeto ainda o entusiasmava —, que o ia deixar boquiaberto com a reinvenção que estava a preparar da mais sensoriosa tradição culinária americana. De todas as vezes, atacava a empreitada quase com megalomania: logo da primeira vez que o tinham convidado, nove anos antes, estava ele no segundo ano de Direito, Harold anunciara que o jantar seria pato à *l'orange*, mas que o faria com *kumquats* e não com laranjas.

Quando chegou, levando um bolo de nozes que fizera de véspera, Julia esperava-o à porta, mas, do professor, nem sinal.

— Não menciones o pato — segredou, ao dar-lhe um beijo de boas-vindas. Entrou na cozinha no preciso momento em que um Harold positivamente vexado tirava o peru do forno.

— Nem um pio — avisou o professor.

— Eu? — replicou ele. — Não ia dizer nada.

Desta vez, chegou novembro e Harold perguntou-lhe se gostava de truta.

— Recheada — esclareceu.

— Gosto — respondeu ele, a medo. — Mas, Harold, a sério: eu *gosto* de peru.

— Tinham aquela conversa ano após ano, mudando apenas os animais e proteínas sugeridos por Harold, para quem galinha preta cozida a vapor, *filet-mignon*, *tofu* com cogumelos orelha-de-judas ou salada de peixe branco fumado em pão de centeio caseiro eram opções mil vezes preferíveis a peru.

— Jude, ninguém *gosta* de peru — impacientou-se o professor. — Sei perfeitamente o que estás a fazer. Não me insultes. Vais fingir que gostas de peru

por não me achares capaz de cozinhar outra coisa? O nosso jantar do Dia de Ação de Graças vai ser truta e é assunto encerrado. Já agora, podes fazer outra vez aquele bolo que fizeste o ano passado? Acho que vai combinar às mil maravilhas com o vinho que comprei. Manda-me a lista dos ingredientes de que precisas.

O mais desconcertante, pensava ele de todas as vezes, era que, de modo geral, Harold pouco ligava à comida (ou ao vinho). Somando a isso, o seu paladar não era, de todo, apurado — antes pelo contrário. Muitas vezes, levava-o a restaurantes onde os preços eram escandalosos e a comida, mal confeccionada, e, feliz da vida, devorava pratos desenhados de carne esturricada cujo nada imaginativo acompanhamento era uma massa tão cozida que ficara colada. Todos os anos, ele e Julia (que também não tinha grande interesse por comida) debatiam aquela estranha ideia fixa de Harold. O professor tinha várias obsessões, mas, por inexplicáveis que algumas fossem, nenhuma suplantava a do jantar do Dia de Ação de Graças, sobretudo por ser tão persistente.

Willem era da opinião de que Harold inventara aquela quimera por graça, mas que, com os anos, o assunto acabara por se tornar sério, a ponto de ele não conseguir parar com a conversa do jantar alternativo, mesmo sabendo que não correria bem.

— Claro que, no meio dessa conversa toda, o importante és tu — rematou.

— Como assim? — estranhou ele.

— Esse festival todo é por tua causa — explicou Willem. — O Harold está a dizer-te que és importante para ele e que te quer deixar bem impressionado. Só não te quer dizer declaradamente que gosta muito de ti.

— Não me parece, Willem — disse ele, rejeitando prontamente a ideia. Ainda assim, depois desta conversa, começou a permitir-se admitir ocasionalmente que Willem poderia ter razão, e sentia-se palerma e mesmo um pouco patético porque a ideia o fazia encher-se de felicidade.

Nesse ano, só Willem iria consigo. Embora ele e JB tivessem feito as pazes, JB já se comprometera com as tias e ficara de levar Malcolm. Ainda tentara dar o dito por não dito, mas deixara-as tão aborrecidas que resolvera fazer como dissera inicialmente, não fossem elas ficar furiosas.

— Qual é o *menu* desta vez? — indagou Willem. Iriam de comboio na quarta-feira e chegariam na véspera do Dia de Ação de Graças à noite. — Alce? Antílope? Tartaruga?

— Truta — revelou ele.

— Truta? — exclamou Willem. — Ora, isso é facilímo de fazer. Queres ver que é este ano que jantamos mesmo o que o Harold prometeu?

— Calma. Ele disse que era truta recheada.

— Ah. Retiro o que disse.

Seriam oito à mesa: Harold e Julia, Laurence e Gillian, James, um amigo de Julia, Carey, o namorado, Willem e ele.

— Esta truta ficou estrondosa, Harold — brincou Willem ao atacar o segundo naco de peru e puxando gargalhadas em volta da mesa.

Ele, por sua vez, perguntava-se em que momento teria deixado de se sentir

nervoso e deslocado nos jantares de Harold. Sem dúvida que os amigos tinham contribuído para isso. O professor gostava de se picar com eles. Provocava JB até lhe arrancar afirmações afrontosas que roçavam o racismo declarado, arreliviava Willem perguntando-lhe quando assentava de vez e brindava Malcolm com considerações sobre o último grito em tendências estéticas e estruturais. Via como o professor se divertia com os seus amigos, e vice-versa, dando-lhe isso oportunidade de simplesmente os ouvir ser quem eram sem se sentir obrigado a participar. Preferia assistir ao espetáculo de papagaios a exhibir a plumagem colorida e a disputar as atenções sem medo ou embaraço.

Desta vez, o tema de conversa dominante foi o casamento da filha de James, que aconteceria no verão.

— Sou um velho — lamentou-se James, e Laurence e Gillian, cujas filhas ainda estavam na faculdade e tinham ido passar o fim de semana prolongado em Carmel, com a família de uma amiga, responderam com resmoneios solidários.

— Falando no assunto — começou Harold, fixando-se nele e em Willem —, vocês dois não pensam em assentar?

— Acho que esta foi para ti — disse ele a Willem, com um sorriso.

— Harold, eu tenho trinta e dois anos! — protestou Willem, arrancando nova gargalhada geral.

— Não me leves a mal, Willem! — insistiu o professor, deliciado. — Estás a justificar-te? A defender-te? Só digo isto porque, enfim, já não tens propriamente dezasseis anos!

Mas, embora estivesse a ser um jantar muito agradável, sentia-se ligeiramente ansioso e expectante. Não esquecia que Harold e Julia queriam falar com ele no dia seguinte, o que o deixava apreensivo. À vinda, ganhara coragem para comentar o pedido do professor com Willem, e, depois disso, se tinham oportunidade — por exemplo, quando ficaram os dois a recheiar o peru e a preparar as batatas, ou mais tarde, enquanto punham a mesa —, debatiam que assunto poderia ser esse que Harold queria discutir com ele. No fim do jantar, vestiram os casacos, saíram para as traseiras, e, ali sentados, começaram de novo a matutar na questão.

Uma coisa já sabia: nenhum deles estava com problemas de saúde. Fora essa a sua primeira pergunta e Harold assegurara que tanto ele como Julia estavam perfeitamente. Nesse caso, o que podia ser?

— Talvez ele ache que estou a impor demasiado a minha presença — refletiu. Não era de rejeitar que o professor estivesse simplesmente cansado de o ter por perto.

— Impossível — replicou Willem, tão resoluto e assertivo que o deixou um pouco mais tranquilo. Calaram-se. — Talvez um deles tenha tido alguma proposta profissional que os vá obrigar a mudar-se.

— Também pus essa hipótese. Mas não me parece que o Harold estivesse disposto a sair de Boston. Nem a Julia.

Tão-pouco havia demasiados motivos que obrigassem à anunciada conversa com ele. Talvez Harold e Julia tivessem decidido vender a casa em Truro. (Mas porque teriam de lhe dar conta disso, ainda que ele adorasse a casa?) Talvez se

fossem separar (mas ele não dera por mudança alguma no comportamento do casal). Talvez fossem vender o apartamento de Nova Iorque e quisessem saber se lhe interessava comprá-lo (mas era pouco provável; estava seguro de que eles jamais venderiam o apartamento). Talvez tivessem resolvido *fazer obras* no apartamento e lhe quisessem pedir para acompanhar os trabalhos.

Daqui, passaram a especulações mais específicas e improváveis: talvez Julia fosse sair do armário (ou Harold, porque não?). Talvez Harold se tivesse convertido ao cristianismo (mas também podia ter sido Julia). Talvez fossem deixar os empregos e mudar-se para uma comunidade hindu no norte de Nova Iorque. Talvez fossem abraçar o ascetismo e viver num vale remoto em Caxemira. Talvez tivessem decidido dar novo fôlego ao casamento recorrendo ambos à cirurgia plástica. Talvez Harold se tivesse tornado republicano. Talvez Julia tivesse encontrado Deus. Talvez Harold tivesse sido escolhido para procurador-geral. Talvez o governo tibetano no exílio tivesse identificado Julia como a mais recente reencarnação do panchen-lama, o que a obrigaria a mudar-se para Dharamsala. Talvez Harold fosse entrar na corrida presidencial como candidato socialista. Talvez fossem abrir um restaurante ali na zona que serviria exclusivamente peru recheado com outras carnes. Nesta altura, já os dois riam tanto — não só de nervosismo e de um desamparo que, não tendo remédio, remediado estava, como do absurdo dos seus palpites — que, sentados nas cadeiras, com as lágrimas geladas a picar-lhes as faces, baixaram a cabeça e taparam a boca com as golas para abafar as gargalhadas.

Porém, já deitado, viu regressar a ideia que, nascida num recanto escuso da sua mente, germinara devagarinho para se lhe insinuar na consciência como uma fina trepadeira: talvez um dos dois tivesse descoberto quem ele fora. Talvez o quisessem confrontar com uma prova — um relatório médico, uma foto ou (o seu pior pesadelo) material filmado. Já decidira que não negaria, não poria em causa o que lhe mostrassem, não se defenderia. Admitiria ser verdade, pediria desculpa, explicaria que nunca fora sua intenção enganá-los, asseguraria jamais os tornar a contactar e deixaria a casa. Faria um único pedido: não revelarem o seu segredo, não contarem a ninguém. Ensaiou o que lhes diria: *Sinto muito, Harold. Sinto muito, Julia. A última coisa que quis foi envergonhá-los*. Claro que pedir desculpa não serviria de nada. As melhores intenções que pudesse ter tido não mudavam nada: desde o começo, houvera o perigo de os envergonhar, e assim acontecera.

Willem foi-se embora logo pela manhã. Tinha espetáculo nessa noite.

— Liga-me logo que saibas, prometes? — pediu, e ele fez que sim. — Vai correr tudo bem, Jude — assegurou Willem. — Seja qual for o problema, nós resolvemos. Não fiques a remoer, OK?

— Diga eu o que disser, já sabes que vou ficar — respondeu, e tentou um sorriso.

— Pois sei — confirmou Willem. — Mas tenta não ficar. E liga-me.

Durante o dia, distraiu-se com limpezas — nem Harold nem Julia eram grandes entusiastas da arrumação, por isso nunca faltava serviço naquela casa —, e, quando se sentaram, um pouco mais cedo do que o habitual, para jantar o

guisado de peru e a salada de beterraba que ele fizera, de tão nervoso, quase lhe parecia estar a olhar aquela cena do alto, e, incapaz de comer, apenas simulou que o fazia, brincando com a comida no prato e tentando que Harold e Julia não reparassem. No fim da refeição, começou a recolher os pratos para os deixar na cozinha, mas Harold deteve-o.

— Deixa isso, Jude — pediu. — Talvez possamos ter a nossa conversa agora, não?

Quase estremeceu de pânico.

— Queria passá-los por água, senão, os restos endurecem — protestou desajeitadamente, ciente de que parecia ridículo.

— Esquece lá a merda dos pratos — insistiu Harold, e, embora ele soubesse que o professor se estava pouco nas tintas para a louça suja, ainda se perguntou se aquela descontração não seria *demasiado* descontraída, logo, fingimento, para esconder o oposto. Em todo o caso, não teve alternativa: pousou os pratos e, com passos pesados, seguiu Harold até à sala de estar, onde Julia estava a servir café para si e para o professor, tendo servido um chá para ele.

Sentou-se no sofá, Harold, na poltrona à sua esquerda, e Julia, à sua frente, na otomana forrada a tecido *suzani* e com o enchimento já um tanto afundado. Aqueles eram os seus lugares do costume, em volta da mesa de centro, e ele desejou que o momento não passasse, porque talvez fosse o seu último naquela casa. Talvez acabasse de se sentar pela última vez naquela acolhedora sala à meia-luz, com livros por toda a parte e permeada de um aroma a sumo de maçã com o ligeiro toque ácido da oxidação. Deteve-se no tapete oriental azul-marinho e escarlate, eternamente enrolado debaixo da mesa de centro, e tornou a reparar na zona do sofá já tão puída que se entrevia a tela branca — todas as pequenas coisas a que se deixara afeiçoar, porque aquele era o mundo de Harold e Julia e ele se permitira pensar na casa dos dois como também sua.

Silenciosos, foram bebendo respetivamente o café e o chá, não trocando sequer um olhar, e ele tentou fazer de conta que era um serão como outro qualquer, mas claro que, se fosse, não estariam tão calados.

— Muito bem — começou Harold finalmente, e ele pousou a chávena na mesa de centro e preparou-se. *Independentemente do que ele disser, não comeses com desculpas*, recordou a si mesmo. *Seja o que for, admite que é verdade e agradece-lhe tudo o que fez por ti.*

Mais um longo silêncio.

— Nem sei bem como dizer isto — preambulou Harold, rodando a caneca nas mãos, e ele obrigou-se a esperar pela próxima frase. — Ensaiei a conversa tão bem, não foi? — disse Harold, para Julia, que assentiu. — Afinal, estou mais nervoso do que achei que ia ficar.

— Eu sei — murmurou ela. — Mas estás a sair-te lindamente.

— Ah! — riu-se o professor. — Mentes mal, mas agradeço a intenção. — Sorriu para Julia, e, por um momento, foi como se estivessem apenas os dois na sala. Dir-se-ia que o tinham esquecido, pareceu-lhe. Harold tornou a ficar silencioso, em busca das palavras certas.

— Jude, eu... nós, eu e a Julia... conhecemos-te vai para uma década — lá lhe saiu, e ele viu o olhar do professor procurá-lo, depois fugir e fixar-se num ponto por cima da cabeça de Julia. — E, com o correr dos anos, ganhaste um lugar nos nossos corações. És um amigo, claro, mas pensamos em ti como mais do que isso. És mais especial do que um amigo. — Tornou a olhar para Julia, que o encorajou com novo assentimento. — Bem, espero que isto não te pareça... presunçoso, suponho... mas perguntámo-nos se não queres considerar deixar-nos, enfim, adotar-te. — Agora, sim, tornou a olhar para ele, e sorriu. — Tornavas-te legalmente nosso filho e herdeiro, e, um dia, tudo isto... — Numa paródia de um rei magnânimo, fez um gesto largo e desmedido. — Tudo isto será teu, se quiseres.

Não lhe saiu um som. Não conseguia falar, ficara sem reação. Não sentia a cara, não fazia ideia de qual seria a sua expressão. Julia acudiu-lhe.

— Jude — disse —, se, por algum motivo, não queres, entendemos perfeitamente. É um passo considerável. Recusares não vai mudar em nada o que sentimos por ti, certo, Harold? Serás sempre bem-vindo nesta casa, sempre, e esperamos que não deixes nunca de fazer parte das nossas vidas. Digo isto com inteira honestidade, Jude: não ficaremos sentidos e não haverá motivo para te sentires incomodado. — Fitou-o. — Queres algum tempo para pensar?

Só então lhe passou o torpor, mas, como se para contrabalançar, começaram a tremer-lhe as mãos, e, para disfarçar, abraçou uma das almofadas. Só ao fim de algumas tentativas conseguiu falar, mas, mesmo nessa altura, não os conseguiu encarar.

— Não tenho de pensar — disse, e a sua voz soou-lhe estranha, quase acriançada. — Harold, Julia... como podem sequer pensar que...? Não há nada, absolutamente nada, que eu mais tenha desejado. Qui-lo a vida inteira. Mas nunca pensei... — Calou-se. As frases saíam-lhe fraturadas. Ficaram os três silenciosos durante um minuto, até que, por fim, ele os conseguiu encarar. — Achei que me iam dizer que já não queriam esta amizade.

— Oh, Jude... — condeou-se Julia.

— Porque havias de pensar semelhante coisa? — perguntou Harold, que ficara perplexo.

Incapaz de lhes explicar, ele apenas abanou a cabeça.

Tornaram a calar-se e, momentos depois, os três sorriam — Julia, para Harold, Harold, para ele, ele, para a almofada — sem saber como rematar o momento ou o que se seguia. Por fim, Julia juntou sonoramente as mãos e ergueu-se da otomana.

— Isto pede um brinde! — exclamou, e deixou a sala.

Ele e Harold ergueram-se também, e encararam-se.

— Tens a certeza? — murmurou o professor.

— A menos que vocês não tenham — respondeu ele, também baixinho. Parecia que acabavam de o pedir em casamento, mas a piada era tão óbvia que pecava por falta de imaginação e não teve coragem de a dizer.

— Espero que tenhas noção de que nunca mais te vais livrar de nós — avisou Harold, sorrindo e afagando-lhe o ombro, e ele apenas anuiu, pedindo por tudo

que o professor não dissesse mais uma palavra, para ele não desatar a chorar, a menos que vomitasse, desmaiasse, gritasse ou entrasse em combustão. De repente, deu por si tão exausto, tão positivamente esgotado depois de viver as últimas semanas em ansiedade, mas, sobretudo, depois de trinta anos de desespero, à espera de algo assim, de um momento que desejava com todas as forças, ao mesmo tempo que mentia a si mesmo dizendo que não precisava disso, que, depois de brindarem e de Julia o abraçar, seguindo-se Harold (ver-se estreitado nos seus braços foi tão estranho, pareceu-lhe tão íntimo, que quase se debateu para se libertar), foi um alívio ouvir o professor dizer-lhe que esquecesse de uma vez o raio dos pratos e fosse dormir.

No quarto, só ao fim de meia hora deitado foi capaz de agarrar no telemóvel. Precisara de sentir a solidez da cama, a macieza do lençol de algodão a roçar-lhe a face e a sensação já sua conhecida do colchão a moldar-se aos seus movimentos. Tivera de se certificar de que aquele era, de facto, o seu mundo, de que continuava ali, de que aquilo que acabava de acontecer realmente acontecera. De repente, ocorreu-lhe uma conversa tida havia muitos anos com o irmão Peter: perguntara-lhe se achava que ele algum dia seria adotado e o irmão Peter dera uma gargalhada. «Não», acrescentou de seguida, tão categórico que ele nunca mais repetiu a pergunta. Seria ainda muito pequeno, mas lembrava-se nitidamente do que a reação do irmão Peter o fizera sentir: apenas ficara mais determinado em que acontecesse, embora, claro estava, tal desfecho estivesse inteiramente fora das suas mãos.

Continuava tão apalermado com a reviravolta que fez a chamada sem lhe ocorrer que o espetáculo já teria começado. Quando Willem lhe ligou durante o intervalo, continuava exatamente na mesma posição: encolhido de lado, com a mão sobre o telemóvel, parecia uma vírgula gigante.

«Jude...» murmurou Willem, quase sem voz, mas, ainda assim, a felicidade pelo que acabava de escutar era perfeitamente audível. Tirando Andy, e, em certo grau, Harold, apenas Willem conhecia vagamente os contornos da sua infância e adolescência: o mosteiro, a instituição e o período em casa dos Douglasses. Com os demais, quando as evasivas deixavam de ser opção, dizia que os pais tinham morrido era ele muito pequeno e que crescera à guarda de sucessivas famílias de acolhimento, o que, em regra, punha fim ao interrogatório. Já Willem, conhecedor de uma pequena parte da verdade, sabia que o seu mais ardente e impossível desejo acabava de se concretizar. «Que notícia extraordinária. Qual é a sensação?»

Tentou rir.

— Sinto que vou fazer alguma coisa que vai estragar isto.

«Não vais.» Ficaram os dois silenciosos. «Nem sabia que se pode adotar alguém maior de idade.»

— Não acontece com frequência, mas nada impede. Basta que as partes assim queiram. Quando é feito, normalmente tem que ver com heranças. — Tornou a tentar rir. (*Para de tentar rir*, disse para consigo, irritado com aquela sua reação.)

— Dei isto em Direito da Família. Não me lembro de grande coisa, mas sei que

vou ter de pedir uma nova certidão de nascimento, onde vão estar os nomes deles.

«Ena», murmurou Willem.

— Eu sei — concordou. Em fundo, alguém chamou Willem num tom que não admitia demoras. — Tens de ir — disse-lhe.

«Merda», resmungou Willem. «Jude...? Parabéns. Ninguém merece mais do que tu.» Respondeu à voz que o continuava a chamar, cada vez mais alto. «Tenho de ir», disse-lhe de seguida. «Importas-te se eu mandar uma mensagem ao Harold e à Julia?»

— Claro que não — respondeu. — Mas não comentes com os outros, OK? Preciso de algum tempo para digerir a ideia.

«Não lhes digo uma palavra, descansa. Até amanhã. E, Jude...?» Não terminou a frase. Talvez não conseguisse.

— Eu sei — murmurou ele. — Eu sei, Willem. Sinto o mesmo.

«Adoro-te», disse Willem, e desligou sem lhe dar tempo de responder. Nunca sabia como reagir quando Willem lhe dizia aquilo, mas passara a ficar na expectativa de o ouvir dizê-lo. Estava a ser uma noite de coisas impossíveis e quis ficar acordado, quis manter-se consciente e alerta durante quanto tempo conseguisse, para reviver e saborear o que acabava de lhe acontecer. Em poucas horas, o sonho de uma vida tornara-se realidade.

No dia seguinte, ao entrar no apartamento, viu um bilhete de Willem a pedir-lhe que esperasse acordado. Quando chegou, trazia gelado e um bolo de cenoura, que comeram embora nenhum dos dois fosse especialmente guloso. Também trouxera espumante, que beberam embora ele tivesse de acordar cedo. As semanas seguintes passaram a correr. Harold tratou da papelada e mandou-lhe tudo pronto a assinar: o pedido formal de adoção, uma declaração sua a requerer a alteração do registo de nascimento e um pedido de informação sobre existência de cadastro. Nesse mesmo dia, à hora do almoço, foi ao banco certificar tudo, preferindo não o fazer no escritório para que a notícia não corresse — contara unicamente a Marshall, Citizen e Rhodes. Partilhou a novidade com JB e Malcolm, que, se ficaram genuinamente radiantes por ele, ainda assim não deixaram de reagir exatamente como se previa: JB pôs-se a disparar piadas sem graça, como se a fazer tiro ao alvo na esperança de que alguma resultasse, enquanto Malcolm se lançou em perguntas progressivamente mais granuladas e especulativas a que ele não tinha como responder. Também contou ao Henry Young preto, que tivera duas cadeiras com Harold e era seu admirador, e a Richard, o amigo de JB, de quem se tornara mais próximo quando, numa festa particularmente entediante e interminável nas águas-furtadas de Ezra havia mais ou menos um ano, sendo eles dois os únicos convidados parcialmente sóbrios que restavam, começaram a falar sobre o Estado social francês, daí passando a uma diversidade de outros assuntos. E contou a Phaedra, que ficou histérica, e a Elijah, mais um amigo ex-colega de faculdade, que também ficou histérico.

E, claro, contou a Andy, que, num primeiro momento, apenas o fitou, depois anuiu — como se, prestes a deixar o consultório, ele se tivesse lembrado de lhe pedir uma ligadura para ter de reserva. Daí a nada, começaram a sair-lhe uns

bizarros queixumes de foca, a meio caminho entre latidos e espirros, e ele percebeu que Andy estava a chorar, o que o deixou sem saber o que fazer, tão apavorado que quase lhe deu para o riso.

— Vai-te embora — ordenou Andy por entre soluços. — A sério, Jude, sai daqui, foda-se. — Assim fez. No dia seguinte, no escritório, recebeu um ramo de rosas tão grande que quase não lhe cabia nos braços, acompanhado de um bilhete de Andy escrito naquela sua caligrafia de maiúsculas furiosamente carregadas.

Jude, estou tão envergonhado que mal tenho coragem de escrever isto. Por favor, perdoa-me por ontem. Não podia estar mais feliz e a minha única pergunta é: porque precisou o Harold de tanto tempo para se resolver? Espero que encares este momento como um sinal de que tens de olhar pelo teu bem-estar, senão não vais ter forças para mudar a fralda ao Harold quando ele tiver mil anos e for incontinente, porque, como já terás adivinhado, ele não te vai facilitar a vida morrendo com uma idade respeitável, como faria qualquer pessoa normal. Acredita, os pais são esse tipo de chatarrões. (Mas tê-los é o melhor do mundo, claro.) Com todo o carinho, Andy

Ele e Willem concordaram em que aquela era uma das melhores cartas que um ou outro já tinham lido.

Porém, o mês de êxtase terminou, veio janeiro, Willem viajou para a Bulgária para filmar, e eis que regressaram os velhos medos, acrescidos de novos. A audiência fora marcada para 15 de fevereiro, informou-o Harold, que, com algumas manobras, conseguira que fosse Laurence a presidir à sessão. Com a data cada vez mais próxima, veio a aguda e inescapável consciência de que tinha tempo de sobra para estragar tudo, e começou, primeiro, de forma inconsciente, depois, empenhado, a evitar Harold e Julia, convencido de que, confrontados de maneira reiterada e veemente com aquilo em que se iam meter, mudariam de ideias. Por isso, quando o casal veio a Nova Iorque na segunda semana de janeiro, a pretexto de ver uma peça, ele fingiu ter ido a Washington em trabalho, e, durante o telefonema semanal, procurava dizer o mínimo possível e abreviar a conversa. A cada dia, a improbabilidade da situação parecia agigantar-se e tornar-se mais gritante. Bastava-lhe vislumbrar-se refletido num edifício enquanto ia pela rua e, confrontado com o seu detestado manquejar de morto-vivo, sentia o estômago dar um nó. Quem no seu perfeito juízo queria perfilhar semelhante *coisa*? A ideia de nesta altura alguém o reclamar como seu afigurava-se cada vez mais grotesca, e, tornando a vê-lo mais uma vez que fosse, como poderia Harold não chegar à mesma conclusão? Tinha consciência de que não deveria dar tanta importância ao assunto. Era um adulto. A adoção seria sobretudo um ritual, mais do que uma mudança com verdadeiro impacto na sua vida. Ainda assim, desejava-a com um fervor inabalável que desafiava a lógica e seria insuportável vê-la fugir-lhe quando as pessoas mais importantes na sua vida estavam tão felizes por si e estando tão perto de concretizar esse sonho.

Não era a primeira vez. Com treze anos, um ano depois da ida para o Montana,

a instituição participara numa feira de adoção organizada conjuntamente por três Estados. Numa fria manhã de novembro, o mês nacional da adoção, tinham-nos mandado vestir com esmero e feito subir à pressa para dois autocarros escolares, seguindo-se um trajeto de duas horas até Missoula, onde desceram dos autocarros e seguiram em rebanho para a sala de conferências de um hotel. Tinha sido os últimos a chegar e a sala de conferências estava cheia de crianças — rapazes de um lado, raparigas do outro. No meio, várias mesas alinhadas, e, ao encaminhar-se para o seu lado da sala, conseguiu ler as etiquetas nos dossiês: «Rapazes, Bebés»; «Rapazes, Pequenininhos»; «Rapazes, 4-6»; «Rapazes, 7-9»; «Rapazes, 10-12»; «Rapazes, 13-15»; «Rapazes, 15+». Explicaram-lhes que, nos dossiês, estavam as fichas de cada um deles, com foto, nome e informações: naturalidade, etnia, desempenho escolar, desportos favoritos, talentos e interesses. O que diria a sua ficha, perguntou a si mesmo. Que talentos lhe teriam inventado, que raça e que origens?

Os mais crescidos, aqueles cujos nomes e fotos estavam no dossiê dos 15 anos ou mais, sabiam que ninguém os adotaria, por isso, logo que os monitores viraram costas, saíram furtivamente para as traseiras, para — não era segredo — ir fumar erva. Já os bebés e os pequenininhos apenas tinham de ser isso mesmo: bebés e pequenininhos. Seriam os primeiros a ser escolhidos, não se inteirando sequer do que acabava de lhes acontecer. Mas então, espiando do canto da sala para onde se fora afastando aos poucos, viu que alguns — aqueles com idade para ter estado numa feira anterior, mas suficientemente novos para não perder a esperança — tinham estratégias: os macambúzios abriram sorrisos e os insolentes e desordeiros tornaram-se alegres e brincalhões; vários que se odiavam no dia a dia puseram-se com jogos e galhofa, de tal maneira que facilmente convenceriam quem não os conhecesse de que eram amigos; e os que eram malcriados com os monitores e chamavam palavrões aos outros nos corredores sorriam e conversavam muito certinhos com os adultos que, entrando em fila, se poderiam tornar seus pais. Viu Shawn, que tinha catorze anos e era o mais maldoso e violento de todos eles — um dia, na casa de banho, fizera-o cair e fincara-lhe os joelhos nas omoplatas, impedindo-o de se mexer —, indicar o autocolante com o nome ao peito, gesto que fez para o casal que estivera a falar com ele e ia avançando para os dossiês. «Shawn!», disse, «Shawn Grady!», e algo na sua voz rouca de esperança, em que ele ouviu o esforço, o medo de deixar transparecer essa esperança, fê-lo ter, pela primeira vez, pena de Shawn, e encher-se de raiva pelo casal, que, percebeu, estava a folhear o dossiê «Rapazes, 7-9». Mas depressa lhe passaram esses sentimentos, porque, nessa altura, não queria sentir nada, fosse fome, dor, raiva ou tristeza.

Pela sua parte, não tinha artimanhas nem talentos e não sabia encantar. Chegara à instituição no ano anterior, tão apático que não o tinham trazido à feira de adoção. Entretanto, já era outra vez novembro, mas ele não sabia dizer se estava melhor, por pouco que fosse. Era bem verdade que pensava cada vez menos no irmão Luke, mas, quando não estava nas aulas, as horas tornavam-se indistintas. Passava grande parte do tempo como se flutuasse, tentando fingir que não era ele quem estava a viver a sua vida. Desejava ser invisível e apenas queria que não

dessem por si. Faziam-lhe coisas, mas ele não se debatia como outrora teria feito. Por vezes, quando estava a ser magoado, aquela parte de si que se mantinha consciente perguntava o que pensariam os irmãos se o vissem agora. A revolta e os ataques de fúria eram coisa do passado. Já não se defendia. Tornara-se o rapazinho obediente que os irmãos sempre lhe tinham dito que fosse. Queria abandonar-se ao que lhe ia acontecendo e ser uma presença tão ligeira, impercetível e insubstancial que o ar não se deslocasse à sua passagem.

Dáí a sua surpresa — e a dos monitores — quando, nessa noite, soube ter sido um dos escolhidos. O casal em questão: os Learys. Não reparara num senhor e numa senhora a observá-lo, a sorrir-lhe, inclusivamente? Talvez os tivesse visto, sim. Mas, com a chegada do final da tarde, tudo se tornara vago, como normalmente acontecia, e, ainda durante a viagem de regresso à instituição, começou a fazer-se esquecer mais um dia.

Iria passar o fim de semana antes do Dia de Ação de Graças com os Learys, para que o casal tivesse oportunidade de perceber se de facto gostava dele — e vice-versa. Na quinta-feira, foi levado de carro por Boyd, o monitor que lhes ensinava carpintaria e canalização. Não o conhecia muito bem. Sabia que Boyd estava a par do que alguns monitores lhe faziam, mas, se não os impedia, também não participava.

No acesso dos Learys — moravam numa casa de piso único com paredes de tijolo, rodeada de escuros campos em pousio —, Boyd agarrou-lhe bruscamente o braço quando ele ia sair do carro e puxou-o para si, sobressaltando-o e deixando-o alerta.

— Não estragues tudo, St. Francis — rosnou-lhe. — Esta é a tua oportunidade, estás a ouvir?

— Sim, stor — disse ele.

— Vai lá, então. — Boyd soltou-o e ele foi ter com Mrs. Leary, que o esperava à porta.

Se ela era gorda, o marido era corpulento. As suas mãos grandes e avermelhadas pareciam armas. Tinham duas filhas, ambas na casa dos vinte e já casadas, e ocorreria-lhes que talvez fosse agradável ter a companhia de um rapaz, que poderia ajudar Mr. Leary — que reparava maquinaria agrícola e amanhava a terra — no cultivo e tudo o mais. Explicaram que o tinham escolhido porque lhes parecera sossegado e com boas maneiras e era mesmo isso que eles queriam: alguém trabalhador, que não fosse de provocar desacatos e ficasse agradecido por lhe darem um teto e um lar. Tinham lido na sua ficha que era prestável, ajudava nas limpezas e tinha experiência de trabalho no campo.

— Tens um nome fora do comum — comentou ela.

— Eu sei, Mrs. Leary — concordou ele, que nunca o estranhara.

— O que achas de escolhermos outro? — propôs ela. — Que tal Cody? Sempre gostei desse nome e talvez seja um pouco menos... Como dizer? Enfim, soa mais à nossa gente.

— Gosto muito desse nome — respondeu ele, embora na verdade não tivesse opinião. Podiam chamar-lhe Jude, Cody ou outro nome qualquer. Era-lhe

indiferente.

— Que bom — disse Mrs. Leary.

Nessa noite, sozinho, experimentou dizer alto o nome: Cody Leary. Cody Leary. Teria vindo para um lugar encantado? Seria possível que, naquela casa, se fosse transformar noutro? Seria assim tão simples, tão imediato? Iria Jude St. Francis desaparecer, levando consigo o irmão Luke, o irmão Peter, o padre Gabriel, o mosteiro, os monitores, a instituição, a vergonha, os medos e a sordidez, ficando em seu lugar Cody Leary, que tinha pai e mãe, um quarto só seu e um futuro em que poderia ser quem quisesse?

O fim de semana decorreu sem incidentes e, na monotonia das horas a suceder-se, ele sentia partes de si despertar, sentia as nuvens de que se rodeara dispersarem e desaparecerem, sentia que começava a ser capaz de ver o futuro e de imaginar que haveria um lugar para si. Esforçou-se ao máximo por ser educado e não fugiu ao trabalho, e nada daquilo lhe custou particularmente. Acordava cedo e fazia o pequeno-almoço para o casal (Mrs. Leary elogiou-o tão sonora e profusamente que, envergonhado, ele sorriu para o chão). Lavava a louça, ajudou Mr. Leary a limpar as ferramentas sujas de óleo e substituiu o fio de um candeeiro. Houve coisas de que não gostou — a aborrecida missa no domingo, as orações que tinha de dizer com eles antes de ir dormir —, mas não lhe eram mais penosas do que as coisas de que não gostava na instituição e sabia que daria conta dessas obrigações sem se mostrar ressentido ou ingrato. Percebeu que os Learys não se comportariam como os pais nos livros — como os pais que ele ansiava ter —, mas sabia ser trabalhador como eles queriam e não lhes daria razões de queixa. Por outro lado, continuava com medo das mãos grandes e avermelhadas de Mr. Leary, e, de cada vez que ficavam sozinhos no celeiro, era-lhe impossível não tremer e mantinha-se alerta, mas, pelo menos, Mr. Leary era apenas um e não um grupo, como acontecera antes e agora se repetia na instituição.

No final da tarde de domingo, quando Boyd o foi buscar, não só estava convencido de que se comportara exemplarmente, como se sentia confiante.

— Que tal correu? — perguntou o monitor.

— Bem — pôde responder com honestidade.

Tinha a certeza — as últimas palavras de Mrs. Leary tinham sido «Palpita-me que depressa nos tornaremos a ver, Cody» — de que o casal faria o telefonema logo no dia seguinte e que em breve, talvez já sexta-feira, teria nascido Cody Leary e a instituição seria apenas mais um lugar a esquecer. Mas passou segunda, terça e quarta, depois veio a semana seguinte e ele continuava a não ser chamado ao gabinete do diretor, tal como escrevera aos Learys e não houvera resposta. Os dias passavam sem que ele avistasse, na longa estrada vazia que vinha dar ao dormitório da instituição, o carro que o viria buscar.

Por fim, duas semanas depois da visita à experiência, procurou Boyd na oficina. Sabia que, às quintas-feiras, ele ficava lá até tarde. Enquanto os outros estavam a jantar, ele esperou ao frio, distraíndo-se a calcar a neve, até que finalmente viu Boyd sair.

— Porra! — sobressaltou-se o monitor ao voltar-se e quase o pisar. — Não

devias estar lá dentro, St. Francis?

— Tinha de falar consigo, stor — disse ele, quase suplicante. — Por favor, diga-me: os Learys vêm buscar-me? — Soube a resposta antes de ver a cara do monitor.

— Mudaram de ideias — disse Boyd, que, não sendo conhecido por ser brando ou compassivo, foi como quase se mostrou naquele momento. — Esquece, St. Francis. Não vai acontecer. — Estendeu a mão para o afagar, mas ele esquivou-se ao contacto, e, abanando a cabeça, o monitor afastou-se.

— Espere! — chamou ele, recompondo-se da desilusão e tentando correr pela neve atrás de Boyd. — Deixe-me tentar outra vez! — pediu. — Diga-me o que fiz mal e da próxima faço bem! — Sentiu regressar a histeria de outros tempos, sentiu, dentro de si, os vestígios do menino que tinha ataques de fúria e gritava tão alto que calava uma sala.

Boyd apenas tornou a abanar a cabeça.

— As coisas não funcionam assim, St. Francis — respondeu, depois parou e olhou-o nos olhos. — Escuta — disse-lhe —, mais uns anos e saís daqui. Sei que parece muito tempo, mas não é. Depressa vais ser um adulto e então serás livre de fazer o que quiseres. Só tens de aguentar mais uns anitos. — Tornou a rodar nos calcanhares, desta vez, vincando que a conversa terminara, e afastou-se com passos firmes.

— Como? — gritou-lhe ele nas costas. — Diga-me como, Boyd! — insistiu, esquecendo como o devia tratar. — Como faço? Como, Boyd?

Nessa noite, teve o primeiro ataque de fúria em anos, e, embora o castigo não tenha sido muito diferente do que recebia no mosteiro, não sentiu o mesmo alívio, não houve a sensação de libertação, porque, desde então, aprendera mais sobre a vida e sabia que os seus gritos nada mudariam, apenas o trariam de volta a si, a ponto de tudo — cada dor, cada insulto — ser mais nítido, áspero e repulsivo, bem pior do que antes.

Jamais viria a saber qual o erro cometido durante o fim de semana com os Learys. Jamais saberia se fora algo que poderia ter feito de maneira diferente ou se sempre estivera fora das suas mãos. Lutava por esquecer muita coisa que lhe acontecera no mosteiro e no lar, mas nada seria mais difícil de ultrapassar do que aquele fim de semana, nada custaria tanto a esquecer como a vergonha, igual a nenhuma outra, de se ter permitido acreditar que podia ser alguém que sabia que não era.

Agora, com a audiência agendada para daí a seis semanas, que passaram a cinco, depois, quatro, não pensava noutra coisa, claro. Estando Willem ausente, não havia ninguém de olho no seu horário e no que fazia, e começou a ficar acordado a fazer limpezas até ao raiar da aurora. Com uma escova de dentes, limpava debaixo do frigorífico, e, na casa de banho, mergulhava-a em lixívia e limpava entre os azulejos. Ocupava-se com limpezas para não se cortar, algo que se intensificara de tal maneira que mesmo ele tinha consciência da loucura que era, de como estava a ser autodestrutivo, e assustava-se com o que andava a fazer e com a sua incapacidade de se dominar. Mudara de técnica: segurava a lâmina

perpendicularmente ao braço, o fio em contacto com a pele, depois pressionava até não suportar mais, e, ao retirá-la — lembrava um machado cravado num cepo —, abrindo o corte com os dedos durante essa fração de segundo, ainda o conseguia ver inteiramente branco, como a parte gorda de uma fatia de *bacon*, e só então se inundava de sangue, e ele ficava atordoado como se lhe corresse hélio nas veias. Apenas comia se não tivesse outro remédio, porque tudo lhe sabia a podre. Ficava no escritório até ouvir a equipa de limpeza que entrava ao serviço de noite — pareciam ratos a chiar pelos corredores. Nessa altura, ia para casa, mas não se deitava. Acordava de repente, com o coração a querer saltar-lhe do peito, e quase engolia o ar na sua aflição por se acalmar. Só o trabalho e os telefonemas de Willem o forçavam a um simulacro de normalidade. Não fosse isso e não sairia do apartamento, ter-se-ia lá trancado a cortar-se até ficar com os braços reduzidos a pedaços de carne que poderia simplesmente deixar cair na sanita e ver desaparecer puxando o autoclismo. Chegou a imaginar que se trinchava — primeiro, os braços, depois, as pernas, seguindo-se o peito, o pescoço e a cara — até nada restar senão os ossos, e então, reduzido ao esqueleto, continuaria a fazer a sua vida, andaria, respiraria e suspiraria, para sempre desengonçado nos canivetes porosos e quebradiços.

Recomeçou a ir ver Andy apenas de seis em seis semanas e, temendo a reação dele, já adiara duas vezes a consulta. Por fim, com a audiência a pouco menos de quatro semanas, rumou à Alta da cidade e esperou num dos gabinetes até Andy espreitar a avisá-lo de que estava atrasado.

— Trabalha com calma, eu espero — respondeu.

Ligeiramente franzido, o olhar de Andy demorou-se nele.

— Não demoro — acabou por dizer, e retirou-se.

Minutos depois, entrou Callie, a enfermeira.

— Viva, Jude — saudou-o. — O senhor doutor pediu-me que te pesasse. Sobes para a balança, por favor?

Não queria fazer isso, mas sabia que ela não tinha culpa, que a decisão não fora sua, por isso ergueu-se contrafeito da marquesa, subiu para a balança e não olhou para o mostrador nem para o que Callie escreveu antes de lhe agradecer e sair.

— Muito bem — disse Andy, pouco depois, sem erguer os olhos da ficha clínica. — De que havemos de falar primeiro, da acentuada perda de peso ou do excesso de automutilação?

A pergunta apanhou-o de surpresa.

— Achas que me ando a cortar mais do que o habitual? Porquê?

— Percebo logo. Ficas com o interior das pálpebras... azulado — revelou Andy. — Possivelmente, não te dás conta. Também vestiste a camisola de malha por cima da bata, como fazes sempre que o problema se agrava.

— Ah — disse ele. Fizera-o sem reparar.

Calaram-se. Andy puxou o tamborete para junto da marquesa.

— Para quando está agendada a audiência?

— Quinze de fevereiro.

— Hum — murmurou Andy. — Será em breve, portanto.

— Sim.

— E estás preocupado com quê?

— Preocupa-me... — Hesitou, depois fez nova tentativa. — Acho que, se o Harold descobrir quem eu sou de verdade, não vai querer... — Tornou a calar-se. — E não sei o que é pior: se ele descobre antes, não há adoção; se descobrir depois, vai perceber que o enganei. — Suspirou; só agora conseguira formular o dilema, e, ao ouvir-se, percebera o que de facto temia.

— Jude... — Andy procurou as palavras certas. — Que coisa horrível sobre ti é essa que o podia fazer não te querer adotar?

— Não me obrigues a dizer — quase suplicou. — Por favor, Andy.

— Juro-te que não sei!

— As coisas que fiz — murmurou. — As doenças que apanhei por causa disso.

— Mal conseguia falar, de tanto que se detestava. — É nojento. Meto nojo.

— Jude... — Andy hesitou, depois começou a falar-lhe interrompendo-se de poucas em poucas palavras, tão vagaroso e meticoloso que facilmente se percebia que, na sua cabeça, estava a atravessar um campo minado. — Eras um miúdo, uma criança. *Fizeram-te* essas coisas. Não tiveste culpa *nenhuma* e jamais alguém pensaria o contrário.

Olhou-o nos olhos.

— E, mesmo que *não fosses* uma criança, se fosses simplesmente um gajo com tusa a quem apetecia foder tudo o que mexesse e que tivesse apanhado uma carrada de doenças enquanto andava nessa vida, *ainda assim* não terias nada de que te envergonhar. — Suspirou. — Podes, pelo menos, esforçar-te por acreditar nisto que te digo?

Abanou a cabeça.

— Não sei.

— Sei eu — insistiu Andy. Calaram-se. — Quem me dera que falasses com um psicólogo, Jude — tornou a sugerir. O seu tom ganhara uma nota de tristeza. Não soube o que lhe responder e, ao fim de alguns minutos, Andy ergueu-se. — Bem — disse, mostrando-se resolutos —, vejamo-los, então. Despiu-lhe a camisola e fê-lo estender os braços.

A expressão de Andy disse-lhe que era pior do que ele imaginara e, baixando os olhos para os braços, tentou vê-los como se pela primeira vez, e, de uma maneira quase impressionista, percebeu o que Andy estava a ver: o alinhamento de compressas dobradas que cobria os cortes mais recentes, os outros, não completamente cicatrizados, a pele ainda muito fina e frágil, e aquele que infetara e se revestia de uma carapaça de pus seco.

— Muito bem — pronunciou-se Andy, após um longo silêncio. O braço direito estava quase despachado: limpava o corte infetado e besuntara os outros com uma pomada antibiótica. — E que me tens a dizer da perda de peso tão acentuada?

— Não acho que tenha perdido assim tanto peso.

— Jude, cinco quilos e picos em menos de oito semanas é muito peso — replicou Andy —, para mais quando não eram cinco quilos que te pudesses dar ao

luxo de perder.

— Ando sem fome, só isso — acabou por dizer.

Andy não tornou a falar senão quando acabou de lhe tratar o segundo braço. Com um suspiro, tornou a sentar-se e começou a escrevinhar no bloco.

— Quero que faças três refeições completas por dia — estipulou —, que vais reforçar com algum extra desta lista. *Todos os dias*. Ou seja: por dia, tens as três refeições completas, *mais* uma destas coisas, entendido? Se não cumprires, ligo à tua tropa e digo-lhes que se sentem contigo a cada refeição e te vejam comer, e aposto que não ias querer isso. — Arrancou a folha do bloco e entregou-lha. — E voltas cá para a semana. Sem desculpas.

Passou os olhos pela lista: «sanduíche DE MANTEIGA DE AMENDOIM. sanduíche DE QUEIJO. sanduíche DE ABACATe. TRÊS OVOS (COM AS GEMAS!!!!). BATIDO DE BANANA.» Guardou-a no bolso das calças.

— Há outra coisa que vais fazer — acrescentou Andy. — Quando acordares a meio da noite e te quiseses cortar, ligas-me. Não importa que horas sejam, ligas-me, de acordo? — Ele anuiu. — A sério, Jude.

— Desculpa, Andy — disse ele. — Não queria andar nisto.

— Eu sei — respondeu Andy. — Mas não tens de pedir desculpa. Ou, pelo menos, não a mim.

— Ao Harold, então — retificou ele.

— Não — replicou Andy. — Ao Harold, também não. Só a ti mesmo.

Foi para casa e obrigou-se a comer uma banana, embora lhe parecesse estar a mastigar terra seca. Depois, trocou de roupa e foi acabar de lavar os vidros da sala. Começara na véspera à noite. Esfregou vigorosamente e, a dada altura, empurrou o sofá para mais perto das janelas e pôs-se de pé num dos braços. Ignorou as pontadas nas costas ao subir e descer várias vezes, e, depois, quando agarrou no balde de água imunda, e, devagar, o foi despejar na banheira. Depois da sala, limpou os vidros do quarto de Willem. Quando terminou, a dor era tão grande que teve de se arrastar até à casa de banho, onde, depois de se cortar, se estendeu para descansar, sem tocar com o braço no chão e cobrindo-se com o tapete para não arrefecer. Ouviu o telemóvel e sentou-se, desorientado, depois, estremunhado, foi ao quarto, onde o deixara — «03:00», dizia o despertador —, e aguentou a rabugice de Andy, que, apesar da hora, tinha perfeita consciência de cada palavra que ia dizendo.

«Portanto, cheguei tarde», adivinhou. Ele não respondeu. «Ouve bem, Jude», continuou Andy, «se não paras, juro que te interno. E ligo ao Harold e explico-lhe porquê. Não duvides de que estou a falar a sério.» Calou-se um momento. «E deixa-me dizer-te mais isto», continuou. «Será que ainda não te fartaste? Jude, tu não tens de te castigar desta maneira, sabes? Nada te obriga a isso.»

Não teria sabido explicar porquê — talvez a calma de Andy e o tom firme em que lhe fez aquela promessa o tenham convencido de que, dessa vez, falava a sério como até aí não fizera, mas também pode ter sido porque compreendeu que estava cansado daquilo, sim, tão cansado que, por fim, se disporia a acatar ordens —, mas o certo foi que, durante uma semana, seguiu o prescrito. Fazia as três refeições

diárias, mesmo se, por algum estranho processo alquímico, a comida se parecia transformar em lama, senão vísceras. Apesar disso, obrigava-se a mastigar e engolir, e repetia. Não sendo refeições abundantes, eram refeições. Andy ligava-lhe todos os dias à meia-noite e Willem ligava-lhe de manhã, às seis em ponto (não teve coragem de perguntar nem Willem tomou a iniciativa de lhe dizer se Andy o contactara). O pior eram as horas de permissão e, embora não tenha conseguido parar inteiramente, impôs-se limites: dois cortes por dia e nem mais um. Não podendo recorrer a esse castigo, deu por si a recuperar outros que se infligira quando ainda não aprendera como se cortar. Houvera uma fase em que saía do quarto de motel que partilhava com o irmão Luke, e, cá fora, atirava-se contra a parede uma vez e outra, até que, exausto, se deixava cair ao chão. Durante essa fase, andou com todo o lado esquerdo do corpo permanentemente negro, violáceo e azulado das equimoses. Já não fazia isso, mas não esquecera a sensação — o alívio da colisão com a parede, o prazer arrepiante de arremeter contra algo que, sabia, não se moveria.

Na sexta-feira, foi ver Andy, que, não se mostrando agradado (não aumentara de peso, não tinha nem um grama a mais do que da última vez), pelo menos, não fez sermão (também não perdera), e, no dia seguinte, apanhou um voo para Boston. Não dissera a ninguém que ia fazer isso e não avisara Harold. Sabia que Julia estava na Costa Rica, num congresso, mas que o professor não a acompanhara.

Julia dera-lhe uma cópia das chaves seis anos antes, de uma vez em que ele ia chegar para o fim de semana do Dia de Ação de Graças a uma hora em que tanto ela como Harold estariam presos em reuniões. Entrou, serviu-se de um copo de água e bebeu-o enquanto observava o jardim. Ainda não era meio-dia, portanto, Harold estava na sua partida de ténis. Foi esperá-lo na sala de estar, onde acabou por adormecer. Acordou com Harold a sacudir-lhe o ombro e a chamá-lo repetidamente num tom preocupado.

— Harold — disse, sentando-se direito. — Desculpe, desculpe. Devia ter ligado a avisar que vinha.

— Bolas, que susto. — Harold estava ofegante e cheirava a transpiração que entretanto secara. — Estás bem? Há algum problema?

— Não, está tudo bem — respondeu, sabendo, antes de apresentar a sua justificação, que ia parecer absurdo. — Lembrei-me de fazer uma visita, só isso.

— Bem... — Harold ficou momentaneamente silencioso. — É bom ver-te. — Sentou-se na sua cadeira e observou-o. — Nestas últimas semanas, praticamente desapareceste.

— Eu sei — reconheceu ele. — Peço desculpa.

Harold encolheu os ombros.

— Não tens de pedir desculpa. Fico contente por estares bem.

— Estou bem, sim — confirmou ele.

Harold inclinou a cabeça.

— Não tens cara disso, sabes?

Ele sorriu.

— Andei engripado. — O olhar fugiu-lhe para o teto, como se as suas falas estivessem ali. — A forsítia parece meio tombada.

— Eu sei. Tem sido um inverno ventoso.

— Se a quiser estacar, eu ajudo.

Harold fitou-o durante largos segundos, de lábios a mover-se muito ligeiramente, como se a querer falar ao mesmo tempo que tentava não falar.

— OK — acabou por dizer. — Vamos lá tratar disso.

Ao saírem para o jardim, o frio impôs-se com uma brusquidão quase ofensiva. Depressa ficaram os dois de nariz a pingar. Segurou a estaca e Harold martelou. A terra gelada rachava-se como barro que se parte. Quando lhes pareceu que a estaca estava bem firmada, Harold passou-lhe o cordel e ele atou os ramos mais interiores, juntando-os de maneira que ficassem bem presos, porém dando-lhes folga para florescer. Trabalhou sem pressas, certificando-se de que os nós ficavam bem dados e partindo um ou outro galho demasiado descaído para recuperar.

— Harold — começou, inclinado para o arbusto —, queria falar consigo de um assunto, mas... não sei por onde começar. *Estúpido*, disse para consigo. *Que ideia mais ridícula. Achares que isto ia mesmo acontecer... És tão estúpido.* A sua boca abriu-se para dizer o resto, mas ele fê-la fechar-se, depois abriu-a novamente. Tornara-se um peixe apatetado a largar bolhas de ar e já só queria não ter vindo, já só queria não ter dito uma palavra.

— Fala, Jude — encorajou-o Harold. — Seja o que for, podes dizer. — Calou-se. — Voltaste atrás com a tua decisão?

— Não — respondeu ele. — Nada disso. — Fez-se novo silêncio. — E o Harold, voltou atrás?

— De maneira nenhuma.

Deu o último nó e ergueu-se, e Harold não o ajudou, nitidamente porque se impediu de o fazer.

— Não lhe quero contar o que vou contar — disse, e baixou os olhos para a forsítia, despida, raquítica, feia. — Mas tenho de contar, senão... vou parecer desonesto. É que, Harold... acho que pensa que eu sou um tipo de pessoa que não sou.

Harold nada disse durante alguns segundos.

— E que tipo de pessoa acho eu que és?

— Uma boa pessoa — respondeu ele. — Alguém com decência.

— Sim, tens razão — confirmou Harold. — É a opinião que tenho de ti.

— Bem... não sou — declarou ele, e, apesar do frio, sentiu os olhos acalorados das lágrimas que não lhe vieram. — Fiz coisas... que as pessoas boas não fazem — continuou, desajeitado com as palavras. — E acho que merece saber isso. Fiz coisas terríveis, coisas de que me envergonho, e, se as soubesse, ia ter vergonha de me conhecer, quanto mais ter-me na sua família.

— Jude — pronunciou-se Harold, finalmente —, não imagino nada que possas ter feito que pudesse mudar o que sinto por ti. Não me interessa o que fizeste. Ou melhor, interessa-me. Ia gostar muito de saber como foi a tua vida antes de nos conhecermos. Mas sempre tive a sensação, muito vincada, aliás, de

que não queres falar disso em circunstância alguma. — Calou-se e aguardou. — Queres falar agora? Queres contar-me?

Ele abanou a cabeça. Queria e não queria, as duas de uma vez.

— Não posso — acabou por dizer. E começou aquela sensação abaixo da região lombar: um ligeiro despontar de desconforto, qual semente negra a germinar e a expandir-se em ramos espinhosos. *Agora não*, implorou a si mesmo, *agora não*, uma súplica tão inatendível quanto a que ele de facto queria fazer: *Nem agora nem nunca*.

— Bem. — Harold deixou sair um suspiro. — Na ausência de factos, não te posso tranquilizar quanto a nada em particular, por isso, vou dar-te uma certeza generalizada, aplicável a todos os casos particulares e na qual espero que acredites: seja o que for que fizeste, Jude, o que quer que tenha acontecido, resolves ou não contar-me algum dia, dou-te a minha palavra de honra de que nunca me fará arrepende-me de sermos família. Nunca vou querer que não sejas família. — Respirando fundo, ergueu a mão direita. — Jude St. Francis, na qualidade de teu futuro pai, aqui te absolvo de... tudo o que te aconteceu que aches que carece de absolvição.

Seria isso que buscava? Absolvição? Fixou-se no rosto de Harold, nessa altura, tão familiar, que, fechando os olhos, poderia descrever cada sulco e linha de expressão, e que, não obstante os floreios e o formalismo da declaração que acabava de fazer, não sorriu, para vincar quão seriamente dissera aquelas palavras. Podia acreditar nele? *O mais difícil não é aprender*, dissera-lhe o irmão Luke certa vez, depois de ele confessar que tinha dificuldade em acreditar em Deus. *É acreditar no que aprendemos*. Sentiu que fracassara uma vez mais. Não fizera a confissão pretendida. Não tivera o cuidado de perceber qual a resposta que desejava ouvir. Não teria sido mais fácil se Harold lhe tivesse respondido que tinha razão, que talvez devessem repensar a adoção? Teria ficado arrasado, claro, mas não seria mais do que uma velha sensação que conhecia e era capaz de compreender. Mas não. Harold recusara deixá-lo afastar-se, o que abria caminho a um futuro que lhe era impossível imaginar: um futuro em que alguém podia mesmo querê-lo consigo para sempre, sendo essa uma realidade que ele jamais conhecera e para a qual não estava preparado, por não saber sequer como funcionava. Harold iria na frente e ele seguiu-o, até ao dia em que acordaria e Harold teria partido, e ele ver-se-ia abandonado e vulnerável num lugar que desconhecia, sem ninguém que lhe indicasse o caminho de regresso.

O professor continuava a aguardar uma resposta, mas, entretanto, a dor tornara-se impossível de ignorar e ele sabia que se impunha repousar.

— Harold — disse —, peço desculpa, mas acho que... é melhor ir estender-me durante um bocado.

— Claro — disse Harold, não levando de todo a mal. — Vai.

No quarto, deita-se sobre o edredão e fecha os olhos. Depois de a crise passar, exausto, diz para consigo que vai fechar os olhos durante alguns minutos, não mais, e que depois irá ver o que Harold tem na despensa. Se houver açúcar amarelo, fará um bolo. Reparou numa tigela de dióspiros na cozinha. Talvez faça um bolo de dióspiros.

Mas não acorda. Cerca de uma hora depois, Harold vem ver como ele está. Com as costas da mão, sente-lhe a temperatura no rosto, depois tapa-o com um cobertor, e ele não acorda. Antes do jantar, o professor torna a vir vê-lo, e ele não acorda. Ligam-lhe para o telemóvel à meia-noite, depois às seis da manhã, e ligam ali para casa à meia-noite e meia e às seis e meia, e Harold conversa com Andy, depois, com Willem, e ele não acorda. Dorme durante toda a manhã e continua a dormir para lá da hora do almoço. Só acorda quando Harold lhe sacode ligeiramente o ombro e o chama para o avisar de que faltam poucas horas para o seu voo.

Antes de acordar, sonha com um homem num campo. Não lhe distingue as feições, apenas vê que é alto e magro. Está a ajudar outro, mais velho, a atrelar um reboque agrícola a um camião. Reconhece o vasto céu abobadado e de uma brancura ininterrupta: está no Montana. Além disso, há o frio, tão absolutamente seco que sempre lhe pareceu qualquer coisa mais pura do que frio. Jamais sentiu um frio assim noutro lugar que não o Montana.

Continua sem ver as feições do homem, mas julga saber quem ele é, reconhece-lhe a passada larga e a maneira como cruza os braços ao ouvir as instruções do outro. «Cody», chama-o, no sonho, e o homem volta-se, mas está demasiado longe, por isso ele não consegue ver se, debaixo da pala do boné que ele traz na cabeça, as feições são as suas.

O dia 15 calha numa sexta-feira e ele resolve não ir trabalhar. Chegou a falar-se num jantar de comemoração na quinta-feira à noite, mas, finalmente, decidiram-se por um almoço cedo no dia da cerimónia (como lhe chama JB). A audiência está marcada para as dez e, logo que terminar, seguem para casa.

Harold queria contratar um serviço de *catering*, mas ele insistiu em cozinhar, e, na quinta-feira ao final do dia, vai para a cozinha e já não sai. Tudo quanto seja de forno, faz nessa noite: o bolo de chocolate e nozes, o favorito de Harold; a tarte *tatin*, que tem a predileção de Julia; e o pão de fermentação lenta, eleito dos dois. Separa quase cinco quilos de carne de caranguejo, mistura-a com ovos, cebola, salsa e pão ralado, e molda os bolinhos. Lava as batatas, descasca as cenouras, não completamente, e corta os talos das couves-de-bruxelas — no dia seguinte, já só terá de as passar por azeite antes de as pôr no forno. Põe os figos numa tigela; vai torrâ-los para servir com gelado, regados com mel e vinagrete balsâmico. O *menu* reúne tudo de que Harold e Julia mais gostam e dá-lhe prazer preparar todas aquelas coisas, é bom ter pelo menos isso para lhes oferecer, por pouco que seja. Os dois passam o serão a vir espreitar a cozinha e, embora ele repita que não é preciso, lavam os pratos e os tachos que ele vai sujando, servem-lhe ora água, ora vinho, e oferecem-se para ajudar, por mais que ele insista em que vão descansar. Por fim, vão deitar-se, depois de o fazerem prometer que em breve irá também, mas, em vez de fazer isso, ele continua a trabalhar na cozinha bem iluminada, cantando baixinho no silêncio, tratando de manter as mãos ocupadas para que a compulsão não fale mais alto.

Os últimos dias foram difíceis como ele se recorda de poucos terem sido, de tal maneira que, numa dessas noites, ligou a Andy depois da chamada de rotina à

meia-noite, e, quando Andy se ofereceu para ir ter com ele a um café às duas da manhã, ele aceitou e foi, desesperado que estava para sair do apartamento, que, de repente, se enchera de tentações irresistíveis: as lâminas de barbear, claro, mas não só. Também havia as facas, as tesouras e os fósforos, e degraus de onde se atirar. Sabe que, se for para o quarto, não se conseguirá impedir de seguir diretamente para a casa de banho, onde há muito escondeu um saco de conteúdo idêntico ao que tem na Lispernard Street, colando-o também com fita adesiva debaixo do lavatório. Os braços doem-lhe de anseio, mas ele resolveu que não cederá. Sobrou-lhe massa crua e massa lêveda e decide fazer uma tarte de pinhões e mirtilos, e talvez um bolo tipo tarte, que cobrirá com rodela de laranja e mel. Quando saírem do forno, pouco faltará para amanhecer — o perigo terá passado e ele ter-se-á conseguido salvar.

Malcolm e JB vão apanhar o primeiro voo, mas Willem, que não punha a hipótese de faltar, afinal não estará presente. Ligou há um semana a explicar que as filmagens se atrasaram e que só regressa a 18, quando, originalmente, regressaria a 14. É daquelas situações sem remédio e ele sabe, mas, ainda assim, a ausência de Willem entristece-o quase violentamente. Sem Willem, um dia tão especial não será especial de todo. «Liga-me logo que saíam», pediu ele. «Parte-me o coração não poder estar contigo.»

Acabou por convidar Andy durante um dos habituais telefonemas à meia-noite, de que, entretanto, começou a gostar. Discutem banalidades, coisas normalíssimas — a mais recente nomeação para o Supremo Tribunal de Justiça, a mais recente alteração à legislação de acesso aos cuidados de saúde (que ele aprova e Andy, não), uma biografia de Rosalind Franklin que ambos leram (ele gostou, Andy, não), a renovação do apartamento de Andy e Jane — e ele descobriu que isso o acalma. Foi inusitadamente cómico ouvir Andy exclamar, com sentida indignação, «Foda-se, Jude, deves estar a gozar com a minha cara!», não a propósito dos cortes ou da sua falta de jeito a fazer os pensos, mas antes se referindo às suas opiniões sobre filmes e livros, o presidente da Câmara de Nova Iorque ou os melhores tons para as paredes de uma casa. Ao compreender que Andy não aproveitaria aquelas ocasiões para o repreender ou para fazer sermões, passou a descontraí-lo e desfrutá-las, e, de caminho, ficou a saber mais um pouco sobre Andy, que lhe falou de Beckett, o seu irmão gémeo, também médico, porém, cirurgião cardíaco, que vive em São Francisco com o namorado, que Andy detesta — aliás, andava a tramar para fazer Beckett deixá-lo. Também lhe contou que os pais de Jane estavam com ideias de lhes dar a sua casa em Shelter Island; que, no secundário, pertencera à equipa de futebol da escola, um roubo de americanice que deixara os pais apreensivos; e que fizera o terceiro ano do curso em Siena, onde namorara com uma rapariga de Lucca e engordara quase dez quilos. Não era inédito Andy falar de si — acabava por deixar escapar uma coisa ou outra ao conversarem no final de cada consulta —, porém, ao telemóvel, tornava-se mais falador, e ele conseguiu fazer de conta que Andy era apenas um amigo e não o seu médico, embora o propósito da chamada quebrasse a ilusão.

— Não quero de maneira nenhuma que te sintas obrigado a estar lá —

apressou-se a ressaltar mal fez o convite.

«Irei com todo o gosto», respondeu Andy. «Já me andava a perguntar porquê a demora em ser convidado.»

Isto fê-lo sentir-se mal.

— Não queria que te sentisses obrigado a passar ainda mais tempo com o teu paciente esquisitoide que já te faz a vida tão difícil — justificou-se.

«És mais do que o meu paciente esquisitoide, Jude», respondeu Andy. «Também és o meu amigo esquisitoide.» Calou-se um instante. «Ou, pelo menos, assim espero.»

— Claro que sim — disse ele, com um sorriso que Andy não viu, mas talvez tenha ouvido. — É uma honra ser o teu amigo esquisitoide.

Portanto, Andy também estará presente, mas regressará à tarde, enquanto Malcolm e JB passarão a noite em Cambridge, regressando os três no sábado.

À chegada, surpreendeu-o — e foi tocante — ver que Harold e Julia se tinham esmerado na limpeza e arrumação da casa, feito de que se mostraram orgulhosos. «Olha só!», ia dizendo ora um, ora outro, indicando triunfalmente mais uma mesa, cadeira ou recanto normalmente ocupados por pilhas de livros e publicações científicas ou jurídicas, mas que, para a ocasião, se apresentariam desatarralhados. Havia flores por toda a parte (flores de inverno: couves ornamentais, ramos de cornizo carregados de pequenas flores brancas e narcisos igualmente brancos, cuja fragrância adocicada tinha uma levíssima sugestão de excrementos), os livros tinham sido arrumados nas estantes e mesmo o forro puído do sofá fora trocado.

— E vê só isto, Jude — anunciou Julia, segurando-lhe o braço para irem os dois admirar o prato de porcelana *celadon* na consola no corredor, que ele se lembrava de ver pela primeira vez já lascado, com os cacos a ganharem pó numa tigela. Pois bem: fora colado, limpo e polido.

— Ena — elogiava ele, ao ser-lhe mostrado cada aprimoramento, de sorriso tolo estampado na cara, feliz de os ver felizes. Pouco lhe importava, jamais importara, que a casa estivesse arrumada ou não (podiam ter-se rodeado de colunas jónicas feitas de velhas edições do *New York Times* e abrigado colónias de ratos grandes e gordos em constante chiadeira e ser-lhe-ia indiferente), mas sabia que Harold e Julia estavam convencidos de que ele ligava a isso: por mais que tivesse tentado uma vez e outra convencê-los de que não era o caso, tinham interpretado equivocadamente o seu incessante e fastidioso vício das limpezas como uma censura. Nesta fase, limpava para não pensar noutras coisas e não as fazer, ao passo que, durante o curso, as limpezas eram a sua maneira de mostrar gratidão aos amigos. Conseguia fazê-las sem dificuldade e estava habituado. Era a sua modesta retribuição por tanto que eles lhe davam. JB, que gostava de desordem, nem se dava conta. Malcolm, habituado desde pequeno a ter governanta, via e agradecia-lhe. Só Willem não gostava.

— Para, Jude — chegou a dizer, segurando-lhe o pulso quando ele estava a recolher as camisas sujas que JB deixara amontoadas no chão. — Não és a criada. — Mas ele não parara. Não conseguira, e continuava a não conseguir.

Quando limpa as bancadas da cozinha pela última vez, são quase quatro e meia

da manhã. Arrasta-se até ao quarto, manda uma mensagem a Willem a pedir-lhe que não lhe ligue e mergulha num sono breve e brutal. Acorda, faz a cama, toma um duche, veste-se e vai à cozinha. Harold está de pé junto da bancada, a ler o jornal enquanto bebe o café.

— Ena — diz o professor, quando o vê. — Estás todo bonito.

Ele abana automaticamente a cabeça, mas é verdade: a gravata é nova e cortou o cabelo na véspera. Não acha que esteja bonito, não diria tanto, mas sente-se asseado e apresentável, como, de resto, se esforça por estar em qualquer ocasião. Raramente vê Harold de fato, mas, desta vez, foi essa a indumentária escolhida pelo professor, e, de repente, fica atrapalhado ante a solenidade da ocasião.

Harold sorri.

— Ontem ficaste acordado até tarde, claramente. Dormiste alguma coisa?

Ele também sorri.

— Dormi que chegue.

— A Julia está a acabar de se arranjar — diz o professor —, mas, entretanto, tenho uma coisa para ti.

— Para mim?

— Exato — confirma Harold. Sobre a bancada, ao lado da sua caneca, está um estojo de pele do tamanho de uma bola de basebol. O professor estende-lho e ele abre-o. Reconhece o mostrador branco com a numeração sóbria e fácil de ler. É o relógio de Harold. A pulseira preta de couro de crocodilo é nova. — O meu pai ofereceu-mo quando fiz trinta anos — explica o professor, vendo-o silencioso. — Era dele. Atendendo a que tu *ainda* tens trinta anos, diria que consegui manter o ritual. — Segura a caixa, retira o relógio, e, voltando-o, mostra-lhe as iniciais gravadas no verso do mostrador: *SS/HS/JSF* — O meu pai chamava-se Saul Stein — explica. — «HS» sou eu e «JSF», tu. — Entrega-lhe o relógio.

Ele passa suavemente o polegar pela gravação.

— Não posso aceitar isto, Harold — acaba por dizer.

— Claro que podes — insiste o professor. — É teu, Jude. Comprei um novo para mim, portanto, já não me podes devolver esse.

Sente o olhar de Harold.

— Obrigado — diz, após um momento. — Obrigado. — Não lhe ocorre outra palavra.

— É um prazer oferecer-to — assegura o professor. Ficam em silêncio durante instantes, depois, caindo em si, ele desaperta a pulseira do seu relógio e troca-o pelo de Harold, agora, seu, depois mostra-lhe o pulso. — Perfeito — diz o professor. — Fica-te impecavelmente.

Prestes a responder (mas o quê?), ouve JB e Malcolm. Ali estão os dois, ambos de fato.

— A porta estava no trinco — justifica-se JB, e, ignorando Malcolm, que suspira, avança e abraça o professor. — Harold! É um menino! Parabéns!

— Que piada *tão* original — resmunga Malcolm, e acena a Julia, que acaba de entrar na cozinha.

Entretanto, chega Andy, depois, Gillian. Laurence juntar-se-á a eles no

tribunal.

Tocam à porta.

— Vem mais alguém? — pergunta ele a Harold, que responde com um encolher de ombros.

— Podes ir tu? — pede-lhe.

Ele assim faz e, ao abrir, depara-se com Willem. Durante um segundo, apenas o olha, sem reação, depois, antes que tenha tempo de dizer a si mesmo para não se exceder na reação, já Willem saltou em diante qual gato-almiscarado, e abraça-o com tanta força, que, por um instante, ele julga que vai cair.

— Enganei-te? — diz-lhe Willem ao ouvido, e ele ouve-lhe o sorriso na voz, e, pela segunda vez nessa manhã, fica sem palavras.

Haverá uma terceira: o tribunal. Vão em dois carros e, sentado atrás com ele (Harold vai ao volante e Malcolm, ao seu lado), Willem explica que o regresso tinha sido adiado, de facto, mas que tornaram a mudar a data e ele resolveu fazer-lhe uma surpresa, avisando apenas os outros.

— Sim, Willem, e, a propósito, obrigadinho — diz Malcolm. — Tive de andar feito agente da CIA em cima do JB para ele não se descoser.

Seguem não para o Tribunal de Família e Menores, mas para o Tribunal de Última Instância, que fica na Pemberton Square. Na sala de audiência de Laurence — é estranho vê-lo de beca, é um dia em que todos vestiram personagens —, ele, Harold e Julia cumprem o cerimonial ante o sorriso embevecido de Laurence e segue-se o frenesim das fotos, com cada um a querer tirar as suas e os demais a reagrupar-se e a posar uma vez e outra. Só ele não tira uma única foto, porque o querem em todas.

Ladeado por Harold e Julia, aguarda que Malcolm perceba como funciona a sua máquina enorme e complicada. Entretanto, ouve o seu nome, olham os três e JB dispara.

— Já está — diz, satisfeito. — Agradecido.

— JB, espero bem que isso não seja para... — começa a dizer, mas Malcolm anuncia estar a postos para os fotografar, e, obedientes, os três tornam a voltar-se para ele.

Ao meio-dia, estão de regresso à casa, e, pouco depois, começam a chegar os convidados: Gillian e Laurence, James e Carey, e colegas de Julia e Harold — alguns dos quais ele não tornou a ver desde que foi seu aluno no curso de Direito. Ali está o seu antigo professor de voz; o professor de Matemática, o Dr. Li; o Dr. Kashen, seu orientador de mestrado; Allison, a sua patroa na Batter; e Lionel, de quem os quatro ficaram amigos no tempo da Casa dos Capelos e que agora é professor de Física no Wellesley College. O vaivém estende-se pela tarde: chegam novos convidados enquanto outros saem para aulas, reuniões ou audiências. Inicialmente, ele não queria tanta gente — indo Harold e Julia tornar-se seus pais, isso não despertaria (encorajaria, até) perguntas sobre não os ter? —, mas as horas passam e ninguém indaga porque precisa ele de novos pais, e acaba por esquecer esse medo. Tem consciência de que partilhar tão amplamente a notícia da adoção acaba por ser um exercício de gabarolice, que não poderá deixar de ter

consequências, mas é mais forte do que ele. *Só desta vez*, implora a quem no mundo estiver incumbido de o castigar por se atrever a tal comportamento. *Deixa-me festejar isto que me está a acontecer, só desta vez.*

Na ausência de precedente de etiqueta para uma festa assim, os convidados encarregaram-se de a inventar: os pais de Malcolm enviaram uma garrafa *magnum* de champanhe e uma caixa de um tinto «supertoscano» de uma vinha perto de Montalcino de que são coproprietários. A mãe de JB fê-lo trazer um saco de serapilheira com bolbos de narciso amarelo *heirloom* para Harold e Julia, e um cartão para ele, e as tias mandaram uma orquídea. Do gabinete do procurador-geral chegou uma gigantesca grade de fruta, com um cartão assinado por Marshall, Citizen e Rhodes. Os convidados chegam com vinho e flores. Allison, que há anos o desmascarou perante Harold como criador dos biscoitos-bactérias, chega com quatro dúzias dos ditos, que ela mesma decorou recriando as suas criações originais, o que o faz corar de embaraço, enquanto Julia deixa escapar um gritinho deleitado. O resto da tarde torna-se um banquete de alegrias: tudo o que ele faz é perfeito, tudo o que diz não lhe podia sair melhor. Os convidados aproximam-se para o felicitar e ele não se afasta nem foge ao contacto físico, permitindo que lhe toquem. Dói-lhe o rosto de tanto sorrir. Para ele, essa tarde vale por décadas de aprovação e afeto que não teve, por isso empanturra-se e a estranheza da sensação deixa-o com a cabeça à roda. Ouve Andy e o Dr. Kashen falarem de um projeto ainda não aprovado para um gigantesco aterro em Gurgaon; observa Willem, que, armado de infinita paciência, dá atenção ao seu antigo professor de Direito Civil; repara em JB a explicar ao Dr. Li que a cena artística nova-iorquina está «toda fodida» e não tem salvação; e vê Malcolm e Carey tentarem chegar aos bolinhos de caranguejo maiores sem que a pilha se desmorone.

À noitinha, não restam convidados e os seis — ele, Harold, Julia, Malcolm, JB e Willem — podem finalmente sentar-se e descansar. A casa está outra vez caótica. Julia fala em jantar, mas todos — incluindo ele — estão demasiado cheios e ninguém, incluindo JB, quer ouvir falar em comida. JB ofereceu, a Harold e Julia, um retrato do seu filho adotivo, esclarecendo, antes de lho entregar: «Não fiz a partir de uma foto, baseei-me em esboços.» Usou tinta da China e aguarela sobre papel para o desenhar do pescoço para cima, um pouco maior do que o tamanho real, e o estilo é diferente do que ele passou a associar às criações de JB. É um retrato simples e depurado, de carácter mais gestual e imediato, feito numa paleta sombria em que predominam os cinzentos. A mão direita paira sobre a garganta, como se ele estivesse à beira de se estrangular, os lábios estão entreabertos e as pupilas, dilatadas, lembrando os olhos de um gato no escuro. É ele, sem dúvida — reconhece-se inclusivamente no gesto, embora naquele momento não lhe ocorra o que o mesmo sinaliza ou que emoção o convoca. Os cinco admiram o retrato sem dizer palavra.

— Acho que me saiu particularmente bem — acaba por dizer o próprio JB, com evidente satisfação. — Diga-me se alguma vez o quiser vender, Harold — acrescenta, fazendo-os rir, o que põe fim ao silêncio.

— Está maravilhoso, JB, obrigada — diz Julia, e Harold faz eco das suas palavras. Já ele tem a reação que se tornou habitual de cada vez que vê um retrato seu assinado por JB: custa-lhe destrinçar a beleza do quadro em si do desagrado que a imagem da sua pessoa lhe provoca, mas não quer ser indelicado, por isso repete os elogios já feitos.

— Calma, eu também trouxe uma coisa — diz Willem, que se ausenta momentaneamente para ir ao quarto. Regressa com uma estatueta de madeira que terá pouco menos de cinquenta centímetros: um homem barbudo vestido com uma túnica azul-hortênsia e com os cabelos arruivados rodeados de um halo de chamas que sugere uma cobra-capelo retesada para o ataque. Erguido, o braço direito cruza o peito, enquanto o esquerdo permanece junto do corpo.

— Quem é esse cromo? — pergunta JB.

— Este cromo — responde Willem — é São Judas, também chamado Judas Tadeu. — Pousa-o na mesa de centro e volta-o para Julia e Harold. — Encontrei-o num antiquário em Bucareste — explica. — Disseram-me que é de finais do século xix, mas tenho as minhas dúvidas. Provavelmente, é desses santos que se vendem nas aldeias. Seja como for, achei bonito. É bem-apessoado e impõe respeito, aqui como o nosso Jude.

— Concordo — diz Harold, segurando a estatueta para a apreciar. Passa os dedos pelo panejamento e pela coroa de fogo. — Porquê as chamas?

— Simbolizam o Espírito Santo que desceu sobre os Apóstolos — ouve-se responder, porque não se livrou dos ensinamentos da infância, que são como tralha acumulada na sua mente. — São Judas Tadeu era um deles e esteve presente no Pentecostes.

— Como sabes isso? — indaga Malcolm, e Willem, sentado ao seu lado, dá-lhe um discreto toque de aviso.

— Claro que sabes isso — diz-lhe, como se apenas ele o pudesse ouvir. — Esqueço-me sempre. — E ele enche-se de gratidão por Willem, não por se lembrar, mas por se esquecer.

— «O santo padroeiro das causas perdidas e casos desesperados» — recita Julia, tirando a estatueta das mãos de Harold, e, ao ouvi-la, ele recorda prontamente as palavras da oração de menino, a última que dizia antes de dormir: *São Judas Tadeu, nosso socorro no desespero, rogai por nós que recorremos a vós e livrai-nos de todas as aflições*. Só mais crescido se envergonharia do nome e da maneira como o anunciava ao mundo, e perguntava-se se a troca teria sido intencional, se os irmãos teriam querido que soasse como ele estava seguro de que toda a gente o interpretava: como um diagnóstico, como uma profecia. Mas também havia momentos em que sentia que só o nome tinha de verdadeiramente seu, por isso, embora não tivessem faltado ocasiões em que o podia ter mudado, em que o devia ter mudado, jamais fizera isso.

— Obrigada, Willem — agradeceu Julia. — Adorei o presente.

— Eu também — juntou-se Harold. — Meus caros, foram encantadores.

Também ele trouxe um presente para Harold e Julia, mas, com o avançar do dia, pareceu-lhe cada vez mais tolo e insignificante. Anos antes, Harold comentou

que, em Viena, durante a lua de mel, ele e Julia tinham ouvido os primeiros *lieder* de Schubert num recital, mas que não se lembrava de quais gostara particularmente, por isso ele fez uma seleção pessoal, juntando-lhe outras canções de que gostava, nomeadamente, de Bach e Mozart, depois alugou um pequeno estúdio, gravou-se a cantá-las e fez um CD. Para mais, Harold continua a pedir-lhe ocasionalmente que cante para si e Julia, mas ele nunca foi capaz, por timidez. Agora, porém, o presente parece-lhe um tiro ao lado, uma insignificância, além de horripilantemente gabarola, e envergonha-se de ter sido tão presunçoso. Ainda assim, não consegue deitar fora o disco. Por isso, quando os demais se erguem e enquanto se espreguiçam e dão as boas-noites, ele escapa-se e vai esconder o CD, juntamente com duas cartas que escreveu, para Harold e Julia, entre dois livros numa prateleira baixa: um maltratado exemplar de *Common Sense* e uma muito manuseada edição de *Ruído Branco*. Talvez o seu presente ali fique durante décadas.

Sendo Willem o único que consegue suportar os roncos de JB, normalmente dormem os dois lá em cima, no gabinete de trabalho de Harold, enquanto ele e Malcolm dormem no rés do chão. Nessa noite, porém, quando chega a hora de se recolherem para dormir, Malcolm voluntaria-se para dormir com JB, para que ele e Willem possam pôr a conversa em dia.

— Durmam bem, pombinhos — despede-se JB, debruçado do corrimão.

Enquanto se preparam para dormir, Willem conta-lhe mais histórias da rodagem: a protagonista transpirava tanto que tinham de lhe empoeirar a cara ao fim de dois *takes*; o protagonista, que fazia de Diabo, passava a vida a tentar cair nas boas graças da equipa técnica, pagando-lhes cervejas e perguntando quem queria jogar uma peladinha, mas depois esquecia-se das falas e fazia birras no *set*; e o ator inglês de nove anos que fazia de filho da protagonista abordara-o no *catering* para lhe dizer que não devia comer bolachas de água e sal por serem calorias vazias, e, para rematar, perguntara-lhe se não tinha medo de ficar gordo. Willem vai contando todas estas anedotas e ele farta-se de rir enquanto escova os dentes e lava a cara.

Apagada a luz, ficam os dois acordados no escuro, ele, na cama, Willem, no sofá-cama — depois de alguma discussão, porque ele queria que fosse Willem a dormir na cama. Então, Willem diz, quase a medo:

— Praticamente esterilizaste a merda do apartamento.

No escuro, ele encolhe-se de vergonha.

— Eu sei. Desculpa.

— Não tens de pedir desculpa — tranquiliza-o Willem. — Diz-me só, Jude... foi muito mau?

Isto dá-lhe a saber que Andy falou mesmo com Willem e que lhe contou pelo menos uma parte do que se estava a passar, por isso, resolve não mentir.

— Não foi maravilhoso — admite. Depois, não querendo que Willem se sinta culpado, acrescenta: — Mas também não foi horrível.

Ficam calados.

— Quem me dera poder ter estado contigo — murmura Willem.

— E estiveste — tranquiliza-o ele. — Mas, Willem... fizeste-me falta.

Baixinho, Willem responde:

— Também me fizeste falta.

— Obrigado por teres vindo — acrescenta ele.

— É claro que não ia faltar, Judy — diz Willem, do outro lado do quarto. — Desse por onde desse, eu vinha.

Silencioso, ele saboreia a promessa e grava-a no pensamento, para futuramente lhe recorrer em todos os momentos em que mais precisar.

— Achas que correu bem? — pergunta.

— Estás a gozar? — replica Willem, que se ergueu apoiado nos cotovelos, percebe ele ao ouvir-lhe a voz. — Tu *viste* a cara do Harold? Parecia que o Partido Verde tinha elegido o presidente, que a Segunda Emenda tinha sido abolida e que os Red Sox acabavam de ser canonizados, tudo no mesmo dia.

Ele ri-se.

— Achas?

— Sei. Ele não podia estar mais feliz, Jude. O Harold adora-te.

No escuro, ele sorri. Quem lhe dera poder ouvir Willem dizer estas coisas uma vez e outra, numa infundável sucessão de promessas e reiteraões, mas sabe que está a ser autocomplacente, por isso muda de assunto e falam de pequenas coisas, pequenos nada, até que adormecem: primeiro Willem, depois, ele.

Uma semana depois, a euforia esfuziante embrandeceu e tornou-se satisfação, serenidade. Desde o dia da cerimónia que dorme a noite inteira sem acordar e sonha não com o passado, mas com o presente — sonhos palermas envolvendo o trabalho e outros absurdamente soalheiros em que figuram os amigos. Em quase duas décadas desde que se começou a cortar, pela primeira vez, passou uma semana inteira sem que ele acordasse durante a noite porque precisava de sentir a lâmina. Talvez esteja curado, atreve-se a pensar. Talvez fosse aquela a solução desde o começo e, agora que aconteceu, tudo vá melhorar. Sente-se fantasticamente, sente-se outro, ileso, saudável, sereno. Passou a ter pais e, nalguns momentos, a ideia torna-se tão esmagadora que a imagina a manifestar-se fisicamente — em reluzentes letras douradas no seu peito, por exemplo.

Está de regresso ao apartamento. Tem Willem consigo. Willem comprou um segundo São Judas Tadeu, que puseram na cozinha, mas este outro São Judas, maior do que o de Harold e Julia, é de cerâmica e oco e tem uma ranhura na nuca, onde, ao chegarem ao final do dia, os dois enfiam as moedas que trazem nos bolsos. Já decidiram que, quando estiver cheio, comprem uma garrafa de um excelente vinho e a bebem inteira, depois recomeçam.

Ainda não sabe, mas nos anos que estão por vir, porá repetidamente à prova a afirmação solene de Harold de que jamais se arrependeria de o querer para filho. Arremeterá contra todas as promessas de Harold para lhes testar a resistência, não tendo sequer consciência do que está a fazer. Mas, consciente ou não, fá-lo-á, porque uma parte de si jamais acreditará em Harold e Julia. Por muito que queira, por mais que se julgue convencido de que acredita neles, isso não se concretizará, e viverá convencido de que os dois acabarão por se fartar dele, de que

chegará o dia em que se arrependerão de lhe ter aberto os braços. Por isso, desafiá-los-á, para que, quando a sua ligação chegar ao fim, como é inevitável que aconteça, ele possa olhar para trás e ter a certeza de que foi quem provocou isso, tal como quererá saber qual foi exatamente o incidente que determinou esse desfecho, porque, dessa maneira, jamais se perguntará, jamais sofrerá por não saber o que fez de errado ou o que poderia ter feito melhor. Mas isso é o futuro. Por ora, a sua felicidade é perfeita.

No primeiro sábado após o regresso de Boston, segue para o Upper East Side, onde o espera Felix. Mr. Baker pediu-lhe que chegasse uns minutos mais cedo. A conversa não é demorada e então desce e vai encontrar o pequeno à sua espera na sala de música, a tocar notas soltas no piano.

— Muito bem, Felix — diz-lhe, depois do piano e do Latim, no intervalo que precede o Alemão e a Matemática. — O teu pai já me contou que, para o ano, vais para o colégio.

— Sim — confirma o pequeno, a olhar para os pés. — Em setembro. O meu pai estudou lá.

— Pois, já sei. Estás entusiasmado?

Felix encolhe os ombros.

— Não sei — responde, após um momento. — O pai diz que me vai ajudar a ficar a par da matéria agora na primavera e durante o verão.

— E vou — promete ele. — Vais lá chegar tão bem preparado que os vais deixar de cara à banda. — Embora o pequeno continue de olhos no chão, vê-lhe as maçãs do rosto ficarem um nadinha mais cheias, portanto, fê-lo sorrir, ainda que apenas ligeiramente.

Não sabe o que o faz dizer o que diz a seguir — talvez a empatia, ou assim espera, mas também pode ser simples vontade de se vangloriar da improvável e espantosa reviravolta na sua vida no espaço de um mês.

— Sabes, Felix — diz —, eu também não tive amigos durante muito tempo. Tive de esperar até ser bastante mais crescido do que tu. — Embora não olhe, sente que o pequeno ficou alerta, sente que Felix o está a ouvir. — Eu também queria muito ter amigos — continua, sem se apressar, porque não se quer enganar numa única palavra. — E perguntei-me muitas vezes se os iria arranjar, como e quando. — Passa o indicador pelo tampo escuro de madeira de nogueira, pela lombada do manual de Matemática, pelo seu copo de água. — Depois fui para a faculdade e conheci pessoas que, por alguma razão, decidiram ser minhas amigas e me ensinaram... tudo, para dizer a verdade. Fizeram e continuam a fazer com que eu seja alguém melhor do que realmente sou.

» Vou dizer-te uma coisa que possivelmente não vais entender, mas talvez entendas dentro de uns anos. A amizade tem um único segredo, acho eu: encontrarmos pessoas melhores do que nós. Não me refiro a pessoas mais espertas ou mais fixes, mas sim a pessoas mais bondosas, mais generosas, mais capazes de perdoar. Nessa altura, compete-nos saber aprender com elas, tentar escutar quando nos dizem algo sobre nós mesmos, seja uma crítica ou um elogio, e confiar nelas, que é o mais difícil. Mas também é a maior recompensa.

Silenciosos, ouvem o metrónomo, que, desregulado, por vezes começa a marcar o compasso ainda que ele o tenha parado.

— Tu vais fazer amigos, Felix — assegura ele. — Garanto-te. Vai dar-te muito mais trabalho não os perder do que encontrá-los, mas garanto-te que o esforço valerá a pena. Bem mais do que aquele que empregamos, por exemplo, a aprender Latim. — Felix ergue o olhar para ele e sorri, e ele sorri-lhe de volta. — Estamos entendidos? — pergunta.

— Sim — responde o pequeno, ainda sorridente.

— E agora, Alemão ou Matemática?

— Matemática — responde Felix.

— Boa escolha — elogia ele, e puxa o manual para diante do seu explicando.

— Onde ficámos da última vez? — Felix encontra a página e começam.

[III] Retoques

No segundo ano do curso, as suas vizinhas do lado na residência eram um trio de lésbicas finalistas que tinham uma banda, as Backfat, e que, por alguma razão, engraçaram com JB (acabando a simpatia por se estender a Jude, depois, Willem, e, por último, não sem relutância, Malcolm). Quinze anos depois de eles se terem licenciado, duas delas eram um casal e viviam em Brooklyn. Dos quatro, só JB mantinha contacto regular. Marta era advogada de direito do trabalho e dava apoio jurídico numa organização sem fins lucrativos, e Francesca era cenógrafa.

— Pessoal, tenho uma ótima notícia! — anunciou JB em outubro, numa sexta-feira em que se juntaram os quatro para jantar. — As bruxas de Bushwick ligaram-me. A Edie está cá! — Edie era o terceiro elemento do trio sáfico, uma américo-coreana musculada e chorona que vivia entre São Francisco e Nova Iorque e parecia continuamente em vésperas de se lançar nalguma aventura profissional de contornos inverosímeis. Da última vez que se tinham encontrado, estava de viagem marcada para Grasse, onde iria aprender as artes de perfumista, quando oito meses antes concluíra um curso de cozinha afegã.

— E é ótima porque? — replicou Malcolm, que nunca perdoara inteiramente o trio pela inexplicável antipatia que lhe tinham.

— Bem... — começou JB, depois fez uma pausa e arreganhou um sorriso. — Ela está em transição!

— Vai ser um *homem*? — admirou-se Malcolm. — Tem dó, JB. Conhecemo-la há que tempos e nunca lhe vi ideias de disforia de género! — A pretexto de um ex-colega que fizera a transição havia um ano, Malcolm proclamara-se especialista na matéria e começara a dar-lhes sermões a respeito da sua intolerância e ignorância, até JB finalmente perder a paciência e gritar: «Não chateies, Malcolm, eu sou muito mais trans do que o Dominic jamais vai ser!»

— Bem, é o que ela está a fazer, ponto final — manteve JB. — As bruxas vão homenageá-la com uma festa lá em casa e estamos todos convidados.

Os outros deixaram escapar queixumes.

— JB, viajo para Londres dentro de cinco semanas e tenho montes de merdas para organizar — queixou-se Willem. — Não posso perder uma noite em Bushwick a ouvir a Edie Kim queixar-se de tudo nesta vida.

— Não podes *não* ir! — esganiçou-se JB. — Elas falaram *especificamente* em ti! A Francesca vai convidar uma gaja que te conheceu não sei onde e te quer ver outra vez. Se faltas, elas vão pensar que agora te achas acima delas. Além disso, vai lá estar uma data de pessoal que não vemos há séculos...

— Certo, e talvez haja motivo para isso — observou Jude.

— E, Willem, seja quem for que andas a espetar, ela não foge por ires passar uma horita em Brooklyn. Não estamos a falar propriamente de ir ao fim do mundo. É em *Bushwick*. O Judy leva-nos. — Jude comprara um carro havia um ano; não era, de maneira nenhuma, um modelo de luxo, mas JB adorava que ele

lhe desse boleia.

— Hã? Eu não vou — disse Jude.

— Porquê?

— Estou numa cadeira de rodas, JB, ou não vês? Se bem recordo, o prédio da Marta e da Francesca não tem elevador.

— Isso era o antigo — replicou JB, triunfal. — Vês o tempo que passou? Elas mudaram-se e agora têm elevador e de que maneira: um monta-cargas. — Recostou-se e ficou a tamborilar na mesa, e os outros três fecharam-se num silêncio resignado. — OK, marquem nas agendas!

No sábado em questão, encontraram-se nas águas-furtadas de Jude na Greene Street e seguiram para Bushwick. À chegada, Jude deu a volta ao quarteirão sem conseguir arranjar lugar para estacionar.

— Ali atrás havia um — disse JB, ao fim de dez minutos.

— Era uma zona de carga e descarga — esclareceu Jude.

— Basta pões o dístico de deficiente à vista e podemos estacionar onde nos apetecer — queixou-se JB.

— Sabes muito bem que não gosto de o usar.

— Se não o usas, tens carro para quê?

— Acho que aquilo é um lugar, Jude — apontou Willem, ignorando JB, que resmungou:

— Estamos a sete quarteirões do apartamento.

— Cala-te, JB — impacientou-se Malcolm.

Na festa, requisitados por pessoas diferentes, foram cada um para seu lado. Willem viu JB ser levado por Marta sem direito a contestação. «Socorro», disse-lhe Jude, movendo os lábios sem som, e Willem sorriu e acenou-lhe. «Coragem», respondeu, também apenas com os lábios, e Jude revirou os olhos. Willem sabia que ele viera contrariado; não lhe apetecia explicar repetidamente porque estava numa cadeira de rodas.

«Por favor, não me obrigues a ir sozinho», suplicara Willem.

«Não vais sozinho. Vais estar com o JB e o Malcolm.»

«Sabes muito bem o que eu quero dizer. Ficamos lá quarenta e cinco minutos e piramo-nos. O JB e o Malcolm logo arranjam maneira de voltar se lhes apetecer ficar mais tempo.»

«Quinze minutos.»

«Meia hora.»

«OK, combinado.»

Willem, entretanto, foi caçado por Edie Kim, que continuava basicamente igual a quem ele conhecera no curso. Talvez estivesse um nadinha mais cheia, mas, de resto, era a mesma pessoa. Abraçou-a.

— Edie — saudou. — Parabéns.

— Obrigada, Willem — disse ela, e sorriu-lhe. — Estás fantástico. Mesmo, livra. — JB viera várias vezes com a conversa de que Edie tinha um fraquinho por ele, mas Willem nunca o levava a sério. — Adorei *Os Detetives Transcendentes*. O teu papel é espetacular.

— Ah — murmurou ele. — Obrigado. — Odiara fazer *Os Detetives Transcendentes*. Na verdade, odiara tanto a experiência (o enredo fantástico prendia-se com uma dupla de detetives metafísicos que entravam no subconsciente de amnésicos; o realizador era tão tirânico que o ator que fazia o outro protagonista desistira ao fim de duas semanas de rodagem, o que obrigara à sua substituição, e não havia dia em que alguém não deixasse o *set* desfeito em lágrimas), que nem chegara a ver o filme. — Conta coisas — pediu, procurando mudar de conversa. — Quando vais...

— O Jude está numa cadeira de rodas porquê? — interrompeu-o Edie.

Willem suspirou. Dois meses antes, depois de quatro anos, Jude tivera de recomeçar a usar diariamente a cadeira de rodas, algo que não lhe acontecia desde os 31. Dissera-lhes exatamente o que deviam responder de cada vez que alguém lhes perguntasse sobre o assunto, e foi essa resposta que Willem recitou:

— Não é definitivo. Ele está com uma infeção na perna e dói-lhe quando anda distâncias maiores.

— Coitado — disse Edie. — A Marta contou-me que ele deixou o gabinete do procurador-geral e agora tem um cargo importante numa grande firma qualquer. — JB também desconfiara durante muito tempo que Edie tinha um fraquinho por Jude, o que, aos olhos de Willem, se afigurava muito possível.

— Sim, já faz uns aninhos — confirmou, desejoso de passar a outro assunto. Não queria responder a perguntas que as pessoas deveriam fazer ao próprio Jude. Dava-lhe prazer falar de Jude e sabia o que podia ou não dizer sobre ele ou em seu nome, mas desagradava-lhe o tom de confiança sorrateira que as pessoas adotavam ao perguntar sobre ele, como se, usando de falinhas mansas ou de alguma perícia, o fossem fazer revelar alguma coisa que o próprio Jude não lhes diria. (E claro que ele tão-pouco o faria.) — Mas conta, Edie: deves estar empolgada. — Deteve-se. — Desculpa, já devia ter perguntado: vais querer que a gente te continue a chamar Edie?

Ela franziu o sobrolho.

— Porque não havia de querer?

— Bem, enfim... — Willem hesitou. — Não sei em que fase do processo estás e...

— Qual processo?

— Hum... a transição, ou percebi mal? — Deveria ter parado com a conversa ao ver-lhe a expressão perplexa, mas continuou. — Pelo menos, foi o que nos contou o JB: que estavas em transição.

— Exato. Para Hong Kong — esclareceu Edie, ainda de sobrolho franzido. — Vou ser consultora *freelancer* de nutrição vegana. Vou trabalhar com negócios de dimensão média na área da hotelaria e restauração. Espera... achavas que eu ia fazer a transição de género?

— Meu deus, que vergonha — balbuciou Willem, assaltado por dois pensamentos que se equiparavam em urgência: *Vou matar o JB; Quando o Jude ouvir isto, não vai acreditar*. — Edie, peço mil desculpas.

Recordou que, durante o curso, Edie sempre fora imprevisível: deixava-se

afetar por ninharias infantis (certa vez, dera com ela lavada em lágrimas porque uma bola do gelado lhe caíra em cima dos sapatos novos), mas, tratando-se de acontecimentos impactantes (a morte da irmã ou quando acabara com a namorada, num confronto em pleno pátio principal que envolvera gritaria descabelada e uma batalha de bolas de neve, e a que todos os residentes da Casa dos Capelos tinham assistido debruçados das janelas), mostrava-se imperturbável. Não sabia em que categoria se arrumava a sua gafe e a própria Edie parecia estar ainda a decidir. A sua boca miudinha ia ensaiando trejeitos confusos, até que finalmente lhe saiu uma gargalhada.

— Hannah! Hannah! — chamou, falando para alguém do outro lado das águas-furtadas. — Chega aqui! Tens de ouvir esta! — Suspirando de alívio, Willem tornou a desculpar-se, felicitou-a uma vez mais e pôs-se a andar dali para fora.

Foi ter com Jude. Os dois tinham uma linguagem não verbal desenvolvida ao longo de muitos anos — quase décadas — de festas assim, uma pantomima em que todos os gestos significavam o mesmo — *socorro!* —, apenas com diferentes intensidades. Geralmente, bastava que os seus olhares se cruzassem de longe e estava comunicado o desespero, mas festas como aquela, em que a única luz era a das velas e os convidados se pareciam ter multiplicado nos escassos minutos que durara a sua conversa com Edie, tendiam a exigir linguagem corporal mais expressiva. Assim, levar a mão à nuca traduzia-se em pedir ao outro que lhe ligasse prontamente para o telemóvel, enquanto ajeitar o relógio significava: «Vem já substituir-me nesta conversa, ou, pelo menos, junta-te.» Coçar o lóbulo esquerdo significava «Vem salvar-me *neste instante*», sendo isso o que Jude vinha fazendo repetidamente nos últimos dez minutos, vira Willem pelo canto do olho. Naquele momento, viu também que Marta deixara de ser a única interlocutora de Jude: entretanto, viera ladeá-la uma mulher de ar austero que ele se lembrava vagamente de ter conhecido noutra festa (tal como se lembrava de ter antipatizado com ela). Paradas diante de Jude, praticamente se agigantando para ele, fitavam-no com expressões, mais do que curiosas, inquisitivas, que à luz das velas resultavam ferozes, como se ele fosse um menino apanhado em flagrante a arrancar um pedacinho da vedação da casinha de maçapão das duas, estando elas agora a decidir se o iam assar na grelha para acompanhar com ameixas ou cozer no forno com nabos.

Diria a Jude que tentara, que dera o seu melhor, mas que estavam em lados opostos da sala e não parava de ser abordado e puxado para conversas com pessoas que não via havia anos, ou, o que era mais irritante, pessoas que vira poucas semanas antes. Esforçando-se por abrir caminho para o ir socorrer, fez sinal a Malcolm e apontou-lho, mas Malcolm encolheu os ombros como quem não sabe o que fazer. «O que é?», perguntou, movendo os lábios sem voz, ao que Willem dispensou a sua ajuda com um gesto: *Esquece*.

Tenho de sair daqui, pensou, ao furar pela multidão, mas a verdade era que, em regra, não lhe custava estar em festas assim. Pelo contrário, até se divertia, e suspeitava que o mesmo acontecia com Jude, ainda que em menor grau. Apesar

disso, parecia aguentar-se perfeitamente em ocasiões como aquela e havia sempre gente a querer dar-lhe dois dedos de conversa, e, embora os dois passassem a vida a queixar-se de JB, acusando-o de os arrastar para festas enfadonhas, ambos sabiam que podiam simplesmente recusar, sendo de facto essa a sua vontade, e, contudo, raramente o faziam — porque, vendo bem, que outras oportunidades havia para recorrerem à sua linguagem de semáforos humanos? Onde, senão naquelas festas, podiam exercitar uma linguagem de que, no mundo inteiro, eram os dois únicos falantes?

Em anos recentes, ao distanciar-se progressivamente dos tempos da faculdade e da pessoa que fora, havia alturas em que reencontrar amigos e conhecidos desses tempos tinha nele um efeito tranquilizador. Picava JB dizendo-lhe que nunca chegara a deixar verdadeiramente a Casa dos Capelos, mas, na verdade, admirava-lhe a capacidade de se manter — e de os manter — em contacto com muitos dessa altura, além de, não se percebia como, ter conseguido harmonizar toda a gente. Porque, embora mantivesse aquela coleção de amigos de longa data, JB olhava e vivia a vida mantendo a tónica firmemente no presente, acabando aqueles que o rodeavam — incluindo os mais fervorosos nostálgicos — por se sentir menos inclinados a revolver os despojos de festas passadas, antes se obrigando a lidar com a presente encarnação de quem estivesse à sua frente. Também lhe agradava que, no geral, aqueles a quem JB escolhera ficar ligado não se mostrassem impressionados ao falar consigo (de resto, Willem tinha dúvidas de que a sua trajetória profissional impressionasse alguém). Havia quem se tivesse começado a comportar de maneira diferente na sua presença — sobretudo no último ano, aproximadamente —, mas, na sua maioria, todas aquelas pessoas tinham vidas, interesses e ambições tão particulares, e, nalguns casos, contracorrente, que os feitos de Willem não lhes mereciam maior ou menor interesse do que os seus. JB dava-se com poetas, artistas de *performance art*, académicos, bailarinos de dança moderna e filósofos (Malcolm chegara a comentar que ele parecia ter escolhido a dedo os colegas que mais provavelmente *não* teriam dinheiro), gente que sobrevivía graças a subsídios, bolsas de criação, residências artísticas e prémios. Entre os da trupe fundada por JB durante os anos do curso, o sucesso não se definia por números de bilheteira (o agente e o gestor de carreira de Willem discordariam), nem pelos outros nomes no elenco ou pelas críticas (como faziam os seus colegas da escola de teatro). Para JB & Companhia, o sucesso apenas se podia medir da maneira mais simples: a qualidade do trabalho e o orgulho do autor no mesmo. (Havia quem lhe tivesse chegado a perguntar literalmente isso em festas como aquela: «Ah, não vi o *Black Mercury 3081*, mas conta lá: orgulhas-te do filme?» Não, não se orgulhava. Fizera de cientista intergaláctico absorto e melancólico, além de cinto negro em jiu-jítsu, que, sozinho, derrotava um gigantesco monstro espacial. Podia dizer que ficara *satisfeito* com o seu desempenho. Levava o papel a sério e esforçara-se. Mais do que isso, não podia fazer.) Por vezes, perguntava-se se estaria a ser alvo de uma partida, se o vasto círculo de amigos de JB não seria uma *performance* em que as ambições, os interesses e tudo o que era disputado no mundo real — aquele que era movido a

dinheiro, cobiça e inveja — eram preteridos em favor do puro prazer do trabalho artístico. Ocasões assim chegavam a deixar-lhe um ligeiro sabor amargo, mas no bom sentido: via aquelas festas, aquelas horas que passava com os antigos colegas e ex-capelos, como uma purificação, como um tônico que o fazia reencontrar-se com quem fora: aquele Willem eufórico porque conseguira um papel na produção que a faculdade ia levar à cena de *Apanhados no Ato* e que ao serão obrigava os companheiros de quarto a ajudá-lo a decorar as falas.

«É uma espécie de *mikvé* à tua carreira», brincou Jude, quando ele comentou as suas impressões.

«É um banho de mercado livre», contrapôs ele.

«É um clister às tuas ambições.»

«Ena, essa foi inspirada!»

Mas, ocasionalmente, as festas tinham o efeito contrário. Acontecia-lhe — assim estava a ser desta vez, por exemplo — ficar ressentido com a ideia que os outros faziam de si, tão redutora quanto inflexível: para toda aquela gente, ele era e sempre seria Willem Ragnarsson, Casa dos Capelos, suíte 8, um asno a Matemática, mas um ás com as gajas, duas pinceladas com que o tinham definido de uma maneira básica e fácil de entender. Não se podia sequer dizer que estivessem enganados — era um pouco deprimente pertencer a uma indústria em que o consideravam um intelectual apenas porque não lia certas revistas nem visitava certos *websites* e porque estudara em Yale —, mas, sabendo Willem que a sua vida estava longe de ser grande coisa, semelhante definição tornava-a ainda mais insignificante.

Também lhe acontecia detetar, no desinteresse dos seus antigos colegas pela sua carreira, uma má vontade propositada, obstinada, quase rancorosa. Fazia agora um ano, estreada nas salas a primeira grande produção em que participara, e, estando ele numa festa em Red Hook, dera por si à conversa com um pendura que nem sequer tinha sido da Casa dos Capelos, antes estivera em Dillingham Hall, a residência dos tristes, mas que, ainda assim, não falhava uma daquelas festas. Chamava-se Arthur e publicava uma revista pouco divulgada, porém respeitada, dedicada à cartografia digital.

— E tu, Willem, que tens feito ultimamente? — dignou-se perguntar depois de discorrer durante dez minutos sobre o último número de *As Histórias*, em que se destacava uma reconstituição tridimensional da rota do ópio indochinês entre 1839 e 1842.

A pergunta trouxe-lhe um daqueles momentos de desorientação que por vezes tinha naquelas festas. Acontecia ser-lhe feita num tom brincalhão, irónico, mas isso era uma maneira de o felicitar, e ele sorria e alinhava — «Ora, nada de especial», dizia, «continuo no Ortolan e agora servimos um peixe-carvão-do-pacífico com *tobiko* que é de comer e chorar por mais» —, mas também havia as ocasiões em que lha faziam inteiramente a sério. Claro que a ignorância quanto às suas andanças no mundo da representação era cada vez menos frequente, e, quando acontecia, vinha de alguém tão autoexilado do mundo da cultura e das artes que apenas ler o *New York Times* seria considerado sedicioso, ou, o que era mais

comum, de alguém que queria deixar bem claro que não respeitava — se não desprezasse — as suas escolhas, o seu trabalho e a sua pessoa, posição que vincava mantendo-se resolutamente ignorante sobre o que ele andava a fazer.

Não conhecia Arthur suficientemente para saber em qual das duas categorias se inscrevia (embora o conhecimento limitado que dele tinha já lhe tivesse permitido concluir que não simpatizava com a personagem, sobretudo com aquela sua maneira de lhe invadir o espaço pessoal de tal maneira que o encostara literalmente à parede), por isso, limitou-se a responder:

— Sou ator.

— Ah sim? — foi a insípida reação de Arthur. — E entraste nalguma coisa que eu tenha visto?

A pergunta — não a pergunta em si, mas o tom distraído e quase trocista em que fora feita — avivou-lhe a irritação, embora tenha disfarçado.

— Bem — respondeu, não se apressando —, tenho feito sobretudo cinema independente. O ano passado, entrei numa coisa pequena, chamava-se *Terra do Incenso*, e, dentro de um mês, começo a filmar *Os Invencidos*, não sei se ouviste falar no livro...? — De Arthur, nada. Willem deixou escapar um suspiro. O seu trabalho em *Terra do Incenso* valera-lhe um prémio. — E acaba de estrear outro que filmei há um par de anos; chama-se *Black Mercury 3081*.

— Interessante — pronunciou-se Arthur, cujo ar não podia ser mais enfasiado. — Acho que não ouvi falar. Hum. Vou ter de investigar. Seja como for, Willem, fico contente por as coisas te estarem a correr bem.

Detestava quando usavam aquela frase, como se o seu trabalho fosse uma fantasia com a consistência do algodão-doce, de que ele se alimentava e que enfiava pela goela dos outros, e não algo com resultados tangíveis. E detestou mais ainda naquela noite, porque, a menos de cinquenta metros — bastava Arthur voltar-se e olhar pela janela nas suas costas —, bem iluminado no topo de um edifício, estava um painel publicitário com a cara dele (não particularmente bem-disposta, de acordo, mas não podia estar, porque a sua personagem enfrentava um gigantesco extraterrestre cor de malva feito por computador), com «black mercury 3081: brevemente» em letras com meio metro de altura. Em momentos assim, sentia-se desiludido com os ex-capelos. *Não são melhores do que ninguém*, concluía. *Na hora da verdade, têm ciúmes do sucesso dos outros e tentam deitar-me abaixo. Burro sou eu, que me deixo afetar*. Mais tarde, irritava-se consigo. *Lutaste por isto, não foi?*, recordava a si mesmo. *Agora que conseguiste, porque havias de ligar ao que os outros pensam?* O problema estava em que representar é ligar ao que os outros pensam (chegava a sentir que não era outra coisa senão isso), e, por mais que gostasse de se imaginar imune às opiniões — queria pensar que, de alguma maneira, estava acima disso —, obviamente não era.

— Eu sei que esta conversa é mesquinha — desabafou com Jude depois dessa festa. Envergonhava-se de estar tão irritado com o sucedido e não o teria confessado a mais ninguém.

— Não acho de maneira nenhuma que seja mesquinha — assegurou-lhe Jude. Tinham deixado Red Hook e iam a caminho de Manhattan. — O Arthur é um

idiota, Willem. Sempre foi e não ficou menos depois de anos a estudar Heródoto.

Willem sorriu, ainda que não quisesse.

— Não sei — disse depois. — Às vezes, o meu trabalho parece-me tão... nulo.

— Como podes dizer isso, Willem? És um ótimo ator, de verdade que és. Além disso...

— *Não digas* que trago alegria às pessoas.

— Por acaso, não ia dizer nada disso, até porque os teus filmes não são do tipo que anime alguém. — (Willem especializara-se em personagens sombrias e complicadas, amiúde violentas, e, em regra, longe de ser louváveis, o que nem sempre colhia a simpatia do público. «Ragnarsson, o Terrível», chamava-lhe Harold.)

— Estás a esquecer-te dos extraterrestres.

— Sim, há os extraterrestres, claro. Mas acho que nem esses animas: não podemos esquecer que os matas no fim do filme. Agora a sério, Willem: eu adoro ver os teus filmes, tal como muitas, muitas pessoas. Isso é de valorizar, não? Quantos se podem gabar disso? De ajudar os outros a esquecer as chatices do dia a dia? — Perante o silêncio de Willem, acrescentou: — Sabes que mais? Talvez devêssemos parar de ir a estas festas. Acho que se estão a tornar um ritual masoquista e isso não é saudável. De cada vez que vamos, parece que tanto tu como eu nos sentimos umas porcarias. — Olhando para Willem, arreganhou um sorriso. — Tu, pelo menos, és artista. A *mim*, tratam-me como se trabalhasse para um traficante de armas. Esta noite, a Dorothy Wharton perguntou-me qual é a sensação de acordar e saber que na véspera vendi mais um pedacinho da alma.

Por fim, Willem deu uma gargalhada.

— Estás a gozar.

— Juro. Parecia uma conversa com o Harold.

— Se o Harold fosse uma caucasiana com rastas.

Jude sorriu.

— Exato, o Harold tem a conversa de uma caucasiana com rastas.

Ambos sabiam porque não deixavam de ir às festas: presentemente, eram as poucas ocasiões em que os quatro se juntavam, chegando a parecer-lhes que doravante não haveria outras que pudessem recordar em conjunto, como se a amizade estivesse em vias de se extinguir e lhe fossem lançando essas míseras acendalhas na esperança de que não se apagasse. Ir àquelas festas era a sua maneira de fingir que tudo continuava igual.

Além disso, permitiam-lhes fingir que JB estava perfeitamente, quando os três sabiam que não era o caso. Willem não conseguia especificar o problema (à sua maneira, JB conseguia ser quase tão evasivo como Jude quando o queriam obrigar a ter determinadas conversas), apenas via que JB se sentia sozinho, infeliz e inseguro, sentimentos que não lhe eram usuais. Sentia que, em cada festa, JB — que adorara a faculdade e o seu sistema de hierarquias e microsociedades em que ele sempre se movera tão bem — tentava reencenar a camaradagem simples e despreocupada de outrora, uma fase em que ainda não divisavam as identidades profissionais que viriam a assumir e os uniam as aspirações; desde então, tinham

permitido que as realidades práticas os afastassem. Por isso, organizava aquelas ocasiões sociais, a que eles obedientemente compareciam, como sempre tinham feito, deixando JB mandar e decidir pelos quatro, sempre, porque esse era um capricho que não lhes custava satisfazer.

Willem sentia que devia falar com JB, terem uma conversa só eles dois, mas o problema era que, ultimamente, se não estava com a trupe da faculdade, JB frequentava outras companhias, nomeadamente, penduras da cena artística cujos interesses se pareciam resumir a meter todas as drogas a que deitassem a mão e entreter-se com o sexo mais sórdido, um estilo de vida que simplesmente não seduzia Willem. A sua presença em Nova Iorque ia sendo cada vez mais esporádica — nos últimos três anos, resumira-se a uns escassos oito meses —, e, se *estava* na cidade, sentia-se dividido entre estar com os amigos e não fazer absolutamente nada.

Agora, porém, estava naquela festa, e foi avançando ao encontro de Jude, que felizmente se livrara de Marta e da amiga sisuda e estava à conversa com Carolina, que era amiga dos dois (vê-la reavivou-lhe o sentimento de culpa; ficara de lhe ligar havia meses e sabia que ela estava zangada), mas, então, surgiu-lhe pela frente Francesca, que o queria reapresentar a Rachel, que ele conhecera quatro anos antes, quando fizera *Sétimo Céu*, sendo ela a assistente de encenação. Gostou de a ver — já na altura simpatizara com ela, além de que sempre a achara bonita —, mas, ainda à conversa, percebeu que não iria além disso. Até porque dissera a verdade: começava a filmar dentro de cinco semanas; não era boa altura para começar a ver alguém e enredar-se em complicações, e não tinha energia para engates de uma noite, que, ensinara-lhe a experiência, acabavam curiosamente por se tornar tão cansativos como os relacionamentos.

Ao fim de dez minutos de conversa com Rachel, o seu telemóvel vibrou, e, desculpando-se, Willem leu a mensagem de Jude: «De saída. Não quis interromper a tua conversa com a futura Mrs. Ragnarsson. Vemo-nos em casa.»

— Merda — resmungou. E, para Rachel: — Peço desculpa. — De um momento para o outro, acordara do encantamento da festa e queria desesperadamente sair dali. A sua presença naquelas ocasiões era uma encenação em que os quatro tinham alinhado tacitamente, mas bastava um deles sair de cena e parecia deixar de haver motivo para continuar o espetáculo. Despediu-se de Rachel (que, de perplexa, passou a hostil, ao perceber que ele ia mesmo sair e não a convidaria a acompanhá-lo) e de mais uns quantos — Marta, Francesca, JB, Malcolm, Edie e Carolina —, sendo que pelo menos metade parecia estar seriamente aborrecida com ele. Só ao fim de trinta minutos conseguiu finalmente deixar o apartamento e, na escada, esperançado, enviou uma mensagem a Jude: «Ainda cá estás? A sair agora.» Não houve resposta. «Vou apanhar o metro», escreveu então. «Tenho de passar no apartamento. Até já.»

Apanhou o L, saiu na Oitava Avenida e começou a descer. O apartamento ficava meia dúzia de quarteirões para sul. O final de outubro era a sua altura favorita em Nova Iorque e custava-lhe de cada vez que o trabalho o impedia de a desfrutar. Vivia na esquina da Perry com o lado oeste da Rua 4, num apartamento

de segundo andar cujas janelas estavam niveladas com as copas das nogueiras-do-japão. Em vésperas de se mudar para ali, imaginara-se na cama até tarde aos fins de semana, a admirar os tornados de folhas amareladas arrancadas dos ramos pelo vento. Ainda não acontecera.

Não sentia especial ligação ao apartamento. Comprara-o e era seu, apenas isso. Fora o seu primeiro investimento digno do nome depois de pagar o empréstimo do curso. Na altura, começara a ver apartamentos havia ano e meio e tinha dois requisitos: queria viver na Baixa e o prédio tinha de ter elevador, para Jude o poder visitar.

— Isso não será um bocadinho codependente? — sugeriu Philippa, com quem ele namorava na altura. Disse-o a brincar, mas não inteiramente.

— Achas? — respondeu ele, percebendo, mas fingindo que não percebera.

— Willem, vá lá — impacientou-se Philippa, rindo para disfarçar a irritação.
— Claro que é.

Não se deixando ofender, Willem encolheu os ombros.

— Não posso viver num sítio onde ele não me consiga visitar — justificou.

— Eu sei — disse ela, com um suspiro.

Sabia que Philippa nada tinha contra Jude. Simpatizava com ele e o contrário também se verificava. Inclusivamente, Jude já lhe sugerira com diplomacia que passasse mais tempo com a namorada quando estava em Nova Iorque. Philippa era figurinista e trabalhava principalmente em teatro e, no começo do namoro, divertira-a e enternecera-a vê-lo com os amigos, encarando aquelas três amizades, percebeu Willem, como prova da sua lealdade, fiabilidade e consistência de caráter. Mas, com a evolução do relacionamento, conforme iam ficando mais velhos, algo mudou, e o tempo que ele passava com JB, Malcolm, e, sobretudo, Jude, antes se tornou na prova de que, no fundo, ele era imaturo e não queria trocar o conforto da vida que conhecia — a que levava com eles — pelas incertezas de uma nova vida com ela. Philippa nunca lhe pediu abertamente que deixasse de se dar com os três — aliás, ela tinha os seus amigos chegados, o que agradava a Willem, porque cada um podia sair com o seu grupo, ir jantar ao seu restaurante e ter as suas conversas, e encontravam-se mais tarde, terminando juntos a noite que tinham começado separados —, mas, nitidamente, o seu propósito último era que ele se lhe rendesse e que a dedicação a ela e ao relacionamento falasse mais alto.

Isso, Willem não era capaz de fazer, mas sentia que lhe dera mais do que ela admitia. Nos últimos dois anos, não passara os fins de semana do Dia de Ação de Graças com Harold e Julia nem o Natal com os Irvines, antes estivera com Philippa na casa dos pais dela em Vermont. Também abdicara das férias anuais com Jude. Acompanhava-a às festas, casamentos e jantares dos amigos, iam os dois ao teatro, e passara a ficar no apartamento dela quando estava em Nova Iorque. Vira-a esquisar ideias para uma nova produção de *A Tempestade* e, sintonizado noutro fuso horário e incapaz de dormir, afiara-lhe os lápis de cor que custavam uma fortuna, e, depois de vaguear pelo apartamento, de começar a ler livros que logo punha de parte e de folhear revistas, organizara vagarosamente os vários tipos

de massa e de cereais de pequeno-almoço que ela tinha na despensa. Fizera tudo isso de bom grado e sem jamais sentir que eram imposições. Ainda assim, não chegara, e, depois de quase quatro anos juntos, a relação terminara no ano anterior, sem discussões, e, acreditava ele, sem ressentimentos.

Ao saber do fim da relação com Philippa, Mr. Irvine abanou a cabeça (estavam no chá de bebé de Flora).

— Vocês quatro estão a tornar-se um bando de Peter Pans — resmungou. — Que idade tens tu, Willem? Trinta e seis? De verdade não entendo o que vos vai na cabeça. Ganham bem. Já conquistaram alguma coisa. Não será altura de pararem de andar sempre agarrados os quatro e enfrentarem a idade adulta?

Mas como se fazia isso? Seria a vida em casal a única opção possível para atingir esse patamar? (Claro que, havendo apenas uma opção, não era uma opção.)

— Depois de milhares de anos de desenvolvimento evolutivo e social, será essa a única escolha? — perguntara a Harold no verão, nas férias em Truro. Ao ouvi-lo, o professor riu.

— Escuta, Willem — pronunciou-se de seguida —, acho que estás a fazer as coisas no tempo certo, ao teu ritmo. Sei que te arrelio muitas vezes com a história de assentares e, tal como o pai do Malcolm, também acho que dividir a vida com outra pessoa é magnífico, mas apenas te é exigido que sejas boa pessoa, coisa que já és, e que desfrutes a tua vida. És novo. Ainda tens muitos anos pela frente para resolver o que queres fazer e como queres viver.

— E se eu quiser viver *exatamente* como vivo agora?

— Nesse caso, não há problema nenhum — respondeu Harold, e sorriu-lhe. — Vocês quatro estão a viver o sonho de qualquer homem adulto, porventura do próprio John Irvine, sabes?

Ultimamente, vinha refletindo sobre a questão da codependência. Seria assim tão má? Desfrutava as suas amizades e não estava a fazer mal a ninguém. Que diferença fazia ser codependência ou não? Caso fosse, de que maneira era uma amizade mais codependente do que um relacionamento de casal? Se ter melhores amigos aos 27 anos era considerado fantástico, porque havia de se tornar esquisito aos 37? Em que era uma amizade inferior a um relacionamento de casal? Não lhe seria superior, na verdade? Estavam em causa duas pessoas que se mantinham unidas dia após dia, não as ligando o ato sexual, a atração física, dinheiro, filhos ou uma casa, mas apenas o acordo tácito de juntas seguirem em frente e a mútua dedicação a uma união que não se podia codificar. A amizade era testemunhar o fio de desventuras que o outro ia vivendo, intercalado de longos intervalos de tédio e ocasionais triunfos. Era ficar honrado pelo privilégio de testemunhar as ocasiões que o outro queria esquecer, sabendo que se teria direito a protagonizar diante dele as próprias ocasiões para esquecer.

Mais do que a sua hipotética imaturidade, traziam-no apreensivo as suas qualidades de amigo. Willem sempre se orgulhara de ser um bom amigo. Sempre valorizara a amizade. Mas sair-se-ia capazmente no seu exercício? Havia a questão de JB, por exemplo, que se mantinha irresolvida; decerto um bom amigo já teria pensado numa solução. Da mesma maneira, naquela altura, um bom amigo teria

pensado certamente numa estratégia eficaz para ajudar Jude, em vez de repetir para consigo a lengalenga de que aquela era a melhor maneira de ajudar Jude e *não* havia outra, e que, havendo, e sendo alguém (Andy? Harold? Quem?) capaz de delinear um curso de ação, ele teria todo o gosto em fazer a sua parte. Porque, ao dizer estas coisas para consigo, Willem sabia que estava simplesmente a arranjar desculpas.

Tal como Andy sabia. Fazia agora cinco anos, Andy ligara-lhe aos berros quando ele se encontrava em Sófia. Era o seu primeiro filme, era tardíssimo, e, assim que atendeu e o ouviu dizer «Para alguém que se afirma tão grande amigo, é curioso que ninguém te ponha a puta da vista em cima logo quando fazias mais falta», ficou na defensiva, porque sabia que era verdade.

— Alto lá — protestou, sentando-se na cama, a irritação e o medo a dissiparem os resquícios de sono.

«Ele, metido no apartamento a retalhar-se, não lhe sobra um palmo de pele sem cicatrizes e parece um esqueleto, e que é de ti, Willem?», acusou Andy. «E não venhas com a conversa de estar em rodagem. Não andas em cima dele porque?»

— Ligo-lhe todos os dias! — respondeu Willem, que também começara a gritar.

«Tu *sabias* que esta fase ia ser má para o Jude!», continuou Andy, falando por cima dele. «*Sabias* que a proximidade da adoção o ia deixar mais frágil. Não acautelaste isso porquê, Willem? E os outros dois, não fazem nada porquê?»

— Porque o Jude me proibiu de lhes contar que se corta, OK? E eu *não sabia* que ia ser assim tão complicado para ele, Andy — defendeu-se. — Ele nunca me conta nada! Como querias que eu soubesse?

«Sabendo! É a tua obrigação! Usa a puta da cabeça, Willem!»

— Não grites comigo, caralho! — berrou ele. — Isso é tudo por estares fodido, Andy, porque ele é *teu* paciente e não arranjias puta de maneira de o fazer melhorar, por isso queres deitar as culpas para cima de mim.

Arrependeu-se destas palavras mal lhe saíram. Ficaram silenciosos, cada um a ofegar de seu lado.

— Andy — murmurou Willem, hesitante.

«Eu sei», interrompeu-o Andy. «Tens razão, Willem. Desculpa. Desculpa.»

— Não — disse ele. — Eu é que peço desculpa. — De repente, enchera-se de uma tristeza esmagadora. Só conseguia pensar em Jude na horrorosa casa de banho na Lispernard Street. Antes de viajar, procurara as lâminas por toda a parte (levantara a tampa da cisterna da sanita para inspecionar o interior do autoclismo, vira atrás do armário dos medicamentos, tirara para fora cada gaveta do roupeiro para as ver de todos os ângulos e examinar o fundo do compartimento), mas não as encontrara. Em todo o caso, Andy estava certo: ele *tinha* essa responsabilidade e deveria ter feito melhor, mas não fizera, portanto, falhara como amigo.

«Não», insistiu Andy. «A sério, Willem, desculpa. É imperdoável pôr-me com esta conversa. E tens razão: não sei que fazer.» Parecia exausto. «É porque ele... teve uma vida tão má, Willem. E confia em ti.»

— Eu sei — murmurou Willem. — Eu sei que confia.

Taçaram um plano e, ao regressar, ele passou a vigiar Jude mais de perto — o que se revelou estranhamente inconclusivo. Na verdade, durante cerca de um mês após a adoção, Jude assumiu um comportamento que ele lhe desconhecia, embora não soubesse dizer exatamente de que se tratava. Tirando raras ocasiões, nunca conseguira perceber quando Jude estava infeliz e depois se animava. Ele não era de andar cabisbaixo e pouco comunicativo e, de repente, mudar de atitude; em linhas gerais, o seu comportamento, os ritmos e os gestos eram sempre os mesmos. Mas algo mudara, *sentia-se*, e, durante uma curta fase, Willem teve a estranha sensação de que o Jude que conhecia fora trocado por outro e que o novo Jude, o substituto, era alguém a quem ele podia perguntar o que quisesse, alguém que contaria histórias engraçadas sobre um cão ou gato que tivera, os amigos e as ocasiões em que caíra e esfolara os joelhos, alguém que usava mangas compridas não para esconder alguma coisa, mas por ser friorento. Perante esta transformação, Willem decidiu aceitar o que Jude lhe dissesse sem tentar ler nas entrelinhas. Não era seu médico, mas sim amigo. Era sua obrigação tratar Jude como ele queria ser tratado e não como um suspeito a espiar.

Assim, aliviou a vigilância. Passado algum tempo, o Jude substituto regressou ao mundo mágico das fadas e o Jude que ele conhecia reivindicou o seu lugar. Porém, havia ocasionais indícios inquietantes de que o Jude conhecido mais não era do que aquele que o verdadeiro Jude lhe dava a conhecer. Quando se ausentava em rodagem, Willem ligava-lhe diariamente, por norma, a uma hora combinada. No ano anterior, houvera uma ocasião em que lhe ligara e tinham conversado normalmente, e Jude não lhe parecera diferente do habitual. Mas então, quando estavam os dois a rir de um episódio ocorrido na rodagem, Willem ouviu em fundo um aviso claramente numa sala de espera de um hospital: «Atenção, Dr. Nesarian. Dr. Nesarian à sala de operações número três.»

— Jude...? — hesitou ele.

«Está tudo bem, Willem», assegurou Jude. «Não aconteceu nada. É só uma infeçãozinha sem importância. O Andy perdeu a cabeça.»

— Que espécie de infeção? Porra, Jude!

«É uma coisa no sangue, mas nada de grave. Acredita, Willem: se fosse sério, eu dizia-te.»

— Foda-se, Jude, não dizias e não disseste. Uma infeção no sangue *é* grave.

Do outro lado, silêncio. Depois:

«Eu dizia-te, Willem.»

— O Harold já sabe?

A resposta foi pronta e enérgica:

«Não. E tu não lhe vais dizer.»

Ocasões assim deixavam-no aturdido e inquieto e, dessa vez, passou o resto do serão a revisitar cada conversa da semana anterior: teria havido alguma coisa que não estava bem, mas de que ele simples e estupidamente não se dera conta? Em momentos generosos e contemplativos, via Jude como um prestidigitador especialista num único truque, o da ocultação, que ele burilara ano após ano, de

tal maneira que, presentemente, apenas tinha de agarrar na capa de seda e de a passar diante dos olhos e, ato contínuo, tornava-se invisível mesmo para os que melhor o conheciam. Mas havia outras alturas em que ficava ressentido com o truque e acusava a exaustão de, ano após ano, guardar os segredos de Jude, quando, em troca, não recebia mais do que avaros fiapos de informação. Era esgotante não lhe ser dada oportunidade de o tentar ajudar; sentia necessidade de pelo menos poder mostrar que se preocupava. Em momentos assim, Willem pensava: *Não é justo. Isto não é uma amizade. É outra coisa, não é amizade.* Sentia que, sem dar por isso, fora enredado num jogo de cumplicidade que nunca quisera jogar. A mensagem de Jude era bem clara: não queria ser ajudado. Mas ele não conseguia aceitar isso. Faltava-lhe descobrir como ignorar a vontade expressa de Jude, ainda que isso significasse pôr em risco a amizade. Era uma espécie de *koan* diabólico: se não *tentasse* ajudar Jude, estaria a fracassar como amigo, mas como podia ajudar alguém que recusava ser ajudado? Por vezes, queria gritar: *Fala comigo, Jude. Conta-me. Diz-me o que devo fazer para falares comigo.*

Certa vez, numa festa, ouvira Jude comentar com alguém que ele, Willem, era o seu grande confidente, o que o deixara lisonjeado, mas perplexo, porque a verdade era que nada sabia da vida de Jude. Quase lhe parecia inacreditável preocupar-se tanto com alguém que obstinadamente não partilhava nada do que os amigos costumam partilhar — como fora a sua vida antes de os dois se conhecerem, quais os seus medos e anseios, quem o atraía e os embaraços e tristezas do dia a dia. Na impossibilidade de falar com o próprio Jude, muitas vezes tinha vontade de falar com Harold sobre Jude, não só para descobrir quanto lhe revelara Jude mas também para aferir se, combinando o que cada um sabia, juntamente com Andy, conseguiriam encontrar alguma solução. Não passava de um devaneio, claro; não podia fazer isso porque Jude jamais lhe perdoaria. Pelo menos, tinham aquela conexão. Fazendo isso, ficaria sem nada.

No apartamento, passou os olhos pela correspondência. Raramente recebia ali alguma coisa verdadeiramente importante; tudo quanto se relacionasse com trabalho era enviado ao agente ou ao advogado e tudo quanto fosse de natureza pessoal era enviado a Jude. Ali estava a cópia do guião de que se esquecera na semana anterior, quando passara no apartamento ao sair do ginásio — demorara-se apenas alguns minutos, nem chegara a tirar o casaco.

Comprara o apartamento havia um ano e, somado, o tempo que ali passara perfazia seis semanas. No quarto, tinha um *futon*, e, na sala, a mesa de centro da Lisperd Street, uma maltratada cadeira *Eames* de fibra de vidro que JB encontrara na rua e as suas caixas com livros. E era tudo. Supostamente, Malcolm estava a projetar uma remodelação — entre outras melhorias, o pequeno compartimento abafado ao lado da cozinha seria transformado numa área de jantar —, mas, como se intuindo a falta de interesse de Willem, relegara-a para último lugar na sua lista de prioridades. Willem queixava-se uma vez por outra, mas sabia que Malcolm não tinha culpa — não respondera a um único de vários *e-mails* que ele lhe enviara a propósito de acabamentos, pavimentação ou as dimensões da estante embutida e da banquetta, e Malcolm não podia encomendar as madeiras

por medida sem ter o seu OK. Só recentemente dera instruções ao advogado para enviar a Malcolm toda a papelada de que ele precisava para começar a obra e, dentro de uma semana, iam finalmente sentar-se e ele tomaria algumas decisões, e, então, quando voltasse em meados de janeiro, o apartamento estaria, senão inteiramente renovado, pelo menos, muitíssimo melhorado, assegurara-lhe Malcolm.

Enquanto isso, na prática, continuava a viver com Jude, tendo-se instalado no seu apartamento na Greene Street logo que o relacionamento com Philippa terminara. A pretexto de o seu apartamento não estar ainda pronto e da promessa feita a Andy, a estada no quarto de hóspedes de Jude prolongava-se indefinidamente, mas o facto era que precisava da companhia de Jude e da estabilidade que a sua presença lhe trazia. Ao filmar em Inglaterra, na Irlanda ou na Califórnia, ou em França ou Tânger, ou na Argélia, na Índia, nas Filipinas ou no Canadá, mantinha presente uma imagem do que o esperava no regresso a Nova Iorque, mas essa imagem nunca se reportava à Perry Street. O seu lar era o apartamento de Jude e, de cada vez que se ausentava para rodar mais um filme, em momentos de solidão, pensava na Greene Street, no quarto de hóspedes que se tornara o seu quarto, e nos fins de semana, quando, depois de Jude regressar do trabalho, ficavam à conversa até muito tarde, e, sentindo o tempo abrandar e expandir-se, ele acreditava que talvez a noite fosse durar para sempre.

Ele estava finalmente a caminho de casa. Desceu velozmente a escada do prédio e saiu para a Perry Street. Entretanto, arrefecera, e foi andando num passo tão acelerado que quase corria, desfrutando, como sempre, o prazer de caminhar sozinho e de se sentir sozinho numa cidade tão cheia de gente. Sentia falta sobretudo de momentos assim. Numa rodagem, nunca estava sozinho. Nunca faltava um assistente de realização para o acompanhar à caravana ou para o levar ao *set*, ainda que a distância entre a caravana e o *set* se resumisse a uns escassos cinquenta metros. No começo, quando ainda se estava a habituar ao ambiente de uma rodagem, isso sobressaltara-o. Depois, passara a achar toda a situação um tanto cómica. Agora, irritava-o a cultura de infantilização dos atores que o mundo do cinema parecia encorajar. Por vezes, tinha a sensação de estar amarrado e de o irem levando daqui para ali num carrinho de rodas. Havia sempre alguém para o acompanhar à caracterização, depois ao guarda-roupa, de lá, para o *set*, e, terminada a cena, de volta à caravana, indo o assistente buscá-lo novamente passada uma hora ou duas para o levar uma vez mais para o *set*.

— Não deixes que eu me habitue a ser tratado assim — dizia muitas vezes a Jude. Quase lhe suplicava, aliás: era a frase com que rematava cada anedota de rodagem que lhe contava. Descrevia-lhe os almoços, em que se sentavam por castas e categoria: havia a mesa dos atores e do realizador; a dos operadores de câmara; a dos eletricitas; a dos assistentes da equipa técnica; e a do guarda-roupa. Entre atores, falava-se de planos de treino e treinadores pessoais, restaurantes a experimentar, dietas, cigarros (normalmente, estavam sempre desesperados por um) e limpezas de pele (normalmente, precisavam absolutamente de fazer uma quanto antes). Também lhe contava anedotas envolvendo os técnicos, que odiavam

atores, mas só faltava desfazerem-se em medidas se algum lhe dava a mínima atenção, e sobre os autênticos ninhos de víboras que eram as salas de cabelos e maquilhagem, onde facilmente se ficava na posse de uma espantosa quantidade de informação pessoal sobre cada ator: sendo-se mudo e invisível ao ajeitar perucas e aplicar base, ouviam-se-lhes as conversas ao telemóvel enquanto estavam sentados nas cadeiras de maquilhagem (elas gritavam com os namorados, eles, por entre sussurros, combinavam encontros para essa noite). Em todas essas horas passadas em *sets*, Willem descobrira-se mais vigiado do que alguma vez se imaginara e compreendera como era tentador e tão facilmente se podia confundir a vida num *set* de cinema — em que tudo lhes era trazido à mão e mesmo o sol os iluminava sempre que assim se quisesse — com a vida real.

La à marca, o diretor de fotografia fazia um derradeiro ajuste, depois vinha ter com ele, e, muito delicadamente, segurava-lhe a cabeça.

— Cabelo! — gritava o primeiro assistente de realização, em tom de ameaça, enquanto o diretor de fotografia o fazia voltar a cabeça dois centímetros para a esquerda, depois, para a direita, e novamente para a esquerda, como se buscando a posição ideal de uma jarra na pedra da lareira.

— Não te podes mexer, Willem — avisava, e ele prometia que assim faria e mal se atrevia a respirar, apesar da vontade de rir. E, do nada, pensava nos pais (conforme os anos passavam, pensava neles com cada vez mais frequência, o que era desconcertante) e em Hemming, e, durante uma fração de segundo, imaginava-os do seu lado esquerdo, um passo atrás do *set*, suficientemente afastados para que ele não lhes visse os rostos, até porque não teria sido capaz de lhes imaginar as expressões.

Agradava-lhe contar todas estas coisas a Jude, fazia isso e os dias a fio passados em rodagens pareciam alegres e divertidos. Não imaginara que ser ator seria assim, mas, por outro lado, como poderia ele ter adivinhado qual seria a vida de um ator? Sabia sempre as suas falas, nunca chegava atrasado, era educado com toda a gente, seguia as instruções do diretor de fotografia e discordava do realizador apenas quando absolutamente necessário. Mas, mesmo depois de tantos filmes — doze em cinco anos, oito deles nos últimos dois anos —, com a respetiva panóplia de absurdos, o minuto mais surreal continua a ser aquele que antecede o momento em que as câmaras começam a rodar: vai à primeira marca; vai à segunda; o operador de câmara anuncia estar pronto.

— Retoques! — avisa o primeiro assistente de realização, e os assistentes de cabelo, caracterização e guarda-roupa avançam como aves de rapina ao ataque, sendo ele o animal morto, para lhe avolumar o cabelo, ajeitar a camisa e fazer cócegas nas pestanas com os seus pincéis macios. É um momento que talvez não exceda trinta segundos, mas, nesse curto espaço de tempo, de pálpebras fechadas para que não lhe entre pó compacto nos olhos, sentindo mãos alheias mexer-lhe no corpo e na cabeça como se não fossem seus, tem a estranha sensação de não estar ali, mas num limbo, e de não estar a viver aquela vida, mas a imaginá-la. Durante esses trinta segundos, a sua mente é varrida por um remoinho de imagens, tão desarrumadas e fugazes que lhe é impossível identificá-las. Há a cena que vai

filmar, claro, a cena que filmou antes e tudo o mais que nunca lhe sai do pensamento e que ele vê, ouve e recorda todas as noites antes de adormecer: Hemming, JB, Malcolm, Harold e Julia. E Jude.

«Senteste-te feliz?», perguntou-lhe certa vez (estavam bêbados, provavelmente).

«Não acho que a felicidade seja para mim», respondeu Jude após um silêncio, como se Willem lhe tivesse estendido um prato com qualquer coisa que ele preferia não arriscar comer. «Tu, sim, Willem, deves ser feliz.»

Enquanto é retocado e embelezado, ocorre-lhe que devia ter perguntado a Jude o que queria dizer com aquilo. Porque havia a felicidade de ser para ele, mas não para Jude? Mas, quando a cena estiver terminada, terá esquecido a pergunta e a conversa que a motivou.

— Som! — grita o primeiro assistente de realização, e caracterização, cabelos e guarda-roupa fogem dali.

— Som a andar — responde o diretor de som, quando já está a gravar.

— Motor — avisa o operador de câmara, e é anunciada a cena e batida a claquete.

E ele abre os olhos.

Num sábado de manhã não muito tempo depois de ter feito 36 anos, abre os olhos e é dominado pela estranha e deliciosa sensação que o visita ocasionalmente de que a sua vida é como um céu sem nuvens. Imagina Harold e Julia em Cambridge, já na cozinha, ainda ensonados, a servir café nas respetivas canecas lascadas e manchadas e a sacudir o orvalho dos sacos com os jornais. Nesta altura, Willem já deixou a Cidade do Cabo a bordo do avião que o trará de volta. Imagina Malcolm a dormir agarrado a Sophie na casa dos dois em Brooklyn, e, porque hoje acordou esperançado, JB a ressonar são e salvo na sua cama no Lower East Side. Ali, na Greene Street, o radiador deixa escapar nova exalação sibilante. Os lençóis cheiram a detergente e céu. No teto, por cima da sua cabeça, o lustre feito de tubos de metal que Malcolm pendurou há um mês. À sua volta, um lustroso chão de madeira preta. Um apartamento tão vasto, tão cheio de potencial, tão carregado de possibilidades que ainda mal pode acreditar. Um apartamento agora mergulhado em silêncio. E seu.

Estica os pés para o fundo da cama, depois retesa-os como se tentando que os dedos toquem as canelas. Nada. Move as costas sobre o colchão. Nada. Leva os joelhos ao peito. Nada. Nada lhe dói ou ameaça doer. O seu corpo tornou a ser seu e fará tudo o que ele lhe pedir, sem queixas nem sabotagem. Fecha os olhos, não por estar cansado, mas porque aquele é um momento perfeito e aprendeu a desfrutá-los.

Momentos assim nunca duram muito — por vezes, basta-lhe sentar-se na cama, e, como uma bofetada, lá vem o lembrete de que é o seu corpo a dar-lhe as ordens e não o contrário —, mas, em anos recentes, conforme a sua condição se agravava, empenhou-se a fundo em desistir da ideia de que haverá melhoras substanciais, antes se esforçando por estar presente e agradecer os minutos de alívio, onde e quando o seu corpo lhos conceder. Por fim, senta-se devagar, depois, igualmente sem pressas, ergue-se. Continua a sentir-se estupendo. Será um dia bom, conclui, e, a caminho da casa de banho, cruza-se com a cadeira de rodas, arrumada a um canto do quarto, amuada qual ogre carrancudo.

Já vestido, distrai-se com papelada do escritório enquanto espera. Normalmente, aos sábados, trabalha durante quase todo o dia — isso, pelo menos, não mudou desde os tempos em que fazia as caminhadas. Ah, as suas caminhadas! Terá sido de facto esse que, qual bode a tropeçar nas patas, subia ao Upper East Side e voltava? Terá mesmo feito esse percurso de mais de quinze quilómetros sem ninguém o socorrer? Hoje será um sábado diferente: vai encontrar-se com Malcolm para o levar ao seu alfaiate, porque Malcolm está de casamento marcado e precisa de um fato novo.

Nenhum deles sabe ao certo se Malcolm se vai mesmo casar ou não. *Acreditam* que sim. Nos últimos três anos, ele e Sophie acabaram, reataram, tornaram a acabar e tornaram a reatar. No último ano, Malcolm conversou várias vezes com

Willem a respeito de festas de casamento, perguntando-lhe se as achava uma extravagância. Com JB, abordou a questão das joias, perguntando-lhe se, quando uma mulher diz que não gosta de diamantes, fala a sério ou apenas gosta de se ouvir dizer essas coisas. Com ele, falou de acordos pré-nupciais.

Respondeu às perguntas de Malcolm de acordo com o que sabe, depois recomendou-lhe um colega de curso que se especializou em direito matrimonial.

— Ah — hesitou Malcolm, recostando-se, como se ele acabasse de lhe recomendar um assassino profissional. — Acho que ainda é cedo para isso, Jude.

— Tudo bem — disse ele, tornando a guardar o cartão de visita do colega, no qual Malcolm parecera não querer sequer tocar. — Bem, se quiseses, quando quiseses, dizes.

Por fim, há coisa de um mês, Malcolm pediu-lhe que o ajudasse a escolher um fato.

— Acreditas que não tenho um único fato de jeito? — foi como formulou a questão. — Devia ter, não? Acho que devia começar a ter um ar, sei lá, mais crescido. No trabalho, é uma vantagem, não concordas?

— Gosto muito do teu estilo, Mal — assegurou ele. — E acho que, profissionalmente, deste todas as provas e não precisas de impressionar ninguém. Mas, se queres um fato, eu ajudo-te, com todo o gosto.

— Agradeço — replicou Malcolm. — Acho que é uma coisa que devia ter, só isso. Nunca se sabe quando vai fazer falta. — Calou-se um momento. — Diga-se, a propósito, que me custa a crer que tens o teu alfaiate exclusivo.

Isto fê-lo sorrir.

— Ele não é *exclusivo* — esclareceu. — Faz muitos fatos e alguns são para mim.

— Credo, quem diria? — resmungou Malcolm. — O Harold criou um monstro.

Fora uma piada e ele riu. Mas, não raras vezes, sente que é o fato a dar-lhe um ar normal. Durante os meses em que esteve confinado à cadeira de rodas, os fatos foram a sua maneira de assegurar os clientes da sua competência, e, simultaneamente, de assegurar a si mesmo que merecia o seu lugar na equipa, uma vez que, pelo menos, se conseguia vestir como qualquer deles. Não se considera vaidoso: apenas tem o cuidado de se apresentar como a ocasião exige. Na instituição, jogavam baseball contra a equipa da escola da zona, e eles, para os picarem, apertavam os narizes ao vê-los chegar. «Tomem banho!», gritavam-lhes. «Cheiram mal! Cheiram mal!» Mas eles *lavavam-se*. Era uma regra: tomavam duche todas as manhãs. Punham as mãos debaixo dos doseadores ou punham o sabonete líquido em toalhetes, depois esfregavam da cabeça aos pés com aquela lama rosada de toque gorduroso, enquanto um monitor andava de cá para lá ao longo dos duches, usando uma toalha para açoitiar de passagem aqueles que estavam a fazer tropelias ou gritando com aqueles que não se esfregavam com o necessário vigor. Desses tempos, ficou-lhe, até hoje, o medo de repugnar alguém por desleixo, por estar sujo ou por ser desagradável à vista. «Serás sempre feio, mas isso não te obriga a ser desmazelado», dizia-lhe o padre Gabriel, que se

enganou em muitas coisas, sem dúvida, mas, ele sabe, nisto tinha razão.

Malcolm chega, dá-lhe um abraço, e, como sempre faz, põe-se a olhar em volta do apartamento dando-se ares de conhecedor. Estica o pescoço comprido como se fosse um telescópio e, sem sair do lugar, descreve lentamente uma volta de 360 graus. O seu olhar dir-se-ia um feixe luminoso de um farol. Enquanto isso, vai murmurando, como se perdido em reflexões.

— Para o mês que vem, Mal — responde ele, antecipando-se à pergunta que não o deixou fazer.

— Disseste o mesmo há três meses.

— Eu sei. Mas é agora que vai ser. Já tenho dinheiro para obras. Ou, melhor dizendo, vou ter no fim do mês.

— Já falámos desse assunto.

— Eu sei. E foi uma oferta incrivelmente generosa da tua parte. Mas está fora de questão eu não te pagar, Malcolm.

Vive ali há mais de quatro anos, e, em quatro anos, não pôde fazer obras porque não tinha dinheiro para as pagar e não tinha dinheiro porque estava a pagar o apartamento. Entretanto, Malcolm foi pondo no papel algumas ideias para a remodelação, fechou as áreas correspondentes aos dois quartos, ajudou-o a escolher um sofá — que antes parece uma nave espacial cinzenta que aterrou no meio da sala — e resolveu alguns problemas mais imediatos, como a questão do chão, por exemplo.

— Isto é de loucos, Malcolm — disse-lhe ele, na altura. — No fim das obras, vais ter de o substituir. — Malcolm respondeu que era para fazer já e não havia mais conversa, até porque queria testar uma nova tinta para pavimentos de madeira, acrescentando que, enquanto ele não lhe desse luz verde para a remodelação, o apartamento seria o seu laboratório e faria algumas experiências, a menos que ele se importasse (e ele não se importou, claro). De resto, o apartamento continua praticamente como quando ele se mudou: um retângulo alongado no quinto andar de um prédio no lado sul do SoHo, com janelas nos extremos, voltadas respetivamente a este e oeste, e, também, a todo o comprimento da parede voltada a sul, com vista para um estacionamento. O seu quarto com casa de banho fica do lado nascente, de onde se avista a cobertura de um edifício atarracado na Mercer Street. A área de Willem — ou, pelo menos, assim lhe continua a chamar para consigo — fica do lado oeste e tem vista para a Greene Street. A cozinha fica mais ou menos a meio do apartamento, onde há uma terceira casa de banho. Entre as duas suítes, estende-se uma vastidão de soalho preto e lustroso como as teclas de um piano.

Ainda não se habituou à sensação de ser dono de tanto espaço e mais estranho ainda é ter dinheiro para isso. *Mas tens*, é forçado a recordar a si mesmo ocasionalmente, tal como tem de o fazer no supermercado, quando se detém e pergunta para dentro se terá dinheiro para um frasco das azeitonas pretas de que gosta, tão salgadas que o fazem lacrimejar e lhe deixam a boca encortiçada. Quando se mudou para a cidade, essas azeitonas eram um luxo que se permitia uma vez por mês. Pedia uma concha, que o vendedor punha num saco de plástico,

e estendia a parcimónia ao consumo: apenas uma por noite. Punha-a na boca e, sem pressas, sugava a polpa até a separar do caroço enquanto estudava um processo. *Podes comprá-las*, diz agora a si mesmo. *Tens dinheiro para isso*. Mas, embora tenha dinheiro, esquece amiúde que se pode permitir esses luxos.

O apartamento na Greene Street e o frasco de azeitonas que passou a ter no frigorífico devem-se à Rosen Pritchard and Klein, uma das mais poderosas e prestigiadas firmas de advocacia da cidade, onde se dedica à resolução de litígios, tendo sido promovido a associado há pouco mais de um ano. Cinco anos antes, ele, Citizen e Rhodes trabalharam num caso de fraude em valores mobiliários envolvendo um grande banco comercial, o Thackery Smith, e, pouco tempo depois da resolução por acordo, foi contactado por Lucien Voigt, que ele sabia ser quem presidia ao departamento de contencioso da Rosen Pritchard and Klein, além de ter representado pessoalmente o Thackery Smith durante as negociações para se chegar a um acordo extrajudicial.

Voigt convidou-o para tomar uma bebida. Ficara impressionado com o seu desempenho, particularmente em tribunal, sublinhou. De resto, mesmo a parte adversária achara-o brilhante. Explicou que, antes disso, já ouvira o seu nome — durante o curso de Direito, ele e o juiz Sullivan tinham colaborado na revista jurídica da faculdade — e que se informara a seu respeito. E perguntou-lhe se já considerara deixar o gabinete do procurador-geral e abraçar o lado das trevas.

Estaria a mentir se respondesse que a ideia não lhe ocorrera. À sua volta, os colegas iam desertando. Sabia que Citizen estava em conversações com um escritório internacional com sede em Washington D. C., e que Rhodes ponderava entrar para o quadro interno de um banco. Quanto a si, já fora sondado por duas firmas, mas recusara ambos os convites. Qualquer deles estava no gabinete do procurador-geral movido por um sentido de missão. Mas Citizen e Rhodes eram mais velhos do que ele, e Rhodes e a mulher queriam ter um bebé — e, para isso, precisavam de dinheiro. O dinheiro, o dinheiro. Havia alturas em que não falavam de outra coisa.

Ele também pensava na questão do dinheiro — era impossível não o fazer. De cada vez que regressava de uma festa no apartamento de algum amigo de JB ou Malcolm, o seu, na Lisperd Street, parecia-lhe um pouco mais sórdido e inabitável. De cada vez que o elevador avariava e tinha de subir a escada, obrigando-o isso a sentar-se encostado à porta do apartamento para descansar e recuperar energias antes de entrar, sonhava viver nalgum lugar mais funcional e fiável. De cada vez que parava na escadaria do metro e chamava a si forças para a descer agarrado ao corrimão e quase ofegando do esforço, desejava ter dinheiro para andar de táxi. Depois, havia os outros medos, os maiores: em momentos de desespero, imaginava-se um velho reduzido a pele frágil como pergaminho e osso, ainda na Lisperd Street, obrigado a arrastar-se apoiado nos cotovelos até à casa de banho por já não conseguir andar. No sonho, estava sozinho — de Willem, JB, Malcolm, Andy, Harold ou Julia, nem sinal. Era um velho muito velho e não tinha ninguém, apenas podia contar consigo.

— Que idade tens? — perguntou Voigt.

— Trinta e um — respondeu.

— És novo, mas não serás novo para sempre — atalhou Voigt. — Queres mesmo continuar no gabinete do procurador-geral até à reforma? Imagino que saibas o que se costuma dizer dos procuradores assistentes: são homens com os melhores anos para trás das costas. — Falou-lhe da remuneração e que, no seu caso, depressa chegaria a associado. — Dou-me por satisfeito se disseres que vais pensar.

— Vou pensar — disse ele.

E assim fez. Não abordou o assunto com Citizen ou Rhodes — ou Harold, até porque sabia de antemão o que ouviria —, mas fê-lo com Willem, e, juntos, debateram as óbvias vantagens da proposta, bem como os inconvenientes com que decerto poderia contar: mais horas de trabalho (mas, de qualquer maneira, ele já passava a vida a trabalhar, argumentou Willem), o tédio e a alta probabilidade de ter colegas detestáveis (mas, com exceção de Citizen e Rhodes, ele já estava rodeado de colegas detestáveis, argumentou Willem). Também convinha não esquecer que ia defender aqueles que passara os últimos seis anos a acusar: mentirosos, vigaristas e ladrões, gente privilegiada e poderosa que encenava uma farsa de vitimização. Contrariamente a Harold ou Citizen, ele era pragmático e sabia que a carreira de advogado obrigava a escolher entre ter dinheiro ou ter princípios morais, mas, ainda assim, inquietava-o saber que estaria a renunciar ao seu sentido de justiça. Em troca de quê? Da garantia de não vir a ser aquele velho sozinho e doente? Haveria pior espécie de egoísmo? Ia mesmo repudiar o que sabia ser certo apenas porque tinha medo, porque não queria viver infeliz e desconfortável? Seria possível ser-se mais autocomplacente?

Certa noite, duas semanas depois da conversa com Voigt, chegou a casa muito tarde. Era sexta-feira e estava exausto. Nesse dia, tivera de usar a cadeira de rodas porque a ferida na perna direita lhe doía insuportavelmente, e o alívio de estar de regresso à Lispernard Street foi tão grande que o deixou zozzo. Mais alguns minutos e estaria no apartamento. Molharia uma toalha, aquecê-la-ia no micro-ondas, enrolá-la-ia na canela, e, sentado, sentiria o calor atuar. Mas, ao premir o botão do elevador, ouviu a habitual chiadeira lamentosa que se repetia de cada vez que o elevador avariava.

— Não! — gritou. — Não! — Ouviu a própria voz ecoar no átrio do prédio enquanto batia uma vez e outra com a mão aberta na porta do elevador. — Não, não, não! — Atirou a pasta com violência e os documentos que trazia espalharam-se pelo chão. Em volta, silêncio. O prédio não lhe acudiria.

Por fim, dominou-se, e, envergonhado e raivoso, recolheu os documentos e tornou a guardá-los na pasta. Viu as horas: onze da noite. Willem estava em cena com *Sétimo Céu*, mas, àquela hora, o espetáculo já terminara. Ligou-lhe, mas Willem não atendeu. Entrou em pânico. Malcolm estava de férias na Grécia. JB estava numa colónia de artistas. Não queria ligar a Andy; Beatrice nascera havia uma semana. Não eram muitos cuja ajuda estava disposto a aceitar: agarrar-se a alguém como uma preguiça e deixar-se arrastar por todos aqueles lanços de degraus acima exigia um mínimo de à-vontade.

Por fim, movido por um desejo desesperado e irracional de estar de regresso ao apartamento, ergueu-se, segurou a pasta debaixo do braço esquerdo, com o direito, fechou a cadeira de rodas, que era demasiado cara para ficar ali, e começou a subir os degraus apoiando o lado esquerdo do corpo na parede para se impulsionar e segurando a cadeira por uma roda. Seria uma vagarosa subida ao pé-coxinho usando apenas a perna esquerda; não podia apoiar-se na direita nem deixar a cadeira de rodas roçar a ferida. Começou. Ao fim de três degraus, teve de parar para descansar. Até ao quarto andar, seriam 110 degraus, e, ao pisar o quinquagésimo, tremia tanto que teve de se sentar e descansar durante meia hora. Tornou a ligar a Willem, mais do que uma vez, e enviou-lhe várias mensagens. À quarta tentativa, deixou-lhe a mensagem de voz que esperara jamais ter de deixar: «Willem, preciso mesmo de ajuda. Por favor, liga-me. Por favor.» Imaginou Willem a ligar-lhe imediatamente de volta e a dizer-lhe já estar a caminho, mas esperou, esperou e Willem não ligou, até que, por fim, foi capaz de se reerguer.

Sem saber como, acabou por entrar no apartamento. Não tem mais recordações dessa noite. Quando acordou, viu Willem adormecido no tapete ao lado da sua cama, enquanto Andy dormia na cadeira que decerto tinham trazido da sala. Sentia a língua entumecida e estava desorientado e nauseado, portanto, Andy administrara-lhe um analgésico, coisa que ele detestava — passava dias a fio com o cérebro entorpecido e com prisão de ventre.

Quando tornou a acordar, Willem já ali não estava e Andy fitava-o.

— Jude, não podes continuar nesta merda de apartamento — disse-lhe, muito calmo.

— Eu sei — respondeu.

— O que raio te passou pela cabeça, Jude? — perguntou Willem ao regressar da mercearia. Entretanto, Andy ajudara-o a ir à casa de banho, porque ele não conseguia andar; praticamente tivera de o carregar ao colo e, da mesma maneira, trouxe-o de novo para a cama e ajudou-o a deitar-se, ainda com a roupa da véspera. Feito isso, despediu-se e saiu. Willem fora a uma festa depois do espetáculo e não ouvira o telemóvel. Quando finalmente acedera ao correio de voz, regressara a correr, encontrara-o em convulsões no chão e ligara a Andy. — Não ligaste logo ao Andy porquê? Também podias ter ficado à minha espera num café, ou ligavas ao Richard, ou à Philippa, e dizias-lhe que fosse à minha procura. Não fizeste isso porquê? Não ligaste ao Citizen porquê? Ou ao Rhodes? Senão, ao Eli, à Phaedra, a algum dos Henries Young ou...

— Não sei — respondeu ele, sentindo-se horrivelmente infeliz. Como explicar, a alguém saudável, a sua lógica de doente? Era impossível e faltavam-lhe forças para tentar.

Na semana seguinte, contactou Lucien Voigt e negociaram as condições. Assinado o contrato, ligou a Harold, que se manteve em silêncio durante uns longos cinco segundos antes de respirar fundo para se pronunciar.

«Não entendo a tua decisão, Jude», disse. «Simplesmente não entendo. Nunca me pareceste fixado no dinheiro. Será que és e me enganei? Tem de ser isso, não? Fizeste, estás a fazer, uma carreira brilhante no gabinete do procurador-geral.

Dedicas-te a um trabalho que faz a diferença. E vais desistir disso para defender quem? Criminosos. Gente que se acha com direitos especiais e que está tão segura de que não será apanhada que nem concebe essa possibilidade. Gente que acha que as leis existem para quem ganha pouco e que se aplicam conforme a raça e o escalão fiscal.»

Em silêncio, deixou que Harold ficasse progressivamente mais acalorado, porque sabia que tudo aquilo era verdade. Nunca tinham discutido abertamente o assunto, mas sabia que o professor sempre pressupusera que ele faria uma carreira profissional ao serviço da causa pública. Ao longo dos anos, ouvira-o frequentemente lastimar-se, indignado, por antigos alunos cujo talento admirava terem deixado o gabinete do procurador-geral, o Departamento de Justiça, escritórios em regime *pro bono* ou serviços de apoio judiciário para trabalhar para firmas que representavam os mais poderosos. «Uma sociedade não funcionará como deve a menos que os melhores dos melhores se encarreguem de a fazer funcionar», dizia Harold muitas vezes, e ele sempre concordara. E concordava, daí não se poder justificar.

«Não tens nada a dizer em tua defesa?», perguntou finalmente o professor.

— Sinto muito, Harold — respondeu. Ouviu-o silencioso do outro lado. — Está tão zangado comigo... — murmurou.

«Não estou zangado, Jude», disse Harold. «Estou desapontado. Fazes ideia de como és especial? Tens noção de que, ficando no gabinete do procurador-geral, ajudarias a que as coisas mudem para melhor? Se quisesses, chegavas a juiz, talvez mesmo ao Supremo. Assim, não vai acontecer. Serás apenas mais um advogado ao serviço dos grandes interesses económicos e vais combater precisamente tudo o que terias feito de mais meritório. Que desperdício, Jude. Que tremendo desperdício.»

De novo, ficou em silêncio. Repetiu para consigo as palavras de Harold: *Que desperdício, que tremendo desperdício*. Harold suspirou.

«Diz-me a verdade», pediu. «Foi por dinheiro? É esse o motivo? Porque não me disseste que precisavas de dinheiro, Jude? Eu dava-te. Foi só por isso? Diz-me de quanto precisas e eu ajudo-te. Fico feliz se me deixares ajudar-te.»

— Harold... — Hesitou. — Isso é... muito generoso. Mas... não posso.

«Conversa», cortou Harold. «Diz antes que *não queres*. Estou a oferecer-te a possibilidade de continuares no gabinete do procurador-geral, Jude, em vez de o trocares por um sítio que vais detestar, para te dedicares a um trabalho que vais *detestar*, e olha que isto não é um palpite: é um facto. Eu ajudo-te, sem pedir ou esperar nada em troca. Estou a dizer-te que fico *feliz* por te dar o dinheiro de que precisares.»

Oh, Harold, pensou.

— Harold — respondeu, sentindo-se pessimamente —, garanto-lhe que não tem a quantia de que preciso.

Isto calou momentaneamente o professor. Quando tornou a falar, o tom era outro.

«Jude, meteste-te nalgum sarilho? Podes contar-me, sabes isso. Seja o que for,

eu ajudo-te.»

— Não — disse. Queria gritar de desespero. — Está tudo bem, Harold. — Levou a mão direita à perna ligada. A dor era constante e não diminuía.

«Bem, pelo menos isso», murmurou Harold. «Mas para que precisas tu desse dinheiro todo? Se queres comprar um apartamento, eu e a Julia ajudamos-te, estás a ouvir?»

Por vezes, a falta de imaginação de Harold frustrava-o tanto quanto o fascinava. Para o professor, toda a gente tinha pais orgulhosos, juntava dinheiro exclusivamente para comprar apartamentos e fazer férias, e, se precisava de alguma coisa, pedia e ficava resolvido. Parecia estranhamente alheio a um mundo em que tais coisas talvez não fossem factos consumados, em que nem todos tinham esse passado ou caminhavam para esse futuro. Claro que pensar assim era mesquinho e injusto para com o professor e raramente se permitia fazê-lo. Em regra, admirava o otimismo resolutivo de Harold e a sua incapacidade de esperar o pior. Ou talvez o professor apenas se recusasse a ver infelicidade e tormento por toda a parte. A inocência de Harold era tanto mais notável atendendo ao que lecionava e ao filho que perdera e ele amava-o por isso. Como lhe explicar que tinha de acautelar a despesa com cadeiras de rodas, por exemplo, que tinham de ser substituídas ao fim de alguns anos e de que os seguros de saúde apenas pagavam uma parte? Como lhe explicar que Andy, que não tinha acordos com seguradoras, nunca lhe cobrava as consultas, jamais lhe cobrara uma única, mas talvez um dia isso mudasse, e estava fora de questão ficar a dever-lhe dinheiro? Como lhe explicar que, da última vez que a ferida reabriria, Andy mencionara o internamento, pairando a possibilidade de, no futuro, ter de se proceder à amputação? Como dizer a Harold que, se lhe amputassem a perna, haveria o internamento, a reabilitação física e a prótese? E como lhe falar da cirurgia a *laser* para lhe queimarem a carapaça de cicatrizes nas costas? Como explicar a Harold o seu pior medo: tornar-se um velho solitário reduzido a pele e osso e obrigado a usar algália? Como explicar a Harold que não sonhava casar ou ter filhos, mas simplesmente ter dinheiro para pagar a alguém que cuidasse dele se necessário, alguém compassivo que não lhe negaria a privacidade nem a dignidade? Além de outras coisas que também queria e porquê negar? Queria viver num prédio com um elevador que funcionasse. Queria poder andar de táxi sempre que quisesse. Queria poder nadar nalgum lugar reservado, porque lhe aliviava o problema nas costas e porque já não podia fazer as suas caminhadas.

Não podia dizer estas coisas a Harold. Não lhe queria dar a saber a que ponto era defeituoso. Não queria que ele tomasse consciência de que adotara pouco mais do que sucata. Por isso, guardou os anseios para si e disse apenas que tinha de ir e que depois ligava.

Antes da conversa com Harold, mentalizara-se para se resignar ao novo trabalho e para não esperar mais do que isso, mas, para seu mal-estar, depois, surpresa, depois, entusiasmo, e, por fim, alguma repulsa por si mesmo, descobriu que gostava do que fazia na Rosen Pritchard and Klein. Na qualidade de procurador assistente, enfrentara farmacêuticas, por isso, grande parte dos casos

que inicialmente lhe confiaram reportava-se a essa indústria. Trabalhou com uma empresa que ia abrir uma filial asiática e queria instituir um regulamento interno anticorrupção, o que requereu várias deslocações a Tóquio na companhia do sócio principal com quem estava a trabalhar. No fim — coisa rara —, não foi complicado e fez-se depressa e quase sem contratempos. Mas, em regra, os casos eram complicados e demorados, podendo arrastar-se sem fim à vista. Presentemente, dedicava-se sobretudo a montar a defesa de outro cliente da firma: um gigantesco grupo farmacêutico que enfrentava uma acusação de fraude ao Estado. Durante o terceiro ano na Rosen Pritchard, a consultoria de gestão de investimentos para a qual Rhodes trabalhava requisitou os seus préstimos ao ser investigada por fraude de valores mobiliários, o que lhe assegurou a promoção a associado. À partida, a experiência em tribunal deixava-o em vantagem relativamente à generalidade dos colaboradores da firma, mas sabia que, em algum momento, teria de angariar clientes, sendo o primeiro o mais difícil de encontrar.

Jamais o admitiria em conversa com Harold, mas o facto era que lhe agradava conduzir investigações provocadas por denunciadores, ou submeter a Lei contra Práticas de Corrupção no Exterior a testes de esforço, por assim dizer; agradava-lhe pôr à prova a elasticidade das leis, forçá-las um nadinha além do limite, até encontrar o ponto em que o elástico encolhia bruscamente, desferindo uma ligeira chicotada. Durante o dia, repetia para dentro quantas vezes fosse necessário que o seu trabalho era um jogo intelectual, uma expressão da plasticidade da lei no sentido mais amplo. À noite, porém, acontecia-lhe remoer o que diria Harold confessando-lhe ele o que andava a fazer, e aquelas suas palavras tornavam a ecoar-lhe no pensamento: *Que desperdício, que tremendo desperdício*. O que raio andava a fazer?, perguntava a si mesmo em momentos assim. Tê-lo-ia o trabalho na Rosen Pritchard corrompido ou sempre fora venal e apenas idealizara a sua pessoa?

Tudo o que eu faço está dentro dos limites da lei, defendia-se perante o Harold na sua cabeça.

Lá porque podes fazer essas coisas, não significa que devas, contrapunha o Harold na sua cabeça.

Harold tão-pouco se enganara inteiramente: tinha saudades do gabinete do procurador-geral. Tinha saudades de alinhar pelo bem e de lutar lado a lado com os arrebatados, os indignados, os defensores dos injustiçados. Tinha saudades de Citizen, que regressara a Londres, de Marshall, com quem ocasionalmente tomava uma bebida, e de Rhodes, dos três, aquele que via com mais frequência, mas que se tornara um indivíduo prematuramente grisalho e sempre com os nervos em franja, quando antes era alegre, entusiástico e do tipo que, ficando os três no escritório até tarde, reféns da sanha de fazer justiça, punha eletrotango a tocar alto e dançava galantemente pela sala com uma parceira imaginária até conseguir que ele e Citizen erguessem os olhares dos computadores e se desmanchassem a rir. Estavam a ficar mais velhos, todos eles. Simpatizava com Rosen Pritchard e, de modo geral, com os demais, mas não ficava no escritório até tarde a discutir um caso ou a falar de livros: esse ambiente pura e simplesmente não reinava ali. Os

colaboradores da sua idade tinham à espera namoradas e namorados descontentes (a menos que fossem eles as namoradas e namorados descontentes), e os mais velhos andavam todos a tratar de se casar. Nos raros momentos em que não se discutia trabalho, faziam conversa de circunstância sobre noivados, gravidezes e o mercado imobiliário. A lei nunca era tema de conversa, fosse por divertimento ou paixão.

Uma vez que a firma encorajava os seus advogados a exercer *pro bono*, começou a fazer voluntariado numa organização sem fins lucrativos que oferecia aconselhamento legal gratuito a artistas. Funcionavam em regime de ateliê aberto: diariamente, à tarde e à noite, os artistas podiam aparecer sem marcação e falar com um advogado. Assim, todas as quartas-feiras, saía da Rosen Pritchard às sete e seguia para os escritórios que a organização tinha no SoHo, e era ali, na Broome Street, naquele espaço cujo soalho precisava de ser mudado, que passava as três horas seguintes a prestar assistência a pequenos editores independentes que, em vésperas de publicar os seus tratados radicais, se queriam estabelecer como entidade do sector não lucrativo; a pintores envolvidos em disputas de direitos de propriedade intelectual; a companhias de dança, fotógrafos, autores e realizadores com contratos tão fora dos preceitos legais (chegou a ser-lhe mostrado um acordo escrito a lápis num quadrado de rolo de cozinha) que pouco ou nada valiam, ou tão desnecessariamente complicados que os artistas os tinham assinado sem entender patavina — e mesmo *ele* tinha dificuldade em decifrar o que diziam.

Harold não se mostrou particularmente impressionado ao saber que ele começara a fazer voluntariado. Teve a sensação de que o professor achava aquilo uma frivolidade.

— Algum desses artistas tem *talento*? — perguntou-lhe.

— Provavelmente, não — admitiu ele. Porém, não lhe competia julgar o talento dos artistas que passara a ajudar. Não faltava quem fizesse isso. Tocava-lhe dar-lhes a ajuda concreta com que tão poucos contavam, ou não vivessem num mundo que se fazia cego e surdo a considerações de ordem prática. Sabia que estava a romantizar, mas admirava-os, como admirava todos aqueles que viviam à mercê de esperanças que se consumiam depressa, e, embora ficassem mais velhos e obscuros a cada dia, persistiam ano após ano. Ainda nessa veia poética, encarava as horas dedicadas à organização como uma homenagem aos amigos, que viviam vidas que lhe mereciam assombro. Aos seus olhos, eram vitoriosos e orgulhava-se dos três. Ao invés de seguirem caminhos demarcados, como ele fizera, tinham-nos desbravado obstinadamente. Por isso, hoje podiam consagrar os seus dias à criação de beleza.

O seu amigo Richard fazia parte da direção da organização. Mudara-se recentemente para o SoHo e, por vezes, passava na sala dele antes de ir para casa: se o encontrava sozinho, sentava-se para dar dois dedos de conversa; estando ele com um artista, limitava-se a acenar da porta. Certa noite, tendo terminado o horário de atendimento, Richard convidou-o para uma bebida no seu apartamento. Continuando pela Broome Street, passaram pela Centre Street, depois, a Lafayette, a Crosby, a Broadway e a Mercer, e, chegando à Greene Street,

desceram. Richard vivia num prédio estreito e enegrecido pela fuligem. O rés do chão era dominado por uma imponente porta de garagem, à direita da qual havia uma porta de entrada de ferro rematada em cima por um painel de vidro com as dimensões aproximadas de um rosto. Não havia átrio, apenas um corredor de paredes cinzentas e chão de mosaico, iluminado por uma fiada de três lâmpadas cruas. Ao fundo, à direita, havia um elevador industrial que parecia uma cela de prisão de área correspondente à sala e ao quarto de Willem na Lispenard Street. Pressionava-se um botão e a desengonçada porta de grade quase se desconjuntava ao fechar, mas a cabina deslizava sem solavancos ao subir por um poço de blocos de cimento à vista. Pararam no segundo andar, Richard correu a grade, e, tornando a puxar das chaves, abriu as imponentes e pesadas portas duplas de aço do seu apartamento.

— Meu deus — murmurou ele, avançando depois de Richard acender as luzes. O piso era de madeira branqueada, tal como as paredes eram brancas. O teto alto fora inundado de lustres resplandecentes, antigos e novos, de vidro ou metal, pendurados a intervalos de cerca de um metro, uns, mais subidos, outros, mais descidos, de tal maneira que, ao continuarem em diante, ele sentiu tubos de vidro roçar-lhe o cocuruto, enquanto Richard, que era ainda mais alto do que ele, tinha de se baixar para não magoar a testa. Não havia divisórias e, ao fundo, erguia-se uma caixa de vidro tão monumental como as portas duplas de há pouco. Acercando-se, viu um enorme favo de mel, tão delicado como um leque-do-mar. Do outro lado da caixa de vidro havia um colchão com um cobertor, um tapete berbere branco de pelo comprido com contas de vidro que refletiam a luz, um sofá de tecido lanoso também branco e uma televisão: uma bizarra ilha doméstica num cenário de resto árido. Jamais estivera num apartamento tão espaçoso.

— Não é verdadeiro — esclareceu Richard, vendo-o deter-se no favo de mel.
— Moldei-o em cera.

— Ficou magnífico — elogiou, e Richard agradeceu com um assentimento.

— Anda — chamou. — Vou fazer-te a visita guiada. — Estendeu-lhe uma cerveja, depois, desferrolhou e abriu uma porta ao lado do frigorífico. — A escada de emergência — explicou. — Adoro. Parece que vamos... descer ao inferno, sabes?

— Sem dúvida — concordou ele, avançando para espreitar. A escada desaparecia no escuro. Recuou, subitamente inquieto, embora se sentisse idiota por ter tais temores, mas Richard pareceu não se dar conta, apenas fechou a porta e correu o ferrolho.

Regressaram ao elevador e desceram ao primeiro andar, onde Richard tinha o estúdio. Mostrou-lhe o que andava a fazer.

— Chamo-lhes mal-entendidos — disse, e fê-lo segurar algo que, num primeiro momento, ele julgou ser um ramo de vidoeiro-branco, mas não, era argila refratária; seguiu-se uma pedra redonda, polida e curiosamente leve, que, afinal, fora talhada em freixo e trabalhada ao torno para criar o efeito de peso e solidez; e, por fim, um esqueleto de pássaro feito de centenas de pedacinhos de cerâmica. Um alinhamento de sete caixas de vidro bissetava o estúdio no sentido

longitudinal. Mais pequenas do que aquela que, no piso de cima, albergava o favo de mel moldado em cera, tinham as dimensões aproximadas dos caixilhos das janelas do estúdio e continham amontoados irregulares de uma escura substância amarelada repulsivamente a meio caminho entre borracha e carne e a um passo de se desmoronar.

— Isso, sim, são verdadeiros favos de mel, ou eram — explicou Richard. — Deixei as abelhas aí algum tempo, depois libertei-as. O título de cada um corresponde ao tempo que foram ocupados, em que foram, de facto, uma casa e um abrigo.

Sentaram-se nas cadeiras de escritório com rodízios que Richard usava para trabalhar e beberam as cervejas enquanto conversavam. Falaram do trabalho de Richard, da sua próxima exposição — a segunda individual, com inauguração marcada para daí a seis meses — e dos novos quadros de JB.

— Ainda não os viste, pois não? — perguntou Richard. — Passei no estúdio dele há duas semanas e são magníficos, os melhores que ele já pintou. — Sorriulhe. — Aviso-te de que surges em grande destaque.

— Já sei — respondeu ele, tentando não fazer um esgar. — Mas conta, Richard — atalhou, mudando de assunto —, como encontraste este espaço? É fantástico.

— É meu.

— A sério? Compraste o apartamento? Fico impressionado; é muito adulto da tua parte.

Richard deixou escapar uma gargalhada.

— Não. Falava do prédio. Sou o proprietário. — Passou a explicar: os avós eram importadores e, quando o pai e a tia dele eram pequenos, tinham adquirido dezasseis antigas fábricas na Baixa de Manhattan (seis no SoHo, seis em TriBeCa, quatro em Chinatown) para converter em armazéns. Tinham quatro netos e cada um ficara com um dos edifícios por ocasião do trigésimo aniversário. Ao fazerem 35 anos (como fora o caso de Richard no ano anterior), os avós davam-lhes outro. Aos quarenta, receberiam o terceiro. O último, receberiam pelo quinquagésimo aniversário.

— Deixaram-te escolher? — perguntou ele, tomado do estranho misto de incredulidade e vertigem que o visitava de cada vez que ouvia histórias assim. Tinha dificuldade em conceber que semelhante riqueza de facto existisse, sendo discutida como se nada fosse, e, também, que estivesse nas mãos de alguém seu conhecido havia tanto tempo. Ocasões assim recordavam-lhe que continuava a ser tremendamente ingénuo e pouco sofisticado. Era incapaz de imaginar tais fortunas ou que conhecidos seus as *tivessem*. Depois de tantos anos, a vida em Nova Iorque, e, sobretudo, o seu trabalho, já o deveriam ter desenganado, mas não, na sua cabeça, os ricos continuavam a não ser Ezra, Richard ou Malcolm, mas tal como eram mostrados nos *cartoons* e nas comédias: homens de cabelos brancos, mãos sapudas, carecas reluzentes e modos pesadões, que vestiam com garbo, andavam em carros com vidros escurecidos, tinham mulheres magríssimas e antipáticas e viviam em casas de chão sempre reluzente.

— Não. — Richard arreganhou um sorriso. — Os meus avós decidiram quais se adequavam a cada personalidade. A minha prima rabugenta, por exemplo, foi contemplada com um antigo armazém de vinagre na Franklin Street.

Ele deu uma gargalhada.

— Aqui, eles armazenavam o quê?

— Eu mostro-te.

Regressaram ao elevador e subiram ao terceiro andar. Richard abriu uma porta e acendeu as luzes. Havia paletes empilhadas quase até ao teto. Tijolos, pareceu-lhe.

— Mas não uns tijolos *quaisquer* — ressaltou Richard. — São tijolos de terracota vidrados, importados da Úmbria. — Puxou um de uma paleta aberta e estendeu-lho, e ele segurou-o e voltou-o nas mãos. Tinham um acabamento verde brilhante. Passou os dedos pelas bolhinhas no verniz. — Há mais dois pisos por cima deste e também estão a abarrotar com tijolos — disse Richard. — Os meus avós estão a negociar a venda com um grossista de Chicago. Quando a transação estiver concluída, fico com o quarto e o quinto andar desocupados. — Sorriu. — Eis a explicação para o meu magnífico elevador.

Regressaram ao apartamento, com o seu jardim suspenso de lustres, e Richard ofereceu-lhe a segunda cerveja.

— Escuta — atalhou —, queria discutir um assunto importante contigo.

— Fala — encorajou-o ele, pousando a garrafa na mesa de centro e inclinándose para a frente.

— Em princípio, os tijolos saem daqui até ao final do ano — continuou Richard. — O quarto e o quinto andar são exatamente como este. A planta é idêntica: as mesmas paredes estruturais e três casas de banho. A minha pergunta é se queres ficar com um.

— Ia adorar, Richard, mas depende da renda que pedires — respondeu ele.

— Não estou a propor que o arrendes, Jude — disse Richard. — Pergunto se queres comprar. — Já discutira o assunto com o pai, que era o advogado dos avós: o prédio seria dividido em frações, sendo que lhe estava a ser proposto adquirir uma. A família de Richard impunha uma única condição: ter direito de preferência no caso de ele ou os herdeiros um dia venderem o apartamento. Far-lhe-iam um preço justo e começaria a pagar uma renda mensal a Richard, a descontar na altura da compra. Não era a primeira vez que os Goldfarbs faziam aquilo: no ano anterior, a namorada da prima rabugenta adquirira um piso do antigo armazém de vinagre e tudo corria perfeitamente. Richard explicou que, ao passarem um dos prédios em seu nome para esse regime e passando a haver um mínimo de dois proprietários, obtinham um benefício fiscal, daí o pai estar a tentar que cada um fizesse isso.

— E o teu motivo, qual é? — murmurou ele, quando recuperou da surpresa. — Porquê eu?

Richard encolheu os ombros.

— Como está, isto torna-se solitário — respondeu. — Não vou passar a vida a bater-te à porta, descansa, mas seria simpático saber que há mais alguém no

prédio. E tu és o mais responsável dos meus amigos, que, aliás, não são muitos. Também gosto da tua companhia. E... — Hesitou. — Promete-me que não te vais zangar.

— Ui — murmurou ele. — Vá, prometo.

— O Willem contou-me o que aconteceu há um ano, aquilo de queres subir ao apartamento e teres de ir pela escada por o elevador estar avariado. Não é nada de que te devas envergonhar, Jude. O Willem preocupa-se contigo, só isso. Comentei com ele que te ia propor este negócio antes de saber dessa história e ele achou e acha que tens aqui um lugar onde poderás viver durante muito tempo. Para sempre, se quiseres. Aqui, não vais dar com o elevador avariado, e, se acontecer, eu desço para te ajudar. Claro que podes escolher comprar apartamento noutro lado, mas espero que pelo menos ponderes a minha proposta.

Naquele momento, não se sente zangado, mas exposto, não apenas aos olhos de Richard mas também perante Willem, de quem tenta esconder o mais possível, não por não confiar nele, mas por não querer que Willem o veja como uma pessoa diminuída que precisa de ser ajudada e que tomem conta de si. Quer que Willem — e qualquer deles — o ache forte e capaz, alguém que podem procurar quando lhes surgir algum problema, ao invés de ser sempre ele a pedir-lhes ajuda. Fica constrangido ao pensar nas conversas a seu respeito tidas por Willem e Andy, ou Willem e Harold (bem mais frequentes do que lhe dizem os piores receios, está convencido), e, agora, também por Willem e Richard, e entristece-o saber que a preocupação de Willem consigo lhe consome tanto tempo e que Willem se vê obrigado a pensar nele nos mesmos moldes em que pensaria no irmão, se Hemming fosse vivo: como um homem adulto que precisa de cuidados constantes e que não tem a capacidade de tomar decisões. Torna a imaginar-se na velhice. Imaginá-lo-á Willem da mesma maneira? Partilharão esse medo? Parecerá esse desfecho tão inevitável a Willem como lhe parece a ele?

Vem-lhe à memória uma ocasião em que estava na conversa com Willem e Philippa e, na brincadeira, ela comentou que, quando fossem um casal idoso, se mudariam para a propriedade dos seus pais no sul do Vermont, onde se dedicariam a cuidar dos pomares.

— Já consigo imaginar — disse. — Os nossos filhos adultos voltam todos para casa, por não se conseguirem safar no mundo real, e trazem os *seus* filhos, ao todo, seis fedelhos com nomes alternativos, que andam nus pela casa e não vão à escola, e que eu e o Willem teremos de amparar até ao fim dos nossos dias.

— E os vossos filhos, o que farão na vida? — perguntou ele, porque, mesmo quando brincava, interessava-lhe a ordem prática das coisas.

— O Oberon será artista plástico e fará instalações usando exclusivamente artigos de supermercado, e a Miranda será citarista, mas, em vez das cordas normais, usará cordel — declarou Philippa, ao que ele sorriu. — Um e outro estarão eternamente a fazer a pós-graduação e o Willem terá de continuar a trabalhar até estar tão velhinho e sem forças que terei de o levar para as filmagens numa cadeira de rodas... — Calou-se e ficou muito vermelha, mas recompôs-se da gafe e prosseguiu. — Para lhes pagar as propinas e experiências várias. Terei de

desistir da vida de figurinista e então começarei uma empresa de compota de maçã orgânica para liquidarmos as dívidas e não perdermos a casa, que será uma grandiosa e desmesurada ruína com térmitas por todo o lado, e a nossa mesa de jantar terá o tampo de madeira numa lástima, mas, por outro lado, será suficientemente comprida para acomodar os doze.

— Treze — corrigiu Willem no mesmo instante.

— Porquê treze?

— Porque... o Jude também lá vai viver.

— Ah vou? — perguntou ele, em tom ligeiro, mas feliz, e aliviado, por fazer parte dos planos de Willem para a velhice.

— Claro. Ficas no anexo das visitas e, todas as manhãs, o meu neto mais crescido e responsável leva-te os *waffles* de trigo-sarraceno, porque vais estar tão farto de nós que te recusas a sentar connosco à mesa, e, depois do pequeno-almoço, eu apareço para te fazer uma visita e para me esconder do Oberon e da Miranda, que me obrigam a apoiar e elogiar cada novidade em que se metem. — Willem lançou-lhe um sorriso arreganhado, que ele retribuiu, não lhe escapando que Philippa baixara os olhos para a mesa e já não sorria. Quando tornou a levantar a cabeça, os seus olhares encontraram-se por uma fração de segundo antes de ela desviar o seu.

Não muito depois dessa ocasião, sentiu que a atitude de Philippa para consigo mudara. Não se tratou de algo de que os demais se dessem conta — talvez nem ela se tenha apercebido —, mas, se antes entrava no apartamento, e, encontrando-a entretida com os seus esboços, ia buscar um copo de água, vinha para a sala e os dois ficavam descontraidamente na conversa, podendo ele espreitar o que ela estava a fazer, Philippa passou a saudá-lo com um aceno seco, acompanhado de «O Willem teve de ir à mercearia» ou «Ele deve estar a chegar», ainda que ele não tivesse perguntado (e Philippa era sempre bem-vinda na Lispernard Street, estivesse Willem no apartamento ou não), e ele continuava ali durante uns minutos, até se tornar por demais óbvio que Philippa não queria conversa, e, nessa altura, retirava-se para o quarto e ficava a trabalhar.

Percebia a má vontade de Philippa: sempre que saía com ela, Willem queria que ele também fosse, incluindo-o em tudo, até na sua futura vida de reformado e no sonho de Philippa para a velhice dos dois. Passou a ter o cuidado de recusar os convites de Willem, mesmo não se tratando de coisas para fazer com a carmetade — se Malcolm os convidava para uma festa, por exemplo, ele tinha o cuidado de não ir com os dois, e, em vésperas do fim de semana do Dia de Ação de Graças, convidou Philippa para o passar com eles em Boston, mas ela acabou por não ir. Chegou a tentar conversar com Willem sobre essa animosidade de que se apercebera, numa tentativa de o fazer prestar atenção ao que, tinha a certeza, Philippa andava a sentir.

— Não gostas dela? — perguntou Willem, apreensivo.

— Sabes perfeitamente que eu gosto da Philippa — tranquilizou-o ele. — Simplesmente... acho que deviam fazer mais coisas em casal, Willem. Deve ser chato para ela ter-me sempre atrelado a vocês.

— Ela *disse* isso?

— Não, claro que não. É um palpite. Baseado na minha vasta experiência com mulheres, como tu sabes.

Posteriormente, ao saber que Willem e Philippa tinham terminado, sentir-se-ia tão culpado como se fosse o exclusivo responsável. Porém, antes disso, houve um momento em que se perguntou se Willem teria compreendido que nenhuma namorada investida no relacionamento toleraria a sua presença constante na vida dos dois — e se, por isso, estaria a tentar pôr em marcha um plano alternativo para ele, por *não querer* que ele acabasse os seus dias no anexo para hóspedes na propriedade para onde se mudaria com a mulher para gozar a reforma, tal como ele não queria ser o pobre amigo solteirão de Willem, um lembrete inútil da vida de eterno adolescente que ele deixara para trás. *Fico sozinho*, decidi. Willem podia ser feliz e não seria ele a arruinar-lhe essa possibilidade. *Queria* que Willem tivesse o pomar, a casa roída pelas térmitas, os netos e a mulher que não gostava de dividir a companhia e a atenção dele com mais ninguém. Queria que Willem tivesse tudo o que merecia e desejava. Queria que Willem tivesse uma vida livre de preocupações, imposições e encargos — e ele seria os três.

Na semana seguinte, o pai de Richard — um senhor alto, sorridente e amável, que ele conhecera três anos antes, na inauguração da primeira exposição individual de Richard — enviou-lhe o contrato, que ele pediu a um antigo colega de curso especialista em direito imobiliário que o ajudasse a analisar, juntamente com o relatório da vistoria técnica ao imóvel, que ele passou a Malcolm. Quando viu o preço final, julgou que fosse vomitar, mas o antigo colega de curso disse-lhe que nem pensasse em recuar.

— Não deixes escapar uma oportunidade assim, Jude. Olha que tu nunca, nunca, nunca mais vais encontrar um apartamento com esta área neste bairro por este preço.

E, analisado o relatório da vistoria técnica, seguindo-se uma visita ao apartamento, o conselho de Malcolm foi o mesmo:

— Compra.

Assim fez. E, ainda que os Goldfarbs não precisassem urgentemente do dinheiro e tivessem concordado com um plano de pagamento a dez anos que se traduziria num contrato para arrendamento com opção de compra sem juros, ele estava decidido a saldar a totalidade do valor tão depressa quanto conseguisse. Metade do cheque quinzenal ia para o apartamento, sendo a outra metade para as despesas e para a poupança. Deu a notícia a Harold durante um dos seus telefonemas semanais, anunciando apenas que se mudara («Louvado seja o *altíssimo*», disse o professor, que nunca gostara do apartamento na Lispenard Street), sem mencionar a compra, porque não queria que Harold se sentisse obrigado a contribuir. Da Lispenard Street, levou apenas o colchão, o candeeiro, a mesa e uma cadeira, com que ocupou apenas um canto do novo apartamento. À noite, por vezes erguia momentaneamente os olhos do trabalho e não se conseguia impedir de achar que a compra fora um absurdo. Como iria ocupar tanto espaço? Como faria para se sentir aconchegado ali? Lembrou-se de Boston, de quando

vivera na Hereford Street. Nessa altura, apenas sonhava ter um quarto — uma porta que pudesse fechar. Mesmo em Washington, quando era assessor de Sullivan, dormia na sala de um apartamento de duas assoalhadas que partilhava com um assistente parlamentar acreditado a quem raramente via. A Lispenard Street marcara uma estreia na sua vida: pela primeira vez, tivera um quarto digno desse nome, com uma janela digna desse nome, inteiramente para si. Um ano depois da mudança para a Greene Street, Malcolm fez as paredes divisórias, o que tornou o espaço mais confortável, e, no ano seguinte, instalou-se Willem, tornando-se o apartamento ainda mais confortável. Acabava por ver Richard bem menos do que imaginara — um e outro viajavam frequentemente em trabalho —, mas, aos domingos, por vezes descia ao estúdio dele ao anoitecer e ajudava-o nalgum projeto: Richard tanto lhe estendia uma lixa e uma mão-cheia de pequenos ramos e pedia que os deixasse lisos como o pusera a cortar as ráquis de penas de pavão. O espaço de trabalho de Richard era o tipo de lugar que o teria deliciado na infância. Para onde quer que se voltasse, havia recipientes e tigelas com maravilhas várias: galhos, pedras, escaravelhos mortos, penas, passarinhos de plumagem colorida empalhados ou macios blocos de madeira clara, cada um com sua forma e feitio. Por vezes, desejava poder esquecer o trabalho, sentar-se no chão do estúdio e brincar, algo que raramente pudera fazer em pequeno, por ter sempre serviço à espera.

O apartamento ficou pago em três anos e, de seguida, começou a juntar dinheiro para as obras, o que levou menos tempo do que julgara, em parte, por causa de algo que aconteceu com Andy. Certo dia, rumou à Alta de Manhattan, para a consulta, e, ao entrar no gabinete, Andy mostrou-se severo, porém estranhamente triunfal.

— O que foi? — perguntou ele, e, sem dizer palavra, Andy estendeu-lhe um artigo que arrancara de uma publicação científica. Passou os olhos pelo cabeçalho. O artigo abordava as conclusões de um estudo sobre uma inovadora técnica *laser* ainda considerada experimental que se revelara uma solução com muito potencial para a remoção de queloides, mas que entretanto se descobrira ter efeitos adversos a médio prazo: eliminados os queloides, surgiam lesões semelhantes a queimaduras que degeneravam em feridas e a pele sob as cicatrizes tornava-se significativamente mais frágil e atreita a gretar e abrir, com formação de bolhas e infeção.

— É isto que queres fazer, não é? — perguntou Andy, e, sentado na marquesa, com aquelas páginas arrancadas na mão, ele não conseguiu falar. — Eu *conheço-te*, Judy. E já sei da consulta que tens marcada com aquele charlatão do Thompson. Escusas de negar. Eles pediram a tua ficha clínica, que eu não enviei. Por favor, Jude, não faças isto. Não te podia dizer isto mais a sério. A última coisa de que precisas são chagas nas costas, a juntar às das pernas. — Aguardou um momento, mas ele nada disse. — Fala comigo — pediu Andy.

Abanou a cabeça. Andy tinha razão: também andava a juntar dinheiro para a operação. Usara os prémios anuais, a maior fatia da poupança e o dinheiro que ganhara havia anos com as explicações a Felix para pagar o apartamento. Em

meses recentes, dando-se conta de que o apartamento estava praticamente pago, começou a juntar novamente, desta vez para o procedimento cirúrgico. Tinha tudo pensado: trataria das costas, depois juntaria o que faltasse para as obras. Já sonhava com umas costas lisas como o chão do apartamento: o rasto de cicatrizes, uma descomunal larva agarrada à sua carne, recusando ceder terreno, seria pulverizado em segundos, apagando de vez quaisquer indícios dos capítulos da instituição e de Filadélfia, que deixaria de trazer escritos no corpo. Dava tudo por tudo para esquecer, era uma luta diária, mas, por mais que tentasse, ali estavam as marcas que não o deixavam esquecer, a prova de que aquilo que ele fingia não ter acontecido acontecera, sim.

— Jude — murmurou Andy, sentando-se ao lado dele na marquesa. — Sei que isto foi uma desilusão. E prometo avisar-te logo que surgir um tratamento eficaz e seguro. Sei que te incomoda ter as costas assim e estou sempre à procura de alguma solução. Mas, de momento, não há, e, em consciência, não posso permitir que faças isto a ti mesmo. — Ficou calado. Ficaram os dois. — Suponho que te devia ter perguntado isto mais reiteradamente: as cicatrizes doem-te? Causam-te desconforto físico? Sentes a pele repuxada?

Ele assentiu.

— Escuta — continuou Andy, após um silêncio —, posso receitar-te alguns cremes que trarão melhoras visíveis, mas terias de pedir a alguém que os aplicasse todas as noites e te massajasse as costas, senão, não resulta. Estás disposto a deixar alguém fazer isso? O Willem, por exemplo? Ou o Richard?

— Não consigo — respondeu ele, falando para as páginas arrancadas que continuava a segurar.

— Bem — murmurou Andy —, passo-te a receita na mesma e também te vou mostrar como fazer. Fica descansado: falei com um dermatologista, não é nenhum método inventado por mim. Só não sei se será eficaz sendo tu a fazer. — Ergueu-se da marquesa. — Podes abrir a bata e voltar-te para a parede?

Ele obedeceu e então sentiu as mãos de Andy nos seus ombros, depois a percorrer-lhe lentamente as costas. Ficou na expectativa de o ouvir dizer «És um exagerado, isto não é nada de mais» ou «Não vejo nada que mereça tanta vergonha», como por vezes fazia, mas, naquela ocasião, Andy não fez comentários desses, apenas lhe massajou as costas como se as palmas das suas mãos emitissem, elas, sim, raios *laser* — como se, pairando sobre o seu corpo, o estivessem a curar, como se, sob o seu poder, a sua pele estivesse a limpar-se das marcas e a ficar sã. Após alguns minutos, Andy disse-lhe que podia fechar a bata, ele assim fez, e voltou-se.

— Sinto muito, Jude, mesmo — disse Andy, que agora não o conseguia encarar, invertendo-se o que acontecera pouco antes. — E se fôssemos comer alguma coisa? — sugeriu, no fim da consulta, enquanto ele se vestia.

Abanou a cabeça.

— Tenho de voltar para o escritório. — Andy ficou silencioso, mas, quando ele ia sair, fê-lo deter-se.

— Jude — chamou. — De verdade que lamento. Custa-me ser eu a deitar por

terra as tuas esperanças. — Ele anuiu, sabia que era verdade, mas, naquele momento, era-lhe insuportável estar na companhia de Andy e tudo o que mais queria era distanciar-se dele.

Por outro lado, recorda a si mesmo (está resolvido a ser mais realista e a deixar-se de fantasias de que vai ficar sem marcas), se afinal não vai fazer a operação, então já tem dinheiro para Malcolm começar as obras. Passaram alguns anos desde que se mudou para o apartamento e, desde então, Malcolm ficou mais arrojado e criativo, daí que o projeto originalmente esboçado tenha sido várias vezes revisto, mudado e melhorado, e, nesse processo de contínuas alterações, ele vê uma confiança estética que se afirmou e desenvolveu: Malcolm tornou-se seguro das suas idiossincrasias. Não muito tempo depois de ele entrar para a Rosen Pritchard and Klein, Malcolm deixou a Ratstar, e, aliando-se a dois antigos colegas e a Sophie, que conhecia da faculdade de Arquitetura, fundou a Bellcast, cuja primeira angariação foi a renovação do *pied-à-terre* de um amigo dos pais de Malcolm. No ateliê Bellcast, dedicavam-se sobretudo a projetos residenciais, mas, no ano anterior, tinham angariado o seu primeiro projeto de grande destaque, um museu de fotografia em Doha, daí que Malcolm — como Willem, como ele — se ausentasse com cada vez mais frequência.

— A vida é sempre mais fácil quando se tem pais ricos — resmungara um idiota numa das festas de JB, não escondendo o azedume ao saber que a Bellcast ficara em segundo lugar no concurso para a criação de um memorial aos japoneses de ascendência americana detidos por razões de segurança durante a guerra, que seria erguido em Los Angeles. E então, antes que ele ou Willem lhe pudessem dar a devida réplica, já JB estava aos berros com o tipo, restando-lhes trocar um olhar nas suas costas e sorrir, orgulhosos ao vê-lo erguer-se com tal veemência em defesa de Malcolm.

A evolução do projeto de renovação do apartamento na Greene Street tem sido fascinante de acompanhar: corredores materializam-se e esfumam-se, a cozinha cresceu, depois encolheu, e as estantes embutidas começaram por ocupar toda a parede voltada a norte, que não tem janelas, depois estenderam-se à parede do lado sul, que as tem, depois recuaram. Já houve uma versão sem paredes («São águas-furtadas, Judy, devemos respeitar-lhes a essência», argumentou Malcolm, mas ele foi categórico: queria um quarto, com uma porta que se fechasse à chave) e, noutra, Malcolm propôs tapar completamente as janelas voltadas a sul, que são nada mais nada menos do que a razão por que ele escolheu ficar com o último andar. Mais tarde, Malcolm reconheceu que fora uma ideia imbecil. Ainda assim, gosta sempre de ver as propostas dele e enternece-o que Malcolm dedique tanto tempo — bem mais do que ele — a pensar no seu conforto. E, agora, vai mesmo acontecer. Já tem de parte dinheiro suficiente para Malcolm concretizar as fantasias decorativas mais descabeladas. Pode comprar cada peça de mobiliário, cada tapete e cada jarra que ele sugerir.

A mais recente versão do projeto tem gerado alguns desentendimentos entre os dois. Da última vez que viu os desenhos, há três meses, reparou num acrescento que não conseguiu identificar em volta da sanita da casa de banho da suíte.

— O que é isto? — perguntou.

— São barras de apoio — respondeu Malcolm, quase de fugida, como se, dizendo depressa, diminuísse o impacto. — Já sei o que vais dizer, Judy, mas... — Entretanto, ele já estava a ver tudo com mais atenção. Leu as notas miudinhas que Malcolm escrevinhara no desenho da casa de banho e constatou que ele também pusera barras daquelas no chuveiro e em volta da banheira, e, inclusivamente, na cozinha, onde também baixara partes da bancada.

— Eu nem ando a usar a cadeira de rodas — murmurou, consternado.

— Mas, Jude... — começou Malcolm, depois calou-se. Sabia o que ele estava à beira de lhe dizer: *Já usaste. E vais voltar a usar.* Porém, voltou atrás. — São normas obrigatórias para os casos especiais — optou por dizer.

— Eu entendo, Mal — disse ele, agora vexado por se ter melindrado daquela maneira. — Mas não quero que isto seja o apartamento de um aleijado.

— Não vai ser, Jude. Será o teu apartamento. Mas não achas que talvez, como precaução...

— Não, Malcolm. Muda isso. A sério.

— Devíamos encarar isto com espírito prático...

— Ah, agora interessa-te o que é *prático*? O homem que propôs que eu vivesse num espaço de mais de quatrocentos e cinquenta metros quadrados sem uma única parede? — Calou-se. — Desculpa, Mal.

— Tudo bem, Jude — respondeu Malcolm. — Eu percebo. A sério.

Agora, parando diante dele, Malcolm sorri.

— Tenho uma coisa para te mostrar — anuncia, acenando com o rolo dos desenhos.

— Obrigado, Malcolm — diz ele. — Mas podemos vê-los depois? — Teve de marcar hora com o alfaiate e não quer chegar atrasado.

— É rápido — assegura Malcolm. — Depois deixo-os contigo. — Senta-se ao seu lado, desenrola as folhas, pedindo-lhe que as segure do seu lado, e indica-lhe o que eliminou e alterou. — Tornei a uniformizar a bancada, que ficará toda da altura-padrão — diz, mostrando-lhe o desenho da cozinha. — Tirei as barras de apoio do duche, mas pus este rebordo, que podes usar como assento, se necessário. Juro-te que fica bonito. Deixei as da sanita. Pondera a ideia, é tudo o que peço. Podemos instalá-las no fim e, se as detestares mesmo, tornamos a tirar, mas... no teu lugar, punha-as, Judy. — Relutante, ele anui. Ainda não sabe, mas, anos mais tarde, ficará grato por Malcolm ter acautelado o futuro, ainda que contra a sua vontade: dar-se-á conta de que, no seu apartamento, os corredores são mais largos do que o habitual, tal como a casa de banho e a cozinha têm áreas generosas, permitindo que uma cadeira de rodas circule sem dificuldade; as entradas são amplas e, onde possível, optou-se por portas de correr; na casa de banho da suíte, não há arrumação por baixo do lavatório; o varão mais alto do roupeiro pode ser descido, bastando premir um botão; a banheira está equipada com um assento de banho dobrável; e, por último, Malcolm venceu e as barras de apoio foram instaladas de um lado e do outro da sanita. Tomado de um estranho assombro amargurado, perceberá que, depois de Andy, Willem e Richard, também Malcolm

lhe anteviu o futuro e percebeu a sua inevitabilidade.

Seguem para o seu compromisso, onde são tiradas as medidas a Malcolm para lhe serem feitos dois fatos, um, azul-marinho, o outro, cinza-escuro. Franklin, o alfaiate, vem cumprimentá-lo e comenta que não o via há dois anos, e Malcolm acode-lhe:

— A culpa é toda minha — diz, e sorri. A seguir, almoçam. *Folgar ao sábado é bom*, ocorre-lhe, enquanto bebem limonada feita com água de rosas e comem couve-flor assada e polvilhada com zatar num concorrido restaurante israelita perto da alfaiataria. Malcolm está entusiasmado com o começo das obras no apartamento e ele também.

— Não podia calhar em melhor altura — repete Malcolm, uma e outra vez. — Vou dizer no ateliê que peçam todas as licenças necessárias na câmara já na segunda-feira e, enquanto é e não é aprovado, termino o projeto de Doha, para poder arrancar com o teu apartamento logo de seguida. Enquanto isso, ficas no apartamento do Willem. — A renovação ficou concluída recentemente, tendo ele acompanhado os trabalhos bem mais de perto do que o próprio Willem, de tal maneira que, na reta final, se encarregou da escolha das cores. Na sua opinião, Malcolm saiu-se estupendamente; será um prazer viver lá durante um ano.

O almoço termina cedo e, saindo do restaurante, detêm-se no passeio. Choveu durante toda a semana, mas, naquele dia, está um céu muito azul e ele continua a sentir-se bem — desassossegado, na verdade —, por isso sugere a Malcolm caminharem. Vê-o hesitar e olhá-lo discretamente da cabeça aos pés, como se a tentar perceber quão capaz disso ele está, mas acaba por assentir com um sorriso, e seguem em diante, depois sobem em direção à Village. Ao passarem pelo prédio na Mulberry Street onde JB viveu antes de se mudar para Brooklyn, calam-se momentaneamente, e ele percebe que estão ambos a pensar em JB, perguntando-se o que ele andarà a fazer e sabendo, embora não saibam, porque não tem JB atendido as suas chamadas nem as de Willem, tal como não responde às mensagens e aos *e-mails*. Os três já discutiram o assunto dúzias de vezes, tal como se aconselharam com Richard, Ali e os Henries Young quanto ao que poderão fazer, mas, de cada vez que tentam falar com JB, ele esquivava-se, não os deixa entrar ou ignora-os. «Só vamos conseguir quando ele já não der conta da situação», disse Richard a dada altura e ele teme que seja verdade. Por vezes, ocorre-lhe que JB se desligou inteiramente deles e que não lhes resta senão aguardar que lhe aconteça alguma coisa tão grave que só eles o poderão ajudar, e que, nessa altura, reconquistarão o espaço que já ocuparam na sua vida.

— OK, Malcolm, tenho de perguntar — diz ele, ao passarem numa zona da Hudson Street que, aos fins de semana, sem vivalma ou uma única árvore, se transforma num deserto —, vais casar com a Sophie ou não? Todos queremos saber.

— Nem eu sei, Jude — confessa Malcolm, mas o caso é que parece aliviado, como se desejasse ouvir aquela pergunta há muito tempo. Talvez desejasse, de facto. Desfia os hipotéticos contras (o casamento é tão convencional; parece tão definitivo; não tem o mais pequeno interesse numa grande festa, mas teme que,

com Sophie, se passe o oposto; os pais vão passar a vida a tentar meter a sua colherada; a ideia de viver o resto da vida com uma colega arquiteta deprime-o; sendo ele e Sophie cofundadores do ateliê, o que será da Bellcast se as coisas não correrem bem entre os dois?), passando depois aos prós, que não se distinguem dos contras (está convencido de que, não a pedindo em casamento, ela se porá a andar; os pais não param de lhe moer a cabeça com o assunto e ele quer ver se os cala de uma vez; ama Sophie de verdade e sabe que não vai conseguir arranjar melhor; tem 38 anos e sente que tem de ir para *algum* lado). Ele esforça-se por não sorrir enquanto o vai ouvindo. Eis um traço de carácter de Malcolm de que sempre gostou: sabe ser perentório quando se trata dos seus projetos e conceitos, mas, no resto que diz respeito à sua vida, é um poço de hesitações, e pouco se lhe dá que os outros vejam isso. Malcolm nunca foi de tentar parecer mais carismático, confiante ou sofisticado do que é, e, a cada ano que passa, cada vez ele gosta mais daquela sua franqueza enternecedora e lhe admira a capacidade de confiar cegamente nos amigos e suas opiniões.

— Diz-me a tua opinião, Jude — pede ele, por fim. — Sinceramente, há muito que queria falar disto contigo. Podemos sentar-nos nalgum lado? Tens tempo? Já sei que o Willem chega não tarda...

Far-lhe-ia bem ser mais parecido com Malcolm, ocorre-lhe. Devia ser capaz de pedir ajuda aos amigos, de se expor. Até porque já aconteceu, apenas não se tratou de uma escolha. E, mesmo depois disso, eles sempre foram amáveis e jamais fizeram de propósito para o deixar constrangido. Será que isso não lhe ensinou nada? Por exemplo: *pode* pedir a Willem que lhe aplique os cremes nas costas. Tem a certeza de que, ainda que ele ficasse repugnado com o que vai ver, não diria uma palavra. E Andy tinha razão: é-lhe muito difícil fazer aquilo sozinho, de tal maneira que acabou por desistir, embora sem deitar fora os cremes.

Tenta imaginar-se a abordar o assunto com Willem e descobre que, mesmo na sua fantasia, não consegue ir além da primeira palavra: *Willem*. Nesse momento, percebe que não será capaz de lhe pedir. *Juro que confio em ti*, diz-lhe, mesmo se jamais terão aquela conversa. *Mas a ideia de me veres como realmente sou é mais do que consigo suportar*. Agora, quando se imagina idoso, continua sozinho, mas na Greene Street, e, nesses devaneios, imagina Willem numa casa algures, rodeada de verde e de árvores — nas montanhas Adirondack, por exemplo, ou nas colinas Berkshire —, feliz, rodeado de pessoas que o amam, vindo porventura à cidade algumas vezes por ano para o visitar na Greene Street e passarem a tarde juntos. Nesses sonhos, está invariavelmente sentado, por isso, não sabe se ainda consegue andar, mas sabe que, de todas as vezes, fica encantado por rever Willem, e que, a cada despedida, lhe consegue dizer que não se preocupe, que é perfeitamente capaz de cuidar de si, porque assegurar-lhe isso é dar-lhe a sua bênção, e ainda bem que consegue ser forte e não arruinar o idílio de Willem com a sua incapacidade, com a sua solidão, com a sua carência.

Mas esse momento apenas chegará dali por muitos anos, recorda a si mesmo. Enquanto isso, esperançado e ansioso, Malcolm aguarda a sua resposta.

— O Willem só chega esta noite — diz-lhe. — Temos a tarde inteira, Mal.

Tenho todo o tempo de que precisares.

A última tentativa — séria — de JB para se libertar das drogas foi no fim de semana do 4 de julho. Nenhum dos amigos estava na cidade: Malcolm e Sophie tinham ido visitar os pais dela em Hamburgo, Jude estava em Copenhaga com Harold e Julia, Willem estava a filmar na Capadócia, Richard estava numa colónia de artistas no Wyoming e o Henry Young asiático estava em Reiquiavique. Só ele ficara — porque não queria voltar atrás com a decisão, caso contrário, não lhe teriam faltado opções: podia estar em Beacon, onde Richard tinha casa, em Quogue, onde Ezra tinha casa, em Woodstock, onde Ali tinha casa, em... Bem, talvez fossem só esses. Não lhe ocorria muito mais quem presentemente estivesse disposto a emprestar-lhe a casa, além de que não falava com quase ninguém, porque todos o irritavam. O problema era que detestava os verões em Nova Iorque. Nisso, era igual à generalidade dos gordos: detestava sentir as pregas de gordura peganhentas e a roupa colada ao corpo. Não havia um segundo em que não se sentisse transpirado. Porém, ali estava, a rodar a chave na porta do estúdio no segundo andar de um edifício de tijolo pintado de branco em Kensington, olhando instintivamente para a porta de Jackson, ao fundo do corredor, antes de entrar.

Não era um drogado. Sim, metia drogas. Muitas. Mas não era um agarrado. Os outros, sim. Jackson, Zane, Hera, Massimo, Topher — todos eles. Por vezes, tinha a sensação de que fora o único que não caíra no abismo.

Sabia que não faltava quem pensasse o contrário, daí ter ficado na cidade, quando deveria ter ido passar aqueles quatro dias a algum lado. Mas não. Dedicar-se-ia a trabalhar, não tocara em drogas, e, com isso, calaria todos de uma vez.

Era sexta-feira. O primeiro dia. Tinha o ar condicionado avariado, por isso, a primeira coisa que fez foi abrir todas as janelas. E, depois de se certificar de que Jackson não estava, de facto, no estúdio — foi lá bater, apenas ao de leve —, deixou a porta aberta. Normalmente, não a deixava assim, por causa de Jackson, mas também do barulho. O seu estúdio era uma de catorze salas no segundo andar de um edifício de quatro andares. Supostamente, apenas podiam funcionar como espaços de trabalho, mas JB desconfiava que pelo menos vinte por cento dos inquilinos vivia ali ilegalmente. Nas raras ocasiões em que chegava antes das dez da manhã, via-os andar de *boxers*, e, ao usar a casa de banho no fundo do corredor, havia sempre alguém diante do lavatório, de esponja na mão, a improvisar o banho, a barbear-se ou a escovar os dentes. Cumprimentava-os com um aceno — «Tudo bem?» — e eles acenavam de volta. Lamentavelmente, reinava uma atmosfera não de república de estudantes, mas de estabelecimento prisional, o que o deprimia. Podia ter arranjado um estúdio noutro lado, numa zona melhor, e, inclusivamente, onde tivesse mais privacidade, mas decidira-se por aquele porque (tinha vergonha de admitir) o edifício lhe parecera uma residência académica, o que o fizera ter esperança de se sentir de regresso aos tempos do curso — o que

não acontecera.

Também se tratava supostamente de um edifício com «baixa densidade de ruído», fosse isso o que fosse, mas, além dos artistas plásticos, várias bandas — de *thrash-metal* irónico, *folk* irónico ou acústicas, mas irónicas — tinham ali os seus espaços de ensaio, o que se traduzia numa cacofonia sem tréguas em que a soma de todos os instrumentos tocados simultaneamente se traduzia num prolongado queixume de distorção de guitarras. Claro que nenhuma daquelas bandas devia estar ali e, quando o dono do edifício, o tal Mr. Chen, aparecia para uma inspeção surpresa, o que acontecia de poucos em poucos meses, embora fechasse a porta do estúdio, JB ouvia os gritos de aviso viajar pelos corredores, cada um, o eco do anterior, até o alerta se expandir do rés do chão ao quarto andar — «Chen!», «Chen!», «Chen!» —, de tal maneira que, quando Mr. Chen entrava no edifício, o silêncio era absoluto e tão anormal que ele julgava conseguir ouvir o ocupante do estúdio vizinho esfregar o bastão de cera sobre uma pedra de tinta para diluir o pigmento, ou o vizinho do outro lado, que ia trabalhando a espirógrafo sobre tela. Por fim, Mr. Chen regressava ao carro e arrancava, e, nessa altura, o eco fazia o percurso inverso — «Já foi!», «Já foi!», «Já foi!» —, reinstalando-se a cacofonia qual invasão de cigarras estridentes.

Quando se certificou de que não havia mais ninguém no seu andar (mas onde *raio* se metera toda a gente? Seria o único ser humano que restava à face da Terra?), despiu a camisa, e, após um momento, também as calças, e começou a limpar o estúdio, algo que não fazia havia meses. As latas do lixo estavam junto do montacargas e, numa longa sucessão de idas e vindas, encheu-as de caixas de cartão com restos de piza, latas de cerveja vazia, papel rasgado cheio de gatafunhos, pincéis cujos pelos pareciam palha porque ele não os lavara e caixas de aquarelas com a consistência de barro cozido porque ele não tivera o cuidado de não as deixar secar.

Limpar aborrecia-o — mais ainda estando sóbrio. Ocorreu-lhe, não pela primeira vez, que, supostamente, as metanfetaminas traziam vários benefícios, mas que ainda não sentira nenhum desses efeitos milagrosos. Conhecia alguns que tinham ficado magríssimos, outros que andavam numa roda-viva de sexo anónimo, outros a quem davam vaipes e passavam horas a fio a limpar e arrumar os apartamentos e os espaços de trabalho. Ele não. Continuava gordo. A libido evaporara-se. O estúdio e o apartamento tinham-se tornado catástrofes. Sim, chegava a trabalhar doze ou catorze horas de uma assentada, o que era extraordinário, mas tão-pouco podia atribuir isso às metanfetaminas; sempre fora trabalhador. Tratando-se de pintar ou desenhar, tinha grande capacidade de concentração.

Ao fim de cerca de uma hora a recolher lixo, o estúdio continuava exatamente como quando começara, e, entretanto, apetecia-lhe um cigarro, que não tinha ali, ou uma bebida, que também não tinha ali, além de que seria asneira, porque ainda só era meio-dia. Sabia que tinha uma pastilha das grandes no bolso das calças de ganga, que procurou, encontrou — estava ligeiramente amolecida do calor —, meteu na boca e ficou a mascar deitado no chão de barriga para cima e de olhos fechados, saboreando a frescura do cimento nas costas e nas coxas e imaginando

que estava noutro lugar e não em Brooklyn em pleno mês de julho, quando a temperatura subia acima dos 30 graus.

Como me sinto?, perguntou a si mesmo.

Bem, respondeu a si mesmo.

Começara a ir a um terapeuta que lhe dera esse trabalho de casa.

— É como se fosses um cantor e estivesse a fazer um teste de som antes do concerto — explicara. — É uma maneira de checares o que vai aí dentro. Pergunta a ti mesmo: *Como me sinto? Preciso de uma dose? E, se preciso, então sinto essa necessidade* porquê? É uma maneira de comunicares contigo e examinares os teus impulsos, em vez de simplesmente lhes cederes.

Que atrasado mental, pensara JB, e, desde então, a sua opinião não mudara. Porém, à semelhança de outras imbecilidades, não conseguia tirar aquela pergunta da cabeça. De repente, nos momentos mais inopinados e inoportunos, dava por si a perguntar a si mesmo como se sentia. Por vezes, a resposta era «Sinto-me com vontade de meter uma merda qualquer», e era o que fazia, nem que apenas para mostrar ao terapeuta como o seu método era imbecil. *Vês?*, dizia ao Giles na sua imaginação, e Giles nem sequer era um médico a sério, o seu doutoramento era em assistência social. *Toma lá a teoria dos exames de consciência. Que mais, Giles? Tens mais algum método brilhante?*

Não fora por sua iniciativa que começara a fazer terapia. Em janeiro — já lá iam seis meses, portanto —, a mãe e as tias tinham-no surpreendido com uma espécie de «intervenção fofinha», que começara com a mãe a partilhar recordações sobre o menino tão animado e precoce que JB fora, e como ele andava agora, seguindo-se a tia Christine, que, fazendo literalmente o papel da polícia má, desatou aos berros com ele, que estava a malbaratar as oportunidades que a irmã tudo fizera para lhe dar e que se tornara num chatarrão que só dava chatices, e, por fim, foi a vez da tia Silvia, que sempre fora a mais branda das três, que lhe recordou como era talentoso e disse que elas queriam o seu JB de volta e se podia pelo menos ponderar fazer um tratamento. JB não estava com a mínima disposição para intervenções (embora aquela tenha sido tão suave que nem foi muito desconfortável; a mãe até fez o *cheesecake* de que ele mais gosta, comendo os quatro enquanto elas lhe criticavam o comportamento), porque, entre outras coisas, continuava zangado com elas. Um mês antes, morrera a sua avó, e a mãe só o avisara passado um dia. Justificara-se invocando que não o conseguia encontrar e que ele não estava a atender o telefone, mas JB *sabia* que, no dia em que a avó morrera, não metera nada, além de que mantivera o telemóvel ligado durante todo o dia, não entendendo porque lhe estava a mãe a mentir.

«JB, a tua avó ficava de coração partido se soubesse no que tu te tornaste», disse ela ao telefone.

— Foda-se, mãe, não chateies — respondeu ele, enfasiado, farto de lhe ouvir prantos e a voz trémula, e então a tia Christine apareceu ali e deu-lhe uma bofetada.

Depois disso, concordou em fazer terapia com Giles (que era amigo de uma amiga da tia Silvia), mas apenas porque não arranjou melhor maneira de pedir

desculpa à tia Christine, e, claro, à mãe. Infelizmente, Giles era, de facto, um imbecil, e, nas sessões (pagas pela mãe — nem pensar que ia gastar o seu dinheiro em terapia, muito menos em má terapia), dava réplica às perguntas nada criativas de Giles — *Já te perguntaste porquê essa atração pelas drogas, JB? Sentes que te dão o quê? Na tua opinião, porque aceleraste tanto os hábitos de consumo nestes últimos anos? Se eu te perguntasse porque passaste a conviver muito menos com o Malcolm, o Jude e o Willem, o que respondias?* — com respostas que, sabia, o iam deixar em êxtase. Mencionava a morte do pai e o enorme vazio e desorientação que essa ausência o tinham feito sentir, a superficialidade do mundo das artes e o medo de não cumprir o seu potencial, via-o escrever sem parar no bloco, a caneta quase aos saltos, tal o orgasmo, e o desdém pela estupidez de Giles e a aversão à sua imaturidade seguiam a par e passo. Jogos daqueles com o terapeuta — ainda que o terapeuta merecesse fazer figura de parvo — eram o tipo de coisa que se fazia aos dezanove, não aos 39.

Mas, embora Giles fosse um idiota, JB dava por si a refletir sobre as perguntas que ele lhe fazia, por serem perguntas que também ele já fizera a si mesmo. E, ainda que Giles as formulasse enquanto breves dilemas filosóficos, JB sabia que, na verdade, todas estavam ligadas, e que, sendo gramatical e linguisticamente possível juntá-las numa única longa pergunta, nada expressaria melhor porque chegara ele ao estado atual.

Começaria por responder a Giles que não planeava gostar tanto de drogas como descobrira gostar. Parecia uma coisa óbvia e quase disparatada de se dizer, mas a verdade era que conhecia pessoas — quase todas ricas, quase todas brancas, quase todas enfadonhas, quase todas desamadas pelos pais — que se tinham começado a drogar por acharem que isso as tornaria mais interessantes, assustadoras ou magnéticas, ou simplesmente porque o tempo passava mais depressa. O seu amigo Jackson, por exemplo, era uma delas. Não era o caso de JB. Claro que sempre metera drogas — como toda a gente, aliás —, mas, durante o curso, e na casa dos vinte, encarara as drogas tal como fazia com os doces, que também adorava: um consumível proibido na infância, mas de que agora enchia a barriga se assim lhe apetecesse. Meter drogas ou comer cereais com leite depois do jantar (tão açucarados que o deixavam com formigueiros na garganta e o leite que sobrava na tigela podia ser sorvido como sumo da cana-de-açúcar) eram privilégios da idade adulta de que ele tinha ideias de fazer pleno proveito.

Segunda e terceira perguntas: quando e porquê se tinham as drogas tornado tão importantes para si? Também sabia as respostas. Aos 32, fizera a primeira exposição individual, que tivera duas consequências. Em primeiro lugar, tornara-se inegavelmente uma estrela. As publicações da especialidade tinham começado a dedicar-lhe artigos, mas não só: agora, também se escrevia sobre ele em jornais e revistas generalistas, lidos por pessoas que não sabiam que uma coisa era Sue Williams e outra, Sue Coe. A segunda consequência foi que estragou a amizade com Jude e Willem.

Talvez a palavra fosse exagero. Mas as coisas tinham mudado, sem dúvida. Ele fizera algo que não devia ter feito — hoje, conseguia admitir — e Willem tomara

o partido de Jude (nem percebia a sua surpresa por Willem ter ficado do lado de Jude; revisitando a amizade desde o começo, estavam lá todos os indícios: Willem sempre tomara o partido de Jude, uma vez e outra e outra), e, ainda que ambos tivessem mais tarde dito que o perdoavam, o equilíbrio da relação alterara-se. Aqueles dois, Jude e Willem, tinham-se tornado uma dupla, uma frente unida contra o mundo e contra ele (porque não se dera conta disso antes?): *Nós dois bastamo-nos e não precisamos de mais ninguém*. Ora, JB sempre achara que *ele* e Willem formavam uma dupla.

OK, não eram dupla nenhuma. Assim sendo, quem lhe restava? Não podia contar com Malcolm, que, entretanto, começara a namorar com Sophie, sendo, portanto, essa a dupla. E ele? Quem iria emparceirar consigo, com quem formaria uma dupla? Com ninguém, ou assim lhe parecia o mais das vezes. Os três tinham-no abandonado.

E continuavam a abandoná-lo um pouco mais a cada ano que passava. Sempre soubera que, dos quatro, seria o primeiro a alcançar o êxito. Não se tratava de arrogância: sabia, simplesmente. Sempre fora mais trabalhador do que Malcolm e mais ambicioso do que Willem. (Deixava Jude de fora, porque a profissão dele operava numa métrica inteiramente diferente, na qual JB tinha pouco ou nenhum interesse.) Mentalizara-se de que, dos quatro, seria ele o rico, famoso e respeitado, sabendo, ao sonhar com toda essa fortuna, fama e respeito, que continuaria amigo deles e jamais os renunciaria fosse por quem fosse, por mais avassalador que fosse o atrativo. Amava-os e os três pertenciam-lhe.

Jamais lhe passou pela cabeça que poderiam ser *eles* a abandoná-lo, que, na senda das suas conquistas, o deixariam para trás. Malcolm abria o ateliê de arquitetura. Jude seguia nas suas andanças e decerto não se estaria a sair nada mal: na primavera, JB pedira-lhe que o representasse numa questão idiota que tivera com um colecionador (queria processá-lo para reaver um dos seus primeiros quadros, que, na altura, o colecionador lhe prometera que poderia readquirir, acabando mais tarde por se desdizer), e então, ao dizer ao advogado do colecionador que entrasse em contacto com Jude St. Francis, o seu advogado, o outro ficara de sobrolho arregalado.

— O *St. Francis*? — perguntou. — Como *raio* conseguiu isso?

JB comentou o episódio com o Henry Young preto, que não se admirou.

— Sim, não sabia? — respondeu. — O Jude é conhecido pela frieza e por ser feroz com o adversário. Ele recupera-te o quadro, JB, não te preocupes. — Sobressaltou-se ao ouvir isto. O *seu* Jude? O mesmo que só no segundo ano do curso se atrevera finalmente a levantar a cabeça e a olhar para ele quando lhe falava? *Feroz*? Era incapaz de imaginar semelhante coisa. — Eu sei — concordou o Henry Young preto quando ele lhe deu conta da sua incredulidade. — O Jude torna-se outra pessoa no trabalho, JB. Já o vi uma vez em tribunal e ele é quase assustador. Ataca a presa e não a larga. É inacreditável. Se não o conhecesse, tinha ficado a achá-lo odioso. — No fim, o Henry Young preto tivera razão: recuperara o quadro e, a somar a isso, o colecionador escrevera-lhe uma carta a pedir desculpa.

Por fim, havia Willem. Assumindo o seu lado mais horrível e mesquinho, tinha de reconhecer que nunca por nunca esperara ver Willem alcançar tamanho êxito. Desejara isso para ele, claro, mas não achara que fosse acontecer. Porque Willem não tinha espírito competitivo. Ou pressa de chegar a algum lado. Porque, durante o curso, recusara o protagonista de *Dá Raiva Olhar Para Trás* para ir ficar à cabeceira do irmão doente, escolha que, por um lado, JB entendeu, mas, por outro, não: nessa altura, o irmão dele nem sequer estava em estado terminal, tanto que até a mãe de Willem lhe disse para não ir. Os amigos já não precisavam dele para ter colorido e *frisson* nas suas vidas. Desagradava-lhe pensar que era do tipo que, embora não queira ver os amigos fracassarem, deseja ser por eles olhado ligeiramente de baixo para cima, mas talvez fosse.

O êxito tinha uma qualidade que sempre lhe passara despercebida: tornava as pessoas maçadoras. O fracasso fazia o mesmo, mas de maneira diferente: aqueles que não eram bem-sucedidos lutavam sem descanso por um único objetivo, o êxito. Porém, quem tinha sucesso lutava incansavelmente por uma única coisa: mantê-lo. A diferença era a mesma que há entre correr e correr sem sair do lugar, e, embora correr fosse sempre um tédio, independentemente da modalidade, pelo menos, os que corriam para algum lado estavam em movimento e sempre mudavam de cenário e viam coisas diferentes. De novo, até nisso lhe parecia que Jude e Willem estavam na posse de qualquer coisa de que ele não fora dotado, uma qualquer qualidade que os protegia do sufocante *ennui* do sucesso, do tédio de acordar e perceber que se é um sucesso e que se passou a estar condenado a ter de continuar diariamente a fazer aquilo que nos trouxe o sucesso, porque, parando, deixar-se-á de ser um sucesso, passando-se a ser um fracasso. Por vezes, ocorria-lhe que o que verdadeiramente o distinguia, juntamente com Malcolm, de Jude e Willem não era a raça ou o dinheiro, mas a inesgotável capacidade tanto de Jude como de Willem de se maravilharem: um e outro tinham tido infâncias tão depauperadas e cinzentas, se comparadas com a sua, que, em adultos, pareciam achar tudo deslumbrante. Ainda se lembrava daquele mês de junho depois de concluírem as licenciaturas. Os pais de Malcolm tinham presenteado os quatro com uma viagem a Paris, onde tinham um apartamento no 7^e arrondissement, ficaram eles a saber na altura («Atenção, é *minúsculo*», ressaltou Malcolm, na defensiva). JB fora a Paris com a mãe no final do nono ano, depois, com a turma, no final do 12.^o, e estivera lá pela terceira vez no verão antes de começar o terceiro ano do curso, mas só ao ver as expressões de Jude e Willem teve uma percepção mais apaixonada não só da beleza da cidade como também dos arrebatamentos que parecia prometer. Invejava-lhes a capacidade (embora compreendendo que, pelo menos no caso de Jude, isso era a recompensa por uma infância que fora um longo castigo) de continuar a ficar boquiabertos, a sua fé inabalável em que a vida e a idade adulta lhes continuariam a oferecer as experiências mais espantosas, em que os anos mais maravilhosos estavam por vir. Lembrava-se de os ver provar ouriços-do-mar — pareciam duas Helens Kellers que acabavam de compreender que aquela coisa molhada e fria nas suas mãos tinha um nome e que o iam ficar a saber — e de se impacientar com as suas reações, que, por outro lado, provocaram nele

uma inveja aguda. Qual seria a sensação de, sendo-se já adulto, se continuar a descobrir os prazeres do mundo?

Talvez fosse por isso — sentia JB de vez em quando — que adorava a sensação de estar pedrado. Contrariamente ao que muita gente pensava, não se tratava de fugir da realidade, mas de fazer a realidade parecer menos banal. Durante um curto período — que, semana após semana, não parava de encurtar —, o mundo tornava-se esplêndido e misterioso.

Noutras alturas, perguntava-se se teria sido o mundo a perder o colorido, se os seus amigos. Quando se tornara toda a gente tão padronizada? Com demasiada frequência, tinha a sensação de que qualquer deles fora realmente interessante apenas durante o curso, e pior, durante a licenciatura — no mestrado, já estavam a decair. Depois disso, lenta e inexoravelmente, tinham-se tornado iguais a toda a gente. As três fundadoras das Backfat, por exemplo: durante o curso, tinham descido a Charles Street de mamãs ao léu, gordas, voluptuosas e de carnes a tremelicar como gelatina, em protesto contra os cortes de apoio financeiro à Planned Parenthood (ninguém percebeu muito bem a relevância do *topless*, mas adiante). Davam concertos estrondosos na cave da Casa dos Capelos e tinham queimado o retrato de um senador antifeminista em pleno *campus*. Agora, era vê-las: a Francesca e a Marta falavam de ter filhos e iam mudar-se das águas-furtadas em Bushwick para uma casa de cidade em Boerum Hill, enquanto a Edie ia finalmente começar o seu negócio, desta vez, a valer, de tal maneira que, no ano anterior, quando ele sugerira uma reunião das Backfat, as três se tinham fartado de rir — quando ele falava a sério. Embora a nostalgia persistente o deprimisse e o fizesse sentir velho, não conseguia impedir-se de sentir que os anos gloriosos, aqueles em que a vida lhe parecera iluminada com luzes fluorescentes, eram coisa do passado. Toda a gente lhe parecera tão mais divertida nessa altura! O que lhes acontecera?

Acontecera-lhes a idade, supunha, e tudo o que vinha por acréscimo. Os empregos. O dinheiro. Os filhos. Todas essas coisas que adiavam a morte e asseguravam cada um da sua relevância, tudo o que trouxesse conforto, contexto e conteúdo. No fim, nem a personalidade mais irreverente conseguia resistir a essa marcha ditada pela biologia e pela normatividade.

Porém, tudo isto se referia aos seus pares. O que de facto lhe interessava saber era quando se tinham os seus *amigos* tornado tão convencionais e porque levava ele tanto tempo a reparar nisso. Claro que Malcolm sempre fora convencional, mas, de alguma maneira, esperara mais de Willem e Jude. Ciente de que era uma ideia horrível (daí que nunca lhe desse voz), já por diversas vezes dissera para consigo que fora amaldiçoado com uma infância feliz. Onde estaria hoje se, em vez de uma infância feliz, lhe tivesse acontecido alguma coisa de facto interessante? Mas não. A sua única circunstância interessante fora estudar num colégio onde quase todos os seus colegas eram brancos e mesmo isso não era nada de abrir a boca. Graças a deus não se tornara escritor, porque não teria assunto. Depois, era ver o caso de alguém como Jude, que *não* tivera uma infância como a generalidade das pessoas e *não* se parecia com a generalidade das pessoas, mas que, JB sabia, tentava a toda a

hora ser tal qual toda a gente. Não torceria o nariz a ter a aparência de Willem, claro, mas teria sido capaz de matar uma pequena criatura adorável para ser como Jude: coxear sem ninguém saber porquê, e aquilo até era mais deslizar do que coxear, e ter uma cara e um corpo assim. Mas Jude esforçava-se por ficar parado e não levantava os olhos do chão, como se a tentar que os outros não se dessem conta de que ele existia. Na faculdade, JB achara isso triste, mas compreensível, porque, nessa altura, Jude tinha um tal ar de rapazinho subnutrido que se tornava doloroso olhar para ele, mas, agora que era um homem, JB enfurecia-se com aquele seu comportamento, sobretudo porque as inseguranças de Jude lhe estorvavam amiúde os planos.

— Será que a tua ambição na vida é ser completamente mediano, sensaborão e indiferenciado? — chegara a perguntar-lhe. (Acontecera durante a segunda grande discussão entre os dois, quando tentara convencer Jude a posar nu, sabendo, antes de dizer a primeira palavra, que não havia a mais pequena possibilidade de conseguir levar a sua avante.)

— Sim, JB — confirmou Jude, lançando-lhe um daqueles seus ocasionais olhares intimidantes, quase ligeiramente assustadores na sua assumida ausência de expressão. — É precisamente isso que ambiciono.

Já suspeitara mais do que uma vez que a verdadeira ambição de Jude era ficar por Cambridge com Harold e Julia, e brincarem os três às famílias felizes. No ano anterior, por exemplo, um colecionador que já adquirira quadros seus — um conhecido patrono das artes, com dinheiro que nunca mais acabava, que adorava fazer o périplo das ilhas gregas no seu iate e juntara um ror de obras-primas modernas que qualquer museu de bom grado teria na coleção, mas que ele pendurava na casa de banho do barco — convidara-o para um cruzeiro.

Na altura, Malcolm estava ocupado com o projeto em Doha ou lá onde raio fosse, mas Willem e Jude estavam em Manhattan, e ele ligara a Jude e perguntara-lhe se estava interessado. O colecionador pagava as passagens de avião. Ou mandava o seu jato privado. Cinco dias num iate. Nem percebia porque estava a ser necessário fazer aquela conversa toda. Deveria ter bastado mandar-lhes uma mensagem a dizer: «Venham ter ao Aeroporto de Teterboro e tragam protetor solar.»

Mas não, perguntara, Jude agradecera, e, de seguida, dissera:

«Mas isso calha no fim de semana do Dia de Ação de Graças.»

— Sim, e depois? — replicou ele.

«JB, agradeço muito o convite», disse Jude, e ele não acreditou no que estava a ouvir. «Deve ser uma experiência incrível. Mas já me comprometi com o Harold e a Julia.»

JB ficou atónito. Sim, também gostava muito de Harold e Julia, e, como os outros, via que eles eram atenciosos com Jude e que a amizade do casal o deixara um nadinha menos atormentado pelos seus demónios, mas por amor de deus! Eles moravam em *Boston*. Podia vê-los sempre que quisesse. Mas Jude disse que não e ficou dito. (E, claro, tendo ele recusado, Willem também recusou. Final da história: acabou ele em Boston com os dois e com Malcolm, a ferver de raiva com

a cena à mesa: substitutos de pais; amigos dos substitutos de pais; abundância de comida desenxabida; liberais entretidos a debater políticas dos democratas, envolvendo isso gritaria com fartura a respeito de questões em que *todos eles estavam de acordo* — tudo tão genérico e estereotipado que só lhe apetecia gritar, mas ali estavam Jude e Willem, completamente fascinados, o que era bizarro.)

Já não sabia se começara primeiro a aproximar-se de Jackson, se primeiro se dera conta de como os seus amigos eram entediados. Conheceu Jackson depois da inauguração da sua segunda exposição individual, quase cinco anos depois da primeira. Chamou-lhe «Todos os que Conheci Todos os que Amei Todos os que Odiei Todos com Quem Fodi» e era precisamente o que o título anunciava: os 150 rostos de todos aqueles que jamais conhecera, pintados sobre madeira, em pranchas de 40 cm por 55 cm. A inspiração para essa série fora um retrato que JB pintara de Jude para oferecer a Harold e Julia no dia em que a adoção fora formalizada. (Deus do céu, adorava aquele quadro. Nunca o devia ter oferecido. Ou, pelo menos, já o podia ter trocado: Harold e Julia dar-se-iam por satisfeitos por outro de qualidade inferior, contanto que fosse um retrato de Jude. Da última vez que estivera em Cambridge, ponderara seriamente roubá-lo; à saída, podia simplesmente tirá-lo do prego no corredor e enfiá-lo no saco de viagem.) Tal como sucedera com a primeira exposição individual, «Todos os que Conheci» foi um êxito, mas não se tratava da série originalmente planeada; a que ele quisera fazer era aquela em que agora estava a trabalhar.

Jackson era outro artista da galeria, mas, embora já tivesse ouvido o nome, JB não o conhecia, e, ao serem apresentados durante o jantar que se seguiu à inauguração, surpreendeu-o simpatizar tanto com ele e achá-lo tão cómico, porque Jackson não era o tipo de pessoa por quem ele normalmente se interessava. Para começar, seria impossível detestar mais o trabalho dele. Jackson fazia escultura do mais óbvio e pueril que podia haver, coisas como as pernas de uma Barbie coladas ao fundo de uma lata de atum. *Meu deus*, pensou, da primeira vez que viu aquilo no *website* da galeria. *Sou representado pela mesma galeria que representa este?* Para JB, aquilo nem sequer era arte. Na sua ótica, era uma provocação, embora só um liceal — até ao nono ano, não mais — pudesse achar aquilo provocante. Jackson definira aquela sua série como *kienholziana*, afirmação que JB achara ofensiva — mesmo não gostando de Kienholz.

Em segundo lugar, Jackson era rico — tão rico que não conhecera um único dia de trabalho na vida. Tão rico que o galerista de ambos aceitara representá-lo (pelo menos, era o que toda a gente dizia, e, por deus, JB esperava que fosse verdade) a título de favor ao seu pai. Tão rico que, de cada vez que fazia uma exposição em nome próprio, não ficava nada por vender, porque (de novo, um rumor) a mãe — que, durante a adolescência de Jackson, se divorciara do pai dele, um fabricante de uma maquina qualquer indispensável nos aviões, e casara com um inventor de uma maquina qualquer indispensável para realizar um transplante de coração — comprava tudo, depois leiloava as peças, para fazer o valor subir, e comprava-as pela segunda vez, inflacionando a cotação do filho. Ao contrário de outras pessoas ricas que JB conhecia — entre elas, Malcolm, Richard

e Ezra —, Jackson só raramente fingia não ser rico. JB sempre se irritara com a parcimónia desses outros, parecia-lhe fita e mais nada, mas, numa ocasião em que, às três da manhã, estavam os dois mocados, parvinhos e esganados de fome, ver Jackson pagar dois chocolates com uma nota de cem e dizer ao empregado de balcão que ficasse com o troco fora uma chamada à realidade. A despreocupação quase obscena de Jackson com o dinheiro confrontava JB com a evidência de que, por mais que se imaginasse diferente dos amigos, no fundo, era tão convencional, sensaborão e bom menino como eles.

Em terceiro lugar, Jackson nem sequer era giro. JB supunha que ele fosse hétero — ou, pelo menos, tinha sempre raparigas à volta, todas com pele perfeita e expressões vazias, agarradas a ele como algodão embora Jackson as tratasse com desdém —, mas jamais conhecera pessoa menos *sexy*. Jackson tinha um cabelo louro quase branco, acne, e uns dentes que, claramente, custara uma fortuna endireitar, mas que, entretanto, se tinham enchido de manchas cor de poeira, já para não falar no tártaro amarelo-manteiga que deixava JB com o estômago às voltas.

Os seus amigos odiavam Jackson, e, ao ficar patente que Jackson e a sua grupeta — meninas ricas e sem amigas como Hera, arremedos de artista como Massimo e pretensos críticos de arte como Zane, muitos deles, colegas de Jackson desde os tempos do externato para tristes que Jackson não tivera alternativa senão frequentar depois de conseguir a proeza de ser expulso de cada colégio particular em Nova Iorque, incluindo aquele que JB frequentara — tinham vindo para ficar, cada um deles tentou discutir o assunto com JB.

— Estás sempre a dizer que o Ezra é uma fraude — atirou-lhe Willem à cara. — Diz lá em que se distingue o Jackson, tirando o bónus de ser uma besta imbecil?

Era verdade, Jackson *era* um imbecil, e, na sua companhia, JB ficava igual. Uns meses antes, durante a quarta ou quinta tentativa de largar a droga, certo dia, ligara a Jude. Eram cinco da tarde, acabava de acordar e sentiu-se tão pessimamente, tão inacreditavelmente velho, cansado e *acabado* — sentia-se pegajoso e saburiento e tinha os olhos secos como madeira —, que, pela primeira vez na vida, desejou morrer, desejou simplesmente não ter de viver mais um dia, outro e outro. *Alguma coisa tem de mudar*, disse para consigo. *Tenho de me afastar do Jackson. Tenho de parar com isto. Tem de acabar*. Tinha saudades dos amigos inocentes e atinados, de ser o mais interessante do grupo e de não ter de se esforçar por ser interessante.

Por isso, ligou a Jude (Willem viajara para rodar outra merda de outro filme, evidentemente, e duvidava que Malcolm tivesse arcaboço para aquela conversa) e pediu-lhe, suplicou, que passasse em sua casa depois do trabalho. Explicou-lhe precisamente onde escondera o resto de cristais de metanfetaminas (debaixo da tábua do soalho partida do lado direito da cama) e o cachimbo e pediu-lhe para despejar a droga na sanita e para se desfazer do resto.

«Ouve-me, JB», pediu Jude. «Vai esperar-me no café na Clinton, de acordo? Leva o bloco e come qualquer coisa. Eu vou assim que puder. Estou em reunião,

mas, logo que terminar, sigo para aí. Quando te ligar, voltas para casa, de acordo?»

«OK», acedeu ele. Levantou-se, tomou um duche que durou uma eternidade, embora mal se tenha esfregado — ficou debaixo do jato de água, foi tudo —, depois fez exatamente como Jude dissera: agarrou no bloco e nos lápis. Desceu e foi para o café. Conseguiu comer parte de uma sanduíche de frango e bebeu café. E esperou.

Mas, enquanto esperava, quem senão Jackson passou na rua, qual mangusto bipedal de cabelo sujo e queixo delicado. JB observou-o — a passada larga e despachada de menino rico que se acha o máximo, o meio-sorriso autocomprazido que fazia JB ter vontade de lhe bater — com o distanciamento que lhe mereceria um qualquer feioso anónimo que passasse na rua, ao invés de um feioso que via diariamente. E então, no último instante, Jackson olhou na direção da janela, diretamente para ele, abriu aquele sorriso horroroso, rodou nos calcanhares, voltou atrás e entrou no café como se soubesse desde o primeiro instante que JB estava ali e se tivesse materializado para lhe recordar que ele agora era seu e não lhe escaparia, que passara a existir para fazer o que ele quisesse, quando quisesse, e que jamais voltaria a estar no comando da sua vontade. JB entrou em pânico. Pela primeira vez, teve medo de Jackson. *O que aconteceu?*, perguntou a si mesmo. Era Jean-Baptiste Marion, *ele* fazia os planos e *os outros* iam atrás, não o contrário. Jackson não o deixaria afastar-se, percebeu, e isso assustou-o. Jamais tornaria a decidir o que queria ou não queria fazer. Deixara de ser dono da sua vida. Como iria desfazer isso? Como faria para tornar a ser quem fora?

— ‘Tá tudo? — saudou Jackson, sem deixar transparecer a mínima surpresa por o ver ali, como se JB tivesse surgido naquele café por ele assim querer.

O que podia dizer?

— ‘Tá tudo — respondeu. O seu telemóvel tocou. Era Jude: fizera o que ele pedira, já podia voltar. — Tenho de ir — disse JB, e ergueu-se, mas, quando saiu, Jackson seguiu-o.

A expressão de Jude mudou ao ver Jackson com ele.

— JB — disse-lhe, mostrando-se calmo. — Que bom ver-te. Podemos ir?

— Onde? — perguntou ele, como um idiota.

— Para minha casa — disse Jude. — Por causa daquela caixa a que eu não consigo chegar, não te lembras?

Mas ele estava tão baralhado, continuava tão entorpecido, que não percebeu.

— Que caixa?

— A caixa na prateleira do roupeiro a que eu não chego — disse Jude, continuando a fazer como se Jackson não estivesse ali. — Preciso da tua ajuda. Podia usar um banco, mas custa-me subir.

Naquele momento, devia ter-se feito luz. Jude jamais mencionava o que não conseguia fazer. Estava a oferecer-lhe uma saída, mas ele foi tão estúpido que não percebeu.

Percebeu Jackson.

— Acho que o teu amigo te quer afastar de mim — explicou a JB, com um

sorriso idiota. Fora apresentado aos três, mas dizia sempre «os teus amigos», vincando que seus não eram.

Jude encarou-o.

— Tens razão — declarou, ainda no mesmo tom calmo e seguro. — Quero, de facto. — E de novo para ele: — JB? Vens comigo, por favor?

Oh, como ele queria fazer isso. Mas não foi capaz. Não sabia porquê nem chegou a saber; simplesmente não conseguiu. Não tinha vontade própria sequer para simular que a tinha.

— Não consigo — sussurrou, falando para Jude.

— JB — disse Jude, e sob o olhar de Jackson, que continuava com o mesmo sorriso trocista e imbecil, tomou-lhe o braço e levou-o consigo até à beira do passeio. — Vem comigo. Não tens de ficar aqui. Vem comigo, JB.

Nesse momento, JB começou a chorar. Não soluçou, nem sequer foi coisa que se prolongasse, mas chorou.

— JB — repetiu Jude, sempre num tom sereno. — Vem comigo. Não tens de subir.

Mas ele ouviu-se repetir que não podia.

— Não posso. Quero subir. Quero ir para casa.

— Então vou contigo.

— Não. A sério, Jude. Apetece-me ficar sozinho. Obrigado. Vai para casa.

— JB — preparou-se Jude para insistir, mas ele virou-lhe costas, correu para o prédio, frenético, enfiou a chave na ranhura e rodou-a, e correu pelos degraus acima, sabendo que Jude não o podia seguir, mas que Jackson vinha colado aos seus calcanhares, perdido de riso maldoso, e continuou a ouvir Jude («JB! JB!») até entrar no apartamento (Jude aproveitara para fazer uma limpeza rápida: não havia louça suja acumulada e os pratos estavam a secar no escorredor), só então se libertando do seu chamamento. Desligou o telemóvel, vendo que Jude lhe estava a ligar, e tirou o som do intercomunicador, porque, lá em baixo, Jude se pusera a tocar ininterruptamente.

Jackson tinha coca e preparou as linhas, e a noite foi uma repetição de centenas iguais que JB já vivera: os mesmos ritmos, o mesmo desespero, a mesma horrível impressão de limbo.

— Bolas, que o teu amigo é bonito — ouviu Jackson dizer, mais tarde nessa noite. — Só é pena... — Pôs-se de pé e imitou o andar de Jude: um solavancar grotesco sem semelhança alguma com a realidade, de boca descaída feito cretino e mãos pendentes erguidas em diante. E, de tão pedrado, JB não teve energia para se indignar ou dizer uma palavra, por isso, apenas pestanejou enquanto Jackson mancava pelo quarto, tentando chamar a si forças para se erguer em defesa de Jude, as lágrimas a assomar-lhe aos olhos.

No dia seguinte, acordou tarde, estendido de borco à entrada da cozinha. Contornou Jackson, que também adormecera no chão, junto das estantes, e foi ao quarto, onde viu que Jude também lhe fizera a cama, e, por alguma razão, isso fê-lo ter novamente vontade de chorar. Com cuidado, levantou a tábua solta do lado direito da cama e a sua mão tateou em volta do esconderijo: nada. Estendeu-se

sobre o edredão, depois puxou-o e tapou-se, escondendo a cabeça como fazia em pequeno.

Enquanto tentava adormecer, obrigou-se a refletir sobre o que o levava a aproximar-se de Jackson. Sabia qual a razão, claro — apenas tinha vergonha de a recordar. Começara a conviver mais com Jackson para provar a si mesmo que não vivia dependente dos amigos, que não era prisioneiro da sua vida, que era capaz de tomar as suas decisões e assim faria, mesmo que fossem más decisões. Estava numa idade em que, provavelmente, já conhecera todos os amigos que teria. E conhecera os amigos dos amigos. A vida começava a emparedá-lo. Jackson era idiota, imaturo e cruel, o tipo de pessoa que não merecia a sua atenção, com que não estava senão a perder tempo. Sabia tudo isto. E, por tudo isto, avançou. Queria inquietar os amigos, queria mostrar-lhes que não vivia refém das suas expectativas. Fora uma estupidez, uma completa estupidez, a maior de todas. Pura húbri. Que não vitimara mais ninguém senão ele.

— É impossível gostares mesmo daquele tipo — disse-lhe Willem certa vez. E, embora percebesse exatamente porque dizia ele aquilo, fingiu que não, deliciado com o papel de fedelho insolente.

— Impossível *porquê*, Willem? — replicou. — Ele é hilariante. E não é um acomodado. E tem *tempo* para mim quando preciso de alguém. Porque não havia eu de gostar dele, diz lá?

Com as drogas, passara-se o mesmo. Não se tratava de transgredir ou ser da pesada. As drogas não o tornavam mais interessante. Simplesmente, eram uma má ideia que ninguém esperava dele. Hoje em dia, um artista sério não se drogava, ponto final. Esse tipo de indulgência desaparecera, tivera o seu tempo durante a Beat Generation, o expressionismo abstrato e a *pop-art*. Fumar erva, *ainda vá*. Depois, muito de vez em quando, num momento especialmente irónico, *talvez* uma linha de coca. E estava. Vivia-se uma era de disciplina e privação e não de inspiração, e, fosse como fosse, inspiração e drogas já não eram sinónimos. Ninguém que ele conhecia e respeitava — Richard, Ali, o Henry Young asiático — as consumia, tal como não tocavam em açúcar, caféina, sal, carne, glúten ou nicotina. Agora, os artistas eram ascetas. Por vezes, querendo afirmar a sua rebeldia, dizia para consigo que as drogas eram uma coisa tão ultrapassada, tão esgotada, que isso as colocava de novo na vanguarda. Mas sabia que não era verdade, tal como sabia que mentia ao dizer que gostava das ocasionais festas de sexo no apartamento cheio de eco que Jackson tinha em Williamsburg, onde grupos raramente repetidos de gente magríssima e sem tónus muscular se apalpavam às cegas, e onde, da primeira vez que um rapazinho demasiado jovem, delgado e liso para ser verdadeiramente o seu tipo lhe disse que se ia cortar e queria que ele o visse beber o próprio sangue, JB teve vontade de rir. Mas não riu, e vê-lo fazer um golpe no bíceps e torcer o pescoço para lamber o sangue como um gatinho a lavar-se causou-lhe uma pontada de tristeza. «Ai, JB, quem me dera arranjar um rapazinho branco jeitoso», lamuriara-se certa vez o seu ex (agora, apenas um amigo), Toby, e, naquele momento, a recordação da conversa fê-lo sorrir. Também ele queria o mesmo. Um rapazinho branco jeitoso, apenas isso.

Nada que se parecesse com a pobre criatura com ar de salamandra que agora tinha à sua frente, tão pálida que por pouco não era translúcida, e que ia lambendo o próprio sangue, porventura a sedução menos erótica do planeta.

Porém, cheio de respostas como era, continuava a faltar-lhe uma: como deixar as drogas? Como parar? Ali estava, literalmente, um prisioneiro no seu espaço de trabalho, literalmente a espreitar o fundo do corredor para se certificar de que Jackson não vinha aí. Como faria para escapar a Jackson? Como faria para reaver a sua vida?

Na noite depois de pedir a Jude que lhe viesse deitar fora a droga que tinha escondida em casa, ligara-lhe finalmente de volta e Jude pedira-lhe que fosse ao seu apartamento, mas ele não quis, e Jude veio ao seu. JB sentou-se a olhar para a parede enquanto Jude lhe fazia um risoto de camarão para o jantar. Por fim, estendeu-lhe um prato servido, depois encostou-se à bancada e ficou a vê-lo comer.

— Dás-me mais? — pediu, quando terminou, e Jude serviu-lhe mais. Não se dera conta da fome que tinha e a mão tremeu-lhe ao levar a colher à boca. Lembrou-se dos jantares de domingo à noite em casa da mãe. Não tornara a ir lá desde a morte da avó. — E agora, vais dar-me um sermão? — perguntou finalmente, e Jude fez que não.

Depois de comer, sentou-se no sofá e ficou a passar canais com a televisão sem som, não prestando verdadeira atenção a nada do que ia vendo, apenas se deixando reconfortar pelo brilho do ecrã e pela rápida sucessão de imagens. Quando acabou de lavar a louça, Jude veio sentar-se ao seu lado e ficou a trabalhar num caso.

A dada altura, JB deu com um filme em que Willem entrava — fazia um burlão numa pequena cidade irlandesa, um homem com a face esquerda cheia de cicatrizes. Deixou a televisão naquele canal, não para ver o filme, mas o rosto de Willem, que movia os lábios sem que se ouvisse a sua voz.

— Tenho saudades do Willem — disse, dando-se então conta de como decerto pareceria ingrato. Mas Jude apenas pousou a caneta e ficou a olhar para o ecrã.

— Eu também — disse, e ficaram os dois a observar o amigo, de momento tão longe deles.

— Não te vás embora — pediu JB, quase a adormecer. — Não me deixes sozinho.

— Não vou a lado nenhum — respondeu Jude, e JB soube que ele não mentia.

Acordou de manhã cedo, ainda no sofá, mas tapado com o edredão. A televisão fora desligada. E ali estava Jude, que se aconchegara como pudera na outra ponta do sofá, estando ainda a dormir. Em parte, JB sempre se sentira insultado pela recusa de Jude em contar-lhes alguma coisa do seu passado, refugiando-se no secretismo e nas evasivas, mas, naquele momento, apenas sentiu gratidão e admiração por ele, e sentou-se numa cadeira ao seu lado, ficando a estudar-lhe o rosto, que sempre adorara pintar, e aquele seu cabelo de cor indefinida, que não podia ver sem que logo lhe ocorressem as misturas e tons exigidos para lhe fazer justiça.

Eu sou capaz, disse-lhe, em pensamento. *Eu sou capaz*.

Mas, claramente, não era. Estava no estúdio e era apenas uma da tarde, mas a

vontade de fumar os cristais de metanfetaminas já era tão grande que, em pensamento, só conseguia ver o cachimbo com o forninho pintalgado de restos de pó branco, isto no primeiro dia de mais uma tentativa de se livrar das drogas, que já se ia tornando ridícula — *ele* já se ia tornando ridículo. Presentemente, nada mais lhe importava senão o que ali tinha consigo: os quadros do seu novo projeto, «Segundos, Minutos, Horas, Dias», para o qual seguiria cada um deles durante um dia inteiro, fotografando tudo o que tinham feito e depois escolhendo entre oito e dez imagens do dia de cada um, que agora estava a pintar. Decidira documentar um típico dia de trabalho na vida de Malcolm, Jude e Willem, colhendo os três registos no mesmo mês do mesmo ano. O título de cada quadro seria o nome do retratado, seguido do local, data e hora a que a foto fora tirada.

A sequência com Willem fizera-o viajar até Londres, onde ele estava a rodar uma coisa chamada *Os Retardatários*. As imagens escolhidas mostravam-no *in set* e em momentos de permissão. Tinha uma imagem favorita de cada um deles. No caso de Willem, era *Willem, Londres, 8 de outubro, 9:08 a.m.*, que o mostrava na cadeira de maquilhagem, atento ao seu reflexo no espelho enquanto a maquilhadora lhe segurava o queixo com as pontas dos dedos da mão esquerda para, com a direita, lhe aplicar pó nas faces. Willem olhava para baixo, mas, nitidamente, estava a ver-se, e as suas mãos seguravam firmemente os braços da cadeira como se estivesse numa montanha-russa e temesse cair. Diante dele, na mesa de maquilhagem, estavam as aparas de lápis de sobancelhas acabados de afiar, que antes pareciam renda rasgada; paletas de sombras exclusivamente de tons avermelhados, todos quantos se conseguissem imaginar; e lenços de papel amarfanhados também esborratados de vermelho, como se tivessem sido usados para limpar sangue. No caso de Malcolm, a sua imagem favorita partira de uma foto tirada já tarde que o mostrava em plano afastado, sentado à bancada da cozinha, a trabalhar numa das suas maquetas imaginárias, usando, neste caso, quadradinhos de papel-arroz. *Malcolm, Brooklyn, 23 de outubro, 11:17 p.m.* era a sua preferida não por causa da composição ou da paleta, mas por um motivo pessoal: durante o curso, fizera inúmeras piadas à custa de Malcolm e daquelas suas construções em miniatura que ele alinhava no peitoril da janela, mas a verdade era que as admirara, tal como sempre gostara de observar Malcolm quando as estava a fazer, porque a sua respiração se tornava mais lenta, ficava silencioso e o seu nervosismo constante — que, por vezes, quase parecia uma realidade física, um apêndice, como uma cauda, por exemplo — desaparecia.

Estava a pintá-los não sequencialmente e não estava a acertar com a paleta na série dedicada a Jude, o que explicava que fosse a mais atrasada e que os quadros já começados fossem os que mais longe estavam de ficar concluídos. Ao examinar as fotos, notara que o dia de cada um apresentava uma uniformidade tonal que lhe dava um caráter diferenciado. No caso de Willem, acompanhara-o quando estava a filmar num suposto apartamento em Belgravia, sendo a luminosidade dourada como cera das abelhas. Mais tarde, no apartamento em Notting Hill, que Willem arrendara durante a rodagem, fotografara-o sentado a ler, e, também ali, a luz era amarelada, embora não tão líquida, antes apresentando um caráter mais frio, como

a cor da casca de uma maçã no fim do outono. Em marcado contraste, o mundo de Malcolm era azulado — tanto o espaço de trabalho na Rua 22, que se definia pelas superfícies de mármore branco e pelo ambiente estéril, como a casa que ele e Sophie tinham comprado em Cobble Hill depois de se casarem. Por fim, o mundo de Jude definia-se pela paleta cinzenta, mas um cinza-prateado como o das impressões em papel de gelatina e prata, que estava a ser difficilíssimo recriar em acrílico, além de que reduzira consideravelmente a intensidade das cores, num esforço de capturar a tonalidade difusa. Antes de começar, tivera de encontrar uma maneira de tornar o cinzento mais luminoso e límpido, um processo deveras frustrante, porque lhe apetecia pintar e estava a ser obrigado a perder tempo com experiências.

Mas a frustração — e era impossível não pensar no trabalho como um colega, um membro da equipa, que umas vezes se mostrava pelos ajustes e em disposição de colaborar, e noutras se mostrava intratável e obstinado como uma criança birrenta — fazia parte do processo. Não havia alternativa senão insistir uma vez e outra até finalmente se acertar.

O problema era que, à semelhança da promessa que JB fizera a si mesmo — *Não vais conseguir!*, guinchava o diabinho no seu pensamento, aos saltos enquanto o picava, *Não vais conseguir!* —, também os quadros pareciam rir-se na sua cara. Para aquela série, quisera pintar também um dia na sua vida, porém, num intervalo de quase três anos, não houvera um único que valesse a pena documentar. Bem tentara: tirara centenas de fotografias a si mesmo ao longo de dezenas de dias. Mas, quando as examinava, todos os dias acabavam da mesma maneira: ele sob o efeito da droga. A menos que tivesse parado de os registar ao anoitecer, mas, nesse caso, sabia que assim fora porque se drogara e ficara tão pedrado que não conseguira continuar a fotografar. Além disso, havia pormenores nas fotos que lhe desagradavam: não queria incluir Jackson num registo da sua vida, mas Jackson estava sempre presente; e também lhe desagradava o seu sorriso parvo quando estava drogado, tal como não gostava de ver o seu rosto gordo e esperançado tornar-se gordo e sedento quando o dia dava lugar à noite. Não era assim que se queria retratar. Porém, cada vez mais, começava a parecer-lhe ser *essa* a versão da sua pessoa que devia registar. A sua vida era aquela. Tornara-se aquela pessoa. Por vezes, acordava de noite e não sabia onde estava, nem a hora ou o dia. Os dias. Mesmo esse conceito parecia querer ridicularizá-lo. Deixara de conseguir perceber onde terminava um dia e começava outro. *Ajuda-me*, dizia em voz alta nesses momentos. *Ajuda-me*. Mas não sabia a quem se dirigia nem o que esperava que acontecesse.

E, agora, estava cansado. Tentara. Eram 13h30 de sexta-feira, a sexta-feira do feriado do 4 de julho. Vestiu-se. Fechou as janelas do estúdio, trancou a porta e desceu a escada do edifício mergulhado em silêncio.

— Chen! — disse alto na caixa da escada, simulando estar a dar o aviso de perigo aos colegas artistas. Fingindo estar a ajudar alguém que precisava da sua ajuda. — Chen, Chen, Chen! — Ia para casa, ia fumar.

Acordou com uma barulhada pavorosa, um ruído de máquinas, de metal a

moer metal, e começou a gritar com a cara na almofada porque não o queria ouvir, até que percebeu que estavam a tocar lá em baixo e então ergueu-se lentamente e arrastou-se até à porta.

— Jackson? — perguntou, premindo o botão de alta voz do intercomunicador e dando-se conta do seu tom assustado e hesitante.

Uma pausa.

«Não, somos nós», respondeu Malcolm. «Deixa-nos entrar.» Assim fez.

De seguida, estavam os três no apartamento, Malcolm, Jude e Willem, como se tivessem vindo assistir a um espetáculo que ele ia dar.

— Willem — murmurou. — Não estavas na Capadócia?

— Voltei ontem.

— Mas tinhas dito que ficavas fora até... — Sabia a data, sabia-a. — Seis de julho. Disseste que voltavas a seis de julho.

— Hoje é dia sete — respondeu Willem, sem acrescentar mais.

Começou a chorar, mas estava desidratado e não tinha lágrimas, por isso apenas fez os sons. Sete de julho. Perdera todos esses dias. Não se lembrava de nada.

— JB — murmurou Jude, aproximando-se —, nós vamos tirar-te desta situação. Vem connosco. Vamos encontrar quem te ajude.

— OK — disse ele, ainda a chorar. — OK, OK. — Cheio de frio, embrulhara-se num cobertor e assim continuou, mas deixou que Malcolm o levasse até ao sofá, e, quando Willem chegou com uma camisola de lã, ergueu os braços, obediente como em criança, quando a mãe o vestia. — E o Jackson? — perguntou a Willem.

— O Jackson não te vai incomodar — ouviu Jude responder, algures por perto. — Não tenhas medo, JB.

— Willem — murmurou ele —, quando foi que deixaste de ser meu amigo?

— Eu nunca deixei de ser teu amigo, JB — respondeu Willem, sentando-se ao lado dele. — Tu sabes que eu te adoro.

JB recostou-se e fechou os olhos. Ouvia Jude e Malcolm falarem quase em surdina, depois Malcolm foi pelo corredor até ao quarto, a tábua do soalho a ser levantada, depois a voltar ao sítio, e o autoclismo a ser descarregado.

— Podemos ir — ouviu Jude dizer, e ergueu-se, e Willem ergueu-se com ele, e Malcolm aproximou-se e rodeou-lhe as costas, e, em grupo, avançaram para a porta, mas então veio o terror: sabia que, se sáísse, veria Jackson, que apareceria tão subitamente como naquele dia no café.

— Não posso ir — disse, e parou. — Não quero ir, não me façam ir.

— JB — murmurou Willem, e algo na sua voz, na sua mera presença, fez JB encher-se de uma fúria irracional de um momento para o outro, e, sacudindo o braço de Malcolm, voltou-se e encarou-os, tomado de um ímpeto que mal podia dominar.

— Tu não tens de me dizer o que eu faço, Willem — declarou. — Não te ponho a vista em cima, nunca me apoiaste, nem sequer te dignas agarrar no telemóvel para me ligar, por isso agora não vens aqui gozar com a minha cara, tipo «pobre JB estúpido que só faz merda, sou Willem, o Herói, e vim salvar toda a gente», só porque agora te apeteceu, OK? Baza, desaparece.

— JB, eu percebo que te sintas assim — respondeu Willem —, mas ninguém está a gozar com a tua cara, muito menos eu — mas, antes de Willem dizer a primeira palavra, já JB o vira olhar de fugida, com ar de conspirador, pareceu-lhe, para Jude, e, por algum motivo, isso apenas aumentou a sua fúria. Que era feito do tempo em que os quatro estavam em sintonia, em que ele e Willem saíam todos os fins de semana, voltavam no dia seguinte e partilhavam histórias dessa noite com Malcolm e Jude, Jude, que nunca ia a lado nenhum, que nunca partilhava história alguma que tivesse vivido? Porque fora ele a acabar sozinho? Porque o tinham abandonado à mercê de Jackson, que o apanhara nas garras e o destroçara? Porque não tinham lutado ferozmente por ele? Porque dera cabo da sua vida? E porque o tinham eles deixado fazer isso? Queria esmagá-los. Queria fazê-los sentir tão sub-humanos como se sentia.

— E tu — continuou, voltando-se para Jude —, é bom veres-me na merda? É bom seres aquele que sabe os segredos de toda a gente sem contares uma puta de uma coisinha sobre ti? Achas que isto é o quê, Jude? Achas que podes pertencer ao clube e ficar eternamente de boca calada, sem nunca nos contar nada? As coisas não funcionam assim, foda-se, e estamos todos fartos de ti até aos cornos.

— Basta, JB — disse Willem, agora num tom firme, segurando-lhe o ombro, mas, de repente, ele enchera-se de força, e sacudiu-se para se libertar de Willem, os seus pés, inesperadamente rápidos, levando-o para junto da estante qual pugilista no ringue. Olhou para Jude ali especado, silencioso, sem que a expressão se alterasse, de olhos muito abertos, quase como se à espera de ouvir o inevitável, aguardando que JB lhe infligisse dor. Da primeira vez que pintara os olhos de Jude, fora a uma loja de animais e fotografara uma serpente-verde-áspera, por ser o tom mais aproximado que encontrara. Mas, naquele momento, os olhos de Jude tinham-se tornado mais escuros, quase da cor de uma cobra-de-água-de-colar, e, ridiculamente, desejou ter ali tintas, seguro de que, naquele momento, teria conseguido obter exatamente aquele tom sem sequer se esforçar.

— As coisas não funcionam assim — tornou a dizer, para Jude. E então, antes que pudesse cair em si, estava a repetir a imitação que Jackson fizera de Jude, a mesma caricatura medonha, a boca descaída, tal qual Jackson fizera, deixando sair um gemido de imbecil e arrastando a perna direita como se fosse de pedra. — *Eu sou o Jude* — disse, empastando as palavras. — *Sou o Jude St. Francis*. — Durante alguns segundos, não se ouviu outra voz na sala, tal como os únicos movimentos eram os seus, e, nesse intervalo de segundos, quis parar, mas não foi capaz de parar. Depois, Willem agigantou-se e a última coisa que viu foi o seu punho cerrado a ganhar balanço, e o último som que ouviu foi o rachar de osso.

Acordou e não soube onde estava. Custava-lhe respirar. Sentiu qualquer coisa no nariz. Mas, quando quis levar ali a mão, não conseguiu. Olhou e viu os imobilizadores de pulso, e percebeu que estava no hospital. Fechou os olhos e veio a recordação: Willem batera-lhe. De seguida, lembrou-se do motivo e então cerrou os olhos e uivou de dor, mas sem que houvesse som.

O momento passou e reabriu os olhos. Voltou a cabeça para a esquerda e deparou-se com uma feia cortina azul que não o deixava ver a porta. Rodou a

cabeça para a direita, na direção da primeira luz da manhã, e viu Jude adormecido num cadeirão ao lado da cama. Era demasiado pequeno para isso e ele encolhera-se numa posição atroz: joelhos contra o peito, a face pousada nos joelhos, os braços a rodear as pernas.

Sabes muito bem que não devias dormir dessa maneira, Jude, disse-lhe, em pensamento. *A dor nas costas vai regressar*. Mas, ainda que pudesse estender o braço para o acordar, não o teria feito.

Meu deus, pensou. *Meu deus. O que fiz eu?*

Desculpa, Jude, disse-lhe em pensamento, e, desta vez, conseguiu chorar com lágrimas, que lhe entraram na boca misturadas no muco que lhe corria borbulhante das narinas e não conseguia limpar. Não deixou que lhe saísse um som; foi um choro silencioso. *Desculpa, Jude, estou muito arrependido*, repetiu para dentro, depois murmurou essas palavras, mas quase sem voz, tão baixinho que apenas ouviu o movimento dos lábios e nada mais. *Perdoa-me, Jude. Perdão!*

Perdão!

Perdão!

Perdão!

[IV] O Axioma da Igualdade

Na véspera da viagem para Boston, para o casamento de Lionel, um amigo de todos eles, recebe uma mensagem do Dr. Li a dizer que o Dr. Kashen morreu. «Ataque cardíaco; foi muito rápido», escreveu o Dr. Li. O funeral será na tarde de sexta-feira.

De manhã, vai ao cemitério, depois segue para Newton, para a moradia rústica com primeiro andar onde o Dr. Kashen não regressará. O professor tinha o hábito de oferecer um jantar a todos os seus alunos de pósgraduações no final de cada ano letivo. Nessas festas, havia uma regra: não se podia discutir Matemática.

— Podem falar de tudo o que quiserem — dizia o professor —, exceto Matemática. — Nas festas do Dr. Kashen, por uma vez, ele era a pessoa menos socialmente inapta na sala (e, também, a menos brilhante, não sendo isso coincidência), daí que o professor contasse com ele para começar a conversa. — Diz coisas, Jude — pedia. — O que andas tu a fazer por estes dias? — Pelo menos dois dos seus colegas (ambos candidatos ao doutoramento) sofriam de um autismo ligeiro e ele apercebia-se do esforço de ambos para se mostrar participativos e ter preceito à mesa, por isso, antes desses jantares, pesquisava o que se andava a passar nos mundos dos jogos *online* (que um deles adorava) e do ténis (a paixão do outro), de maneira a fazer-lhes perguntas a que eles conseguissem responder. O Dr. Kashen queria que os seus alunos fossem capazes de ter empregos, por isso, juntamente com o ensino da Matemática, entendia ser sua responsabilidade fazê-los socializar e ensinar-lhes como se comportar quando estivessem com pessoas.

Leo, o filho do Dr. Kashen, era cinco ou seis anos mais velho do que ele, e, por vezes, participava nesses jantares. Também sofria de autismo, mas, no seu caso, isso tornava-se imediatamente perceptível, ao contrário do que sucedia com Donald e Mikhail. A sua perturbação era bem mais severa, de tal maneira que, embora tivesse concluído o ensino secundário, não fora além do primeiro semestre do curso, após o que apenas se conseguira adaptar a um lugar de programador numa operadora telefónica, passando os dias numa sala exígua a resolver erros do sistema. Era filho único e vivia com o pai e com a tia, a irmã do Dr. Kashen, que se mudara para lá depois da morte da cunhada havia vários anos.

Na casa do professor, fala com Leo, que, com um olhar vítreo, resmoneia sem olhar para ele, depois, com a irmã do Dr. Kashen, que foi professora de Matemática e lecionou na Northeastern University, tendo-se entretanto jubilado.

— Jude — diz ela —, que bom ver-te. Obrigada por teres vindo. — Segura-lhe a mão. — O meu irmão falava muitas vezes de ti, sabes?

— Era um professor extraordinário — replica ele. — Deu-me muito. Estou desolado.

— Sim — anui ela. — Foi muito repentino. E o Leo, pobrezinho... — Veem-no olhar para coisa nenhuma. — Não sei mesmo como ele vai lidar com a situação. — Despede-se com um beijo. — Obrigada, mais uma vez.

Está tanto frio que se formou uma película de gelo no para-brisas. Conduz devagar até à casa de Harold e Julia. Usa a sua chave para entrar e chama por eles.

— Cá está ele! — exclama Harold, surgindo da cozinha a limpar as mãos num pano da louça. Abraça-o, como a dada altura começou a fazer, mas, apesar do desconforto, ele diz para consigo que seria mais desconfortável tentar explicar a Harold porque preferia que ele parasse com aquele hábito. — Sinto muito, Jude. Fiquei chocado quando soube. Vi o Kashen há coisa de dois meses, quando fui jogar ténis, e achei-o em grande forma.

— Estava, de facto — confirma ele, tirando o cachecol enquanto Harold lhe pendura o casaco. — E não era assim tão idoso: tinha setenta e quatro anos.

— Meu deus — murmura Harold, que acaba de fazer 65. — Daqui a nada estou deprimido. Deixa as coisas no teu quarto e vem até à cozinha. A Julia está numa reunião, mas deve estar em casa daqui por uma hora.

No quarto de hóspedes — «o quarto do Jude», chamam-lhe Harold e Julia, ou «o teu quarto» —, troca o fato por roupa casual. Ao entrar na cozinha, vê Harold examinar um tacho ao lume como se olhasse o fundo de um poço.

— Estou a tentar fazer molho à bolonhesa — explica, sem se voltar —, mas alguma coisa aconteceu: não consigo que não talhe, vês?

Vai espreitar.

— Que quantidade de azeite usou?

— Bastante.

— Que quantidade é «bastante»?

— *Muito*. Demasiado, obviamente.

Ele sorri.

— Eu trato disso.

— Graças a deus — diz Harold, recuando do fogão. — Estava com esperança de ouvir isso.

Ao jantar, Julia partilha com eles a sua suspeita de que o investigador de que mais gosta na equipa poderá estar a tentar ir para outro laboratório, falam dos últimos mexericos que correm na Faculdade de Direito, de *Brown Contra o Sistema de Ensino*, uma antologia de ensaios que Harold está a editar, de uma das gémeas de Laurence, que vai casar, e, então, Harold arreganha um sorriso e diz:

— E vem aí o teu aniversário, rapaz.

— Faltam três meses! — exclama Julia, e ele deixa escapar um queixume. — O que planeias fazer?

— Nada, provavelmente — responde. Não quis organizar nada e proibiu Willem de o fazer. Há dois anos, deu uma grande festa na Greene Street para celebrar os quarenta anos de Willem, e, embora os quatro sempre tenham dito que viajariam juntos para algum lado por ocasião do quadragésimo aniversário de cada um, não aconteceu. No dia do seu aniversário, Willem estava a filmar em Los Angeles. Quando a rodagem terminou, foram fazer um safári no Botsuana, mas só eles dois, porque Malcolm estava em Pequim a supervisionar um projeto, e JB... enfim, Willem não mencionou convidarem-no e ele tão-pouco tocou no assunto.

— *Alguma coisa* tens de fazer — diz Harold, resolutivo. — Podemos organizar

um jantar aqui, ou na cidade.

Ele sorri e faz que não.

— Os quarenta são os quarenta — diz. — É só mais um ano. — Em pequeno, não imaginava que um dia chegasse aos quarenta. Nos meses após o traumatismo, por vezes sonhava que era adulto, e, embora fossem sonhos muito vagos (nunca chegava a perceber onde vivia ou o que fazia, mas, por outro lado, em regra, via-se andar, e, por vezes, correr), era, invariavelmente, um jovem adulto; a sua imaginação não lhe permitia divisar a meia-idade.

Desejando mudar de assunto, fala-lhes do funeral do Dr. Kashen, cujo elogio fúnebre ficou a cargo do Dr. Li. «Aqueles que não amam a matemática costumam acusar os matemáticos de querer complicar», disse o Dr. Li. «Mas todo aquele que *ama* a matemática sabe que, na verdade, sucede o inverso: a matemática premeia a simplicidade, que os matemáticos valorizam acima de tudo. Daí não surpreender que o axioma favorito do Walter fosse o mais simples que há no mundo da matemática: o Axioma do Conjunto Vazio.»

«O Axioma do Conjunto Vazio é o axioma do zero. Afirma a necessidade do conceito do nada, portanto, o conceito do zero: valor zero, zero elementos. A matemática parte do pressuposto de que o conceito do nada existe, mas estará provado? Não. Porém, é *forçoso* que exista.»

«Se estivermos numa disposição filosófica, e creio que hoje é um desses dias, podemos dizer que a própria vida é o Axioma do Conjunto Vazio. Começa no zero e no zero termina. Sabemos que esses dois estados existem, porém, são duas experiências de que não temos consciência. Um e outro fazem parte da vida, ainda que não sejam *experienciados* enquanto vida. *Pressupomos* o conceito do nada, mas não o podemos provar. No entanto, é *forçoso* que exista. Assim, prefiro pensar que o Walter não morreu, antes provou a si mesmo o Axioma do Conjunto Vazio, antes demonstrou o conceito de zero. Sei que nada o deixaria mais feliz. Uma mente dona de um pensamento elegante deseja finais elegantes e o Walter era um homem de um pensamento elegante como não conheci outro. Por isso, dele me despeço desejando-lhe que tenha encontrado a resposta para o axioma que tanto amava.»

Silenciosos, refletem os três sobre estas palavras.

— Por favor, diz-me que esse *não é* o teu axioma favorito — pede-lhe Harold subitamente, o que o faz rir.

— Não é — responde.

No dia seguinte, dorme até mais tarde. À noite, está no casamento. Tendo ambos os noivos vivido na Casa dos Capelos, conhece quase todos os convidados. Os que não estiveram na residência — os colegas de Lionel no Wellesley College e os de Sinclair em Harvard, onde ele leciona História Europeia — tratam de se manter perto uns dos outros, como se em busca de proteção, e dividem-se entre a perplexidade e o tédio. Reina a descontração e um certo caos — Lionel atribuiu tarefas aos convidados conforme iam chegando, mas a maioria acaba por não pensar mais no assunto (no seu caso, ficou incumbido de assegurar que todos assinam o livro de presenças, sendo a tarefa de Willem ajudar os convidados a

encontrar os seus lugares) — e muitos gracejam dizendo que, graças a Lionel e Sinclair e à sua festa de casamento, não terão de ir à reunião de antigos colegas de curso, que será em breve. Vieram todos: Willem trouxe Robin, a namorada, Malcolm está com Sophie, e JB veio com o novo namorado, que ele ainda não conheceu. Antes de ler os marcadores de lugar, adivinha que ficarão todos juntos numa mesa.

— Jude! — saúda-o gente que ele não vê há anos. — Que tal vai isso? Que é do JB? Falei ainda agora com o Willem! E há pouco vi o Malcolm! — E então: — Vocês quatro continuam a ser unha com carne, como naquela altura?

— Mantemo-nos em contacto. E eles estão ótimos. — É a resposta que ele e Willem combinaram dar. Pergunta-se o que dirá JB, se dará uma resposta que não o compromete, passando de seguida a outro assunto, como ele e Willem decidiram que fariam, se mentirá, ou se, com a típica frontalidade que é a sua imagem de marca, terá resolvido dizer a verdade: «Não. Quase não há contacto. Basicamente, falo com o Malcolm.»

Perdeu a conta aos meses desde a última vez que viu JB. Vai sabendo o que se passa na vida dele, claro — graças a Malcolm, a Richard e ao Henry Young preto —, mas deixou de se dar com JB porque, embora tenham passado quase três anos, não lhe consegue perdoar. Tentou repetidas vezes e sabe que está a ser obstinado, mesquinho e inclemente, mas é mais forte do que ele. De cada vez que vê JB, lembra-se da imitação que ele fez de si e é como se regressasse ao momento em que o viu confirmar tudo o que sempre temeu parecer e sempre acreditou que parecia, tudo o que sempre temeu que as pessoas pensassem de si e sempre acreditou que pensavam. Apenas não imaginava que também os amigos o viam dessa maneira — ou, pelo menos, não achava que lho fossem dizer. Se o dilacerou ver-se imitado com tamanha fidelidade, devastou-o que fosse JB a fazê-lo. Quando não consegue dormir, é essa a imagem que por vezes o visita: JB a arrastar-se descrevendo uma meia-lua, de boca entreaberta e a babar-se, e de mãos erguidas como garras. *Eu sou o Jude. Sou o Jude St. Francis.*

Nessa noite, depois de levarem JB para o hospital e de o confiarem aos médicos — JB estava letárgico e escorria-lhe um fio de baba, mas de repente pareceu acordar, encheu-se de fúria e tornou-se violento, gritando com eles sem articular as palavras, tentando agredir os enfermeiros, esbracejando e debatendo-se para se libertar, até que lhe administraram um sedativo e o arrastaram de cabeça pendente pelo corredor —, Malcolm chamou um táxi, e, fazendo o mesmo, ele e Willem regressaram à Perry Street.

No táxi, não conseguiu encarar Willem, e, não tendo nada que lhe ocupasse o pensamento — já não havia papelada para preencher ou médicos com quem falar —, sentiu-se enregelar, apesar da noite quente e abafada, e as mãos começaram a tremer-lhe, e então Willem segurou-lhe a mão direita com a sua esquerda até ao final do longo e silencioso trajeto de regresso à Baixa de Manhattan.

Decidiu que continuaria presente durante a desintoxicação, que não arredaria pé de junto dele até o ver melhor. Depois de tudo o que tinham vivido juntos, não podia simplesmente abandonar JB. Combinaram ficar com ele por turnos. Assim,

do trabalho, seguia para o hospital, onde ficava sentado a ler à cabeceira de JB — que, por vezes, estava consciente, embora o mais frequente fosse dormir. Estava a fazer uma cura de desintoxicação, mas, somando a isso, o médico diagnosticara-lhe uma infeção nos rins, daí terem-no mudado para a enfermaria principal, onde o mantiveram ligado a um sistema de soro enquanto a sua cara ia desinchando. Quando estava consciente, JB suplicava-lhe o perdão, por vezes, dramático e implorante, noutras — estando mais lúcido —, sóbrio e controlado. Essas eram as conversas mais difíceis.

— Jude, de verdade que estou desolado — repetia JB. — Estava completamente passado da cabeça. Por favor, diz que me perdoas. Fui um monstro, mas eu adoro-te e sabes isso. Jamais te magoaria deliberadamente, jamais.

— Eu sei que estavas alterado, JB — respondia ele. — Eu sei.

— Então diz que me perdoas. Por favor, Jude.

Ele calava-se.

— Vai ficar tudo bem, JB — murmurava de seguida, mas nunca conseguiu que lhe saíssem essas palavras: *Eu perdoo-te*. Sozinho à noite, repetia-as: *Eu perdoo-te. Eu perdoo-te*. Era simples, dizia para consigo em jeito de censura. E faria JB sentir-se melhor. *Diz-lhe*, ordenava a si mesmo quando JB o fitava com uns olhos amarelados que mal conseguia manter abertos. *Diz, vá*. Mas não era capaz. Sabia que fazia JB sentir-se pior; sabia-o, mas, ainda assim, não lhe conseguia dizer as palavras. Pareciam pedras debaixo da sua língua. Não as conseguia fazer sair, era pura e simplesmente incapaz disso.

Terminada a cura de desintoxicação, JB passou a ligar-lhe todas as noites, e, silencioso, ele ouvia-lhe os monólogos estridentes e pedantes, em que JB afirmava ter-se tornado uma pessoa melhor, além de agora compreender que não era responsabilidade de ninguém e tinha de se ajudar a si mesmo, e que ele, Jude, tinha de perceber que a vida não era só trabalho e que devia viver intensamente cada momento e aprender a amar quem era. Ele escutava, respirava fundo e nada dizia. Por fim, JB pôde voltar para casa, mas havia um trabalho de readaptação a fazer e pouco souberam dele nos meses seguintes. Perdera o apartamento e teve de ir viver com a mãe enquanto tratava de pôr a vida nos eixos.

Ligou-lhe no começo de fevereiro. Tinham passado quase sete meses desde que o tinham levado para o hospital e JB pediu-lhe que se encontrassem, dizendo que lhe queria falar. Sugeriu que JB fosse ter com ele ao Clementine, um café não muito longe do apartamento de Willem, e, ao avançar com dificuldade pelo meio das mesas demasiado juntas para se ir sentar num sofá encostado à parede do fundo, percebeu o que o fizera escolher aquele lugar: era tão pequeno e atravancado que JB não teria espaço para o imitar e, ganhando consciência disto, achou-se cobarde e ridículo.

Não se viam há muito e, delicado e cuidadoso, JB debruçou-se e abraçou-o, depois sentou-se.

— Estás com ótima cara — disse ele.

— Obrigado — agradeceu JB. — Tu também.

Seguiram-se vinte minutos de conversa cujo tema foi JB: começara a frequentar um grupo de ajuda para fumadores de cristais de metanfetaminas; continuaria a viver com a mãe ainda durante uns meses, até decidir o que fazer da vida; recomeçara a pintar e estava a trabalhar no projeto que o internamento viera interromper.

— Que bom, JB — disse ele. — Estou orgulhoso de ti.

Ficaram silenciosos, um e outro a observar as outras pessoas no café. Numa mesa não muito afastada, uma jovem ia enrolando nos dedos um comprido fio de ouro. Deteve-se nela, à conversa com a amiga sem que os seus dedos parassem de enrolar e desenrolar o fio, até que o olhar dela se fixou nele, fazendo-o desviar o seu.

— Jude — lançou-se JB —, queria dizer-te, desta vez, inteiramente sóbrio, que estou muito arrependido. Fiz uma coisa horrível. Foi... — Abanou a cabeça. — Cruel. Nem consigo... — Tornando a hesitar, ficou em silêncio. — Desculpa — disse, por fim. — Lamento mesmo muito.

— Eu sei que sim, JB — disse ele, e sentiu uma tristeza como jamais sentira. Outros tinham sido cruéis consigo, tinham-no feito sentir coisas horríveis, mas não eram pessoas a quem ele amasse, não eram pessoas por quem desejasse ser visto como alguém de pleno direito e não como um aleijado. Nessa categoria, JB fora o primeiro.

Porém, JB fora também dos primeiros a mostrar-se seu amigo. Quando, na residência, tivera aquela crise que os fizera levá-lo ao hospital onde viria a conhecer Andy, fora JB, contou-lhe Andy mais tarde, quem praticamente invadira o serviço de urgência trazendo-o amparado, exigindo que lhe dessem prioridade e armando um tal escândalo que acabou por ser expulso — mas não antes de um médico ser chamado.

Via o carinho de JB na maneira como ele o retratava. Lembrava-se de um verão em Truro em que o observara entretido a esquisar. Olhando à expressão de JB, ao seu meio-sorriso, à delicadeza com que movia o antebraço, que, embora possante, dir-se-ia pairar sobre o bloco, percebeu que ele estava a desenhar algo de precioso, algo que trazia no coração. «Estás a desenhar o quê?», perguntou, e, olhando para ele, JB ergueu o bloco e ele viu o próprio rosto.

Querido JB, pensou. *Vais fazer-me muita falta*.

— Consegues perdoar-me, Jude? — perguntou JB, e encarou-o.

Faltando-lhe as palavras, apenas conseguiu abanar a cabeça.

— Não consigo, JB — saiu-lhe, finalmente. — Não sou capaz. Não consigo olhar para ti sem ver... — Calou-se. — Não consigo — repetiu. — Lamento, JB, sinto mesmo muito.

— Ah — murmurou JB, e engoliu em seco. Continuaram sentados durante muito tempo, um e outro sem dizer palavra.

— Vou desejar-te sempre as maiores felicidades — assegurou, e JB assentiu, vagaroso e sem olhar para ele.

— Bem — disse por fim, pondo-se de pé, e ele fez o mesmo e estendeu-lhe a mão, que JB fitou como se fosse uma coisa desconhecida, algo que nunca vira,

franzindo o olhar como se a examinasse. Por fim, segurou-lhe a mão, mas em vez de se despedir com um simples aperto, levou-a aos lábios e ficou assim durante um momento. Depois, devolvendo-lhe a mão, deixou o café aos tropeções como se quisesse correr, colidindo com as pequenas mesas — «Desculpem, desculpem» — a caminho da saída.

Continua a ver JB ocasionalmente, sobretudo em festas, sempre rodeados de gente, e são cordiais, tratam-se com amabilidade. A conversa fica-se por trivialidades e é isso o mais doloroso. JB jamais esboçou uma tentativa de o abraçar ou de lhe dar um beijo; aproxima-se de mão estendida e ele estende a sua. Mandou flores a JB — acompanhadas de um cartão com duas ou três palavras — aquando da inauguração de «Segundos, Minutos, Horas, Dias», e, embora não tenha marcado presença nessa noite, visitou a galeria no sábado, a caminho do trabalho, demorando-se uma hora a andar de quadro em quadro sem pressas. JB quisera autorretratar-se para aquele projeto, mas acabara por não o fazer. Só ele, Malcolm e Willem figuravam nos quadros, que eram belíssimos. Ao admirá-los um por um, deu por si a pensar não tanto nas vidas retratadas, mas, sobretudo, na vida do autor — vários tinham sido pintados quando JB estava a viver o seu momento mais infeliz e desesperado, e, contudo, os quadros evidenciavam autoconfiança e subtileza e deixavam entrever a empatia, a ternura e a bondade daquele que os assinava.

Malcolm não pôs fim à amizade com JB, mas sentiu necessidade de se justificar por isso. «Malcolm, fica descansado», disse ele, quando Malcolm se lhe confessou e pediu a sua permissão. «Deves continuar a ser amigo dele, absolutamente.» Não quer ver JB abandonado pelos três nem quer que Malcolm sinta que tem de repudiar JB para lhe mostrar lealdade. Quer que JB tenha um amigo que o conhece desde os dezoito anos, quando não havia, em toda a faculdade, ninguém mais engraçado ou entusiástico do que ele, e JB e toda a gente sabiam isso.

Já Willem não tornou a dirigir-lhe a palavra. Quando JB terminou a cura de desintoxicação, Willem ligou-lhe e disse que não poderia continuar a ser amigo dele e que JB sabia o motivo. E, com essas palavras, encerrou a questão. Isso deixou-o surpreendido e triste. Sempre adorara ver JB e Willem na galhofa ou a picar-se, tal como adorava quando eles lhe contavam a respeito das suas vidas: destemidos e capazes de ousadias, eram os seus enviados a um mundo menos reprimido e mais jubilante. Sempre lhes admirara a capacidade de sentir prazer em viver e ficara-lhes grato por se disporem a partilhar isso consigo.

— Willem — disse-lhe, certa vez —, espero que isso de não falares com o JB não seja por causa do que aconteceu comigo.

— Claro que é por causa do que aconteceu contigo — respondeu Willem.

— Mas isso não é motivo — insistiu ele.

— Claro que é — manteve Willem. — Nem acho que possa haver melhor motivo.

Não tendo ainda passado por uma situação assim, ignorava que terminar uma amizade fosse tão demorado, triste e difícil. Richard sabe que ele e JB deixaram de se falar, e que Willem e JB deixaram de se falar, mas não sabe o motivo — ou,

pelo menos, ele não lho disse. E, agora que passaram alguns anos, já nem sequer está ressentido com JB. Apenas não consegue esquecer. Há sempre o sentimento — uma coisinha de nada, porém impossível de ignorar — de que JB poderá tornar a fazer o que fez. Percebeu que tem medo de ficar sozinho com JB.

Há dois anos, da primeira vez que JB não foi com eles para Truro, Harold perguntou-lhe se havia algum problema.

— Nem te ouço mencioná-lo — comentou.

— Bem... — começou ele, não sabendo como continuar. — Já não somos... Deixámos de ser amigos, Harold.

— Que pena, Jude — murmurou Harold, após um silêncio, ao que ele anuiu.

— Podes dizer-me porquê?

— Não — declarou ele, obrigando-se a não desviar a atenção dos rabanetes que estava a preparar para servir. — É uma longa história.

— Será que não tem remédio?

Ele abanou a cabeça.

— Não me parece.

Harold suspirou.

— Lamento, Jude — repetiu. — Imagino que tenha sido muito grave. — Ele ficou em silêncio. — Sempre adorei ver os quatro juntos, sabes? Sempre achei que vos ligava um sentimento especial.

Tornou a assentir.

— Eu sei — disse. — E concordo. Sinto a falta dele.

Ainda sente a falta de JB e não acredita que algum dia deixe de sentir. A saudade agudiza-se em ocasiões como a presente festa de casamento, onde, noutros tempos, os quatro teriam passado a noite a comentar a respeito dos outros e a rir às gargalhadas, invejáveis e quase irritantes por partilharem esse prazer exclusivamente seu, o prazer da companhia uns dos outros. Em lugar disso, ali estão JB e Willem, sentados em lados opostos da mesa e a cumprimentar-se com um breve aceno, Malcolm, que fala muito depressa para disfarçar qualquer indício de tensão, e os outros três, que eles quatro — para consigo, eles serão sempre os quatro, *nós quatro* — começam a interrogar com uma intensidade quase inapropriada, rindo alto das suas piadas e usando-os como incautos escudos humanos. Sentaram-no ao lado do namorado de JB — um rapazinho branco jeitoso, como ele sempre quis —, que tem vinte e poucos, acaba de concluir o curso de Enfermagem, e, claramente, está perdido de amores por JB.

— Como era o JB na faculdade? — pergunta Oliver.

E ele responde:

— Igual ao que é agora: cómico, acutilante, descarado e inteligente. E talentoso. Ele sempre foi talentoso, sempre.

— Hum — murmura Oliver, pensativo, observando JB, naquele momento, a ouvir Sophie com uma concentração talvez exagerada. — Sinceramente, nunca dei por o JB ser *cómico*. — Isto fá-lo olhar também para JB e perguntar a si mesmo se será possível que Oliver não conheça o namorado, a menos que JB se tenha tornado outra pessoa, alguém que ele não reconheceria como aquele com quem

conviveu durante tantos anos.

No final da noite, as despedidas fazem-se com beijos e apertos de mão, e, quando Oliver — a quem JB obviamente não contou uma palavra a respeito do que aconteceu — lhe sugere combinarem qualquer coisa os três, explicando que sempre o quis conhecer, visto ele ser um dos amigos mais antigos de JB, ele sorri e dá uma resposta vaga, depois despede-se de JB com um aceno e sai, e encontra Willem à sua espera.

— Custou-te? — pergunta Willem.

— Já passou — responde ele, e sorri-lhe. Desconfia que aquelas ocasiões com JB custam ainda mais a Willem do que lhe custam a ele. — E a ti?

— Já passou — diz Willem. A namorada para o carro junto deles; ficaram num hotel. — Ligo-te amanhã, OK?

De regresso a Cambridge, encontra a casa mergulhada em silêncio, e, procurando não fazer ruído, encaminha-se para a sua casa de banho, levanta o ladrilho solto junto da sanita, retira o saco do esconderijo e corta-se até se sentir completamente vazio, mantendo os braços suspensos sobre a banheira e vendo a porcelana pintalgar-se de carmesim. E, tal como lhe acontece depois de cada encontro com JB, pergunta-se se terá tomado a decisão certa. Pergunta-se se cada um dos quatro — ele, Willem, JB e Malcolm — terá dificuldade em adormecer nessa noite, incapaz de tirar os rostos dos outros do pensamento e recordando as conversas, as boas e as más, tidas em mais de vinte anos de amizade.

Ah, pensa, se eu fosse melhor pessoa. Se fosse mais generoso. Menos egocêntrico. Mais corajoso.

Ao erguer-se, agarra o toalheiro. Esta noite, exagerou e está com tonturas. Vai até ao roupeiro, abre-o e vê-se no espelho de corpo inteiro. Não tem um espelho de corpo inteiro no seu apartamento na Greene Street. «Não quero espelhos», disse a Malcolm. «Não gosto.» Na verdade, não quer ser confrontado com a sua imagem; não quer ver o corpo ou o seu rosto a fitá-lo de volta.

Mas, na casa de Harold e Julia, tem aquele espelho, onde se contempla durante alguns segundos, e, a dada altura, arqueia as costas como JB fez naquela noite. *O JB tinha razão*, diz para consigo. *Acertou em cheio. É por isso que não sou capaz de lhe perdoar.*

Descai-lhe o queixo. Coxeia em pequenos círculos. Arrasta a perna. Os seus gemidos erguem-se na quietude da casa silenciosa.

No primeiro sábado de maio, encontra-se com Willem para a Última Ceia — assim lhe têm chamado — num caríssimo restaurante de *sushi* perto do seu escritório na Rua 56. Minúsculo, dispõe de apenas seis lugares a um amplo balcão de aveludada madeira de cipreste. O jantar estende-se por três horas sem que apareçam mais clientes.

Embora soubessem em quanto lhes ficaria a refeição, ainda assim pasmam-se ao ver a conta, depois desatam a rir, talvez do absurdo de gastar uma fortuna num jantar, talvez porque o fizeram, talvez porque o podem fazer.

— Eu ofereço — diz Willem, mas, quando vai puxar da carteira, o empregado vem entregar-lhe o cartão de crédito, que ele lhe estendeu quando Willem foi à

casa de banho.

— Bolas, Jude — resmunga Willem, e ele arreganha um sorriso.

— É a Última Ceia, Willem — justifica-se. — Logo me pagas um *taco* quando voltares.

— Se voltar — ressalva Willem. Tem sido uma piada recorrente. — Obrigado, Jude. O combinado não foi pagares tu.

É a primeira noite amena do ano e ele diz a Willem que lhe pode agradecer o jantar acompanhando-o num passeio.

— Até onde? — pergunta Willem, desconfiado. — Nem penses que vamos a pé daqui até ao SoHo, Jude.

— Só quero andar um bocado.

— Não muito, espero — ressalva Willem. — Estou todo rebentado. — É a nova estratégia de Willem, que não poderia deixar de o enternecer: em vez de lhe dizer que não pode fazer determinada coisa porque as pernas ou as costas se ressentirão, Willem procura dissuadi-lo dizendo-se incapaz de o acompanhar. Assim, nos últimos tempos, Willem está sempre demasiado cansado para andar, ou tem dores, calor ou frio. Mas ele sabe que nada disso é verdade. Numa tarde de sábado em que os dois visitaram algumas galerias, Willem disse-lhe que não conseguia ir a pé de Chelsea até à Greene Street («Estou todo partido»), e apanharam um táxi. Ao almoçarem juntos no dia seguinte, Robin comentou:

— Ontem estive um dia lindo, não foi? Quando o Willem chegou a casa, fomos correr e fizemos... quê? Uns doze quilómetros, não foi, Willem? Fomos e voltámos pela West Side Highway.

— Ah foi? — respondeu ele, de olhar fixo em Willem, que, sabendo-se apanhado, sorriu.

— Qual é o mal? — perguntou de seguida. — Passou-me o cansaço.

Descem. Na Broadway, desviam para a esquerda, evitando a Times Square. Para o novo papel, Willem escureceu o cabelo e deixou crescer a barba, o que o torna menos reconhecível, mas, ainda assim, não querem ver-se apanhados no meio de uma multidão de turistas.

Não se tornarão a ver senão daí por mais de seis meses, provavelmente. Na terça-feira, Willem viaja para Chipre, para começar a rodar a *Ilíada* e a *Odisseia*. Será Ulisses em ambas as adaptações. Os dois filmes serão rodados de seguida, mantendo-se o elenco e o realizador, e estrearão consecutivamente. As filmagens decorrerão em vários locais do sul da Europa e do norte de África, seguindo depois para a Austrália, onde serão filmadas algumas batalhas. Prevê-se um ritmo de trabalho muito intenso e, sendo as viagens muito longas, Willem não sabe quanto tempo lhe vai sobrar, se é que sobrárá algum, para vir a casa. É a produção mais complicada e ambiciosa em que participou e isso trá-lo nervoso.

— Vai ser extraordinário, Willem — assegura-lhe ele.

— Ou extraordinariamente desastroso — replica Willem, não cabisbaixo, porque nunca fica cabisbaixo, mas ansioso, vê ele. Willem quer fazer um bom trabalho e tem medo de se revelar uma decepção. A verdade é que fica apreensivo de cada vez que vai começar um filme, embora (recorda-lhe ele) não haja um único

que não lhe tenha corrido bem. Têm-lhe corrido mais do que bem, aliás. Por outro lado, acredita que essa é uma das razões por que Willem não só terá sempre trabalho mas também trabalho de qualidade: leva a sério o que faz e sente que é sua obrigação sair-se bem.

Quanto a si, prevê que os próximos seis meses não serão fáceis, sobretudo tendo Willem estado tão presente no último ano e meio. Primeiro, houve aquele filme de orçamento modesto filmado em Brooklyn, cuja rodagem não foi além de poucas semanas. A seguir, fez uma peça, *O Dodó das Ilhas Maldivas*, sobre dois irmãos ornitólogos, estando um deles a enlouquecer misteriosamente. Durante a carreira do espetáculo, criaram um hábito: todas as quintas-feiras, jantavam depois da peça, que ele viu várias vezes, como sempre tem acontecido quando Willem faz teatro. Da terceira vez, viu JB e Oliver sentados algumas filas à sua frente, do lado esquerdo da plateia, e passou o espetáculo a olhar de fugida para lá, curioso em saber se ele e JB riam nas mesmas alturas e ficavam sérios nas mesmas alturas, ocorrendo-lhe que era o primeiro espetáculo de Willem que ele, Malcolm e JB não veriam juntos pelo menos uma vez.

— Ouve lá uma coisa que te quero dizer — pede Willem, quando vão a descer a Quinta Avenida, onde não se vê vivalma, apenas montras iluminadas e lixo miúdo (sacos de plásticos que, inflados, se tornaram alforrecas, e folhas de jornal amarfanhadas) a rodopiar soprado pela brisa ligeira. — Prometi à Robin que falava contigo.

Aguarda. Tem tido o cuidado de não repetir, com Robin, o erro que cometeu com Philippa: sempre que Willem o convida para ir com eles a algum lado, certifica-se de que ele perguntou a Robin se o podia incluir no programa (até que Willem lhe disse que parasse de fazer sempre aquela pergunta, que Robin sabia que ele era muito importante para si e não tinha nenhum problema com isso, e, se tivesse, teria de passar a não ter), além de que, na presença dela, tem feito por se mostrar como alguém independente que dificilmente se mudará para casa deles quando for velho. (O problema é que não sabe muito bem como comunicar essa mensagem, daí não ter a certeza de a estar a comunicar.) Independentemente disso, simpatiza com Robin, que é professora de Estudos Clássicos na Universidade de Columbia, tendo há dois anos sido contratada como consultora histórica dos dois filmes que Willem vai rodar, e cujo humor cáustico de alguma maneira lhe recorda JB.

— Bem, cá vai — diz Willem, e respira fundo, e ele prepara-se. *Oh não*, diz para consigo. — Lembras-te da Clara, a amiga da Robin?

— Claro — diz ele. — Aquela que conheci no Clementine.

— Precisamente! — exclama Willem, triunfal. — Essa mesma!

— Livra, Willem, não sou assim tão burro. Foi na semana passada.

— Eu sei, eu sei. Bem, adiante, a questão é a seguinte: ela está interessada em ti.

Isto deixa-o perplexo.

— Como assim?

— Perguntou à Robin se estás com alguém. — Uma pausa. — Eu disse-lhe

que não me parecia que estivesse interessado numa relação, mas que ia perguntar. E é isso. Estou a perguntar.

A ideia é tão absurda que só ao fim de um momento compreende o que Willem lhe está a dizer, e então para, depois ri, atrapalhado e incrédulo.

— Não brinques, Willem — responde. — Isso é ridículo.

— Ridículo porquê? — indaga Willem, de repente, sério. — Porquê, Jude?

— Willem — hesita ele, ainda a recuperar do choque. — Fico lisonjeado, mas... — Estremece, depois torna a rir. — A ideia é absurda.

— Qual ideia? — insiste Willem e ele sente a conversa mudar. — A de alguém se sentir atraído por ti? Não é a primeira vez, se queres saber. Só não vês porque não te permites isso.

Ele abana a cabeça.

— Falemos de outra coisa, Willem.

— Não — teima Willem. — Desta não te safas, Jude. Porquê ridículo? Porquê absurdo?

De repente, o mal-estar é tão grande que o faz parar, parar de verdade, na esquina da Quinta Avenida com a Rua 45. Olha de um lado para outro em busca de um táxi. Que não aparece, claro.

Enquanto pondera qual a melhor resposta, recorda uma ocasião, alguns dias depois daquela noite no apartamento de JB, em que perguntou a Willem se o que JB dissera era verdade, nem que apenas em parte: *ele*, Willem, levava a mal que ele não lhes contasse grande coisa da sua vida?

O silêncio de Willem foi tão prolongado que ele soube a resposta antes de a ouvir. «Escuta, Jude», disse-lhe Willem, medindo as palavras, «o JB apenas... O JB estava descontrolado. Eu nunca me vou faltar de ti e tu não me *deves* os teus segredos.» Calou-se um instante. «Dito isto, sim, gostava que partilhasses mais comigo. Não porque esteja desejoso de ter informação sobre ti, mas porque talvez te pudesse ajudar de alguma maneira.» Calando-se, fitou-o. «E é só isto.»

Desde então, vem tentando revelar-lhe mais sobre a sua vida. Mas são tantas as coisas de que não tornou a falar depois que, há vinte e cinco anos, as contou a Ana, que literalmente desaprendeu a linguagem para o fazer. O seu passado, os seus medos, o que lhe foi feito, o que fez a si mesmo — tudo isto são assuntos que apenas podem ser discutidos em línguas que ele não fala, como o pársi, o urdu, o mandarim ou o português. Chegou a tentar escrever sobre o sucedido, acreditando que seria mais fácil, mas não foi: continua a não saber como se explicar a si mesmo.

«Hás de encontrar a tua maneira de falar do que te aconteceu», lembra-se de Ana lhe dizer. «Vais ter mesmo de encontrar, se alguma vez quiseses construir uma relação mais próxima com alguém.» E, uma vez mais, lamenta não lhe ter permitido falar consigo, não a ter deixado ensinar-lhe como fazer isso. O seu silêncio começou por ser uma proteção, mas, com o correr dos anos, tornou-se quase opressivo, algo que o controla, quando deveria suceder o contrário. Nesta altura, não sabe como se evadir do seu silêncio, embora deseje fazer isso. Imagina-se fechado numa pequena bolha de água, cercado por paredes, um teto e um chão

de gelo com vários metros de espessura. Sabe que há uma saída, mas não está equipado para a encontrar, faltam-lhe as ferramentas, e as suas mãos percorrem inutilmente a superfície escorregadia do gelo. Acreditou que, escondendo quem era, se conseguiria fazer um pouco mais agradável aos olhos dos demais, em lugar de ser uma completa anomalia. Agora, porém, tudo o que não revela apenas o faz ser uma anomalia cada vez mais gritante, alguém que inspira compaixão, e, inclusivamente, desconfiança.

— Jude? — insiste Willem. — Porque dizes que é absurdo?

Ele abana a cabeça.

— Porque é. — Recomeça a andar.

Descem um quarteirão sem trocar uma palavra. E Willem pergunta:

— Jude, não ponderas ter uma relação nalguma altura?

— Nunca pensei que fosse ter.

— Não foi essa a pergunta.

— Não sei, Willem — responde ele, incapaz de o encarar. — Suponho que acho que essas coisas não são para alguém como eu.

— Como assim? — Sem dizer palavra, torna a abanar a cabeça, mas Willem não desiste. — Por teres alguns problemas de saúde? É isso?

Alguns problemas de saúde, diz uma vozinha azeda e sarcástica dentro dele. *Belo eufemismo, sim, senhor*. Guarda este pensamento para si.

— Willem — diz, quase suplicante —, peço-te que paremos com esta conversa. A noite foi tão agradável... E será a nossa última durante muito tempo. Será que podemos mudar de assunto, por favor? Por favor.

Descem outro quarteirão sem que Willem diga uma palavra e ele convence-se de que o assunto ficou para trás, mas:

— Queres saber a melhor? Quando eu e a Robin nos começámos a ver, ela perguntou-me se és *gay* ou hétero e tive de lhe dizer que não sei. — Cala-se um instante. — Ela ficou chocada. Não parava de me dizer: «É o teu melhor amigo desde a adolescência e não sabes uma coisa dessas?» A Philippa também me perguntava sobre ti, e eu respondia o mesmo que respondi à Robin: és uma pessoa reservada e sempre fiz por respeitar a tua privacidade.

» Mas acho que isso é o tipo de coisas que gostava que me disseses, Jude. Não que a informação me sirva para alguma coisa, mas ficava a conhecer-te melhor. Até podes não ser uma coisa nem outra. Ou as duas. Ou talvez não tenhas interesse em nada disso. Não me faz diferença.

Não responde, não é capaz de responder, e descem mais dois quarteirões — a Rua 38, depois a 37. Está agudamente consciente de que começou a arrastar o pé direito, como sempre lhe acontece quando está cansado ou fica desalentado e o cansaço ou desalento é tão grande que não lhe permite sequer esforçar-se, e fica aliviado por Willem vir do seu lado esquerdo, porque, assim, talvez não dê por nada.

— Às vezes, preocupa-me que tenhas decidido convencer-te de que não és atraente ou de que jamais alguém se apaixonaria por ti, e que há coisas que não vais viver. Mas tudo isso está ao teu alcance, Jude. A sorte seria de quem estivesse

ao teu lado — diz Willem, ao fim de mais um quarteirão. *Basta desta conversa*, diz ele para consigo. O tom de Willem pressagia uma tirada e isso provoca-lhe uma ansiedade tão manifesta que o seu coração adota um ritmo desconhecido.

— Willem — diz, voltando-se para ele. — Afinal, vou mesmo apanhar um táxi. Estou a ficar cansado. É melhor ir dormir.

— Jude, vá lá — replica Willem, com ligeira impaciência, mas que é suficiente para o fazer retrair-se. — Desculpa, pronto. Mas a sério: não podes simplesmente *dar à sola* quando estou a tentar ter uma conversa importante.

Isto fá-lo parar.

— Tens razão — reconhece. — Desculpa. E agradeço-te, Willem, de verdade que sim. Mas é demasiado difícil para mim falar desse assunto.

— É demasiado difícil para ti falar de *qualquer* assunto — replica Willem, o que o faz retrair-se segunda vez. Willem suspira. — Desculpa. Estou sempre a dizer a mim mesmo que um dia destes hei de falar contigo, que havemos de ter uma conversa séria, mas, depois, nunca faço isso, porque tenho medo de que te feches e deixes simplesmente de me falar. — Ficam silenciosos e ele sente-se culpado, porque Willem acertou em cheio: aconteceria precisamente isso. Faz alguns anos, Willem tentou conversar com ele sobre a compulsão de se cortar. Tal como agora, estavam a caminhar, e, a dada altura, a conversa tornou-se tão insuportável que fez sinal a um táxi e entrou quase desvairado, deixando Willem especado no passeio, a chamá-lo, incrédulo. E, no táxi a caminho da Baixa, amaldiçoou-se por ter tido semelhante atitude. Willem ficou furioso, ele pediu desculpa, fizeram as pazes. O certo foi que, depois disso, Willem nunca mais tentou ter aquela conversa e ele tão-pouco tomou a iniciativa. — Diz-me só isto, Jude: nunca te sentes sozinho?

— Não — responde ele, após um momento. Passam por um casal, vão a rir, e ele recorda o começo do passeio, quando também ele e Willem vinham a rir. Como conseguiu ele estragar a última noite com Willem antes de ficarem largos meses sem se ver? — Não precisas de te preocupar comigo, Willem. Hei de estar sempre bem. Vou sempre saber tomar conta de mim.

Ouvindo esta resposta, Willem suspira, os ombros descaem-lhe e o seu sentimento de derrota é tão evidente que ele sente uma pontada de culpa. Mas também fica aliviado, porque intui que Willem não sabe como continuar a conversa, portanto pode ele dizer qualquer coisa de maneira a terminar a noite numa nota agradável, e fugir.

— Dizes sempre isso.

— E é sempre verdade.

Caem num longo, longo silêncio. Pararam diante de um restaurante de *barbecue* coreano e o ar está saturado de fumo e vapor e do aroma da carne na grelha.

— Posso ir? — pergunta, finalmente, e Willem anui. Ele avança até à beira do passeio, ergue o braço e um táxi para à sua frente.

Willem abre-lhe a porta e, quando ele vai entrar, rodeia-o com os braços e estreita-o contra si, e, após um momento, ele faz o mesmo.

— Vais-me fazer falta — diz Willem, falando-lhe para a nuca. — Vais ter

cuidado contigo enquanto eu cá não estiver?

— Sim — responde ele. — Prometo. — Recua e encara-o. — Então, até novembro.

Willem faz uma careta que não chega a ser um sorriso.

— Até novembro — repete.

No táxi, descobre que afinal está de facto cansado, e então apoia a testa no vidro sujo e fecha os olhos. Ao chegar à sua rua, sente-se pesado como um morto, e, no apartamento, começa a tirar a roupa — sapatos, camisola de lã, camisa, camisola interior, calças — logo que fecha a porta, deixando um rasto até à casa de banho. As mãos tremem-lhe ao puxar o saco colado com fita adesiva debaixo do lavatório e, embora não previsse cortar-se nessa noite — nada aconteceu durante o dia que fosse motivo —, nesse momento, a ânsia é quase devoradora. Há muito que não lhe resta pele lisa nos antebraços, por isso corta-se onde já se cortou, usando o fio da lâmina para serrar a pele cicatrizada, que é mais resistente. Ao cicatrizar, os novos cortes formam sulcos verrugosos, e, repugnado, assustado e fascinado, ele vê a que ponto se fez disforme. Começou a usar também nos braços o creme que Andy lhe receitou para as costas, e parece-lhe que ajuda: sente a pele menos repuxada e as cicatrizes, um pouco mais suaves e elásticas.

A área de duche projetada por Malcolm é enorme, o que lhe permite sentar-se ali para se cortar: estende as pernas e, quando termina, tem o cuidado de deixar a água correr até não restarem vestígios de sangue, porque aquele chão é uma vasta planície de mármore, e, avisou-o Malcolm repetidamente, quando o mármore mancha, é de vez. A seguir, já está deitado, zozinho, mas não propriamente ensonado, e fita o brilho denso, quase metálico, que o lustre projeta no quarto sombrio.

— Sinto-me sozinho — diz alto, e o silêncio do apartamento engole as suas palavras da mesma maneira que o algodão absorve o sangue.

Esta solidão é uma descoberta recente, não se parece com alguma outra que tenha sentido. Não é a solidão de menino por não ter pais, ou a de estar num quarto de motel, deitado ao lado do irmão Luke, sem conseguir dormir, porém tentando não se mover, para não o acordar, vendo como o luar de um branco quase agressivo listrava a cama. Também não é a solidão de quando fugiu da instituição — quando finalmente conseguiu — e passou a noite escondido entre as raízes nodosas de um carvalho, pernas abertas, pareciam, tentando fazer-se minúsculo para ninguém o ver. Na altura, pensou ser aquilo a solidão, mas hoje vê que não: não se sentia sozinho, estava com medo. Hoje, nada tem a temer. Protegeu-se: tem um apartamento com fechaduras triplas nas portas e tem dinheiro. Tem pais e tem amigos. Jamais terá de tornar a fazer alguma coisa que não quer fazer em troca de comida, boleia, um teto ou a possibilidade de fuga.

Não mentiu a Willem: não se acha talhado para um relacionamento e nunca pensou o contrário. Tal como nunca invejou os relacionamentos dos amigos, aliás, isso seria como um gato cobiçar os latidos de um cão: jamais lhe ocorreria invejar-lhes isso, porque é impossível, trata-se de algo que pura e simplesmente é estranho à massa de que é feito. Recentemente, porém, as pessoas têm-se

comportado como se fosse algo que ele pode ter, ou deveria desejar ter, e, embora saiba que pensarem isso é, em parte, um ato generoso, ainda assim estão a atormentá-lo — tal como, por bondade, lhe podiam dizer que é perfeitamente capaz de fazer o decatlo, e não deixaria de ser estúpido e cruel.

Esperaria algo assim de Malcolm ou Harold. De Malcolm, porque é feliz e vê um único caminho — o seu — para a felicidade, daí que, de vez em quando, lhe pergunte se o pode apresentar a determinada pessoa, ou se quer conhecer alguém, ficando sempre um tanto aparvalhado quando ele recusa. De Harold, porque sabe que a sua parte favorita do papel de pai é intrometer-se na sua vida e arrumar isto e aquilo conforme possa e saiba, algo que ele começou a apreciar, e que, de vez em quando, lhe sabe bem: entenece-o ver alguém que, por se preocupar consigo, lhe tenta dar ditames, fica desapontado com algumas das suas decisões, o olha cheio de expectativas e não esconde que quer que ele atente no seu conselho. Há dois anos, de uma vez em que estavam os dois num restaurante e Harold se pusera a dar-lhe um sermão, dizendo-lhe que trabalhar na Rosen Pritchard o tornava basicamente um cúmplice do crime empresarial, de repente, repararam que o empregado de mesa estava ali parado de bloco na mão.

— Peço desculpa — disse ele. — Querem mais uns minutos?

— Não, deixe estar — respondeu Harold, agarrando no *menu*. — Estou só a ralhar ao meu filho, mas podemos pedir e continuo depois. — O empregado sorriu-lhe como quem sabia o que era ter pais assim e ele sorriu de volta, radiante por ser publicamente reivindicado como pertença de alguém, por finalmente ser admitido na tribo dos filhos e filhas. Daí a pouco, Harold retomou a diatribe e ele fingiu-se indignado, mas não, estava feliz e assim continuou durante toda a noite, sentindo a felicidade inundar cada célula do seu corpo, tão sorridente, que, por fim, Harold lhe perguntou se estava bêbado.

Agora, no entanto, também Harold começou com perguntas.

— Tens aqui um apartamento estupendo — disse há um mês, quando veio a Manhattan para o jantar de aniversário que ele proibira Willem de organizar, mas que Willem organizou na mesma. No dia seguinte, Harold passou no apartamento, e, como sempre fazia, elogiou-o profusamente, repetindo tudo o que já dissera das outras vezes: «É um espaço fantástico», «é tão minimal», «o Malcolm fez um trabalho estupendo», e, por fim, a última, que recentemente juntara ao rol: — Isto é espaço que nunca mais acaba, Jude. Não te sentes sozinho?

— Não, Harold — respondeu ele. — Gosto de estar sozinho.

Harold respondeu com um resmungo vago.

— O Willem parece feliz — comentou. — A Robin parece ser boa moça.

— É, sem dúvida — concordou ele, preparando um chá para Harold. — E o Willem está feliz, parece-me.

— E diz lá: não queres o mesmo para ti? — perguntou Harold.

Ele suspirou.

— Não, Harold, estou bem como estou.

— E eu e a Julia, não contamos para nada? — protestou Harold. —

Gostávamos de te ver com alguém.

— Eu quero que se sintam felizes e sabe disso — respondeu ele, tentando manter o tom sereno. — Mas, nesse capítulo, não vos vou poder fazer a vontade. Aqui tem. — E estendeu-lhe o chá.

Por vezes, já tem pensado que a própria ideia da solidão talvez não lhe tivesse sequer ocorrido, não fossem esses que o fizeram achar que talvez *devesse* sentir-se sozinho, que há algo de estranho e inaceitável na sua vida tal como é. De repente, passaram a perguntar-lhe constantemente se sente falta de uma coisa que nunca lhe ocorreu desejar ou que poderia ter — fazem-no Harold e Malcolm, claro, mas também Richard, cuja namorada, também artista, India, assim se chama, já praticamente vive com ele; e outras pessoas que passou a ver com menos frequência, Citizen, por exemplo, mas também Elijah, Phaedra ou o próprio Kerrigan, seu antigo colega assessor do juiz Sullivan, que o contactou há uns meses quando esteve em Nova Iorque com o marido. Alguns perguntam-lhe isso com pena, outros, desconfiados. Os do primeiro grupo têm pena dele porque partem do princípio de que não é solteiro porque assim decidiu, sendo esse estado uma imposição. Quanto aos do segundo grupo, parece inspirar-lhes uma espécie de hostilidade, justamente por acharem que ele *escolheu* ser solteiro, sendo isso uma provocação e uma violação da lei fundamental da vida adulta.

Seja como for, ser solteiro aos quarenta anos é diferente de ser solteiro aos trinta, e, a cada ano que passa, torna-se menos compreensível e invejável e mais lastimável e inadequado. Nos últimos cinco anos, compareceu sozinho a cada jantar de associados da firma, e, há um ano, quando se tornou sócio principal, tão-pouco levou acompanhante aquando do retiro anual de alguns dias oferecido aos associados e sócios principais. Uma semana antes da data, Lucien apareceu no seu escritório na sexta-feira à noite e sentou-se para reverem juntos o plano semanal, como fazia muitas vezes. Falaram do retiro, que seria em Anguilla, não tendo um ou outro a mais pequena vontade de ir, ao contrário dos restantes, que fingiam não ter paciência para essas coisas, mas que mal podiam esperar (nisso, ele e Lucien estavam de acordo).

— A Meredith vai? — perguntou ele.

— Vai. — Fez-se silêncio e ele adivinhou o que viria a seguir. — E tu, levavas alguém?

— Não — respondeu.

Novo silêncio. Lucien olhou para o teto.

— Nunca levaste acompanhante a um destes eventos, pois não? — perguntou num tom estudadamente desconfiado.

— Não — respondeu, e depois, ante o silêncio de Lucien: — Está a tentar dizer-me alguma coisa, Lucien?

— Não, claro que não — assegurou Lucien, olhando para ele. — Não somos uma firma que ligue a essas coisas, Jude, sabes disso.

Sentiu um assomo de fúria e embaraço.

— Pelos vistos, ligam. Se a administração comentar o assunto, espero que me diga, Lucien.

— Jude — respondeu o seu chefe —, de verdade que não damos importância a isso. Sabes bem como todos aqui te respeitam. Isto sou *eu*, não é a posição da firma, é apenas uma opinião minha: gostava de te ver assentar com alguém.

— OK, Lucien, e agradeço-lhe — disse ele, cansado do assunto. — Levarei isso em consideração.

Mas, embora perseguido pelo medo de os outros não o acharem normal, não quer um relacionamento apenas porque seria adequado — quer-o porque tomou consciência de que se sente sozinho. A sua solidão é tão grande, que, por vezes, quase lhe parece um amontoado de roupa encharcada e suja que consegue abraçar contra o peito. É um sentimento que já não vai desaprender. As pessoas falam do assunto como se fosse a coisa mais simples do mundo, como se a decisão de querer um relacionamento fosse a parte difícil do processo. Mas ele sabe que não. Um relacionamento obrigá-lo-ia a expor-se a alguém, algo que ainda não fez senão com Andy. Obrigá-lo-ia a confrontar-se com o seu corpo, que não vê despido há pelo menos uma década — mesmo no duche, não vê o seu corpo. Além de que implicaria o ato sexual com alguém, algo que não faz desde os quinze anos e que o aflige tanto, que só a ideia lhe inunda o estômago de uma impressão fria e viscosa como cera. Quando começou a ser visto por Andy, de vez em quando ele perguntava-lhe se tinha uma vida sexual ativa, até que ele finalmente lhe respondeu que o avisaria se e quando isso acontecesse, e que, até lá, escusava de perguntar. Andy não o tornou a fazer e ele jamais teve de avançar com essa informação. Para si, não ter relações sexuais era uma das grandes vantagens de ser adulto.

Mas, por mais que tema o sexo, deseja ser tocado, deseja sentir as mãos de alguém no seu corpo, embora também essa ideia o aterrorize. Por vezes, examina os braços e o desprezo que sente por si mesmo é tão intenso que mal o deixa respirar. Em larga medida, o seu corpo ficou como é hoje sem que ele tivesse poder de decisão sobre isso, mas, no caso dos braços, não pode culpar mais ninguém: foi tudo feito por si. Quando se começou a cortar, fazia-o nas pernas — apenas nas barrigas das pernas —, e, não tendo ainda aprendido a ser metódico na automutilação, golpeava-se de maneira desleixada, mais parecendo que se arranhara nas moitas. Nunca ninguém reparou — as barrigas das pernas não são uma zona para que as pessoas costumem olhar. Mesmo o irmão Luke nunca lhe disse uma palavra a esse respeito. Agora, porém, seria impossível que alguém não reparasse nos seus braços; ou nas costas e nas pernas cruzadas por arroyos deixados após a remoção de músculo e tecido afetados; ou nas chanfraduras do tamanho de dedadas de polegar onde os parafusos das ortóteses penetraram a carne para chegar ao osso; ou nos lagos de pele acetinada no rescaldo das queimaduras sofridas aquando do traumatismo; ou nas chagas que, ao fechar, formaram ligeiras crateras orladas de uma tonalidade bronze-pálida que jamais desaparecerá. Vestido, torna-se outra pessoa, mas a nudez mostra-o como de facto é: tem os anos de podridão inscritos na pele, a sua carne denuncia-lhe um passado de depravações e corrupções.

No Texas, teve um cliente positivamente grotesco, tão gordo que o estômago

descaído lhe pendia entre as pernas, além de as manchas de eczema serem como massas de gelo à deriva por todo o seu corpo. Tinha a pele tão seca que escamava a cada movimento, libertando fiapos translúcidos que se soltavam dos braços e das costas e voavam pelo ar. Quando o viu, julgou que fosse vomitar, mas todos eles lhe davam vontade de vomitar, e, nesse sentido, aquele não era melhor nem pior do que os outros. O homem chorou enquanto ele o chupava. Praticamente o sufocando com o estômago adiposo, ia-lhe acariciando o cocuruto com as pontas dos dedos, e dizia «Desculpa, desculpa», uma vez e outra. Tinha umas unhas compridas, que, de tão grossas, pareciam osso, e passava-lhas pelo couro cabeludo, não para o magoar, antes como se o estivesse a pentear. De alguma maneira, é como se os anos o tivessem transformado naquele homem, e sabe que, se alguém o visse despido, sentiria a mesma repulsa, teria igualmente vontade de vomitar ao ver-lhe as deformidades. Não fará ninguém debruçar-se para a sanita com arrancos como lhe acontecia a seguir, quando juntava as mãos em concha e as enchia de sabonete líquido para lavar a boca, embora o sabor o agoniasse.

Jamais terá de fazer alguma coisa que não queira em troca de comida ou de um teto: finalmente tem a certeza disso. Mas o que está disposto a fazer para atenuar a solidão? Vai arriscar tudo o que construiu e tão diligentemente protegeu em troca de intimidade? Que grau de humilhação está disposto a tolerar? Não sabe e teme descobrir a resposta.

Mas o medo de não vir a ter sequer a oportunidade de descobrir isso é maior do que nunca e não para de aumentar. Que espécie de natureza humana é a sua se não tiver isso? Por outro lado, recorda a si mesmo, a solidão não é a fome, a doença ou a indigência. Não é fatal. Não tem forçosamente de ser erradicada. Conseguiu uma vida melhor do que a de muitos, melhor do que alguma vez imaginou que teria. Desejar companhia, além de tudo o que já tem, parece-lhe cupidez, chega a ser arrogância desmedida.

As semanas passam. O horário de Willem tem sido inconstante e tanto calha ligar-lhe à uma da manhã como às três da tarde. A voz trai-lhe o cansaço, mas Willem nunca foi de se queixar e não o faz agora. Descreve-lhe os cenários naturais onde têm estado, lugares que são património arqueológico, mas onde lhes foi dada autorização para filmar, e conta-lhe pequenos percalços que já houve. Cada vez mais, quando Willem se ausenta, ele só quer fechar-se em casa e não fazer nada, mas sabe que isso não é saudável, por isso esforça-se por ocupar os fins de semana com distrações, festas e jantares. Frequenta museus, vai ao teatro com o Henry Young preto e visita galerias com Richard. Felix, de quem foi explicador há tantos anos, fundou uma banda *punk*, os Quiet Americans, e ele convence Malcolm a acompanhá-lo a um concerto. Ao telemóvel com Willem, fala-lhe do que viu e leu, conta-lhe conversas que teve com Harold e Julia, menciona o mais recente projeto de Richard, o voluntariado, a festa de aniversário da filha de Andy, o novo emprego de Phaedra e as pessoas com quem falou e o que lhe disseram.

«São só mais cinco meses e meio», diz Willem, no fim de uma dessas conversas.

«Mais cinco meses e meio», repete ele.

Nessa quinta-feira, tem o jantar no novo apartamento de Rhodes, que fica perto da casa dos pais de Malcolm. Em dezembro, encontraram-se para tomar uma bebida e Rhodes confidenciou-lhe que o apartamento lhe tem dado pesadelos — acorda a meio da noite com a cabeça cheia de números porque a sua vida agora se resume a propinas, empréstimos, custos e impostos e a soma de tudo isso é avassaladora.

— *Com os meus pais a ajudar* — sublinhou. — *E a Alex quer mais um bebé.* Tenho quarenta e cinco anos, Jude, e já ando de rastos. Se vem o terceiro filho, vou ter de trabalhar até aos oitenta.

Desta vez, para seu alívio, Rhodes parece mais descontraído. Tem as faces e o pescoço levemente ruborizados.

— Mas como raio fazes tu, que os anos passam e continuas magro? — pergunta-lhe. Há quinze anos, quando se conheceram no gabinete do procurador-geral, Rhodes mantinha o físico de jogador de lacrosse, todo ele era músculo e tendões, mas, desde que entrou para o banco, foi ficando mais pesado e envelheceu quase de um dia para o outro.

— Acho que queres dizer «magricela» — graceja ele.

Rhodes dá uma gargalhada.

— Não acho — replica —, mas, nesta altura, não me importava nada de ser eu um magricela.

Serão onze à mesa, o que o obriga a trazer a cadeira do escritório e um banco que Alex tem no quarto de vestir. De cada vez que Rhodes organiza um jantar, repete-se o mesmo: a comida está perfeita e não faltam flores na mesa, mas há sempre algum problema com o número de convidados e os lugares — Alex convida alguém que conheceu recentemente e esquece-se de avisar o marido ou ele engana-se na conta e o que se pretendia organizado e formal torna-se caótico e sem cerimónia.

— Porra! — exclama ele, como das outras vezes, e, como das outras vezes, é o único que se apoquenta com isso.

Alex fica sentada à sua esquerda e falam do seu trabalho como diretora de relações públicas da Rothko, uma marca de roupa. Para choque do marido, acaba de se despedir.

— E não estás arrependida? — pergunta ele.

— Para já, não — diz Alex. — Sei que o Rhodes não ficou a dar pulos de contente — sorri —, mas há de lhe passar. Senti que, enquanto os nossos filhos forem pequenos, o meu lugar é em casa.

Ele pergunta-lhe sobre a casa de campo que o casal comprou no Connecticut (outra fonte de pesadelos para Rhodes) e ela fala das obras, que, tudo indica, se vão arrastar por mais um verão — o terceiro —, ao que ele responde com um queixume solidário.

— O Rhodes comentou que também tinhas qualquer coisa em vista, no Condado de Columbia — diz ela. — Sempre compraste?

— Ainda não — diz ele. Teve de escolher: comprava a casa ou ele e Richard faziam obras no rés do chão, passando a poder usar a garagem e aproveitando para

fazer um ginásio a que não faltaria uma minipiscina com jatos de contracorrente. Escolheu fazer as obras, o que agora lhe permite nadar todas as manhãs em absoluta privacidade. Nem o próprio Richard entra no ginásio quando ele lá está.

— Nós não queríamos comprar já a casa — diz Alex. — Mas não tivemos escolha: os miúdos precisam de espaço para brincar enquanto são pequenos.

Ele anui. Já tinha ouvido o mesmo, mas dito por Rhodes. Amiúde, parece-lhe que ele e Rhodes (ou ele e qualquer colega da sua idade na firma) estão a viver versões paralelas da idade adulta. O mundo de qualquer deles rege-se pelos filhos, pequenos déspotas cujas necessidades (a escola, os acampamentos de férias, as atividades, os explicadores) lhes ditam cada decisão e assim continuarão a fazer durante os próximos dez, quinze, dezoito anos. Ter filhos trouxe às suas vidas adultas um propósito e um rumo imediatos e inegociáveis, que determinam a duração e o destino de férias desse ano; se sobrar algum dinheiro e onde o aplicarão; estruturam-lhes os dias e as semanas, ano após ano, a vida inteira. Os filhos são uma espécie de cartografia e, aos pais, apenas compete sujeitarem-se ao mapa que eles lhes põem à frente no dia em que nascem.

Mas ele e os amigos não têm filhos e, nessa ausência, o mundo estende-se diante deles em toda a sua vastidão, quase os paralisando com tantas possibilidades que oferece. Sem filhos, o estatuto de adulto não é um dado adquirido; um adulto sem filhos tem de inventar uma vida adulta e, sendo isso, com frequência, estimulante, é também um estado de perpétua insegurança e dúvida constante. Pelo menos, é-o para algumas pessoas — entre elas, Malcolm, sem dúvida, que, recentemente, partilhou com ele uma lista que fizera com os prós e os contras de ele e Sophie terem filhos, tal como aconteceu há quatro anos, quando estava a tentar resolver se casava ou não com ela.

«Não sei, Mal», pronunciou-se ele, quando Malcolm acabou de ler a lista. «Soa-me que as tuas razões para teres filhos são, no fundo, achares que *deves*, em vez de realmente os queres.»

«Claro que acho que devo», confirmou Malcolm. «Não te acontece sentires que, basicamente, continuamos a levar vidas de miúdos?»

«Não», declarou ele. E jamais sentira tal coisa. Não lhe ocorria vida mais oposta à sua infância do que aquela que hoje tinha. «Isso és tu a pensar pela cabeça do teu pai, Mal. A tua vida não vai ser menos válida ou menos legítima por não teres filhos.»

Malcolm suspirou.

«Talvez», reconheceu. «É possível que tenhas razão.» Sorriu. «A verdade é que não sinto grande vontade de os ter.»

Ele sorriu-lhe de volta.

«Bem, podem sempre esperar», sugeriu. «E, um dia mais tarde, talvez queiram adotar um trintão infeliz.»

«Talvez», repetiu Malcolm. «Ouvi dizer que há zonas onde *isso* é moda.»

Desculpando-se, Alex vai à cozinha ajudar Rhodes, que a começou a chamar com urgência crescente — «Alex. Alex! *Alex!*» —, e ele volta-se para a pessoa que está sentada do seu lado direito. Não se lembra de o ter visto noutro jantar em

casa de Rhodes. É um homem de cabelo escuro, com um nariz que parece ter sido partido: começa por seguir resolutamente numa direção, mas, quando a cana termina, toma outra, com igual determinação.

— Caleb Porter.

— Jude St. Francis.

— Deixa-me adivinhar: católico.

— Deixa-me adivinhar: tu, não.

Caleb dá uma gargalhada.

— Acertaste em cheio.

Conversam e Caleb diz-lhe que acaba de se mudar de Londres, onde, durante dez anos, foi presidente de uma marca de roupa, tendo agora aceitado o lugar de diretor-executivo da Rothko.

— A Alex foi uma querida; ontem, do nada, lembrou-se de me convidar, e então pensei: *Porque não?* — Encolhe os ombros. — A escolha era entre uma refeição como deve ser, na companhia de gente simpática, ou ficar fechado num quarto de hotel a tentar ganhar ânimo para procurar um apartamento para arrendar. — Na cozinha, improvisam-se timbales com tachos que caem ao chão: uma barulhada, seguindo-se Rhodes a praguejar. Caleb olha-o e ergue o sobrolho, e ele sorri.

— Não te assustes — tranquiliza-o. — Acontece sempre isto.

Rhodes passa o resto do jantar a tentar juntar todos numa conversa coral, mas em vão: a mesa é demasiado comprida e foi cometido o erro estratégico de sentar amigos lado a lado. Assim, ele acaba por conversar apenas com Caleb, que tem 49 anos, cresceu no Condado de Marin, deixou Nova Iorque já na casa dos trinta e também frequentou Direito, embora, esclarece, não tenha usado nada do que lá aprendeu uma vez que fosse na vida.

— Nem uma vez? — admira-se ele. Sempre que ouve isto, tem dificuldade em acreditar. Desconfia dos que afirmam que o curso de Direito foi pura perda de tempo, um erro que se prolongou durante três anos. Por outro lado, reconhece o seu apego à Faculdade de Direito, que não só lhe deu uma maneira de ganhar a vida, como, em vários aspetos, a própria vida.

Caleb pondera a pergunta.

— Bem, talvez seja exagero dizer que não aconteceu uma única vez, mas, pelo menos, posso afirmar que não aconteceu da maneira que se esperaria — acaba por responder. Tem uma voz grave e fala devagar e medindo as palavras, o que resulta relaxante, mas também, de alguma maneira, um pouco ameaçador. — De tudo aquilo, acabou por me dar *algum* jeito o direito civil, imagina. Dás-te com estilistas?

— Não — diz ele. — Mas tenho vários amigos artistas.

— É igual. Já deves ter reparado que eles pensam de maneira diferente. Quanto mais talentosos, mais incapazes de lidar com os aspetos práticos, com as questões negociais. Simplesmente não têm essa capacidade. Em cerca de vinte anos, trabalhei para cinco grandes marcas e é fascinante ver como o padrão se repete: recusam prazos, estoíram orçamentos e raiam a incompetência no que toca

a gerir uma equipa. Nisso, o comportamento de todos eles é tão previsível que uma pessoa se pergunta se a falta dessas qualidades será um requisito para a sua atividade, ou se é a atividade que encoraja esse tipo de brancas no raciocínio. Assim, o trabalho de alguém com o meu tipo de responsabilidades é instituir um sistema de governação no seio da empresa e assegurar que é aplicado e que quem não cumpre as regras é punido. Nem sei como explicar: não lhes podemos dizer que é melhor para o negócio fazer desta ou daquela maneira porque isso não significa nada para eles, ou, pelo menos, para alguns, por muito que digam que compreendem; temos de lhes apresentar o problema enquadrado nas leis do seu microuniverso e convencê-los de que, se não seguirem as regras, o seu universo implode. Enquanto os conseguimos convencer disso, eles fazem o que lhes pedimos. É de enlouquecer.

— E continuas a trabalhar com eles porquê?

— Porque... eles pensam *mesmo* de outra maneira. É fascinante vê-los trabalhar. Alguns mal sabem ler e escrever; enviam-nos uma nota ou um comentário e as frases mal se percebem. Mas depois vemo-los desenhar, passar o desenho à versão tridimensional, experimentar combinações de cores e é... Nem sei. Assombroso. Não consigo explicar melhor do que isto.

— Não, eu... conheço a sensação — diz ele, pensando em Richard, JB, Malcolm e Willem. — É como se nos fosse dada a oportunidade de acompanhar uma maneira de pensar que nem sequer temos a linguagem necessária para imaginar, quanto mais traduzir em palavras.

— Exato, é mesmo isso — concorda Caleb, e sorri-lhe pela primeira vez.

O jantar caminha para o fim e, servido o café, Caleb faz menção de deixar a mesa.

— Bem, vou pôr-me a andar — diz. — Acho que ainda estou no horário de Londres. Mas foi um prazer conhecer-te.

— Igualmente — diz ele. — Foi uma boa conversa. E boa sorte na instauração do teu governo civil na Rothko.

— Obrigado, bem vou precisar — responde Caleb, e depois, mesmo antes de se erguer, detém-se e: — E se jantássemos um dia destes?

Bloqueia momentaneamente, mas, ato contínuo, censura-se por reagir assim. Nada tem a temer. Caleb acaba de regressar a Nova Iorque e, como ele bem sabe, não é fácil encontrar alguém com quem falar, tal como é difícil fazer novas amizades, depois de, na nossa ausência, todos os nossos amigos terem começado as suas famílias, quase passando a tratar-nos como estranhos. Caleb quer alguém com quem falar, apenas isso.

— Sim, ia gostar — aceita, e trocam cartões de visita.

— Deixa-te estar — diz Caleb, vendo que ele se vai erguer para a despedida.

— Darei notícias. — Vê-o (é mais alto do que parecia; tem pelo menos mais cinco centímetros do que ele e, pelo que vê, umas costas possantes) despedir-se de Alex e Rhodes, de novo aquela voz grossa, e sai sem se voltar.

Recebe uma mensagem de Caleb no dia seguinte e combinam jantar na quinta-feira. No final da tarde, liga a Rhodes para lhe agradecer pelo jantar e

tenta saber mais sobre Caleb.

«Tenho vergonha de dizer isto, mas nem falei com ele», confessa Rhodes. «A Alex convidou-o à última hora. É o que eu sempre digo de cada vez que damos um jantar: para que vai ela convidar o novo diretor da empresa que acaba de deixar?»

— Então não sabes nada sobre ele?

«Nada. A Alex diz que ele é muito respeitado e que a Rothko lutou com unhas e dentes para o trazer de Londres. É tudo o que sei. Porquê?» Quase consegue ouvir Rhodes sorrir do outro lado. «Queres expandir a carteira de clientes, é isso? Não te basta o glamoroso mundo dos valores mobiliários e das farmacêuticas?»

— *Apanhaste-me*, Rhodes — mente ele. — De novo, obrigado. E agradece à Alex da minha parte.

Chega quinta-feira e encontra-se com Caleb num *izakaya* no lado oeste de Chelsea. Feitos os pedidos, Caleb diz:

— Queres saber a melhor? Fui olhando para ti durante o jantar e tinha ideia de que te conhecia de algum lado, até que se fez luz: vi-te num quadro do Jean-Baptiste Marion. Tinha-o o diretor criativo da última marca onde trabalhei. Aliás, ele até tentou que fosse a empresa a pagar o quadro, mas isso é outra história. Resume-se praticamente à tua cara e estás na rua; vê-se o brilho de um candeeiro.

— Ah — diz ele. Já lhe aconteceu mais vezes e resulta sempre perturbador. — Já sei qual é o quadro. Pertence à terceira série que ele pintou: «Segundos, Minutos, Horas, Dias.»

— Exato — confirma Caleb, e sorri-lhe. — Tu e o Marion são próximos?

— Fomos — responde, e, como das outras vezes, é doloroso ter de o admitir. — Dividimos quarto na faculdade. Conhecemo-nos há muitos anos.

— Essa série é estupenda — elogia Caleb, depois falam de outras obras de JB, de Richard, cujo trabalho Caleb também conhece, e do Henry Young asiático; e da escassez de bons restaurantes japoneses em Londres; da irmã de Caleb, que vive no Mónaco com o segundo marido e uma ninhada de filhos; dos pais de Caleb, que morreram de doença prolongada quando ele tinha trinta e poucos; e da casa em Bridgehampton que um antigo colega do curso de Direito pôs à disposição dele nesse verão, porque estará em Los Angeles. E falam da Rosen Pritchard, e do imbróglio financeiro em que o diretor-executivo de saída deixou a Rothko, o que o leva a concluir que, além de querer um amigo, Caleb anda possivelmente à procura de representação legal, e começa a ponderar quem na firma será uma boa escolha. *Devia pô-lo em contacto com a Evelyn*, diz para consigo. Evelyn é uma jovem associada que, muito a propósito, no ano anterior quase deixou a firma para integrar o quadro interno de uma marca de alta-costura. Seria a escolha ideal para a Rothko: não só é inteligente como se interessa pelo mundo da moda. Em suma, um casamento perfeito.

Vai pensando em tudo isto, até que, do nada, Caleb pergunta:

— És solteiro? — E, rindo: — Porquê esse olhar?

— Desculpa — diz ele, sobressaltado, mas sorrindo de volta. — Sou, sim. É só porque... tive recentemente essa conversa com um amigo.

— E o que disse o teu amigo?

— Disse... — começa, mas detém-se, inibido, além de baralhado com a súbita mudança de assunto e de tom. — Não interessa — opta por responder, e Caleb sorri, como talvez faria caso ele lhe contasse a conversa, e não insiste. E ele imagina-se a transformar aquela noite numa história para contar a Willem, sobretudo esta última parte. *Ganbaste, Willem*, dirá, e decide: se Willem tornar a puxar o assunto, terão a conversa, e, desta vez, não fugirá às perguntas.

Paga e saem. Está a chover, não muito, mas o suficiente para que não haja táxis. A rua brilha como tiras de alcaçuz.

— Tenho motorista — diz Caleb. — Deixo-te nalgum lado?

— Não é incómodo?

— De maneira nenhuma.

Seguem para a Baixa e, entretanto, começa a chover torrencialmente. Quando chegam à Greene Street, já não distinguem contornos através dos vidros, apenas o brilho vermelho e amarelo dos semáforos. A cidade reduziu-se às buzineladas e ao barulho da chuva no tejadilho, tão forte que mal conseguem ouvir o que o outro diz. Calam-se e ele prepara-se para sair, mas Caleb pede-lhe que espere, explicando que tem um guarda-chuva e oferecendo-se para o levar até à porta do prédio, e, antes que ele possa dizer uma palavra em contrário, já Caleb saiu do carro e está a abrir o guarda-chuva, sob o qual se abrigam os dois. Entram no prédio, a porta fecha-se com um ruído surdo nas suas costas e ficam parados no escuro.

— Meu deus, que átrio assustador — comenta Caleb, quase fleumático, fixando-se na lâmpada crua. — Reconheço que a aura decadente tem o seu *quê*. — Isto fá-lo dar uma gargalhada, e Caleb sorri. — O Rosen Pritchard sabe que vives num lugar assim? — pergunta, e então, antes que ele possa responder, Caleb inclina-se para ele e beija-o quase com fúria, encostando-o à porta, onde apoia os braços, deixando-o enclausurado.

Nesse momento, o seu cérebro esvazia-se e é como se o mundo e ele próprio deixassem de existir. Passou muito, muito tempo desde a última vez que alguém o beijou, mas não esqueceu como se sentia indefeso de cada vez que acontecia nem do irmão Luke a dizer-lhe que só tinha de abrir a boca, descontrair-se e não fazer nada, e — por hábito, porque lho dita a memória, por incapacidade de fazer outra coisa — é o que agora faz, e espera que termine, enquanto conta os segundos e faz por respirar pelo nariz.

Por fim, Caleb recua e fita-o, e, após um momento, ele olha-o de volta. E Caleb beija-o segunda vez, mas, agora, segura-lhe o rosto, e ele sente o mesmo que sentia em criança de cada vez que o beijavam: que o seu corpo não lhe pertencia, que cada gesto seu fora predeterminado, que era apenas um automatismo, outro e outro, e que nada podia fazer senão entregar-se ao que lhe ia acontecer, fosse o que fosse.

Pela segunda vez, Caleb para e recua, tornando a fitá-lo, arqueando o sobrolho como fez no jantar em casa de Rhodes e aguardando que ele diga alguma coisa.

— Julguei que estavas à procura de representação legal — sai-lhe, finalmente, e estas palavras soam-lhe tão imbecis que sente as faces escaldarem.

Mas Caleb não ri.

— Nada disso — responde. Novo silêncio demorado, e Caleb toma a iniciativa. — Não me convidas a subir? — pergunta.

— Ainda não sei — diz, e, de repente, só queria ter ali Willem, embora nunca lhe tenha pedido que o ajudasse a resolver um problema assim, que, muito provavelmente, nem é o tipo de problema a que Willem chamaria um problema. Sabe que é frio e prudente e que, por isso mesmo, nunca será a pessoa mais interessante, desafiadora ou fascinante, esteja onde estiver, mas, por outro lado, essas duas qualidades protegeram-no, proporcionaram-lhe uma vida adulta livre de sordidez e imundície. Mas por vezes pergunta-se se não se terá isolado a ponto de descurar uma parte fundamental da vida. Talvez *seja* o momento de estar com alguém. Talvez tenha passado tempo suficiente e seja diferente. Talvez ele esteja enganado e Willem tenha razão: talvez esta experiência não lhe esteja interdita para sempre. Talvez não seja tão repulsivo como se julga. Talvez consiga fazer isto. Talvez afinal não vá sofrer. Naquele momento, acredita que, qual génio do bem e do mal, Caleb foi ali chamado pelos seus piores medos e maiores esperanças, materializando-se na sua vida para o testar. De um lado, está tudo o que sabe, está o padrão regular e banal da sua existência, previsível como uma torneira a pingar, que o mantém sozinho, mas a salvo, protegido de tudo o que o poderá magoar. Do outro, há um mar agitado, há tempestades, há a surpresa — há tudo o que não pode controlar e tudo o que poderá ser horrível ou arrebatador, tudo o que passou toda a sua vida adulta a tentar evitar, todas essas coisas cuja ausência faz com que a sua vida se esvaia de toda a cor. Dentro dele, a criatura hesita, erguida nas patas traseiras a esgaravatar o ar como se em busca de respostas.

Não faças isso, não te iludas, digas o que disseres para contigo, tu sabes o que és, diz-lhe uma voz.

Arrisca, diz a outra. *Sentes-te sozinho. Tens de tentar*. Esta é a voz que ele sempre ignora.

Pode não tornar a acontecer, acrescenta essa voz, e isto detém-no.

Vai acabar mal, diz a primeira voz, e calam-se uma e outra, a aguardar o que ele fará.

Mas ele não sabe o que fazer; não sabe o que irá acontecer. Tem de descobrir. Tudo o que algum dia aprendeu diz-lhe que fuja; tudo quanto jamais ansiou diz-lhe que fique. *Sê corajoso*, diz a si mesmo. *Por uma vez, sê corajoso*.

Deixa o seu olhar procurar Caleb.

— Vamos — diz, e, embora já assustado, dá início à longa travessia do corredor estreito em direção ao elevador, fazendo como se não estivesse, e ouve-se arrastar o pé direito no cimento, os passos secos de Caleb, as explosões de chuva a tinir na escada de incêndio e o estrondear do seu coração ansioso.

*

Há um ano, começou a trabalhar na defesa de um caso contra uma grande farmacêutica, a Malgrave and Baskett, cujo conselho de administração fora

processado por um grupo de acionistas que os acusava de prevaricação, incompetência e incumprimento dos deveres fiduciários.

— Meu deus, quanta desconfiança — murmurou Lucien, sarcástico. — O que os levará a pensar uma coisa dessas?

Ele suspirou.

— Eu sei — disse. A situação desastrosa da Malgrave and Baskett era do conhecimento geral. Em anos recentes, antes de contratar os serviços da Rosen Pritchard, a farmacêutica enfrentara dois processos por denúncia (no primeiro, fora alegado que uma das fábricas operava com equipamento perigosamente obsoleto, e, no segundo, que outra fábrica distribuía produção contaminada), fora intimada a prestar informações no âmbito da investigação de um elaborado esquema de corrupção envolvendo uma cadeia de lares de idosos e enfrentara alegações de comercializar ilegalmente um dos seus medicamentos mais procurados, aprovado unicamente para tratar casos de esquizofrenia, mas que era também vendido a doentes com Alzheimer.

Tudo isto fizera-o passar os últimos onze meses a recolher testemunhos de cinquenta atuais e antigos diretores e chefias intermédias da Malgrave and Baskett para compilar um relatório que respondesse às alegações constantes do processo. Chefiou uma equipa de quinze advogados e, certa noite, ouviu uns quantos referir-se à farmacêutica como a Malandros e Bandidos.

— Não se atrevam a dizer isso na presença do cliente — repreendeu-os. Era tarde, duas da manhã; sabia que eles estavam cansados. Lucien teria desatado aos berros com eles, mas o caso era que ele próprio estava cansado. Na semana anterior, uma jovem colaboradora destacada para a equipa erguera-se da secretária às três da manhã, olhara em volta e caíra desmaiada. Ele chamara uma ambulância e mandara toda a gente para casa, com instruções para voltar às nove da manhã, ficando ele a trabalhar mais uma hora antes de também sair.

— Mandaste-os para *casa* e ficaste a trabalhar? — perguntou-lhe Lucien no dia seguinte. — Estás a ficar demasiado bonzinho, St. Francis. Graças a deus não fazes dessas em tribunal, senão, não ganhávamos nada. Felizmente os nossos adversários não sabem que é facilímo dar-te a volta.

— Isso quer dizer que a firma não vai mandar flores à Emma Gersh, coitada?

— Já mandámos — replicou Lucien, erguendo-se e avançando para a porta, para deixar o seu gabinete. — «Emma: volta depressa, senão, haverá consequências. Votos de melhoras, da tua família na Rosen Pritchard.»

Adorava ir a tribunal, adorava interrogar, contrainterrogar e proferir as alegações finais — as oportunidades de o fazer acabavam por não ser assim tantas —, mas, no caso da Malgrave and Baskett, o seu objetivo era conseguir que um juiz ordenasse o encerramento do processo, caso contrário, a investigação e a fase de instrução arrastar-se-iam tediosamente durante anos a fio. Redigiu o pedido de arquivamento do processo e, no começo de setembro, o juiz do tribunal distrital ordenou que o processo fosse encerrado.

— Estou orgulhoso de ti — disse-lhe Lucien nessa noite. — Aqueles sacanas na Malandros e Bandidos não sabem a sorte que têm. Aquele processo era à prova

de bala.

— E há muito mais que a Malandros e Bandidos parece não saber — respondeu ele.

— É verdade — concordou Lucien. — Suponho que a moral da história é que se pode ser cretino desde que se saiba escolher o advogado. — Ergueu-se. — Vais para fora no fim de semana?

— Não.

— Bem, trata de descontrair. Sai. Janta fora. Não estás com boa cara.

— Boa noite, Lucien!

— OK, OK. Boa noite. E parabéns. Sinceramente. Fizeste um trabalho de primeira água.

Passa mais duas horas no escritório, a organizar e a desfazer-se de papelada, que se acumula sem dar tréguas. Desfechos assim não lhe trazem alívio nem o fazem sentir-se vitorioso. Fica exausto, apenas isso, mas é um cansaço simples e merecido, como o de um operário no final do dia. Foram onze meses de conversas com diretores e quadros da empresa, investigação, mais recolha de informação, verificação de factos, uma primeira versão do pedido de arquivamento, depois a reescrita, e então, de um momento para o outro, acabou e segue-se o próximo caso.

Por fim, vai para casa, onde a exaustão chega tão bruscamente que, a caminho do quarto, se senta no sofá, e acorda uma hora mais tarde, desorientado e cheio de sede. Nos últimos meses, praticamente não esteve com amigos nem falou com eles — mesmo as conversas com Willem têm sido mais curtas do que é costume. Em parte, pode imputar isso à Malandros e Bandidos e ao frenesim que o pedido de arquivamento do processo lhe exigiu. Mas também tem havido a agitação crescente provocada pela situação com Caleb, de quem ainda não falou a Willem. Porém, naquele fim de semana, Caleb estará em Bridgehampton, e este tempo que tem para si é bem-vindo.

Passaram três meses e ainda não sabe o que sente por Caleb. Não está seguro de que Caleb goste de si. Ou melhor: sabe que ele gosta das conversas que têm, mas, por vezes, surpreende Caleb a fitá-lo com uma expressão à beira da repulsa.

— Tu és mesmo muito bonito — disse-lhe Caleb certa vez, perplexo, segurando-lhe o queixo e fazendo-o voltar o rosto para si. — Mas... — Não concluiu a frase, mas ele adivinhou o que ficara por dizer: *Mas há qualquer coisa errada contigo que não consigo identificar. És bonito, mas enojas-me. Só não entendo porque não gosto de ti, de verdade que não.*

Sabe, por exemplo, que Caleb detesta a sua maneira de andar. Algumas semanas depois de se envolverem, Caleb estava sentado no sofá e ele foi buscar uma garrafa de vinho, e, ao regressar, viu Caleb olhá-lo tão fixamente que ficou nervoso. Serviu o vinho, beberam, e, a dada altura, Caleb disse:

— É curioso: como nos conhecemos sentados, não vi que coxeias.

— Pois foi — respondeu ele, dizendo a si mesmo que não tinha de pedir desculpa por isso. Não apanhara Caleb numa armadilha nem nada parecido; nunca o quisera enganar. Respirando fundo, tentou soar apenas vagamente curioso. — Se tivesses percebido, não terias sugerido jantarmos?

— Não sei — respondeu Caleb, após um silêncio. — Não sei mesmo. — Nesse momento, teria dado tudo para desaparecer, quis fechar os olhos e fazer o tempo andar para trás, recuar e não ter conhecido Caleb. Teria recusado o convite de Rhodes e teria continuado na sua pequena vida sem sobressaltos, sem sentir falta de quem ainda não conhecia.

E Caleb detesta o seu andar, mas abomina a cadeira de rodas. Da primeira vez que ali esteve durante o dia, ele mostrou-lhe o apartamento, que o enche de orgulho. Todos os dias se sente grato por ali estar e mal pode acreditar que é de facto seu. Malcolm manteve a suíte de Willem, como lhe chamam, ampliando-a e juntando-lhe um espaço de trabalho do lado norte, contíguo ao elevador. Também manteve a ampla área aberta com as duas suítes, onde ele pôs um piano, e, voltada a sul, ficou a sala de estar, de cujo lado norte, o que não tinha janelas, se encontra agora uma mesa desenhada pelo próprio Malcolm. Atrás, a estante, que ocupa toda a parede até à cozinha. De resto, pendurou obras de amigos, de amigos de amigos, e outras que comprou ao longo dos anos. Todo o lado nascente do apartamento é seu: o quarto, voltado a norte, seguindo-se o quarto de vestir e a casa de banho, cujas janelas dão para nascente e para sul. Normalmente, mantém os estores descidos, mas, subindo tudo de uma vez, o espaço torna-se um retângulo de luz e o véu de separação com o exterior, hipnoticamente fino. Muitas vezes, ocorre-lhe que o apartamento é um logro: sugere um ocupante de disposição aberta e entusiástica, alguém franco nas respostas que dá, e claro que ele não é essa pessoa. Com os seus recantos penumbrosos, corredores escuros e paredes com tantas camadas de tinta sobrepostas que se sentiam os insetos sepultados entre as mesmas, o apartamento na Lispernard Street era um reflexo bem mais fiel da pessoa que ele de facto é.

Quando Caleb o visitou pela primeira vez, deixou que o brilho tremeluzente da luz do Sol inundasse o apartamento e percebeu que Caleb estava impressionado. Foram andando sem pressas e Caleb apreciou a sua coleção de arte. Uma vez por outra, perguntava-lhe onde adquirira a obra ou quem era o autor, e reconheceu alguns nomes.

Por fim, estavam no quarto, e ele indicou-lhe o quadro na parede do fundo: Willem na cadeira de maquilhagem, que ele comprara aquando da exposição «Segundos, Minutos, Horas, Dias».

— De quem é a cadeira de rodas? — perguntou Caleb.

Ele seguiu-lhe a direção do olhar. Uma pausa.

— Minha — respondeu.

— Porquê? — perguntou Caleb, mostrando-se confuso. — Tu andas.

Não soube o que dizer.

— De vez em quando, preciso — acabou por explicar. — Raramente. Não é hábito.

— Ótimo — disse Caleb. — Vê se não a usas.

Ficou alarmado. Estaria Caleb a manifestar preocupação com o seu bem-estar ou a ameaçá-lo? Mas, antes que pudesse decidir que sentimento lhe provocara aquele comentário ou qual a resposta apropriada, já Caleb se voltara e entrara no

quarto de vestir. Ele fez o mesmo e a visita guiada continuou.

Um mês depois, foi esperar Caleb à saída dos escritórios da Rothko, localizados na orla oeste de Manhattan, na zona fronteiriça conhecida por Meatpacking District. Tal como ele, também Caleb ficava muitas vezes a trabalhar até tarde. Era o começo de julho e a apresentação da coleção de primavera seria dentro de oito semanas. Nesse dia, levava o carro para o trabalho, mas a noite estava agradável, por isso, tirou para fora a cadeira de rodas e esperou-o sob o brilho de um candeeiro de rua. Caleb surgiu acompanhado por um colega. Vinham na conversa. Percebeu que ele o vira — ergueu a mão e Caleb acenou-lhe quase impercetivelmente (nenhum dos dois era de grandes demonstrações) — e aguardou que a conversa terminasse, após o que o colega seguiu para nascente e se afastou pela rua.

— Olá — saudou, quando Caleb chegou junto dele.

— Estás na cadeira de rodas porquê? — perguntou Caleb, algo brusco.

Ficou momentaneamente incapaz de falar.

— Hoje tive de a usar — gaguejou, quando recuperou a voz.

Caleb deixou escapar um suspiro e esfregou os olhos.

— Julguei que não a usavas.

— E não uso — assegurou ele, tão envergonhado que se sentiu começar a transpirar. — Quase nunca. Só quando tem mesmo de ser.

Caleb anuiu, mas continuava a massajar a cana do nariz. Não o encarou.

— Escuta — acabou por dizer —, deixamos o jantar para outra altura, pode ser? Nitidamente, tu não estás bem, e eu estou cansado. Preciso de dormir.

— Ah — murmurou ele, desanimado. — Não há problema. Eu entendo.

— OK, boa — respondeu Caleb. — Depois ligo. — Viu-o afastar-se pela rua naquela sua passada larga até desaparecer na esquina, depois meteu-se no carro, foi para casa e cortou-se até não conseguir segurar a lâmina com firmeza de tanto que sangrava.

No dia seguinte, uma sexta-feira, Caleb não deu notícias. OK, disse para consigo, *parece que ficamos por aqui*. Talvez fosse melhor assim. Caleb não gostava de o ver numa cadeira de rodas e ele tão-pouco, portanto, não podia ficar ressentido com Caleb por não ser capaz de aceitar o que ele próprio não conseguia aceitar.

Mas, no sábado de manhã, Caleb ligou quando ele estava a subir ao apartamento vindo da piscina.

«Desculpa aquilo na quinta à noite», disse-lhe. «Imagino que esta minha... aversão à tua cadeira de rodas te pareça bizarra e desumana.»

Sentou-se numa cadeira de jantar.

— Não acho bizarro, de maneira nenhuma — respondeu.

«Eu contei-te que os meus pais foram pessoas doentes durante grande parte da minha vida adulta», justificou-se Caleb. «O meu pai teve esclerose múltipla e a minha mãe... bem, não se chegou a saber o que ela tinha. Adoeceu quando eu andava na faculdade e nunca mais ficou bem. Tinha dores na cara e enxaquecas. Passou a viver numa espécie de eterno desconforto de baixa intensidade, que

nunca duvidei que fosse real; mas sempre me perturbou ver que ela parecia não querer sequer *tentar* melhorar. Limitou-se a desistir e o meu pai fez o mesmo. Um e outro renderam-se à doença, que passou a estar presente para onde quer que se olhasse: primeiro, foram as bengalas, depois, os andadores, a seguir, as cadeiras de rodas, depois, já eram cadeiras de rodas elétricas, e ainda havia os frascos de comprimidos, os lenços de papel usados por toda a parte e um cheiro constante a pomadas e géis para as dores e sei lá que mais.»

Calou-se. «Quero continuar a ver-te», disse, por fim. «Mas... não posso ver-me outra vez rodeado de todos esses acessórios da debilidade e da doença. Não vou suportar. Odeio todas essas coisas. Vexam-me. Fazem-me sentir... não fico deprimido, fico furioso, sinto que é qualquer coisa que tenho de derrotar.» Nova pausa. «O problema foi eu não saber que eras essa pessoa quando te conheci», acabou por dizer. «Achei que conseguia ultrapassar a questão. Mas não sei se consigo. Consegues entender isto?»

Engoliu em seco. Sentia vontade de chorar. Mas entendia-o; sentia exatamente o mesmo.

— Consigo — respondeu.

Contra todas as probabilidades, acabaram por se continuar a ver. Ainda se espanta com a rapidez e o grau a que Caleb se introduziu na sua vida. Foi como um conto de fadas: uma mulher que vive numa casinha na orla de uma floresta sombria ouve bater à porta e vai abrir. Demora-se tão-só um momento, mas, embora não veja ninguém, nesse intervalo de poucos segundos, dezenas de demónios e espíritos esgueiram-se pelos lados e entram pela casa, e jamais a mulher se livrará deles. Já sentiu algo parecido várias vezes. Será o que as outras pessoas sentem? Não sabe e tem demasiado medo de perguntar. Dá por si a revisitar conversas que teve ou que ouviu outros terem sobre os seus relacionamentos e tenta aferir a normalidade do seu comparando-o com esses outros, tal como procura pistas que lhe digam como deve agir.

Depois, há o sexo, que é pior do que imaginou — já se tinha esquecido de como é doloroso, aviltante e repulsivo e que sempre detestou tudo aquilo. Odeia todo aquele comportamento e as posições que lhe exige, e não há uma que não seja degradante porque todas o deixam indefeso e vulnerável. Detesta aqueles sabores e cheiros. Mas, sobretudo, detesta os sons: o impacto pastoso da carne na carne, os gemidos e queixumes de animal ferido, e as coisas que lhe são ditas, talvez para o excitar, mas que ele não pode interpretar senão como mais humilhação. Dá-se conta de que guardou a esperança de que tudo aquilo fosse melhor na idade adulta, como se, de alguma maneira, a simples circunstância da idade pudesse sublimar a experiência e torná-la agradável. Durante o curso, depois nos vinte e nos trinta, ouvia as outras pessoas falarem do assunto apazadas e encantadas e pensava: *Todo esse entusiasmo por causa daquilo? A sério? Não é como eu recordo a experiência, de todo.* Mas decerto não pode ter ele razão e todos os outros — milhões de outros — estarem enganados. Obviamente, há qualquer coisa que ainda não percebeu no sexo. Obviamente, há alguma coisa que está a fazer mal.

Naquela primeira noite, ao subirem, sabia o que Caleb esperava.

— Temos de ir devagar — avisou. — A minha última vez foi há muito tempo.

Caleb fitou-o no escuro — ele não acendera a luz.

— Quanto tempo? — perguntou.

— Muito — foi tudo o que conseguiu dizer.

E, no começo, Caleb foi paciente. Até que deixou de ser. Chegou uma noite em que o tentou despir e ele se soltou das suas mãos.

— Não consigo — disse. — Caleb... não consigo. Não quero que vejas o meu corpo. — Dizer estas palavras exigira tudo de si e o medo era tão grande que ficou enregelado.

— Porquê? — perguntou Caleb.

— Tenho cicatrizes — explicou. — Nas costas e nas pernas, e nos braços. São feias; não quero que as vejas.

Não imaginava o que Caleb ia dizer. Tanto podia ouvir «De certeza que não são essa coisa atroz que imaginas», o que talvez o poupasse a ter de se despir, como Caleb podia simplesmente dizer «Mostra», e ele teria de o fazer, e Caleb erguer-se-ia e sairia da sua vida. Viu-o hesitar.

— Não vais gostar — assegurou. — São repugnantes.

O que pareceu fazer Caleb tomar uma decisão.

— Bem — disse —, não tenho de ver o teu corpo todo, certo? Bastam as partes relevantes. — Nessa noite, ali deitado, semidespido, à espera de que aquilo terminasse, sentiu-se mais humilhado do que se Caleb lhe tivesse exigido vê-lo sem roupa.

Apesar destas deceções, não pode dizer que estar com Caleb tem sido horrível. Gosta da sua maneira de falar sem pressas e medindo cada palavra, gosta de ouvir as suas histórias sobre os estilistas com quem trabalhou, e gosta das suas teorias sobre cor e do seu apreço pelas artes. Agrada-lhe poder falar do seu trabalho, nomeadamente a respeito da Malandros e Bandidos, e ver que Caleb não só entende os desafios que o caso lhe coloca como os acha estimulantes. Gosta do interesse com que Caleb o ouve falar daquelas coisas e as suas perguntas demonstram que estava atento. Agrada-lhe que Caleb admire o trabalho de Willem, Richard e Malcolm e que o deixe falar sobre eles durante o tempo que lhe apetecer. Gosta da maneira como, de saída, Caleb lhe segura o rosto com as duas mãos e fica assim durante um momento, como se a dar-lhe silenciosamente a bênção. Gosta da solidez e da força física de Caleb, gosta de o ver em movimento, e gosta do à-vontade que, tal como Willem, ele demonstra ter com o seu corpo. Agrada-lhe que, por vezes, enquanto dorme, Caleb lhe pouse uma mão no peito, como se a dizer que ele é seu. Gosta de acordar ao lado de Caleb. Agrada-lhe que Caleb tenha qualquer coisa de vagamente estranho e que a sua presença convoque uma ligeira sensação de perigo. Caleb é diferente de todas as pessoas com quem se relacionou em adulto, depois de decidir que apenas se aproximaria de quem não o magoasse e procurou quem se definisse pelo melhor da sua natureza. Quando está com Caleb, sente-se simultaneamente mais e menos humano.

Da primeira vez que Caleb lhe bateu, ficou e não ficou surpreendido. Foi no final de julho, numa ocasião em que foi a casa dele à meia-noite, depois de sair do

escritório. Nesse dia, usara a cadeira de rodas — ultimamente, andava com um problema nos pés, não sabia o que era, mas quase não os sentia, o que lhe dava a impressão de estar desligado do chão e o fazia temer cair —, mas, ao estacionar na rua de Caleb, deixou a cadeira de rodas no carro e foi andando muito devagar até à porta do prédio, levantando exageradamente os pés para não cair.

Logo que entrou, percebeu que não devia ter ido: Caleb estava visivelmente de péssimo humor, tão irritado que estava um ambiente de cortar à faca e o ar quase queimava. Mudara-se finalmente para um apartamento no Flower District, mas continuava com quase tudo por desempacotar. Caleb estava à beira de explodir, tão tenso que rangia os dentes. Ele trouxera comida e, ao ir deixá-la na bancada da cozinha, pôs-se a falar num tom animado para distrair Caleb dos seus passos vagarosos, tentando desesperadamente salvar a noite.

— Estás a andar assim porquê? — interrompeu-o Caleb.

Não suportava a ideia de dizer a Caleb que lhe aparecera mais esse problema; não se sentia com ânimo para repetir a conversa do outro dia.

— *Assim* como? — perguntou. — Estou a andar de uma maneira estranha?

— Sim. Pareces o Monstro do *Frankenstein*.

— Desculpa — disse. *Vai-te embora*, disse-lhe a voz na sua cabeça. *Vai-te embora já*. — Não me tinha apercebido.

— Certo, mas, agora, para. Dá-te um ar ridículo.

— Está bem — murmurou, servindo uma tigela de caril para Caleb. — Toma — disse, mas, ao avançar para ele, tentando caminhar normalmente, roçou com o pé direito no esquerdo, tropeçou, deixou cair a tigela e o molho verde espalhou-se no tapete.

Mais tarde, recordará como, sem dizer palavra, Caleb se voltou bruscamente e lhe bateu com as costas da mão, fazendo-o cair para trás e bater com a cabeça no chão atapetado.

— *Vai-te embora*, Jude — ouviu Caleb dizer (nem sequer gritou), antes de tornar a ver com nitidez. — Sai. Neste momento nem consigo olhar para ti. — Assim fez: ergueu-se e, naquela sua ridícula marcha de monstro, saiu do apartamento, deixando o estrago que fizera para Caleb limpar.

No dia seguinte, a área em volta do olho esquerdo ganhou tonalidades inesperadamente belas: violeta, castanho-amarelado, verde-garrafa. No final da semana, rumou para a Alta da cidade, onde o esperava a consulta com Andy. Tinha a face verde-musgo, não conseguia abrir o olho e a pálpebra estava avermelhada e lustrosa e com o dobro do tamanho.

— *Chißa!* — exclamou Andy, quando o viu. — Que raio te aconteceu?

— Ténis em cadeira de rodas — respondeu ele, e o sorriso ensaiado ao espelho na véspera que então arreganhou provocou-lhe espasmos na face. Tivera o cuidado de investigar: sabia onde eram os jogos, com que frequência e o número de inscritos no clube. Alinhara uma história, que repetira para consigo e andara a contar pelo escritório até lhe soar natural e quase cómica: o seu adversário, que jogara ténis na faculdade, desferira uma direita, ele não se desviara a tempo e a bola acertara-lhe em cheio na cara e fizera-o ver estrelas.

Repetiu tudo isto e Andy foi ouvindo e abanando a cabeça.

— Bem — disse, no fim —, folgo em saber que andas a experimentar coisas novas. Mas, francamente, Jude... Será boa ideia?

— Não és tu que me dizes constantemente para dar descanso aos pés? — recordou-lhe.

— Eu sei, eu sei — reconheceu Andy. — Mas tens a piscina; não te chega? E mais: devias ter cá vindo logo que aconteceu.

— É só uma nódoa negra, Andy — justificou.

— Foda-se, é um hematoma gigante. Francamente, Jude.

— Bem, passemos a coisas mais importantes — atalhou, tentando soar despreocupado, ou, talvez, como alguém que ria na cara do perigo. — Queria falar contigo por causa dos meus pés.

— Conta.

— Ando com uma sensação estranha: parece que estão sepultados em blocos de cimento. Não os sinto e não tenho noção dos movimentos. Levanto um pé e sei que o pousei porque sinto na barriga da perna. O pé propriamente dito, não sinto.

— Ai, Jude... — lamentou-se Andy. — Isso é sinal de lesões nos nervos. — Suspirou. — As boas notícias são que só apareceram agora e não são permanentes. As más notícias são que não te posso dizer quando vão passar nem quando tornará a acontecer. Outra má notícia é que a única coisa que podemos fazer, além de esperar, é tratá-las com analgésicos, que, prevejo, não vais querer tomar. — Uma pausa. — Jude, eu sei que não gostas dos efeitos secundários dos analgésicos — continuou Andy —, mas, desde os teus vinte anos, ou mesmo nesta última década, surgiram outros bem melhores. Estás disposto a experimentar? Deixa-me, pelo menos, receitar-te algum mais fraco para a cara. Aposto que tens andado aflito.

— Não é assim tão mau — mentiu. Mas, no fim, aceitou a receita.

— Trata de não apoiar peso nos pés — recomendou Andy, depois de lhe examinar o rosto. — E fica longe dos campos de ténis, por amor de deus. — E, quando ele já estava de saída: — E não penses que não havemos de falar dos cortes! — Passara a cortar-se mais depois que se envolvera com Caleb.

De regresso à Greene Street, deixou o carro estacionado no reduzido acesso à garagem, e então, prestes a rodar a chave para entrar no prédio, ouviu o seu nome, e viu Caleb sair do carro. Estava na cadeira de rodas e apressou-se a entrar, mas Caleb foi rápido, agarrou a porta antes que se fechasse e os dois tornaram a ficar sozinhos no átrio.

— Não devias estar aqui — disse ele, incapaz de o encarar.

— Jude, escuta-me — pediu Caleb. — Estou muito arrependido. De verdade que estou. Aquilo foi... as coisas no trabalho têm estado péssimas, só acontece merda, aliás eu até quis vir aqui logo no começo da semana, mas tem sido o caos e não consegui de todo, e no outro dia descarreguei em ti. Sinto mesmo muito. — Acocorou-se diante dele. — Jude. Olha para mim. — Ele suspirou. — Estou muito arrependido. — Segurou-lhe o rosto e voltou-o para si. — A tua pobre cara... — murmurou.

Ainda não sabe porque deixou Caleb subir nessa noite. Sendo honesto consigo, sente que era inevitável, e que, num vago sentido, foi quase um alívio quando Caleb lhe bateu: desde o começo que aguardava algum castigo pela sua arrogância, por achar que podia ter o mesmo que os demais, e, por fim, o castigo viera. *É para aprenderes*, disse a voz na sua cabeça. *É o que dá queres fingir que és alguém que sabes que não és e achares que vales o mesmo que os outros.* Recorda como JB ficava em pânico com a possibilidade de ver Jackson, um medo que ele entendeu perfeitamente. Conhecia a sensação de se estar à mercê de outrem, quando aquilo que parece fácil (afastarmo-nos dessa pessoa) se torna tão difícil. Sente por Caleb o mesmo que sentiu pelo irmão Luke — num caso e noutro, confiou-se precipitadamente nas mãos de alguém em quem depositava grandes esperanças, alguém que, acreditou, o iria salvar. Mas, mesmo quando se tornou óbvio que isso não iria acontecer, mesmo depois de as suas esperanças ficarem rançosas, não se conseguia afastar, não conseguia partir. No encontro com Caleb, cumpre-se uma simetria que faz inteiro sentido: são danificado e danificador, são o amontoado de lixo e o chagal que o vem cheirar. No seu mundo, existem apenas os dois: não conheceu ninguém que faça parte da vida de Caleb e não lhe apresentou ninguém que faça parte da sua. Os dois sabem que há algo de vergonhoso no que andam a fazer. Une-os a repulsa que sentem um pelo outro e o mal-estar que se causam mutuamente. Caleb tolera o seu corpo e ele tolera a repulsa de Caleb.

Sempre soube que, querendo estar com alguém, haveria lugar a uma transação. E sabe que não encontrará melhor do que Caleb. Que, pelo menos, não é alguém deformado ou um sádico. Tudo o que lhe está a ser feito é uma repetição e diz isto para consigo uma vez e outra.

Num fim de semana no final de setembro, faz a viagem de carro até à casa em Bridgehampton emprestada pelo tal amigo, que Caleb poderá usar até ao começo de outubro. A apresentação da coleção foi um sucesso e ele anda mais descontraído e, inclusivamente, afetuoso. Tornou a bater-lhe uma única vez — deu-lhe um murro no esterno que o fez ir de rojo pelo chão —, mas pediu desculpa logo a seguir. De resto, nada a assinalar: Caleb dorme na Greene Street às quartas e quintas, e, às sextas, abala para a casa de praia. Quanto a si, vai cedo para o escritório e sai tarde. Depois do triunfo com a Malandros e Bandidos, julgou que teria direito a algum descanso, por breve que fosse, mas nada feito: foi procurado por uma empresa de investimento sob investigação por fraude de valores mobiliários e a verdade é que se sente culpado porque é sábado e não está no escritório.

Mas, deixando de lado a culpa, está um dia perfeito e passam-no cá fora a trabalhar. Ao anoitecer, Caleb grelha bifes para o jantar. Entretido, vai assobiando, e ele ergue os olhos do dossiê e fica a ouvi-lo, sabendo que ambos estão felizes, e que, durante um curto intervalo de tempo, a ambivalência que cada um desperta no outro se reduziu a poeira, se tornou irrelevante e imaterial. Deitam-se cedo, Caleb não o procura para sexo e ele dorme profundamente, melhor do que em várias semanas.

De manhã, antes mesmo de despertar, percebe que a dor nos pés regressou.

Desaparecera completa e inesperadamente há duas semanas, mas ei-la de volta, e, ao erguer-se, percebe que é pior do que antes: as suas pernas parecem acabar nos tornozelos e os pés tornaram-se a um tempo inanimados e agudamente dolorosos. Para andar, tem de os observar; precisa da confirmação visual de que ergue e pousa cada um.

Ensaia dez passos e cada um lhe custa mais do que o anterior. Cada movimento é-lhe tão difícil e exige tão grande energia mental, que é acometido de náuseas e tem de se tornar a sentar na beira da cama. *Não deixes o Caleb ver-te assim*, avisa de si para consigo, mas, então, lembra-se: Caleb foi correr, como faz todas as manhãs. Está sozinho.

Tem algum tempo. Apoiado nos braços, arrasta-se até à casa de banho e entra no duche. Pensa na cadeira de rodas que tem no carro. Decerto Caleb não se oporá a que ele a traga para dentro, apenas tem de mostrar que, basicamente, se encontra de boa saúde, sendo isto apenas um ligeiro revés, um incómodo que não se estenderá por mais de um dia. Planeava regressar a Manhattan no dia seguinte logo cedo, mas também pode antecipar o regresso, se necessário, embora preferisse não ter de o fazer, porque o dia anterior foi muito agradável e talvez o de hoje também seja.

Quando Caleb regressa, já se vestiu e foi sentar no sofá, onde finge estar a trabalhar. Não lhe consegue ler a disposição, mas, normalmente, Caleb fica sempre mais brando depois da corrida — e, até, indulgente.

— Fatiei algumas sobras de bife — diz-lhe. — Queres que te faça uns ovos?

— Deixa, eu faço — responde Caleb.

— Que tal a corrida?

— Boa. Ótima.

— Caleb, escuta — arrisca, procurando manter um tom casual. — Ando com um incómodo nos pés. É um efeito secundário dos nervos danificados, vem e vai, mas, quando se manifesta, tenho bastante mais dificuldade em andar. Faz-te diferença se trazer para dentro a cadeira de rodas que tenho no carro?

Durante um minuto, sem dizer palavra, Caleb trata apenas de beber o resto da garrafa de água.

— Mas *consegues* andar, certo?

Obriga-se a enfrentar-lhe o olhar.

— Bem... tecnicamente, sim. Mas...

— Jude — diz então Caleb —, imagino que o teu médico discorde, mas sou forçado a dizer que me parece haver uma certa... fraqueza, suponho, nesse teu hábito de recorrer sempre à solução mais fácil. Parece-me que há coisas que devias obrigar-te a suportar, percebes? Com os meus pais acontecia exatamente o mesmo: cediam à mínima dor, bastava uma pontada e desistiam.

» Resumindo, acho que deves aguentar e esperar que passe. Se *consegues* andar, acho que é o melhor que fazes. Parece-me péssimo hábito apapariques-te dessa maneira sendo capaz de melhor.

— Ah — murmura ele. — OK. Percebo. — Sente-se profundamente envergonhado, como se tivesse feito algum pedido imundo e proibido.

— Vou tomar um duche — diz Caleb, após um silêncio, e retira-se.

Durante todo o dia, evita ao máximo os movimentos, e, como se desejando não ter motivo para se enfurecer com ele, Caleb não lhe pede nada. Prepara o almoço, que comem no sofá, cada um a trabalhar no seu portátil. A cozinha e a sala formam uma única divisão ensolarada, com portas envidraçadas que abrem para um relvado com vista para a praia, e, aproveitando um momento em que, na cozinha, entretido a preparar o jantar, Caleb fica de costas, ele rasteja até à casa de banho do corredor. Quer ir ao quarto, onde tem as aspirinas no saco de viagem, mas a distância é demasiado grande, por isso ajoelha-se junto da entrada da sala e aguarda que Caleb se torne a voltar para o fogão. Nessa altura, rasteja de volta ao sofá, onde passou o dia.

— O jantar está pronto — anuncia Caleb. Ele respira fundo e ergue-se, e os pés, de tão pesados e perros, parecem-lhe dois blocos de cimento, mas, observando-os, inicia o trajeto até à mesa. Tem a sensação de estar a demorar minutos, horas, a alcançar a sua cadeira, e, a dada altura, ergue o olhar e depara-se com Caleb, que vai mastigando enquanto o fita com ódio, parece-lhe. — Despacha-te — é tudo o que lhe diz.

Comem em silêncio e é quase insuportável. O barulho da faca no prato: insuportável. Caleb a trincar um feijão-verde com desnecessária veemência: insuportável. A sensação da comida na boca, tudo isso somando-se e tornando-se uma criatura fibrosa e sem nome: insuportável.

— Caleb — atreve-se, quase sem voz, mas Caleb não lhe responde, antes faz a cadeira recuar, ergue-se da mesa e vai até ao lava-louça.

— Traz-me o teu prato — ordena, e fica a observá-lo. Ele ergue-se lentamente e dá início à marcha até à bancada do lava-louça, atento aos pés e certificando-se de que pousa um antes de tirar o outro do chão.

Mais tarde perguntar-se-á se provocou o sucedido, se podia ter dado os vinte passos sem cair, bastando-lhe apenas mais concentração. Porém, não é o que acontece. Ergue o pé direito uma fração de segundo antes de pousar o esquerdo e então cai e vê o prato cair à sua frente e desfazer-se em cacos. Avançando tão prontamente como se estivesse à espera de ver aquilo acontecer, Caleb agarra-o pelos cabelos e dá-lhe um murro na cara com tanta força que ele fica no ar, cai contra a mesa, a nuca embate no rebordo, a garrafa voa, o vinho alaga o chão, e, rugindo de fúria, Caleb segura a garrafa pelo gargalo e acerta-lhe na base do pescoço.

— Caleb — arqueja ele —, por favor, por favor. — Nunca foi de implorar misericórdia, mesmo em criança nunca o fez, mas, sem saber como, tornou-se essa pessoa. Em criança, a sua vida pouco lhe importava, e, naquele momento, desejava que ainda fosse assim. — Por favor — diz. — Caleb, por favor, perdão... Foi sem querer, foi sem querer.

Caleb, ele sabe, deixou de ser humano. Tornou-se um lobo, um coiote. É músculo e fúria. E ele nada é para Caleb, é a presa, é descartável. Está a ser arrastado até ao sofá e sabe o que vai acontecer. Mas continua a pedir.

— Por favor, Caleb — diz. — Não, por favor. Por favor, Caleb.

Quando volta a si, está estendido no chão junto das costas do sofá e a casa está mergulhada em silêncio.

— Alguém? — chama, e a tremura na voz soa-lhe detestável. De resto, nada, mas não teve de esperar pela resposta para saber que está sozinho.

Senta-se. Puxa as cuecas para cima, depois as calças. Experimenta fletir os dedos e cerrar os punhos, leva os joelhos ao peito e torna a estender as pernas, roda os ombros para trás e para diante, depois o pescoço, para a esquerda e para a direita. Sente a nuca peganhenta, mas, para seu alívio, é vinho — não é sangue. Tudo lhe dói, mas nada está partido.

Rasteja até ao quarto. Na casa de banho, limpa-se rapidamente, depois junta as coisas e põe tudo no saco de viagem. À pressa, encaminha-se para a porta da frente. Teme momentaneamente descobrir que o seu carro foi levado e que não tem como sair dali, mas não, ali está à sua espera, parado ao lado do carro de Caleb. Vê as horas: meia-noite.

Gatinha pelo relvado. O saco de viagem ao ombro magoa-o. Da porta da frente até ao seu carro serão talvez sessenta metros, que se transformam em quilómetros. Quer parar, está exausto, mas sabe que não pode.

No carro, evita o seu reflexo no retrovisor. Põe o motor a trabalhar e arranca. Meia hora depois, sabendo-se suficientemente distante da casa e em segurança, começa a tremer tanto que quase perde o controlo do carro, por isso, para na berma, apoia a testa no volante e espera que passe.

Dez minutos tornam-se vinte. Por fim, volta-se, embora esse simples movimento seja uma tortura, e procura o telemóvel no saco. Marca o número de Willem e aguarda.

«Jude!», exclama Willem, e ele ouve-lhe surpresa na voz. «Ia ligar-te neste preciso instante.»

— Olá, Willem — responde, pedindo por tudo para soar normal. — Suponho que te li o pensamento.

Conversam durante alguns minutos, até que Willem pergunta:

«Estás bem?»

— Claro — responde ele.

«A tua voz está esquisita.»

Willem, quer dizer. *Willem*, *queria tanto ter-te aqui*. Em vez disso, responde:

— Desculpa. Estou com dor de cabeça.

Conversam mais um pouco.

«De certeza que estás bem?», insiste Willem, já nas despedidas.

— Sim, está tudo bem — repete ele.

«OK», diz Willem. «OK.» Depois: «Mais cinco semanas.»

— Mais cinco semanas — Sente tão agudamente a falta de Willem, que mal consegue respirar.

Depois de desligarem, espera durante mais dez minutos, até que finalmente para de tremer, e, nessa altura, torna a pôr o carro a trabalhar e faz o resto do caminho de volta a casa.

No dia seguinte, obriga-se a ver-se no espelho da casa de banho e quase grita

de vergonha, choque e aflição. É espantoso que, sendo quem é, ainda assim consiga estar tão mais deformado, tão extraordinariamente feio. Tenta ficar apresentável; veste o fato preferido. Caleb pontapeou-lhe o flanco e cada movimento e cada respiração são dolorosos. Antes de sair, marca consulta no dentista porque tem um dente de cima a abanar. Também marca consulta com Andy para essa noite.

Vai para o escritório.

— Esse *look* não te favorece, St. Francis — brinca um sócio principal de quem ele gosta muito em plena reunião da administração durante a manhã, e o riso é geral.

Ele obriga-se a sorrir.

— Tenho de concordar — responde. — E imagino que vão ficar infelicíssimos, mas devo anunciar que os meus dias de candidato a campeão de ténis nos Jogos Paraolímpicos terminaram, com muita pena minha.

— Eu cá não tenho pena *nenhuma* — replica Lucien, enquanto o resto da mesa se desfaz em queixumes de desilusão fingida. — Se queres luta, tens o tribunal. Acho que não precisas de um segundo desporto de combate.

Nessa noite, na consulta, Andy não o poupa.

— O que disse eu a respeito do ténis, Jude? — pergunta.

— Eu sei — responde ele, contrito. — Mas foi a última vez, Andy. Juro.

— E isto, aconteceu como? — pergunta Andy, palmando-lhe a base do pescoço. Ele suspira com exagero teatral.

— Voltei-me e ainda houve mais essa: uma esquerda furiosa. — Aguarda a resposta de Andy, que, sem nada dizer, lhe aplica pomada antibiótica na nuca e lhe liga a zona magoada.

No dia seguinte, recebe uma chamada de Andy quando está no escritório.

«Tenho de te falar pessoalmente», diz ele. «É importante. Podemos combinar nalgum sítio?»

Fica alarmado.

— Está tudo bem? — pergunta. — Aconteceu-te alguma coisa, Andy?

«Estou perfeitamente», diz Andy. «Mas tenho de falar contigo.»

Faz a pausa para jantar mais cedo e encontram-se num bar não muito longe do seu escritório, cujos clientes habituais são os banqueiros japoneses que trabalham na torre vizinha da que alberga a Rosen Pritchard. Quando chega, encontra Andy sentado à sua espera, e Andy afaga-lhe o lado da cara que não está magoado.

— Pedi-te uma cerveja — diz. Bebem em silêncio, até que, finalmente: — Jude, queria fazer-te esta pergunta cara a cara: andas a magoar-te?

— Hã? — hesita ele, apanhado de surpresa.

— Os acidentes de ténis — explica Andy. — Aconteceram mesmo ou é outra coisa? Andas a atirar-te escadas abaixo ou contra as paredes ou outra coisa do género? — Respira fundo. — Sei que fazias isso em miúdo. Andas a fazer outra vez?

— Não, Andy — responde ele. — Não, não ando a fazer nada disso. Juro. Juro-te por... Pela saúde do Harold e da Julia. Pela saúde do Willem.

— OK. — Andy suspira. — Fico aliviado. Do mal, o menos: és apenas um imbecil que não faz o que o médico lhe manda, o que não é novidade, claro. E, tudo indica, também és péssimo jogador de ténis. — Sorri, e ele obriga-se a sorrir de volta.

Andy pede mais duas cervejas e, durante alguns minutos, não falam.

— Sabes uma coisa, Jude? — diz então Andy, falando pausadamente. — Ao longo dos anos, tenho-me perguntado uma vez e outra o que hei de fazer contigo. Espera, não digas nada. Deixa-me terminar. Ficava e ainda fico acordado à noite a perguntar a mim mesmo se as decisões que tomo em relação a ti serão as melhores. Já estive várias vezes a um passo de requerer o teu internamento, e de ligar ao Harold ou ao Willem a avisar que íamos ter de te levar para um hospital. Falei com antigos colegas de curso que hoje são psiquiatras, contei-lhes sobre ti, referindo-te como um paciente de quem sou próximo, e perguntei-lhes o que fariam no meu lugar. Ouvi os conselhos de cada um deles. Ouvi os conselhos do meu psicólogo. Mas ninguém me sabe dizer categoricamente qual a resposta certa.

» Esta situação tem-me atormentado. Mas sempre achei que... tens-te mostrado tão intelectualmente capaz em tantas coisas, e não há dúvida de que alcançaste um estranho, mas bem-sucedido equilíbrio na tua vida, é inegável, por isso achei, sei lá... que talvez não devesse interferir, percebes? Por culpa desta decisão, deixei que te continuasses a cortar ano após ano, e ano após ano, de cada vez que te vejo, pergunto-me se estarei a agir bem ao permitir que continues a fazer o mesmo, e de que maneira posso, se é que devo, pressionar-te a procurar ajuda e fazer-te parar de te magoares dessa maneira.

— Lamento, Andy — murmura ele.

— Não, Jude — afirma Andy. — A culpa não é tua. Tu és o paciente. Cabe-me a responsabilidade de perceber o que é melhor para ti e sinto... Não sei se tenho feito isso. Por isso, quando me apareceste cheio de equimoses, a primeira coisa que me ocorreu foi que afinal tinha tomado a decisão errada, percebes? — Andy fita-o e ele tem a segunda surpresa da noite ao vê-lo limpar rapidamente os olhos. — Durante todos estes anos — conclui Andy, após uma pausa, e tornam a ficar silenciosos.

— Andy — diz ele então, agora também com vontade de chorar. — Juro-te que não ando a fazer mais nada. São só os cortes.

— Só os cortes! — exclama Andy, e sai-lhe uma estranha gargalhada estrangulada. — Bem, suponho que, no contexto, devo ficar grato por isso. «Só os cortes.» Tens noção de que é de loucos eu ficar aliviado por ouvir semelhante coisa, não tens?

— Sim — reconhece ele.

Terça-feira termina e vem quarta-feira, depois, quinta. As dores na cara pioram, melhoram e tornam a piorar. Tem-no preocupado que Caleb lhe possa ligar, ou, pior, que venha ao apartamento, mas os dias passam e nem sinal dele. Talvez tenha ficado em Bridgehampton. Talvez tenha sido atropelado. Ganha consciência de que, estranhamente, não sente nada — medo, ódio, seja o que for. Aconteceu o pior e agora é livre. Teve um relacionamento, foi horrível, e nunca

mais terá de repetir a experiência, porque provou a si mesmo que não está talhado para relacionamentos. Durante o tempo em que esteve com Caleb, comprovou-se tudo o que sempre temeu que as pessoas pensassem de si e do seu corpo. A próxima etapa é aprender a aceitar isso sem mágoa. Sabe que é provável que futuramente se sinta sozinho, mas, entretanto, passou a ter uma resposta a dar a essa solidão. Agora, sabe, sem margem para dúvidas, que a solidão é preferível a isso — terror, vergonha, repulsa, desânimo, vertigem, exaltação, anseio, desprezo — que sentiu com Caleb.

Nessa sexta-feira, encontra-se com Harold, que está em Manhattan para um congresso na Universidade de Columbia. Já lhe tinha escrito a avisar que se magoara na cara, o que não impede Harold de fazer um drama: põe-se de volta dele com exclamações e pergunta-lhe dezenas de vezes se tem a certeza de que está bem.

Combinaram encontrar-se num dos restaurantes preferidos do professor, onde os bifes são de vacas que o próprio *chef* criou numa quinta no norte do Estado, conhecendo cada uma pelo nome. Da mesma maneira, todos os legumes e verduras são cultivados no terraço superior do restaurante. Vão conversando enquanto comem as entradas — tem o cuidado de mastigar apenas do lado direito e de evitar o contacto da comida com o dente postiço —, e, a dada altura, apercebe-se de alguém parado junto da mesa, ergue o olhar e ali está Caleb, e, embora se tenha convencido de que não sente nada por ele, enche-se no mesmo instante de um medo avassalador que o deixa sem reacção.

Enquanto estiveram juntos, nunca o viu embriagado, mas percebe de imediato que é esse o seu estado naquele momento — e que a sua disposição é perigosa.

— A tua secretária disse-me onde estavas — esclarece. Depois: — E o senhor deve ser o Harold. — Estende a mão ao professor, que, desconcertado, o cumprimenta.

— Jude? — hesita Harold, mas ele não consegue falar.

— Caleb Porter — apresenta-se Caleb, e senta-se colado a ele no compartimento semicircular. — O seu filho e eu namoramos.

Harold detém-se em Caleb, depois olha para ele e abre a boca, mas, pela primeira vez desde que ele o conhece, ficou sem pio.

— Deixe que lhe pergunte uma coisa — continua Caleb, ainda para Harold, debruçando-se para a mesa como se prestes a fazer uma confidência, e ele olha-lhe fixamente o rosto de uma beleza vulpina e os olhos sombrios e reluzentes. — Diga a verdade: não preferia ter um filho normal, em vez de um aleijado?

Durante breves segundos, ninguém diz palavra, e ele sente o ar crepitar, como se varrido por algo.

— Quem és tu, grande filho da puta? — rosna Harold, e ele vê-lhe a transformação do rosto, as feições contorcidas pela rápida e assustadora passagem do choque à aversão, depois à raiva, e, por um instante, é como se deixasse de ser humano e se tornasse um demónio vestido de Harold. Mas a sua expressão torna a mudar, e ele vê-lhe o endurecer das feições, como se os músculos estivessem a ossificar. — Foste tu que lhe fizeste isto — acusa Harold, separando cada palavra.

Depois, para ele, horrorizado: — Isso não foi a jogar ténis, pois não, Jude? Este homem fez-te isso.

— Harold, por favor — começa a dizer, mas Caleb segura-lhe o pulso e aperta-o com tanta força, que, durante um instante, ele acredita que está partido.

— Sacaninha mentiroso — diz-lhe Caleb. — És um aleijado e um mentiroso e uma péssima foda. E tens razão: és repulsivo. Eu nem conseguia olhar para ti. Nunca olhei, nem uma vez.

— Sai daqui, filho da puta — diz Harold, que cerra os dentes de ódio. Nenhum ergueu a voz acima do sussurro, mas seria igual se estivessem a gritar e o restaurante parece ter mergulhado em silêncio e ele tem a certeza de que todos os estão a ouvir.

— Harold, por favor — suplica. — Pare, por favor.

Harold faz que não o ouviu.

— Senão chamo a polícia — ameaça, e Caleb desliza para fora do compartimento e ergue-se, e Harold faz o mesmo. — Desaparece daqui, agora — repete, e agora, sim, estão todos a olhar para eles, o que o faz sentir-se tão humilhado que julga que vai vomitar.

— Harold — implora.

Percebe, pela postura vacilante de Caleb, que ele está mesmo muito embriagado, depois vê-o dar um safanão no ombro de Harold, que vai retaliar, mas ele finalmente recupera a voz, e grita o nome do professor, que olha para ele e baixa o braço. Caleb lança-lhe o sorrisinho seu conhecido, depois roda nos calcanhares e afasta-se abrindo caminho aos encontrões pelo meio dos empregados que, silenciosos, o cercaram.

Durante alguns segundos, Harold continua de pé, de olhar cravado na porta, e ensaia um ou dois passos para ir atrás de Caleb, mas ele torna a chamá-lo, desesperado, e Harold vem sentar-se.

— Jude... — balbucia, mas ele abana a cabeça. Está tão zangado, tão furioso, que a humilhação quase foi eclipsada pela raiva. Em volta, retomam-se conversas. Faz sinal ao empregado que os atendeu e estende-lhe o cartão de crédito, que lhe é trazido de volta em segundos, parece-lhe. Nesse dia, não teve de usar a cadeira de rodas, um acaso que o deixa tremenda e amargamente grato, daí que deixar o restaurante seja questão de instantes, e jamais se sentiu tão ágil, nunca os seus movimentos foram tão resolutos ou eficazes.

Chove a cântaros. Estacionou o carro a um quarteirão dali e segue pelo passeio no seu passo arrastado, com Harold silencioso ao seu lado. Está tão furioso que preferia não lhe dar boleia, mas estão do lado nascente, próximos da Avenida A, e, a chover daquela maneira, Harold não vai conseguir apanhar um táxi.

— Jude... — tenta o professor novamente, quando já estão no carro, mas ele interrompe-o sem desviar os olhos da estrada.

— Eu *implorei-lhe* que não dissesse nada, Harold — sublinha. — E não fez caso. Ignorou-me porquê, Harold? Acha que a minha vida é uma brincadeira? Acha que os meus problemas são oportunidades para fazer boa figura? — Nem sabe o que a acusação significa ou o que pretende dizer.

— Não, Jude, claro que não — assegura-lhe Harold com brandura. — Desculpa... perdi a cabeça.

De alguma maneira, a resposta fá-lo cair em si, e continuam em silêncio durante alguns quarteirões, ouvindo apenas as escovas do para-brisas apartar as águas da chuva.

— De verdade que namoravas com ele? — pergunta Harold.

Ele responde com um único assentimento breve.

— E já não? — continua Harold, e ele confirma abanando a cabeça. — Ainda bem — resmunga Harold. Depois, de mansinho: — Ele batia-te?

Precisa de um momento para se controlar antes de responder.

— Foram só algumas vezes — diz.

— Ai, Jude — murmura Harold, num tom como ele nunca lhe ouviu. — Deixa-me só perguntar-te uma coisa — pede, quando, continuando devagar pela Rua 15, passam pela Sexta Avenida. — Jude... porquê namorares com alguém que te tratava assim?

Mantém-se silencioso ao transporem mais um quarteirão, tentando pensar numa resposta, numa maneira de articular os seus motivos que seja compreensível para Harold.

— Sentia-me sozinho — acaba por dizer.

— Jude... — diz Harold, e hesita. — Consigo compreender isso — diz então.

— Mas porquê ele?

— Harold — responde, e sabe que vai soar horrível, sabe que vai parecer um pobre coitado —, alguém com a minha figura contenta-se com o que arranjar.

Tornam a ficar silenciosos, até que Harold diz:

— Para o carro.

— Hã? — hesita ele. — Não posso. Atrás de mim vêm mais condutores.

— Para o maldito carro, Jude — repete Harold, e, vendo que ele não fez caso, agarra no volante e desvia o carro para a direita, onde há uma área desocupada diante de uma boca de incêndio. O carro logo atrás admoesta-os com uma buzina e segue o seu caminho.

— Deus do Céu, Harold! — exclama ele. — Que raio de ideia foi essa? Podíamos ter tido um acidente!

— Escuta-me com atenção, Jude — diz-lhe Harold, falando devagar e fazendo menção de lhe segurar as mãos, mas, fugindo ao seu toque, ele recua até sentir o vidro nas costas. — Tu és a pessoa mais bonita que eu já conheci. Na minha vida inteira.

— Harold — diz ele —, pare, pare. Por favor, pare com isso.

— Olha para mim, Jude — pede Harold, mas ele não consegue. — De verdade que és. E parte-me o coração que não consigas ver isso.

— Harold — sai-lhe, quase num queixume —, por favor, por favor. Se gosta de mim, pare.

— Jude... — murmura Harold, e torna a estender a mão, mas ele encolhe-se e protege a cabeça. Pelo canto do olho, vê Harold baixar a mão devagar.

Por fim, torna a segurar o volante, mas as mãos tremem-lhe tanto que não liga

o motor, antes as aninha debaixo das coxas, e aguarda.

— Meu deus — ouve-se repetir —, meu deus.

— Jude — repete Harold.

— Deixe-me sossegado, Harold — diz ele, agora com os dentes a bater e com dificuldade em falar. — Por favor.

Ficam assim durante longos minutos. Concentra-se no som da chuva, na luz do semáforo, vermelha, verde, laranja, e conta as respirações. Por fim, a tremura para, e ele roda a chave na ignição e segue em diante, depois sobe, entra na rua de Harold e para diante da sua porta.

— Dorme aqui esta noite — pede Harold, voltando-se para ele, mas, de olhar em diante, ele faz que não. — Pelo menos, sobe, bebe um chá e espera até te sentires melhor. — Ele torna a fazer que não. — Jude — diz Harold —, lamento... tudo isto, tudo o que aconteceu. — Ele anui, mas continua incapaz de falar. — Ligas-me se precisares de alguma coisa? — insiste Harold, e ele torna a fazer que sim. Por fim, Harold ergue a mão muito devagar, como se ele fosse um animal selvagem, afaga-lhe a nuca, depois uma segunda vez, e então sai e fecha a porta com suavidade.

Vai para casa pela West Side Highway. Tem dores, está exausto e sofreu todas as humilhações possíveis. *Basta de ser castigado*, diz para consigo. Nem ele aguenta tanto. Irá para casa, cortar-se-á, depois iniciará o processo de esquecimento daquela noite e dos últimos quatro meses.

Na Greene Street, entra com o carro na garagem e sobe ao apartamento no elevador, escutando o silêncio nos vários pisos. Entrelaça os dedos na porta de lagarta — está tão cansado que teme cair a menos que se agarre a alguma coisa. Richard foi fazer uma residência artística em Roma e estará ausente durante todo o outono. À sua volta, o prédio é como um sepulcro.

Sai do elevador para o apartamento escuro e tateia em busca do interruptor da luz, e então sente um impacto rombo e surdo no lado inchado da cara, e, embora às escuras, vê o dente postiço voar.

É Caleb, claro, ouve-lhe a respiração e cheira-lhe o hálito antes de ele ligar o interruptor e de o apartamento se inundar de luz, tornando-se mais ofuscante do que um dia de sol. Ergue o olhar e vê Caleb parado junto dele, a fitá-lo do alto. Mesmo embriagado, prima pela compostura, e, agora que a fúria dissipou parcialmente a bebedeira, o seu olhar é firme e resolutivo. Sente-o agarrar-lhe o cabelo e bater-lhe na face direita, a que não está magoada, e sente a cabeça ir bruscamente para trás.

Ainda sem dizer palavra, Caleb arrasta-o até ao sofá. Os únicos sons no apartamento são a respiração controlada de Caleb e o seu frenesim engasgado. Caleb afunda-lhe a cara nas almofadas e, com a outra mão, começa a arrancar-lhe a roupa. Isso fá-lo entrar em pânico e debate-se, mas Caleb assenta o braço na sua nuca, o que o paralisa. Incapaz de um movimento, sente que vai ficando exposto — costas, braços, coxas —, e, quando não lhe sobra uma peça de roupa no corpo, Caleb fá-lo ficar de pé, empurra-o para o afastar, e ele cai de costas.

— Levanta-te — ordena Caleb. — Já.

Obedece. Sente alguma coisa correr-lhe do nariz, não sabe se sangue, se muco, apenas sabe que lhe custa respirar. Ergue-se. Jamais se sentiu tão despido ou exposto. Em criança, quando lhe faziam coisas, conseguia evadir-se do seu corpo e refugiar-se algures. Fingia ser um objeto — um varão de cortinado, uma ventoinha no teto —, uma coisa inanimada que nada sentia ao testemunhar a cena a desenrolar-se um pouco mais abaixo. Via fazerem-lhe coisas e não sentia nada, fosse piedade ou revolta — nada de nada. Porém, ao tentar fazer o mesmo naquele momento, descobre-se incapaz de se dissociar. Continua naquele apartamento, o seu apartamento, parado diante de um homem que o detesta, e sabe que aquilo é o começo e não o fim de uma longa noite pela qual terá de passar, aguentando até que termine. Não decidirá nem poderá pôr fim ao que vai acontecer nessa noite.

— Meu deus — diz Caleb, depois de o observar durante longos segundos. É a primeira vez que o vê nu. — Meu deus, és deformado. És um aleijão.

Estranhamente, aquelas palavras trazem ambos de volta a si, e ele percebe que está a chorar, pela primeira vez em décadas.

— Por favor — diz. — Por favor, Caleb, desculpa. — Mas Caleb já o segurou pelo pescoço para o levar semiarastado até à porta do apartamento. Entram no elevador, descem, e, no momento seguinte, está a ser arrastado do elevador e pelo corredor em direção ao átrio. Desvairado, implora, pergunta uma vez e outra a Caleb o que está a fazer, o que lhe vai fazer. Na porta do prédio, Caleb ergue-o em braços, e, com o rosto momentaneamente enquadrado pela pequena janela, ele vê a Greene Street pelo vidro sujo, mas Caleb já está a abrir a porta, e, nu, ele começa a ser arrastado para a rua.

— Não! — grita, a meio caminho entre o átrio e a rua. — Caleb, por favor! — A esperança quase irracional de que passe alguém mistura-se com o medo desesperado de que passe alguém. Mas está a chover com muita força; ninguém vai passar ali. A chuva encharca-lhe o rosto de configurações fugazes.

— Implora — diz Caleb, erguendo a voz para se ouvir acima do barulho da chuva, e ele obedece. — Implora-me que fique — ordena Caleb. — Pede perdão. — E ele assim faz, repete e reitera, e a sua boca inunda-se de sangue e lágrimas.

Por fim, é levado para dentro e arrastado de volta para o elevador, onde Caleb lhe diz coisas, e ele pede desculpa sem parar e repete as palavras que Caleb o manda dizer: *Sou repugnante. Sou asqueroso. Sou lixo. Perdão, perdão.*

No apartamento, Caleb solta-lhe o pescoço e ele cai porque as pernas não lhe obedecem, e Caleb pontapeia-o no estômago com tanta violência que ele vomita, depois nas costas, e ele desliza pelo belíssimo soalho polido que Malcolm escolheu para si e suja-se no próprio vomitado. O seu apartamento tão bonito, ocorre-lhe, onde sempre se sentiu seguro. Tudo isto lhe está a acontecer no seu apartamento tão bonito, onde o rodeiam todas as coisas belas que juntou, algumas, penhores de amizade, outras, compradas com o dinheiro que ganhou. O seu apartamento tão bonito, com portas que se trancam, onde não mais estaria à mercê de elevadores avariados ou sujeito à degradação de se arrastar escada acima apoiado nos braços, onde não tornaria a haver um momento em que não se sentisse humano e pleno.

Torna a ser erguido e levado, mas não sabe para onde: tem um olho tão inchado

que não o consegue abrir e o outro mostra-lhe formas turvas. Ora vê, ora não vê, como se a sua visão fosse sendo ligada e desligada.

Então, percebe que Caleb o está a arrastar até à porta que dá para a escada de emergência — o único elemento original que Malcolm manteve, por não ter alternativa, mas, também, porque lhe agradou o seu irredimível caráter utilitário: ali estava uma escada horrorosa e orgulhosa de o ser. Caleb destranca a porta e ei-lo parado no alto da caixa da escada, que é escura e parece não ter fundo. «Parece que vamos... descer ao inferno», disse Richard quando lha mostrou. Tem o flanco empastado de vômito e sente líquidos orgânicos — não os nomeará para consigo — escorrer por partes do seu corpo: pelo rosto, pelo pescoço, pelas coxas.

Segurando o aro da porta, deixa escapar queixumes de dor e medo, e não chega a olhar, apenas ouve Caleb recuar para ganhar balanço, depois correr para ele, sente o impacto do seu pé nas costas e voa escuridão adentro.

Suspensão no vazio, lembra-se subitamente do Dr. Kashen — ou talvez não exatamente do Dr. Kashen, mas da pergunta que ele lhe fez ao entrevistá-lo antes de o aceitar como orientando: «Qual é o teu axioma favorito?» («A frase de engate de qualquer *nerd* que se preze», assim lhe chamou CM.)

— O axioma da igualdade — respondeu ele, e Kashen assentiu, agradado.

— Boa resposta — disse.

O axioma da igualdade postula que x é sempre igual a x ; parte do pressuposto de que, se estabelecermos um conceito a que damos o nome de x , este será sempre idêntico a si, terá uma especificidade que o distingue, será dotado de uma qualidade indivisível que nos obriga a considerá-lo como um absoluto imutável e igual a si mesmo para todo o sempre, pois a sua elementaridade jamais se alterará. Mas isso não pode ser demonstrado. Absoluto, sempre, nunca: o léxico que, somado aos números, erige o mundo dos matemáticos. Nem todos gostavam do axioma da igualdade — o Dr. Li achava-o dissimulado e rococó, dizia-o uma dança do leque e não um axioma —, mas ele sempre lhe apreciou o caráter arisco de equação cuja beleza jamais se cumpria porque qualquer tentativa de a provar seria em vão. Ali estava o tipo de axioma com o poder de enlouquecer, de obcecar, de dominar uma vida.

Mas agora tem a certeza absoluta de que o axioma da igualdade é verdadeiro, porque ele — a sua vida — é a demonstração. *A pessoa que fui será sempre a pessoa que sou*, conclui. O contexto mudou: sim, está naquele apartamento, conseguiu um trabalho de que gosta e pagam-lhe bem para o fazer, e tem pais e amigos a quem ama. Sim, é respeitado e inclusivamente temido em tribunal. Mas a essência mantém-se, continua a ser a mesma pessoa, alguém que inspira repulsa, que nasceu para ser repudiado. E, na fração de segundo de suspensão entre o êxtase de voar e a certeza do impacto, que, sabe, será brutal, comprova que x será sempre igual a x , faça ele o que fizer, não importa quantos anos se distancie do mosteiro e do irmão Luke, por mais dinheiro que ganhe ou por mais que se esforce por esquecer. É esse o seu último pensamento antes de ouvir o impacto esmagador do ombro no cimento e de o mundo recuar fugaz e abençoadamente ao tocar-lhe: $x = x$, diz para consigo. $x = x$, $x = x$.

Quando o Jacob era ainda muito pequenino — teria talvez seis meses —, a Liesl adoeceu com pneumonia. Como qualquer pessoa saudável, revelou-se uma péssima doente: rabugenta, respondona, mas, sobretudo, incapaz de acreditar que estava naquela situação desconhecida. «Eu *nunca* adoço», não se cansava de repetir, como se houvesse algum engano, como se o mal que a afligia se destinasse a outra pessoa.

O Jacob era um bebé constantemente adoentado — nunca eram coisas muito graves, mas, em escassos meses de vida, já tivera duas constipações, tanto que aprendi a reconhecer-lhe a tosse seca e surpreendentemente adulta antes de lhe conhecer o sorriso —, por isso decidimos que seria melhor a Liesl ir uns dias para casa da Sally, para descansar e recuperar, enquanto eu ficava a cuidar do Jacob.

Julgava-me basicamente competente a cuidar do meu filho, mas, naquele fim de semana, devo ter ligado umas vinte vezes ao meu pai para que ele me explicasse os inúmeros pequenos mistérios que se iam revelando ou para confirmar coisas que já sabia, mas que a atrapalhação me fizera esquecer. Ele fazia uns barulhinhos estranhos que pareciam soluços, mas que eram demasiado irregulares para o ser — eram o quê, então? As fezes tinham uma consistência mais líquida — era sinal de alguma coisa? Ele gostava de dormir de barriga para baixo, mas a Liesl dizia que tínhamos de o virar para cima, porém, eu sempre ouvira dizer que não acontecia nada aos bebés por dormirem de barriga para baixo — em que ficávamos? Claro que eu podia pesquisar todas estas coisas, mas queria respostas assertivas e queria ouvi-las do meu pai, que não só as tinha, como sabia qual a maneira certa de mas transmitir. A voz dele tranquilizava-me.

— Não te preocupes — dizia o meu pai no fim de cada telefonema. — Estás a sair-te perfeitamente. Tens jeito. — Eu ouvia-o e acreditava que assim era.

Quando o Jacob adoeceu com gravidade, passei a telefonar muito menos ao meu pai. Era-me insuportável falar com ele. As perguntas que agora tinha para lhe fazer (como aguentar o que estava a acontecer? o que fazer depois? como ver um filho morrer?) eram as mesmas que não me atrevia a dizer alto e sabia que o ouviria chorar ao tentar responder.

O Jacob fizera quatro anos quando percebemos que alguma coisa não estava bem. A Liesl deixava-o no infantário de manhã e eu ia buscá-lo à tarde, depois de dar a última aula. Ele tinha uma expressão séria, daí as pessoas tomarem-no por um bebé melancólico, quando não era: em casa, corria escada acima e escada abaixo para que eu fosse atrás dele, e, sempre que estava estendido no sofá a ler, ele chegava e deixava-se cair para cima de mim. Com ele, a Liesl tornava-se brincalhona, e, por vezes, os dois corriam pela casa aos guinchos e a rir, e eu adorava ouvi-los, era uma balbúrdia que não me incomodava minimamente.

Em outubro, ele começou a andar sempre cansado. Num dia em que o fui buscar ao infantário, as outras crianças, de quem ele era amigo, estavam agrupadas

a falar e aos saltos, mas, quando olhei em volta, à procura do meu filho, avistei-o ao fundo da sala, enroscado a dormir no colchão. Ao lado dele, estava sentada a educadora, que, quando me viu, fez sinal para que fosse até lá.

— Desconfio que o Jacob está a chocar alguma — disse-me. — Já ontem o achei chochinho, e hoje, depois do almoço, estava tão cansado que o deixámos dormir. — Eu e a Liesl adorávamos aquele infantário. Em muitos outros, começavam imediatamente a tentar ensinar as crianças a ler ou davam-lhes aulas disto e daquilo, mas, naquele, de resto, recomendado pela generalidade dos meus colegas, os monitores liam-lhes histórias, punham-nas a fazer trabalhos manuais e levavam-nas ao jardim zoológico, sendo eu da opinião de que, aos quatro anos, ninguém precisa de mais do que isso.

Levei-o ao colo para o carro, mas, quando chegámos a casa, ele acordou e achei-o perfeitamente. Fiz-lhe o lanche e ele comeu, depois li-lhe uma história e fizemos a construção do dia. No aniversário, eu e a Sally tínhamos-lhe oferecido um jogo de blocos de madeira muito bonitos que pareciam geodes; conseguíamos empilhar vários sem caírem e combinavam-se de maneiras inesperadas. A cada dia, fazíamos uma construção que seria o nosso centro de mesa, e, quando a Liesl chegava a casa, o Jacob explicava-lhe o que aquilo era — um dinossauro ou um astronauta numa torre, por exemplo — e ela fotografava.

Nessa noite, comentei com ela o que a educadora me tinha dito, e, no dia seguinte, a Liesl levou o Jacob ao pediatra, que o achou perfeitamente e não deu por nada fora do normal. Ainda assim, andámos mais atentos nos dias seguintes. Ele arribara ou continuava cansado? Dormia mais ou comia menos do que o normal? Não sabíamos, mas alarmámo-nos com a situação; nada assusta mais do que ver um filho pequeno em semelhante letargia. Em retrospectiva, a palavra parece um eufemismo para um destino funesto.

De um dia para o outro, tudo se precipitou. Fomos passar o fim de semana do Dia de Ação de Graças a casa dos meus pais e, a meio do jantar, o Jacob teve uma crise. Estava normal, mas, de um momento para o outro, ficou hirtos como uma tábua, resvalou da cadeira e caiu debaixo da mesa, de olhos revirados enquanto lhe saíam uns sons estranhos, como se a engasgar-se em seco. Durou dez segundos, não mais, mas foi horrível, tão horrível que ainda recorro nitidamente aquele gorgolejar esquisito e a imobilidade assustadora da cabeça dele enquanto esperneava.

O meu pai ligou a um amigo no Hospital Presbiterano de Nova Iorque e arrancámos de seguida. O Jacob foi internado e ficámos os quatro com ele nessa noite — o meu pai e a Adele estenderam os casacos e dormiram no chão e eu e a Liesl sentámo-nos cada um de seu lado da cama, incapazes de nos encarar.

Quando a condição dele estabilizou, fomos para casa e a Liesl ligou ao pediatra do Jacob, de novo, um colega de curso, e pediu-lhe que nos conseguisse consultas com o melhor neurologista, o melhor geneticista e o melhor imunologista. Não sabíamos o que se passava, mas, qualquer que fosse o problema, ela quis certificar-se de que o nosso filho seria examinado pelos melhores. Começou um calvário de meses de consultas e sucessivas colheitas de sangue, eletroencefalogramas, testes

aos reflexos e exames oftalmológicos e auditivos. Eram procedimentos extremamente invasivos e tudo aquilo era exasperante — com aqueles médicos, aprendi que há infinitas maneiras de dizer «não sei» —, e dava por mim a pensar nas dificuldades e entraves decerto enfrentados pela generalidade dos pais, que não tinham os nossos contactos nem a formação e a experiência da Liesl. Claro que a formação e a experiência da Liesl não amorteciam a dor de ver o Jacob desfazer-se em lágrimas de cada vez que lhe cravavam uma agulha, algo que se repetiu tanto que uma veia no braço esquerdo ficou em risco de colapso. Da mesma maneira, os nossos contactos não evitaram que ele piorasse gradualmente ou que se tornassem mais frequentes as crises convulsivas que o faziam retesar as mãos como garras e espumar pela boca enquanto a cabeça sacudia sem parar e lhe ouvíamos um rosnado primitivo, assustador e impossivelmente cavernoso para um menino de quatro anos.

Por fim, diagnosticaram-lhe uma raríssima doença neurodegenerativa, a síndrome de Nishihara, tão rara que, durante várias séries de exames, não ocorrera ao geneticista fazer a despistagem. Corria o mês de fevereiro e o Jacob estava quase cego. Em junho, quando fez cinco anos, quase não falava. Em agosto, pareceu-nos que perdera completamente a audição.

Os intervalos entre as crises convulsivas iam sendo cada vez mais reduzidos. Experimentávamos medicamento atrás de medicamento e chegámos a experimentá-los em várias combinações. A Liesl tinha um amigo neurologista que nos falou de um novo medicamento pendente de aprovação nos Estados Unidos, mas que já era usado no Canadá, e, logo nessa sexta-feira, ela e a Sally foram de carro a Montreal e regressaram passadas doze horas. Inicialmente, o medicamento fez efeito, mas deixava-lhe a pele tão irritada que, se tocávamos na zona da erupção, ele gritava, embora a voz não lhe saísse, e lhe corriam as lágrimas.

— Desculpa, filho — dizia eu, mesmo sabendo que ele não me ouvia. — Desculpa, desculpa.

Não tinha cabeça para trabalhar. Nesse ano, pedi horário parcial. Era o meu segundo ano a lecionar e apenas o terceiro semestre. Atravessava o *campus*, ouvia vagamente as conversas — alguém ia acabar com o namorado, ou tinha tirado má nota no exame, ou torcera o pé — e enchia-me de raiva. *Cambada de idiotas mesquinhos e egoístas que só sabem pensar no umbigo*, apetecia-me dizer. *São odiosos, odeio-vos. Os vossos problemas não são problemas. O meu filho está a morrer*. Cheguei a vomitar de tão enojado com todos eles. Nessa altura, o Laurence era meu colega e substituí-a-me quando eu tinha de levar o Jacob ao hospital. Tínhamos contratado um enfermeiro, mas continuávamos a levar o Jacob às consultas, porque não queríamos ser apanhados de surpresa quando chegasse a hora do adeus. Em setembro, depois de mais um exame, o médico encarou-nos.

— Será em breve — disse, e o pior de tudo foi a brandura na voz dele.

O Laurence ia lá a casa às quartas e sábados à noite; a Gillian, às terças e quintas; a Sally, às segundas e aos domingos; outro amigo da Liesl, o Nathan, vinha às sextas. Cozinhavam e encarregavam-se das limpezas enquanto eu e a Liesl ficávamos à cabeceira do Jacob e falávamos com ele. Naquele último ano, tinha

parado de crescer e os braços e as pernas pareciam de borracha, como se não tivessem ossos, por isso, quando o queríamos ter nos braços, tínhamos de segurar os dele, senão pendiam como se o nosso filho já estivesse morto. No começo de setembro, já não abria os olhos, embora por vezes lacrimejassem ou corresse um muco amarelado. A cara continuava rechonchuda por causa da cortisona. Um dos medicamentos, não sabíamos qual, provocou-lhe eczema nas faces, que ficaram vermelhas como reбуçados e ásperas como lixa; passávamos os dedos e parecia que estavam a ferver.

O meu pai e a Adele foram ficar connosco em meados de setembro e eu não o conseguia encarar. Sabia que ele já tinha visto crianças morrerem e sabia como estava a sofrer por desta vez se tratar do meu filho. Sentia-me um fracasso. Sentia que estava a ser castigado por não ter desejado arrebatadamente ser pai quando o Jacob nos fora dado. Sentia que, tivesse sido menos ambivalente na minha reação, aquilo não estaria agora a acontecer. Sentia que me estava a ser dito que fora um idiota e um inepto por não ter percebido desde o primeiro instante que o meu filho era uma dádiva e por ter chegado a admitir a possibilidade de devolver o que tantos desejavam acima de tudo. Sentia vergonha. Jamais iria ser o pai que o meu pai fora e odiava tê-lo ali como testemunha do meu falhanço.

Antes de o Jacob nascer, certa noite, perguntei ao meu pai se tinha conselhos sábios para me dar. Estava na brincadeira, mas ele levou a sério, como sempre levava a sério qualquer pergunta que eu lhe fizesse.

— Hum — murmurou. — Bem, a parte mais difícil do papel de pai é a recalibragem. Quanto melhor fores a fazer isso, melhor pai serás.

Na altura, pouco ou nenhum caso fiz das suas palavras, mas, conforme o Jacob piorava, dei por mim a pensar cada vez mais nisto que ele me dissera e percebi que não podia ser mais acertado. Todos dizemos que só queremos que os nossos filhos sejam felizes, felizes e saudáveis e nada mais do que isso, mas não é verdade. Queremos que os nossos filhos sejam como nós ou que nos ultrapassem. Nesse aspeto, nós, humanos, somos falhos de imaginação. Não nos preparamos para a possibilidade de os nossos filhos ficarem aquém de nós. Enfim, talvez fosse pedir demasiado. Poderá, inclusivamente, ser uma espécie de válvula de retenção no processo evolutivo: tendo uma consciência clara, límpida, de que as coisas podem correr horripelantemente mal, talvez ninguém tivesse filhos.

Ao vermos que o Jacob não estava bem e, mais tarde, ao sabermos que tinha um problema de saúde grave, tanto eu como a Liesl tentámos fazer essa recalibragem e fazê-la rapidamente. Por exemplo: nenhum dos dois alguma vez *afirmou* que queria que ele tirasse um curso, simplesmente partimos do princípio de que assim faria e que se especializaria nalguma área, porque tanto eu como ela tínhamos feito isso. Mas, logo na primeira noite que passámos no hospital, quando ele teve a primeira crise, a Liesl, sempre metódica e dotada da espantosa capacidade de antecipar cinco passos, senão dez, disse: «Seja isto o que for, ainda assim ele pode ter uma vida longa e saudável. Sabes isso, não sabes? Temos ótimas escolas à disposição, lugares onde ele aprenderá a ser autossuficiente.» Enfureci-me; acusei-a de não perder tempo a dá-lo como um caso sem remédio. Mais tarde,

tive vergonha da minha reação e admirei a Liesl pela prontidão e fluidez com que se reajustou ao facto de o filho que pensava que teria afinal não ser o filho que tinha. Admirei-a por compreender, muito antes de mim, que os filhos não estão cá para cumprir as nossas expectativas do que conquistarão em nosso nome, mas que antes devemos desfrutar o júbilo que eles trazem e que se pode manifestar de muitas maneiras, algumas, dificilmente equiparáveis a alegrias, e devemos sobretudo regozijar-nos pelo privilégio de lhes dar alegrias. Durante o resto da vida do Jacob, estive sempre um passo atrás da Liesl. Sonhava que ele ia melhorar, que tornaria a ser o menino de antes, enquanto ela já pensava na vida que ele poderia ter atendendo à realidade da sua situação. Pô-lo-íamos numa escola para crianças com necessidades especiais. *OK*, não iria para nenhuma escola, mas podíamos pô-lo num grupo de crianças com as mesmas necessidades de acompanhamento. *OK*, não iria para nenhum grupo, mas isso não significava que não pudesse ter uma vida longa. *OK*, não teria uma vida longa, mas talvez pudesse ter uma vida breve e feliz. *OK*, não teria uma vida breve e feliz, mas podia viver a sua curta vida em condições dignas; isso, podíamos dar-lhe, e, a partir daí, foi tudo o que a Liesl desejou para o Jacob.

Fui pai com 32 anos, tinha 36 quando lhe diagnosticaram a doença e 37 quando ele morreu — no dia 10 de novembro, menos de um ano depois da primeira crise. O serviço fúnebre decorreu na faculdade e, entorpecido como estava, ainda assim vi quem ia chegando: os nossos pais, os nossos amigos e colegas, e os amigos do Jacob, todos eles já na primeira classe, acompanhados pelos pais. Vi toda aquela gente chorar.

Os meus pais regressaram a Nova Iorque. Passado algum tempo, eu e a Liesl recomecemos a trabalhar. Mal trocámos uma palavra durante meses. Não suportávamos o toque um do outro, em parte, por estarmos os dois à beira do esgotamento, mas também por vergonha do nosso fracasso e porque cada um sentia — injustamente, mas nada a fazer — que o outro podia ter feito melhor, que não estivera à altura do desafio. Um ano após a morte do Jacob, discutimos pela primeira vez a possibilidade de ter outro filho, mas, se a conversa começou com educação, terminou da pior maneira, cheia de recriminações: que eu nunca quisera o Jacob e ela tão-pouco, quais os meus falhanços, quais os seus. Ficámos sem nos falar. Depois, ambos pedimos desculpa. Fizemos uma segunda tentativa. Mas todas as conversas acabavam da mesma maneira e as coisas que dizíamos não podiam ser retiradas. Acabámos por nos separar.

Olhando para trás, espanta-me termos cortado tão completamente a comunicação. O divórcio foi rápido e simples, talvez demasiado rápido e simples, o que me fez perguntar a mim mesmo o que nos aproximara antes do Jacob. Não tendo o nosso filho nascido, o que nos teria mantido unidos? Seríamos um casal porquê? Só mais tarde fui capaz de recordar porque amara a Liesl, o que vira e admirara nela. O caso era que nos tornáramos duas pessoas com uma única missão difícil e esgotante, e, agora que a missão terminara, era tempo de cada um seguir o seu caminho e retomar a sua vida normal.

Não nos falámos durante muitos anos, mas não porque guardássemos rancor

um do outro. Ela mudou-se para Portland. Pouco tempo depois de conhecer a Julia, cruzei-me com a Sally — que também se mudara, para Los Angeles, mas viera visitar os pais —, que me contou que a Liesl tornara a casar. Pedi à Sally que lhe desejasse felicidades da minha parte e ela assegurou que assim faria.

De vez em quando, pesquisava-a na internet: lecionava na Faculdade de Medicina da Universidade do Oregon. Cheguei a ter um aluno tão parecido com o rapaz que imaginávamos que o Jacob seria que quase lhe telefonei, mas acabei por não o fazer.

Um dia, telefonou-me ela. Tinham passado dezasseis anos. Estava em Boston para uma conferência e desafiou-me para almoçar. Foi estranho tornar a ouvir-lhe a voz — a voz de uma desconhecida, mas que reconheci no mesmo instante. A voz com que tivera milhares de conversas importantes ou triviais. A voz que ouvira cantar ao Jacob enquanto ele se mexia nos braços dela. A voz que ouvira exclamar «Esta é a melhor de sempre!» antes de ela fotografar a torre de blocos de madeira desse dia.

Encontrámo-nos num restaurante próximo do *campus* da Faculdade de Medicina onde comíamos nas ocasiões especiais quando ela estava a fazer o internato complementar. Na altura, a especialidade eram os húmus *gourmet*, assim lhes chamavam. Entretanto, tinham-se especializado em almôndegas artesanais, mas, curiosamente, a sala continuava a cheirar a húmus.

Parámos frente a frente. Ela continuava igual. Demos um abraço e sentámo-nos. Começámos por falar de trabalho, da Sally e da nova namorada, e do Laurence e da Gillian. A Liesl falou-me do marido epidemiologista e eu falei-lhe da Julia. Aos 43 anos, ela tornara a ser mãe. Tivera uma menina. Mostrou-me uma foto. Era muito bonita e era a cara da Liesl. Quando lhe disse isto, ela sorriu.

— E tu? — perguntou. — Tornaste a ser pai?

Sim, respondi, e contei-lhe que recentemente adotara um antigo aluno. Percebi que ela ficou surpreendida, mas sorriu e felicitou-me, depois pediu que lhe falasse um pouco dele e lhe contasse como acontecera, e assim fiz.

— Que maravilha, Harold — disse ela quando terminei. Depois: — Ama-lo de verdade.

— Sim — confirmei.

Gostava de poder dizer que aquele almoço marcou o começo de uma segunda fase do nosso relacionamento — desta vez, uma amizade —, que nos mantivemos em contacto e que todos os anos recordávamos o Jacob e imaginávamos quem ele seria hoje. Não foi assim, embora não por qualquer sentimento negativo. Durante o almoço, falei-lhe do tal aluno que me perturbara e ela disse saber exatamente ao que eu me referia: também lhe acontecia ter alunos ou cruzar-se na rua com algum jovem adulto que lhe parecia reconhecer de algum lado, e mais tarde compreendia ter imaginado que cada um deles poderia ser o nosso filho, vivo e de boa saúde, que fora viver a sua vida, deixando de nos pertencer para trilhar o seu caminho no mundo, não lhe ocorrendo que talvez tivéssemos passado todos aqueles anos à sua procura.

Despedi-me dela com um abraço e desejei-lhe felicidades. Disse-lhe que a

guardava no coração. Ela repetiu as mesmas coisas. Nenhum dos dois mencionou irmãos falando e quero pensar que assim foi por nos respeitarmos demasiado para isso.

Ao longo dos anos, foi havendo contactos ocasionais. Do nada, recebia um *e-mail* que dizia unicamente «Aconteceu outra vez», e eu sabia ao que ela se referia, porque eu próprio lhe mandava *e-mails* parecidos: «Harvard Square, ± 25 anos, quase 1,90 m, magricela, fedia a marijuana.» Também me escreveu a contar que a filha tinha concluído o curso, mais tarde, que ia casar, e, por fim, que fora avó.

Amo a Julia, que, sendo também cientista, tem uma personalidade muito diferente da Liesl, que sempre foi reservada e cerebral. A Julia é animada e demonstrativa, e há uma espécie de inocência nas suas alegrias e entusiasmos. Mas, embora a ame muito, durante anos, não consegui evitar sentir que eu e a Liesl partilhámos algo de mais profundo e transformador. Fizemos um menino e vimo-lo morrer. Chegava a sentir que tínhamos uma ligação física, uma espécie de corda que ia de Boston a Portland, e que, puxando ela de um lado, eu sentia do outro. Onde ela estivesse, onde eu estivesse, haveria sempre essa conexão, como que um cordão de luz, que podia ser puxado e esticado ao limite, mas não se partiria, recordando-nos a cada movimento o que perdêramos e não teríamos de volta.

Quando eu e a Julia decidimos que o queríamos adotar, contei ao Laurence cerca de seis meses antes de lhe dizermos. Sabia que o Laurence não só gostava muito dele, como o respeitava e achava que a nossa amizade me fazia bem, mas também sabia que, sendo quem era, o Laurence receberia a notícia com alguma reserva.

Assim aconteceu e tivemos uma longa conversa.

— Gosto muito dele, como sabes — ressaltou o Laurence —, mas Harold, *em rigor*, o que sabes tu desse rapaz?

— Não sei muito, de facto — admiti. Por outro lado, tinha a certeza de que ele não se iria revelar o que de pior o Laurence conseguia imaginar. Sabia que não era um ladrão e que eu e a Julia poderíamos dormir descansados sem que ele nos viesse matar durante a noite. E o Laurence também sabia isto.

Claro que já percebera, mesmo não tendo certezas ou alguma prova concreta, que, nalgum momento da sua vida, lhe acontecera algo de muito grave. Da primeira vez que vocês quatro fizeram férias lá em Truro, certa noite, já tarde, desci à cozinha e dei com o JB sentado à mesa a desenhar. Sempre achei que ele se tornava outra pessoa quando estava sozinho, que, nessas alturas, não se sentia obrigado a vestir uma personagem. Sentei-me também e dei uma olhadela ao que ele estava a fazer. Eram esboços de vocês. Perguntei-lhe o que estava a aprender no curso e ele falou-me de vários artistas cujo trabalho admirava, nomes que, em larga maioria, eu nunca ouvira.

Quando já ia subir novamente ao quarto, o JB chamou-me e voltei para trás.

— Escute — pediu ele. Parecia constrangido. — Não quero que me ache indelicado ou assim, mas devia parar de lhe fazer tantas perguntas.

Tornei a sentar-me.

— Porquê?

Embora constrangido, o JB resolvera que diria o que tinha a dizer.

— Ele é órfão — revelou. — Desconheço as circunstâncias, mas posso dizer que nem connosco ele fala do assunto. Ou, pelo menos, não o faz comigo. — Deteve-se. — Acho que lhe aconteceu qualquer coisa muito má quando era pequeno.

— Muito má? De que tipo? — perguntei.

O JB abanou a cabeça.

— Não sabemos nada de concreto, mas suspeitamos que foram maus-tratos e que o magoaram com gravidade. Já reparou que ele nunca tira a roupa e também não deixa que lhe toquem? Deve ter havido alguém que lhe bateu ou... — Calou-se. Fora amado e protegido; faltava-lhe coragem para imaginar o que ditaria o resto da frase e o mesmo aconteceu comigo. Mas eu reparara nisso que o JB sublinhou, claro que sim. E, quando fazia perguntas, não era com o intuito de o incomodar, mas, embora visse que ele *ficava* incomodado, era mais forte do que eu.

— Harold — dizia a Julia à noite, depois de ele se ir embora —, estás a deixá-lo pouco à vontade.

— Eu sei, eu sei — reconhecia eu. O silêncio dele não deixava adivinhar nada de bom e eu temia conhecer a verdadeira história, mas, por outro lado, queria ouvi-la.

Cerca de um mês antes de finalizarmos a adoção, no fim de semana, ele apareceu sem avisar. Cheguei da minha partida de ténis e encontrei-o a dormir no sofá. Tinha vindo falar comigo, vinha tentar confessar alguma coisa. Mas acabou por não conseguir.

Nessa noite, o Andy ligou-me em pânico, à procura dele, e, quando lhe perguntei porque se lembrara de fazer isso à meia-noite, o Andy mostrou-se evasivo.

«Tem sido uma fase complicada para ele, só isso», respondeu.

— Por causa da adoção? — perguntei.

«Não posso discutir o assunto», replicou o Andy, de repente, muito formal. Como sabes, o Andy sempre foi inconstante no cumprimento do dever de proteção da confidencialidade do paciente, mas, quando se lembrava dessa, não se descosia mesmo. A seguir, ligaste tu e fizeste a mesma conversa vaga.

No dia seguinte, pedi ao Laurence que descobrisse se ele tinha cadastro juvenil. Sabia ser pouco provável ele encontrar alguma coisa, além de que, caso se verificasse, seria informação de acesso restrito.

Fui sincero quando lhe disse, naquele fim de semana, que o que ele fizera antes não mudaria os meus sentimentos. Para mim, o importante era a pessoa em quem ele se tornara e que eu conhecia. Assegurei-lhe que o seu passado não mudaria nada. Estava a ser ingénuo, claro. Ia adotar a pessoa que ele era agora, mas essa pessoa trazia consigo a pessoa que ele fora, e, essa outra, eu não conhecia de todo. Mais tarde, arrependi-me de não lhe ter dito com toda a clareza que também estava a adotar esse outro, fosse ele quem fosse. Da mesma maneira, perguntei-me

muitas vezes como teria sido se o tivesse encontrado vinte anos antes, quando ele era um bebê. Ou, senão vinte, dez, ou cinco que fossem. Quem teria ele sido e quem teria eu sido?

O Laurence não descobriu nada, o que, para mim, foi um alívio e uma decepção. Chegou a data da adoção formal e foi um dia maravilhoso, dos melhores da minha vida. Nunca me arrependi. Mas ser pai dele nunca foi tarefa fácil. Ele tinha inúmeras regras que fora impondo a si mesmo ao longo de décadas, formuladas com base no que lhe fora ensinado: as coisas a que não tinha direito; as alegrias que não lhe tocavam; as esperanças e os desejos que não devia acalantar; aquilo que não devia ambicionar. Só ao fim de alguns anos fiquei a par dessas regras e foi mais demorado ainda encontrar uma maneira de o tentar fazer ver que nada disso era verdade. A tarefa revelou-se muito difícil: aquelas regras tinham-no ajudado a sobreviver ao que a sua vida fora, eram regras que lhe explicavam o mundo. Por exemplo, chegava a ser assustadoramente disciplinado — sempre foi, em tudo —, e a disciplina, como a vigilância, é um comportamento quase impossível de fazer alguém abandonar.

Senti a mesma dificuldade (tal como vocês) ao tentar que ele mudasse o conceito que tinha de si e abandonasse ideias erradas a respeito da sua aparência, do que merecia, do seu valor ou da sua verdadeira natureza. Até hoje não conheci mais ninguém com uma dualidade tão vincada e inclemente: nalgumas áreas, era de uma confiança a toda a prova; noutras, um caso desesperado. Lembro-me de uma ocasião em que o vi em tribunal e fiquei simultaneamente assombrado e arrepiado. Estava a representar uma grande farmacêutica que enfrentava denúncias de uma informadora, um daqueles casos que lhe fizeram a reputação. Foi um caso que teve grande destaque e fez História, aliás, é estudado em muitos cursos de Direito, mas ele revelou uma calma extraordinária, como poucas vezes testemunhei num advogado em pleno litígio. No banco das testemunhas estava a informadora, uma mulher de meia-idade, e ele foi tão implacável, tenaz e contundente que todos os olhares estavam cravados nele e se poderia ter ouvido uma mosca naquela sala de audiências. Não levantou a voz uma única vez nem fez um único comentário sarcástico, mas vi-lhe a satisfação ao apanhar a testemunha em contradição, apenas ligeiras discrepâncias, tão pequenas que talvez outro advogado não as tivesse detetado, mas ele caçava-as e parecia alimentar-se disso, dava-lhe prazer. Tinha uma natureza amável (embora nunca consigo), era brando nos gestos e na voz, mas, em tribunal, isso esfumava-se, e, por baixo, estava uma atitude fria e brutal. Essa ocasião em tribunal aconteceu cerca de sete meses depois do ocorrido com o Caleb e cinco meses antes do que se seguiria, e, enquanto o via confrontar a testemunha com declarações prestadas anteriormente, citando passagens de cor sem olhar sequer de fugida para a transcrição que tinha consigo, imperturbável, seguro e carismático, não parava de me lembrar dele no carro naquela noite terrível, quando se encolheu para fugir ao contacto físico e protegeu a cabeça quando estendi a mão para lhe tocar na face, como se estivesse ali outra pessoa que não eu, alguém que lhe ia fazer mal. Esta coisa de que falo estava presente em tudo na vida dele: havia o advogado e havia outro fora do trabalho;

aquele que hoje era e o do passado; aquele que eu estava a ver na sala de audiência e o outro que vira no carro, alguém tão fechado nos seus medos que me fez temer por ele.

Na noite da conversa no carro, de regresso ao apartamento, não consegui sossegar. Não parava de remoer o que ficara a saber e o que vira, e revisitava sucessivamente o desespero que sentira ao ouvi-lo dizer aquelas coisas. O Caleb dissera palavras horríveis, mas o pior foi perceber que ele acreditava em tudo isso, que fazia uma ideia tão errada da sua pessoa. Suponho que sempre soubera que era essa a opinião que ele tinha de si, mas ouvi-lo afirmá-lo sem rodeios foi pior do que eu poderia imaginar. Ainda hoje o ouço dizer: «Alguém com a minha figura contenta-se com o que arranjar.» Nunca esquecerei o meu desespero, a revolta e o sentimento de impotência ao ouvi-lo dizer isso. Tal como nunca conseguirei esquecer a expressão dele ao ver o Caleb e quando o Caleb se sentou ao seu lado, e eu, imbecil, não percebi logo o que se passava. Como ousamos dizer-nos pais quando um filho nosso pensa isso de si? Como faria essa recalibragem? Faltando-me a experiência de ser pai de alguém que se tornara adulto, suponho que não me ocorreu que teria de lidar com os problemas de um adulto. Não fiquei contrariado ao capacitar-me de que isso me era exigido. Pelo contrário, senti-me um imbecil e um inepto por não me ter ocorrido antes. Afinal de contas, já adulto, eu próprio procurara constantemente o meu pai para me aconselhar.

Liguei à Julia, que estava em Santa Fé, numa conferência sobre novas patologias, e contei-lhe o que acontecera. Ela deixou escapar um profundo suspiro de tristeza.

«Harold...», disse, depois calou-se. Já debatêramos várias vezes que vida teria sido a dele antes de o conhecermos e, embora se tenha demonstrado que um e outro estavam longe da verdade, os palpites da Julia revelaram-se mais certos do que os meus, ainda que me tenham soado ridículos e impossíveis.

— Eu sei — disse eu.

«Tens de lhe ligar.»

Mas eu já fizera isso. Ligara mais do que uma vez, mas ouvira chamar interminavelmente.

Nessa noite, incapaz de dormir, fui alternando a preocupação com fantasias de vingança tipicamente masculinas em que figuravam armas e assassinos contratados. Imaginava-me a ligar ao primo da Gillian, inspetor da polícia de Nova Iorque, e imaginava-o a deter Caleb Porter. Imaginei-me a ligar-te, e imaginei-nos, juntamente com o Andy, a esperá-lo à porta do apartamento e a matá-lo.

De manhã, saí cedo, antes das oito, comprei *bagels* e sumo de laranja e pus-me a caminho da Greene Street. Estava um dia cinzento, húmido e desagradável, e toquei demoradamente três vezes cá em baixo, depois recuei para a beira do passeio e fixei-me no quinto andar.

Preparava-me para insistir novamente quando o ouvi pelo intercomunicador. «Sim?»

— Sou eu — respondi. — Posso subir? — Não houve resposta. — Vim pedir

desculpa — expliquei. — Tenho de falar contigo. Trago *bagels*. — Novo silêncio. — Ainda aí estás? — perguntei.

«Harold», disse ele então, e estranhei-lhe a voz. Soava abafada, como se lhe tivessem nascido mais dentes e ele ainda se estivesse a habituar. «Se eu o deixar subir, promete que não vai perder a cabeça e desatar aos gritos?»

Calei-me. Não sabia como interpretar aquilo.

— Sim — acabei por dizer, e, talvez dois segundos depois, ele abriu a porta.

Ao sair do elevador, durante um minuto, não me dei conta. Admirei o magnífico apartamento, que parecia feito de luz. Então, ouvi o meu nome, baixei o olhar e vi-o.

Quase deixei cair os *bagels*. Fiquei petrificado. Ele estava sentado no chão, apoiado na mão direita, e, quando me ajoelhei ao seu lado, ele desviou a cara e ergueu a mão esquerda como se quisesse esconder o rosto.

— Ele tinha a cópia das chaves — explicou. Tinha a cara tão inchada que os lábios mal se mexiam, por não terem espaço para isso. — Ontem à noite, quando entrei, ele estava aqui. — Nesta altura, encarou-me, e a sua expressão era a de um animal que fora esfolado, virado do avesso e deixado ao sol até os órgãos internos se fundirem e tornarem um pudim de carne. Dos olhos dele, via apenas as pestanas, que desenhavam duas meias-luas negras numas faces azuladas, mas um azul bolorento, de matéria em decomposição. Achei que ele estivesse a chorar, mas não. Não estava a chorar. — Desculpe, Harold. Lamento tudo isto.

Antes de responder, tive de dizer a mim mesmo para não gritar, porque era essa a minha vontade: queria gritar, não com ele, mas para exprimir algo que não sabia dizer por palavras.

— Tudo se vai resolver — assegurei-lhe. — Primeiro, chamamos a polícia, depois...

— Não — interrompeu ele. — Não quero a polícia metida nisto.

— Temos de apresentar queixa — insisti. — Jude. Tens de apresentar queixa.

— Não — manteve ele. — Não vou fazer isso. Não... — Respirou fundo. — Não ia aguentar a humilhação. Não consigo.

— De acordo — cedi, embora dizendo para comigo que tornaríamos a falar do assunto. — E se ele voltar?

Ele abanou muito ligeiramente a cabeça.

— Não volta — afirmou, naquela sua nova voz balbuciada.

Comecei a sentir-me atordoado, tal o esforço de reprimir a ânsia de sair dali a correr, encontrar o Caleb e matá-lo, tal o esforço de aceitar que alguém lhe fizera isto, de o ver — ele, que sempre fora brioso, que sempre fizera questão de andar bem vestido e bem-apresentado — tão maltratado e indefeso.

— A tua cadeira? — perguntei.

Saiu-lhe um queixume que me lembrou um balido, depois murmurou qualquer coisa, tão baixinho que tive de lhe pedir que repetisse, embora fosse visível que lhe era doloroso falar.

— Ao fundo da escada — acabou por dizer, e, desta vez, não tive dúvidas de que estava a chorar, embora não conseguisse abrir os olhos para deixar que as

lágrimas corressem. Começou a tremer.

Também eu começara a tremer. Deixei-o sentado no chão e fui buscar a cadeira de rodas, que fora atirada do patamar com tal violência que ricocheteara na parede e estava quase no terceiro andar. Ao regressar, senti o chão peganhento e vi uma grande poça de vomitado junto da mesa do jantar. Entretanto, secara e tornara-se gelatinosa e granulosa.

— Agarra-te ao meu pescoço — instruí, e ele assim fez. Ergui-o e pedi desculpa quando ele gritou de dor. Instalei-o na cadeira. Ao fazer isso, vi-lhe as costas da camisola (uma daquelas camisolas térmicas cinzentas de manga comprida que ele vestia para dormir). Estavam sujas de sangue seco, mas era visível que ele continuava a sangrar, e a parte de trás das calças estava igual.

Afastei-me e liguei ao Andy, dizendo tratar-se de uma emergência. Estava com sorte: ele não fora para fora no fim de semana. Estaria à nossa espera no consultório dentro de vinte minutos.

Levei o carro dele. Ao chegarmos, tive o ajudar a sair — ele parecia não querer usar o braço esquerdo, e, quando o fiz erguer-se, não pousou o pé direito, deixando sair um estranho lamento de pássaro quando lhe rodeei o peito para o ajudar a sentar na cadeira de rodas. Quando o Andy abriu a porta e o viu, achei que fosse vomitar.

— Jude — balbuciou, recuperada a fala. Agachou-se ao lado dele, mas não houve reação.

Depois de o levarmos para um gabinete e de o deitarmos na marquesa, saímos para a receção. Falei-lhe do Caleb e expliquei o que julgava que acontecera. Disse-lhe o que detetara: parecia-me que o braço esquerdo estava fraturado, que a perna direita também tinha qualquer coisa e que estava a sangrar de vários sítios. Acrescentei que vira sangue no soalho e terminei dizendo que ele não queria apresentar queixa.

— OK — foi tudo o que o Andy disse. Percebi que estava em estado de choque. Não parava de engolir em seco. — OK, OK. — Deteve-se, depois esfregou os olhos. — Pode esperar aqui?

Tornou a sair para a receção passados quarenta minutos.

— Vou levá-lo ao hospital para fazer raios-X — disse. — Estou quase seguro de que partiu o pulso esquerdo e algumas costelas. E, se a perna também estiver... — Calou-se. — Se for o caso, temos um problema muito sério — murmurou. Parecia ter-se esquecido da minha presença. Depois, foi como se regressasse do devaneio. — É escusado ficar aqui — disse-me. — Eu ligo-lhe quando estivermos quase despachados.

— Prefiro esperar aqui — respondi.

— Não, Harold — disse o Andy, e depois, mais brando: — Tem de ligar para a Rosen Pritchard. Está fora de questão ele ir trabalhar esta semana. — Calou-se durante um instante. — Ele disse... Pediu para lhes dizer que foi um acidente de viação. — Quando me preparava para sair, o Andy murmurou: — Ele disse-me que tinha sido a jogar ténis.

— Eu sei — respondi, e senti-me mal pelos dois, por termos sido tão burros.

— Usou a mesma desculpa comigo.

Regressei à Greene Street. Tinha as chaves dele. Durante largos minutos, continuei parado à porta, apenas a contemplar aquela sala enorme. O dia desanuviara, mas, mesmo com pouco sol ou com os estores descidos, o apartamento tinha algo de etéreo. Sempre me parecera reinar ali uma atmosfera de esperança — os tetos altos, as linhas simples e o espaço aberto eram como uma promessa de transparência.

Sendo o apartamento de quem era, não faltavam produtos de limpeza, claro, e deitei mãos à obra. Lavei o soalho com uma esfregona. A textura peganhenta que sentira antes era sangue seco. Via-se mal, por o soalho ser escuro, mas sentia-se aquele odor denso e como que bravio que o olfato logo reconhece. Percebi que ele tinha tentado limpar a casa de banho — o mármore fora esfregado, mas havia vestígios de sangue, que tinham ganhado a tonalidade rosa-ferrugem do pôr do sol. Fiz o melhor possível, mas o sangue não saiu completamente. Vi os baldes do lixo, suponho que à cata de provas, mas tinham sido esvaziados e lavados. A roupa que ele usara na véspera estava espalhada junto do sofá: a camisa rasgada sugeria as garras de um animal selvagem e pu-la no lixo; o fato podia ser deixado na limpeza a seco. De resto, o apartamento estava limpo e arrumado. Entrara no quarto a medo, na expectativa de ver candeeiros partidos e roupa por toda a parte, mas deparei-me com uma atmosfera tão imperturbada que mais parecia que ninguém morava ali, que se tratava de um andar-modelo usado para vender a ideia de uma vida invejável: quem ali vivesse daria muitas festas, seria alguém despreocupado e seguro de si, e, ao anoitecer, subiria os estores, dançaria com os amigos e quem passasse na Greene Street ou na Mercer ergueria o olhar para aquela caixa de luz a flutuar no céu e pensaria que os seus ocupantes estavam a salvo da infelicidade, do medo ou de qualquer preocupação.

Enviei um *e-mail* ao Lucien — que vira pessoalmente uma única vez, mas que, por coincidência, era amigo de um amigo do Laurence —, informando-o de que o Jude tivera um grave acidente de viação e estava no hospital. Fui ao supermercado e comprei sopas, pudins e sumos — coisas que ele não teria dificuldade em ingerir. Procurei a morada de Caleb Porter e repeti-a para comigo até a memorizar: *Rua 29, lado oeste, número 50, apartamento 17J*. Liguei a um serralheiro e expliquei que precisava das fechaduras — porta do prédio, elevador e porta do apartamento — mudadas com urgência. Abri as janelas para que o ar húmido levasse o cheiro a sangue e detergente. Liguei para a secretaria da faculdade a avisar que tivera de acudir a um familiar e que nessa semana não daria aulas. Também enviei mensagens a dois colegas pedindo que me substituíssem. Ponderei ligar a um velho amigo dos tempos do curso, hoje, procurador federal. Podia explicar a situação sem identificar a vítima e perguntar-lhe se, ainda assim, Caleb Porter podia ser preso.

A vítima não quer apresentar queixa?, perguntaria o Avi.

Precisamente, teria eu de admitir.

Não a consegues convencer?

Duvido, teria eu de admitir.

Bem, Harold, diria então Avi, perplexo e impaciente. *Nem sei que te diga. Sabes tão bem como eu que, a menos que a vítima apresente queixa, não posso fazer nada.* Lembro-me de, naquele instante, me ocorrer um pensamento que raramente tinha: que a lei é uma invenção sem grande consistência, dependente de demasiadas contingências, que pouco alívio traz e de quase nada serve aos que mais precisam da sua proteção.

Fui à casa de banho dele, passei a mão debaixo do lavatório e ali estava o saco de plástico com as lâminas de barbear e as compressas. Pu-lo no incinerador. Odiava aquele saco e odiei saber que estaria ali.

Sete anos antes, ele visitara-me em Truro no começo de maio, numa altura em que eu estava lá a tentar trabalhar num livro. Não houve nenhum motivo especial: os bilhetes estavam baratos, sugeri-lhe ir ter comigo, e, para minha surpresa — já nessa altura ele praticamente vivia nos escritórios da Rosen Pritchard —, ele foi. Nesse dia, achei-o feliz, e eu também estava. A dada altura, deixei-o na cozinha a cortar um repolho-roxo e subi com o canalizador, que estava a mudar a sanita na nossa casa de banho. Quando ele terminou o serviço, pedi-lhe que desse uma olhadela ao lavatório da casa de banho no rés do chão, que tinha o cano a pingar. Aquela era a que o Jude usava.

Fomos até lá, ele enfiou-se no móvel, apertou qualquer coisa, mudou outra, e, ao sair de baixo do lavatório, estendeu-me um embrulho.

— Estava colado aqui debaixo — disse-me.

— O que é? — perguntei, aceitando-o.

O canalizador encolheu os ombros.

— Não sei. Mas estava bem preso. Usaram fita adesiva. — Ali fiquei, aparvalhado a olhar para o embrulho, enquanto ele arrumava as ferramentas. Despediu-se com um aceno, depois ouvi-o dizer adeus ao Jude e saiu a assobiar.

Examinei aquilo. Era um banal saco de congelação dos pequenos, onde alguém pusera uma embalagem de dez lâminas de barbear, toalhetes desinfetantes, compressas dobradas até parecerem pequenas esponjas, e ligaduras. Ali parado a segurar aquele saco, adivinhei para o que serviam aquelas coisas, embora nunca lhe tivesse visto cicatrizes. Na verdade, era a primeira vez que via algo assim. Mas soube.

Regressei à cozinha e ali estava ele, sorridente, a passar as batatas por água. Começara a trautear baixinho, algo que fazia apenas quando se sentia verdadeiramente apazado, da mesma maneira que um gato ao sol ronrona.

— Podia ter-me dito que queriam trocar a sanita — disse, sem erguer os olhos.

— Fazia-lhe isso de borla. — Era verdade, ele sabia mudar canos, arranjar tomadas, percebia de carpintaria, jardinagem, tudo isso. Chegámos a ir a casa do Laurence para ele lhe explicar como transplantar uma macieira pequena para uma zona do jardim onde apanharia mais sol.

Ali parado a olhar para ele, fui assaltado por pensamentos que, somados, não davam mais do que um estranho torpor, uma espécie de vazio provocado por estar a sentir demasiadas coisas de uma vez. Por fim, chamei-o e ele olhou.

— O que é isto? — perguntei, e ergui o saco.

A mão dele deteve-se sobre a bacia com as batatas e lembro-me de reparar nas pontas dos dedos a pingar, como se ele se tivesse cortado e estivesse a sangrar água. Abriu a boca, mas não falou.

— Desculpe, Harold — murmurou, por fim. Baixou a mão e secou-a lentamente num pano da louça.

Enfureci-me.

— Não quero que me peças desculpa, Jude — respondi. — Quero que me digas o que é isto. E não digas: «É um saco com lâminas de barbear.» Tens isto porquê? Estava colado debaixo do lavatório porquê?

Ele lançou-me um daqueles seus olhares demorados — de certeza que sabes quais —, a fitar-nos, e nós a vê-lo ficar ausente, como se os portões dentro dele se estivessem a trancar e as pontes estivessem a ser recolhidas para nos impedir de transpor o fosso.

— Acho que sabe para o que é — acabou por dizer, de novo, quase sem voz.

— Quero ouvir-te dizer alto — respondi.

— Eu preciso disso — justificou-se ele.

— Diz-me o que fazes com isto — insisti, sem desviar os olhos.

Ele fixou-se nas batatas.

— Às vezes preciso de me cortar — acabou por admitir. — Desculpe, Harold.

Entrei em pânico e fiquei irracional.

— Mas que porra significa isso? — perguntei. É possível que tenha gritado.

Ele começou a recuar para o lava-louça, como se achasse que eu lhe ia bater.

— Não sei — disse. — Desculpe, Harold.

— «Às vezes» são quantas vezes exatamente? — perguntei.

Vi que ele também estava a ficar em pânico.

— Não sei — respondeu. — Depende.

— Dá-me uma média. Por alto.

— Não sei — disse ele, desesperado. — Não sei. Algumas vezes por semana, talvez.

— Algumas vezes por *semana*! — repeti, e calei-me. Senti que tinha de sair dali. Agarrei no casaco, que deixara nas costas da cadeira, e enfiei o saco no bolso de dentro. — Não te atrevas a não estar aqui quando eu voltar — avisei, e saí. (Era a sua especialidade: se achava que eu ou a Julia estávamos aborrecidos com ele, desaparecia à primeira oportunidade, como se fosse alguma coisa horrível que não devia estar à vista.)

Desci à praia e caminhei nas dunas, tomado da revolta que nos visita quando percebemos que não sabemos lidar com determinada situação, que devíamos ter feito as coisas de outra maneira. E percebi. Se havia dualidade no relacionamento dele connosco, nós lidávamos com ele exatamente da mesma maneira: víamos o que queríamos ver e dávamo-nos licença para ignorar o resto. Não soubéramos responder ao desafio. Com a maioria das pessoas, é fácil: as nossas infelicidades são as mesmas, por isso compreendemos as suas mágoas, e as fases em que se detestam são passageiras e conseguimos fazê-las ver a razão. Com ele, não era assim, e não o soubéramos ajudar porque nos faltara imaginação para diagnosticar os problemas.

Mas, enfim, isto são desculpas.

Regressei a casa quase de noite e distingui-o por trás das cortinas, ainda atarefado na cozinha. Sentei-me numa cadeira no alpendre. A Julia estava em Inglaterra, de visita ao pai, e nunca me fizera tanta falta.

A porta das traseiras abriu-se.

— O jantar está pronto — murmurou ele, e fui para dentro.

Tinha feito um dos meus pratos preferidos: escalfara o robalo que eu comprara na véspera e as batatas assadas estavam exatamente como sabia que eu gostava, com muito tomilho e cenouras, e ainda havia uma salada de couve, com molho de mostarda, adivinhei. Infelizmente, o meu apetite era nulo. Ele serviu-me, depois serviu-se e sentou-se.

— Está tudo com ótimo aspeto — elogiei. — Obrigado. — Ele assentiu. Ficou cada um a olhar para o seu prato, para aquela refeição perfeita, que, sabíamos, nenhum dos dois ia comer. — Jude — disse eu então —, tenho de te pedir desculpa. Sinto mesmo muito. Não devia ter saído daquela maneira.

— Tudo bem — disse ele. — Eu percebo.

— Não — insisti. — Estive muito mal. Mas estava tão enervado...

Ele baixou os olhos.

— Percebes porque fiquei enervado? — perguntei.

— Porque... — Hesitou. — Por eu ter trazido aquilo para a vossa casa.

— Não — respondi. — Nada disso, Jude. Esta casa não é minha e da Julia, é dos três. Podes ter aqui tudo o que terias no teu apartamento.

» Perturbou-me saber que tu fazes esta coisa terrível a ti mesmo. — Ele não ergueu o olhar. — Os teus amigos sabem? O Andy sabe?

Ele mal anuiu.

— O Willem sabe — disse, quase sem voz. — E o Andy.

— E o que diz o Andy? — perguntei, dizendo para comigo: *Merda para ti, Andy.*

— Diz... Queria que eu falasse com um psicólogo.

— E fizeste isso? — Ele abanou a cabeça e senti a fúria dar sinal. — Porque não? — perguntei, mas ele não respondeu. — Tens um saco como aquele em Cambridge? — perguntei, e, após um silêncio, ele encarou-me e tornou a assentir. — Jude — disse eu então —, porque fazes isso a ti mesmo?

Ele continuou calado durante largos segundos e eu também não falei. Apenas ouvi o mar.

— São várias razões — acabou ele por responder.

— Diz-me uma.

— Às vezes, sinto-me tão horrível, sinto tanta vergonha, que tenho de tornar isso físico — explicou, olhando-me de fugida e tornando a baixar os olhos para o prato. — Noutras alturas, estou a sentir muitas coisas e preciso de não sentir nenhuma, e aquilo ajuda-me a fazer tudo isso ir embora. E há ocasiões em que me sinto feliz e então tenho de recordar para comigo que não me devia sentir assim.

— Porquê? — perguntei, quando recuperei a fala, mas ele apenas abanou a cabeça, sem chegar a responder, e eu próprio fiquei em silêncio.

Ele respirou fundo.

— Escute — disse então, brusco, decidido, de olhos nos meus olhos —, se quiser pedir a anulação da adoção, eu não levo a mal.

Com o espanto, regressou a fúria. A ideia nem me passara pela cabeça. À beira de começar a gritar, detive-me nele e vi que estava a tentar ser corajoso, e que estava aterrorizado. Estava sinceramente convencido de que eu poderia querer fazer isso que dissera. E compreenderia se eu lho confirmasse. Estava a contar com isso. Mais tarde, vim a compreender que ele viveu os primeiros anos como nosso filho adotivo numa ansiedade constante, sempre a perguntar-se quando iríamos voltar atrás, qual a sua atitude que me faria rejeitá-lo.

— Jamais farei isso — disse-lhe, com toda a convicção de que fui capaz.

Quis conversar com ele nessa noite. Percebi que estava envergonhado por fazer aquilo, mas que, por outro lado, não entendia porquê tanta preocupação da minha parte. Estranhava que tu, eu e o Andy déssemos importância ao assunto.

— Não é fatal — não parava de dizer, como se o problema fosse esse. — Eu sei controlar-me. — Negava-se a falar com um psicólogo, mas não me conseguia explicar porquê. Percebi que ele abominava fazer aquilo, mas que não imaginava a sua vida de outra maneira. — Tenho de fazer aquilo — repetia uma vez e outra. — Preciso. Faz-me sentir melhor. — Mas decerto houvera uma altura em que ele *não* fazia aquilo, fi-lo ver, e ele apenas abanou a cabeça. — Faz-me falta — repetiu. — É uma ajuda, Harold. Nisto, vai ter de confiar na minha palavra.

— Faz-te falta em que *sentido*? — perguntei.

Ele abanou a cabeça.

— Ajuda-me a controlar a minha vida — acabou por responder.

Por fim, esgotaram-se os meus argumentos.

— Vou ficar com isto — avisei, mostrando-lhe o saco. Ele estremeceu, depois assentiu. — Jude — disse-lhe, e ele olhou para mim —, se eu deitar isto fora, fazes outro?

Calado, ele baixou os olhos para o prato.

— Sim — admitiu.

Ainda assim, deitei o saco fora, claro: empurrei-o para o fundo do saco do lixo, que fui deixar no contentor no fim da rua. Em silêncio, arrumámos a cozinha. Estávamos os dois exaustos e de estômago vazio. Ele foi deitar-se e fez o mesmo. Naquela altura, ainda mal me atrevia a invadir-lhe o espaço pessoal, senão, tê-lo-ia segurado nos braços e abraçado com força. Não o fiz.

Deitado, porém incapaz de dormir, não parava de lhe imaginar os dedos compridos a tremer, ansiando segurar uma lâmina. Acabei por descer à cozinha. Abri a gaveta por baixo do forno, tirei para fora a maior tigela que encontrei e comecei a enchê-la com tudo o que havia de afiado na cozinha: facas, tesouras, saca-rolhas e garfos de lagosta. Levei a tigela comigo para a sala e sentei-me na minha poltrona voltada para o mar, com a tigela no colo.

Acordei com um rangido. O chão da cozinha fazia barulho. Desperto no escuro, disse para comigo que não podia fazer um som. Ouvi-lhe os passos — o pé esquerdo a pousar com suavidade, seguindo-se o direito a deslizar — e o abrir de

uma gaveta, que foi fechada passados segundos. Seguiu-se outra gaveta, depois outra, até não restar uma única gaveta ou armário por abrir. Não acendera a luz — bastava-lhe o luar — e imaginei-o parado no mundo rombo em que a cozinha se transformara, e, por fim, a tomada de consciência de que eu não lhe deixara nada — nem sequer um garfo. Sentado na poltrona, não me atrevendo sequer a respirar, ouvi o silêncio na cozinha e aquele momento foi como uma conversa entre mim e ele, embora sem palavras e sem nos estarmos a ver. Por fim, ouvi-o dar meia-volta e os passos em retirada, de regresso ao quarto.

Na noite seguinte, ao chegar a Cambridge, fui à casa de banho dele e encontrei outro saco, uma réplica do que me fora entregue em Truro, e também o deitei fora. Não tornei a encontrá-los, fosse em Cambridge ou Truro. Imagino que ele terá arranjado algum novo esconderijo que nunca consegui descobrir: não poderia andar de cá para lá de avião com lâminas no saco de viagem. Sempre que estava na Greene Street, arranjava maneira de espreitar a sua casa de banho. Ali, ele continuava a usar o mesmo esconderijo, e, de todas as vezes, eu tirava para fora o saco, guardava-o no bolso, e, chegando à rua, punha-o no lixo. Imagino que ele soubesse que era eu quem fazia isso, mas nunca se falou do assunto. Quando lá voltava, ele limitara-se a substituir o saco — encontrava-o infalivelmente no sítio do costume e assim continuou a ser até ele perceber que tinha de o esconder também de ti. Porém, mesmo depois disso, não deixei de fazer as minhas vistorias. De cada vez que visitava o apartamento, depois a casa em Garrison, e, mais tarde, o apartamento de Londres, ia à casa de banho dele e procurava o saco. Em vão. As casas de banho projetadas pelo Malcolm eram de linhas simples, sem ornatos ou recantos, mas, mesmo assim, ele arranjara um esconderijo tão perfeito que nunca mais dei com um dos seus *kits*.

Ao longo dos anos, em conversa com ele, tentei abordar novamente o assunto. Um dia depois de encontrar o primeiro saco, liguei ao Andy e gritei com ele, e o Andy ouviu calado, comportamento que não lhe era de todo característico.

«Eu sei», limitou-se a dizer. «Eu sei.» E depois: «Harold, esta pergunta que lhe vou fazer não é retórica nem é sarcasmo. Pergunto porque quero mesmo que me diga: faço o quê?» Não soube o que lhe responder, claro.

Tu foste quem consegui fazer mais progressos. Mas eu sei que te recriminavas e o mesmo acontecia comigo, porque fiz pior do que aceitar: passei a tolerar que ele fizesse aquilo. Escolhi esquecer que ele se cortava, por um lado, porque não me ocorria uma solução, por outro, porque queria a alegria de conviver com a pessoa que ele nos mostrava, mesmo sabendo que ele escondia outra. Repetindo para comigo que fazer de outra maneira seria roubar-lhe a dignidade, fiz-me ignorar milhares de noites em que ele a sacrificou. Ficava-me por ralhetes e tentava convencê-lo com argumentos razoáveis, mesmo sabendo que tais estratégias não funcionavam. Ciente do problema como estava, não experimentei o que se impunha: uma atitude mais radical, ainda que isso causasse um afastamento. Fui cobarde e soube-o desde o primeiro momento, porque nunca contei à Julia a respeito do saco, nunca lhe revelei o que descobrira naquela noite em Truro. Mais tarde, ela veio a saber e raras vezes a vi tão irada.

— Como pudeste permitir uma coisa assim? — perguntou. — Como foste capaz de deixar que continuasse durante anos? — Nunca me culpou diretamente, mas sei que me considerava responsável, o que não era para admirar: também eu me culpava.

Eis-me agora no apartamento dele, onde, horas antes, enquanto eu estava deitado sem conseguir dormir, ele fora espancado. Sentei-me no sofá e, de telemóvel na mão, aguardei a chamada do Andy a avisar-me de que o podia ir buscar, de que ele me ia ser confiado. Subi o estore à minha frente, recostei-me e contemplei o céu cinzento, vendo cada nuvem diluir-se na seguinte até não restar senão um vasto lodo sombrio, porque, pouco a pouco, em breve o dia seria noite.

O Andy ligou às seis da tarde, nove horas depois de eu lho ter levado, e veio ter comigo cá fora.

— Ele está na sala de exame — disse-me. — Adormeceu. — Depois: — Tem o pulso esquerdo fraturado e quatro costelas partidas. Nenhuma fratura nas pernas, graças a *Deus*. Também não houve traumatismo craniano, felizmente, mas fraturou o cóccix. Tinha o ombro deslocado, mas já lho pus no sítio. Tem as costas e o torso negros de alto a baixo. As equimoses foram provocadas por pontapés, é evidente, mas não há hemorragias internas. Quanto à cara, parece pior do que está: não há lesões nos olhos e o nariz está intacto. Fiz-lhe gelo nos hematomas e convém que lhe vá fazendo regularmente.

» As lacerações nas pernas preocupam-me. Vou pô-lo a antibiótico. Para começar, nada muito forte, é uma medida preventiva. No entanto, se ele se queixar de sensação febril, ou de frio, avise-me no mesmo instante. A última coisa de que ele precisa é de uma infeção naquela zona. Tem as costas peladas...

— Hã? — interrompi.

— Esfoladas — clarificou ele, impaciente, pareceu-me. — Possivelmente, foi açoitado com um cinto, mas não me quis dizer. Liguei-lhas, mas vou dar-lhe uma pomada antibiótica, e, começando amanhã, tem de lhe limpar as feridas e mudar os pensos. Ele não vai querer, mas azar o dele. Pus aqui um papel com tudo isto escrito. — Entregou-me um saco de plástico e dei uma vista de olhos ao conteúdo: fracos de comprimidos, ligaduras, pomadas. O Andy agarrou num dos frascos. — Isto são analgésicos, que ele detesta. Mas vai ter de ser. Dê-lhe um comprimido de doze em doze horas, de manhã e à noite. Vão atordoa-lo, portanto, não o deixe sair sozinho nem o deixe levantar pesos. Também o vão deixar nauseado, por isso, faça-o comer. Coisas simples: arroz e caldo de carne, por exemplo. Tente que ele use a cadeira de rodas. De qualquer maneira, não acho que vá ter grande vontade de se mexer.

» Marquei-lhe dentista na segunda-feira às nove da manhã; faltam-lhe dois dentes. O mais importante é que ele durma tanto quanto possível. Amanhã à tarde passo no apartamento e também hei de ir todas as noites até ao final da semana. *Não* o deixe ir ao escritório, mas sinceramente... duvido que ele queira.

Calou-se com a mesma brusquidão com que começara e ficámos os dois ali parados em silêncio.

— Continuo sem conseguir acreditar nesta merda — disse o Andy finalmente.

— Aquele filho da puta. A minha vontade é ir atrás do cabrão e matá-lo.

— Eu sei — respondi. — Sinto o mesmo.

O Andy abanou a cabeça.

— Ele não me deixa apresentar queixa — lamentou. — Implorei, mas nada feito.

— Eu sei — disse eu uma vez mais. — Comigo foi igual.

O choque repetiu-se quando o tornei a ver. Quis ajudá-lo a sentar-se na cadeira de rodas, mas ele fez que não, e, especados, eu e o Andy vimo-lo instalar-se, ainda vestido com a mesma roupa. O sangue seco tornara-se um mapa de continentes cor de ferrugem.

— Obrigado, Andy — murmurou ele. — E desculpa. — O Andy afagou-lhe a nuca. Não falou.

Quando regressámos à Greene Street, já anoitecera. Como sabes, a cadeira de rodas dele era um daqueles modelos elegantes e aerodinâmicos, tão furiosamente promotor da autossuficiência do utilizador que nem tinha pegas de empurrar, pressupondo que quem ali se sentasse jamais se sujeitaria à indignidade de ser ajudado. Tínhamos de segurar o rebordo das costas, que eram baixas, e conduzir a cadeira assim. Parei à entrada do apartamento e acendi as luzes, que encandearam os dois.

— Andou a limpar — disse ele.

— Dei um jeito à casa — confirmei. — Lamento informar que não foi uma limpeza como tu terias feito.

— Obrigado — agradeceu ele.

— Não tens de quê — respondi. Ficámos em silêncio. — Bem, vamos lá trocar essa roupa, e, de seguida, comes qualquer coisa, que tal?

Ele fez que não.

— Deixe estar. Não estou com fome. E também não é preciso ajudar-me. — Dominadas as emoções, estava outra vez no comando da situação. Aquele que eu vira quando ali chegara já se trancara novamente no seu labirinto numa cave de onde quase nunca saía. Regra geral, ele era educado, mas, se estava a tentar proteger-se ou queria reiterar a sua autossuficiência, tornava-se polido em extremo, além de adotar uma atitude distanciada, como um explorador que, ao estudar uma tribo ameaçadora, opta pela prudência e se mantém à margem dos acontecimentos.

Suspirando para dentro, levei-o para o quarto. Disse-lhe que, precisando, era só chamar, e ele assentiu. Cá fora, sentei-me no chão, ao lado da porta fechada, e esperei. Ouvi-o abrir e fechar torneiras, ouvi-lhe os passos, e, depois de um silêncio demorado, o suspiro da cama quando ele se sentou.

Quando entrei, já estava debaixo das mantas. Sentei-me na beira da cama.

— De certeza que não queres comer nada? — perguntei.

— Sim — respondeu ele, e, após um momento, encarou-me. Já conseguia abrir os olhos, e, se os lençóis eram brancos, nele concentravam-se os tons argilosos e fecundos da camuflagem: os olhos eram verde-selva, o cabelo, uma mescla de castanho e dourado, e o rosto, menos azulado do que nessa manhã, de

um escuro e lustroso tom acobreado. — Harold, peço sinceramente desculpa — repetiu. — Por ter gritado consigo ontem à noite e por lhe arranjar tantos problemas. Desculpe, eu...

— Jude — interrompi —, não tens de pedir desculpa por coisa nenhuma. *Eu* peço desculpa. Quem me dera poder fazer com que não estivesses a sofrer.

Ele fechou os olhos, tornou a abri-los e desviou o rosto.

— Tenho tanta vergonha — murmurou.

Nesse momento, afaguei-lhe os cabelos, e ele permitiu.

— Não sintas vergonha — disse-lhe. — Não fizeste nada de mal. — Tive vontade de chorar, mas achei que talvez ele fosse chorar, que talvez precisasse de chorar, portanto tinha de tentar não o fazer também. — Sabes isso, não sabes? — continuei. — Sabes que nada disto foi culpa tua e que não foi merecido, não sabes? — Como ele não respondia, insisti e continuei a insistir, até ele finalmente assentir quase a medo. — Sabes que aquele tipo é um animal, não sabes? — perguntei, e ele desviou o olhar. — Sabes que não tiveste culpa nenhuma, não sabes? — repeti. — E que nada disto reflete quem és e o teu valor. Tens consciência disso, certo?

— Harold — murmurou ele. — Por favor. — E eu parei, mas fiz mal. Devia ter continuado.

Ficámos silenciosos.

— Posso fazer-te uma pergunta? — pedi, e, após um breve instante, ele tornou a fazer que sim. Não planeara a pergunta e só percebi que a ia fazer quando já estava a dizer as palavras, que não sei de onde vieram. Suponho que se tratava de algo que eu sempre soubera, mas que nunca quisera perguntar, por temer a resposta, que eu sabia qual ia ser e não queria ouvir. — Sofreste abusos sexuais quando eras pequeno?

Não lhe via o corpo, mas senti-o retesar-se. Depois, começou a tremer. Ainda não olhara para mim. Voltou-se sobre o lado esquerdo e apoiou o braço magoado na almofada à sua frente.

— Por amor de deus, Harold — disse, por fim.

Recolhi a mão.

— Que idade tinhas quando aconteceu? — perguntei.

Uma pausa, depois ele escondeu a cara na almofada.

— Harold — murmurou —, estou muito cansado. Preciso de dormir.

Ao afagar-lhe o ombro, senti-o sobressaltar-se, mas não recolhi a mão. Senti-o hirto, senti que todo ele tremia.

— Calma — disse-lhe. — Não tens nada de que te envergonhar — assegurei.

— Não tiveste culpa, Jude, estás a ouvir? — Ele fingiu que adormecera, mas eu sentia a vibração alarmada do seu corpo em alerta.

Continuei ali sentado durante mais algum tempo e observei-o: não se permitia descontraír. Por fim, saí e fechei a porta.

Fiquei lá até ao final da semana. Ligaste-lhe nessa noite e eu atendi e menti-te. Disse uma inanidade qualquer sobre um acidente e, ao ouvir a tua preocupação, tive uma vontade enorme de te contar a verdade. No dia seguinte, tornaste a ligar,

e, parado atrás da porta, ouvi-o mentir-te também:

— Acidente de carro. Não. Não, foi ligeiro. Hã? Ia passar o fim de semana à casa do Richard. Fechei os olhos e fui contra uma árvore. Sei lá, estava cansado. Tenho andado a trabalhar muito. Não, tinha alugado. O meu está na oficina. Resolveu-se. Não, em menos de nada vou estar impecável. Não, já conheces o Harold... faz logo um drama. Podes acreditar em mim. Juro. Não, vai estar em Roma até ao final do mês que vem. Willem, juro: está tudo bem! OK. Eu sei. OK. Prometo, fica descansado. Tu também. Tchau.

Regra geral, ele mostrou-se manso e dócil. De manhã, comia a sopa e tomava os comprimidos, que o deixavam sonolento. Sentava-se para trabalhar, mas, às onze, já se estendera no sofá. Nem almoçava; passava a tarde a dormir. Só o acordava para jantar. Ligavas-lhe todas as noites. A Julia também lhe ligava, e eu ouvia disfarçadamente, mas pouco percebia, tirando que ele não dizia muita coisa, portanto, imagino que fosse ela a fazer a despesa da conversa. O Malcolm visitou-o várias vezes, assim como os Henriés Young, o Elijah e o Rhodes. O JB mandou-lhe um desenho: uma íris. Foi uma surpresa; não sabia que ele também desenhava flores. Tal como o Andy previra, ele não quis que eu lhe mudasse os pensos nas pernas e nas costas, que não me deixou ver uma única vez, por mais que eu pedisse ou gritasse com ele. Apenas se mostrava ao Andy, a quem ouvi dizer:

— Nesse caso, tens de ir ter comigo ao consultório dia sim, dia não, para eu te fazer isto. A sério.

— E vou — replicou ele, com maus modos.

O Lucien também o visitou, mas encontrou-o a dormir no escritório.

— Não o acorde — pediu-me, ficando-se por uma espreitadela. — Meu deus. — Conversámos e o Lucien comentou que ele era muito admirado na firma, e um pai nunca se cansa de ouvir elogiarem-lhe um filho, tenha ele quatro anos, ande no infantário e seja um ás a moldar o barro, tenha quarenta, trabalhe numa firma de advocacia prestigiada e elitista e seja um ás a safar criminosos de colarinho branco.

— Eu até dizia «Imagino que esteja orgulhoso», mas, conhecendo as suas inclinações políticas como conheço, duvido — disse o Lucien, com um sorriso. Percebi que ele gostava muito do Jude e dei por mim com ciúmes, e, de seguida, ressentido por sentir ciúmes.

— Engana-se — repliquei. — Estou *muito* orgulhoso dele. — Naquele momento, arrependi-me dos anos a fio a criticá-lo por trabalhar na Rosen Pritchard, o único lugar onde ele se sentia seguro, onde o passado não o atormentava, onde os medos e inseguranças desapareciam.

Na segunda-feira, véspera da minha partida, achei-o melhor. As faces tinham um tom amostardado, mas o inchaço diminuía e já se distinguia a ossatura do rosto. Parecia ter menos dores quando respirava ou falava, tal como a voz se tornara menos soprada e mais parecida com o normal. O Andy deixara-o reduzir a dosagem matinal de analgésico, o que o deixava mais alerta, embora não exatamente animado. Jogámos uma partida de xadrez e ele ganhou.

— Volto na quinta ao final do dia — disse-lhe ao jantar. Nesse semestre, dava aulas apenas às terças, quartas e quintas.

— Não é preciso, escusa de vir — respondeu ele. — Obrigado, Harold, mas não preciso, a sério.

— Já comprei o bilhete — repliquei. — E, Jude, não tens de recusar sempre. Lembras-te do que eu te disse há anos a respeito da aceitação? — Ele calou-se.

O que mais posso dizer? Ele voltou ao trabalho nessa quarta-feira, embora o Andy lhe tivesse recomendando ficar em casa até ao final da semana. Por sua vez, o Andy não se deixou intimidar e continuou a ir todas as noites ao apartamento mudar-lhe os pensos e examinar-lhe as pernas. A Julia voltou e, durante o mês de outubro, ela ou eu púnhamo-nos a caminho de Nova Iorque e passávamos o fim de semana com ele na Greene Street. Durante a semana, ficava lá o Malcolm. Nitidamente, ele não gostava, mas tínhamos resolvido que, dessa vez, não teria voto na matéria.

Aos poucos, foi melhorando. As pernas não infetaram, nem as costas. «Sorte», não se cansava o Andy de repetir. Recuperou o peso. Quando regressaste, no começo de novembro, ele estava quase bom. Por altura do Dia de Ação de Graças, que nesse ano festejámos no apartamento de Nova Iorque, para ele não ter de viajar, não só tirara o gesso como já andava. Observei-o durante o jantar, vi-o à conversa com o Laurence e a rir com uma das filhas do Laurence, e não parava de recordar aquela noite, a reação dele quando o Caleb lhe segurara o pulso, e a dor, vergonha e medo que lhe vira na expressão. Lembrei-me do dia em que ficara a saber que ele usava uma cadeira de rodas: não muito tempo depois de encontrar o saco em Truro, fui a Nova Iorque para uma conferência, e, para meu choque, foi como o vi entrar no restaurante.

— Porque nunca me contaste? — perguntei, e ele fingiu-se surpreendido e disse estar convencido de que o fizera. — Não — manteve —, ainda não me tinhas dito. — Por fim, ele confessou ter querido evitar que eu o visse como alguém fraco e dependente. — Nunca pensaria isso de ti — foi a minha resposta. Mas, agora, vou confessar uma coisa que me surpreendeu: saber que ele usava uma cadeira de rodas *mudou* a maneira como eu o via. Recordou-me que, a seu respeito, eu não sabia mais do que a ínfima parte.

Por vezes, parecia que aquela semana tinha sido uma fantasmagoria minha e do Andy. Nos meses seguintes, de vez em quando, alguém brincava com o sucedido, chamando-lhe ás do volante ou aconselhando-o a esquecer Wimbledon, e ele ria e respondia com um comentário autodepreciativo. Nessas alturas, nunca olhava para mim, porque eu lhe lembrava o que realmente acontecera, e, assim entendia ele, a sua degradação.

Mais tarde, percebi que o incidente lhe roubara algo de substancial e o mudara. Talvez o tenha tornado uma pessoa diferente, mas também o pode ter feito voltar a ser alguém que já fora. Vim a recordar os meses antes do Caleb como a sua fase mais saudável: deixava-me cumprimentá-lo com um abraço e, se lhe segurava os ombros ou a cintura de passagem na cozinha, não se mostrava incomodado, antes continuava a cortar as cenouras sem que eu lhe ouvisse uma hesitação sequer fugaz. Precisara de vinte anos para chegar aí. Porém, o Caleb fê-lo regredir. No Dia de Ação de Graças, quando avancei para o abraçar, ele voltou-se

ligeiramente para a esquerda, os meus braços encontraram o vazio, entreolhámo-nos durante uma fração de segundo e percebi que a autorização que vigorara pouco tempo antes acabava de ser revogada, e que teria de começar de novo. Percebi que ele concluía para consigo que o Caleb tinha razão, que era repulsivo e que de alguma maneira merecera o que lhe acontecera. Isso era o pior de tudo e o mais condenável no que lhe fora feito. Ele decidira acreditar no Caleb, decidira que a palavra do Caleb valia mais do que a palavra de cada um de nós, porque o Caleb viera validar a sua convicção e o que lhe fora ensinado, e é sempre mais fácil acreditar no que já sabemos do que tentar mudar de opinião.

Mais tarde, quando tudo se agravou, eu perguntava-me o que podia ter dito ou feito de maneira diferente. Noutras alturas, tinha a certeza de que nada que tivesse dito teria feito diferença — que, havendo palavras mágicas que o pudessem ajudar, não teriam surtido efeito sendo nós a dizê-las. Continuava a fantasiar com a arma e com a nossa ida em grupo à Rua 29, lado oeste, número 50, apartamento 17J. A diferença era que, na nova versão, não matávamos Caleb Porter, antes lhe segurava cada um num braço, levávamo-lo connosco para o carro e seguíamos para a Greene Street, onde o arrastávamos até lá acima. Explicávamos-lhe o que tinha de dizer e avisávamo-lo de que estaríamos no elevador, a poucos passos da porta do apartamento, de pistola apontada às suas costas, pronta a disparar. E então, escondidos no elevador, ouvi-lo-íamos dizer: *Esquece tudo o que aconteceu. Tudo aquilo foi um enorme engano. Quando te fiz aquelas coisas, mas, sobretudo, quando te disse aquelas coisas, estava a pensar noutra pessoa. Tal como antes acreditaste em mim, acredita agora: tu és belo e perfeito e tudo o que eu disse foi engano. Enganei-me, foi um tremendo equívoco, acho que nunca ninguém cometeu maior erro.*

Diariamente, às quatro da tarde, terminada a última lição e antes de começar os afazeres, tinha uma hora para si. Às quartas-feiras, davam-lhe duas horas. Antes, ocupara esse tempo a ler ou andava lá fora entretido em explorações, mas, depois que o irmão Luke o autorizara, passara a ir para a estufa. Se Luke estava lá, ajudava-o a regar as plantas e aproveitava para memorizar os nomes — *Miltonia spectabilis*, *Alocasia amazonica*, *Asystasia gangetica* —, para ouvir elogios do irmão quando da vez seguinte lhos dissesse de cor.

— Acho que a *Heliconia vellerigera* cresceu — diria, passando os dedos pelas brácteas revestidas de penugem, e o irmão Luke olharia para ele e abanaria a cabeça, impressionado.

— Espantoso — admirar-se-ia. — Que memória extraordinária. — E ele sorria para consigo, orgulhoso de ter impressionado o irmão.

Quando o irmão Luke não estava, entretinha-se a brincar com as suas coisas. O irmão mostrara-lhe que, desviando uma pilha de floreiras arrumada no canto do fundo, havia uma pequena grade, que se podia remover, e tinha ali um pequeno espaço onde poderia guardar as suas coisas. Por isso, fora buscar a coleção de paus e pedras que escondera nas raízes da árvore, pusera-a num saco do lixo e levara-a para a estufa quente e húmida, onde passara a poder examinar o seu tesouro sem deixar de sentir as mãos. Com o correr dos meses, Luke enriqueceu-lhe a coleção oferecendo-lhe um pedaço de vidro marinho, que, disse, era da cor dos olhos dele; depois, um apito de metal com uma esferazinha dentro, que ao ser sacudido parecia um chocalho; e, por fim, um boneco de pano com uma camisola de lã cor de vinho e um cinto com pequeníssimas contas azul-turquesa, um brinquedo da sua infância, explicou-lhe o irmão Luke, feito por um índio navajo. Dois meses antes, ao abrir o saco, descobrira que Luke lhe deixara ali uma bengala de Natal, embora fosse fevereiro. Ficou eufórico; sempre quisera provar uma bengala de Natal. Partiu-a em pedacinhos e foi chupando cada um até ficar aguçado, só então o trincando e sentindo o açúcar colar-se-lhe aos molares.

O irmão disse-lhe que, no dia seguinte, corresse para a estufa logo que a última lição terminasse, porque tinha uma surpresa. Passou o dia irrequieto e desatento, mal se inteirando quando o irmão Michael lhe deu uma bofetada, e, mais tarde, quando o irmão Peter lhe deu uma palmada no rabo. Por fim, o irmão David ameaçou-o: se continuasse desatento, não teria direito a tempo livre, antes seria castigado com mais tarefas. Ao ouvir isto, esforçou-se por se concentrar, e, por fim, a última lição terminou.

Saiu do edifício principal e, logo que ficou suficientemente afastado para ninguém o ver, correu. Era primavera e sentia-se feliz: adorava ver as cerejeiras carregadas de flores rosadas e as lustrosas túlipas de cores improváveis, e sentir a erva viçosa e macia debaixo dos seus pés. Por vezes, quando estava sozinho, sentava-se ali fora a brincar com o navajo e com um galho da sua coleção que

parecia uma pessoa. Fazia as vozes, mas baixinho, porque o irmão Michael lhe dissera que os meninos não brincavam com bonecas, além de que ele já era demasiado crescido para brincar.

Perguntou a si mesmo se o irmão Luke o estaria a ver correr para a estufa. Numa quarta-feira anterior, dissera-lhe «Hoje vi-te correr», e, quando ele se preparava para pedir desculpa, Luke acrescentara «Pareces um atleta, rapaz! Corres que nem uma lebre!», e ele ficara literalmente boquiaberto, até que, rindo, o irmão lhe dissera para fechar a boca.

Quando chegou à estufa, encontrou-a vazia.

— Ei! — chamou. — Irmão Luke!

— Aqui — ouviu. A voz vinha do pequeno barracão que fora acrescentado à estufa, sendo ali que o irmão Luke guardava o fertilizante e os garrações de água ionizada. Num suporte, pendurava as várias tesouras de poda, enxertia e corta-ramos. No chão, estavam os sacos de palha húmida e folhas para espalhar em volta das árvores. Gostava daquele anexo, cheirava a bosque e musgo. Entusiasmado, avançou e bateu à porta.

Quando entrou, ficou desorientado. O anexo estava escuro e silencioso e o irmão Luke estava sentado no chão, inclinado para uma pequena chama.

— Chega aqui — disse-lhe, e ele avançou um passo. — Mais perto — pediu o irmão, e riu-se. — Está tudo bem, Jude.

Quando se aproximou, o irmão ergueu qualquer coisa e exclamou «Surpresa!», e ele viu que era um *muffin* — com um fósforo aceso espetado no meio.

— O que é isso? — perguntou.

— É o teu aniversário, certo? — respondeu o irmão. — Pois bem: isto é o teu bolo de aniversário. Vá, pede um desejo e apaga a vela.

— É para mim? — hesitou. A chama estava à beira de se extinguir.

— Sim, é para ti — confirmou o irmão. — Depressa, pede um desejo.

Nunca vira um bolo de aniversário, mas conhecia-os dos livros e sabia o que tinha de fazer. Fechou os olhos, pensou num desejo, tornou a abrir os olhos e apagou o fósforo, e a escuridão foi total.

— Parabéns — disse Luke, e acendeu a luz. Estendeu-lhe o *muffin*, que ele quis dividir, mas Luke fez que não. — É todo para ti. — Começou a comê-lo. Tinha mirtilos, era esponjoso e muito doce. Talvez fosse o melhor bolo que alguma vez provara. O irmão sorriu ao vê-lo comer. — E ainda tenho mais uma coisa para ti — anunciou, levando a mão atrás das costas e puxando uma caixa achatada embrulhada em papel de jornal atado com um cordel, que lhe estendeu. — Abre, vá — encorajou-o, e ele assim fez, sem rasgar a folha de jornal, para que pudesse ser novamente usada. Era uma velha caixa de cartão desbotado e, ao abri-la, viu pequenas peças arredondadas de madeira, com entalhes nas extremidades. O irmão Luke mostrou-lhe como se encaixavam e como fazer o telhado com pauzinhos. Anos depois, durante o curso, veria uma caixa igual na montra de uma loja de brinquedos, percebendo então que o jogo que lhe fora oferecido estava incompleto: faltava-lhe uma espécie de pirâmide vermelha para fazer o telhado e as peças verdes com que se fazia o relvado. Na altura, porém, a alegria foi tão

grande que o deixou sem palavras, e só ao fim de instantes se lembrou das boas maneiras. Agradeceu ao irmão vezes sem conta. — Não tens de quê — replicou Luke. — Não é todos os dias que se faz oito anos, certo?

— Pois não — reconheceu ele, admirando o seu presente com um sorriso rasgado. Entreteve-se a construir casas e cubos até serem horas de começar as tarefas, e o irmão Luke ficou a observá-lo. De vez em quando, estendia a mão para lhe prender o cabelo atrás das orelhas.

Cada minuto de tempo livre que tivesse, ia ter com o irmão à estufa. Na companhia de Luke, tornava-se outro. Para os restantes irmãos, era um fardo, uma coleção de problemas e defeitos, e, dia após dia, ouvia enumerar as suas falhas: devaneava em excesso, era demasiado exaltado, sobrava-lhe energia, imaginação, curiosidade e impaciência, era magricela e brincava de mais. Por outro lado, deveria mostrar mais gratidão, delicadeza, autodomínio, respeito, paciência, habilidade, disciplina e reverência. Mas, para o irmão Luke, ele era esperto, inteligente, cheio de vida e corria como uma lebre. O irmão Luke nunca lhe dissera que fazia muitas perguntas ou que teria de esperar até ser mais crescido para lhe serem explicadas certas coisas. Da primeira vez que o irmão Luke lhe fez cócegas, ele assustou-se, depois começou a rir sem conseguir parar e o irmão Luke também riu, e caíram agarrados junto das orquídeas. «Tens um riso tão bonito», dizia-lhe o irmão Luke, e «O teu riso parece música, Jude», e «És a alegria em forma de gente», e, aos poucos, a estufa tornou-se um reino encantado que o transformava no menino que o irmão Luke via nele. Ali, era inteligente, divertido e a companhia perfeita. Um menino bem diferente, bem melhor do que ele realmente era.

Nos momentos maus com os outros irmãos, passou a imaginar-se na estufa, a brincar com as suas coisas ou a falar com o irmão Luke, e, para consigo, repetia coisas que o irmão Luke lhe dissera. Por vezes, era tão mau que não podia descer para jantar, mas, no dia seguinte, via que o irmão Luke lhe deixara alguma coisa no quarto — uma flor, uma folha vermelha ou uma bolota invulgarmente grande, presentes que ia juntar ao seu tesouro escondido atrás da grade.

Os outros irmãos deram-se conta de que ele passava todo o tempo livre com o irmão Luke e isso parecia desagradar-lhes.

— Tem cuidado com o Luke — avisou-o o irmão Pavel, o que não fazia sentido, porque o irmão Pavel lhe batia e gritava com ele. — Ele não é quem tu julgas. — Não fez caso do alerta. Nenhum dos irmãos era quem dizia ser.

Certa vez, foi à estufa mais tarde. Fora uma semana penosa; tinham-lhe batido muito e custava-lhe andar. Na véspera, o padre Gabriel e o irmão Matthew tinham ido ao seu quarto e tudo lhe doía. Era sexta-feira. Inesperadamente, o irmão Michael libertara-o mais cedo e ele lembrara-se de ir brincar com as peças de madeira. Como sempre lhe acontecia depois daquelas sessões, queria estar sozinho. Queria sentar-se no aconchego da estufa, entreter-se com os seus brinquedos e fazer de conta que estava longe daquele lugar.

O irmão Luke não estava ali. Levantou a grade, tirou para fora o índio de trapos e a caixa com as peças de madeira, mas, enquanto brincava, deu por si a

chorar. Andava a esforçar-se por chorar menos — no fim, ainda se sentia pior, além de que os irmãos detestavam vê-lo assim e o castigavam —, mas era superior às suas forças. Pelo menos, aprendera a chorar em silêncio, e fazia isso, mas chorar em silêncio doía-lhe, além de exigir toda a sua concentração. Acabou por pousar os brinquedos. Continuou ali até ouvir o sino, e, nessa altura, guardou tudo no esconderijo e correu pela encosta abaixo até à cozinha, para descascar cenouras e batatas e cortar aipo para o jantar.

Foi nessa altura que, por razões que jamais conseguiria apurar, nem mesmo em adulto, a sua vida ali se tornou subitamente pior do que nunca. As tarefas tornaram-se mais violentas, as sessões, mais excruciantes, as repreensões, mais duras. Não sabia o que fizera; parecia-lhe que continuava a ser o mesmo de antes. Dir-se-ia que a paciência dos irmãos estava a um passo de se esgotar. Inclusivamente, os irmãos David e Peter, que traziam da biblioteca todos os livros que ele quisesse, pareciam menos inclinados a dar-lhe atenção.

— Vai-te embora, Jude — ordenou o irmão David quando ele o procurou para discutirem o livro de mitologia grega que o irmão trouxera da vila. — Agora não te quero aqui.

Começou a ficar cada vez mais convencido de que se iam livrar dele e, sendo o mosteiro a única casa que jamais conhecera, a ideia aterrorizava-o. Como sobreviveria? O que faria no mundo lá fora, um lugar onde, tinham-lhe dito os irmãos, abundavam os perigos e tentações? Sabia que podia arranjar trabalho. Entendia de jardinagem e sabia cozinhar e limpar. Talvez o quisessem para fazer alguma dessas coisas. Talvez alguém o acolhesse. Jurou para consigo que, se isso acontecesse, portar-se-ia melhor. Não repetiria os erros que cometera com os irmãos.

— Fazes ideia do que gastamos para cuidar de ti? — perguntou-lhe o irmão Michael certo dia. — Acho que nenhum de nós imaginou que ias cá ficar tanto tempo. — Não soube o que responder a uma ou outra das queixas, por isso continuou calado e não levantou os olhos da secretária. — Devias pedir perdão — acrescentou o irmão Michael.

— Perdão — murmurou ele.

Começou a andar tão cansado que não lhe sobravam forças para subir à estufa. Agora, depois da última lição, descia à adega, ia até lá ao fundo, onde havia ratazanas, segundo o irmão Pavel, mas, entretanto, o irmão Matthew dissera-lhe que não era verdade, estendia-se numa prateleira vazia numa das grandes estantes metálicas onde se arrumavam as caixas de azeite e massa e as sacas de farinha, e descansava até que o sino o mandasse voltar para cima. Ao jantar, evitava Luke, e, quando o irmão lhe sorria, virava a cara. Agora tinha a certeza de que não era o rapaz que o irmão Luke imaginara — a alegria em forma de gente? divertido? — e envergonhava-se ao sentir que o enganara.

Começara a evitar Luke havia pouco mais de uma semana quando, tornando a descer ao esconderijo, o viu à sua espera. Olhou em volta, procurando outro esconderijo, mas não havia, e então, voltando-se para a parede, começou a chorar e a pedir desculpa.

— Está tudo bem, Jude — disse o irmão Luke, aproximando-se e afagando-lhe as costas. — Está tudo bem, não chores. — Sentou-se nos degraus da adega. — Anda cá, vem sentar-te comigo — pediu, mas, demasiado envergonhado para fazer isso, ele abanou a cabeça. — Pelo menos, senta-te — insistiu Luke, e ele assim fez, ficando encostado à parede. Luke ergueu-se e foi espreitar as caixas numa prateleira alta. Passados instantes, encontrou o que procurava e estendeu-lhe: um sumo de maçã.

— Não posso — disse ele prontamente. Nem sequer estava autorizado a descer à adega; entrava por uma pequena janela lateral e descia por uma estante metálica. O irmão Pavel tinha as provisões a seu cargo e todas as semanas fazia o inventário. Se desse pela falta de alguma coisa, culpá-lo-ia. Era o que todos eles faziam.

— Não te preocupes, Jude — disse o irmão Luke. — Eu substituo isto. Aceita, vá. — Por fim, depois de alguma persuasão, lá se deixou vencer. O sumo era doce como xarope e ele hesitou entre bebê-lo aos golinhos, para o fazer durar, ou de uma vez, não fosse o irmão mudar de ideias e tirar-lho.

Quando esvaziou a pequena garrafa de vidro, ficaram em silêncio, até que, mal erguendo a voz, o irmão lhe disse:

— Jude... o que eles te fazem é errado. Não te deviam fazer aquelas coisas. Não te deviam magoar. — Ao ouvir isto, ele quase desatou a chorar outra vez. — Eu nunca te magoaria, Jude. Sabes isso, não sabes? — Só nesse momento foi capaz de o encarar e, fixando-se no seu rosto alongado, bondoso e preocupado, com a barba grisalha aparada e uns óculos que lhe tornavam os olhos ainda maiores, anuiu.

— Eu sei, irmão Luke — disse.

O irmão Luke apenas tornou a falar depois de um longo silêncio.

— Sabes, Jude, antes de eu vir para este mosteiro, tive um filho. És muito parecido com ele. Eu amava-o muito, mas ele morreu. Nessa altura, vim para aqui.

Não sabia o que dizer, mas talvez não tivesse de dizer nada, pareceu-lhe, porque o irmão Luke continuou a falar.

— Por vezes, olho para ti e penso: *Ele não merece que lhe façam aquelas coisas.* Mereces estar noutro lado, com alguém que... — O irmão Luke tornou a calar-se, porque ele recomeçara a chorar. — Jude — murmurou, surpreendido.

— Não — soluçou ele. — Por favor, irmão Luke, não deixe eles mandarem-me embora. Eu vou portar-me melhor, prometo, juro que vou. Não deixe eles mandarem-me embora.

— Jude — disse o irmão, sentando-se ao seu lado e aninhando-o contra o seu corpo —, ninguém te vai mandar embora. Prometo. Ninguém te vai mandar embora. — Por fim, tornou a acalmar-se, e os dois ficaram sentados em silêncio durante muito tempo. — Apenas quis dizer que mereces estar com alguém que goste de ti de verdade. Como eu. Se estivesses comigo, eu nunca te faria mal. E havíamos de nos divertir muito os dois.

— Fazíamos o quê? — perguntou ele, por fim.

— Bem — respondeu Luke, tomando o seu tempo —, podíamos acampar, por exemplo. Alguma vez foste acampar?

Nunca fizera tal coisa, claro, e Luke descreveu-lhe tudo: a tenda, a fogueira, a fragrância dos ramos de pinheiro a crepitar, eles dois a tostarem *marshmallows*, os pios das corujas.

No dia seguinte, voltou à estufa, seguindo-se semanas, que se tornaram meses, em que Luke lhe descrevia tudo o que poderiam fazer juntos: iriam à praia, à cidade e a uma feira de diversões. Ele poderia comer piza, hambúrgueres, maçarocas assadas e gelados. Aprenderia a jogar basebol e a pescar e viveriam os dois numa cabana, como pai e filho. As manhãs seriam reservadas à leitura e as tardes seriam para se divertirem. Teriam uma horta e um jardim e, um dia, talvez pudessem ter também uma estufa. Fariam tudo juntos, iriam juntos a todo o lado e seriam como melhores amigos, mas mais do que isso.

As histórias de Luke inebriavam-no e, nos piores momentos, repetia-as para consigo: na sua horta, teriam abóbora-menina e chila, e apanhariam percas no riacho nas traseiras da cabana, uma versão em ponto grande das que ele construía com as suas peças de madeira, onde, prometera Luke, teria uma cama de verdade, e, mesmo nas noites mais geladas, não teriam frio, e fariam *muffins* todas as semanas.

Por fim, veio aquela tarde no começo de janeiro. Estava tanto frio que, embora a estufa fosse aquecida, tiveram de embrulhar as plantas em serapilheira. Tinham estado a trabalhar em silêncio. Conseguia perceber sempre se Luke estava com vontade de falar da cabana ou se não lhe apetecia, e estavam num daqueles dias em que o irmão falava muito pouco e parecia ter o pensamento longe dali. Quando ficava naquela disposição, o irmão Luke não o tratava mal, apenas se mostrava pouco falador, de uma maneira que o fazia saber que era melhor não o incomodar. Porém, ansiava ouvir uma das suas histórias. Precisava de ouvir uma das suas histórias. Fora um dia horrível, daqueles que o faziam ter vontade de morrer, por isso, queria ouvir Luke falar da cabana e de tudo o que fariam quando lá vivessem os dois sem mais ninguém. Na sua cabana, não haveria irmão Matthew, padre Gabriel ou irmão Peter. Ninguém lhe gritaria ou faria mal. Seria como viver ali na estufa: um encantamento sem fim.

La repetindo para consigo que tinha de continuar calado, até que, de repente, o irmão Luke falou.

— Jude — disse-lhe —, hoje estou muito triste.

— Porquê, irmão Luke?

— Bem — começou o irmão, e hesitou. — Sabes que gosto muito de ti, certo? Mas, ultimamente, ando com a sensação de que tu não gostas de mim.

Era uma acusação tão terrível que o deixou incapaz de falar.

— Não é verdade! — exclamou, passados instantes.

Mas o irmão Luke abanou a cabeça.

— Falo-te da nossa cabana na floresta — continuou —, mas não sinto que queiras realmente viver lá. Para ti, tudo isso são histórias, como os contos de fadas.

Abanou a cabeça.

— Não, irmão Luke. Eu quero, quero muito.

Quem lhe dera ter palavras para explicar ao irmão Luke que levava tudo aquilo

muito a sério, que precisava de o ouvir falar da cabana, que só isso o ajudava. O irmão Luke parecia muito triste, mas, por fim, lá o conseguiu convencer de que também desejava essa vida, de que queria viver só com ele e mais ninguém e faria o que fosse preciso para que se tornasse realidade. Por fim, tanto repetiu estas coisas que o irmão sorriu, depois pôs-se de cócoras e abraçou-o, afagando-lhe demoradamente as costas.

— Obrigado, Jude, obrigado — disse-lhe, e ele, muito feliz por ter deixado o irmão Luke também muito feliz, agradeceu-lhe de volta.

Então, o irmão Luke fitou-o. De repente, ficara sério. Explicou-lhe que pensara muito no assunto e que achava que era altura de construírem a sua cabana — era altura de se irem embora dali. Porém, não podia decidir isso sozinho. Ele iria consigo? Dava a sua palavra de honra? Queria tanto estar com o irmão Luke como o irmão Luke queria estar com ele, só os dois no seu pequeno mundo perfeito? Ele queria, claro. Claro que sim.

O irmão Luke já tinha um plano. Ir-se-iam embora dentro de dois meses, antes da Páscoa. Festejariam o seu nono aniversário na cabana. O irmão Luke encarregar-se-ia de tudo — ele apenas tinha de ser um menino obediente, estudar muito e não dar problemas. Sobretudo, não podia contar a ninguém. Se os outros descobrissem o que eles iam fazer, explicou o irmão Luke, mandá-lo-iam embora do mosteiro e deixá-lo-iam por sua conta, e o irmão Luke nada poderia fazer para o ajudar. Ele prometeu não dizer uma palavra a ninguém.

Seguiram-se dois meses simultaneamente horríveis e maravilhosos. Horríveis, por passarem tão devagar. Maravilhosos, porque tinha um segredo que lhe alegrava os dias: a sua vida no mosteiro estava prestes a terminar. Acordava entusiasmado, porque cada manhã era menos um dia que teria de esperar para viver com o irmão Luke. De cada vez que outro dos irmãos vinha ao quarto, dizia para consigo que em breve estaria longe de todos eles, e isso aliviava um pouco o seu tormento. De cada vez que lhe batiam ou gritavam consigo, imaginava-se na cabana e isso dava-lhe fortitude — o irmão Luke ensinara-lhe a palavra — para suportar o castigo.

Implorou ao irmão Luke que o deixasse ajudar nos preparativos e o irmão Luke encarregou-o de recolher amostras de flores e folhas de cada planta que tinham no mosteiro. Assim, passou a ocupar as suas tardes a vaguear por ali munido da sua Bíblia, em cujas páginas ia juntando folhas e pétalas. Passava menos tempo na estufa, mas, de cada vez que via Luke, o irmão brindava-o com uma daquelas suas piscadelas de olho mantendo-se muito sério, e ele sorria para dentro, porque o seu segredo delicioso o acalentava.

Por fim, chegou a noite em questão e os nervos eram muitos. O irmão Matthew viera ao quarto logo depois do jantar, mas já se fora embora, e estava sozinho. Por fim, apareceu o irmão Luke, de dedo nos lábios a dizer-lhe que não fizesse ruído, e ele assentiu. Luke fê-lo segurar um saco de papel pardo, onde foi pondo os livros e os pares de cuecas que ele tinha, depois seguiram em bicos de pés pelo corredor, desceram a escada, atravessaram o mosteiro imerso em escuridão e saíram para a noite.

— Tenho o carro perto — sussurrou-lhe Luke, e, quando o viu parar: — O que foi, Jude?

— O meu saco — disse ele. — O saco que escondi na estufa.

Luke sorriu-lhe com bondade e afagou-lhe a cabeça.

— Já está no carro — revelou, e ele sorriu-lhe de volta, cheio de gratidão por Luke se ter lembrado.

Mal sentia o frio. Puseram-se a caminho. Seguiram pela longa estrada de gravilha que dava acesso ao mosteiro, passaram os portões de madeira e subiram a colina até à estrada principal, por onde continuaram a pé. Estava uma noite tão sossegada que se escutava a vibração do silêncio. Enquanto caminhavam, o irmão Luke apontou-lhe várias constelações e ele não se enganou no nome de uma única, e Luke exclamou de admiração e afagou-lhe a nuca.

— És tão inteligente, Jude — elogiou. — Ainda bem que te escolhi.

A estrada, que ele vira pouquíssimas vezes — apenas quando fora ao médico ou ao dentista —, estava vazia, com exceção de pequenas criaturas como ratos-almiscarados e opossuns, que lhes cabriolavam pela frente. Por fim, chegaram ao carro, uma comprida carrinha cor de vinho pintalgada de ferrugem. O banco traseiro estava submerso em caixas e sacos do lixo pretos com várias coisas. Também ali estavam algumas das plantas favoritas de Luke — a *Cattleya schilleriana*, por exemplo, com as suas feias pétalas sarapintadas, ou a *Hylocereus undatus*, cujas flores lembravam cabeças pendentes a dormir —, acondicionadas em sacos de plástico verde-escuros.

Era estranho estar naquele carro e mais estranho ainda ver o irmão Luke num carro, mas o mais estranho era a sensação de que tudo valera a pena, de que não iria sofrer mais, de que ia começar uma vida tão boa, senão melhor, do que tudo o que lera nos livros.

— Estás pronto? — sussurrou o irmão Luke, e arreganhou um sorriso.

— Sim — sussurrou ele de volta. O irmão Luke rodou a chave na ignição.

Havia duas maneiras de esquecer. Durante muitos anos, imaginara (nada imaginativamente) um cofre, onde, no final de cada dia, guardava as imagens, os acontecimentos e as palavras em que nunca mais queria tornar a pensar, entreabrindo a pesada porta de aço apenas pelo tempo necessário para empurrar tudo isso lá para dentro e tornando a fechá-la com firmeza. Porém, esse método não resultava, porque as recordações se escapuliam. Acabou por concluir que não podia simplesmente trancá-las algures — tinha de as eliminar.

Assim, inventou diferentes soluções. No caso das memórias pouco substanciais — os insultos e tudo o mais que fosse ligeiro —, revivia-as sucessivamente até as neutralizar, até a repetição as esvaziar de sentido ou até se convencer de que acontecera a outros, tendo ele ouvido contar. No caso das memórias mais retumbantes, imaginava a cena como uma tira de película, que então começava a apagar, fotograma por fotograma. Um ou outro não eram métodos fáceis. Ao apagar determinado acontecimento, por exemplo, não podia haver pausas para examinar aquilo que estava a fazer desaparecer. Não podia deter-se em momentos avulsos, confiando que não se deixaria enredar nos particulares do acontecimento

no seu todo, porque era óbvio que aconteceria precisamente isso. Era um trabalho que tinha de ser feito todas as noites, até nada restar.

Claro que nenhum acontecimento desaparecia completamente. Mas, pelo menos, tornavam-se mais distantes: já não o perseguiam como fantasmas; paravam de lutar constantemente pela sua atenção e de ficar aos pulos à sua frente se ele os ignorava; deixavam de lhe roubar tanto tempo e de lhe exigir tanto esforço que se tornava impossível pensar noutra coisa. Em intervalos de inatividade — os momentos que precediam o sono, por exemplo, ou os minutos antes da aterragem no fim de um voo noturno, quando não estava suficientemente alerta para trabalhar, mas o cansaço não chegava para o fazer adormecer —, vinham recordar-lhe que continuavam ali, e, nessas alturas, nada como visualizar um enorme ecrã em branco, iluminado, mas onde filme algum estava a ser projetado, e mantê-lo no pensamento como se fosse um escudo.

Nas semanas após o espancamento, dedicou-se a esquecer Caleb. Antes de se deitar, ia até à porta do apartamento, e, embora se sentisse idiota por estar a fazer aquilo, experimentava as chaves antigas nas novas fechaduras, para se certificar de que não as abriam, e que, de facto, tornara a estar em segurança. Ligava, desligava e tornava a ligar o alarme que instalara, tão sensível que bastavam as sombras para o acionar. Findos estes passos, deitava-se, mas ficava acordado, de olhos abertos no escuro, concentrado no ato de esquecer. Porém, a dificuldade era enorme: as memórias daqueles meses multiplicavam-se, cravavam-se nele como punhais, esmagavam-no. Ouvia a voz de Caleb e as coisas que ele lhe dissera, tornava a ver-lhe a expressão perante a sua nudez, sentia de novo o horrível, o asfixiante vazio da queda na escada, e encolhia-se até se torcer num nó, e levava as mãos aos ouvidos e cerrava os olhos. Por fim, levantava-se, atravessava o apartamento e ia para o escritório. Estava a trabalhar num caso complexo que, em breve, começaria a ser julgado, o que não podia ter calhado em melhor altura: tinha os dias tão ocupados que mal lhe sobrava tempo para pensar noutra coisa. Durante uma curta fase, mal parou no apartamento, dormia um par de horas, demorava-se outra a tomar duche e vestir-se, e tornava a sair, mas então teve uma crise de dor no escritório da firma. Foi a primeira e foi severa. O porteiro da noite encontrou-o caído no chão e contactou a segurança da torre, que contactou Peterson Tremain, o presidente de direção da Rosen Pritchard, que ligou a Lucien, o único a quem ele explicara o que fazer na eventualidade de acontecer aquilo. Lucien avisou Andy, depois voltou para junto dele, acompanhado do presidente de direção, e aguardaram que Andy chegasse. Caído por terra, vendo-lhes os pés enquanto, quase incapaz de respirar, se contorcia de dor, tentou chamar a si forças para lhes suplicar que saíssem dali, assegurando que estava tudo bem e que apenas precisava de ficar sozinho. Mas nem um nem outro se retiraram. Lucien limpou-lhe delicadamente a boca suja de vomitado, depois sentou-se no chão, como se à sua cabeceira, e segurou-lhe a mão, e ele sentiu tanta vergonha que quase chorou. Mais tarde, disse e redisse que não fora nada de grave, que lhe acontecia a toda a hora, mas eles obrigaram-no a ficar em casa até ao final da semana, e, na segunda-feira, Lucien veio dizer-lhe que iam começar a obrigá-lo a deixar o escritório a horas decentes: durante a semana, não

trabalharia para lá da meia-noite, e, aos fins de semana, só podia lá ficar até às nove.

— Lucien, isto é absurdo — queixou-se ele, contrariado. — Não sou uma criança.

— Acredita, Jude: por mim, trabalhavas as vinte e quatro horas do dia — replicou Lucien. — Disse isto na última reunião da administração, mas, não imagino porquê, eles preocupam-se com a tua saúde. Além disso, há o cliente. Estranhamente, eles acham que, se adoeceres, não ganhamos o caso. — Argumentou e argumentou com Lucien, mas em vão: a partir daí, à meia-noite, as luzes do seu escritório apagavam-se, e acabou por se resignar a ir para casa à hora que eles queriam.

Desde o incidente com Caleb, mal conseguia falar com Harold e mesmo vê-lo ganhara laivos de tortura. Por isso, as suas visitas cada vez mais frequentes acompanhado de Julia desgastavam-no. Humilhava-o saber que Harold o vira naquele estado. Lembrava-se de Harold lhe ter visto as calças ensanguentadas e lhe ter perguntado sobre a sua infância (Seria assim tão óbvio? Bastaria falarem com ele para adivinhar o que lhe acontecera havia tantos anos? Se assim era, o que podia fazer para melhor ocultar o seu passado?) e era acometido de uma náusea tão aguda que tinha de interromper o que estivesse a fazer e aguardar que o momento passasse. Dava-se conta do esforço de Harold para o tratar como antes, mas algo mudara. Já não lhe dava sermões a respeito da Rosen Pritchard e deixara de lhe perguntar qual a sensação de ser um facilitador do crime empresarial. E, sobretudo, deixou de mencionar a possibilidade de ele assentar com alguém. Agora, todas as suas perguntas se reportavam ao que ele sentia. Como iam as coisas? Que tal andava? E as pernas? Andava a trabalhar em excesso? Andava a usar a cadeira de rodas mais do que o habitual? Precisava de ajuda com alguma coisa? Da sua parte, as respostas eram sempre as mesmas: bem, bem, bem; não, não, não.

E havia Andy, que, de um dia para o outro, lhe recomêçara a ligar todas as noites. Ligava-lhe invariavelmente à uma da manhã e, nas consultas — agora quinzenais, assim lhe impusera —, mostrava-se tão anormalmente delicado e calmo que se tornava enervante. Examinava-lhe as pernas, contava os cortes, fazia as perguntas do costume e testava-lhe os reflexos. De todas as vezes, quando chegava a casa e esvaziava os bolsos, ali estava mais um cartão de visita de um psicólogo, Sam Loehmann, e, na letra de Andy: «Ofereço a primeira sessão.» Ou: «Por mim, Jude.» Ou: «Uma vez. É tudo o que peço.» O cartão era sempre igual, as mensagens mudavam. Eram como bolinhos da sorte, mas irritantes, e ele deitava-os fora. Embora o gesto o sensibilizasse, tornava-se cansativo, porque não adiantava nada. Sentia o mesmo ao substituir o saco debaixo do lavatório depois de cada visita de Harold. Num canto do roupeiro, tinha uma caixa com centenas de toalhetes desinfetantes e ligaduras, caixas e caixas de compressas e dezenas de embalagens de lâminas de barbear: apenas tinha de fazer outro saco e de o colar no sítio do costume. Sempre tinham sido outros a decidir como o seu corpo seria usado, por isso, embora soubesse que Harold e Andy apenas o queriam ajudar, o

seu lado infantil e obstinado batia o pé: *ele* decidiria. Porquê tentarem impedi-lo de exercer o seu escasso poder de decisão no que ao seu corpo dizia respeito?

Disse a si mesmo que estava tudo bem, que recuperara o equilíbrio, que a vida voltara ao normal, mas sabia que não — havia algum problema, dera-se uma mudança nele, estava a perder o pé. Entretanto, Willem regressara, e, embora não tivesse testemunhado o que acontecera, embora não soubesse a respeito de Caleb e da sua humilhação — certificara-se de que assim seria, avisando Harold, Julia e Andy de que jamais lhes tornaria a dirigir a palavra se dissessem alguma coisa a alguém —, ainda assim, o seu olhar envergonhava-o.

— Desculpa eu não ter estado presente, Jude — disse Willem, ao regressar e vê-lo engessado. — De certeza que estás bem? — Mas o gesso não era nada, não era do gesso que se envergonhava, e, momentaneamente, sentiu-se tentado a contar-lhe a verdade, quis cair-lhe nos braços como nunca fizera e desfazer-se em lágrimas, quis revelar tudo e pedir a Willem que o consolasse, que lhe dissesse que continuava a gostar dele, embora ele fosse quem era. Claro que não fez nada disso. Enviara-lhe um longo *e-mail* cheio de mentiras sobre o falso acidente de carro e, na noite do reencontro, ficaram na conversa até muito tarde, acabando ambos por dormir no sofá depois de falarem de tudo menos do *e-mail* que Willem não lera até ao fim porque adormecera.

Continuou a fazer a sua vida. De manhã, levantava-se e ia trabalhar. Ansiava estar acompanhado, para não pensar em Caleb, mas, ao mesmo tempo, queria estar sozinho, porque Caleb lhe viera recordar que era sub-humano, defeituoso e repulsivo, e envergonha-o que outros — as pessoas normais — o vissem. Os dias tornaram-se como os seus passos quando os pés lhe doíam e ficavam entorpecidos: dava o primeiro, depois, o seguinte, e o terceiro, e, pouco a pouco, as coisas melhoravam. Aqueles últimos meses acabariam por se diluir no tecido da sua vida. Encontraria alguma maneira de aceitar o que acontecera e seguiria o seu caminho, como sempre fizera.

O julgamento começou e terminou e ele ganhou. Foi uma vitória extraordinária, não se cansou Lucien de lhe repetir, e ele próprio sabia disso, mas, mais do que outra coisa, sentiu pânico: e *agora*, faria o quê? Angariara um novo cliente, desta vez, um banco, mas o trabalho, demorado e fastidioso, resumia-se a recolha de informação, não sendo, de todo, o tipo de atividade frenética que não lhe deixava tempo para dormir. No apartamento, entregue a si, nada o distraía de pensar senão no que acontecera com Caleb. Tremain felicitou-o e ele sabia que devia estar feliz, mas apenas lhe pediu mais trabalho, e o presidente de direção deu uma gargalhada.

— Não, St. Francis — declarou. — Agora, vais de férias. É uma ordem.

Não fez isso. Prometeu a Lucien, depois, a Tremain, mas, de momento, não se sentia capaz disso. Assim, aconteceu o que ele temera: estava em casa a fazer o jantar ou no cinema com Willem e, do nada, recordava um momento avulso dos meses com Caleb. Seguiam-se recordações da instituição, dos anos com o irmão Luke e dos meses com o Dr. Traylor, e, por fim, a recordação do traumatismo — o clarão ofuscante dos faróis e a sua cabeça a virar-se bruscamente. A partir daí, a sua

mente era assaltada por imagens, criaturas malignas que exigiam a sua atenção, que o queriam agarrar e despedaçar com longas garras que o arranhavam como agulhas. Caleb soltara os monstros que ele guardava no íntimo e não estava a conseguir fechá-los de novo na masmorra, além de que tomou consciência das incontáveis horas passadas a reprimir as recordações, do esforço que isso lhe exigia e do frágil comando que sobre as mesmas tivera desde o começo.

— Tu estás bem? — perguntou-lhe Willem uma noite. Tinham ido ver uma peça a que ele mal prestara atenção e, depois, tinham ido jantar e ele não ouvira metade do que Willem ia dizendo, restando-lhe a esperança de estar a ter as reações certas enquanto brincava com a comida no prato e tentava mostrar um comportamento normal.

— Sim — respondeu.

As coisas estavam a piorar; tinha consciência disso, mas não sabia o que fazer para que a trajetória se invertesse. Decorridos oito meses desde aquela noite, pensava mais no assunto a cada dia, quando deveria acontecer o contrário. Por vezes, tinha a sensação de que os meses com Caleb eram um bando de hienas que o perseguia dia após dia, e, dia após dia, ele corria até ao limite das forças para fugir às suas mandíbulas vorazes que escorriam baba e o tentavam abocanhar. Tudo o que outrora o ajudara — os exercícios mentais, cortar-se — deixara de surtir efeito. Cortava-se cada vez mais, mas as memórias não se iam embora. Nadava de manhã, nadava à noite, nadava quilómetros até não lhe sobrar energia senão para um duche antes de dormir. E, enquanto nadava, ocupava o cérebro com lengalengas: conjugava verbos em latim; recitava mentalmente demonstrações matemáticas; repetia para consigo, palavra por palavra, decisões históricas dos tribunais que estudara no curso. A sua mente pertencia-lhe, dizia para consigo. Seria senhor do seu pensamento e não o contrário.

— Tive uma ideia — anunciou Willem no final de mais uma refeição em que ele praticamente não falara. Cada reação sua ao que Willem ia dizendo acontecera com um ou dois segundos de atraso, até acabarem os dois calados. — Que tal umas férias, só nós dois? Podíamos fazer aquela viagem a Marrocos de que falámos há dois anos. Vamos assim que eu voltar. Que dizes, Jude? Calha no outono. Vai ser magnífico. — Estavam em fins de junho. Tinham passado nove meses desde aquela noite. No começo de agosto, Willem viajaria para o Sri Lanka para rodar mais um filme e estaria de regresso nos primeiros dias de outubro.

Willem ia-lhe dizendo aquilo e ele ouvia Caleb chamar-lhe deformado, até que o silêncio de Willem lhe recordou que era altura de responder.

— Claro, Willem — disse. — Parece-me estupendo.

O restaurante ficava no Flatiron District e, depois de pagarem, resolveram andar. Iam em silêncio quando, de repente, viu Caleb avançar ao seu encontro. Em pânico, agarrou Willem e puxou-o para a entrada de um edifício, sobressaltando ambos com a sua força e rapidez.

— Jude, o que foi isto? — perguntou Willem, alarmado.

— Não fales — sussurrou ele. — Fica aqui e não olhes. — E, voltado para a porta, tal como ele, Willem assim fez.

Contou os segundos até estar seguro de que Caleb já se afastara pela rua, e então, cauteloso, espreitou o passeio e viu que afinal não era Caleb, apenas um homem alto de cabelo escuro, parecido com Caleb, mas que não era Caleb, e suspirou, sentindo-se simultaneamente derrotado, idiota e aliviado. Deu-se conta de que a sua mão mantinha a camisa de Willem amarfanhada e descontraiu os dedos.

— Desculpa — disse. — Desculpa, Willem.

— Jude, o que foi isto? — perguntou Willem, tentando fazê-lo encará-lo. — O que aconteceu?

— Nada — disse ele. — Pareceu-me ver uma pessoa com que não queria falar.

— Quem?

— Não interessa. É o advogado da outra parte num caso em que estou a trabalhar. É um cretino. Detesto ter de lidar com ele.

Willem fitou-o.

— Não — disse, por fim. — Não era advogado nenhum. Era alguém de quem tens medo. — Uma pausa. Willem fixou-se no fundo da rua, depois tornou a olhar para ele. — Estavas com medo — repetiu, como se a magicar. — Quem era, Jude?

Fez que não e tentou pensar nalguma mentira que lhe pudesse dizer. Passava a vida a mentir a Willem, ora mentiras grandes, ora pequenas mentiras. A amizade dos dois era uma mentira do começo ao fim — Willem tomava-o por alguém que, na verdade, ele não era. Apenas Caleb sabia a verdade. Apenas Caleb sabia o que ele era.

— Já te disse — respondeu, por fim. — Era esse tal advogado.

— Não era advogado nenhum.

— Era, a sério. — Cruzaram-se com duas mulheres e ouviu uma delas sussurrar, entusiasmada: «Viste? Era o Willem Ragnarsson!» Fechou os olhos.

— Ouve lá — pediu Willem, num tom pausado. — O que se anda a passar contigo?

— Nada — assegurou ele. — Estou cansado. Tenho de ir para casa.

— Tudo bem — disse Willem. Fez sinal a um táxi, ajudou-o a entrar, depois entrou também. — Greene e Broome — disse ao condutor.

No táxi, começaram a tremer-lhe as mãos. Vinha acontecendo com cada vez mais frequência e ele não sabia como resolver o problema. Começara na infância, mas apenas lhe acontecia em circunstâncias extremas — quando tentava não chorar, por exemplo, ou se a dor era atroz, mas sabia que não podia fazer um som. Porém, agora acontecia quando ele menos esperava. Cortar-se era o único remédio relativamente eficaz, mas, por vezes, tremia tanto que mal conseguia usar a lâmina. Cruzou os braços. Com sorte, Willem não veria.

Na porta do prédio, tentou livrar-se dele, mas Willem não arredou pé.

— Apetece-me estar sozinho — disse.

— Eu percebo — respondeu Willem. — Ficamos sozinhos juntos. — Ali parados, olharam-se como se a medir forças, até que ele se voltou para a porta, mas tremia tanto que não conseguia inserir a chave na ranhura, e acabou por ser

Willem a abri-la, depois de lhe tirar as chaves da mão.

— O que raio se passa contigo? — insistiu Willem, assim que entraram no apartamento.

— Nada, nada — assegurou ele, agora com os dentes a bater, algo que jamais acompanhara as tremuras quando ele era pequeno, mas que agora acontecia praticamente de todas as vezes.

Willem aproximou-se e ele desviou o rosto.

— Aconteceu alguma coisa enquanto eu estava fora — disse Willem, apalpando terreno. — Não imagino o quê, mas alguma coisa aconteceu. Tu não estás bem. Andas esquisito desde que eu voltei da rodagem da *Odisseia*. Falta-me saber o motivo. — Detendo-se, segurou-lhe os ombros. — Conta-me, Jude — pediu. — Diz-me o que aconteceu. Se me disseres, pensamos juntos numa maneira de resolver o problema.

— Não — murmurou ele. — Não consigo, Willem, não consigo. — Um longo silêncio. — Quero ir dormir — disse. Willem baixou os braços e ele foi fechar-se na casa de banho.

Quando saiu, Willem vestira uma das suas *T-shirts* e trouxera o edredão do quarto de hóspedes, que abriu no sofá do seu quarto, por cima do qual estava o quadro que o mostrava na cadeira de maquilhagem.

— Estás a fazer o quê? — perguntou ele.

— Vou dormir aqui — declarou Willem. Ele suspirou, mas Willem não lhe deu tempo de protestar. — Tens três opções, Jude — avisou. — Opção número um: ligo ao Andy, digo-lhe que acho que se passa alguma coisa muito séria e levo-te ao consultório para ele te examinar. Número dois: ligo ao Harold, que fica aflito e liga ao Andy. Número três: deixas-me ficar aqui sem mais conversa para eu ir vendo se estás bem, tudo porque te recusas a falar comigo, nunca me contas a ponta dum corno e pareces não conseguir meter na cabeça que, no mínimo, deves aos teus amigos a oportunidade de te *tentar* ajudar. Deves-me isso. É o *mínimo*. — A voz falhou-lhe. — Escolhe.

Ah, Willem, pensou ele. *Nem imaginas como eu gostava de te poder contar.*

— Desculpa, Willem — limitou-se a dizer.

— Sim, tens sempre muita pena, já sei — respondeu Willem. — Deita-te. As escovas de dentes estão no mesmo sítio?

— Sim — disse ele.

No dia seguinte, chegou tarde do trabalho e deparou-se com Willem outra vez estendido no sofá do seu quarto, a ler.

— Que tal o dia? — perguntou, mal tirando os olhos do livro.

— Foi bom — respondeu ele. Aguardou que Willem lhe desse alguma explicação, o que não aconteceu, e, desistindo, foi fechar-se na casa de banho. No quarto de vestir, viu o saco de desporto de Willem, que não o fechara, entrevendo-se várias peças de roupa que trouxera. Claramente, não tinha ideias de se ir embora tão cedo.

Sentiu-se ridículo ao admitir para consigo que a presença de Willem — no apartamento, mas, sobretudo, no seu quarto — o ajudava. Não tinham grandes

conversas, mas a sua presença tranquilizava-o e parecia estar a ajudá-lo a recentrar-se. Deu por si a pensar menos em Caleb. Na verdade, deu por si a pensar menos. A necessidade de se mostrar normal perante Willem parecia estar a fazê-lo ficar de facto mais normal. A proximidade de alguém que, sabia, não o magoaria em circunstância alguma tranquilizava-o, o que lhe permitia desligar o cérebro e dormir. Porém, a gratidão não o impedia de se detestar por ser tão fraco e dependente. Não haveria limite para a sua carência? Quantas pessoas o tinham amparado ao longo dos anos? Porquê fazerem isso? E porque o permitia ele? Um amigo decente diria a Willem que fosse para casa, assegurando-lhe que ficaria bem sozinho. Mas ele não fez isso. Antes permitiu que, durante as poucas semanas de regresso a Nova Iorque antes de tornar a viajar, Willem dormisse no seu sofá como um cão.

Pelo menos, não tinha de se preocupar com a eventualidade de Robin se irritar com a situação, porque os dois tinham acabado perto do fim da rodagem da *Odisseia*, depois de ela descobrir que Willem a traía com uma assistente de guarda-roupa. «Que nem sequer me atraía por aí além», confessou Willem durante um dos seus telefonemas. «Fiz aquilo pela pior das razões: porque estava aborrecido.»

Ele ponderou a justificação.

— Não — discordou. — A pior razão seria a crueldade. A tua foi simplesmente a razão mais *estúpida*.

Do outro lado, silêncio, depois Willem desatou a rir.

«Obrigado, Jude», disse. «Conseguiste fazer-me sentir melhor e pior.»

Willem ficou com ele na Greene Street até ao dia da viagem para Colombo. Desta vez, ia encarnar o primogénito de uma família de mercadores holandeses confrontada com a decadência. A história passava-se no Sri Lanka no começo da década de quarenta e Willem deixara crescer um robusto bigode enrolado. Quando se despediu dele com um abraço, ele sentiu o bigode roçar-lhe a orelha, e, durante breves instantes, quase se permitiu ir abaixo e suplicar a Willem que não viajasse. *Não vás*, esteve à beira de lhe dizer. *Fica comigo. Tenho medo de estar sozinho*. Sabia que, se dissesse estas palavras, Willem ficaria — ou, pelo menos, tentaria. Mas claro que nunca lhe faria semelhante pedido. Sabia que Willem não podia mudar as datas de rodagem e que se sentiria culpado por não o poder fazer. Por isso, abraçou-o de volta com força, o que era raro — poucas vezes fora abertamente afetuoso com Willem —, e sentiu-o hesitar, surpreendido, e, de seguida, estreitá-lo também contra si, e ficaram nos braços um do outro durante longos momentos. Mais tarde, lembrar-se-ia de lhe ter ocorrido que não vestira camadas suficientes para arriscar permitir que Willem o segurasse contra si daquela maneira, e que Willem lhe sentiria as cicatrizes nas costas através da camisa, mas, naquele momento, falou mais alto a vontade de estar próximo dele. Intuiu que era a última vez e que não o tornaria a ver — um medo que o visitava sempre que Willem viajava, mas que, desta vez, era mais vincado, menos abstrato. Desta vez, sentiu tratar-se de uma verdadeira despedida.

Willem viajou e, durante os primeiros dias, as coisas correram bem. Depois,

tornaram a piorar. As hienas regressaram, mas o bando tornara-se mais numeroso, e mais voraz e impiedoso ao dar-lhe caça. E, com isso, regressou tudo o resto: recordações de anos sucessivos, que ele julgava amansadas e inofensivas, estavam de novo ao ataque, saltando e uivando diante dele, ensurdecedoras e que era impossível ignorar, infatigáveis na disputa pela sua atenção. Acordava com falta de ar. Acordava e tinha nos lábios nomes de pessoas em quem jurara não tornar a pensar. Revisitava obsessivamente a noite com Caleb, mas em câmara lenta, tão lenta que os poucos segundos à chuva na Greene Street se tornavam horas, a queda na escada se estendia durante dias a fio e a violação no chuveiro e no elevador se arrastava durante semanas. Imaginava-se a agarrar num picador de gelo e a cravá-lo numa orelha ou no cérebro para pôr fim às recordações. Imaginava-se a bater com a cabeça na parede até o crânio se rachar e abrir e a massa cinzenta que guardava deslizar e cair ao chão, gelatinosa e ensanguentada. Tinha fantasias de despejar um bidão de gasolina pela cabeça e acender um fósforo, para que o fogo lhe devorasse a mente. Comprou um conjunto de lâminas de x-ato, pôs três na palma da mão, cerrou os dedos e viu o sangue escorrer para o lavatório enquanto gritava no apartamento silencioso.

Pedi mais trabalho a Lucien, que lho deu, mas não o suficiente. No centro de apoio a artistas, disponibilizou-se para mais horas de aconselhamento legal gratuito, mas não havia turnos disponíveis. Contactou a organização de defesa dos direitos dos imigrantes onde Rhodes exercera *pro bono* e propôs-se como voluntário, mas explicaram-lhe que, de momento, precisavam de colaboradores que falassem mandarim ou árabe, e que preferiam não o fazer perder tempo. Cortava-se cada vez mais e, contornando as cicatrizes com a lâmina, removia pequenas tiras de pele coroadas de lustroso tecido cicatrizado, mas nem isso ajudava. Não era suficiente. À noite, rezava a um deus em que não acreditava havia muitos anos. *Ajuda-me, ajuda-me, ajuda-me*, rogava. Estava desancorado e tinha de pôr um ponto final em tudo aquilo. Não podia fugir eternamente.

Era agosto e Manhattan ficara praticamente ao abandono. Malcolm estava na Suécia, de férias com Sophie; Richard, em Capri; Rhodes, no Maine; e Andy, em Shelter Island («Lembra-te de que estou a duas horas daqui», dissera-lhe antes de viajar, como sempre fazia quando se ausentava em férias. «Se for preciso, apanho o *ferryboat* e estou cá em menos de nada»). O convívio com Harold continuava a ser-lhe insuportável, vê-lo era visitar a degradação que lhe fora infligida, por isso ligou-lhe e explicou que estava com demasiado trabalho e não poderia fazer as habituais férias em Truro. De improviso, comprou passagem para Paris, onde o fim de semana do feriado da primeira segunda-feira de setembro, durante o qual vagueou sozinho pelas ruas, foi longo e solitário. Não contactou nenhum amigo ou conhecido que lá tinha — Citizen, por exemplo, que trabalhava para um banco francês, ou Isidore, seu vizinho de cima na Hereford Street, hoje professor, ou Phaedra, que aceitara dirigir a sucursal parisiense de uma galeria nova-iorquina —, até porque o mais provável era terem viajado.

Estava cansado, exausto. Travar o ataque predador exigia-lhe todas as forças. Por vezes, imaginava que se rendia às criaturas ferozes que o perseguiam, que

caíam sobre ele de garras, bicos e presas a postos, e picavam, rasgavam e arrancavam até o reduzir a nada, e ele consentia.

Regressado de Paris, sonhou que corria por uma planície avermelhada e fendida, que o perseguia uma nuvem negra, e que, embora ele fosse veloz, a nuvem ganhava terreno. A dada altura, ouvia-lhe a vibração e percebia tratar-se de um gigantesco enxame de terríveis insetos ruidosos e viscosos, de pinças como tenazes estendidas em diante. Sabia que, parando, morreria, e, contudo, em pleno sonho, percebeu que não aguentaria correr durante muito mais tempo. Chegou um momento em que deixou de conseguir correr e começou a mancar, como se, mesmo num sonho, a sua realidade se impusesse. De repente, ouviu uma voz desconhecida, porém, calma e assertiva, que lhe falou. *Para*, disse-lhe. *Podes pôr um ponto final no tormento. Não tens de passar por isto.* Estas palavras trouxeram-lhe um tremendo alívio e, exausto, parou abruptamente e voltou-se para a nuvem, que estava a poucos segundos — a escassos metros — de o alcançar, e aguardou que terminasse.

Acordou assustado. Sabia o que aquelas palavras significavam e a ideia era simultaneamente reconfortante e aterrorizadora. Agora, dia após dia, ouvia aquela voz na sua cabeça, que lhe lembrava que podia de facto pôr um ponto final na situação. Era verdade: não tinha de continuar a passar pelo mesmo.

Não era evidentemente a primeira vez que punha a hipótese de se matar: acontecera na instituição, em Filadélfia e depois de Ana morrer. De todas as vezes, algo o travara, embora não recordasse o motivo concreto. Agora, ao fugir das hienas, debatia para consigo: porquê fazer aquilo? Estava tão cansado; queria tanto parar. De alguma maneira, tornara-se reconfortante saber que não tinha de continuar, recordava-lhe que podia escolher, e que, embora o seu subconsciente não obedecesse à consciência, ainda assim, ele comandava a situação.

A título especulativo, começou a refletir sobre o que significaria a sua partida. Em janeiro, depois do seu ano mais lucrativo de sempre na Rosen Pritchard, atualizara o testamento, portanto, essa parte estava em ordem. Teria de escrever cartas a Willem, Harold e Julia, e, talvez menos longas, a Lucien, Richard e Malcolm. Não poderia deixar Andy de fora. Nem JB, a quem teria de escrever a dizer que o perdoava. Depois, poderia partir. Pensava nisso todos os dias e a ideia tornava tudo mais fácil. Dava-lhe fortitude.

Em dado momento, deixou de ser um exercício teórico. Não se lembrava de ter tomado a decisão, mas, depois que o fez, sentiu-se mais leve e livre e menos atormentado. As hienas não tinham deixado de o perseguir, mas agora conseguia ver, lá longe, uma casa com uma porta aberta, e sabia que, alcançando a casa, ficaria em segurança e tudo quanto o perseguia seria derrotado. Os predadores não gostaram, claro — também viam aquela porta na distância e sabiam que ele estava perto de lhes conseguir escapar —, e, dia após dia, a caçada tornava-se mais feroz e o exército de perseguidores no seu encalço, mais numeroso, mais ruidoso e mais persistente. Quanto a ele, o cérebro vomitava recordações, que tudo inundavam — dava por si a revisitar rostos, sensações e incidentes em que não pensara durante muitos anos. Sabores regressavam como se por alquimia. Assaltavam-no odores

sentidos havia décadas. Sabia que o funcionamento da sua pessoa estava comprometido; sabia que, a menos que fizesse alguma coisa, morreria sufocado pelas recordações. Tentara. A sua vida não fora mais do que tentativa atrás de tentativa. Tentara ser outra pessoa, tentara ser melhor, tentara depurar-se. Não conseguira. Tomada a decisão, fascinou-o sentir-se tão esperançado, tal como perceber que poderia ter evitado anos de sofrimento, que podia ter simplesmente posto fim a tudo: podia ter sido o salvador de si mesmo. Nenhuma lei ditava que tinha de continuar a viver; a sua vida continuava a pertencer-lhe para dispor como quisesse. Como lhe escapar isso durante tantos anos? Presentemente, parecia-lhe ser a escolha óbvia. Faltava saber porque demorara tanto tempo a compreender algo que era evidente.

Falou com Harold e, pelo alívio na voz do professor, percebeu que estaria a soar mais normal. Falou com Willem, que lhe disse «Pareces mais animado», e, de novo, o alívio foi perceptível na sua voz.

— Estou, sim — confirmou ele. Sentiu o agulhão da culpa depois de falar com um e outro, mas a decisão estava tomada. Seria melhor assim, tinha a certeza: não trazia nada de bom às vidas deles. Era uma coleção de problemas bizarros, não mais do que isso, e, a menos que de alguma maneira se fizesse parar, consumi-los com as suas necessidades. Exigiria sempre mais, devorando-os até lhes deixar apenas os ossos. Encontrariam maneira de resolver cada dificuldade que eles lhe apresentassem e ele sempre encontraria novas maneiras de os destruir. Estariam de luto durante algum tempo, claro, porque eram pessoas boas — as melhores do mundo —, e ele lamentava que assim tivesse de acontecer, mas acabariam por perceber que tinham ficado melhor depois de ele partir. Dar-se-iam conta de todo o tempo que lhes fora roubado e concluiriam que ele fora um ladrão que lhes sugara a energia e a atenção até à última gota. Tinha esperança de que o perdoariam, de que acabariam por ver que esta era a sua maneira de lhes pedir perdão. Estava a libertá-los. Eram as pessoas que ele mais amava no mundo e é isso que se faz quando se ama alguém: dá-se-lhe a liberdade.

Chegou o dia: uma segunda-feira no final de setembro. Na véspera à noite, ocorreu-lhe que passara quase exatamente um ano desde o espancamento, embora ele não tivesse planeado assim. Foi trabalhar e saiu ao começo da noite, mais cedo do que era habitual. Passara o fim de semana a organizar tudo o que tinha entre mãos e deixara um memorando para Lucien fazendo o ponto da situação de cada dossiê. No apartamento, alinhou na mesa de jantar as várias missivas e uma cópia do testamento. Enviara uma mensagem ao responsável pelo estúdio de Richard explicando que a válvula do autoclismo da sua casa de banho estava avariada e pedindo-lhe que dissesse a Richard — que, tal como Willem, tinha a chave do seu apartamento — para abrir a porta ao canalizador, que viria às nove da manhã, porque ele ia viajar em trabalho.

Despiu o casaco, tirou a gravata, os sapatos e o relógio e foi para a casa de banho. Sentou-se na área do chuveiro e dobrou as mangas. Levava consigo um copo de uísque, que foi bebendo devagar, para dominar os nervos, e um x-ato, que era mais fácil de segurar do que uma lâmina de barbear. Sabia o que tinha de fazer:

três cortes ao longo de cada antebraço, tão fundos quanto possível, acompanhando as veias. Depois, era deitar-se e esperar.

Aguardou um momento. Chorou — não muito, apenas algumas lágrimas — de cansaço, medo e prontidão, porque sabia que estava preparado para partir. Por fim, limpou os olhos e iniciou o que tinha de ser feito. Começou pelo braço esquerdo. Fez o primeiro corte, que lhe doeu mais do que esperava e o fez gritar. Fez o segundo. Bebeu mais um gole de uísque. O sangue era viscoso, mais gelatinoso do que líquido, e brilhante como o mais reluzente breu. Depressa lhe encharcou as calças. Sentia a mão menos firme. Fez o terceiro corte.

Depois de fazer o mesmo no outro braço, deixou-se encostar pesadamente à parede da área do chuveiro. Absurdamente, desejou ter ali uma almofada. Sentia-se aquecido pelo uísque e pelo sangue que, como se fosse a maré enchente, ia formando um lago em volta das suas pernas — interior e exterior unidos, o interior banhando o exterior. Fechou os olhos. No seu enalço, as hienas urraram, raivosas. Adiante, a casa com a porta aberta. Ainda não chegara, mas estava perto e conseguia divisar o interior e uma cama onde poderia descansar, onde se deitaria para dormir depois de tão longa corrida, e, pela primeira vez na sua vida, estaria a salvo.

Ao entrarem no Nebraska, o irmão Luke parou na berma, junto de um campo de trigo, e pediu-lhe que saísse do carro. Ainda não amanhecera, mas ele já ouvia os pássaros, que chilreavam em resposta a um Sol que ainda não viam. Segurou a mão de Luke e, silenciosos, afastaram-se do carro em direção a uma grande árvore, onde Luke lhe explicou que os irmãos os iam procurar e que tinham de mudar de aparência. Despiu a odiosa túnica e vestiu as roupas que Luke lhe estendeu: uma camisola com capuz e umas calças de ganga. Antes disso, ficou muito quieto enquanto Luke lhe rapava o cabelo com uma máquina de aparar a barba. Os irmãos raramente lhe cortavam o cabelo, daí que naquela altura lhe cobrisse as orelhas, e o irmão Luke foi murmurando pesaroso enquanto lho rapava.

— O teu cabelo tão bonito — lamentou. Embrulhou-o cuidadosamente na túnica, que guardou num saco do lixo. — Pronto, estás igual à maioria dos rapazes, Jude. Quando estivermos longe daqui e em segurança, tornas a deixá-lo crescer, combinado? — Ele fez que sim, mas a verdade era que lhe agradava a ideia de ser igual à maioria dos rapazes. De seguida, ia o irmão Luke mudar de roupa, e ele voltou-se para lhe dar privacidade. — Podes olhar, Jude — disse Luke, rindo, mas ele fez que não. Quando se voltou, o irmão estava irreconhecível. Vestira uma camisa aos quadrados e, como ele, umas calças de ganga. Sorrindo-lhe, começou a tirar a barba. Os pelos grisalhos que iam caindo pareciam lascas de metal. Luke trouxera bonés para os dois e forrara o seu com uma peruca aloirada que lhe escondia a careca. Por fim, os óculos: os seus, de armação preta, redondos e com lentes a fingir; os do irmão Luke, de armação castanha, grandes, retangulares e com lentes grossas, como os seus óculos verdadeiros, que pôs no saco do lixo. Poderia parar de usar os óculos quando estivessem a salvo, explicou-lhe.

Estavam a caminho do Texas, onde iriam construir a sua cabana. Sempre achara que o Texas era uma vastidão plana e poeirenta, apenas céu, estrada e mais nada, e

o irmão Luke confirmou que assim era, mas que, nalgumas zonas — o Texas Oriental, por exemplo, onde ele nascera —, havia florestas de espruces e cedros.

Entraram no Texas depois de dezanove horas na estrada. Podiam ter chegado antes, mas, a meio da viagem, o irmão Luke saiu da estrada e parou, explicando que precisava de descansar, e dormiram durante várias horas. O irmão Luke trouxera sanduíches de manteiga de amendoim para os dois e fizeram uma segunda paragem no Oklahoma, para as comerem no estacionamento de uma área de serviço.

Depois das descrições do irmão Luke, o Texas da sua imaginação, feito de bolas do deserto e torrões de relva, tornou-se uma paisagem densa de pinheiros fragrantes, tão altos que abafavam todos os sons e os isolariam de tudo e todos, por isso, quando Luke anunciou que estavam oficialmente no Texas e ele olhou pela janela, ficou desapontado.

— E as florestas? — perguntou.

O irmão Luke deu uma gargalhada.

— Um pouco mais de paciência, Jude.

Teriam de ficar uns dias no motel, explicou-lhe, para se certificarem de que os irmãos não vinham atrás deles, mas também enquanto procurava o sítio perfeito para construírem a cabana. O motel era o Golden Hand. No quarto, tinham duas camas, camas de verdade, e o irmão Luke deixou-o escolher a sua. Ficou do lado da casa de banho e o irmão Luke, do lado da janela, o que lhe permitia vigiar o carro.

— Porque não tomas um duche enquanto eu vou às compras? — sugeriu Luke, e ele ficou subitamente assustado. — O que foi, Jude?

— Vai voltar? — perguntou, detestando o seu tom amedrontado.

— Claro que sim, Jude — assegurou o irmão, que o abraçou. — Claro que volto.

Regressou com um pão fatiado, um frasco de manteiga de amendoim, um cacho de bananas, um pacote de leite, outro de amêndoas, cebolas, pimentos e peitos de frango. Ao cair da noite, saíram para o estacionamento e grelharam a cebola, os pimentos e os peitos de frango num pequeno *hibachi*, e Luke serviu-lhe um copo de leite.

O irmão Luke definiu uma rotina diária: acordavam antes do nascer do Sol, e, tendo trazido uma cafeteira, preparava um termos. Metiam-se na carrinha a caminho da cidade e o irmão Luke levava-o à escola secundária e deixava-o correr durante uma hora, sentando-se nas bancadas ao sol e ficando a observá-lo enquanto bebia o seu café. Regressavam ao motel para as suas lições. O irmão Luke fora professor de Matemática antes de ingressar no mosteiro. Posteriormente, tivera vontade de trabalhar com crianças e lecionara o sexto ano. Além da matemática, tinha conhecimentos de História, literatura, música e línguas. Sabia muito mais do que qualquer dos outros irmãos e isso fê-lo perguntar-se porque nunca fora Luke seu professor enquanto viviam no mosteiro. Almoçavam — de novo, sanduíches de manteiga de amendoim — e seguiam-se mais lições. Paravam às três da tarde e ele podia ir correr no estacionamento ou faziam uma caminhada pela estrada. O motel ficava numa interestadual e os carros passavam velozmente a

qualquer hora. Nunca havia silêncio.

— É como viver junto do mar — dizia muitas vezes o irmão Luke.

No fim da tarde, preparava o terceiro termos de café e saía para ir estudar possíveis localizações para a cabana. Ele ficava no motel e, para sua segurança, o irmão trancava-o no quarto.

— Não respondas a ninguém, ouviste? — recomendava. — Seja quem for. Tenho a chave, portanto, não tenho de bater para entrar. E não abras as cortinas; não quero que vejam que estás aqui sozinho. Anda muita gente perigosa à solta neste mundo e não quero que te façam mal. — Invocando a mesma razão, não o deixava usar o seu computador, que, de qualquer maneira, levava consigo quando saía. — Não sabemos quem anda por aí — explicava. — Quero-te em segurança, Jude. Promete-me que fazes como eu pedi. — E ele prometia.

Deitava-se e lia: Luke proibira-o de ver televisão e, quando chegava, verificava se o aparelho estava quente, e ele não queria contrariar o irmão Luke, queria ser obediente. Além disso, Luke trouxera um piano portátil, com que ele se podia distrair. O irmão Luke não precisava de se zangar para que ele levasse muito a sério cada recomendação que ouvia. Ainda assim, quando anoitecia, dava por si sentado na beira da cama do irmão Luke, a entreabrir as cortinas para espreitar o estacionamento em busca da carrinha. O medo de o irmão Luke não regressar estava sempre presente. Talvez se tivesse cansado dele e o fosse abandonar ali. Desconhecia quase tudo a respeito do mundo, que era um lugar assustador. Tentava recordar a si mesmo que sabia fazer várias coisas e podia trabalhar — limpar o motel, por exemplo —, mas a sua ansiedade não desaparecia até ver a carrinha chegar, e, nessa altura, enchia-se de alívio e prometia a si mesmo que faria melhor no dia seguinte. Jamais daria algum motivo ao irmão Luke para não regressar.

Certa noite, o irmão entrou e parecia muito cansado. Poucos dias antes, regressara empolgado e explicara ter encontrado o sítio perfeito para a cabana. Descrevera uma clareira rodeada de pinheiros e cedros, perto da qual passava um riacho onde havia muito peixe. Era um lugar fresco e tão sossegado, dissera o irmão Luke, que se ouviam as pinhas cair ao chão macio. Mostrara-lhe uma fotografia, onde ele apenas vira sombras e manchas verde-escuras, indicara onde ficaria a cabana e explicara de que maneira ele ajudaria na construção. O seu quarto, descrevera, ficaria em cima e seria o seu forte secreto onde ninguém entraria.

— O que foi, irmão Luke? — perguntou, depois de o silêncio se prolongar tanto que se tornou insuportável.

— Ai, Jude — lamentou-se o irmão. — Não consegui. — Explicou-lhe que usara todos os argumentos possíveis para comprar o terreno, mas que não tinha a quantia que o dono pedia. — Desculpa, Jude, estou desolado — disse, e começou a chorar, o que o deixou espantado.

Nunca vira um adulto chorar.

— Talvez possa voltar a dar aulas, irmão Luke — sugeriu, tentando consolá-lo. — Gosto das suas lições. Se fosse um menino na escola, ia gostar de ser seu aluno.

— Sorrindo ligeiramente, o irmão afagou-lhe o cabelo e explicou que as coisas não funcionavam assim, que teria de ser autorizado pelo Estado e que era um processo moroso e complicado.

Puxou e puxou pela cabeça. Por fim, ocorreu-lhe uma solução.

— Irmão Luke — disse —, *eu* posso ajudar. Posso trabalhar. Posso ajudar a juntar esse dinheiro.

— Não, Jude — recusou o irmão. — Não posso permitir isso.

— Mas eu quero — insistiu ele. Ao lembrar-se de o irmão Michael lhe ter dito que acolherem-no no mosteiro lhes saía muito caro, sentiu-se simultaneamente culpado e receoso. O irmão Luke ajudara-o muito e ele nada fizera em troca. Não só o queria ajudar a juntar dinheiro para o terreno como tinha de o fazer.

Depois de ele muito insistir, Luke acabou por aceitar e abraçou-o.

— És um rapazinho excecional, sabes? — disse-lhe. — És muito especial. — E, com a cara escondida na camisola de malha do irmão, ele sorriu.

No dia seguinte, teve as lições, como de costume, e, no fim, o irmão tornou a sair, desta vez, explicou, para lhe conseguir um bom trabalho, algo que pudesse fazer de maneira a ajudá-los a juntar o dinheiro necessário para comprar o terreno e construir a cabana. Desta vez, Luke regressou sorridente, mais do que isso, empolgado, e, vendo-o, ele empolgou-se também.

— Jude — anunciou o irmão —, conheci uma pessoa que te quer dar trabalho. Está à espera aqui fora e podes começar agora mesmo.

Ele sorriu.

— Vou fazer o quê? — perguntou. No mosteiro, aprendera a varrer, a limpar o pó e a lavar com a esfregona. Sabia encerar com tal perfeição que até o irmão Matthew ficara impressionado. Sabia polir prata, bronze e madeira. Sabia limpar entre os ladrilhos e deixar uma sanita limpa e reluzente. Sabia limpar as sarjetas entupidas de folhas secas, tirar os ratos mortos das ratoeiras e tornar a armá-las. Sabia lavar vidros e lavar roupa à mão. Sabia passar a ferro, coser botões e fazer costuras tão perfeitas que pareciam feitas à máquina.

Sabia cozinhar. Receitas completas, saberia uma dúzia, não mais, mas aprendera a lavar e descascar batatas, cenouras e couve-nabiça. E conseguia picar uma montanha de cebolas sem lhe cair uma lágrima. Sabia tirar a espinha do peixe sem o desmanchar e sabia depenar uma galinha e tirar-lhe as vísceras. Sabia amassar e cozer pão. Sabia bater claras em castelo tão bem que, mais do que solidificar, se tornavam ar moldado.

Também sabia cuidar de um jardim. Sabia quais as plantas que precisavam de sol e quais as que deviam ser resguardadas dos seus raios. Sabia ver quando uma planta estava ressequida ou quando o excesso de água a estava a matar. Sabia quando uma árvore ou arbusto precisavam de ser mudados de vaso e quando tinham robustez suficiente para passar ao solo. Sabia quais as plantas que tinham de ser protegidas do frio e como se fazia isso. Sabia cortar ramos e fazê-los desenvolver raízes para originar novas plantas. Sabia fazer fertilizante e misturar cascas de ovo no solo para o enriquecer com proteínas, e matar o pulgão sem matar a folha que lhe servia de pouso. Sabia fazer todas estas coisas, mas queria muito

que fosse um trabalho de jardinagem, que lhe permitiria estar ao ar livre. Durante as corridas matinais, sentia que o verão estava a chegar, e, na carrinha, a caminho do liceu e da pista de atletismo, vira os campos cheios de flores e era lá que queria estar.

O irmão Luke ajoelhou-se diante dele.

— Vais fazer o que fazias com o padre Gabriel e alguns dos irmãos — revelou, e, devagar, ele compreendeu o que Luke lhe estava a dizer e recuou para a cama porque o medo o inundara como se o fosse paralisar. — Jude, desta vez, vai ser diferente — assegurou Luke, antes que ele pudesse dizer uma palavra. — Será durante muito pouco tempo, juro. E tu sabes fazer tão bem. Eu fico na casa de banho para assegurar que nada corre mal, de acordo? — Afagou-lhe o cabelo. — Anda cá — chamou, e segurou-o nos braços. — És um miúdo fantástico — disse-lhe. — Graças a ti e ao que vais fazer, vamos poder ter a nossa cabana, combinado? — O irmão Luke continuou a dizer-lhe estas coisas até ele finalmente ceder.

O homem entrou (muitos anos depois, seria uma de pouquíssimas caras que não esquecera, e cruzar-se-ia ocasionalmente com homens que julgaria reconhecer, e pensaria: *De onde o conheço? Terá sido em tribunal? Não era o advogado da outra parte naquele caso há um ano?* Até que lhe ocorreria: *É parecido com o primeiro deles todos, o meu primeiro cliente*), Luke foi para a casa de banho, que ficava por trás da cama, ele e o homem fizeram sexo e o homem foi-se embora.

Nessa noite, mal falou e Luke foi brando e carinhoso com ele. Comprara-lhe uma bolacha de gengibre e ele tentou sorrir e quis comer a guloseima, mas não conseguiu, e, num momento em que Luke estava distraído, embrulhou-a num pedaço de papel e pô-la no lixo. No dia seguinte, não quis ir correr de manhã, mas Luke insistiu, dizendo que o exercício o deixaria bem-disposto. Foram e ele tentou correr, mas doía-lhe muito, por isso acabou por se sentar e ali ficou até Luke dizer que se podiam ir embora.

A rotina diária mudou: continuava a ter lições de manhã e à tarde, mas havia noites em que o irmão Luke regressava com homens — os seus clientes. Uma vez, era apenas um. Outras, vários. Cada um trazia a sua toalha e lençóis, fazia a cama, e, no fim, levava-os consigo.

Tentava com todas as forças não chorar à noite, mas, quando acontecia, o irmão Luke vinha sentar-se com ele, afagava-lhe as costas e reconfortava-o.

— Quantos faltam para podermos ter a cabana? — perguntava, mas, pesaroso, Luke limitava-se a abanar a cabeça.

— Só vou conseguir responder a essa pergunta daqui por uns tempos — respondia. — Mas estás a sair-te otimamente, Jude. Tens tanto jeito. Não é nada de que te devas envergonhar. — Mas ele *sabia* que havia algo de vergonhoso em tudo aquilo. Jamais alguém lho dissera, mas ele sabia. Sabia que aquilo que estava a fazer era errado.

Depois de alguns meses (e muitos motéis, porque deixavam cada um ao fim de cerca de dez dias; já tinham corrido grande parte dos que havia no Texas Oriental e, de cada vez que se tornavam a mudar, Luke levava-o à floresta, que era magnífica, sem dúvida, e mostrava-lhe novamente a clareira onde teriam a

cabana), as coisas tornaram a mudar. Era noite (Nessa semana, não houvera clientes. «São umas feriazinhas» explicara Luke, sorridente. «Toda a gente precisa de descansar, sobretudo alguém que trabalha tanto como tu.»), estava estendido na sua cama, e, do nada, Luke perguntou:

— Tu amas-me, Jude?

Hesitou. Quatro meses antes, teria respondido prontamente que sim, orgulhoso do que sentia e sem ter de pensar. Mas agora... *Amaria* o irmão Luke? Era uma pergunta que fazia a si mesmo muitas vezes. Queria amar o irmão Luke. Luke nunca o magoara, nunca lhe batera e jamais lhe dissera uma palavra cruel. Cuidava dele. Estava sempre do outro lado da parede para garantir que nada lhe acontecia. Na semana anterior, um cliente quisera obrigá-lo a fazer algo que o irmão Luke lhe assegurara que nunca teria de fazer se não quisesse, e ele debaterase e tentara gritar, mas o homem cobrira-lhe a cara com uma almofada e ele sabia que os seus gritos não se ouviam. Estava frenético e chorava quase convulsivamente, e, de repente, deixou de sentir a almofada em cima da cara, deixou de sentir o peso do homem em cima de si, e viu o irmão Luke dizer ao homem que saísse dali num tom que nunca lhe ouvira e que o assustou e impressionou.

Por outro lado, algo lhe dizia que não devia amar Luke e que o irmão lhe fizera uma coisa errada. Mas não era verdade. Ele aceitara fazer aquilo; iam ter a cabana na floresta, ele ia ter o seu quarto em cima e era por isso que fazia aquelas coisas. Respondeu ao irmão que sim, que o amava.

Ficou momentaneamente feliz ao ver o irmão Luke sorrir como se ele acabasse de lhe oferecer a cabana já construída.

— Oh, Jude... — murmurou Luke. — Não me podias ter dado maior presente. Fazes ideia de como eu te amo? Amo-te mais do que a mim mesmo. Penso em ti como meu filho. — Isto fê-lo sorrir, porque, de vez em quando, imaginava secretamente que Luke era seu pai, e ele, seu filho. «O teu pai disse que tens nove anos, mas pareces mais velho», dissera-lhe um cliente, desconfiado, antes de começarem, e, ao responder tal como Luke lhe dissera que respondesse — «Sou alto para a minha idade» —, ele sentira alegria por o cliente julgar que Luke era seu pai, mas, ao mesmo tempo, sentira-se estranhamente incomodado.

O irmão Luke explicou-lhe que, quando duas pessoas se amavam tanto como eles dois se amavam, dormiam nuas na mesma cama. Não soube o que responder, mas, antes que tivesse tempo de pensar nalguma coisa para dizer, o irmão Luke veio para a sua cama, despiu-o e beijou-o. Era o seu primeiro beijo — o irmão Luke não deixava os clientes fazerem aquilo — e não gostou da sensação molhada e intrusiva.

— Descontraí-te — disse-lhe Luke. — Relaxa, Jude. — Ele tentou.

Da primeira vez que o irmão fez sexo com ele, explicou-lhe que não sentiria o mesmo que sentia com os clientes.

— Porque nós dois nos amamos — justificou, e ele acreditou, e, quando afinal sentiu o mesmo (a dor, a dificuldade, o desconforto e a vergonha eram iguais), convenceu-se de que estava a fazer alguma coisa mal, sobretudo porque, quando

terminou, o irmão parecia muito feliz. — Não foi tão bom? — perguntou-lhe. — É diferente do que sentes com os clientes, não é? — Ele fez que sim, cheio de vergonha de confessar que fora exatamente igual e tão horrível como com o cliente da véspera.

O irmão Luke não o procurava para sexo se ele estivera com clientes nessa noite, mas dormiam juntos e beijavam-se. Passara a haver a cama para se deitar com os clientes e a cama só deles dois. Começou a detestar o hálito a café repassado de Luke e a sua língua viscosa como um verme a querer alojar-se dentro dele. Por vezes, noite adentro, com o irmão adormecido ao seu lado e a encurralá-lo contra a parede com o seu peso, chorava sem fazer barulho e rezava a pedir para ser levado, não importava para onde, apenas não queria estar ali. Deixara de pensar na cabana. Sonhava com o mosteiro e concluía que a fuga fora uma estupidez. Estaria melhor se tivesse continuado lá. De manhã, saíam e cruzavam-se com pessoas, e o irmão Luke dizia-lhe que olhasse para o chão, porque tinha uns olhos invulgares, e, se os irmãos andassem à sua procura, bastaria descreverem os seus olhos e depressa os encontrariam. E, por vezes, ele tinha vontade de erguer os olhos, na esperança de que a sua cor e formato telegrafassem uma mensagem, que, viajando muitos quilómetros, atravessaria vários Estados e chegaria aos irmãos: *Estou aqui. Ajudem-me. Por favor, deixem-me voltar.* Já nada tinha de seu, fossem os olhos, a boca ou o próprio nome, que o irmão Luke usava apenas em privado. Diante de outros, ele era o Joey.

— Este é o Joey — dizia o irmão Luke, e ele levantava-se da cama, e, de olhos no chão, aguardava que o cliente o inspecionasse.

Gostava das lições; durante essas horas, o irmão Luke não lhe tocava e tornava a ser a pessoa que ele recordava do mosteiro, aquele em quem confiara e que quisera seguir. Mas a última lição do dia terminava e cada noite acabava tal como a anterior.

Tornou-se cada vez mais calado.

— Onde está o meu rapazinho risonho? — perguntava o irmão, e ele tentava sorrir-lhe de volta. — Não faz mal gostares — dizia-lhe Luke de vez em quando, e ele assentia, e o irmão sorria-lhe e massajava-lhe as costas. — Tu gostas, não gostas? — perguntava, e piscava-lhe o olho, e, mudo, ele fazia que sim. — Eu consigo perceber — continuava Luke, ainda a sorrir, orgulhoso. — Nascestes para isto, Jude. — Alguns clientes diziam-lhe o mesmo («Tu nasceste para isto») e, por mais que odiasse fazer aquelas coisas, sabia que eles tinham razão. Nascera para aquilo, sim. Nascera, fora abandonado e encontrado, e era usado da maneira que nascera para ser usado.

Anos mais tarde, tentaria recordar o momento em que certamente compreendeu que a cabana jamais seria construída e que jamais teria a vida sonhada. Quando aquilo começara, fora contando os clientes, convencido de que, atingido determinado número — quarenta? cinquenta? —, não teria de continuar, porque já teriam o dinheiro de que precisavam. Mas os clientes não paravam de se somar, até que ele calculou quantos já tinham sido, e, confrontado com o número, começou a chorar, tão assustado e enojado com as coisas que fizera que parou de os

contar. Terá sido quando atingiu o número que previra? Ou foi quando deixaram o Texas, depois de Luke lhe garantir que as florestas eram mais bonitas em Washington? Seguiram para oeste, atravessaram o Novo México e o Arizona, depois continuaram para norte. Chegavam a uma cidade afastada e ficavam por lá durante algumas semanas. Cada motel barato era uma réplica do primeiro onde tinham estado e, onde parassem, havia sempre homens, e, nas noites em que não havia homens, havia o irmão Luke, que parecia ter vontade dele como ele jamais tivera vontade de coisa alguma. Terá sido quando percebeu que odiava as semanas de férias mais ainda do que as semanas normais, porque o regresso à rotina era ainda mais horrível do que se não tivesse parado? Terá sido quando se começou a dar conta das inconsistências nas histórias do irmão Luke, que, por vezes, não tivera um filho, mas um sobrinho, que não morrera, antes fora viver noutro lado, e que ele não tornara a ver? Uma vez, parara de dar aulas porque deus o chamara a ingressar no mosteiro. Outras, cansara-se dos desentendimentos constantes com o diretor da escola, que, ao contrário de si, nitidamente não gostava de crianças. Tanto calhava dizer-lhe que crescera no Texas Oriental como, noutras versões, a sua infância fora passada em Carmel, Laramie ou Eugene.

Terá sido no dia em que atravessaram o Utah a caminho do Idaho, rumo a Washington? Raramente se aventuravam pelas grandes cidades (na sua América, não havia árvores nem flores, apenas estrada sem fim e a *cattleya*, a única planta trazida pelo irmão Luke que sobrevivera, teimando em resistir e deitar folhas, embora não florescesse), mas, por uma vez, fizeram isso, porque o irmão Luke tinha ali um amigo médico a quem ia pedir que o examinasse, porque saltava à vista que ele apanhara alguma coisa de algum cliente, apesar das precauções que o irmão Luke os obrigava a ter. Não viu como se chamava a cidade, mas quase se sobressaltou com aquela normalidade, com a vida a decorrer à sua volta, e, em silêncio, ficou a olhar pela janela, vendo cenas que sempre imaginara, mas raramente vira: mulheres com carrinhos de bebé paradas à conversa e a rir divertidas; praticantes de corrida ofegantes do esforço; famílias com cães — um mundo feito não apenas de homens, mas também de mulheres e crianças. Quando iam na estrada, normalmente aproveitava para dormir — passara a dormir a toda a hora, vivia à espera do fim de cada dia —, mas, dessa vez, ficou atento, como se sentindo que o mundo lhe queria dizer alguma coisa, tendo ele apenas de escutar a mensagem.

O irmão Luke ia tentando orientar-se pelo mapa enquanto conduzia, mas, por fim, viu-se obrigado a encostar e ficou a estudar o trajeto enquanto resmungava para consigo. Do outro lado da estrada, havia um campo de baseball, que, perante o seu olhar, se começou a encher de gente de um momento para o outro — mulheres, sobretudo, depois rapazes que corriam e gritavam. Vestiam todos de branco com listras vermelhas, mas, apesar do uniforme, eram todos diferentes, mudando os cabelos, a cor dos olhos e a cor da pele. Havia os magricelas, como ele, enquanto outros eram gordos. Nunca vira tantos rapazes da sua idade juntos e não conseguia parar de os observar. Por fim, deu-se conta de que, embora fossem todos diferentes, na verdade, nada os distinguia: todos sorriam e riam, felizes por

estar ao ar livre e porque o dia estava quente e seco, o Sol brilhava e as suas mães tinham trazido geleiras com refrigerantes, águas e sumos.

— Ah! Já sei onde estamos! — ouviu Luke exclamar, dobrando o mapa. E então, antes de pôr novamente o motor da carrinha a trabalhar, seguiu-lhe a direção do olhar, sentiu ele, e, durante alguns momentos, ficaram os dois a observar aqueles rapazes sem dizer uma palavra, até que o irmão Luke lhe afagou os cabelos. — Eu amo-te, Jude — disse-lhe, e, passados instantes, ele deu a mesma resposta de sempre («Eu também o amo, irmão Luke») e arrancaram.

Era igual àqueles rapazes, mas, na verdade, não era. Era diferente. Nunca seria um deles. Jamais correria num campo desportivo enquanto a mãe o chamava e lhe dizia para comer antes do jogo, para aguentar até ao fim. Jamais teria a sua cama na cabana. Jamais se limparia da imundície. Aqueles rapazes estavam naquele campo desportivo e ele estava na carrinha do irmão Luke, a caminho do médico, que, sabia de antemão, porque houvera visitas a outros médicos, teria algo de escuso, não sendo, sentiria ele, uma boa pessoa. Não estava mais perto daqueles rapazes do que estava do mosteiro, tal como se perdera de si mesmo e daquele que sonhara ser. Já nem sequer se sentia um rapaz. Tornara-se outra coisa. Agora, a sua vida era aquela e nada podia fazer.

Ao pararem diante do consultório, Luke inclinou-se e apertou-o nos braços.

— Esta noite, vamos divertir-nos só nós dois — disse-lhe, e ele anuiu, porque não podia fazer outra coisa. — Vamos — apressou-o Luke, soltando-o, e ele saiu do carro e seguiu-o pelo estacionamento até uma porta castanha que já se ia abrindo para os deixar entrar.

A primeira imagem: um quarto de hospital. Soube que estava num quarto de hospital antes de abrir os olhos, porque havia os cheiros e porque reconheceu aquele silêncio — um silêncio que não era exatamente silencioso. Ao seu lado: Willem, adormecido num cadeirão. Ficou confuso. O que fazia Willem ali? Não viajara? *Estava no Sri Lanka*, lembrou-se de seguida. Mas não. Estava ali. *Que estranho*, pensou. *O que faz ele aqui?* Eis a primeira memória que guardou.

A segunda: o mesmo quarto de hospital. Voltou a cabeça e viu Andy sentado na beira da cama. Tinha a barba por fazer e estava com péssimo aspeto, e abriu um sorriso esquisito e nada convincente. Sentiu-o afagar-lhe a mão — só nesse momento percebeu que a tinha — e quis apertar a de Andy, mas não conseguiu. Andy ergueu o olhar para alguém.

— Houve nervos afetados? — ouviu-o perguntar.

— Talvez — respondeu a outra pessoa, que ele não conseguia ver —, mas, com alguma sorte, deve ser... — Fechou os olhos e tornou a adormecer. Eis a sua segunda memória.

A terceira, quarta, quinta e sexta memórias mal chegavam a sê-lo. Resumiam-se a rostos, mãos e vozes que se acercavam do seu rosto, lhe seguravam a mão e lhe falavam: Harold, Julia, Richard e Lucien. Idem para a sétima e oitava: Malcolm e JB.

A nona memória: de novo Willem, sentado ao seu lado, a pedir-lhe desculpa, mas tinha de ir. Seria por pouco tempo, depressa regressaria. Estava a chorar e ele

não percebeu porquê, mas não estranhou demasiado, porque todos eles choravam; choravam e pediam-lhe desculpa, o que o deixava perplexo, porque nenhum deles fizera alguma coisa que o justificasse — pelo menos isso, ele sabia. Quis dizer a Willem que não chorasse, que ele estava bem, mas a língua parecia pesar-lhe uma tonelada, não conseguia fazê-la obedecer, tornara-se inútil, teria dado no mesmo ter um bloco de pedra na boca. Willem segurava-lhe a mão, e ele quis afagar-lhe o braço e descansá-lo, mas não teve força para erguer a outra e acabou por desistir.

A décima memória: continuava no hospital, mas mudara de quarto e sentia-se muito cansado. Doíam-lhe os braços. Segurava uma bola de espuma em cada mão e tinha de as apertar durante cinco segundos, seguindo-se cinco de descanso. Depois, apertá-las outra vez durante cinco segundos, e outros cinco de descanso. Não recordava quem lhe explicara o exercício ou quem lhe dera as bolas de espuma, mas fazia como lhe fora dito, ainda que, de cada vez que as apertava, os braços lhe doessem mais um pouco. Era uma dor que o queimava e o parecia deixar em carne viva, e, ao fim de três ou quatro vezes, ficou exausto e teve de parar.

Por fim, chegou uma noite em que acordou como se viesse à tona num oceano de camadas de sonhos de que não se lembrava, e compreendeu onde estava e porquê. Tornou a adormecer, mas, no dia seguinte, voltou a cabeça e viu um homem sentado numa cadeira ao lado da sua cama. Não sabia quem ele era, mas já o vira ali. Costumava vir sentar-se à sua cabeceira, ficava a observá-lo, e, por vezes, falava-lhe, mas ele nunca conseguia concentrar-se no que o homem lhe estava a dizer e acabava por fechar os olhos.

— Estou num hospital psiquiátrico — conseguiu dizer dessa vez, e estranhou aquela voz rouca e esganiçada, que não era a sua.

O homem sorriu.

— Estás na unidade de internamento de psiquiatria de um hospital — corrigiu. — Lembras-te de mim?

— Não — respondeu ele. — Mas sei que já o vi.

— Sou o Dr. Solomon. Sou psiquiatra e trabalho nesta casa. — Silêncio. — Sabes porque estás aqui?

Fechou os olhos e assentiu.

— O Willem, onde está? — perguntou. — E o Harold?

— O Willem teve de regressar ao Sri Lanka para terminar a rodagem — explicou o médico. — Regressa a... — Ouviu-o passar páginas do bloco. — Nove de outubro. Dentro de dez dias, portanto. O Harold vem ao meio-dia. É a hora a que tem vindo sempre, não te lembras? — Abanou a cabeça. — Jude — disse o Dr. Solomon —, sabes dizer-me porque estás aqui?

— Porque — começou ele a responder, e teve de parar e engolir. — Por causa do que fiz no duche.

Novo silêncio.

— Isso mesmo — confirmou o médico, sereno. — Jude, és capaz de me dizer o que te levou... — Foi tudo o que ouviu, porque tornou a adormecer.

Quando voltou a acordar, aquele homem já ali não estava, e em seu lugar

estava Harold.

— Harold — murmurou, naquela sua estranha nova voz, e Harold, de cotovelos apoiados nas coxas e com a cara escondida nas mãos, levantou a cabeça tão bruscamente como se ele tivesse gritado.

— Jude — disse, e veio sentar-se ao seu lado na cama. Segurou a bola de espuma que ele tinha na mão direita, substituindo-a pela sua mão.

Harold estava com uma cara horrível, ocorreu-lhe.

— Desculpe, Harold — disse, e Harold começou a chorar. — Não chore — pediu ele. — Por favor, não chore. — Harold levantou-se e foi à casa de banho e ele ouviu-o assoar-se.

Nessa noite, quando ficou sozinho, também chorou. Não por ter feito o que fizera, mas porque não fora bem-sucedido, porque afinal sobrevivera.

A névoa diminuía ligeiramente de dia para dia. Dia após dia, conseguia ficar acordado durante mais alguns minutos do que no dia anterior. Na maior parte do tempo, não sentia nada. Vinham vê-lo e choravam e ele observava-os e não fazia mais do que inteirar-se dos seus rostos estranhamente franzidos. Todos faziam a mesma cara ao chorar: ficavam de narizes a pingar e músculos raramente usados repuxavam-lhes os lábios em direções que pareciam erradas e imobilizavam-nos em posições esquisitas.

Não pensava em coisa nenhuma, a sua mente tornara-se uma folha em branco. Pouco a pouco, foi-se inteirando do que acontecera: o responsável pelo estúdio de Richard fizera confusão com a hora e pensara que o canalizador iria lá às nove dessa noite, e não às nove da manhã do dia seguinte (o seu cérebro entorpecido perguntou-se como pudera alguém pensar que um canalizador iria lá às nove da noite); Richard dera com ele no duche, chamara uma ambulância e seguira com ele para o hospital; ligara a Andy, Harold e Willem; Willem viera de Colombo para ficar à sua cabeceira. Mais do que tudo o resto, lamentava que tivesse sido Richard a encontrá-lo, como era inevitável que acontecesse (essa parte do plano deixara-o desconfortável desde o começo, mas levava em conta a elevada tolerância de Richard à visão do sangue, que chegara a usar como material escultórico, sendo portanto o seu amigo que mais dificilmente ficaria traumatizado), e pediu-lhe perdão, e Richard afagou-lhe a mão e disse que não fazia mal, que estava tudo bem.

O Dr. Solomon vinha sentar-se com ele diariamente e tentava conversar, mas ele não tinha muito para dizer. O mais das vezes, não vinham com ideias de falar com ele. Chegavam, sentavam-se e aproveitavam para trabalhar, ou falavam-lhe, mas sem esperar resposta, parecia-lhe, e ainda bem. Lucien já lhe fizera várias visitas e trazia quase sempre qualquer coisa para lhe dar (trouxera-lhe um cartão de grande formato com mensagens de melhores, assinado pelo escritório inteiro; «Imagino que isto seja remédio santo para te animares», disse, irónico, «mas aqui tens»), e Malcolm fez-lhe uma das suas maquetas imaginárias, uma casa com janelas de papel velino, que ficou a enfeitar a mesa de cabeceira. Willem ligava-lhe todos os dias de manhã e à noite. Harold leu-lhe *O Hobbit*, que ele nunca lera, e, quando Harold não podia vir, vinha Julia, que retomava a leitura onde Harold

ficara. Eram as suas visitas favoritas. Andy aparecia todos os dias ao anoitecer, fora do horário de visitas, e jantava com ele. Preocupava-o que ele não andasse a comer como devia, por isso, escolhia o prato e chegava com duas doses. Trouxe-lhe sopa de carne com cevada, mas ele ainda não tinha força para segurar a colher, e então, sem pressas, Andy deu-lhe uma colher de sopa atrás da outra até ele terminar. Outrora, teria sentido embaraço, mas já não queria saber. Abria a boca, aceitava a comida, que não lhe sabia a nada, mastigava e engolia.

— Quero ir para casa — pediu uma noite, enquanto Andy comia a sua sanduiche de peru.

Andy acabou de mastigar e engoliu, e só depois olhou para ele.

— Ah sim?

— Sim — confirmou ele. Não lhe ocorria mais nada para dizer. — Quero ir-me embora daqui. — Preparou-se para ouvir uma resposta sarcástica, mas, pensativo, Andy apenas fez que sim.

— OK — disse. — OK. Eu falo com o Solomon. — Tentou um sorriso e saiu-lhe um esgar entristecido. — Come a tua sandes.

— Ouvi dizer que queres ir para casa — disse-lhe o Dr. Solomon no dia seguinte.

— Parece que estou aqui há séculos — explicou ele.

O Dr. Solomon ficou silencioso.

— Estás aqui há *algum* tempo, de facto — confirmou. — Atendendo ao teu historial de autolesões e à gravidade desta tentativa, o Andy, que é o teu médico, e os teus pais acharam que era o mais aconselhável.

Ponderou o que ouvira.

— Portanto, se tivesse sido uma tentativa menos grave, já estaria em casa, é isso? — Era uma ideia tão perfeitamente lógica que quase de certeza não se traduzia na prática.

O Dr. Solomon abriu um sorriso.

— Talvez — respondeu. — Não sou inteiramente adverso à possibilidade de te darmos alta, Jude, mas creio que se impõem algumas medidas de segurança. — Fez uma pausa. — E devo dizer que não acho bom sinal não te dispores a discutir o que motivou esta tentativa. O Dr. Contractor, perdão, o Andy, diz-me que sempre te recusaste a fazer terapia. Podes explicar-me porquê? — Ficou calado e o psiquiatra tão-pouco falou durante alguns instantes. — O teu pai comentou que, há um ano, estiveste numa relação abusiva, e que os efeitos ainda se fazem sentir. — prosseguiu, e ele sentiu-se gelar. Resolvido a não responder, fechou os olhos, e, por fim, ouviu o Dr. Solomon erguer-se para sair. — Até amanhã, Jude — disse, e deixou o quarto.

Quando finalmente se capacitaram de que ele não estava disposto a falar do que fizera, mas que também não estava capaz de fazer nova tentativa, teve alta, porém, com algumas condições: ficaria com Julia e Harold; recomendavam vivamente que continuasse a fazer medicação, embora pudesse passar a uma dosagem mais suave; recomendavam categoricamente que comesse a fazer terapia duas vezes por semana; teria consulta semanal com Andy; e tiraria uma

licença sem vencimento, tendo tudo sido já tratado com a firma. Aceitou todas as condições. Assinou o termo de responsabilidade — ainda mal conseguia segurar a caneta — por baixo de Andy, do Dr. Solomon e de Harold.

Harold e Julia levaram-no para Truro, onde já se encontrava Willem. Deitava-se cedo e dormia um sono pesado e, durante o dia, ele e Willem desciam vagarosamente à praia. Era o começo de outubro e estava demasiado frio para entrar na água, mas sentavam-se no areal e contemplavam o horizonte. Por vezes, Willem falava com ele, mas, noutras ocasiões, não dizia nada. Quanto a si, sonhava que o mar gelara, que as ondas se tinham solidificado em movimento, e que, numa praia distante, Willem lhe acenava, enquanto, sob um vento inclemente que lhe levava a sensação das mãos e do rosto, ele trilhava lentamente a vasta camada de gelo que os separava.

Jantavam cedo, em atenção ao seu descanso. As refeições eram simples e de digestão fácil. Sendo carne, um dos três cortava-lha, poupando-o ao esforço de manejar uma faca. Ao jantar, Harold servia-lhe invariavelmente um copo de leite, como se estivesse a lidar com uma criança, e ele bebia-o. Não podia deixar a mesa sem comer pelo menos metade do que lhe punham no prato — nem tão-pouco era ele a servir-se. Não tinha forças para se rebelar, por isso esforçava-se por cumprir as regras.

Estava sempre cheio de frio e, embora se tapasse com vários cobertores, acontecia-lhe acordar a meio da noite a tiritar. No escuro, observava Willem adormecido no sofá-cama, e via as nuvens deslizarem e esconderem o luar, que entrevia entre o aro da janela e o estore, até que tornava a adormecer.

Por vezes, pensava no que fizera e visitava-o o mesmo desgosto que sentira no hospital. Doía-lhe ter fracassado e continuar vivo. Noutras alturas, enchia-se de temor. Agora, sim, tratá-lo-iam de maneira diferente. Agora, sim, era uma aberração — mais ainda do que antes. Voltara à estaca zero; teria de tornar a convencer os demais de que era normal. Pensou na firma, o único lugar onde o seu passado jamais contara. Doravante, correria esta nova história a seu respeito, que não era menos sensacional. Deixaria de ser o mais jovem sócio principal na história da firma (como Tremain por vezes gostava de o apresentar) para se tornar o sócio principal que se tentara suicidar. De certeza que estavam furiosos consigo, ocorreu-lhe. Perguntou-se quem teria ficado com os casos que ele tivera entre mãos semanas antes. Possivelmente, nem precisavam de que ele regressasse. Quem tornaria a querer trabalhar consigo? Quem tornaria a confiar nele?

Rosen Pritchard e todo o escritório passariam a olhá-lo de maneira diferente. A autonomia de que até ali gozara custara-lhe anos de esforço, tivera de provar a todos que a merecia, e, de um momento para o outro, perdera-a. Agora, não era capaz sequer de cortar o bife no seu prato. Na véspera, Willem tivera de lhe apertar os atacadores.

— Isto vai aos poucos, Judy — disse-lhe. — Há de melhorar. O médico disse que é uma questão de tempo. — De manhã, Harold ou Willem barbeavam-no, porque ele ainda não recuperara a firmeza nas mãos. Olhava-se ao espelho enquanto um ou outro lhe passavam a lâmina pelas faces e sob o queixo e um

desconhecido olhava-o de volta. Aprendera a barbear-se (sozinho, ninguém o ensinara) em Filadélfia, quando estava na casa dos Douglasses, mas, logo no ano de caloiros, Willem explicara-lhe como devia fazer, alarmado, confessou-lhe depois, com aquelas suas gadanhadas hesitantes de quem estava a limpar um terreno. «Um ás a Cálculo, um zero a fazer a barba», disse-lhe na altura, sorrindo para lhe aliviar o constrangimento.

Dizia para consigo: *Podes tentar outra vez*. Pensar isto fazia-o sentir-se mais forte, mas, perversamente, sentia que lhe faltava ânimo para isso. Estava demasiado exausto. Uma segunda tentativa exigiria preparação. Teria de se apoderar de um objeto cortante e teria de arranjar maneira de ficar sozinho, algo que não lhe permitiam. Sabia que havia outros métodos, claro, mas mantinha-se teimosamente resolvido a usar aquele que escolhera, ainda que não tivesse resultado da primeira vez.

Na maior parte do tempo, não sentia absolutamente nada. Harold, Julia e Willem perguntavam-lhe o que queria para o pequeno-almoço e, esmagado com a variedade de opções (Panquecas? *Waffles*? Cereais com leite? Ovos? E como queria os ovos? Cozidos? Muito ou pouco? Mexidos? Estrelados? Com a gema líquida ou sólida? Ou líquida, mas tostada por cima? Ou escalfados?), era-lhe impossível tomar uma decisão, por isso fazia repetidamente que não até eles pararem com as sugestões. Desistiram de lhe perguntar sobre cada pequena coisa, o que lhe trouxe algum descanso. Depois de almoçar (de novo, absurdamente cedo), deitava-se no sofá diante da lareira e adormecia a ouvir-lhes a conversa murmurada e o barulho da água ao lavarem a louça. À tarde, Harold lia-lhe alto. Por vezes, Willem e Julia também ficavam a ouvir.

Passados talvez dez dias, ele e Willem regressaram à Greene Street. Temera o regresso, mas, quando entrou na sua casa de banho, o mármore estava como novo.

— Foi o Malcolm — antecipou-se Willem, para que ele não tivesse de perguntar. — Mandou substituir tudo. Terminaram na semana passada. — Ajudou-o a deitar-se, depois entregou-lhe um envelope pardo com o seu nome, que ele só abriu quando ficou sozinho. Estavam ali as várias cartas de despedida que escrevera e a cópia do testamento. Nada fora aberto. A acompanhar tudo isso, um bilhete de Richard: «Achei que ias querer isto de volta. Adoro-te, R.» As mãos tremeram-lhe ao devolver tudo ao envelope. De manhã, guardou as cartas e a cópia do testamento no cofre.

Acordou muito cedo e saiu do quarto pé ante pé, para não acordar Willem, que dormia no sofá. Andou pelo apartamento. Alguém embelezara cada divisão com flores, ramos de áceres e tigelas com cabaças de vários tamanhos, cores e feitios. Pairava uma deliciosa fragrância a maçãs e cedro. Foi ao escritório, onde alguém lhe deixara a correspondência na secretária. E ali estava, sobre uma pilha de livros, a casa de papel que Malcolm lhe oferecera. Passou os olhos pelos vários envelopes. Entre os remetentes, contavam-se JB, o Henry Young asiático, Índia e Ali, que decerto lhe tinham enviado desenhos. Na sala, passou pela mesa de jantar e deixou os dedos deslizarem pelas lombadas dos livros nas estantes. Entrou na cozinha, abriu o frigorífico e viu que fora atestado com tudo aquilo de que gostava.

Richard começara uma fase dedicada à cerâmica, o que explicava a volumosa peça amorfa que decorava a mesa. Sentiu a agradável textura imperfeita do acabamento vidrado, no qual Richard pintara linhas brancas que lhe lembraram veias. Ao lado, estava o São Judas Tadeu, seu e de Willem, que Willem levava quando se mudara para a Perry Street, mas que agora ficaria consigo.

Os dias passavam e confundiam-se e deixavam-no indiferente. De manhã, nadava. Depois, ele e Willem tomavam o pequeno-almoço. Seguia-se a visita da fisioterapeuta, que o fazia apertar bolas de borracha, esticar um pedaço de corda e segurar palitos e canetas. Por vezes, pedia-lhe que segurasse mais de um objeto numa mão, entre os dedos, o que era difícil. As mãos tremiam-lhe mais do que nunca e sentia picadas nos dedos, mas ela disse-lhe para não se preocupar: os seus músculos estavam a regenerar-se e as terminações nervosas, a reaprender o tato. Almoçava, depois dormia a sesta. Richard vigiava-o enquanto ele dormia e Willem saía para tratar disto e daquilo, para ir ao ginásio no rés do chão, e também, esperava ele, para coisas interessantes e indulgências que não o envolvessem nem aos seus problemas. À tarde, havia visitas — as caras do costume e outras. Willem não deixava ninguém ficar mais de uma hora. Malcolm apareceu com JB e os quatro tiveram uma conversa desconfortavelmente educada em que recordaram episódios dos anos da faculdade, mas, ainda assim, soube-lhe bem ver JB, e disse para consigo que o tornaria a ver quando lhe passasse a névoa; pedir-lhe-ia desculpa e diria que o perdoava. De saída, JB disse-lhe baixinho:

— Vai melhorar, Judy. Confia em mim, que vivi uma coisa parecida. — E acrescentou: — Tu, pelo menos, não magoaste mais ninguém. — E ele ouviu isto e sentiu-se culpado, porque sabia que não era verdade. Andy aparecia no final do dia para o examinar. Tirava-lhe as ligaduras e limpava-lhe a pele em volta dos pontos, que ele ainda não vira, por não ter coragem. Por isso, enquanto Andy lhe desinfetava as suturas, ele fechava os olhos ou fixava-se noutra coisa. Quando Andy se ia embora, jantavam, e, a seguir, quando as butikues e as escassas galerias de arte que restavam por ali já estavam fechadas, aproveitavam não haver vitalma na rua e saíam para um passeio. O seu trajeto era um quadrado em volta do SoHo: seguiam até à Lafayette, subiam à Houston, continuavam para a esquerda até à Sexta Avenida, desciam à Grand, e, de novo, para a esquerda, de regresso à Greene Street e ao apartamento. Era um trajeto curto, mas que o deixava exausto, e, numa ocasião, caiu a caminho do quarto: de repente, foi como se as pernas lhe fugissem. Às quintas-feiras, Julia e Harold faziam a viagem de comboio até Manhattan, e passavam sexta, sábado e parte de domingo com ele.

A cada manhã, Willem perguntava:

— É hoje que falas com o Dr. Loehmann?

E, a cada manhã, ele respondia:

— Ainda não, Willem. Em breve, prometo.

No fim de outubro, já se sentia mais forte e não tão vacilante. Também se mantinha acordado durante mais tempo. Já conseguia ler deitado de costas, quando antes o livro lhe tremia tanto nas mãos que tinha de se virar de barriga para baixo e pousá-lo na almofada. Deixou de precisar de que lhe pusessem

manteiga no pão e tornou a usar camisas porque já as conseguia abotoar.

— O que lê? — perguntou a Willem certa tarde, sentando-se ao seu lado no sofá.

— Uma peça que estou a pensar fazer — respondeu Willem, pousando o texto fotocopiado.

Fixou-se num ponto para lá da cabeça de Willem.

— Vais viajar outra vez? — Era uma pergunta de um egoísmo monstruoso, mas foi mais forte do que ele.

— Não — respondeu Willem, após um momento de silêncio. — Pensei em ficar por Nova Iorque durante uns tempos, se não levatares objeção.

Sorriu para as almofadas do sofá.

— Por mim, tudo bem — respondeu, e, quando tornou a erguer o olhar, viu que Willem também sorria, mas para ele.

— É bom ver-te sorrir outra vez — foi tudo o que lhe disse, e retomou a leitura da peça.

Em novembro, deu-se conta de que deixara passar o aniversário de Willem, que fizera 43 anos no final de agosto, e mencionou-lhe o seu esquecimento.

— Tecnicamente, não tinhas de organizar nada, porque eu não estive cá — disse Willem. — Mas, já que insistes, podes compensar-me. Ora, deixa lá ver... — Franziu o olhar. — Já te sentes capaz de tornar a enfrentar o mundo? Queres jantar? Pode ser cedo.

— Pode ser — aceitou ele, e na semana seguinte, foram a um pequeno restaurante japonês de que eram clientes havia anos. Ficava em East Village e servia *sushi* prensado. Ficou nervoso ao fazer o pedido, como se temesse escolher mal, mas Willem aguardou pacientemente enquanto ele analisava as opções, e, quando comunicou a sua decisão, Willem assentiu com ar aprovador.

— Boa escolha — disse. Durante a refeição, falaram de amigos, da peça que Willem resolvera fazer e do romance que ele andava a ler: qualquer assunto menos ele.

— Acho que devíamos fazer a nossa viagem a Marrocos — disse, ao regressarem sem pressas ao apartamento, e Willem olhou para ele.

— OK, vou tratar disso — disse, e segurou-lhe o braço para o desviar do caminho de um ciclista em aproximação.

— Quero dar-te uma prenda de aniversário — disse ele, ao fim de um par de quarteirões. Na verdade, queria oferecer alguma coisa a Willem em sinal de agradecimento e para comunicar o que não lhe conseguia dizer por palavras. Queria um presente que expressasse anos de gratidão e amor. Quando Willem lhe dissera que estava a pensar fazer a peça, ele lembrara-se de que, havia um ano, Willem aceitara um filme cuja rodagem na Rússia arrancaria no começo de janeiro, mas, ao recordar-lhe esse projeto, Willem fizera como se nada fosse. «Ah, isso», respondera. «Acabámos por não chegar a acordo. Não faz mal. Eu não tinha grande vontade de fazer o filme.» Desconfiado, ele pesquisou *online* e descobriu que Willem desistira do filme invocando motivos pessoais e fora substituído. Ao ler isto, ficou a olhar fixamente o ecrã até as palavras se turvarem, mas, quando

confrontou Willem, ele tornou a apoucar a situação. «Essa é a desculpa que os atores usam quando percebem que não estão em sintonia com o realizador: assim, nem um nem outro ficam mal na fotografia», explicou. Mas ele percebeu que Willem não lhe estava a dizer a verdade.

— Não tens de me oferecer nada — disse Willem, como ele já previa que aconteceria.

— Eu sei que não tenho, mas quero — respondeu ele, como sempre fazia. E acrescentou (de novo, como sempre fazia): — Claro que devia ser melhor amigo e saber o que comprar sem ter de te pedir sugestões.

— Sim, és um péssimo melhor amigo — concordou Willem, como *sempre* fazia, e ele sorriu, porque, de repente, pareciam estar a conversar como se nada tivesse acontecido.

Passaram-se mais alguns dias. Willem reocupou a sua suíte no lado oposto do apartamento. Lucien ligou-lhe algumas vezes para lhe perguntar uma coisa ou outra, sem nunca deixar de lhe pedir desculpa por o estar a incomodar, mas alegrou-o ser contactado por Lucien, e mais ainda que Lucien comesse imediatamente a queixar-se de um cliente ou de alguém do escritório assim que ele atendia o telemóvel, em vez de lhe perguntar como estava. Com exceção de Tremain, Lucien e mais uma ou duas pessoas, ninguém da Rosen Pritchard tinha conhecimento da verdadeira razão para a sua ausência; tal como aos clientes, foralhes dito que ele fora operado de urgência à coluna e estava a recuperar. Sabia que, assim que regressasse ao escritório, Lucien o poria a trabalhar como normalmente, sem conversas sobre períodos de adaptação ou dúvidas quanto à sua capacidade de gerir o *stress*, o que ele não podia senão agradecer. Parou a medicação, que lhe entorpecia o cérebro, e, esgotado o efeito, espantou-o dar por si a pensar com perfeita clareza, e mesmo a sua visão parecia mais nítida, qual vidro sujo e cheio de dedadas que fora limpo, permitindo-lhe finalmente admirar o verde intenso do relvado lá fora, e, mais adiante, as pereiras carregadas de frutos amarelados.

Por outro lado, compreendeu que a medicação o protegera, e que, na sua ausência, estavam de regresso as hienas, em menor número e não tão famintas, mas, ainda assim, a rondar. Seguiam-lhe os passos com menos avidez, mas estavam ali, uma companhia indesejada, mas que teimava em não se retirar. E regressaram as memórias, as mesmas de sempre, a que se juntaram outras que ainda não o tinham visitado, tal como ficou agudamente ciente do estorvo gigantesco que fora para todos os que faziam parte da sua vida e de tudo o que deles exigira, não sendo sequer realista pensar que algum dia conseguiria retribuir. E havia a voz, que lhe continuava a sussurrar, nos momentos mais inopinados, *Podes tentar outra vez, podes tentar outra vez*, e ele esforçava-se por ignorá-la, porque a dada altura — da mesma maneira vaga como antes se decidira matar — resolvera esforçar-se por ficar bem, por isso não queria ser recordado de que podia tentar outra vez, de que viver, por ignominioso e absurdo que amiúde fosse, não era a sua única opção.

Chegou o Dia de Ação de Graças e, uma vez mais, Harold e Julia organizaram o jantar no seu apartamento na West End Avenue, tornando a reunir um pequeno grupo: Laurence e Gillian (desta vez, as filhas passariam o fim de semana com as

famílias dos maridos), ele, Willem, Richard e India, e Malcolm e Sophie. Durante a refeição, sentiu que todos se estavam a esforçar por não lhe prestar demasiada atenção, e, quando Willem mencionou a viagem que os dois fariam a Marrocos em meados de dezembro, Harold mostrou-se tão descontraído e indiferente que foi notório que discutira previamente o assunto de fio a pavio com Willem (e Andy, quase de certeza) e dera o seu consentimento.

— Quando recomças na Rosen Pritchard? — perguntou Laurence, como se ele tivesse estado de férias.

— A três de janeiro — respondeu ele.

— Tão depressa? — admirou-se Gillian.

Ele sorriu-lhe.

— Até acho tarde — respondeu. Não podia estar a ser mais sincero. Estava pronto para uma nova tentativa. Ia esforçar-se por ser normal, por estar vivo.

Ele e Willem saíram cedo e, nessa noite, ele cortou-se pela segunda vez desde que tivera alta do hospital. Aí estava outra coisa que a medicação toldara: a necessidade de se cortar, de sentir aquele sobressalto agudo de dor ofuscante. Ao fazer o primeiro corte, ficou em choque com a intensidade do sofrimento, e, durante alguns instantes, não percebeu porque cometia aquela violência contra si mesmo havia tantos anos. Porque fazia aquilo? Mas, de seguida, sentiu que tudo nele desacelerava e se descontraía, sentiu as recordações tornarem-se mais esbatidas, e lembrou-se de que cortar-se o ajudava, lembrou-se do que o fizera começar. Ali estavam as cicatrizes da tentativa de suicídio: três linhas paralelas em cada braço, do pulso ao cotovelo. Não tinham cicatrizado bem; parecia que ele cravara bicos de lápis sob a pele. Tinham um estranho brilho perlado, como se a pele tivesse sido cauterizada, e ficavam repuxadas se ele cerrava o punho.

Acordou a gritar durante a noite, como vinha acontecendo desde que iniciara a readaptação à vida normal, o que incluía sonhar enquanto dormia; estando medicado, não havia sonhos, ou, se os havia, eram tão bizarros, labirínticos e vazios de significado que logo os esquecia. Desta vez, porém, sonhou com um quarto de motel como tantos que conhecera. Estava com vários homens, que o mantinham imobilizado, enquanto, desesperado, ele se debatia. Eram cada vez mais e ele soube que perderia, que seria aniquilado.

Um deles não parava de repetir o seu nome e acariciou-lhe a face, o que, embora não soubesse porquê, o deixou ainda mais aterrorizado, por isso afastou aquela mão, e o homem despejou-lhe água na cara e ele acordou engasgado, e ali estava Willem junto dele, aflito, com um copo na mão.

— Desculpa, desculpa — disse-lhe. — Não estava a conseguir que acordasses. Desculpa, Jude. Vou buscar-te uma toalha. — Regressou com uma toalha e reenchera o copo, mas ele tremia tanto que não o conseguiu segurar. Pediu repetidamente desculpa a Willem, que abanava a cabeça e lhe dizia que não se preocupasse, que estava tudo bem, que fora um sonho e nada mais. Trouxe-lhe outra *T-shirt*, voltou-se enquanto ele se vestia, depois foi deixar na casa de banho a que estava transpirada.

— Quem é o irmão Luke? — perguntou-lhe então, interrompendo o silêncio

enquanto, sentados, aguardavam os dois que a respiração dele normalizasse. Na ausência de resposta, explicou: — Não paravas de gritar: «Ajude-me, irmão Luke, ajude-me.» — Ele não se mexeu. — Quem é ele, Jude? Era do mosteiro?

— Não sou capaz de falar disso, Willem — murmurou ele. Teria dado tudo para ter Ana ali consigo. *Faz a pergunta só mais uma vez, Ana*, disse-lhe, em pensamento. *Pergunta e eu conto tudo. Ensina-me como se faz. Desta vez, vou ouvir. Desta vez, eu falo.*

Foram passar o fim de semana na casa de Richard no norte de Nova Iorque e deram um passeio demorado pelo arvoredo nas traseiras da propriedade. Depois disso, cozinhou pela primeira vez desde que saíra do hospital. Fez o prato favorito de Willem, costeletas de borrego, e, embora tenha tido de ser Willem a cortar a carne — ainda não dava conta dessa parte —, tudo o resto, fez sem ajuda. De novo, acordou a gritar durante a noite, e, uma vez mais, ali estava Willem (desta vez, sem copo de água), que lhe tornou a perguntar quem era o irmão Luke e porque lhe implorava ele que o ajudasse, e, novamente, ele não foi capaz de lhe contar.

De manhã, sentia-se cansado e doía-lhe os braços. Doía-lhe o corpo todo. Mal abriu a boca durante o passeio e, da mesma maneira, Willem pouco falou. À tarde, recapitularam os planos para a viagem a Marrocos: começariam por visitar Fez, seguindo-se a viagem de carro pelo deserto, dormiriam em Uarazate e a última paragem seria em Marraquexe. Seguir-se-iam alguns dias em Paris, para visitarem Citizen e uma amiga de Willem, e regressariam a Nova Iorque em vésperas do fim de ano.

— É verdade — disse Willem, enquanto jantavam. — Lembrei-me de uma coisa que me podes dar pelos anos.

— Ah sim? — replicou ele, aliviado porque poderia preocupar-se diretamente com a compra da prenda, em vez de lhe pedir ajuda pela enésima vez, somando isso a todo o tempo que já lhe usurpara. — Diz.

— Bem — preambulou Willem —, é uma senhora prenda.

— O que quiseses — assegurou ele. — Mesmo. — Ao ouvir isto, Willem lançou-lhe um olhar indecifrável. — A sério, Willem — reiterou. — Pede o que quiseses.

Willem pousou a sandes de borrego e respirou fundo.

— OK — disse. — O que eu quero como prenda de aniversário é que me contes quem é o irmão Luke. Não basta dizeres quem ele é, tens de me dizer qual a tua... relação com ele e qual te parece ser o motivo para lhe pedires ajuda em sonhos. — Olhou-o nos olhos. — Quero que digas a verdade e que me contes a história toda, do começo ao fim. É isto que quero que me ofereças pelos anos.

Um longo silêncio. Ele apercebeu-se de que tinha a boca cheia e, de alguma maneira, conseguiu engolir a comida. Pousou a sanduíche, que parecia perdida na sua mão.

— Willem — disse finalmente, sabendo que Willem lhe fizera aquele pedido muito a sério e que não o conseguia dissuadir e convencer a escolher outra coisa. — Há uma parte de mim que te *quer* contar. Mas, se eu fizer isso... — Calou-se.

— Infelizmente, se eu te contasse, acho que ias ter nojo de mim. Espera — pediu, antecipando-se a Willem, que se preparava para lhe responder. Olhou-o nos olhos. — Prometo que te hei de contar. Dou-te a minha palavra. Mas... vais ter de me dar algum tempo. Nunca falei disso e tenho de descobrir como fazer para dizer as palavras necessárias.

— OK — respondeu Willem, após um compasso de espera. — Bem... — Uma pausa. — Que tal prepararmos o caminho? Faço-te uma pergunta mais simples, para que, ao responderes, vejas que falar não é assim tão mau, pode ser? Mas, se for difícil, então é disso que falamos.

Respirou fundo. Esvaziou os pulmões. *É o Willem*, disse para consigo. *Ele nunca te faria mal, jamais. Já é tempo. Chegou o momento.*

— OK — disse, finalmente. — De acordo. Pergunta.

Viu-o recostar-se na cadeira e fitá-lo, tentando decidir-se por uma pergunta, porque havia centenas delas que se deviam poder fazer a um amigo, mas que ele fora proibido de lhe fazer. Por sua imposição, aquela amizade tornara-se profundamente assimétrica e a ideia trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Desde o começo, Willem mantivera-se ao seu lado ano após ano, mesmo quando ele lhe quisesa fugir ou lhe pedira ajuda para resolver problemas cuja origem recusava revelar. Na sua nova vida, prometeu a si mesmo, exigiria menos dos amigos e seria mais generoso. O que pedissem, dar-lhes-ia. Se Willem queria informação, tê-la-ia e era sua tarefa descobrir como fazer para lha dar. Sofreria repetidamente — como acontecia com qualquer pessoa —, mas, se ia de facto tentar estar vivo, tinha de ser mais rijo, tinha de contar com esses embates, tinha de aceitar que isso vinha incluído no contrato com a vida.

— OK, já sei — disse Willem, e endireitou-se na cadeira, como se a preparar-se. — Como arranjaste essa cicatriz nas costas da mão?

A pergunta apanhara-o de surpresa. Temera o que iria ouvir, mas, agora que Willem lhe revelara o que desejava saber, sentiu alívio. Raramente pensava naquela cicatriz, mas, vendo-lhe a textura lustrosa como tafetá e sentindo-a com as pontas dos dedos, ocorreu-lhe que aquela cicatriz fora o começo de incontáveis problemas, e pensou no irmão Luke, depois na instituição e em Filadélfia: tudo começara com aquela cicatriz.

Haveria alguma coisa na vida que não estivesse ligada a uma história de maior fôlego e inevitavelmente triste? Willem estava a pedir-lhe que lhe contasse apenas aquela história e nada mais; não teria de contar o resto, poderia deixar de fora esse gigantesco emaranhado de coisas feias.

Ponderou qual podia ser o começo e, antes de dizer a primeira palavra, para consigo, delineou uma narrativa. Por fim, sentiu que estava preparado.

— Sempre fui uma criança cobiçosa — disse, e, sentado à sua frente, Willem inclinou-se e apoiou os cotovelos na mesa. Pela primeira vez naquela amizade, seria ele a ouvir e ser-lhe-ia contada uma história.

Fez dez anos, depois, onze. O seu cabelo voltou a crescer e passou a usá-lo mais comprido do que durante os anos em que vivera no mosteiro. Também estava mais alto, por isso, o irmão Luke levou-o a uma loja de roupa em segunda mão, onde se

enchia um saco e se pagava conforme o peso.

— Vê se abrandas! — brincava o irmão Luke, simulando carregar-lhe no cocuruto como se o pudesse fazer encolher. — Estás a crescer depressa de mais para mim!

Dormia constantemente. Não tinha dificuldade em manter-se atento durante as lições, mas, assim que a tarde caminhava para o fim, era como se uma estranha força descesse sobre ele: começava a bocejar e era-lhe impossível continuar de olhos abertos. Nos primeiros tempos, o irmão Luke também brincava com isso — «Meu dorminhoco», dizia, «sempre com vontade de sonhar» —, até que, uma noite, depois de o cliente sair, se sentou com ele. Durante uma infundável sucessão de meses que se tinham tornado anos, oferecera resistência de cada vez que estava com um cliente, mais por automatismo do que por se acreditar capaz de os fazer parar, mas, em tempos recentes, embora não soubesse o que ia acontecer, deitava-se, e, inerte, esperava que acabasse.

— Eu sei que estás cansado — já lhe dissera o irmão Luke. — É normal; estás a ficar mais crescido. Crescer é cansativo. E eu sei que trabalhas muito. Mas, Jude, quando estás com um cliente, tens de dar sinal de vida. Não esqueças que eles pagam para estar contigo. Tens de lhes mostrar que estás a gostar. — Vendo que ele não respondia, Luke acrescentou: — Evidentemente, eu sei que *não* gostas e que não é como estarmos nós dois, mas tens de mostrar algum entusiasmo, pode ser? — Inclinando-se, prendeu-lhe o cabelo atrás da orelha. — Pode ser ou não? — Ele fez que sim.

Foi nessa altura que se começou a atirar contra as paredes. Estavam em Washington e o motel tinha primeiro andar, e, numa ocasião em que subiu para trazer gelo, chovera e o chão estava escorregadio, e, no regresso, escorregou e caiu, embatendo repetidamente na parede até acabar estendido no rés do chão. O irmão Luke ouviu o barulho e veio a correr ver o que acontecera. Não havia fraturas, mas estava arranhado e ensanguentado, e o irmão Luke cancelou a marcação para essa noite. No quarto, mostrou-se atencioso e até lhe trouxe um chá, mas o facto era que ele se sentia mais vivo do que em várias semanas. A queda e a novidade daquela dor tinham agido sobre ele como um tónico. Fora uma dor honesta, sem nada de vergonhoso ou sórdido, e que o fez sentir-se como não se sentia havia anos. Uma semana depois, tornou a subir para trazer gelo, e, desta vez, no regresso ao quarto, parou no pequeno espaço triangular por baixo da caixa da escada, e, antes que se inteirasse do que estava a fazer, atirou-se contra a parede, e, no momento do impacto, imaginou que estava a expulsar de si cada grão de sujidade, cada gota de fluido e cada imagem que retivera dos últimos anos. Era como voltar à estaca zero, a um estado de pureza. Estava a castigar-se pelas coisas que fizera. Sentiu-se melhor, como que revigorado, como se tivesse corrido durante vários quilómetros, e, depois de vomitar, regressou ao quarto.

O irmão Luke acabou por perceber o que ele andava a fazer e tiveram nova conversa.

— Compreendo a tua frustração — disse-lhe —, mas, Jude, isto que andas a fazer não é bom para ti e faz-me ficar preocupado, além de que os clientes não

gostam de te ver com o corpo todo negro. — Calaram-se. Um mês antes, depois de uma noite pavorosa (estivera com um grupo, e, depois de eles se irem embora, soluçara e gemera, incapaz de se controlar, e, pela primeira vez em anos, esteve à beira de um ataque de fúria, enquanto, sentado ao seu lado, Luke lhe massajava o estômago para aliviar a dor, enquanto lhe cobria a boca com uma almofada para não o ouvirem), ele suplicara ao irmão Luke que não o obrigasse a continuar. E, chorando também, Luke respondera-lhe ser esse o seu maior desejo, que tudo o que mais queria era não ter de o partilhar com ninguém, mas que gastara todo o dinheiro com ele. — E não me arrependo disso nem por um segundo, Jude — assegurou-lhe. — Mas ficámos sem um tostão. És tudo o que me resta. De verdade que lamento muito. Mas, agora, sim, comecei a poupar a sério, e, um dia destes, não terás de continuar, prometo.

— Quando? — perguntou ele, chorando convulsivamente.

— Em breve — respondeu Luke. — Em breve. Será só mais um ano, prometo. — E ele assentiu, embora soubesse havia muito que as promessas do irmão Luke nada significavam.

Então, o irmão Luke anunciou que ia partilhar um segredo, que lhe ia ensinar uma maneira de aliviar as frustrações, e, no dia seguinte, ensinou-o a cortar-se, depois entregou-lhe um saco de plástico onde pusera lâminas de barbear, toalhetes desinfetantes, algodão e ligaduras.

— Tens de experimentar de várias maneiras, para perceberes qual te faz sentir melhor — explicou, depois mostrou-lhe como estancar o sangue e cobrir o corte. — Isto é para ti — disse, entregando-lhe o saco. — Quando precisares de mais, dizes e eu compro. — No começo, sentiu falta do aparato das quedas e embates na parede, que tinham outra intensidade e impacto, mas depressa começou a saborear o secretismo controlado dos cortes. O irmão Luke tinha razão; cortar-se era bem melhor. De cada vez que via o sangue, sentia que estava a vazar o veneno, a imundície e a raiva que lhe iam dentro. Era como se o antigo sonho das sanguessugas se tivesse concretizado; o resultado era o mesmo e correspondia ao que ele esperara. Quem lhe dera ser feito de metal ou plástico, para poder ser lavado com uma mangueira e esfregado até ficar limpo. Imaginou que se conseguia lavar por dentro com detergente, depois lixívia, terminando com um poderoso jato: não sobraria uma única partícula impura. Agora, logo que o último cliente da noite saía, o irmão Luke cedia-lhe o lugar na casa de banho e, até o ouvir chamá-lo para se lhe juntar na cama, o seu corpo pertencia-lhe e podia fazer-lhe o que quisesse.

Tornara-se completamente dependente de Luke, que lhe assegurara alimento e proteção e que agora lhe comprava as lâminas. De cada vez que adoecia — por mais que o irmão Luke o tentasse proteger, continuava a apanhar infeções, além de que nem sempre desinfetava bem os cortes e alguns acabavam também por infetar —, o irmão Luke levava-o ao médico e comprava os antibióticos que o curariam. Acostumou-se ao corpo, à boca e ao toque do irmão Luke. Continuava a não gostar desses momentos, mas, pelo menos, já não se sobressaltava quando Luke o beijava, e, se o irmão o rodeava com os braços, obediente, ele correspondia. Sabia que mais

ninguém no mundo seria tão atencioso e cuidadoso consigo: mesmo quando se portava mal, o irmão Luke nunca lhe gritava, tal como, depois de tantos anos, continuava sem nunca lhe ter batido. Anteriormente, acreditara que talvez conhecesse um cliente que seria um homem decente e que talvez o levasse dali, mas entretanto esquecera essas ilusões. Numa ocasião, começou a despir-se antes de o cliente estar pronto, e, irritado, o homem deu-lhe uma bofetada.

— Chiça — resmungou. — Mais devagar, minha puta. Livra, que já tens rodagem, hã? — E, como sempre acontecia de cada vez que algum deles lhe batia, o irmão Luke saiu da casa de banho, gritou com o cliente e fê-lo prometer que se portaria melhor, a menos que não quisesse ficar. Os clientes chamavam-lhe nomes. Era uma puta, uma cadela, um trapo sujo, um buraco, um ninfomaníaco (teve de procurar a palavra no dicionário), um escravo, um roto, lixo, escória, rebotalho, uma merda. Luke jamais lhe chamou alguma dessas coisas. Dizia-lhe que era perfeito e um rapaz inteligente, que tinha talento para aquilo e que não havia nada de errado no que fazia.

Continuava a dizer-lhe que um dia seriam só eles dois e mais ninguém, mas, entretanto, começara a falar-lhe de uma casa à beira-mar, algures a meio da Califórnia, e descrevia-lhe praias de seixos, as aves barulhentas e as águas da cor de tempestades. Não haveria outros e viveriam como um casal. Tinham deixado de ser pai e filho para se tornar dois homens. Quando ele fizesse dezasseis anos, casariam. Na lua de mel, visitariam França e Alemanha, onde ele poderia finalmente usar os seus conhecimentos junto de autênticos franceses e alemães, e também visitariam Itália e Espanha, onde o irmão Luke vivera durante dois anos, primeiro como estudante, depois no ano após o fim do curso. E comprariam um piano para ele tocar e cantar.

— Mais ninguém te vai querer quando souberem com quantos clientes estiveste — avisava-o o irmão Luke. — Mais perdem. Eu hei de querer-te sempre, nem que estejas com dez mil clientes. — Largaria aquela vida assim que fizesse dezasseis anos, assegurava-lhe o irmão Luke, e, da primeira vez que ouviu isto, ele chorou em silêncio, porque andara a contar os dias até fazer doze anos, depois de o irmão Luke lhe ter dito que poderia parar ao atingir essa idade.

Quando algum cliente era cruel e ele ficava com muitas dores, a sangrar ou com marcas, Luke pedia-lhe perdão por ele ter de fazer aquelas coisas. Noutras alturas, reagia como se ele gostasse do que fazia.

— Livra, este foi dos bons — dizia, depois de o homem sair. — Deu para ouvir que estavas a gostar, ou estou enganado? Vá, Jude, não negues! Eu ouvi-te e estavas a adorar. Fazes bem. Devemos gostar do que fazemos.

Fez doze anos. Estavam no Oregon — a caminho da Califórnia, anunciou Luke. Tornara a crescer marcadamente e o irmão Luke disse-lhe estar convencido de que ele poderia vir a ter quase um metro e noventa, não o alcançando por muito pouco. A sua voz começou a mudar. Já não era uma criança e ia sendo mais difícil arranjar clientes. Começou a haver mais grupos. Detestava estar com vários clientes ao mesmo tempo, mas Luke explicou-lhe que não podia fazer nada. Parecia mais velho do que era; os clientes davam-lhe treze ou catorze anos. Entrara

numa fase em que cada ano fazia diferença, disse-lhe.

Aconteceu no outono, no dia 20 de setembro. Estavam no Montana, porque, dissera o irmão Luke, achara que ele gostaria daquele céu noturno em que as estrelas brilhavam como mil luzes acesas. Fora um dia perfeitamente normal. Dois dias antes, estivera com um grupo numeroso, e fora tão horrível que Luke não só cancelara as marcações para o dia seguinte como não o procurara nessas duas noites e o deixara ficar com a cama toda para si. Porém, na terceira noite, regressou a normalidade: Luke veio deitar-se com ele e beijou-o. Durante o sexo, começaram a bater à porta tão brusca, retumbante e insistentemente que ele quase mordeu a língua do irmão Luke.

«Polícia!», ouviu. «Abram. Têm um minuto.»

O irmão Luke cobriu-lhe a boca com a mão.

— Não digas uma palavra — sussurrou-lhe.

«Polícia!», repetiu a voz lá fora. «Edgar Wilmot, foi alvo de um mandado de detenção. Abra a porta.»

Ficou confuso. Quem era Edgar Wilmot? Um cliente? Quis dizer ao irmão Luke que se tratava certamente de um engano, mas viu-lhe a expressão e compreendeu que não havia engano algum: a polícia viera prendê-lo.

O irmão Luke saiu de cima dele e fez-lhe sinal para ficar na cama.

— Não te mexas — sussurrou. — Eu venho já. — Correu para a casa de banho e ele ouviu-o trancar-se.

— Não — sussurrou aflito ao ver-se abandonado por Luke. — Não me deixe aqui, irmão Luke, não me deixe sozinho. — Mas o irmão Luke já não estava no quarto.

Depois disso, tudo pareceu acontecer simultaneamente muito devagar e muito depressa. Paralisado de medo, continuou sem se mover de onde estava, e ouviu a madeira rachar-se e o quarto foi invadido por homens que seguravam lanternas ao alto, o que o impedia de lhes ver as caras. Um deles acercou-se e disse-lhe algo que ele não conseguiu ouvir por causa do barulho e do pânico, depois vestiu-lhe as cuecas e ajudou-o a erguer-se.

— Já não te vão fazer mal — disse-lhe uma voz.

Na casa de banho, outro deles praguejou, depois gritou:

— Chamem uma ambulância! — Nesse momento, libertou-se do desconhecido que o amparava, baixou-se e passou por baixo do braço estendido de outro, e, com três passadas largas e velozes, alcançou a casa de banho, e viu o irmão Luke pendurado de um gancho no teto. Tinha uma extensão em volta do pescoço, estava de boca aberta e olhos fechados, e a sua cara tornara-se da cor da barba. Gritou, e continuou a gritar, incapaz de parar, e, mesmo quando o levaram arrastado do quarto, continuava a gritar pelo irmão Luke.

Pouco reteve do que aconteceu depois. Fizeram-lhe perguntas e mais perguntas. Levaram-no a um hospital, onde um médico o examinou e lhe perguntou quantas vezes fora violado, mas ele não foi capaz de responder. *Fora* violado? Ele dera o seu acordo, tudo fora feito com o seu consentimento. A decisão fora sua, tomara-a.

— Quantas vezes tiveste relações sexuais? — reformulou o médico.

— Com o irmão Luke ou com os outros? — perguntou ele.

— Que outros? — replicou o médico.

E, quando ele acabou de contar, o médico virou-se de costas e pôs a cara nas mãos, depois tornou a voltar-se para ele e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a voz não lhe saiu. Nesse momento, ele teve a certeza absoluta de que andara a fazer uma coisa errada e a sua vergonha foi tão grande e sentiu-se tão sujo que desejou morrer.

Puseram-no na instituição. Trouxeram-lhe as coisas que ele levava consigo ao deixar o mosteiro — os livros, o navajo, as pedras, os ramos secos, as bolotas e a Bíblia com as flores secas entre as páginas —, e a sua roupa, com que os outros gozavam. Na instituição, sabiam o que ele era e as coisas que fizera, sabiam que ele estava estragado, por isso não o surpreendeu que alguns monitores lhe comesçassem a fazer as mesmas coisas que outros homens lhe tinham feito durante anos a fio. De alguma maneira, também os outros rapazes perceberam o que ele era e começaram a chamar-lhe nomes — os mesmos que os clientes lhe tinham chamado. E não queriam conversa com ele. De cada vez que se aproximava de um grupo, todos se levantavam e saíam dali a correr.

Não lhe tinham trazido o saco com as lâminas de barbear, por isso improvisou: encontrou uma lata de conserva no lixo e levou a tampa; aproveitando uma tarde em que o puseram a trabalhar na cozinha, esterilizou-a num bico do fogão; e escondeu-a debaixo do colchão. Todas as semanas, substituí-a por outra, que procurava no lixo.

Não havia dia em que não pensasse no irmão Luke. Na escola, puseram-no quatro anos à frente do que correspondia à sua idade. Mais tarde, permitiram-lhe inscrever-se no instituto politécnico local, onde tinha cadeiras de Matemática, Literatura Inglesa, Francês e Alemão, bem como lições de piano. Os professores perguntavam-lhe quem lhe ensinara tantas coisas e ele respondia que fora o seu pai.

— Fez um ótimo trabalho — elogiou a professora de Inglês. — Devia ser um excelente professor. — Ao ouvir isto, ele ficou sem palavras, e ela passou ao aluno seguinte. À noite, quando os monitores vinham ao seu quarto, imaginava que o irmão Luke estava do outro lado da parede, pronto a intervir caso a situação se tornasse demasiado horrível, significando isso que tudo o que lhe acontecia eram coisas que o irmão Luke sabia que ele conseguia aguentar.

Quando Ana conquistou a sua confiança, ele revelou-lhe parte do que acontecera com o irmão Luke. Mas não lhe quis contar tudo. Isso, não faria com ninguém. Sabia que fora idiota ao fugir com Luke, que lhe mentira e lhe fizera coisas terríveis. Ainda assim, ele queria acreditar que, durante tudo isso, apesar de tudo isso, Luke o amara de verdade. Queria acreditar que, nessa parte, ele fora sincero, que não fora perversão, tal como não era uma racionalização: os sentimentos de Luke tinham sido reais. Sabia que não ia aguentar ouvir Ana dizer-lhe, repetindo o que dissera sobre os outros: *Ele era um monstro, Jude. Quando um pedófilo diz que te ama, está a manipular-te, não vês isso? É essa a arma dos pedófilos. É*

assim que conseguem enganar as crianças. Já adulto, continuou incapaz de definir os seus sentimentos em relação ao irmão Luke. Sim, ele era um homem mau. Mas seria pior do que os outros irmãos? Tomara *de facto* a decisão errada? Teria sido *realmente* melhor continuar no mosteiro? Tendo lá ficado, teria pagado um preço mais alto do que pagara? Ou teria o trauma sido menor? A herança de Luke estava em tudo o que fazia e em toda a sua pessoa: se gostava de ler, de música, de matemática, de jardinagem ou de línguas, a Luke o devia. Da mesma maneira, a compulsão de se cortar, o autodesprezo, a vergonha, os medos, as doenças, a incapacidade de ter uma vida sexual normal e de ser uma pessoa normal eram, também, o legado de Luke, que lhe ensinara que prazeres podia colher da vida, ao mesmo tempo que lhe roubara qualquer possibilidade de sentir prazer.

Tinha o cuidado de nunca dizer alto o seu nome, mas, por vezes, pensava-o, e, por mais que avançasse em anos e por mais anos que passassem, num piscar de olhos, como se invocado, eis que tornava a ver Luke, que lhe sorria. Recordava-o invariavelmente no tempo em que se estavam a apaixonar, em que fora seduzido, mas, por ser uma criança, por ser tão ingénuo e se sentir tão sozinho e precisar tão desesperadamente de afeto, não compreendera o que estava a acontecer. Por isso, imaginava-se a correr para a estufa, abria a porta e sentia aquele aconchego, e o perfume das flores era como um manto que o agasalhava. Fora a última ocasião em que se sentira feliz e nada mais do que isso, em que a sua alegria fora pura e não trouxera outros sentimentos. E, na sua imaginação, Luke exclamava: *Cá está o meu menino lindo! Ab, Jude! Que alegria ver-te!*

[V] Os Anos Felizes

Um dia, cerca de um mês depois de completar 38 anos, Willem tomou consciência de que era famoso. Num primeiro momento, para sua surpresa, a ideia deixou-o quase indiferente, em parte porque já se considerava, pelo menos, conhecido — ele e JB estavam nessa categoria. Se andava na Baixa com Jude, por exemplo, e alguém se aproximava para cumprimentar Jude, e Jude o apresentava, dizendo «Aaron, conheces o Willem?», Aaron respondia «o Willem Ragnarsson, claro; toda a gente conhece o Willem», não por causa dos filmes, mas porque a irmã do antigo companheiro de apartamento de Aaron saíra com Willem quando estudavam em Yale, ou porque, dois anos antes, ele participara numa leitura encenada de uma peça escrita por um amigo do irmão de um amigo de Aaron, ou porque Aaron, que era artista plástico, participara, havia anos, numa exposição coletiva em que também tinham participado JB e o Henry Young asiático, tendo conhecido Willem no bebedeiro. Não obstante a aura adulta, Nova Iorque acabava por ser um prolongamento da vida universitária, quando toda a gente o conhecia, e a JB, quase parecendo, por vezes, que toda essa infraestrutura académica fora transplantada de Boston para a Baixa de Manhattan, apenas um par de quarteirões abaixo de onde ele morava, e para a orla de Brooklyn. Os quatro davam-se, senão com as mesmas pessoas, pelo menos, com o mesmo *tipo* de pessoas com quem tinham convivido durante o curso, sendo Willem inevitavelmente conhecido na esfera dos artistas, atores e músicos, porque todos eles o conheciam desde sempre. Nesse mundo, não tão vasto quanto se poderia julgar, todos se conheciam.

Dos quatro, apenas Jude, e, em certa medida, Malcolm, tinham contacto com outros circuitos, com o mundo real, aquele que era habitado por pessoas que se dedicavam às necessidades práticas da vida: fazer as leis, ensinar, curar pessoas, resolver problemas, gerir dinheiro e comprar e vender (Willem conhecia Aaron, de facto, mas a verdadeira surpresa, parecia-lhe, era que *Jude* conhecesse). Pouco antes do trigésimo sétimo aniversário, aceitara participar num pequeno filme intimista, *A Lei de Sycamore*. O papel de um advogado numa pequena cidade sulista que finalmente saía do armário dar-lhe-ia a possibilidade de contracenar com um ator que admirava e que faria de seu pai, um homem taciturno, que ofendia todos como se nada fosse e não aceitava o filho: um homem endurecido pelas desilusões sofridas. Ao preparar-se para o papel, Willem pediu a Jude que lhe descrevesse um normal dia de trabalho, e, ao ouvi-lo, deu por si tomado de uma ligeira tristeza: Jude, intelectualmente brilhante, considerava Willem, alguém capaz de pensar para lá do que ele tinha capacidade de entender, estava a desperdiçar os seus dias num trabalho completamente desinteressante. Era como ser uma espécie de mulher a dias mental: limpava, arrumava, lavava e dobrava, depois repetia o mesmo na casa seguinte. Não lhe disse isto, claro, e ficou de ir ter com ele à Rosen Pritchard num sábado. Lá, folheou pastas, viu documentos e passeou-se pelas instalações enquanto Jude trabalhava.

— Então, qual é o veredito? — sondou Jude, recostando-se na cadeira e arreganhando um sorriso. Willem sorriu-lhe de volta.

— Impõe respeito — respondeu, porque não deixava de ser verdade, e Jude deu uma gargalhada.

— Já sei o que estás a pensar, Willem — disse. — Não faz mal. O Harold acha o mesmo. — E imitou-o: — *Que desperdício, Jude. Que desperdício tão grande.*

— Não estava a pensar nada disso — defendeu-se Willem, mas não era verdade. Jude achava-se desprovido de imaginação e dono de uma personalidade inapelavelmente prática, algo que lamentava, mas Willem nunca fora dessa opinião. E parecia-lhe, de facto, um desperdício, não que Jude pertencesse a uma firma que defendia os grandes interesses económicos, mas que fosse advogado, antes de mais, porque alguém com uma mente tão brilhante, achava ele, deveria dedicar-se a outra coisa, que Willem não sabia exatamente o que era, mas podia afirmar que não era aquilo. Ridiculamente, convencera-se de que Jude jamais seria advogado, não obstante o curso de Direito. Sempre imaginara que, a dada altura, ele desistiria da ideia para se dedicar a outra coisa, por exemplo, ser professor de Matemática ou de Voz, ou psicólogo (quando pensou nesta hipótese, a ironia não lhe passou despercebida), porque Jude sabia ouvir e dizer exatamente o que faria os seus amigos sentir-se melhor. Não sabia porque continuava apegado a esta sua imagem de Jude, quando não restavam dúvidas de que ele adorava o que fazia e se distinguia entre os pares.

A *Lei de Sycamore* foi um êxito inesperado e o trabalho de Willem colheu elogios como ele nunca recebera. Foi nomeado para prémios e a estreia coincidiu com a de um filme comercial de grande orçamento rodado dois anos antes, mas cuja pós-produção se atrasara. Essa circunstância valeu-lhe um destaque que, compreendeu, lhe ia mudar a carreira. Sempre fora cuidadoso na escolha dos projetos — tendo de definir o seu verdadeiro talento, diria tratar-se da capacidade de farejar um bom papel —, mas, até então, nunca sentira que tivesse conquistado o seu lugar e não lhe passaria pela cabeça falar de filmes que gostaria de fazer aos cinquenta ou sessenta. Jude dissera-lhe várias vezes que não devia encarar a sua carreira com tamanho ceticismo e assegurava-lhe repetidamente que estava num patamar bem mais confortável do que supunha, mas, até esse ano, Willem nunca sentira isso. Sabia que era respeitado pelos colegas e pelos críticos, mas, em fundo, mantinha-se o medo de que as oportunidades secassem de um dia para o outro. Na mais irrealista das profissões, a sua atitude era realista, e, de cada vez que conseguia um papel, confiava aos amigos a sua certeza de que não haveria mais nenhum, de que aquele era o último, em parte, para combater os medos — admitindo essa possibilidade, diminuía as probabilidades de acontecer —, mas também para lhes dar voz, porque eram reais.

Mais tarde, sozinho com Jude, permitia-se dar verdadeira expressão ao que o preocupava.

— E se nunca mais arranjo trabalho? — perguntava.

— Isso não vai acontecer — assegurava-lhe Jude.

— E se *acontecer*?

— Bem — respondia Jude, agora sério —, concretizando-se a extraordinariamente improvável possibilidade de nunca mais arranjar trabalho como ator, fazes outra coisa. E, enquanto resolves qual será, vens viver comigo.

Willem sabia que o papel seguinte viria, claro. Como qualquer ator, tinha de acreditar nisso. Num certo sentido, ser ator era passar a perna a toda a gente, e, logo que o próprio deixasse de acreditar que era capaz disso, já ninguém se deixaria enganar. Em todo o caso, agradava-lhe ouvir Jude tranquilizá-lo; era bom saber que podia contar com uma rede de segurança caso acontecesse o pior. De vez em quando, entregando-se a uma autocomiseração aguda que não lhe era de todo habitual, dizia para consigo que a sua carreira ia acabar, *sim*, e ponderava a tal segunda opção. Podia trabalhar com crianças com necessidades especiais, por exemplo; sabia que tinha talento para isso e não duvidava de que ia gostar. Imaginava-se a deixar a escola primária onde trabalharia, no Lower East Side, por exemplo, e a regressar ao SoHo e à Greene Street. Teria vendido o apartamento, claro, para pagar o mestrado em Educação (nesse seu devaneio, os milhões ganhos a fazer filmes e que nunca gastara tinham-se esfumado sem explicação), viveria com Jude e seria como se as últimas duas décadas não tivessem acontecido.

Porém, depois de *A Lei de Sycamore*, tais fantasias macambúzias tornaram-se mais raras, e, durante a segunda metade do seu trigésimo sétimo ano de vida, sentiu-se tão confiante ou perto disso como jamais lhe acontecera. Dera-se uma viragem, algo se cimentara e o seu nome tornara-se um valor seguro. Doravante, teria sempre trabalho. Se assim desejasse, podia inclusivamente fazer uma curta pausa.

Era setembro, acabava de regressar de uma rodagem e estava prestes a embarcar numa viagem promocional pela Europa. Tinha um único dia para gozar em Manhattan e Jude propôs-lhe almoçarem onde ele quisesse. Do restaurante, Willem seria levado diretamente para o aeroporto, onde apanharia um voo para Londres. Passara muito tempo desde a última vez que estivera na cidade e apetecia-lhe algum sítio barato e aconchegado na Baixa, do género do vietnamita onde os quatro iam jantar *noodles* quando tinham vinte anos, mas acabou por escolher um restaurante francês na zona central de Manhattan, parecendo-lhe que seria mais conveniente para Jude.

O restaurante, conhecido pelos pratos de marisco, estava cheio de homens de negócios cujos fatos do melhor corte e relógios discretos telegrafavam a sua riqueza e influência. Porém, apenas aqueles que fossem também ricos e influentes captariam a mensagem que estava a ser transmitida; os demais veriam homens de fato cinzento impossíveis de distinguir uns dos outros. A rapariga que recebia os clientes levou-o à mesa, onde o esperava Jude, e, quando ele se levantou, Willem avançou e deu-lhe um abraço apertado, mesmo sabendo que Jude não gostava, porque, recentemente, decidira que começaria a fazer isso quer ele gostasse quer não. Continuaram momentaneamente de pé, nos braços um do outro, cercados por homens de fatos cinzentos, até que, por fim, Willem deixou que Jude se soltasse dos seus braços e sentaram-se.

— Envergonhei-te que chegue ou é preciso mais? — perguntou, e Jude sorriu

e fez que não.

Tinham tanto de que falar e tão pouco tempo, que Jude chegara ao extremo de listar os tópicos a discutir no verso de um recibo. Ao ver aquilo, Willem deu uma gargalhada, mas acabaram por seguir quase à risca a ordem de trabalhos proposta. Entre os pontos cinco (o casamento de Malcolm: o que diriam quando fosse a sua vez de fazer o brinde?) e seis (os avanços nas obras no apartamento na Greene Street, que estava a ser esventrado), Willem deixou a mesa para ir à casa de banho, e, quando regressou, teve a inquietante sensação de que estava a ser observado. Estava habituado a olhares curiosos e escrutinadores, claro, mas era uma atenção diferente, mais intensa, quase escusa, e, pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se inibido, tal como ficou ciente de que era o único de calças de ganga e não de fato. Saltava à vista que não pertencia ali.

— Acho que não me vesti para vir a este restaurante — comentou discretamente com Jude ao sentar-se. — Está toda a gente a olhar.

— Ninguém está a olhar por causa da tua roupa — respondeu Jude. — Estão a olhar para ti porque és famoso.

Willem abanou a cabeça.

— Conheces-me tu e umas dezenas de outros, na melhor das hipóteses.

— Não, Willem — insistiu Jude. — Tu és uma celebridade. — Sorriu. — Ou achas que foi por acaso que te deixaram entrar sem casaco? Por norma, exigem o traje oficial corporativo. E porque julgas que não param de nos trazer entradas? Não sou eu quem eles querem impressionar, isso te garanto. — Riu-se. — Já agora, porque escolheste este restaurante? Achei que ias querer algum sítio nas nossas paragens habituais.

Ele esquivou-se com um resmungo vago.

— Disseram-me que o marisco era bom. E que história é essa da roupa? Há código de vestuário para vir aqui?

Tornando a sorrir, Jude preparou-se para mais uma explicação, mas não chegou a falar, porque um dos discretos homens de fato cinzento se aproximara da mesa. Com óbvio nervosismo, pediu desculpa pela interrupção.

— Só queria dizer que adorei *A Lei de Sycamore* — disse. — Admiro muito o seu trabalho. — Willem agradeceu, e o homem, mais velho, na casa dos cinquenta, preparava-se para acrescentar mais alguma coisa, mas deteve-se em Jude e pestanejou. Nitidamente, reconhecera-o, tal como foi óbvio, ao fitá-lo durante longos segundos, que estava a reformular a ideia que tinha dele. Abriu a boca, depois fechou-a, e, já em retirada, pediu desculpa pela segunda vez, e, durante tudo isto, Jude não deixou de lhe sorrir com perfeita serenidade.

— Ora, ora — disse ele, depois de o homem voltar à pressa para a sua mesa. — Acabas de conhecer o diretor do departamento de contencioso de uma das mais destacadas firmas de advocacia da cidade. Um fã, ao que parece. — Arreganhou um sorriso. — E agora, *acreditas* que és famoso?

— Se a bitola para medir a fama é ser reconhecido por herdeiras de vinte e poucos que pagam fortunas para estudar Artes no privado e por *gays* não assumidos que não caminham para novos, sim — respondeu, e começaram os dois

a rir infantilmente à socapa. Por fim, recuperaram a compostura.

Jude fitou-o.

— Só mesmo tu para apareceres em capas de revistas e achares que não és uma celebridade — disse, quase ternurento. Porém, quando as revistas saíam, Willem não estava no mundo real; estava num *set* de cinema, onde todos se comportavam como se fossem famosos.

— Isso é diferente — justificou. — Não sei explicar. — Pouco depois, entregue aos seus pensamentos enquanto era levado ao aeroporto, percebeu qual era a diferença. Sim, estava habituado a ser olhado. Porém, estava habituado a ser olhado por certo tipo de pessoas e em contextos específicos; normalmente, abordavam-no porque queriam ir para a cama com ele ou falavam-lhe porque isso as poderia ajudar nas respetivas carreiras ou porque o simples facto de ele ser conhecido acordava nelas uma espécie de frenesim faminto e ansiavam estar na sua presença. Era novidade ver-se observado por pessoas que tinham mais que fazer, gente supostamente ocupada com assuntos bem mais prementes do que um ator em Nova Iorque — porque, em Nova Iorque, os atores estavam por toda a parte. Em regra, homens influentes olhavam para ele nas estreias: o diretor dos estúdios fazia as apresentações e, ao apertar-lhe a mão, os homens influentes faziam conversa de circunstância, mas, de si para consigo, estavam a avaliá-lo, percebia Willem; estavam a pesar o veredito do público e o cachê que ele recebera por aquele filme e a calcular quais os resultados de bilheteira que justificariam olhá-lo com mais atenção.

Bizarramente, conforme a atenção se intensificava — entrava numa sala, num restaurante ou num espaço público, e, durante uma fração de segundo, sentia uma pausa coletiva —, descobriu que tinha o poder de se tornar invisível: se chegasse ao restaurante convencido de que o iam reconhecer, assim acontecia, mas, se avançasse até à sua mesa convicto de que não seria reconhecido, raramente era. Não chegou a descobrir se havia outro fator decisivo além do poder da mente. O certo era que funcionava, daí que, seis anos depois daquele almoço, quando já se mudara definitivamente para o apartamento de Jude, pudesse circular mais ou menos à vontade por quase todo o SoHo sem ser abordado.

Willem instalara-se temporariamente na Greene Street depois da tentativa de suicídio de Jude, mas os meses passaram e ele deu-se conta de que as suas coisas (começou pela roupa, seguindo-se o portátil, sucessivas caixas com livros e o seu cobertor de lã favorito, em que adorava embrulhar-se para depois se arrastar até à cozinha e preparar o primeiro café do dia; a sua vida de nómada habituara-o a não precisar de muito mais do que aquelas coisas, e, de facto, pouco mais tinha) tinham colonizado cada palmo do seu antigo quarto. Um ano depois, ainda lá vivia. Certa manhã, acordou tarde, foi fazer café (levava para lá a sua máquina, porque Jude não tinha), e, vagueando ensonado pelo apartamento, tomou consciência de algo em que ainda não reparara: os seus livros estavam arrumados nas estantes de Jude e os quadros e fotografias que comprara ao longo dos anos estavam na parede. Quando acontecera aquilo? Desconhcia a resposta, mas sentiu que acontecera o que tinha de acontecer: regressara ao seu lugar.

O próprio Mr. Irvine achava ser a melhor decisão. Na primavera, por ocasião do aniversário de Malcolm, dissera-lhe:

— Ouvi dizer que te mudaste outra vez para casa do Jude. — Willem confirmou e preparou-se para o inevitável sermão criticando a sua adolescência fora do prazo, ou não estivesse à beira de fazer 44 anos e Jude, quase com 42. Mas Mr. Irvine disse: — És um bom amigo, Willem. Fazem bem em tomar conta um do outro. — O pai de Malcolm ficara muito abalado com a tentativa de suicídio de Jude. Toda a gente ficara impressionada, claro, mas não era segredo para ninguém que, dos quatro, Jude sempre fora o favorito de Mr. Irvine.

— Obrigado, Mr. Irvine — agradeceu Willem, surpreendido. — Também acho que fiz bem.

Depois de Jude ter alta do hospital, durante as primeiras semanas, ainda não refeito do choque, Willem ia ao quarto dele às horas mais inusitadas para confirmar que Jude estava lá e que ainda respirava. Nessa fase, ele passava a maior parte do tempo a dormir, e, por vezes, Willem sentava-se na beira da cama, e, ao observá-lo, sentia-se tomado de um terrível assombro por Jude continuar com eles. Pensava: *Se o Richard o tem encontrado vinte minutos depois, ele estaria morto*. Cerca de um mês depois de Jude deixar o hospital, Willem foi à drogaria, e, quando viu os x-atos num expositor — um instrumento tão medieval e cruel, pareceu-lhe —, quase se desfez em lágrimas. Andy tinha-lhe contado que, nas urgências, o médico comentara com ele nunca ter visto golpes autoinfligidos tão profundos e resolutos como os de Jude. Não sendo novidade para ele que Jude era um homem traumatizado, fora quase estarrecedor descobrir quão pouco o conhecia e a que grau estava Jude decidido a magoar-se.

Willem sentia que, em vários aspetos, ficara a conhecer melhor Jude naquele último ano do que nos anteriores vinte e seis, e cada nova informação era mais terrível do que a anterior. As experiências vividas por Jude deixavam-no sem saber o que dizer, porque, o mais das vezes, nada havia a dizer. A história da cicatriz nas costas da mão, por exemplo — a primeira que Jude lhe contou —, era de tal maneira terrível, que, nessa noite, Willem não conseguiu dormir, chegando a ponderar seriamente ligar a Harold, apenas porque precisava de alguém com quem partilhar o que ficara a saber, alguém que o acompanhasse na sua mudez horrorizada.

No dia seguinte, foi mais forte do que ele: não conseguia parar de olhar fixamente para a mão de Jude, que acabou por a esconder com a manga.

— Estás a deixar-me constrangido — avisou.

— Desculpa — respondeu Willem.

Jude suspirou.

— Willem, se a tua reação vai ser sempre essa, não te posso contar mais nada — acabou por dizer. — Está tudo bem, a sério. Aconteceu há muito tempo. Já nem penso no assunto. — Calou-se momentaneamente. — Se eu te contar mais coisas, não quero que me comeces a olhar de outra maneira.

Willem respirou fundo.

— Claro que não — disse. — Tens razão. Tens toda a razão. — Depois dessa

conversa, passou a ter o cuidado de não dizer uma palavra de cada vez que Jude lhe contava alguma coisa: ficava-se por murmúrios vagos que não o comprometiam, como se qualquer dos seus amigos tivesse sido açoitado com um cinto embebido em vinagre até desmaiar ou obrigado a comer o próprio vomitado do chão. Agia como se tudo isso fossem normais ritos de passagem da infância. Mas, embora tivesse ficado a conhecer tais histórias, continuava a apalpar às cegas. Continuava sem saber quem fora o irmão Luke. Não estava a par de mais do que episódios avulsos vividos por Jude no mosteiro ou na instituição. Continuava sem saber como ele fizera para chegar a Filadélfia ou o que lhe acontecera por lá. Tal como continuava a desconhecer as circunstâncias do traumatismo. Porém, se a estratégia de Jude fora começar pelas histórias menos violentas, Willem previa que as outras, caso Jude lhas chegasse a contar, seriam pavorosas. Quase desejava jamais as saber.

Jude começou a contar-lhe aquelas coisas a título de cedência, depois de deixar bem claro que não faria terapia com o Dr. Loehmann. Andy passava no apartamento quase todas as sextas à noite e assim aconteceu certa vez, pouco depois de Jude regressar ao escritório. Fecharam-se no quarto dele, para Andy o examinar, e, enquanto isso, Willem preparou bebidas, que depois saborearam no sofá, à meia-luz, para poderem admirar o céu pontilhado de neve.

— O Sam Loehmann comentou comigo que ainda não lhe ligaste — comentou Andy. — Jude... que merda é esta? Tens de lhe ligar. Era parte do nosso acordo.

— Andy — replicou Jude —, já te disse que podes esquecer essa parte. — Willem não pôde evitar uma certa alegria ao constatar que a casmurrice de Jude estava de volta, embora, naquela questão, não estivesse do seu lado. Dois meses antes, durante a viagem a Marrocos, certo dia, ao jantar, erguera os olhos do prato e vira Jude fitar embasbacado os vários acepipes, incapaz de se decidir. «Jude?», murmurou, e, quando Jude o encarou, parecia assustado. «Não sei por onde começar», sussurrou. Willem inclinou-se e, agarrando na colher dele, serviu-lhe um pouco de cada, sugerindo-lhe que começasse pela beringela estufada e que provasse os vários *mezze* no sentido dos ponteiros do relógio.

— Tens de falar com *alguém* — quase exigiu Andy. Willem conseguia ver que ele estava a tentar manter a calma, mas sem sucesso, e também isso o animou: de certa maneira, aquela conversa denotava um regresso à normalidade. — O Willem é da mesma opinião, não és, Willem? Não podes continuar como até aqui! Sofreste coisas que muitos não aguentariam! Tens de começar a falar do que te aconteceu!

— Está bem — rendeu-se Jude, saturado. — Falo com o Willem.

— O Willem não é um profissional de saúde! — explodiu Andy. — É ator! — Nesta altura, Jude olhou para ele e desfizeram-se os dois a rir tão descontroladamente que tiveram de pousar as bebidas. Por fim, Andy levantou-se do sofá, declarou-os um par de imaturos, disse não saber porque ainda se dava ao trabalho e retirou-se, enquanto, do sofá, Jude lhe gritava «Andy! Desculpa! Não vás!», embora a rir tanto que mal se percebia o que ele dizia. Willem não o ouvia rir havia muito tempo (na verdade, a última vez acontecera meses antes da tentativa de suicídio).

Daí a pouco, dominadas as gargalhadas, Jude disse:

— Aquilo era a sério, Willem. Pensei que podia começar a contar-te algumas coisas. Importas-te? Ou vai ser um fardo? — Ele respondeu que não seria, de todo, e que queria ouvir essas coisas. Sempre as quisera saber, mas não disse isto, ciente de que ia parecer uma crítica.

Ainda assim, tendo sido capaz de se convencer de que Jude voltara ao normal, era inegável que houvera mudanças. Algumas pareciam-lhe positivas, como, por exemplo, ter começado a falar do que lhe acontecera no passado. Outras, entristeciam-no: embora tivesse recuperado firmeza nas mãos, ainda lhe tremiam de vez em quando, e, embora acontecesse cada vez mais raramente, ele sabia que Jude ficava constrangido. E, mais do que nunca, esquivava-se ao contacto físico — sobretudo com Harold, reparou Willem. Harold visitara-os havia um mês e só faltou Jude dançar pelo apartamento fora para não se deixar abraçar por ele. Vendo a cena, Willem condeou-se de Harold ao ver-lhe a expressão e então avançou e abraçou-o.

— Sabe que ele não faz por mal — disse-lhe em voz baixa, e Harold deu-lhe um beijo na cara.

— És um homem bom, Willem — respondeu.

Entretanto, já era outubro. A tentativa de suicídio acontecera havia treze meses. À noite, tinha o espetáculo, que terminaria em dezembro. Dois meses depois, começaria a rodar o primeiro filme desde o regresso do Sri Lanka, uma adaptação de *O Tio Vânia*, que não só era um projeto empolgante como seria filmado na região do vale do rio Hudson, permitindo-lhe vir dormir ao apartamento depois de cada dia de rodagem.

Não era coincidência.

— Arranjem-me trabalho em Nova Iorque — dissera ao gestor de carreira e ao agente depois de, no outono, desistir do filme na Rússia.

— Durante quanto tempo? — perguntou Kit, o agente.

— Não sei — respondeu Willem. — Durante um ano, pelo menos.

— Willem — disse Kit, após um silêncio —, eu sei que tu e o Jude têm uma ligação especial. Mas não te parece que devias aproveitar o impulso que a tua carreira teve? Nesta fase, podes fazer o que quiseres. — Referia-se ao sucesso estrondoso da *Ilíada* e da *Odisseia*, o qual provava, não se cansava de sublinhar, que, doravante, Willem apenas teria de escolher qual o filme que queria fazer a seguir. — E, pelo que conheço do Jude, arrisco dizer que ele é da mesma opinião. — Depois, vendo que Willem se mantinha silencioso: — Não estamos a falar da tua mulher ou de um filho. Trata-se de um amigo.

— Imagino que queiras dizer «apenas um amigo» — replicou Willem, irritado. Igual a si mesmo, Kit pensava como um agente, mas estava com ele desde o começo e tinha a sua confiança, por isso, Willem esforçava-se por não discutir com ele; a verdade era que Kit sempre o soubera aconselhar. «Só projetos de categoria, nem um que não devesse fazer parte da lista», gabava-se, de cada vez que passava os olhos pelo currículo de Willem. Os dois sabiam que Kit ambicionava mais do que ele para a sua carreira e assim fora desde o primeiro

momento. Apesar disso, fora Kit a assegurar-lhe o regresso do Sri Lanka no primeiro voo depois de Richard lhe ligar, tal como fora Kit a conseguir que os produtores suspendessem a rotação durante uma semana para ele poder ficar uns dias em Nova Iorque.

— Não digo isto para te ofender, Willem — assegurou Kit, cuidadoso na escolha das palavras. — Sei que o adoras. Mas, por amor de deus. Se ele fosse o amor da tua vida, eu entendia. Mas parece-me um excesso impores semelhante restrição à tua carreira.

O facto era que, por vezes, Willem perguntava a si mesmo se algum dia amaria alguém como amava Jude. Amava-o por quem ele era, claro, mas também o bem-estar sem ressalvas da sua vida a dois. Podia contar com alguém que o conhecia desde sempre e que, tinha a certeza absoluta, aceitaria cada estado de espírito seu dia após dia. O seu trabalho e a sua vida eram um jogo de espelhos e adivinhas. Tudo na sua pessoa e nas suas circunstâncias mudava constantemente: o cabelo, o físico, onde dormiria nessa noite e tantas outras coisas. Chegava a sentir-se matéria líquida que era continuamente vertida de garrafa colorida para garrafa colorida, perdendo-se algumas gotas a cada transvasamento. Mas tinha a amizade com Jude, que o fazia sentir que havia algo de real e imutável na sua pessoa, que, embora a sua vida fosse uma sucessão de disfarces, retinha uma essência, que Jude conseguia ver mesmo nas alturas em que ele próprio não a descortinava. De certa maneira, Jude testemunhava-o e permitia-lhe ser real.

No curso, um professor explicara-lhe que os melhores atores eram invariavelmente pessoas enfadonhas, que uma personalidade demasiado vincada prejudicava o trabalho, porque um ator tem de apagar a sua natureza, tem de permitir que a personagem lhe faça sombra.

— Quem quer ser uma personalidade vai para estrela da *pop* — dizia amiúde.

Willem compreendera a sabedoria destas palavras logo na altura e continuava a achar que o eram, mas, por outro lado, sentia que todos os atores ansiavam saber quem eram de verdade, porque, conforme os papéis se somavam, qualquer deles ficava progressivamente mais afastado da ideia que tinha de si e mais difícil se tornava dar com o caminho de volta até essa versão da sua pessoa. Seria para admirar que tantos dos seus pares estivessem meio loucos? Ganhavam a vida, definiam as suas vidas e definiam-se perante o público fingindo ser outras pessoas; qual era então a surpresa de ansiarem sofregamente pelo próximo *set* de cinema ou palco para dar uma natureza tangível às suas vidas? Sem *sets* e sem palcos, quem eram, o que eram? Daí as religiões, as namoradas e as causas: tudo isso eram coisas a que podiam chamar suas. Não dormiam, não paravam e aterrorizava-os estar sozinhos um momento que fosse, porque teriam de se perguntar quem realmente eram. («Um ator continua a ser um ator quando fala e não há ninguém para o ouvir?», perguntara, certa vez, o seu colega Roman. De vez em quando, Willem fazia a si mesmo essa pergunta.)

Para Jude, ele não era um ator; era seu amigo e essa identidade suplantava o resto. Era um papel que Willem vinha vivendo havia tanto tempo que se tornara indelével. Esse era ele. E, da mesma maneira que, para Jude, ele não era um ator

antes de mais, para si, Jude não era, antes de mais, um advogado: tendo de se descrever mutuamente, tal não teria vindo em primeiro, segundo ou terceiro lugar. Apenas Jude mantinha presente quem ele fora antes de passar a ganhar a vida fingindo ser outros: alguém com um irmão e pais e capaz de se deixar maravilhar com as pessoas e as coisas. Conhecia muitos atores que queriam distância de quem lhes recordasse quem tinham sido — pessoas desesperadas por ser outras —, mas ele não era assim. Willem *queria* ser recordado de quem fora; queria estar próximo de alguém para quem a sua carreira jamais seria o aspeto mais interessante da sua pessoa.

E, sendo honesto, adorava o que Jude lhe trazia por acréscimo: Harold e Julia. A adoção fizera-o invejar Jude pela primeira vez. *Admirava* inúmeras qualidades suas — a inteligência, a ponderação, o engenho —, mas nunca sentira ciúmes de Jude. Porém, ao testemunhar a sua relação com Harold e Julia, ao ver como os dois o olhavam quando ele tinha a atenção noutro lado, sentia um certo vazio: já não tinha os pais e, embora raramente pensasse no assunto, sentia que, por distantes que os pais tivessem sido, o ancoravam à vida. Sem família, sentia-se um pedaço de papel ao sabor do vento, refém de cada rajada. Nisso, ele e Jude acompanhavam-se.

Sabia que a sua inveja era ridícula, claro, e de um egoísmo atroz: ao contrário de Jude, ele crescera com os pais. E sabia que Harold e Julia lhe tinham afeto, tal como ele se lhes afeiçoara. Viam todos os seus filmes e um e outro enviavam-lhe longas críticas exaustivas em que, além de elogiarem o seu desempenho, faziam comentários pertinentes sobre o elenco ou a direção de fotografia. (Só não tinham visto um, ou, pelo menos, jamais o haviam mencionado: *O Príncipe da Canela*, o filme que ele estava a rodar aquando da tentativa de suicídio. Mesmo ele não o vira.) Liam cada artigo que lhe era dedicado — ao contrário de Willem, que não queria saber de nada disso, tal como não olhava para as críticas — e compravam todas as revistas em que ele aparecesse. Ligavam-lhe no aniversário e perguntavam-lhe como ia celebrar o dia, e Harold não perdia a oportunidade de lhe recordar que estava a ficar velho. Pelo Natal, ofereciam-lhe sempre um livro e mais qualquer coisa que o fizesse rir ou alguma curiosidade com que ele passava a andar no bolso e se distraía quando estava ocupado ao telefone ou sentado na cadeira de maquilhagem. No fim de semana do Dia de Ação de Graças, ele e Harold sentavam-se na sala a ver o jogo, enquanto Julia fazia companhia a Jude na cozinha.

- As batatas fritas estão no fim — resmungava Harold.
- Eu sei — dizia Willem.
- Não queres ir buscar mais? — sugeria Harold.
- Não sou o anfitrião — sublinhava ele.
- Exato; és o *convidado*.
- Precisamente.
- Liga ao Jude e pede-lhe que nos traga mais.
- Ligue o Harold!
- Não, liga *tu*.

— Tudo bem — rendia-se Willem. — Jude! O Harold quer mais batatas fritas!

— Dás música a toda a gente, Willem — acusava Harold, quando Jude vinha reencher a tigela. — Ele é que quis, Jude.

Fundamentalmente, sabia que Harold e Julia o acarinhavam porque ele adorava Jude. Sabia que os dois confiavam que ele olharia pelo seu filho. Aos olhos do casal, ele era esse, e Willem não se importava. Pelo contrário, orgulhava-se desse papel.

Porém, em tempos recentes, Jude começava a inspirar-lhe novos sentimentos e Willem não sabia o que fazer quanto a isso. Acontecera numa sexta à noite: estavam no sofá, regressados respetivamente do teatro e do escritório, à conversa, a falar de nada em particular, e por pouco Willem não se inclinou para o beijar. Refreou-se e o momento passou. Desde então, ia sendo revisitado pelo impulso. Acontecera duas, três, quatro vezes.

Começava a ficar preocupado. O problema não estava em Jude ser um homem; já fora para a cama com homens, não conhecia nenhum que não tivesse feito o mesmo, e, na faculdade, numa noite em que estavam bêbados, ele e JB tinham curtido, por curiosidade e por estar entediados (para alívio de ambos, a experiência fora para esquecer: «Não deixa de ser interessante que alguém tão bonito não dê tesão nenhuma», disse JB, *ipsis verbis*). Tão-pouco o incomodava que, antes, não tivesse sentido atração física por Jude, algo que lhe acontecia com quase todos os amigos. A questão era que não podia dar um passo a menos que estivesse absolutamente seguro do que sentia, porque a intuição lhe dizia — alto e bom som — que, não sendo descontraindo em nada, Jude o seria menos ainda tratando-se de sexo.

A vida sexual e a sexualidade de Jude sempre tinham sido objeto de continuado fascínio para todos os seus conhecidos, bem como, sem dúvida, para as namoradas de Willem. Ele, Malcolm e JB tinham chegado a abordar o assunto uma vez por outra, aproveitando que Jude não estava por perto: *Andaria a satisfazer as necessidades? Alguma vez aconteceu? Com quem?* Qualquer dos três via como Jude era olhado nas festas e como o abordavam e se insinuavam, mas ele parecia não se dar conta.

— Aquela estava quase a cair-te para cima — dizia-lhe Willem uma vez por outra, ao regressarem de uma festa.

— Quem? — perguntava Jude.

Falavam os três do assunto porque Jude deixara bem claro que não o discutiria com nenhum deles. Se puxavam a conversa, ele lançava-lhes um dos seus olhares e mudava de tema tão vincadamente que teria sido impossível não captar a mensagem.

— Já aconteceu ele não vir dormir a casa? — perguntava JB (nessa altura, já eles viviam na Lisperd Street).

— Pessoal — dizia Willem (a conversa deixava-o pouco à vontade) —, não me parece bem estarmos a falar disto.

— Willem! — indignava-se JB. — Não sejas enconado! Não estás a trair a

confiança do Jude. Responde e pronto: ele já dormiu fora ou não?

Willem suspirava.

— Não — admitia.

Silêncio.

— Talvez ele seja assexual — sugeria Malcolm, passado um momento.

— Não, Mal, isso és tu.

— Vai-te foder, JB.

— Acham que ele é virgem? — perguntava JB.

— Não é — afirmava Willem. Não sabia o que o levava a responder com tamanha certeza, apenas sabia que tinha razão.

— Só sei que é um desperdício — lamentava-se JB, e Willem e Malcolm entreolhavam-se, sabendo o que viria a seguir. — Ter uma pinta daquelas e não aproveitar... Devia ser *eu* a ter aquela cara e aquele corpázio. Garanto que me divertia mais do que ele.

Com o tempo, aceitaram que Jude era assim e juntaram o tema à lista de tudo o resto que sabiam que não deviam abordar com ele. Os anos passavam sem que o vissem sair com alguém, namorar, ou, pelo menos, ter uma companhia especial.

— Às tantas, ele leva uma vida dupla escaldante — sugeriu Richard certa vez, ao que Willem encolheu os ombros.

— Talvez — disse. Para consigo, embora não tivesse maneira de provar, sabia que não era o caso. Da mesma maneira empírica, calculou que Jude fosse *gay* (embora pudesse perfeitamente não ser), e que, quase de certeza, nunca tivera um relacionamento (embora ele quisesse com todas as forças estar enganado nesse ponto). De resto, por mais que Jude afirmasse o contrário, Willem nunca se deixara convencer de que ele não se sentia sozinho, de que não desejava, nem que no mais fundo e recôndito de si, estar com alguém. Ainda se lembrava do casamento de Lionel e Sinclair: Malcolm levava Sophie, ele, Robin, JB (com quem não falavam na altura), Oliver, e Jude, ninguém. E, embora Jude se tivesse mostrado perfeitamente à vontade com a situação, observando-o quando estavam à mesa, Willem ficara triste por ele. Não queria que Jude envelhecesse sozinho. Queria vê-lo com alguém que tomasse conta dele e o desejasse. JB tinha razão: *era* um desperdício.

Estaria nisso a explicação para a atração que começara a sentir? Teriam a preocupação e a empatia ganhado contornos mais apetecíveis? Queria convencer-se da atração por Jude por lhe custar vê-lo sozinho? Não achava que fosse isso. Mas não tinha a certeza.

Outrora, teria discutido o assunto com JB, mas, neste caso, não o podia escolher para confidente, ainda que tivessem reatado a amizade, ou, pelo menos, se estivessem a esforçar nesse sentido. Ao regressarem de Marrocos, Jude ligara a JB e os dois tinham ido jantar. Um mês depois, Willem seguiu-lhe o exemplo. Estranhamente, tinha muito mais dificuldade em perdoar JB do que o próprio Jude e o reencontro foi desastroso: JB exagerou de tal maneira na leveza e despreocupação que se tornou espalhafatoso, enquanto, por seu lado, Willem quase espumava de raiva. Por fim, à saída do restaurante, desataram aos berros um

com o outro. Numa Pell Street sem rival — nevara ligeiramente, daí não andar ninguém na rua —, acusaram-se reciprocamente de condescendência e crueldade, irracionalidade e egocentrismo, moralismo e narcisismo, mania da perseguição e andar à nora.

— Achas que *alguém* no mundo se odeia mais do que eu? — gritou JB. (À quarta exposição individual, que documentava a fase das drogas e da ligação a Jackson, chamara «Como Ser Narcisista e Odiar a Si Mesmo», a prova, não se cansou de repetir durante o jantar, de que se castigara ampla e publicamente e aprendera com os erros.)

— Por acaso, acho, JB — gritou-lhe Willem de volta. — Acho que o Jude se odeia bem mais do que tu alguma vez serias capaz de odiar a *ti* mesmo e acho que sabias isso e ainda o fizeste odiar-se mais.

— Achas que eu não sei? — explodiu JB. — Duvidas que me odeio por ter sido capaz disso?

— Duvido que te odeies *que chegue* — explodiu também Willem. — *Porquê*, JB? De tantos alvos que podias ter escolhido, porquê *ele*?

Então, para seu espanto, JB deu-se por vencido e sentou-se na beira do passeio.

— Sempre o adoraste e a mim, não — acusou. — Porquê, Willem?

Willem suspirou.

— Ah, JB... — murmurou, sentando-se ao seu lado no passeio tão frio que se sentiu gelar. — Tu nunca precisaste de mim como ele precisa. — Não era o único motivo, sabia disso, mas era parte da explicação. Não tinha mais ninguém que precisasse de si. *Queriam-no* na cama, num filme, numa peça de teatro ou como amigo, mas só Jude precisava dele. Só Jude não podia viver sem ele.

— Sabes, Willem — disse JB, após um silêncio —, talvez o Jude não precise tanto de ti como julgas.

Willem ponderou estas palavras.

— Enganas-te — respondeu, por fim. — Tenho a certeza de que precisa.

Foi a vez de JB suspirar.

— Queres saber a melhor? — replicou. — Acho que tens razão.

Curiosamente, depois daquela conversa, as coisas melhoraram entre os dois. Porém, ainda que andasse — de pé atrás — a redescobrir o prazer da companhia de JB, não sabia se estava preparado para abordar aquele tema melindroso com ele. Não tinha a certeza de estar com disposição para lhe aturar as piadas — que já espetara tudo com dois cromossomas X, daí ter de passar aos XY —, teorias sobre o abandono dos padrões heteronormativos ou o mais insuportável de tudo: a conversa de que a atração que ele imaginava sentir por Jude era, no fundo, sentimento de culpa motivado pela tentativa de suicídio, paternalismo ou pura e simplesmente por desfastio.

Assim, optou por esperar quieto e calado. Os meses iam passando, tinha os seus encontros e escapadelas, e, enquanto isso, tratava de examinar o que sentia. *Seria uma loucura*, dizia para consigo. *É a pior ideia que podias ter*. Uma e outra eram verdade. Seria bem mais fácil não ter aqueles sentimentos. *Mas qual é o problema de os ter?*, argumentava para dentro. *Toda a gente sente coisas que sabe que é melhor*

esquecer, porque, seguindo esses impulsos, a sua vida se tornará bem mais complicada. Escreveu mentalmente páginas e páginas de diálogos consigo. Chegava a visualizar as falas — suas e de JB, mas ele lia os dois papéis — passadas a computador e impressas em papel branco.

A atração não desapareceu. Foram passar o fim de semana do Dia de Ação de Graças em Cambridge, o que não acontecia havia dois anos. O irmão de Julia viera de Oxford e ocupara o quarto do primeiro andar, por isso, tiveram de ficar os dois no quarto de Jude. Nessa noite, deitado no sofá-cama, incapaz de dormir, Willem viu Jude dormir. O que aconteceria indo deitar-se ao seu lado?, perguntou a si mesmo. De alguma maneira, era como se estivesse escrito que assim seria. O absurdo parecia não estar na ideia, mas na sua resistência em dar esse passo.

Tinham levado o carro, e, no regresso a Manhattan, guiou Jude, para que ele pudesse dormir.

— Willem — disse Jude, quando estavam prestes a entrar em Manhattan —, posso perguntar-te uma coisa? — Willem enfrentou-lhe o olhar. — Estás bem? Andas com algum problema?

— Não — mentiu ele. — Está tudo bem.

— Tenho-te achado... nem sei. Melancólico, talvez — continuou Jude. Willem ficou silencioso. — Queria dizer-te que mudares-te lá para casa foi o melhor presente que me podias dar. Nem sequer falo apenas de vivermos juntos. É tudo. Não sei mesmo como teria feito sem ti. Mas imagino que seja esgotante e quero que saibas que, se precisas de voltar a ter o teu espaço, por mim, não há problema. Juro-te que fico bem. Não vou repetir o que fiz. — Disse tudo isto de olhos na estrada e só depois o encarou. — Não sei o que fiz para merecer tanta sorte — rematou.

Willem ficou momentaneamente sem palavras.

— Tu *queres* que eu volte para o meu apartamento? — perguntou.

Silêncio.

— Claro que não — disse Jude, mal erguendo a voz. — Mas quero que sejas feliz e não me parece que andes feliz.

Willem suspirou.

— Desculpa — disse. — Tens razão, ando preocupado. Mas não tem nada que ver com viver contigo, acredita. Adoro viver contigo. — Tentou pensar na frase perfeita para dizer a seguir, na mais acertada, mas nada lhe ocorreu. — Desculpa — tornou a dizer.

— Não há nada para desculpar — tranquilizou-o Jude. — Mas, se nalguma altura quiseses falar do que te preocupa, sabes que podes fazer isso.

— Eu sei — respondeu Willem — Obrigado. — Fizeram o resto do caminho em silêncio.

Chegou dezembro. A carreira da peça terminou. Foram os quatro à Índia: depois de tantos anos, eis que o bando tornava a estar completo. Em fevereiro, começou a rodar *O Tio Vânia*. O ambiente no *set* era perfeito, era tudo o que ele procurava num projeto, mas raramente encontrava: já trabalhara com cada uma daquelas pessoas e todos se respeitavam e davam bem; o realizador, um tipo sem

peneiras, era sensível e sabia falar com os atores; a adaptação, escrita por um romancista que Jude admirava, sublinhava a beleza das coisas simples; e os diálogos eram maravilhosos de se dizer.

No começo da carreira, Willem integrara o elenco de *A Casa em Thistle Lane*, uma peça sobre uma família em vésperas de deixar uma casa em St. Louis onde sucessivas gerações do lado do pai tinham vivido, mas que a família deixara de ter dinheiro para manter. A peça não fora feita num teatro, mas num edifício residencial devoluto no Harlem, onde, podendo circular livremente numa área delimitada, o público tinha a possibilidade de ver os atores em diferentes espaços do apartamento. Willem fazia o filho mais velho, o mais problemático, e passava quase todo o primeiro ato na sala de jantar, a embrulhar louça em folhas de jornal, não tendo uma única fala. Encontrara um tique para a personagem, um rapaz que não se imaginava a deixar a casa da sua infância: quando, a dada altura, os pais começavam a discutir na sala de estar, ele pousava o prato, ia para o canto da sala de jantar mais próximo da cozinha e começava a arrancar o papel de parede. Quase todo esse ato decorria na sala de estar, mas havia sempre alguns elementos do público que ficavam na sala de jantar e o viam arrancar o papel de parede — de um azul tão escuro que era quase preto, com um padrão de rosas-de-toucar de cor esbatida —, enrolar os pedacinhos e deixá-los cair ao chão. No fim do espetáculo, aquele canto da sala de jantar enchera-se daquelas cigarrilhas de papel de parede, como se ele fosse um rato desajeitado a tentar fazer o ninho. Fora um espetáculo extenuante, mas que ele adorava fazer. A atmosfera intimista, o espaço inusitado e a fisicalidade minuciosa e contida da sua personagem tinham-no tornado uma experiência única.

O filme que estava a rodar lembrava-lhe essa peça. A produção encontrara uma mansão de finais do século xix na margem do Hudson, tão grandiosa quanto decadente, onde tudo chiava e rangia — a sua ex-namorada Philippa imaginara que a velhice dos dois seria num lugar assim. O realizador usaria apenas três divisões: a sala de jantar, a sala de estar e o jardim de inverno. Na peça, houvera o público; ali, tinham a equipa de rodagem, que os acompanhava nas movimentações pelo espaço. Mas, embora estivesse a desfrutar cada minuto da experiência, tinha consciência de que *O Tio Vânia* não era a escolha ideal naquele momento da sua carreira. No *set*, era o Dr. Ástrov, depois regressava à Greene Street e era Sónia. Ora, por mais que adorasse a peça — sempre adorara, tal como sempre adorara a infeliz Sónia tanto quanto dela se compadecia —, nunca, em circunstância alguma, se imaginara nesse papel. Quando se encontraram os quatro, falou do filme.

— Ah! — exclamou JB. — Essa adaptação vai jogar com os géneros.

— Como assim? — perguntou Willem.

— Obviamente, fazes a Helena, certo? — rematou JB, e todos riram, sobretudo Willem. Aquele momento recordou-lhe o que sempre adorara em JB: aquelas suas saídas acutilantes, de cuja perspicácia nem se dava conta.

— Ele já é muito velho para fazer de Helena — disse Jude, embora num tom carinhoso, o que os fez rir ainda mais.

Foi uma rodagem expedita: fez-se nuns escassos 36 dias e terminou na última semana de março. Uns dias depois, Willem encontrou-se com Cressy, uma velha amiga e antiga namorada, e almoçaram em TriBeCa. O regresso à Greene Street debaixo de uma neve miudinha recordou-lhe como gostava de Nova Iorque no final do inverno, quando a cidade parecia suspensa entre estações; Jude cozinhava todos os fins de semana e andava-se na rua durante horas sem se ver mais do que meia dúzia de pessoas a passear os cães.

Atravessando a Reade Street, continuou a subir a Church Street, e então, ao olhar de passagem para um café do lado direito, viu Andy sentado a ler na mesa do canto.

— Willem! — saudou ele, vendo-o aproximar-se. — Que fazes por aqui?

— Ia para casa — respondeu Willem. — Almocei com uma amiga e apeteceu-me caminhar. Estranho é estares *tu* aqui. A tua zona é lá para cima.

— Vocês dois e as vossas caminhadas — disse Andy, abanando a cabeça. — O George está numa festa de aniversário a um par de quarteirões daqui. Estou a fazer tempo até serem horas de o ir buscar.

— Que idade tem ele agora?

— Nove.

— Livra, já são esses todos?

— Sinto o mesmo.

— Queres companhia? — perguntou Willem. — Ou apetece-te estar sozinho?

— De todo — disse Andy, puxando um guardanapo de papel para marcar a página. — Senta-te. — Ele assim fez.

Inevitavelmente, falaram de Jude, que viajara para Bombaim em trabalho, de *O Tio Vânia* («Dessa peça, só retive que o Ástrov é intragável», confessou Andy), do seu próximo filme, que começaria a rodar em Brooklyn no final de abril, de Jane, a mulher de Andy, que ia expandir o consultório, e dos filhos do casal: George, a quem recentemente fora diagnosticada asma, e Beatrice, que queria ir para um colégio interno já no próximo ano.

Então, antes que se pudesse refrear — tão-pouco tinha grande vontade disso —, Willem abriu o coração e contou a Andy o que sentia por Jude, confessando não saber bem o que aquilo significava ou qual o próximo passo. Falou até se cansar e Andy limitou-se a ouvi-lo sem que a sua expressão traísse o que lhe ia no pensamento. Eram os únicos no café. Lá fora, a neve começara a cair com mais força, e, apesar da ansiedade, Willem sentia-se não só profundamente calmo, mas também aliviado por poder partilhar tudo aquilo — para mais, com alguém que o conhecia, e a Jude, havia muitos anos.

— Sei que deve parecer estranho — concluiu. — E já pensei muito no que poderá querer dizer, Andy, acredita. Mas há uma parte de mim que se pergunta se não estava escrito que seria assim. Há décadas que ando a saltar de namorico em namorico sem nunca dar em nada e talvez nunca tenha resultado porque, desde o começo, ele era a pessoa certa para mim. A menos que esta conversa seja eu a querer convencer-me. Talvez seja simples curiosidade. Mas acho que não; acredito que me conheço melhor do que isso. — Suspirou. — O que alvitrás?

Durante largos segundos, Andy não falou.

— Antes de mais — disse, por fim —, não acho nada estranho, Willem. Por várias razões, até acho que faz todo o sentido. Vocês dois sempre tiveram uma ligação invulgar, que parecia desafiar as regras. Por isso, não foi nada que não me tenha passado pela cabeça, mesmo com todas as namoradas que tiveste.

» Pensando no que eu gostava que acontecesse e esquecendo o resto, acho que seria extraordinário, para ti, mas, sobretudo, para ele. Acho que queres um relacionamento com o Jude seria a maior dádiva que ele poderia receber e far-lhe-ia extraordinariamente bem.

» Mas, Willem, se deres esse passo, é bom que te disponhas a algum tipo de compromisso e a ficar ao lado do Jude, porque tens toda a razão: não vais poder simplesmente divertir-te durante uns tempos e depois passar a outra coisa. Também acho importante teres noção de que não vai ser fácil, nem por sombras. Diria que vais ter de conquistar a confiança dele a partir do zero e de conseguir que ele te veja de outra maneira. Não creio estar a dar-te uma grande novidade quando te digo que lhe vai ser muito difícil estar na intimidade contigo e que terás de ser muito paciente.

Ficaram silenciosos.

— Portanto, se eu der esse passo, devo avançar convencido de que será para sempre — resumiu Willem. Andy observou-o durante alguns segundos, depois sorriu.

— Há piores penas de prisão perpétua — respondeu.

— É verdade — reconheceu Willem.

Regressou à Greene Street. Começou abril e Jude voltou. Festejaram o seu aniversário («Quarenta e três anos», suspirou Harold. «Lembro-me vagamente de ter tido essa idade») e Willem começou a rodar o filme seguinte, em que daria vida a um detetive corrupto. Contracenava com uma velha amiga dos tempos do curso, que fazia o papel da sua mulher, e foram para a cama algumas vezes. Tudo continuou como até ali. Trabalhava; voltava para a Greene Street; pensava na conversa com Andy.

Até que, num sábado no final de maio, acordou muito cedo, quando a primeira luz surgia no céu. O tempo andava imprevisível; umas vezes, parecia ser março, outras, julho. A menos de trinta metros, Jude dormia. De repente, tanta timidez, confusão e hesitação pareceram-lhe tolice. Estava onde pertencia e o seu lugar era com Jude. Amava-o, não seria feliz ao lado de mais ninguém e jamais lhe faria mal — isso, podia afirmar. Assim sendo, o que havia a temer?

Lembrou-se de uma conversa que tivera com Robin quando se estava a preparar para rodar a *Odisseia* e decidiu reler os dois clássicos, esse e a *Ilíada*. Não tornara a olhar para um ou outro desde o ano de caloiro. Tinham começado a namorar havia pouco tempo; estavam na fase em que ainda se tentavam impressionar e havia qualquer coisa de excitante em renderem-se à superioridade do outro.

— Qual é o excerto mais sobrevalorizado deste livro? — perguntou ele. Robin revirou os olhos e declamou:

— «As provas não terminaram. Espera-nos outra, a maior de todas. Será longa, árdua e perigosa, mas irei até ao fim.» — Simulou vomitar. — Será possível ser-se *mais* ilustrativo? O pior é que não há equipa de futebol deste país que, em maré de azar, não passe a usar isto como refrão antes dos jogos! — Disse isto num tom lamuriento que o fez rir. Então, Robin lançou-lhe um olhar carregado. — O senhor jogou futebol — acusou. — Aposto que este é o seu excerto favorito.

— Injúrias! — exclamou ele, fingindo-se ultrajado. Aquele era o jogo dos dois, que nem sempre era uma brincadeira: ele era o ator burro e desportista mais burro ainda, e ela, a namorada muito mais inteligente, que lhe ensinava tudo o que ele não sabia.

— Então diga-me qual é — desafiou Robin. Willem assim fez e ela olhou-o demoradamente. — Hum — murmurou. — Interessante.

Na Greene Street, levantou-se, embrulhou-se na sua manta e bocejou. Nessa noite, falaria com Jude. Não sabia o que o futuro lhe reservava, mas sentia que tudo ia acabar bem. Nenhum mal aconteceria aos dois porque ele não deixaria. Foi fazer café e, na cozinha, repetiu para consigo o excerto que lhe vinha ao pensamento de cada vez que regressava à Greene Street depois de mais uma ausência prolongada: «Diz-me, pois tenho de ter a certeza: este lugar onde cheguei é mesmo Ítaca?» E, à sua volta, o apartamento inundou-se de luz.

Todas as manhãs, acorda e desce para nadar três quilómetros, depois sobe e toma o pequeno-almoço enquanto passa os olhos pelos jornais do dia. Os amigos riem-se deste seu hábito de preparar um pequeno-almoço completo em vez de simplesmente comprar qualquer coisa a caminho do escritório, tal como acham cómico que ele continue a receber jornais em papel. Simplesmente, trata-se de um ritual que sempre lhe trouxe calma. Na instituição, o pequeno-almoço era a única altura do dia em que os monitores eram brandos com ele, além de que os outros rapazes ainda estavam demasiado ensonados para o atormentar. Sentava-se num canto afastado e ficava a ler enquanto tomava o pequeno-almoço, e, durante esses minutos, todos o deixavam em paz.

Como leitor, sabe otimizar o tempo: começa por dar uma vista de olhos ao *Wall Street Journal*, seguindo-se o *Financial Times*, e, para último, deixa o *New York Times*, que vê com atenção do começo ao fim. Na página do obituário, lê, em cima: «Caleb Porter, 52 anos, diretor-executivo na indústria da moda.» No mesmo instante, a garfada de ovos mexidos com espinafres que está a mastigar transforma-se em cartão desfeito e misturado com cola, e, agoniado, sentindo cada terminação nervosa dar sinal de alarme, engole a custo. Tem de ler a notícia pela terceira vez para que finalmente se torne inteligível: cancro do pâncreas. «Disse um colega e amigo de longa data que “foi tudo muito rápido”. Graças à sua estratégia de expansão agressiva, a Rothko, uma marca ainda a dar os primeiros passos, conseguiu penetrar na Ásia e no Médio Oriente, tendo também inaugurado a primeira loja em Nova Iorque. Morreu no seu apartamento em Manhattan. Deixa uma irmã, Michaela Porter de Soto, residente em Monte Carlo, seis sobrinhas e sobrinhos, e o companheiro, Nicholas Lane, também um

executivo na indústria da moda.»

Imóvel, não consegue desviar os olhos daquelas palavras, que por fim, se tornam uma abstração acinzentada. Nessa altura, ergue-se e manca aflito até à casa de banho ao lado da cozinha, onde vomita tudo o que acaba de comer, mas os arrancos não param e obrigam-no a manter-se inclinado para a sanita até por fim cuspir apenas longos fios de saliva. Baixa o tampo da sanita, senta-se com a cara nas mãos e espera que o mal-estar passe. Precisa desesperadamente das lâminas, mas sempre teve o cuidado de não se cortar durante o dia; além de não lhe parecer coadunar-se com a luz do Sol, tem de impor limites a si mesmo, por artificiais que sejam, sob pena de passar 24 horas a cortar-se. Ultimamente, tem feito um esforço enorme para se refrear. Por isso, vai abrir uma exceção. São sete da manhã. Dentro de quinze horas, aproximadamente, estará de regresso a casa. Apenas tem de esperar que o dia passe.

Põe o prato na máquina de lavar louça e torna a atravessar silenciosamente o quarto até à casa de banho, onde toma duche e faz a barba, depois passa ao quarto de vestir, certificando-se de que a porta está fechada antes de se desnudar. Há um mês, a sua rotina matinal passou a incluir um último passo: deveria abrir a porta, aproximar-se da cama pelo lado esquerdo e afagar o braço de Willem, que abriria os olhos e lhe sorria.

«Vou sair», diria ele, sorrindo também, e Willem abanaria a cabeça.

«Não vás», pediria, e ele responderia «Tenho de ir», e Willem diria «Só mais cinco minutos», e ele cederia, avisando «E nem mais um». Willem levantaria a manta, ele deitar-se-ia, senti-lo-ia chegar-se mais para si, fecharia os olhos, aguardaria que os braços de Willem o rodeassem e desejaria ficar ali para sempre. Finalmente, passados dez ou quinze minutos, erguer-se-ia relutante, beijaria Willem algures nas proximidades, mas não exatamente na boca — quatro meses depois, essa parte ainda lhe custa —, e sairia.

Esta manhã, porém, decide saltar esse passo. Em vez disso, detém-se um momento na sala, e, inclinando-se para a mesa de jantar, escreve-lhe um bilhete a explicar que teve de sair mais cedo e não o quis acordar, depois, prestes a abrir a porta, volta atrás para levar consigo o *New York Times*, que deixou na mesa. Sabe que está a ser irracional, mas não quer que Willem leia o nome de Caleb, veja a sua foto ou se inteire da sua pessoa. Willem não sabe o que Caleb lhe fez e ele não quer que jamais fique a saber. Não quer que Willem sequer se inteire de que Caleb existe — existiu, aliás, diz para consigo, porque Caleb deixou de existir. Leva o jornal debaixo do braço e quase o sente pulsar como uma coisa viva. O nome de Caleb é um tenebroso veneno que se esconde naquelas páginas.

Decide levar o carro, porque assim terá esse tempo para si, mas, antes de o tirar da garagem, abre o jornal e relê o artigo uma vez mais, depois torna a dobrar o jornal e guarda-o na pasta de documentos. E, de um momento para o outro, está a chorar descontroladamente, e os soluços, vindos do diafragma, mal o deixam respirar, por isso apoia a cabeça no volante e tenta dominar-se, e, por fim, consegue admitir, apenas para consigo, o seu profundo e declarado alívio; que viveu aterrorizado durante três anos; e que a humilhação e a vergonha persistem.

Detestando-se pela sua fraqueza, torna a agarrar no jornal e lê uma vez mais a notícia do óbito, detendo-se em «o companheiro, Nicholas Lane, também um executivo na indústria da moda». E pergunta-se: terá Caleb feito a Nicholas Lane o mesmo que lhe fez, ou será Nicholas — decerto é — alguém com quem semelhante tratamento não se justifica? Deseja sinceramente que Nicholas não tenha passado por aquilo por que ele passou, mas, na verdade, tem a certeza de que tal não aconteceu, e saber isso fá-lo chorar com mais força. Foi um dos argumentos de Harold ao tentar convencê-lo a apresentar queixa: disse que Caleb era um homem perigoso e que, apresentando queixa e fazendo com que o metessem na cadeia, estaria a proteger futuras vítimas. Mas ele sabia que não era assim. Caleb não faria a mais ninguém o que lhe fizera. Não lhe batera nem o odiara porque tinha o hábito de bater nas pessoas e de as odiar. Batera-lhe e odiara-o não por ser assim, mas por *ele* ser quem era.

Por fim, consegue dominar as emoções. Seca os olhos e assoa-se. Chorar: outro dos despojos dos meses com Caleb. Durante muitos anos, conseguiu controlar essa parte, mas, agora — desde aquela noite —, tem a sensação de que passa a vida a chorar, à beira disso ou a esforçar-se para não chorar. É como se, depois dos progressos feitos nas últimas décadas, tivesse regredido e tornado a ser o miúdo choramingas, vulnerável e indefeso nas mãos do irmão Luke.

Quando vai pôr o carro a trabalhar, começam a tremer-lhe as mãos. Nesta altura, já aprendeu que não tem mais remédio do que esperar, por isso entrelaça os dedos no colo e tenta respirar pausadamente e enchendo bem os pulmões. Por vezes, isso ajuda. Minutos depois, quando o telemóvel toca, a tremura diminuiu um pouco. Com sorte, a voz não o trairá.

— Viva, Harold — saúda.

«Jude», responde Harold, do outro lado. E, num tom estudadamente neutro: «Já viste o *Times*?»

É imediato: a tremura torna a intensificar-se.

— Sim — admite.

«O cancro do pâncreas causa muito sofrimento», diz Harold, com uma nota de arrepiante satisfação na voz. «Ainda bem. É merecido.» Uma pausa. «Tu estás bem?»

— Sim — diz ele. — Está tudo bem, sim.

«Deves estar nalgum sítio com pouco sinal», diz Harold, mas ele sabe que não é o caso: está a tremer tanto que não consegue segurar firmemente o telemóvel.

— Estou na garagem — diz. — Escute, Harold: já estou atrasado. Obrigado por ter ligado.

«OK.» Harold suspira. «Já sabes que me podes ligar se quiseres falar, certo?»

— Sim — responde. — Obrigado.

Felizmente, tem um dia muito ocupado, e esforça-se por não ter um momento livre, de maneira a não pensar senão no trabalho. No final da manhã, recebe uma mensagem de Andy — «Deves ter lido que o filho da puta morreu. Cancro do pâncreas = tortura. Estás bem?» — e responde-lhe assegurando que está tudo bem, depois, ao almoço, lê a notícia do óbito pela última vez, depois enfia o jornal

na trituradora e torna a voltar-se para o computador.

Antes do final do dia, recebe uma mensagem de Willem a dizer que o realizador com quem ficou de se encontrar para discutir um projeto pediu que jantassem um pouco mais tarde, pelo que calcula que não estará em casa antes das onze, o que é um alívio. Às nove, diz à equipa que tem de sair mais cedo, mete-se no carro, vai para casa, e, a caminho da casa de banho, despe o casaco, enrola as mangas da camisa e desaperta o relógio, tão ávido que, quando faz o primeiro corte, está à beira de entrar em hiperventilação. Há quase dois meses que não faz mais de dois cortes de uma vez, mas, abandonando essa regra autoimposta, corta-se até perder a conta aos golpes, até que, por fim, a sua respiração normaliza e sente o reconfortante vazio seu conhecido inundá-lo. Limpa tudo, passa água pela cara e vai para a cozinha, onde aquece a sopa que sobrou do fim de semana. É a primeira refeição digna do nome que faz nesse dia. Depois de comer, lava os dentes e cai prostrado na cama. Está fraco por causa dos cortes, mas sabe que, descansando alguns minutos, ficará bem. O objetivo é comportar-se normalmente quando Willem chegar. Não lhe quer dar motivo para se preocupar ou fazer seja o que for que destrua o delirante sonho impossível em que vive há dezoito semanas.

A revelação de Willem deixou-o tão desconcertado e incrédulo que, fosse outro que não Willem a confessar-lhe aqueles sentimentos, julgaria tratar-se de uma horrível piada de mau gosto. Só a sua confiança absoluta em Willem falou mais alto do que o absurdo das coisas que Willem lhe ia dando a entender.

Mesmo assim, por pouco não se deixou convencer.

— Não percebo — disse, pela décima vez.

— Estou a dizer que me sinto atraído por ti — repetiu Willem, cheio de paciência. Depois, vendo que o deixara mudo: — Judy... sinceramente, não acho que seja assim tão esquisito. Em todos estes anos, nunca te sentiste atraído por mim?

— Não — respondeu de imediato, o que fez Willem rir. Mas ele não dissera aquilo na brincadeira. Jamais teria a vaidade de se imaginar ao lado de Willem. Além disso, não era, de maneira nenhuma, a cara-metade que desejava para Willem. Sempre o imaginara com alguém (do sexo feminino) belo e inteligente, uma mulher que teria noção da sua sorte tremenda e que faria Willem sentir-se igualmente afortunado. Tinha consciência de que, à semelhança de tantos dos seus devaneios sobre os relacionamentos entre pessoas adultas, tudo aquilo era vago e ingénuo, o que não significava que não pudesse acontecer. Uma coisa podia afirmar: *ele* não era a pessoa certa para Willem. Ouvi-lo dizer-lhe tudo aquilo depois de desejar com todas as forças que lhe aparecesse essa hipotética mulher imaginada não foi uma descida à terra, mas um trambolhão espantoso.

No dia seguinte, apresentou-lhe uma lista de vinte razões por que não devia querer estar com ele. No momento em que lha entregou, percebeu que Willem estava com uma ligeira vontade de rir, mas começou a ler e a sua expressão mudou, e, nessa altura, ele foi refugiar-se no escritório, para não lhe ver as reações.

Pouco depois, Willem bateu à porta.

«Posso entrar?», pediu, e ele respondeu que sim.

— Estou a ler o ponto número dois — disse Willem, muito sério. — Lamento dizer-te isto, Jude, mas os nossos corpos compararam-se, sim, senhor. — Olhou-o sem vacilar. — És quase três centímetros mais alto, é um facto, mas permite-me recordar-te que podemos perfeitamente usar a roupa um do outro.

Ele suspirou.

— Sabes muito bem o que eu quero dizer, Willem — murmurou.

— Jude, compreendo que isto te pareça estranho e vindo do nada — atalhou Willem. — E, se não estás interessado, eu não te chateio mais com esta história, guardo-a para mim e prometo que nada vai mudar entre nós. — Fez uma pausa. — Mas, se me estás a tentar convencer a não estar contigo porque tens medo e te sentes constrangido... bem, eu compreendo. Mas não acho que seja razão suficiente para não tentar. Iremos ao teu ritmo, prometo, para teres todo o tempo de que precisares.

Silêncio.

— Deixas-me pensar? — pediu, e Willem assentiu.

— Claro — disse, e, fazendo a porta deslizar, deixou-o sozinho.

Continuou ali sentado em silêncio durante muito tempo, entregue aos seus pensamentos. Depois de Caleb, jurara que não tornaria a passar pelo mesmo. Sabia que Willem nunca lhe faria mal, claro, mas a sua imaginação limitada não lhe permitia conceber um relacionamento em que não acabasse agredido, pontapeado escada abaixo e forçado a fazer coisas que dissera a si mesmo que nunca mais teria de fazer. E se acabasse por conduzir até mesmo alguém tão bondoso como Willem para essa inevitabilidade? Não seria de esperar que acabasse por acordar algum tipo de ódio até mesmo nele? Iria a sua sofreguidão por ter alguém ao seu lado levá-lo a ignorar as lições que a História — a sua história — lhe ensinara?

Mas havia aquela segunda voz dentro dele, que rebatia cada um destes argumentos. *Só podes ser doido varrido para deixares escapar esta oportunidade*, dizia-lhe. *Estamos a falar da única pessoa que nunca traiu a tua confiança. O Willem não é o Caleb. Nunca te faria alguma coisa parecida com o que o Caleb te fez, jamais.*

Finalmente, foi à cozinha, onde Willem estava a fazer o jantar.

— OK — disse. — Vamos a isso.

Willem olhou-o e sorriu.

— Anda cá — chamou, e ele assim fez, e Willem beijou-o. Assustou-se, ficou em pânico e tornou a pensar no irmão Luke, mas obrigou-se a abrir os olhos para recordar a si mesmo que aquele era Willem e não alguém que devesse temer. Mas, começando a descontraí-lo nos braços dele, o rosto de Caleb cruzou-lhe o pensamento como uma pulsação, e, libertando-se dos braços de Willem, recuou engasgado e limpou freneticamente a boca.

— Desculpa — disse, virando-se de costas. — Desculpa. Eu não tenho jeito para isto, Willem.

— Como assim? — perguntou Willem, fazendo-o tornar a voltar-se para ele. — Gostei muito. — E ele quase desfaleceu de alívio por Willem não estar zangado.

Desde então, ainda não parou de confrontar o que sabe de Willem com o que

espera de alguém — seja quem for — que o deseje. Sente que está na expectativa de ver o Willem seu conhecido dar lugar a outro, como se devesse contar com um Willem diferente, uma vez que a relação deles dois se tornou diferente. Viveu as primeiras semanas no pânico de lhe desagradar ou de o decepcionar, levando-o a enfurecer-se. Levou dias a arranjar coragem para dizer a Willem que não suporta o seu hálito a café. (Não lhe explicou o motivo: o irmão Luke e aquela sua horrível língua a forçá-lo, e as borras de café que perenemente lhe forravam as gengivas. Aliás, esse era um dos predicados de Caleb: não bebia café.) Pediu desculpa quase compulsivamente, até Willem lhe pedir que parasse.

— Jude, não há problema nenhum — assegurou. — Já devia ter percebido. Tudo bem: deixo de beber café e pronto.

— Mas tu adoras café — disse ele.

Willem sorriu.

— Não nego que me sabe bem — admitiu —, mas não *preciso* de o beber. — Tornou a sorrir. — O meu dentista vai dar pulos de contente.

Também durante o primeiro mês, abordou a questão do sexo. Tinham essas conversas na cama, à noite, quando era mais fácil dizer as coisas. Sempre associara a noite à rotina de se cortar, mas a definição estava a mudar: aos poucos, «noite» ia-se tornando sinónimo de conversar com Willem no escuro, de lhe poder tocar sem se sentir tão constrangido e de lhe ver cada traço do rosto, ao mesmo tempo que fazia de conta que Willem não via o seu.

— Achas que, mais para a frente, vais querer sexo? — perguntou certa noite, e, ao dizer isto, ouviu-se e teve noção de que soava imbecil.

Mas Willem não se riu dele.

— Sim — respondeu. — Gostava.

Ele anuiu. Willem aguardou.

— Vais ter de me dar algum tempo — acabou por dizer.

— Tudo bem — tranquilizou-o Willem. — Eu espero.

— E se forem meses?

— Meses serão — respondeu Willem.

Ele pensou no assunto.

— E se for mais do que isso? — perguntou a medo.

Willem começara a afagar-lhe o rosto.

— Terá de ser e pronto — declarou.

O silêncio alongou-se.

— Como fazes entretanto? — perguntou, e Willem deu uma gargalhada.

— Eu sou capaz de me *aguentar*, Jude — disse, sorrindo-lhe. — Imagino que seja uma revelação chocante, mas *consigo* viver uns tempos sem sexo.

— Não quis insinuar nada — justificou-se ele, com medo de o ter ofendido, mas Willem abraçou-o e deu-lhe um sonoro beijo na face.

— Estou no gozo — disse. — Não há problema nenhum, Jude. Leva todo o tempo de que precisares.

Assim, ainda não houve sexo, e, por vezes, chega a ser capaz de se convencer de que talvez nunca haja. Entretanto, começou por gostar, mas já anseia pela

fisicalidade do afeto de Willem, que o expressa tão natural, espontânea e descontraidamente que o descontraí também e o ajuda a ser, ele próprio, mais espontâneo. Willem dorme do lado esquerdo, ele, do direito, e, da primeira vez que dormiram juntos, voltou-se sobre o seu lado direito, como sempre fazia, e Willem chegou-se mais perto, passou o braço direito sob o seu pescoço e rodeou-lhe os ombros, enlaçou-lhe o estômago com o esquerdo e aninhou as pernas entre as suas. Apanhado de surpresa, teve de vencer o desconforto inicial, e então descobriu que lhe agradava dormir assim: sentia-se um bebé enfaixado.

Em junho, houve uma noite em que Willem não se aproximou, e ele ficou com medo de ter cometido algum erro. De manhã — o começo das manhãs era a outra altura do dia em que falavam de tudo o que fosse mais delicado ou complicado dizer em plena luz do dia —, perguntou-lhe se estava aborrecido consigo, e, mostrando-se surpreso, Willem respondeu-lhe que não, claro que não.

— É que... — hesitou ele, quase balbuciante —, ontem à noite, tu não... — De tão envergonhado, não foi capaz de terminar a frase.

Mas viu-lhe o rosto descontrair e Willem acercou-se e envolveu-o nos seus braços.

— Isto? — perguntou, e ele fez que sim. — Foi só porque ontem à noite estava muito calor — explicou Willem, e ele julgou que o fosse ouvir rir, mas não. — Foi o único motivo, Judy. — Desde então, Willem dorme infalivelmente abraçado a ele, e assim fez durante todo o mês de julho, quando, mesmo com o ar condicionado ligado, o sufocante calor húmido os deixava encharcados de transpiração. Isto, compreende ele, foi o que sempre quis de um relacionamento. Quando desejava intimidade com alguém, imaginava-a assim. Por vezes, Caleb abraçava-o, mas sempre de uma maneira quase apressada, e, de todas as vezes, ele tinha de resistir ao impulso de lhe pedir que repetisse, mas durante mais tempo. Agora, eis que tem todo o contacto físico que sabe que existe entre pessoas saudáveis que se amam e fazem sexo, porém, sem o ato sexual, que o apavora.

Não consegue fazer-se ter a iniciativa de procurar Willem, não é capaz de lhe pedir para terem relações sexuais, mas está na expectativa disso, ou não houvesse as inúmeras vezes em que, na sala, Willem lhe agarra o braço quando ele passa e o puxa para si para o beijar, ou, na cozinha, se aproxima pelas suas costas quando ele está ao fogão e lhe rodeia o peito e o estômago exatamente como faz na cama. Sempre admirou a fisicalidade tanto de JB como de Willem, um com o outro e com todos à sua volta. Sabe que venceu desde o começo que não queria que se comportassem assim com ele e, não devendo sentir senão gratidão pelo cuidado que os dois sempre tiveram no trato consigo, por vezes, isso causava-lhe alguma tristeza, e chegou a desejar que os dois lhe desobedecessem e reivindicassem, com ele, as mesmas confianças que tinham com os demais. Mas JB e Willem nunca fizeram.

Precisou de três meses, mas, no final de agosto, foi finalmente capaz de se despir diante de Willem. Noite após noite, dormia com uma das suas *T-shirts* de manga comprida e umas calças de fato de treino, enquanto Willem se ficava por uns *boxers*.

— Ficas desconfortável se eu dormir assim? — perguntava Willem, e ele fazia que não, embora estivesse a mentir: sentia-se desconfortável, sim, mas, por outro lado, não lhe desagradava inteiramente. Levou todo o mês anterior a prometer a si mesmo dia após dia que se ia despir de uma vez e pronto, que o faria nessa mesma noite, porque era forçoso que o fizesse nalguma altura. E a sua imaginação não o deixava visualizar além desse momento: não conseguia conjecturar possíveis reações de Willem ou o que ele faria no dia seguinte. Depois, chegava a noite, deitavam-se e a sua coragem entretanto desaparecera.

Uma noite, Willem enfiou a mão por baixo da sua *T-shirt* e afagou-lhe as costas, e ele libertou-se tão energicamente que caiu da cama.

— Desculpa — disse. — A sério, desculpa. — Tornou a deitar-se, mas teve o cuidado de se manter quase na beira do colchão.

Ficaram calados. Deitado de costas, ele olhou fixamente o lustre.

— Jude, não vai ser a primeira vez que te vejo em tronco nu — disse Willem, por fim. Ele fitou-o, e Willem respirou fundo. — Foi no hospital — revelou. — Estavam a dar-te banho e a mudar-te os pensos.

Julgou que fosse chorar de aflição. Tornou a fixar-se no teto.

— Viste muito? — perguntou.

— Não — descansou-o Willem. — Mas sei que tens cicatrizes nas costas. E também já te vi os braços. — Aguardou, e, vendo que ele não lhe ia responder, suspirou. — Acredita, Jude: não é essa coisa tão terrível que imaginas.

— Tenho medo de que me aches repulsivo — acabou por conseguir dizer. Recordou as palavras de Caleb: *És deformado: és um aleijão*. — Que tal eu não me despir nunca mais? — sugeriu, tentando rir, como se a sua intenção fosse dizer uma piada.

— Bem, isso, não — respondeu Willem. — Porque... ainda que, no começo, possas não sentir assim... acho que te vai fazer bem, Judy.

Então, na noite seguinte, deu esse passo. Logo que Willem veio para a cama, despiu-se à pressa, tapado, depois afastou vigorosamente o cobertor para os pés da cama e virou-se de costas para Willem. Não se atreveu a abrir os olhos, mas, quando sentiu a mão de Willem nas suas costas, entre as omoplatas, veio o choro, violento, amargurado e revoltado como não lhe acontecia há anos, e soluçou encolhido de vergonha. Não conseguia parar de recordar a noite com Caleb, a última ocasião em que ficara tão exposto ou chorara daquela maneira, e soube que Willem nunca entenderia senão parcialmente o que ele estava a sentir: que a vergonha de estar nu e à mercê de outrem era quase tão grande como a vergonha que sentia do que lhe estava a mostrar. No tom de Willem, mais do que nas palavras que ele disse, ouviu-lhe o esforço para ser compassivo, e percebeu que, embora chocado, Willem estava a tentar fazer com que ele não se sentisse mal, mas estava a ser um momento tão perturbador que ouvia Willem falar, mas as suas palavras eram ininteligíveis. Quis levantar-se e ir fechar-se na casa de banho para se cortar, mas Willem abraçou-o e apertou-o contra si, não o deixando mover-se. Por fim, sem saber como, acalmou-se.

De manhã, quando acordou — mais tarde, porque era domingo —, viu que

Willem o observava. Parecia cansado.

— Que tal vai isso? — perguntou-lhe.

Ele recordou essa noite.

— Willem — disse —, perdoa-me. Sinto muito. Não sei mesmo o que me deu. — Dando-se conta de que continuava despido, escondeu os braços debaixo do lençol e tapou-se até ao queixo.

— Não, Jude — respondeu Willem. — *Eu* peço perdão. Não imaginei que fosse tão traumático para ti. — Estendeu a mão e afagou-lhe os cabelos. Ficaram silenciosos. — Sabes uma coisa? Foi a primeira vez que te vi chorar.

— Afinal não é tão sedutor como eu pensava — respondeu ele, tentando não se engasgar. Conseguiu esboçar um sorriso e Willem sorriu-lhe de volta.

Passaram a manhã na cama, a conversar. Willem pediu-lhe que lhe contasse a história de algumas cicatrizes e ele assim fez. Revelou-lhe como ficara com as cicatrizes nas costas: tentara fugir da instituição e fora apanhado e espancado; as costas tinham infetado e chorado pus durante dias a fio porque o cabo da vassoura deixara farpas, o que fez com que se formassem bolhas; quando o martírio terminou, ficara aquele resultado. Willem perguntou-lhe quando fora a última vez que se desnudara diante de alguém e ele mentiu, disse que, não contando com Andy, acontecera pela última vez quando tinha quinze anos. Então, Willem disse todo o tipo de coisas elogiosas sobre o seu corpo, que ele optou por ignorar, por se tratar de mirabolâncias que sabia não serem verdade.

— Willem, se quiseses ficar por aqui, eu entendo — assegurou. Fora ele a sugerir não dizerem a ninguém que talvez a sua amizade se estivesse a tornar outra coisa, mas, embora a justificação invocada tenha sido dar, a ambos, espaço e privacidade para descobrir a sua maneira de estar juntos, na verdade, queria que Willem tivesse tempo para repensar a situação e oportunidades para mudar de ideias sem temer o que os outros diriam ou achariam. Claro que, na sua decisão de procederem dessa maneira, não pode deixar de ouvir ecos do relacionamento anterior, também mantido em segredo, mas tem recordado a si mesmo que é outra situação e que será um relacionamento diferente a menos que ele o torne igual.

— Claro que não, Jude — respondeu Willem. — De maneira nenhuma.

Ao dizer isto, fez um dedo deslizar-lhe pela sobrancelha, como se a alisá-la, um gesto que o reconfortou, por ser afetuoso, mas não sexual.

— Sinto que vais ter má surpresa atrás de má surpresa — acabou por dizer, e Willem abanou a cabeça.

— Talvez vá ter muitas surpresas, sim — respondeu. — Mas nenhuma vai ser má.

Assim, noite após noite, ele esforça-se por tirar a roupa. Por vezes, consegue; outras, não. Por vezes, consegue permitir que Willem lhe acaricie as costas e os braços; outras, não. Porém, ainda não foi capaz de se mostrar despido durante o dia ou sequer de luz acesa, ou fazer coisas que, pelos filmes e por conversas que ouviu disfarçadamente, sabe serem normais num casal: é incapaz de se vestir na presença de Willem ou de partilhar o duche com ele, algo que o irmão Luke o obrigava a fazer e sempre detestou.

Mas as suas inibições não se revelaram contagiosas e Willem anda frequentemente nu com inteiro à-vontade, algo que o fascina. De manhã, destapa-o quando ele ainda dorme, e, com uma objetividade de cientista, examina-lhe o corpo perfeito, e então ocorre-lhe que lhe tocou o privilégio de o ver nu, que é ele o eleito, algo que o deixa zozinho, embora, estranhamente, não perceba se está eufórico, se agoniado.

Por vezes, a improbabilidade do que está a viver é como um baque e paralisa-o. O seu primeiro relacionamento (poderá chamar-lhe isso?): o irmão Luke. O segundo: Caleb Porter. O terceiro: Willem Ragnarsson, o seu amigo mais querido e o melhor ser humano que jamais conheceu, alguém que, sem exagero, poderia ter quem quisesse, homem ou mulher, mas que, por um qualquer bizarro conjunto de razões — curiosidade retorcida? loucura? pena? estupidez? —, se decidiu por ele. Certa noite, sonha que Willem e Harold estão sentados a uma mesa, ambos de olhos postos num papel, e que Harold vai usando uma calculadora, e percebe, sem ter de ver ou ouvir mais nada, que Willem está consigo porque Harold lhe paga para isso. No sonho, ao sentimento de humilhação, junta-se uma espécie de gratidão pela generosidade de Harold e por Willem alinhar no jogo. Acorda e, quando está à beira de pôr tudo em pratos limpos com Willem, a racionalidade fala mais alto e consegue recordar a si mesmo que Willem certamente não precisaria desse dinheiro, que já o ganhou de sobra, e que, por desconcertantes e insondáveis que sejam os seus motivos para estar com ele, para o ter escolhido, nada o forçou a isso, tomou essa decisão em inteira liberdade.

Nessa noite, fica a ler na cama enquanto aguarda que Willem chegue, mas acaba por adormecer e acorda ao senti-lo acariciar-lhe o rosto.

— Chegaste — diz, e sorri-lhe, e Willem sorri-lhe de volta.

Na cama, de luzes apagadas, Willem conta-lhe como foi o jantar com o realizador e fala da rodagem no Texas, com início marcado para o final de janeiro. *Duetos*, uma adaptação de um romance de que ele gosta muito, contará a história de uma lésbica e de um *gay* não assumidos, professores de música numa escola secundária de uma pequena cidade, acompanhando o seu casamento de vinte e cinco anos, desde a década de sessenta até finais dos anos oitenta.

— Vais ter de me ajudar — avisa Willem. — Os meus dotes de pianista estão mais do que perigosos. E, afinal, vou ter *mesmo* de cantar. Eles vão arranjar-me um professor de voz, mas, se me ajudasses...

— Claro que ajudo — diz ele. — E não te preocupes, Willem, a sério: tens uma voz muito bonita.

— Fraquinha...

— Não. Doce.

Willem ri-se e afaga-lhe a mão.

— Diz isso ao Kit, que já está de cabeça perdida. — Suspira. Depois: — E o teu dia, que tal?

— Foi bom — diz ele.

Beijam-se, algo que ele continua a ter de fazer de olhos abertos, para recordar a

si mesmo que aquele é Willem e não o irmão Luke, e está a correr bem, mas lembra-se da noite em que Caleb o beijou pela primeira vez, quando o trouxe a casa e o imobilizou contra a parede. Foi o começo de tudo o que veio depois. Afasta-se bruscamente de Willem e desvia o rosto.

— Desculpa — diz. — Desculpa. — Desta vez, não se despiu, e esconde as mãos nas mangas. Ao seu lado, Willem aguarda, e, silêncio adentro, ele ouve a própria voz. — Ontem morreu uma pessoa que conheci.

— Oh, Jude... — aflige-se Willem. — Sinto muito. Quem?

O silêncio alonga-se enquanto ele tenta que as palavras saiam.

— Alguém com quem tive um relacionamento — acaba por conseguir dizer, embora se sinta como se tivesse desaprendido a falar. A atenção de Willem é palpável. Sente-o acercar-se ligeiramente.

— Não sabia que tinhas estado com alguém — diz Willem, mal erguendo a voz. Aclara a garganta. — Quando foi?

— Quando estavas a filmar a *Odisseia* — revela, quase a sussurrar, também ele, e, de novo, sente como que um adensar da atmosfera. Lembra-se da noite em que Willem lhe disse «Alguma coisa aconteceu enquanto eu estava fora. Tu não estás bem.» Poderia jurar que também Willem está a pensar nessa conversa.

— Bem, podes contar-me — diz Willem, após um silêncio demorado. — Quem teve essa sorte?

Julga que lhe vai faltar o ar, mas prossegue.

— Um homem — começa, e, embora não encare Willem, preferindo examinar o lustre, sente-o encorajá-lo com um assentimento, instando-o a continuar. Mas não consegue. Não vai ser capaz, a menos que Willem lhe peça, e assim acontece.

— Fala-me desse homem — pede Willem. — Durou quanto tempo?

— Quatro meses — responde ele.

— E acabou porquê?

Pensa na melhor resposta para aquela pergunta.

— Ele não gostava muito de mim — acaba por dizer.

Não precisa de ouvir Willem para saber que ele está furioso.

— Portanto, era um imbecil — diz Willem, agora seco.

— Não — responde. — Era um homem muito inteligente. — Vai acrescentar alguma coisa, não sabe o quê, mas dá por si incapaz de continuar. Fecha a boca e ficam os dois calados durante bastante tempo.

Mas Willem quer saber mais.

— O que aconteceu? — pergunta, finalmente.

Não responde de imediato e Willem não o pressiona. Respiram a um só ritmo e é como se todo o ar no quarto, no apartamento, no mundo, existisse apenas para eles e mais ninguém. Conta as suas respirações síncronas: cinco, dez, quinze. À vigésima, fala.

— Willem, se eu te contar, prometes que não perdes a cabeça? — De novo, como que uma espécie de refração na atmosfera.

— Prometo — diz Willem, que apenas consegue murmurar.

Ele respira fundo.

— Lembras-te do meu acidente de carro?

— Sim — responde Willem. Soa hesitante, quase estrangulado. A sua respiração acelerou. — Lembro-me.

— Não houve acidente de carro — revela ele, e, como se à deixa, sente as mãos começarem a tremer e esconde-as debaixo das mantas.

— Como assim? — pergunta Willem, mas ele não diz mais, e, daí por instantes, não vê, antes sente, Willem compreender o que ele acaba de lhe dizer. Depois, já Willem está mais próximo, a olhá-lo nos olhos, depois a procurar-lhe as mãos sob os lençóis. — Jude — murmura —, alguém te fez aquilo? Alguém... — Faltam-lhe as palavras. — Bateram-te?

Ele mal consegue fazer que sim, e, felizmente, não chora, mas sente que talvez se vá despedaçar qual granada que rebenta, e imagina a sua carne a desagarrar-se do esqueleto como estilhaços que ricochetearão na parede, irão parar ao lustre e deixarão os lençóis ensanguentados.

— Meu deus — murmura Willem, que deixa cair as mãos, e então vê-o erguer-se aflito.

— Willem — chama, depois sai também da cama e segue-o até à casa de banho, onde o encontra arquejante e inclinado para o lavatório, mas, quando lhe tenta afagar o ombro, Willem sacode-se para se libertar.

Volta para o quarto e espera sentado na beira da cama. Vê Willem regressar da casa de banho e percebe que ele chorou.

Durante largos minutos, ficam sentados lado a lado, de braços a tocar-se, mas sem dizer palavra.

— Houve notícia do óbito nalgum jornal? — pergunta Willem finalmente, e ele anui. — Mostra-me — pede Willem. Vão ao escritório, onde ele tem o computador, e, afastando-se, vê Willem ler. Vê-o ler segunda vez, depois uma terceira. Por fim, Willem ergue-se e aperta-o contra si e ele abraça-o de volta. — Porque não me contaste? — murmura-lhe Willem ao ouvido.

— Não ia mudar nada — diz ele, e Willem recua um passo, e, segurando-lhe os ombros, olha-o demoradamente.

E ele sente o esforço de Willem para se dominar, vê como os seus lábios rasgados se mantêm apertados, vê-lhe o maxilar retesado.

— Quero que me contes como foi — diz Willem. Segura-lhe a mão, condu-lo ao sofá e fá-lo sentar-se. — Deixa-me só ir à cozinha preparar uma bebida — pede. Observa-o. — Também te trago uma. — Ele apenas consegue fazer que sim.

Enquanto o espera, pensa em Caleb, que não o tornou a contactar depois daquela noite. De poucos em poucos meses, pesquisava-o na internet. E ali estava ele, à vista do mundo: fotografado a sorrir em festas, inaugurações e estreias. Leu a notícia da abertura da primeira loja da Rothko, onde Caleb era citado a referir os desafios enfrentados por uma marca a ensaiar os primeiros passos num mercado em que a competição era feroz. Leu um artigo de revista sobre o renascimento do Flower District, e Caleb, novamente citado, falava de como era viver num bairro que, apesar dos hotéis e lojas de marcas, não perdera um certo lado clandestino que o tornava muito apelativo. Ali no sofá, pergunta a si mesmo se Caleb o terá

pesquisado na internet. Terá mostrado a sua foto a Nicholas, comentado «cheguei a sair com esta criatura grotesca»? Terá mostrado a Nicholas — que imagina loiro, sempre impecável e transbordante de confiança — como ele andava? Terão rido os dois enquanto Caleb lhe contava como ele era péssimo na cama, uma coisa hirta que parecia morta? Terá Caleb dito «tinha nojo dele»? Ou será que não comentou? Talvez o tenha esquecido, ou, pelo menos, decidido fazer como se ele não existisse. Talvez o considerasse um erro, um breve interlúdio sórdido na sua vida, uma aberração a embrulhar num plástico e a empurrar para o canto mais escuro da mente, o mesmo onde arrumara brinquedos partidos e embaraços antigos. Quem lhe dera conseguir também esquecer ou fazer como se Caleb não tivesse existido. E, como sempre lhe acontece, não compreende como ou porque deixou que uns escassos quatro meses — cada vez mais afastados no tempo — o afetassem tanto e alterassem tão profundamente a sua vida. Porém, usando a mesma lógica, poderia perguntar — e fá-lo amiúde — porque deixou que os primeiros quinze anos da sua vida lhe impusessem as regras severas que o guiaram nos subsequentes vinte e oito. A sua sorte excedeu tudo quanto se atreveria a desejar: tem uma vida adulta com que muitos sonham. Porque insiste então em revisitar e reconstituir para si acontecimentos tão remotos? Porque não consegue simplesmente desfrutar o presente? Porquê aquela espécie de reverência pelo seu passado? Porque ganham esses acontecimentos tanto mais nitidez quanto mais distantes se tornam? Não deveria acontecer o contrário?

Willem regressa com dois uísques com gelo. Vestiu uma *T-shirt*. Durante alguns momentos, sentados no sofá, bebem, apenas, e ele sente o calor do álcool nas veias.

— Vou contar-te — diz, a dada altura. Willem anui, e então, antes de começar a falar, ele inclina-se e beija-o. Pela primeira vez na vida, tomou a iniciativa de beijar alguém e espera que isso transmita a Willem tudo o que ele não consegue dizer, nem mesmo no escuro ou na pré-luminosidade da manhã: tudo o que o envergonha e tudo aquilo que lhe merece gratidão. Desta vez, beija Willem de olhos fechados, e imagina que, em breve, também ele conseguirá encontrar esse lugar para onde as pessoas vão quando se beijam e fazem sexo: um lugar que nunca visitou, mas que deseja conhecer; um mundo que, espera, não lhe ficou para sempre interdito.

Quando Kit estava em Nova Iorque, encontravam-se para almoçar ou jantar ou nos escritórios da agência em Manhattan. Desta vez, era o começo de dezembro e Willem sugeriu que ele o visitasse na Greene Street.

— Faço-te o almoço — propôs.

«Porquê?», perguntou Kit, imediatamente alerta. Embora tivessem confiança um com o outro, não eram amigos, e Willem nunca lhe abrira a porta da sua casa.

— Tenho de te falar de um assunto — disse ele, e ouviu Kit esforçar-se por respirar calmamente.

«OK», acedeu o agente, que não perguntou de que se tratava, limitando-se a partir do princípio de que havia algum problema. No seu mundo, «tenho de te falar de um assunto» não preludiava nada de bom.

Willem estava ciente disso, claro, e podia tê-lo tranquilizado, mas o seu lado diabólico optou por não fazer isso.

— Ótimo! — exclamou, animado. — Cá te espero para a semana! — Porém, ao desligar, ocorreu-lhe que talvez os seus motivos para não apaziguar Kit fossem além da simples ciancice. Para *si*, aquilo que queria dizer ao agente (que ele e Jude se tinham tornado um casal) não eram más notícias, mas não estava seguro de que Kit seria da mesma opinião.

Tinham decidido pôr um grupo restrito a par do relacionamento. Começaram por Harold e Julia e não poderia ter sido uma conversa mais calorosa ou gratificante, ainda que, por algum motivo, Jude estivesse extremamente nervoso. Acontecera quinze dias antes, no fim de semana do Dia de Ação de Graças, e, felizes e empolgados, Harold e Julia abraçaram-no e Harold verteu algumas lágrimas, enquanto, muito quieto no sofá, Jude sorria timidamente perante aquela cena.

Seguiu-se Richard, que não ficou tão surpreso como eles contavam que acontecesse.

— Acho ótimo — disse, categórico, como se os dois lhe estivessem a comunicar que tinham decidido adquirir um imóvel em sociedade. Abraçou-os. — Boa — disse. — Sim, senhor, Willem. — E Willem percebeu que Richard lhe estava a tentar comunicar o mesmo que também ele lhe tentara comunicar anos antes, ao dizer-lhe que Jude precisava de um lugar onde viver em segurança, estando, na verdade, a pedir a Richard que cuidasse de Jude nas suas ausências.

Seguiram-se Malcolm e JB, em separado. Começaram por Malcolm, prevendo duas reações: choque ou otimismo. Verificou-se a segunda.

— Fico radiante pelos dois — disse ele, com um sorriso de orelha a orelha. — Acho o máximo. Adoro a ideia de vocês serem um casal. — Quis saber como acontecera e há quanto tempo, e, com uma nota de malandrice, o que tinham entretanto descoberto a respeito do outro que ainda não soubessem. (O que os fez trocar um olhar — nem Malcolm fazia ideia! —, mas optaram pelo silêncio, e Malcolm sorriu, como se estivesse ali um indício inequívoco de um manancial de segredos inconfessáveis que um dia acabaria por saber.) Depois, suspirou. — Só uma coisa me deixa triste — confessou, e eles perguntaram-lhe de que se tratava. — É o teu apartamento, Willem — revelou ele. — É tão lindo. E deve estar a sentir-se tão sozinho. — Os dois conseguiram não rir e Willem descansou Malcolm dizendo-lhe que arrendara o apartamento a um ator espanhol seu amigo que viera rodar um filme em Manhattan e decidira ficar durante mais um ano ou dois.

Com JB, não foi uma conversa tão simples — como já previam, aliás. Anteciparam que ele se sentiria traído e relegado para segundo plano, que a sua possessividade dispararia e que tudo isso seria exacerbado pela circunstância da recente separação de Oliver, depois de mais de quatro anos juntos. Levaram-no a jantar fora, por lhes parecer mais difícil (mas não impossível, sublinhou Jude) ele fazer uma cena, e foi Jude — com quem JB se mantinha especialmente cuidadoso, sendo menos provável dizer-lhe algo que não devesse — a dar a novidade. Sob o

olhar de ambos, JB pôs o garfo e escondeu a cara nas mãos.

— Acho que não me sinto bem — disse, e os dois esperaram, até que ele os tornou a encarar e acrescentou: — Mas fico muito feliz pelos dois. — Só aí respiraram de alívio. JB agarrou no garfo e recomeçou a comer a sua burrata. — É óbvio que me chateia que não me tenham contado antes, mas estou feliz por vocês. — Vieram as entradas e JB atacou o seu robalo. — A sério, essa parte deixa-me *piurso*. Mas pronto. Fico. Feliz. Pelos dois. — Por altura das sobremesas, era manifesto que JB (que devorou o seu *soufflé* de goiaba em colheradas frenéticas) estava muitíssimo agitado, e Willem e Jude trocaram toques debaixo da mesa, à beira de não ser capazes de continuar a conter o riso, mas, por outro lado, quase temendo sinceramente que JB entrasse em erupção em pleno restaurante.

Findo o jantar, demoraram-se à porta do restaurante enquanto Willem e JB fumavam. Falaram da quinta exposição individual de JB, que estava para breve, e dos seus alunos em Yale, onde ele começara a lecionar havia poucos anos. Tratou-se de uma curta trégua que foi por água abaixo quando uma jovem abordou Willem («Posso tirar uma foto consigo?»), ao que JB reagiu deixando escapar um queixume com laivos de resfôlego de desprezo. De regresso à Greene Street, Willem e Jude puderam finalmente rir do desnorte de JB, das suas tentativas para não desmanchar a pose, o que lhe fora visivelmente difícil, e do seu eterno umbiguismo, com a concorrente eterna visão umbiguista do mundo.

— Pobre JB — lamentou Jude. — Pensei que a cabeça dele fosse explodir. — Suspirou. — Mas entendo. Ele sempre foi apaixonado por ti, Willem.

— Não dessa maneira — ressaltou ele.

Jude lançou-lhe um olhar.

— Falando de não ver a realidade... — brincou, aludindo ao que Willem lhe dizia a toda a hora: que a visão que ele tinha de si mesmo era tão exclusivamente sua e não correspondente à realidade que raiava a alucinação.

Willem também suspirou.

— Devia ligar-lhe — disse.

— Não lhe troques mais as voltas esta noite — aconselhou Jude. — Ele liga-te quando estiver preparado para falar.

E assim foi. No domingo, JB apareceu na Greene Street e Jude abriu-lhe a porta, depois desculpou-se com o trabalho e foi fechar-se no escritório, para que Willem e JB pudessem conversar sozinhos. Seguiram-se duas horas em que, sentado, quieto e calado, Willem escutou um caótico rondó de acusações e perguntas pontuadas pelo refrão «Mas fico mesmo muito feliz pelos dois». JB estava furioso: Willem não lhe contara mais cedo nem se aconselhara consigo, e os dois tinham contado primeiro a Malcolm e a Richard (Richard!). JB estava triste: Willem que lhe dissesse a verdade, porque lha podia dizer! Sempre gostara mais de Jude, não era assim? Porque não admitia e pronto? E, já agora, tivera aqueles sentimentos desde o começo? Todos aqueles anos a rodar gajas na cama tinham afinal sido um colossal faz de conta para lhes atirar areia para os olhos? Sim, JB estava com ciúmes: entendia a atração por Jude, de verdade que sim, e compreendia que o que agora ia dizer talvez soasse estapafúrdio e um tudo-nada

presunçoso, mas não estaria a ser verdadeiro se não dissesse a Willem que, em parte, achava inacreditável que Willem tivesse escolhido Jude em vez de o querer a ele.

— JB — repetiu Willem uma vez e outra —, aconteceu tudo muito naturalmente. Não te disse nada porque precisava de tempo para perceber o que estava a acontecer. Quanto a sentir-me atraído por ti, não sei o que te diga. Não é o caso. Nem tu sentes atração por mim! Nós chegámos a curtir, não te lembras? E tu disseste que eu não te dava pica nenhuma, ou já esqueceste?

JB ignorou todos estes argumentos.

— Continuo sem perceber porque contaram primeiro ao Malcolm e ao Richard — insistiu, amuado, não sabendo Willem o que lhe dizer. — Mas pronto — rematou, após um silêncio —, fico mesmo muito feliz pelos dois. A sério.

Willem suspirou.

— Obrigado, JB — disse. — É muito importante para nós contar com o teu apoio. — Tornaram a ficar calados.

— JB — admirou-se Jude, ao sair do escritório e ver que ele ainda ali estava. — Jantas connosco?

— Vão comer o quê?

— Bacalhau. Posso assar batatas, como tu gostas.

— OK, talvez fique — aceitou JB, amuado, e, nas suas costas, Willem lançou um sorriso arreganhado a Jude.

Foi com ele para a cozinha e ocupou-se a fazer a salada, e, na sala, JB sentou-se pesadamente à mesa de jantar e começou a folhear um romance que Jude ali deixara.

— Já li isto — disse alto. — Queres saber o fim?

— Não me contes, JB — pediu Jude. — Vou a meio.

— O ministro acaba por morrer.

— JB!

A disposição de JB melhorou e os ataques finais soaram pouco convictos, como se ele os fizesse por achar que devia e não porque o assunto lhe continuasse a interessar.

Um deles foi: «Aposto que, daqui por dez anos, vocês se tornaram duas fufas insuportáveis. Nem os gatos vão faltar.» Outro: «Vocês dois na cozinha parecem uma versão racialmente ambígua do quadro do John Currin. Sabem qual é? Não? Então pesquisem-no.»

Depois, ao jantar:

— Vais assumir publicamente ou manter a coisa discreta?

— Não vou fazer um comunicado à imprensa, se é disso que estás a falar — respondeu Willem. — Mas também não me vou esconder.

— Eu acho que é asneira — apressou-se Jude a dizer, mas Willem ignorou-o; andavam a ter aquela conversa havia um mês.

Depois do jantar, ele e JB ficaram no sofá a beber chá enquanto JB punha a louça na máquina. Nessa altura, JB quase parecia em paz com o assunto, e Willem disse para consigo que esse sempre fora o típico gráfico dos jantares com JB,

recuando aos anos da Lispenard Street: o serão começava ácido e cortante e terminava brando e convivial.

— Que tal é o sexo? — sondou JB.

— Estrondoso — respondeu ele sem hesitar.

JB pôs-se carrancudo.

— Merda — resmungou.

Era mentira, claro. Willem não sabia se o sexo ia ser estrondoso ou não, porque ainda não houvera sexo. Na sexta-feira, Andy estivera ali e eles tinham-lhe contado a novidade, e Andy erguera-se e viera abraçá-los muito sério, como se fosse o pai de Jude e eles acabassem de lhe dizer que estavam noivos. Quando Willem o levou à porta, enquanto esperavam pelo elevador, Andy perguntou-lhe em voz baixa:

— Como está a correr?

Willem ficou pensativo.

— Bem — acabou por responder, e Andy, como se discernindo tudo o que Willem não lhe estava a contar, afagou-lhe o ombro.

— Eu sei que não é fácil, Willem — acabou por dizer. — Mas alguma coisa estás a saber fazer, porque nunca o vi tão descontraído e feliz. — Parecia querer acrescentar mais qualquer coisa, mas o quê? Não lhe podia dizer «Liga-me se quiseres saber coisas sobre ele» ou «Se precisares de ajuda para alguma coisa, basta dizeres», por isso, retirou-se, despedindo-se de Willem com um derradeiro aceno quando o elevador já estava a descer.

Nessa noite, depois de JB se ir embora, Willem recordou aquela primeira conversa com Andy no café, quando Andy o quisera alertar para as dificuldades que o esperavam, mas ele não dera grande importância ao que ia ouvindo. E ainda bem, considerou, porque, levando Andy inteiramente a sério, talvez se tivesse assustado e resolvido que mais valia não arranjar chatices.

Voltou-se e observou Jude adormecido. Nessa noite, despira-se. Estava virado para cima, com um braço encolhido junto da cabeça, e Willem acariciou-o, como tantas vezes fazia, sentindo as cicatrizes que demarcavam um território de infelicidade, um lugar de vales e montanhas devastado pelo fogo. Por vezes, quando tinha a certeza de que Jude dormia profundamente, acendia a luz do seu lado e aproveitava para lhe estudar o corpo, já que Jude não permitia que ele o visse despido à luz do dia. Destapava-o e passava as mãos pelos seus braços, pelas pernas e pelas costas, sentindo como a textura da pele mudava, perdendo a aspereza e tornando-se suave. Parecia-lhe extraordinário que a carne fosse capaz de tantas permutações e que o corpo tivesse tantas maneiras de se curar, ainda que o tentassem destruir. Havia tempos, rodara um filme no Havai, e, nas folgas, ele e os outros atores faziam caminhadas pelos campos de lava, vendo como as rochas porosas e secas como ossos calcificados davam lugar a uma paisagem refulgentemente negra onde a lava gelada desenhava extraordinários remoinhos. A pele de Jude inspirava-lhe a mesma surpresa e assombro quando aqui e ali se afastava inteiramente do seu entendimento e experiência do que era a pele humana para assumir uma natureza transcendental e futurista, como se fosse um protótipo

da configuração que a pele humana talvez viesse a ter dentro de dez mil anos.

— Sentes repulsa — murmurou Jude, na segunda ocasião em que se despiu, e ele abanou a cabeça. Não era verdade. Simplesmente, Jude fizera tão grande segredo do seu corpo que o momento em que Willem finalmente o viu acabou por ser anticlimático. Depois de tantos cuidados para não o mostrar, era um corpo normal e não a visão impressionante que Willem imaginara. Custava-lhe ver as cicatrizes, sim, não porque atentassem contra o seu conceito do belo, mas porque cada uma atestava sofrimento às mãos de outrem ou autoinfligido. Não sabia porquê, mas os braços de Jude eram a parte do seu corpo que mais o impressionava. À noite, quando ele dormia, Willem segurava-os, e, voltando-os delicadamente, contava os cortes e tentava imaginar-se num estado mental em que quisesse infligir dor a si mesmo e apagar o seu ser. Por vezes, havia novos cortes (sabia sempre quando Jude se cortara porque, nessas noites, ele dormia com uma das suas *T-shirts* de manga comprida; nessas ocasiões, Willem arregaçava-lhe as mangas sem o acordar e passava os dedos pelos penhos), e ele perguntava-se quando teriam sido feitos e porque não dera por nada. Depois da tentativa de suicídio, quando se mudara para a Greene Street, Harold dissera-lhe onde Jude escondia o saco com as lâminas de barbear e ele começara a deitá-los fora, como o próprio Harold fazia. Por fim, os sacos tinham desaparecido e ele ainda não conseguira descobrir o novo esconderijo de Jude.

Por vezes, não sentia curiosidade, mas espanto por antes não ter compreendido quão profundamente traumatizado estava Jude. *Como pode não perceber?*, perguntava a si mesmo. *Estava diante dos meus olhos.*

Depois, havia a questão do sexo. Sim, Andy avisara-o, mas o medo e o desagrado de Jude para com a componente sexual chegavam a assustá-lo. Certa noite, perto do fim de novembro, quando estavam juntos havia seis meses, Willem enfiara a mão dentro dos *boxers* de Jude, que deixara escapar um bizarro queixume estrangulado, como um animal apanhado nas mandíbulas de outro, e recuara tão bruscamente que batera com a cabeça na mesa de cabeceira.

— Desculpa — disseram simultaneamente. — Desculpa.

Foi o primeiro momento em que também Willem sentiu uma espécie de temor. No começo, aceitara que Jude era profundamente tímido, mas acreditara que, com o tempo, conseguiria vencer parte da inibição e se sentiria suficientemente à vontade com ele para passarem a essa etapa. Porém, naquele momento, compreendeu que o sexo não deixava Jude relutante, mas sim aterrorizado, e que talvez acabassem por ter relações sexuais (a menos que nunca as tivessem) não por Jude entretanto se sentir confortável com essa parte, mas porque resolvera que tinha de o fazer, ou por resolver ele e o obrigar. Nenhuma das duas era apelativa. Willem estava habituado a que se lhe quisessem entregar; nunca tivera de esperar ou de convencer alguém de que não era perigoso, de que não os magoaria. *Como resolvo isto?*, perguntava-se. Não se sentia capaz de encontrar uma resposta sozinho, mas tão-pouco havia alguém com quem se quisesse aconselhar. O facto era que, semana após semana, o desejo era mais agudo e difícil de ignorar e a sua determinação, mais vincada. Não se lembrava da última vez em que a

vontade de sexo fora tão grande e o facto de se tratar de alguém a quem amava tornava a espera ainda mais insuportável e absurda.

Nessa noite, ficou a ver Jude dormir e pensou: *Talvez isto tenha sido um erro.*

Em voz alta, disse:

— Não pensei que fosse ser tão complicado. — Ao seu lado, Jude continuou a respirar tranquilamente, ignorando a traição.

Mas a manhã veio recordar-lhe que desejara aquela relação, que não se tratara de simples ingenuidade ou arrogância. Acordou muito cedo. Jude estava no quarto de vestir e deixara a porta entreaberta, procedimento que adotara recentemente e que, Willem sabia, lhe exigia um esforço considerável. Jude estava a tentar com todas as forças. Willem nunca tivera problemas em vestir-se ou despir-se diante de outros e a generalidade das pessoas encarava isso como se nada fosse, mas, para Jude, era algo que exigia treino e habituação. Naquele momento, Willem viu-lhe a determinação e a coragem e isso lembrou-lhe que também ele tinha de continuar a lutar. Estavam os dois em território desconhecido. Estavam ambos a dar tudo por tudo. Um e outro teriam momentos de dúvida e haveria avanços e retrocessos. Mas continuariam a tentar, porque confiavam um no outro e porque, para cada um, o outro era a única pessoa no mundo que jamais valeria tanto esforço, tantas dificuldades e inseguranças e exporem-se tão profundamente.

Quando tornou a abrir os olhos, Jude viera sentar-se na beira da cama e sorria-lhe, e Willem sentiu um carinho esmagador por ele. Jude era belo e adorável e era fácil amá-lo.

— Não vás — pediu.

— Tenho de ir — disse Jude.

— Só mais cinco minutos — pediu ele.

— E nem mais um — avisou Jude. Meteu-se debaixo das mantas e, segurando-o nos braços, tendo o cuidado de não lhe amachucar o feto, Willem fechou os olhos. Outra sensação única: saber que, nesses momentos, estava a fazer Jude feliz, que Jude desejava afeto e ele fora o escolhido para lho dar. Seria arrogância pensar assim? Orgulho? Vaidade? Não lhe parecia. Não queria saber. Nessa noite, disse a Jude que lhe parecia correto contarem a Harold e Julia que estavam juntos quando, no final dessa semana, fossem lá para o jantar do Dia de Ação de Graças.

— Tens a certeza? — perguntou Jude, visivelmente preocupado, e Willem compreendeu que, na verdade, ele lhe estava a perguntar se tinha a certeza de querer aquela relação, porque Jude mantinha a porta aberta e fazia-o saber uma vez e outra que podia partir se assim quisesse. — Quero que penses bem, sobretudo antes de lhes dizermos a eles. — Não acrescentou mais, mas, de novo, Willem teve noção das consequências caso contassem a Harold e Julia e mais tarde ele mudasse de ideias: perdoar-lhe-iam, mas as coisas não seriam iguais. Sabia que, independentemente das circunstâncias, Harold e Julia ficariam sempre do lado de Jude, e assim devia ser.

— Tenho a certeza absoluta — respondeu, e contaram-lhes.

Recordou essa conversa ao servir um copo de água para Kit e trazer as

sanduíches para a mesa.

— O que é isto? — perguntou o agente, lançando-lhes um olhar desconfiado.

— Pão artesanal tostado na grelha com figos e queijo de Vermont — respondeu Willem. — Para acompanhar, salada de escarola com peras e presunto.

Kit suspirou.

— Sabes muito bem que ando a tentar não comer pão, Willem — queixou-se. Para Willem, a informação era novidade. O agente provou uma sanduíche. — É bom — elogiou, embora relutante, depois pousou-a. — Muito bem, conta lá o que me querias dizer — atalhou.

Willem assim fez, salientando que não tinha ideias de anunciar o relacionamento, mas que também não o ia esconder. Kit deixou escapar um lamento.

— Foda-se — resmungou. — Foda-se. Suspeitei que pudesse ser isso. Não sei porquê, foi logo o que me ocorreu. Foda-se, Willem. — Apoiou a testa na mesa. — Dá-me um minuto — pediu, falando para o tampo. — Contaste ao Emil?

— Sim — confirmou Willem. Emil era o seu gestor de carreira e, tratando-se de unir esforços contra ele, Emil e Kit formavam a equipa perfeita que de resto não eram. Estando de acordo, gostavam um do outro. Discordando, não tanto.

— O que disse ele?

— Disse: «Parabéns, Willem. Fico muito feliz por finalmente estares com alguém a quem amas de verdade e com quem te sentes confortável. Sendo eu teu amigo e estando ao teu lado há anos, a minha alegria não poderia ser maior.» (Em rigor, Emil dissera: «Porra, Willem. Tens a *certeza* do que estás a fazer? Já falaste com o Kit? O que disse ele?»)

Kit levantou a cabeça e lançou-lhe um olhar fulminante (não tinha grande sentido de humor).

— Willem, eu *fico* feliz por ti — esclareceu. — Quero que estejas bem. Mas já pensaste no efeito que isto vai ter na tua carreira? Já pensaste no tipo de papéis para que vais ser relegado? Não fazes ideia do que é ser um ator *gay* na indústria do cinema.

— Não me defino necessariamente como *gay* — começou ele a responder, e Kit revirou os olhos.

— Não sejas ingénuo, Willem — interrompeu. — Toca em pila alheia e és *gay*, ponto final.

— Sempre elegante e subtil.

— Diz o que quiseses, Willem, mas, neste caso, agires como se nada fosse não te vai servir de muito.

— Não vou dizer nem fazer nada, Kit — tranquilizou-o ele. — Mas eu nem sequer sou conhecido.

— Outra vez essa conversa! És, Willem, gostes ou não. E estás a querer fazer de conta que a tua carreira vai continuar como até aqui. Não te lembras do Carl? — Carl era representado por um colega de Kit e fora uma das maiores estrelas de cinema da década anterior. Depois, obrigado a assumir a homossexualidade, vira a carreira entrar em declínio. Ironicamente, a sua obsolescência e súbita

impopularidade abria caminho à ascensão de Willem, que conseguira dois papéis que, até então, teriam garantidamente sido oferecidos a Carl. — Ouve-me: tu és muito mais talentoso do que o Carl e podes diversificar os teus papéis como ele não podia fazer. Somando-se a isso, as coisas mudaram. Era bem mais difícil quando foi ele a sair do armário, pelo menos, na América. Mas não estaria a fazer o meu trabalho se não te dissesse que te deves preparar para um certo esfriamento. Por norma, tu és reservado a respeito da tua vida privada. Não podes não falar do assunto e pronto? — Sem responder, Willem serviu-se de mais uma sanduíche. Kit observou-o demoradamente. — O que diz o Jude?

— Acha que corro o risco de acabar a entreter turistas em cruzeiros ao Alasca — reconheceu.

Kit riu sem vontade.

— Tens de situar a tua atitude a meio caminho entre o que o Jude acha e o que de momento queres fazer, Willem — aconselhou. E, pesaroso: — Depois de tudo o que conquistámos.

Também Willem suspirou. Jude conhecera Kit havia praticamente quinze anos e, depois da ocasião, com um sorriso, dissera a Willem: «É o teu Andy.» Com o tempo, Willem compreendera a que ponto isso era verdade, primeiro, por se dar a coincidência quase sinistra de Kit e Andy se conhecerem — no ano de caloiros, não só tinham vivido na mesma residência como tinham sido colegas de turma —, depois, porque um e outro gostavam de se considerar, em certa medida, os criadores respetivamente de Willem e Jude. Não só eram os seus defensores e guardiães, como tentavam, a cada oportunidade, moldar-lhes as vidas.

— Esperava mais apoio da tua parte, Kit — confessou Willem, pesaroso.

— Porquê? Por ser *gay*? Ser-se um agente *gay* é muito diferente de se ser um ator *gay* com o destaque que tu tens, Willem — respondeu Kit, fazendo-o resmungar contrafeito. — Bem, sei de uma pessoa que vai pular de contente: o Noel. — Referia-se ao realizador de *Duetos*. — Não podia sonhar com melhor publicidade para o seu filmezinho modesto. Espero que gostes de cinema *gay*, porque é bem possível que acabes a trabalhar nesse nicho *até morreres*.

— Não acho que *Duetos* seja um filme *gay* — respondeu Willem. Depois, antes que Kit pudesse revirar os olhos e lançar-se noutra sermão: — E, se acontecer isso, seja. — Rematou dizendo-lhe o mesmo que dissera a Jude: — Hei de trabalhar sempre; disso, podes ter a certeza.

(«E se não te oferecerem mais filmes?», perguntara Jude.

«Faço teatro. Também posso trabalhar na Europa. Sempre quis fazer mais coisas na Suécia. Jude, prometo-te: hei de trabalhar sempre.»

Ao ouvir isto, Jude ficou silencioso. Era de noite e estavam na cama.

«Willem, juro-te que não me importo, não me importo mesmo nada se quiseses que isto fique entre nós», assegurou-lhe.

«Mas não quero», declarou Willem. E não queria, de facto. Esconder o relacionamento exigiria um plano e a sua execução e ele não tinha energia para isso. Conhecia alguns atores mais velhos e bem mais comerciais do que ele que eram homossexuais, mas estavam casados com mulheres, e isso dera-lhe

oportunidade de ver como levavam vidas fabricadas e vazias que não queria para si. Não queria deixar o *set* e continuar a representar uma personagem. Queria voltar para casa e sentir que estava de facto em casa.

«Tenho medo de que acabes por ficar ressentido comigo», confessou Jude, mal se atrevendo a erguer a voz.

«Isso nunca acontecerá», prometeu ele.)

Aguentou mais uma hora de profecias de desgraças, até que, tendo ficado claro que ele não mudaria de postura, mudou Kit.

— Vai correr tudo bem, não te preocupes — afirmou, resoluto, como se tivesse sido Willem a manifestar preocupação. — Se alguém consegue contornar a situação, és tu. Vamos fazer isto jogar a teu favor. Não vai haver problema nenhum. — Inclinou a cabeça e fitou-o. — Vocês vão casar?

— Livra, Kit — impacientou-se ele. — Ainda agora estavas a ver se nos separavas.

— De maneira nenhuma, Willem. De maneira nenhuma. Estava apenas a tentar convencer-te a ficar de boca fechada. — Tornou a suspirar, mas de resignação. — Espero que o Jude tenha noção do enorme sacrifício que estás a fazer por ele.

— Não é um sacrifício — sublinhou Willem, e Kit lançou-lhe um olhar impaciente.

— Por enquanto — disse. — Mas pode vir a ser.

Nessa noite, Jude chegou cedo.

— Que tal correu? — perguntou, olhando-o demoradamente.

— Bem — respondeu ele, fazendo-se destemido. — Correu tudo bem.

— Willem — começou Jude, mas ele fê-lo parar.

— Jude, agora, já está — disse. — Vai correr tudo bem, juro-te.

A equipa de Kit conseguiu abafar o caso durante duas semanas e, quando saiu a primeira notícia, eles dois estavam num avião a caminho de Hong Kong para visitarem Charlie Ma, o antigo companheiro de apartamento de Jude na Hereford Street. Seguir-se-iam o Vietname, o Camboja e Laos. Willem esforçou-se por não ver as mensagens enquanto estavam de férias, mas Kit fora contactado por um jornalista da *New York*, portanto, a notícia não tardaria. Saiu quando estavam em Hanói. Kit reencaminhou-a sem comentários e ele leu-a na diagonal quando Jude estava na casa de banho. «Ragnarsson encontra-se de férias e não estava disponível para comentar, mas o seu representante confirmou o relacionamento com Jude St. Francis, um advogado de renome cujo desempenho em tribunal lhe valeu a admiração dos seus pares. St. Francis é sócio principal da destacada firma Rosen Pritchard and Klein e um amigo chegado de Ragnarsson desde o ano de caloiros, quando foram colegas de quarto», leu Willem. Depois: «Até hoje, nenhum outro ator tão destacado tinha avançado voluntariamente com a informação de que mantém um relacionamento *gay*.» Seguiu-se, quase em tom de obituário, uma lista dos filmes que ele fizera até ao momento, pontuada por citações de agentes e publicistas que o felicitavam pela atitude corajosa, ao mesmo tempo que previam um quase inevitável abrandamento da sua carreira, e por frases simpáticas de

atores e realizadores seus conhecidos assegurando que a revelação não mudava nada. O artigo terminava com uma citação de um executivo de uns grandes estúdios, declarando que ele nunca se posicionara como protagonista romântico, pelo que, provavelmente, não enfrentaria dificuldades de maior. No fim, havia um *link* para uma foto dele com Jude tirada em setembro, na inauguração da exposição de Richard no Whitney Museum.

Quando Jude saiu da casa de banho, Willem estendeu-lhe o telemóvel e ficou a vê-lo ler o artigo.

— Oh, Willem... — murmurou ele, e, momentos depois, com um ar aflito: — Aparece o meu nome. — E, pela primeira vez, ocorreu a Willem que talvez Jude o tivesse aconselhado repetidamente a manter o relacionamento em segredo para defender também a sua privacidade.

«Não achas que devias perguntar primeiro ao Jude antes de eu confirmar que se trata dele?», sugerira Kit, quando estavam a resolver o que diria à imprensa em nome de Willem.

«Não», respondeu ele. «Podes dizer à vontade. O Jude não se importa.»

Um silêncio.

«Talvez se importe, Willem.»

O certo fora que Willem acreditara não ser o caso. Naquele momento, perguntou-se se teria sido arrogância pensar isso. *Lá porque não te incomoda que todos saibam, achaste que ele tinha de sentir o mesmo?*, disse para consigo.

— Sinto muito, Willem — murmurou Jude, e, embora ele soubesse que o devia tranquilizar, não fosse Jude estar a sentir-se culpado, e que devia aproveitar para lhe pedir desculpa, não se sentiu com disposição para isso.

— Vou correr — declarou, e, embora não tenha olhado, percebeu que Jude anuíra.

Era muito cedo. As ruas estavam silenciosas e soprava um vento fresco. Pairava uma luminosidade branco-suja e viam-se poucos carros. Tinham ficado instalados perto da antiga Ópera de Hanói, que ele contornou, e, de novo diante do hotel, continuou na direção contrária, rumo ao bairro colonial. Passou por vendedores acorados junto de grandes cestos de bambu carregados de pequeníssimas limas de um verde intenso e molhos de ervas aromáticas que cheiravam a limão, rosas e pimenta-preta. Começou a ser-lhe mais difícil abrir caminho e abrandou para passo de marcha ao dobrar uma esquina e continuar por uma rua em que se sucediam os restaurantes improvisados em barraquinhas — apenas uma mulher a vigiar uma sertã com sopa ou óleo e quatro ou cinco bancos de plástico onde os clientes se podiam sentar para comer à pressa; no fim, sempre apressados, encaminhavam-se para a entrada do beco, onde tinham deixado as bicicletas, e saíam dali a pedalar. Willem parou e deixou que um deles passasse; no assento, levava um cesto cheio de compridas baguetes acabadas de cozer cujo aroma a leite lhe inundou as narinas. Continuou por um segundo beco onde havia mais vendedores acorados diante de molhos de ervas aromáticas, escuros amontoados de mangostões e tabuleiros de metal carregados de peixe de tonalidade entre rosa e prateada, tão fresco que as suas bocas ainda se moviam e os seus olhos se reviravam

desesperadamente. Por cima da sua cabeça, Willem viu fiadas de gaiolas penduradas como lanternas, cada uma com sua ave de trinado vibrante. Trouxera algum dinheiro e pôde comprar um buquê de ervas aromáticas para Jude. Parecia-lhe rosmarinho, mas não reconheceu o aroma suave, que lhe lembrou sabonete. Talvez Jude soubesse que erva era.

Como fora ingênuo, refletiu, regressando sem pressas ao hotel. Não lhe ocorrera que talvez devesse proteger tanto a sua carreira como a de Jude. Porque tinha a mania de achar sempre que sabia o que estava a fazer? Porque vivia convencido de que podia fazer o que lhe desse na cabeça e, no fim, tudo correria como imaginara? Seria falta de criatividade, arrogância ou (o seu palpite) pura estupidez? Pessoas da sua confiança e que ele respeitava avisavam-no constantemente (Kit, sobre a carreira; Andy, sobre Jude; Jude, sobre si mesmo), mas ele não fazia caso dos conselhos de ninguém. Agora, pela primeira vez, perguntou-se se Kit e Jude teriam razão e iria mesmo ficar sem trabalho, ou se, pelo menos, deixariam de lhe oferecer o tipo de trabalho de que gostava. Acontecendo isso, ficaria ressentido com Jude? Não acreditava que tal pudesse acontecer e desejava que não acontecesse, mas, por outro lado, não acreditara que fosse sequer ter ocasião de averiguar isso.

Porém, maior do que esse medo era aquele outro sobre o qual raramente tinha coragem de se perguntar: e se estava a obrigar Jude a fazer um caminho que acabaria por se revelar nocivo? Na véspera, tinham tomado duche juntos pela primeira vez, e, a seguir, Jude ficara tão calado, fechara-se de tal maneira num dos seus estados de alheamento, o seu olhar tornara-se tão vazio e distante, que, por um momento, Willem se assustara. Jude começara por recusar, mas ele quase o obrigara, e, no duche, Jude mantivera-se hirto e sombrio, percebendo Willem, pela tensão nos seus lábios, que ele estava a fazer um sacrifício e que mal podia esperar que acabasse. Ainda assim, não o deixara sair do duche; obrigara-o a ficar consigo. Comportara-se (sem querer, mas que diferença fazia?) como Caleb: obrigara Jude a fazer algo que não queria fazer, mas que fizera por ele lhe dizer que fizesse. «Vai fazer-te bem», assegurara, e, ao recordar as suas palavras — embora acreditasse no que dizia —, quase sentiu náuseas. Jamais alguém confiara em si como Jude confiava: cegamente. Mas a verdade era que ele não sabia o que andava a fazer.

«O Willem não é um profissional de saúde» vincara Andy. «É ator.» Ao ouvirem isto, ele e Jude tinham rido, mas talvez Andy tivesse razão. Quem era ele para decidir alguma coisa sobre a saúde mental de Jude? Sentia que lhe devia dizer «não confies tanto em mim», mas como podia dizer semelhante coisa, quando isso era precisamente o que queria de Jude e daquele relacionamento: ser tão indispensável ao outro que a pessoa ao seu lado não seria capaz de conceber a vida sem ele. Pois bem, conseguira isso, mas as exigências da sua nova posição começavam a aterrorizá-lo. Aceitara essa responsabilidade não tendo um completo entendimento da extensão dos danos que podia causar. Estaria à altura do desafio? Ponderou o horror que Jude tinha ao sexo e teve a certeza de que esse horror escondia outro, que sempre intuía, mas sobre o qual jamais fizera perguntas.

Agora, faria o quê? Desejou ter alguém que o guiasse, que lhe dissesse categoricamente que estava a fazer um bom ou mau trabalho. Desejou ter alguém que o orientasse no relacionamento da mesma maneira que Kit o orientava na carreira, dizendo-lhe quando correr um risco e quando recuar, quando ser Willem, o *Herói*, ou Ragnarsson, o *Terrível*.

O que ando eu a fazer?, repetiu para consigo, à laia de refrão, sentindo o impacto dos pés na estrada ao passar a correr por homens, mulheres e crianças que se preparavam para começar o dia, por edifícios estreitos como armários, por pequenas lojas que vendiam almofadas de palha entrelaçada desconfortáveis como tijolos, e por um menino que fazia festas a um lagarto arrogantemente instalado qual rei no seu colo. *O que ando a fazer, meu deus, o que ando eu a fazer?*

Quando regressou ao hotel, uma hora depois, o céu esbranquiçado ia ganhando uma deliciosa tonalidade azul-pálida com laivos esverdeados. Como sempre, a agência de viagens reservara-lhes uma suíte com duas camas (esquecera-se de pedir ao assistente para retificar isso). Estendido naquela onde tinham dormido nessa noite, vestido para sair à rua, Jude estava entretido a ler. Quando Willem entrou, ergueu-se e veio abraçá-lo.

— Estou todo transpirado — resmungou ele, mas Jude não o soltou.

— Não faz mal — disse. Segurando-lhe os braços, recuou um passo e fitou-o. — Vai correr tudo bem, Willem — declarou, no tom firme e assertivo que, ocasionalmente, Willem o ouvia usar com um cliente ao telemóvel. — Não há motivo para preocupações. Nunca hei de deixar que te falte nada. Sabes isso, certo?

Willem sorriu.

— Eu sei — respondeu, reconfortado não tanto pela garantia que lhe estava a ser dada, mas por Jude se mostrar tão confiante, capaz e convicto de que também tinha algo a oferecer. Aquele momento recordou-lhe que o relacionamento dos dois não era uma missão de salvamento, mas um prolongamento de uma amizade em que salvara Jude, mas também Jude o salvara muitas vezes. Se ajudara Jude durante as crises de dor ou o defendera de pessoas que faziam demasiadas perguntas, Jude mostrara-se disponível para o ouvir remoer preocupações relativas à carreira ou arrancara-o da autocomiseração por não conseguir um papel, além de que, durante três humilhantes meses, lhe pagara a prestação do empréstimo do curso quando um trabalho cancelado o deixara sem fundos para cumprir com essa obrigação. No entanto, Willem vivera os últimos sete meses inexplicavelmente convencido de que ia fazer Jude ficar bem, de que o ia consertar, quando a verdade era que Jude não precisava de conserto. Jude sempre o aceitara como ele era. Tinha a obrigação de retribuir isso.

— Pedi que nos trouxessem o pequeno-almoço ao quarto — disse Jude. — Achei que talvez te apetecesse alguma privacidade. Vais tomar um duche?

— Tenho fome — respondeu Willem. — Prefiro comer primeiro. — Sentiu que a ansiedade ia desaparecendo e que começava a voltar ao seu estado normal. Respirou fundo. — Cantas comigo? — Cantar juntos tornara-se uma rotina matinal havia dois meses. Era parte da sua preparação para *Duetos*. No filme, o

casal protagonista organizava anualmente um espetáculo de Natal e ele e a atriz que faria a sua mulher não seriam dobrados por cantores profissionais. O realizador enviara-lhe uma lista de canções para preparar e Jude ajudava-o cantando a melodia principal, enquanto ele ficava com a segunda voz.

— Claro que sim — disse Jude. — A do costume? — Havia sete dias que a canção eleita era o *Adeste Fideles*, que Willem teria de cantar *a capella*. Desde o começo, o primeiro «Venite adoremus» saía-lhe invariavelmente meio-tom acima. E, de todas as vezes, ele percebia o que estava a fazer e franzia-se de desagrado, mas Jude abanava a cabeça e continuava até ao fim, e ele tratava de o acompanhar. «Estás a pensar demasiado», dizia-lhe Jude no fim. «Quando falhamos notas por meio-tom, isso indica que estamos demasiado preocupados com a afinação; não penses e vais ver que sai bem.»

Nessa manhã, teve a certeza de que ia conseguir. Continuava a segurar o buquê de ervas aromáticas. Estendeu-o a Jude, que agradeceu e apertou algumas das florezinhas roxas para lhes libertar o perfume.

— Parece ser uma *perilla* — disse, e aproximou os dedos das narinas de Willem.

— Cheira bem — disse ele, e trocaram um sorriso.

Jude começou a cantar, Willem juntou-se a ele e cantou até ao fim sem falhar uma nota. Sem esperar, Jude passou à seguinte na lista, «For Unto Us a Child Is Born», e, depois dessa, «Good King Wenceslas», e Willem acompanhou-o sem hesitar. Não tinha uma voz tão encorpada como Jude, mas, nessa manhã, percebeu que daria conta do recado, ou mais do que isso, com sorte. Era um facto que soava melhor a dois, por isso, fechou os olhos e desfrutou o dueto.

Continuavam a cantar quando a campainha anunciou o pequeno-almoço. Willem ergueu-se para ir abrir, mas Jude segurou-lhe o pulso e continuaram, Jude, sentado, ele, de pé, até ao último verso, e só no fim ele foi à porta. O quarto inundara-se com a fragrância fresca, viçosa e de algum modo reconhecível da erva desconhecida que Willem trouxera consigo e de que apenas pudera descobrir que gostava quando, súbita e inesperadamente, surgira na sua vida.

Willem ausentara-se pela primeira vez cerca de vinte meses antes — recuando dois janeiros, portanto — e, desde o primeiro momento, tudo correria mal. No fim da segunda semana da rodagem de *Duetos* no Texas, já ele tivera três crises de dor nas costas (uma acontecera no escritório e outra, em casa, prolongara-se durante duas horas). Também a dor nos pés regressou e apareceu-lhe uma ferida na barriga da perna direita sem que ele tivesse ideia de como a fizera. Ainda assim, nada disso lhe alterou a disposição.

— Não percebo essa *animação*, raios — resmungou Andy, quando ele foi obrigado a lá ir pela segunda vez em menos de uma semana. — Deixas-me desconfiado.

— Ora — respondeu ele, embora a dor fosse tão intensa que mal o deixava falar. — São coisas que acontecem, certo? — Nessa noite, já deitado, agradeceu ao seu corpo por se ter controlado durante tanto tempo, por não lhe ter falhado. Durante um hiato que, para consigo, definira como os meses do namoro, não tivera de usar a cadeira de rodas uma única vez. As crises, nenhuma na presença de Willem, tinham sido raras e breves. Sabia que era tolice pensar assim (Willem estava a par do seu problema e já o vira nas alturas mais críticas), mas não podia deixar de sentir gratidão por, durante toda a fase em que os dois iam aprendendo a ver-se mutuamente de outra maneira, lhe ter sido concedido um período de reinvenção em que pudera vestir o papel de alguém fisicamente saudável. Por isso, quando regressou à sua condição normal, não partilhou com Willem o que lhe estava a acontecer — o assunto enfasiava-o de tal maneira que duvidava que não inspirasse a mesma reação nos demais —, e, em março, quando Willem regressou, ele estava melhor: já andava e a ferida na barriga da perna estava mais ou menos controlada.

Depois dessa primeira vez, Willem ausentou-se outras quatro — duas rodagens, duas digressões promocionais — durante períodos alargados, e, em cada uma dessas ocasiões, por vezes, logo no dia em que Willem viajava, o seu corpo ia-se abaixo. Ainda assim, ele não deixava de lhe ficar agradecido pela cortesia do *timing*, como se o seu corpo, antecipando-se à mente, tivesse decidido que ele devia lutar pela relação com Willem e o seu contributo fosse criar o mínimo possível de obstáculos e embaraços.

Agora, em meados de setembro, Willem prepara-se para se ausentar uma vez mais. A Última Ceia, que parece ter acontecido noutra vida, deu o mote para um ritual: no sábado anterior à viagem, jantam nalgum sítio exorbitantemente caro, depois ficam a conversar pela noite dentro. No domingo, passam a manhã na cama, e a tarde é para as questões práticas: coisas a fazer na ausência de Willem, assuntos prementes a tratar e decisões a tomar. Desde que o relacionamento deixou de ser o que foi durante a primeira fase para se tornar o que agora é, as suas conversas tornaram-se, a um tempo, mais íntimas e mais terra a terra, e a última

semana antes de cada abalada reflete e resume isso na perfeição: o sábado ficou reservado para medos, segredos, confissões e recordações, enquanto o domingo é o dia das considerações logísticas e da cartografia diária que mantém a sua vida a dois no bom caminho.

Gosta dos dois tipos de interação com Willem, mas nunca imaginou que as conversas simples sobre questões práticas lhe agradariam tanto. Sempre sentiu que eram os temas nobres — o amor, a confiança — a ligá-los e agrada-lhe perceber que o vínculo não desaparece tratando-se de trivialidades como as contas, os impostos e as idas ao dentista. Isso fá-lo recordar uma visita a Harold e Julia anos antes, quando apanhou uma constipação horrível e acabou por passar o fim de semana no sofá, embrulhado num cobertor, a meio caminho entre o sono e a vigília. Na noite de sábado, os três viram um filme, e, a dada altura, Harold e Julia começaram a falar das obras na cozinha da casa de Truro. De novo a resvalar para o sono, ele foi ouvindo a sua conversa murmurada, tão aborrecida que lhe foi impossível prestar atenção aos pormenores, mas que, por outro lado, lhe trouxe uma paz imensa, acabando por lhe parecer a expressão perfeita de uma relação adulta: ter alguém com quem discutir a mecânica de uma existência partilhada.

— Deixei mensagem com o tipo das árvores, a avisar que lhe ligas esta semana — avisa Willem. Estão no quarto e as malas estão quase prontas. — Era isso o combinado, certo?

— Sim — confirma ele. — Já aponteí que tenho de lhe ligar amanhã.

— Também disse ao Mal que vais ver o terreno com ele no próximo fim de semana, portanto, não esqueças.

— Sim — diz ele. — Já pus na agenda.

Willem vai arrumando as pilhas de roupa no saco de viagem enquanto lhe diz estas coisas, até que se detém e o encara.

— Sinto-me mal — confessa. — Estou a deixar-te tanta coisa pendurada para resolveres...

— Não sintas — pede ele. — Juro-te que não me custa nada. — A sua agenda de casal está mais ou menos entregue ao assistente e às secretárias de Willem, mas resolveram que eles mesmos se encarregariam do que tivesse que ver com a casa em Garrison. Não discutiram propriamente que fariam assim, mas ele intui que ambos acharam importante participar na sua criação e testemunhar o nascimento do primeiro lugar que construirão juntos desde a Lispenard Street.

Willem suspira.

— Mas tu andas tão ocupado... — hesita.

— Não te preocupes — repete ele. — A sério, Willem: eu dou conta do recado. — Ainda assim, Willem não parece ficar mais descansado.

Nessa noite, ficam acordados na conversa. O sentimento é o mesmo de sempre: na véspera da viagem, enquanto falam, ele já adivinha a falta que Willem lhe fará. Porém, houve uma mudança depois que passaram a ser um casal e a sua união se tornou física: curiosamente, o sentimento intensificou-se. Habitou-se de tal maneira à presença de Willem, que as suas ausências são sentidas mais a fundo e o deixam mais fragilizado.

— E já sabes qual é o outro assunto de que temos de falar — diz Willem, e, vendo que ele não responde, Willem arregaaça-lhe ligeiramente a manga e segura-lhe o pulso esquerdo com brandura. — Quero que me prometas — exige.

— Juro — diz ele. — Podes viajar descansado. — Ao seu lado, Willem solta-lhe o braço e torna a deitar-se de costas. Ficam silenciosos.

— Estamos os dois cansados — diz Willem, e boceja. Estão, de facto. Em menos de dois anos, Willem viu ser-lhe imposto o rótulo de *gay*, Lucien deixou a firma e ele assumiu a presidência do departamento de contencioso, e estão a construir uma casa de campo a pouco menos de hora e meia de Manhattan. Aos fins de semana, quando Willem não está fora em rodagem — nessas alturas, de segunda a sexta, ele vai para o escritório mais cedo ainda do que o habitual, para poder sair mais cedo ao sábado —, já têm passado muitos finais de tarde no sofá, silenciosos nos braços um do outro, apenas a ver a luz do dia desaparecer. Também saem, mas com muito menos frequência do que antes.

«A vossa transformação em casal de lésbicas foi bem mais rápida do que eu previa», comentou JB certa noite, quando lá foi jantar com Fredrik, o namorado. Além deles, estavam Malcolm e Sophie, Richard e India e Andy e Jane.

«Deixa-os em paz, JB», censurou-o Richard, enquanto os outros riam, mas ele ficou com a sensação de que Willem não ligara, e, pela sua parte, não ligara de todo, porque nada mais lhe importava senão Willem.

Fica na expectativa de Willem dizer mais alguma coisa, depois pergunta a si mesmo se terá de fazer sexo. Continua mais ou menos incapaz de prever quando Willem tem vontade — quando um abraço levará a esse outro contacto, invasivo e indesejado —, mas está sempre preparado para que aconteça. É — odeia admitir ou sequer ter esse pensamento e jamais lhe daria voz — uma das pouquíssimas vantagens das ausências de Willem: durante essas semanas ou meses, não haverá sexo e poderá estar descontraído.

O sexo começou há dezoito meses (e ele sabe que tem de parar de os contar, porque a sua vida sexual não é uma sentença a cumprir), depois de Willem esperar durante quase dez. Pela sua parte, viveu esses meses com a aguda consciência de que, algures, havia um relógio em contagem decrescente, e, embora não soubesse, em cada momento, quanto tempo lhe restava, sabia que, por mais paciente que Willem fosse, não o seria para sempre. Meses antes, ao ouvi-lo mentir a JB, dizendo que a sua vida sexual era «estrondosa», jurara a si mesmo que nessa mesma noite diria a Willem que chegara o momento. Mas o medo falara mais alto e acabara por se autorizar a deixar passar a oportunidade. Pouco mais de um mês depois disso, quando estavam de férias no Sudeste Asiático, tornara a prometer a si mesmo que ia tentar, mas, de novo, não dera esse passo.

Viera janeiro, Willem viajara para o Texas para rodar *Duetos*, e ele aproveitara essas semanas por sua conta para se mentalizar. Por fim, na noite depois de Willem regressar — mesmo agora, parece-lhe espantoso que Willem tenha regressado, e, na altura, somando-se ao espanto, houve uma euforia e uma felicidade tão grandes que quis ir à janela e gritar, por nenhuma outra razão além da improbabilidade de tudo aquilo —, disse-lhe que estava pronto.

Willem olhou-o demoradamente.

— Tens a certeza? — perguntou.

Não tinha, claro. Mas sabia que, se queria estar com Willem, nalgum momento aquilo teria de acontecer.

— Sim — respondeu.

— De verdade que queres? — tornou Willem a perguntar, sem que os seus olhos se desviassem.

O que estaria a acontecer? Seria aquilo um teste ou uma pergunta sincera? Pareceu-lhe que mais valia jogar pelo seguro. Por isso:

— Claro que sim — respondeu, e o sorriso de Willem fez-lhe saber que escolhera a resposta certa.

Antes, teve de lhe falar das suas doenças. «De futuro, antes de teres relações sexuais, debes partilhar esta informação com o teu parceiro ou parceira», avisara-o, havia muitos anos, um dos médicos em Filadélfia. «Suponho que não queres carregar a culpa de ter infetado outros.» Disse-lhe isto num tom severo e ele nunca esqueceu a vergonha que sentiu, somada ao medo de contaminar outros com a sua imundície. Memorizara um breve discurso explicativo, mas dizê-lo revelou-se muito mais difícil do que esperava. Disse-o tão baixinho que teve de repetir do início, o que, de alguma maneira, foi ainda pior. Tivera aquela conversa uma única vez na vida, com Caleb, que ficara silencioso durante um momento, até finalmente dizer, naquela sua voz cava: «Ora, ora. Afinal, Jude St. Francis é uma putéfia.» Ele obrigara-se a um sorriso, assentira e conseguira responder: «Foi na faculdade.» E Caleb sorria-lhe de volta. Apenas ligeiramente.

Também Willem ficou silencioso, apenas a olhá-lo, até que perguntou:

— Isso aconteceu quando, Jude? — E depois: — Sinto muito.

Estavam deitados. Willem voltara-se de lado e fitava-o e ele olhava para o teto.

— Tive um ano muito mau em Washington — acabou por responder, mas não era verdade, claro. Simplesmente, contar como de facto contraíra aquelas doenças obrigaria a uma conversa bem mais difícil, que não se sentia preparado para ter.

— Sinto mesmo muito, Jude — repetiu Willem, afagando-o. — Contas-me o que aconteceu?

— Não — recusou. E, quase numa teima: — Acho que devíamos fazer isto. Agora. — Já se mentalizara. Adiar mais um dia não mudaria nada e corria o risco de perder a coragem.

Fizeram sexo. Tivera a enorme esperança — chegara a acreditar — que seria diferente com Willem, que, finalmente, gostaria daquele tipo de contacto. Mas, assim que começaram, sentiu cada velha sensação horrível regressar. Tentou concentrar-se na evidência de que, desta vez, estava a ser melhor: Willem era mais cuidadoso do que Caleb e não se impacientava. Além disso, amava Willem. Mas, no fim, houve apenas a vergonha e o nojo, os mesmos de sempre, e o mesmo desejo de infligir dor a si mesmo, de arrancar as entranhas e de as atirar à parede para lhes ouvir o queixume pastoso e ensanguentado.

— Gostaste? — perguntou Willem, a medo, e ele voltou-se e encarou aquele rosto que amava tanto.

— Sim — respondeu. Talvez fosse melhor da próxima vez, disse para consigo. E, da vez seguinte, repetindo-se exatamente o mesmo, pensou que talvez fosse melhor na outra depois dessa. De cada vez, esperava que, da próxima, fosse diferente, e repetia para consigo que assim aconteceria. A mágoa que sentiu quando finalmente percebeu que nem Willem o salvaria, que, para si, a experiência do sexo ficara destruída e era irremediável, foi das maiores da sua vida.

Por fim, estabeleceu um conjunto de regras. Em primeiro lugar, nunca rejeitaria Willem. Se Willem desejava aquilo, teria, sem que ele alguma vez lho negasse. Willem sacrificara muito pela relação dos dois e trouxera-lhe uma paz tão grande que ele estava decidido a agradecer-lhe de todas as maneiras ao seu alcance. Em segundo lugar, tentaria — assim lhe pedira o irmão Luke certa vez — mostrar algum entusiasmo. Mostraria a Willem que estava a gostar. Na reta final do relacionamento com Caleb, tornara a fazer o mesmo que fizera durante toda a vida: Caleb voltava-o, baixava-lhe as calças, e, ali deitado, ele esperava que terminasse. Com Willem, tentava lembrar-se das instruções do irmão Luke, que dantes seguira — *vira-te, geme, diz que gostas* —, e incorporava-as sempre que possível, de maneira a parecer um participante ativo. Acreditava que a sua competência esconderia a falta de entusiasmo e, enquanto Willem dormia, ficava ele acordado a recordar as lições do irmão Luke, as mesmas que passara toda a sua vida adulta a tentar esquecer. Percebeu que surpreendia Willem ao mostrar-se tão entendido — ele, que sempre optara pelo silêncio enquanto os outros se gabavam das proezas na cama, as que tinham feito e as que estavam a tentar fazer; ele, que se dispunha a aturar cada conversa que os amigos tinham sobre o assunto, mas nunca participar em nenhuma.

A terceira regra era que, tendo Willem iniciado o sexo em três ocasiões, tomaria ele a iniciativa uma vez, de maneira que a situação parecesse um pouco mais equilibrada. E a quarta: o que Willem lhe pedisse, faria. *É o Willem*, recordava a si mesmo uma vez e outra. *Ele nunca te magoaria intencionalmente, por isso, tudo o que te pedir é aceitável.*

Mas, então, via o rosto do irmão Luke. *Também confiaste nele*, censurava a voz. *Também achaste que ele te estava a proteger.*

Como te atreves?, insurgia-se ele contra a voz. *Não ouses comparar o Willem com o irmão Luke.*

Qual é a diferença?, irritava-se a voz. *O que esse quis de ti, quer este. No fim, és o mesmo para um que foste para o outro.*

Com o tempo, diminuiu o seu medo de todo aquele processo, mas não a aversão. Sempre soubera que Willem gostava de sexo, mas foi uma surpresa aflitiva vê-lo gostar tanto do sexo consigo. E, embora ciente de que estava a ser tremendamente injusto, deu por si a respeitar Willem um pouco menos por causa disso, e a detestar-se um pouco mais por sentir assim.

Tentou concentrar-se no que mudara para melhor em comparação com Caleb. Continuava a doer-lhe, mas menos do que com qualquer outro com quem estivera, o que era certamente bom sinal. Da mesma maneira, continuava a ser desconfortável, mas menos. Por fim, continuava a fazê-lo sentir vergonha, mas,

com Willem, conseguia encontrar algum consolo na certeza de que, pelo menos, estava a proporcionar algum prazer à pessoa de quem mais gostava no mundo, e, de cada vez que faziam sexo, saber isso ajudava-o a ir até ao fim.

Disse a Willem que o traumatismo sofrido durante a viagem de carro o fizera perder a capacidade de ter ereções, mas não era verdade. Segundo Andy (que lho dissera anos antes), não havia nenhum impedimento físico. Em todo o caso, não as tinha havia anos, desde a faculdade, e, mesmo nessa altura, eram raras e aconteciam sem que ele tivesse sobre isso algum controlo. Willem perguntou-lhe se não havia alguma coisa que pudesse fazer — um comprimido ou uma injeção — e ele respondeu que era alérgico a uma das substâncias na composição de todos esses comprimidos e injeções e que não lhe fazia diferença.

Caleb não se mostrara grandemente incomodado com aquela sua incapacidade, mas o mesmo não acontecia com Willem.

— Não há *nada* que possamos fazer, nós dois? — perguntava reiteradamente. — Já falaste disso com o Andy? Queres tentar de outra maneira?

Até que, por fim, ele se impacientou e disse a Willem que parasse com aquelas perguntas porque o fazia sentir-se um anormal.

— Desculpa, não era a minha intenção — disse Willem, após um silêncio. — Só quero que sintas prazer.

— E sinto — assegurou ele. Detestava mentir tanto a Willem, mas que alternativa tinha? A alternativa significaria perdê-lo e ficar sozinho para sempre.

Por vezes, muitas vezes, amaldiçoava-se e às suas insuficiências, mas, noutras alturas, conseguia ser brando consigo e reconhecer que a sua mente protegera o corpo, que lhe desligara o impulso sexual para o defender, que petrificara cada parte de si que lhe causara um sofrimento atroz. Mas, o mais das vezes, sabia que estava errado. Sabia que não devia ficar ressentido com Willem. Sabia que a sua impaciência para os preliminares de que Willem tanto gostava — um longo e embaraçoso prólogo em que a garganta era aclarada várias vezes enquanto eram experimentadas as pequenas intimidades que ele sabia serem a maneira que Willem encontrara para sondar os caminhos da sua excitação — era indesculpável. Simplesmente, para ele, o sexo era algo a despachar tão depressa quanto possível, com uma eficiência e brusquidão que raiavam a brutalidade, e, quando sentia que Willem estava a tentar prolongar o ato, começava a dar-lhe instruções com uma atitude decidida que, compreendeu mais tarde, Willem decerto confundia com entusiasmo. No fim, tornava a ouvir a declaração triunfal do irmão Luke — *Deu para ouvir que estavas a gostar* — e encolhia-se de aflição. De todas as vezes, quisera responder-lhe «Não estou», tal como agora queria dizer: *Não estou a gostar*. Mas não se atrevia. Ele e Willem estavam num relacionamento. As pessoas em relacionamentos faziam sexo. Para não perder Willem, teria de cumprir com a sua parte, e o desagrado que sentia pelos seus deveres não mudava o facto de que os tinha.

Em todo o caso, não desistiu. Prometeu a si mesmo que tentaria consertar o que estava avariado na sua pessoa, se não por si, por Willem. Comprou — no segredo do lar, embora a cara lhe ardesse de vergonha quando finalizou a

encomenda — três livros de autoajuda sobre sexo, que leu enquanto Willem andava numa das suas viagens promocionais, e, quando ele regressou, tentou aplicar o que entretanto ficara a saber, mas os resultados não mudaram. Comprou revistas femininas que traziam artigos que ensinavam a ser melhor na cama e estudou-os aturadamente. Chegou ao extremo de encomendar um livro sobre a relação das vítimas de abuso sexual — uma classificação que detestava e jamais aplicava a si mesmo — com o sexo, que leu furtivamente numa noite, trancado no escritório para que Willem não o surpreendesse. Depois de cerca de um ano, decidiu repensar os objetivos: ainda que não sentisse prazer no sexo, isso não impossibilitava que desse mais prazer a *Willem*, tanto para expressar a sua gratidão como, numa nota egoísta, para o manter ao seu lado. Assim, esforçou-se por ver para lá da vergonha e concentrou-se em Willem.

Agora que tornara a ter uma vida sexual ativa, tomou consciência de que vivera cercado pelo sexo durante todos aqueles anos, mas, ainda assim, conseguira banir da consciência todo e qualquer pensamento sobre o assunto. Durante décadas, fugira de conversas sobre o tema, mas, agora, ficava atento sempre que a oportunidade se apresentava. À socapa, ouvia os colaboradores da firma, as mulheres à conversa nos restaurantes e os homens com quem se cruzava na rua, e todos eles falavam de sexo, que faziam nesta e naquela altura e queriam fazer mais (pelo que conseguiu perceber, ninguém queria fazer menos). Sentia-se de regresso aos anos da faculdade. Uma vez mais, os seus pares não sabiam que ele os nomeara seus professores. De novo, ficou alerta para a mais pequena informação, para lições sobre ser. Via *talk-shows*, muitos dos quais se pareciam debruçar sobre o tema de, com o tempo, o casal deixar de fazer sexo; os convidados eram pessoas casadas que não tinham relações sexuais havia meses, por vezes, anos. Via esses programas com absoluta atenção, mas nenhum lhe dava a informação pretendida: o sexo parava depois de quanto tempo de relação? Quanto teria ainda de esperar até que o mesmo acontecesse consigo e Willem? Observava casais: seriam felizes? (Não eram, obviamente; iam a *talk-shows* contar as suas vidas sexuais e pedir ajuda a estranhos.) Mas pareciam felizes, era um facto, ou, pelo menos, mostravam uma versão da felicidade: um homem e uma mulher que não tinham relações sexuais havia três anos, mas que, percebia-se pela maneira como a mão dele procurava o braço dela, continuavam a sentir afeto um pelo outro, continuavam juntos por razões mais importantes do que o sexo. Nas viagens de avião, via comédias românticas, farsas sobre pessoas casadas entre as quais não havia sexo. Todos os filmes sobre a juventude falavam da sua vontade de fazer sexo; todos os filmes sobre os mais velhos falavam da sua vontade de fazer sexo. Via todos esses filmes e sentia-se derrotado. Haveria alguma altura da vida em que se tivesse o direito de *deixar* de ter vontade de fazer sexo? Por vezes, conseguia divertir-se com a ironia da sua situação: Willem, em tudo, a pessoa certa, continuava a querer sexo, e ele, em tudo, a pessoa errada, continuava a não querer. Ele, o aleijado que não queria sexo, e Willem, que, misteriosamente, ainda assim o desejava. Não obstante esse problema, Willem era a sua versão de felicidade — uma versão de felicidade que ele jamais contara ter.

Assegurou a Willem que, sentindo falta de ter relações sexuais com mulheres, as podia ter, que ele não se importava. Ao que Willem respondeu:

— Não sinto. Só quero ir para a cama contigo.

Outra pessoa teria ficado encantada com semelhantes palavras e ele deixou-se sensibilizar, mas, por outro lado, ficou sem saber o que mais fazer. *Afinal, isto vai acabar quando?*, perguntava-se, desesperado, e depois, inevitavelmente: *E se não acabar nunca?* E se jamais lhe fosse dado o direito de parar? Lembrou-se dos anos vividos em quartos de motel. Mesmo nessa altura, fora-lhe indicada uma data-limite, ainda que falsa: o seu décimo sexto aniversário. Fora-lhe dito que, quando fizesse dezasseis anos, poderia parar. Pois bem, tinha 45, mas sentia-se como se tivesse regressado aos onze e aguardasse o dia em que alguém — outrora, o irmão Luke, agora (era injusto, tão injusto), Willem — lhe diria: *Pronto. Cumpriste a tua obrigação. Podes parar.* Queria ouvir alguém dizer-lhe que se mantinha um ser humano de pleno direito embora sentisse estas coisas, que não havia nada de errado em ser como era. Decerto haveria mais quem sentisse o mesmo que ele, não? Nem que fosse *uma* pessoa. Decerto o seu ódio ao ato sexual não era uma deficiência a corrigir, mas uma simples questão de preferência, não?

Certa noite, estavam deitados — ambos exaustos depois de um dia cheio —, e, do nada, Willem começou a falar de uma velha amiga com quem almoçara. Chamava-se Molly e ele vira-a um par de vezes ao longo dos anos. Willem comentou que ela estava a passar por uma fase difícil: depois de décadas, contara finalmente à mãe que o pai, falecido no ano anterior, abusara dela.

— Que horror — disse ele automaticamente. — Pobre Molly.

— Sim — concordou Willem, e, após um silêncio: — Disse-lhe que não tinha nada de que se envergonhar, que não tinha feito nada de errado.

Sentiu-se ficar muito vermelho.

— Claro, fizeste bem — respondeu, por fim, depois bocejou ostensivamente.

— Boa noite, Willem.

Novo silêncio, que se estendeu durante um par de minutos.

— Jude — disse então Willem, com brandura. — Vais-me contar nalguma altura?

O que diria agora?, perguntou para dentro, não se atrevendo a fazer o mais ténue movimento. Porque vinha Willem com semelhante pergunta naquela altura, quando ele se convencera de que se estava a sair perfeitamente na sua imitação de uma pessoa normal? Talvez não fosse tão convincente como julgara. Teria de se esforçar mais. Willem continuava sem saber a respeito do irmão Luke, mas, não sendo capaz de falar do assunto, parte de si sabia que tão-pouco era necessário fazer isso, porque, nos últimos dois anos, Willem o tentara abordar usando várias estratégias: contara-lhe a respeito de amigos e conhecidos, umas vezes, referindo nomes, outras, mantendo-os anónimos (o que o fazia supor que algumas dessas pessoas seriam inventadas; duvidava que alguém tivesse tão vasta coleção de amigos que tinham sofrido abusos sexuais); comentara histórias de pedofilia que lera em revistas; e discorrera longamente sobre a natureza da vergonha, tantas vezes injustificada, não se cansava de salientar. Finto cada

discurso, calava-se e aguardava, como se lhe tivesse estendido mentalmente a mão num convite para dançar. E ele nunca aceitava a mão estendida de Willem. Em cada ocasião, mantinha-se silencioso, mudava de assunto ou limitava-se a fazer de conta que Willem não dissera nada. Não imaginava como ficara Willem na posse daquela informação a seu respeito e não queria descobrir. Obviamente, a pessoa que ele julgava estar a mostrar ao mundo não era quem Willem ou Harold viam.

— Porquê essa pergunta? — respondeu.

Willem voltou-se para ele.

— Porque — começou, depois calou-se. — Porque... — tentou segunda vez.

— Devia ter-te feito falar disso há muito tempo. — Tornou a hesitar. — Sem dúvida, antes de o sexo começar.

Ele fechou os olhos.

— Não estou a fazer bem? — perguntou, mal erguendo a voz, e arrependeu-se da pergunta logo que lhe saiu. Era algo que teria dito ao irmão Luke e Willem não era o irmão Luke.

Percebeu, pelo silêncio de Willem, que o deixara perplexo.

— Não — respondeu. — Quero dizer, estás. Mas, Jude, eu sei que alguma coisa te aconteceu e gostava que me contasses. Gostava que me deixasses ajudar-te.

— Tudo isso já passou, Willem — acabou por responder. — Foi há muito tempo. Não preciso de ajuda.

Silêncio.

— Foi o irmão Luke que te fez mal? — perguntou Willem, depois, vendo que ele se mantinha silencioso enquanto os segundos passavam: — Tu gostas de sexo, Jude?

Se falasse, começaria a chorar, por isso, não falou. *Não*: uma palavra tão breve, tão fácil de enunciar, algo que qualquer criança dizia, um som, mais do que uma palavra. Um eflúvio. Apenas tinha de entreabrir os lábios para que saísse e... e o quê? Willem ir-se-ia embora, levando-lhe tudo. *Eu aguento*, pensava, de cada vez que faziam sexo. *Eu aguento*. Suportaria o ato sexual e, em troca, tinha todas as manhãs em que acordava ao lado de Willem, tinha cada uma das suas atitudes carinhosas, tinha o conforto da sua companhia. Quando Willem estava a ver televisão na sala e ele passava, Willem estendia a mão, que ele segurava, e ficavam assim durante instantes, Willem, sentado, de olhos postos no ecrã, ele, de pé, os dois de mãos dadas, até ele finalmente soltar a mão de Willem e seguir o seu caminho. A presença de Willem fazia-lhe falta; desde que Willem tornara a vir viver com ele, não havia um dia em que não sentisse a calma que sentira quando Willem viera ficar com ele antes da rodagem de *O Príncipe da Canela*. Willem era o seu lastro e ele não o queria perder, mesmo estando ciente do seu egoísmo atroz, que não esquecia nem por um instante. Se amasse Willem de verdade, terminaria a relação. Dar-lhe-ia oportunidade — à força, se necessário — de encontrar alguém melhor, alguém que adorasse fazer sexo com ele, que, de facto, o desejasse; alguém com menos problemas e melhores predicados. Willem fazia-lhe bem, mas ele fazia mal a Willem.

— E *tu*, gostas do sexo comigo? — perguntou, quando finalmente se sentiu

capaz de falar.

— Sim — respondeu Willem sem hesitar. — Adoro. Mas *tu* gostas?

Engoliu em seco, depois contou até três.

— Sim — respondeu baixinho, furioso consigo, mas também aliviado. Ganhara tempo; Willem continuaria ali. Por outro lado, isso significava que também o sexo ia continuar. Pergunta-se o que teria acontecido se tivesse respondido «não».

Continuou tudo na mesma. Em compensação pelo sexo, corta-se cada vez mais, tanto para aliviar a vergonha como para se castigar por ficar ressentido com Willem. Durante muito tempo, conseguiu manter uma rigorosa disciplina: uma vez por semana e dois cortes por sessão, não mais. Porém, nos últimos seis meses, desrespeitou sucessivamente as regras, e, presentemente, corta-se tanto como se cortava quando estava com Caleb ou nas semanas que precederam a adoção.

Esta sua compulsão galopante motivou a primeira discussão feroz que tiveram, não só como casal mas também em vinte e nove anos de amizade. Por vezes, é como se as suas autolesões não existissem no relacionamento. Noutras alturas, *são* o relacionamento, são cada conversa, são aquilo de que eles falam mesmo quando não estão a falar. Veste uma das suas *T-shirts* de manga comprida para dormir e não sabe se Willem ficará calado ou se começará o interrogatório. Já se cansou de lhe explicar que precisa de se cortar, que o ajuda, que não consegue parar, mas Willem recusa-se a entender isso, ou talvez lhe seja impossível.

— Não entendes porque me perturba tanto? — pergunta-lhe.

— Não, Willem — responde ele. — Eu sei o que estou a fazer. Tens de confiar em mim.

— Eu *confio*, Jude — assegura Willem. — Não é uma questão de confiança. A questão é fazeres mal a ti mesmo. — E pronto: a conversa está num beco sem saída.

Mas também há aquela outra conversa em que, por fim, Willem pergunta:

— Jude, ias sentir o quê se fosse eu a fazer isso?

E ele:

— Não é o mesmo, Willem.

E Willem:

— Porquê?

E ele:

— Porque estamos a falar de *ti* e tu não mereces isso.

E Willem:

— E tu *mereces*?

O que o deixa sem resposta, ou, pelo menos, alguma resposta que Willem possa aceitar.

Um mês antes dessa primeira grande discussão, tiveram outra. Evidentemente, Willem já se dera conta de que ele se andava a cortar mais. Não sabia o motivo, apenas que estava a acontecer, e então houve aquela noite em que, certificando-se de que Willem dormia, ele quis ir sem ruído para a casa de banho. De repente, sentiu Willem segurar-lhe o pulso com força e o ar fugiu-lhe dos pulmões.

— Bolas, Willem — disse. — Assustaste-me.

— Onde vais? — perguntou Willem, com uma nota de dureza na voz.

Tentou libertar-se, mas Willem continuou a segurar-lhe o pulso com força.

— Tenho de ir à casa de banho — disse ele. — Larga-me, Willem. A sério.

No escuro, mediram-se com o olhar, até que, por fim, Willem lhe soltou o pulso. De seguida, levantou-se também da cama.

— Muito bem — disse —, vamos lá então à casa de banho. Fico a ver.

Furiosos, trocaram palavras agressivas, sentindo-se um e outro traídos. Acusou Willem de o tratar como se ele fosse uma criança e Willem acusou-o de lhe esconder coisas. Nunca tinham estado tão perto de gritar um com o outro. Por fim, ele soltou-se bruscamente e tentou correr para o escritório, para se trancar e cortar com uma tesoura, mas a aflição fê-lo tropeçar e cair e mordeu o lábio, e Willem foi a correr buscar gelo e acabaram sentados no chão da sala, a meio caminho entre o quarto e o escritório, abraçados a pedir desculpa um ao outro.

— Não vou tolerar que te magoes dessa maneira — avisou Willem no dia seguinte.

— É mais forte do que eu — respondeu ele, após um longo silêncio. *Se eu não me cortar, vai ser pior*, queria dizer-lhe, e, também: *Se não me cortasse, talvez não estivesse vivo*. Mas não lhe disse nenhuma destas coisas. Uma vez e outra, era-lhe impossível explicar de maneira que Willem entendesse. Cortava-se para se castigar, mas também para se purificar; era a sua maneira de se esvaziar de tudo quanto fosse tóxico e corrupto; impedia-o de se enfurecer irracionalmente com outros, com todos; fazia-o não gritar ou ser violento; fazia-o sentir que o seu corpo e a sua vida de facto lhe pertenciam, que não era propriedade de outrem. Uma coisa era certa: não se cortando, ser-lhe-ia impossível fazer sexo. Se o irmão Luke não lhe tem oferecido essa solução, quem seria agora?, perguntava ocasionalmente a si mesmo. E, de si para consigo, respondia: seria alguém que faria mal aos outros. Um homem desejoso de fazer com que todos se sentissem tão horrivelmente como ele se sentia. Alguém pior ainda do que a pessoa que ele hoje era.

O silêncio de Willem foi mais demorado ainda do que o seu.

— Tenta — pediu, por fim. — Por mim, Judy. Tenta.

E ele assim fez. Durante as semanas seguintes, ao acordar durante a noite, ou quando, depois do sexo, dava por si à espera de que Willem adormecesse para então se ir fechar na casa de banho, obrigava-se a continuar deitado sem se mexer, de mãos cerradas enquanto contava as respirações, sentindo a nuca transpirada e os lábios secos. Visualizava a caixa da escada de um motel e imaginava-se a atirar-se contra a parede, o som do impacto, a deliciosa exaustão depois desse instante, a dor. Desejava que Willem soubesse que ele estava a tentar com todas as forças, mas, ao mesmo tempo, era um alívio ele não saber.

Por vezes, nada disto era suficiente, e, nessas noites, descia furtivamente ao rés do chão e nadava, buscando a exaustão. De manhã, Willem exigia ver-lhe os braços e também isso motivara discussões, até que, por fim, ele decidiu que era mais fácil fazer-lhe a vontade.

— Já estás contente? — rosnou depois, soltando-se bruscamente. Desceu as mangas da camisa e abotoou os punhos, tão furioso que nem conseguia olhar para ele.

— Jude — disse Willem, após um momento —, vem deitar-te comigo antes de ires. — Mas ele fez que não e deixou o apartamento, e o arrependimento acompanhou-o durante todo o dia. Durante vários dias, Willem não o chamou para se deitar mais cinco minutos com ele antes de sair, e, por cada um que passava, ele detestava-se mais um pouco. O seu novo ritual matinal era a vistoria aos braços: sentavam-se na cama, Willem examinava-lhe os braços e ele sentia a frustração e a humilhação crescerem.

Certa noite, um mês depois de prometer a Willem que se ia esforçar mais, percebeu que o problema era sério, que não ia conseguir reprimir a vontade. Foi um dia estranho e inesperado, cheio de recordações. A cortina que separava o passado e o presente tornara-se transparente como gaze. Veio o final da tarde e o cortejo de cenas do passado mantinha-se em fundo. Durante o jantar, lutou para se manter ancorado no presente, em vez de se deixar arrastar para o assustador e sombrio mundo das recordações, que tão bem conhecia. Nessa noite, pela primeira vez, esteve à beira de dizer a Willem que não lhe apetecia sexo, mas acabou por conseguir ficar calado e houve.

Depois, veio a exaustão. Durante o sexo, lutava para se manter presente, para não viajar para longe. Na infância, descobrira a capacidade de se ausentar do seu corpo, mas os clientes queixavam-se ao irmão Luke.

— Faz olhos de morto — diziam-lhe. Não gostavam.

Caleb dissera-lhe o mesmo.

— Acorda — ordenou, numa ocasião, dando-lhe palmadinhas no rosto. — Viajaste para onde?

Por isso, ele tentava não se evadir em pensamento, embora isso tornasse a experiência mais nítida.

Naquela noite, deitado na cama, viu Willem adormecido de barriga para baixo, de braços enfiados debaixo da almofada. No sono, a sua expressão tornava-se mais severa do que quando estava acordado. Contou até trezentos. No fim, repetiu. Passara uma hora. Ligou a luz do seu lado e tentou ler, mas só conseguia pensar na lâmina de barbear. Desejosos, os seus braços encheram-se de formigueiros, como se, no lugar das veias, tivesse circuitos carregados de eletricidade.

— Willem — sussurrou, e, não obtendo resposta, afagou-lhe a nuca, e, na ausência de movimento, levantou-se finalmente da cama, e, pé ante pé, entrou no quarto de vestir e tirou o saco do esconderijo: o bolso interior de um dos seus casacos de inverno. Deixou o quarto de vestir e atravessou o apartamento até à casa de banho do outro lado. Fechou a porta. Também ali havia uma espaçosa área de duche. Sentou-se, despiu a *T-shirt* e encostou-se à parede fria. Tinha os antebraços tão densamente revestidos de cicatrizes que, olhados de longe, pareciam ter sido mergulhados em gesso, além de que mal se distinguiam os cortes verticais da tentativa de suicídio, porque ele se cortara nos espaços de permeio e em volta,

camuflando essas três cicatrizes sob camadas de cortes sobrepostos. Ultimamente, começou a concentrar-se na parte superior dos braços (não os bíceps, que também tinham cicatrizes, mas os extensores do antebraço, o que resultava menos satisfatório, porque queria ver os cortes no momento em que os fazia, mas sem quase ser obrigado a torcer o pescoço), e, desta vez, cortou-se no braço esquerdo, abrindo cuidadosamente longos golpes e sustentando a respiração ao contar os segundos — um, dois, três — que demorava a fazer cada um.

Fez quatro cortes no braço esquerdo, seguindo-se três no direito, mas, ao fazer o quarto, sentindo as mãos trêmulas de deliciosa debilidade, ergueu o olhar e viu Willem parado na porta, a observá-lo. Cortava-se havia décadas e jamais alguém assistira. Parou bruscamente. Sentia-se violado. O choque não teria sido maior se Willem lhe tivesse batido.

Sem dizer palavra, Willem avançou, e ele encolheu-se de medo contra a parede do chuveiro, envergonhado, aterrorizado, na expectativa do que iria acontecer. Willem acorrou-se diante dele e tirou-lhe delicadamente a lâmina dos dedos, e, durante um longo momento, ficaram como estavam, um e outro a olhar fixamente a lâmina. Depois, Willem ergueu-se, e, sem preâmbulo ou aviso, cortou-se no peito.

A sua reação foi instantânea.

— Não! — gritou, e tentou ficar de pé, mas faltaram-lhe as forças e caiu para trás. — Willem, não!

— Foda-se! — gritou Willem. — Foda-se! — Mesmo assim, fez um segundo corte, logo abaixo do primeiro.

— Para, Willem! — gritou ele, quase em lágrimas. — Para! Estás a magoar-te!

— Ah é? — respondeu Willem, e, vendo como os olhos lhe brilhavam, ele percebeu que também Willem estava à beira das lágrimas. — Já entendes o que eu sinto? — Fez o terceiro corte e tornou a praguejar.

— Willem — gemeu ele, e tentou agarrar-lhe os pés, mas Willem recuou para fora do seu alcance. — Para, por favor. Por favor.

Implorou repetidamente, mas Willem apenas perdeu as forças depois do sexto corte, e, nessa altura, encostou-se à parede oposta.

— Foda-se — murmurou, dobrando-se pela cintura e abraçando o torso. — Foda-se, dói. — Ainda sentado no chão, ele arrastou-se para junto de Willem, levando o saco, para lhe desinfetar os golpes, mas Willem afastou-se. — Deixa-me — disse.

— Tens de fazer o penso — disse ele.

— Faz tu pensos na merda dos braços — rosnou Willem, ainda sem olhar para ele. — Isto não vai ser o nosso ritual tarado. Não vamos passar a tratar os cortes um do outro.

Ele retraiu-se.

— Não estava a sugerir isso. — Willem não respondeu e, por fim, ele tratou os cortes, fazendo depois o saco deslizar pelo chão até Willem, que, por entre esgares de dor, fez o mesmo.

Continuaram sentados durante muito, muito tempo, Willem, inclinado para diante, ele, a observá-lo.

— Desculpa — acabou por dizer.

— Porra, Jude — disse Willem, após um momento. — Esta merda dói mesmo. — Por fim, encarou-o. — Como é que aguentas?

Ele encolheu os ombros.

— Habituo-nos — respondeu, e Willem abanou a cabeça.

— Ah, Jude — murmurou, e ele viu que lhe corriam lágrimas. — Eu não te faço feliz, pois não?

Sentiu que algo se desmoronava dentro de si.

— Willem... — disse, mas engasgou-se, e só conseguiu falar à segunda tentativa. — Sou mais feliz contigo do que fui toda a vida.

Willem deixou escapar uma espécie de queixume. Estava a rir, percebeu ele após um momento.

— Então andas a cortar-te tanto porquê? — perguntou. — Porque piorou desta maneira?

— Não sei — respondeu ele baixinho. Engoliu em seco. — Acho que tenho medo de que me deixes. — Não era a resposta completa. Essa, não lha podia dar. Mas era uma parte.

— Que razão teria eu para te deixar? — perguntou Willem, e, na ausência de uma resposta: — Estás a testar-me, é isso? Queres ver até onde consegues ir sem que eu me vá embora? — Ergueu o rosto e limpou os olhos. — É isso?

Ele abanou a cabeça.

— Talvez — respondeu, falando para o chão de mármore. — Quer dizer, não é consciente. Mas... talvez. Não sei.

Willem suspirou.

— Não sei o que posso dizer para te convencer de que não vou a lado nenhum, de que não há necessidade nenhuma de me testares — respondeu. Tornaram a ficar silenciosos e Willem respirou fundo. — Jude, não seria melhor seres outra vez internado? — arriscou. — Apenas até... sei lá... estabilizares.

— Não — respondeu ele, numa voz estrangulada pelo pânico. — Não quero ir, Willem. Não me vais obrigar, pois não?

Willem encarou-o.

— Não — respondeu. — Não te vou obrigar, não. — Uma pausa. — Mas bem gostava.

A noite caminhou para o fim e começou o dia. Mal se aguentava nas pernas de tão cansado, mas foi trabalhar. A discussão não teve propriamente um desfecho — não houve promessas nem ultimatos —, porém, durante alguns dias, Willem não lhe falou. Ou melhor: falava, mas de coisa nenhuma.

— Tem um bom dia — dizia-lhe, quando ele saía de manhã. E, no regresso, já depois do anoitecer: — Que tal o dia?

— Foi bom — respondia ele. Sabia que Willem andava em reflexões sobre o que podia fazer, andava a tentar perceber como tudo aquilo o fazia sentir, por isso, evitou ao máximo ser intrusivo. De noite, na cama, se outrora falavam, agora

ficavam calados, e o silêncio era uma terceira presença, uma criatura ali na cama entre eles, enorme, peluda e feroz, se incomodada.

Na quarta noite, não aguentou mais, e, depois de cerca de uma hora deitados em silêncio, aproximou-se de Willem, esmagando a criatura, e abraçou-se a ele.

— Willem — murmurou, quase em surdina —, eu amo-te. Perdoa-me. — Willem não respondeu, mas isso não o desencorajou. — Estou a tentar — disse-lhe. — De verdade que estou. E fraquejei. Mas vou esforçar-me mais. — Willem continuava sem dizer nada e ele abraçou-o com mais força. — Por favor, Willem — pediu. — Eu sei que te perturba. Por favor, dá-me outra oportunidade. Não estejas zangado comigo, por favor.

Sentiu-o suspirar.

— Não estou zangado contigo, Jude — disse Willem, por fim. — E sei que estás a tentar. Apenas queria que não tivesses de tentar. Queria que não fosse uma coisa que tens de te esforçar tanto por combater.

Nesta altura, foi ele a ficar silencioso.

— Também eu — acabou por responder.

Desde essa noite, tem tentado vários métodos: tem a natação, claro, mas também fica a fazer bolos e guloseimas até de madrugada. É fundamental que haja sempre farinha, açúcar, ovos e fermento, e, enquanto espera que o que pôs no forno, seja o que for, acabe de cozer, senta-se na mesa de jantar e trabalha, e, quando o pão, o bolo ou os biscoitos (que, a seu pedido, o assistente de Willem envia a Harold e Julia) estão feitos, já quase amanheceu, e ele volta para a cama para uma hora ou duas de sono, até que o despertador o acorde. Os olhos ardem-lhe de cansaço durante todo o dia. Sabe que Willem não gosta que ele fique na cozinha noite adentro, mas também sabe que Willem prefere isso à alternativa, sendo por isso que nada diz. Já não tem a opção de fazer limpezas: depois que se mudou para a Greene Street, arranjou uma mulher a dias, Mrs. Zhou, que vem quatro vezes por semana e é deprimentemente meticulosa no serviço, a ponto de ele se sentir tentado a sujar de propósito, para lhe sobrar alguma coisa para limpar. Mas sabe que fazer isso seria idiota, por isso não faz.

— Vamos experimentar uma coisa — propõe Willem certo dia ao anoitecer. — Quando acordares e sentires vontade de te cortar, acorda-me, sim? Não importa a hora. — Fita-o. — Tentemos isso, OK? Faz-me a vontade.

Ele aceita, sobretudo por curiosidade. Quer ver o que Willem fará. Uma noite, já muito tarde, afaga-lhe o ombro, e, quando Willem abre os olhos, ele pede desculpa. Mas Willem abana a cabeça, dizendo-lhe que fez bem, depois põe-se em cima dele e abraça-o com tanta força que mal o deixa respirar.

— Abraça-me também — pede. — Imagina que estamos a cair e que nos agarrámos um ao outro em pânico.

Abraça-se a Willem com tanta força que lhe sente os músculos das costas fremir sob os seus dedos e, praticamente colados um ao outro, sente o coração de Willem bater contra o seu, sente-lhe cada costela, sente-lhe o estômago subir e descer com a respiração.

— Com mais força — pede Willem, e ele obedece, até que a fadiga lhe toma

conta dos braços, que ficam entorpecidos, depois sente todo o corpo pesado de cansaço, e, por fim, acredita que está de facto a cair: primeiro, através do colchão, depois, da armação da cama, depois, do próprio chão, e, em câmara lenta, transpõe cada piso do prédio, que cede e o engole como se fosse feito de geleia. Passa pelo quarto andar, onde a família de Richard entretanto armazenou azulejos marroquinos, pelo terceiro, que está desocupado, pelo apartamento de Richard e India, pelo estúdio de Richard, e chega ao rés do chão, onde mergulha na piscina, mas continua a descer, cada vez mais fundo, cada vez mais distante, atravessa os túneis do metro, o substrato rochoso e camadas de sedimentos, lagos subterrâneos e oceanos de petróleo, camadas de fósseis e argila xistosa, e, por fim, desce ao núcleo da Terra e ao fogo. E, durante toda esta viagem, Willem não deixou de o abraçar, e, ao entrarem no fogo, não ardem, antes se tornam um só, pernas, peitos, braços e cabeças fundindo-se e tornando-se indestrinçáveis. Acorda de manhã e Willem já não está em cima dele, dorme ao seu lado, mas continuam agarrados e ele sente um ligeiro torpor, como se acabasse de acordar de uma anestesia, e alívio, porque não só não se cortou, como dormiu profundamente, duas coisas que não aconteciam há meses. É o começo do dia e sente-se limpo, purificado, como se lhe estivesse a ser dada ainda outra oportunidade de viver a sua vida como deve ser.

Mas claro que não pode acordar Willem de cada vez que sente que precisa dele. Impõe-se um limite: fá-lo-á apenas de dez em dez dias. Nos intervalos, tem seis ou sete noites más, cuja travessia faz sozinho, nadando, fazendo fornadas disto e daquilo, cozinhando. Precisa de tarefas físicas para enganar a ânsia. Richard deu-lhe uma cópia da chave do estúdio e, nalgumas noites, ele desce em pijama e encontra à sua espera uma qualquer tarefa misteriosa que Richard lhe confiou, felizmente tão mecânica que não lhe exigirá atenção: numa semana, tem de agrupar vértebras de aves por tamanhos, noutra, separar por cores uma pilha de lustrosas peles de furão vagamente gordurosas ao toque. Tais tarefas fazem-no recuar aos tempos em que os quatro passavam os fins de semana a desemaranhar cabelo para o projeto de JB e queria muito poder comentar isso com Willem, mas não pode, claro. De resto, fez Richard prometer que não contava a Willem, embora saiba que a situação não deixa Richard propriamente confortável. Não lhe escapou que nenhuma das tarefas que ele lhe confia envolvem lâminas, tesouras ou facas, o que diz muito, considerando que uma boa parte do trabalho de Richard envolve cortar e aparar.

Certa noite, abre uma velha lata de café na secretária de Richard e vê que está cheia de lâminas — pequenas e arredondadas, grandes e recortadas, ou simplesmente retangulares, como prefere. Cuidadosamente, enfia os dedos na lata, segura um punhado de lâminas na mão em concha, depois torna a despejá-las na lata. Agarra numa lâmina retangular e guarda-a no bolso das calças, mas, antes de deixar o estúdio — tão exausto que o chão lhe parece inclinado —, devolve-a à lata quase silenciosamente. Nessas horas em que, acordado, vagueia pelo edifício, chega a sentir-se um demónio que se faz passar por humano e que só à noite pode tirar o disfarce que tem de usar durante o dia, deixando finalmente a sua verdadeira natureza respirar.

Chega terça-feira, um perfeito dia de verão e o último antes de Willem viajar. Nessa manhã, sai cedo para o escritório, mas vem a casa à hora do almoço para se despedir.

— Vais fazer-me falta — diz a Willem, como das outras vezes.

— Tu, a mim, ainda mais — responde Willem, como das outras vezes, e depois, de novo, como sempre: — Vais ter cuidado contigo?

— Sim — assegura ele, sem o soltar. — Prometo. — Sente Willem suspirar.

— Lembra-te de que me podes ligar sempre, a qualquer hora — repete Willem, e ele anui.

— Vai — pede. — Eu fico bem. — Willem torna a suspirar e assim faz.

Detesta vê-lo partir, mas, por outro lado, fica empolgado — por egoísmo, por alívio e porque Willem não para de receber propostas de trabalho e isso deixa-o feliz. Em janeiro, ao regressarem do Vietname e em vésperas de viajar para o Texas para rodar *Duetos*, Willem alternou ansiedade e confiança quase fanfarrona, e, ainda que tenha tentado guardar para si as suas inseguranças, a sua apreensão era evidente. Preocupava-o que o seu primeiro filme depois de anunciar a relação dos dois fosse, não obstante os seus vários argumentos em contrário, um filme *gay*. Ficou preocupado quando o realizador de um *thriller* de ficção científica que Willem queria fazer não lhe ligou com a prontidão com que ele contara (embora, no fim, o realizador tenha ligado e as coisas tenha corrido tal como Willem desejava). Preocuparam-no a infundável quantidade de artigos, os incessantes pedidos de entrevista, as especulações e os comentadores na televisão, as colunas de mexericos e os artigos de opinião, e tudo isso os esperava no regresso aos Estados Unidos depois da grande revelação, tendo-lhes Kit explicado que a sua equipa não podia travar ou controlar nada daquilo; pura e simplesmente, teriam de esperar que o público se cansasse do assunto, o que poderia levar meses. (Em geral, Willem não lia o que escreviam a seu respeito, mas, desta vez, não havia como escapar: ligavam a televisão, iam à internet, abriam o jornal e ali estavam as notícias, artigos e opiniões sobre Willem e o que passara a representar.) Durante a rodagem no Texas, falavam ao telemóvel, e, na Greene Street, ele sentia que Willem estava a tentar não se alongar sobre os seus medos e sabia que era assim porque Willem não queria que ele se sentisse culpado.

— Fala à vontade, Willem — acabou por dizer. — Prometo que não me vou culpar. Juro. — Depois de uma semana a ouvir diariamente esta garantia, Willem lá lhe confessou os seus receios, e, embora ele se *tenha* sentido culpado (cortou-se depois de cada uma dessas conversas), não fez Willem assegurar-lhe estar convencido de que tudo se resolveria, porque isso apenas o deixaria mais ansioso; ouviu e apaziguou-o como lhe foi possível. *Boa*, elogiava-se, depois de terminarem cada uma dessas chamadas em que conseguia guardar para si tudo o que o atormentava. *Saíste-te bem*. Mais tarde, escolhia uma cicatriz e escavava-a, levantando a fina aba de pele mais grossa com o canto da lâmina e fazendo nova incisão por baixo.

Parece-lhe bom sinal que o filme que Willem está agora a rodar em Londres seja, nas palavras de Kit, um filme *gay*.

— Normalmente, desaconselhava-te de o fazeres — disse o agente a Willem.
— Mas é um argumento demasiado bom para o recusares. — Intitulado *A Maçã Envenenada*, o filme debruçar-se-á sobre os últimos anos da vida de Alan Turing, depois de ser preso por indecência e castrado quimicamente. Como qualquer matemático, também ele sempre idolatrou Turing, e o guião deixou-o à beira das lágrimas.

— Tens de fazer este filme, Willem — aconselhou.

— Não sei — hesitou Willem, e sorriu. — *Outro* filme *gay*?

— O *Duetos* foi um sucesso — recordou-lhe ele, e era verdade: os resultados de bilheteira tinham sido bem melhores do que o esperado; não era propriamente um motivo para Willem aceitar este novo filme, mas sabia que tão-pouco tinha de o convencer, porque Willem já decidira que o faria, o que o deixava orgulhoso, mas também, empolgado como uma criança, como qualquer filme de Willem o deixava, porque era mais um desempenho seu que iria ver.

No sábado depois de Willem viajar, Malcolm vem ter com ele ao apartamento e arrancam de carro para os arredores de Garrison, no norte de Nova Iorque, onde está a ser construída a casa. Há três anos, Willem comprou um terreno de trinta hectares a que não falta um lago e uma floresta, e, durante três anos, tudo ficou como estava. Malcolm ia esboçando ideias, que Willem aprovava, mas nunca lhe dava luz verde. Até que, há cerca de dezoito meses, ele foi dar com Willem sentado à mesa de jantar logo pela manhã, a examinar as propostas de Malcolm.

Willem estendeu-lhe a mão sem erguer os olhos dos desenhos, ele segurou-a e deixou que Willem o puxasse para o seu lado.

— Acho que devíamos avançar — disse Willem.

Tornaram a reunir-se com Malcolm, que redesenhou o projeto, e o que começara por ser uma casa com primeiro andar, evocativa do estilo tradicional da Nova Inglaterra, mas com linhas modernistas, tornou-se uma casa de piso único quase toda de vidro. Ele quis pagar a obra, mas Willem recusou. Esgrimiram argumentos: Willem venceu que não estava a contribuir para as despesas na Greene Street e ele venceu que não queria saber.

— Jude — disse Willem, por fim —, nunca discutimos por causa de dinheiro. Podemos não começar agora? — E ele tomou consciência de que Willem tinha razão: a sua amizade nunca se medira em dinheiro. Jamais fora assunto quando não o tinham (sempre considerara que o que ganhava era seu e de Willem) e, embora a situação se tivesse invertido, a sua postura mantinha-se.

Oito meses antes, quando a obra começou, ele e Willem estiveram em Garrison e passearam pela propriedade. Nesse dia, sentia-se invulgarmente bem, e chegou a deixar que Willem lhe segurasse a mão ao descerem a encosta pouco íngreme no cimo da qual se ergueria a casa. Continuando para a esquerda, foram avançando para a floresta que acolhia o lago no seu regaço. Era mais densa do que tinham imaginado. A camada de agulhas de pinheiro que revestia o chão era tão densa que, a cada passo, os seus pés se afundavam, como se pisassem um colchão de ar sem fim à vista. Sendo-lhe difícil avançar, segurou declaradamente a mão de Willem, que lhe perguntou se preferia voltar para trás, o que ele recusou. Cerca de

vinte minutos depois, quando iam quase a meio da orla do lago, encontraram uma clareira que parecia saída de um conto de fadas. Por cima das suas cabeças, um sobrecéu verde-escuro feito de copas de abetos. Sob os seus pés, uma cama macia, como que uma gigantesca pele de árvore. Pararam e olharam demoradamente em volta, e foi Willem quem quebrou o silêncio, dizendo:

— Devíamos fazer a casa aqui. — E ele sorriu, mas, por dentro, foi como se parte de si lhe estivesse a ser arrancada, como se lhe puxassem o sistema nervoso pelo umbigo, porque se lembrara dessa outra floresta onde outrora julgara que viveria e acabava de compreender que, por fim, teria tudo o que desejara: a casa na floresta, perto da água, e alguém que o amava. Estremeceu e o abalo sacudiu-o de alto a baixo. Willem olhou para ele. — Tens frio? — perguntou.

— Não — disse ele —, mas queria continuar a andar. — E assim fizeram.

Desde então, não tornou a entrar no arvoredo, mas adora visitar o terreno, tal como lhe está a saber bem a nova colaboração com Malcolm. Reveza-se com Willem nas visitas à obra aos fins de semana, mas sabe que Malcolm prefere que vá ele, porque Willem não tem grande interesse nos pormenores. Confia em Malcolm, mas Malcolm não quer votos de confiança, quer alguém a quem possa mostrar o mármore listrado de prata que encontrou numa pequena pedreira perto de Esmirna e que lhe apetece usar na casa toda, o que talvez seja exagero; quer alguém a quem dar a cheirar a madeira de cipreste que mandou vir de Gifu para usar na banheira; quer alguém que se detenha nos objetos (martelos, alicates, chaves inglesas) que, encastrados no chão de cimento, são como trilobitas. Além da casa e da garagem, terão uma piscina descoberta, além da piscina interior, que será no celeiro. A casa estará concluída dentro de pouco mais de três meses e as piscinas ficarão prontas na primavera.

Vão andando pela obra e ele passa a mão pelas superfícies enquanto ouve Malcolm enumerar, em conversa com o empreiteiro, cada ajuste e correção a fazer. Como sempre, fica impressionado. Adora ver os amigos em modo profissional, mas a transformação de Malcolm foi a que mais lhe agradou testemunhar, mais ainda do que os triunfos de Willem. Em momentos assim, recorda o cuidado e minúcia das maquetas de Malcolm, que levava muito a sério as suas casas imaginárias. Certa vez, durante o segundo ano, JB incendiou uma (acidentalmente, afirmou depois) quando estava pedrado, e Malcolm ficou tão furioso e magoado que quase chorou. Saiu dali a correr, ele seguiu-o e acabaram sentados nos degraus da biblioteca, ao frio.

— Sei que parece estupidez — disse Malcolm, quando se acalmou. — Mas eu dou-lhes importância.

— Eu sei — respondeu ele. (Sempre adorou as casas de Malcolm e ainda guarda a primeira que ele lhe ofereceu, pelo décimo sétimo aniversário.) — E não é estupidez. — Entendia o que aquelas maquetas significavam para Malcolm: eram uma pequena realidade que ele podia controlar, lembravam-lhe que, apesar de tantas incertezas na sua vida, havia algo que sairia tal qual ele quisesse e que sempre traduziria o que ele não conseguia dizer por palavras.

— Que motivos tem o *Malcolm* para se preocupar? — impacientava-se JB em

conversa com eles de cada vez que alguma coisa trazia Malcolm ansioso. Mas ele entendia: Malcolm preocupava-se porque estar vivo acarretava preocupações. A vida era assustadora e insondável e mesmo o dinheiro de Malcolm jamais o imunizaria inteiramente contra isso. A vida acontecer-lhe-ia e, como os demais, também Malcolm teria de encontrar respostas. Qualquer dos quatro buscava conforto (Malcolm, nas maquetas; Willem, nas namoradas; JB, nos quadros; ele, nas lâminas), algo que fosse seu e de mais ninguém, algo que mantivesse à distância a assustadora e impossível imensidão do mundo e a implacável sucessão de minutos, horas e dias.

Hoje em dia, Malcolm aceita cada vez menos projetos de casas particulares. Também o veem cada vez menos. A Bellcast abriu escritórios em Londres e Hong Kong, mas, embora ele tenha a seu cargo a maioria dos projetos de clientes americanos — o mais recente é uma nova ala no museu da sua antiga faculdade —, ainda assim, ultimamente quase não lhe põem a vista em cima. Porém, Malcolm fez questão de acompanhar pessoalmente a construção da casa dos dois e nunca faltou ou adiou uma reunião. Ao deixarem a propriedade, ele afaga-lhe o ombro e diz:

— Mal, nem sei como te agradecer.

E Malcolm sorri.

— Jude, de todos os projetos que tenho entre mãos, este é o meu favorito — replica. — E é para as pessoas de quem mais gosto.

De regresso à cidade, deixa Malcolm em Cobble Hill, depois atravessa a ponte e segue para norte, rumo ao escritório. Eis o último dos pequenos prazeres que as ausências de Willem lhe trazem: pode trabalhar mais e até mais tarde. Sem Lucien, o seu quotidiano na firma tornou-se simultaneamente melhor e pior. Pela negativa, embora continue a ver Lucien, que se reformou para, nas suas palavras, «se desterrar para o Connecticut e fingir que gosta de golfe», sente falta de falar com ele diariamente e das suas tentativas de o chocar e provocar. Pela positiva, descobriu que gosta de presidir ao departamento de contencioso, além de integrar a comissão de remunerações e decidir como os lucros da firma serão repartidos ano após ano.

— Quem diria, Jude: és um tirano — acusou Lucien quando ele lhe confessou isto, o que o fez protestar. Nada disso, assegurou; apenas lhe agradava saber os resultados financeiros ano após ano, perceber em que números se traduziam todas as horas e dias que ele e os demais dedicavam à firma, porque esses números eram dinheiro e esse dinheiro refletia-se nas vidas dos seus colegas de trabalho, pagando-lhes as casas, as escolas dos filhos, as férias e os carros. (Esta parte, guardou para si. Lucien tê-lo-ia tomado por um romântico, dando isso azo a um sermão cheio de fina ironia sobre a sua queda para a lamechice.)

A Rosen Pritchard sempre fora importante para ele, mas, depois de Caleb, tornara-se essencial. Ali na firma, era avaliado pelo trabalho que fazia e pelo dinheiro que dava a ganhar aos demais sócios. Não tinha passado nem deficiências. Ali, a sua vida começava no curso de Direito (onde o tirara, em que se especializara) e terminava nas vitórias diárias, na contagem anual das horas

cobradas e nos novos clientes que angariara. Na Rosen Pritchard, não havia irmão Luke, Caleb, Dr. Traylor, mosteiro ou instituição; tudo isso se tornava irrelevante, eram detalhes extemporâneos que nada tinham que ver com a pessoa que ele criara e lhes mostrava. Ali, não era alguém que se encolhia num canto da casa de banho para se cortar, mas uma série de números: o dinheiro que dava a ganhar à firma; as horas cobradas aos clientes; quantos colaboradores tinha na sua equipa e os prémios que lhes pagava. Nunca conseguira explicar isto aos amigos, que, horrorizados, se apiedavam dele por passar a vida na firma. Não ousava dizer-lhes que naquele escritório, rodeado de trabalho e de gente que, sabia, eles achavam embrutecedora de tão enfadonha, se sentia humano, meritório e invulnerável como em nenhum outro lugar ou circunstância.

Durante a rotação, Willem vem passar dois fins de semana alargados a casa, mas, num deles, encontra-o doente com uma gastroenterite, e, no outro, adoecido Willem com bronquite. Das duas vezes — tal como sempre que ouve Willem entrar no apartamento e chamar por si —, vê-se obrigado a recordar a si mesmo que aquela é a sua vida, uma vida em que Willem vem a casa para estar com ele. Em momentos assim, a sua aversão ao sexo parece-lhe mesquinha e tem a certeza de que o está a confundir com outra coisa má que lhe aconteceu, porque o sexo não pode ser essa coisa tão horrível, mas, caso não se trate de confusão, terá de se esforçar mais e parar de lamentar a sorte. *Deixa de ser choramingas*, admoesta-se, ao despedir-se de Willem com um beijo no final de cada um desses fins de semana. *Não te atrevas a estragar isto. Não ouses queixar-te de algo que nem sequer mereces.*

Até que, quando falta menos de um mês para o final da rotação e o regresso de Willem, acorda durante a noite e julga estar no atrelado de um gigantesco semibreque e que a cama onde está deitado é uma imunda colcha azul dobrada, e sente cada osso do seu corpo sacudir com a trepidação ao seguirem pela estrada. *Oh não*, pensa, *oh não*, e, levantando-se, vai aflito sentar-se ao piano e começa a tocar todas as partitas de Bach de que se recorda, fora da ordem, demasiado alto, demasiado depressa. Ocorre-lhe uma fábula que o irmão Luke lhe contou durante uma lição de piano: era uma vez uma velha fechada em casa que tocava o seu alaúde cada vez mais depressa para que os diabretes à sua porta se derretessem a dançar. O irmão Luke contou-lhe esta história a propósito de uma correção que lhe fizera — tinha de tocar a peça mais depressa —, mas a imagem não mais lhe saiu da cabeça, e, por vezes, quando sente uma recordação ganhar terreno, tratando-se de uma única, fácil de controlar e mandar embora, canta ou toca até que ela se retire, sendo a música o escudo que o protege do ataque.

Estava no primeiro ano de Direito quando a sua vida o começou a visitar na forma de memórias. No seu normal dia a dia — podia estar a fazer o jantar, a arrumar livros na biblioteca, a decorar um bolo na Batter, a pesquisar um artigo para Harold —, do nada, surgia-lhe uma cena diante dos olhos, um espetáculo de mímica exclusivamente para si. Nessa fase, as memórias surgiam-lhe como quadros vivos e não enquanto narrativas, e persistiam durante dias a fio: um diorama do irmão Luke em cima dele, mas também podia ser o monitor que o agarrava quando ele passava ou um cliente a tirar as moedas dos bolsos das calças e

a pô-las num pires que o irmão Luke deixava na mesa de cabeceira para o efeito. Por vezes, eram imagens ainda mais breves e vagas: a meia azul com cabeças de cavalo que um cliente não descalçara ao irem para a cama; ou, em Filadélfia, a primeira refeição que o Dr. Traylor lhe serviu (um hambúrguer e batatas fritas num invólucro de cartão); ou, no seu quarto em casa do Dr. Traylor, a almofada de lã cor-de-rosa que lhe lembrava pele lacerada. As memórias anunciavam-se e ele ficava desorientado, e só passado um momento se lembrava de que, mais do que cenas da sua vida, eram a sua vida. Nesse tempo, permitia que interrompessem o que estava a fazer, e, por vezes, acordava do encantamento e via que continuava a segurar a bisnaga de cobertura *glacé* sobre o biscoito, ou que se detivera com o livro apenas parcialmente devolvido ao seu lugar na estante. Só então começou a tomar consciência de que aprendera a apagar muito da sua vida, chegando a esquecer acontecimentos meros dias depois de terem lugar. Porém, algures no seu percurso, parecia ter desaprendido essa capacidade. Sabia que era o preço a pagar se queria desfrutar a sua vida: passara a estar desperto para o que lhe dava prazer, mas isso trazia um custo associado. Ainda assim, embora cada imagem do passado fosse uma agressão, surgiam parceladamente e não lhe eram insuportáveis se, em troca, lhe fosse permitido ter amigos e colher conforto junto deles.

Imaginava dois mundos: de vez em quando, dada recordação escondida na terra escura e barrenta vinha à tona e pairava diante dos seus olhos até que ele a identificasse e reconhecesse como sua. Tão-só o ressurgimento já era uma provocação: *Cá estamos nós*, pareciam dizer-lhe. *Achaste mesmo que íamos deixar que nos abandonasses? Achavas que não voltávamos?* Mais tarde, viu-se também obrigado a reconhecer que adaptara — adaptara, alterara, reconfigurara de maneira a mais facilmente digerir — muitos acontecimentos até mesmo de anos recentes: o filme que vira no terceiro ano em que dois inspetores vinham dizer a um estudante universitário que o homem que lhe fizera mal morrera na prisão afinal não era filme nenhum, fora a sua vida; era ele o estudante e ficara especado no pátio exterior da Casa dos Capelos, e os dois inspetores eram os mesmos que o tinham encontrado e detido o Dr. Traylor naquele campo durante a noite, e tinham-no levado ao hospital e tinham-se certificado de que o Dr. Traylor ia preso, e agora tinham-no localizado para lhe dizer pessoalmente que nada mais tinha a temer.

— Que lugar de categoria — comentou um dos inspetores, olhando em volta e admirando o magnífico *campus*, com os seus edifícios antigos de tijolo à vista que ofereciam absoluta segurança. — Orgulhamo-nos de ti, Jude. — Mas ele reescreveu a cena e o inspetor passou a dizer apenas: «Orgulhamo-nos de ti.» De fora, ficaram o seu nome; o pânico agudo que agora se lembrava de ter sentido, não obstante a boa notícia; o medo de, mais tarde, alguém lhe vir perguntar quem eram os homens com quem estivera a falar; e a náusea sentida ao ver o seu passado impor-se fisicamente no seu presente, onde não tinha lugar.

Acabou por aprender a gerir as memórias. Não as podia impedir de lhe surgirem — quando começaram, já não pararam —, mas especializou-se em prever a sua chegada. Lia os sintomas e percebia qual a altura ou o dia em que outra o visitaria e como queria ser recebida. Desejava um confronto? Queria ser

acalmada? Apenas queria atenção? Sabendo qual o acolhimento de que vinha em busca, mais facilmente sabia como a faria regressar ao outro mundo.

Consegue gerir sem problemas uma memória simples, mas, sucedendo-se os dias à espera de Willem, acaba por compreender que, desta vez, enfrenta uma enguia sem fim, escorregadia e impossível de agarrar, que vai abrindo caminho dentro dele como se empunhasse uma serra braçal, a sua cauda a chicotear-lhe os órgãos internos para que ele não esqueça que cada recordação é uma criatura viva capaz de o ferir e para que sinta o seu doloroso impacto viscoso nos intestinos, no coração e nos pulmões. Já antes havia algumas assim, as mais difíceis de enlaçar e tornar a fechar no curral, e, dia após dia, a enguia continua a crescer-lhe por dentro, até que, por fim, sente que já não é feito de sangue, músculos, água e osso, porque todo o seu interior foi ocupado pela memória, que, ainda assim, não para de se expandir qual balão que continuará a ser enchido até lhe insuflar as pontas dos dedos. Depois de Caleb, compreendeu haver memórias que simplesmente não conseguiria gerir. Nesses casos, não lhe resta senão esperar que se cansem, nadem de volta para a escuridão do subconsciente e o tornem a deixar em paz.

Assim, espera. Não luta contra a recordação — quase duas semanas passadas em camiões, quando deixou o Montana a caminho de Boston —, que o habita por inteiro, como se a sua mente e o seu corpo fossem, eles próprios, um motel, e ela, o único ocupante. Entretanto, coloca-se-lhe o desafio de cumprir a promessa feita a Willem — disse-lhe que não se cortaria —, por isso define uma escala de serviço tão rígida quanto esgotante para o período entre a meia-noite e as quatro da manhã — as horas mais perigosas. No sábado, faz uma lista de tarefas para cada noite das próximas semanas, combinando em horário rotativo a natação; a culinária; o piano; o pão, os bolos e os biscoitos; as ajudas a Richard; separar a sua roupa velha; separar também a de Willem; arrumar as estantes de livros; coser os botões na camisa de Willem, ia deixar isso para Mrs. Zhou fazer, mas pode fazer ele perfeitamente; e esvaziar a gaveta ao lado do fogão, que se foi enchendo de atilhos, elásticos agora meio derretidos, alfinetes de ama e carteiras de fósforos. Faz caldos de galinha e almôndegas de borrego para quando Willem regressar e congela tudo, depois faz pães para Richard levar para a cantina social de cuja administração os dois fazem parte e cuja contabilidade ele ajuda a manter em dia. Põe mais fermento a fazer, depois senta-se à mesa da cozinha e relê romances de que gostou, reencontrando palavras, enredos e personagens que o reconfortaram e acompanharam e que continuam tal como os conheceu. Lamenta não ter um animal de estimação (um cão pateta e agradecido que arfaria feliz, ou um gato de olhos laranja permanentemente semicerrados, que, imperturbável, o olharia sem pestanejar como se a deprecia-lo), um ser animado no apartamento, para lhe falar e lhe ouvir os passos suaves que o ancorariam à realidade. Passa a noite ocupado com todas estas coisas, antes de dormir, corta-se (um único corte no braço esquerdo, outro no direito), e acorda exausto, mas orgulhoso de ter sobrevivido intacto uma vez mais.

Mas, quando faltam duas semanas para o regresso de Willem e a memória se começa a desvanecer, vagando-o para que, futuramente, outra o possa visitar, eis

que as hienas regressam, ou talvez a palavra não seja essa, porque, depois que Caleb as convocou para a sua vida, jamais se foram embora. Simplesmente deixaram de o perseguir, porque sabem que não é necessário: a sua vida é uma vasta savana e está cercado por elas. Refasteladas nas ervas queimadas pelo sol ou estiradas nos ramos mais baixos dos embondeiros, que se estendem como os tentáculos de um polvo, olham-no fixamente com os seus ávidos olhos amarelos. Estão sempre ali e, a partir do momento em que o sexo foi introduzido na sua relação com Willem, multiplicaram-se, e, nos dias maus, ou naqueles em que a aversão é mais pronunciada, multiplicam-se mais ainda. Nesses dias, chega a sentir-lhes o estremecimento dos bigodes ao avançar pé ante pé pelo seu território, tal como sente a sua troça quase preguiçosa: sabe que está à sua mercê e elas também sabem.

E, embora anseie pelas interrupções no sexo que o trabalho de Willem lhe assegura, sabe que mais valia não as ter, porque a reentrada nesse mundo é sempre difícil. Já era assim na infância: pior do que os ritmos do sexo era ter de se reabilitar aos ritmos do sexo. «Estou desejoso de te ver», diz Willem quando tornam a falar, e, embora nada haja de lascivo no seu tom, embora não tenha mencionado a palavra, ele sabe, porque assim lhe ensinou a experiência, que Willem vai querer sexo logo na noite da chegada, e que, durante a primeira semana de regresso a casa, lhe vai apetecer mais vezes do que o habitual, sobretudo porque ora um, ora outro adoeceram nas duas ocasiões em que ele veio a casa de licença, por isso não houve sexo nem numa nem noutra.

— Eu também — responde.

«E os cortes?», pergunta Willem, tentando soar como se o assunto fosse trivial, como se lhe estivesse a perguntar se os áceres que Julia plantou estão a vingar ou como está o tempo. De todas as vezes, guarda esta pergunta para o final da conversa, como se o tema lhe interessasse pouco e perguntasse por educação.

— Tudo controlado — responde ele, como sempre. — Só duas vezes esta semana — acrescenta, e está a dizer a verdade.

«Boa, Jude», elogia Willem. «Graças a deus. Eu sei que é difícil. Orgulho-me de ti.» Nesses momentos, o seu alívio é audível, como se estivesse à espera de ouvir (e estava, provavelmente): *Isto não anda famoso, Willem. Esta noite, cortei-me tanto que o braço me caiu. Não fiques surpreendido quando me vires.* Por sua vez, ele enche-se de um orgulho genuíno, por Willem confiar tanto nele e porque, desta vez, lhe pôde dizer a verdade, mas o sentimento é minado por uma mágoa que se lhe infiltra nos ossos e lhe suga as forças, por Willem ter de lhe fazer aquela pergunta e por a resposta ser motivo de orgulho para os dois. Enquanto outros se orgulham das capacidades, do aspeto atraente ou do atletismo dos namorados, Willem tem de se contentar com o autodomínio do seu, que conseguiu passar mais uma noite sem se retalhar com uma lâmina.

Por fim, chega a noite em que ele compreende que os seus esforços deixaram de surtir efeito: tem de se cortar desmedida e impiedosamente. As hienas começaram a uivar baixinho e saem-lhes urros agudos que parecem vir de outras criaturas dentro delas, e ele sabe que apenas o seu sofrimento as aquietará.

Pondera as opções. Willem regressa dentro de uma semana. Cortando-se agora, os cortes não cicatrizarão até lá e Willem ficará zangado. Mas, se não fizer *alguma* coisa... Não sabe o que acontecerá. Tem de fazer, não há alternativa. Esperou demasiado, conclui. Achou que conseguia superar o desafio. Foi irrealista.

Levanta-se e atravessa o apartamento vazio até à cozinha mergulhada em silêncio. A lista de tarefas para essa noite — biscoitos para Harold, dobrar as camisolas de malha de Willem, descer ao estúdio de Richard — jaz na bancada, ignorada embora o chame com a sua brancura refulgente, suplicando-lhe que lhe atenda, mas, tal como pode ser rasgada, também a salvação que lhe oferece não é grande remédio. Para, momentaneamente petrificado, depois, com passos vagarosos e relutantes, avança até à porta para a escada, destranca-a, e, depois de nova pausa, abre-a de par em par.

Não a tornou a abrir desde a noite com Caleb. Espreita aquela boca aberta e perscruta-lhe a escuridão, segurando o aro como fez naquela noite e perguntando-se se será capaz. Sabe que, fazendo isso, acalmará as hienas. Mas há qualquer coisa de tão degradante nessa solução, é tão extrema e doentia, que ele sabe que, se a escolher, terá passado um ponto de não retorno e tornar-se-á, de facto, alguém que tem de ser hospitalizado. Por fim, consegue descontrair os dedos e largar o aro, e, de mãos a tremer, fecha e tranca a porta com brusquidão e sai dali no seu passo de aleijado.

No dia seguinte, no escritório, desce com Sanjay, um associado, e um cliente que quer fumar. Quando algum dos seus clientes fumadores pede uma pausa para um cigarro, acompanha-os e a reunião continua na rua. Lucien tinha a teoria de que nenhum fumador está mais descontraindo ou à vontade do que ao fumar, sendo nessas alturas que mais facilmente pode ser manipulado. Embora tenha rido ao ouvir isto, ele sabe que o mais certo é Lucien ter razão.

Nesse dia, trouxe a cadeira de rodas. Detesta que os clientes o vejam diminuído, mas tem os pés a palpar de dor. «Acredita, Jude», disse-lhe Lucien há anos, quando ele lhe confidenciou esse receio, «estejas sentado ou de pé, os clientes vão sempre achar que és um filho da puta que nem de um santo teria pena, portanto, usa a cadeira, por amor de deus.» Por alguma razão, o frio seco que se sente na rua acalma-lhe a dor nos pés, e, enquanto conversam, dá por si a fitar, quase hipnotizado, a ponta incandescente do cigarro do cliente. Vê-a brilhar, depois escurecer, ao ritmo das baforadas do cliente, e é como se lhe estivesse a piscar o olho. De repente, já sabe o que vai fazer, mas, imediatamente depois da revelação, sente um murro no estômago ao admitir para consigo que vai atraiçoar Willem — e não só o vai atraiçoar como lhe vai mentir.

É sexta-feira e, no carro, a caminho do consultório de Andy, delineia o plano, empolgado e aliviado por ter uma solução. Encontra Andy num dos seus dias animados e combativos e entretém-se com aquela sua energia quase agressiva. Nalgum momento que não saberia precisar, ele e Andy começaram a falar das suas pernas como quem se refere a um familiar quezilento e teimoso que não pode ser abandonado porque precisa de cuidados continuados. As «cabronas», chama-lhes Andy, e, da primeira vez que ouviu isto, ele riu da alcunha certa e da sugestão

de exaspero com que Andy sempre procura camuflar um carinho relutante.

— Que tal andam as cabronas? — pergunta Andy, e ele sorri e responde:

— Não mexem uma palha e sugam-me a paciência, como de costume.

Mas já está concentrado no que vai fazer, por isso, quando Andy lhe pergunta:

— E a tua cara-metade, o que conta? —, brusco, ele replica:

— Como assim? Não percebo.

Andy detém-se e olha-o desconcertado.

— Só queria saber que tal está o Willem — diz.

O Willem, pensa ele, e, só de ouvir o nome, enche-se de angústia.

— Está ótimo — responde, quase num murmúrio.

No fim da consulta, como de costume, Andy examina-lhe os braços, e, como das últimas vezes, sai-lhe um resmungo aprovador.

— Sim senhor, cortaste nos cortes. — E, de seguida: — Não quis ser engraçadinho.

— Já sabes como eu sou: sempre a trabalhar na minha pessoa — responde ele, mantendo um tom brincalhão, mas Andy olha-o nos olhos.

— Eu sei — diz, num tom mais brando. — Imagino que seja difícil, Jude. Mas fico feliz por ti, mesmo.

Ao jantar, Andy queixa-se do novo namorado do irmão. Detesta-o.

— Andy, não podes detestar *todos* os namorados do Beckett — vinca ele.

— Eu sei, eu sei — reconhece Andy. — Mas este é mesmo um parvinho. O Beckett conseguia arranjar mil vezes melhor. Já mencionei que ele pronuncia *Praust*?

— Várias vezes — responde ele, sorrindo para consigo. Teve oportunidade de conhecer o namorado de Beckett num jantar em casa de Andy há três meses e trata-se de um alegre e encantador arquiteto paisagista em ascensão, que não merece ser vilipendiado daquela maneira. — Sinceramente, Andy, achei-o simpático. E está muito apaixonado pelo Beckett. E sê sincero: planeias sentar-te regularmente com ele para discutirem Proust?

Andy suspira.

— Pareces a Jane — resmunga.

— Bem — replica ele, tornando a sorrir —, talvez devesse dar ouvidos à Jane. — E sai-lhe uma gargalhada. Naquele momento, sente-se mais leve do que em várias semanas, não se devendo isso apenas à cara amuada de Andy. — Há crimes mais graves do que não conhecer a fundo *Do Lado de Swann*, caso não saibas.

A caminho de casa, revê o plano e conclui que terá de esperar, porque tenciona dizer que se queimou a cozinhar, mas, se alguma coisa correr mal, terá de ir ter com Andy, que estranhará ele ter cozinhado nessa noite, uma vez que jantaram. *Amanhã*, resolve. *Faço amanhã*. Assim, pode mandar um *e-mail* a Willem ainda esta noite, onde mencionará que vai experimentar fritar banana-da-terra, um dos pratos favoritos de JB: uma decisão mais ou menos espontânea que acabará muito mal.

Imagino que saibas que é assim que os doentes mentais planeiam as coisas, diz laconicamente aquela voz na sua cabeça que o adora amesquinhar. *Tens noção de que*

este é o tipo de plano que só um doente mental faria, certo?

Cala-te, diz ele. Cala-te. Sei muito bem que isto é doentio, portanto, não sou doente. A voz ri que nem louca ao ouvi-lo na defensiva, ri da sua lógica ilógica de menino de seis anos, da sua aversão à palavra «doente» e do seu medo de que o rótulo lhe seja colado. Mas nem aquela voz trocista e emproada que tanto antipatiza com ele é suficiente para o deter.

Na noite do dia seguinte, veste uma *T-shirt* de manga curta de Willem e vai para a cozinha. Põe na bancada aquilo de que vai precisar: o azeite e um fósforo longo. Apoia o antebraço esquerdo no lava-louça, qual ave a depenar, escolhe o sítio — alguns centímetros acima da palma da mão —, depois agarra no quadrado de rolo de cozinha que embebeu em azeite e esfrega-o na pele. Durante alguns segundos, vê a mancha de gordura — um círculo do tamanho de um damasco — reluzir, depois respira fundo, risca o fósforo no lado da caixa e aproxima a chama da pele até a ver incendiar-se.

A dor é... Como a definir? Desde o traumatismo que não sabe o que é um dia sem algum tipo de dor. Por vezes, é uma dor fortuita, moderada ou intermitente, mas está sempre presente. «Tens de ter cuidado», avisa-o Andy muitas vezes. «Habitua-te-te de tal maneira à dor que já não percebes quando é sinal de alguma coisa pior. Portanto, ainda que seja de grau cinco ou seis, se o aspeto for *este* (estavam a falar de uma ferida na perna, que, notara ele, começara a ganhar uma maligna aréola negra: a cor das coisas podres), deves ter presente que, para a maioria das pessoas, seria uma dor de grau nove ou dez, por isso tens *absolutamente* de me vir ver, combinado?»

Mas esta dor é uma dor como ele não sentia há décadas e fá-lo gritar e gritar. Vozes, rostos, fragmentos de recordações e associações bizarras zunem às voltas no seu pensamento: o cheiro do azeite queimado fá-lo pensar nuns cogumelos assados que comeu com Willem em Perugia, o que lhe recorda uma exposição dedicada a Tintoretto que ele e Malcolm viram no The Frick Collection quando tinham vinte e poucos, o que o faz lembrar-se de um miúdo na instituição a quem todos chamavam Frick, algo que ele nunca percebeu, porque o miúdo se chamava Jed, o que o leva às noites no celeiro, o que o faz pensar num fardo de feno num prado deserto e denso de nevoeiro perto de Sonoma contra o qual ele e o irmão Luke fizeram sexo certa noite, o que o leva a outra imagem, depois outra, outra, outra e outra. Cheira carne queimada, o que o arranca ao transe, e, desvairado, olha para o fogão, como se pudesse ter esquecido alguma coisa ao lume, um bife a crepitar na frigideira, por exemplo, mas não está ali nada, e então percebe que aquele cheiro é ele, é o seu braço ao lume, o que o faz abrir finalmente a torneira e a água cai sobre a queimadura, levantando uma nuvem de fumo engordurado e fazendo-o tornar a gritar. De novo em desvario, estende o braço direito — o esquerdo jaz inutilizado no lava-louça, como um membro amputado numa bandeja cirúrgica que lembra um rim —, agarra na caixa do sal marinho cujo lugar é no armário por cima do fogão, e, a soluçar, esfrega uma mão-cheia de ásperos cristais de sal na queimadura, o que reativa a dor, que o ofusca para lá do ofuscante, como se acabasse de cegar a olhar para o Sol.

Acorda no chão, com a cabeça apoiada no armário por baixo do lava-louça. É sacudido por espasmos. Sente-se febril, mas tem frio, e aninha-se contra a porta do armário como se fosse um ninho que o pudesse abrigar. Sem abrir os olhos, vê as hienas lamberem os beijos como se acabassem de o devorar. *Estão contentes?*, pergunta-lhes. *Encheram a barriga?* Não lhe podem responder, claro, mas parecem saciadas e aturdidas de satisfação. Regaladas, fecham os olhos enormes: por ora, não estarão vigilantes.

No dia seguinte, tem febre. Leva uma hora a ir da cozinha para a sua cama: está aflito com dores nos pés e não pode usar os braços para se arrastar. Não dorme, antes vagueia entre sono e vigília enquanto a dor vai e vem como a maré, ora recuando e permitindo-lhe acordar, ora avançando, escura e suja, para o engolfar. Durante a noite, desperta e consegue examinar o braço. Vê o círculo cauterizado, escuro e peçonhento, uma área num campo abandonado onde ele esteve ocupado com assustadoras artes ocultas. Queimou uma bruxa na fogueira, talvez. Sacrificou um animal. Comunicou com os espíritos. Aquela zona já não parece pele (em rigor, deixou de o ser), mas outra matéria que nunca foi pele — madeira, papel, asfalto — e que ardeu.

Na segunda-feira, percebe que a queimadura vai infetar. À hora do almoço, muda o penso que fez na véspera à noite, e, quando o puxa, vem pele agarrada, e ele amarfanha o lenço e enfia-o na boca para abafar o grito. O seu braço está a largar torrões com a consistência do sangue, mas da cor do carvão, e, sentado no chão da casa de banho, ele embala-se e o seu estômago tenta expelir comida repassada e os ácidos da digestão enquanto o seu braço liberta excreções para se purgar da doença que o atacou.

No dia seguinte, a dor é pior, e ele sai mais cedo da firma para ir ter com Andy ao consultório.

— Meu Deus — diz Andy, ao ver a queimadura, e, por uma vez, emudece, o que o aterroriza.

— Podes fazer alguma coisa? — pergunta em surdina, porque, até ali, nunca se julgou capaz de se magoar de maneira irremediável. De repente, imagina Andy a dizer-lhe que vai ficar sem aquele braço e o pensamento seguinte é: *Como vou explicar ao Willem?*

Mas:

— Posso — diz Andy. — Vou ver o que consigo fazer, mas depois tens de ir ao hospital. Deita-te. — Ele assim faz e Andy trata a queimadura com uma solução de irrigação, depois faz o penso. Aqui e ali, ele grita de dor e Andy pede desculpa.

Passada uma hora, consegue sentar-se — Andy deu-lhe uma injeção para anestesiá-la zona da queimadura —, e ficam os dois silenciosos.

— Consegues explicar-me uma queimadura de terceiro grau num círculo perfeito? — pergunta Andy, por fim, e, ignorando o sarcasmo de cortar à faca, ele recita a história que ensaiou: banana-da-terra e a frigideira em chamas.

Novo silêncio, com uma diferença qualquer que ele não consegue definir, mas que não lhe agrada. Até que Andy diz, apenas murmura:

— Estás a mentir, Jude.

— Como assim? — pergunta ele, e, de um momento para o outro, sente a garganta seca, embora esteja a beber um sumo de laranja.

— Estás a mentir — repete Andy, de novo, quase sem erguer a voz, e ele desce da marquesa, deixando a garrafa de sumo escapar-se dos seus dedos e estilhaçar-se no chão, e começa a avançar para a porta. — Para — avisa Andy, e ele sente-se gelar, e fica furioso. — Diz-me a puta de verdade, Jude. *Fizeste isso como?*

— Já expliquei — insiste ele. — Já expliquei.

— *Não* — recusa Andy. — Vais dizer-me o que fizeste, Jude. Quero ouvir da tua boca. *Diz as palavras.* Quero ouvir-te dizê-las.

— *Já expliquei* — grita ele, e sente-se horivelmente: o cérebro a latejar-lhe no crânio, os pés, trespassados por lingotes de ferro em brasa, o braço, com aquele caldeirão a ferver escavado a fogo. — Solta-me, Andy. *Solta-me.*

— *Não* — repete Andy, também a gritar. — Jude, tu... tu... — Cala-se, e também ele se cala, e ficam os dois na expectativa do que Andy irá dizer. — Tu és doente, Jude — diz, num murmúrio que não disfarça a aflição. — Estás mal da cabeça. Isto é comportamento de um louco. Bastava isto para ficares internado durante anos e é o que devia acontecer. És doente, és uma pessoa doente, estás a enlouquecer e precisas de ajuda.

— Não te *atrevas* a chamar-me louco — grita ele. — Não te *atrevas*. Eu não sou louco, *não sou*.

Andy ignora-o.

— O Willem regressa na sexta, não é verdade? — pergunta, embora já saiba a resposta. — Tens uma semana para lhe contar, Jude. Uma semana, a partir desta noite. Esgotado o prazo, conto-lhe eu.

— Estarias a cometer um *crime*, Andy — berra ele, e o mundo rodopia diante dos seus olhos. — Faço-te pagar uma indemnização tão grande que nem...

— Vai informar-te, *senhor advogado* — rosna-lhe Andy de volta. — *Rodriguez contra Mehta*. Há dois anos. Se um paciente hospitalizado involuntariamente reincidir com uma autolesão grave, o médico tem o direito, corrijo, a *obrigação*, de informar o companheiro ou um parente próximo do paciente, tenha ele dado o filho da puta do seu consentimento ou não.

Sente o chão fugir-lhe de baixo dos pés. Há apenas a dor, o medo e o choque perante as palavras de Andy. Estão no mesmo gabinete onde ele esteve mais vezes do que saberia dizer, mas sente as pernas fraquejarem, a angústia ameaça sufocá-lo e a fúria esvai-se.

— Andy — diz, e ouve a súplica na sua voz —, não lhe contes, por favor. Por favor. Se lhe contares, ele deixa-me. — Quando diz estas palavras, percebe que é verdade. Não sabe exatamente porque o deixaria Willem, se por causa do que ele fez, se por ter mentido, mas sabe que acontecerá isso. Willem deixá-lo-á, embora ele tenha feito o que fez para conseguir continuar a fazer sexo, porque, se deixar de fazer sexo, sabe que o Willem o deixará, independentemente do resto.

— Não, Jude — replica Andy, que parou de gritar, mas, ainda assim, o seu tom é resolutivo, implacável. — Desta vez, não contas comigo para te aparar as mentiras. Dou-te uma semana.

— Mas não é a vida dele — argumenta, desesperado. — É a minha.

— Aí é que estás, Jude — responde Andy. — É a vida dele. Estar numa puta duma relação é exatamente isso, ainda não compreendeste? Ainda não percebeste que não podes simplesmente fazer o que te dá na cabeça? Não entendes que, quanto te magoas, também o estás a magoar?

— Não — responde ele, abanando a cabeça e estendendo a mão direita para a marquesa, porque talvez vá cair. — Não. Faço estas coisas para *não* o magoar. Faço-as para o proteger.

— Não — mantém Andy. — Se estragares tudo, Jude, se continuares a mentir a alguém que te ama, que te ama de *verdade*, que nunca quis outra coisa senão verte exatamente como és, a responsabilidade será *tua* e de mais ninguém. Serás *tu* o culpado. Não poderás culpar quem és, o que te fizeram, as doenças que tens ou a aparência que julgas ter. Será por causa do teu comportamento, por não teres confiança suficiente no Willem para lhe falar honestamente, por não queres retribuir a generosidade e a lealdade com que ele sempre te tratou, *sempre*. Sei que acreditas que o estás a proteger, mas não estás. És egoísta, só isso. És egoísta, obstinado, orgulhoso e vais dar cabo da melhor coisa que te aconteceu. Não vês isto?

Fica sem palavras pela segunda vez nessa noite e, finalmente vencido pelo cansaço, vai cair, mas Andy segura-lhe a cintura e só isso põe fim à conversa.

Por insistência de Andy, passa três noites no hospital. Vai trabalhar normalmente, mas regressa ao anoitecer e Andy torna a assinar o pedido de internamento. Deitado, vê os dois sacos pendurados, cada um de seu lado, um, com glucose, o outro, com algo, não sabe o quê, que embrandece a dor, que a reduz a uma impressão desconfortável, e que adensa e apazigua o sono, tornando-o como um céu azul-escuro numa estampa japonesa de uma cena de inverno em que um viajante silencioso caminha debaixo de neve protegido por um chapéu de palha.

É sexta-feira. Vai para casa. Willem chegará por volta das dez da noite. Mrs. Zhou deixou o apartamento limpo, mas ele quer certificar-se de que não há indícios, de que escondeu todas as pistas, embora, sem o necessário contexto, o sal, os fósforos, o azeite e o rolo de cozinha não sejam pistas, mas pequenos nada que fazem parte da sua vida de casal, coisas que um e outro usam diariamente.

Ainda não decidiu o que fará. O prazo termina no domingo da próxima semana; implorou esses nove dias de adiamento, convencendo Andy de que precisa de mais tempo por causa das férias e da ida para Boston na quarta-feira, para o fim de semana do Dia de Ação de Graças. Poderá contar o que fez a Willem ou (não disse isto) usar a prorrogação para convencer Andy a mudar de ideias. Ambas lhe parecem impossíveis, mas, ainda assim, vai tentar. Um dos problemas de ter dormido tanto nas últimas noites é que mal lhe sobrou tempo para pensar numa maneira de resolver a situação a seu contento. Sente-se a dar espetáculo para si mesmo e que tudo o que o habita — a criatura que parece um furão, as hienas, as vozes — está na expectativa do que ele decidirá, para começar de imediato com censuras e troça e lhe dizer que faz mal.

Espera na sala, sentado no sofá, e, quando abre os olhos, sentado ao seu lado, Willem sorri-lhe e diz o seu nome, e ele abraça-o, tendo o cuidado de mal lhe tocar com o braço esquerdo, e, durante esse momento, tudo lhe parece possível — mas, também, indescritivelmente difícil.

Como conseguí viver sem isto?, pergunta a si mesmo.

Depois: *O que vou fazer?*

Tens nove dias, atormenta-o a voz no seu íntimo. *Nove dias*. Ignora-a.

— Willem — diz, aninhado nos seus braços. — Chegaste, chegaste. — Sai-lhe um suspiro de alívio, que também encerra medo, mas, com sorte, Willem não se deu conta disso. — Willem — repete uma vez e outra, imbuindo-se do seu nome. — Willem, Willem... Não sabes como me fizeste falta.

«O melhor de uma viagem é o regresso a casa.» Quem disse isto? A frase não é sua, mas podia ser, diz para consigo enquanto anda pelo apartamento. É meio-dia, terça-feira, e, amanhã, irão para Boston.

Para quem ama o lar — e mesmo não sendo o caso —, nada se compara ao conforto, aconchego e deleite da primeira semana de volta a casa. Durante esses dias, coisas que normalmente o irritariam — o alarme de um carro às três da manhã, os pombos que vêm arrulhar no peitoril da janela atrás da cama quando ele ainda quer dormir — tornam-se lembretes de que está ancorado, de que a vida, a sua vida, será benevolente e deixará que ele a reocupe, por mais que se tenha afastado ou que a ausência tenha durado.

Por outro lado, durante essa semana, as coisas de que normalmente gosta parecem-lhe dignas de ser celebradas apenas por existirem: o vendedor de nogados na Crosby Street, que devolve infalivelmente o aceno quando ele passa a correr; a sanduíche de faláfel com uma porção extra de rabanetes de conserva comprada na rulote ao fundo da rua, que lhe apeteceu de uma vez em que acordou a meio da noite em Londres; o próprio apartamento, onde, no decurso de um dia, a luz do Sol viaja de um lado ao outro, o apartamento onde estão as suas coisas, e a comida, a cama, o duche e os cheiros a que se habituou.

E há a pessoa a quem se habituou, claro: a cara, o corpo, a voz, o cheiro, o toque; a maneira como espera que ele termine o que está a dizer, por muito que demore, e só então fala; a maneira como o seu sorriso alastra de mansinho ao rosto, como o nascer da Lua; a sua incapacidade de esconder que ele lhe fez muita falta e que está muito feliz por o ter de volta. E, porque é especialmente sortudo, há tudo o que essa pessoa fez para ele durante a sua ausência: a despensa, o frigorífico e o congelador estão abastecidos com as suas comidas favoritas, sem esquecer o uísque de que mais gosta. A camisola de malha que julgava ter perdido há um ano no teatro está de volta ao lugar, lavada e dobrada. A camisa que estava a perder os botões: foram cosidos. A sua correspondência está empilhada de um lado da secretária dessa pessoa a quem se habituou. O contrato para a campanha publicitária a uma cerveja austríaca que ele vai fazer na Alemanha tem notas rabiscadas nas margens sobre pontos que deve discutir com o advogado. E nada disto é mencionado, e ele sabe que tudo foi feito por gosto, e sabe que, em parte — uma pequena parte, mas que não deixa de existir —, adora aquele apartamento

e aquele relacionamento porque aquela pessoa não mede esforços para lhe dar um lar, e pode dizer-lhe isto sem a ofender, antes a deixa feliz, o que o deixa também feliz, porque o disse com gratidão. Em momentos assim — entretanto, regressou há quase uma semana —, pergunta-se porque se ausenta tantas vezes, e se, cumpridos os compromissos profissionais previstos para o próximo ano, não deveria ficar ali, onde pertence, durante um período alargado.

Mas também sabe — tal como sabe Jude — que, em parte, essas ausências constantes são uma reação. Depois de assumir publicamente a relação dos dois, enquanto aguardava as primeiras reações juntamente com Kit e Emil, Willem foi visitado pelas mesmas inseguranças que já o tinham assaltado na primeira fase da sua carreira: e se nunca mais trabalhasse? E se aquilo fosse o ponto final? Agora, vê que tudo seguiu no mesmo rumo praticamente sem sobressaltos, mas precisou de um ano para se convencer de que as suas circunstâncias não mudaram, de que continua a ser um ator apetecível para alguns realizadores, mas não para outros («Tretas», declarou Kit, «não conheço um único realizador que não queira trabalhar contigo», e Willem ficou-lhe grato por isso), mas, fundamentalmente, o mesmo ator, nem melhor nem pior do que foi até ali.

Porém, sendo-lhe permitido continuar a ser o mesmo ator, não pôde continuar a ser a mesma pessoa, e, nos primeiros meses depois de o proclamarem *gay* — algo que não refutou, aliás, nem sequer tem um publicista que se ocupe de desmentidos e comunicados à imprensa —, descobriu-se dono de mais identidades do que teve em muito tempo. Durante grande parte da sua vida adulta, deu por si em circunstâncias que o obrigaram a desfazer-se de identidades: de repente, deixou de ser irmão, e, de seguida, filho. Porém, no seguimento de uma única revelação, tornou-se um homem homossexual; um ator *gay*; um conhecido ator *gay*; um conhecido ator *gay* relutante em abraçar a causa; e, por fim, um conhecido ator *gay* traidor da sua comunidade. Há cerca de um ano, jantou com Max, um realizador seu conhecido de longa data, que o tentou convencer a discursar numa gala de apoio a uma organização de defesa dos direitos da comunidade *gay*, sugerindo-lhe aproveitar para assumir publicamente a homossexualidade. Willem, que sempre apoiou a organização em causa, disse a Max que teria todo o gosto em apresentar um dos prémios ou apadrinhar uma mesa — como fez todos os anos durante a última década —, mas que não sairia do armário, porque entendia que não havia armário de onde sair: não era *gay*.

— Willem, estás numa relação, uma relação séria, com um homem — argumentou Max. — Isso é a *definição* de *gay*.

— Não estou numa relação com um homem — respondeu ele, ciente do absurdo daquelas palavras. — Estou numa relação com o Jude.

— Oh meu deus — resmungou Max.

Willem suspirou. Max era dezasseis anos mais velho do que ele; saíra do armário num tempo em que a política identitária definia a identidade de cada um. Compreendia os argumentos de Max e de todos os que lhe pediam encarecida ou insistentemente que se assumisse, e que, perante a sua recusa, o acusavam de autodesprezo, cobardia, hipocrisia e de viver em negação; compreendia que se

tivesse tornado representante de algo que nunca pedira para representar; e compreendia que a sua disponibilidade para ser disso representante ou a ausência da mesma era quase irrelevante. Ainda assim, não era capaz de aceitar esse papel.

Jude já lhe contara que nem ele nem Caleb tinham revelado o relacionamento nem que fosse às pessoas mais próximas. Nesse caso, o secretismo de Jude devera-se a vergonha (quanto a Caleb, Willem tinha esperança de que tivesse sido o sentimento de culpa, por escasso que fosse, a fazê-lo proceder assim), mas, agora que tinha voto na matéria, para Willem, a relação com Jude era um segredo dos dois: era sagrada, exigira-lhes lutar e era única. Sabia que era ridículo pensar assim, mas era o que sentia. Em vários aspetos, um ator na sua posição tornava-se mercadoria, era disputado, debatido e criticado por todos quantos entendessem ter uma palavra a dizer, fosse o que fosse, a respeito das suas capacidades, aparência ou desempenho. A relação com Jude inscrevia-se noutra dimensão: estava a desempenhar um papel exclusivamente para outra pessoa, essa outra pessoa era a única na plateia e mais ninguém veria esse seu desempenho, por mais que todos quisessem pensar o contrário.

Outro motivo para o relacionamento lhe parecer sagrado é o facto de sentir que só recentemente — nos últimos seis meses, mais ou menos — lhe apanhou o ritmo. Nalguns aspetos, a pessoa que ele julgava conhecer revelou-se outra, e precisou de algum tempo para se habituar à ideia de que iria descobrir outras facetas de Jude. Foi como descobrir que confundira um pentagrama com um dodecaedro, que tem mais lados, sendo, por isso, tanto mais fractal e complicado de medir. Apesar disso, não pôs a hipótese de terminar a relação. Está incondicionalmente na mesma — por amor, por lealdade, por curiosidade. Mas não foi fácil. Na verdade, nalguns momentos, foi agressivamente difícil, e, nalguns aspetos, continua a ser. Quando prometeu a si mesmo que não tentaria consertar Jude, esqueceu-se de que decifrar alguém é querer reparar essa pessoa: mais do que negligência, diagnosticar um problema e não o tentar resolver seria imoral.

O problema central é o sexo: a sua vida sexual a dois e a atitude de Jude para com a mesma. Perto do final do período de dez meses em que, estando juntos, esperou que Jude se sentisse preparado para dar esse passo (desde os quinze anos que não atravessava um período de celibato tão alargado e, em parte, encarou-o como um desafio, da mesma maneira que outros decidem deixar de comer pão ou massa porque o namorado ou a namorada fizeram isso), Willem começou a preocupar-se seriamente com o caminho que tudo aquilo levava e com a possibilidade de, para Jude, o sexo ser pura e simplesmente impossível. De alguma maneira, sabia, sempre soubera, que Jude fora vítima de abuso sexual, que alguma coisa horrível lhe acontecera, senão várias coisas horríveis, mas — e envergonha-se disso — foi incapaz de abordar diretamente o assunto com ele. Disse a si mesmo que, ainda que *conseguisse* encontrar as palavras certas, Jude não falaria do tema até que estivesse preparado, mas a verdade é outra: foi um tremendo covarde e não há outra explicação para a sua falta de iniciativa. Porém, quando regressou do Texas, o sexo acabou por acontecer e ficou aliviado,

duplamente aliviado, aliás, por ter gostado tanto da experiência, que nada teve de forçado ou de contrário à sua natureza; e, ao descobrir que Jude era bem mais versado do que imaginara, concedeu a si mesmo um terceiro motivo de alívio. Por outro lado, não se dispôs a uma *explicação* para o comportamento experiente de Jude. Teria Richard razão? Teria Jude levado uma espécie de vida dupla durante todos aqueles anos? Parecia-lhe uma explicação demasiado arrumadinha. Por outro lado, seria incapaz de lidar com a alternativa — que Jude adquirira aquela perícia antes de se conhecerem, significando isso que as lições nessa matéria recuavam à sua infância. Por isso, para seu enorme sentimento de culpa, nada disse. Optou por acreditar na teoria que lhe facilitava ligeiramente a vida.

Até que, uma noite, sonhou que ele e Jude tinham acabado de fazer sexo (e tinham, de facto), e que, ao seu lado, Jude chorava, tentando em vão não fazer barulho, e, no sonho, Willem entendeu aquelas lágrimas: Jude odiava fazer aquelas coisas; odiava o que ele o obrigava a fazer. Na noite seguinte, perguntou-lhe abertamente: *Gostas de fazer isto?* E aguardou, não sabendo que resposta ia ouvir, até que Jude disse que sim, o que o aliviou uma vez mais: a ficção podia continuar, o equilíbrio manter-se-ia inalterado e não seria obrigado a ter uma conversa que não sabia como começar, muito menos conduzir. Imaginou um pequeno barco a remos à mercê de ondas gigantescas, mas que vencias a tempestade e seguia placidamente o seu rumo, embora as profundezas escuras escondessem monstros e massas de algas que, arrastadas pelas correntes, ameaçavam puxá-los para debaixo de água, fazendo-os desaparecer para sempre, engolidos pelo oceano.

Mas, de vez em quando, com uma frequência demasiado esporádica e irregular para lhe permitir uma análise dos factos, vê a expressão de Jude quando entra nele ou escuta o seu silêncio depois do sexo, tão absoluto e escuro que é quase matéria, e sabe que Jude lhe mentiu, que, confrontado com uma pergunta que admitia uma única resposta aceitável, lha deu, embora não fosse a verdade. Chegando aí, Willem procura justificar o seu comportamento, mas, por outro lado, condena-se pelo mesmo. Quando se dispõe a ser inteiramente honesto, reconhece haver um problema.

Ainda assim, não é capaz de o definir concretamente. Afinal de contas, sempre que lhe apetece sexo, Jude parece ter também vontade. (E não será isso muito suspeito?) Por outro lado, jamais conheceu alguém tão adverso a preliminares, tão contrário a falar de sexo que nem diz essa palavra.

— Isto é embaraçoso, Willem — diz Jude, sempre que ele tenta. — Podemos despachar-nos? — Muitas vezes, sente que o sexo entre eles não deve exceder determinado intervalo temporal, que o ideal é ser rápido, fazer o que tem a fazer, e, depois disso, não tocar no assunto. A sua maior preocupação não é Jude não ter ereções, mas a curiosa sensação que ocasionalmente o visita (tão indefinível e contraditória que escapa à linguagem) de que, se ele se sente mais próximo de Jude de cada vez que têm relações sexuais, Jude se distancia mais um pouco. Jude diz tudo o que dele se esperaria; faz todos os sons previsíveis; é carinhoso e mostra vontade. Ainda assim, Willem sabe que alguma coisa, *seja o que for*, está errada. É

desconcertante; até ali, não conhecia quem não adorasse o sexo consigo. O que está a acontecer desta vez? Perversamente, isso fá-lo querer sexo mais vezes, nem que apenas para obter respostas, ainda que as tema.

E, da mesma maneira que sabe que há algum problema com a vida sexual dos dois, sabe — mesmo sem saber, mesmo sem isso lhe ter sido dito — que Jude se corta por causa do sexo entre eles. É uma percepção que invariavelmente o faz retrair e que, aliada ao seu velho, testado e esgotado hábito de se desculpar — *o que achas tu que vais fazer, Willem Ragnarsson? não esqueças que a tua inteligência é bastante limitada* —, o dissuade de investigar a fundo, de mergulhar um braço no passado de Jude, para, desse lodo infestado de cobras e centopeias a contorcer-se, resgatar o livro volumoso, fechado num saco de plástico amarelecido pelos anos, que lhe explicará alguém cuja essência julgava ter conseguido apreender. Segue-se outro pensamento: tal como ele, Malcolm, JB, Richard ou o próprio Harold não tiveram coragem para tentar conhecer esse Jude. Qualquer deles inventou as suas razões para não sujar as mãos. Apenas Andy pode afirmar o contrário.

É-lhe fácil fazer de conta e ignorar o que sabe porque, em regra, fingir é fácil: ele e Jude são amigos, gostam da companhia um do outro, ama Jude, têm uma vida em comum, sente-se atraído por Jude e deseja-o. Mas há o Jude que ele conhece durante o dia, e mesmo ao crepúsculo e de madrugada, e há aquele outro Jude que se apodera do seu amigo noite após noite, pelo espaço de algumas horas, e, de alguma maneira, Willem teme que esse seja o verdadeiro Jude: aquele que, de noite, vagueia solitário pelo apartamento, aquele que ele viu fazer deslizar muito lentamente a lâmina pelo braço enquanto arregalava os olhos porque a dor era lancinante, aquele que não o ouve, por mais que ele assegure ou ameace. Por vezes, sente que é esse outro Jude quem de facto conduz a relação, e que, estando presente, ninguém, nem sequer ele, o conseguirá expulsar. Porém, a teimosia não o deixa desistir: sabe que, no fim, o conseguirá banir graças ao seu amor intenso, forte e resolutivo. Sabe que está a ser infantil, mas toda a teimosia é infantil. E, neste caso, a teimosia é a sua única arma. Perseverança, teimosia e amor: tem de acreditar que os três serão suficientes. Tem de acreditar que, juntos, poderão mais do que qualquer compulsão de Jude, por antiga ou reiterada que seja.

Por vezes, conta com relatórios informais de Andy e Harold sobre os progressos de Jude. De cada vez que o veem, um e outro agradecem-lhe, o que, parecendo-lhe desnecessário, acaba por ser tranquilizador, porque significa que as mudanças que *ele* acredita estar a ver em Jude — que se tem mostrado bem mais expansivo e comunicativo, e, também, ligeiramente menos inibido a nível físico — afinal não são fruto da sua imaginação. Por outro lado, sente-se agudamente sozinho; não tem ninguém com quem partilhar as suas novas suspeitas a respeito de Jude e as vertiginosas dificuldades que sente enfrentar, tal como enfrenta sozinho a consciência de que não as consegue, ou não quer, encarar como se exige. Mais do que uma vez, esteve à beira de ligar a Andy para se aconselhar sobre o que fazer e lhe perguntar se está a tomar as decisões certas. Mas acabou por não fazer isso.

Em alternativa, deixa que o seu otimismo inato lhe tolde os medos e lhe

mostre uma relação basicamente feliz e luminosa. Amiúde, é interpelado pelo sentimento — que recua aos tempos da Lispenard Street — de que estão a brincar às casinhas, de que está a viver uma fantasia adolescente de se aliar ao melhor amigo e juntos se escaparem do mundo e das suas regras para viver nalgum lugar perfeitamente habitável (uma carruagem de comboio, uma casa numa árvore), porém inadequado enquanto lar, mas que nisso se tornou porque eles, seus ocupantes, resolveram que assim seria. Nos dias em que a sua vida lhe parece uma festa de pijama começada quase três décadas antes, cujo fim não se adivinha e que lhe traz uma certa euforia porque, pelos vistos, se conseguiram safar com uma enorme patifaria a que deviam ter posto fim há que tempos, ocorre-lhe que Mr. Irvine não se enganou inteiramente. Quando vão a jantares, se alguém faz algum comentário imbecil, ele procura-lhe o olhar, e, do outro lado da mesa, Jude devolve-lhe uma expressão impassível, tão-só uma sugestão de sobrolho franzido, que o obriga a beber prontamente um gole de água, sob perigo de explodir em gargalhadas e cuspir a comida que está a mastigar, e mais tarde, de regresso ao apartamento — o seu apartamento ridiculamente belo, de que, por motivos que não precisam de explicar um ao outro, ambos gostam a ponto de se tornar embaraçoso —, revisitavam o atroz jantar do começo ao fim, rindo tanto que a felicidade se traduz em dor. Noite após noite, tem o privilégio de se aconselhar sobre os seus problemas com alguém mais inteligente e capaz, ou falam do eterno assombro e mal-estar que, mesmo depois de tantos anos, um e outro continuam a sentir por ter dinheiro — uma fortuna absurda, digna de vilões de banda desenhada. Quando arrancam de carro para a casa dos pais de Jude, um deles encarrega-se de assegurar uma *playlist* estapafúrdia, que os põe a cantar a plenos pulmões, permitindo-se, em adultos, ser infantis e patetas como não tiveram oportunidade de ser na infância. Conforme avança em anos, conclui que, na verdade, há pouquíssimas pessoas com quem verdadeiramente lhe apeteça conviver mais do que alguns dias de cada vez, mas encontrou alguém ao lado de quem quer estar durante muitos, muitos anos, mesmo nos momentos mais opacos e confusos. Portanto: é feliz. Sim, é feliz. Na verdade, nem tem de pensar no assunto. Sabe-se uma pessoa simples, do mais simples possível, mas, no entanto, veio acabar ao lado da pessoa mais complicada que poderia haver.

— Tudo o que eu quero — disse certa noite a Jude, ao tentar explicar-lhe o contentamento que nesse momento lhe fervilhava por dentro, como água numa chaleira muito azul — é trabalho de que goste, um teto e alguém que me ame. Vês? Não peço muito.

Jude riu. Era um riso triste.

— Willem — respondeu —, eu também só peço isso.

— Já tens — disse ele, quase esmorecendo, e Jude pareceu esmorecer também.

— Sim — acabou por responder. — Tens razão. — Mas não pareceu convencido.

Na noite de terça-feira, já deitados, têm uma das suas conversas que mal o são, sendo antes uma meândrica quase-conversa das que costumam ter quando ambos querem continuar acordados, mas estão à beira de adormecer, e então Jude diz o

nome dele com uma nota de seriedade que o faz abrir os olhos.

— O que foi? — pergunta, e a expressão de Jude aquietou-se de tal maneira, está tão séria, que o amedronta. — Jude? — insiste. — Podes dizer.

— Willem, já sabes que eu tenho andado a esforçar-me por não me cortar — diz ele, e, assentindo, Willem espera pelo resto. — E vou continuar a fazer isso — prossegue Jude. — Mas há alturas... há ocasiões em que não vou ser capaz de me controlar.

— Eu sei — tranquiliza-o ele. — Eu sei que estás a tentar. E sei que é difícil.

Nesse momento, Jude vira-se de costas, e Willem volta-se para ele e abraça-o.

— Só te peço que compreendas se eu cometer um erro — continua Jude, e a sua voz soa abafada.

— Vou ser — assegura Willem. — Claro que vou ser compreensivo. — Um longo silêncio, que o mantém na expectativa de ouvir mais. Jude sempre foi magro, sempre teve uma musculatura alongada de maratonista, mas, nos últimos seis meses, ficou ainda mais delgado, quase lembrando a altura em que teve alta do hospital. Willem aperta-o nos braços. — Estás mais magro — diz.

— É do trabalho — responde Jude, e tornam a ficar silenciosos.

— Tens de comer mais — aconselha Willem. Encarnar Turing exigiu-lhe aumentar de peso e, embora já tenha perdido parte, sente-se descomunal ao lado de Jude. Sente-se inchado, sente que ocupa mais espaço do que deve. — O Andy vai achar que não estou a saber tomar conta de ti e vai zangar-se comigo — avisa, ao que Jude reage com um som que ele toma por riso.

De manhã, na véspera do Dia de Ação de Graças, bem-dispostos — ambos gostam de conduzir —, descem com o saco de viagem com as coisas dos dois e as caixas com os biscoitos, tartes e pães que Jude fez para Harold e Julia. É ainda bastante cedo quando saem para as ruas empedradas do SoHo que fazem o carro trepidar. Seguem para a direita até à Franklin D. Roosevelt East River Drive, por onde continuam velozmente, unindo-se a cantar a banda sonora de *Duetos*. Perto de Worcester, param numa bomba de gasolina e Jude vai lá dentro comprar águas e pastilhas. No carro, Willem folheia o jornal enquanto o espera, e, quando o telemóvel de Jude começa a tocar, agarra-o, vê o nome no ecrã e atende.

«Já contaste ao Willem?», ouve Andy perguntar, não lhe dando tempo de dizer olá. «Tens três dias, Jude. Depois, conto-lhe eu. Não estou a brincar, acredita.»

— Andy? — pergunta ele, e faz-se um silêncio abrupto e gritante.

«Willem», responde Andy. «Foda-se.» Em fundo, uma criança eufórica: «O tio Andy disse uma asneira!» Andy torna a praguejar e Willem distingue o som de uma porta a bater. «Estás a atender o telemóvel do Jude porquê?», pergunta Andy. «Ele está onde?»

— Vamos a caminho da casa do Harold e da Julia — responde Willem. — O Jude foi comprar águas. — Do outro lado, silêncio. — O que aconteceu, Andy? — pergunta ele.

«Willem», começa Andy, mas cala-se. «Não posso. Eu disse-lhe que deixava que fosse ele a contar.»

— Bem, seja o que for, ele não me contou — responde Willem, e as emoções vão-no inundando e sobrepondo-se: o medo por cima da irritação por cima do medo por cima da curiosidade por cima do medo. — Talvez seja melhor dizeres-me tu, Andy — sugere. Por fim, vem o pânico. — É alguma coisa muito grave? — pergunta. E começam os apelos: — Andy, não me faças isto.

Ouve a respiração controlada de Andy.

«Willem», diz ele, obrigando-se a ficar calmo, «pede-lhe que te conte a verdade sobre a queimadura no braço. Tenho de ir.»

— Andy! — grita ele. — *Andy!* — Mas Andy já desligou.

Volta-se para olhar pela janela e vê Jude regressar. E pensa: *A queimadura? O que tem a queimadura?* Jude quis fritar banana-da-terra, uma delícia, não se cansa JB de dizer, e queimou-se. «Cabrão do JB», disse ele, quando lhe viu a ligadura no braço. «Arranja sempre maneira de fazer merda.» Jude riu. «A sério», disse ele, «estás bem, Judy?» Jude respondeu que sim: fora ter com Andy, que lhe enxertara pele artificial. Seguiu-se alguma discussão por Jude lhe ter escondido a gravidade da queimadura (quando leu o *e-mail*, imaginou pouco mais do que uma chamuscadela, nada que justificasse um enxerto de pele) e o mesmo aconteceu nessa manhã, porque Jude teimou em conduzir, embora, nitidamente, o braço lhe continue a doer, mas: *O que tem a queimadura?* De repente, compreende haver uma única interpretação possível para as palavras de Andy, e tem de baixar a cabeça porque se sente atordado como se acabasse de levar um murro.

— Desculpa — diz Jude, tornando a entrar no carro. — A fila nunca mais andava. — Procura as pastilhas no saco, depois volta-se e repara nele. — Willem? — hesita. — Aconteceu alguma coisa? Estás com má cara.

— O Andy ligou — responde ele, e vê a expressão de Jude, vê-o ficar petrificado, assustado. — Jude — diz Willem, e a sua voz soa-lhe distante, como se estivesse a falar das profundezas de uma ravina —, como fizeste a queimadura no braço? — Jude não responde, apenas o olha fixamente. *Isto não está a acontecer*, diz Willem para consigo.

Mas está, claro.

— Jude — insiste —, como fizeste a queimadura no braço? — Jude apenas continua a olhar para ele de lábios apertados e ele repete a pergunta outra vez, e novamente. Até que: — *Jude!* — grita, incrédulo com a própria fúria, e Jude encolhe-se. — Jude! Como foi? *Diz-me, já!* — E Jude responde-lhe, tão baixinho que ele não o ouve. — *Mais alto!* — grita. — *Não te ouvi!*

— Queimei-me — acaba Jude por responder, mal erguendo a voz.

— Como? — pergunta Willem, quase de cabeça perdida, e, de novo, Jude fala tão baixo que ele não consegue ouvir grande parte da resposta, mas regista palavras soltas: *Azeite. Fósforo. Chamas.*

— *Porquê?* — grita, desesperado. — Fizeste isso *porquê*, Jude? — Está tão irado (consigo, com Jude) que, pela primeira vez desde que se conhecem, sente vontade de lhe bater, imagina o seu punho a acertar em cheio no nariz de Jude, depois na face. Quer ver-lhe o rosto maltratado e quer ser ele a magoá-lo.

— Foi para não me cortar — responde Jude num fio de voz, o que reacende a

fúria de Willem.

— Portanto, a culpa é minha, é isso? — pergunta. — Fizeste isso para me castigar?

— Não — assegura-lhe Jude, num tom suplicante. — Não, Willem, nada disso... Eu só...

Mas Willem interrompe-o.

— Porque é que ainda não me contaste sobre o irmão Luke? — ouve-se perguntar.

Vê o sobressalto de Jude.

— Hã? — hesita ele.

— Prometeste que me contavas — recorda-lhe Willem. — Não te lembras? Ia ser o meu *presente de aniversário*. — O final da frase sai-lhe mais sarcástico do que foi sua intenção. — Conta-me — exige. — Agora.

— Não posso, Willem — diz Jude. — Por favor. Por favor.

Embora lhe veja a aflição, Willem não recua.

— Tiveste quatro anos para ganhar coragem — atira-lhe à cara, e, quando Jude vai ligar o motor, ele arranca-lhe as chaves da mão. — Acho que já te dei tempo suficiente. Vais contar-me agora. — E, vendo que Jude não reage, torna a gritar: — *Fala!*

— Era um dos irmãos no mosteiro — murmura Jude.

— E mais?! — grita-lhe Willem. *Sou tão burro*, diz para consigo, enquanto vai gritando. *Sou tão, tão, tão burro. Tão tanso*. E, ao mesmo tempo: *Ele está com medo de mim. Estou a gritar com a pessoa que amo e a fazê-la ter medo de mim*. E ocorre-lhe a discussão com Andy há tantos anos, quando lhe gritou: «Essa fúria é porque não arranjas maneira de o fazer melhorar e queres deitar as culpas para cima de mim.» *Meu deus, pensa. Meu deus. Estou a fazer isto porquê?*

— Fugi com ele — continua Jude, quase em surdina, o que obriga Willem a inclinar-se para o conseguir ouvir.

— E mais? — pressiona, mas percebe que Jude está à beira das lágrimas, por isso para e recosta-se, exausto e repugnado com o seu comportamento, e, de seguida, vem o medo; e se a sua próxima pergunta for a que finalmente abre as comportas e tudo o que sempre quis saber sobre Jude, tudo aquilo que jamais quis enfrentar, sair de rompanete? Continuam ali parados durante muito tempo e o interior do carro adensa-se com as suas respirações trémulas. Willem sente os dedos dormentes.

— Vamos — diz, por fim.

— Onde? — pergunta Jude, e ele encara-o.

— Estamos a uma hora de Boston — responde. — E eles estão à nossa espera. — Jude anui, passa o lenço pelo rosto, tira-lhe as chaves da mão, e, devagar, deixam a bomba de gasolina.

Na estrada, Willem é subitamente assaltado pela consciência do que verdadeiramente significa alguém fazer-se arder. Recorda as fogueiras que fez quando andava nos escuteiros: o cone de ramos secos recheado com folhas de jornal amarfanhadas e as chamas tremeluzentes que, belas e terríveis, faziam o ar

ondular. Imagina Jude a fazer o mesmo à sua pele, imagina o brilho alaranjado a devorar-lhe a carne e a imagem dá-lhe volta ao estômago.

— Para — pede, sufocado, e, com uma chiadeira de pneus, Jude desvia para a berma, onde, abrindo a porta, ele se inclina e vomita até nada lhe sobrar no estômago.

— Willem — ouve Jude dizer, e ouvir-lhe a voz é enfurecedor e doloroso.

Fazem o resto da viagem em silêncio e, quando Jude para um tanto abruptamente no acesso de Harold e Julia, trocam um olhar e Willem tem a sensação de que nunca viu aquela pessoa ao seu lado. Detendo-se em Jude, vê um homem bonito, dono de umas mãos esguias, de umas pernas compridas e de um rosto belo, daqueles que nos faz querer olhar e não desviar os olhos. Se acabasse de conhecer o homem ao seu lado numa festa ou num restaurante, iniciaria uma conversa, porque isso lhe daria uma desculpa para continuar a olhar para ele, e jamais lhe passaria pela cabeça que esse homem diante de si pudesse ser alguém que se corta tanto que a pele dos seus braços já não parece pele, mas cartilagem; ou que se envolveu com alguém que lhe bateu tanto que o deixou às portas da morte; ou que, certa noite, friccionou a pele com azeite, para que a chama que de seguida aproximou do próprio corpo pegasse mais depressa e ardesse com mais força; ou que a ideia lhe foi dada por alguém que lhe fez o mesmo há muitos anos, era ele uma criança, para o castigar por um delito insignificante, que se resumiu a levar um objeto irresistivelmente luminoso da mesa de um superior abominável e abominado.

Prepara-se para falar, mas ouvem Harold e Julia chamá-los e dar-lhes as boas-vindas, o que os arranca ao transe e os faz olhar, e, antes de saírem do carro, forçam-se a sorrir. Ao cumprimentar Julia com um beijo, de costas para Harold, Willem ouve-o.

— Estás bem? — pergunta ele a Jude. — De certeza? Estás com cara de caso. — E Jude tranquiliza-o com um resmungo.

Willem vai deixar o saco de viagem no quarto e Jude segue diretamente para a cozinha. Na casa de banho, Willem arruma as escovas de dentes e máquinas de barbear dos dois, depois estende-se na cama.

Dorme durante toda a tarde; não tem ânimo para mais. Jantarão apenas os quatro e, ao espelho, Willem ensaia apressadamente o riso, depois vai juntar-se a eles na sala de jantar. Jude praticamente não diz uma palavra durante a refeição, mas Willem esforça-se por falar e ouvir como se tudo estivesse normal, o que é difícil, porque não consegue pensar senão no que ficou entretanto a saber.

Por entre a raiva e o desespero, nota que Jude praticamente não pôs comida no prato, mas, quando Harold diz «Jude, tens de comer mais, emagreceste muito, não concordas, Willem?» e olha para ele em busca de apoio e reforço persuasivo, que ele normalmente ofereceria sem pensar no assunto, antes encolhe os ombros.

— O Jude é adulto — declara, num tom que não reconhece. — Sabe o que faz. — E, pelo canto do olho, vê Julia e Harold entreolharem-se, enquanto Jude baixa o rosto para o seu prato.

— Comi muito enquanto estava a cozinhar — desculpa-se, e qualquer deles

sabe que não é verdade, porque Jude nunca petisca quando está a cozinhar nem deixa que outros o façam. JB chama-lhe o Cozinheiro Nazi. Willem vê-o levar distraidamente a mão ao braço e sentir a queimadura por cima da manga. Erguendo o olhar, Jude vê-o observá-lo, baixa a mão e põe-se outra vez a examinar o prato.

Misericordiosamente, o jantar termina, e, enquanto ajuda Julia a tratar da louça, Willem consegue manter uma conversa casual e bem-disposta. Despachado o serviço, vão para a sala, onde Harold o espera para verem o jogo do fim de semana anterior, que gravou. À entrada da sala, Willem detém-se. Normalmente, iria juntar-se a Jude e os dois apertar-se-iam na grande poltrona almofadada que quase foi espremida para caber no espaço vazio ao lado daquilo a que eles chamam o Trono do Harold, mas, nessa noite, não se consegue ir sentar ao lado de Jude. Na verdade, mal consegue olhar para ele. Porém, se não for, Julia e Harold não terão mais dúvidas de que alguma coisa grave se passou entre eles dois. Mas, enquanto ele hesita, Jude ergue-se, e, como se adivinhando o seu dilema, anuncia que está cansado e se vai deitar.

— De certeza? — pergunta Harold. — O serão ainda agora começou. — Mas Jude diz que sim, dá um beijo de boas-noites a Julia e acena vagamente na direção de Harold e Willem, e, uma vez mais, Julia e Harold trocam um olhar que não passa despercebido a Willem.

Julia acaba por também se retirar — nunca percebeu qual o atractivo do futebol americano —, e, depois de ela sair, Harold põe o jogo em pausa e volta-se para ele.

— Está tudo bem entre vocês dois? — pergunta, e Willem faz que sim. Mais tarde, quando também ele se prepara para ir dormir, Harold segura-lhe a mão quando ele passa pela sua frente. — Caso não saibas, Willem — diz, apertando-a na sua —, o Jude não é o único que é importante para nós. — Tornando a assentir, ele percebe que a sua visão se turvou, e, dando as boas-noites a Harold, deixa a sala.

No silêncio do quarto, para e observa Jude debaixo do cobertor. Pela sua imobilidade, percebe que ele não está a dormir, mas apenas a fingir que dorme, e, após um momento, Willem despe-se e dobra a roupa nas costas da cadeira ao lado da cómoda. Ao deitar-se, comprova que Jude não está a dormir, e ficam os dois acordados durante muito tempo, em lados opostos da cama, um e outro temendo o que ele, Willem, dirá.

Acaba por adormecer, mas acorda e o quarto parece-lhe mais silencioso do que antes, porque, agora, não é um silêncio fabricado. Levado pela força do hábito, chega-se mais para Jude, mas abre os olhos e descobre que Jude não está ali e que o seu lado da cama está frio.

Senta-se na cama. Levanta-se. Ouve um som fugaz, tão fugaz que mal se pode considerar um som, e, voltando-se, vê a porta da casa de banho fechada. Não vê luz. Ainda assim, avança, resoluto, roda a maçaneta, e, quando abre bruscamente a porta, a toalha enrolada no chão sugere-lhe um comboio. Foi usada para bloquear a luz. E ali está Jude, como ele sabia que o iria encontrar, sentado no chão, encostado à banheira, vestido e com os olhos arregalados de medo.

— Onde está? — pergunta Willem, cuspendo as palavras, embora queira chorar de desgosto, porque fracassou, porque, noite após noite após noite, acontece aquele grotesco teatro dos horrores de que ele é o único espectador, e, ainda assim, accidental, porque, não havendo público, a peça será levada à cena perante uma plateia vazia, porque o seu único ator é tão zeloso e dedicado que nada interferirá com a sua arte.

— Não estou a fazer nada — diz Jude, mas Willem sabe que é mentira.

— Onde está, Jude? — torna a perguntar, e, acorrendo-se diante dele, segura-lhe as mãos: nada. Mas não tem dúvidas de que ele se esteve a cortar porque isso mesmo lhe dizem as suas pupilas dilatadas, os lábios descorados e a tremura nas suas mãos.

— Não estava a fazer nada, Willem, juro — insiste Jude, os dois a falar em surdina, para não acordarem Julia e Harold, que estão imediatamente por cima deles, e então, antes que tenha tempo de pensar no que está a fazer, agarra Jude como se lhe quisesse fazer mal e tenta arrancar-lhe a roupa, e Jude tenta impedi-lo, mas não pode usar o braço esquerdo, e, de qualquer maneira, está sem forças, e gritam um com o outro sem lhes sair som. A dada altura, fica em cima de Jude, usa os joelhos para lhe imobilizar os ombros, como aprendeu com um coreógrafo de lutas durante uma rodagem, uma técnica que não só paralisa, como magoa, algo de que Willem tem consciência, e começa a arrancar-lhe a roupa, e, por baixo dele, um Jude frenético começa por ameaçar, depois suplica-lhe que pare. Distanciando-se da cena, Willem percebe que alguém que os surpreendesse julgaria estar em curso uma violação, mas não é nada disso, diz para consigo: está à procura da lâmina de barbear. Por fim, ouve o barulho do metal nos ladrilhos, segura cuidadosamente a lâmina e atira-a para trás das costas, depois recomeça a despir Jude, surpreendendo-se com a sua eficiência brutal ao arrancar-lhe cada peça de roupa, mas só ao baixar-lhe os *boxers* vê os seis cortes na coxa esquerda, horizontais e paralelos, quase na articulação, e então solta-o e afasta-se meio desvairado, como se temesse uma doença contagiosa.

— Tu és... louco — diz, devagar e sem rodeios, desvanecido o choque inicial. — És louco, Jude. As pernas são o último sítio onde te podes cortar. Tu *sabes* o que pode acontecer. *Sabes* que os cortes podem infectar. Que *raio* te passou pela cabeça? — Diz tudo isto arquejante de cansaço e desgosto. — És doente — diz-lhe, e, tornando Jude a parecer-lhe um estranho, toma consciência da sua magreza extrema e pergunta-se como não viu isso antes. — Tu estás doente. Tens de ser internado. Tens de...

— Para de me tentar *curar*, Willem — cospe Jude de volta. — Julgas que sou o quê? Estás comigo porquê? Não sou a *merda* de um desvalido a quem acudiste. Estava muito bem sem ti.

— Ah sim? — replica Willem. — Desculpa se não sou o namorado dos teus sonhos. Já sei que preferes sadismo, não é? Talvez devesse chutar-te umas quantas vezes pela escada abaixo, não? Aí, talvez já correspondesse às tuas expectativas. — Nesse momento, vê Jude recuar para longe dele e encolher-se contra a banheira e o seu olhar torna-se uma barreira.

— Eu não sou o *Hemming*, Willem — rosna-lhe Jude. — Não vou ser o aleijado que salvaste para compensar o outro que deixaste morrer.

Willem baixa-se sobre os calcanhares, depois ergue-se, recua, apanha a lâmina, e, com toda a força de que é capaz, atira-a à cara de Jude, que se protege com as mãos a tempo de a lâmina lhe acertar numa.

— Tudo bem — arqueja Willem. — Corta-te às postas, quero lá saber. É disso que tu gostas, não é de mim. — Ao deixar a casa de banho, a sua vontade era bater com a porta, mas tem de se contentar com uma sapatada no interruptor da luz.

No quarto, agarra nas suas almofadas, puxa um cobertor da cama e vai para o sofá. Por sua vontade, ia-se embora dali, e só não o faz por causa de Harold e Julia. Vira-se de barriga para baixo e grita, afunda a cara na almofada e grita, literalmente, e esmurra e pontapeia as almofadas do sofá como um menino a fazer birra, e a fúria confunde-se com uma mágoa tão profunda que mal o deixa respirar. As ideias confundem-se, impossíveis de articular ou destringir, e três cenas imaginárias sucedem-se rapidamente no seu pensamento: mete-se no carro, foge dali e nunca mais dirige a palavra a Jude; regressa à casa de banho e segura-o nos braços até ele vergar e se deixar curar; liga a Andy já de seguida e Jude é internado de manhã cedo. Mas não faz nada disto, apenas esmurra e pontapeia inutilmente as almofadas do sofá, como se a nadar sem sair do sítio.

Por fim, para e fica imóvel, e, depois de muito tempo, ou assim lhe parece, ouve Jude regressar pé ante pé, cauteloso e de mansinho como um animal maltratado, talvez um cão, ou alguma criatura desamada que nasceu para sofrer às mãos de outros, e a cama range quando ele se torna a deitar.

Longa e feia, a noite arrasta-se como uma engrenagem perra, e ele dorme um sono quase à tona da consciência, quase clandestino. Quando acorda, ainda não amanheceu completamente, mas veste-se e calça-se para correr, e, repassado de exaustão, sai e tenta não pensar. Enquanto corre, as lágrimas, talvez do frio, talvez de tudo, turvam-lhe aqui e ali a visão, e, furioso, ele esfrega os olhos e prossegue, obrigando-se a acelerar, inspirando vigorosamente o vento frio até lhe doerem os pulmões. Quando regressa, encontra Jude ainda deitado, encolhido na cama, e, durante uma fração de segundo, ocorre-lhe que ele poderá estar morto e sobressalta-se, mas, quando está à beira de chamar por ele, Jude remexe-se, mas não acorda. Willem vai antes tomar um duche, guarda a roupa de correr no saco de viagem, veste-se, e, de saída para a cozinha, fecha a porta sem ruído. Na cozinha, encontra Harold, que lhe pergunta se quer café, como sempre faz, e, como sempre faz desde que está com Jude, ele abana a cabeça, embora, naquele momento, o aroma do café — quente, amadeirado, nodoso como casca de árvore — o deixe quase ávido. Harold desconhece a razão por que ele deixou de beber café, apenas sabe que assim é, mas não esconde que adora tentar fazê-lo cair em tentação, e, normalmente, Willem alinharia na brincadeira, mas, nessa manhã, não o faz. A vergonha não lhe permite encarar Harold. Misturado com isso, há ressentimento, porque, embora nunca tenha dito uma palavra nesse sentido, Harold espera que ele saiba sempre o que fazer em relação a Jude, e Willem sente

o peso dessa expectativa inabalável, tal como sabe que Harold ficaria muito decepcionado e o desprezaria se soubesse o que ele disse e fez nessa noite.

— Não estás com muito boa cara — comenta Harold.

— Imagino que não — admite ele. — Desculpe, Harold. Recebi uma mensagem do Kit ontem à noite. Esta semana ia encontrar-me com um realizador para discutir um projeto, mas, afinal, ele viaja esta noite. Tenho de voltar para Manhattan.

— Oh não, Willem, que aborrecido — diz Harold, e, nesse momento, entra Jude, e Harold: — O Willem já me disse que vão ter de regressar a Manhattan agora de manhã.

— Podes ficar — diz Willem a Jude, mas continua a pôr manteiga na torrada e não olha para ele. — Deixo-te o carro. Mas tenho mesmo de voltar.

— Não — responde Jude, após um breve silêncio. — Também me dá jeito voltar mais cedo.

— Mas que miséria de fim de semana de Dia de Ação de Graças é esta? Jantaram e já vão embora? O que é que eu faço a todo o peru que vai sobrar? — protesta Harold, embora não se aventure demasiado na sua indignação fingida, e Willem sente-o observar um e outro, tentando perceber o que se passa e qual terá sido o problema.

Enquanto espera por Jude, esforça-se por fazer conversa com Julia e tenta ignorar as perguntas a que Harold não chega a dar voz. Sai na dianteira, vincando que será ele a conduzir, e, no momento da despedida, Harold olha-o nos olhos e vai dizer qualquer coisa, mas reconsidera e apenas lhe dá um abraço.

— Guia com cuidado — recomenda.

Willem faz a viagem a ferver de irritação, acelerando repetidamente, e, de cada vez que acontece, dizendo a si mesmo para abrandar. Ainda nem são oito da manhã, é Dia de Ação de Graças e a estrada está vazia. Sentado ao seu lado, Jude voltou o rosto para o vidro para não o encarar. Willem ainda não olhou para ele e não imagina qual será a sua expressão. Não lhe quer ver as olheiras que, disse-lhe Andy no hospital, são um sinal inequívoco de que Jude se anda a cortar bem mais do que o normal. Uma vez e outra, a ira arranca a galope, depois recua. Ocorrem-lhe momentos em que Jude lhe mentiu — não tem feito outra coisa, conclui Willem —, e a fúria é como azeite a ferver. Depois, há os momentos em que Willem recorda as coisas que disse, o seu comportamento e toda a situação, e que aquele a quem ama se magoa daquela maneira, e os remorsos obrigam-no a apertar com força o volante para se manter atento à estrada. Pensa: *Ele tem razão? Estarei mesmo a confundir-lo com o Hemming?* Depois: *Não. Isso são paranoias do Jude, que acha impossível alguém gostar dele. Não é verdade.* Mas a explicação não o reconforta, apenas o faz sentir ainda mais infeliz.

Depois de New Haven, fazem uma pausa na viagem. Normalmente, sempre que por ali passam, Willem começa a contar os seus episódios favoritos de quando ele e JB estavam a concluir os mestrados e dividiam apartamento: a ocasião em que, abraçando a arte interventiva, JB e o Henry Young asiático o obrigaram a ajudá-los a montar uma instalação de carcaças pendentes diante da Faculdade de

Medicina; ou aquela outra ocasião em que JB cortou as rastas e as deixou no lavatório da casa de banho, sendo Willem quem finalmente as pôs no lixo duas semanas depois; ou quando ele e JB dançaram *techno* durante quarenta minutos para um projeto de videoarte de Greig, um amigo de JB. «Conta-me aquela de quando o JB transformou a banheira do Richard num viveiro de girinos», pedia Jude, já a rir. «Conta-me a história de quando andaste com a lésbica.» «Conta-me aquela de o JB invadir a orgia feminista.» Desta vez, porém, nenhum dos dois puxa essa conversa e passam silenciosos por New Haven.

Sai do carro para pôr gasolina e ir à casa de banho.

— Não torno a parar — avisa, falando para Jude, que não se moveu, mas ele limita-se a abanar a cabeça, e Willem fecha a porta com força porque a irritação regressou.

Chegam à Greene Street antes do meio-dia e, sem uma palavra, saem do carro. Silenciosos, entram no elevador, depois no apartamento. Willem leva o saco de viagem para o quarto e então ouve Jude ao piano. Reconhece a *Fantasia em Dó maior* de Schumann, uma peça musical sem dúvida vigorosa, para mais, para um intérprete tão abatido e indefeso, pensa com azedume, e percebe que tem de sair do apartamento.

Sem despir o casaco, roda nos calcanhares e regressa à sala de chaves na mão.

— Vou sair — anuncia, mas Jude não para de tocar. — Ouviste? — grita. — Vou sair.

Só então ele o encara e para de tocar.

— Quando voltas? — pergunta, mal erguendo a voz, e Willem sente a determinação fraquejar.

Depois lembra-se de que está furioso.

— Não sei — responde. — Não fiques à minha espera. — Carrega com força no botão do elevador. Uma pausa, depois Jude recomeça a tocar.

Willem sai para a rua. Está tudo fechado e não se vê vivalma no SoHo. Silencioso, continua até à West Side Highway e começa a subi-la. Está de óculos escuros e pôs o lenço de caxemira comprado em Jaipur (cinzento para Jude, azul para si). É tão macio que uma barba de três dias repuxa malhas, mas a sua apenas começou a despontar. Sem noção do tempo, limita-se a caminhar. Mais tarde, não recordará nada daquilo em que foi pensando, ou talvez não tenha pensado em nada. A dada altura, sente fome, e então faz um desvio à direita e compra uma fatia de piza, que come na rua, mal lhe sentindo o sabor, antes de continuar a subir a rodovia. *Este é o meu mundo*, pensa, parando à beira-rio e contemplando a Nova Jérsia na distância. *Este é o meu pequeno mundo, mas estou aqui e sinto-me perdido*. Sente-se prisioneiro, mas como pode desejar mais liberdade, se ocupa um espaço tão circunscrito e nem assim se consegue orientar? Como pode ansiar por mais, se a sua mente afinal mal alcança o que ele julgava compreender?

O final do dia chega bruscamente. De repente, é noite e o vento torna-se mais forte, mas ele continua a andar. Deseja aconchego, comida e estar nalgum lugar onde haja gente a rir, mas não se sente capaz de entrar sozinho num restaurante no Dia de Ação de Graças, menos ainda no estado de espírito em que se encontra:

será reconhecido, mas está sem ânimo para trocar palavras de circunstância e não terá paciência para simpatias, como tais momentos exigem. Os amigos adoram arreliá-lo a respeito da história de se conseguir fazer invisível, como se alguém pudesse decidir quando quer ser visto ou reconhecido, mas o facto é que ele se convenceu realmente de que tinha esse poder, por mais que os factos o desmentissem. Naquele momento, conclui que essa certeza só é mais uma prova do seu talento para se enganar e viver num faz de conta em que o mundo se arrumará de acordo com a sua vontade: Jude ficará curado porque ele quer; compreende perfeitamente Jude apenas porque gosta de pensar que assim é; pode atravessar o SoHo sem ninguém o reconhecer. Mas, na realidade, vive prisioneiro do trabalho, da relação em que está, mas, sobretudo, da sua teimosa ingenuidade.

Por fim, compra uma sanduíche, depois apanha um táxi e desce à Perry Street, onde tem o seu apartamento, a que, hoje em dia, mal pode chamar seu — deixará literalmente de ser dentro de poucas semanas, porque o vendeu a Miguel, o seu amigo espanhol, que passa temporadas cada vez mais longas nos Estados Unidos. Ainda assim, nessa noite, ainda é o seu apartamento, por isso sobe e entra um pouco a medo, como se, depois de tanto tempo sem o visitar, houvesse o perigo de o encontrar em ruínas ou transformado num covil de monstros. Ainda é cedo para dormir, mas despe-se, e ali está a *chaise-longue* de Miguel, de onde ele tira a roupa que Miguel lá deixou, depois vai ao quarto e puxa o cobertor de Miguel da cama de Miguel, e vai estender-se na *chaise-longue*, onde se deixa finalmente vencer pelo desamparo e desnorre que o perseguiram durante todo o dia — tanta coisa aconteceu em apenas um dia! — e chora.

Ouve o telemóvel tocar e levanta-se para o ir buscar, julgando que poderá ser Jude, mas não: é Andy.

— Andy — diz, por entre os soluços —, fiz merda, fiz merda a sério. Fiz uma coisa horrível.

«Willem», responde Andy, tranquilizador, «de certeza que não é tão grave como imaginas. De certeza que estás a ser demasiado duro contigo.»

Por entre hesitações e soluços, explica o que aconteceu, e, quando termina, Andy fica em silêncio.

«Oh, Willem», diz, e suspira. Não parece zangado, apenas triste. «OK. Afinal é tão grave como imaginas.» Por alguma razão, isto fá-lo rir ligeiramente, mas depois sai-lhe um lamento.

— Faço o quê agora? — pergunta, e Andy torna a suspirar.

«Se queres continuar com ele, no teu lugar, ia para casa e conversava», aconselha Andy, medindo as palavras. «Se *não* queres continuar com ele, eu iria para casa e conversava na mesma.» Cala-se momentaneamente. «Lamento, Willem, de verdade.»

— Eu sei — murmura ele. Quando Andy passa às despedidas, interrompe-o.

— Andy — diz —, fala verdade: ele tem uma perturbação mental?

Um longo silêncio, e Andy:

«Não me parece, Willem. Ou melhor: não acho que sofra de alguma descompensação química. A perturbação mental do Jude deve-se exclusivamente a

intervenção humana.» Uma pausa. «Fá-lo falar contigo», aconselha. «Se ele fizer isso, acho que vais... entender que ele seja como é.» De súbito, Willem sente que tem de voltar. Veste-se, corre porta fora, faz sinal a um táxi, entra, torna a sair pouco depois, mete-se no elevador, abre a porta e entra no apartamento, que está silencioso, e é um silêncio desconcertante. À vinda, foi assaltado por uma imagem que lhe pareceu uma premonição: imaginou que Jude estava morto, que se matara, por isso corre pelo apartamento e grita por ele.

— Willem? — ouve, e atravessa o quarto a correr, a cama está intacta, e encontra Jude no quarto de vestir, do lado esquerdo, encolhido no chão, voltado para a parede. Não se detém a pensar no que ele faz ali, apenas se deixa cair junto dele. Não sabe se está autorizado a tocar-lhe, mas abraça-o.

— Desculpa — murmura, de lábios a roçar-lhe a nuca. — Perdoa-me, perdoa-me. O que eu disse não é verdade. Ia ficar aflito se tu te magoasses. *Estou* aflito. — Deixa escapar um longo suspiro. — E não te podia ter agarrado daquela maneira, Jude. Estou muito arrependido.

— Eu também — murmura Jude, e calam-se os dois. — Desculpa o que eu disse. E desculpa ter-te mentido, Willem.

Um longo silêncio.

— Lembras-te daquela vez em que me disseste ter medo de ser má surpresa atrás de má surpresa? — pergunta, e Jude anui ligeiramente. — Não és — diz Willem. — Não és. Mas estar contigo é como descobrir uma paisagem fantástica — explica, falando devagar. — Achamos que é uma floresta, mas, de repente, muda, torna-se um prado, uma selva ou penhascos gelados. E cada um desses cenários é magnífico, mas não deixa de ser um lugar desconhecido, e não há mapa nem percebemos como o terreno mudou de um momento para o outro ou quando será a próxima transição, e não temos o equipamento de que precisamos. Por isso, vamos avançando e tentamos adaptar-nos, mas não sabemos bem o que estamos a fazer, por isso cometemos erros, e são falhas graves. Por vezes, é assim que me sinto ao teu lado.

Ficam silenciosos.

— Ou seja — murmura Jude, por fim —, basicamente, estás a chamar-me Nova Zelândia.

Só passado um breve instante compreende que Jude está a brincar, mas então ri sem parar, meio desvairado de alívio e desgosto, e volta o rosto de Jude para si e beija-o.

— Sim — confirma. — Sim, tu és a Nova Zelândia.

Tornam a ficar silenciosos e sérios, mas pelo menos estão a olhar um para o outro.

— Vais-te embora? — pergunta Jude, tão baixinho que Willem mal o ouve.

Vai responder; hesita. Estranhamente, depois de tudo o que lhe passou e não passou pela cabeça nesse dia e nessa noite, em momento algum pôs a hipótese de terminar a relação, e, naquele momento, pensa nisso.

— Não — diz. Depois: — Não me parece. — Vê Jude fechar os olhos, reabrilos e anuir. — Jude — diz então, e as palavras saem-lhe improvisadas, mas, ao

dizê-las, sabe que está a agir como deve —, acho sinceramente que precisas de ajuda e não é uma ajuda que eu te possa dar. — Uma pausa. — Quero que te internes voluntariamente ou que comeces a ter duas sessões semanais com o Dr. Loehmann. — Observa-o demoradamente. Não imagina o que ele estará a pensar.

— E se eu não fizer nem uma nem outra? — pergunta Jude. — Deixas-me?

Willem abana a cabeça.

— Jude, eu amo-te — diz. — Mas não posso... compactuar com o teu comportamento. Não vou poder ficar e assistir enquanto te magoas desta maneira se sentir que interpretas a minha presença como um consentimento tácito. Por isso, sim, acho que te deixava.

Tornam a ficar silenciosos. Jude volta-se e fica deitado de costas.

— Se eu te contar o que me aconteceu — começa, hesitante —, se ficares a saber todas as coisas de que não sou capaz de falar... Se eu te contar tudo isso, Willem, tenho de ir na mesma?

Willem observa-o e torna a abanar a cabeça.

— Ai, Jude... — murmura. — Sim. Sim, tens de ir na mesma. Mas, ainda assim, espero que me contes. Gostava muito que me contasses. Não importa o que seja. Seja o que for.

Calam-se uma vez mais, e, desta vez, o silêncio traz o sono. Moldados um ao outro, dormem durante muito tempo, até que Willem acorda com a voz de Jude, que lhe está a falar, e ouve o que ele tem para dizer. Levará horas, porque há alturas em que Jude é incapaz de prosseguir, mas Willem aguardará, apertando-o tanto contra si que Jude não conseguirá respirar. Por duas vezes, tentará soltar-se e fugir, mas Willem fá-lo-á continuar ali consigo, imobilizando-o até ele se acalmar. Não chegaram a sair do quarto de vestir, por isso não farão ideia das horas, apenas terão consciência de que mais um dia veio e foi, porque terão visto o sol atapetar o quarto de vestir, vindo do quarto, depois, da casa de banho. Willem ouvirá histórias inimagináveis, abomináveis; por três vezes, pedirá um momento, irá à casa de banho e encarar-se-á no espelho para recordar a si mesmo que apenas lhe compete ser corajoso e escutar, embora queira tapar os ouvidos ou cobrir a boca de Jude com a mão para que não haja mais histórias. Ver-lhe-á a nuca, porque Jude não é capaz de enfrentar o seu olhar, e, na sua imaginação, aquele que julgava conhecer rui-á envolto em nuvens de poeira, enquanto, por perto, equipas de artesãos o tentam reconstruir usando outro material e dando-lhe outra aparência, criando alguém diferente da pessoa que existiu durante todos aqueles anos. Uma após outra após outra, as histórias suceder-se-ão, deixando um rasto imundo, feito de sangue, ossos, sujidade, doença e abjeção. Findo o relato dos anos com o irmão Luke, Willem perguntar-lhe-á, de novo, se gosta de sexo, por pouco que seja, nem que ocasionalmente, e aguardará durante longos minutos, muitos, até Jude admitir que não, que odeia sexo e sempre odiou, e Willem assentirá, arrasado, mas aliviado porque finalmente obteve a verdadeira resposta. Então, perguntar-lhe-á, não sabendo onde foi buscar a pergunta, se ele sente atração por homens, e Jude responderá, depois de um momento de silêncio, que não tem a certeza, que nunca fez sexo senão com homens e supôs que assim seria para sempre. «Não tens

interesse em estar com mulheres?», perguntará Willem, e, sob o seu olhar, depois de mais um longo silêncio, Jude abanará a cabeça. «Não», dirá. «É tarde de mais para mim, Willem», e ele assegurar-lhe-á que não é assim, que apenas têm de procurar ajuda, ao que Jude tornará a abanar a cabeça. «Não», manterá. «Não, Willem, já me chega. Não vou continuar», e ele compreenderá, e será como uma bofetada, a verdade que estas palavras encerram, e não insistirá. Tornarão a dormir e, desta vez, terá sonhos terríveis. Sonhará que é um dos homens num quarto de motel e compreenderá que se comportou como se fosse; acordará de pesadelos e terá de ser Jude a acalmá-lo. Por fim, levantar-se-ão do chão — será sábado à tarde e terão estado deitados no quarto de vestir desde a noite de quinta-feira —, cada um tomará um duche, depois comerão qualquer coisa quente que os fará sentir melhor, e, da cozinha, seguirão para o escritório, onde Willem ouvirá Jude deixar uma mensagem para o Dr. Loehmann, cujo cartão de visita Willem guardou na carteira durante todos aqueles anos e que, qual prestidigitador, lhe mostrou num piscar de olhos, e sairão dali para o quarto, onde se deitarão na cama e se ficarão a olhar nos olhos, temendo respetivamente o pedido e a pergunta que têm para fazer ao outro: Willem quer que Jude termine a história e Jude quer saber quando ele se irá embora, porque, naquela altura, a sua partida afigurar-se-á uma inevitabilidade, simples logística.

Observam-se interminavelmente, até que, aos olhos de Willem, o rosto de Jude deixa de ser um rosto para se tornar uma coleção de cores, planuras e relevos configurados para dar prazer aos outros, porém nada oferecendo ao seu detentor. Willem não sabe o que vai fazer. Sente-se desorientado depois de tudo o que ouviu, agora que compreende quão gigantescamente se equivocou uma vez e outra, depois que foi obrigado a forçar o seu entendimento para lá do imaginável, agora que sabe que cada uma das suas construções mentais, que tudo fez para manter de pé, ruíram sem apelo.

Mas, por enquanto, estão na cama que continua a ser dos dois, no seu quarto, no seu apartamento, e ele estende a mão e segura a de Jude, protegendo-a na sua.

— Já contaste como chegaste ao Montana — ouve-se dizer. — E depois, o que aconteceu?

Raramente recordava a época da fuga para Filadélfia, uma fase em que estivera tão dissociado da sua pessoa que o seu dia a dia lhe parecia um sonho e não a realidade. Durante essas semanas, houve momentos em que abriu os olhos e foi genuinamente incapaz de perceber se o que acabava de acontecer de facto acontecera ou fora fruto da sua imaginação. Esse sonambulismo persistente e inquebrantável revelou-se um talento útil e protegeu-o, mas, tal como o outro talento, o de esquecer, viria a abandoná-lo para não mais regressar.

Deu-se conta dessa espécie de interrupção temporária quando estava na instituição. Havia noites em que era acordado por um dos monitores e seguia-o até ao escritório onde havia sempre outro de serviço, e fazia o que eles quisessem. Quando acabavam, era levado de volta ao seu quarto — um espaço atravancado com um beliche que ele partilhava com um rapaz com deficiência mental, lento, gordo, assustador e propenso a fúrias, que ele sabia que os monitores também

levavam consigo algumas noites —, onde o trancavam novamente. Sabia que os monitores usavam uns quantos, mas, tirando o companheiro de quarto, desconhecia quem eram os outros rapazes, apenas sabia que havia mais. Mantinha-se praticamente mudo durante as sessões, e, ajoelhado, acorçado ou deitado, imaginava um relógio e visualizava o ponteiro dos segundos a rodar impassivelmente, e contava as voltas até terminarem. Nunca se queixou nem implorou. Não propôs tratos, não fez promessas e não chorou. Não tinha energia para nada disso. Ter-lhe-ia faltado convicção. Perdera-a, desaparecera.

Fizera a tentativa de fuga alguns meses depois do fim de semana com os Learys. Tinha aulas no instituto politécnico às segundas, terças, quartas e sextas. No fim, havia sempre um monitor à sua espera no estacionamento, que o levava de volta à instituição. O toque de saída angustiava-o, tal como a viagem de regresso: nunca sabia que monitor encontraria à sua espera e, por vezes, quando chegava ao estacionamento e via quem era, os seus passos tornavam-se hesitantes, mas, à maneira de um íman, como se obedecesse aos iões e não à sua força de vontade, acabava por avançar e entrar no carro.

Até àquela tarde — aconteceu em março, pouco antes de fazer catorze anos — em que dobrou a esquina e viu que, dessa vez, viera Rodger, o mais cruel e exigente dos monitores, e, também, o mais pervertido, e deteve-se. Pela primeira vez em muito tempo, a vontade de resistir manifestou-se, e, em vez de continuar a avançar ao encontro de Rodger, voltou para dentro, e, quando teve a certeza de que ninguém o via, correu.

Não preparara a fuga, não tinha um plano, mas, ao que parecia, escondia um lado rebelde que ficara atento às movimentações à sua volta enquanto o resto da sua mente se enroscara e dormira um sono pesado. Deu por si a correr para o pavilhão de Ciências, que estava em obras; passou debaixo de um oleado azul que, como uma cortina, cobria um lado entretanto aberto do edifício, depois enfiou-se pelo intervalo de pouco menos de meio metro entre a degradada parede interior e a nova fachada de cimento a ser feita. Coube à justa por ali e então chegou-se para o fundo e deitou-se, assegurando-se de que os pés não ficavam visíveis.

Tentou decidir o que faria a seguir. Rodger estava à sua espera e, vendo que ele não aparecia, acabariam por vir à sua procura. Podia ficar ali durante a noite, esperar que tudo se aquietasse e fugir. Não planeou mais adiante, embora tivesse consciência das fracas probabilidades de ser bem-sucedido: não tinha comida nem dinheiro e, sendo apenas cinco da tarde, já fazia muito frio. Cada parte do seu corpo em contacto com o chão — as costas, as pernas, as palmas das mãos — começava a ficar dormente e o frio quase queimava. Por outro lado, depois de meses, tornara a estar alerta, tal como nascera nele uma euforia desaparecida havia anos: estava a tomar uma decisão, mesmo que má, mal engendrada e quase de certeza condenada ao fracasso. De repente, o frio que o queimava deixou de ser sofrimento e tornou-se uma celebração, um fogo de artifício dentro dele, centenas de minúsculas explosões a saborear porque tudo aquilo era o seu corpo a recordar-lhe quem era e algo de que continuava a ser dono: ele mesmo.

Ao fim de duas horas, o cão do guarda-noturno farejou-o, e, ao ser puxado

pelos pés, esfolou as palmas das mãos nos blocos de cimento a que ainda se agarrou. Enregelado, andava aos tropeções e nem conseguiu abrir a porta do carro porque tinha os dedos paralisados. Quando entrou, Rodger voltou-se e deu-lhe um murro na cara, e o sangue quente e espesso que lhe correu do nariz revigorou-o, e, estranhamente, sentiu-lhe o sabor e foi como se o nutrisse, parecia sopa, como se o seu corpo tivesse a milagrosa capacidade de recuperar de tudo e tivesse decidido que se salvaria.

Nessa noite, levaram-no para o celeiro, para onde já o tinham levado noutras ocasiões, e bateram-lhe tão selvaticamente que desmaiou quase de imediato. Teve de ser hospitalizado ainda nessa noite e novamente algumas semanas depois, quando as feridas infetaram. Durante essas semanas, não o procuraram, e, embora tivessem dito ao pessoal hospitalar que ele era um delinquente perturbado, que mentia e só dava problemas, as enfermeiras foram compassivas. Uma delas, a mais velha, trazia-lhe sumo de maçã num copo com uma palhinha e sentava-se à cabeceira da cama para ele beber sem ter de levantar a cabeça (tinha de ficar de lado para lhe limparem e drenarem as feridas).

— Pouco me importa o que fizeste — disse-lhe, certa noite, depois de lhe mudar os pensos. — Ninguém merece uma coisa destas. Ouves, rapazinho?

Então ajude-me, quis ele responder. *Por favor, ajude-me*. Mas não disse isto. A vergonha não o deixou.

Ela tornou a sentar-se à sua cabeceira e sentiu-lhe a testa.

— Vê se te portas bem, sim? — admoestou, mas o seu tom era brando. — Não te quero tornar a ver aqui.

Ajude-me, quis ele dizer uma vez mais, ao vê-la ir-se embora. *Por favor. Por favor*. Mas não foi capaz. Depois disso, não a viu mais.

Anos depois, já adulto, perguntar-se-ia se inventara aquela enfermeira, se teria nascido do seu desespero, um simulacro de bondade, que, à falta de alguém real, teve de servir. De si para consigo, debatia: se ela existisse, se estivesse mesmo ali, teria falado dele a alguém, não? Decerto teria aparecido alguém para o ajudar. As imagens que guardava daquela altura eram turvas e não lhe inspiravam grande confiança, e, com o correr dos anos, viria a compreender que se esforçava continuamente por dar à sua vida, à sua infância, contornos mais aceitáveis, mais normais. Acordava sobressaltado de um sonho que envolvia os monitores e tentava consolar-se dizendo a si mesmo: *Foram só dois a usar-te. Três, no máximo. Os outros não fizeram nada. Nem todos eram cruéis contigo*. Seguiam-se alguns dias em que tentava recordar quantos tinham sido, de facto. Dois? Três? Durante anos, não compreendeu porque dava tanta importância a essas coisas, porque lhe parecia tão imprescindível apurar tudo isso, porque punha constantemente em causa as suas memórias, porque passava tanto tempo a debruçar-se sobre cada pormenor. Até que compreendeu: conseguindo convencer-se de que as coisas não tinham sido tão horríveis como as recordava, convencer-se-ia seguidamente de que não estava tão estragado como temia, sendo, portanto, bem mais saudável do que supunha.

Por fim, teve alta e voltou para a instituição, e, ao ver as costas pela primeira vez no espelho da casa de banho, ficou horrorizado e recuou tão bruscamente que

escorregou e caiu no chão molhado. Nessas primeiras semanas após o espancamento, a pele ainda não cicatrizara completamente e as suas costas pareciam um amontoado de carne tumefacta. Ao almoço, sentava-se sozinho e os rapazes mais velhos humedeciam pedacinhos dos guardanapos para fazer projéteis e festejavam de cada vez que lhe acertavam. Nunca se detivera a pensar na sua aparência. Sabia que era feio. Sabia que estava estragado. Sabia que tinha doenças. Contudo, nunca se sentira grotesco. Até então. Parecia haver uma inevitabilidade no que lhe ia acontecendo, na sua vida: as coisas piorariam de ano para ano, ficaria cada vez mais repugnante, tornar-se-ia cada vez mais sórdido. Ano após ano, perderia progressivamente o direito à humanidade, seria um pouco menos pessoa. Mas deixara de se preocupar; não se podia dar ao luxo de fazer de outra maneira.

Ainda assim, era-lhe difícil viver nesse estado de completa indiferença, e, estranhamente, deu por si incapaz de esquecer a promessa do irmão Luke de que o décimo sexto aniversário marcaria o fim da sua vida de antes e o começo da sua nova vida. Sabia, era perfeitamente claro para ele, que o irmão Luke mentira ao dizer-lhe isso, mas a ideia não lhe saía da cabeça. *Aos dezasseis anos*, dizia para consigo à noite. *Aos dezasseis. Quando fizer dezasseis anos, isto acaba.*

Certa vez, perguntara ao irmão Luke como passariam a viver quando fizesse dezasseis anos.

— Vais tirar um curso — respondeu Luke sem hesitar, e ele ficou eufórico. Perguntou onde seria e Luke nomeou a faculdade onde também estudara (e ele acabou mesmo por estudar lá, mas, nessa altura, procurou o nome do irmão Luke, Edgar Wilmot, e verificou não haver registo de ele alguma vez lá se ter matriculado, o que foi um alívio: não teria isso em comum com o irmão Luke, ainda que estivesse ali porque ele o fizera sonhar assim). — Eu vou para Boston contigo — continuou Luke —, casamos e ficamos a viver num apartamento fora do *campus*. — De vez em quando, o tema era aprofundado: discutiam as cadeiras que ele faria, as que o irmão fizera quando lá estudara e os lugares que visitariam depois que ele terminasse o curso. — Talvez um dia tenhamos um filho — chegou Luke a dizer certa vez, e ele ficou hirto, intuindo, sem ter de o ouvir dos lábios de Luke, que, a esse filho fantasma dos dois, Luke faria o mesmo que lhe fizera a ele, e ainda agora se lembrava de, na altura, ter dito para consigo que isso jamais aconteceria, que não permitiria que essa criança fantasma, esse filho que não existia, viesse a existir; jamais deixaria que outra criança ficasse nas mãos do irmão Luke. Lembrava-se de ter pensado que protegeria esse filho dos dois e, pelo espaço de um breve e horrível momento, desejou não fazer nunca dezasseis anos, adivinhando que, quando isso acontecesse, Luke teria de o substituir, algo que ele não podia deixar que acontecesse.

Mas Luke morrera. A criança fantasma estava a salvo. Já podia fazer dezasseis anos. Podia fazer dezasseis anos e ficar em segurança.

Os meses passaram. As costas sararam. Agora, no fim das aulas, tinha um segurança à sua espera, que o acompanhava ao estacionamento e esperava com ele até que chegasse o monitor que o levaria. Um dia, no final do semestre de outono, o professor de Matemática quis falar-lhe no fim da aula: já pensara em ir para a

faculdade? Ofereceu-se para o ajudar a preparar a candidatura; ele que pensasse nalgum lugar de categoria, apenas tinha de escolher. Ah! Como ele desejava fazer isso. Queria ir para longe dali, queria tirar um curso. Passara a viver dividido entre o esforço para se resignar ao facto de que a sua vida jamais seria senão o que era e a esperança — reduzida, idiota e teimosa que fosse — de que se tornasse outra coisa. Esse equilíbrio entre resignação e esperança mudava de dia para dia, de hora para hora, e, por vezes, ao minuto. Tentava constantemente decidir que atitude ter, se devia aceitar a sua sorte ou lutar para lhe escapar. Naquele momento, encarou o professor, mas, prestes a responder «Sim; sim, ajude-me», algo o deteve. O professor sempre o tratara bem, mas não haveria, nessa sua bondade, algo que o fazia parecer-se com o irmão Luke? E se a ajuda que lhe estava a oferecer tivesse um preço? Debateu o problema consigo e, enquanto isso, o professor aguardava a resposta. *Só mais esta vez*, dizia o seu lado desesperado, aquele que se queria ir embora dali, aquele que contava os dias que faltavam para o seu décimo sexto aniversário, aquele de que o seu outro lado zombava. *É a última. É só mais um cliente. Não é altura para orgulhos.*

Acabou por ignorar essa voz. Depois de tantas desilusões, sentia-se cansado, massacrado, exausto. Abanou a cabeça.

— A faculdade não é para mim — respondeu, rouco, porque a mentira lhe exigiu esforço. — Agradeço a ajuda, mas não preciso.

— Acho que cometes um grande erro, Jude — disse o professor, após um silêncio. — Prometes-me pensar melhor no assunto? — Ao dizer isto, estendeu a mão para lhe afagar o braço, o que o fez recuar em sobressalto. O professor olhou-o de uma maneira estranha e ele saiu dali a correr. O corredor pareceu-lhe turvo; via apenas o bege das paredes.

Nessa noite, levaram-no para o celeiro, que já não funcionava como celeiro, tendo-se tornado antes num armazém para as coisas que usavam nas aulas de carpintaria e mecânica. Os estábulos serviam para guardar carburadores desmontados, partes de carcaças de camiões e cadeiras de baloiço que seriam polidas e que a instituição depois venderia. Estava rodeado de cadeiras de baloiço e, quando as investidas começaram, evadiu-se do seu corpo, e, a flutuar, deixou o compartimento e subiu às traves do telhado do celeiro, onde se deteve a ver a cena lá em baixo: maquinaria e móveis como esculturas de outro mundo; o chão sujo de poeira e palha, lembretes da encarnação original daquele espaço, que a instituição jamais conseguira apagar inteiramente; e as duas pessoas que formavam uma estranha criatura de oito patas, uma, silenciosa, a outra, animada por barulhos, grunhidos e arremetidas. Saiu pela janela circular junto ao teto e sobrevoou o edifício principal da instituição, depois a magnífica extensão verdejante que a mostarda-dos-campos tingia de amarelo no verão, e que agora, em pleno mês de dezembro, continuava a ser bela, mas de outra maneira, porque, recoberta de neve tão recente que ainda ninguém a pisara, se tornara de um branco lunar que refletia a luz. Sobrevoou tudo isso e continuou por paisagens cujas descrições lera, mas que nunca vira — montanhas tão imaculadas que se sentiu limpo apenas de as contemplar, lagos vastos como oceanos —, até que, por fim, estava em Boston, e

desceu às voltas pelo céu até aos edifícios que vestiam a margem do rio num desenho concêntrico pontuado por quadrados verdes; viria para ali e faria uma nova versão da sua pessoa, a sua vida começaria e faria de conta que tudo o que acontecera antes fora a vida de outro ou uma sucessão de erros que jamais seriam discutidos ou examinados.

Quando voltou a si, o monitor continuava em cima dele, mas dormia. Chamava-se Colin, estava frequentemente embriagado e assim tornara a acontecer naquela noite. Sentiu-lhe o bafo quente e fermentado. Estava nu. Por sua vez, Colin não tirara a camisola de lã. Deixou-se ficar debaixo dele durante algum tempo, esmagado sob o seu peso e tratando apenas de respirar enquanto esperava que o monitor acordasse. Nessa altura, seria levado de volta ao quarto e poder-se-ia cortar.

De repente, sem pensar, braços e pernas movendo-se alheios à sua vontade, como se fosse uma marioneta, esgueirou-se de baixo de Colin, rápido e silencioso, vestiu-se à pressa, e, de novo, antes que tivesse tempo de pensar, tirou o casaco acolchoado de Colin do gancho na parede do compartimento e vestiu-o. O monitor era consideravelmente mais encorpado do que ele, não só mais gordo como também mais musculoso, mas eram quase da mesma estatura e o casaco acabava por lhe ficar bem menos largo do que julgara. Agarrou nas calças de ganga que Colin deixara no chão, tirou o dinheiro da carteira — não o contou, mas o maço de notas era fino, portanto, não seria muito —, guardou-o no bolso das suas calças de ganga e saiu dali a correr. Sempre fora bom atleta: era veloz, sabia respirar e conseguia manter um ritmo regular. Vendo-o correr na pista de atletismo do liceu, o irmão Luke dissera-lhe muitas vezes que decerto tinha sangue moicano. Correu para a entrada do celeiro, transpôs as portas abertas à noite silenciosa e cintilante, olhou para um lado e outro, e, vendo que não andava ali ninguém, arrancou em direção ao campo por trás do dormitório da instituição.

A estrada ficava a pouco menos de um quilómetro do dormitório e, se normalmente estaria com dores depois do que acontecera no celeiro, nessa noite não sentiu dor, mas entusiasmo, guiado por um sentido de hipervigilância que parecia ter nascido nele de propósito para aquela noite, para aquela aventura. No perímetro da instituição, ajoelhou-se e passou com cuidado por baixo da vedação, usando as mangas do casaco de Colin para proteger as mãos ao segurar as voltas de arame farpado para se impulsionar para o exterior. A salvo e em liberdade, o seu entusiasmo tornou-se euforia ao correr sem parar para nascente, rumo a Boston, para longe da instituição, do Oeste Americano, de tudo o que conhecia. Sabia que nalgum momento teria de deixar aquela estrada estreita e quase toda de terra batida e seguir pela autoestrada, onde ficaria mais exposto, certo, mas também se tornaria mais anónimo, por isso desceu rapidamente a encosta até ao arvoredor escuro e denso que separava aquela estrada local da interestadual. Era-lhe mais difícil correr nas ervas, mas assim fez, mantendo-se na orla da floresta para, passando um carro, se poder meter pela vegetação e esconder-se atrás de uma árvore.

Em adulto, fisicamente diminuído, e quando, mais do que um adulto

fisicamente diminuído, se tornou, de facto, um inválido, alguém que já não conseguia andar, alguém para quem correr se tornara um ato de magia tão impossível como voar, recordaria essa noite com assombro: como fora lesto, veloz, incansável e sortudo. Perguntar-se-ia durante quanto tempo correria nessa noite — duas horas, pelo menos, senão três —, mas, na altura, nada disso lhe passou pela cabeça, porque a sua única preocupação era distanciar-se quanto conseguisse daquele lugar. Quando o Sol começou a surgir no céu, embrenhou-se no arvoredo, fonte de tantos medos para os mais pequenos da instituição. Era tão cerrado e sem luz que também ele se assustou, quando, em regra, não temia a Natureza. Ainda assim, meteu-se tão para dentro da floresta quanto conseguiu, por não haver outro caminho para alcançar a autoestrada, mas também porque sabia que, quanto mais escondido, menos probabilidades havia de o apanharem. Por fim, escolheu uma árvore grande, das maiores que ali havia, como se a sua dimensão fosse uma garantia, uma promessa de que olharia por ele, de que o protegeria, acomodou-se entre as raízes e dormiu.

Quando acordou, escurecera novamente, mas tanto podia ser o final da tarde como noite alta ou o começo da madrugada. Retomou o caminho por entre as árvores, cantando baixinho para se reconfortar e para anunciar a sua presença ao que pudesse estar à sua espera, para mostrar que não tinha medo, e, quando a floresta o regurgitou do outro lado, continuava a não haver luz, portanto, a noite ia a meio e dormira durante todo o dia, e saber isso fê-lo sentir-se mais forte e com mais energia. *Dormir é mais importante do que comer*, disse para consigo, resolvido a ignorar a fome, e depois, falando para as pernas: *Mexam-se*. Recomeçou a correr e subiu a encosta até à interestadual.

Na floresta, capacitara-se de que tinha uma única maneira de chegar a Boston, por isso parou na berma da estrada, e, quando o primeiro camião parou e ele subiu, soube o que teria de fazer quando parassem, e fez. E outra vez, outra e outra. Alguns camionistas davam-lhe dinheiro ou compravam-lhe comida, outros, não. Todos eles tinham um espaço confortável no atrelado e era lá que se deitavam, e, por vezes, depois dessa parte, ainda lhe davam boleia durante mais alguns quilómetros, e ele dormia enquanto o mundo deslizava por baixo de si em perpétuo terramoto. Nas bombas de gasolina, comprava coisas para comer e esperava que o próximo o escolhesse. Havia sempre o próximo e subia para mais um camião.

— Vais para onde? — perguntavam-lhe.

— Boston — respondia. — Tenho lá um tio.

Por vezes, envergonhava-se tanto do que estava a fazer que tinha vontade de vomitar. Sabia que jamais poderia dizer a si mesmo que fora obrigado. Estava a fazer sexo com aqueles homens de livre vontade, não lhes negava nada e mostrava-se entusiástico e experiente. Noutras alturas, a sua análise era fria: estava a fazer o que tinha de fazer. Não havia escolha. Aquele era o seu talento, o seu talento incomparável, e estava a usá-lo para ficar em melhor situação. Estava a usar-se para se salvar.

Alguns queriam-no durante mais tempo e arranjavam um quarto num motel, e

ele imaginava o irmão Luke na casa de banho, pronto a defendê-lo. Alguns queriam conversar — «Tenho um rapaz da tua idade», diziam, ou «Tenho uma rapariga da tua idade» — e, deitado, ele ouvia-os. Alguns viam televisão até estarem prontos para repetir. Alguns eram cruéis; assustavam-no e ele convencia-se de que ia morrer ou acabar tão maltratado que não conseguiria sequer andar, e, nesses momentos, ficava aterrorizado, e, no seu desespero, queria o irmão Luke, queria o mosteiro, queria a enfermeira bondosa. Mas, o mais das vezes, não havia crueldade ou bondade. Eram clientes e ele prestava um serviço.

Anos mais tarde, sentindo-se capaz de revisitar essas semanas com alguma objetividade, ficaria pasmado com a sua estupidez, com a sua falta de perspetiva: porque não virara costas a tudo aquilo? Porque não usara o dinheiro que entretanto juntara para comprar um bilhete de autocarro? Tentaria repetidamente calcular quanto dinheiro ganhara: sabia que não fora uma fortuna, mas decerto teria chegado para comprar um bilhete para algum lado, para um lugar *qualquer*, mesmo que não fosse Boston. Porém, na altura simplesmente não lhe ocorreu. Foi como se tivesse aplicado todas as suas reservas de engenho e coragem na fuga da instituição, e, já por sua conta, tivesse simplesmente deixado que a sua vida lhe fosse ditada por outros, por uma sucessão de homens, como lhe fora ensinado. Mudou muita coisa em si mesmo ao fazer-se adulto e a ideia de que podia ser ele a criar pelo menos uma parte do seu futuro foi a lição mais difícil de aprender, mas também a mais compensadora.

Lembrava-se de um homem tão malcheiroso, obeso e transpirado que esteve à beira de mudar de ideias, mas, se o sexo foi medonho, a seguir, o homem mostrou-se atencioso: comprou-lhe uma sanduíche e um refrigerante, depois quis saber mais sobre ele e escutou com atenção as suas respostas inventadas. Passou duas noites com esse cliente, que gostava de ouvir *bluegrass* e ia cantando em dueto com o rádio enquanto conduzia. Tinha uma voz bonita, grave e límpida. Começou a ensinar-lhe as letras e, quando ele deu por si, estavam a cantar a dois e a viagem tornara-se agradável.

— Ena, que voz tão bonita, Joey — elogiou o homem, e ele (que fraco, que ridículo!) deixou-se acalantar pelo elogio, engoliu sofregamente aquela migalha de afeto como um rato faria com um pedaço de pão bolorento. No segundo dia, o homem propôs-lhe ficar consigo; estavam no Ohio e infelizmente não continuaria na direção da Costa Leste, explicou, antes iria para sul, mas, se ele o quisesse acompanhar, ficaria encantado e trataria de que nada lhe faltasse. Quando ele recusou, o homem assentiu, como se já esperasse aquela resposta, pôs-lhe na mão um maço de notas e beijou-o. Nenhum outro fizera isso.

— Boa sorte, Joey — disse, e, depois de o homem se ir embora, ele contou o dinheiro, que era bem mais do que esperara. Na verdade, era mais do que ganhara em dez dias. Quando o seguinte quis brutalidade e foi violento e o magoou, ele arrependeu-se de não ter aceitado o convite. De repente, Boston parecia não ter importância e apenas desejava afeto, alguém que o protegesse e o tratasse bem. Lamentou cada má escolha que fizera e a sua incapacidade de valorizar quem o tratava bem. Tornou a pensar no irmão Luke, que nunca lhe batera nem gritara

com ele ou lhe chamara nomes.

Algures pelo caminho, veio a doença, que ele não sabia se apanhara na estrada ou na instituição. Obrigava os clientes a usar preservativo, mas alguns diziam que sim e depois não punham, e ele debatia-se e gritava, mas, no fim, nada podia contra eles. Já estivera naquela situação e sabia que tinha de ser visto por um médico. Cheirava pessimamente e a dor quase não o deixava andar. Perto de Filadélfia, decidiu descansar uns dias. Era forçoso que assim fizesse. Abriu um pequeno rasgão numa manga do casaco de Colin, enrolou as notas e enfiou-as por ali, depois fechou o rasgão com um alfinete de ama que levava de um quarto de motel. Desceu do camião, o último, embora na altura desconhecesse que assim seria. Naquele momento, apenas pensou: *Só falta um. Mais um camionista e chego a Boston*. Detestou ter de parar estando tão perto do objetivo, mas sabia que precisava de ajuda; adiará quanto pudera.

O camionista não quis entrar na cidade e deixou-o numa bomba de gasolina na periferia de Filadélfia. Devagar, lá chegou à casa de banho, onde se tentou lavar. A doença levava-lhe as forças e estava com febre. A sua última recordação desse dia (no final de janeiro, calcula; continuava a fazer frio e soprava um vento húmido que o açoitava e magoava até aos ossos) é ter continuado até ao fundo da bomba de gasolina, onde havia uma pequena árvore solitária, despida e desamada, debaixo da qual se sentou, usando o casaco de Colin, agora imundo, como almofada ao encostar-se àquele lamentável tronco raquítico. Fechou os olhos, na esperança de que, dormindo um pouco, recuperaria pelo menos parte das forças.

Quando acordou, percebeu que estava no banco traseiro de um carro em andamento. Iam a ouvir Schubert e deixou-se reconfortar por isso, sempre era alguma coisa conhecida e familiar quando tudo o mais era incerto: ia num carro que não conhecia, guiado por um desconhecido que ele ainda nem vira porque não tinha forças para se sentar, não reconhecia a paisagem que ia vendo pela janela e desconhecia para onde iam. Tornou a acordar num espaço interior: uma sala. Olhou em volta. Estava deitado num sofá; à sua frente, uma mesa de centro; duas poltronas; uma lareira de pedra. Tudo em tons de castanho. Ergueu-se, pouco firme, mas sentindo-se melhor, e só então viu o homem que o observava do limiar da porta. Um pouco mais baixo do que ele, era magro, mas tinha um estômago dilatado e descaído e umas coxas volumosas — férteis, poder-se-ia dizer. Usava uns óculos de armação preta cujos aros seguravam as lentes apenas em cima e, não tendo cabelo no cocuruto, o restante, muito curto e de aspeto macio, parecia uma tira de *vison* em volta da sua cabeça.

— Vem comer qualquer coisa — disse-lhe, numa voz suave e sem entoação discernível, e ele assim fez, seguindo-o devagar até uma cozinha onde, excluindo paredes e chão, tudo o mais (mesa, armários, cadeiras) era também castanho. Sentou-se numa ponta da mesa e o homem pôs-lhe à frente um prato com um hambúrguer e batatas fritas num invólucro de cartão, depois trouxe-lhe um copo de leite. — É raro comprar *fast-food* — disse, olhando-o demoradamente.

Não soube o que responder.

— Obrigado — agradeceu, e o homem anuiu.

— Come — disse-lhe, e ele assim fez, observado por aquele desconhecido, que se fora sentar à cabeceira da mesa. Normalmente, isso tê-lo-ia deixado desconfortável, mas, desta vez, estava tão esfomeado que não ligou.

Quando terminou, recostou-se e tornou a agradecer, ao que o homem tornou a assentir, e ficaram em silêncio.

— És um prostituto — disse o homem, fazendo-o corar e baixar os olhos para o lustroso tampo castanho da mesa.

— Sim — admitiu.

O homem reagiu com um som indefinido, como que uma fungadela.

— Há quanto tempo és prostituto? — perguntou, mas ele não teve coragem de responder e ficou calado. — Então? — insistiu o homem. — Dois anos? Cinco? Dez? Desde que nasceste? — Parecia impaciente ou perto disso, mas manteve um tom brando, não gritou.

— Cinco anos — respondeu ele, e o homem deixou escapar outra vez aquele som.

— Tens uma doença venérea — declarou. — Cheiro-a em ti. — Aquelas palavras fizeram-no estremecer. Baixou a cabeça e fez que sim.

O homem suspirou.

— Bem — atalhou —, estás com sorte, porque eu sou médico, e, por acaso, tenho antibióticos cá em casa. — Ergueu-se e, com passos que mal se ouviam, foi até um armário e regressou com um frasco laranja, de onde tirou um comprimido. — Engole isto — ordenou, e ele obedeceu. — Termina o leite — disse-lhe, e ele assim fez, e então o homem deixou a cozinha e ele aguardou o seu regresso. — Então? — chamou o homem. — Vem comigo.

Com passos algo desengonçados, seguiu o homem até uma porta do outro lado da sala de estar. O homem destrancou-a, abriu-a e aguardou que ele entrasse. Vendo-o hesitar, estalou a língua, impaciente.

— Anda, vá — apressou-o. — É um quarto. — Exausto, ele fechou os olhos durante um instante, preparando-se para o que aí vinha. Os mais discretos eram sempre cruéis.

Avançando, viu que se tratava de uma cave. Os degraus de madeira eram tão íngremes que quase parecia que ia descer por uma escada de mão. Desconfiado, hesitou novamente, e, deixando escapar outro daqueles seus estranhos sons de inseto, o homem empurrou-o — sem força, apenas um impulso na base das costas — e ele desceu pesadamente os degraus.

Esperara uma masmorra de paredes húmidas, manchadas e viscosas, mas não: era um quarto, de facto, com um colchão com lençóis e um cobertor, um tapete redondo azul, e, arrumadas contra a parede do lado esquerdo, estantes de madeira crua — como os degraus que acabava de descer — cheias de livros. A luz era agressiva, tinha o brilho insistente que ele associava a hospitais e esquadras. Na parede do fundo, junto do teto, havia uma janela que não seria maior do que um dicionário.

— Deixei-te roupa — disse o homem, e ali estava, no colchão: uma *T-shirt* e umas calças de fato de treino impecavelmente dobradas. Ao lado, uma toalha e

uma escova de dentes. — A casa de banho é ali — indicou-lhe, apontando o canto afastado do lado direito.

Rodou nos calcanhares.

— Espere — chamou ele. Na escada, o homem parou e voltou-se, e, sob o seu olhar, ele começou a desabotoar a camisa. Deu-se uma mudança perceptível na expressão do homem, que recomeçou a subir.

— Estás doente — disse, ao fim de dois ou três degraus. — Só quando estiveres curado. — Deixou a cave e fechou a porta.

Dormiu toda a noite, por falta de mais que fazer, mas também porque estava exausto. De manhã, acordou e cheirou-lhe a comida. Gemeu de dor ao levantar-se e subiu a escada com passos arrastados. No patamar, num tabuleiro de plástico, estava um prato com ovos escalfados e duas fatias de *bacon*, um pãozinho, um copo de leite, uma banana e outro comprimido branco. Sentia-se tão bambo que receou deixar cair o tabuleiro na escada, por isso sentou-se num degrau de madeira crua e comeu ali, sem esquecer o comprimido. Descansou um momento, depois ergueu-se para levar o tabuleiro para a cozinha, mas a maçaneta não rodou, porque a porta estava trancada. Tinha uma abertura quadrada em baixo, para o gato passar, calculou, embora não tivesse visto um gato. Empurrou a cortina de borracha e espreitou.

— Está aí? — chamou. Deu-se conta de que não sabia o nome do homem, mas tão-pouco era inédito. Os clientes não lhe diziam como se chamavam. — Senhor? Está aí? — Não houve resposta e, pelo silêncio que pairava, percebeu que estava sozinho.

Deveria ter ficado em pânico ou, pelo menos, com medo, mas apenas sentiu um cansaço avassalador. Deixando o tabuleiro no cimo da escada, desceu devagar e deitou-se para continuar a dormir.

Dormitou durante todo o dia e, quando acordou, o homem estava parado junto do colchão, a olhá-lo fixamente, o que o fez sentar-se em sobressalto.

— São horas de jantar — disse o homem, e ele seguiu-o escada acima, ainda vestido com a roupa emprestada (que lhe ficava larga na cintura, embora as mangas e as pernas das calças fossem curtas), porque, ao olhar em volta do quarto, não vira a sua roupa. *O dinheiro*, pensou, mas estava tão aturdido que não conseguiu pensar para lá disso.

De regresso à cozinha onde tudo era castanho, tornou a sentar-se à mesa e o homem trouxe-lhe o comprimido, depois um prato com rolo de carne regado com um molho escuro, puré de batata e brócolos. Também fizera um prato para si e começaram a comer em silêncio. Em regra, o silêncio não o incomodava — pelo contrário, era bem-vindo —, mas o silêncio daquele homem era como um recolhimento, lembrava-lhe um gato, que, sem fazer um som, observa, observa e nada mais, tão atento e vigilante que não fazemos ideia do que está a ver, até que, de repente, salta e aprisiona uma pequena criatura sob a pata.

— É médico de quê? — perguntou, a medo, e o homem fitou-o.

— Sou psiquiatra — respondeu. — Sabes o que isso quer dizer?

— Sim — respondeu ele.

O homem tornou a fazer aquele som.

— Gostas de ser prostituto? — perguntou-lhe, e, sem que ele soubesse porquê, vieram-lhe lágrimas aos olhos, mas pestanejou e os olhos tornaram a ficar enxutos.

— Não — respondeu.

— Então porque te prostituís? — Ele abanou a cabeça. — Fala — ordenou o homem.

— Não sei — respondeu ele, e o homem bufou de irritação. — É o que sei fazer — acabou por acrescentar.

— Tens jeito? — perguntou o homem e, tornando a sentir as faces esquentar, ele ficou silencioso durante longos segundos.

— Sim — respondeu, e jamais lhe custara tanto dizer uma palavra, porque não poderia confessar maior indignidade.

Terminada a refeição, o homem tornou a acompanhá-lo até à porta da cave e tornou a dar-lhe um ligeiro empurrão para o fazer avançar.

— Espere — disse ele, antes de a porta se fechar. — Chamo-me Joey. — E, na ausência de resposta, vendo que o homem apenas o olhava fixamente: — E o senhor?

O olhar fixo mantinha-se, mas pareceu-lhe ver o começo de um sorriso, ou, pelo menos uma expressão que começava a ser esboçada, mas que acabou por não surgir.

— Sou o Dr. Traylor — respondeu o homem, e fechou sumariamente a porta, como se aquela informação fosse um pássaro que fugiria a menos que ele se apressasse a fechá-lo também naquela cave.

No dia seguinte, não estava tão dorido ou febril. Porém, ao levantar-se da cama, percebeu que continuava fraco. Sentindo-se vacilar, esbracejou no vazio e acabou por se firmar. Avançou até às estantes e passou os olhos pelos livros, edições de capa mole um tanto bafientas que a humidade fizera inchar e o calor deformara. Viu um exemplar de *Ema*, o livro que estavam a dar a Literatura Inglesa no politécnico quando ele fugira. Levando-o consigo, subiu a escada, sentou-se no patamar, encontrou a página onde ficara e leu enquanto tomava o pequeno-almoço, sem esquecer o comprimido. Desta vez, o Dr. Traylor trouxera-lhe uma sanduíche embrulhada num quadrado de rolo de cozinha, com a palavra «almoço» escrita em letras miudinhas. Depois de comer, desceu, levando o livro e a sanduíche, e estendeu-se na cama. Só agora se dava conta das saudades que tivera da leitura, que lhe permitia abstrair-se da sua vida.

Adormeceu; acordou. Ao cair da noite, sentia-se muito cansado e a dor regressara, embora menos intensa. Quando o Dr. Traylor lhe abriu a porta, demorou muito tempo a subir a escada. Nem um nem outro disseram uma palavra durante o jantar, mas, no fim, quando se ofereceu para lavar a louça ou cozinhar, o Dr. Traylor olhou-o demoradamente.

— Tu estás doente — declarou.

— Estou melhor — respondeu ele. — Posso ajudar na cozinha.

— Não percebeste — replicou o Dr. Traylor. — Quis dizer que tens uma doença. Não quero uma pessoa doente a mexer na comida. — Humilhado, ele

baixou os olhos. Um silêncio. — Os teus pais, que é deles? — perguntou o Dr. Traylor, e, uma vez mais, ele apenas abanou a cabeça. — *Fala* — ordenou o Dr. Traylor, agora, sim, impaciente, mas ainda sem levantar a voz.

— Não sei — gaguejou ele. — Nunca os conheci.

— Como te tornaste prostituto? — perguntou o Dr. Traylor. — Começaste sozinho ou alguém te ajudou?

Ele engoliu em seco. A comida parecia-lhe lama no estômago.

— Ajudaram-me — murmurou.

Um silêncio.

— Não gostas quando te chamo prostituto — afirmou o Dr. Traylor, e, desta vez, ele conseguiu levantar a cabeça e encará-lo.

— Não — confirmou.

— Compreendo — disse o Dr. Traylor. — Mas *és*, não concordas? Posso chamar-te outra coisa, se preferires. Puta, por exemplo. — Uma pausa. — Gostas mais?

— Não — tornou a murmurar.

— Nesse caso, fica prostituto, estamos de acordo? — concluiu o Dr. Traylor, fitando-o até ele finalmente fazer que sim.

Nessa noite, no quarto, procurou alguma coisa com que se cortar, mas não havia nada suficientemente aguçado, nada de nada. Nem com papel se podia cortar: as páginas dos livros estavam amolecidas e as arestas, rombas. Sem alternativa, fincou as unhas nas barrigas das pernas com toda a força de que foi capaz, curvado e franzindo-se de esforço e desconforto, até que finalmente conseguiu abrir um golpe, que depois rasgou com a unha. Não foi além da terceira incisão na perna direita, porque estava tão cansado que tornou a adormecer.

Na terceira manhã, as melhorias foram marcadas: sentia-se mais forte e alerta. Tomou o pequeno-almoço e leu, depois afastou o tabuleiro, enfiou a cabeça pela cortina de borracha e tentou que os ombros passassem pela abertura na porta. Experimentou pôr-se em mais do que uma posição, mas era grande de mais e a abertura, demasiado estreita, e acabou por desistir.

Depois de descansar, tornou a espreitar pela abertura. Tinha uma vista desimpedida da sala, do lado esquerdo, e da cozinha, do direito, e demorou-se a procurar pistas. A casa estava imaculadamente limpa e arrumada, o que lhe disse que o Dr. Traylor vivia sozinho. Esticando o pescoço, conseguia ver, do lado esquerdo, ao fundo, uma escada que subia ao primeiro andar, e, logo adiante, a porta da frente, mas não via quantas fechaduras tinha. Acima de tudo, era uma casa silenciosa: não se ouviam relógios nem carros ou pessoas no exterior. Era tão silenciosa que talvez fosse uma casa a flutuar. Apenas ouvia o frigorífico, mas, parando a sua vibração intermitente, o silêncio era absoluto.

Porém, por descaracterizada que a casa fosse, não deixava de o fascinar. Era a terceira casa em que entrava. A segunda fora a dos Learys. A primeira fora de um cliente, um cliente muito importante, explicara-lhe o irmão Luke. Vivia à saída de Salt Lake City e pagara mais para não ir ao motel. Era uma casa enorme, toda de arenito e vidro, e o irmão Luke acompanhou-o e fechou-se na casa de banho — tão

espaçosa como os quartos de motel — contígua ao quarto onde ele e o cliente fizeram sexo. Já adulto, as casas tornar-se-iam um fetiche, a sua, mais do que qualquer outra, porém, antes da Greene Street, da Casa Lanterna ou do apartamento em Londres, regalar-se-ia de poucos em poucos meses com uma revista de casas — uma dessas publicações sobre pessoas que se dedicavam a tornar lugares bonitos ainda mais bonitos —, que folheava devagar, estudando demoradamente cada foto. Os amigos riam-se da sua mania, mas ele não queria saber, e sonhava com o dia em que teria um lugar que fosse seu, com coisas que seriam inteiramente suas.

Nessa noite, o Dr. Traylor tornou a deixá-lo sair, de novo, para a cozinha, repetindo-se a refeição e o silêncio enquanto comiam.

— Já me sinto melhor — arriscou, e, vendo que o Dr. Traylor não dizia nada —, se quiser fazer alguma coisa. — Era suficientemente realista para compreender que não lhe seria permitido deixar aquela casa sem dar ao Dr. Traylor algum tipo de compensação por todo o seu trabalho. Ao mesmo tempo, era suficientemente otimista para acreditar que lhe seria permitido deixar aquela casa.

O Dr. Traylor fez que não.

— Sentes-te melhor, mas a doença não desapareceu — disse. — São precisos dez dias para o antibiótico matar a infeção. — Tirou da boca uma espinha de peixe translúcida de tão fina e pousou-a na borda do prato. — Não me vais querer convencer de que é a primeira vez que apanhas uma doença venérea, pois não? — acrescentou, olhando-o nos olhos e fazendo-o tornar a corar.

Nessa noite, ponderou o que fazer. Estava quase recuperado e em breve conseguiria correr, refletiu. Nessa altura, quando seguisse o Dr. Traylor para irem jantar, logo que o apanhasse de costas, correria para a porta da frente, sairia e procuraria ajuda. Não era o plano perfeito — a sua roupa não lhe fora devolvida e não tinha calçado —, mas sabia que algo de errado se passava com aquela casa e com o Dr. Traylor, por isso tinha de fugir dali.

No dia seguinte, tentou poupar as energias. Sentia-se demasiado agitado para ler e teve de se refrear para não se pôr a andar de cá para lá. Não comeu a sanduíche, antes a guardou no bolso das calças de treino emprestadas, para ter alguma coisa para comer caso tivesse de se esconder durante muito tempo. No outro bolso, guardou o saco de plástico que forrava o balde do lixo na casa de banho — depois que estivesse fora do alcance do Dr. Traylor, usá-lo-ia para tentar improvisar calçado. Esperou.

Mas, nessa noite, o Dr. Traylor não o veio chamar para jantar. Do seu posto de vigia — junto da cortina de borracha — conseguia ver as luzes acesas na sala e cheirava a comida ao lume.

— Dr. Traylor? — chamou. — Está aí? — A resposta foi o silêncio, interrompido pelo crepitar do bife na frigideira e pela televisão ligada nas notícias. — Dr. Traylor! — chamou. — Por favor, por favor! — Nada. Chamou e chamou até à exaustão, depois desceu com passos arrastados.

Nessa noite, sonhou que, no primeiro andar daquela casa, havia vários quartos, cada um com o seu colchão a fazer as vezes de cama e um tapete redondo tufado, e

que em cada colchão estava deitado um rapaz. Alguns eram mais velhos, porque estavam naquela casa havia muito tempo, outros, mais novinhos. Nenhum sabia da existência dos outros, porque não se ouviam. Teve consciência de que desconhecia a dimensão da casa, que, no sonho, se tornou um arranha-céus com centenas de quartos — celas —, cada um, encerrando um rapaz, cada um à espera de que o Dr. Traylor o fosse buscar. Acordou aflito e correu escada acima, mas, quando quis espreitar pela abertura, a cortina de borracha não se moveu. Puxou-a e viu que o recorte na porta fora fechado com um pedaço de plástico cinzento, que, por mais que o empurrasse, não saiu do sítio.

Não sabia o que fazer. Tentou ficar acordado durante a noite, mas adormeceu, e, quando acordou, ali estava o tabuleiro, com o pequeno-almoço, o almoço e dois comprimidos, um para tomar de manhã, o outro, à noite. Segurou os comprimidos nos dedos e examinou-os. Se não os tomasse, não melhoraria, e o Dr. Traylor não lhe queria tocar até que ele estivesse curado. E, não os tomando, não se curava, e sabia, porque já passara por isso, que se sentiria horrível e que ficaria imundo para lá do imaginável, como se todo o seu ser, por dentro e por fora, tivesse sido regado com excrementos. Começou a embalar-se. *O que é que eu faço?*, ia perguntando. *O que é que eu faço?* Lembrou-se do camionista gordo, aquele que o tratara bem. *Ajuda-me*, pediu-lhe em pensamento. *Ajuda-me*.

Irmão Luke, rogou, ajude-me, ajude-me.

Tornou a pensar: *Tomei a decisão errada. Deixei um lugar onde, pelo menos, podia andar a céu aberto, e tinha as aulas e sabia o que me ia acontecer. Agora não tenho nada disso.*

És tão estúpido, disse a voz na sua cabeça. *És mesmo estúpido.*

Seguiram-se seis dias iguais. Acordava e a comida fora deixada no patamar. Tomava os comprimidos; não podia fazer o contrário.

No décimo dia, a porta abriu-se e ali estava o Dr. Traylor. Apanhado de surpresa, ficou alarmado. Não se preparara. Antes que se pudesse levantar, já o Dr. Traylor fechara a porta e vinha a descer. Trazia um atizador de ferro apoiado no ombro, à maneira de um bastão de basebol, e, ao vê-lo aproximar-se, ele ficou aterrorizado: para que era aquilo? O que lhe ia ser feito?

— Despe-te — ordenou o Dr. Traylor, no tom imperturbável do costume, e ele assim fez, e, quando o Dr. Traylor tirou o atizador do ombro, ele baixou-se instintivamente e protegeu a cabeça com os braços. Ouviu-lhe aquele som viscoso de inseto. Depois, o Dr. Traylor desapertou o cinto e avançou um passo para ele. — Baixa-mas — disse, e ele assim fez, mas, antes que pudesse começar, o Dr. Traylor pressionou-lhe ligeiramente o pescoço com o atizador. — Se tentares alguma coisa — avisou —, morderes-me ou *o que for*, bato-te com isto na cabeça até te tornares um vegetal, entendido? — Petrificado, incapaz de dizer uma palavra, ele fez que sim. — *Fala!* — gritou o Dr. Traylor, sobressaltando-o.

— Sim — disse, engolindo em seco. — Sim, entendo.

Tinha medo do Dr. Traylor, claro; tinha medo de todos eles. Nunca lhe passara pela cabeça lutar com algum cliente, nunca se imaginara a fazer frente a algum. Eram fortes e ele, não. E o irmão Luke soubera treiná-lo na perfeição. Era

demasiado obediente. Era, como o Dr. Traylor o fizera reconhecer, um prostituto talentoso.

A cena repetia-se dia após dia, e, embora o sexo não fosse pior do que fora com os outros, ele não se livrava da certeza de que aquilo era um prelúdio e vinha aí alguma coisa estranha e horrível. O irmão Luke contara-lhe histórias — e mostrara-lhe vídeos — de pessoas a fazer coisas a outras: usavam objetos, utensílios, armas. Ele mesmo passara por isso algumas vezes. Mas sabia que, em vários aspetos, tivera sorte. Fora poupado. Aterrorizava-o bem mais aquilo que talvez lhe fosse acontecer do que o sexo. À noite, ao imaginar coisas que desconhecia sequer como imaginar, o pânico sufocava-o e a transpiração deixava-lhe a roupa — já outra, mas ainda não a sua — agarrada à pele.

No final de uma sessão, pediu ao Dr. Traylor que o deixasse ir embora.

— Por favor — suplicou. — Por favor. — O Dr. Traylor respondeu que ele contara com a sua hospitalidade durante dez dias e que tinha de lho pagar. — E depois, posso ir? — insistiu, mas o Dr. Traylor já estava a fechar a porta.

No sexto dia do pagamento da dívida, pensou num plano. Havia sempre um intervalo de um ou dois segundos, não mais, em que o Dr. Traylor segurava o atizador debaixo do braço esquerdo enquanto, com a mão direita, desapertava o cinto. Calculando os movimentos com precisão, podia bater-lhe com um livro na cara e tentar fugir. Uma coisa era certa: teria de ser muito rápido e muito ágil.

Examinando as prateleiras, tornou a lamentar que tudo aquilo fossem balofas edições baratas e nem um livro fosse de capa dura. Porém, um dos mais pequenos resultaria como uma bofetada e seria fácil de usar. Decidiu-se por *Gente de Dublin*, que era suficientemente fino, o que lhe permitiria segurá-lo com firmeza e acertar em cheio e com força na cara do Dr. Traylor. Escondeu-o debaixo do colchão, mas depois ocorreu-lhe que nem sequer tinha de ter esse cuidado; podia deixá-lo à vista. Assim fez, e esperou.

E lá veio o Dr. Traylor com o atizador, e, quando começou a desapertar o cinto, ele ergueu-se de repente e bateu-lhe com toda a força na cara. Ouviu-lhe o grito e o som metálico do atizador a cair ao chão de cimento e sentiu a mão do Dr. Traylor agarrar-lhe o tornozelo, mas escoiceou e libertou-se. Subiu a escada aos tropeções, abriu a porta e correu. Na porta da frente, viu as múltiplas fechaduras e quase chorou de desespero, mas, com dedos frenéticos, foi descobrindo como se abria cada uma, e pronto, estava na rua, e correu, correu mais depressa do que alguma vez correra. *Tu consegues, tu consegues*, gritava a voz na sua cabeça, por uma vez encorajadora, e depois, mais urgente: *Acelera, acelera, acelera*. Conforme fora melhorando, o Dr. Traylor começara a trazer-lhe refeições cada vez mais escassas, o que o fazia sentir-se permanentemente cansado e sem forças, mas, de repente, sentia-se acordado e enérgico, e gritou por socorro enquanto corria. Mas corria e gritava por ajuda e via que ninguém ouviria o seu chamamento: não se avistavam casas em volta e ele julgara que haveria árvores, mas não, havia apenas aridez que não oferecia esconderijos. Deu-se conta do frio e sentiu coisas cravarem-se-lhe nas plantas dos pés, mas continuou a correr.

Começou a ouvir passos no seu encalço, passos pesados, acompanhados de um

chocalhar metálico que julgou reconhecer, e soube que era o Dr. Traylor, que não gritou nem o ameaçou. Ao olhar por cima do ombro para ver se o seu perseguidor vinha perto — vinha pertíssimo, a poucos metros —, tropeçou, caiu e bateu com a cara no asfalto.

Nesse instante, toda a sua energia o abandonou, como um bando de pássaros que se assusta e foge em alvoroço, e então viu que o chocalhar metálico era o cinto desapertado do Dr. Traylor, que já o estava a tirar para lhe bater, e encolheu-se ao ser atingido uma vez, outra e outra. Durante tudo isto, não lhe ouviu uma palavra, apenas a respiração, o seu arquejar ao atingi-lo com golpes de cinto cada vez mais violentos nas costas, nas pernas e no pescoço.

De regresso à cave, a tarefa continuou, e repetiu-se noutros dias, que se tornaram semanas. Não era espancado regularmente — nunca sabia quando seria a próxima vez —, mas, desnutrido como estava, as tarefas esporádicas eram suficientes para o manter permanentemente fraco e desorientado, e acreditou que jamais voltaria a ter forças para fugir. Tal como temia, também o sexo se tornou pior, e foi obrigado a fazer coisas de que jamais conseguiu falar, fosse com quem fosse, nem mesmo para consigo, e, de novo, não sendo um terror ininterrupto, os momentos terríveis eram suficientes para o fazer viver entorpecido pelo medo e acreditar que morreria na casa do Dr. Traylor. Certa noite, sonhou que era um homem feito, um adulto, mas continuava naquela cave, à espera do Dr. Traylor, e, no sonho, soube que alguma coisa lhe acontecera, que enlouquecera e passara a ser como o seu colega de quarto na instituição, e, quando acordou, rezou e pediu para morrer depressa. Ao dormir durante o dia, sonhava com o irmão Luke, e, ao acordar desses sonhos, vinha a consciência de que Luke sempre o protegera, sempre o tratara bem, sempre fora bondoso com ele. Ao pensar isto, coxeava pela escada acima, parava no patamar, atirava-se pela escada abaixo, depois levantava-se e repetia.

Até que, um dia (Terá sido três meses depois? Quatro? Mais tarde, Ana dir-lhe-ia que, segundo o Dr. Traylor, tinham passado doze semanas desde que o encontrara na bomba de gasolina), o Dr. Traylor lhe disse:

— Cansei-me de ti. És imundo, enojas-me e quero que te vás embora.

Ficou incrédulo. Após alguns segundos, lembrou-se de falar.

— Está bem — disse. — Está bem. Posso ir já.

— Não — disse o Dr. Traylor. — Vais como eu quiser que vás.

Durante vários dias, nada aconteceu, o que o fez concluir que se tratara de mais uma mentira, e foi um alívio não se ter deixado entusiasmar e perceber que começava finalmente a ser capaz de reconhecer uma mentira. O Dr. Traylor passara a trazer-lhe a comida em papel de jornal e, numa das vezes, ele reparou na data. Era o seu aniversário.

— Tenho quinze anos — anunciou, no silêncio do quarto, e, ao ouvir-se dizer aquelas palavras, que só ele sabia quantas esperanças, fantasias e impossibilidades guardavam, julgou que fosse vomitar. Não chorou: a sua capacidade de não chorar era o seu único feito, a única proeza de que se podia orgulhar.

Por fim, chegou a noite em que o Dr. Traylor desceu à cave. Trazia consigo o

atiçador.

— Levanta-te — disse-lhe, e, trôpego, ele subiu a escada. Caiu de joelhos mais do que uma vez, mas levantava-se e retomava a subida, enquanto, nas suas costas, o Dr. Traylor o empurrava com o atiçador. Lá em cima, fê-lo continuar até à porta da frente, que estava encostada, e saíram para o escuro da noite. Continuava a fazer frio e ainda se sentia humidade, mas, por entre o medo, ele percebeu que o tempo estava a mudar. Para si, a vida parara, mas não para o resto do mundo: as estações sucediam-se, indiferentes ao que lhe acontecesse. O ar já tinha o perfume de paisagens verdejantes. Passou por um arbusto despido, do qual subia uma ramada escura em cuja extremidade tinham despontado bubões lilases, e, frenético, ele tentou fotografar mentalmente aquela imagem e guardá-la antes de ser empurrado em diante com o atiçador.

Quando chegaram ao carro, o Dr. Traylor abriu a mala e tornou a incitá-lo com o atiçador, e ele ouviu-se fazer sons que talvez fossem soluços, mas não estava a chorar ao meter-se ali dentro, tão enfraquecido que o Dr. Traylor teve de o ajudar, segurando-lhe uma manga com dois dedos porque não lhe queria tocar.

Arrancaram. A mala do carro estava vazia e era espaçosa, e, sacudido de um lado para o outro, ele ia-se dando conta de curvas e de elevações que ora subiam, ora desciam, depois longas extensões planas, e, ocasionalmente, estradas. O carro guinou à esquerda e ele sentiu a trepidação causada pelo piso irregular, depois pararam.

Durante alguns minutos — três, ele contou-os —, nada aconteceu. Arrebitou as orelhas e ficou à escuta, mas apenas ouvia a sua respiração e o bater do seu coração.

A mala do carro abriu-se, e, segurando-o pela camisa, o Dr. Traylor ajudou-o a sair, depois, usando o atiçador, fê-lo avançar até à dianteira do carro.

— Fica aí — ordenou, e, ali parado a tremer, ele viu o Dr. Traylor voltar para o carro e descer o vidro para poder tirar a cabeça de fora. — Corre — disse-lhe, mas ele continuou ali, imóvel, enregelado, e o Dr. Traylor: — Gostas de correr, não é? Então corre. — Ligou o motor e, por fim, ele acordou e começou a correr.

Estavam num terreno vazio, por ora, apenas uma grande extensão quadrangular de terra; dentro de algumas semanas, teria ervas, mas, por enquanto, nada tinha para lá de gelo fino, que lhe lembrou pratos partidos ao rachar-se sob os seus pés, e calhaus brancos que refulgiam como estrelas. O terreno afundava ligeiramente no meio e do lado direito ficava a estrada. Não conseguiu perceber quão longa era, apenas viu que estava ali e que não passavam carros. Do lado esquerdo, o terreno estava delimitado por uma vedação de arame, mas estava bastante afastada e não conseguiu ver o que havia do outro lado.

Foi correndo, seguido de muito perto pelo carro. Inicialmente, soube-lhe bem estar a correr, a céu aberto e longe daquela casa. O gelo parecia vidro sob os seus pés, o vento fustigava-lhe o rosto e sentia o para-choques dianteiro do carro roçar-lhe as barrigas das pernas, mas tudo isso era melhor do que aquela casa e aquele quarto com paredes de blocos de cimento e uma janela tão pequena que nem se lhe podia chamar tal coisa.

Correu. O Dr. Traylor continuava a segui-lo e, de vez em quando, acelerava, obrigando-o a correr mais depressa. Mas já não conseguia correr como dantes e caía repetidamente. De cada vez que acontecia, o carro abrandava e, pela janela aberta, sem se zangar ou erguer a voz, o Dr. Traylor dizia:

— Levanta-te. Levanta-te e corre. Levanta-te e corre senão voltamos para casa. — E ele forçava-se a ficar de pé e recomeçava a correr.

Correu. Não imaginava que seria a última vez que corria e, anos mais tarde, perguntar-se-ia: *Sabendo isso, teria sido capaz de correr mais depressa?* Era uma pergunta impossível, claro, uma não pergunta, um axioma indemonstrável. Caiu outra vez e outra e, quando caiu pela décima segunda vez, moveu os lábios, tentando dizer qualquer coisa, mas a voz não lhe saiu.

— Levanta-te — ouviu o Dr. Traylor dizer. — Levanta-te. Se tornas a cair, vai ser a última vez. — E ele reergueu-se.

Já não corria, andava, tropeçava e rastejava, tentando distanciar-se do carro, que continuava a vir contra ele, cada vez com mais força. *Faz isto parar*, pediu em pensamento, *faz isto parar*. Lembrou-se (Quem lhe contara isto? Sabia que fora um dos irmãos, mas qual?) da história de um pobre menino, um menino, fora-lhe dito, bem menos sortudo do que ele, que se portou muito bem durante muito tempo (outro aspeto em que ele e o menino eram diferentes), e então, uma noite, rezou a Deus pedindo-Lhe que o levasse. «Estou pronto», disse o menino da história, «estou pronto», e surgiu um assustador anjo de asas douradas e com olhos de fogo, que o envolveu nas suas asas, e o menino desfez-se em cinza e desapareceu, liberto das dores do mundo.

Estou pronto, pensou ele, *estou pronto*, e esperou pelo terrível anjo belo e assustador que o viria salvar.

Tornou a cair e, desta vez, não foi capaz de se reerguer.

— Levanta-te! — ouviu o Dr. Traylor gritar. — Levanta-te! — Foi em vão. Ouviu o motor roncar, viu as luzes dianteiras avançarem, dois raios de fogo, como os olhos do anjo, desviou a cara e esperou, e o carro avançou para ele, depois sobre ele, e estava consumado.

Fim da história. Depois disso, tornou-se adulto. Deitado numa cama de hospital, com Ana ao seu lado, fez promessas a si mesmo. Refletiu sobre os erros que cometera. Nunca soubera escolher em quem confiar; limitara-se a seguir quem tivesse um gesto bondoso para consigo. E decidiu que isso ia mudar. Não mais confiaria nos outros tão rapidamente. Acabara-se o sexo. E acabara-se a esperança de ser salvo.

— Não tornará a ser tão mau — disse-lhe Ana mais do que uma vez no hospital. — Nunca mais vai ser assim tão mau. — E ele percebeu que ela se referia às dores, mas agradou-lhe a ideia de ela estar a falar da vida dele em geral, dizendo-lhe que melhoraria de ano para ano. E tinha razão: as coisas melhoraram. E o irmão Luke também tivera razão, porque, aos dezasseis anos, a sua vida mudou. Um ano depois do Dr. Traylor, estava na faculdade com que sonhara; a cada dia sem sexo, ficava um pouco mais limpo. Ano após ano, a sua vida tornou-se uma improbabilidade crescente. Ano após ano, as bênçãos multiplicaram-se e

intensificaram-se e ele ficava sem palavras perante tudo o que generosamente lhe era oferecido e as pessoas que passavam a fazer parte da sua vida, tão diferentes de todas as que antes conhecera que era como se fossem de outra espécie. Como se podia admitir que o Dr. Traylor e Willem eram a mesma classe de ser? Ou o padre Gabriel e Andy? Ou o irmão Luke e Harold? As características comuns ao primeiro grupo estariam presentes no segundo? Em caso afirmativo, o que levaria o segundo grupo a fazer escolhas diferentes, o que os fizera decidir ser como eram? As coisas não se tinham simplesmente corrigido; dera-se uma reversão — a um grau quase absurdo. Não tinha nada e, de repente, descobriu-se a viver numa abundância quase indigna. Viria a lembrar-se muitas vezes do que Harold escrevera, que a vida compensa as perdas, e alcançaria a verdade dessas palavras, mesmo se, por vezes, lhe pareceria que, no seu caso, mais do que compensar o que lhe tirara, a vida cometera extravagâncias, como se lhe estivesse a suplicar que a perdoasse, como se o quisesse cobrir de riquezas, beleza, maravilhas e tudo do mais ansiado, para ele não lhe guardar rancor e a deixar continuar a levá-lo em diante. Assim, os anos passaram e ele quebrou repetidamente cada promessa que fizera a si mesmo. No fim, *tornou* a seguir quem tinha gestos bondosos para consigo. *Tornou* a confiar. *Tornou* a haver sexo. *Tornou* a ter esperança de ser salvo. E fez bem, não de todas as vezes, claro, mas na maioria. Ignorou o que o passado lhe ensinara e, talvez com mais frequência do que merecia, foi recompensado por isso. Não se arrependeu de nenhuma decisão, nem sequer do sexo, porque, de todas as vezes, fora um ato de esperança e para dar felicidade a alguém que tudo lhe dera.

Certa noite, quando ele e Willem acabavam de se tornar oficialmente um casal, Richard deu um jantar em sua casa, convidando apenas as pessoas de quem eles mais gostavam — JB, Malcolm, o Henry Young preto, o Henry Young asiático, Phaedra, Ali e respetivos namorados, namoradas, maridos e mulheres. Foi uma daquelas noites sem formalidades em que acabaram todos a falar uns por cima dos outros. Quando ele e Richard estavam a tratar da sobremesa, JB — já um tanto embriagado — entrou na cozinha, enlaçou-lhe o pescoço e pregou-lhe um beijo na cara.

— Parabéns, Judy — disse-lhe —, fizeste o pleno. Tens a carreira, o dinheiro, o apartamento e o marido. Como conseguiste uma proeza destas? — Arreganhou um sorriso e ele sorriu-lhe de volta, aliviado por Willem não estar por perto para ouvir o comentário, que decerto o teria irritado, porque o teria considerado mais uma prova da natureza ciumenta de JB, sempre convencido de que todos menos ele tinham ou tinham tido a vida facilitada, e que ele, Jude, era a pessoa mais sortuda do mundo.

Já ele não leu o comentário assim. Sabia que, em parte, JB estava a ser irónico ao felicitá-lo pela sua sorte, sem dúvida desmesurada, mas jamais posta em causa. E, sendo honesto, os ciúmes de JB envaideciam-no, porque, para JB, ele não era um aleijado a quem o Universo resolvera compensar por um começo miserável; JB media-se com ele de igual para igual, olhava-o e via tudo o que ele tinha de mais invejável, nunca o que poderia inspirar pena. E JB tinha razão: como conseguira ele aquela proeza? *Como* acabara com tanto? Jamais saberia. Jamais teria a resposta.

— Sei lá, JB — respondeu. Sorrindo, estendeu-lhe a primeira fatia de bolo, e, na sala, Willem disse qualquer coisa que foi recebida com uma explosão de risos, pura alegria. — Acho que sempre fui sortudo.

A mulher chama-se Claudine e é uma amiga de uma amiga de uma conhecida. É *designer* de joias, de certa maneira, um desvio do padrão, porque, em regra, ele só vai para a cama com gente da indústria, mais habituada e mais tolerante para com tudo o que seja temporário.

Tem 33 anos, longos cabelos escuros que aclaram nas pontas, e umas mãos muito pequenas, mãos de criança, que adorna com anéis da sua autoria, uma profusão de pedras brilhantes que ensombra o ouro; antes do sexo, são a última coisa que tira, como se os anéis e não a roupa interior resguardassem partes íntimas.

Vão para a cama — não estão envolvidos, porque ele não se envolve com ninguém — há quase dois meses, o que, de novo, se desvia do padrão, e ele sabe que, em breve, terá de pôr fim ao arranjo. No começo, avisou-a de que seria apenas sexo, explicou que estava apaixonado por outra pessoa e que não dormiria em casa dela, nem dessa vez nem nunca, e ela pareceu não se importar; disse não haver problema nenhum, porque também estava apaixonada por outra pessoa. Mas ele ainda não deu por indícios de outro homem no apartamento dela, e, sempre que lhe manda uma mensagem, ela está disponível, o que é mais um sinal de aviso: tem de pôr um ponto final naquela história.

Beija-a na testa e senta-se na cama.

— Tenho de ir — diz.

— Não — pede ela. — Fica. Só mais um bocadinho.

— Não posso — diz ele.

— Só mais cinco minutos — insiste ela.

— E nem mais um — acede ele, e torna a deitar-se. Passados cinco minutos, torna a beijá-la, na face. — Agora tenho mesmo de ir — diz, e Claudine responde com um queixume de protesto e resignação, depois volta-se para o outro lado.

Ele vai à casa de banho, toma um duche e bochecha, depois regressa e despede-se com um último beijo.

— Depois mando-te uma mensagem — diz, e sente-se asqueroso: o seu vocabulário parece estar praticamente reduzido a frases feitas. — Obrigado por me teres convidado.

De regresso, não faz barulho ao atravessar o apartamento às escuras. No quarto, despe-se, sai-lhe um queixume exausto ao deitar-se, volta-se e abraça Jude, que acorda e se volta para ele.

— Willem — murmura —, estás aqui. — E ele beija-o para esconder a culpa e a mágoa que sente de cada vez que ouve tamanho alívio e felicidade na voz de Jude.

— Claro que sim — responde. Vem sempre dormir a casa; é uma regra sua. — Desculpa a hora.

Está uma noite quente e húmida, sem uma aragem, mas segura Jude contra si como se para se aquecer e as suas pernas entrelaçam-se. Amanhã porá fim aos encontros com Claudine, diz para consigo.

Não conversaram sobre o assunto, mas ele sabe que Jude sabe que ele vai para a cama com outras pessoas. Tem a sua autorização. Foi depois daquele pavoroso Dia de Ação de Graças, quando, depois de décadas a ocultar-se, Jude se lhe revelou na íntegra, deixando que as nuvens que sempre o tinham toldado se dissipassem quase com violência. Durante dias a fio, Willem não soube o que fazer, tirando correr de volta para a terapia; ligou ao seu psicólogo um dia depois de Jude marcar a primeira sessão com o Dr. Loehmann. De cada vez que olhava para Jude, vinham-lhe à cabeça fragmentos da sua narrativa, e ficava a observá-lo disfarçadamente, perguntando-se como teria ele conseguido transitar daquela outra realidade para a que agora habitava, como se conseguira tornar na pessoa que agora era, quando tudo na sua vida conspirara para que isso não acontecesse. Jude inspirava-lhe uma reverência aflita e horrorizada como talvez merecessem os deuses, mas não os humanos, ou, pelo menos, os humanos que Willem conhecia.

— Eu sei o que sentes, Willem — disse-lhe Andy, durante uma das suas conversas secretas —, mas o Jude não quer que o admires; quer que o vejas como ele é. Quer que lhe digas que a sua vida, por inconcebível que seja, não deixa de ser uma vida. — Calou-se um momento. — Percebes o que eu quero dizer?

— Sim — respondeu ele.

Os primeiros dias depois de lhe conhecer a história foram de atordoamento. Percebia que Jude mal se atrevia a fazer um som estando ele por perto, como se temesse chamar a atenção e com isso lembrar-lhe o que ficara a saber. Uma noite, talvez uma semana depois, ao jantarem em silêncio no apartamento, Jude disse baixinho:

— Já nem consegues olhar para mim.

Willem ergueu o rosto e, vendo-lhe a palidez e o medo, arrastou a cadeira para o seu lado, sentou-se e olhou-o nos olhos.

— Desculpa — murmurou. — Tenho medo de dizer alguma estupidez.

— Willem — respondeu Jude, de novo, mal erguendo a voz —, levando em conta tudo o que me aconteceu, eu diria que, no fim, saí razoavelmente normal, não dirias? — A expectativa amedrontada e a esperança no seu tom não passaram despercebidas a Willem.

— Não — respondeu ele, e Jude estremeceu. — Levando ou não levando em conta o que quiseses, acho-te extraordinário. — Após um ou dois segundos, Jude sorriu.

Nessa noite, debateram o que fazer.

— Lamento, mas não te vais livrar de mim — declarou Willem, e, ao ver o alívio de Jude, detestou-se por ter esperado até ali para deixar claro que não se iria embora. Armou-se de coragem e falaram da parte física: até onde podia ir e tudo o que Jude não queria fazer.

— Fazemos o que tu quiseses, Willem — disse Jude.

— Mas tu não gostas — argumentou ele.

— Mas devo-te isso — respondeu Jude.

— Não — recusou Willem. — Não é uma imposição e não me deves coisa nenhuma. — Calou-se. — Se não te excita, não me excita — acrescentou, mas, para sua vergonha, *continuava* a desejar Jude. Se Jude não queria mais sexo, não haveria mais sexo, mas isso não significava que ele conseguisse matar a vontade de um momento para o outro.

— Mas tu sacrificaste muita coisa para ficar comigo — disse Jude, após um silêncio.

— O quê, por exemplo? — perguntou ele, curioso.

— A normatividade — respondeu Jude. — A aceitação social. Uma vida mais despreocupada. O café, inclusivamente. Não posso somar o sexo a tudo isso.

Conversaram durante muito tempo, até que, por fim, conseguiu persuadir Jude a pôr preto no branco e dizer concretamente de que gostava. (Não era muito.)

— Mas e tu? — afligiu-se Jude.

— Ora, cá me aguento — replicou ele, que afinal não se conhecia de todo.

— Willem — atalhou Jude —, obviamente, deves ir para a cama com quem quiseses. Apenas... — Hesitou. Parecia desconfortável. — Sei que é egoísmo, mas prefiro não saber.

— Não é egoísmo — assegurou ele, e a sua mão procurou Jude, do outro lado da cama. — E eu jamais faria isso.

A conversa acontecera havia oito meses. Entretanto, as coisas tinham melhorado, e nem sequer se tratava da sua antiga versão de melhorias, via Willem, quando se limitara a fingir que estava tudo bem e ignorara indícios e suspeitas inconvenientes que pudessem indicar o contrário. Não; desta vez, houvera progressos reais. Via que Jude estava mais descontraído: mostrava-se mais desinibido e afetuoso e uma e outra deviam-se ao alívio por Willem o ter libertado do que ele entendia serem as suas obrigações. Cortava-se com muito menos frequência. Agora, Willem não precisava de que Harold ou Andy lhe confirmassem que Jude estava melhor; sabia que era verdade. A sua única dificuldade era continuar a desejá-lo e havia alturas em que tinha de dizer a si mesmo para não continuar, que se estava a aproximar do limite do que Jude era capaz de tolerar, e forçava-se a parar. Nesses momentos, enchia-se de revolta, não com Jude ou sequer consigo — o sexo nunca lhe trouxera sentimento de culpa e não se recriminava por lhe continuar a apetecer —, mas com a vida, que conspirara para fazer Jude temer algo que, no seu caso, nunca associara senão a prazer.

Era cuidadoso a escolher com quem ia para a cama. Procurava pessoas (mulheres, na verdade; tinham sido quase sempre mulheres) que intuía ou sabia, porque já tivera a prova, estarem interessadas nele apenas para o sexo, portanto, seriam discretas. Amiúde, mostravam-se confusas e ele entendia que tivessem essa reação. «Mas tu não vives com um homem?», perguntavam, e ele confirmava, explicando que tinham uma relação aberta. «Ou seja, não és mesmo *gay*, é isso?», queriam esclarecer, e ele respondia: «Não é o meu primeiro impulso, não.» As

mulheres mais novas mostravam-se mais à vontade com a ideia: tinham namorado, ou namoravam, com homens que tinham ido para a cama com outros, tal como elas tinham ido para a cama com mulheres. «Ah», murmuravam, e, em regra, a conversa ficava por ali; se tinham mais dúvidas ou preocupações, guardavam-nas para si. Essas mulheres mais novas — atrizes, assistentes de caracterização ou de guarda-roupa — tão-pouco queriam um relacionamento com ele. Muitas vezes, não queriam relacionamentos, ponto final. Ocasionalmente, perguntavam-lhe sobre Jude — como se tinham conhecido, como ele era —, e, ao responder, Willem ficava melancólico e sentia-lhe a falta.

Mantinha-se vigilante: tinha a vida com Jude e tinha esta outra vida e as duas jamais se deviam cruzar. Certa vez, numa coluna social, fora comentada uma situação parecida com a sua, não revelando as identidades dos envolvidos, e Kit reencaminhara-a para ele. Era claramente sobre si e, depois de muito refletir, acabou por decidir que não diria a Jude, que decerto não a iria ler. Não via motivo para o confrontar com uma realidade que, no abstrato, Jude sabia que estava a acontecer.

Mas JB viu a notícia (Willem supunha que outras pessoas que conhecia também a teriam lido, mas JB foi o único que a mencionou) e perguntou-lhe se era verdade.

— Não sabia que vocês tinham uma relação aberta — disse, mais curioso do que acusador.

— Sim, temos — respondeu ele, fazendo como se nada fosse. — Desde o começo.

Claro que o entristecia que a sua vida sexual e a vida familiar tivessem de ser realidades separadas, mas, na sua idade, já aprendera que não havia relações sem decepções ou algo que não se cumpria e tinha de ser procurado noutro lado. O seu amigo Roman, por exemplo, estava casado com uma mulher muito bela que lhe era fiel, mas cuja falta de inteligência era quase lendária: pura e simplesmente não compreendia os filmes em que Roman entrava e quem conversasse com ela dava por si a esforçar-se por recalibrar a velocidade, a complexidade e o conteúdo da conversa, porque não era invulgar ela mostrar-se confusa sendo o tema política, economia, literatura, arte, gastronomia, arquitetura ou o clima. Willem sabia que Roman estava ciente desse défice, em Lisa e na relação.

— Ora — dissera-lhe certa vez, sem que Willem se tivesse manifestado a respeito do assunto —, quando precisar de ter uma boa conversa, posso tê-la com os meus amigos, não é verdade? — Na esfera das suas amizades, Roman fora dos primeiros a casar, e, na altura, a sua escolha de uma parceira para a vida deixara Willem tão fascinado quanto incrédulo, mas agora compreendia: havia sempre alguma coisa que era sacrificada. Restava saber o quê. Sabia que algumas pessoas (JB; o próprio Roman, provavelmente) não punham sequer a hipótese de ser elas a abdicar de expectativas. Ele mesmo já estivera nesse grupo.

Lembrava-se muitas vezes de uma peça que fizera no curso de Teatro, escrita por uma mulher pesada e com um quê de besouro que estava a tirar Dramaturgia. Posteriormente, viria a tornar-se uma bem-sucedida argumentista de filmes de

espionagem, mas, na altura, queria escrever peças sérias sobre casamentos infelizes devedoras de Harold Pinter. Uma delas, *Se Isto Fosse Um Filme*, acompanhava um casal nova-iorquino — ele, professor de Música Clássica, ela, libretista — com problemas no casamento. Já quarentões (na altura, para Willem, os quarenta eram um longínquo reino cinzentão e deprimente, algo de inimaginável que não lhe aconteceria), sofriam de uma absoluta falta de humor e viviam em eterna nostalgia da juventude perdida. Sentiam que, nessa fase, tudo lhes parecera possível e tinham tido todos os sonhos: eram românticos e a vida era um romance. Ele fizera o marido e, ciente havia muito de que a peça era verdadeiramente atroz (incluía falas como, por exemplo, «Ainda não percebeste que isto não é a *Tosca*? Isto é a *vida*!»), ainda assim nunca esquecera o seu monólogo no fim do segundo ato, quando a mulher anunciava que queria pôr fim ao casamento, que não se sentia realizada e estava convencida de que tinha melhor à espera:

Seth: Será que não entendes, Amy? Estás enganada. Um relacionamento não nos dá *tudo*. Dá-nos *algumas* coisas. Queremos o quê do outro? Química sexual, por exemplo, ou que seja bom conversador, ou que nos dê segurança financeira, ou seja intelectualmente compatível, carinhoso ou leal. Pois bem, podemos ter três dessas coisas. É tudo: *três*. Quatro, se formos sortudos. O resto, temos de procurar noutro lado. Só nos filmes encontramos alguém que nos dá tudo isso. Mas isto não é um filme. No mundo real, temos de escolher as três coisas que queremos para o resto da vida, depois procuramo-las numa pessoa. É isso a vida real. Não vês a armadilha? Se continuas a tentar encontrar tudo, vais acabar sem nada.

AMY: (Chora.) Quais escolheste?

SETH: Não sei. (Uma pausa.) Não sei.

Na altura, não acreditara nestas palavras, porque tudo lhe parecia, de facto, possível: tinha 23 anos e estava rodeado de gente jovem, atraente, inteligente e glamorosa. Todos achavam que seriam amigos pelas décadas fora e para sempre. Claro que, na maioria dos casos, isso não se verificara. Conforme se avança em anos, percebe-se que as qualidades valorizadas naqueles com quem se vai para a cama ou com quem se namora não são necessariamente as pretendidas da pessoa com quem se vive ou se mantém um relacionamento, não são as desejadas no dia a dia. Os inteligentes — e sortudos — compreendem e aceitam esse facto. Cada um descobre o que é mais importante para si e procura isso, e aprende a ser realista. Entre eles, as escolhas tinham sido distintas: Roman elegera a beleza, a doçura e a adaptabilidade; Malcolm, julgava Willem, escolhera a segurança, a competência (Sophie era de uma competência intimidante) e a compatibilidade estética. E ele? Escolhera a amizade. As boas conversas. A delicadeza. A inteligência. Na casa dos trinta, detinha-se nos relacionamentos de algumas pessoas e ocorria-lhe a pergunta que fora e continuaria a ser tema de conversa em incontáveis jantares: *O que se passará ali?* Agora, à beira de completar 48 anos, via nos relacionamentos reflexos dos desejos mais intensos, porém inexprimíveis, das partes envolvidas; via as esperanças e inseguranças de cada um materializadas no outro. Observava os casais

— nos restaurantes, na rua, nas festas — e perguntava-se: *Porque estão vocês juntos? O que identificaram como essencial nas vossas vidas? O que falta a cada um que quer que o outro lhe traga?* Para si, presentemente, uma relação bem-sucedida era aquela em que cada um identificara o melhor que o outro tinha para oferecer e escolhera valorizar também isso.

E talvez não fosse coincidência, mas, pela primeira vez, dera por si a duvidar da eficácia da terapia, das suas promessas e premissas. Antes, acreditara que a terapia, não trazendo melhoras extraordinárias, pelo menos, mal não faria. Em jovem, chegara a considerá-la um luxo: durante cinquenta minutos, falava da sua vida praticamente sem interrupções, o que provava que se tornara alguém cuja vida justificava a atenção de um ouvinte indulgente durante todo esse tempo. Entretanto, dera-se conta da sinistra e intolerável pedantice da terapia ao sugerir que as vidas precisavam de ser consertadas, que havia uma norma social e que o paciente devia ser conduzido no sentido de se lhe submeter.

— Parece relutante em falar, Willem — comentou Idriss, o seu psicólogo havia anos, mas ele não respondeu. A terapia e os terapeutas prometiam uma rigorosa ausência de juízos de valor (seria sequer possível ouvir alguém sem se formar algum tipo de juízo de valor?), porém, cada pergunta escondia uma ligeira chamada de atenção, que, delicada, mas inexoravelmente, conduzia o paciente ao reconhecimento de uma falha e à tentativa de resolver um problema que, até então, desconhecia ter. Durante anos a fio, vira amigos anteriormente convencidos de que tinham tido infâncias felizes e pais que, não obstante os erros, os amavam, passar a acreditar, por obra e graça da terapia, que, afinal, nem uma coisa nem outra eram verdade. Willem não queria que o mesmo acontecesse consigo. Não queria ser persuadido de que o seu contentamento afinal não era contentamento e que mentia a si mesmo.

— Sente o quê perante o facto de o Jude rejeitar a possibilidade de sexo? — perguntou-lhe Idriss numa sessão.

— Não sei — respondeu ele. Mas sabia e acabou por dizer. — Preferia que não fosse assim, por ele. Entristece-me que não viva uma das experiências mais especiais que a vida tem para nos oferecer. Por outro lado, acho que ele conquistou o direito de fazer essa escolha. — Fitando-o, o psicólogo não se pronunciou. Na verdade, ele não queria que Idriss tentasse diagnosticar o mal que afligia o seu relacionamento. Não queria que lhe dissessem que o seu relacionamento precisava de ser consertado. Não queria tentar forçar Jude, ou sentir-se obrigado, a fazer algo que nem um nem outro fariam apenas por ser uma regra aceite. Tinham uma relação *sui generis*, mas que ele sentia que funcionava, e não queria que ninguém o convencesse do contrário. Por vezes, perguntava-se se ele e Jude seriam culpados de falta de criatividade ao achar que o sexo tinha de fazer parte da sua relação. Porém, numa primeira fase, não lhe parecera haver outra maneira de expressar sentimentos mais profundos. Chamarem-se simplesmente «amigo» parecia-lhe vago, descaracterizado e insatisfatório. Como podia descrever o lugar de Jude na sua vida usando a mesma palavra que usava para India ou para os dois Henries Young? Assim, tinham escolhido um modelo de relacionamento mais usual, que

não resultara. Por isso, estavam a inventar o seu modelo de relacionamento, que a História não reconhecia oficialmente e que a poesia e a música não imortalizavam, mas que, para eles, era mais verdadeiro e menos impositivo.

Não comentou com Jude o ceticismo crescente que a terapia lhe inspirava porque, em parte, não deixara de acreditar nos seus benefícios no caso de pessoas que, de facto, não estavam bem, e Jude — conseguia finalmente admitir —, de facto, não estava bem. Sabia que ele detestava fazer terapia; nas primeiras sessões, regressava tão calado e ensimesmado que Willem tivera de recordar de si para consigo que, para seu bem, Jude tinha de ir, ainda que obrigado.

Por fim, não aguentou mais tamanha reserva.

— Como vão as coisas com o Dr. Loehmann? — perguntou, cerca de um mês depois de Jude ter começado a terapia.

Ele suspirou.

— Willem — disse —, durante quanto tempo queres que eu vá?

— Não sei — respondeu ele. — Não tinha pensado num prazo.

Jude olhou-o demoradamente.

— Ou seja, a tua ideia é eu fazer terapia até ao fim dos meus dias — concluiu.

— Bem... — Willem hesitou. (De facto, fora esse o seu plano.) — Seria assim tão mau? — Calou-se um instante. — Não gostas do Dr. Loehmann? Podemos arranjar outro terapeuta.

— O problema não é o Dr. Loehmann — explicou Jude. — É o processo em si.

Foi a vez de Willem suspirar.

— Ouve, sei que é difícil para ti. Percebo isso. Mas dispõe-te a ir durante um ano, OK? — pediu. — Um ano. E faz um esforço sincero. Depois, logo vemos. — Jude prometeu que assim faria.

Na primavera, viajou para rodar um filme, e então, numa das suas conversas noturnas ao telemóvel, Jude disse-lhe:

«Willem, para que não haja segredos entre nós, tenho de te contar uma coisa.»

— OK — murmurou ele, segurando mais firmemente o telemóvel. Estava em Londres, a rodar *Henry & Edith*. Fazia de Henry James (faltavam-lhe doze anos e quase trinta quilos para isso, sublinhou Kit, mas os produtores não pareciam muito ralados com a discrepância) e o filme contava o começo da amizade com Edith Wharton. De certa maneira, fora estruturado como uma aventura pela estrada fora e as filmagens decorreriam maioritariamente em França e no sul de Inglaterra. De momento, Willem estava a filmar as últimas cenas.

«Não me orgulho do que vou dizer», ouviu Jude admitir, «mas faltei às quatro últimas sessões com o Dr. Loehmann. Ou melhor: fui, mas não fui.»

— Como assim? — sondou Willem.

«Bem, vou até lá, mas... fico a ler no carro até à hora do fim da sessão», explicou Jude. «Depois, regresso ao escritório.»

Calaram-se os dois, depois deu-lhes um ataque de riso.

— E andas a ler o quê? — perguntou Willem, quando finalmente conseguiu tornar a falar.

«*Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*», respondeu Jude, o que lhes provocou um segundo ataque de riso, tão forte que Willem teve de se sentar.

— Jude... — disse, por fim.

«Eu sei, Willem», interrompeu-o Jude. «Eu sei. Vou recomeçar a ir. Foi uma estupidez. Simplesmente, destas últimas vezes, não tive ânimo nenhum. Nem sei bem porquê.»

Quando desligou, ainda sorria. Em pensamento, ouviu Idriss — *Diga-me, Willem: o que acha do facto de o Jude lhe ter dito que iria e estar a faltar à palavra dada?* —, mas sacudiu a mão, como se a enxotar aquelas palavras. Tanto as mentiras de Jude como as suas mentiras a si mesmo eram, compreendia agora, mecanismos de autodefesa aprendidos na infância, hábitos que tinham ajudado ambos a tornar o mundo mais digerível. Agora, porém, Jude estava a tentar mentir menos e ele estava a tentar aceitar que certas coisas jamais se encaixariam na sua ideia de como a vida devia ser, por mais que desejasse ou fingisse que assim aconteceria. No fundo, tinha consciência de que, para Jude, os resultados da terapia seriam limitados. Sabia que Jude não ia parar de se cortar. Sabia que não o curaria. Amava-o, ele era alguém traumatizado e sê-lo-ia sempre, e a sua responsabilidade não era tratá-lo, mas ajudá-lo a sentir-se melhor. Sabia que não ia conseguir fazer Idriss entender esta sua mudança de atitude. Por vezes, ele mesmo tinha dificuldade em encontrar-lhe um sentido.

Nessa noite, esteve com a segunda diretora de arte. Depois do sexo, continuaram deitados e ele respondeu às perguntas do costume: explicou como conhecera Jude e quem ele era, ou melhor, descreveu a versão de Jude que criara para dar aquela resposta.

— Este apartamento é lindíssimo — elogiou Isabel, e ele olhou-a de fugida, um tanto desconfiado. Nas palavras de JB, o apartamento parecia ter sido violado por um bazar turco, e Willem ouvira o diretor de fotografia elogiar o inexcusável bom gosto de Isabel. — A sério — assegurou ela, ao ver-lhe a expressão. — É muito bonito.

— Obrigado — agradeceu ele. O apartamento era seu e de Jude. Tinham-no comprado havia apenas dois meses, quando se tornara evidente que ambos iam trabalhar com maior frequência em Londres. Ficara ele encarregado de encontrar o imóvel e, uma vez que lhe fora confiada essa responsabilidade, decidira-se por Marylebone, uma zona sossegada onde nada se passava. Escolhera-a não pelo encanto sóbrio ou pela localização, mas por estar a rebentar pelas costuras com médicos. Ao examinar a lista de residentes enquanto esperavam que chegasse a agente imobiliária que lhes ia mostrar o apartamento escolhido por Willem, Jude saíra-se com esta observação: «Vejam só o que temos no rés do chão: o consultório de um cirurgião ortopédico.» Olhando-o de lado, arrebitara uma sobrancelha. «Que coincidência, não?»

«É, não é?», respondera ele, com um sorriso. Mas o tom de brincadeira escondia uma preocupação que não se atreviam a abordar enquanto casal e que, mesmo quando eram apenas amigos, quase nunca fora mencionada: nalgum momento (não sabiam quando, apenas sabiam que era inevitável), Jude pioraria.

Willem não imaginava em que se traduziria isso concretamente, mas, porque era uma das condições do seu novo compromisso com a honestidade, estava a tentar preparar-se — estava a tentar preparar ambos — para um futuro que não podia prever, um futuro em que Jude talvez não conseguisse andar ou estar de pé. Depois de muito procurar, o apartamento no terceiro andar da Harley Street afigurara-se a única solução viável: de todos os que tinha visto, era o único mais ou menos parecido com a Greene Street, um apartamento sem segundo piso, com entradas amplas e corredores espaçosos, quartos de planta quadrada e com área, e casas de banho que podiam ser adaptadas para alguém numa cadeira de rodas. (O consultório de ortopedia no rés do chão fora o argumento definitivo e impossível de ignorar: só podia ser aquele apartamento.) Compraram-no e Willem levou para lá todos os tapetes, candeeiros e cobertores que acumulara na vida de ator e que tinham passado os últimos anos em caixas na cave da Greene Street. O projeto de renovação ficara a cargo de um jovem que integrara a equipa de Malcolm, mas que entretanto regressara a Inglaterra para trabalhar no escritório londrino da Bellcast, e a obra começaria antes do fim da rodagem e do regresso a Nova Iorque.

De cada vez que passava os olhos pelo projeto de renovação da Harley Street, Willem lamentava que a vida real fosse tão difícil, e, por vezes, tão desoladora. Isso mesmo lhe fora recordado da última vez que estivera com Vikram, o arquiteto, e lhe perguntara porque não iam conservar as janelas de madeira originais na cozinha, que davam para um terraço com chão de tijoleira, avistando-se, do outro lado, os telhados da Weymouth Mews.

— Não podemos manter? — perguntou. — São tão bonitas.

— São uma *maravilha* — concordou Vikram —, mas também são muito difíceis de abrir por alguém que esteja sentado. Exigem um bom impulso de pernas. — Aquilo mostrou-lhe que Vikram estivera atento ao ouvir as suas estipulações durante a primeira conversa: devia partir do princípio de que, mais adiante, um dos moradores no apartamento passaria a ter mobilidade reduzida.

— Ah — murmurou, pestanejando repetidamente. — Exato. Obrigado. Agradeço.

— Ora essa, Willem — respondeu Vikram. — Prometi-lhe um apartamento onde os dois se sentirão em casa. — Tinha um tom brando e delicado e Willem não percebeu o que o deixara melancólico, se a amabilidade das palavras de Vikram, se a amabilidade com que as dissera.

De regresso a Nova Iorque, recorda essa conversa. É o final de julho e convenceu Jude a tirar o dia. Estão em Garrison. Há semanas que Jude andava cansado e lhe faltavam as forças de uma maneira que não era habitual, mas, de repente, sentiu-se bem, e, em dias assim — um céu de um azul límpido, um calor seco, os campos em volta da sua casa amarelos como manteiga porque se encheram de mil-em-rama e primaveras, a frescura do empedrado da piscina sob os pés nus, Jude a trautear na cozinha enquanto prepara uma limonada para Julia e Harold, que vieram passar o dia com eles —, Willem tem a fraqueza de reincidir no hábito do faz de conta. Em dias assim, sucumbe a uma espécie de encantamento, a um estado de espírito que o faz acreditar que a sua vida não podia ser melhor,

enquanto, paradoxalmente, sente que tudo terá remédio. Claro que Jude não vai piorar. Claro que haverá solução. Claro que será ele a curá-lo. Sim, é possível. Sim, é provável. Em dias assim, parece-lhe que a noite não virá, e, não vindo a noite, Jude não se cortará e não haverá tristeza ou desânimo.

«Está a imaginar milagres, Willem», dir-lhe-ia Idriss, se soubesse o que lhe vai na cabeça, e Willem tem consciência de que assim é. Por outro lado, já lhe ocorreu, haverá alguma coisa na sua vida — ou na de Jude — que não seja um milagre? Não era o seu destino ficar no Wyoming e trabalhar num rancho, como os pais? E Jude? Não apontava tudo para que acabasse na prisão, num hospital, morto ou pior? Porém, não aconteceu isso a um ou outro. Não será um milagre que alguém com um intelecto basicamente sofrível tenha acabado a ganhar milhões em troca de fingir ser outros? Que a sua vida seja viajar de avião de cidade em cidade e estar diariamente rodeado de pessoas que lhe satisfazem todas as vontades num mundo à parte onde é pago para estar e o tratam qual potentado de uma pequena nação corrupta? E Jude? Não será um milagre ter sido adotado aos trinta anos? Ter encontrado duas pessoas que o amam a ponto de lhe querer chamar seu? Ter sobrevivido, quando ninguém teria sobrevivido? Não será um milagre a amizade, esse encontro que, de alguma maneira, atenua a solidão neste grande mundo solitário? Não serão milagres a sua casa, a beleza e o conforto que os rodeia e a vida que levam? Quem o pode censurar por pedir um último milagre, por não perder uma esperança que desafia a racionalidade, a biologia, o tempo e a História? Quem o pode censurar por acreditar que os dois serão a exceção, que o que aconteceu a outros que sofreram um traumatismo como o de Jude não acontecerá a Jude, que, depois de tantas adversidades que venceu, ele vencerá mais essa, a derradeira?

Está sentado na beira da piscina, à conversa com Harold e Julia, e, do nada, sente o peculiar vazio no estômago que se manifesta ocasionalmente, mesmo quando ele e Jude se encontram no mesmo lugar — está a sentir-lhe a falta e um estranho desejo quase desesperado de o ver. Nunca lho diria, mas essa é a maneira como o associa a Hemming. De vez em quando, é visitado por uma percepção leve como um bater de asas: se todas as pessoas estão de passagem pelo mundo, aquelas a quem ele ama estão mais ainda, foram-lhes emprestadas, apenas isso, e um dia serão exigidas de volta. «Não vás», pedia ele a Hemming, durante os telefonemas, quando o irmão estava a morrer. «Não me deixes, Hemming.» Pedia-lhe isto embora as enfermeiras que, a centenas de quilómetros, seguravam o auscultador junto ao ouvido de Hemming, lhe tivessem dado indicações para dizer precisamente o oposto ao irmão: que podia partir, que ele o deixava ir. Mas Willem nunca lhe conseguiu dizer isso.

Tal como não foi capaz de o dizer a Jude quando, no hospital, os medicamentos o faziam alucinar e o frenesim do seu olhar perdido de cá para lá quase era, para Willem, o mais assustador de tudo. «Deixa-me ir, Willem», rogou-lhe Jude nessa altura. «Deixa-me ir.»

«Não posso, Jude», respondia ele, desesperado. «Não posso fazer isso.»

Abana a cabeça para afastar a recordação.

— Vou ver se ele precisa de ajuda — diz, para Harold e Julia, depois ouve a porta envidraçada correr, os três voltam-se e olham para o alto da ladeira, e ali está Jude, que segura uma bandeja com bebidas. Levantam-se os três para o ir ajudar, mas há um instante, antes de subirem e de Jude começar a descer ao seu encontro, em que os quatro se detêm tal como estão, o que faz Willem pensar num *set* de cinema, onde todas as cenas podem ser repetidas, os erros, corrigidos, as lágrimas, filmadas de novo. Nesse momento, estão os três de um lado do plano e Jude, do outro, mas trocam sorrisos e o mundo parece ser um lugar apenas de encanto.

Andou pela última vez — andar, de facto, sem ter de se manter rente à parede para ir de uma divisão a outra, sem arrastar os pés pelos corredores da Rosen Pritchard, sem demorar uma eternidade a ir do átrio do prédio para a garagem, para finalmente deixar escapar um gemido de alívio ao deixar-se cair no assento do carro — nas férias de Natal. Tinha 46 anos. Estavam no Butão, que, em retrospectiva, lhe pareceu uma escolha inspirada: na última fase da sua vida em que caminhara sem constrangimentos (não o sabendo na altura), tinham visitado um país onde todos andavam a pé. Todos com quem falaram, incluindo Karma, um antigo colega de curso atualmente ministro das Florestas, mediam as distâncias não em quilómetros, mas horas.

— Sem dúvida — confirmou Karma. — Em rapaz, aos fins de semana, o meu pai fazia quatro horas a pé para visitar a tia e outras quatro para regressar a casa. — Ele e Willem ficaram boquiabertos, embora mais tarde, já sozinhos, lhes tenha ocorrido que, se havia lugar no mundo onde uma caminhada de horas talvez passasse depressa e soubesse deliciosamente, era ali, onde os campos eram uma magnífica sucessão de arrebatadoras parábolas arborizadas, encimadas por um céu de um azul límpido e quase diáfano.

Em nenhum momento da viagem esteve inteiramente bem, mas pelo menos conseguia firmar-se nas pernas. Nos meses anteriores, sentira-se mais fraco, mas não sabia dizer qual era exatamente o incómodo, tal como não lhe passava pela cabeça que indiciava complicações bem mais graves. Cansava-se mais depressa e, se antes se sentia dorido, passou a sentir um latejar surdo e incessante que ficava consigo até adormecer e já estava à sua espera quando acordava. Era como comparar um mês de aguaceiros com um mês de chuva ininterrupta, explicou a Andy, não uma chuva torrencial, mas aquela chuva incessante que nos irrita, causa desconforto e deprime. Usou a cadeira de rodas durante todo o mês de outubro, quando jamais tivera de o fazer durante tantos dias consecutivos. Em novembro, embora tenha ido jantar a casa de Harold e Julia no Dia de Ação de Graças, tinha tantas dores que não foi capaz de se sentar à mesa, acabando por passar o serão no quarto. Deitado e tentando permanecer imóvel, apercebia-se vagamente quando Harold, Willem ou Julia vinham ver como ele estava, tal como teve a vaga noção de lhes pedir repetidamente desculpa por lhes estragar o dia, ou dos três a conversar em voz baixa com Laurence e Gillian, depois James e Carey, que ouviu na sala. Willem quis cancelar a viagem, mas ele insistiu para irem e a decisão revelou-se feliz: a beleza das paisagens e o ar puro e o silêncio das montanhas revigoraram-no, e pôde ver Willem rodeado de árvores e cursos de água, onde ele

sempre parecia estar no seu elemento.

As férias foram boas, mas, perto do fim, estava desejoso de regressar. Entre as razões que usara para convencer Willem a não desistir da viagem contava-se a ida do seu amigo Elijah com a família ao Nepal. Elijah era gestor de investimentos de um cliente que ele representava e oferecera boleia no seu avião à ida e no regresso. À vinda, temeu que Elijah estivesse numa disposição conversadora, mas não foi o caso, e, abençoadamente, dormiu durante quase todo o voo, não obstante a dor que lhe queimava os pés e as costas.

No dia após o regresso à Greene Street, não se conseguiu levantar. O seu corpo parecia ter-se tornado um nervo exposto e trilhado nas extremidades. A dor era tão intensa, que imaginou uma gota de água a molhá-lo e todo o seu corpo a crepitar como se estivesse na frigideira. Raramente se sentira tão exausto e aflito que nem se conseguia sentar na cama. Por mais que tenha tentado disfarçar, para não afligir Willem, percebeu que ele estava alarmado e teve de lhe suplicar que não ligasse a Andy.

— Está bem — cedeu Willem, relutante —, mas ligo-lhe amanhã se não estiveres melhor. — Ele concordou com um assentimento e Willem suspirou. — Raios, Jude — resmungou. — Eu *sabia* que não devíamos ter viajado.

No dia seguinte, estava melhor, ou, pelo menos, foi capaz de se levantar da cama. Porém, não conseguia andar; durante todo o dia, teve a sensação de que lhe estavam a apertar grossos parafusos de ferro nas pernas, nos pés e nas costas. Conseguiu sorrir, conversar e simular que circulava um pouco, mas, sempre que Willem deixava aquela divisão ou ficava de costas, sentia a sua expressão trair a fadiga.

A partir dali, passou a ser assim, e ambos se habituaram. Contudo, embora precisasse diariamente da cadeira de rodas, tentava andar sempre que possível, nem que apenas para ir à casa de banho, e poupava as suas forças. Quando cozinhava, certificava-se de que pusera na bancada tudo aquilo de que ia precisar e só então começava, para não ter de andar constantemente a caminho do frigorífico. Recusava convites para jantares, festas, inaugurações e galas de beneficência: dizia a todos, incluindo Willem, que estava cheio de trabalho e não podia ir, depois regressava ao apartamento, o seu apartamento impiedosamente grande, e, sentado na cadeira de rodas, atravessava-o devagar, parando para descansar mais do que uma vez, até finalmente chegar à cama, onde ficava a dormir, porque isso lhe daria alguma energia para conversar com Willem quando ele voltasse.

No fim de janeiro, foi finalmente ver Andy, que lhe ouviu as queixas e depois procedeu a um exame minucioso.

— Não há propriamente *nada* — disse, quando terminou. — Estás a ficar velho, só isso.

— Ah — murmurou ele, e calaram-se, porque nada havia a dizer. — Com sorte, fico tão fraco que consigo convencer o Willem de que não tenho forças para continuar a ir à terapia — gracejou. No outono, numa noite em que estavam um tanto embriagados, num momento de estupidez, um momento romântico, na verdade, prometera a Willem continuar a tratar-se com o Dr. Loehmann durante

mais nove meses.

Andy suspirou, mas não pôde evitar sorrir também.

— És impossível — resmungou.

Olhando para trás, recorda essa fase com gratidão, porque, em tudo o mais, foi um inverno glorioso. Em dezembro, Willem fora nomeado para um prémio importante pelo seu desempenho em *A Maçã Envenenada*. Em janeiro, ganhou-o. De seguida, foi nomeado para outro prémio, mais importante e prestigiado, que também ganhou. Nessa noite, estava em Londres, em trabalho, mas pôs o despertador para as duas da manhã, para ver a cerimónia em direto na internet. Exclamou de alegria quando Willem foi anunciado vencedor. Viu-o sorrir radiante, dar um beijo a Julia — a quem convidara para o acompanhar — e subir ao palco quase aos saltos de felicidade. Agradeceu a toda a equipa, aos estúdios, a Emil e Kit, a Alan Turing, e a Roman, Cressy, Richard, Malcolm e JB. Por fim, disse: «Agradeço aos meus sogros, Julia Altman e Harold Stein, por sempre me terem feito sentir também seu filho. E, à pessoa mais importante para mim, Jude St. Francis, o meu melhor amigo e o amor da minha vida, agradeço por tudo.» Quando ouviu isto, teve de fazer um esforço enorme para não chorar, e, meia hora depois, quando falou com Willem, repetiu-se o mesmo.

— Estou tão orgulhoso, Willem — disse-lhe. — Eu sabia que ias ganhar, tinha a certeza.

«Tens sempre», respondeu Willem, dando uma gargalhada e fazendo-o rir também, porque era verdade: dizia sempre isso. Das vezes em que Willem fora nomeado para prémios, achara sempre que devia ser ele a ganhar, e, quando isso não acontecera, ficara genuinamente perplexo: deixando de lado politiquices e preferências, como podiam os jurados ou os votantes preterir o desempenho claramente superior, escolhendo não premiar o melhor ator, que, além disso, era uma pessoa admirável?

Passou as reuniões dessa manhã a tentar não chorar e incapaz de não sorrir como um pateta. Os colegas felicitavam-no e perguntavam porque não fora antes à cerimónia, e ele abanava a cabeça.

— Essas coisas não são para mim — respondia, e não eram, de facto. As cerimónias de prémios, as estreias e as festas faziam parte do trabalho de Willem e havia inúmeras, mas ele estivera em apenas duas ou três. No ano anterior, Willem dera uma entrevista a uma conceituada revista literária que lhe ia dedicar um artigo extenso, e, das vezes em que o escritor que lha estava a fazer viera ao apartamento, ele tratara de se esfumar. Sabia que, conhecendo-lhe o feitio reservado, Willem atribuía isso à sua relutância em aparecer ao seu lado e não se ofendia. Porém, sendo verdade, não era a única razão.

Certa vez, pouco depois de se terem tornado um casal, saíra uma foto dos dois num artigo do *Times* sobre Willem, que acabava de terminar a rodagem do primeiro filme numa trilogia de espionagem. Fora tirada na inauguração da muito adiada quinta exposição individual de JB, «Rã e Sapo», feita exclusivamente de imagens deles dois, porém indistintas e muito mais abstratas do que tudo o que JB até então pintara. (O título da exposição deixara-os sem saber o que pensar,

embora JB tenha afirmado que era afetuoso. «Nunca leram Arnold Lobel?», impacientou-se, quando eles lhe pediram que lho explicasse. «*A sério?!*» Na infância, nem ele nem Willem tinham lido as histórias de Lobel, e foram comprá-las para perceber a referência.) Curiosamente, aquela exposição, mais do que o artigo na *New York* no começo da relação dos dois, levou a que colegas e os demais com quem um e outro se davam se capacitassem de que eles estavam, de facto, juntos, embora quase todos os quadros tivessem sido feitos com base em fotos tiradas antes de eles se tornarem um casal.

Seria igualmente essa exposição, afirmou JB mais tarde, a trazer-lhe a merecida consagração. Qualquer deles sabia que, não obstante as vendas, o elogio da crítica, as bolsas de criação artística e os prémios, JB vivia na aflição de Richard já contar com uma retrospectiva organizada por um museu estando apenas a meio da carreira, podendo o Henry Young asiático gabar-se do mesmo, e ele, não. «Rã e Sapo» foi o ponto de viragem, tal como *A Lei de Sycamore* fora para Willem, o museu em Doha, para Malcolm, e — permitindo-se a imodéstia —, para ele, o caso que envolvera a Malgrave and Baskett. Aventurando-se fora do seu firmamento de amigos e ganhando algum recuo, compreendeu que esse ponto de viragem que qualquer deles desejara e tivera era uma ocorrência rara e inestimável como jamais tinham imaginado. Dos quatro, só JB não duvidara nem por um segundo que o *merecia* e teria, mais cedo ou mais tarde. Ele, Malcolm e Willem jamais tinham acreditado em si da mesma maneira, daí a sua incredulidade quando lhes aconteceu. O certo foi que, sendo quem mais tivera de esperar até que a sua vida mudasse, quando o dia chegou, JB manteve a serenidade. Na verdade, o triunfo pareceu amansá-lo: pela primeira vez desde que o conheciam, mostrou alguma maturidade, e, como se desmagnetizado, parou com as constantes piadas verrinosas que até ali trouxera à flor da pele como eletricidade estática. Ficou feliz por JB, que finalmente alcançara o reconhecimento que tanto desejava e que ele achara ser merecido logo na altura de «Segundos, Minutos, Horas, Dias».

— Falta saber quem é o sapo e quem é a rã — disse Willem, na noite em que, depois de verem os quadros no estúdio de JB, ficaram até tarde a ler um ao outro aquelas histórias enternecedoras, mas que lhes provocavam ataques de riso.

Ele sorriu. Estavam deitados.

— Obviamente, o sapo sou eu — declarou.

— Não — opôs-se Willem. — Eu digo que és a rã: tens os olhos da cor da pele dela.

Disse isto tão sério que ele se riu.

— É *essa* a tua justificação? — perguntou. — E tu, serias o sapo porquê?

— Porque tenho um casaco parecido com o dele — argumentou Willem, o que os fez desatar a rir outra vez.

Mas não. O sapo era *ele*, não tinha dúvidas, e a foto dos dois no *Times* não fez mais do que lembrar-lhe isso. A ideia não o incomodava — andava a tentar dar menos importância às suas ansiedades —, apenas lamentava por Willem, porque tinha noção de que não estavam de todo ao mesmo nível, de que formavam um casal estranhíssimo. Não só se sentia constrangido por Willem como temia que ser

visto consigo lhe afetasse negativamente a imagem, daí evitar que os vissem em público. Sempre acreditara que Willem lhe fazia bem, mas, ao longo dos anos, instalou-se o medo: se Willem lhe fazia bem, não significava isso que, por sua vez, ele podia ser nocivo a Willem? Da mesma maneira, se Willem o podia tornar mais agradável à vista, não haveria o perigo de, estando ao seu lado, ele fazer Willem parecer repelente? Sabia que não estava a ser racional, mas não se podia impedir de pensar estas coisas, e, por vezes, quando se estavam a preparar para sair, via-se de fugida no espelho da casa de banho, e, detendo-se na sua cara satisfeita e imbecil, sentia-se absurdo e grotesco como um macaco vestido com roupa cara e a sua vontade era dar um murro no espelho.

A outra razão que o fazia evitar ser visto com Willem era não se querer expor. A partir do momento em que entrara na faculdade, passara a viver no medo de alguém do seu passado — um cliente, algum rapaz da instituição — o contactar para o chantagear.

— Ninguém vai fazer isso, Jude — assegurara-lhe Ana. — Confia em mim. Fazendo isso, teriam de explicar de onde te conhecem. — Mas o medo jamais desaparecera e, ao longo dos anos, fora visitado por um ou outro fantasma. Acontecera pela primeira vez pouco depois de começar a trabalhar na Rosen Pritchard: um postal, apenas isso, de alguém que afirmava conhecê-lo da instituição (dizia chamar-se Rob Wilson, mas ele não se lembrava de ninguém com esse nome, de resto tão banal que não foi grande ajuda), mas chegou para o fazer andar em pânico durante uma semana, incapaz de dormir por não parar de imaginar cenários negros que lhe pareciam inevitáveis. E se o tal Rob Wilson contactasse Harold e os seus colegas na firma e lhes contasse quem ele era e as coisas que fizera? Numa agitação que raiava a histeria, quis responder a Rob Wilson ameaçando-o com um processo, mas obrigou-se a ficar quieto, porque isso apenas o exporia e confirmaria o seu passado, e Rob Wilson não o tornou a contactar.

Porém, depois de virem a público mais algumas fotografias suas com Willem, recebeu mais duas cartas e um *e-mail*, sempre no escritório. Uma das cartas e o *e-mail* eram respetivamente de dois homens que afirmavam ter estado na instituição com ele, mas, de novo, não reconheceu os nomes, não respondeu e um e outro não o tornaram a contactar. Porém, a segunda carta trazia uma cópia de uma fotografia a preto-e-branco de um menino despido numa cama, mas era de tão má qualidade que não pôde ter a certeza de ser ele. Dessa vez, seguiu as instruções que recebera havia muitos anos, era ele um adolescente numa cama de hospital em Filadélfia. Fez como lhe tinham dito que fizesse caso algum cliente o localizasse e o tentasse contactar: pôs a carta num envelope, que enviou para o departamento do FBI onde lhe conheciam permanentemente a localização. De quatro em quatro ou de cinco em cinco anos, um agente visitava-o no local de trabalho para lhe mostrar fotografias e perguntar se reconhecia alguma daquelas caras, porque, mesmo depois de décadas, continuavam a ser identificados amigos e cúmplices do Dr. Traylor e do irmão Luke. Raramente era avisado de que a visita ia ter lugar e, com o tempo, aprendeu o que devia fazer nos dias subsequentes para lhe mitigar o

feito: rodeava-se de gente em ambientes de barulho e confusão, provando-lhe isso que aquela era agora a sua vida.

Na altura, quando recebeu essa carta, e depois de a reencaminhar para o FBI, sentiu-se dilacerado pela vergonha e muito sozinho — aconteceu antes de revelar a sua infância a Willem e, embora tivesse contado parte dos factos a Andy, tratara sempre de os descontextualizar, pelo que Andy não compreenderia o seu pânico —, o que o fez obrigar-se finalmente a contactar uma agência de investigação privada (não a que a Rosen Pritchard usava) para descobrirem tudo o que conseguissem a seu respeito. A investigação arrastou-se durante um mês e, no fim, nada de conclusivo fora apurado, ou, pelo menos, nada que o ligasse, sem margem para dúvidas, ao seu passado. Só então se permitiu descontrair, acreditar em Ana, e aceitar que, em larga medida, o seu passado desaparecera sem deixar rasto, como se nunca tivesse acontecido. Aqueles que estavam por dentro dos factos e os tinham testemunhado ou instigado — o irmão Luke, o Dr. Traylor ou a própria Ana — tinham entretanto morrido e os mortos não falam. *Estás a salvo*, dizia para consigo. Mas, ainda que assim fosse, não deixava de ter cuidado, e não queria ver fotos suas em revistas e jornais.

Aceitou que a sua vida com Willem o obrigaria a ser sempre discreto, mas, por vezes, desejava que as coisas pudessem ser de outra maneira, desejava poder reivindicar Willem perante o mundo, da mesma maneira que Willem não se coibia de anunciar que ele era seu. Por vezes, estando desocupado, punha-se a ver o discurso de Willem uma vez e outra e enchia-se da mesma alegria pateta que sentira ao ouvir pela primeira vez Harold apresentá-lo como seu filho. *Isto acabou mesmo de acontecer*, pensara na altura. *Não sonhei*. Agora, o mesmo delírio: pertencia, de facto, a Willem. Ele mesmo o dissera a toda a gente.

Em março, finda a temporada dos prémios, ele e Richard decidiram homenagear Willem com uma festa na Greene Street. Acabava de ser levado, do quarto andar, um carregamento de aros de portas e bancos de teca entalhada. Richard encheu o teto de grinaldas de luzes e contornou o espaço a toda a volta com velas em frascos. Pediu ao responsável pelo seu estúdio que mandasse levarem para lá duas das suas maiores mesas de trabalho e ainda se encarregou de contratar o serviço de bar e *catering*. Convidaram todos de quem se lembraram: os amigos comuns e os de Willem, Harold e Julia, James e Carey e Laurence e Gillian. Lionel e Sinclair vieram de Boston, Kit, de Los Angeles, Carolina, de Yountville, e Phaedra e Citizen, de Paris. Cressy e Susannah, duas amigas de Willem, viajaram de Londres, e Miguel, de Madrid. Na festa, ele obrigou-se a não usar a cadeira de rodas e circulou por entre os convidados. Muitos que conhecia apenas das histórias que Willem lhe contara — realizadores, atores, dramaturgos — abordaram-no dizendo que ouviam falar dele havia anos e que era um prazer poder finalmente conhecê-lo, porque já começavam a achar que Willem o inventara. A brincadeira fê-lo rir, mas também o entristeceu, porque o fez pensar que devia ter ignorado os medos e participado mais na vida de Willem.

Muitos dos que ali estavam não se viam havia largos anos, o que tornou a festa expansiva e animada como as da sua juventude. As vozes sobrepunham-se à

música, que ficara a cargo de um assistente de Richard que era DJ amador. Ao fim de algumas horas, exausto, ele encostou-se à parede do fundo e ficou a ver os convidados. Estavam todos a dançar. No meio da confusão, viu Willem e Julia, que o fizeram sorrir, e, a dada altura, deu-se conta de que, do lado oposto, também Harold os observava, e, tal como ele, sorria. Quando os seus olhares se encontraram, Harold ergueu o copo e ele reciprocou, depois ficou a vê-lo abrir caminho até junto de si.

— Bela festa — gritou-lhe Harold ao ouvido.

— Graças ao Richard — gritou ele de volta, e o que depois ia dizer foi interrompido pela música, que ficou mais alta, limitando-se ele e Harold a entreolhar-se e rir com um encolher de ombros. Ficaram a ver aquela pequena multidão amontoar-se e confundir-se diante dos seus olhos. Estava cansado e com dores, mas não tinha importância; o cansaço tornara-se quase aconchegante, tal como a dor era apenas uma velha amiga de visita. Em momentos assim, ele descobria-se capaz de sentir alegria e a vida tornava-se doce como mel. A música mudou, tornou-se calma e etérea, e Harold gritou-lhe que chegara o momento de arrancar Julia das garras de Willem.

— Vá salvá-la! — gracejou ele, mas, antes de Harold se afastar, algo o fez inclinar-se e abraçá-lo. Era a primeira vez que lhe tocava voluntariamente desde o incidente com Caleb e, vendo o espanto inicial de Harold dar lugar ao júbilo, encheu-se de um atroz sentimento de culpa, pôs rapidamente fim ao abraço e enxotou Harold na direção da pista.

Num canto, Richard fizera uma espécie de ninho de pufes de serapilheira, onde os convidados podiam descansar. Já se encaminhava para lá quando Willem surgiu ao seu lado e lhe segurou a mão.

— Dança comigo — pediu.

— Willem, sabes perfeitamente que eu não sei dançar — lembrou-lhe, com um sorriso.

Willem olhou-o de alto a baixo, como se a avaliá-lo.

— Vem comigo — pediu, e ele seguiu-o. Do lado direito, ao fundo, ficava a casa de banho. Willem fê-lo entrar, trancou a porta e pôs a bebida no rebordo do lavatório. Continuavam a ouvir a música (uma famosa balada que saíra quando andavam na faculdade, insuportavelmente piegas, sim, mas de uma lamechice tão despidorada que acabava por falar ao coração), que, ali na casa de banho, parecia liquefeita, como se trazida de uma nascente num vale longínquo. — Abraça-te a mim — pediu Willem, e ele assim fez. — Recua com o pé direito quando eu avançar com o esquerdo — foi a instrução seguinte, que, de novo, ele cumpriu.

Sem uma palavra, de olhos nos olhos, moveram-se lenta e desajeitadamente durante vários minutos.

— Vês? — murmurou Willem. — Estás a dançar.

— Não tenho jeito — balbuciou ele, constrangido.

— Danças na perfeição — assegurou Willem, e, embora os pés lhe doessem tanto que começara a transpirar do esforço para não gritar, continuou a mover-se, tão de mansinho que, quando a canção terminou, apenas balançavam os corpos

sem mexer os pés, Willem a segurá-lo para que ele não caísse.

Ao saírem da casa de banho, um grupinho saudou-os com exclamações carregadas de segundo sentido e ele corou — tinham feito sexo pela última vez, a derradeira, havia quase dezasseis meses —, mas Willem arreganhou um sorriso e ergueu o punho como um pugilista que acaba de vencer o *round*.

Em breve chegou abril e ele fez 47 anos, depois, em maio, ficou com ambas as barrigas das pernas em ferida e Willem viajou para Istambul para rodar a segunda parte da trilogia de espionagem. Disse a Willem que lhe tinham aparecido as duas feridas — andava a esforçar-se por partilhar com ele o que lhe acontecia, quando acontecia, incluindo coisas que lhe pareciam não ter grande interesse — e Willem ficou preocupado.

O mesmo não aconteceu consigo. Quantas feridas assim tivera ao longo dos anos? Dezenas, dúzias. Apenas mudara o tempo que levavam a cicatrizar. Passou a ir ver Andy ao consultório duas vezes por semana — todas as terças, à hora do almoço, depois às sextas, ao final do dia —, uma, para a desbridção, a outra, para um tratamento com pressão negativa, que lhe era administrado pela enfermeira. Andy sempre fora de opinião que a pele dele era demasiado frágil para esse tratamento — a ferida era selada com uma esponja esterilizada através da qual uma bomba de vácuo aspirava o tecido necrosado, que ficava na esponja —, mas, em anos recentes, ele revelara boa tolerância ao procedimento, que se mostrara um complemento eficaz à desbridção.

Conforme os anos passavam, o problema das feridas — a frequência com que apareciam, a gravidade, a dimensão, o desconforto que as acompanhava — agravava-se progressivamente. Outrora conseguira fazer longas caminhadas mesmo com as pernas feridas, mas isso era o passado, acontecera pela última vez havia décadas. (A recordação de subir — apesar das dores — de Chinatown até ao Upper East Side numa altura em que tinha uma ferida assim parecia-lhe tão estranha e remota que era como se não fosse sua, mas de outra pessoa.) Quando era mais jovem, as feridas podiam levar semanas a sarar. Agora, levavam meses. Mais do que com outra das suas inúmeras queixas, conseguia lidar friamente com aquelas feridas, mas, ainda assim, não fora capaz de se habituar a vê-las. O sangue não o assustava, evidentemente, mas o pus e os tecidos mortos — o seu corpo a tentar matar parte de si num esforço desesperado para se curar — continuavam a perturbá-lo mesmo depois de tantos anos.

Quando a rodagem terminou e Willem regressou, continuava a não haver melhoras. Tinha quatro feridas na barriga das pernas — nunca tivera tantas ao mesmo tempo — e, embora se continuasse a esforçar por andar diariamente, por vezes, apenas ficar de pé deixava-o exausto, e, parcimonioso com os esforços, tinha o cuidado de apurar quando estava a andar por lhe parecer que conseguia e quando o fazia para provar a si mesmo que ainda era capaz. Sentia que perdera peso e que estava bastante mais fraco — já nem conseguia nadar todos os dias de manhã —, mas teve a prova disso quando viu a expressão de Willem.

— Judy — disse ele baixinho, ajoelhando-se ao seu lado no sofá —, devias ter-me dito.

Mas, curiosamente, nada houvera para dizer: era aquela pessoa, ponto final. Além disso, deixando de lado as pernas, os pés e as costas, sentia-se perfeitamente. Sentia-se (a ideia fazia-o hesitar, quase lhe parecia que estava a desafiar a sorte) mentalmente são. Voltara a conseguir cortar-se uma única vez por semana. À noite, assobiava de dor ao tirar as calças para examinar os pensos; tinha de se certificar de que nenhuma ferida estava a sangrar ou começara a supurar. Todos se habituam ao que os seus corpos lhes dão e ele não era diferente. Quem é saudável espera que o seu corpo lhe obedeça e dê o máximo quando isso lhe é pedido. Quem não é saudável tem outras expectativas. Ou, pelo menos, era essa ideia que ele se esforçava por aceitar.

Willem regressara no fim de julho e, passado pouco tempo, deu-lhe permissão para pôr fim à terapia (onde de resto mal abrira a boca), sobretudo por ser óbvio que ele já não tinha tempo para isso. Passava quatro horas semanais em consultórios — duas com Andy, duas com o Dr. Loehmann —, e precisava de parte desse tempo para ir duas vezes por semana ao hospital, onde despia as calças, punha a gravata para cima do ombro e se deitava numa câmara hiperbárica, um caixão de vidro onde aproveitava para trabalhar enquanto respirava oxigénio puro na esperança de que isso acelerasse a cicatrização. Não fora sem sentimento de culpa que, em dezoito meses de terapia com o Dr. Loehmann, praticamente nada revelara, desperdiçando infantilmente o tempo de ambos ao optar por nada dizer, porque resolvera que não exporia a intimidade. Ainda assim, tinham falado de *algumas* coisas, entre elas, o problema nas pernas — não a causa, mas a logística dos cuidados que exigiam —, e, na derradeira sessão, o Dr. Loehmann perguntou-lhe o que aconteceria caso as feridas não sarassem.

— Suponho que serão amputadas — respondeu ele, tentando parecer descontraído, mas claro que não se sentia de todo descontraído, da mesma maneira que nada havia a supor: tão certo como morrer um dia era que nessa altura já não teria as pernas. Restava-lhe ter esperança de que não estava para breve. Por vezes, deitado na câmara de vidro, falava em pensamento às suas pernas, suplicava-lhes: *Por favor, deem-me mais uns anos. Mais uma década. Deixem-me viver inteiro os quarenta e os cinquenta. Eu juro que cuido de vocês.*

No fim do verão, uma nova ronda de queixas e tratamentos pareceu-lhe tão banal que nem lhe ocorreu que Willem não olharia tudo aquilo com a mesma indiferença. No começo de agosto, tinham discutido o que fariam (alguma coisa? nada?) no aniversário de Willem, que ia alcançar a marca dos 49 anos. Na altura, Willem disse-lhe que, dessa vez, não lhe apeteciam grandes confusões.

— De acordo, deixamos o espalhafato para o ano, quando fizeres os cinquenta — respondeu ele. — Com sorte, ainda cá estou. — Ao ouvir o silêncio de Willem, ergueu os olhos do fogão, e, vendo-lhe a expressão, percebeu que dizer aquilo fora um erro. — Desculpa, Willem — disse, desligando o bico do fogão e fazendo o lento e doloroso trajeto até ele. — Desculpa.

— Não podes dizer essas piadas, Jude — avisou-o Willem, e ele rodeou-lhe a cintura.

— Eu sei — admitiu. — Perdoa-me. Estava a ser estúpido. Claro que vou cá

estar para o ano.

— E por muitos mais.

— Sim, por muitos mais.

Agora, em setembro, está no consultório de Andy, deitado na marquesa, e, removidos os pensos, as feridas em chaga parecem romãs abertas. À noite, estará deitado ao lado de Willem. É frequente deter-se na improbabilidade da sua relação e sente-se muitas vezes culpado pela sua recusa em cumprir um dos seus principais deveres enquanto membro do casal. De tempos a tempos, resolve que fará nova tentativa, mas, quando procura as palavras para o dizer a Willem, detém-se, e mais uma oportunidade foge pela calada. Porém, o seu sentimento de culpa, por grande que seja, não se sobrepõe ao tremendo alívio e gratidão que também sente, porque é milagroso que, apesar de todas as suas insuficiências, lhe tenha sido permitido ficar com Willem, e tenta demonstrar-lhe, de todas as maneiras menos essa, que lhe estará eternamente reconhecido.

Uma noite, acorda a transpirar tanto que os lençóis parecem ter sido arrastados por uma poça. Desorientado, levanta-se, esquecido de que não pode, e cai. Willem acorda e, trazendo o termómetro a correr, debruça-se sobre ele e segura-lho debaixo da língua.

— Quase trinta e nove — diz, lendo o mostrador, depois sente-lhe a testa com a palma da mão. — Mas estás gelado. — Observa-o, preocupado. — Vou ligar ao Andy.

— Não — pede ele. Apesar da febre, dos arrepios e da transpiração, sente-se normal. Sabe que não é nada de grave. — Traz-me só um par de aspirinas. — Willem assim faz, não esquecendo outra *T-shirt* para ele vestir, depois muda a cama, e, já deitados, segura-o nos braços.

Na noite seguinte, repetem-se a febre, os arrepios e a transpiração.

— Deve ser uma virose que anda no escritório — diz ele desta vez. — Passa em dois dias. Devo tê-la apanhado. — De novo, toma aspirina. De novo, ajuda. De novo, torna a adormecer.

O dia seguinte é uma sexta-feira, dia de Andy lhe tratar as feridas, por isso vai ao consultório, mas não menciona a febre, que parece desaparecer com o raiar do dia. Nessa noite, Willem janta com Roman e ele deita-se cedo. Por precaução, toma um par de aspirinas. Dorme um sono tão profundo que não ouve Willem chegar. De manhã, acorda encharcado de transpiração, como se tivesse estado debaixo do chuveiro. Sente os braços e as pernas entorpecidos e vê que tremem. Ao seu lado, Willem ressona suavemente. Devagar, senta-se e passa as mãos pelo cabelo húmido.

É sábado e é evidente que melhorou, por isso, vai trabalhar. Willem almoça com um realizador. No fim do dia, antes de deixar o escritório, envia uma mensagem a Willem sugerindo convidarem Richard e India para jantar *sushi* no Upper East Side, num pequeno restaurante onde ele e Andy por vezes vão depois das consultas. Ele e Willem têm dois restaurantes de *sushi* favoritos, ambos não muito longe da Greene Street, mas ficam em caves, obrigando a descer degraus, o que lhe custa demasiado, por isso há meses que não comem num ou noutro. Nessa

noite, está com apetite. A meio da refeição, a fadiga dá sinal, mas continua a ser um serão agradável e sabe-lhe bem estar naquele restaurante aconchegado e simpático, sob o brilho amarelado das lanternas, sentado a uma mesa que lembra um tamanco japonês em ponto grande. Detém-se momentaneamente nas travessas de *sashimi* de cavala, o favorito de Willem, e, momentos depois, rende-se finalmente ao cansaço e ao afeto e apoia a cabeça no ombro dele, não se dando conta de que fez isso senão quando sente o braço de Willem rodeá-lo.

Acorda desorientado na sua cama e vê Harold sentado ao seu lado, a olhá-lo fixamente.

— Harold — diz. — Está aqui porquê? — Sem dizer uma palavra, Harold agarra-o com força e ele sente o estômago às voltas ao compreender que Harold o está a tentar despir. *Não*, diz, para consigo. *Não, Harold. Isto não*. Era um dos seus medos mais profundos, mais secretos e mais sórdidos, e tornou-se realidade. Regressam os instintos de outrora: Harold é um cliente que o quer forçar. Grita, contorce-se, esbraceja freneticamente e esperneia como lhe é possível, tudo para intimidar e desencorajar aquele Harold de poucas palavras que o quer usar, até que, por fim, começa a gritar pelo irmão Luke, pedindo-lhe que o ajude.

De um momento para outro, Harold esfuma-se e no seu lugar está Willem, de rosto junto ao seu, a dizer-lhe algo que ele não decifra. Mas, por cima do seu ombro, ali está Harold novamente, com aquela estranha expressão implacável, e ele recomeça a lutar. Ouve palavras algures por cima da sua cabeça, ouve Willem falar com alguém, e, apesar do pânico, percebe que ele está aflito.

— Willem — diz. — Ele quer fazer-me mal. Não deixes. Ajuda-me. Ajuda-me. Ajuda-me, por favor.

Depois, nada — uma longa escuridão —, e acorda no hospital.

— Willem — chama, no silêncio do quarto, e ali está Willem prontamente sentado na beira da cama, a segurar-lhe a mão, da qual sobe um sistema de soro, tal como da outra.

— Cuidado para não arrancares os tubos — avisa Willem.

No silêncio, acaricia-lhe a testa.

— Ele quis forçar-me — acaba por confessar após um momento, quase se engasgando ao dizer aquelas palavras. — Nunca pensei que o Harold me fizesse isso. Nunca.

Vê Willem ficar muito sério.

— Não, Jude — diz-lhe. — O Harold não estava lá. A febre fez-te delirar. Isso não aconteceu.

Sente um alívio tremendo, depois vem o pânico. Alivia-o saber que nada daquilo foi real, mas assusta-o que assim lhe tenha parecido, porque ele sentiu aquelas coisas acontecerem. Aterroriza-o pensar no que isso diz sobre si, sobre os seus pensamentos e medos. Porquê imaginar que Harold lhe faria aquilo? Quão cruel é a sua mente, que o tenta convencer a virar-se contra alguém em quem tanto teve de lutar para confiar, alguém que nunca o tratou senão com bondade? Sente os olhos encherem-se de lágrimas, mas, ainda assim, não consegue deixar de perguntar:

— Ele nunca me faria isso, pois não?

— Não — assegura-lhe Willem, numa voz que não esconde a inquietação. — Nunca, Jude. O Harold jamais te faria isso. De maneira nenhuma.

Acorda e não imagina que dia será, e então ouve Willem dizer-lhe que é segunda-feira e fica em pânico.

— O escritório — diz. — Tenho de ir.

— Foda-se, Jude, nem penses — avisa Willem, categórico. — Já lhes liguei. Não vais a lado nenhum até o Andy descobrir o que se passa.

Harold e Julia chegam mais tarde. Incapaz de o encarar, ele obriga-se a devolver o seu abraço. Por cima do ombro de Harold, troca um olhar com Willem, que anui, encorajador.

Quando Andy chega, estão ali os quatro.

— Osteomielite — diz-lhe Andy, sisudo. — É uma infeção nos ossos. — Explica-lhe o que vai acontecer: terá de ficar internado durante pelo menos uma semana («Uma *semana!*», exclama ele, e desatam os quatro a gritar uns por cima dos outros, não lhe dando hipótese de dizer outra palavra que seja), talvez duas, até controlarem a febre. O antibiótico ser-lhe-á administrado por via intravenosa, seguindo-se dez a onze semanas de tratamento que poderá fazer fora do hospital: diariamente, um enfermeiro pôr-lhe-á antibiótico a correr no sistema de soro; cada sessão demorará uma hora e não pode falhar uma única. Quando ele se prepara para protestar uma vez mais, Andy antecipa-se.

— Jude, isto é sério, acredita — avisa-o. — Quero que a Rosen Pritchard se foda. Vais fazer isto e vais fazer como eu digo, a menos que queiras ficar sem as pernas, compreendes?

À sua volta, silêncio.

— Sim — acaba por concordar.

Um enfermeiro vem prepará-lo para que Andy possa colocar-lhe o cateter venoso central na veia subclávia logo abaixo da clavícula direita.

— É uma veia muito para dentro e exige perícia — explica o enfermeiro, desnudando-lhe o pescoço e desinfetando a zona. — Mas tem sorte, calhou-lhe o Dr. Contractor, que é um ás e nunca falha o alvo. — Não está com medo, mas sabe que Willem, sim, por isso segura-lhe a mão quando Andy lhe crava a fria agulha de metal que usará para inserir um guia rígido de arame.

— Não olhes — diz ele a Willem. — Eu estou bem. — Willem detém-se no seu rosto, que ele tenta que nada traia até Andy terminar com dois ou três piparotes no cateter ligado ao seu peito.

Dorme longamente. Planeou trabalhar durante a estada no hospital, mas não imaginava que a exaustão fosse tão grande ou que sentiria a cabeça tão pesada. Ainda consegue falar ao telemóvel com os presidentes das várias comissões e com alguns colegas, mas não tem forças para mais.

Harold e Julia vão-se embora: esperam-nos a faculdade e o laboratório. Tirando Richard e alguns colegas de trabalho, não divulgarão que ele se encontra internado; não ficará no hospital durante muito tempo e Willem entende que ele precisa mais de dormir do que de visitas. Continua a ter febre, mas não tão alta ou

persistente, e não houve mais episódios de delírio. Estranhamente, perante tudo aquilo, sente-se talvez não otimista, mas, pelo menos, calmo. À sua volta, todos se mostram tão sérios e apreensivos que ele decide que lhes frustrará as previsões sobre a gravidade da sua situação, que todos fazem questão de lhe recordar continuamente.

Não recorda em que altura ele e Willem começaram a dizer Hotel Contractor em vez de hospital, em homenagem a Andy, mas o certo é que, nesta altura, não se lembra de alguma vez lhe terem chamado outra coisa. «Cuidado», avisava Willem, na Lispernard Street, nos tempos do Ortolan, quando ele estava a preparar um bife que algum *sous-chef* encantado com Willem lhe oferecera às escondidas no fim do turno. «Esse cutelo é afiado. Se o polegar for à vida, lá temos nós de ir ao Hotel Contractor.» Quando foi internado com uma infeção cutânea, mandou uma mensagem a Willem (em rodagem algures) dizendo: «Estou no Hotel Contractor. Nada de grave, mas não quis que soubesses pelo M ou pelo JB.» Desta vez, porém, tenta gracejar sobre o Hotel Contractor — que o serviço de quarto está cada vez pior, que a roupa da cama é bera —, mas Willem não alinha na paródia.

— Isto não é uma brincadeira, Jude — acaba por se impacientar. É sexta-feira e estão à espera de Harold e Julia, que trarão o jantar. — Para com a merda das piadinhas, sim? — A reprimenda deixa-o silencioso e então olham nos olhos um do outro. — Nem sabes o medo que tive — murmura Willem. — Estiveste muito mal e eu não sabia mesmo o que podia acontecer. Andei em pânico.

— Eu sei — responde ele, brando. — E agradeço-te. Por tudo. — E, antes que Willem comece a dizer que não quer gratidão, mas sim que ele leve a sério o que aconteceu: — Vou fazer tudo o que o Andy disser, prometo. E garanto-te que estou a levar isto a sério. E que não tenho dores. Sinto-me bem. Vai correr bem.

Depois de dez dias de internamento, Andy anuncia que a febre passou e dá-lhe alta, com indicações para ficar em casa a descansar durante dois dias. Na sexta-feira, regressa ao escritório. Sempre recusou ter motorista — queria ser ele a conduzir, agradava-lhe sentir-se dono de si, bem como esses momentos de solidão —, mas, desta vez, o assistente de Willem contratou-lhe um motorista (Mr. Ahmed, um baixote de ar sério), e ele aproveita as viagens de ida e volta entre o apartamento e o escritório para dormir. Mr. Ahmed fica incumbido de ir buscar a enfermeira, que se chama Patrizia e é muito atenciosa, embora mal abra a boca, e, diariamente à uma da tarde, ali está ela na Rosen Pritchard. A divisória de vidro que delimita o seu escritório expõe-no aos olhares de todos naquele piso, mas os estores garantem-lhe alguma privacidade. Despe o casaco, tira a gravata, desabotoa a camisa, e, em camisola interior, estende-se no sofá e tapa-se com um cobertor. Patrizia limpa o cateter, inspeciona a pele em volta do ponto de inserção, certificando-se de que não infetou — não há inchaço nem vermelhidão —, depois liga o sistema de soro e certifica-se de que o líquido está a correr devidamente. Ele aproveita para trabalhar e ela distrai-se com uma revista de enfermagem ou faz malha. Depressa também isso se torna a normalidade. Às sextas-feiras, vai ver Andy, para fazer a desbridagem e ser examinado, e, do consultório, segue para o hospital, para os raios-X que dirão se a infeção foi debelada ou está a alastrar.

Nesta fase, não se podem ausentar no fim de semana, porque ele tem os tratamentos. Porém, no começo de outubro, depois de quatro semanas de antibiótico, Andy anuncia-lhe que falou com Willem: a menos que não seja do seu agrado, Andy e Jane irão passar o fim de semana com eles em Garrison, encarregando-se Andy de lhe administrar o tratamento.

Depois de tanto tempo obrigado a permanecer na cidade, ver-se de novo na sua casa no norte de Nova Iorque é uma dádiva e os quatro entendem-se às mil maravilhas. Inclusivamente, sente-se capaz de acompanhar Andy numa visita guiada, ainda que encurtada. Andy já ali esteve na primavera e no verão, mas, no outono, a propriedade parece ficar em bruto; paira um encanto melancólico e, acamado de folhas amareladas que o vento arrancou das nogueiras-do-japão, o telhado do celeiro dir-se-ia impermeabilizado com folha de ouro.

No sábado, ao jantar, Andy diz:

— Tens noção de que já nos conhecemos há trinta anos?

— Sim — diz ele, e sorri. Aliás, para celebrar o aniversário, tem uma surpresa para Andy: vai oferecer-lhe um safari com a família. Ele só tem de escolher a data.

— Trinta anos de desobediência — lamuria-se Andy, fazendo-os rir. — Trinta anos a oferecer o meu inestimável aconselhamento médico, colhido nas instituições mais prestigiadas e burilado durante anos a fio de experiência, apenas para me ver ignorado por um advogado *cúmplice dos grandes interesses*, que acha que percebe mais de biologia humana do que eu.

Finda a risota geral, Jane faz uma revelação:

— Pois fica sabendo, Andy, que, se não fosse o Jude, eu não me teria casado contigo. — E, para ele: — Posso dizer-te, Jude, que, durante o curso de Medicina, o Andy sempre me pareceu um egocêntrico detestável; era tão arrogante que raiava a inépcia. («Hã?!» exclama Andy, fingindo-se indignado.) Achei que ele ia dar um típico cirurgião: «Enganei-me, mas continuo a ter razão.» Até que o ouvi falar de ti. Disse que te adorava e respeitava muito, e isso fez-me pensar que talvez fosse melhorzinho do que parecia. E parece que acertei.

— Sim, foi um palpite certo — concorda ele, depois de mais risota geral. — Em cheio. — Nesta altura, olham todos para Andy, que, atrapalhado, se serve de mais vinho.

Na semana seguinte, Willem começa os ensaios para o próximo filme, um projeto de que desistira um mês antes, quando ele adoeceu, mas os produtores preferiram mudar as datas porque queriam que fosse Willem a fazer o papel. Agora que o seu problema está mais ou menos controlado, Willem regressou ao projeto. Pela sua parte, nem entendeu a desistência — o filme, um *remake* de *Um Casal Desesperado*, será quase integralmente rodado em Brooklyn Heights, do outro lado do rio —, mas o importante é que Willem vai estar a trabalhar, em vez de andar constantemente em cima dele sem lhe dar descanso, sempre preocupado e a perguntar-lhe se de verdade se sente capaz de fazer as coisas básicas (ir à mercearia; cozinhar; ficar no escritório até mais tarde) que ele quer fazer.

No começo de novembro, torna a ser internado com febre, mas tem alta depois da segunda noite. Semanalmente, Patrizia procede à colheita de sangue para

análise, e Andy já o avisou de que terá de ser paciente: as infeções ósseas arrastam-se durante muito tempo e é provável que, antes de concluídas as doze semanas de tratamento, seja impossível determinar se ele está curado ou não. A vida continua, mas bem mais rotineira. Vai trabalhar. Faz as sessões na câmara hiperbárica. Faz os tratamentos com pressão negativa. Faz a desbridação. Há os efeitos secundários do antibiótico: diarreia; náusea. Até ele se assusta com o ritmo a que perde peso. Tem de mandar apertar oito camisas e dois fatos. Andy receita-lhe bebidas ricas em calorias usadas para tratar crianças desnutridas — cinco por dia, que o obrigam a, de seguida, beber água quase sofregamente, para se livrar do desagradável resíduo açucarado que se lhe agarrou à língua. Não ignora que, ressaltando as horas passadas no escritório, nunca se mostrou tão obediente com Andy: atende a todos os seus avisos e segue todos os seus conselhos. Continua a tentar não pensar no desfecho que tudo aquilo poderá ter, mas, por mais que evite inquietar-se, os momentos em que está desocupado tornam-se sombrios, porque revisita o que Andy lhe disse num *check-up* recente:

— Coração: perfeito. Pulmões: perfeitos. Olhos, audição, colesterol, próstata, valores de glicemia, tensão arterial, níveis de triglicéridos, rins, fígado e tireoide: tudo impecável. O teu corpo está preparado para lutar por ti, Jude. Compete-te deixá-lo fazer o seu trabalho.

Ele sabe que há outras coisas a ter em conta: a função circulatória, por exemplo, não é perfeita, nem os reflexos, tal como, na prática, a metade inferior do seu corpo jaz em ruínas. Mas tenta consolar-se com as palavras de Andy e recorda a si mesmo que poderia ser pior, que, no cômputo geral, se mantém saudável, sendo, portanto, um sortudo.

Final de novembro. Termina a rodagem de *Um Casal Desesperado*. No Dia de Ação de Graças, jantam com Harold e Julia no seu apartamento de Manhattan. Harold e Julia começaram a passar fins de semana alternados em Nova Iorque para o ver e ele dá-se conta do enorme esforço de ambos para não comentar a sua magreza ou insistir consigo para comer mais. Nessa semana, termina a terapia antibiótica. Segue-se nova colheita de sangue e raios-X, e só então Andy dá o tratamento por terminado. Despede-se de Patrizia na esperança de não a tornar a ver e dá-lhe o presente que comprou para agradecer os seus cuidados.

Houve progressos na cicatrização das feridas, mas, ainda assim, Andy tinha esperança de melhores resultados. Seguindo a sua recomendação, passam o Natal em Garrison. Prometem-lhe que será uma semana tranquila. Nenhum dos seus amigos vai estar em Nova Iorque, portanto, serão só eles dois, Harold e Julia.

— Os teus trabalhos de casa são comer e dormir — avisa Andy, que passará o Natal em São Francisco com Beckett. — Na primeira sexta-feira de janeiro, quero ver-te com mais dois quilos.

— Não sei se consigo — diz ele.

— Dois quilos e acabou-se a conversa — replica Andy. — Depois disso, o ideal seria recuperares mais seis ou sete.

No dia de Natal, exatamente um ano depois de ele e Willem terem feito um trilho pela crista de uma encosta mais ondulante do que íngreme na Punakha —

acabaram por passar nas traseiras do pavilhão de caça do rei, uma construção de madeira de linhas tão sóbrias que mais parecia um alojamento de peregrinos chaucerianos do que uma das residências da família real —, pede a Harold que o acompanhe num passeio. Julia e Willem foram andar a cavalo num rancho vizinho cujo dono é seu conhecido, e ele sente-se com mais energia do que em muito tempo.

— Não sei se é boa ideia, Jude — hesita Harold.

— Venha daí, Harold — insiste ele. — Só até ao primeiro banco. — Malcolm mandou pôr três bancos de jardim ao longo de um caminho aberto na floresta que vai dar às traseiras da casa: o primeiro, mais ou menos a um terço do perímetro do lago; o segundo, a meio; o terceiro, percorridos dois terços do perímetro. — Vamos devagar e levo a bengala. — Não usava a bengala desde a adolescência, mas passou a ter de lhe recorrer para qualquer distância que exceda mais ou menos cinquenta metros. Por fim, Harold acede, e ele agarra no cachecol e no casaco sem lhe dar tempo de mudar de ideias.

Ao ver-se no exterior, cresce a sua euforia. Adora aquela casa: o traçado, a tranquilidade, mas, sobretudo, sabê-la sua e de Willem. Nos tempos da Lispenard Street, seria unimaginável sequer sonharem com um lugar assim, mas, juntos, criaram ambas, e o sentimento de pertença e partilha é o mesmo. A casa, cuja frente está voltada para uma segunda floresta, consiste numa sucessão de cubos de vidro, precedida por um longo acesso que ziguezagueia pelo arvoredado, de tal maneira que ora se avistam partes da casa, ora deixa de se ver completamente. À noite, iluminada, brilha como uma lanterna, daí o nome que Malcolm lhe pôs numa monografia dedicada ao projeto: Casa Lanterna. As traseiras dão para um amplo relvado, sendo o lago adiante. Descendo o relvado, chega-se à piscina, cujo fundo é de ardósia, para que a água se mantenha fresca mesmo nos dias de mais calor, além de lhe realçar a transparência. As paredes exteriores do celeiro, onde têm a piscina coberta e uma sala de estar, abrem como toldos, eliminando a separação entre o espaço interior e as peónias e lilases que florescem no começo da primavera, ou, no começo do verão, as panículas de glicínias que pendem do telhado. Do lado direito da casa fica um campo de papoilas que, em julho, se tingem de vermelho, e, do lado esquerdo, uma extensão idêntica, onde ele e Willem espalharam milhares de sementes de flores silvestres: cosmos, margaridas, dedaleiras e cenoura-selvagem. Pouco depois da inauguração da casa, durante um fim de semana, trilharam as duas florestas; plantaram lírios-do-vale em volta dos outeiros musgosos que circundam um bosque de carvalhos e ulmeiros, e espalharam sementes de hortelã de lés a lés. Sabiam que Malcolm não adorava as suas ideias de arquitetura paisagística — achava tudo aquilo piegas e medíocre —, mas, embora não duvidassem de que ele teria inteira razão, dava-lhes igual. Na primavera e no verão, quando se respira um ar fragrante, já se lembraram muitas vezes da Lispenard Street, que era agressiva na sua fealdade. Um e outro estão cientes de que, na altura, não teriam sido capazes sequer da imaginação visual necessária para idealizar um lugar como a Casa Lanterna, de uma beleza tão inegavelmente descomplicada que, por vezes, parece uma ilusão.

Deixando a casa para trás, ele e Harold encaminham-se para a floresta. Agora que o caminho foi empedrado, tem mais facilidade em andar por ali do que na altura em que a obra começou. Ainda assim, fazer o percurso exige-lhe concentração, porque o caminho é limpo apenas no começo de cada estação, e, entretanto, irrompem árvores que ainda são pouco mais do que arbustos, crescem fetos e rebentos de todo o tipo, e há toda a matéria vegetal que se acumula.

Não vão a meio do percurso até ao primeiro banco quando ele percebe que a ideia foi um erro. Ainda no fundo do relvado, as suas pernas começaram a latejar, depois a dor alastrou aos pés e cada passo tornou-se uma tortura. Resolvido a não se queixar, firma os dedos no punho da bengala, tenta distanciar-se da dor, e, de dentes cerrados e queixo firme, segue em diante. Quando chegam ao banco — um bloco arredondado de calcário cinza-escuro —, a dor é tão grande que o deixou desorientado. Sentados, demoram-se a conversar e contemplam o lago, que, nas estações frias, parece de prata.

— Está a ficar fresco — diz Harold, a dada altura, e é verdade: sentado na pedra, começa a sentir as pernas enregeladas. — Vamos voltar, para não apanhares frio.

— OK. — Engole em seco, ergue-se, e, de imediato, a dor é como um ferro em brasa que lhe trespassa os pés. Fica sem ar, mas Harold não dá por nada.

Conta trinta passos, depois estende a mão para Harold, fazendo-o parar.

— Harold — diz. — Preciso... Tenho de... — Não consegue terminar.

— Jude — hesita Harold, e ele ouve-lhe a preocupação na voz. Harold toma-lhe o braço esquerdo, fá-lo rodear-lhe o pescoço e segura-lhe a mão. — Apoia-te em mim — instrui, rodeando-lhe a cintura com o outro braço. Ele anui. — Pronto? — Torna a fazer que sim.

Avançam muito, muito lentamente. Os seus pés emaranham-se na matéria vegetal. Depois do vigésimo passo, já não é capaz de se mover.

— Não consigo, Harold — diz, e, nesta altura, mal consegue falar. Talvez as pernas, as costas e os pés não lhe doessem daquela maneira tão lancinante e extrema desde o hospital em Filadélfia. Incapaz de continuar agarrado a Harold, cai ao chão da floresta.

— Meu deus, Jude — aflige-se Harold, inclinando-se e ajudando-o a encostar-se a uma árvore, e ele recrimina-se pela sua estupidez e egoísmo. Harold tem 72 anos. Não devia estar a pedir a um homem dessa idade, embora goze de uma saúde invejável, que carregue consigo. Não consegue sequer abrir os olhos porque o mundo se tornou um torno que o aprisionou e se vai fechando, mas ouve Harold puxar do telemóvel e tentar ligar a Willem, mas a floresta é tão cerrada que praticamente deixam de ter rede quando se embrenham no arvoredo. Harold pragueja. — Jude — ouve-o dizer, como se de longe. — Vou ter de subir à casa para trazer a tua cadeira de rodas. Desculpa. Volto de seguida. — Mesmo anuir é um esforço. Sente Harold abotoar-lhe o casaco até ao pescoço, depois enfiar-lhe as mãos nos bolsos, e, por fim, tapar-lhe as pernas — com o próprio casaco, que despiu, percebe ele. — Volto já — repete Harold. — Não demoro nada. — Ouve-o afastar-se a correr e os galhos e folhas que se partem e esmagam sob os seus

passos.

Volta a cabeça de lado, o chão sobe bruscamente ao seu encontro e vomita tudo o que comeu nesse dia. As matérias do estômago escorrem-lhe dos lábios e pela face. Ligeiramente melhor, torna a encostar a cabeça à árvore. Lembra-se do dia em que fugiu da instituição e se embrenhou na floresta, na esperança de que as árvores o protegessem. Talvez o mesmo torne a acontecer. Tira a mão do bolso, tateia em busca da bengala e aperta-a com todas as forças. De olhos fechados, vê pontinhos luminosos, que se tornam milhares de pedacinhos de papel, depois formam manchas escuras. Concentra-se no som da respiração, depois nas pernas, que imagina serem dois grandes e toscos pedaços de madeira atravessados por dúzias de compridos parafusos grossos como polegares. Imagina-os desaparafusarem-se lentamente um por um e cair a um chão de cimento com um ruído agudo e penetrante. Torna a vomitar. Sente-se gelado. Os espasmos começam.

Ouve alguém aproximar-se em corrida e reconhece o cheiro de Willem — a doce fragrância do sândalo — antes de lhe ouvir a voz. Willem apoia-o contra si, depois ergue-o nos braços. O mundo torna a dar um solavanco e ele julga que vai vomitar outra vez, mas não. Rodeia o pescoço de Willem com o braço direito, descansa a cara suja de vomitado no seu ombro e deixa que ele o leve. Ouve-lhe a respiração ofegante: é bem menos pesado do que ele, é certo, mas têm a mesma estatura, além de que está reduzido a um trambolho, e ainda há a bengala na sua mão, que bate repetidamente nas coxas de Willem, e as suas pernas a embater-lhe nas costelas. Aliviado, sente que o estão a instalar na cadeira de rodas, depois ouve as vozes de Willem e Harold algures por cima de si. Inclina-se e deita a cabeça nos joelhos, e é levado da floresta, pela ladeira acima, até à casa. Lá dentro, deitam-no na cama. Alguém lhe tira os sapatos, ele grita de dor, pedem-lhe desculpa. Alguém lhe limpa a cara. Alguém o faz segurar uma botija de água quente. Alguém lhe tapa as pernas com cobertores. Algures nas proximidades, ouve Willem enfurecer-se («Disse que sim porquê, foda-se? Não sabe que ele *não pode?*») e o tom contrito em que Harold lhe dá respostas inúteis: «Eu sei, Willem. Se o arrependimento matasse... Fui imbecil. Mas ele queria tanto...» Tenta falar, quer defendê-lo, quer dizer a Willem que foi o único culpado, que insistiu com Harold, mas não consegue.

— Abre a boca — pede-lhe Willem. Sente um comprimido ser-lhe posto na língua. Tem um sabor metálico e vagamente amargo. Sente um copo de água tocar-lhe os lábios. — Bebe — pede Willem, e ele assim faz. Instantes depois, o mundo deixa de existir.

Quando acorda, volta a cabeça e vê Willem deitado ao seu lado na cama, a observá-lo.

— Desculpa — sussurra. Willem não responde. Ele estende a mão e afaga-lhe os cabelos. — Willem — diz —, o Harold não teve culpa. Fui eu que insisti.

Willem ri, contrafeito.

— Como é óbvio — responde. — Mas ele devia ter dito que não.

No silêncio que se estende, ele tenta encontrar uma maneira de dizer o que sente que tem de dizer, aquilo que sempre pensou, mas a que nunca deu voz.

— Sei que isto te vai parecer irracional — diz, falando para Willem, que torna a olhar para ele. — Mesmo depois de tantos anos, imagino-me fisicamente são. Quer dizer... eu sei que tenho uma incapacidade. Estou consciente disso. E sei que a minha incapacidade já leva o dobro dos anos que vivi sem ela. E tu sempre me conheceste assim: como alguém que... precisa de ajuda. Mas eu lembro-me do outro que já fui: alguém que andava sem dificuldade, alguém que corria.

» Imagino que qualquer pessoa que fique incapacitada sente que lhe foi roubada alguma coisa. E acho que sempre disse para comigo que... admitindo que *estou* incapacitado, me vou estar a subjugar ao Dr. Traylor, vou estar a deixar que ele tenha decidido como eu ia viver. Por isso, finjo que não tenho nenhum problema físico. Finjo que sou aquele que era antes de o conhecer. Sei que não é racional, que nem sequer é possível. Mas o que me custa mais é... eu sei que estou a ser egoísta. Sei que és tu a sofrer as consequências do meu faz de conta. Por isso... vou parar. — Respira fundo, fecha os olhos, torna a abri-los. — Estou incapacitado — afirma. — Tenho uma deficiência física. — Sente que vai chorar, o que é tolice: é um homem de 47 anos; teve trinta e dois anos para admitir o que acaba de dizer.

— Oh, Jude... — murmura Willem, que o puxa para os seus braços. — Eu sei que não é por mal. Imagino como será difícil para ti. E percebo que nunca tenhas querido admitir isso, de verdade que sim. Mas preocupo-me contigo. Chego a sentir que dou mais valor à tua vida do que tu.

Ouvir isto fá-lo estremecer.

— Não, Willem — assegura. — Quer dizer... talvez tenha sido assim. Mas já não é.

— Mostra-me isso — pede Willem, depois de um silêncio.

— Está bem — acede ele.

Janeiro, fevereiro. Nunca andou tão atarefado. Willem ensaia uma peça. Março: duas novas feridas, ambas na perna direita. As dores são atrozes e apenas se levanta da cadeira de rodas para tomar duche e usar a casa de banho, e para se vestir e despir. Há mais de um ano que as dores nos pés não lhe dão descanso. Ainda assim, quando acorda de manhã, ao pisar o chão, há um segundo de esperança. Talvez nesse dia se sinta melhor. Talvez a dor tenha diminuído. Mas nunca há melhoras. A dor jamais recua. Ainda assim, ele não perde a esperança. Abril: o seu aniversário. A peça estreia. Maio: regressam os suores noturnos, a febre, as tremuras, os arrepios, os delírios. Volta para o Hotel Contractor. De novo, o cateter, desta vez, do lado esquerdo do peito. Há uma mudança: a bactéria não é a mesma. Uma toma diária de antibiótico não é suficiente; tem de ser administrado de oito em oito horas. Regressa Patrizia, agora, duas vezes por dia: às seis da manhã, na Greene Street, depois, às duas da tarde, na Rosen Pritchard. A terceira toma é às dez da noite, de novo, na Greene Street. A enfermeira é Yasmin. Pela primeira vez, em décadas de amizade, vê a peça de Willem apenas uma vez. Os seus dias tornaram-se tão segmentados, tão regidos pelos tratamentos, que pura e simplesmente não lhe é possível ver o espetáculo pela segunda vez. O círculo vicioso começou há um ano e, pela primeira vez, sente-se

resvalar para o desespero; sente que está à beira de desistir. Recorda a si mesmo que disse a Willem que lhe provaria que quer viver. Porém, não é verdade: tudo o que mais quer é parar, não porque esteja deprimido, mas por exaustão. No fim de uma consulta, Andy fita-o com certa estranheza, depois pergunta-lhe se já se deu conta de que não se corta há um mês, o que o faz deter-se. Andy tem razão. Anda tão cansado e abatido que nem se lembrou de se cortar.

— Fico contente, claro — assegura Andy. — Apenas lamento que o motivo seja este.

— Também eu — responde ele. Calam-se os dois, talvez recordando com nostalgia, receia, o tempo em que cortar-se era o seu problema mais grave.

Junho, julho. As feridas nas pernas — as que persistem há mais de um ano e as mais recentes, que apareceram em março — ainda não sararam. Mal começaram sequer a cicatrizar. Depois do fim de semana do 4 de julho, poucos dias depois de a peça de Willem subir à cena pela última vez, Andy pede para passar na Greene Street. Sabendo o que Andy vai dizer, ele mente: diz que Willem tem a agenda cheia e não arranja um minuto livre, como se, adiando a conversa, fosse adiar também o seu futuro, até àquele sábado em que, ao entrar em casa ao começo da noite vindo do escritório, encontra os dois à sua espera.

A conversa é tal como ele esperava. Andy recomenda — vincadamente — a amputação. Diz-lhe tudo com muita calma, mas ele percebe, pela sua absoluta falta de espontaneidade, pelo tom, que não podia ser mais formal, que Andy está nervoso.

— Sabíamos que este dia ia chegar — começa ele —, mas não é por isso que é mais fácil para mim dizer isto. Jude, só tu podes saber até onde consegues aguentar a dor e tudo a que isto te sujeita. Não posso ser eu a indicar-te esse limite. Posso, *sim*, dizer-te que aguentaste muito mais do que a maioria teria aguentado. Posso dizer-te que revelaste uma coragem extraordinária, e não faças essa cara, porque é verdade: mostraste coragem e és corajoso. E quero também dizer que não imagino como estarás a sofrer.

» Mas, deixando de lado estas considerações, e ainda que resolvas que tens recursos financeiros para prolongar todo este processo, há factos que devem ser tidos em conta. Os tratamentos não estão a resultar. As feridas não estão a cicatrizar. Tiveste duas infeções da medula óssea em menos de um ano, o que me deixa alarmado. Preocupa-me que acabes por fazer alergia ao antibiótico e, nessa altura, não sei mesmo como será. Por outro lado, ainda que não haja reação alérgica, a tua tolerância à medicação não é tão alta como eu esperava: perdeste muito peso, demasiado, e, de cada vez que te vejo, estás mais magro.

» Os tecidos das coxas parecem-me relativamente saudáveis, o que me deixa mais ou menos convencido de que ficarás com os dois joelhos. Posso garantir que, se avançarmos com a amputação, a tua qualidade de vida vai melhorar imediatamente. Não haverá mais dores nos pés. Nunca te apareceram feridas nas coxas e não vejo sinais de que isso esteja para acontecer. As próteses no mercado são infinitamente superiores a tudo o que havia mesmo há dez anos, por isso, falando com toda a honestidade, é bem possível que passes a andar melhor, de

maneira mais fluida, do que as tuas pernas te permitiram durante muitos anos. O procedimento é muito simples, demora cerca de quatro horas, e ficará a meu cargo. O internamento não vai além de uma semana, menos do que isso, até, e deixarás o hospital com próteses temporárias.

Calando-se, pousa as mãos nos joelhos e observa os dois. Durante muito tempo, ninguém fala, até que Willem começa a fazer perguntas, qualquer delas pertinente, exatamente as que ele devia estar a fazer: Quanto tempo levará a recuperação? Vai precisar de fisioterapia? Há riscos associados à operação? Ouve vagamente as respostas, que, no essencial, já conhece, porque as procurou quando, há dezassete anos, Andy o confrontou com aquele cenário provável.

Por fim, interrompe-os.

— E se eu não quiser? — pergunta, não lhe escapando a imediata consternação dos dois.

— Se não quiseres, continuaremos a fazer tudo o que fizemos até aqui, na esperança de que acabe por produzir resultados — responde Andy. — Mas, Jude, é sempre melhor optar pela amputação enquanto podemos *decidir* que a queremos, em vez de esperar até não haver outro remédio. — Uma pausa. — Se desenvolveres uma infeção do sangue, se houver septicemia, então *teremos* de proceder à amputação, e, nessa altura, não te garanto que seja possível salvar os joelhos. Tal como não posso garantir que a infeção não alastrará a outras partes do corpo. Em último caso, poderia ser necessário amputar também uma mão ou um dedo.

— Mas não me garantas que, avançando já, continuo a ter joelhos — contrapõe ele, impertinente. — Tal como não podes garantir que não contraírei uma septicemia daqui por uns tempos.

— Não posso garantir, de facto — reconhece Andy. — Mas, como disse, creio que há uma elevada probabilidade de *não* termos de os amputar. E acredito que a remoção desta parte do teu corpo, que está tão gravemente infetada, te protegerá de futuras complicações.

Tornam a ficar silenciosos.

— Soa-me a uma escolha que não é uma escolha — resmunga ele.

Andy suspira.

— Disse e mantenho, Jude: *é* uma escolha. E *é tua*. Não tens de decidir amanhã ou mesmo esta semana. Mas peço-te que reflitas com cuidado.

Sai, deixando-os sozinhos.

— Temos de falar disto agora? — pergunta ele, quando finalmente se sente capaz de encarar Willem, que abana a cabeça. Lá fora, o céu vai ficando róseo. Será um pôr do sol demorado e magnífico. Mas ele não quer beleza. De repente, anseia nadar, algo que não tornou a fazer desde a primeira infeção óssea. Depois disso, nunca mais fez nada. Nunca mais foi a lado nenhum. Teve de passar os clientes londrinos a um colega, porque os tratamentos endovenosos o ancoraram em Nova Iorque. Os seus músculos desapareceram: ficou reduzido a ossos revestidos de carne flácida. Anda como um velho. — Vou dormir — diz, e tem vontade de chorar quando ouve Willem murmurar:

— Daqui por duas horas chega a Yasmin.

— Certo — diz, para o chão. — Bem, nesse caso, vou fechar os olhos. Levanto-me quando a Yasmin chegar.

Nessa noite, depois de Yasmin sair, corta-se pela primeira vez em muito tempo. Vê as lágrimas de sangue correrem pelo mármore até ao ralo. Sabe que é irracional apegar-se daquela maneira às pernas, que tantos problemas lhe têm dado. Quantas horas de cuidados já lhe exigiram, quanto dinheiro gastou, quanta dor lhe custaram? Ainda assim, são as suas pernas. Não tem outras. São parte de quem ele é. Como lhe podem pedir que escolha ser mutilado? Sabe que tem feito algo parecido ao longo dos anos: cortou a carne e a pele e está vestido de cicatrizes. Mas não é o mesmo. Sacrificar as pernas seria dizer ao Dr. Traylor que ganhou. Estará a render-se, subjugar-se-á àquela noite no campo e ao que ele lhe fez com o carro.

Mas há mais: quando deixar de ter as pernas, acaba-se o faz de conta. Não poderá continuar a fingir que um dia tornará a andar, que melhorará. Não poderá continuar a fingir que não é incapacitado. Tornará a sentir-se uma aberração. De novo e para sempre, será definido pelas insuficiências.

Está exausto. Não se quer ver forçado a reaprender a andar. Não quer ter de recuperar o peso que sabe que vai perder, que se somará ao peso que vem tentando recuperar desde que teve a primeira infeção óssea, e que a segunda depois lhe tornou a levar. Não quer voltar a ser internado, não quer acordar incapaz de pensar e sem saber onde está, não quer ter terrores noturnos, não quer ter de comunicar pela enésima vez aos colegas que adoeceu, não quer os meses e meses em que se sentirá sem forças e à beira do abismo. Não quer que Willem o veja sem as pernas, não o quer sujeitar a mais uma provação, não o quer pôr à prova com mais uma aberração. Quer ser normal, tudo o que alguma vez quis foi ser normal, mas, ano após ano, fica um pouco mais distante da normalidade. Sabe que é enganoso olhar a mente e o corpo como duas entidades em competição, mas é-lhe impossível não o fazer. Não quer que o seu corpo ganhe mais esta batalha, decida por ele e o faça sentir indefeso. Não quer ficar dependente de Willem, ter de lhe pedir que o ajude a deitar e levantar, porque os seus braços se tornarão inúteis de tão flácidos, não quer precisar da ajuda dele para usar a casa de banho, não quer que Willem veja o que lhe vai sobrar das pernas terminar em dois cotos. Sempre imaginou que haveria alguma espécie de aviso antes de chegar aquele momento, que o seu corpo o alertaria antes de piorar daquela maneira. E sabe, sim, tem consciência de que o último ano e meio *foi* esse aviso — um longo aviso sem pressas, ininterrupto e impossível de ignorar —, mas, na sua arrogância, escolheu ficar agarrado a uma esperança idiota e não ver os factos. Escolheu acreditar que, tendo recuperado de cada uma das outras vezes, o mesmo tornaria a acontecer e seria apenas mais uma. Concedeu a si mesmo o privilégio de pressupor que sempre teria uma nova oportunidade.

Três noites depois, torna a acordar com febre; torna a ser internado, torna a ter alta. Desta vez, a febre deveu-se a uma infeção em volta do ponto de inserção do cateter, que lhe tiram, trocando-o por outro, que lhe é colocado na veia jugular

interna, formando-se um alto que o colarinho da camisa não esconde inteiramente.

Na primeira noite de regresso à Greene Street, acorda de sonhos à flor da consciência, e, ao abrir os olhos, vê que Willem não está na cama, e então senta-se na cadeira de rodas e vai à sala.

Vê Willem antes de Willem o ver. Acendeu a luz do teto e sentou-se à mesa de jantar, de costas para as estantes, a contemplar a sala. De cotovelo na mesa, está de queixo na mão e tem um copo de água à sua frente. Detém-se a observá-lo e vê como Willem está exausto, como envelheceu, como os seus cabelos louros vão ficando esbranquiçados. Conhece-o há tantos anos e viu aquele rosto tantas e tantas vezes, que acabou por nunca ser capaz de o ver com olhos renovados. Conhece o rosto de Willem melhor do que conhece o seu. Conhece-lhe cada expressão. Willem tem vários sorrisos e ele sabe o significado de cada um. Quando o vê entrevistado na televisão, sabe imediatamente se ele está a sorrir por estar de facto divertido ou para ser simpático. Sabe quais os dentes em que ele pôs coroas e quais os que Kit o obrigou a endireitar quando se tornou óbvio que Willem ia ser uma estrela, que não se ficaria pelo circuito do teatro e do cinema independente, que a sua carreira e a sua vida subiriam a outro patamar. Porém, ao vê-lo naquele momento, detém-se no seu rosto ainda belo, mas cansado, tomado de uma exaustão que ele julgou ser o único a sentir, e percebe que Willem tem a sensação, tal como ele tem, de que a sua vida — a sua vida com ele — se tornou uma espécie de escravidão, um martírio feito de doenças, visitas hospitalares e medo, e toma a sua decisão, porque sabe que a escolha só pode ser uma.

— Willem — chama, e vê-o acordar sobressaltado do transe e encará-lo.

— Jude — diz Willem. — Há algum problema? Sentes-te mal? Levantaste-te porquê?

— Vou seguir a recomendação do Andy — anuncia ele, e tem a sensação de que os dois são atores a representar uma cena num palco demasiado vasto, por isso faz a cadeira de rodas avançar para mais perto da mesa de jantar. — Vou seguir a recomendação do Andy — repete, e Willem anui, e inclinam a cabeça para que as suas testas se toquem, e choram. — Sinto muito — diz ele a Willem, que abana a cabeça, fazendo a sua testa acariciar a dele.

— Não, eu é que sinto muito — responde Willem. — Por ti, Jude. Por ti.

— Eu sei — diz ele, e sabe que assim é.

No dia seguinte, liga a Andy, que fica aliviado, mas nada diz, talvez por respeito. Os preparativos são rápidos. Escolhem a data. A primeira sugestão de Andy coincide com o aniversário de Willem, e é bem verdade que os dois já tinham combinado celebrar os cinquenta anos de Willem quando ele estivesse melhor, mas, ainda assim, não quer fazer a operação no dia de aniversário de Willem. Optam pelo final de agosto, na semana antes do feriado da primeira segunda-feira de setembro, quando normalmente vão para Truro. Na reunião seguinte da comissão de remunerações, faz uma breve comunicação, explicando que o procedimento é voluntário, que apenas se ausentará do escritório durante uma semana, dez dias, no máximo, que não é tão grave como parece e que está tudo bem. Mais tarde, repete o mesmo perante o departamento; explica que

normalmente não procederia assim, mas não quer que os clientes se preocupem e julguem o caso mais sério do que é, tal como quer evitar rumores e tagarelíce (embora saiba que haverá). É tão raro partilhar algo de mais pessoal no trabalho que, se o faz, todos se endireitam prontamente nas cadeiras e se inclinam para a frente para o ouvir melhor. Poderia inclusivamente jurar que os vê de orelhas arrebitadas. Já conheceu as mulheres, os maridos, as namoradas e os namorados de todos na Rosen Pritchard, mas nunca lhes apresentou Willem. Nunca convidou Willem para um retiro da firma, para uma festa de Natal ou para o piquenique anual no verão. «Ias odiá-los, acredita», costuma dizer-lhe, mas sabe que não seria o caso, porque Willem é capaz de tirar o melhor de cada ocasião. E Willem sempre se limitou a encolher os ombros. «Adorava ir contigo», sempre lhe disse, mas ele nunca lhe ofereceu essa oportunidade. De todas as vezes, disse para consigo que o está a proteger de compromissos nos quais ele decerto se aborreceria de morte, jamais parando para pensar que a sua recusa em incluí-lo talvez magoe Willem, que, possivelmente, gostaria de fazer parte da sua vida para lá da Greene Street e dos amigos. Dá por si a corar ao ocorrer-lhe tudo isto.

— Alguma pergunta? — indaga, não contando que haja, mas então vê Gabe Freston, um dos associados mais jovens, que sempre lhe pareceu um tanto insensível, mas que é de uma eficácia assustadora, de mão no ar. — Sim, Freston?

— Só queria dizer que sinto muito, Jude — diz Freston, e, à sua volta, erguem-se murmúrios de acordo.

Ocorre-lhe aligeirar o momento replicando, porque é verdade: *A última vez que te vi tão sensibilizado foi o ano passado, quando te disse qual ia ser o teu bónus*. Mas não o faz. Apenas respira fundo.

— Obrigado, Gabe — diz. — Obrigado a todos. Vá, toca a trabalhar. — E todos retomam os seus afazeres.

A operação calha numa segunda-feira. Na sexta-feira anterior, fica no escritório até tarde, mas não vai trabalhar no sábado. Nessa tarde, prepara o saco com as coisas que levará para o hospital. À noite, ele e Willem jantam no aconchegado e simpático restaurante de *sushi* onde fizeram a sua primeira Última Ceia. Despediu-se de Patrizia e de Yasmin na quinta-feira. Andy liga-lhe no sábado para lhe dizer que viu os raios-X e que a infeção não diminuiu, mas também não alastrou.

«Obviamente, na segunda-feira, deixamos de ter esta preocupação», acrescenta, e ele engole em seco, tal como no começo da semana, quando Andy disse: «Segunda-feira, acabam-se as dores nos pés.» Não lhe escapa que não estarão a eliminar esse problema, mas a *origem* do problema. Há uma grande diferença. Seja como for, supõe que se deve sentir agradecido: o importante é que deixará de ter o problema.

No domingo, janta às sete da tarde. A operação será às oito da manhã do dia seguinte, e, até lá, não pode comer ou beber mais nada, tal como não tomará nenhum medicamento.

Uma hora depois, ele e Willem descem no elevador para o último passeio que dará com as suas pernas. Fez Willem prometer-lhe esse último passeio, mas, ainda

antes de começarem (descerão um quarteirão, até à Grand Street; continuarão para a direita, de novo, um quarteirão, até à Wooster Street, de onde subirão quatro quarteirões até à Houston, onde virarão à direita e regressarão à Greene Street, que descerão até à sua porta), não sabe se o conseguirá terminar. O céu parece manchado de equimoses, o que o faz recordar subitamente a noite em que Caleb o forçou a sair nu para o meio da rua.

Ergue a perna esquerda e dá o primeiro passo. Seguem pela rua silenciosa, e, ao entrarem na Grand Street, segura a mão de Willem, algo que nunca faz em público, mas, naquele momento, aperta-a com força, depois tornam a voltar à direita e começam a subir a Wooster Street.

Desejou com todas as forças conseguir terminar aquele passeio, mas, perversamente, a incapacidade de o fazer — na Spring Street, a dois quarteirões da Houston, Willem olha para ele, e, sem que sejam necessárias perguntas, fá-lo amparar-se em si e cortam à direita, de regresso à Greene Street — acaba por lhe trazer a certeza de que tomou a decisão certa. Lutou quanto pôde contra o inevitável e agora fez a única escolha que podia fazer, por Willem e por si. O seu último passeio redundou em tortura, e, quando entram no apartamento, é com surpresa que se dá conta do rosto molhado de lágrimas.

De manhã, já estão no hospital quando chegam Harold e Julia. Visivelmente abatidos e com medo, os dois esforçam-se por mostrar estoicismo, percebe ele. Saúda ambos com um abraço e um beijo e assegura-lhes que se sente bem e que não têm de se preocupar. É levado para o prepararem para a operação. Depois do traumatismo, os seus pelos das pernas ganharam uma configuração irregular: crescem entre as cicatrizes e contornam-nas. Nessa manhã, rapam-lhos, acima e abaixo dos joelhos. Andy entra, segura-lhe momentaneamente o rosto e dá-lhe um beijo na testa. Sem uma palavra, agarra num marcador e faz-lhe tracejados nas pernas, mensagens em código Morse, parecem, ou duas meias-luas poucos centímetros abaixo das rótulas. Diz-lhe que vai sair um momento, mas que dirá a Willem para entrar.

Surge Willem, que se senta na beira da cama. Silenciosos, dão as mãos. Vai dizer qualquer coisa, uma piada idiota, possivelmente, mas Willem começa a chorar, mas é mais do que isso: rende-se ao desgosto e o seu corpo é sacudido por soluços que o vergam, deixando-o curvado enquanto lhe saem lamentos arrancados do mais fundo de si. Ele nunca viu ninguém chorar daquela maneira.

— Willem — murmura, aflito —, Willem, não chores. Eu vou ficar bem. Juro que vou. Não chores. Willem, não chores. — Senta-se na cama e abraça-o. — Oh, Willem... — diz, com um profundo suspiro, também ele à beira das lágrimas. — Willem, eu vou ficar bem, prometo. — Mas não o consegue acalmar e Willem chora desalmadamente.

Percebe que ele lhe está a tentar dizer alguma coisa e, afagando-lhe as costas, pede-lhe que repita.

— Não te vás embora — ouve Willem pedir. — Não me deixes.

— Não vou, prometo — responde ele. — Prometo. Willem, a operação é simples. Achas que eu deixava o Andy sem ninguém a quem dar sermões? Não

lhe ia fazer uma maldade dessas.

Nesse momento, Andy torna a entrar.

— Vamos a isto? — pergunta, depois vê e ouve Willem. — Oh meu deus — murmura, aproximando-se e abraçando os dois. — Willem, eu prometo que vou cuidar do Jude como se ele fosse meu, sim? — assegura-lhe. — Sabes isso, não sabes? Sabes que eu não deixo que lhe aconteça nada, certo?

— Eu sei — ouvem Willem balbuciar. — Eu sei, eu sei.

Por fim, conseguem acalmá-lo, e Willem pede desculpa enquanto limpa os olhos.

— Desculpem — diz, mas ele abana a cabeça, e, segurando a mão de Willem, fá-lo aproximar-se até os seus rostos quase se tocarem e dá-lhe um beijo de despedida.

— Não há nada para desculpar — diz-lhe.

Antes de entrarem para a sala de operações, Andy inclina-se e torna a dar-lhe um beijo, agora na face.

— A partir daqui, já não te posso tocar — diz. — Por causa da esterilização. — De repente, nem um nem outro conseguem impedir um sorriso arreganhado, e Andy abana a cabeça. — Não achas que já estás velho para essas criancices? — pergunta.

— E *tu*? — responde ele. — Tens quase sessenta.

— Eu? Estás a fazer confusão.

Na sala de operações, ele fixa-se no disco de luz branca por cima da mesa operatória.

— Olá, Jude — diz uma voz nas suas costas, e ele reconhece o anestesiológista: Ignatius Mba, um amigo de Andy, que ele conheceu num jantar em casa de Andy e Jane.

— Viva, Ignatius — cumprimenta-o.

— Vou pedir-te que contes para trás começando em dez, pode ser? — pede-lhe Ignatius, e ele começa, mas chega a sete e não continua. Sente um formigueiro nos dedos do pé direito. Depois, nada.

Três meses depois. Mais um Dia de Ação de Graças e, desta vez, o jantar será na Greene Street. Willem e Richard cozinham e prepararam tudo enquanto ele dormia. A convalescença tem sido mais complicada e mais lenta do que o previsto. Já desenvolveu duas infeções e, durante algum tempo, teve de ser alimentado por uma sonda. Mas o palpite de Andy estava certo e não foi preciso amputar os joelhos. No hospital, acordava e perguntava, a Harold, Julia ou Willem, porque tinha um elefante sentado nos pés, a baloiçar-se como se lhe quisesse triturar os ossos até os reduzir a uma poeira mais fina do que cinza. Nenhum deles lhe explicou que era da sua imaginação; apenas respondiam que a enfermeira já tinha vindo pôr mais analgésico a correr no sistema de soro e que depressa aquela impressão passaria. Entretanto, as dores fantasmas tornaram-se menos frequentes, mas ainda não desapareceram completamente. Continua a sentir-se muito cansado e sem forças, daí que Richard tenha trazido a sua poltrona antiga com rodízios, para o sentarem à cabeceira da mesa. É de veludo cor de malva e India costuma

usá-la para posar. Quando estiver cansado, apenas terá de encostar a cabeça e fechar os olhos.

No jantar, estarão Richard e India, Harold e Julia, Malcolm e Sophie, JB e a mãe, e Andy e Jane (os filhos foram visitar o tio em São Francisco). Pediram-lhe que fosse ele a dizer algumas palavras antes da refeição, como tradicionalmente se faz. Começa a agradecer a cada um por tudo o que lhe deu, por tudo o que fez por si, mas acaba por não chegar a vez daquele a quem mais quer agradecer — Willem, que está sentado do seu lado direito —, porque dá por si incapaz de continuar. Ao erguer os olhos da cábula, vê que todos os seus amigos ali reunidos estão à beira das lágrimas, por isso, para.

O jantar está a ser agradável e não deixa de o divertir que os demais não parem de lhe pôr mais uma colher disto e daquilo no prato, ainda que ele pouco tenha comido do que lhe foi servido no começo, mas o sono é muito e acaba por se recostar na poltrona e fechar os olhos, sorrindo ao ouvir as conversas do costume e todas aquelas vozes que tão bem conhece pairar à sua volta.

Ouve Willem erguer-se. Decerto viu que ele está a cair de sono.

— Meus caros, a diva vai deixar a festa — anuncia. Roda a poltrona e começa a levá-lo para o quarto, e ele usa as forças que lhe restam para responder aos risos bem-dispostos e ao coro de despedida; espreita das costas da poltrona e sorri a todos, e até lhes dirige um último aceno etéreo e flutuante, como uma grande estrela faria. — Fiquem — diz, falando por cima do ombro, ao ser levado da sua companhia. — Fiquem, por favor. Fiquem, para o Willem ter finalmente uma conversa digna desse nome com alguém. — Os amigos respondem que assim farão. De resto, ainda nem são sete da tarde; têm muitas horas de conversa pela frente. — Adoro-vos — diz ele, e o grupo responde em coro, alto e bom som, que também o adora, e, sendo uma resposta coral, ainda assim ele consegue distinguir cada voz.

Na porta do quarto, Willem ergueu-o nos braços — perdeu tanto peso que, sem as próteses, que o fazem parecer uma cegonha, até Julia o consegue levar ao colo — e leva-o para a cama. Ajuda-o a despir-se e a tirar as próteses temporárias e tapa-o. Serve-lhe um copo de água e prepara os comprimidos: um antibiótico e uma mão-cheia de vitaminas. Vê-o tomá-los, depois senta-se momentaneamente na beira da cama, sem lhe tocar, apenas de maneira a ficarem próximos.

— Promete-me que agora vais para a sala e ficas com eles até muito tarde — pede ele, e Willem encolhe os ombros.

— Também podia ficar aqui contigo — sugere. — Acho que eles nem estão a dar pela minha falta. — Como se à deixa, ouve-se uma explosão de risos vinda da sala, o que os faz trocar um olhar e sorrir também.

— Não — diz ele. — Promete, vá. — Por fim, Willem assim faz. — Obrigado, Willem — diz ele, e é uma palavra tão insuficiente, mas mal consegue manter os olhos abertos. — Foi um dia bom.

— Foi, não foi? — responde Willem, que acrescenta qualquer coisa que ele não chega a ouvir porque adormece.

Nessa noite, os sonhos acordam-no. É um dos efeitos secundários do

antibiótico: tem pesadelos que, nessa noite, são piores do que nunca. Repetem-se noite após noite: não está num quarto de motel, mas na casa do Dr. Traylor, e continua a ter apenas quinze anos, como se os trinta e três que se seguiram não tivessem acontecido. Sonha com clientes e momentos específicos, coisas de que nem sabia que se recordava; sonha que se transformou no irmão Luke; sonha repetidamente que Harold se transformou no Dr. Traylor e, quando acorda, envergonha-o ter atribuído semelhante comportamento a Harold, ainda que tenha sido um impulso do subconsciente, e, ao mesmo tempo, enche-se de medo de que o sonho possa ser a realidade e tem de recordar a si mesmo o que Willem lhe assegurou: *Nunca, Jude. O Harold jamais te faria isso. De maneira nenhuma.*

Por vezes, os sonhos são tão vívidos e reais que precisa de vários minutos, senão uma hora para se reinstalar na sua existência, para se convencer de que a vida real, a sua verdadeira vida, é a consciente. Acontece-lhe acordar tão alheado de si que nem recorda quem é.

— Onde estou? — pergunta, desesperado, e depois: — Eu sou quem? Quem sou eu?

De imediato, tão próximas do seu ouvido como se vindas do seu cérebro, as palavras de Willem, murmuradas como um encantamento:

— Chamas-te Jude St. Francis. És o meu amigo mais antigo e mais estimado. És filho de Harold Stein e Julia Altman. És amigo de Malcolm Irvine, Jean-Baptiste Marion, Richard Goldfarb, Andy Contractor, Lucien Voigt, Citizen van Straaten, Rhodes Arrowsmith, Elijah Kozma, Phaedra de los Santos e os dois Henries Young.

» És nova-iorquino. Vives no SoHo. Fazes voluntariado num centro de apoio a artistas e numa cantina social.

» Gostas de nadar. Sabes fazer pão, bolos e biscoitos. Gostas de cozinhar. Adoras ler. Tens uma voz muito bonita, mas deixaste de cantar. És um excelente pianista. Colecionas arte. Mandas-me mensagens lindas quando estou fora em trabalho. És paciente. És generoso. És o melhor ouvinte que conheço. És a pessoa mais inteligente que conheço, em tudo. És a pessoa mais corajosa que conheço, em tudo.

» És advogado. És o presidente do departamento de contencioso da Rosen Pritchard and Klein. Adoras o teu trabalho e és-lhe muito dedicado.

» És um matemático. E um entendido em lógica. Que já me tentaste explicar muitas, muitas vezes.

» Foste tratado horrivelmente. Mas estás aqui. E nunca deixaste de ser quem és.

Willem vai-lhe dizendo estas coisas como um sortilégio até que o tragam de volta a si, e, durante o dia — por vezes, passados dias —, ocorrem-lhe fragmentos, que ele guarda no íntimo, por tudo o que Willem disse e pelo que não disse, por tudo o que não usou para o definir.

Mas vem a noite e o medo e o desnorte não o deixam recordar nada disso. O pânico é demasiado real e devorador.

— E tu, quem és? — pergunta, fitando o homem que o segura nos braços

enquanto lhe descreve alguém muito amado e com uma sorte invejável, alguém que ele não reconhece, mas que parece ter tanto. — Quem és tu?

O desconhecido tem resposta também para essa pergunta.

— Sou o Willem Ragnarsson — afirma. — E vou estar sempre aqui contigo.

— Vou agora — diz a Jude, mas continua ali. Por cima das suas cabeças, paira uma libélula brilhante como um escaravelho egípcio. — Vou agora — repete, mas, de novo, não faz um movimento. Só quando torna a repetir o mesmo consegue finalmente erguer-se da espreguiçadeira e calçar as alpergatas. Sente-se embriagado de calor.

— Traz limas — recorda-lhe Jude, protegendo os olhos da luz do Sol ao erguer o rosto para ele.

— Sim — diz Willem, e, inclinando-se, tira os óculos escuros de Jude para lhe beijar as pálpebras, depois torna a colocar-lhos. JB sempre disse que o verão é a estação de Jude: a sua pele escurece e o cabelo aclara, ficando um e outro praticamente do mesmo tom, o que lhe empresta uma qualidade sobrenatural aos olhos verdes. No verão, Willem tem de se avisar para não estar constantemente a tocar-lhe. — Volto já.

Boceja ao subir pesadamente a ladeira até à casa. Na cozinha, deixa o copo de chá com o gelo meio derretido no lava-louça, depois desce o acesso de cascalho até ao carro. Está um daqueles dias de verão tão quentes, tão secos e sem a mais pequena aragem, e, no céu, brilha um Sol tão ofuscante, que a paisagem deixa de se conseguir ver, tornando-se uma coleção de sons, cheiros e sabores: o zunido das abelhas e dos gafanhotos, que lembra um cortador de relva; o perfume ligeiramente apimentado dos girassóis; o sabor estranhamente mineral que o calor lhe deixa na língua, como se tivesse acabado de lamber pedras. Não é um calor desesperante, mas sim do tipo que elanguesce, que os deixa ensonados e indefesos, mergulhados num torpor que, mais do que aceitável, é necessário. Em dias tão quentes, preguiçam na beira da piscina durante horas a fio, esquecidos de comer, porque lhes basta o que vão bebendo: jarros de chá gelado com hortelã ao pequeno-almoço, litros de limonada ao almoço e vinho branco ao jantar. Deixam todas as portas e janelas da casa abertas e todas as ventoinhas ligadas, e, quando à noite fecham tudo, a casa encheu-se da fragrância do arvoredo e dos campos.

É o sábado antes do feriado da primeira segunda-feira de setembro. Normalmente, estariam em Truro, mas, este ano, arrendaram uma casa perto de Aix-en-Provence para Harold e Julia passarem o verão, daí estarem em Garrison. Harold e Julia chegarão no dia seguinte e talvez Laurence e Gillian venham com eles. Para já, Willem tem de ir buscar Malcolm e Sophie, e JB e o namorado intermitente Fredrik, à estação de comboios. Nos últimos tempos, praticamente não têm visto os amigos. JB passou os últimos seis meses em Itália, onde esteve a fazer uma residência artística, e Malcolm e Sophie têm andando muito ocupados com a construção de um novo museu de cerâmica em Xangai, daí que não tenham tornado a estar todos juntos depois daquela ocasião em abril, quando ele estava em rodagem em Paris: Jude, que viajara para Londres em trabalho, foi lá ter; JB viajou de Roma; e Malcolm e Sophie foram lá passar dois ou três dias antes do

regresso a Nova Iorque.

De cada vez que chega o verão, invariavelmente, Willem diz para consigo que aquele é o melhor de todos. Mas, desta vez, sabe que assim é, de facto. E não apenas o verão; também a primavera, o inverno e o outono foram os melhores de sempre. Conforme os anos passam, cada vez mais, dá por si a pensar na sua vida como uma sucessão de retrospectivas. Avalia cada estação do ano como se de um *vintage* se tratasse e divide a sua vida em épocas: Os Anos de Ambição. Os Anos de Incerteza. Os Anos de Glória. Os Anos em que Mentiui a Si Mesmo. Os Anos de Esperança.

Quando partilhou isto com Jude, ele sorriu.

— E em que época estamos agora? — perguntou, e Willem sorriu-lhe de volta. — Não sei — respondeu. — Ainda não a batizei.

Numa coisa concordaram: os Anos Horríveis eram um capítulo encerrado. Dois anos antes, passara aquele mesmo feriado num hospital no Upper East Side, parado à janela a observar, nauseado de ódio, o ajuntamento de pijamas verdes lá em baixo: enfermeiros, auxiliares e médicos entretidos a comer, a fumar e a falar ao telemóvel como se nada fosse, como se o edifício nas suas costas não estivesse cheio de pacientes à espera de que a morte os levasse, incluindo aquele que lhe dizia diretamente respeito, que, em coma induzido, ardia de febre, e que abrisa os olhos pela última vez quatro dias antes, um dia depois de ser operado.

— Ele vai ficar bem, Willem — não parava Harold de dizer. Normalmente, era ele o alarmista, mas, desta vez, Willem estava a conseguir ultrapassá-lo. — Ele vai ficar bem. O Andy garantiu-nos. — Não se calava com a lengalenga e repetia como um papagaio tudo o que ele já ouvira da boca de Andy, até que Willem não aguentou mais.

— Porra, Harold, pare lá com essa conversa. Ou acredita em tudo o que o Andy diz? Parece-lhe que o Jude está a *melhorar*? Acha-o com cara de quem vai ficar *bom*? — No mesmo instante, viu-lhe a mudança de expressão, e, de repente, estava ali um idoso aflito e suplicante que tentava desesperadamente não perder a esperança, e o arrependimento foi como um murro no estômago e fez Willem ir abraçá-lo. — Desculpe — disse-lhe; sabia que Harold já perdera um filho e que apenas se estava a tentar convencer de que em hipótese alguma perderia outro. — Desculpe, Harold, desculpe. Perdoe-me. Agora fui uma besta.

— Não foste, Willem, descansa — tranquilizou-o Harold. — Mas não me podes dizer que ele não vai melhorar. Não podes.

— Eu sei — respondeu Willem. — Claro que ele vai melhorar — acrescentou, e agora parecia Harold: Harold a tranquilizar Harold repetindo as palavras de Harold. — Claro que sim. — Mas o medo era um escaravelho a esgaravatá-lo por dentro: claro que não era claro coisa nenhuma. Nunca fora. Quaisquer *claros* tinham desaparecido havia dezoito meses. Não tornaria a haver *claros* nas suas vidas.

Sempre fora um otimista, mas, meses antes, o otimismo abandonara-o. Cancelara todos os projetos até ao fim do ano, mas, agora que o outono se arrastava sem fim à vista, lamentava não estar a trabalhar; sempre teria tido com

que se distrair. No final de setembro, Jude teve alta, mas estava tão magro e debilitado que Willem tinha medo de lhe tocar. Também olhar para ele o assustava, porque lhe via as maçãs do rosto tão salientes que lhe desenhavam sombras indeléveis em volta da boca, e o palpitir da pulsação na garganta reduzida a pele e osso sugeria uma criatura escondida dentro dele a tentar sair. Jude procurava reconfortá-lo e brincava com a situação, o que ainda o assustava mais. Nas raras ocasiões em que deixara o apartamento — «Tens de ir à rua, Willem, senão, enlouqueces», disse-lhe Richard, sem admitir contestação —, sentira-se tentado a desligar o telemóvel, porque, de cada vez que tocava e ele via que era Richard (ou Malcolm, Harold, Julia, JB, Andy, um dos Henries Young, Rhodes, Elijah, India, Sophie, Lucien ou quem quer que tivesse ficado com Jude durante uma hora, enquanto, agitado, ele vagueava pelas ruas ou descia ao ginásio para treinar, sem esquecer a meia dúzia de vezes em que se obrigou a não se levantar a meio de uma massagem ou de um almoço com Roman ou Miguel), dizia para consigo: *Vai ser agora. Ele está a morrer. Já morreu.* Deixava passar um segundo, depois outro, e só então atendia, para descobrir que a chamada tinha o único objetivo de o informar: Jude comera. Ou não. Ou adormecera. Ou estava agoniado. Até que teve de lhes dizer:

— Não me liguem a menos que seja sério. Pouco me importa que tenham alguma pergunta e seja mais fácil ligar: têm de me mandar mensagem. De cada vez que me ligam, penso que aconteceu o pior. — Só agora compreendia o que era isso de ficar com o coração na garganta: era precisamente a sua sensação e tinha-a de uma maneira visceral. E não era apenas o coração: tudo o resto dentro dele era violentamente sacudido pela ansiedade e subia-lhe à garganta como se fosse sair pela boca.

Toda a gente falava de recuperação como se fosse um processo previsível e com etapas bem definidas: uma diagonal que, resoluta, subia do canto inferior esquerdo do gráfico ao canto superior direito. Mas as coisas não se tinham passado dessa maneira com Hemming — que jamais estivera em convalescença, porque a recuperação nunca fora uma possibilidade —, e o mesmo valia agora para Jude, porque, a um e outro, calhara em sorte uma cordilheira feita de cumes e fossos. Em meados de outubro, depois de regressar ao trabalho (ainda assustadoramente magro e debilitado), certa noite, Jude acordou com febre tão alta que começou com convulsões, e Willem teve a certeza de que a sua hora chegara, de que aquilo era o fim. Por entre o medo, veio a consciência de que não se preparara para aquele momento, de que jamais se detivera a pensar no que isso ia significar, e, não sendo de pedinchar e propor acordos, foi o que fez naquele momento, apelando a algo ou alguém em que nem tinha a certeza de acreditar. Prometeu mais paciência e gratidão e menos palavrões, vaidade, sexo, indulgência, queixas, egocentrismo, egoísmo e medo. Quando ficou claro que Jude sobreviveria, o seu alívio foi tão tremendo que lhe levou o resto das forças e desmaiou, e Andy receitou-lhe um ansiolítico e mandou-o ir passar o fim de semana em Garrison com JB, enquanto ele e Richard ficariam com Jude. Willem sempre acreditara que, ao contrário de Jude, sabia aceitar auxílio quando lhe era oferecido, mas parecia ter-se esquecido

dessa capacidade na hora em que mais falta lhe fazia e agradeceu a sorte de ter amigos que se davam ao trabalho de lhe recordar.

No Dia de Ação de Graças, não se podendo dizer que estava tudo bem, pelo menos, não estava tudo mal, e aceitaram que uma e outra seriam sinónimas. Só em retrospectiva conseguiriam ver que isso foi um ponto de viragem, porque deu início a um período de dias, que se tornaram semanas, depois um mês inteiro, em que não houve sustos; redescobriram o truque de acordar dia após dia não com receio, mas com objetivos; e finalmente, com prudência, foram capazes de fazer planos, porque o objetivo já não era simplesmente chegar ao fim desse dia, mas pensar também naqueles que ainda não tinham sequer contornos vagos. Só nessa altura conseguiram falar do que era preciso fazer, podendo Andy definir um calendário rigoroso, com metas para um, dois e seis meses: quanto peso devia Jude recuperar, quando começaria a usar as próteses definitivas, quando queria que ele conseguisse dar os primeiros passos e quando deveria estar novamente a andar. De novo, a vida retomou o seu curso e um e outro voltaram a ter obrigações diárias. Em fevereiro, Willem estava outra vez a ler guiões. Em abril, prestes a fazer 49 anos, Jude já andava — devagar e não muito gracioso, mas andava — e tornara a parecer uma pessoa normal. Em agosto, no aniversário de Willem, quase um ano depois da operação e tal como Andy previra, o seu andar era bem mais fluido e confiante do que alguma vez fora depois do traumatismo, tal como a sua aparência voltou a estar para lá da aparência do comum dos mortais, porque Jude tornara a ser o mesmo de antes.

— Ainda não fizemos a festa de arromba para celebrar os teus cinquenta anos — recordou-lhe Jude quando ele fez 51, durante o jantar de aniversário de que se encarregara e que o fizera passar horas de pé diante do fogão sem que houvesse sinais de fadiga. Willem sorriu.

— Só preciso disto — respondeu, e estava a ser sincero. Não se atrevia a comparar a sua experiência de dois anos brutais e esgotantes com o que Jude vivera, mas o facto era que se sentia transformado. O desespero parecia ter dado lugar a um sentimento de invencibilidade, como se tudo o que era frágil e dispensável na sua pessoa se tivesse consumido, revelando a sua essência: alguém forte como aço, indestrutível, mas capaz de se moldar. Alguém capaz de aguentar tudo.

Festejaram o seu aniversário em Garrison, apenas os dois, e, depois do jantar, desceram até ao lago. Ele despiu-se, correu pelo pontão e saltou para a água, que parecia e cheirava a uma gigantesca piscina de chá.

— Anda — chamou, e, vendo Jude hesitar: — Sou o aniversariante e tens de fazer o que eu digo. — Jude despiu-se devagar, tirou as próteses, e, na beira do pontão, usou as mãos para se impulsionar e Willem segurou-o. Conforme Jude fora ficando mais forte, aumentara o seu constrangimento. Ocasionalmente, ficava muito calado, além de que não se poupava a cuidados para que Willem não o visse pôr ou tirar as próteses, e nada disso escapava a Willem, que percebia que lhe estava a ser difícil aceitar o seu novo corpo. Na fase de extrema debilidade, deixara que Willem o ajudasse a despir e vestir, mas, agora que recuperara fisicamente,

Willem via-o despido tão-só de fugida e acidentalmente. Porém, decidira tomar a inibição de Jude por um indício de saúde, porque, pelo menos, provava que ele já não estava debilitado, uma vez que não precisava de ajuda para tomar duche nem para se deitar ou levantar. Tudo isso eram coisas que, num primeiro momento, não tivera forças para fazer sozinho, mas que entretanto reaprendera a fazer sem ajuda.

Deslizaram pelo lago, nadando ou agarrados um ao outro em silêncio, depois Willem saiu, seguindo-se Jude, que usou os braços para subir ao pontão. Nus, ali ficaram sentados, a desfrutar a agradável noite de verão. A dada altura, detiveram-se os dois a observar as pernas de Jude, que terminavam em cotos afunilados. Depois de longos meses, era a primeira vez que Willem via Jude despido e não soube o que dizer, acabando por simplesmente o rodear com um braço para o ter mais perto de si, o que se revelou (achou ele) a coisa certa de dizer.

O medo de Willem tornou-se intermitente. Em setembro, quando estava a poucas semanas de viajar para rodar o seu primeiro filme depois de uma paragem de mais de um ano, Jude tornou a acordar com febre, e, desta vez, não lhe pediu que não ligasse a Andy, tal como Willem não lhe pediu permissão para o fazer. Sem esperar um segundo, seguiram para o consultório de Andy, que pediu raios-X, análises ao sangue e tudo o resto, e esperaram os dois no consultório, cada um em seu gabinete, estendidos em marquesas, até que o radiologista finalmente ligou de volta a informar que não havia sinais de infeção óssea, seguindo-se uma chamada do laboratório de análises clínicas a informar que tão-pouco tinham detetado alguma coisa.

— Rinofaringite — anunciou um Andy sorridente. — Vulgo constipação. — Ao ouvir isto, Willem afagou a nuca de Jude e os três respiraram de alívio. De repente, com uma rapidez perturbante, o instinto do medo tornara a acordar, porque o medo era um vírus que podia ficar adormecido, mas jamais desapareceria para não mais voltar. Reaprender, reconquistar, a alegria e a despreocupação exigira-lhes esforço e trabalho. Já o medo não funcionava assim: viveria nos três até ao fim, seria a doença que os infetara, uma estranha fita luminescente que se conseguira entrelaçar no seu ADN.

Willem viajou para Espanha, para começar uma rodagem que decorreria na Galiza. Desde que se conheciam que Jude lhe falava da sua vontade de fazer o Caminho de Santiago — a célebre peregrinação medieval que terminava na Galiza.

— Podemos começar no vale de Aspe, nos Pirenéus — sugeriu certa vez, muito antes de um ou outro fazerem a primeira viagem a França —, depois continuamos para oeste. Serão várias semanas a caminhar! Li que há albergues para peregrinos; podemos dormir lá. A nossa comida vai ser pão preto com sementes de alcaravia, iogurte e pepinos.

— Não sei — hesitou Willem, na altura, mais preocupado consigo do que com as limitações de Jude (era ainda demasiado jovem, eram os dois, na verdade, para acreditar que Jude pudesse ter mesmo algum tipo de limitação). — Soa-me a uma estafa desgraçada, Judy.

— Eu levo-te às cavalitas — declarou Jude sem hesitar, fazendo Willem sorrir.

— Ou arranjamos um burro e vais montado. Claro que a tradição é fazer a peregrinação a *pé* e não de burro.

Conforme foram ficando mais velhos e pouco a pouco se tornou por demais evidente que o sonho de Jude não passaria disso mesmo, as suas fantasias em torno do *Camino* foram-se tornando mais elaboradas.

— Ouve só esta ideia para um filme — pediu Jude, certa vez. — Quatro estranhos, uma freira taoista em luta com a sua sexualidade, um ex-recluso britânico libertado recentemente que escreve poesia, um ex-traficante de armas cazaquistânês traumatizado com a morte da mulher e um universitário americano bonito, sensível, mas que desistiu do curso porque é uma alma atormentada (este, fazias tu, Willem), conhecem-se durante a peregrinação a Santiago de Compostela e ficam amigos para a vida. Seria filmado em tempo real, portanto, a rodagem teria a duração da caminhada. Que vocês quatro iam ter de fazer a sério.

Nesta altura, já ele desatara a rir.

— Qual é o fim da história? — perguntou.

— A freira taoista apaixona-se por uma ex-oficial do exército israelita que conheceu no caminho e as duas regressam a Telavive e abrem um bar de fufas, o Radclyffe's. O ex-recluso e o ex-traficante de armas acabam juntos. E tu conheces uma sueca de ar virginal, mas que, na verdade, é uma libertina, e os dois abrem uma pousada de luxo nos Pirenéus, onde o quarteto reúne todos os anos para comemorar mais um aniversário da sua amizade.

— E como se vai chamar o filme? — perguntou ele, com um sorriso arreganhado.

Jude ficou muito pensativo.

— *Santiago Blues* — acabou por responder, e Willem desmanchou-se a rir.

Nunca mais deixaram de revisitar pontualmente a ideia, que ia sofrendo ligeiras adaptações, porque Willem ia ficando mais velho. Porém, a ideia central e o local de rodagem de *Santiago Blues* tinham-se mantido inalterados pelos anos fora.

— Que tal é o argumento? — perguntava Jude, sempre que propunham um novo projeto a Willem, que recebia invariavelmente a pergunta com um suspiro.

— Escapa — respondia. — Não é nenhum *Santiago Blues*, mas enfim.

E então, pouco tempo depois daquele Dia de Ação de Graças em que a sua perspetiva mudou, Kit, com quem Willem já comentara o fascínio de ambos pela Peregrinação a Santiago de Compostela, enviou-lhe um guião com um *post-it* onde apenas escrevera. «*Santiago Blues!*» E, não sendo exatamente *Santiago Blues* — graças a deus, era muito melhor, concordaram ele e Jude —, passava-se no caminho de Santiago e parte da rodagem decorreria em tempo real, começando nos Pirenéus, em Saint-Jean-Pied-de-Port, e terminando em Santiago de Compostela. As *Estrelas de Santiago* contaria a história de dois homens, ambos chamados Paul, ambos desempenhados pelo mesmo ator. O primeiro era um monge francês no século xvi, que, em vésperas da Reforma Protestante, partia de Wittenberg para fazer a peregrinação; o segundo, um pastor na atualidade, que vivia numa pequena cidade americana e começava a questionar a sua fé. Tirando

algumas personagens secundárias com quem esses dois homens se cruzariam, o filme resumia-se a esses dois papéis principais, que seria Willem a fazer.

Pedi a Jude que lesse o guião e, quando terminou, ele suspirou de tristeza.

— É magnífico — disse. — Só tenho pena de não poder ir contigo.

— Eu também — murmurou Willem. Para consigo, desejava que Jude acalentasse sonhos mais fáceis, sonhos ao seu alcance e que ele o pudesse ajudar a concretizar. Mas todos os sonhos de Jude tinham que ver com movimento: envolviam invariavelmente percorrer a pé distâncias impossíveis ou atravessar territórios impraticáveis. E, ainda que agora conseguisse andar e que Willem não se lembrasse de o ver com tão poucas dores em muitos anos, os dois sabiam que ele jamais viveria sem dor. O impossível manter-se-ia impossível.

Jantou com Emanuel, o realizador espanhol, que, embora jovem, já ganhara vários prémios, e que, contrariando a complexidade e melancolia do guião que assinara, era alegre e entusiástico. Não se cansou de repetir que ficara atónito ao saber que Willem, com quem sonhara trabalhar, tinha aceitado fazer o filme. Willem, por sua vez, contou-lhe a respeito de *Santiago Blues*. (Emanuel riu ao ouvir o enredo. «Nada mau!» elogiou no fim, fazendo Willem rir também. «Mas nós queremos que *seja* mau!», protestou.) Explicou que Jude sempre quisera fazer a peregrinação e que, com aquele filme, a estaria a fazer em seu lugar.

— Ah — replicou Emanuel, com um certo ar de conspiração. — Portanto, estamos a falar do homem por quem arruinou a sua carreira, certo?

Willem sorriu de volta.

— Sim — confirmou. — Esse mesmo.

Foi uma rodagem extenuante em que os dias pareciam não ter fim e, como Jude previra, o que mais fez foi andar (seguido por um cortejo de caravanas em vez de burros). Havia alturas em que quase ficava sem rede no telemóvel, por isso começou a comunicar com Jude por mensagens escritas, o que até lhe pareceu mais adequado, mais consonante com o papel de peregrino. De manhã, mandava-lhe uma foto do seu pequeno-almoço (pão preto com sementes de alcaravia, iogurte e pepinos) e a porção do percurso que faria nesse dia. Grande parte do caminho atravessava pequenas cidades bastante movimentadas, o que os obrigava a desviar para áreas rurais. Diariamente, escolhia alguns calhaus brancos na beira da estrada e guardava-os num frasco, que levaria para casa. À noite, no hotel, envolvia os pés em toalhas húmidas aquecidas.

A rodagem terminou duas semanas antes do Natal e ele viajou para Londres, para algumas reuniões, depois regressou a Madrid, onde o esperava Jude. Alugaram um carro e rumaram a sul, com passagem pela Andaluzia. Pararam numa vila à beira de uma falésia para visitar o Henry Young asiático, que, ao vê-los, se pôs a acenar eufórico enquanto subia pesadamente a encosta. Por fim, a cem metros de os alcançar, correu ao seu encontro.

— Graças a deus, uma desculpa para sair daquela puta daquela casa — queixou-se. Havia um mês que estava a viver numa colónia de artistas no fundo da encosta, num vale carregado de pomares de laranjeiras, mas, coisa rara, detestava os colegas de residência. Enquanto comiam rodela de laranja embebidas num

licor feito do sumo das mesmas e polvilhadas com canela, cravo-da-índia e amêndoa moída, Henry divertiu-os com as suas histórias sobre os outros seis com quem partilhava as instalações. Despediram-se com encontro marcado em Nova Iorque daí por um mês e Willem e Jude desceram à cidade velha, cujas construções medievais refulgiam como cubos de sal branco. Cruzaram-se com os seus habitantes, alguns a empurrar carrinhos de mão e tendo o cuidado de se desviar dos gatos malhados estendidos a preguiçar pelas ruas, que sacudiam as caudas à sua passagem.

No final da tarde do dia seguinte, perto de Granada, Jude anunciou que tinha uma surpresa para ele. Entraram no carro que os esperava diante do restaurante. Jude trouxera o envelope pardo que mantivera ao seu lado durante o jantar.

— Onde vamos? — perguntou Willem. — Trazes o quê nesse envelope?

— Já vês — respondeu Jude.

A estrada subia e descia e, por fim, pararam diante do arco da entrada do Palácio de Alhambra, onde Jude estendeu uma carta ao guarda, que a leu atentamente, depois assentiu. O carro entrou na cidadela e parou, e os dois saíram para um pátio silencioso.

— Tudo teu — anunciou Jude, indicando-lhe, com um tímido movimento de cabeça, as construções e jardins mais abaixo. — Durante três horas. — Perante o silêncio de Willem, murmurou: — Não te lembras?

Willem apenas conseguiu esboçar um assentimento.

— Claro — respondeu, rouco de emoção. Ao longo dos anos, ao falarem em fazer o Caminho de Santiago, sempre tinham dito que, no fim, se meteriam num comboio para sul e visitariam o Palácio de Alhambra. Com o tempo, tornara-se evidente que não fariam a peregrinação, mas, ainda assim, ele nunca visitara o célebre palácio-fortaleza, embora tivesse rodado mais do que um filme perto dali. Quisera esperar por Jude.

— Podemos agradecer a um dos meus clientes — esclareceu Jude, antecipando-se à pergunta. — Defendemos alguém em tribunal e, surpresa, o padrinho do nosso cliente é o ministro da Cultura de Espanha, que aceita uma generosa contribuição para o Fundo de Conservação de Alhambra e que em troca nos concede o privilégio de uma visita exclusiva. — Arreganhou um sorriso. — Eu avisei que íamos fazer alguma coisa em grande para celebrar os teus cinquenta anos. Com ano e meio de atraso, mas enfim. — Afagou-lhe o braço. — Não chores, Willem.

— Quem disse que eu ia chorar? — replicou Willem. — Sou capaz de outras reações, caso não saibas — declarou, embora tivesse as suas dúvidas de que assim era, de facto.

Abriu o envelope que Jude lhe entregou e viu que continha um pequeno embrulho. Desfez o laço e rasgou o papel. Era um livro feito à mão, organizado por capítulos: «A Alcáçova»; «O Palácio do Leão»; «Os Jardins»; «Generalife». Reconheceu a letra de Malcolm, que dedicara a tese de doutoramento ao Palácio de Alhambra, que visitava anualmente desde os nove anos. Os capítulos eram separados por desenhos de pormenores do palácio-fortaleza — um jasmim

carregado de pequenas flores brancas, uma parede em mosaico azul-cobalto —, cada um com sua dedicatória, assinados por Richard, JB, India, o Henry Young asiático e Ali. Desta vez, foi-lhe impossível não chorar, e riu por entre as lágrimas quando Jude aconselhou a começarem a visita de uma vez, ou iam passar as três horas a chorar ali na entrada? Willem segurou-o nos braços e beijou-o, indiferente aos silenciosos guardas fardados de preto nas suas costas.

— Obrigado — agradeceu. — Obrigado, obrigado, obrigado.

Jude trouxera uma lanterna, cujo feixe de luz saltitante os guiou ao avançarem na quietude da noite. Entraram em palácios de mármore tão antigo que toda a estrutura parecia feita de manteiga em vias de derreter; e em grandes salas de tetos abobadados tão altos que não se ouviam os pássaros voar de um lado para o outro, e com janelas tão simétricas e perfeitamente posicionadas que o luar iluminava cada recanto. De vez em quando, paravam para ler o que Malcolm escrevera e isso fazia-os deter-se em pormenores que de outra maneira lhes teriam escapado, entre eles, que se encontravam numa sala onde, mil anos antes, senão mais, um sultão ditara a correspondência. Examinaram as ilustrações, confrontando-as com a realidade. Cada desenho era acompanhado por notas breves na página do lado, assinadas pelo respetivo artista, falando da sua primeira visita a Alhambra e porque escolhera desenhar aquele pormenor. Os dois tornaram a sentir o mesmo que tantas vezes tinham sentido na juventude: que todos quantos conheciam tinham corrido o mundo e eles não. Sabiam que isso deixara de ser verdade, mas continuavam a ser visitados pelo mesmo assombro ante as vidas dos amigos, que tinham feito tantas coisas e a quem não faltava a capacidade de apreciar nem o talento para registar todas essas experiências que tinham somado. Nos jardins de Generalife, deram por si num labirinto de sebes de cipreste, onde ele começou a beijar Jude mais apaixonadamente do que se permitira em muito tempo, embora ouvissem vagamente os passos de um guarda no empedrado.

De regresso ao hotel, os beijos continuaram, e Willem ouviu a voz na sua cabeça dizer-lhe que, sendo aquela noite um filme, estariam a fazer amor naquele momento. A um passo de o dizer alto, caiu em si, obrigou-se a parar e afastou-se de Jude. Mas foi como se tivesse dito o que pensara porque se olharam nos olhos durante longos segundos sem dizer palavra, até que Jude finalmente murmurou:

— Se quiseres, sim.

— E *tu*, queres? — perguntou Willem, após um breve silêncio.

— Sim, claro — respondeu Jude, mas, vendo como o olhar lhe fugira para o chão e ouvindo como a voz lhe saía quase engasgada, Willem percebeu que ele estava a mentir.

Num primeiro instante, ponderou fazer de conta e permitir-se acreditar que Jude estava a dizer a verdade. Mas não foi capaz. Por isso:

— Não — respondeu, e saiu de cima dele. — Acho que já tivemos entusiasmo que chegue para uma noite. — Ouviu o suspiro de alívio de Jude e, prestes a adormecer ao seu lado, ouviu-o murmurar:

— Desculpa, Willem. — Quis assegurar-lhe que compreendia, mas praticamente adormecera e não foi capaz de dizer as palavras.

Foi a única nota triste em toda aquela fase, mas por motivos diferentes para um e outro. Willem sabia que a tristeza de Jude se devia ao sentimento de fracasso e à certeza de não estar a cumprir com as suas obrigações, por mais que Willem tivesse tentado que ele parasse de pensar nesses termos. Quanto a si, sentia-se triste por Jude. Ocasionalmente, permitia-se imaginar como poderia ter sido a vida de Jude se lhe tivesse sido permitido descobrir o sexo, em vez de o forçarem a aprendê-lo, mas tais reflexões não ajudavam nenhum deles, além de que o deixavam sempre muito abalado. Por isso, tentava não pensar no assunto. Que, ainda assim, nunca deixava de estar presente, atravessando a amizade dos dois e as suas vidas como um veio de turquesa em bruto na pedra.

Entretanto, tinham a normalidade e a rotina, que eram melhores do que o sexo e a excitação. Em retrospectiva, veio a tomada de consciência de que, naquela noite, Jude andara — devagar, porém, com passos seguros — durante quase três horas seguidas. No regresso a Nova Iorque, esperavam-nos as suas vidas e tudo o que gostavam de fazer, hábitos que puderam ser retomados porque Jude recuperara as forças e já era capaz de ir ao teatro ou à ópera ou jantar fora e manter-se de olhos abertos até ao fim, tal como conseguia subir os degraus até à porta da frente da casa de Malcolm em Cobble Hill ou descer a rua inclinada até ao prédio de JB em Vinegar Hill. Foi reconfortante tornar a ouvir o alarme do seu despertador tocar às cinco e meia da manhã e ouvi-lo descer para o habitual treino de natação, tal como, quando reparou numa caixa na bancada da cozinha, foi um alívio ver que Jude juntara os sistemas de soro e as compressas esterilizadas que não usara e as bebidas calóricas que lhe tinham sobrado (só recentemente Andy o autorizara a excluí-las da dieta) e que ia entregar tudo a Andy para que ele doasse ao hospital. Nesses momentos, passados segundos, ocorria a Willem que, dois anos antes, ao entrar em casa vindo do teatro, encontrava Jude a dormir, tão debilitado que, por vezes, o cateter por baixo da *T-shirt* se confundia com uma artéria, e que acreditara que Jude continuaria a definhar inexoravelmente até que nada restasse além de nervos, veias e ossos. Por vezes, quando recordava essa fase, visitava-o uma espécie de desorientação. Quem tinham sido eles naquela altura? Para onde tinham ido aquelas duas pessoas? Iriam regressar? Ou antes se tinham tornado eles duas pessoas inteiramente diferentes? Então, imaginava que essas duas pessoas não tinham desaparecido, mas que continuavam dentro de um e outro, à espera do momento oportuno para reemergir e se repossar dos seus corpos e mentes. Eram duas identidades em remissão, mas que ele e Jude sempre trariam em si.

A doença estivera tão presente nas suas vidas até tão recentemente que continuavam a sentir gratidão por cada dia em que nada acontecia, embora, nesta altura, já pudessem contar com essa rotina. Quando, depois de muitos meses, Willem tornou a ver Jude usar a cadeira de rodas para se levantar do sofá a meio de um filme porque estava a ter uma crise de dor e queria ficar sozinho, a imagem perturbou-o, mas recordou a si mesmo que Jude era esse: o seu corpo traía-o e assim iria fazer até ao fim. A operação não mudara isso, apenas fizera mudar a reação de Willem a esse facto. Tal como, quando percebeu que Jude se andava outra vez a cortar — não com a mesma frequência, mas com alguma regularidade

—, teve de dizer para consigo que, também nisso, Jude era quem era e a operação não o mudara.

Apesar destes senãos, uma manhã, disse-lhe:

— Talvez devêssemos chamar a esta época os Anos Felizes. — Era fevereiro, lá fora, nevava, e continuavam na cama, como agora faziam aos domingos de manhã.

— Não sei — hesitou Jude, e, embora lhe estivesse a ver a cara de perfil, Willem percebeu que ele sorria. — Não achas que isso seria tentar a sorte? Aposto que, se a batizarmos com esse nome, a seguir caem-me os braços. Além disso, não estaríamos a ser originais.

Referia-se ao título do próximo filme de Willem. Dentro de uma semana, viajaria para começar onze semanas de rodagem, depois de seis de preparação. Originalmente, o filme chamava-se *O Bailarino Sai de Cena*, mas, recentemente, Kit informara-o de que os produtores tinham mudado o título, que agora seria *Os Anos Felizes*.

O que não agradou a Willem.

— Parece cínico — comentou com Jude. Já dissera o mesmo a Kit e ao realizador. — Soa sarcástico e amargo. — A conversa acontecera havia duas ou três noites; estavam estendidos no sofá e ele tivera a aula de *ballet*, que, uma vez mais, o deixara esgotado e dorido, daí que Jude lhe estivesse a massajar os pés. Faria Rudolf Nureyev nos anos finais, desde o convite para diretor de dança da Ópera de Paris em 1983, depois a altura em que o VIH é diagnosticado e o aparecimento dos primeiros sintomas, um ano antes da morte.

— Percebo o que queres dizer — respondeu Jude, quando ele finalmente esgotou as queixas. — Mas, para ele, talvez esses tenham sido os anos felizes. Vivia em liberdade; adorava o trabalho; era um mentor para a nova geração de bailarinos; e revigorou a companhia, que estava num ponto baixo. Algumas das suas coreografias mais celebradas são desse período. Ele e o bailarino dinamarquês...

— Erik Bruhn.

— Isso. Os dois continuavam juntos e a relação durou mais algum tempo. Entretanto, tinha vivido tudo aquilo que, na juventude, talvez tenha pensado que não viveria, e ainda era suficientemente jovem para desfrutar o dinheiro, a fama e a liberdade artística. E o amor. E a amizade. — Enterrou os nós dos dedos na planta do pé de Willem, fazendo-o franzir-se de dor. — Eu diria que foi uma vida feliz.

Calaram-se.

— Mas estava doente — ressaltou Willem.

— Nessa altura, ainda não estava — recordou-lhe Jude. — Ou, pelo menos, a doença ainda não se tinha manifestado.

— Talvez não — concordou Willem. — Mas ele já estava a morrer.

Jude sorriu.

— Ora, morrer — disse, como se falasse de algo sem importância. — Todos nós estamos a morrer. Ele apenas descobriu que, para si, a morte ia chegar mais cedo do que o previsto. O que não invalida que aqueles anos tenham sido felizes

ou que tenha sido uma vida feliz.

Willem deteve-se nele e repetiu-se a sensação que por vezes o visitava quando se punha a pensar em Jude e no significado da sua vida. A história de Jude entristecia-o, sim, mas não podia dizer que o lastimava, porque a tristeza que sentia por Jude tinha um significado mais vasto, sentia-a por todos os que levavam vidas de luta, milhares de milhões que Willem não conhecia e que queriam viver as suas vidas. Sentia tristeza por todos eles, mas também assombro e uma espécie de reverência por todos os que, por toda a parte, lutavam até ao limite das forças para continuar a viver, mesmo nos dias de maior desespero e nas circunstâncias mais desditosas. *A vida é muito triste*, pensava Willem nesses momentos. *É muito triste, mas não deixamos de a viver. Agarramo-nos a ela com unhas e dentes e procuramos alguma coisa que nos traga consolo.*

Não disse nada disto, claro, apenas se sentou no sofá, segurou o rosto de Jude e beijou-o, depois tornou a deixar-se cair nas almofadas.

— Onde foste buscar tanta sabedoria? — perguntou-lhe, e Jude arreganhou um sorriso.

— Estou a fazer muita força? — perguntou, à laia de resposta, referindo-se à massagem.

— Até devias fazer mais.

Agora, passados poucos dias, estavam na cama e ele fez Jude encará-lo.

— Acho que o nome vai ter mesmo de ser Anos Felizes — disse-lhe. — Temos de correr o risco de te caírem os braços. — Jude deu uma gargalhada.

Na semana seguinte, viajou para Paris. Foi uma das rodagens mais difíceis da sua carreira; tinha um duplo, um verdadeiro bailarino, que o substituíra nas sequências mais exigentes, mas Willem fez algumas das cenas que envolviam dança, e houve dias — passados a erguer bailarinas cuja musculatura alongada e compacta o deixava atónito — tão extenuantes, que, quando terminavam, apenas lhe restavam forças para desfalecer na banheira e depois sair de lá. Em anos recentes, dera por si subconscientemente atraído por papéis de fisicalidade cada vez mais exigente, e espantava-se, tal como se sentia grato, ao verificar que o seu corpo se dispunha heroicamente a cada novo desafio. Ganhara uma nova consciência do seu corpo e, ao encarnar Nureyev, esticava os braços para trás ao saltar e sentia cada músculo dorido responder ao desafio e permitir-lhe cumprir com o que se propusera, nunca deixando que ele se magoasse com gravidade e satisfazendo-lhe todos os caprichos. Sabia que não era o único a agradecer essa sorte. De cada vez que ele e Jude iam a Cambridge, jogava diariamente ténis com Harold, e, embora não fosse tema de conversa, percebia que ambos tinham aprendido a sentir gratidão por ter corpos que ainda não lhes tinham falhado. Podiam correr pelo campo e inclinar-se bruscamente para devolver uma raquetada feroz sem pensar duas vezes e isso era inestimável.

Jude visitou-o em Paris no final de abril. Willem prometera-lhe que celebrariam os seus cinquenta anos em paz e sossego, mas organizou um jantar-surpresa para o qual convidou não só JB, Malcolm e Sophie mas também Richard, Elijah, Rhodes, Andy, o Henry Young preto, Harold e Julia, viajando todos de

propósito para a ocasião, que também contou com Phaedra e Citizen, que o ajudaram a planejar tudo. No dia seguinte, Jude esteve no *set*, algo que fizera raríssimas vezes. Nessa manhã, filmaram uma cena em que Nureyev tentava corrigir uma *cabriole* de um jovem bailarino, e, depois de lhe explicar várias vezes como se fazia, por fim resolveu demonstrar; na cena anterior, que ainda não tinham filmado, era-lhe diagnosticado o VIH, e, ao saltar e bater as pernas esticadas, caía, fazendo-se um silêncio sepulcral no estúdio de dança. A cena terminava com um plano aproximado do seu rosto e Willem teria de expressar a súbita compreensão de como iria morrer e, de seguida, a decisão de ignorar essa tomada de consciência.

Fizeram vários *takes* e, depois de cada um, ele tinha de se afastar um momento e recuperar. Era cercado por assistentes de cabelos e maquilhagem, que lhe limpavam a transpiração do rosto e do pescoço. Finalmente pronto, voltava à primeira marca. Quando o realizador se deu por satisfeito, Willem mal conseguia recuperar o fôlego, mas também estava satisfeito.

— Desculpa — disse, indo finalmente ter com Jude. — As rodagens são entediantes.

— Nada disso, Willem — assegurou Jude. — Achei espantoso. Nem imaginas como ficaste belo na cena. — De repente, mostrou-se hesitante. — Mal pude acreditar que eras mesmo tu.

Willem segurou-lhe a mão e apertou-a na sua. No capítulo das manifestações públicas de afeto, sabia que era o máximo com que Jude se sentia confortável. Porém, ainda não descobrira o que tais manifestações de afeto lhe suscitavam. Na primavera, depois de terminar o relacionamento com Fredrik pela enésima vez, JB envolvera-se com o primeiro bailarino de uma conhecida companhia de dança contemporânea e eles tinham ido ver o espetáculo. Durante o solo de Josiah, Willem olhara de fugida para Jude e vira-o ligeiramente inclinado para diante, de queixo apoiado na mão, tão embrenhado no que ia acontecendo no palco que se sobressaltou ao sentir a mão de Willem nas suas costas. «Desculpa», sussurrou Willem. Nessa noite, já deitados, Jude mal dizia uma palavra, o que o fez perguntar-se o que estaria ele a pensar. Estaria perturbado? Melancólico? Triste? Acabou por nada perguntar, por lhe parecer insensível pedir a Jude que dissesse alto aquilo que ele talvez não tivesse ainda articulado para consigo.

Regressou a Nova Iorque em meados de junho e, na cama, Jude observou-o demoradamente.

— Passaste a ter um corpo de bailarino — disse, e, no dia seguinte, Willem examinou-se ao espelho e verificou que Jude tinha razão. No final da semana, jantaram no terraço superior, que, unindo esforços com Richard e India, tinham finalmente posto em condições de ser usado, tendo Richard e Jude plantado arbustos e árvores de fruto nos canteiros. Ao exemplificar alguns dos passos que aprendera, Willem sentiu o constrangimento inicial dar lugar ao entusiasmo ao atravessar o terraço com sucessivos *jetés* enquanto ouvia o aplauso dos amigos e via o Sol dar aos poucos lugar à noite.

— Mais um talento escondido — elogiou Richard, brindando-o com um

sorriso.

— Sem dúvida — concordou Jude, que também lhe sorriu. — Depois de tantos anos, o Willem continua a ser uma caixa de surpresas.

Mas Willem já compreendera que todos eles guardavam surpresas na manga. Na juventude, nada tinham para oferecer uns aos outros senão os seus segredos, daí que as confissões fossem moeda corrente e as revelações, a sua versão de intimidade. Esconder dos amigos o que viviam começava por resultar misterioso, mas depressa se tornava sinónimo de avareza e eliminava a possibilidade de uma verdadeira amizade.

— Há alguma coisa que não me estás a contar, Willem — queixava-se JB quando lhe dava para fazer acusações, seguindo-se: — Agora há segredos entre nós? Não confias em mim? Julguei que éramos melhores amigos.

— E somos, JB — afiançava Willem, assegurando: — Não te estou a esconder nada. — E não estava, de facto, porque nada havia a esconder. Dos quatro, apenas Jude guardava verdadeiros segredos, e, se era verdade que, no passado, Willem reagira com frustração à aparente má vontade de Jude, que parecia querer guardar a sua história para si, isso jamais o fizera sentir que afinal não eram melhores amigos, tal como não o amara menos por isso. Tivera de aprender essa difícil lição: Jude nunca se lhe entregaria por inteiro; estava condenado a amar alguém que jamais lhe revelaria a sua essência e sempre lhe seria inacessível.

Por outro lado, conhecendo-se havia trinta e quatro anos, continuava a descobrir Jude, tal como se mantinha o fascínio de cada vez que havia mais uma pequena revelação. Em julho, pela primeira vez, Jude convidou-o para a churrascada de verão da Rosen Pritchard.

— Não tens de ir se não quiseses — ressaltou mal fez a pergunta. — Vai ser uma grande seca, acredita.

— Duvido — respondeu Willem. — E podes contar comigo.

O piquenique decorreu no exterior de uma antiga mansão à beira do Hudson, uma espécie de prima sofisticada da casa onde ele filmara *O Tio Vânia*, e contou com a firma em peso: sócios principais, associados, colaboradores e respetivas caras-metades e filhos. Ao descerem o relvado das traseiras salpicado de trevos ao encontro dos demais, Willem encheu-se subitamente de uma timidez que não lhe era de todo usual. Acabava de ter repentina e aguda consciência de que estava a impor a sua presença numa realidade que não era a sua. Minutos depois, quando Jude foi levado pelo presidente de direção da firma, que disse a Willem que se tratava de um assunto de trabalho urgente, mas que não demoraria nada, Willem teve de resistir ao impulso de agarrar Jude para que ele não o deixasse sozinho. Olhando por cima do ombro, Jude desculpou-se com um sorriso e mostrou-lhe a mão aberta — *cinco minutos* — antes de se afastar.

Deu graças a deus quando ao seu lado se materializou Sanjay, um dos pouquíssimos colegas de Jude que conhecera e que no ano anterior se tornara copresidente do departamento de contencioso, para que Jude se pudesse concentrar na angariação de novos clientes, ocupando-se Sanjay dos problemas diretivos e administrativos. Parados no cimo do relvado, observaram os vários

convidados e Sanjay foi-lhe apontando colaboradores e jovens associados que tanto ele como Jude detestavam. (Alguns dos amaldiçoados voltavam-se e apanhavam-no em flagrante, e Sanjay acenava-lhes e sorria enquanto entre dentes resmungava tenebrosidades a respeito da sua falta de competência e desenvoltura.) Willem começou a dar-se conta dos olhares furtivos de vários convidados e uma mulher que vinha a subir a ladeira teve a falta de elegância de seguir na direção oposta ao vê-lo ali parado.

— Vejo que estou a fazer furor — gracejou ele, e Sanjay abriu um sorriso.

— Não é o Willem que os intimida — explicou. — É o Jude. — Arreganhou um sorriso. — OK, talvez o Willem também os intimide um pouco.

Por fim, Jude voltou para junto dele, e, durante algum tempo, ficaram os dois à conversa com o presidente de direção («Sou um grande fã do seu trabalho») e com Sanjay, depois desceram e Jude apresentou-o a algumas pessoas de quem Willem ouvira falar ao longo dos anos. Uma auxiliar jurídica pediu para tirar uma foto com ele e Willem acedeu, o que encorajou outros, e, quando Jude tornou a ser levado do seu lado, Willem deu por si a ouvir atentamente um associado que integrava o departamento de direito fiscal e que se lançou em descrições das suas cenas de ação no segundo filme da trilogia de espionagem. A dada altura, ia Isaac embalado no monólogo, o olhar de Willem percorreu o relvado até encontrar o de Jude, que lhe pediu desculpa movendo os lábios sem som, mas ele abanou a cabeça como se a dizer que não fazia mal e arreganhou um sorriso, mas, de seguida, coçou o lóbulo esquerdo — o velho sinal dos dois —, e qual não foi a sua surpresa quando tornou a olhar passado um instante e viu Jude a caminho para o salvar.

— Desculpa, Isaac — disse Jude, num tom que não admitia contestação —, vou ter de te roubar o Willem durante uns minutos. — E levou-o dali. — Peço mil desculpas, Willem — murmurou, ao afastarem-se. — Desta vez, estamos com elevada percentagem de inépcia social. Imagino que te sintas um panda no jardim zoológico, mas, em minha defesa, eu *avisei* que ia ser mau. Mais dez minutos e podemos ir embora, juro.

— Não, está tudo bem — assegurou Willem. — Estou a gostar. — Era sempre revelador ver aquele outro lado de Jude, testemunhar o seu comportamento na presença de pessoas com quem passava muito mais horas do que consigo. Antes, vira-o aproximar-se de um grupo de jovens colaboradores a rir às gargalhadas de algo que um deles lhes mostrara no telemóvel. Ao verem o chefe aproximar-se, tinham começado a avisar-se com cotoveladas, de tal maneira que, quando Jude chegou junto deles, encontrou-os muito calados e compostos, e todos o saudaram com uma simpatia tão balofa e óbvia que Willem fez um esgar. Quando Jude se afastou, tornaram a rodear o dono do telemóvel em causa, embora mostrando-se mais comedidos.

Quando lhe roubaram Jude pela terceira vez, já Willem se sentia confiante para se apresentar aos poucos que o iam cercando e lhe sorriam quase com medo de se aproximar. Conheceu Clarissa, uma asiática invulgarmente alta cujo desempenho Jude elogiara em conversa com ele.

— Já ouvi falar muito de si, tudo coisas boas — confidenciou-lhe Willem, e

Clarissa sorriu, aliviada e radiante.

— O Jude fala de *mim*? — admirou-se.

Conheceu um colaborador de cujo nome depois não foi capaz de se lembrar, que lhe disse que *Black Mercury 3081* fora o primeiro filme para maiores de 16 anos que vira, o que fez Willem sentir-se um velho caquético. Outro colaborador que trabalhava diretamente com Jude comentou que, durante o curso, tivera duas cadeiras com Harold, acrescentando que se perguntava como ele seria na vida fora da faculdade. Conheceu os filhos das secretárias de Jude, o filho de Sanjay e dezenas de outras pessoas. Reconheceu alguns nomes, mas não ouvira falar da maioria.

Estava um dia quente e ensolarado e não soprava uma aragem, e, embora Willem tivesse passado a tarde a beber — *limonata*, água, *prosecco*, chá gelado —, fora uma ocasião tão animada que, quando se foram embora, ao fim de duas horas, nenhum deles comera, por isso pararam numa barraquinha na beira da estrada e compraram milho para assar com tomate e curgetes da sua horta quando chegassem a casa.

— Hoje, fiquei a saber muitas coisas novas a teu respeito — comentou Willem, ao jantarem no terraço depois do anoitecer. — Fiquei a saber que a firma em peso se pela de medo de ti e fui muito bajulado, talvez por quererem que eu desse uma palavrinha favorável a seu respeito em conversa contigo. Descobri que ainda sou mais velho do que achava. E percebi que tens toda a razão: trabalhas *mesmo* com um bando de cromos.

Jude estava a sorrir. Aqui, riu.

— Vês? — replicou. — Eu bem avisei.

— Mas diverti-me muito — insistiu Willem. — A sério! Quero ir a mais coisas destas. Mas acho que, da próxima, devíamos convidar o JB, para a malta da Rosen Pritchard se passar toda. — Jude deu nova gargalhada.

Essa tarde foi há mais de dois meses e, desde então, tem estado quase sempre na Casa Lanterna. A título de presente antecipado pelos 52 anos, pediu a Jude que tire todos os sábados até ao fim do verão, e Jude acedeu. Todas as sextas-feiras, põe-se a caminho de Garrison; à segunda de manhã, regressa à cidade. Entendendo-se que Jude teria o carro durante a semana, Willem alugou — em parte, fê-lo por piada, mas, secretamente, está a adorar — um descapotável de um vermelho alarmante que Jude batizou de vermelho-meretriz. Durante a semana, lê, nada, cozinha e dorme. Espera-o um outono muito preenchido e sabe que, depois desta temporada calma e revigorante, estará apto a enfrentá-lo.

Na mercearia, compra limas, limões e mais águas com gás, depois ruma para a estação de comboios. Enquanto espera, encosta a cabeça ao banco e fecha os olhos. Por fim, ouve Malcolm chamá-lo e senta-se direito no banco.

— O JB não veio — informa Malcolm, num tom de quem já não tem paciência. Willem cumprimenta-o com dois beijos e faz o mesmo com Sophie. — Ele e o Fredrik acabaram esta manhã. Em princípio. Também podem não ter acabado, porque o JB disse que vem amanhã. Acabei por não perceber o que se passa.

Willem suspira.

— Já lhe ligo quando estivermos em casa — diz. — Tudo bem, Soph? Já almoçaram? Podemos tratar da comida assim que chegarmos. — Eles ainda não comeram, por isso, liga a Jude e diz-lhe que ponha água ao lume para a massa, mas Jude já se adiantou. — Comprei as limas — acrescenta Willem. — E o JB afinal só vem amanhã. Parece que ele e o Fredrik se zangaram, mas o Mal não percebeu bem o que aconteceu. Queres ligar-lhe tu e saber o que se passa?

Arruma os dois sacos de viagem no banco de trás. Ao contornar o carro, Malcolm dá-lhe uma olhadela de passagem.

— Esta cor é interessante — comenta.

— Também achei — replica Willem. — O nome é vermelho-meretriz.

— A sério?

A eterna credulidade de Malcolm nunca deixa de o fazer sorrir.

— Sim — confirma. — Prontos?

Pelo caminho, admiram-se com a larga temporada que passaram sem se ver. Sophie e Malcolm confessam que é ótimo estar de volta a casa, falam-lhe das desastrosas aulas de condução de Malcolm e comentam a temperatura deliciosa que faz por ali e a fragrância adocicada do feno que se sente no ar. *O melhor verão de sempre*, torna Willem a dizer para consigo.

Da estação, são trinta minutos de caminho até à Casa Lanterna, um pouco menos se for mais depressa, mas não acelera, porque o trajeto é agradável. No último cruzamento antes de deixarem a estrada principal, não vê o camião, que, em contraluz, se aproxima a toda a velocidade, e, quando sente o impacto esmagador, que mete para dentro o lado do passageiro, estando Sophie sentada ao seu lado, já está a ser cuspido do carro. «Não!», grita, ou imagina que grita, e o rosto de Jude surge-lhe no pensamento pelo espaço de um instante: apenas o seu rosto, separado do corpo e suspenso num céu negro, a sua expressão, ainda por decifrar. O rugido do metal esmagado, a explosão de vidros e o seu berreiro inútil invadem-lhe os ouvidos e o cérebro.

Os seus últimos pensamentos não são para Jude, mas para Hemming. Vê a casa da sua infância e, na cadeira de rodas, parado imediatamente antes da inclinação que desce aos estábulos, Hemming olha-o com uma firmeza e segurança de que não foi capaz em vida.

Willem está no fundo do acesso, onde a estrada de terra termina e começa o asfalto, e, quando vê Hemming, sente um anseio tremendo de estar com ele.

— Hemming! — grita, e depois, absurdamente: — Espera por mim!

Começa a correr ao encontro do irmão, tão veloz que em breve deixa de sentir o chão debaixo dos pés.

[VI] Querido Camarada

Um dos primeiros filmes de Willem, *A Vida Depois da Morte*, recontava o mito de Orfeu e Eurídice alternando dois pontos de vista, que ficaram a cargo de dois realizadores muito elogiados pela crítica. A ação decorria em Estocolmo. Willem fazia O., um jovem músico cuja namorada morrera havia pouco tempo e que começava a acreditar que certas melodias a faziam aparecer. O papel de E., a namorada que morrera, coube a Fausta, uma atriz italiana.

O filme tinha um lado cómico: enquanto O. passava os dias de olhar perdido no vazio e chorava a morte da amada, E. divertia-se como nunca no Inferno, finalmente livre do papel de boa rapariga: já não tinha de cuidar da mãe descontente e do pai condenado a aturá-la; já não tinha de ouvir a choraminguice dos clientes desvalidos a quem oferecia os préstimos de advogada e que nunca lhe agradeciam; já não tinha de aguentar a interminável tagarelice egocêntrica e autocomprazida dos amigos; e já não tinha de tentar animar o namorado, que a amava, mas era um eterno deprimido. Estava no mundo dos mortos, onde a comida nunca faltava, as árvores estavam carregadas de frutos e podia ser detestável com toda a gente sem sofrer as consequências. Mais adiante, despertava o interesse do próprio Hades, papel a cargo de um ator italiano imponente e musculado de seu nome Rafael.

A Vida Depois da Morte dividiu a crítica. Alguns adoraram o filme, defendendo que confrontava, com frequentes laivos de ironia, duas culturas distintas, com maneiras opostas de encarar a vida (a história de O. fora realizada por um famoso realizador sueco, que usara uma sombria paleta de cinzentos e azuis, enquanto a história de E. ficara nas mãos de um realizador italiano conhecido pela exuberância estética). Também elogiaram as surpreendentes mudanças de tom e a inesperada ternura com que oferecia consolo aos vivos.

Outros detestaram a discordância de timbre e estilo, o tom de sátira que nunca era resolvido e o número musical de E. no Inferno, enquanto, à superfície da terra, o seu pobre O. dedilhava melodias minimais e desoladas.

Mas, se o filme (que quase não foi visto nos Estados Unidos, mas, ainda assim, não havia quem não tivesse opinião) motivou paixões e ódios em igual medida, os desempenhos dos dois atores principais foram unanimemente considerados fantásticos e ninguém duvidou que Willem Ragnarsson e Fausta San Filippo tinham carreiras de sucesso pela frente.

Ao longo dos anos, *A Vida Depois da Morte* foi reavaliado, pensado, estudado e enquadrado, e, caminhando Willem a passo largo para os cinquenta, foi oficialmente reabilitado como filme de qualidade e tornou-se um dos mais apreciados da filmografia de cada um dos realizadores, além de símbolo de um certo cinema colaborativo, irreverente, arriscado e lúdico que poucos pareciam interessados em continuar a fazer. Willem juntara no seu currículo uma coleção tão diversa de filmes e peças de teatro que era sempre interessante ouvir as pessoas

nomearem o seu favorito, e ele nunca deixara de partilhar essas descobertas com Willem: na Rosen Pritchard, por exemplo, os jovens associados e colaboradores do sexo masculino elegiam a trilogia de espionagem; as mulheres, *Duetos*; os trabalhadores temporários — muitos deles, atores —, *A Maçã Envenenada*. JB gostava de *Os Invencidos*. Richard, *As Estrelas de Santiago*. Harold e Julia, *Os Detetives Transcendentes* e *O Tio Vânia*. O favorito de estudantes de cinema — que nunca hesitavam em abordar Willem em restaurantes ou na rua — era invariavelmente *A Vida Depois da Morte*.

— É um dos melhores do Donizetti — diziam, com toda a segurança, ou: — Aposto que foi espetacular ser dirigido pelo Bergesson.

Willem mostrava-se sempre cortês.

— Concordo — respondia, e o estudante de cinema sorria envaidecido. Ou: — Sem dúvida. Foi inesquecível.

Este ano, celebra-se o vigésimo aniversário da estreia de *A Vida Depois da Morte*, e, num sábado em fevereiro, ao sair à rua, vê o rosto de Willem com 33 anos em fachadas de edifícios, em paragens de autocarro ou multiplicado em andaimes como uma serigrafia de Andy Warhol. Pensou dar um passeio, mas torna a subir, deita-se, fecha os olhos e readormece. Na segunda-feira, quando Mr. Ahmed sobe a Sexta Avenida, fecha os olhos ao ver o primeiro cartaz, colado na montra de uma loja vazia, e só os torna a abrir quando sente o carro parar e Mr. Ahmed anuncia que chegaram à Rosen Pritchard.

Durante a semana, chega o convite do MoMA: em junho, dedicarão uma semana à filmografia de Simon Bergesson e *A Vida Depois da Morte* será o primeiro filme exibido. No fim, haverá uma conversa com o público em que estarão presentes os dois realizadores e Fausta, e, lê, a direção do MoMA gostaria muito de contar com a sua presença — não ignorando que o convite já foi feito —, tal como teria especial significado poder incluí-lo no painel de convidados e ouvi-lo falar um pouco da experiência de Willem durante a rodagem. Detém-se. Eles *já* o tinham convidado? Pelos vistos, sim. Mas não se lembra. Recorda muito pouco dos últimos seis meses. Vê as datas do ciclo de homenagem ao realizador: de 3 a 11 de junho. Ausentar-se-á de Manhattan nessa altura. Não tem opção. Willem e Bergesson ficaram amigos e fizeram mais dois filmes. Não quer ser obrigado a ver mais cartazes com a cara de Willem ou a ler o seu nome no jornal. Tal como não quer ver Bergesson.

Nessa noite, antes de se deitar, entra no quarto de vestir, de onde ainda não tirou as coisas de Willem. As camisas continuam penduradas, as camisolas de malha, dobradas e arrumadas nas prateleiras, e os sapatos, em baixo. Tira do cabide a camisa de padrão escocês *bordeaux* com pesponto amarelo que Willem costumava usar por casa na primavera e enfia-a pela cabeça, depois faz um nó com as mangas. É como se tivesse vestido uma camisa de forças, mas a ideia é fingir — e consegue, apenas tem de se concentrar — que Willem o está a abraçar. Deita-se. Envergonha-se de fazer aquilo, sente-se ridículo, mas é algo que reserva apenas para os momentos em que mais precisa e aquela noite é uma dessas ocasiões.

Não adormece. De vez em quando, aproxima o nariz da gola da camisa,

tentando sentir o cheiro de Willem, que, aos poucos, vai ficando mais ténue. É a quarta camisa dele que usa para aquele seu ritual e está a tentar preservar-lhe o cheiro pelo máximo de tempo possível. As primeiras três, vestiu-as noite após noite durante meses, até que, por fim, já não tinham o cheiro de Willem, mas o seu. Por vezes, tenta consolar-se dizendo para consigo que mesmo o seu cheiro lhe foi dado por Willem, mas não é consolo duradouro.

Antes de se serem um casal, já Willem lhe trazia sempre alguma coisa do lugar onde tivesse estado em rodagem, e, aquando da *Odisseia*, o presente foram dois frascos de água-de-colónia encomendados a um famoso perfumista de Florença.

— Imagino que pareça esquisito — disse Willem, na altura. — Disseram-me que se podia fazer isso e achei a ideia interessante. — Sorri ao recordar a palavra escolhida por Willem: «Disseram-me.» Sabe que, muito provavelmente, foi uma rapariga. Willem explicou-lhe que tivera de o descrever ao perfumista (quais as cores, os sabores e os lugares do mundo de que ele mais gostava), que então criara aquela fragrância exclusiva.

Abriu um frasco e cheirou a água-de-colónia: era verdejante, com laivos de especiarias e uma nota final crua, que, estranhamente, evocava dor.

— Vetiver — esclareceu Willem. — Experimenta — pediu, e ele assim fez, na mão, porque na altura ainda não permitia que Willem lhe visse os pulsos.

Willem cheirou-o.

— Gosto muito — disse. — Fica-te bem. — E, de repente, ambos ficaram atrapalhados.

— Obrigado, Willem — disse ele, após um momento. — Adorei o meu presente.

Willem também pedira ao perfumista que lhe criasse uma fragrância. No seu caso, a base foi o sândalo, daí que, em breve, ele associasse essa madeira a Willem. Sentia o aroma do sândalo e pensava imediatamente nele (sobretudo quando se ausentava de Manhattan; quando esteve na Índia em trabalho, por exemplo, ou no Japão, ou na Tailândia), e sentia-se menos sozinho. Ao longo dos anos, continuaram a encomendar as duas águas-de-colónia ao perfumista florentino, e, há dois meses, uma das primeiras coisas que fez, logo que teve presença de espírito para pensar nisso, foi encomendar vários frascos da água-de-colónia pessoal de Willem. Quando finalmente os recebeu, inundou-o um alívio quase febril e as mãos tremeram-lhe ao rasgar a embalagem e abrir a caixa. Sentia que Willem lhe começava a fugir e tinha de fazer tudo para o manter presente. Tendo o cuidado de não gastar demasiada água-de-colónia, borrifou uma camisa de Willem, mas não era a mesma coisa. As roupas de Willem cheiravam a Willem, mas era mais do que a sua água-de-colónia: era ele, a sua pessoa. Nessa noite, já deitado depois de vestir a camisa, apenas conseguia sentir o cheiro adocicado do sândalo, tão intenso que, sobrepondo-se a qualquer outro, apagou de vez qualquer vestígio de Willem naquela camisa. Nessa noite, chorou pela primeira vez em muito tempo, e, no dia seguinte, tirou essa camisa de circulação: dobrou-a e guardou-a numa caixa, que arrumou num canto do roupeiro, onde não contaminaria as outras peças de roupa de Willem.

Com a água-de-colônia e o ritual da camisa, escorou-se com uma espécie de andaime frágil e desengonçado que lhe permite seguir em frente e continuar a viver a sua vida, embora muitas vezes tenha a impressão de que não está a viver, antes se limita a existir. Não vive os dias, apenas espera que terminem, mas tenta não se castigar excessivamente por isso. Tão-só o ato de existir exige-lhe um esforço considerável.

Levou meses a descobrir o que resultava. Numa fase inicial, noite após noite, via compulsivamente os filmes de Willem até adormecer no sofá. Passava as outras cenas e via unicamente aquelas em que Willem falava, mas, por ser um diálogo escrito, por Willem estar a representar, sentia-o mais distante e não mais próximo, até que encontrou uma solução melhor: parava a imagem num grande plano, de maneira que Willem ficasse a olhar para ele, e olhava-o de volta até lhe arderem os olhos. Depois de um mês, percebeu que teria de ser menos sôfrego, sob pena de os filmes perderem o impacto. Assim, decidiu que os veria por ordem cronológica. O primeiro filme de Willem fora *A Menina Sem Mãos*; viu-o obsessivamente durante noites a fio, ora parando, ora continuando, detendo-se em certas imagens durante muito tempo. Aos fins de semana, via-o durante horas, começando quando a noite estava a ceder o lugar ao dia e continuando muito depois de o céu tornar a escurecer. Até que lhe ocorreu que era perigoso ver os filmes de Willem por ordem cronológica: cada um deixá-lo-ia um pouco mais próximo da sua morte. Por fim, resolveu ver um por mês, escolhido aleatoriamente, e, até agora, essa opção revelou-se a mais segura.

Porém, o exercício mais conseguido e de efeito mais duradouro é fazer de conta que Willem se encontra algures a rodar um filme. Diz para consigo que é uma rodagem muito longa e exigente, mas que terá um fim, e que, nessa altura, Willem regressará. Não lhe tem sido fácil manter a ilusão, porque não houve uma única rodagem em que Willem não lhe ligasse diariamente, enviasse um *e-mail* ou uma mensagem escrita, senão as três. Felizmente, não apagou grande parte desses *e-mails*, daí a fase em que, à noite, lia essas mensagens e fazia de conta que acabara de as receber. Por vezes, tinha de resistir à tentação de ler todas de seguida: permitia-se apenas uma por noite. Mas sabia que não conseguiria resistir eternamente e que era urgente definir um critério para racionar os *e-mails* de Willem. Presentemente, lê um por semana. Pode ler os de semanas anteriores, mas não os seguintes. Mais uma regra.

Claro que nenhuma destas estratégias resolvia o problema do silêncio de Willem. Que circunstâncias impediriam Willem de se manter em contacto durante uma rodagem?, perguntava-se durante o treino matinal de natação, ou à noite, parado diante do fogão, de olhar ausente, a aguardar o assobio da chaleira. Por fim, inventou uma história: Willem estava a rodar um filme sobre uma equipa de cosmonautas russos em plena Guerra Fria. E estava a rodá-lo no Espaço, porque a produção era financiada por um industrial russo bilionário e possivelmente louco que quisera que assim fosse. Portanto, lá andava Willem, dia e noite às voltas para lá da atmosfera, desejoso de regressar a casa e impossibilitado de comunicar com ele. Tinha noção de que também este filme imaginário era

ridículo e envergonhava-se do seu desespero, mas era uma explicação razoavelmente plausível, e, por vezes, conseguia acreditar naquela história durante dias seguidos. (Em várias ocasiões, a logística e as realidades práticas do trabalho de Willem quase tinham ultrapassado a fronteira do credível e não podia senão agradecer à indústria do cinema e à sua improbabilidade por lhe acudirem quando ele mais precisava.)

Imaginou Willem a perguntar-lhe: *Como se chama o filme?* Imaginou-o a sorrir ao fazer-lhe a pergunta.

Querido Camarada, imaginou-se a responder, porque era assim que os dois por vezes se tratavam ao trocar *e-mails*: «Querido Camarada», «Querido Jude Haroldovich», «Querido Willem Ragnaravovich». A brincadeira começara quando Willem estava a rodar o primeiro filme da trilogia de espionagem, ambientado em Moscovo na década de sessenta. Decidiu que as filmagens de *Querido Camarada* se estenderiam durante um ano, embora soubesse que em algum momento seria necessário fazer um ajuste, porque já era março, na sua imaginação, Willem regressaria em novembro, e ele sabia que, nessa altura, ainda não estaria preparado para pôr um ponto final no faz de conta. Teria de imaginar atrasos, cenas a refazer e filmagens adicionais. Tal como teria de imaginar uma sequência ou alguma outra razão que explicasse a ausência de Willem para lá do prazo originalmente definido.

Para reforçar o faz de conta, à noite, escrevia-lhe um *e-mail* a contar o seu dia, tal como teria feito se Willem fosse vivo. E todos os *e-mails* terminavam da mesma maneira: «Espero que a rotação esteja a correr bem. Estou cheio de saudades. Jude.»

Só em novembro passado conseguiu finalmente reagir. Só aí começou a ganhar verdadeira consciência de que Willem não ia regressar. E capacitou-se de que enfrentava um problema sério. Pouco recorda dos meses anteriores, menos ainda do dia fatídico. Lembra-se de despejar a massa numa tigela e de lhe juntar folhas de manjerição. Lembra-se de olhar para o relógio e de se perguntar porquê o atraso. Mas não ficou preocupado: Willem gostava de regressar por estradinhas e Malcolm gostava de tirar fotografias, portanto, era muito provável que tivessem parado pelo caminho e tivessem perdido a noção das horas.

Ligou a JB e ouviu-o queixar-se longamente de Fredrik, depois cortou o melão para a sobremesa. Nessa altura, o atraso era considerável. Ligou a Willem e deixou chamar durante muito tempo. Ninguém atendeu. Por fim, veio o exaspero: onde andavam eles?

Fez-se tarde. Pôs-se a andar de um lado para o outro. Ligou a Malcolm, depois, a Sophie: nada. Tornou a ligar a Willem. Tornou a ligar a JB: os outros tinham-lhe ligado? Tinham-lhe dito alguma coisa? JB não sabia de nada.

«Tem calma, Judy», disse-lhe. «Devem ter ido comer um gelado ou assim. Claro que também podem ter resolvido fugir os três.»

— Que piadinha — replicou ele. Nesta altura, não tinha dúvidas de que acontecera alguma coisa. — OK. Depois ligo-te.

No momento em que terminou a chamada, tocaram à porta, o que o fez deter-

se aterrorizado, porque nunca lhes tocavam à porta. Não se dava facilmente com a casa. Era preciso procurar com atenção, depois, enfrentar uma interminável subida a pé — o acesso era consideravelmente longo —, a menos que eles abrissem o portão. Ora, ninguém tocara a pedir-lhe que abrisse o portão. *Meu deus*, pensou. *Não, não, não*. Mas tornaram a tocar e deu por si a avançar para a porta, e, quando a abriu, não se deteve nas expressões dos polícias, mas no seu ato de tirar os chapéus, e soube.

Depois disso, perdeu o conhecimento. Houve fugazes momentos de consciência e os rostos que ia vendo — Harold, JB, Richard, Andy, Julia — eram os mesmos que recordava de quando tentara o suicídio. Eram os mesmos e também as lágrimas se repetiam. Tinham chorado da outra vez, agora também choravam, e, na sua desorientação, chegou a acreditar que a última década — os anos ao lado de Willem, a amputação das pernas — fora um sonho e que continuava internado numa ala psiquiátrica. Sabe que, durante esses dias, percebeu várias coisas, mas não sabe como isso aconteceu, porque não se lembra de uma única conversa. Mas não pode não as ter tido. Percebeu que identificara Willem, mas que não lhe tinham permitido ver-lhe a cara. Willem fora cuspidado do carro e embatera de frente num ulmeiro a dez metros da estrada, ficando com vários ossos do rosto esmagados, o que o desfigurara. Daí que o tenha identificado por um sinal de nascença na barriga da perna esquerda e por uma mancha no ombro direito. Percebeu que Sophie acabara esmagada — «obliterada», lembrava-se de ter ouvido alguém dizer — e que fora declarada a morte cerebral de Malcolm, que continuou ligado a um ventilador durante quatro dias, enquanto os pais asseguravam a doação dos órgãos. Percebeu que os três tinham posto os cintos de segurança, mas que os *airbags* do carro alugado — o estúpido, o *filho da puta* do carro alugado — não funcionaram; e que o camionista, que trabalhava para uma marca de cerveja, estava completamente embriagado e passara um vermelho.

Esteve quase sempre sedado. Estava sedado no funeral de Sophie e não se lembra de nada, não reteve uma única imagem. Também estava sedado quando foi ao funeral de Malcolm, mas recorda que Mr. Irvine lhe agarrou os ombros e o sacudiu com força, e que depois o abraçou com tanta força que ele não conseguia respirar, e assim ficou, agarrado a ele a soluçar-lhe no ombro, até alguém — Harold, possivelmente — dizer alguma coisa que fez Mr. Irvine libertá-lo.

Soube que, no caso de Willem, houve uma cerimónia mais discreta. E soube que Willem fora cremado. Mas não se recorda de nada disso. Não sabe quem organizou a cerimónia. Nem sequer sabe se esteve presente e tem muito medo de perguntar. Lembra-se de Harold lhe dizer que ficasse descansado, que, logo que se sentisse preparado para fazer uma eulogia, organizariam uma pequena cerimónia de homenagem a Willem, que lhe daria essa oportunidade. Lembra-se de fazer que sim e de pensar: *Mas eu nunca me vou sentir preparado*.

Recomeçou a trabalhar, julga que em finais de setembro. Nessa altura, já estava ciente do que acontecera. A ideia já se tornara real. Mas lutava contra isso e, na altura, ainda era fácil. Não lia jornais nem via notícias. Duas semanas após a morte de Willem, ele e Harold iam pela rua e passaram por um quiosque, e ali

estava Willem na capa de uma revista, com duas datas por baixo, e ele percebeu que eram as datas do nascimento e da morte. Ficou especado e Harold segurou-lhe o braço.

— Anda, Jude — murmurou. — Não olhes. Vem comigo, vá. — E ele assim fez, obediente.

Antes de regressar ao escritório, avisou Sanjay.

— Não quero condolências nem quero que se toque no assunto. E espero que o nome nunca seja pronunciado.

— OK, Jude — disse Sanjay. A voz saiu-lhe rouca. Parecia assustado. — Entendido.

Todos obedeceram. Ninguém disse que lamentava muito. Ninguém tocou no nome de Willem. Até hoje. Agora, ele gostava que alguém fizesse isso. Gostava que alguém dissesse alto o nome, porque ele não consegue. De vez em quando, na rua, ouve um nome parecido — «William!» — e volta-se ávido na direção da voz, mas é uma mãe a chamar o filho.

Durante os primeiros meses, houve questões práticas a tratar, o que o mantinha ocupado. A raiva que lhe alimentava os dias era a mesma que lhes dava um propósito. Processou o fabricante do carro, o fabricante dos cintos de segurança, o fabricante dos *airbags* e a empresa de aluguer de automóveis. Processou o camionista e a cervejeira. O advogado do camionista explicou-lhe que o seu cliente tinha um filho com uma doença crónica e que um processo em tribunal deixaria a família na ruína. Ele não quis saber. Outrora, ter-se-ia compadecido, mas não agora. Não sentiu pena nem teve piedade. Queria-o destruído. Queria-o na ruína. *Ele que sinta o que eu sinto. Que fique sem nada, que perca tudo o que tem de mais precioso.* Queria espremer até ao último tostão cada um deles, as empresas e os que trabalhavam para as empresas. Queria-os desesperados. Queria que enfrentassem o vazio. Queria-os na indigência mais abjeta. Queria que nenhum deles soubesse se continuava a querer viver.

Instaurou ações em tribunal contra cada um, exigindo um montante correspondente ao que Willem teria ganho até terminar a carreira. Era um valor ridículo e que deixaria qualquer um de queixo caído, e vê-lo no papel encheu-o de desespero, não porque fosse astronómico e irrealista, mas pelo tempo de vida que representava.

Propor-lhe-iam acordos, assegurou Todd, o seu advogado, com quem colaborara na revista jurídica da faculdade durante o curso de Direito. Todd era perito em indemnizações e famoso pela agressividade em tribunal, e assegurou-lhe que os acordos seriam mais do que generosos.

Mas a generosidade dos acordos não lhe interessava. Queria que eles sofressem.

— Quero que os obliteres — respondeu, rouco de ódio, e Todd pareceu sobressaltado.

— Vou fazer isso, Jude — assegurou. — Fica descansado.

Não precisava do dinheiro, evidentemente. Tinha o seu. E, tirando as prendas ao assistente e ao afilhado e as doações a várias iniciativas de caridade — as mesmas para que contribuíra anualmente em vida, acrescidas de uma fundação

que ajudava crianças vítimas de abuso e exploração sexual —, Willem deixara-lhe tudo, da mesma maneira que ele o nomeara seu único herdeiro. No começo desse ano, ele e Willem tinham homenageado Harold e Julia, que fariam 75 anos, criando duas bolsas de estudo na sua antiga faculdade: uma, na Faculdade de Direito, com o nome de Harold; outra, com o nome de Julia, na Faculdade de Medicina. O plano era financiarem-nas conjuntamente e, para assegurar a sua parte, Willem deixara dinheiro suficiente num fundo. Assinou os cheques para todas as iniciativas de caridade, fundações, museus e organizações que Willem nomeara seus beneficiários, pagando a totalidade dos vários legados e doações. Distribuiu pelos amigos de Willem (Harold e Julia, Richard, JB, Roman, Cressy, Susannah, Miguel, Kit, Emil e Andy; Malcolm também era um dos contemplados, mas essa vontade de Willem não poderia ser cumprida) algumas coisas que ele lhes quisera oferecer: livros, fotografias, recordações dos filmes e das peças de teatro, obras de arte. Não houve surpresas escondidas no testamento e, por vezes, ele lamentava a inexistência de um filho secreto, que poderia ter conhecido, descobrindo nele o sorriso de Willem, tal como teria sido assustador, mas empolgante, descobrir que Willem lhe deixara uma carta confessando um segredo guardado durante todos aqueles anos. Teria ficado imensamente grato por algum motivo para odiar Willem ou para se encher de rancor, ou por um mistério cuja resolução o ocupasse durante anos. Mas não havia nada. A vida de Willem terminara e nada manchara a sua morte, tal como nada manchara a sua vida.

Achou que se estava a sair bem, pelo menos, à luz das circunstâncias. Um dia, Harold ligou-lhe a perguntar como queria fazer no Dia de Ação de Graças, e, durante alguns instantes, ele não percebeu do que Harold estava a falar. Não se lembrava sequer de uma coisa chamada Dia de Ação de Graças.

— Não sei — respondeu.

«É para a semana», recordou-lhe Harold, naquele novo tom muito calmo e pausado que todos tinham passado a usar para lhe falar. «Queres vir aqui, vamos nós aí ou vamos os três para um lado qualquer?»

— Não sei se vou poder — respondeu. — Estou cheio de trabalho, Harold.

Mas Harold não se deixou desencorajar.

«Vamos para onde quiseres, Jude», insistiu. «E vai quem mais quiseres. Se não quiseres, não vai mais ninguém. Mas eu e a Julia queremos ver-te.»

— Não vou ser boa companhia — acabou por dizer.

Harold não se deixou demover. «Mesmo que sejas má companhia, queremos estar contigo», insistiu. «Sem ti, não é a mesma coisa. Sem ti, não há Dia de Ação de Graças. Por favor, Jude. Vamos para onde quiseres.»

Foram para Londres e ficaram no apartamento. Foi um alívio ausentar-se do país, onde todos os canais de televisão estariam certamente a mostrar famílias felizes, tal como todos na Rosen Pritchard se estariam a queixar — encantados, claro — de filhos, mulheres, maridos e sogros. Em Londres, o Dia de Ação de Graças era apenas um dia como os outros. Passearam. Comeu os pratos ambiciosos que Harold resolveu fazer, com resultados invariavelmente desastrosos. Dormiu muito. Regressaram.

Num domingo de dezembro, acordou e soube: Willem partirá. Para sempre. Não ia regressar. Nunca mais o veria. Não tornaria a ouvir-lhe a voz, não o tornaria a cheirar, não tornaria a sentir-lhe os braços à sua volta. Não tornaria a poder livrar-se do peso de alguma recordação, que lhe teria contado a solução de vergonha. Não tornaria a acordar cego de terror de algum pesadelo, para então sentir Willem acariciar-lhe o rosto e o ouvir dizer: «Está tudo bem, Judy, estás a salvo. Tudo isso acabou. Acabou. De vez.» Chorou. Chorou de verdade, pela primeira vez desde o acidente. Chorou por Willem, que decerto tivera medo, que decerto sofrera. Chorou pela sua vida desgraçadamente encurtada. Mas, sobretudo, chorou por si. Sem Willem, como faria para continuar a viver? Willem estivera presente durante toda a sua vida — a que viera depois do irmão Luke e do Dr. Traylor, a sua vida depois do mosteiro, dos quartos de hotel, da instituição e dos camiões, a única que contava. Com dezasseis anos, conhecera Willem no quarto que partilhariam na Casa dos Capelos, e, a partir desse dia, não houvera um único em que não tivessem algum tipo de interação. Mesmo quando discutiam, havia comunicação. «Jude, *vai* melhorar, acredita», disse-lhe Harold. «Juro que vai. Sei que agora não parece, mas vai melhorar.» Toda a gente lhe dizia isso: Richard, JB, Andy; todos os que lhe tinham enviado cartões com mensagens de condolências; Kit; Emil. Não lhe diziam outra coisa. Mas, ciente de que não podia dar voz a esse pensamento, para consigo, dizia: *Não vai*. Harold tivera Jacob durante cinco anos. Ele tivera Willem durante trinta e quatro. Não havia comparação possível. Willem fora a primeira pessoa que o amara, a primeira pessoa que não o vira como uma coisa a usar ou lastimar, mas de maneira inteiramente diferente: como um amigo. Fora a segunda pessoa que nunca o tratara senão com bondade. Sem Willem, nenhum dos outros teria entrado na sua vida. Jamais teria sido capaz de confiar em Harold se primeiro não tivesse confiado em Willem. Willem definira tão absolutamente o que a sua vida era e podia ser que viver sem ele era inconcebível.

No dia seguinte, fez o que nunca fazia: ligou a Sanjay a avisar que não iria trabalhar nos próximos dois dias. Depois, deitou-se na cama e chorou, e escondeu a cara nas almofadas e gritou até ficar sem voz.

Passados esses dois dias, encontrou uma nova solução: começou a trabalhar até muito tarde, tão tarde que tem visto o nascer do sol no escritório. Faz isto de segunda a sábado. Aos domingos, dorme até tão tarde quanto possível, e, quando acorda, toma um comprimido, que não só o faz tornar a adormecer como esmaga quaisquer lampejos de vida acordada. Dorme até passar o efeito do comprimido, depois toma um duche, torna a deitar-se e toma um comprimido diferente, que lhe traz um sono mais superficial e translúcido, e torna a acordar já na manhã de segunda-feira. Nessa altura, passaram 24 horas, senão mais, desde a última vez que comeu, o que o deixa fraco e incapaz de pensar. Desce para nadar, depois vai para o escritório. Com sorte, na véspera sonhou com Willem, por breve que tenha sido o sonho. Comprou uma confortável almofada de comprimento quase igual à altura de um homem adulto, indicada para grávidas e pessoas que sofrem das costas, à qual dorme abraçado depois de envolver a parte de cima numa camisa de

Willem, embora fosse ao contrário: era sempre Willem a abraçá-lo. Detesta-se por fazer isto, mas não consegue não fazer.

Tem a vaga noção de que os amigos o trazem debaixo de olho e andam preocupados. A dada altura, teve conhecimento de que uma das razões por que recorda tão pouco dos dias que se seguiram ao acidente é ter estado sob vigilância hospitalar para acautelar uma tentativa de suicídio. Agora, ao arrastar-se pelos dias, pergunta-se porque não pensou ainda nisso. Se há altura ideal, é agora. Quem não entenderia? Porém, não o faz.

Pelo menos, ainda ninguém lhe disse que tem de refazer a sua vida. Não quer refazer a sua vida, não quer seguir em frente, não quer avançar ao encontro do que o poderá esperar: quer ficar exatamente onde está, para sempre. Da mesma maneira, felizmente ninguém lhe diz que está em negação. Se algo o sustém, é a negação, e teme o dia em que todos os seus jogos de faz de conta perderão o poder de o convencer. Depois de décadas, parou de se cortar. Não se cortando, resta o entorpecimento, de que ele precisa. Precisa de que o mundo não se aproxime demasiado. Eis que finalmente conseguiu o que Willem tanto desejou que ele conseguisse. E, para ser capaz dessa proeza, apenas teve de o perder para sempre.

Em janeiro, sonhou que ele e Willem estavam na Casa Lanterna, na conversa enquanto preparavam o jantar, algo que tinham feito centenas de vezes. Mas, no sonho, embora ouvisse a sua voz, não conseguia ouvir Willem: via-lhe os movimentos dos lábios, mas, em lugar das palavras, havia o silêncio. Acordou em sobressalto, sentou-se aflito na cadeira de rodas e foi à pressa ao escritório, onde se pôs a passar as antigas mensagens de *e-mail*, numa busca desesperada, até que encontrou algumas mensagens de voz de Willem que se esquecera de apagar. Eram breves e nada de substancial era dito, mas ouviu-as repetidamente e chorou encolhido de dor, porque aquelas mensagens banais eram preciosas: a sua banalidade (*Ei, Judy, vou ao mercado buscar o alho-porro-selvagem. Se quiseres mais alguma coisa é só dizeres.*) provava que eles tinham criado uma vida a dois.

— Willem — chamou, no silêncio do apartamento. Por vezes, quando se tornava quase insuportável, falava-lhe. — Volta para mim. Volta.

Não sofre de culpa do sobrevivente, mas de incompreensão do sobrevivente: sempre acreditou, sem jamais duvidar, que seria o primeiro a morrer. Era do conhecimento geral. Willem, Andy, Harold, JB, Malcolm, Julia, Richard: morreria primeiro do que todos eles. A incógnita era a maneira como morreria, se pela sua mão, se por causa da infeção. Jamais passou pela cabeça de algum deles que logo Willem pudesse ser o primeiro a morrer. Essa possibilidade não fora acautelada, não definira um plano de contingência. Imaginasse ele que semelhante coisa podia acontecer, fosse uma ideia menos absurda, ter-se-ia aprovisionado. Teria feito incontáveis gravações de Willem a falar consigo. Teria mais fotos. Teria tentado destilar a sua química. Tê-lo-ia levado, acabado de acordar, ao perfumista florentino, a quem teria dito: «Aqui tem. É isto que quero. Este odor. Quero que o engarrafe.» Jane contou-lhe que, na adolescência, morria de medo de que o pai morresse, por isso, em segredo, copiou as suas notas ditadas (o pai também era médico) para várias *pens*. Quando o pai morreu, faz agora quatro anos, ela foi

buscar essas gravações, sentou-se e ficou a ouvir o pai ditar informações clínicas sobre os pacientes no seu tom calmo e ponderado. Inveja Jane. Quem lhe dera ter-se lembrado de fazer isso.

Pelo menos, tem os filmes de Willem, os seus *e-mails* e as cartas que ele lhe escreveu ao longo dos anos. Guardou cada uma. E tem as roupas de Willem, e tanta coisa que foi publicada sobre Willem e que ele guardou. E tem os quadros de JB. E tem centenas de fotos de Willem, que também racionou: estipulou que, por semana, apenas pode ver dez, mas é capaz de as observar durante horas. No mais, não há regra: tanto pode ver uma única por dia como ver as dez de seguida. Andava aterrorizado com a ideia de acontecer alguma coisa ao computador e ficar sem as fotos, por isso fez várias cópias de todas essas pastas e guardou cada cópia em seu sítio: nos cofres que tem, respetivamente, na Greene Street e na Casa Lanterna; na sua secretária na Rosen Pritchard; no cofre que alugou no banco.

Willem nunca lhe pareceu especialmente interessado em manter um registo da sua vida — tal como ele, aliás —, mas, num domingo no começo de março, decide abdicar do seu sono induzido e põe-se a caminho de Garrison. Depois daquele dia de setembro, esteve duas vezes na Casa Lanterna, mas os jardineiros continuam a assegurar o serviço, e, ao subir o acesso, vê as primeiras flores da estação. Ao entrar, detém-se ao ver uma jarra com ramos de ameixeira na bancada da cozinha: terá avisado a governanta de que viria? De certeza que sim. Mas, por um momento, permite-se imaginar que, no começo de cada semana, alguém vem deixar um arranjo na bancada da cozinha, e que, no final da semana, mais uma em que ninguém ali esteve para ver as flores, o arranjo é deitado fora.

Vai ao escritório, onde mandaram pôr mais móveis com gavetas, para também Willem poder trazer para ali toda a papelada que juntara. Senta-se no chão, tira o casaco, respira fundo e abre a primeira gaveta, que está cheia de pastas suspensas. Cada uma foi etiquetada com o título de uma peça ou filme e contém uma cópia do texto anotada por Willem, que também guardou várias folhas de serviço. Ao vê-las, ele percebe porquê: nesses dias, Willem contracenou com atores que admirava. Lembra-se daquele dia em que, durante a rodagem de *A Lei de Sycamore*, Willem lhe mandou uma foto de um pormenor da folha de serviço desse dia: imediatamente acima do seu nome, lia-se «Clark Butterfield». A acompanhar, apenas isto: «Nem acredito!»

E ele respondeu: «Eu acredito perfeitamente.»

Vai escolhendo pastas ao acaso e, sem pressas, examina-lhes o conteúdo. Nas três gavetas seguintes, o mesmo: filmes, peças de teatro e outros projetos.

Na quinta gaveta, encontra uma pasta com a inscrição «Wyoming». Contém sobretudo fotos e ele já viu a maioria: Hemming; Willem com Hemming; os pais; Britte e Aksel, os irmãos que Willem não conheceu. Num envelope, uma dúzia de retratos de Willem: na escola, vestido com o uniforme de escuteiro, equipado para um jogo de futebol. Cerra os punhos ao ver estas fotos, que depois torna a guardar no envelope.

Há mais algumas coisas naquela pasta: uma ficha de leitura de *O Feiticeiro de Oz*, feita por Willem na terceira classe, numa letra muito certinha que o faz sorrir;

um postal de aniversário que Willem desenhou para Hemming e que lhe dá vontade de chorar. A notícia do óbito da mãe; a do pai. Uma cópia do testamento deles. Algumas cartas de Willem para os pais, e vice-versa, em sueco. Põe-nas de lado para as mandar traduzir.

Sabe que Willem nunca teve um diário, mas, quando lê «Boston» noutra pasta, algo o faz pensar que poderá encontrar ali algo de inesperado. Mas não. Apenas contém mais fotografias, que ele já viu: Willem, extraordinariamente belo; Malcolm, sempre desconfiado e com um ar um tanto selvagem (as fotos são da fase em que ele se lembrou de usar cabelo afro, mas não correu bem, porque tinha um cabelo demasiado fino e oleoso); JB, bochechudo e sorridente, basicamente, aquele que ainda é; ele, com o seu ar de náufrago assustado, magríssimo, a roupa, horivelmente grandalhona, o cabelo, atrozmente comprido, as pernas, aprisionadas na espuma preta das ortóteses. Detém-se numa foto dos dois sentados no sofá da suíte na Casa dos Capelos, Willem inclinado para ele, a olhá-lo com um sorriso, claramente a dizer-lhe qualquer coisa, e ele, a rir com a mão a cobrir a boca, um hábito que ganhara depois de, na instituição, os monitores lhe dizerem que tinha um sorriso feio. Mais do que pessoas muito diferentes de quem viriam a ser, naquela foto, ele e Willem parecem criaturas de outra espécie. Apressa-se a guardá-la na pasta para não ceder à vontade de a rasgar.

Começa a ser-lhe difícil respirar, mas continua. Na pasta de Boston e na de New Haven há recortes de jornais académicos: críticas de peças em que Willem participou; a notícia da *performance* inspirada em Lee Lozano que JB fez como projeto intercalar. É tocante ver ali o exame de Cálculo em que Willem tirou 17, depois de ele lhe dar explicações durante meses.

Torna a espreitar a gaveta, que tem menos pastas suspensas do que as outras, e vê uma pasta-acordeão, como as que usam na Rosen Pritchard. Tira-a para fora e vê que traz o seu nome. Abre-a a medo.

Está ali tudo: cada carta que escreveu a Willem, tal como cada *e-mail* minimamente interessante, que Willem imprimiu. Todos os seus postais de aniversário para Willem. Fotos suas, incluindo várias que nunca tinha visto. O número da *Artforum* cuja capa foi *Jude com Cigarro*. Um postal de Harold, datado de poucos dias depois da adoção, a agradecer a Willem pela presença e pelo presente. Um artigo do jornal da Faculdade de Direito a anunciá-lo vencedor de uma competição — tem a certeza de que não o enviou a Willem, mas, claramente, alguém se encarregou disso. Faz sentido que nunca tenha tido grande interesse em documentar a sua vida: Willem encarregou-se de o fazer.

Mas porque gostava Willem tanto dele? Porque desejava tanto a sua companhia? Nunca conseguiu entender isso e jamais entenderá.

Com um suspiro tão profundo que o faz estremecer, recorda o que Willem lhe disse: *Chego a sentir que dou mais valor à tua vida do que tu*.

Quando acaba de ver aquele registo exaustivo da sua existência, abre a sexta gaveta e ali está mais uma pasta-acordeão, igual à primeira, com a inscrição «Jude II». Por trás dessa, mais duas: «Jude III» e «Jude IV». Nesta altura, já não se sente capaz de ver mais. Arruma cuidadosamente as pastas, empurra as gavetas e

fecha os armários. Guarda num envelope a correspondência de Willem com os pais, e, por segurança, põe esse envelope dentro de outro. Tira os ramos de ameixeira da jarra, envolve as extremidades cortadas num saco de plástico, despeja a água da jarra no lava-louça, tranca a casa e regressa a casa. Os ramos de ameixeira vão ao seu lado, no banco do passageiro. Antes de subir ao apartamento, entra no estúdio de Richard, põe água numa lata de café vazia e usa-a como jarra para os ramos de ameixeira em flor. Deixa o arranjo na bancada de trabalho, para que Richard o veja quando ali chegar de manhã.

Fim de março; está no escritório. São as horas derradeiras de uma noite de sexta-feira, ou, em rigor, uma madrugada de sábado. Vira costas ao computador e olha pela janela. Tem uma vista desimpedida do Hudson e, sobre o rio, o céu vai clareando. Ergue-se e olha demoradamente as águas cinzentas e sujas e as aves em bando às voltas no céu. Torna a concentrar-se no trabalho. Sente que mudou nos últimos meses e que as pessoas têm medo dele. Nunca foi a alma da festa, mas tem consciência de que toda a sua alegria morreu. Tornou-se ainda mais frio e implacável. Dantes, ele e Sanjay almoçavam ocasionalmente e aproveitavam para se queixar da incompetência deste e daquele, mas deixou de conseguir falar seja com quem for ali no escritório. Angaria clientes. Faz o seu trabalho — até faz mais do que devia. Mas percebe que a sua companhia não é desejada. Precisa da Rosen Pritchard; de outra maneira, ficaria sem rumo. Mas o trabalho já não lhe dá prazer. *E não faz mal nenhum que assim seja*, tenta convencer-se. *A maioria das pessoas não trabalha por gosto*. Acontece que ele já trabalhou por gosto, mas, entretanto, isso acabou.

Há dois anos, estava a convalescer da operação e a força era tão pouca que tinha de ser Willem a deitá-lo e a tirá-lo da cama. Lembra-se de uma conversa que tiveram certa manhã. Faria certamente frio lá fora, porque se recorda de se sentir aconchegado e protegido, e de se ouvir dizer:

— Quem me dera poder continuar aqui deitado para sempre.

— Então fica — replicou Willem. (Era um dos seus diálogos recorrentes: o alarme do despertador tocava e ele levantava-se. «Não vás», pedia Willem. «Tens de te levantar já porquê? Onde diabo vais tu sempre com tanta pressa?»)

— Não posso — respondeu ele, com um sorriso.

— Ouve lá — disse então Willem —, que tal deixares a Rosen Pritchard?

Ele deu uma gargalhada.

— Não posso ficar sem trabalhar — argumentou.

— Porquê? — insistiu Willem. — OK, não vais ter nada que te estimule intelectualmente e a tua única companhia vou ser eu. Mas, tirando isso, dá-me uma boa razão para não te despedires.

Ele sorriu novamente.

— Suponho que não tenho uma boa razão — admitiu. — Aliás, até acho que ia gostar se fosses a minha única companhia. Mas, ficando a viver à tua custa, entretinha-me como durante o dia?

— Cozinhas — sugeriu Willem. — Lias. Tocavas piano. Fazias voluntariado. Ias comigo quando eu viajasse para as rodagens. Ouvias-me queixar

de atores que detesto. Fazias limpezas de pele. Cantavas só para mim. Massajavas-me o ego com elogios.

Ele riu-se, o que fez Willem rir também. Mas agora, sozinho no escritório, pensa: *Não me despedi porquê? Podia ter viajado com ele. Tantos meses separados. Tudo somado, foram anos. Dei mais horas da minha vida à Rosen Pritchard do que ao Willem.* Agora, a vida encarregou-se de escolher por ele: a Rosen Pritchard é tudo o que lhe resta.

Depois, pensa: *Porque nunca dei ao Willem o que lhe devia ter dado? Porque o obriguei a procurar sexo fora de casa? Porque não fui mais corajoso? Porque não cumpri com o meu dever? E porque ficou ele comigo ainda assim?*

Regressa à Greene Street para um duche e algumas horas de sono. À tarde, regressará ao escritório. No carro, põe-se a ver as mensagens no telemóvel, para não ver os cartazes de *A Vida Depois da Morte*: Andy, Richard, Harold e o Henry Young preto.

A última é de JB, que lhe liga ou manda mensagens pelo menos duas vezes por semana. Não sabe porquê, mas tornou-se insuportável estar com JB. A verdade é que o odeia e há muito, muito tempo que não odiava alguém com tamanha intensidade. Tem perfeita noção da irracionalidade deste seu sentimento. Tem perfeita noção de que JB não teve culpa absolutamente nenhuma. O seu ódio não faz sentido. No dia fatídico, JB nem sequer estava no carro. Nem usando a lógica mais retorcida conseguiria imputar-lhe alguma responsabilidade. No entanto, quando viu JB pela primeira vez depois que deixou de estar sedado, uma voz dentro de si disse, muito calmamente e com todas as letras: *Devias ter sido tu.* Não deu voz ao pensamento, mas decerto foi traído pela sua expressão, porque JB avançara para o abraçar e deteve-se. Depois disso, viu-o apenas duas vezes, ambas na companhia de Richard, e, numa e noutra, teve de se reprimir para não dizer algo que seria monstruoso e imperdoável. Ainda assim, JB continua a ligar-lhe e a deixar-lhe mensagens de voz, sempre iguais: «Ei, Judy, sou eu. Liguei para saber como isso vai. Tenho pensado muito em ti. Gostava de te ver. É isto. Adoro-te. Tchau.» E, de todas as vezes, ele responde-lhe com a mesma mensagem escrita: «Olá, JB. Obrigado pela mensagem. Desculpa a ausência, mas ando cheio de trabalho. Falamos em breve. Beijinhos, J.» Independentemente do que a mensagem diz, não tem nenhuma intenção de falar com JB, talvez nunca mais. Há qualquer coisa muito errada com o mundo, diz para consigo, porque, dos quatro (ele, JB, Willem e Malcolm), os dois que eram as melhores pessoas, os mais bondosos e abnegados, morreram, enquanto os dois piores exemplos de seres humanos sobreviveram. JB, pelo menos, tem talento: talvez mereça viver. Quanto a si, não lhe ocorre uma razão.

«Só restamos nós dois, Jude», disse-lhe JB em dada altura. «Mas, pelo menos, temo-nos um ao outro», o que o fez pensar (outra resposta que teve nos lábios de um momento para o outro, mas a que conseguiu evitar dar voz): *Quem me dera poder trocar-te por ele.* Trocaria qualquer deles por Willem: JB, sem pensar duas vezes; Richard e Andy (pobre Richard e pobre Andy, que sempre fizeram tudo para o ajudar!), idem; e mesmo Julia; e Harold. Trocaria qualquer deles, dava-os

todos para ter Willem de volta. Pensa no Hades italiano com os músculos besuntados de óleo, de cabeça perdida atrás de E. pelo mundo dos mortos. *Tenho uma proposta*, diz, falando para Hades. *Cinco almas em troca de uma. Irrecusável, não?*

Num domingo de abril, acorda com pancadas vigorosas e insistentes, e, estremunhado, vira-se para o outro lado, tapa a cabeça com a almofada e mantém-se de olhos fechados, e, por fim, o barulho cessa. Quando sente alguém tocar-lhe ao de leve no braço, vira-se com um berro de susto, e dá com Richard sentado na beira da cama.

— Desculpa — diz Richard. Depois: — Dormiste o dia todo?

Engole em seco e ergue-se apoiado nos cotovelos. Aos domingos, mantém os estores descidos e as cortinas corridas e passa todo esse dia sem saber quando é dia e quando é noite.

— Sim — responde. — Ando cansado.

— Bem — diz Richard, após um silêncio. — Desculpa invadir-te o apartamento, mas não atendias o telemóvel nem o telefone e eu quero que desças e jantes comigo.

— Ah, Richard, não sei — hesita ele, tentando pensar numa desculpa. Richard tem razão: os domingos são para se fechar no casulo, por isso desliga o telemóvel e silencia o telefone, para que nada lhe perturbe o sono, porque só em sonhos pode reencontrar Willem. — Não estou no meu melhor. Não ia ser boa companhia.

— Não te vim chamar a contar com um espetáculo de variedades, Jude — replica Richard, arriscando um sorriso. — Anda lá. Alguma coisa tens de pôr no estômago. Somos só nos dois. A Índia não está. Foi passar o fim de semana com uma amiga.

Calam-se os dois e ele olha em volta do quarto. Tem os lençóis amarfanhados. O quarto precisa de ser arejado; cheira desagradavelmente a sândalo e ao calor húmido do radiador.

— Anda — insiste Richard, falando-lhe com brandura. — Vem jantar comigo.

— OK — cede ele finalmente. — OK.

— Boa — alegra-se Richard, e ergue-se. — Vemo-nos lá em baixo dentro de meia hora.

Toma um duche e desce. Lembra-se de levar uma garrafa de tinto espanhol, de que Richard é apreciador. Lá em baixo, expulso da cozinha, vai sentar-se à comprida mesa de jantar que domina a sala, tão grande que senta (já sentou) 24. Faz festas ao *Mustache*, o gato de Richard, que lhe saltou para o colo. Recorda a primeira ocasião em que esteve naquele apartamento, com a sua profusão de lustres e as enormes esculturas de cera de abelhas. Os anos trouxeram-lhe um certo carácter domesticado, mas a paleta branco-osso e amarelo-cera continua a refletir inequivocamente a personalidade de Richard. A novidade são os quadros de Índia, coloridas e radicais abstrações do corpo feminino, e os tapetes. Há meses que não entrava no apartamento de Richard. Dantes, não havia semana em que não viesse ali pelo menos uma vez. Continua a ver Richard com regularidade, claro, mas de passagem. Em regra, evita-o, e, de cada vez que Richard liga a convidá-lo para

jantar ou a perguntar se lhe pode fazer uma visita, ele responde que está cheio de trabalho ou exausto.

— Não me lembrava da tua posição de princípio quanto ao meu famoso *seitan* salteado, por isso optei por vieiras — explica Richard, pousando um prato diante dele.

— Eu gosto do teu famoso *seitan* salteado — responde ele, embora nem se lembre de tal coisa, muito menos se gosta ou não. — Obrigado.

Richard serve o vinho, depois ergue o seu copo.

— Feliz aniversário, Jude — diz, solene, e ele dá-se conta de que Richard tem razão: é o seu aniversário. Harold passou a semana inteira a ligar-lhe e a enviar-lhe *e-mails*, com uma insistência fora do comum, mesmo vindo de quem vem, mas ele ficou-se por respostas apressadas e não lhe chegou a ligar de volta. Sabe que Harold estará preocupado. Também houve mais mensagens do que o habitual da parte de Andy e mais uns quantos, e, sabendo agora porquê, vêm-lhe lágrimas aos olhos, porque todos eles o tratam tão bem e ele não retribui, porque se sente muito sozinho, e porque, por mais que a tenha tentado contrariar, a vida continuou. Tem 51 anos e Willem morreu há oito meses.

Silencioso, Richard senta-se ao lado dele no banco e abraça-o.

— Sei que isto não vai ajudar — diz, finalmente —, mas eu também te amo, Jude.

Incapaz de falar, ele abana a cabeça. Outrora, tinha vergonha de chorar, mas, em anos recentes, começou a chorar a toda a hora quando estava sozinho, depois já chorava diante de Willem, e agora, o último prego no caixão da sua dignidade, chora diante de seja quem for, quando for, pelo que for.

Esconde a cara no peito de Richard e molha-lhe a camisa com as suas lágrimas. Também Richard foi, desde o começo, compassivo e de uma amizade constante e incondicional, e ele não entende porquê. Sabe que a atitude de Richard para consigo está emaranhada na ligação a Willem, algo que ele entende; Richard fez uma promessa a Willem e Richard sempre levou as suas obrigações muito a sério. Mas a sua firmeza serena e absoluta fiabilidade, unidas a uma estatura considerável e à imponência física, tornam-no uma espécie de majestoso deus-árvore. Richard poderia ser um carvalho que ganhou forma humana: sólido, imemorial, indestrutível. Nunca tiveram uma amizade de grandes conversas, mas Richard tornou-se o seu grande amigo da idade adulta, tornou-se, de certa maneira, o amigo que é também um pai, embora seja apenas quatro anos mais velho do que ele. É como um irmão: alguém com quem ele pode sempre contar e de uma decência a toda a prova.

Por fim, consegue parar de soluçar, pede licença, e, depois de ir à casa de banho lavar a cara, jantam sem pressas, saboreiam o vinho e discutem o trabalho de Richard. No fim do jantar, Richard regressa da cozinha com um bolo pequeno e um tanto malfeito, no qual pôs seis velas.

— Cinco mais um — explica. Ele obriga-se a sorrir. Apaga as velas e Richard corta duas fatias. O bolo é de figo e esboroa-se como um *scone*. Comem em silêncio.

Ergue-se para ajudar a tratar da louça, mas Richard manda-o para casa e ele sente alívio, porque está exausto. Desde o Dia de Ação de Graças que não passava tanto tempo com alguém fora do trabalho. Na porta, Richard estende-lhe um embrulho de papel *kraft* e despede-se com um abraço.

— Ele não ia querer ver-te infeliz, Judy — diz-lhe ao ouvido, e ele roça-lhe a face ao fazer que sim. — Ia detestar que andasses desta maneira.

— Eu sei — murmura ele.

— Faz-me um favor — pede Richard, ainda a abraçá-lo. — Liga ao JB, OK? Eu sei que é difícil para ti, mas... ele também adorava o Willem, não esqueças. Não da mesma maneira que tu, eu sei, mas adorava-o. E também sente a falta do Malcolm.

— Eu sei — repete ele, e as lágrimas vêm-lhe de novo aos olhos. — Eu sei.

— Volta no próximo domingo — convida Richard, ao despedir-se com um beijo. — Aliás, vem quando quiseres. Tenho saudades de estar contigo.

— Eu venho — promete ele. — Richard... obrigado.

— Feliz aniversário, Jude.

Sobe no elevador. De repente, fez-se tarde. No apartamento, vai para o escritório e senta-se no sofá. Há semanas, um estafeta trouxe-lhe uma caixa enviada por Flora. Ainda não a abriu. No interior, estará certamente o que Malcolm lhe legou, mas também o que deixou a Willem, que agora ficará também para si. A morte de Willem teve o único efeito positivo de amortecer o choque causado pelo que aconteceu a Malcolm, mas, seja como for, ainda não teve coragem de abrir a caixa.

Abrirá agora. Antes, porém, abre o presente de Richard: um pequeno busto esculpido em madeira e montado num cubo de ferro preto. Willem. Fica sem ar como se tivesse levado um murro. Richard sempre se disse péssimo em escultura figurativa, mas ele sabe que não é assim, e o seu presente é a prova. Passa suavemente os dedos por aqueles olhos que não veem, pelo cabelo curto a formar uma crista, depois aproxima o busto do nariz e cheira-o. Madeira de sândalo. Gravado na base: «Para o J, pelos 51. Adoro-te. R.»

Desfaz-se em lágrimas outra vez, depois obriga-se a parar. Pousa o busto ao seu lado no sofá e abre a caixa. Enfia cuidadosamente os dedos pelo papel de jornal amarfanhado até sentir um objeto, que retira da caixa: a maquete da Casa Lanterna. Malcolm fê-la em madeira de buxo e teve-a durante muito tempo em exposição nos escritórios da Bellcast, juntamente com as maquetas de todos os outros projetos do ateliê. Alguns concretizaram-se, outros não. A maquete tem mais ou menos a configuração de um cubo com sessenta centímetros de aresta. Pousa-a no colo, depois ergue-a para espreitar pelas minúsculas janelas de vidro acrílico. Ergue cuidadosamente o telhado e passa os dedos pelos quartos.

Limpa os olhos, depois torna a meter os dedos por entre o papel de jornal amarrotado. Encontra um envelope a abarrotar com fotos, ora dos quatro, ora mostrando-o com Willem: na faculdade; em Nova Iorque, Truro, Cambridge e Garrison; na Índia, em França, na Islândia e na Etiópia. Os lugares onde viveram e as viagens que fizeram.

A caixa não é grande, mas traz mais coisas. Dois livros muito raros e frágeis: casas japonesas desenhadas por um ilustrador francês. Um pequeno quadro abstrato de um jovem artista britânico cujo trabalho ele sempre admirou. Um desenho de dimensão ligeiramente maior: um rosto masculino, assinado por um conhecido pintor americano de que Willem sempre gostou. Dois dos primeiros cadernos de esboços de Malcolm: páginas e páginas de estruturas imaginárias. Por fim, resta uma recordação, embrulhada em camadas de papel de jornal. Tira-a cuidadosamente da caixa.

Nas suas mãos, a Lispernard Street. O apartamento: a planta bizarra; o segundo quarto, não mais do que um arremedo; os corredores muito estreitos; a cozinha minúscula. Percebe que a maquete tem décadas, porque os vidros das janelas são de papel cristal, e, mais tarde, Malcolm começou a usar papel velino e vidro acrílico. Da mesma maneira, as paredes são de cartão e não de madeira. Não falta sequer a mobília, que Malcolm fez em cartolina: o seu maljeitoso *futon*, numa base improvisada com blocos de betão para alvenaria; o sofá com molas partidas que encontraram na rua; a poltrona com as rodas que chiavam, oferecida pelas tias de JB. Falta ele em cartolina e um Willem de cartolina.

Pousa a Lispernard Street aos pés. De olhos fechados, fica imóvel durante muito tempo, deixando que a sua mente volte atrás no tempo e devaneie. Em retrospectiva, pouco romantiza daquela época, mas, na altura, desconhecia que podia desejar mais e não imaginava que a vida pudesse ser melhor do que na Lispernard Street.

— E se nunca tivéssemos saído de lá? — perguntava Willem ocasionalmente. — Imagina que eu não tinha vingado como ator nem tu deixado o gabinete do procurador-geral. Imagina que eu continuava no Ortolan. Como seriam as nossas vidas agora?

— Onde queres chegar com essa teoria, Willem? — perguntava ele, com um sorriso. — Queres saber se teríamos acabado juntos?

— Claro que íamos acabar juntos na mesma — afiançava Willem. — Essa parte teria sempre um único desfecho possível.

— Bem — alinhava ele —, nesse caso, a primeira coisa que fazíamos era mandar a parede de pladur abaixo para termos outra vez uma sala de jeito. Em segundo lugar, comprávamos uma cama como deve ser.

Willem dava uma gargalhada.

— E processávamos a nossa senhoria, a ver se o elevador ficava a funcionar em condições de uma vez por todas.

— Exato, isso viria em terceiro lugar.

Endireita as costas e espera que a calma regresse. Depois, liga o telemóvel, e ali estão todas as chamadas perdidas: Andy, JB, Richard, Harold e Julia, o Henry Young preto, Rhodes, Citizen, Andy novamente, Richard novamente, Lucien, o Henry Young asiático, Phaedra, Elijah, Harold novamente, Julia novamente, Harold, Richard, JB, JB, JB.

Liga-lhe de volta. É tarde, mas JB nunca dorme cedo.

— Olá — diz, quando JB atende. A sua surpresa é audível. — Sou eu. É boa

altura?

Pelo menos uma vez por mês, tira meio sábado e sobe ao Upper East Side. Quando deixa a Greene Street, as butikues e demais estabelecimentos ainda não abriram. Quando regressa, já fecharam. Em dias assim, consegue imaginar o SoHo que Harold conheceu na infância: uma área com tudo fechado e onde não andava ninguém, um lugar sem vida.

A primeira paragem é no prédio de apartamentos na Park Avenue com a Rua 78. Apanha o elevador até ao quinto andar. A empregada vem abrir e leva-o ao escritório ao fundo, uma grande divisão ensolarada, onde o espera Lucien — não estará necessariamente à sua espera, mas está, sem dúvida, à espera.

É-lhe sempre servido um pequeno-almoço tardio: finas fatias de salmão fumado e pequenas panquecas de trigo-sarraceno, por exemplo, ou um bolo com cobertura *glacé* de limão. Nunca tem apetite e acaba por não comer, mas, nas ocasiões em que se sente agudamente desamparado, aceita a fatia de bolo que a criada lhe serve e passa toda a visita com o prato pousado no colo. Embora não coma, bebe várias chávenas de chá, que está sempre como ele gosta. Lucien nunca come — o seu pequeno-almoço foi mais cedo — e também não bebe.

Avança para lhe apertar a mão.

— Viva, Lucien — saúda.

Estava em Londres quando recebeu o telefonema de Meredith, a mulher do antigo presidente do departamento de contencioso da Rosen Pritchard. Era o fim de semana da retrospectiva dedicada a Bergesson pelo MoMA e ele organizara a agenda de propósito para viajar em trabalho nessa altura. Ela disse-lhe que Lucien tivera um AVC. Viveria, mas os médicos desconheciam ainda a gravidade das lesões.

Lucien esteve internado durante duas semanas e, quando teve alta, temia-se que ficasse com sequelas graves. Menos de cinco meses depois, confirma-se. O lado esquerdo da sua cara parece estar a derreter e não consegue usar o braço e a perna esquerdos. Consegue falar e é espantoso que articule tão bem as palavras, mas perdeu a memória. Para ele, é como se os últimos vinte anos não tivessem acontecido. No começo de julho, caiu, bateu com a cabeça e esteve em coma. Atualmente, não tem firmeza ou equilíbrio para andar, daí que, por iniciativa de Meredith, tenham trocado a casa no Connecticut pelo apartamento em Manhattan, para estarem mais perto do hospital e das filhas.

Parece-lhe que Lucien gosta das suas visitas, ou, pelo menos, que não se importa que ele venha, mas certezas, só tem uma: Lucien não o reconhece. Para Lucien, ele é alguém que surge e desaparece pouco depois, daí que tenha de se apresentar de cada vez que ali vai.

— Quem é o senhor? — pergunta Lucien.

— Sou o Jude — diz ele.

— Recorde-me, por favor — pede Lucien, simpático e polido, como se

estivessem numa festa. — Conhecemo-nos de onde?

— O senhor foi um mentor para mim — diz ele.

— Ah — murmura Lucien. Depois, um silêncio.

Nas primeiras semanas, tentou ajudar Lucien a lembrar-se da sua vida: falou-lhe da Rosen Pritchard, daqueles que ambos conheciam e dos casos que costumavam discutir. Até que percebeu que a expressão que, na sua estúpida esperança, erradamente tomara por atenção era medo. Por isso, deixou de lhe falar do passado, ou, pelo menos, do passado que partilham. Deixa que Lucien leve a conversa para onde quer e, ainda que não saiba do que ele está a falar, sorri e tenta simular que sabe.

— Quem é o senhor? — pergunta Lucien.

— Sou o Jude.

— E diga-me, por favor: conhecemo-nos de onde?

— O Lucien foi um mentor para mim.

— Ah, em Groton!

— Sim — confirma ele, tentando sorrir-lhe de volta. — Em Groton.

Mas, por vezes, Lucien olha-o com estranheza.

— Um mentor? — repete. — Sou muito novo para ser teu mentor! — Também já aconteceu não fazer sequer essa pergunta e simplesmente retomar uma conversa que não estavam a ter, e, nessas ocasiões, ele espera pelas pistas que lhe revelarão qual o papel que lhe foi atribuído (um antigo namorado de uma das filhas, um colega de curso, um conhecido do clube de campo), para então responder em conformidade.

Nestas visitas, já ficou a saber mais do passado de Lucien do que ele alguma vez lhe tinha revelado. Embora Lucien já não seja Lucien, ou, pelo menos, o Lucien que ele conheceu. Este novo Lucien é alguém vago e sem idiossincrasias. É como um ovo: liso e sem arestas. Nem a voz é igual. O Lucien de antes tinha um sotaque arrastado, quase crocitado. Cada frase era uma afirmação feita com absoluta segurança e entre cada uma e a seguinte fazia invariavelmente uma pausa, porque já contava com o riso do seu interlocutor. Da mesma maneira, os parágrafos das suas conversas começavam e terminavam sempre com uma piada que não era uma verdadeira piada, mas um insulto envolto numa capa de seda. Enquanto trabalharam juntos, ele sempre soube que o Lucien do escritório não era o mesmo que frequentava o clube de campo, mas nunca conheceu esse outro. Mas eis que finalmente aconteceu: é com quem agora fala. É o único que agora vê. E esse Lucien fala do tempo, de golfe, de veleiros e de impostos, mas a legislação fiscal que refere é de há vinte anos. Nunca lhe pergunta quem ele é, em que trabalha ou porque aparece ocasionalmente numa cadeira de rodas. Lucien fala e ele sorri e anui, enquanto, nas suas mãos, o chá arrefece na chávena. Quando vê que as mãos de Lucien tremem, segura-lhas com brandura, algo que, no seu caso, ajuda sempre. Willem fazia isso e respirava a compasso com ele, e resultava de todas as vezes. Quando Lucien se baba, limpa-lhe a saliva com o canto do guardanapo. No entanto, ao contrário dele, Lucien não parece sentir vergonha das tremuras ou de se babar, e ainda bem. Pela sua parte, tão-pouco o incomoda. Se

algo o incomoda, é não poder fazer mais pelo antigo chefe.

— Ele adora ver-te, Jude — diz-lhe Meredith, visita após visita, mas ele não acha que seja verdade. Chega a ocorrer-lhe que continua a vir àquela casa mais por Meredith do que por Lucien, e percebe que a vida é assim mesmo e tem mesmo de ser assim: não visitamos quem se ausentou, visitamos os que procuram os seus ausentes. Lucien não tem consciência disto, mas ele lembra-se de a ter tido das duas vezes em que esteve doente e Willem cuidou dele. Enchia-se de gratidão quando acordava e via outro que não Willem à sua cabeceira. «O Roman veio vê-lo», explicava Richard ou Malcolm, ou «O JB levou-o a almoçar», e ele ficava aliviado. Nas primeiras semanas depois da amputação, quando apenas queria desistir, os únicos momentos de felicidade eram aqueles em que imaginava Willem a ser reconfortado. Por isso, depois de cada visita a Lucien, conversa sempre um pouco com Meredith, que também não lhe pergunta a respeito da sua vida, e, por ele, perfeito. Tal como ele, Meredith sente-se sozinha. Ela e Lucien têm duas filhas. Uma vive em Nova Iorque, mas está constantemente a internar-se para mais uma cura de desintoxicação. A outra vive em Filadélfia com o marido e três filhos e também é advogada.

Conheceu ambas. Terão menos dez anos do que ele, embora Lucien seja da idade de Harold. Quando o visitou no hospital, a mais velha, aquela que vive em Nova Iorque, olhou-o com um ódio tão grande que quase o fez recuar, e depois, para a irmã: «Já viste quem chegou? O cãozinho do pai. Que surpresa.»

«Para de ser criança, Portia», ralhou-lhe a mais nova em voz baixa. E, para ele: «Obrigada por ter vindo, Jude. Fiquei desolada quando soube do Willem.»

— Obrigada por teres vindo, Jude — diz-lhe Meredith, despedindo-se com um beijo. — Torno a ver-te em breve? — Pergunta-lhe sempre isto, como se temendo que, um dia, ele lhe responda que não, não o tornará a ver.

— Sim — assegura. — Mando um *e-mail* a avisar.

— Faz isso — responde Meredith, que ainda lhe acena quando ele já vai afastado a caminho do elevador. Desde o começo que tem a sensação de que mais ninguém visita Lucien, mas como pode isso ser? *Que não seja verdade, por favor*, pede em pensamento. Meredith e Lucien sempre tiveram muitos amigos. Davam constantemente jantares. Não era ocorrência rara ver Lucien deixar o escritório de *smoking*, e o aceno de despedida vinha sempre acompanhado de um revirar de olhos. «Gala de beneficência», dizia, em jeito de explicação. Ou: «Festa.» «Casamento.» «Jantar.»

Estas visitas deixam-no exausto, mas segue-se sempre uma caminhada de sete quarteirões para sul, depois a quarta parte de um quarteirão para a esquerda, até à casa dos Irvines. Evitou-os durante muito, muito tempo, até que, no mês anterior, um ano depois do dia fatídico, eles pediram-lhe que jantasse em sua casa, juntamente com Richard e JB, e ele teve consciência de que não podia recusar.

Era o fim de semana do feriado da primeira segunda-feira de setembro. As quatro semanas anteriores — que incluíram o dia em que Willem teria completado 53 anos, bem como a data da sua morte —, contaram-se entre as piores da sua vida. Ciente de que seriam más, tentara prevenir-se. A Rosen

Pritchard tinha de enviar alguém a Pequim e, embora soubesse que devia ficar em Nova Iorque — estava a trabalhar num caso que dependia da sua intervenção bem mais do que o negócio de Pequim —, ofereceu-se na mesma para ir, e foi. Acreditou que estaria em segurança: por vezes, o torpor confuso do *jet-lag* confundia-se com o torpor confuso do desgosto, e haveria desconfortos vários — incluindo o calor, que, só por si, o mergulhava nesse estado confuso, além de o deixar ensochado de transpiração — com que se entreter, ou assim esperava. Até àquela noite, perto do fim da viagem, em que estava a ser levado ao hotel depois de um longo dia de reuniões, e, ao olhar pela janela do carro, viu o rosto de Willem num gigantesco e ofuscante painel publicitário que parecia pairar sobre a estrada. Willem fizera aquela campanha publicitária de uma marca de cerveja havia dois anos, exclusivamente para a Ásia Oriental. Viu os trabalhadores pendurados da barra superior do painel. Estavam a dar uma base branca por cima do anúncio. Estavam a apagar o rosto de Willem. Ficou sem ar. Esteve à beira de pedir ao motorista que parasse, mas claro que o motorista não podia fazer isso — estavam numa curva de um viaduto de uma autoestrada, não havia saídas nem se podia parar na berma, por isso ficou quieto e calado, o coração como um vulcão em erupção no seu peito, contou os segundos até chegarem ao hotel, agradeceu ao motorista, saiu, atravessou o átrio, subiu no elevador, atravessou o corredor e entrou no quarto, onde, antes que tivesse tempo de pensar, se atirou contra a fria parede de mármore do chuveiro, de boca aberta e olhos cerrados, uma vez e outra, até a dor ser tão grande que teve a certeza de que não lhe sobrava uma vértebra no sítio.

Nessa noite, cortou-se desenfreada, descontroladamente, e, quando tremia tanto que já não conseguia continuar, aguardou, depois limpou o chão, bebeu sumo para recobrar forças, e continuou. Depois de nova pausa e nova série de cortes, arrastou-se para o canto da cabina de duche e chorou com os braços a cobrir-lhe a cabeça e a empastar-lhe o cabelo de sangue, e acabou por dormir ali, com uma toalha a servir-lhe de cobertor. Em pequeno, quando se sentia a ponto de explodir, como uma estrela que vai morrer, por vezes usava essa técnica: encolhia-se no espaço mais pequeno que conseguisse encontrar, para que os seus ossos não se desarticulassem. Saía devagarinho de baixo do irmão Luke e enroscava-se debaixo da cama, na alcatifa suja onde havia cardos secos que o arranhavam, pioneses perdidos que o picavam, preservativos usados que a deixavam peganhenta e estranhas manchas de humidade. Senão, dormia na banheira ou no roupeiro, encolhido e desejando não ser maior do que um inseto.

— Meu escaravelhinho — dizia o irmão Luke quando o encontrava assim. — Meteste-te aí porquê, Jude? — O seu tom era sempre brando e preocupado, mas ele nunca foi capaz de lhe explicar.

Sem saber como, sobreviveu à viagem a Pequim. Sobreviveu ao primeiro ano. Na noite do aniversário da morte de Willem, sonhou com jarras de vidro a implodir, com o corpo de Willem projetado e a sua cara a desfazer-se contra a árvore. Quando acordou, a falta dele era tão aguda que julgou que fosse cegar. No dia após o regresso da viagem, viu os primeiros cartazes de *Os Anos Felizes*, que,

afinal, ia estrear com o título original: *O Bailarino Sai de Cena*. Alguns cartazes mostravam Willem com o cabelo como o de Nureyev, mais comprido do que o costumava usar, e com um maiô que lhe desnudava parte do peito, evidenciando um pescoço comprido e forte. Outros cartazes mostravam apenas um pé — que ele sabia ser de Willem — calçado com uma sapatilha de *ballet*, em ponta, tão de perto que se viam as veias, os pelos e os músculos e tendões em esforço. «Estreia no Dia de Ação de Graças», lia-se em baixo. *Oh, deus*, pensou ele, e voltou para dentro. *Oh, deus*. Queria que Willem deixasse de lhe ser recordado, mas temia o dia em que isso acabaria por acontecer. Nas últimas semanas, vinha tendo a sensação de que Willem lhe começava a fugir, embora o desgosto recusasse decrescer.

Na semana seguinte, foram jantar a casa dos Irvines. De alguma maneira, sem que fosse combinado, decidiram ir juntos. Encontraram-se no apartamento de Richard, a quem ele entregou as chaves do carro, para que os levasse. Fizeram o caminho em silêncio. Nem JB falou. Ele, por sua vez, estava muito nervoso. Pressentia que os Irvines estavam zangados consigo e sentia merecer a sua raiva.

A refeição contemplou tudo aquilo de que Malcolm mais gostava e, enquanto comiam, ele apercebeu-se dos olhares fixos de Mr. Irvine e perguntou-se se o pai de Malcolm pensaria da mesma maneira que ele tantas vezes pensava: *Porquê o Malcolm? Porque não ele?*

Mrs. Irvine sugeriu que, seguindo a ordem por que estavam sentados, cada um partilhasse uma recordação de Malcolm e ele ouviu atentamente cada um dos outros. Começou ela, recordando uma visita ao Panteão de Roma quando Malcolm tinha seis anos: cinco minutos depois de saírem, deram pela falta dele, voltaram para trás a correr e encontraram-no sentado no chão, a olhar fixamente o óculo, fascinado. Flora contou que, quando não passava de um menino na segunda classe, Malcolm se apoderara da casa de bonecas que ela tinha no sótão, tirara as bonecas e enchera as várias divisões em miniatura com dezenas de pequeníssimos objetos que ele mesmo moldara em barro: cadeiras, mesas, sofás e móveis que nem sequer existiam realmente. JB recordou o fim de semana do Dia de Ação de Graças em que os quatro regressaram à Casa dos Capelos um dia mais cedo porque queriam ter a residência toda para si; arrombaram a fechadura e Malcolm acendeu a lareira da sala para assarem salsichas para o jantar. Ele contou que, na Lispenard Street, Malcolm lhes fizera uma estante para livros e que a sala, de si minúscula, se tornara quase inexistente: estando sentados no sofá e estendendo os pés, enfiavam-nos na prateleira de baixo. Tudo começara porque ele queria prateleiras. Willem não se opunha. Assim, Malcolm arranjou madeira barata num depósito de madeiras para construção e cortou-a à medida, depois ele e Willem levaram tudo para o terraço, para os vizinhos não se queixarem do barulho das marteladas, montaram a estante, trouxeram-na para baixo e arrumaram-na no sítio.

Quando a viu, Malcolm percebeu que se enganara nas medidas: a estante era oito centímetros mais larga do que deveria ser e entrava ligeiramente no corredor. Ele não se importava e Willem também não, mas Malcolm queria emendar o erro.

«Deixa estar, Mal», disseram os dois. «Está ótima, está perfeita.»

«Não está perfeita», resmungou Malcolm, desanimado. «E não está ótima.»

Por fim, convenceram-no de que podia ficar assim e ele foi-se embora. Ele e Willem pintaram-na de um vermelhão carregado e arrumaram os seus livros. No domingo, Malcolm apareceu na Lispernard Street logo pela manhã, visivelmente determinado. «Não consigo parar de pensar nisto», confessou. Pousou o saco de desporto, tirou para fora uma serra de arco e atacou a estante, sem fazer caso dos protestos dos dois, que finalmente se capacitaram de que ele faria a alteração com ou sem a sua ajuda. Posto isso, tornaram a levá-la para o terraço, e, quando desceu, estava perfeita.

— Lembro-me muitas vezes desta história — disse, perante os olhares atentos dos que ali estavam reunidos. — Não me ocorre outra que ilustre melhor a seriedade com que o Malcolm encarava o trabalho, a sua busca pela perfeição e o respeito que tinha por todos os materiais, fosse mármore ou contraplacado. Mas também revela a enorme consideração que ele tinha pelos espaços, por *qualquer* espaço, até mesmo um apartamento horrível, deprimente e sem redenção possível em Chinatown. Mesmo um lugar assim lhe merecia total dedicação.

» E demonstra com eloquência como o Malcolm estimava tanto os amigos e o enorme desejo que tinha de que cada um vivesse no lugar que ele imaginava para nós: um lugar tão belo e vital como eram para si as suas casas imaginárias.

Calou-se. A história tinha uma última parte, que ele temia não ter forças para contar. No dia da segunda montagem da estante, a dada altura, foi à casa de banho buscar as trinchas e a tinta, que tinham arrumado debaixo do lavatório, e ouviu acidentalmente Willem queixar-se de ter tido de voltar a carregar a estante para cima e para baixo, e a resposta sussurrada de Malcolm: «Se a tivesse deixado como estava, ele podia tropeçar e cair, Willem. Preferias isso?»

«Não», disse Willem, após um silêncio. Parecia envergonhado. «Claro que não. Tens razão, Mal.» Só agora lhe ocorria que Malcolm fora o primeiro do grupo a perceber que ele tinha uma incapacidade física. Vira isso antes de ele mesmo ver. Porém, tendo consciência disso, jamais o fizera sentir-se constrangido. A verdade era que Malcolm não se poupava a esforços para lhe facilitar a vida e ele chegara a levar-lhe a mal esse cuidado.

Quando estavam de saída, sentiu a mão de Mr. Irvine no ombro.

— Jude, podes ficar um momento? — pediu. — Depois peço ao Monroe que te leve a casa.

Não podia deixar de atender ao pedido, por isso disse a Richard que levasse o carro. A mãe de Malcolm continuou na sala de jantar com Flora, o genro e os netos, e ele e Mr. Irvine foram sentar-se na sala de estar. Comentaram como iam de saúde, depois falaram de Harold e do seu trabalho na Rosen Pritchard, mas, então, Mr. Irvine começou a chorar, e ele foi sentar-se ao lado dele. Hesitou antes de lhe afagar as costas. De repente, sentia-se constrangido e envergonhado, como se fosse décadas mais novo.

Ainda que se tivessem feito adultos, Mr. Irvine nunca deixara de ser uma figura intimidadora. Alto e sempre no perfeito domínio das emoções, dono de umas feições largas e de uma expressão austera, lembrava os chefes índios

fotografados por Edward Curtis. Daí a alcunha que lhe tinham dado: O Chefe.

«O que dirá o Chefe dessa tua decisão, Mal?», questionara JB quando Malcolm anunciara que ia deixar a Ratstar e eles o estavam a tentar convencer a não se precipitar. Ou (de novo, JB): «Mal, perguntas ao Chefe se me deixa ficar no vosso apartamento quando der um salto a Paris daqui por um mês?»

Agora, Mr. Irvine já não era o Chefe. Com 89 anos, continuava a andar de costas direitas, tal como se mostrava racional e rigoroso como sempre fora, mas os seus olhos escuros tinham-se tornado daquela tonalidade cinzenta indefinida típica dos muito pequeninos e dos muito idosos: a cor do mar de onde viemos e onde iremos regressar.

— Eu amava-o — disse Mr. Irvine. — Sabes isso, Jude, não é verdade? Sabes que sim.

— Sei, sim — assegurou ele. E dissera-o repetidamente a Malcolm: «Claro que o teu pai te ama, Mal. Claro que sim. Os pais amam os filhos.» Numa ocasião em que Malcolm estava particularmente irritado (já não se lembrava do motivo), respondeu, agressivo: «Sim, como se tu soubesses.» No silêncio que então se instalou, Malcolm, horrorizado, apressou-se a tentar retirar o que dissera. «Desculpa, Jude», pediu. «Por favor, perdoa-me.» Ele nada disse, porque Malcolm tinha razão: nada sabia do assunto. O seu conhecimento sobre pais e filhos vinha dos livros, mas os livros mentiam e embelezavam. Foi a única vez que Malcolm lhe disse algo assim e ele nunca mencionou o episódio, mas Malcolm, sim, uma única vez, pouco depois da adoção:

«Nunca me vou perdoar por aquilo que te disse», confessou.

«Esquece, Mal», respondeu ele, sabendo no mesmo instante a que se referia Malcolm. «Estavas de cabeça perdida. Foi há muito tempo.»

«Mas foi muito feio», insistiu Malcolm. «E eu estava errado. A todos os níveis.»

Ali sentado com Mr. Irvine, pensou: *Quem me dera que o Malcolm pudesse ter vivido este momento. Devia ser ele aqui com o pai e não eu.*

Assim, começou a passar em casa dos Irvines depois de ir ver Lucien e há como que uma fórmula que se repete. Ambas as visitas são viagens ao passado: um e outro são idosos a falar-lhe de memórias que ele não tem, situadas em contextos que desconhece. Mas, se estas visitas o deprimem, sente que tem a obrigação de as fazer. Em causa estão duas pessoas que sempre lhe deram do seu tempo e lhe falaram quando ele precisava de atenção, mas ainda não a sabia pedir. Com 25 anos, recém-chegado a Manhattan, vivera em casa dos Irvines, e Mr. Irvine conversava com ele sobre mercados e leis e dava-lhe conselhos, ensinando-lhe não como pensar, mas como ser — como ser uma curiosidade num mundo onde raras vezes as curiosidades são toleradas.

— As pessoas vão ter pensamentos sobre ti por causa da maneira como andas — disse-lhe, certa vez, e ele baixou os olhos. — Não — advertiu prontamente Mr. Irvine. — Não baixes os olhos, Jude. Não é nada de que te devas envergonhar. És um homem brilhante, que brilhará e será recompensado pelo seu brilhantismo. Mas, se te comportares como se estivesses onde não pertences, se agires como

quem pede desculpa por ser quem é, os outros começarão a tratar-te também assim. — Ele respirou fundo. — Acredita em mim. — *Sê duro como o aço se achares que deves ser*, aconselhara-o Mr. Irvine. *Não queiras fazer com que os outros gostem de ti. Nunca te faças agradável para deixares os teus pares confortáveis*. Harold ensinara-o a pensar como um advogado que enfrenta o adversário em tribunal, mas Mr. Irvine ensinara-lhe como esse advogado teria de se comportar. Depois, viera Lucien, que lhe reconhecera essas duas capacidades e o premiara.

Nessa tarde, a visita aos Irvines é mais curta, porque Mr. Irvine está cansado. De saída, cruza-se com Flora — a Fabulosa Flora, de quem Malcolm tanto se orgulhava e a quem tanto invejava — e conversam durante alguns minutos antes de ele se ir embora. Começou outubro, mas os dias continuam amenos. As manhãs são de verão, mas as tardes são escuras e invernosas, e, ao subir a Park Avenue para regressar ao carro, recorda que, há vinte anos, talvez mais, passava os sábados naquela mesma área. Regressava a casa a pé e, de vez em quando, passava por uma renomada — e caríssima — padaria muito do seu agrado na Madison Avenue e comprava um pão de nozes que lhe custava o mesmo que jantar fora, e ele e Willem comiam-no com manteiga e sal. A padaria ainda existe e, quando dá por si, cortou à direita e saiu da Park Avenue para ir comprar um pão de nozes. Curiosamente, se tudo ficou muito mais caro com o correr dos anos, o mesmo não aconteceu com aquele pão de nozes, ou, pelo menos, o preço é o que ele recorda. Não se lembra da última vez que esteve naquela zona durante o dia antes de criar o hábito das visitas de sábado a Lucien e aos Irvines — as consultas com Andy são sempre depois de anoitecer — e demora-se a olhar encantado as crianças que correm pelos passeios largos e limpos, tranquilamente seguidas pelas mães sempre bem-arranjadas. Por cima da sua cabeça, a folhagem das tílias vai-se tornando de um amarelo esbatido e relutante. Passa pela Rua 75, onde tutorou Felix, que, espantosamente, já tem 33 anos e deixou para trás os dias de vocalista de uma banda *punk*, para, ainda mais espantosamente, se tornar gestor de fundos, como o pai foi outrora.

No apartamento, corta o pão, juntamente com um pouco de queijo, traz o prato para a mesa e fica a observá-lo. Está a esforçar-se por comer refeições dignas desse nome, por retomar os hábitos e os costumes dos vivos. Mas comer tornou-se difícil. Desconhece o que é ter apetite e tudo lhe sabe a papas ou ao puré de batata instantâneo que serviam na instituição. Mas faz um esforço. É-lhe mais fácil comer estando outros de olho nele, por isso, janta com Andy todas as sextas e com JB aos sábados. Aos domingos, ao anoitecer, desce ao apartamento de Richard, cozinham juntos um dos pratos vegetarianos com muita couve em que Richard é especialista e chamam India quando o jantar está na mesa.

Também começou a ler jornais e, afastando o prato com o pão e o queijo, é o que agora faz: procura o caderno de artes e abre-o a medo, como se temendo que lhe possa morder. Há duas semanas, sentindo-se confiante, abriu-o sem hesitar, e, logo na primeira página, estava um artigo sobre o filme que Willem deveria ter começado a rodar em setembro. O artigo explicava que o filme se fizera com outro ator, acrescentando que as primeiras críticas tinham sido entusiásticas e que a

personagem principal fora rebatizada, passando a chamar-se Willem. Nessa altura, ele fechou o caderno de artes, foi deitar-se, tapou a cabeça com uma almofada e aguardou até se sentir capaz de se levantar novamente. Sabe que, durante os próximos dois anos, não faltarão artigos, cartazes e publicidade na rua e na televisão aos filmes que Willem já aceitara e que teria feito ao longo daquele último ano. Porém, desta vez, o jornal traz apenas um anúncio de uma página a *O Bailarino Sai de Cena*, e ele detém-se no rosto de Willem, reproduzido quase em tamanho real, durante muito, muito tempo. Cobre-lhe os olhos, depois retira a mão. Se estivesse num filme, ocorre-lhe, aquele rosto começaria a falar consigo. Se estivesse num filme, ergueria o olhar e Willem estaria à sua frente.

Por vezes, diz a si mesmo: *Estou a conseguir. Estou melhor.* Por vezes, acorda e sente-se cheio de energia e fortitude. *É hoje,* pensa. *É hoje que começo a ultrapassar isto. É hoje que vou sentir um bocadinho menos a falta dele.* Mas acontece sempre qualquer coisa, que pode ser tão simples como entrar no quarto de vestir e ver o solitário suporte para cabides, à espera das camisas que Willem não mais vestirá, e a sua ambição para aquele dia, a sua esperança, dissolve-se, e ei-lo de novo refém do desespero. Por vezes, diz para dentro: *Eu vou conseguir.* Mas são cada vez mais frequentes os momentos em que pensa: *Não vou conseguir.* Fez uma promessa a si mesmo: a cada dia encontrará uma nova razão para continuar. Várias são pequenas coisas: sabores, sinfonias, quadros, edifícios, óperas e livros de que gosta, ou lugares que quer conhecer ou visitar novamente. Outras, são obrigações: é o que tem de fazer; sabe que é possível; teria sido essa a vontade de Willem. Um punhado delas são razões de peso: Richard; JB; Julia; e Harold, sobretudo.

Pouco menos de um ano depois da tentativa de suicídio, certa vez, ele e Harold saíram para dar um passeio. Era o feriado da primeira segunda-feira de setembro e estavam em Truro. Nesse fim de semana, ele estava com dificuldade em andar. Lembra-se de avançar com cuidado pelas dunas. Lembra-se de se aperceber do esforço de Harold para não lhe tocar, para não o ajudar.

Por fim, sentaram-se para descansar. Admiraram o oceano e conversaram um pouco. Falaram de um caso em que ele andava a trabalhar, da jubilação de Laurence, que estava para breve, e do novo livro de Harold. Então, do nada, Harold disse:

— Jude, promete-me que não haverá nova tentativa. — Ele encarou-o, sobretudo por causa do tom autoritário, algo que Harold raramente era.

— Harold... — hesitou.

— Eu esforço-me por nunca te pedir nada — recordou-lhe Harold —, porque não quero que sintas que me deves alguma coisa. E não deves, de facto. — Só aqui olhou para ele, e a sua expressão era severa. — Mas peço-te isto. É um pedido. Tens de me prometer.

Ele hesitou.

— Prometo — acabou por dizer, e Harold anuiu.

— Obrigado — disse.

Nunca falaram dessa conversa e, embora não fosse propriamente uma exigência válida, não queria faltar ao prometido. Chegava a sentir que apenas essa promessa

— um contrato verbal — o impedia de fazer uma segunda tentativa, ciente que estava de que, caso a houvesse, não seria uma tentativa: desta vez, teria o desfecho pretendido. Sabia como tinha de fazer e sabia que resultaria. Desde a morte de Willem, pensava nisso quase diariamente. Para consigo, definira um plano, etapa por etapa, e sabia como faria para ser encontrado. Dois meses antes, numa semana particularmente má, redigira uma nova versão do testamento, tornando-o uma carta de despedida de alguém que, tendo morrido, tem pedidos de desculpa a fazer, sendo cada legado uma tentativa de obter o perdão. E, ainda que não tencione honrar esse segundo testamento — como recorda a si mesmo —, tão-pouco o mudou.

Anseia por uma infecção, algo que aja com rapidez e seja fatal, que o mate e o isente de culpa. Mas a infecção não vem. Depois da amputação das pernas, não houve mais feridas. A dor física não desapareceu, mas não se intensificou — pelo contrário. Está curado, ou, pelo menos, tão curado como jamais estará.

Não se justifica continuar a ver Andy uma vez por semana, mas fá-lo na mesma, porque sabe que Andy teme que ele se suicide. *Ele* teme suicidar-se. Por isso, vai ter com ele todas as sextas-feiras, normalmente, apenas para jantar, exceto na segunda sexta-feira do mês, quando o jantar é precedido de uma consulta, que é uma repetição do mesmo de sempre. Não fossem os pés e as barrigas das pernas que agora lhe faltam, dir-se-ia que nada mudou, porque, em tudo o mais, tornou a ser a sua versão de há décadas. Regressou o constrangimento. E o medo de ser tocado. Três anos antes de Willem morrer, foi finalmente capaz de lhe pedir que lhe aplicasse o creme nas costas e lhe massajasse as cicatrizes, e Willem assim fez, e, durante algum tempo, ele sentiu a diferença, sentiu-se uma cobra que mudara de pele. Claro que agora não tem ninguém que lhe faça isso, por isso as cicatrizes tornaram a ficar repuxadas e nodosas, qual teia de elásticos a constringi-lo.

As pessoas não mudam. Aprendeu isso. Assim, também ele não pode mudar. Willem julgou-se transformado pela experiência de o ajudar durante a convalescença. Surpreendeu-o descobrir em si tais reservas de energia e tamanho estoicismo. Mas ele — toda a gente, na verdade — soubera desde o começo que aquela capacidade de cuidar era inata em Willem. Os meses da sua convalescença terão permitido que Willem ficasse esclarecido sobre a sua força interior, mas as qualidades que descobriu em si não foram surpresa para ninguém senão ele. Da mesma maneira, no seu caso, perder Willem foi esclarecedor. A vida com Willem durante tantos anos fê-lo convencer-se de que era outro, alguém mais feliz, mais livre e mais corajoso. Mas Willem partiu e ele tornou a ser quem foi há vinte, trinta, quarenta anos.

Assim, mais uma sexta-feira. Vai ao consultório de Andy. A balança; Andy suspira. As perguntas; as suas respostas, um desfiar de sins e não-s. Sim, sente-se bem. Não, a dor não aumentou. Não, não há feridas nem indícios de que vá haver. Sim, crises de dor com intervalos que podem ir de dez dias a duas semanas. Sim, tem dormido. Sim, tem feito alguma vida social. Sim, tem comido. Sim, três refeições por dia. Sim, todos os dias. Não, não sabe porque continua a perder peso se assim é. Não, não vai ponderar retomar a terapia com o Dr. Loehmann. A

vistoria aos braços: Andy segura-lhos e volta-os, em busca de novos cortes, que não encontra. Na semana após o regresso de Pequim, depois da noite do descontrolo, Andy sufocou uma exclamação horrorizada ao ver-lhe os braços, e ele baixou os olhos, recordando tantos momentos em que tivera o mesmo comportamento demencial. Sem dizer uma palavra, Andy tratou-lhe dos braços, e, quando terminou, segurou-lhe as mãos.

«Um ano», disse.

«Um ano», repetiu ele. E calaram-se os dois.

Depois da consulta, vão a um pequeno restaurante italiano de que gostam. Fica na esquina. Durante os seus jantares a dois, Andy mantém-se atento, e, se acha que ele não está a comer o suficiente, pede-lhe mais um prato e não lhe dá sossego até ele o comer. Desta vez, porém, ele percebe que alguma coisa o preocupa: enquanto esperam pela comida, Andy bebe com mais avidez do que é costume e fala-lhe de futebol, assunto que sabe que não lhe interessa e que nunca é tema de conversa entre os dois. Por vezes, tinha essas conversas com Willem, e ele ficava a vê-los esgrimir argumentos em defesa das respetivas equipas, sentados à mesa a comer pistachos enquanto ele preparava a sobremesa.

— Desculpa — diz Andy, caindo em si. — Pareço uma matraca. — Chegam as entradas e comem em silêncio. Por fim, Andy respira fundo. E anuncia:

— Jude, vou deixar o consultório.

Ele, que mal provou a beringela, detém-se, depois pousa o garfo.

— Não vai ser já — apressa-se Andy a tranquilizá-lo. — Prevejo que aconteça daqui por uns três anos. Mas, já este ano, vou dividir as consultas com um colega, para a transição ser tão suave quanto possível, para os colaboradores, mas, sobretudo, para os meus pacientes. De ano para ano, ele terá mais a seu cargo. — Uma pausa. — Acredito que vais gostar dele. Tenho a certeza, aliás. Serei o teu médico até ao meu último dia no consultório e não serás apanhado de surpresa, porque te hei de avisar com muita antecedência. Mas quero apresentar-vos já, para vermos que tal a química. — Sorri ligeiramente, mas ele não consegue fazer-se reciprocicar. — Se, por algum motivo, ela for inexistente, teremos tempo com fatura para encontrar outra pessoa. Ocorre-me mais um par de candidatos que sei que estarão recetivos a dar-te o serviço completo. De qualquer maneira, não vou a lado nenhum até estares entregue.

Não só continua incapaz de falar, como ainda não conseguiu encarar Andy.

— Jude — ouve-o dizer, de mansinho, suplicante. — Quem me dera poder ficar para sempre. Apenas por tua causa. Não tenho mais nenhum paciente que me custe deixar de tratar. Mas estou cansado. Vou fazer sessenta e dois anos e, desde o começo, jurei a mim mesmo que me reformava antes dos sessenta e cinco. Eu...

Interrompe-o.

— Andy — diz —, claro que tens todo o direito de te reformar quando quiseres. Não me debes explicações. E fico feliz por ti. De verdade que sim. Eu apenas... Vou ter saudades. Foste extraordinário comigo. — Cala-se um momento. — Habituei-me a contar contigo para tudo — admite, por fim.

— Jude — responde Andy, e cala-se um instante. — Jude, serei sempre teu amigo. Estarei sempre aqui para o que precisares, seja assistência médica ou outra coisa. Mas tu precisas de alguém que te acompanhe na velhice. Este colega que vou pôr no consultório tem quarenta e seis anos. Se gostares dele, pode perfeitamente tratar-te para o resto da vida.

— Desde que eu não leve mais de dezanove anos a ir desta para melhor — ouve-se responder. Novo silêncio. — Desculpa, Andy — diz então. É um choque descobrir-se tão deprimido com a novidade e ter uma reação tão mesquinha. Evidentemente, sempre soube que, nalguma altura, Andy deixaria de trabalhar. Porém, acaba de perceber que nunca pensou que estaria vivo quando esse dia chegasse. — Desculpa — repete. — Não liguês ao que eu digo.

— Jude, numa qualidade ou noutra, vou estar sempre aqui quando precisares — reitera Andy, mal erguendo a voz. — Garanti-te isto há muitos anos e a promessa continua a valer.

» Escuta — continua, depois de outra pausa. — Sei que te vai custar. Sei que ninguém pode recriar a nossa história. Não o digo por arrogância. Simplesmente, tenho consciência de que não se pode pedir a outra pessoa que compreenda tudo com o mesmo alcance. Mas encontraremos a melhor aproximação. E quem não te ia adorar? — Torna a sorrir, e, de novo, ele não lhe consegue sorrir de volta. — Bem, quero que o conheças. Chama-se Linus, é bom médico, e, igualmente importante, é boa pessoa. Não o vou pôr ao corrente da tua história clínica. Apenas te peço que o conheças, pode ser?

Na sexta-feira seguinte, ele vai ao consultório, e, com Andy, está um homem bonito, não muito alto, com um sorriso que lhe recorda o de Willem. Andy faz as apresentações e os dois trocam um aperto de mão.

— Ouvi falar muito de si, Jude — diz Linus. — É um prazer conhecê-lo finalmente.

— Idem — responde ele. — E parabéns.

Andy deixa-os a sós para conversarem um pouco e eles assim fazem, um pouco constrangidos, e brincam dizendo que aquela consulta parece um *blind-date*. Linus apenas sabe que lhe foram amputadas as pernas e é disso que falam durante alguns minutos, bem como da osteomielite que precedeu a decisão.

— Aqueles tratamentos são um dos casos em que se morre da cura — diz Linus, sem lhe dirigir uma palavra de consolo pela perda de ambas as pernas, o que ele agradece. Linus trabalhou numa clínica que ele ouviu Andy elogiar, e, da mesma maneira, parece ter genuína admiração por Andy e demonstra entusiasmo por ir trabalhar com ele.

Nada há a apontar. As perguntas de Linus e o respeito com que as faz dizem-lhe que ele é de facto bom médico e, quase de certeza, boa pessoa. Por outro lado, sabe que jamais será capaz de se despir diante dele. Teve conversas com Andy que não poderá ter com mais ninguém. Não se imagina capaz de mostrar o corpo e revelar os medos a outro como fez com Andy. A ideia de expor a nudez perante alguém que está a conhecer agora quase o faz tremer: ele próprio viu-se apenas uma vez depois da amputação. Detém-se no rosto de Linus e no seu sorriso tão

perturbadoramente parecido com o de Willem e, embora seja apenas cinco anos mais velho do que Linus, tem a sensação de que a diferença é de vários séculos. Sente-se uma coisa estragada e seca. Se estivesse escondido debaixo de uma lona, quem a levantasse para o ver tornaria a deixá-la cair sem hesitar.

Levem isto, diriam. Está bom para a sucata.

Pensa nas conversas que terá de ter e nas explicações que será necessário dar a respeito das costas, dos braços, das pernas ou das doenças. Está saturado dos seus medos e ansiedades, mas não pode deixar de lhes atender. Imagina Linus a ler devagar a sua história clínica e a inteirar-se de tudo o que Andy escreveu a seu respeito durante anos que perfazem décadas: listas dos cortes, das feridas, da medicação e das infeções. Notas sobre a tentativa de suicídio e a insistência para ele começar a fazer terapia com o Dr. Loehmann. Sabe que Andy anotou tudo isso. Sabe que ele é meticoloso.

«Um dia vais ter de contar a alguém», dizia-lhe Ana, e, quando se fez adulto, decidiu interpretar literalmente essa frase. Contaria a *alguém*. Uma única pessoa. Não sabia como, dizia para consigo, mas, um dia, encontraria maneira de contar apenas a uma pessoa, e chegaria. E essa pessoa aparecera mesmo, e era alguém em quem ele confiava, mas morreria e não lhe sobrava fortitude para tornar a contar a sua história. Por outro lado, não seria assim com toda a gente? Não reservariam o relato integral das suas vidas para uma única pessoa? Quantas vezes lhe podiam exigir que repetisse a sua história, se contá-la era despir a roupa e a pele e arrancar a carne dos ossos, se, ao falar de tudo aquilo, ficava vulnerável como um rato recém-nascido? Por tudo isto, sabe que jamais será capaz de se deixar acompanhar por outro médico. Tratar-se-á com Andy enquanto puder, enquanto Andy lho permitir. Depois, não sabe. Resolverá esse problema na devida altura. Por agora, a sua vida e a sua intimidade manter-se-ão suas. Por enquanto, mais ninguém tem de saber. De tanto pensar em Willem, de tanto lutar para o fazer viver no seu pensamento, para impedir que o seu rosto e a sua voz se desvançam e para o trazer sempre consigo, o seu passado tornou-se remoto como nunca foi. Sente-se abandonado no meio de um lago, a fazer por se manter à tona, e é inimaginável nadar de regresso à margem para tornar a viver entre as suas recordações.

Não lhe apetece jantar com Andy, mas vão, e, à saída, despede-se de Linus. Silenciosos, vão andando até ao restaurante de *sushi*, onde, sem trocar uma palavra, se sentam, fazem o pedido e esperam.

— Que tal o achaste? — pergunta Andy finalmente.

— É parecido com o Willem — responde ele.

— Achas? — estranha Andy, que responde à própria pergunta com um encolher de ombros.

— Ligeiramente — mantém ele. — O sorriso.

— Ah — diz Andy, pensativo. — Talvez. Sim, vejo a semelhança. — Novo silêncio. — Mas o que achaste dele? Sei que é difícil formares uma opinião com base numa conversa rápida, mas parece-te alguém com quem te darias bem?

— Acho que não, Andy — responde ele, por fim, não lhe passando despercebida a deceção de Andy.

— A sério? O que te desagradou nele? — Não responde, e, por fim, Andy suspira. — Que pena — murmura. — Tive esperança de que te sentisses minimamente à vontade com o Linus e te dispusesse a tentar. Prometes-me que pensas nisso, pelo menos? Podes dar-lhe uma segunda oportunidade, não? Entretanto, tenho outro candidato que acho que devias conhecer. Chama-se Stephan Wu. Não é cirurgião ortopédico, mas, se queres que te diga, até acho que isso seria uma vantagem. Posso dizer que é o melhor especialista em Medicina Interna com quem já trabalhei. E há outro chamado...

— Livra, Andy, chega — interrompe ele, ciente da raiva na voz, uma raiva que ainda não tinha percebido que sentia. — Para. — Quando ergue o olhar, vê Andy descoroçoado. — Estás assim tão desejoso de me ver pelas costas? Deixa-me respirar, pode ser? Dá-me tempo para digerir a ideia. Não percebes que isto é difícil para mim? — Não ignora que está a ser horripilantemente egoísta, despropositado e egocêntrico, o que lhe custa, mas é mais forte do que ele, por isso ergue-se, tão bruscamente que quase arrasta a mesa. — Deixa-me em paz — diz. — Se queres ir à tua vida, tudo bem, mas deixa-me em paz.

— Jude — chama-o Andy, mas ele já saiu dali. Cruza-se com a empregada, que chegou com a comida. Ouve Andy praguejar entre dentes, vê-o puxar da carteira e a pressa quase o faz sair para a rua aos tropeços. Às sextas-feiras, dá folga a Mr. Ahmed e ele mesmo traz o carro ao vir à consulta com Andy, mas, em vez de voltar para o carro, que estacionou diante do consultório, faz sinal a um táxi e entra antes que Andy o consiga alcançar.

Nessa noite, desliga o telemóvel e o telefone fixo, toma um comprimido para dormir e arrasta-se até à cama. Quando acorda no dia seguinte, manda mensagens a JB e Richard explicando que não se sente bem, por isso não jantará com eles nessa semana, e, à custa de comprimidos, dorme até segunda-feira. Segunda, terça, quarta, quinta. Tem ignorado Andy, que lhe ligou repetidamente e enviou várias mensagens e *e-mails*. Mas, se continua a não retribuir as tentativas de contacto, não é por raiva, porque já a esgotou, mas por vergonha: não se atreve a pedir perdão pela enésima vez, detesta-se por ser mesquinho e sente-se um fraco. *Tenho medo, Andy, quer dizer-lhe. Como vou fazer sem ti?*

Sabe que Andy se perde por doces e qual a sua loja de guloseimas favorita, e, na tarde de quinta-feira, decide enviar-lhe uma quantidade estupidamente absurda de chocolates. Pede a uma das secretárias que ligue para lá e faça a encomenda.

— Quer juntar uma mensagem? — pergunta ela, e ele abana a cabeça.

— Não vale a pena — responde. — Basta o meu nome. — Ela anui e retira-se, mas ele chama-a de volta, puxa uma folha do bloco que tem na secretária e escrevinha: «Andy, estou morto de vergonha. Peço-te que me perdoes. Jude.» Entrega a mensagem à secretária.

No dia seguinte, falta à consulta, indo antes para casa preparar o jantar. Harold encontra-se em Manhattan — mais uma das suas visitas-surpresa — e chegará dentro em pouco. O semestre da primavera foi o seu último como professor universitário, algo de que ele apenas se lembrou em setembro. Estava combinado

com Willem: quando Harold finalmente se jubilasse, homenageá-lo-iam com uma festa, tal como tinham feito com Julia. Entretanto esqueceu-se e não fez nada. Depois lembrou-se e continuou sem fazer nada.

Está cansado e não lhe apetece ver Harold. Ainda assim, prepara o jantar, sabendo que não tocará na comida. Serve-o. Senta-se.

— Não tens fome? — pergunta Harold, e ele abana a cabeça. — Almocei às cinco da tarde — mente. — Como mais logo.

Enquanto o vê comer, toma consciência de que Harold é um idoso. A pele das suas mãos tornou-se fina e acetinada como a de um bebé. Teve noção de passar a ser um ano mais velho, depois, dois, agora, seis, do que Harold quando se conheceram. Mas, se os anos passaram, no seu pensamento, Harold manteve-se teimosamente nos 45; se algo mudou, foi a sua percepção do que é ter 45 anos. Embaraça-o admiti-lo mesmo apenas para consigo: só recentemente se capacitou de que é possível, provável, na verdade, que Harold morra primeiro do que ele. Já viveu para lá do que alguma vez imaginou; não será expectável que a tendência se mantenha?

Ocorre-lhe uma conversa que tiveram quando ele fez 35.

— Sou um homem de meia-idade — disse, pensativo, e Harold deu uma gargalhada.

— És um homem novo — corrigiu-o. — Ainda és tão novo, Jude. Só estarias na meia-idade se o teu plano fosse morrer aos setenta. Coisa que desaconselho. Não vou estar com disposição para ir ao funeral.

— Nessa altura, terá noventa e cinco — sublinhou ele. — De verdade que planeia estar vivo?

— Não só vou estar vivo como serei um velho gaiteiro. Vou ter um harém de enfermeiras novas e roliças e nenhuma paciência para cerimónias compridas.

Isto fê-lo finalmente sorrir.

— E quem lhe vai pagar essa armada de enfermeiras de formas generosas?

— Tu, claro — respondeu Harold. — Com o teu dinheiro sujo das farmacêuticas.

Agora, preocupa-o que nada disto chegue a acontecer. *Não me deixe, Harold*, diz-lhe em pensamento, mas é uma prece apática, feita sem alma, e não tem esperança de a ver atendida. Fê-la sem alento, apenas porque sim. *Não me deixe*.

— Ainda mal te ouvi a voz — queixa-se Harold, trazendo-o de volta ao presente.

— Desculpe, Harold — responde ele. — Tinha a cabeça longe daqui.

— Sim, eu percebi — diz Harold. — Estava a dizer-te que eu e a Julia estamos a pensar começar a passar mais tempo aqui. Mudarmo-nos em permanência para o apartamento.

Isto apanha-o de surpresa.

— Vêm viver para Manhattan?

— Bem, não nos desfazíamos da casa em Cambridge — ressalva Harold. — Mas, basicamente, sim. Estou a ponderar lecionar um seminário na Universidade de Columbia neste ano letivo que vai começar e íamos gostar de passar mais

tempo por cá. — Fita-o. — Também achámos que seria simpático estar mais perto de ti.

Não sabe o que pensar.

— E as vossas vidas lá? — pergunta. Ficou completamente desconcertado com a notícia. Sabe que Harold e Julia adoram Cambridge. Nunca lhe passou pela cabeça que sairiam de lá. — E o Laurence e a Gillian?

— O Laurence e a Gillian vêm constantemente a Nova Iorque. Eles e toda a gente. — Harold torna a fitá-lo. — Não pareces muito feliz com a novidade.

— Desculpe — diz ele, baixando o olhar. — Só espero que a mudança não seja... por minha causa. — Silêncio. — Não quero parecer presunçoso — acrescenta, passados instantes. — Se é por minha causa, não venham, Harold. Eu estou bem. Estou a safar-me.

— Estás mesmo? — replica Harold, quase num murmúrio, e, do nada, ele ergue-se e vai à pressa fechar-se na casa de banho ao lado da cozinha. Senta-se no tampo da sanita e esconde a cara nas mãos. Ouve Harold do lado de fora, à espera, mas não diz nada, e Harold nada diz. Finalmente, depois de vários minutos, quando já conseguiu dominar as emoções, abre a porta e os dois encaram-se.

— Eu tenho cinquenta e um anos — declara.

— E então? — pergunta Harold.

— Sou perfeitamente capaz de tomar conta de mim — diz ele. — Não preciso de ajuda.

Harold suspira.

— Jude, não há prazo de validade para precisarmos de ajuda — responde. — Ou dos outros. Não é coisa que desapareça quando se chega a uma certa idade. — Tornam a ficar silenciosos. — Estás tão magro — aflige-se, e, perante o seu silêncio: — O que diz o Andy?

— Não posso continuar a ter esta conversa — diz ele, por fim, rouco, à beira de não conseguir falar. — Não posso, Harold. E o Harold também não. Sinto que sou uma desilusão para si e lamento. Lamento tudo o que aconteceu. Mas eu estou a tentar. Estou a dar o meu melhor. Peço desculpa se o meu melhor não é suficiente. — Harold vai falar, mas ele antecipa-se: — Eu sou este, Harold. Nem mais nem menos. Lamento ser uma dor de cabeça para si. Lamento dar-lhe cabo da reforma. Lamento não ser mais feliz. Lamento não conseguir deixar de pensar no Willem. Lamento ter um trabalho que o Harold não respeita. Lamento ser esta nulidade. — Já não sabe o que diz nem o que sente; quer cortar-se, desaparecer, deitar-se e nunca mais acordar, lançar-se ao vazio. Odeia-se; acha-se um coitadinho; e odeia-se por se achar um coitadinho. — Talvez devêssemos terminar o serão por aqui — diz. — É melhor ir.

— Jude — diz Harold.

— Vá, por favor — insiste ele. — Por favor. Estou cansado. Preciso de ficar sozinho. Por favor, deixe-me sossegado. — Volta-se de costas e aguarda, e, por fim, sente Harold sair de junto dele.

Logo que o ouve sair, mete-se no elevador e sobe ao terraço, que é contornado por um parapeito do qual ele se debruça para respirar sofregamente o ar frio,

assentando as mãos na beira para que não lhe tremam. Pensa em Willem e recorda como os dois gostavam de ir ali à noite. Não falavam, apenas observavam os outros apartamentos. Do lado sul, quase conseguiam avistar o telhado do seu antigo prédio na Lispernard Street, e, por vezes, fingiam não só ver o prédio mas também através das paredes, e ali estavam as suas versões do passado, que os entretinham com uma demonstração da sua rotina diária.

— *Creio que encontramos uma brecha espaciotemporal* — dizia Willem, fazendo a sua voz de herói de ação. — *Estás ao meu lado, mas, ao mesmo tempo, vejo-te naquele apartamento de merda. Deus do céu, St. Francis, não entendes o que acaba de acontecer?!* — Era infalível, fazia-o rir de todas as vezes, mas, agora que recorda a brincadeira, é incapaz de rir. Hoje em dia, apenas se alegra quando pensa em Willem, mesmo se nada o faz sofrer tanto como recordar todos esses momentos. Gostaria de perder a memória, como aconteceu com Lucien. Quem lhe dera esquecer-se de que Willem existiu e a vida que partilharam.

Ali no terraço, reflete no que fez ainda há pouco. Foi irracional. Enfureceu-se com alguém que lhe tornou a estender a mão, alguém que agradece por ter na sua vida, alguém a quem deve muito, alguém a quem ama. *Ando a fazer estas coisas porquê?*, pergunta a si mesmo. Mas não há resposta.

Por favor, quero ficar bem, pede. *Quero ficar bem ou acabar com isto de uma vez*. Tem a sensação de estar numa sala com paredes de cimento, com várias saídas, e, uma por uma, ele vai fechando cada porta, eliminando cada possibilidade de fuga, o que o condenará a ficar ali encerrado. Porque age assim? Porque se está a fechar voluntariamente num espaço que detesta e teme, quando nada o obriga a lá ficar? É o seu castigo por se ter permitido precisar dos que agora fazem parte da sua vida, diz para consigo. Um por um, deixá-lo-ão e tornará a ficar sozinho, e desta vez será pior, porque terá a recordação de dias melhores. Regressa a impressão de que a sua vida está a regredir, de que se vai reduzindo cada vez mais, de que a caixa de cimento se continuará a fechar à sua volta até o deixar confinado a um espaço tão pequeno que terá de se acocorar para lá caber, porque, deitando-se, o teto descerá como uma tampa e ele morrerá asfíxiado.

Antes de se deitar, escreve a Harold pedindo perdão pelo seu comportamento nessa noite. Passa o sábado a trabalhar, passa o domingo a dormir e começa uma nova semana. Na terça-feira, recebe uma mensagem de Todd: em breve terá o primeiro processo resolvido e o acordo trar-lhe-á uma soma astronómica. Todd sabe que seria um erro mencionar festejos. Ao telemóvel ou por *e-mail*, prima pela sobriedade e concisão. Na mensagem, refere o nome da empresa que propôs o acordo e o valor que lhe pagarão e termina com um sucinto «parabéns».

Na quarta-feira, tem o voluntariado no centro de apoio a artistas, mas falta e vai ter com JB ao Whitney Museum, na Baixa. Finalmente, vão-lhe dedicar uma retrospectiva, cuja montagem ele está a acompanhar. Mais uma recordação do passado para o assombrar: a exposição começou a ser pensada há quase dois anos, JB deu-lhes a notícia e eles homenagearam-no com uma festa apenas para os quatro na Greene Street.

— Lamento, JB, mas sabes o que isso quer dizer, não sabes? — perguntou-lhe

Willem, indicando os dois quadros pendurados lado a lado na sala: *Willem e Rapariga* e *Willem e Jude*, *Lispenard Street, II*, ambos da primeira exposição individual de JB. — Logo que o Whitney nos devolver estes dois, vão direitinhos para a Christie's. — Desataram os quatro a rir, JB mais do que ninguém, vaidoso, encantado e aliviado.

Esses dois quadros, juntamente com *Willem, Londres, 8 de outubro, 9:08 a.m.*, da série «Segundos, Minutos, Horas, Dias», que ele comprou, e *Jude, Nova Iorque, 14 de outubro, 7:02 a.m.*, que Willem comprou, bem como os das séries «Todos os que Conheci», «Como Ser Narcisista e Odiar a Si Mesmo» e «Rã e Sapo», além de inúmeros desenhos, quadros e esboços oferecidos por JB, que eles guardaram com carinho, alguns recuando aos tempos da faculdade, integrarão a retrospectiva, lado a lado com outros nunca mostrados ao público.

Paralelamente, JB inaugurará a nova exposição individual na galeria, e, três semanas antes, ele visitou-o no estúdio em Greenpoint para ver os quadros. A série, a que JB chamou «Bodas de Ouro», mostra a vida de casal dos pais, a que aconteceu antes de ele nascer e a sua continuação num futuro imaginário em que os dois teriam vivido juntos a velhice. A mãe e as tias de JB continuam vivas e, nesta sua nova série, ele ressuscitou o pai, que, na realidade, morreu com 36 anos. São apenas dezasseis quadros, vários deles mais pequenos do que os formatos em que JB trabalhou durante grande parte da carreira, e, enquanto ia andando pelo estúdio e vendo aquelas cenas domésticas fantasiadas — o pai de JB com sessenta anos, a descaroçar uma maçã enquanto a mãe fazia uma sanduíche, ou o pai, com setenta anos, sentado no sofá a ler o jornal, e, em fundo, a mãe a descer do piso de cima, apenas as pernas visíveis —, não pôde deixar de imaginar o que também a sua vida poderia ter sido. A matéria daqueles quadros era precisamente a parte da vida que tivera com Willem que mais falta lhe fazia: as pequenas coisas, os momentos de permeio em que nada parecera acontecer, mas cuja ausência era singularmente impossível preencher.

Intercaladas com os retratos, havia naturezas-mortas em que figuravam objetos de que a vida conjunta dos pais de JB se fizera: duas almofadas numa cama, ligeiramente afundadas, sugerindo uma taça de creme de nata depois de alguém lá passar com uma colher; duas chávenas de café, uma com vestígios de batom; uma foto emoldurada mostrando um JB adolescente acompanhado do pai (a sua única aparição em toda a série). Ver aquelas imagens fê-lo maravilhar-se uma vez mais com o perfeito entendimento que JB tinha de uma vida a dois, da sua vida com Willem, de que as coisas no apartamento (as calças de fato de treino de Willem, em cima do cesto da roupa suja, como ele as deixara; a sua escova de dentes, na prateleira de vidro por cima do lavatório, à sua espera; o relógio de pulso, com o mostrador partido na sequência do acidente, na mesa de cabeceira, onde era o seu lugar) se tinham tornado totens, runas que só ele sabia decifrar. Na Casa Lanterna, a mesa de cabeceira de Willem tornara-se um altar accidental; ainda lá estavam a última caneca por onde ele bebera, os óculos de armação preta que começara a usar recentemente e o livro que andava a ler, tal como ele o deixara: voltado para baixo, aberto na página onde ele parara.

— Ah, JB... — murmurou ele, e suspirou, e, embora quisesse acrescentar mais, não conseguiu. JB agradeceu-lhe na mesma. Tinham-se tornado calados na presença um do outro e ele não sabia se aquele era o novo JB, se apenas ficava assim quando estava com ele.

Bate à porta do museu, que é aberta por um dos assistentes de JB, que o esperava e informa que JB está no último andar a acompanhar a montagem, mas que ele deve começar no sexto piso e ir subindo, e ele assim faz.

Nas salas do sexto piso estão as primeiras obras de JB, incluindo coisas que ele fez na juventude. Há uma seleção de desenhos emoldurados que datam da infância, incluindo um teste de Matemática com minúsculos e primorosos retratos a lápis, que ele supõe serem de colegas: crianças de oito e nove anos de cabeças inclinadas para as mesas, a comer chocolates ou a dar pedacinhos de pão aos pássaros. Não foi resolvido um único problema e no cabeçalho, escrito a vermelho, lê-se «Mau», e, por baixo: «Estimada Mrs. Marion, o problema está à vista. Por favor, venha falar comigo. Cordialmente, Jamie Greenberg. P.S.: Tem um filho extraordinariamente talentoso.» Sorri ao ler aquilo e dá-se conta disso mesmo: não sorria há muito tempo. No centro da sala, num cubo de acrílico sobre um pedestal, estão alguns objetos de *O Kwotidiano*, incluindo a escova cabeluda que JB não lhe devolveu, e ele torna a sorrir ao observar aquelas peças, que lhe recordam os fins de semana passados a juntar restos de cabelo.

A partir dali, o sexto piso é dedicado a «Os Rapazes» e ele vai andando sem pressas pelas salas, vendo os quadros feitos a partir de fotos de Malcolm, suas e de Willem. Ali estão eles dois, no quarto na Lispenard Street, as camas lado a lado e cada um na sua, a encarar a objetiva, Willem, sorrindo ligeiramente; os dois novamente, sentados à mesa de jogo, ele, a trabalhar num caso, Willem, entretido com um livro. Eles numa festa. Eles noutra festa. Ele com Phaedra; Willem com Richard. Malcolm com a irmã, Malcolm com os pais. *Jude com Cigarro* e *Jude, Depois da Dor*. Desenhos dos quatro, feitos a tinta da China — estudos para a série — preenchem uma parede. E ali estão as fotos que inspiraram os quadros. Vê a foto em que JB se baseou para pintar *Jude com Cigarro*. Ali está ele — a expressão, os ombros encolhidos —, a um tempo, estranho a si mesmo e imediatamente reconhecível aos seus olhos.

Nas caixas das escadas de ligação entre os pisos ficou toda a produção intersticial, tudo o que JB foi fazendo de permeio com as séries: desenhos, quadros de pequenas dimensões, estudos e experiências. Vê o seu retrato que JB pintou para oferecer a Harold e Julia aquando da adoção. E ali está ele de novo, esquisado em Truro e Cambridge, tal como há esboços de Harold e Julia. Ali estão os quatro; as tias, a mãe e a avó de JB; o Chefe e Mrs. Irvine; Flora; Richard, Ali, os Henries Young e Phaedra.

No piso de cima: «Todos os que Conheci Todos os que Amei Todos os que Odiei Todos com Quem Fodi» e «Segundos, Minutos, Horas, Dias». Nas suas costas e a toda a volta, a equipa de montagem trabalha incansavelmente. Calçados com luvas brancas, os colaboradores ajeitavam ligeiramente a posição deste e daquele quadro, depois recuam para apreciar o resultado. Sobe os degraus que o

levarão ao piso seguinte e ali está ele em sucessivos desenhos na parede: o rosto; de pé; na cadeira de rodas; com Willem; sozinho. Aqueles desenhos foram feitos na fase em que não se falavam, a fase em que abandonou JB. Há outros retratados, mas as duas figuras centrais são ele e Jackson. Reiteradamente, ele e Jackson, qual tabuleiro de xadrez. Quando é ele o retratado — a lápis, tinta da China ou aguarela —, os desenhos são delicados e melancólicos. Os retratos de Jackson — a acrílico — são carregados, indisciplinados, raivosos. Repara num pequeníssimo retrato seu feito num pedaço de papel com as dimensões de um postal e, olhando mais de perto, vê letras apagadas: «Querido Jude», consegue decifrar, «por favor.» E é tudo. Perturbado, afasta-se, e vê a aguarela de uma camélia que JB lhe enviou quando ele estava internado no seguimento da tentativa de suicídio.

No piso de cima: «Como Ser Narcisista e Odiar a Si Mesmo», comercialmente, a menos bem-sucedida exposição individual de JB, e percebe-se porquê: são obras carregadas de raiva e autodesprezo. São assombrosas, sem dúvida, mas torna-se quase insuportavelmente constrangedor apreciá-las. *O Escarumba. O Palhaço. O Adiposo. O Preto que Quer Ser Estrela.* JB retratou-se com graxa na cara, de olhos arregalados e amarelados, a dançar, a gritar ou a rir descontroladamente, as gengivas, horrível e exageradamente expostas, rosadas como a polpa do peixe. Em fundo, Jackson e os amigos, desvanecidos em sombrios castanhos e cinzentos dignos de Goya, perdidos de riso, a apontar e a bater palmas, a gozar com ele. *Até os Macacos Ficam Tristes*, o último quadro da série, mostra JB de chapeuzinho vermelho na cabeça e jaqueta com dragonas também vermelha, demasiado pequena para ele, sem calças, a saltar ao pé-coxinho num armazém vazio. Demorase naquele piso, observando detidamente cada quadro, incrédulo e com um nó na garganta, depois sobe devagar os degraus até ao último piso.

Anda por ali mais gente e, mantendo-se afastado durante alguns minutos, vê JB trocar impressões com os curadores da exposição e com o seu galerista. Vai rindo e gesticulando. O último piso é quase inteiramente dedicado à série «Rã e Sapo» e, ao avançar de sala em sala, mais do que observar os quadros, recorda a experiência de os ver pela primeira vez no estúdio de JB. Nessa altura, ele e Willem estavam ainda no processo de se descobrir e ele tinha a sensação de que lhe estavam a nascer acrescentos no corpo — um segundo coração, um segundo cérebro —, por lhe faltar espaço para acomodar a avalanche de sentimentos que o inundavam e o assombro que a sua vida lhe inspirava.

Por fim, JB vê-o parado diante de um dos quadros e vem falar-lhe, e ele dá-lhe um abraço apertado e felicita-o.

— JB — diz —, orgulho-me tanto de ti.

— Obrigado, Judy — responde JB, sorridente. — Também me orgulho muito de mim. Porra, custou. — O sorriso desaparece. — Queria tanto que eles estivessem aqui connosco — diz.

Ele abana a cabeça.

— Também eu — consegue dizer.

Nada dizem durante alguns instantes. Depois:

— Anda daí — anima-se JB, segurando-lhe a mão e levando-o consigo.

Passam pelo galerista dele, que o cumprimenta com um aceno, por uma última caixa de madeira com desenhos emoldurados, e param diante da parede do fundo, onde ficará uma tela naquele momento a ser cuidadosamente resgatada do plástico com bolhas que a protege. JB posiciona ambos para o momento da revelação e, removido o plástico, ele vê um retrato de Willem.

Horizontal, com uns escassos 120 cm por 90 cm, o quadro não é grande. É, de longe, a obra mais fotorrealista de JB em muitos anos. As cores são vivas e densas. Para o cabelo, usou pinceladas suaves e delicadas. Aquele é Willem pouco tempo antes de morrer, nos meses de preparação para *O Bailarino Sai de Cena*, quando já tinha o cabelo mais comprido e de um tom mais escuro. Ou será Willem um par de meses depois de terminar a rodagem? Por fim, decide-se pela segunda, porque Willem está com a camisola de malha do tom verde-escuro das folhas de magnólia que ele se lembra de lhe comprar em Paris quando o visitou durante a rodagem.

Recua para apreciar o quadro. Willem tem o torso voltado para quem observa e o rosto, para a direita, quase de perfil. Está inclinado para algo ou alguém e sorri. E, porque conhecia cada sorriso de Willem, ele sabe que, naquele momento, Willem estava a olhar para algo ou alguém que lhe merecia amor. Naquele instante, Willem estava feliz. O rosto e o pescoço dominam a composição e, embora o fundo seja mais sugerido do que visível, ele vê, pelo jogo de luz e sombras no rosto de Willem, que aquela é a sua mesa. Quase sente que, se o chamar, o rosto no quadro voltar-se-á para ele e responderá, e que, se estender a mão e tocar a tela, os seus dedos sentirão os cabelos e as pestanas de Willem.

Não faz isso, claro, e, quando finalmente desvia o olhar do quadro, vê JB sorrir-lhe com tristeza.

— Vê a legenda — pede, e ele acerca-se lentamente da parede e lê o título: *Willem Ouve Jude Contar Uma História, Greene Street*. O ar foge-lhe dos pulmões. O seu coração torna-se frio e empapado como carne picada e decerto há uma mão que o aperta e esmaga porque os pedaços lhe caem pastosamente aos pés.

A vertigem chega súbita.

— Tenho de me sentar — consegue dizer, finalmente, e, levando-o consigo, JB contorna a parede onde Willem ficará. Um pequeno espaço sem saída. Ele apoia-se, mais do que se sinta, numa caixa de madeira vazia, baixa a cabeça e as suas mãos seguram as coxas.

— Desculpa — consegue dizer. — Desculpa, JB.

— É para ti — murmura JB. — Quando a exposição for desmontada, o quadro é teu, Jude.

— Obrigado, JB — diz ele. Obriga-se a endireitar as costas e tudo dentro de si parece vacilar. *Tenho de comer*, pensa. Quando comeu pela última vez? *Tomei o pequeno-almoço*, diz para consigo. *Ontem*. Agarra a caixa e espera que o equilíbrio regresse. Sente a cabeça e a coluna vertebral sacudirem, mas por dentro. É uma sensação cada vez mais frequente, uma espécie de afastamento flutuante, um estado não muito diferente do êxtase. *Leva-me daqui*, pede uma voz dentro dele, mas não sabe com quem está a falar nem onde quer ir. *Leva-me, leva-me*. Pensa unicamente isto enquanto se embala. De repente, JB agarra-lhe os ombros e beija-

o na boca.

Ele sacode-se para se libertar.

— Estás *doido*? — exclama, recuando aos tropeções e limpando os lábios com as costas da mão.

— Desculpa, não estava a tentar nada — assegura-lhe JB. — Foi só porque parecias tão... triste.

— E é esta a tua solução? — Cospe as palavras ao ver JB aproximar-se. — Não te *atrevas* a tocar-me, JB. — Em fundo, a tagarelice da equipa de montagem, do galerista de JB, dos curadores. Recua para fugir daquele beco sem saída. *Vou desmaiar*, pensa, mas isso não acontece.

— Jude — chama JB, depois, mudando de expressão: — Jude?

Ele continua a recuar.

— Afasta-te de mim — diz. — Não me toques. Deixa-me em paz.

— Jude — murmura JB, seguindo-o —, não pareces bem. Deixa-me ajudar-te.

Mas, aflito para lhe fugir, ele não para.

— Desculpa — insiste JB. — Jude, desculpa.

Dá-se vagamente conta do ajuntamento a afastar-se na direção oposta, mal se inteirando da sua saída ou de que JB o segue. É como se eles dois não existissem.

Vinte passos até aos elevadores, calcula. Dezoito. Dezasseis, quinze, catorze. O chão tornou-se um pião a rodar e tombará não tarda. Dez, nove, oito.

— Jude — repete JB, que teima em continuar a falar —, deixa-me ajudar-te. Já não falas comigo porquê? — Para diante do elevador. Bate freneticamente com a mão aberta no botão. Encosta-se à parede e reza para se conseguir aguentar de pé.

— Vai-te embora — rosna em surdina para JB. — Deixa-me.

O elevador chega e as portas abrem. Avança. O seu andar mudou. Ainda é a perna esquerda a comandar, como sempre, tal como ainda a ergue demasiado, um hábito que lhe foi ditado pelo traumatismo e não mudou. Porém, já não arrasta a perna direita, e as próteses permitem-lhe passos fluidos de que o seu corpo antes não era capaz: sente o pé artificial curvar-se ao dar o passo e é um movimento complicado e belo, depois torna a assentar e articula o passo seguinte.

Mas, se está cansado ou em desespero, dá por si a regressar inconscientemente à maneira como caminhava antes: os pés pousam como blocos e a perna direita parece uma trave que ele leva a reboque. Ao entrar no elevador, esquecido de que as suas novas pernas de aço e fibra de vidro foram criadas para um movimento mais gradual do que lhes está a impor, tropeça e cai. «Jude!», ouve JB exclamar, e está tão esgotado de forças que, momentaneamente, há apenas escuridão e vazio, e, quando a visão regressa, vê que o ajuntamento ouviu a exclamação de JB e vem em aproximação. E vê JB olhá-lo do alto, mas o cansaço não lhe permite ler-lhe a expressão. *Willem Ouve Jude Contar Uma História*, diz para consigo, e torna a ver o quadro: o rosto e o sorriso de Willem, que não olha para ele, mas para algures. O que o faz perguntar: e se o Willem do quadro afinal estiver à *sua* procura? De repente, dava tudo para se poder sentar numa cadeira do lado direito do quadro e

ficar na linha de visão de Willem, e jamais deixar o quadro sozinho. Willem ficará para sempre aprisionado numa conversa sem interlocutor. E ali está ele, aprisionado na vida. Pensa em Willem, sozinho naquele quadro, fechado noites a fio num museu sem ninguém, à espera de o ouvir contar-lhe uma história.

Perdoa-me, Willem, diz ao Willem na sua cabeça. *Perdoa-me, mas vou ter de te deixar sozinho. Perdoa-me, mas tenho de ir.*

— Jude — chama-o JB. As portas do elevador começam a fechar-se e JB estende a mão para ele.

Que a ignora, e se ergue sem ajuda, e recua para o canto da cabina. Os outros estão quase ali. Toda a gente é tão mais rápida do que ele.

— Não te aproximes — diz a JB, mas a aflição passou. — Deixa-me. Por favor, deixa-me.

— Jude — repete JB. — Desculpa.

E começa a dizer mais qualquer coisa, mas as portas fecham-se e ele fica enfim só.

Não começou de maneira consciente, de todo, mas, quando se dá conta do que está a fazer, não para. Novembro vai a meio, é de manhã, ele acabou de nadar e vai voltar para a cadeira de rodas, mas, quando se agarra às barras de metal que Richard mandou instalar em volta da piscina, o mundo desaparece.

Quando volta a si, passaram apenas dez minutos. Eram 06h45 e estava a içar-se para fora da água. De repente, são 06h55 e está caído de borco no pavimento de borracha, de braços estendidos para a cadeira de rodas e com o torso numa poça de água que entretanto se formou debaixo dele. Com um queixume, senta-se no chão preto e espera que o espaço que o cerca estabilize antes de fazer nova tentativa — desta vez, bem-sucedida — de se instalar na cadeira.

Acontece-lhe pela segunda vez poucos dias depois. É tarde e acabou de chegar do escritório. Cada vez mais, sente que a sua força vital vem da Rosen Pritchard, e que se esvai assim que deixa o escritório: adormece no preciso instante em que Mr. Ahmed fecha a porta depois de ele se sentar no banco de trás e só acorda na Greene Street. Porém, dessa vez, ao entrar no apartamento escuro e silencioso, é acometido de uma sensação de deslocamento tão incapacitante que se detém, atordoado e confuso, e só passados longos segundos avança para se ir estender no sofá. Tenciona descansar durante alguns minutos, não mais do que isso, apenas quer recuperar forças para ser capaz de se ter novamente de pé, mas, quando abre os olhos, já é dia: a sala inundou-se de luz cinzenta.

Acontece pela terceira vez na segunda-feira de manhã. Acorda antes de ouvir o despertador e, embora esteja deitado, tudo se turva à sua volta e dentro dele, torna-se uma garrafa meio cheia de água à deriva num oceano nebuloso. Nos últimos domingos, não tem sequer tomado os comprimidos para dormir; chega a casa no sábado à noite, vindo do jantar com JB, deita-se e é Richard a acordá-lo no dia seguinte. Se Richard não vem — como aconteceu no último domingo, porque está no Novo México com India, de visita aos pais dela —, dorme ininterruptamente dia e noite. Não sonha com nada e nada o acorda.

Sabe o que se passa, claro: não se está a alimentar. Há meses que vem acontecendo. Nalguns dias, come pouquíssimo — apenas uma peça de fruta ou um pedaço de pão —, noutros, não come de todo. Não decidiu propriamente parar de comer, apenas deixou de lhe interessar e não é capaz de se obrigar. Não tem fome, logo não come.

Mas come nessa segunda-feira. Acorda e desce vacilante ao rés do chão. Nada, mas devagar, como um aleijado. Volta para cima e prepara o pequeno-almoço. Senta-se e come, de olhar perdido em diante, os jornais ao seu lado, intocados. Abre a boca, mastiga mais uma garfada, engole. Obriga-se àquela mecânica, mas, de repente, ocorre-lhe que todo o processo — pôr comida na boca, usar a língua para a fazer andar às voltas, engoli-la amassada e ensopada de saliva — é grotesco, e para. Mas promete a si mesmo: *Vou comer, mesmo que não queira, porque estou vivo e é*

isto que tenho de fazer. Mas esquece-se e torna a esquecer-se.

Dois dias depois, algo acontece. Acaba de entrar em casa, tão exausto que se sente em dissolução, como se a um passo de se evaporar, tão insubstancial que certamente já não é feito de ossos e sangue, mas de vapor e nevoeiro, e vê Willem parado à sua frente. Abre a boca para lhe falar, mas pestaneja e Willem desapareceu. Vacilante, estende os braços.

— Willem — chama, erguendo a voz no apartamento vazio. — Willem. — Fecha os olhos, como se isso o pudesse fazer aparecer, mas Willem não regressa.

Mas regressa no dia seguinte. Uma vez mais, ele está em casa. Uma vez mais, já é noite. Uma vez mais, não comeu. Está estendido na cama, a fitar a escuridão. De repente, está ali Willem, brilhante e difuso como um holograma de contornos indefinidos, e, embora não olhe para ele — está a olhar para outro lado, na direção da porta, parece-lhe, tão atento que ele lhe quer seguir a direção do olhar, quer ver o que ele vê, mas sabe que não pode sequer pestanejar, muito menos desviar os olhos, porque Willem desaparecerá —, vê-lo é suficiente, fá-lo sentir que Willem continua vivo de alguma maneira, que o seu desaparecimento poderá não ser uma condição permanente. Por fim, tem de pestanejar, e Willem já ali não está.

O que não o aflige, porque já percebeu o que tem de fazer: não comendo e alcançando aquele ponto que antecede o desmaio, virão as alucinações, e talvez Willem lhe apareça. Nessa noite, adormece apaziguado pela primeira vez em praticamente quinze meses, porque descobriu como trazer Willem à sua presença. Descobriu em si o poder de o chamar.

Cancela a consulta com Andy para ficar em casa e experimentar o seu novo poder. Será a terceira sexta-feira consecutiva sem ir ter com ele. Depois daquela noite no restaurante, mostram-se educados um com o outro, e Andy não tornou a mencionar Linus ou outro médico, embora o tenha avisado de que tornarão a ter aquela conversa dentro de seis meses.

— Não se trata de me querer ver livre de ti, Jude — assegurou. — E lamento sinceramente se foi essa a impressão com que ficaste. Estou preocupado, apenas isso. Quero certificar-me de que encontramos alguém que te agrade, alguém com quem eu saiba que te sentirás confortável.

— Eu sei, Andy — respondeu ele. — E agradeço o teu cuidado, de verdade que sim. Sei que não tenho tido um comportamento em condições e descarreguei em ti. — O sucedido fê-lo perceber que tem de se acautelar: provou a ira e sabe que não lhe pode ceder. Sente-a à tona, à espera do momento de lhe irromper dos lábios qual praga de moscas negras com ferrões. Onde andou aquela raiva escondida?, pergunta-se. Como a fará desaparecer? Ultimamente, a violência tomou conta dos seus sonhos, nos quais coisas terríveis acontecem a todos quantos ele odeia e ama: vê o irmão Luke ser enfiado à força num saco cheio de ratazanas que guincham esfomeadas; vê a cabeça de JB embater na parede e o cérebro reduzido a uma papa cinzenta salpicar tudo em volta. Nesses sonhos, ele é sempre uma testemunha fria e atenta, e, consumada a destruição de cada um deles, roda nos calcanhares e sai dali. Acorda a sangrar do nariz, como em pequeno, quando procurava conter os ataques de fúria, e vê que as mãos lhe tremem e sente o rosto

franzido num esgar feroz.

Nessa sexta-feira, Willem não lhe aparece. No dia seguinte, ao anoitecer, deixa o escritório para ir ter com JB, para jantar, e, no carro, olha para a direita e ali está Willem, sentado ao seu lado. Desta vez, parece-lhe um pouco mais definido, mais palpável. Olha-o fixamente até já não aguentar não pestanejar, e, de novo, Willem evaporou-se.

Fica esgotado depois de cada um destes episódios e o mundo à sua volta escurece como se toda a sua energia e eletricidade tivessem sido canalizadas para materializar Willem. Diz a Mr. Ahmed que o leve antes para casa e, a caminho da Greene Street, manda uma mensagem a JB a explicar que não se sente muito bem e não está capaz de jantar. É algo que se repete com cada vez maior frequência: usa as desculpas mais esfarrapadas para cancelar compromissos e quase nunca o faz atempadamente, o que é imperdoável. Uma reserva num restaurante muito concorrido e, uma hora antes, ele avisa que não vai. Cancela uma ida a uma galeria minutos depois da hora combinada. Segundos antes de o pano subir, afinal não vai poder ir ao teatro. Richard, JB, Andy, Harold e Julia: só estes ainda insistem em ligar-lhe semana após semana. Não se lembra da última vez que falou com Citizen, Rhodes, algum dos Henries Young, Elijah ou Phaedra, mas terão passado semanas. Sabe que se devia sentir mal com isso, mas não sente. Para ele, a esperança e o ânimo deixaram de ser fontes inesgotáveis. As suas reservas são limitadas e não pode usá-las senão para procurar Willem, ainda que se trate de uma miragem, ainda que haja fracas probabilidades de sucesso.

Por isso, vai para casa, e espera pacientemente que Willem lhe apareça. O que não acontece, e acaba por adormecer.

No dia seguinte, espera na cama, tentando manter-se a meio caminho entre a vigília e o sono, pois esse (julga ele) é o estado em que mais provavelmente conseguirá trazer ali Willem.

Na segunda-feira, acorda e sente-se ridículo. *Isto tem de parar*, diz para consigo. *Trata de regressar ao mundo dos vivos. Estás a comportar-te como um doido varrido. Visões? Tens noção do que pareces?*

Pensa no mosteiro e no irmão Pavel, que gostava de lhe contar a história de Hildegarda, uma freira nascida no século xi. Hildegarda tinha visões; fechava os olhos e via objetos com halos luminosos e os seus dias eram mares de luz. Mas, ao irmão Pavel, interessava menos Hildegarda do que Jutta, a sua tutora, que renunciara ao mundo material e se recolhera numa pequena cela para abraçar uma vida de ascetismo, morta para os vivos, viva sem viver. «É isso que te vai acontecer se fores desobediente», ameaçava Pavel, e ele ficava aterrorizado. Lá fora, havia um pequeno barracão de ferramentas, escuro, frio e pejado de ameaçadores objetos de ferro que lembravam espigões, lanças e gadanhas, e, quando o irmão lhe falou de Jutta, ele imaginou que seria trancado naquele barracão, onde lhe dariam apenas a comida necessária para que não morresse, e ali viveria durante décadas e décadas, quase esquecido, mas não completamente, quase morto, mas não inteiramente. Mas Jutta tivera a companhia de Hildegarda. Ele não teria ninguém. Ficou apavorado. Tinha a certeza de que era esse o seu destino.

Agora, ainda deitado, o *Lied* que dantes cantava regressa como um murmúrio.

— *Perdi-me para o mundo* — entoa baixinho — *com que desperdicei tanto tempo.*

Sim, sabe que está a ser tolo, o que não muda o facto de que é incapaz de se obrigar a comer. O ato em si passou a causar-lhe repulsa. Quem lhe dera não ter nenhum tipo de necessidade, não precisar de nada. Imagina a sua vida como um pedaço de sabão que se gastou até restar apenas um pedacinho arredondado e fino como uma ponta de flecha, que continuará a desaparecer dia após dia.

Depois, há aquilo que não quer admitir para consigo, mas que tem consciência de manter presente: não pode quebrar a promessa feita a Harold e não o fará. Mas, se parar de comer, se não se obrigar a esse esforço, o desfecho será o mesmo.

Na maior parte do tempo, tem noção de que está a ser melodramático, narcisista e fantasista, e censura-se por tudo isso pelo menos uma vez por dia. E a verdade é que vai tendo cada vez mais dificuldade em presentificar Willem sem recorrer aos auxiliares de memória de que dispõe. Para se lembrar da voz dele, tem de ouvir uma das mensagens gravadas. Para se lembrar do cheiro dele, tem de se socorrer de uma das suas camisas. Isso fá-lo temer não estar afinal de luto por Willem, mas por si, pela sua vida mesquinha e desprezível.

Nunca se preocupou com um legado, ou, pelo menos, acreditou que assim era. Ainda bem, porque nada deixará às gerações futuras: não ergueu edifícios, não pintou quadros, não fez filmes nem esculturas. Não escreveu livros nem deu conferências. Não deixa ninguém, um cônjuge ou filhos. Nem pais, provavelmente, e, continuando a comportar-se como se tem comportado, nem amigos deixará. Não se lhe deve nenhuma nova lei. Nada criou. Nada fez. Tem dinheiro, é tudo: aquele que ganhou e o que lhe foi pago para o compensar de Willem lhe ser tirado. O apartamento voltará para as mãos de Richard. As suas outras propriedades serão dadas ou vendidas e o dinheiro será doado a iniciativas de caridade. A sua coleção de arte irá para museus, os livros, para bibliotecas, os móveis, para quem os quiser. Será como se nunca tivesse existido. Tem a sensação, por lastimável que seja, de que jamais foi tão necessário como nos motéis, onde, pelo menos, foi único e importante para alguém, embora estivesse a ser forçado e não a dar voluntariamente o que tinha para oferecer. Mas, para esses, ele existiu, e viram-no como ele era. Essa foi a fase em que menos dissimulou.

Nunca conseguiu acreditar verdadeiramente na sua versão aos olhos de Willem: alguém corajoso, capaz, admirável. Willem dizia-lhe essas coisas e ele sentia vergonha, sentia que o estava a intrujar. Quem *era* essa pessoa que Willem descrevia? Nem a sua confissão fez Willem pensar de maneira diferente. Pelo contrário, foi como se passasse a respeitá-lo redobradamente, quando deveria ter acontecido o oposto, algo que ele nunca compreendeu, mas em que se permitiu achar consolo. Mesmo não se deixando convencer por essa outra leitura da sua vida, era encorajador que alguém o visse como uma pessoa meritória, cuja vida tinha significado.

Na primavera antes de Willem morrer, organizaram um jantar apenas para os quatro, Richard e o Henry Young asiático. Ultimamente, Malcolm tinha ocasionais crises de arrependimento por ele e Sophie terem decidido não ter filhos,

quando a verdade era que nunca tinham sentido essa vontade, algo que os amigos não se cansavam de lhe lembrar. Nessa noite, voltando ao mesmo, discorreu:

— Sem filhos, pergunto-me qual o sentido de tudo isto. Vocês nunca pensam no assunto? Como podemos saber se as nossas vidas têm significado?

— Sinceramente, Mal, essa conversa ofende-me — disse Richard, servindo-lhe um resto de vinho enquanto Willem abria outra garrafa. — Estás a dizer que as nossas vidas são menos válidas por não termos filhos?

— Não — assegurou Malcolm. Mas reconsiderou. — Bem, talvez.

— Eu *sei* que a minha vida é válida — declarou Willem, e Richard sorriu-lhe.

— Claro que a *tua* vida é válida — resmungou JB. — Fazes coisas que as pessoas *querem* ver, ao contrário de mim, do Malcolm, do Richard e aqui do nosso Henry.

— As pessoas querem ver o nosso trabalho — melindrou-se o Henry Young asiático.

— Refiro-me a pessoas noutros lugares que não Nova Iorque, Londres, Tóquio e Berlim.

— Ah, esses. Ora, alguém quer saber *dessa* gente?

— Não é nada disso — explicou Willem, quando todos pararam finalmente de rir. — Sei que a minha vida é válida porque... — Hesitou. Parecia atrapalhado. Ficou momentaneamente silencioso, depois continuou. — Sou um bom amigo. Adoro os meus amigos, preocupo-me com eles e acho que os faço mais felizes.

Ninguém falou e, durante alguns segundos, ele e Willem olharam-se de lados opostos da mesa e os restantes e mesmo o apartamento desapareceram. Existiam eles, duas pessoas, cada qual em sua cadeira, e, à sua volta, nada.

— Ao Willem — propôs ele, erguendo o copo, e todos o acompanharam.

— Ao Willem! — entoaram, e Willem sorriu-lhe.

Nessa noite, já deitados, ele disse a Willem que tinha razão.

— E é bom saberes que a tua vida é válida — acrescentou. — Poupas-me o trabalho de te fazer ver isso. Fico feliz por teres consciência de que és uma pessoa maravilhosa.

— Mas a tua vida é tão válida como a minha — replicou Willem. — Tu também és uma pessoa maravilhosa. Não sabes isso, Jude?

Ele resmungou qualquer coisa que Willem pudesse interpretar como concordância e, pouco depois, Willem já dormia, mas ele continuava acordado. Sempre lhe parecera que a preocupação com o significado da vida era um luxo a que só os privilegiados se podiam dar. Não achava que a sua tivesse algum, mas tão-pouco era coisa que o incomodasse.

Mas, se não lhe fazia diferença que a sua vida fosse importante ou insignificante, continuava a vivê-la, tal como tantos outros faziam, e *isso* fazia-o pensar. Por vezes, parecia-lhe inacreditável que tanta gente — milhões, milhares de milhões de pessoas — vivesse vidas miseráveis para lá do que ele conseguia imaginar, e que houvesse pobreza e doença tão extremas que se tornavam obscenas. E mesmo esses continuavam a viver. Seria possível que tal perseverança não fosse uma escolha, mas um implemento evolutivo? Haveria algo na mente

humana, uma constelação de neurónios resistente à maneira de um tendão, que impedia os humanos de fazer o que a lógica tantas vezes mostrava que deviam fazer? Não era um instinto infalível — ele mesmo o derrotara uma vez. Mas em que resultara isso? Nele, o instinto enfraquecera ou tornara-se mais forte? Teria ainda o poder de decidir se queria continuar a viver a sua vida? Ou deixara a sua vida de lhe pertencer?

Quando estivera internado, percebera ser impossível convencer alguém a querer viver. E ocorreria-lhe que um método mais eficaz seria convencer alguém da necessidade absoluta de viver para outros. Esse sempre lhe parecera o argumento mais forte. No seu caso, o facto era que tinha uma dívida de gratidão para com Harold. E para com Willem. Portanto, se os dois queriam que ele continuasse vivo, assim faria. Na altura, fora penoso viver dia após dia sem saber exatamente o que o fazia continuar, mas agora via que o fizera por eles. Aí estava pelo menos uma coisa de que se podia orgulhar: uma rara decisão altruísta. Não entendera porque o queriam eles vivo, apenas que era assim, por isso, fizera-lhes a vontade. E, com o tempo, soubera redescobrir o contentamento e mesmo a alegria. Mas não fora esse o ponto de partida.

Agora, uma vez mais, é-lhe cada vez mais difícil viver e a impossibilidade aumenta de dia para dia, porque, a cada dia, há uma árvore enegrecida que vai morrendo, com um único ramo que se estende para a direita, um espantalho com um único braço, ou prótese, a que ele se agarrou. Cai continuamente uma chuva miudinha, que torna o ramo escorregadio. Mas, exausto, ele agarra-se, porque, debaixo dos seus pés, há um buraco tão fundo que ele não imagina onde acaba. E aterroriza-o largar o ramo, porque não quer cair ao buraco, mas sabe que isso acabará por acontecer, porque é inevitável: está exausto. A cada semana que passa, sente os seus dedos afrouxarem mais um pouco, muito ligeiramente.

Por isso, apesar do sentimento de culpa e dos remorsos, contorna a promessa feita a Harold, porque acredita que é inevitável. E começa a batota: diz-lhe que vai a Jacarta em trabalho e que estará ausente no Dia de Ação de Graças; deixa crescer a barba para esconder o rosto, que vai ficando cadavérico; diz a Sanjay que está tudo bem, que é só uma gastroenterite; diz à secretária que escusa de lhe encomendar almoço, porque comprou qualquer coisa para comer à vinda para o escritório; cancela os jantares com Richard, JB e Andy durante um mês, desculpando-se com o trabalho. Faz batota quando deixa que a voz lhe sussurre, sempre que quer: *Está quase, já não falta muito*. Não se engana, sabe que não conseguirá morrer à fome, mas acredita que virá o dia — nunca tão próximo como agora — em que estará tão fraco que tropeçará, cairá no chão de cimento do átrio da Greene Street e fará um traumatismo craniano, ou contrairá um vírus que o seu organismo não terá forças para debelar.

Ao menos uma das suas mentiras é verdade: está *mesmo* com demasiado trabalho entre mãos. Dentro de um mês, terá de ir a tribunal defender um recurso que interpôs, daí que, para seu alívio, mal se ausente da Rosen Pritchard, onde sempre esteve em inteira segurança. O próprio Willem sabe que, quando ele lá está, não o deve desestabilizar com uma das suas aparições-surpresa. Certa noite,

ouve Sanjay resmungar para consigo «Foda-se, ela vai matar-me» ao passar apressado diante da porta do seu escritório e ergue o olhar e vê que é dia e que o Hudson se vai tingindo de alaranjado. Regista isso, mas nada sente. Na Rosen Pritchard, a sua vida suspende-se. Ali, deixa de ser ele e está num não lugar. Pode sair tão tarde quanto quiser. Não o esperam e ninguém ficará dececionado por ele não ligar ou se zangará por ele não voltar para casa.

Na sexta-feira antes da audiência em tribunal, é o final do dia e está no escritório, e uma das secretárias espreita para o avisar de que tem um visitante na receção, um tal Dr. Contractor. Quer que o mande subir? Ele detém-se. Não sabe o que fazer. Andy tem-lhe ligado, mas ele não devolveu nenhuma das chamadas, e sabe que Andy não sairá dali sem o ver.

— Sim — diz. — Leve-o para a sala de reuniões do lado sudeste.

Vai para lá. A sala não tem janelas e é a que oferece mais privacidade. Andy entra e a sua expressão endurece. Cumprimentam-se com um aperto de mão, como estranhos, mas, logo que a secretária sai, Andy ergue-se e avança.

— Põe-te de pé — ordena.

— Não posso — diz ele.

— Porquê?

— Dói-me a perna — responde, mas não é verdade. Não se pode erguer porque já não consegue usar as próteses. «São próteses extremamente leves e sensíveis», explicou o médico especialista enquanto fazia os moldes. «O senão é que o encaixe é tão exato que, havendo uma variação de peso de mais de dez por cento, no seu caso, uns seis ou sete quilos, as opções são engordar ou emagrecer, conforme o caso, ou mandar fazer novas próteses. Portanto, é crucial que mantenha mais ou menos o peso que agora tem.» Há três semanas que usa a cadeira de rodas. Põe as próteses, mas apenas para fazer vista, para encher as calças; já não as consegue usar e falta-lhe ânimo para ir ver o médico especialista e ter a conversa que sabe que terá de ter com ele. Falta-lhe ânimo para inventar explicações.

— Eu acho que estás a mentir — declara Andy. — Acho que perdeste tanto peso que as próteses já não se seguram no sítio. Acertei? — Ele não responde. — Quando peso perdeste, Jude? — pergunta Andy. — Da última vez que te examinei, já tinhas menos cinco quilos do que devias ter. Quantos são agora? Dez? Mais do que isso? — De novo, silêncio. — O que raio estás tu a fazer? — O seu tom torna-se mais cavo. — Estás a tentar o quê, Jude?

» Estás que metes medo — continua. — Nunca tiveste tão mau aspeto. Pareces doente. — Cala-se um instante. — Diz alguma coisa — exige de seguida. — Jude, raios te partam, diz *alguma coisa*.

Sabe quais os passos que a conversa deve seguir: Andy gritará com ele. Ele gritar-lhe-á de volta. No fim, acalmar-se-ão os dois, nada terá mudado e a farsa continuará com ele a submeter-se a algo que não é solução, mas que fará Andy sentir-se melhor. Posteriormente, acontecerá alguma coisa pior que exporá a farsa, e ele ver-se-á obrigado a fazer um tratamento qualquer. Harold será informado do que se passa. Ouvirá sermão atrás de sermão atrás de sermão e mentirá, mentirá e

mentirá. É um círculo vicioso, sempre o mesmo, que se repete, repete e repete, tão previsível como o procedimento habitual dos seus clientes nos motéis: entravam, faziam a cama com os seus lençóis, faziam sexo com ele, iam-se embora. Vinha o próximo e o seguinte depois desse. Vinha o dia seguinte e era igual ao anterior. A sua vida é uma sucessão de desoladoras repetições: o sexo, os cortes, isto, aquilo. As consultas com Andy, as idas ao hospital. *Chega*, diz para consigo. Não seguirá o padrão. Fugirá ao círculo vicioso.

— Tens razão, Andy — diz, com toda a calma e frieza de que é capaz. Aquele é o tom que usa em tribunal. — Perdi peso. E peço desculpa por ter faltado às últimas consultas. Não fui porque sabia que te ias zangar comigo. Devo ter apanhado uma virose e não havia meio de passar, mas acho que já estou bom. Já comecei a comer normalmente, juro. Sei que estou com péssimo aspeto. Mas juro-te que já estou a corrigir isso. — Ironicamente, *começou* a comer melhor há duas semanas, por causa da defesa do recurso. Não quer desmaiar em tribunal.

Perante a explicação, o que pode Andy dizer? Continua desconfiado, mas ficou de mãos atadas.

— Se não apareceres no consultório durante a próxima semana, volto aqui — avisa, antes de a secretária o acompanhar à porta.

— Eu vou, claro — diz ele, cordato. — Mas tem de ser na terça-feira da outra semana. Até lá, vou estar em tribunal.

Quando fica sozinho, sente-se momentaneamente triunfante, como um herói num conto de fadas que acaba de derrotar um inimigo temível. Mas, claro, Andy não é seu inimigo, está a ser ridículo, e, ao sentimento de triunfo, sucede o desespero. Cada vez mais, sente que a sua vida se desenrolou sem ele ser tido nem achado. Não pôde sequer imaginar que vida queria. Em pequeno, sonhava com outros lugares e outras maneiras de viver, mas não conseguia visualizar nada disso. Ensinaaram-lhe quem era e no que se tornaria e ele acreditou. Depois, vieram os amigos, Ana, Lucien, Harold e Julia, que lhe imaginaram uma vida; que o viram de uma maneira muito diferente, como alguém que ele jamais se imaginara; que lhe permitiram acreditar em possibilidades que antes lhe teriam parecido inconcebíveis. Para ele, a sua vida era o axioma da igualdade, mas os seus amigos viam-na como um problema matemático sem nome, *Jude* = *x*, e, a essa incógnita, tinham feito corresponder resultados que o irmão Luke, os monitores na instituição e o Dr. Traylor não tinham considerado, tal como não o tinham encorajado a considerar. Quem lhe dera poder acreditar nas demonstrações matemáticas dos seus amigos. Quem lhe dera que cada um lhe tivesse explicado como resolveu o problema. Se soubesse como chegaram às soluções que dizem estar certas, talvez percebesse porque deve continuar a viver. Basta-lhe uma única prova matemática. Só tem de ser convencido uma vez. A demonstração nem sequer tem de ser elegante; basta que lha consigam explicar.

Começa a apreciação do recurso interposto. Corre-lhe bem. De regresso ao apartamento na sexta-feira, vai diretamente para o quarto e troca a cadeira de rodas pela cama. Passa todo o fim de semana mergulhado num sono desconhecido e fantasmagórico, talvez não esteja sequer adormecido, mas a pairar, suspenso

entre dois reinos, o da memória e o da fantasia, entre inconsciência e vigília, ansiedade e esperança. *Não estou no mundo dos sonhos*, diz para consigo, *estou noutro*, e, embora se dê conta de momentos em que está acordado — vê o lustre no teto, vê os lençóis que o envolvem, vê o sofá com o estampado de folhas de feto arrumado contra a parede do fundo —, não saberia distinguir as visões daquilo que de facto aconteceu. Vê-se aproximar uma lâmina do braço e abrir um longo golpe, do qual saem molas, esponja e pelo de cavalo, e ele compreende que sofreu uma mutação, que já não é sequer humano, e sente alívio: não quebrará a promessa feita a Harold. Caiu sob um encantamento que, ao levar-lhe a humanidade, o libertou da culpa.

Será verdade?, pergunta-lhe a voz, a medo de tão esperançada. *Será que nos tornámos inanimados?*

Torna a ver o irmão Luke e o Dr. Traylor. Conforme foi perdendo as forças, que foi naufragando de si mesmo, vê-os cada vez mais repetidamente, e, se Willem e Malcolm se tornaram mais vagos, aconteceu o oposto com o irmão Luke e o Dr. Traylor. Sente que o seu passado é um cancro que há muito deveria ter sido tratado, mas que ignorou. Agora, o irmão Luke e o Dr. Traylor metastizaram e estão por todo ele, incontroláveis e impossíveis de vencer. Quando lhe aparecem, nada dizem: surgem diante dele, depois sentam-se lado a lado no sofá e ficam a olhá-lo fixamente, o que é pior do que se lhe falassem, porque ele sabe que estão a tentar decidir o que lhe farão, tal como sabe que o que decidirem será pior do que aquilo que aconteceu antes, será algo que ele não consegue imaginar. Em dada altura, vê que se puseram com segredinhos e tem a certeza de que estão a falar dele.

— *Parem com isso* — grita-lhes —, parem, parem. — Mas eles ignoram-no, e, quando se tenta levantar da cama para os expulsar, não consegue. — Willem — ouve-se chamar —, protege-me, ajuda-me; fá-los sair daqui, fá-los ir embora. — Mas Willem não vem e ele percebe que está sozinho e fica com medo. Tapa-se com o cobertor e tenta não fazer o mais pequeno movimento. Tem a certeza de que o tempo voltou atrás e de que vai ter de reviver a sua vida pela mesma ordem. *Depois melhora*, assegura a si mesmo. *Lembra-te: houve os anos maus, mas, depois, vieram os bons*. Mas não tem forças para tornar a passar por tudo aquilo; não aguentará viver segunda vez aqueles quinze anos, apenas quinze anos de meia-vida, mas que tanto se prolongaram e tão grande impacto tiveram, e que determinaram tudo em que ele se tornou e tudo o que fez.

Acorda na segunda-feira de manhã e, completamente desperto, sabe que ultrapassou um limiar. Sabe que está quase, que está em trânsito entre mundos. Perde a consciência por duas vezes apenas ao tentar passar para a cadeira de rodas. Torna a desmaiar a caminho da casa de banho. Espantosamente, nada lhe acontece. Espantosamente, continua vivo. Veste-se. Há um mês, tornou a mandar apertar um fato e algumas camisas, mas já lhe estão grandes outra vez. Encaixa as próteses nos cotos e desce ao encontro de Mr. Ahmed.

No trabalho, tudo igual. É o novo ano e todos vão regressando das festas. Na reunião da comissão de remunerações, crava os dedos na coxa para se mostrar

atento. Sabe que em breve os seus dedos se soltarão do ramo.

Sanjay sai mais cedo, logo que começa a anoitecer, e ele faz o mesmo. Foi o dia da mudança de Harold e Julia e ele prometeu que os visitaria. Não os vê há mais de um mês. Já não consegue ter noção da sua aparência, por isso vestiu várias camadas — camisola interior, camisa, camisola de lã, casaco de malha, o fato e um sobretudo —, para disfarçar a magreza. Quando lá chega, o porteiro faz-lhe sinal para entrar, e, ao subir, tenta não pestanejar, porque agrava as tonturas. À porta do apartamento, para e descansa a cabeça nas mãos até se sentir outra vez com forças, e então roda a maçaneta e entra, e para a olhar.

Estão ali todos: Harold e Julia, claro, mas também Andy, JB, Richard, India, os Henries Young, Rhodes, Elijah e Sanjay. Nem os Irvines faltaram. Distribuíram-se por sofás, poltronas e cadeiras, como se em pose para ser fotografados, e, durante breves segundos, ele teme desmanchar-se a rir. Depois pergunta-se: *Estarei a sonhar? Estarei acordado?* Lembra-se de quando imaginou que era um colchão velho e pensa: *Continuarei a ser real? Será que estou consciente?*

— Por amor de deus — diz, quando por fim recupera a fala. — O que raio é isto?

— Exatamente o que achas que é — ouve Andy responder.

Tenta dizer «Não estou para levar com vocês», mas não consegue. Não se consegue mexer, tal como não consegue olhar para nenhum deles, por isso, põe-se a estudar as mãos — a esquerda, marcada para sempre, a direita, normal —, enquanto, algures por cima dele, Andy fala. Diz que o trazem debaixo de olho há semanas — Sanjay andou atento às vezes que o via comer no escritório e Richard foi subindo ao seu apartamento para ver o que havia no frigorífico.

— A perda de peso é avaliada segundo uma escala — ouve Andy dizer. — O grau um corresponde a uma perda de peso entre um e dez por cento. O grau dois corresponde ao intervalo entre onze e vinte por cento. Nessa altura, ponderamos alimentar o paciente por uma sonda, coisa que tu já sabes, Jude, porque aconteceu contigo. E basta-me olhar para ti para ver que estás no grau dois. Pelo menos. — Andy fala e fala sem parar e ele acha que começou a chorar, mas não há produção de lágrima. A sua vida descarrilou completamente, pensa. Como aconteceu isso? Como pôde esquecer-se tão inteiramente de quem foi ao lado de Willem? É como se essa pessoa tivesse morrido com Willem e lhe restasse apenas a sua versão reduzida ao essencial, alguém de quem ele nunca gostou, alguém inteiramente incapaz de habitar a vida que ele agora tem, a vida que de alguma maneira conseguiu construir, mesmo sendo quem é.

Por fim, ergue a cabeça e vê Harold olhá-lo fixamente. Está a chorar em silêncio e não desvia os olhos dos seus nem por um segundo.

— Harold — murmura, embora Andy ainda esteja a falar —, liberte-me. Liberte-me da promessa que lhe fiz. Não me obrigue a continuar. Eu já não quero.

Mas ninguém o liberta, seja Harold ou outro. Capturam-no e levam-no para o hospital, e é lá que ele começa a sua luta. *O meu último combate*, diz para consigo, e luta como não lutava há uma eternidade, luta como em criança, no mosteiro, torna-se o monstro que sempre lhe disseram que era, urra e cospe nas caras de

Harold e Andy, arranca a agulha do soro, debate-se violentamente na cama e tenta arranhar os braços de Richard, até que um enfermeiro pragueja e lhe crava uma agulha e ele é sedado.

Acorda restringido por imobilizadores de pulso. Já não tem as próteses nem a roupa e o algodão sobre a clavícula diz-lhe que lhe puseram um cateter. *Outra vez o mesmo, pensa, sempre igual, sempre igual, sempre igual.*

Mas, desta vez, não é igual. Desta vez, não lhe apresentam uma escolha. Desta vez, põem-lhe uma sonda, que fazem entrar no estômago pela parede abdominal. Desta vez, obrigam-no a retomar a terapia com o Dr. Loehmann. Desta vez, será vigiado, inclusivamente às refeições: Richard vê-lo-á tomar o pequeno-almoço e Sanjay certificar-se-á de que ele almoça, e, caso fique no escritório até tarde, vê-lo-á jantar. Aos fins de semana, estará Harold de plantão. Não poderá ir à casa de banho durante uma hora depois de cada refeição. Terá de ir à consulta com Andy todas as sextas-feiras. Terá de jantar com JB todos os sábados. Terá de jantar com Richard todos os domingos. Terá de ver Harold sempre que Harold disser. Se o apanharem a saltar uma refeição, a faltar à terapia ou a deitar fora ou de alguma maneira eliminar a comida, será internado, desta vez, não durante semanas, mas sim meses. Terá de recuperar pelo menos treze quilos e a vigilância continuará até que tenha mantido esse peso durante seis meses.

E começa a sua nova vida. Transcendeu a humilhação, o sofrimento e a esperança. Na sua nova vida, os amigos exaustos não escondem a exaustão ao vê-lo comer omeletas, sanduíches e saladas. Sentados à sua frente, veem-no enrolar garfadas de esparguete, mergulhar a colher nas papas de milho e desagarrar a carne dos ossos. Detêm-se momentaneamente no seu prato ou tigela e anuem — sim, já pode ir — ou fazem que não: *Tem paciência, Jude, tens de comer mais do que isso.* No trabalho, ele toma decisões e os outros fazem o que ele diz, mas, à uma da tarde, é-lhe trazido o almoço ao escritório, e, durante meia hora — sem que mais alguém da Rosen Pritchard tenha conhecimento disso —, vê-se despojado do poder de decisão e Sanjay tem poder absoluto, e ele tem de lhe obedecer. Com uma mensagem de texto para Andy, Sanjay pode mandá-lo para o hospital, onde o tornarão a restringir fisicamente e lhe meterão comida no estômago à força. Qualquer deles tem esse poder. E nenhum se parece importar com o que ele quer.

Já não se lembram?, quer perguntar-lhes. Dele? De que eu preciso dele? De que não sei viver sem ele? Quem me vai ensinar? Quem me vai levar pela mão?

Fez a primeira ronda de terapia com o Dr. Loehmann porque lhe foi lançado um ultimato e, de novo, um ultimato fá-lo regressar. Antes, mostrava-se cordial com o Dr. Loehmann, tão cordial quanto distante. Desta vez, mostra-se hostil e grosseiro.

— Não estou aqui por minha vontade — declara, quando o Dr. Loehmann diz estar feliz por o ver de regresso e lhe pergunta de que quer falar. — E não minta: o doutor não está feliz por me ver, tal como eu não estou feliz por aqui estar. Isto é uma perda de tempo, meu e seu. Estou aqui coagido.

— Se não quiser, Jude, não temos de falar do que ditou que aqui esteja — responde o Dr. Loehmann. — Basta que me diga de que prefere falar.

— De coisa nenhuma — replica ele, e ficam silenciosos.

— Fale-me do Harold — sugere o Dr. Loehmann, e ele suspira com impaciência.

— Não há nada para dizer — responde.

As sessões são à segunda e à quinta-feira. À segunda-feira, sai do consultório do Dr. Loehmann já depois do anoitecer e volta para o escritório. Às quintas-feiras, é obrigado a ir ver Harold e Julia, e, também com eles, é horivelmente mal-educado. Pior do que isso, é mau e vingativo. Espanta-se com o seu comportamento, age como nunca se atreveu, nem em criança, porque decerto teria sido espancado. Algo que Harold e Julia não fazem. Nunca o repreendem e jamais o castigaram.

— Que nojo — diz nessa noite, afastando o prato de guisado de frango que Harold fez. — Não vou comer esta porcaria.

— Eu faço-te outra coisa — responde Julia prontamente, já de pé. — Queres o quê, Jude? Uma sandes? Ovos?

— Qualquer coisa menos isto — diz ele. — Não dava isto a um cão. — Fala para Harold, olhos nos olhos, desafiando-o a sentir-se insultado, a não aguentar mais. Sente o coração acelerado de expectativa. Imagina Harold a erguer-se de rompante da cadeira, a avançar e a dar-lhe uma bofetada. Imagina-o a desfazer-se em lágrimas. Imagina-o a expulsá-lo. *Desaparece daqui, Jude*, dirá Harold. *Sai das nossas vidas e não voltes.*

Ótimo, dirá ele. *Perfeito. Perfeito. Não preciso de si para nada, Harold. Não preciso de nenhum de vocês.* Será um alívio saber que Harold nunca teve realmente vontade de o adotar, que foi apenas um capricho, uma ideia disparatada que há muito perdeu a graça.

Mas Harold não faz nada disso, apenas olha para ele.

— Jude — diz, por fim, quase num sussurro.

— *Jude, Jude* — troça ele, grasnando-lhe de volta o seu nome, como um gaio. — *Jude, Jude.* — Está revoltado, furioso, não há palavra que descreva o que sente. O ódio queima-lhe as veias. Harold quer que ele viva? Muito bem: ali está ele a satisfazer-lhe o desejo. E a mostrar-se como realmente é.

Sabia que eu o posso fazer sofrer horivelmente, Harold?, quer perguntar-lhe. *Sabia que lhe posso dizer coisas que jamais esquecerá e que nunca me perdoará? Sabia que eu tenho esse poder? Sabia que lhe comecei a mentir no dia em que nos conhecemos e nunca mais parei? Sabe o que eu sou realmente? Sabe com quantos homens estive, o que deixei que eles me fizessem, as coisas que estiveram dentro de mim, os sons que fiz?* A sua vida, que é tudo o que tem de seu, foi possuída: por Harold, que o quer vivo; pelos demónios que o esgaravavam por dentro, que se baloiçam pendurados nas suas costelas, que lhe perfuram os pulmões com as garras. Pelo irmão Luke, pelo Dr. Traylor. *A vida serve para quê?*, pergunta a si mesmo. *A minha vida serviu para quê?*

Ah, lamenta-se, será que nunca vou esquecer? Depois destes anos todos, afinal sou mesmo esse?

Sente o nariz sangrar e afasta a cadeira de rodas da mesa.

— Vou-me embora — anuncia, no momento em que Julia regressa com uma

sanduíche. Vê que ela tirou as côdeas e a cortou em triângulos, como se fosse para uma criança, e, por uma fração de segundo, quase fraqueja e se desfaz num choro desesperado, mas torna a erguer a barreira e olha Harold com raiva.

— Não vais, não — afirma Harold, que não perde a calma, mas é categórico. Ergue-se da cadeira e aponta-lhe o dedo. — Vais ficar e vais jantar.

— Não, não vou — teima ele. — Ligue ao Andy. Quero lá saber. Eu vou matar-me, Harold. Faça o que fizer, eu vou matar-me e não me vai conseguir impedir.

— Jude — ouve Julia murmurar —, Jude, por favor.

Harold agarra no prato que Julia continua a segurar e começa a aproximar-se, e ele pensa: *É agora*. Ergue o queixo e espera que Harold lhe bata com o prato na cara, mas Harold não faz isso, apenas o pousa diante dele.

— Come — ordena, e é audível o seu esforço para manter a calma. — Vais comer isto agora.

Inesperadamente, lembra-se do dia em que teve a primeira crise de dor na casa de Harold e Julia em Cambridge. Ela tinha ido à mercearia e Harold estava no piso de cima a imprimir uma receita de *soufflé* desnecessariamente complicada, mas que assegurava que conseguiria fazer. Ele foi esconder-se na despensa e concentrou-se em não escoicear de dor, e, a dada altura, ouviu Harold descer a escada com passos entusiasmados e entrar na cozinha.

— Jude? — chamou, sem ideia de onde ele estaria, e, embora estivesse a dar tudo por tudo para não fazer o mais pequeno ruído, fê-lo, e Harold abriu a porta e deu com ele. Nessa altura, conheciam-se havia seis anos, mas ele fora sempre extremamente cuidadoso, temendo o inevitável dia em que se revelaria a Harold como de facto era. *Desculpe*, quis dizer, mas a dor apenas o deixou crocitar.

— Jude — balbuciou Harold, assustado. — Ouves-me? — Ele fez que sim e Harold entrou na despensa, abrindo caminho por entre pilhas de rolos de cozinha e garrafas de detergente da louça. Sentou-se, puxou-lhe delicadamente a cabeça para o seu colo, e, pelo tempo de um segundo, ele julgou que chegara o momento que, de alguma maneira, sempre soubera que chegaria, que Harold ia abrir o fecho das calças e ele teria de fazer o que sempre fizera. Mas não, Harold apenas lhe afagou os cabelos, e, minutos depois, ainda encolhido a estremecer e gemer de dor, uma dor que lhe queimava cada articulação, apercebeu-se de que Harold começara a cantar baixinho. Nunca ouvira aquela canção, mas o instinto disse-lhe que era uma canção para uma criança, uma canção de embalar, e continuou a tremer, a ranger os dentes, a sufocar os queixumes, cerrando e descerrando a mão esquerda enquanto os dedos da direita apertavam o gargalo de uma garrafa de azeite, e Harold continuou a cantar-lhe. Ali estendido, humilhado, desesperado, soube que aquele momento seria um ponto de viragem, que Harold se afastaria dele ou se quereria aproximar ainda mais. E, desconhecendo qual das duas iria acontecer, deu por si a desejar algo que nunca desejara e jamais tornou a desejar: que a dor não passasse e que Harold continuasse a cantar para sempre, para ele não descobrir o que vinha depois.

Passaram tantos anos, envelheceu ele, envelheceu Harold, envelheceu Julia, e

ali estão, três velhos, foi-lhe posta à frente uma sanduíche para uma criança e foi-lhe dada uma ordem — *Come* — como se dá às crianças. *Somos tão velhos que tornámos a ser pequenos*, ocorre-lhe, e então agarra no prato e atira-o à parede do fundo, e a explosão de cacos é magnífica. Vê que era uma tosta de queijo: um triângulo colou-se à parede e começa a deslizar, e o queijo é esbranquiçado e escorre como baba.

Vá, pensa, quase eufórico, quando vê Harold avançar de novo, *agora, agora, agora*. Harold ergue a mão e ele aguarda o impacto, que será tão violento que a noite terminará e ele acordará na sua cama, e, durante algum tempo, poderá esquecer aquele momento, poderá esquecer o que fez.

Mas Harold segura-o nos braços, e ele tenta afastá-lo, mas Julia também o abraçou, debruçada sobre a carapaça que é a cadeira de rodas, e está encurralado.

— Deixem-me — berra, mas as forças quase se esgotaram e está muito fraco e cheio de fome. — Deixem-me — tenta gritar novamente, mas as suas palavras já não se percebem, tornaram-se tão inúteis como os seus braços e as suas pernas, e, por fim, desiste.

— Jude — murmura Harold, quase sem voz. — Meu pobre Jude. Meu amor. — E ele começa a chorar, porque mais ninguém lhe chamou amor depois do irmão Luke. Willem tentava de vez em quando, «amor», dizia, ou «querido», mas ele pedia-lhe que não lhe chamasse aquelas coisas, porque, para ele, esses nomes ternurentos eram sujos, significavam depravação, abjeção. — Meu amor — repete Harold, e ele quer que Harold pare, e quer que Harold lhe chame assim para sempre. — Meu pequenino. — E ele chora convulsivamente, chora por tudo o que foi, por tudo o que podia ter sido, por cada sofrimento passado, por cada alegria passada, chora de vergonha e alegria por finalmente poder ser criança e ter caprichos e vontades e inseguranças de criança, e o privilégio de se portar mal e ser perdoado, e o luxo de ser acarinhado e de se dedicarem a ele, de lhe servirem uma refeição e o fazerem comer, e porque finalmente, finalmente, consegue acreditar que um pai sempre quererá o melhor para ele, e que é especial para alguém, apesar de todos os erros que cometeu e de ser odioso e *por* todos os seus erros e mesmo quando é odioso.

No fim, Julia vai de novo à cozinha e faz-lhe outra sanduíche; no fim, ele come, e come com verdadeiro apetite pela primeira vez em meses; no fim, dorme no quarto dos hóspedes, depois de Harold e Julia lhe darem beijos de boas-noites; no fim, pergunta-se se o tempo irá mesmo voltar atrás, mas, desta vez, Julia e Harold serão seus pais desde o começo, e quem sabe o que ele será, mas uma coisa é certa, será melhor, mais saudável, mais bondoso e não sentirá aquela necessidade desesperada de lutar contra a sua vida. Consegue ver-se com quinze anos, a entrar na casa de Cambridge e a exclamar palavras — *Mãe! Pai!* — que nunca disse, e, embora não imagine o que poderia empolgar tanto o seu eu sonhado (por muito que tenha estudado as crianças normais, os seus interesses e comportamentos, apenas sabe generalidades), percebe que ele está feliz. Talvez esteja equipado para um jogo de futebol, de manga curta e calções; talvez o acompanhe um amigo ou a namorada. Possivelmente, ainda não perdeu a virgindade; provavelmente, não

perde uma oportunidade de tentar. É previsível que, de vez em quando, pergunte a si mesmo quem será em adulto, e decerto não lhe passa pela cabeça que não venha a amar alguém, que não tenha uma vida sexual, que não corra pelo seu pé por um campo recoberto de erva macia como um tapete. As horas, tantas, que dedicou a cortar-se e a ocultar os cortes e a lutar contra as recordações, como as teria aproveitado? Sabe que teria sido uma pessoa melhor. Alguém mais capaz de amar, sem dúvida.

Mas talvez, ocorre-lhe, talvez não seja demasiado tarde. Talvez possa fazer de conta uma última vez, e este, o derradeiro fingimento, mudará a sua sorte, torná-lo-á a pessoa que podia ter sido. Tem 51 anos; já é velho. Mas talvez ainda haja tempo. Talvez ainda tenha conserto.

Essa esperança mantém-se viva na segunda-feira quando vai à sessão com o Dr. Loehmann, a quem pede desculpa pelo comportamento atroz que teve na semana anterior — e em todas as que a precederam.

Desta vez, pela primeira vez, faz um esforço sincero para falar com o Dr. Loehmann. Tenta responder às perguntas e fazê-lo com honestidade. Tenta começar a contar uma história que contou uma única vez. Mas é muito difícil, não só porque mal consegue dizer aquelas palavras, mas também porque não as consegue dizer sem pensar em Willem, ou que, da última vez que contou tudo aquilo, tinha ao seu lado alguém que o conseguira ver como ninguém o tornara a ver depois de Ana, alguém que conseguira ver para lá de quem ele era, mas que, ao mesmo tempo, o via inteiramente. Agitado e quase incapaz de respirar, volta a cadeira de rodas com brusquidão — para tornar a usar as próteses, terá de recuperar mais dois ou três quilos —, desculpa-se, deixa o gabinete do Dr. Loehmann, avança pelo corredor até à casa de banho, tranca-se, respira fundo várias vezes e massaja o peito como se tentando acalmar o coração. E, na casa de banho fria e silenciosa, entrega-se ao velho jogo do «E se»: *E se eu não tivesse seguido o irmão Luke. Se não tivesse deixado o Dr. Traylor levar-me. Se não tivesse deixado o Caleb entrar na minha vida. Se me tivesse esforçado mais por fazer o que a Ana me disse.*

Joga este jogo e as autorrecreações ganham uma cadência. Mas também pensa: *E se eu não tivesse conhecido o Willem. Se não tivesse conhecido o Harold. Se não tivesse conhecido a Julia, o Andy, o Malcolm, o JB, o Richard, o Lucien e os outros: o Rhodes, o Citizen, a Phaedra ou o Elijah. Os Henries Young. O Sanjay.* Os «se» mais terríveis envolvem pessoas. Os melhores «se» também.

Por fim, consegue acalmar-se e sai da casa de banho. Podia ir-se embora. O elevador está já ali; pode sempre pedir a Mr. Ahmed que suba para lhe vir buscar o casaco.

Mas não faz isso. Avança no sentido contrário e regressa ao gabinete, onde o Dr. Loehmann ficou sentado à sua espera.

— Jude — diz. — Voltou.

Ele respira fundo.

— Sim — confirma. — Decidi ficar.

[VII] Lispenard Street

No segundo aniversário da tua morte, estivemos em Roma. Foi por acaso e não foi. Tal como ele, também nós sabíamos que seria um erro ele estar em Nova Iorque, fosse a cidade ou o Estado. E talvez os Irvines sentissem o mesmo, porque marcaram a cerimónia para essa altura — seria no fim de agosto, quando a Europa em peso migrava para outras paragens. Pois bem, aproveitando que o continente estaria livre da sua fauna, de toda essa passarada a grazinar, visitá-lo-íamos nós.

A cerimónia decorreu na Academia Americana, onde tanto a Sophie como o Malcolm tinham feito residências artísticas. Os Irvines tinham criado uma bolsa de estudo para apoiar jovens arquitetos e integrado o júri que escolheu o primeiro bolseiro: uma jovem londrina muito alta e adoravelmente nervosa, que criava sobretudo estruturas temporárias — complicados edifícios feitos de terra, torrões de relva e papel, que se degradavam lentamente até nada restar. Anunciaram-na vencedora, não só da bolsa de estudo mas também de um prémio em dinheiro, depois seguiu-se um beberete e a Flora disse algumas palavras sentidas. Além de nós e dos sócios da Sophie e do Malcolm na Bellcast, estavam presentes o Richard e o JB, que também tinham feito residências em Roma. Depois da cerimónia, os dois sugeriram um pequeno restaurante ali perto, que conheciam dessa altura, e fomos lá. O edifício tinha uma parte etrusca e outra romana, explicou-nos o Richard. Foi uma refeição agradável e descontraída e sabia-nos bem a companhia uns dos outros, mas pouco falávamos, e lembro-me de, a dada altura, erguer o olhar e ver que ninguém estava a comer e que cada um se fixara algures — no teto, nos pratos, num dos outros —, entregue aos seus pensamentos, que, tive a certeza, eram o mesmo pensamento.

Na tarde do dia seguinte, a Julia dormiu a sesta e nós fomos dar um passeio. O hotel ficava do outro lado do rio, não muito longe da Escadaria da Praça de Espanha, mas pedimos ao motorista que atravessasse a ponte e nos levasse a Trastevere, onde as ruas eram tão estreitas, que o sol mal entrava e mais parecia que estávamos a atravessar corredores. Fomos dar a uma pequena praça de linhas limpas e adornada apenas de luz do Sol. Sentámo-nos num banco de pedra. Na outra ponta, estava um idoso de barbas brancas que vestia um fato de linho. Acenou-nos e devolvemos o cumprimento.

Durante bastante tempo, nenhum dos dois falou e apenas saboreámos o calor, até que ele comentou que se lembrava daquela praça, que estivera ali contigo e que havia uma gelataria muito conhecida a tão-só duas ruas.

— Quer provar um gelado deles? — propôs, e sorriu.

— Acho que sabes a resposta — respondi, e ele ergueu-se do banco.

— Não demoro nada — disse.

— Traz-me de *stracciatella* — pedi, e ele fez que sim.

— Eu sei.

Ficámos a vê-lo afastar-se, eu e o idoso, que depois sorriu para mim. Sorri-lhe de volta. Afinal, não era assim tão idoso, vi então. Possivelmente, teria apenas mais alguns anos do que eu. Confesso que nunca consegui (e continuo sem conseguir) pensar em mim como um homem idoso. Às vezes, falava disso como quem sabe que o é, e lamuriava-me por ter a idade que tinha, mas sempre na

brincadeira, ou quando queria fazer os outros sentirem-se jovens.

— *Lui è tuo figlio?* — perguntou o homem, e anuí. Ficava surpreso e feliz de cada vez que alguém adivinhava o laço que nos unia. Não nos parecíamos de todo, mas eu sentia, ou, pelo menos, esperava, que alguma coisa no nosso comportamento dizia mais sobre a nossa ligação de pai e filho do que uma mera aparência física.

— Ah — murmurou o homem, tornando a observá-lo antes de ele desaparecer na esquina. — *Molto bello.*

— *Sì* — concordei, e, de repente, senti tristeza.

O homem fez um ar malandro e perguntou, ou afirmou:

— *Tua moglie deve essere molto bella, no?* — E arreganhou um sorriso, como se a dizer-me que estava na brincadeira, que não me ofendesse, que fora um elogio: estava a chamar-me sortudo, porque, não sendo de todo um galã, arranjava uma mulher muito bela que me dera um filho muito bonito. Arreganhei um sorriso.

— É, sim — confirmei, e ele sorriu, nada surpreso.

Quando ele regressou, com um cone para mim e *granita* de limão para a Julia numa caixinha redonda, já o homem ali não estava — com um aceno de despedida, afastara-se apoiado numa bengala. Custou-me que ele não tivesse trazido um gelado também para si, mas era o que era.

— Vamos? — disse, e assim fizemos. Nessa noite, deitou-se cedo, e, no dia seguinte, o aniversário da tua morte, não o vimos: deixou-nos uma mensagem na recepção, a dizer que saíra para dar um passeio, que nos víamos no dia seguinte e terminando com um pedido de desculpa. Também nós aproveitámos o dia para passear e achei que talvez o víssemos (afinal de contas, Roma não é uma cidade assim tão grande), mas não, e, nessa noite, ao prepararmo-nos para dormir, dei-me conta de que passara o dia inteiro à procura dele na multidão em cada rua onde estivéramos.

De manhã, quando fomos tomar o pequeno-almoço, ali estava ele a ler o jornal, pálido, mas sorridente. Não lhe perguntámos o que fizera na véspera e ele não tocou no assunto. Também nesse dia andámos ao acaso pela cidade. Éramos um trio atabalhoado: o passeio estreito não nos permitia avançar lado a lado e tivemos de nos arrumar em fila indiana, revezando-nos na liderança. Ficámos pelos lugares mais conhecidos e concorridos, aqueles que normalmente não encerram delicadas recordações a dois. Quase na Via Condotti, a Julia espreitou a montra de uma joalharia tão pequena que lhe esgotámos a lotação quando entrámos. À vez, segurámos os brincos de que ela gostara. Eram magníficos: duas aves de sólido e pesado ouro maciço, com minúsculos olhos de rubi e finos ramos de ouro nos bicos. Ele quis comprar-lhos, o que a deixou simultaneamente encantada e atrapalhada (a Julia nunca foi muito de usar joias), mas ele pareceu feliz por lhe poder dar aquele presente e vê-lo assim deixou-me também feliz. E a Julia estava feliz. À noite, jantámos com o JB e o Richard, para a despedida, e, de manhã, seguimos para norte, rumo a Florença, e ele regressou a Manhattan.

— Até daqui a cinco dias — disse eu, e ele assentiu.

— Divirtam-se — disse-nos. — Espero que seja ótimo. Vemo-nos em breve.

Acenou-nos quando o carro já se afastava e, voltados no assento, acenámos-lhe também. Lembro-me de tentar que o meu aceno lhe telegrafasse aquilo que não lhe podia dizer: *Não ouses*. Na noite anterior, enquanto ele, a Julia e o JB estavam na conversa, tinha aproveitado para pedir ao Richard que me mantivesse informado da situação até regressarmos, a menos que isso lhe fosse desconfortável, e o Richard dissera que não havia problema. Ele já estava quase com o peso que o Andy queria, mas houvera duas recaídas, em maio, depois em junho, por isso, mantínhamo-nos vigilantes.

Às vezes, sentia que estávamos a fazer o nosso caminho às arrecuas: em vez de me preocupar menos com ele, cada vez me preocupava mais. Ano após ano, ficava mais ciente de quão frágil ele era e menos convencido da minha competência de pai. Quando o Jacob era bebé, ganhei confiança conforme ele somava meses de vida: sentia que, quanto mais se estendesse a sua permanência neste mundo, mais ancorado ele ficaria, como se, vivendo, ele se apossasse da vida. Era uma ideia disparatada, claro, e fui desenganado da pior maneira. Mas era mais forte do que eu: continuava a achar que a vida se amarra a mais vida. O caso é que, a partir de certa altura — tendo de precisar um momento, diria que foi depois do Caleb —, passei a sentir que ele estava num balão de ar quente, preso à terra por uma corda muito comprida, e que, ano após ano, o balão forçava a corda, tentando soltar-se para se afastar no céu. Entretanto, cá em baixo, juntáramo-nos vários para o puxar de volta, tentando não o deixar fugir. Posso dizer que vivi todos esses anos cheio de medo por ele, mas também com medo dele.

Será possível construir uma relação verdadeira com alguém de quem temos medo? Claro que é. E construímo-la, mas ele assustava-me, porque tinha todo o poder e eu não tinha nenhum: se ele se matasse, se ele escolhesse partir, eu sobreviveria, sabia disso, mas também sabia que a vida se tornaria um fardo, que não mais deixaria de buscar uma explicação, que passaria o resto dos meus dias a revolver o passado e a examinar os erros que cometera. Além disso, sabia que ia sentir terrivelmente a falta dele, porque houvera várias simulações dessa partida anunciada e eu não fora lidando melhor com elas nem me habituara a que acontecessem.

Mas voltámos e continuava tudo igual: Mr. Ahmed foi buscar-nos ao aeroporto e, ao entrarmos no prédio, tínhamos à nossa espera alguns sacos com compras da mercearia, deixados com o porteiro, para não termos nós de tratar disso. No dia seguinte, uma quinta-feira, ele veio jantar connosco e quis saber o que víramos e fizéramos e contámos-lhe como fora a viagem. Daí a pouco, quando estávamos a tratar da louça, a saladeira escapou-se-lhe dos dedos quando ele ma estendeu para eu a pôr na máquina, caiu ao chão e partiu-se.

— *Porra!* — exclamou ele. — Desculpe, Harold. Sou mesmo estúpido, só faço porcarias. — Dissemos-lhe que não fazia mal nenhum, que acontecia a toda a gente, mas ele foi ficando cada vez mais agitado, até que, por fim, lhe tremiam as mãos e estava a sangrar do nariz.

— Jude, não tem importância nenhuma — repeti. — Só não acontece a quem não faz. — Mas ele não parava de abanar a cabeça.

— Não — insisti. — Sou eu. Estrago tudo. Destruo tudo em que toco. — Baixou-se para apanhar os cacos, e eu e a Julia entreolhámo-nos sem saber o que dizer ou fazer perante uma reação tão desproporcionada. Depois da noite, alguns meses antes, em que ele atirara o prato à parede, houvera alguns incidentes que me fizeram tomar consciência, ao fim de tantos anos, da enorme revolta que lhe ia dentro e do esforço diário que dominá-la decerto lhe exigiria.

Poucas semanas depois do incidente do prato, houvera outro. Aconteceu na Casa Lanterna, onde ele não ia havia meses. Tínhamos acabado de tomar o pequeno-almoço e eu e a Julia estávamos de saída para ir às compras. Fui perguntar-lhe se queria alguma coisa. Ele estava no quarto e, pela porta entreaberta, vi o que estava a fazer. Não sei porquê, não o chamei, mas também não saí dali. Parado no corredor, quase na entrada do quarto, observei-o em silêncio. Já tinha uma prótese e estava a pôr a outra. Eu nunca o vira sem ambas. Enfiou a perna esquerda no encaixe, puxou a meia de *nylon* que lhe protegia o joelho, depois desceu as pernas das calças. Como sabes, os pés das próteses são uma espécie de esticadores de sapatos com calcanhares. Vi-o calçar as meias, depois os sapatos. Respirou fundo, pôs-se de pé, experimentou dar um passo, depois outro. Percebi que não as estava a conseguir usar — continuava demasiado magro e não ficavam bem ajustadas —, mas, antes que o pudesse ajudar, já ele tinha perdido o equilíbrio e caído na cama, onde ficou momentaneamente imóvel.

Furioso, arrancou as próteses, primeiro uma, depois outra, e, pelo tempo de um segundo — continuavam calçadas com as meias e os sapatos —, pareciam as suas pernas verdadeiras, dois pedaços rasgados de si, e quase esperei ver dois repuxos de sangue. Em vez disso, ele agarrou numa e golpeou a cama, e novamente, e uma terceira e uma quarta vez, arquejante do esforço, depois deixou-a cair, sentou-se na beira do colchão, apoiou os cotovelos nas coxas, escondeu a cara nas mãos e começou a embalar-se em silêncio.

— Por favor — ouvi-o murmurar. — Por favor. — Não disse mais nada e envergonha-me confessar que saí dali sem ruído e me fui refugiar no meu quarto e da Julia, onde me sentei exatamente como ele se sentara e fiquei também à espera de algo que não sabia o que era.

Durante aqueles meses, refleti muito sobre o que estava a tentar fazer e sobre a dificuldade de querer que alguém que não deseja viver continue vivo. Primeiro, tentamos uma abordagem lógica (*Ainda tens tanto pela frente*), depois, a chantagem emocional (*Deves-me isso*), e, por fim, zangamo-nos, ameaçamos e suplicamos (*Não vês a minha idade? Não faças isto a um velho*). E então, quando eles cedem, nós, os persuasores, temos de nos começar a enganar a nós mesmos, porque vemos que eles estão em sofrimento, que não querem continuar cá, que o mero ato de existir os esgota, o que nos obriga a dizer diariamente a nós mesmos: *Estou a proceder bem. Deixá-lo fazer o que ele quer fazer seria abominável, seria contra a lei natural, seria contra tudo o que é amor*. Agarramo-nos sofregamente aos momentos felizes e exibimo-los como provas — *Cá está! É por isto que vale a pena estar vivo, é por isto que quero que ele faça um esforço* —, embora um momento feliz não compense todos os outros, que são a maioria. Pensamos, tal como eu já tinha pensando na altura do

Jacob: *Queremos um filho porquê? Quero-o para me trazer bem-estar? Quero-o para lhe proporcionar bem-estar? E, se um filho já não consegue sentir bem-estar, é minha obrigação deixá-lo partir?* Chegando aqui, reconsideramos. *Seria abominável. Não posso fazer isso.*

Por isso, eu tentava, claro. Tentava incansavelmente. Mas os meses passavam e sentia que ele ia ficando cada vez menos presente. Não falo de desaparecimento físico: em novembro, já estava de volta ao peso normal, ou pelo menos, o seu peso normal sendo magro, e talvez o seu aspeto fosse melhor do que nunca. Mas tornara-se mais calado, incomparavelmente mais calado. Na verdade, sempre fora, mas, agora, falava pouquíssimo, e, quando estávamos juntos, calhava surpreendê-lo de olhar fixo em algo que eu não conseguia ver, depois sacudia a cabeça, um movimento muito ligeiro, como as orelhas de um cavalo quando abanam, e tornava a ficar atento ao que o rodeava.

Num dos nossos jantares de quinta-feira, apareceu com equimoses na cara e no pescoço, apenas de um lado, como se fosse o final da tarde e estivesse parcialmente na sombra de um edifício. Eram castanho-ferrugem, escuras como sangue seco. Fiquei aflito.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Caí — respondeu ele, sem mais explicações. — Não se preocupe — acrescentou, mas claro que fiquei preocupado. Quando o mesmo se repetiu, tentei fazê-lo falar comigo.

— Conta-me o que aconteceu — pedi, mas ele libertou-se das minhas mãos.

— Não há nada para contar — declarou. Ainda hoje não sei o que aconteceu. Ter-se-ia magoado propositadamente? Teria deixado que alguém o magoasse? Não sabia qual a pior, menos ainda o que fazer.

Ele sentia a tua falta. E eu também. E todos nós. Quero que saibas que não senti a tua falta apenas por lhe fazeres bem; sinto falta de ti. Tenho saudades de te ver deliciado com as coisas que te davam alegria, fosse comer, correr atrás de uma bola de ténis ou saltar para a piscina. Tenho saudades das nossas conversas, de te ver passar na sala, de te ver caído no relvado depois de uma investida em tropel dos netos do Laurence, quando fazias de conta que eles te estavam a esmagar. (Lembro-me de que, nesse dia, a neta pequenina do Laurence, a que estava apaixonada por ti, te ofereceu uma pulseira de dentes-de-leão, tu agradeceste-lhe e usaste-a o dia inteiro, e, de cada vez que ela via a pulseira no teu pulso, corria a esconder a cara nas costas do pai. Que saudades desse dia.) Mas, sobretudo, tenho saudades de vos ver juntos; tenho saudades de ver como o olhavas, e como ele te olhava; tenho saudades de ver as vossas pequenas atenções um com o outro, e da tua afeição tão grande, que demonstravas sem dar por isso; tenho saudades de ver como se escutavam, como se embrenhavam no que o outro dizia. O quadro do JB — *Willem Ouve Jude Contar Uma História* — diz absolutamente a verdade, a tua expressão era exatamente aquela. Quando o vi, percebi logo o que retratava, nem tive de ler o título.

Não quero que penses que não houve momentos e dias felizes depois de partires. Eram menos, claro. Tornaram-se mais difíceis de encontrar, de construir.

Mas houve. Quando regressámos de Itália, comecei a dar um seminário na Universidade de Columbia, aberto a estudantes de Direito e pós-graduandos de outros cursos. Chamei-lhe «A Filosofia da Lei e a Lei da Filosofia» e dei-o em parceria com um velho amigo. Discutíamos a equidade da lei e a base moral do sistema jurídico, e a sua ocasional oposição aos princípios morais coletivos. Tantos anos depois, «Drayman 241»! Aproveitava as tardes para estar com amigos. A Julia tinha-se inscrito numa aula de desenho de modelo. Fazíamos voluntariado numa organização sem fins lucrativos que ajudava profissionais (médicos, advogados, professores) de outros países (o Sudão, o Afeganistão, o Nepal) a encontrar emprego nas suas áreas, ainda que o novo trabalho apenas fosse aparentado ao que faziam antes: enfermeiros tornavam-se auxiliares de saúde e juízes tornavam-se escrivães. Ajudei alguns a candidatar-se a Direito e, quando os via, eles falavam-me do que andavam a aprender e comentavam sempre que as nossas leis eram muito diferentes das suas.

— Que tal um projeto a dois? — propus-lhe no outono. (Ele continuava a fazer voluntariado no centro de apoio a artistas e devo dizer que, quando comecei também a fazer lá voluntariado, dei por mim inesperadamente comovido: julgava que ia conhecer uma carrada de artistas medíocres a tentar viver da arte quando isso obviamente não iria acontecer, e assim era, de facto, mas admirei-os, como ele os admirava, pela sua fé inabalável e irracional que não os deixava desistir. Eram pessoas que exigiam à vida e nada nem ninguém jamais os faria mudar de atitude.)

— O quê, por exemplo? — perguntou ele.

— Podias ensinar-me a cozinhar — sugeri, e ele lançou-me um daqueles olhares quando só por uma unha negra não sorria, quando estava divertido, mas não o queria mostrar. — A sério. Gostava de aprender *mesmo* a cozinhar. Queria especializar-me aí nuns seis ou sete pratos.

Ele aceitou o repto. Aos sábados à tarde, quando saía do escritório ou depois da visita ao Lucien e aos Irvines, metíamos-nos no carro e íamos para Garrison. Podíamos ser só nós ou ir o Richard e a India, o JB ou um dos Henries Young com a mulher. Ao domingo, cozinhá-vamos juntos. Descobrimos que o meu principal problema era a falta de paciência, a incapacidade de aceitar o tédio. Resolvia ir buscar qualquer coisa para ler e esquecia-me do risoto, que acabava transformado em cola, ou esquecia-me de virar as cenouras no azeite, e, quando voltava, estavam cauterizadas e agarradas à frigideira. (Aqueles nossas aulas ensinaram-me que muito da culinária é fazer festinhas, banhar, vigiar, fazer dar saltinhos, voltar e deixar descansar: ações que sempre associei aos primeiros anos de vida.) O meu outro problema, fui informado, era a teimosia em inovar, ao que parece, uma receita para o desastre se falamos de coisas que vão ao forno.

— Isto é química, Harold, não é filosofia — não se cansava ele de repetir, sempre com o mesmo meio-sorriso. — Não pode querer fazer experiências com as quantidades indicadas e esperar que saia como devia.

— E se sair melhor? — argumentava eu, de propósito para o divertir (para o pôr bem-disposto, não me escusava a fazer figura de idiota), e, nessas alturas, ele

sorria. Sorria sem reservas.

— Garanto que não sai — respondia.

O certo é que consegui mesmo juntar um pequeno repertório. Especializei-me em frango assado, ovos escalfados e solha na grelha. Aprendi a fazer bolo de cenoura e um pão com frutos secos que ele fazia naquela padaria em Cambridge e de que eu sempre gostei. A versão dele era qualquer coisa de indescritível e fiz aquele pão durante semanas a fio.

— Excelente, Harold — elogiou ele certa vez, ao provar uma fatia. — Vê? Já pode fazer a sua comida quando for um velhinho de cem anos.

— Fazer a minha comida? — repliquei. — Que conversa é essa? A minha comida, vais fazer-ma tu. — Sem uma palavra, ele sorriu-me, e era um sorriso tão estranho e triste que me apressei a mudar de assunto antes que ele dissesse alguma coisa que eu teria de fingir que ele não dissera. Não perdia uma oportunidade de falar do futuro, de fazer planos para anos vindouros, tentando que ele se compromettesse para depois lhe poder cobrar a promessa. Mas ele era cuidadoso: não fazia promessas.

— E se nos inscrevêssemos numa aula de música? — propus noutra ocasião, sem saber muito bem o que queria dizer ao certo com aquilo.

Ele sorriu. Vagamente.

— Talvez — respondeu. — Sim, logo vemos isso. — E não disse mais.

Depois da aula de culinária, dávamos um passeio. Se estávamos na Casa Lanterna, fazíamos o percurso criado pelo Malcolm: passávamos por aquele ponto na floresta onde um dia eu tivera de o deixar sozinho, encostado a uma árvore, incapacitado de dor; seguiam-se o primeiro banco, o segundo e o terceiro. Dantes, chegando ao segundo banco, sentávamo-nos para descansar, mas já não era preciso, ele já não se cansava como nesses tempos, e íamos tão devagar que eu próprio não ficava cansado. Ainda assim, tornara-se uma paragem ritual, porque, dali, tínhamos uma vista desimpedida das traseiras da casa, lembras-te? O Malcolm tinha mandado abrir uma pequena clareira em volta do banco, de maneira que, ali sentados, ficávamos de frente para a casa, tal como do terraço nas traseiras se via nitidamente o banco.

— É uma casa extraordinariamente bonita — dizia eu, como fazia sempre, e, como sempre, esperava que ele escutasse o que eu lhe estava a dizer nas entrelinhas: que me orgulhava dele, que construía aquela casa e a vida que lhe dava alma.

Cerca de um mês depois de eu e a Julia regressarmos de Itália, de uma vez em que estávamos os dois sentados naquele banco, ele perguntou:

— Acha que ele era feliz comigo? — Disse isto tão baixinho que achei que fora da minha imaginação, mas ele encarou-me e percebi que não.

— Claro que sim — respondi. — Sei que era.

Ele abanou a cabeça.

— Houve tanta coisa que eu devia ter feito e não fiz — lamentou, depois de um silêncio.

Não imaginava o que aquilo podia significar, mas não me fez repensar a

resposta.

— Fosse o que fosse, sei que não fez diferença — assegurei-lhe. — O Willem disse-me que era feliz contigo. — Ele olhou-me nos olhos. — Portanto, sei o que estou a dizer — continuei. — Sei do que falo. (Nunca me disseste isso, não textualmente, mas sei que me perdoas a mentira. Tenho a certeza. Sei que terias querido que eu lhe dissesse o que disse.)

De outra vez, ele comentou:

— O Dr. Loehmann acha que eu lhe devia contar coisas.

— Que coisas? — perguntei, tendo o cuidado de não olhar para ele.

— Coisas sobre mim, sobre o que sou — disse ele. Uma pausa. — Sobre quem sou — corrigiu-se.

— Bem — respondi, depois de esperar alguns segundos —, ficaria contente. Ia gostar de saber mais sobre ti.

Ele sorriu.

— Soa estranho, não é? — comentou. — *Saber mais sobre mim*. Conhecemo-nos há décadas.

Sempre tive a sensação, quando tínhamos conversas assim, de que, não havendo uma resposta certa, havia a resposta errada, aquela que o faria fechar-se para sempre, e passava a vida a tentar perceber que resposta seria essa, para nunca lhe dar.

— É verdade — concordei. — Mas, tratando-se de ti, tudo o que me contares é bem-vindo.

Ele olhou-me de fugida, depois tornou a fixar-se na casa.

— OK — disse. — Talvez tente. Por escrito, acho.

— Gostaria muito — repeti. — Quando quiseres.

— Talvez ainda leve muito tempo — avisou ele.

— Sem problema — tranquilizei-o. — Fazes quando te sentires preparado. — Muito tempo era o ideal, disse para comigo. Com sorte, levaria anos, porque ele demoraria todo esse tempo a descobrir o que tinha de me contar, e claro que seriam anos de sofrimento e conflito interior, mas pelo menos estaria vivo. Convencera-me disso: antes em sofrimento, mas vivo, do que morto.

Acabou por não precisar de todo esse tempo. Estávamos em fevereiro. A intervenção fora havia cerca de um ano. Se ele conseguisse manter o peso com que estava até ao fim de maio, deixaríamos de o vigiar, tal como ele poderia suspender a terapia com o Dr. Loehmann, se assim quisesse, embora eu e o Andy não fôssemos favoráveis à ideia. Em todo o caso, a decisão não seria nossa. Nesse fim de semana, tínhamos ficado em Manhattan, e, no domingo, depois de uma aula de culinária na Greene Street (*terrine* de espargos e alcachofras), saímos para dar um passeio.

Estava um dia frio, mas sem vento. Descemos a Greene Street, que, mais abaixo, dá lugar à Church Street. Passámos TriBeCa, depois Wall Street, e, quase na ponta sul de Manhattan, parámos a contemplar as inquietas águas cinzentas do rio. Por fim, demos meia-volta e iniciámos o percurso inverso: Trinity Place, Church Street, Greene Street. Nesse dia, ele estava muito calado, pouco se

manifestava ou reagia. Pus-me a tagarelar sobre um refugiado tibetano que conhecera no centro de orientação profissional, um médico de meia-idade, talvez um ano mais velho do que ele, que se estava a candidatar a cursos de Medicina nos Estados Unidos.

— Acho isso admirável — murmurou ele. — Um recomeço nunca é fácil.

— Concordo — aproveitei. — E tu fizeste o mesmo, Jude. Portanto, também és admirável. — Ele olhou-me, apenas por um breve instante. — Não esqueças isso — pedi. — Veio-me à memória um dia mais ou menos um ano depois de ele ter alta a seguir à tentativa de suicídio. Estávamos em Truro e também saímos para dar um passeio.

— Diz-me três coisas que achas que fazes melhor do que qualquer pessoa — pedi, quando nos sentámos no areal, e a reação dele foi encher as bochechas e esvaziá-las com enfado.

— Agora não, Harold — pediu.

— Anda lá — insisti. — Três coisas. Diz-me três coisas que faças melhor do que qualquer pessoa e não te chateio mais. — Ele bem puxou pela cabeça, mas não lhe ocorria nada, e aquele silêncio começou a deixar-me um tanto aflito. — OK, diz-me só três coisas que saibas fazer bem — reformulei. — Três coisas de que gostes em ti. — Nessa altura, estava a um passo de suplicar. — Qualquer coisa — encorajei. — Seja o que for.

— Sou alto — disse ele, finalmente. — Mais alto do que a média, pelo menos.

— Sim, isso é bom — respondi, embora estivesse em busca de outro tipo de resposta. Queria ouvi-lo referir qualidades. Porém, decidi aceitar a resposta, nem que fosse porque lhe levava uma eternidade a lembrar-se daquilo. — Vá, mais duas.

Ele não conseguiu pensar em mais nada. Percebi que começava a ficar atrapalhado e impaciente e acabei por mudar de assunto.

Agora, íamos a subir TriBeCa e ele mencionou, como se nada fosse, que lhe tinham proposto a presidência de direção da firma.

— Ena! Isso é fantástico, Jude — felicitei-o. — Sim, senhor. Parabéns.

Ele anuiu.

— Não vou aceitar — revelou de seguida, o que me deixou estupefacto. Depois de tantos anos e de incontáveis horas que dera à maldita Rosen Pritchard, ia recusar? Ele fitou-me. — Pensei que ficasse feliz — disse, e eu fiz que não.

— De maneira nenhuma — respondi. — Sei quanto... gostas do teu trabalho. Não quero nunca que penses que não aprovo as tuas escolhas ou que não me orgulho de ti. — Ele não respondeu. — E não vais aceitar porquê? — indaguei. — O cargo assenta-te como uma luva. Nascestes para ser presidente de direção.

Ele fez uma careta que não compreendi, depois desviou o olhar.

— Não — murmurou. — Não acho que fosse resultar. E, pelo que sei, a escolha não foi consensual. Além disso... — Hesitou. Entretanto, tínhamos parado de andar, como se fala e movimento não pudessem coexistir. Ficámos assim, imóveis no meio da rua, ao frio. — Além disso — recomeçou ele —, tinha pensado deixar a firma daqui por um ano, mais coisa, menos coisa. — Encarou-

me, como se sondando a minha reação, depois os seus olhos desviaram-se para o céu. — Pensei viajar, talvez — revelou, mas não lhe ouvi alegria na voz, disse aquilo num tom inexpressivo. Parecia estar a dizer-me que ia para algum lugar longínquo, mas porque fora obrigado e não por querer. — É isso, talvez me vá embora daqui — confirmou, como se para consigo. — Há lugares que devia conhecer.

Não sabia o que dizer. Olhei para ele, apenas.

— Eu podia ir contigo — sussurrei, e ele regressou de onde o pensamento o levava e olhou para mim.

— Sim — respondeu, e consolou-me ouvir-lhe aquela resposta tão sem reservas. — Sim, podem ir comigo. Mas também podem escolher alguns destinos onde irão ter comigo.

Recomeçámos a caminhar.

— Longe de mim protelar o teu segundo ato como cidadão do mundo — disse eu —, mas acho que devias reconsiderar o convite da Rosen Pritchard. Porque não assumir o cargo durante alguns anos e depois então metes-te no teu jato particular e piras-te para as Baleares, Moçambique ou lá para onde queres ir. — Eu sabia que, aceitando a presidência de direção da firma, ele não se suicidaria. O sentido de responsabilidade não lho permitiria. — Pensas no assunto, pelo menos? — pedi.

Desta vez, quando ele sorriu, era o sorriso de outrora, tão cheio de luz, tão bonito.

— OK, Harold — acedeu. — Prometo que vou pensar melhor.

Mais alguns quarteirões e estaríamos de regresso ao apartamento, e então deixo-me conta de que íamos passar pela Lisenard Street.

— Não acredito — disse eu, resolvido a tirar o máximo proveito da sua boa-disposição. Estando ele alegre, também eu estaria. — Eis-nos no lugar de todos os meus pesadelos: O Pior Apartamento do Mundo. — Ele deu uma gargalhada. Virando à direita, deixámos a Church Street, e, ao fim de meio quarteirão pela Lisenard Street, parámos diante do vosso antigo prédio. Durante uns minutos, disse cobras e lagartos do apartamento, exagerando e embelezando os seus horrores para o fazer rir e para o espicaçar. — Estava sempre com medo de que houvesse um incêndio e vocês acabassem mortos — dramatizei. — Sonhava que recebia uma chamada dos técnicos de ação sanitária a comunicar que vos tinham encontrado devorados por ratazanas.

— O apartamento não era assim *tão* mau, Harold — disse ele, com um sorriso. — Se quer que lhe diga a verdade, guardo muito boas memórias deste lugar. — O nosso estado de espírito mudou novamente e, ali parados a contemplar o prédio, pensámos em ti, e eu pensei nele e em todos os anos que separavam aquele momento e a época em que o conhecera, ainda tão jovem, tão espantosamente jovem, na altura, apenas um estudante entre tantos, tão inteligente e intelectualmente capaz, mas não mais do que um estudante como os outros, ainda muito longe do papel que eu não imaginava que ele viria a ter na minha vida.

De repente, ele disse (também a tentar animar-me; cada um estava a

representar para o outro):

— Alguma vez lhe contei a história de quando saltámos do terraço para a escada de incêndio do lado de fora do nosso quarto?

— Hã?! — exclamei, sinceramente horrorizado. — Não contaste, não. Acho que não me esquecia de uma coisa assim.

Mas, se outrora não adivinhara que ele se tornaria quem se tornou para mim, soube como me deixaria: não obstante todas as minhas esperanças, apelos, insinuações, ameaças e pensamento mágico, soube. E assim aconteceu cinco meses depois, no dia 12 de junho, uma data que não estava associada a qualquer acontecimento particular, um não dia. O meu telemóvel tocou a uma hora que não pressagiava desastres e nada acontecera que, em retrospectiva, se tenha revelado um prenúncio, mas eu soube. Soube logo. Era o JB, e ouvi-lhe a respiração estranha, acelerada, e não tive de ouvir uma palavra, intuí. Tinha 53 anos, feitos ainda não havia dois meses. Injetara ar numa artéria e morrera de uma embolia, e, embora o Andy me tenha assegurado que fora uma morte rápida e indolor, mais tarde pesquisei *online* e descobri que era mentira: para morrer daquela maneira, o suicida tinha de se injetar com ar pelo menos duas vezes, com uma agulha grossa como o bico de um beija-flor, portanto, ele morrera em sofrimento.

Quando finalmente me senti com coragem para entrar no apartamento, encontrei-o limpo e arrumado: tudo quanto havia no escritório fora guardado em caixas, o frigorífico estava vazio, e o resto — o testamento, as cartas — ficara na mesa de jantar, alinhado de maneira que se pudesse ler os nomes dos destinatários, como nos casamentos, quando procuramos o nosso nome na mesa com os marcadores de lugar. O Richard, o JB, o Andy, todos os velhos amigos de vocês dois: não nos largávamos nem nos dávamos descanso, chocados sem o estar realmente, surpreendidos apenas com a nossa surpresa, arrasados, vencidos, mas, sobretudo, impotentes perante um facto consumado. O que deixáramos escapar? O que podíamos ter feito de maneira diferente? No fim do funeral — que esteve cheio, foram os amigos dele e os teus, mais os pais e as famílias, os antigos colegas de Direito, os clientes, os voluntários e os mecenas do centro de apoio a artistas, a direção da cantina social, inúmeros colaboradores da Rosen Pritchard, atuais e antigos, a Meredith com o Lucien, que em momento algum compreendeu onde estava (cruelmente, continua vivo, agora num lar no Connecticut), os nossos amigos, e, inclusivamente, pessoas que não esperava ver lá, como o Kit, o Emil, a Philippa ou a Robin —, o Andy veio ter comigo em lágrimas e confessou sentir que o ponto de não retorno fora quando lhe comunicara que ia deixar o consultório, por isso, estava convencido de que a culpa era sua. E eu, que nem soubera dessa sua decisão — ele nunca comentou o assunto —, consolei-o e disse que a culpa não era sua, de maneira nenhuma, que, pelo contrário, sempre o ajudara, e sempre tivera a minha total confiança.

— Talvez seja melhor o Willem já não estar connosco — concordámos. — Pelo menos, não viveu para ver isto.

Mas, continuando tu connosco, também ele cá estaria, não é verdade?

Mas, se não posso dizer que não sabia como ele morreria, muitos

acontecimentos posteriores foram absoluta surpresa. Não imaginei que o Andy morreria de ataque cardíaco três anos depois, e, passados dois anos, o Richard, de um tumor no cérebro. Todos vocês morreram tão novos: tu, o Malcolm, ele. O Elijah, de um derrame cerebral, aos sessenta; o Citizen, também aos sessenta, de uma pneumonia. No fim, sobrou, e cá continua, o JB, a quem ele deixou a casa em Garrison. Vemo-lo com frequência, lá, em Manhattan ou em Cambridge. Está numa relação estável com um homem extraordinário, o Tomasz, especialista em arte medieval japonesa na Sotheby's. Gostamos muito dele e tenho a certeza de que também vocês dois teriam gostado. E, se obviamente sofro por mim, por nós, tenho pena sobretudo do JB, que perdeu todos vocês e entrará na velhice sozinho, com novos amigos, claro, mas sem ninguém que o conheça desde sempre. Enfim, tem-me a mim, que o conheço desde os 22 anos. É certo que nem sempre fomos próximos, mas fazemos de conta que os anos de afastamento não existiram.

Nesta altura, o JB tem 61 e eu, 84. Ele morreu há seis anos e tu, nove. A mais recente exposição individual do JB chamou-se «Jude, Só»: quinze quadros em que ele é o único retratado, em momentos imaginários depois de tu morreres, distribuídos por pouco menos de três anos, que foi quanto tempo ele conseguiu viver sem ti. Tentei ver a exposição, mas não consegui. Gostava muito de ver aqueles quadros, mas não sou capaz.

Havia mais que eu não sabia. Ele tinha razão: mudámo-nos para Nova Iorque unicamente por ele, por isso, depois de cumprido o testamento — o Richard foi nomeado executor testamentário, mas eu ajudei-o —, regressámos a Cambridge, para ficar perto dos que *nos* conhecem desde sempre. Já tinha mais do que a minha conta de organizar e separar para dar — eu e a Julia, juntamente com o Richard, o JB e o Andy, vimos cada documento que ele deixou (não era muita coisa) e separámos as suas roupas (ver os fatos apertados e reapertados deixou-nos de coração partido) e as tuas, e já antes tínhamos estado a ver o teu arquivo na Casa Lanterna, o que levou vários dias, porque começávamos a chorar e tínhamos de fazer uma pausa, ou exclamávamos isto e aquilo, ou passávamos de mão em mão uma fotografia que nenhum de nós vira antes —, mas, de regresso a Cambridge e à nossa casa, organizar e separar parecia ter-se tornado uma segunda natureza, daí que, naquele sábado, eu tenha resolvido arrumar as estantes dos livros, um projeto ambicioso de que depressa me desinteressei, porque encontrei, escondidos entre dois livros, dois envelopes com os nossos nomes escritos na letra dele. Com o coração acelerado, abri o meu, vi o meu nome — «Querido Harold» —, e li o que ele me escrevera décadas antes, no dia em que o adotámos, e chorei, chorei convulsivamente, confesso, depois pus o disco no leitor e ouvi a voz dele. Suponho que a beleza da música me teria comovido fosse como fosse, mas por ser ele, comoveu-me mais. A dada altura, a Julia chegou e viu-me naquele estado, leu a carta que ele lhe deixara e recomeçou o choro.

Só algumas semanas depois daquele dia fui capaz de abrir a carta que ele nos tinha deixado no apartamento. Antes, fora-me impossível; mesmo agora, não sabia se ia aguentar. Mas consegui lê-la até ao fim. Era uma confissão de oito páginas escrita no computador: falava do irmão Luke, do Dr. Traylor e de tudo o que lhe

acontecera. Levámos vários dias a lê-la porque, sendo breve, parecia não ter fim, e por várias vezes tivemos de a pousar e de nos afastar daquelas páginas, depois cada um dava forças ao outro — *Pronto? Pronto?* —, tornávamos a sentar-nos e líamos mais um pouco.

«Perdoem-me», escreveu ele. «Por favor, perdoem-me. Nunca vos quis enganar.»

Ainda hoje a carta me deixa sem palavras, incapaz de pensar. As respostas que quis sobre quem ele era e porquê tornaram-se um tormento. Dói-me horivelmente pensar que ele morreu tão sozinho; dói-me mais ainda que ele tenha morrido convencido de que tinha de nos pedir perdão; saber que ele morreu teimosamente convencido da verdade do que aquela gente lhe ensinou sobre si, mesmo depois de ti, de mim e de todos que o amámos, faz-me sentir que, afinal, a minha vida foi mesmo um fracasso, que falhei na única coisa que contava. É nessas alturas que mais falo contigo, que desço à sala durante a noite e, parado diante de *Willem Ouve Jude Contar Uma História*, que pendurámos por cima da mesa de jantar, pergunto:

— Willem, sentes o mesmo que eu? Achas que o consegui fazer feliz?

Porque ele merecia ser feliz. A felicidade não é garantida a ninguém, mas ele merecia-a. Tu limitas-te a sorrir, não para mim, porque olhas para lá de mim, e jamais respondes. É também nessas alturas que gostaria de acreditar na vida depois da morte, nalgum universo (talvez um pequeno planeta vermelho onde temos caudas em vez de pernas, cruzamos a atmosfera como focas e nos alimentamos do ar, que é composto de biliões de moléculas de proteínas e açúcares, bastando-nos deixá-lo entrar pela boca e pelo nariz para continuar vivos e saudáveis) onde vocês dois flutuam juntos por entre ventos e chuvas. Ou talvez ele esteja bem mais perto do que isso e seja o gato cinzento que agora costuma estar sentado à porta do nosso vizinho e ronrona quando lhe faço festas; ou o cachorrinho que comeci a ver o meu outro vizinho passear à trela. Ou pode ser um pequenito que vi no largo há uns meses, que mal sabia andar, mas corria e gritava de alegria, e os pais esbaforidos atrás dele. Ou talvez seja aquela flor que inesperadamente nasceu no rododendro que eu julgava morto há muito tempo. Mas também pode ser uma nuvem, uma onda, a chuva ou a bruma. O pior não é ele ter morrido, ou ter morrido daquela maneira, é ter morrido convicto daquelas coisas. Por isso, tento ser compassivo com tudo o que vejo, e vejo-o em tudo.

Naquele dia na Lispernard Street, eu mal adivinhava todas estas coisas. Estávamos parados na rua a contemplar aquele prédio com fachada de tijolo maciço, eu a fingir que não tinha de temer por ele, ele a deixar-me fingir isso: que todas as coisas perigosas que podia ter feito, as mil maneiras como me podia ter partido o coração, eram o passado, tão-só histórias, que tudo o que era assustador ficara para trás e que nos esperavam muitos anos que não o seriam.

— Tu saltaste daquele terraço? — perguntei. — Que ideia louca foi essa?

— É uma boa história — disse ele. Sorriu, divertido. — Posso contar-lhe.

— Por favor — pedi.

E ele contou.

Agradecimentos

Pelos conhecimentos especializados de arquitetura, direito, medicina e sétima arte, muito obrigada a Matthew Baiotto, Janet Nezhad Band, Steve Blatz, Karen Cinorre, Michael Gooen, Peter Kostant, Sam Levy, Dermot Lynch e Barry Tuch. Um agradecimento especial a Douglas Eakeley, pela erudição e pela paciência, e a Priscilla Eakeley, Drew Lee, Eimear Lynch, Seth Mnookin, Russell Perreault, Whitney Robinson, Marysue Rucci e Ronald e Susan Yanagihara, pelo apoio incondicional.

O meu profundo agradecimento ao brilhante Michael «Bitter» Dykes, a Kate Maxwell e Kaja Perina, pela alegria que trazem à minha vida, e a Kerry Lauerman, que me traz bem-estar. Há muito que considero Yossi Milo e Evan Smoak, e Stephen Morrison e Chris Upton modelos a seguir para uma relação amorosa feliz. Estimo-os e admiro-os por variadas razões.

Agradeço a Gerry Howard, que é empenhado e leal, e ao inimitável Ravi Mirchandani; um e outro dedicaram-se à vida deste livro com enorme generosidade e sentido de compromisso. E agradeço a Andrew Kidd, por acreditar, e a Anna Stein O'Sullivan, por ser tolerante, serena e firme. Obrigada a todos os que contribuíram para que este livro existisse, em particular, Lexy Bloom, Alex Hoyt, Jeremy Medina, Bill Thomas e à gestão do legado de Peter Hujar.

Por fim, o agradecimento mais importante: não só jamais teria sido capaz, como não teria de todo escrito este livro se não houvesse as conversas com — e as atenções, a amabilidade, a empatia, a indulgência e a sabedoria de — Jared Hohlt, o meu primeiro leitor e o favorito, o depositário dos meus segredos e a minha estrela polar. A sua preciosa amizade é a maior dádiva que recebi na vida adulta.